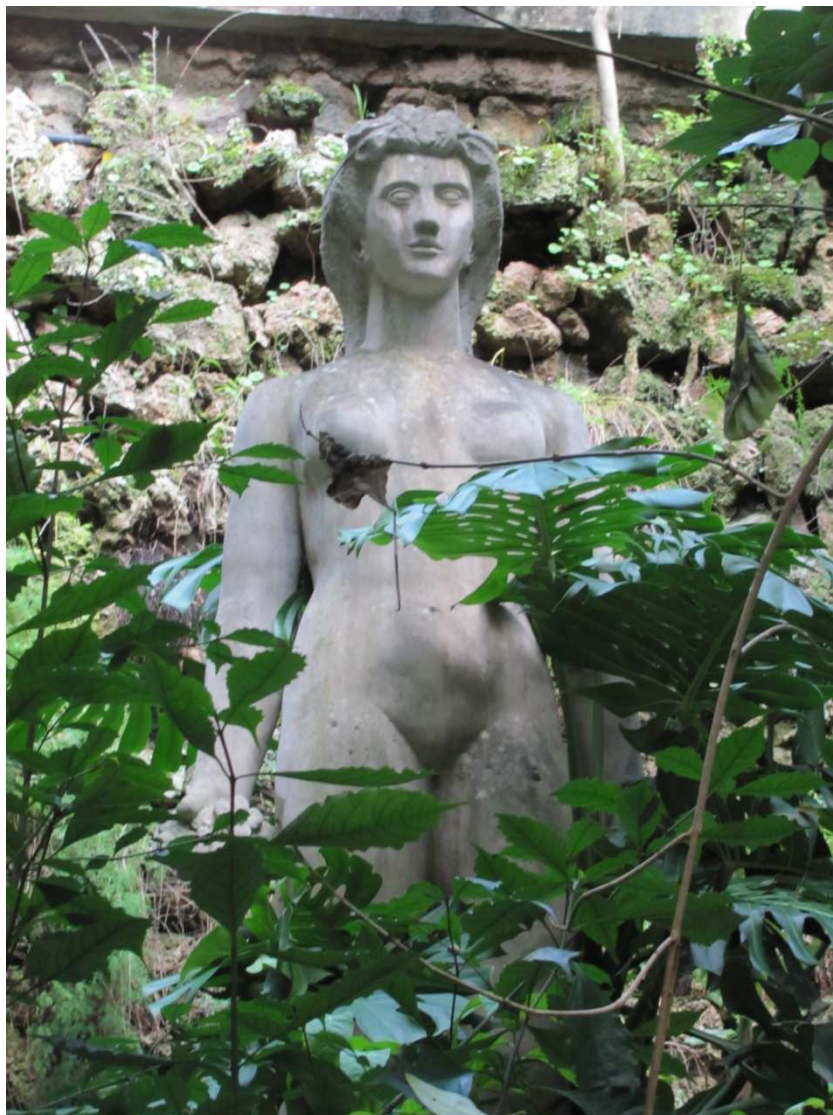


CATÁLOGO DAS PLANTAS DO
JARDIM BOTÂNICO DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA – I



JOÃO DOMINGUES DE ALMEIDA

COIMBRA

2014

[Título: Catálogo das Plantas do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra – obra completa]

[Autor: João Domingues de Almeida]

[Suporte: Impresso] [Formato: Brochado] ISBN: 978-989-99169-6-8

[Suporte: Electrónico] [Formato: PDF]: ISBN: 978-989-99169-7-5

[Título: Catálogo das Plantas do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra – Volume I]

[Autor: João Domingues de Almeida]

[Suporte: Impresso] [Formato: Brochado] ISBN: 978-989-99169-5-1

[Suporte: Electrónico] [Formato: PDF]: ISBN: 978-989-99169-4-4

CATÁLOGO DAS PLANTAS DO
JARDIM BOTÂNICO DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Volume I

por JOÃO DOMINGUES DE ALMEIDA,

assessor da *Flora iberica* (Madrid);

do *Atlas Florae Europaeae* (Helsinki);

colaborador científico da *Flora On*
– Flora de Portugal Interactiva,
da Sociedade Portuguesa de Botânica;

e do *Index Seminum et Sporarum* do
Jardim Botânico da Universidade de Coimbra;

doutor em Biologia (especialidade de Sistemática e Morfologia) pela
Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

Investigador do Centro de Ecologia Funcional / Centre for Functional Ecology,
[CFE], da Universidade de Coimbra;

COIMBRA

2014

Advertência importante/Disclaimer

Neste catálogo referimos por vezes algumas das plantas que têm sido cultivadas ou encontradas espontâneas ou subespontâneas no Jardim Botânico de Coimbra como plantas comestíveis, medicinais ou possuindo outros usos possíveis com algum interesse económico, assim como numerosos nomes mais ou menos vernáculos. Essas referências, como é óbvio, não representam qualquer tipo de recomendação, constituindo apenas curiosidades ou informações que constam da bibliografia ou da tradição, que, evidentemente, nem sempre poderá ser considerada correcta nem universalmente válida. Não se aceita qualquer responsabilidade pelos possíveis actos dos eventuais leitores desta obra.

Este trabalho é dedicado
às plantas,
aos jardins,
aos meus amigos,
e a todos os que o lerem

“— O Tojo e a Urze — disse o Rapaz de Bronze — são flores maravilhosas porque todas as flores são maravilhosas. Mas um Tojo e um Nardo são diferentes e é por isso que o mundo é tão bonito.”

Sophia de Mello Breyner ANDRESEN,
O Rapaz de Bronze (1977: 25)

O Jardim Botânico de Coimbra é “não somente uma colecção de plantas ao ar livre, mas a sua situação, os seus terraços à italiana, os seus muros invadidos pelas ervas do acaso (herbes folles) e as trepadeiras fazem dele um retiro tão delicioso que esquecemos quase o fim da nossa visita. A doçura do clima e a humidade suficiente permitiram associar aqui numa curiosa mistura as plantas da Europa central ou oriental aos vegetais dos países subtropicais”

(Robert CHODAT citado por SANT’ANNA DIONÍSIO, *Guia de Portugal III* (I): 299, 1984)

Agradecimentos

Agradeço à Fundação Calouste Gulbenkian e à sua insigne Direcção –em particular ao seu anterior Presidente, Doutor Emílio Rui Vilar e ao seu sucessor e actual Presidente, Doutor Artur Santos Silva– o precioso subsídio concedido para financiar este catálogo, que sempre constituiu para mim uma grande ajuda e fonte de encorajamento e motivação.

Agradeço também ao Professor Doutor António Xavier Pereira Coutinho, excelente orientador deste trabalho e grande amigo, assim como à Professora Doutora Helena Maria Oliveira Freitas, ilustre directora do Jardim Botânico de Coimbra, e ao seu sucessor e colaborador Professor Doutor Paulo Renato Pereira Trincão, pela permissão para realizar este trabalho e por todo o apoio generosamente concedido, incluindo o fornecimento de valiosas fontes bibliográficas.

De igual forma quero agradecer à minha Mãe, à Júlia, à Maria João, à Gabriela, à Ana Beatriz, à Tia Adelaide e ao Adriano por toda a amizade e por todo o apoio prestado ao longo do tempo, das mais variadas formas.

Ao ilustre colector, amigo e derradeiro naturalista do Jardim Botânico de Coimbra, Senhor Arménio da Costa Matos, assim como à colega e amiga Doutora Ana Cristina Tavares, agradeço todas as preciosas informações sobre o Jardim e as suas plantas, incluindo abundante bibliografia impressa e manuscrita, sempre dadas com amizade e simpatia, ao longo de muitos anos.

Agradeço igualmente a todos os funcionários do Jardim Botânico de Coimbra, pela colaboração diversa, assim como a todos os amigos e familiares que de alguma forma ajudaram o autor deste catálogo.

CATÁLOGO DAS ESPÉCIES DE PLANTAS TERRESTRES (VASCULARES E NÃO VASCULARES) PRESENTES NO JARDIM BOTÂNICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

João Domingues de Almeida

Resumo

No âmbito de um projecto de estudo florístico, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, temos vindo a estudar a flora e a vegetação do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra (centro de Portugal), dando particular atenção ao estudo da sua flora vascular e briofítica – a classe *Equisetopsida*, na sua moderna acepção, que inclui todas as plantas terrestres, vasculares e não vasculares.

Este jardim, com cerca de 13,5 hectares (ou 0,135 km²), fica situado a norte do rio Mondego, muito perto da sua margem direita, a uma altitude que vai de cerca de 20 até 90 metros acima do nível do mar e está totalmente incluído no interior da cidade de Coimbra, que constitui uma área intensamente urbanizada desde há quase dois mil anos, no concelho de Coimbra, distrito de Coimbra e província da Beira Litoral.

O clima é Mediterrânico pluviestacional oceânico e a precipitação anual média é de cerca de 905 mm por ano, distribuídos ao longo de cerca de 140 dias de chuva por ano. Os cerca de 75 dias anuais de nevoeiro constituem uma forma muito importante de precipitação escondida ou oculta.

A temperatura varia entre –4,9 °C em Janeiro e 41,6 °C em Junho (valores máximos e mínimos absolutos entre 1971 e 2000, no Observatório Meteorológico de Coimbra/Bencanta, que dista cerca de 3 km do Jardim Botânico); a média das temperaturas mínimas varia entre 4,6 °C em Janeiro e 15,0 °C em Julho; a média das temperaturas máximas varia entre 14,6 °C em Janeiro e 28,5 °C em Agosto.

A pequena floresta que é a mata ou *arboretum* do Jardim Botânico, particularmente rica em briófitos, tem também um efeito hídrico benéfico, através da captura das partículas de nevoeiro, da modificação da temperatura do ar e evaporação ou condensação das partículas húmidas que constituem o nevoeiro (podendo haver cerca de 75 dias de nevoeiro em cada ano), e do aumento da turbulência do vento.

As rochas dominantes no interior do Jardim são os arenitos, mas existem também numerosos muros calcários, que constituem o habitat predileto de uma rica vegetação casmofítica espontânea ou subespontânea, entre a qual há a destacar as seguintes espécies endémicas ou raras em Portugal: *Antirrhinum linkianum*, *Micromeria juliana* e *Verbascum levanticum*, na Europa exclusivamente encontrada no Jardim Botânico e seus arredores.

No interior deste jardim muito antigo, é possível encontrar vegetação espontânea e naturalizada pertencente a pelo menos 16 classes de vegetação, incluindo várias espécies exóticas e invasoras interessantes, de acordo com a classificação fitossociológica da Escola Sigmatista, de Braun-Blanquet ou de Zurich/Montpellier:

Adiantetea: comunidades de briófitos e fetos casmofíticos (com avenca: *Adiantum capillus-veneris*, *Pteris vittata* e diversas espécies briofíticas); *Anomodonto-Polypodietea*: comunidades de vegetação epifítica e comofítica dominadas por fetos, briófitos e plantas com semente (com *Frullania tamarisci*, *Polypodium interjectum*, *Selaginella denticulata*, *Umbilicus rupestris* e outras espécies briofíticas); *Artemisietea vulgaris*: comunidades de ervas altas bienais ou perenes, gramíneas e cardos, constituindo vegetação pioneira ruderal e nitrófila de locais ensolarados (com *Dittrichia viscosa*, *Foeniculum vulgare* e *Piptatherum miliaceum*); *Cardamino hirsutae-Geranietea purpurei*: comunidades de plantas anuais de primavera e verão, formando orlas efémeras ligeiramente nitrificadas e de meia-sombra (com espécies como *Cardamine hirsuta*, *Centranthus calcitrapae*, *Fumaria capreolata*, *Geranium purpureum*, *Geranium rotundifolium*, *Torilis arvensis*); *Charetea fragilis*: comunidades pioneiras de carófitos crescendo em solos subaquáticos nus de piscinas naturais, tanques ou cursos de água (com *Chara* sp. num pequeno tanque); *Galio-Urticetea*: comunidades de hemicriptófitos perenes e ervas altas trepadeiras de orlas arbustivas ou arbóreas nitrificadas e outros biótopos antropogénicos de semi-sombra (com espécies como *Allium triquetrum*, *Calystegia sepium*, *Conium maculatum*, *Galium aparine*, *Galium murale*, *Geranium lucidum*, *Scrophularia grandiflora*, *Smyrnium olusatrum*, *Urtica dioica*, *Urtica membranacea*); *Lemnetea*: comunidades briocormofíticas de pequenas plantas aquáticas flutuantes de água doce (com *Lemna minor* –que forma a associação *Lemnetum minoris*– em pias e tanques de reduzidas dimensões com águas paradas, de natureza ácida e algo eutrófica); *Molinio-Arrhenatheretea*: comunidades de prados em solos profundos e húmidos (com espécies presentes no Jardim como *Crepis capillaris*, *Paspalum distichum*, *Paspalum urvillei*, *Plantago lanceolata*, *Plantago major*, *Sporobolus indicus*, *Taraxacum officinale* sensu lato, *Trifolium pratense*, *Trifolium repens*, *Verbena officinalis*); *Parietarietea*: comunidades de casmófitos nitrófilos em paredes urbanas antropogénicas (com *Asplenium ceterach*, *Cymbalaria aequitriloba*, *Cymbalaria muralis*, *Erigeron karwinskianus*, *Ficus carica*,

Hyoscyamus albus, *Parietaria judaica*, *Trachelium caeruleum*, *Umbilicus rupestris*); *Polygono-Poetea anuae*: comunidades de vegetação antropozoogénica anual pioneira efémera e nitrófila, de caminhos urbanos e rurais (com *Bryum argenteum*, *Chamaesyce canescens* subsp. *canescens*, *Chamaesyce maculata*, *Chamaesyce serpens*, *Cotula australis*, *Crassula tillaea*, *Poa annua*, *Polycarpon tetraphyllum*, *Polygonum aviculare*, etc.); *Quercetea Ilicis*: carvalhais e outros bosques sempreverdes ou semidecíduos, matagais e matos da Região Mediterrânica (com espécies como *Arisarum simorhinum*, *Aristolochia sempervirens*, *Asplenium onopteris*, *Laurus nobilis*, *Quercus faginea*, *Quercus lusitanica*, *Quercus rotundifolia*, *Rubia peregrina* subsp. *peregrina*, *Ruscus aculeatus*, *Smilax aspera* var. *aspera*, *Vincetoxicum nigrum*); *Rhamno-Prunetea*: comunidades seriais de vegetação arbustiva predominantemente decídua mesofítica ou xerofítica de orlas de vegetação florestal dominada principalmente por arbustos espinhosos escandentes e trepadores, assim como comunidades permanentes de vegetação arbustiva em penhascos e locais de declive acentuado (com espécies como *Crataegus monogyna*, *Lonicera periclymenum* subsp. *hispanica*, *Rubus ulmifolius*); *Salici purpureae-Populetea nigrae*: comunidades de vegetação florestal constituídas por salgueiros e outras árvores decíduas próprias de locais ripícolas húmidos como as margens de linhas de água (com espécies como *Aristolochia paucinervis*, *Arum italicum* subsp. *italicum*, *Populus alba*, *Populus nigra* subsp. *nigra*, *Salix atrocinerea*, *Vinca difformis* subsp. *difformis*); *Stellarietea mediae*: comunidades nitrófilas e seminitrófilas de vegetação sinantrópica constituídas por ervas anuais ou de ciclo de vida efémero (com *Anagallis arvensis*, *Arabidopsis thaliana*, *Avena barbata* subsp. *barbata*, *Borago officinalis*, *Bromus diandrus*, *Bromus hordeaceus* subsp. *hordeaceus*, *Calendula arvensis*, *Capsella bursa-pastoris*, *Catapodium rigidum*, *Cerastium glomeratum*, *Chenopodium album*, *Digitaria sanguinalis*, *Ecballium elaterium*, *Erigeron bonariensis*, *Erigeron canadensis*, *Erigeron sumatrensis*, *Euphorbia peplus*, *Fumaria muralis*, *Galinsoga parviflora*, *Geranium molle*, *Hibiscus trionum*, *Hirschfeldia incana*, *Hordeum murinum*, *Kickxia spuria* subsp. *integrifolia*, *Lamium amplexicaule*, *Medicago arabica*, *Medicago lupulina*, *Medicago polymorpha*, *Misopates orontium*, *Oxalis corniculata*, *Oxalis latifolia*, *Papaver rhoeas*, *Portulaca oleracea*, *Rostraria cristata*, *Rumex pulcher* subsp. *woodsii*, *Senecio vulgaris*, *Setaria verticillata*, *Silene gallica*, *Stellaria media*, *Solanum nigrum*, *Soliva sessilis*, *Sonchus oleraceus*, *Sorghum halepense*, *Stipa capensis*, *Veronica arvensis*, *Veronica hederifolia*, *Veronica persica*, *Vicia angustifolia*, etc.); *Trifolio-Geranietea*: comunidades de vegetação de orlas externas de bosques semi-sombrias constituídas sobretudo por ervas perenes, frequentemente com flores conspícuas (com espécies as *Calamintha nepeta* subsp. *nepeta*, *Origanum virens*, *Silene latifolia*); *Tuberarietea guttatae*: comunidades de vegetação efémera de primavera dominadas por ervas anuais não ou escassamente nitrófilas (com *Arenaria leptoclados*, *Briza maxima*, *Briza minor*, *Campanula erinus*, *Medicago minima*, *Trifolium arvense*); *Quercetea ilicis*: vegetação arbórea e arbustiva sempreverde e semidecídua mediterrânica, representada no Jardim pela aliança *Quercion broteroi* [Syn.: *Quercion fagineae*], pertencente à ordem *Quercetalia ilicis* (com *Arisarum simorhinum*, *Asparagus acutifolius*, *Asplenium onopteris*, *Daphne gnidium*, *Hedera maderensis* subsp. *iberica*, *Hyacinthoides hispanica*, *Orobancha hederiae*, *Quercus faginea* subsp. *broteroi*, *Quercus rotundifolia*, *Quercus suber*, *Rubia peregrina*, *Ruscus aculeatus*, *Smilax aspera*, *Vincetoxicum nigrum*).

Muitas espécies exóticas e potencialmente invasoras se encontram no Jardim: *Selaginella kraussiana*, *Acalypha rhomboidea*, *Acanthus mollis*, *Macfadyena unguis-cati*, *Ailanthus altissima* –uma árvore muito invasora–, *Anredera cordifolia*, *Coriaria nepalensis*, *Delairea odorata*, *Ehrharta erecta*, *Phoenix canariensis*, *Salpichroa origanifolia*, *Solanum mauritianum*, *Selaginella kraussiana*, *Symphyotrichum squamatum* –uma composta invasora–, *Nothoscordum gracile*, *Tradescantia fluminensis*, outra espécie bastante invasiva.

Um inventário da flora vascular e não vascular deste jardim botânico (originalmente iniciado como um espaço destinado apenas ao cultivo das ervas medicinais no século XVIII, entre 1772 e 1774, que veio a dar origem à “Escola Médica”) tem vindo a ser preparado. Mais de 6000 [5973 em 31.XII.2014] espécies, subespécies, variedades, formas e híbridos de plantas vasculares e vegetais de diversos outros grupos (nativas, naturalizadas e, na sua maioria, cultivadas) serão muito provavelmente incluídas, abarcando também algas (de vários grupos), e fungos (cogumelos, bolores e outros), citando-se assim representantes dos mais diversos agrupamentos ou reinos de seres vivos: *Chromista*, *Eubacteria* (procariotes ou procariotas: filo ou divisão *Cyanobacteria* ou *Cyanophyta*), *Fungi* (reinos *Fungi* e *Amoebozoa* [onde se inclui a classe dos *Myxomycetes* ou *Myxogastria*]), *Protozoa* (filo *Euglenozoa* ou divisão *Euglenophyta*) e *Plantae* ou *Viridiplantae* (pertencentes às divisões *Chlorophyta* e *Charophyta* (algas verdes) e *Embryophyta* ou plantas terrestres, incluindo as *Bryophyta* (hepáticas, musgos e antóceros) e as *Tracheophyta* = plantas vasculares).

CATALOGUE OF THE PLANT SPECIES FOUND INSIDE THE BOTANIC GARDEN OF THE UNIVERSITY OF COIMBRA

João Domingues de Almeida

Abstract

Within a three years floristic project, funded by the Foundation Calouste Gulbenkian, I have been studying the vascular and non-vascular flora of the Botanic Garden of Coimbra (centre of Portugal). This small area (about 0.13 km²), situated north of the river Mondego, near its right margin, ranges from 20 to 90 m and is totally included inside Coimbra.

The climate is Mediterranean pluviestational oceanic and annual precipitation is about 905 mm, distributed by 140 rainy days per year. There are about 75 foggy days each year, which constitute a very important form of hidden precipitation.

Arenitic rocks are dominant, but there are also present calcareous walls, with rich chasmophytic vegetation.

The arboretum of the Botanic Garden is a kind of little forest, particularly rich in bryophytic vegetation, benefiting from the frequent rainy and foggy days.

Inside this garden, it's possible to find spontaneous and naturalised vegetation from several classes: *Adiantetea*: hydrophilic chasmophyte fern and bryophyte communities (with *Adiantum capillus-veneris*); *Anomodonto-Polypodietea*: epiphytic and comophytic communities dominated by ferns, bryophytes and seed plants (with *Frullania tamarisci*, *Polypodium interjectum*, *Selaginella denticulata*, *Umbilicus rupestris*); *Parietarietea*: urban anthropogenic wall chasmophyte nitrophilous communities (with *Asplenium ceterach*, *Cymbalaria muralis*, *Erigeron karwinskianus*, *Ficus carica*, *Hyoscyamus albus*, *Parietaria judaica*, *Trachelium caeruleum*, *Umbilicus rupestris*); *Stellarietea mediae*: annual ephemeral weed, nitrophilous and seminitrophilous communities of synanthropic vegetation (with *Anagallis arvensis*, *Arabidopsis thaliana*, *Avena barbata*, *Calendula arvensis*, *Capsella bursa-pastoris*, *Catapodium rigidum*, *Cerastium glomeratum*, *Chenopodium album*, *Digitaria sanguinalis*, *Ecballium elaterium*, *Erigeron canadensis*, *Erigeron sumatrensis*, *Euphorbia peplus*, *Fumaria muralis*, *Galinsoga parviflora*, *Geranium molle*, *Hibiscus trionum*, *Hordeum murinum*, *Kickxia spuria*, *Lamium amplexicaule*, *Misopates orontium*, *Oxalis corniculata*, *Oxalis latifolia*, *Papaver rhoeas*, *Portulaca oleracea*, *Rostraria cristata*, *Rumex pulcher*, *Setaria verticillata*, *Silene gallica*, *Stellaria media*, *Solanum nigrum*, *Sonchus oleraceus*, *Veronica persica*, etc.); *Quercetea ilicis*: Mediterranean evergreen and semideciduous woodlands, scrublands and maquis vegetation, represented in the Garden by the alliance *Quercion broteroi* [Syn.: *Quercion fagineae*], belonging to the order *Quercetalia ilicis* (with *Arisarum simorhinum*, *Asparagus acutifolius*, *Asplenium onopteris*, *Daphne gnidium*, *Hedera maderensis* subsp. *iberica*, *Hyacinthoides hispanica*, *Orobancha hederaceae*, *Quercus faginea* subsp. *broteroi*, *Quercus rotundifolia*, *Quercus suber*, *Rubia peregrina*, *Ruscus aculeatus*, *Smilax aspera*, *Vincetoxicum nigrum*).

Many exotic and potentially invasive species are found in the Garden: *Selaginella kraussiana*, *Acalypha rhomboidea*, *Acanthus mollis*, *Macfadyena unguis-cati*, *Ailanthus altissima* –a very invasive Asian tree–, *Anredera cordifolia*, *Coriaria nepalensis*, *Delairea odorata*, *Ehrharta erecta*, *Phoenix canariensis*, *Salpichroa organifolia*, *Solanum mauritianum*, *Selaginella kraussiana*, *Symphyotrichum squamatum*, *Nothoscordum gracile*, and *Tradescantia fluminensis*, an ornamental South-American exotic species.

An inventory of the vascular flora of this garden (originally from the seventeenth century, when the garden started being originally only a “medical school”, a place for growing and studying the useful medicinal plant species) is being prepared.

More than 6000 [5973 in 31.XII.2014] vascular and non-vascular plant taxa –species, subspecies, varieties, forms and hybrids– (native, naturalised and cultivated) will likely be considered, including mainly land plants (kingdom *Plantae* or *Viridiplantae* [*Bryophyta* (hepaticae, mosses and hornworts) and *Tracheophyta* (vascular plants)]); but also many other organisms as the following: mushrooms, moulds and other fungi (kingdoms *Fungi* and *Amoebozoa* [here included the class *Myxomycetes* or *Myxogastria*]) and algae (including representatives of the kingdoms *Chromista*, *Eubacteria* (prokaryotic algae: phylum *Cyanobacteria* or division *Cyanophyta*) and *Protozoa* (phylum *Euglenozoa* or division *Euglenophyta*).

1. Introdução

Para explicar de forma breve o que deve ser um verdadeiro horto ou jardim botânico não há nada como citar as palavras magistrais do grande Brotero –“o maior génio botânico português” (PALHINHA, 1945: ix), o segundo director do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra e “o primeiro professor da Cadeira de Botânica, como disciplina independente” (PALHINHA, 1945: xvii)–, num relatório que dirigiu ao magnífico Reitor da mesma Universidade, em 5 de Março de 1807, acerca do que é o Jardim e quais são os seus principais objectivos:

“O Jardim botânico de huma Universidade he um espaço de terreno conveniente onde se cultiva um grande numero de plantas tanto indigenas como exoticas, para instrucção e utilidade publica.”

(BROTERO, 1807)

O Jardim Botânico da Universidade de Coimbra foi considerado Imóvel de Interesse Público em Dezembro de 1973, tendo sido descrito como «Admiravelmente traçado à maneira italiana, com escadarias, patamares, alamedas frondosas e cercado do lado do aqueduto, por um gradeamento monumental, de ferro e bronze. É ao mesmo tempo um precioso campo de estudo e investigação científica, e um recinto repousante, para desprevenido passeio.» (cf. AZEVEDO, s/data: 86).

A instalação do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra “constituiu um progresso extremamente notável, porquanto ele permitiu, desde a sua fundação até hoje, a realização de trabalhos da maior importância sob o ponto de vista didáctico e de investigação científica” (FERNANDES, 1987b: 881).

Aliás, citando a prosa poética do ilustre autor Costa Ramalho, é justo que se diga que «É êste, em generalizada opinião, o mais belo jardim de Coimbra, ocupando sob o ponto de vista científico, um notabilíssimo lugar entre os Institutos botânicos europeus não só pela quantidade como pela raridade, que chega a ser preciosa, de muitos dos seus exemplares. Para os eleitos da inspiração, oferece êle um deleitoso e propício ambiente com a sua vegetação tão mimosa que parece presidida por uma eterna primavera; o seu arvoredo basto e frondoso – lar balouçante de rouxinóis – tão dadivoso de amenidade; a harmonia da canção das águas que de todos lados se eleva em murmúrios semelhantes a círios de almas apaixonadas e, ainda, a quietude da mata que se estende até à ínsua dos Bentos, ofertante de miradouros – balcões verdejantes – donde nossos olhos se enamoram de longes, de doces tonalidades.» (COSTA RAMALHO, 1936: 41-42).

Para além de o Jardim Botânico ser o mais belo jardim de Coimbra (COSTA RAMALHO, *l.c.*) e “um dos mais belos e mais ricos em espécies exóticas de todo o Mundo” (DIAS, 2002: 135), constitui também a segunda maior área verde da cidade de Coimbra e representa cerca de 8 % da superfície de espaços verdes públicos da área urbana de Coimbra e cerca de 26 % da da superfície de espaços verdes públicos da área urbana central de Coimbra, enriquecendo assim de forma significativa a qualidade de vida dos habitantes da cidade (SIMÃO & al. 2013: 1412). Para os visitantes, o Jardim Botânico de Coimbra, constitui também um espaço de recreio, oferecendo-lhe mesmo a possibilidade de realizar uma viagem fascinante através da flora de diversas partes do Mundo (SIMÃO & al., *l.c.*).

Dos 13,5 hectares que integram o Jardim (DIAS, *l.c.*), apenas 5 hectares estão habitualmente abertos ao público, coincidindo esta área com a zona irrigada do Jardim (SIMÃO & al., *l.c.*).

Os restantes 8,5 hectares correspondem à Mata do Jardim Botânico, a antiga Cerca de S. Bento, que se situa em grande parte numa vertente acentuada virada a Sul (VEIGA & MOREIRA DOS SANTOS, 2012).

2. Alguns dados acerca das principais características climáticas e geológicas do Jardim Botânico de Coimbra

O clima do Jardim e sua região envolvente parece estar a modificar-se de forma bastante drástica, no que diz respeito à precipitação, um factor particularmente crítico nos ecossistemas mediterrânicos. Enquanto que em relação às temperaturas, as mudanças nas últimas décadas não parecem ser particularmente significativas, o mesmo não se pode dizer em relação à pluviosidade –na qual se verifica uma queda preocupante–, como se pode observar na seguinte tabela (I), proveniente de SIMÃO & al. (2013: 1413):

Anos	1961–1990	1971–2000	2000–2009
Precipitação total média (mm)	1013,6	975,0	647,0
Temperatura média (°C)	14,9	15,1	15,8
Temperatura média máxima (°C)	22,1	21,0	21,5
Temperatura média mínima (°C)	10,4	10,7	11,5

Tabela I – Dados climáticos médios do Jardim Botânico de Coimbra (1961–2009)

Para esta queda dramática da precipitação média anual em Coimbra na década de 2000 a 2009, muito terá contribuído a ocorrência de dois anos de seca severa ou extrema: 2004 e 2005. Nestes dois anos, não houve excesso de água no solo, tendo sido anos excepcionalmente secos. A queda de chuva foi de 490 mm distribuídos por 76 dias em 2004 e ainda menos em 2005: 332 mm distribuídos ao longo de 74 dias de precipitação (SIMÃO & al., 2013: 1414, 1417).

Estes dados climáticos, coligidos por SIMÃO & al. (*l.c.*), foram obtidos a partir de duas estações meteorológicas vizinhas: o Instituto Geofísico da Universidade de Coimbra, cujos registos diários entre os anos 2000 e 2009 foram obtidos muito perto do Jardim Botânico, a apenas 500 m e a uma altitude de 139,6 m acima do nível do mar¹; e a Estação Meteorológica de Bencanta, situada a cerca de 3500 m do Jardim Botânico e a uma altitude de cerca de 35 m acima do nível do mar². Convém notar que tanto a altitude (cerca de 25 a 90 m) como a posição geográfica do Jardim Botânico de Coimbra: 40° 12' 25'' N; 8° 25' 30'' W (INDEX SEMINUM ET SPORARUM (...), 2013), ficam numa situação intermédia em relação a estas duas estações meteorológicas da Cidade de Coimbra. Em relação à pluviosidade, é importante esclarecer que ela “aumenta com a altitude e com a exposição a norte (umbria) por via do arrefecimento atmosférico nestas situações” (GOMES PEDRO, 1991: 47). Assim, com um aumento de altitude de 100 m, considera-se que ocorre um acréscimo correspondente de 100 mm na precipitação que se verifica (ALBUQUERQUE, 1945, cit. por GOMES PEDRO, 1991: 47).

Outro factor importante no que diz respeito à humidade e à precipitação, é a ocorrência de nevoeiros: “O nevoeiro é um fenómeno atmosférico que se caracteriza por uma suspensão de pequeníssimas gotículas de água na camada inferior da atmosfera em contacto com a superfície terrestre” (PATRÍCIO & al., 1998: 247). Segundo estes autores (PATRÍCIO & al., 1998: 247-248), este fenómeno “pode contribuir de modo significativo para a precipitação das regiões onde ocorre devido à condensação da humidade atmosférica quando em contacto com a vegetação”. Este fenómeno fôra já analisado por AZEVEDO GOMES (1957), no seu excelente estudo “A importância das precipitações devidas ao nevoeiro em regiões costeiras arborizadas (estudo de clima local realizado no parque da Pena – Serra de Sintra)” e o Jardim Botânico de Coimbra, com o seu denso *arboretum* ou mata, junto à albufeira do rio Mondego e não longe do Oceano Atlântico, quase que se pode considerar uma região costeira arborizada!

Para além da precipitação que é medida nas estações meteorológicas, existem nevoeiros frequentes, que constituem uma outra forma de precipitação, considerada oculta ou disfarçada (JANSEN, 2002: 17). Em muitos dias em que as estações meteorológicas não registam qualquer precipitação, a ocorrência de nevoeiros, provocando condensação nas folhas das plantas, favorece o crescimento das plantas durante períodos aparentemente secos (JANSEN, *l.c.*).

A grande importância do nevoeiro ou neblina é claramente atestada no capítulo segundo do livro Génesis, da Bíblia Sagrada: “Mas uma neblina subia da terra e regava toda a superfície do solo.” (Génesis, 2: 6, NEW WORLD BIBLE TRANSLATION COMMITTEE, 1967: 10).

Os nevoeiros “são fontes de precipitação oculta, isto é, não registada, mas observada e de grande significado para a vegetação, mormente na época estival; as ramagens actuam como condensadores que se

¹ As coordenadas do Instituto Geofísico da Universidade de Coimbra são 40° 1' N, 08° 25' W (<http://www1.ci.uc.pt/iguc/>) (cf. SIMÃO & al., 2013: 1412) e altitude: 141 metros (PATRÍCIO & al., 1998: 255).

² As coordenadas da Estação Meteorológica de Bencanta são 40° 12' N, 8° 27' W (<http://www.meteo.pt/>) (cf. SIMÃO & al., *l.c.*) e altitude: 35 metros (PATRÍCIO & al., 1998: 255).

molham e gotejam ou escorrem para o solo” (GOMES PEDRO, 1991: 47). Também na Serra de Sintra, os nevoeiros têm uma importância peculiar, pois os ventos costeiros (de NNW, predominantemente) são “portadores de nevoeiros que se agarram, com insistência, à cumeada, em espesso capacete” (PINTO DA SILVA & al., 1989: 12). Este fenómeno, aliás, fôra já claramente observado por AZEVEDO GOMES (1957, citado por PINTO DA SILVA & al., 1989: 13): “A precipitação resultante da condensação dos nevoeiros contra a montanha e o copado do manto arbóreo pode fazer duplicar a quantidade de água disponível para as plantas”, “mesmo durante o período estival”.

Coimbra parece ser uma das cidades e vilas portuguesas onde se verifica um maior número de dias de nevoeiro (PATRÍCIO & al., 1998: 255). As únicas estações meteorológicas portuguesas onde se contabilizaram mais dias de nevoeiro do que em Coimbra (onde ocorrem habitualmente 74 dias de nevoeiro *per annum* – o que corresponde a mais de um dia em cada cinco: cerca de 20,27 % do total) foram: [1:] Penhas Douradas (na Serra da Estrela, BA³), com 145 dias de nevoeiro por ano (o record nacional absoluto, que corresponde à estação meteorológica portuguesa que se situa a uma altitude mais elevada: 1383 m); [2:] Serra do Pilar (em Vila Nova de Gaia, em frente ao Porto (DL), do outro lado do rio Douro), com um total de 116 dias de nevoeiro por ano [a segunda maior marca nacional absoluta, a seguir à das Penhas Douradas]; [3:] Guarda (BA), a uma altitude de mais de 1000 metros (1019 m), ainda nas faldas da Serra da Estrela, com 89 dias de nevoeiro; [4:] Dunas de Mira, na orla marítima (BL), com 81 dias anuais de nevoeiro; Segue-se [5:] Coimbra (BL): Instituto Geofísico, com 74 dias de nevoeiro anuais [altitude: 141 metros acima do nível do mar] (INMG, 1974, citado por PATRÍCIO & al., *l.c.*). Tal como no Parque Nacional da Peneda-Gerês (HONRADO & al., 2002: 71), também em Coimbra a “presença de dois meses secos (Julho e Agosto) é compensada pela pluviosidade relativamente elevada dos meses de Maio, Junho e Setembro e pela ocorrência frequente de neblinas”.

Ainda outras formas de precipitação ocorrem “como sejam os orvalhos, a geada, a neve e o granizo” (GOMES PEDRO, 1991: 47). Destas quatro outras formas de precipitação alternativa, apenas a neve não costuma cair habitualmente em Coimbra.

A cidade e o concelho de Coimbra encontram-se dentro da área natural da aliança de vegetação florestal e arbustiva mediterrânica sempreverde ou semidecídua *Quercion broteroi* Br.-Bl., P. Silva & Rozeira 1956 *em*. Rivas-Martínez 1975 [Syn.: *Quercion fagineae* Br.-Bl., P. Silva & Rozeira 1956] (PINTO DA SILVA & al., 1989: 13), que pertence à ordem *Quercetalia ilicis* Br.-Bl. *ex* Molinier 1934 *em*. Rivas-Martínez 1975, da classe QUERCETEA ILICIS Br.-Bl. *ex* A. & O. Bolòs 1950 (RIVAS-MARTÍNEZ & al., 2001: 169).

Coimbra –tal como grande parte do Norte e Centro de Portugal– encontra-se no andar bioclimático do Clima Mediterrânico Húmido (PINTO DA SILVA & al., *l.c.*).

Em termos geológicos, o Jardim Botânico de Coimbra está situado numa zona entre margas dolomíticas e arenitos vermelhos do Triássico, enquanto que a sua região envolvente –o distrito de Coimbra– se situa entre o Maciço Ibérico ou Hespérico constituído por formações paleozóicas do Pré-Câmbrico (muito antigas) e os muito mais recentes depósitos sedimentares do Meso-Cenozóico ocidental (TAVARES, 1999; SIMÃO & al. 2013: 1412).

Hidrogeologicamente, as rochas que formam o substrato do Jardim podem caracterizar-se como formações compactas de permeabilidade baixa, embora variável, podendo ser mais elevada em locais de fractura (SIMÃO & al., *l.c.*).

³ As Penhas Douradas constituem uma afamada “Estância de repouso em plena Serra da Estrela”, na “freguesia e concelho de Manteigas” [na província da Beira Alta (BA)] (AMARAL FRAZÃO, 1981: 580).

3. Resumo da História do Jardim Botânico de Coimbra e dos seus principais responsáveis

Como se sabe, o Jardim Botânico de Coimbra foi fundado nos anos de 1772–1774 (INDEX SEMINUM [...], 2011; SIMÃO & al. 2013: 1411), por ordem do Marquês de Pombal⁴, tendo sido seus primeiros directores os conhecidos botânicos Domenico [ou Domingos] Vandelli⁵ (1835-1916), de 1772 a 1791, e Félix de Avelar Brotero⁶ (1744-1828), de 1791 a 1811, sendo este último o autor da primeira Flora de Portugal, a *Flora Lusitânica* [...] (BROTERO, 1804a, 1804b), e da *Phytographia Lusitaniae selector* [...] (BROTERO, 1816, 1827), entre diversas outras obras.

Uma parte da quinta ou cerca do Colégio de S. Bento foi cedida para a edificação do Jardim Botânico, ainda durante a época pombalina (CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA, s/data), tendo sido então decidida a instalação do Jardim na encosta sul da colina que constitui a Alta de Coimbra e o seu núcleo primordial (ROSSA, 1995; VEIGA & MOREIRA DOS SANTOS, 2012: 393).

Anteriormente, já haviam sido feitos planos para a construção de um jardim botânico em Coimbra⁷. Em 1731, em Londres, por Jacob de Castro de Sarmiento, foi estabelecido um projecto, bastante modesto, com base no jardim botânico londrino “Chelsea Physic Garden”. Este projecto foi oferecido pelo seu autor ao então reitor reformador da Universidade de Coimbra, Francisco Carneiro de Figueiroa (HENRIQUES, 1876: 9). Por razões que desconhecemos, contudo, este projecto não se veio a concretizar, tendo sido recuperado, mais tarde, cerca de quarenta anos depois⁹.

⁴ Sebastião José [Joseph] de Carvalho e Mello (1699-1782), conde de Oeiras [1759] e marquês de Pombal [1769], foi primeiro-ministro do Rei D. José I (1714-1777), assim como lugar tenente de El-Rei para o Estabelecimento da Universidade de Coimbra, entre numerosos outros cargos (VICENTE SERRÃO, 1985: 116-117).

⁵ Domenico [ou Domingos] Vandelli (1735-1816), natural de Pádua, foi um cientista multifacetado (também se dedicou à Engenharia, à Medicina e à Química, entre outras artes e ciências), chamado a Portugal pelo Marquês de Pombal, “a fim de superintender nas obras do Real Jardim Botânico da Ajuda, estando no nosso país em 1765” (CASTRO, 1985: 313). Elaborou diversos trabalhos originais de Botânica, entre os quais podemos destacar: “Dissertatio de Arbore Draconis”, sobre o dragoeiro (1768), “Sobre a utilidade dos Jardins Botânicos” (1770), “Fasciculum plantarum, cum novis generibus et speciebus” (1771), “Florae Lusitanae et Brasiliensis specimen” (1788) e o “Diccionario dos Termos Technicos de Historia Natural” (1788) (FERNANDES, 1987b: 881; CABRAL & FOLHADELA, 2006; CABRAL, 2009: 87). Recebeu o grau de doutor em Filosofia e em Medicina em 1772, ano em que foi colocado como professor na Universidade de Coimbra, cidade onde também fundou uma importante fábrica de faianças, cujas louças ficaram conhecidas como “louça de Vandelles” (CASTRO, l.c.). Jubilado como lente em Coimbra em 1791, transitou para Lisboa, onde foi nomeado director do Real Jardim Botânico da Ajuda (CASTRO, l.c.), o mais antigo jardim botânico português. Entre os diversos méritos de Vandelli está o facto de ter reeditado, em 1789, o precioso “*Viridarium lusitanum*” de Gabriel GRISLEY (1661), tendo estabelecido a correspondência entre os polinómios de GRISLEY (l.c.) e a nomenclatura binomial de Lineu (HENRIQUES, 1876: 13; CABRAL & FOLHADELA, 2006; CABRAL, 2009: 87). Esta obra de Grisley, talvez a primeira tentativa de realização de uma flora – ainda que parcial – de Portugal, foi muito injustamente classificada por Lineu como “*miserrimum opus*”, embora este último autor dela tenha perfilhado e adaptado alguns dos seus expressivos polinómios (PINTO DA SILVA & al., 1991: 25-26).

⁶ Félix de Avelar Brotero, doutor em Medicina pela Universidade de Reims e autor de um valioso “Compendio de Botanica” publicado em Paris em 1788, regressou a Portugal em 1790, vindo de França, tendo sido em 1791 nomeado professor de Botânica e Agricultura na Universidade de Coimbra, onde reorganizou o Jardim Botânico (CABRAL & FOLHADELA, 2006; COSTA PEREIRA, 1985: 82).

⁷ Coimbra já foi considerada a «cidade mediterrânica implantada mais a norte no Garbe. [...] O seu território estendia-se até ao mar envolvendo a imponente fortaleza de Montemor-o-Velho. Para nordeste, a sua zona de influência penetrava nas quebradas inseguras das serras beirãs através dos vales férteis de Oliveira do Hospital e Seia. Mais a sudeste e lá para o vale do Zêzere, a própria Idanha esteve várias vezes sobre o seu ascendente» (TORRES, 1995: 155). No tempo do Império Romano, Coimbra chamava-se Aeminium. No século VI, com as invasões bárbaras e a destruição da cidade de Conímbriga –que se situava a 15 km a SW de Aeminium e era sede de uma diocese cristã– o bispo de Conímbriga fixou-se em Aeminium, possivelmente pelas melhores condições defensivas que a colina em que se localizava a cidade de Aeminium apresentava e a cidade de Aeminium acabou por se apropriar do nome da cidade vizinha –que praticamente desapareceu–, herdando o seu nome e consolidando o seu urbanismo (VEIGA & MOREIRA DOS SANTOS, 2012: 377). Os reis visigodos Recaredo, Liúva, Sisebuto e Chintila cunharam moeda em Coimbra, o que atesta claramente a importância de Coimbra na época visigótica. A cidade na colina já teria então um estatuto e uma importância de capital, como voltou a acontecer mais tarde, na primeira dinastia portuguesa, desde o tempo do nosso primeiro rei, D. Afonso Henriques, até ao reinado do seu bisneto D. Afonso III, já no século XIII, que transferiu em definitivo a capital do reino para Lisboa (VEIGA & MOREIRA DOS SANTOS, l.c.).

⁸ O primeiro jardim botânico português (ou horto botânico-farmacêutico) foi criado em Xabregas (Lisboa), por incumbência do Rei D. João IV. Gabriel Grisley, o médico alemão do exército do Conde de Schonberg e autor da primeira flórlula de Portugal –feita nos arredores de Lisboa, de além e aquém Tejo, e que incluía já o total de 1822 espécies de plantas–, foi o responsável que o Rei encarregou de estabelecer o primeiro jardim botânico em Portugal, o qual teve, infelizmente, uma duração efémera (FERNANDES, 1987b: 875-876), e cujas plantas incluiu no seu famoso “*Viridarium Lusitanicum* (...)” (PIRES DE LIMA, 1945: XX).

⁹ Os primeiros jardins botânicos foram constituídos em Itália: em Pádua, em Pisa e em Florença (1545) e em Bolonha (1568), sob a direcção, primeiramente, de Ulisse Aldrovandi (1522-1605) e, depois, de Andrea Cesalpino (1519-1603). O

Assim, em 1773, o Marquês de Pombal encarregou o tenente coronel engenheiro britânico William Elsdon, em conjunto com os professores italianos –ambos naturais de Pádua– Domenico Vandelli (1735-1816) e Giovanni Dalla-Bella (1726-1823), de delinear definitivamente o plano para o novo horto botânico, concretizando a sábia vontade régia expressa nos *Estatutos da Universidade de Coimbra*: “será necessario para complemento da mesma Historia [Natural] o estabelecimento d’um Jardim botanico, no qual se mostrem as plantas vivas; [...] Pelo que: No lugar, que se achar mais proprio e competente nas vizinhanças da Universidade, se estabelecerá logo o dicto Jardim; para que nelle se cultive todo o genero de plantas; e particularmente aquelas das quais se conhecer ou esperar algum prestimo na Medicina, e nas outras artes; havendo cuidado e providencia necessaria para se ajuntarem as plantas dos meus dominios ultramarinos, os quaes têm riquezas imensas no que respeita ao reino vegetal.”¹⁰ (HENRIQUES, 1876: 8).

O terreno para o novo Jardim foi escolhido pelo magnífico Reitor Reformador da Universidade de Coimbra D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho (Brasil, engenho de Marapicu, 1735–Coimbra, S. Martinho do Bispo, 1822)¹¹, que o visitou em conjunto com os referidos professores Vandelli e Dalla-Bella, desse facto tendo dado conta ao Marquês de Pombal, que logo lhe respondeu com as seguintes palavras (em carta de 2 de Março de 1773): “A inspecção, a que v. s.^a foi assistir, do terreno destinado para o horto botanico me causou grande prazer [...]. A esse fim vai a provisão necessaria para se proceder á compra do dicto terreno, demarcação d’elle, e ao prompto estabelecimento do referido horto.”¹² (HENRIQUES, *l.c.*).

Por felicidade, o terreno escolhido, nas proximidades da Universidade de Coimbra, pertencia quase inteiramente ao Colégio de São Bento, cujos colegiais tiveram a grande generosidade de oferecer “gratuitamente e com maior gosto”, pois julgaram “feliz a sua situação de poderem concorrer, ainda que em tão pequena parte, para um estabelecimento tão interessante não só á Universidade de Coimbra como a todo o reino” (HENRIQUES, 1876: 9).

Entretanto, os professores italianos Vandelli e Dalla-Bella, e o engenheiro militar William Elsdon, prepararam um novo plano para o Jardim, não querendo “seguir o risco modesto traçado em Londres em 1731 pelo dr. Jacob de Castro Sarmento” (HENRIQUES, *l.c.*). O novo plano assim delineado foi grandioso, mas não agradou ao Marquês de Pombal, pois deveria “exigir despesas avultadissimas pelas consideraveis obras d’arte que eram necessarias para a sua realização” (HENRIQUES, 1876: 9-10; cf. FERNANDES, 1987b: 881).

Desta forma, o referido governante plenipotenciário do Rei D. José I rejeitou inteiramente o novo plano, através de uma carta de 5 de Outubro de 1773, que pensamos merecer a pena citar: “Os dictos professores são italianos: e a gente d’esta nação, costumada a ver deitar para o ar centenas de mil cruzados de Portugal em Roma, e cheia d’este enthusiasmo, julga que tudo o que tudo o que tudo o que não é excessivamente custoso não é digno do nome portuguez ou do seu nome d’elles. Daqui veio que, ideando elles nesta côrte, juncto ao palacio real de Nossa Senhora da Ajuda¹³, em pequeno espaço de terra, um jardim de plantas para a

jardim botânico de Leiden formou-se em 1577, sob a direcção de Clúsio (Charles de L’Écluse ou Carolus Clusius [1526-1609]), enquanto que os jardins botânicos de Montpellier e de Heidelberg foram fundados, respectivamente, em 1593 e 1597 (CABRAL, 2009: 68).

¹⁰ As funções dos jardins botânicos em toda a Europa eram fundamentalmente as seguintes três: 1) repositório dos medicamentos de origem vegetal; 2) local de ensino e de estudo, onde os professores de Botânica ensinavam aos alunos a conhecer a natureza e as virtudes das plantas; 3) locais de investigação, onde os botânicos se esforçavam por conhecer melhor as plantas em si, indo além do conhecimento das suas propriedades curativas e medicinais, tendo assim nascido nos jardins botânicos os primeiros centros de investigação morfológica e taxonómica do reino vegetal (CABRAL, 2009: 68). Com a criação dos jardins botânicos, torna-se igualmente prática habitual o intercâmbio botânico de plantas e sementes, tendo assim nascido os primeiros *Indices seminum* (CABRAL, *l.c.*), que vieram a ter e possuem ainda um extraordinário interesse científico e prático. No século XVIII (quando foi fundado o Jardim Botânico de Coimbra), sob a influência do Iluminismo, para além das imprescindíveis plantas medicinais, também se pretendia que fossem cultivadas plantas de uso alimentar e industrial, muitas delas possuindo elevado valor económico, como por exemplo o algodão, a canela, o cânhamo, o café, o cravo da Índia, o linho e a pimenta (CABRAL, 2009: 68; RÓMULO DE CARVALHO, 1987: 65-67).

¹¹ Este ilustre professor foi Reitor da Universidade de Coimbra por duas vezes: entre 14 de Maio de 1770 e Outubro de 1779, data em que se tornou Bispo titular de Coimbra. Foi de novo nomeado Reitor por Carta Régia de 13 de Maio de 1799, tendo vindo a ser exonerado dessa função em 27 de Agosto de 1821, tendo sido o grande obreiro da Reforma Pombalina (RODRIGUES, 1990:172). Pouco antes de falecer, em São Martinho do Bispo (concelho de Coimbra), em 18 de Abril de 1822, aos 87 anos, ainda foi eleito deputado às Constituintes pelo Rio de Janeiro (RODRIGUES, *l.c.*). Foi Reitor da Universidade de Coimbra durante mais de 31 anos e meio, no total, tendo sido a pessoa que exerceu esse importante cargo durante mais tempo e a primeira pessoa que o ocupou durante dois períodos inteiramente distintos (cf. RODRIGUES, *l.c.*).

¹² Por estas palavras é fácil verificar que o Marquês de Pombal estava claramente interessado na rápida e efectiva concretização, embora de uma forma simples e modesta, do Horto ou Jardim Botânico de Coimbra, “aonde pelo exame das plantas e sério estudo das suas qualidades se preparem os estudantes de Medicina para adquirirem novas idéas e novos conhecimentos theoricos e practicos da sua Faculdade” (*Livro 1 das cartas regias*: p. 75, citado por HENRIQUES, 1876: 9).

¹³ Aqui se encontra referido o mais antigo jardim botânico português, o Jardim Botânico da Ajuda, em Lisboa, igualmente obra dos mestres italianos. Este pequeno jardim, de grande beleza, ainda hoje existe e se encontra aberto ao público (<http://www.isa.utl.pt/home/node/906>). O mais antigo jardim botânico da Europa e do Mundo, contudo, é o Jardim

curiosidade, quando eu menos o esperava, achei mais de cem mil cruzados de despesa tão exorbitante como inútil.” (HENRIQUES, 1876: 10; RODRIGUES, 1990: 158).

O objectivo do Marquês de Pombal era que fosse feito simplesmente um jardim botânico reduzido a “um pequeno recinto cercado de muros, com as commodidades indispensaveis para um certo numero de hervas medicinaes e proprias para o uso da faculdade medica; sem que se excedesse d’ellas a comprehender outras hervas, arbustos, e ainda arvores das diversas partes do mundo, em que se tem derramado a curiosidade, já viciosa e transcendente, dos sequazes de Linneu [...], que hoje têm arruinado as suas casas para mostrarem o *malmequer da Persia*, uma *açucena da Turquia*, e uma geração e propagação de aloes com diferentes apellidos, que os fazem pomposos.”¹⁴ (HENRIQUES, 1876: 11; cf. FERNANDES, 1987b: 881).

Vamos continuar a citar esta carta do Marquês de Pombal, transcrita pelo professor Júlio HENRIQUES (1876: 11), de extrema importância para a fundação e definição dos objectivos primitivos e modestos do Jardim Botânico de Coimbra: “Debaixo d’estas regulares medidas deve, pois, v. ex.^a fazer delinear outro plano, reduzido sómente ao numero de hervas medicinaes que são indispensaveis para os exercicios botanicos, e necessarias para se darem aos estudantes as instruções precisas para que não ignorem esta parte da medicina [...], deixando-se para outro tempo o que pertence ao luxo botanico, que actualmente grassa em toda a Europa.” O objectivo expresso de forma tão clara pelo Marquês reformador era assim que se criasse um “jardim de estudo de rapazes, e não de ostentação de principes, ou de particulares, d’aquelles extravagantes e opulentos, que estão arruinando grandes casas na cultura de *bredos*, *beldroegas* e *poejos* da India, da China e da Arabia.” (HENRIQUES, *l.c.*).

A ideia de criar um pequeno jardim botânico para uso e aprendizagem dos estudantes de Medicina fazia, evidentemente, todo o sentido, pois, citando TOSCANO RICO (2011: 8): “Durante séculos os médicos eram obrigados a conhecer as plantas que utilizavam, a colhê-las no campo e a manipulá-las até à forma final que era administrada ao doente. Com o tempo esta manipulação passou a ser do domínio do Farmacêutico, originando uma profissão com características próprias e uma crescente complexidade.”

O curso de Farmácia foi criado em 5 de Dezembro de 1836 na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, pelo estadista Passos Manuel, então Ministro do Reino, tendo muito posteriormente sido elevado a curso superior, por Carta de Lei de 19 de Julho de 1902 (RODRIGUES, 1992: 319). Entre as disciplinas do curso de Farmácia existiam algumas claramente ligadas aos estudos botânicos: “História Natural das Drogas”, “Curso de Botânica Geral” e “Curso de Botânica Criptogâmica e Fermentação” (RODRIGUES, *l.c.*).

Na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, o curso médico, segundo os Estatutos Pombalinos (vigentes a partir de 1772), incluía no primeiro ano a disciplina de “Matéria Médica – a que se associava a prática em Arte Farmacêutica” (RODRIGUES, 1992: 181). Mais tarde, a cadeira de “Botânica” ou “Botânica Médica” passou a ser incluída nos cursos preparatórios leccionados na Faculdade de Filosofia, posteriormente Faculdade de Ciências (RODRIGUES, 1992: 182-186).

O Professor Abílio Fernandes (19.X.1906-16.X.1994), um dos mais ilustres directores do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, ainda em 1937 leccionava a disciplina de Botânica Médica (RODRIGUES, 1992: 304). Esta disciplina, que era considerada bastante difícil e talvez de pouca utilidade pela maioria dos estudantes de Medicina, veio a ser extinta em meados do século XX, tendo nessa altura a “Escola Médica” do Jardim Botânico, conjunto de trinta canteiros inteiramente dedicados ao cultivo das plantas medicinais e independente das restantes Escolas de Sistemática, sido integrada nestas. Tendo os canteiros da “Escola Médica” perdido a sua função original e principal, começaram a ser neles cultivadas diversas outras espécies de plantas vasculares, que já não encontravam espaço nas restantes Escolas de Sistemática, ao tempo completamente preenchidas, já não necessariamente de cariz medicinal (R.B. FERNANDES, comunicação pessoal, c. 1999).

Botânico de Pisa, na Toscana, que foi fundado no estio ou verão de 1543, na margem direita do rio Arno, por Luca Ghini (1490-1556), ilustre médico e naturalista natural da cidade de Imola, durante o reinado de Cosimo de Medici (1519-1574) como duque (mais tarde grão-duque) de Florença e da Toscana (CHIARUGI, 1953: 785; BEDINI, 2007: 9, 13; HENRIQUES, 1876: 7; SUKOPP, 2002: 374), contemporâneo dos também italianos jardins botânicos de Pádua (*Padova*, cidade situada nesse tempo na República de Veneza) e de Florença (*Firenze*, cidade situada nesse tempo no ducado ou grão-ducado da Toscana), fundados pouco depois, respectivamente em 7.VII.1545 e em 1.XII.1545 (CHIARUGI, *l.c.*; HENRIQUES, *l.c.*; SUKOPP, *l.c.*).

De acordo com as instruções do Marquês de Pombal, expressas através de uma carta de Aviso de 15 de Dezembro de 1773, iniciaram-se os trabalhos de construção do Jardim Botânico, de acordo com um projecto modesto¹⁵, baseado nos Jardim Botânico de Chelsea, em Londres (HENRIQUES, 1876:11; RODRIGUES, 1990: 158). Assim, foi construída a muralha de suporte do lado da Cerca dos Monges Beneditinos [de São Bento], enchendo-se a forte depressão de terreno que existia no local do actual Quadrado Central com grandes quantidades de pedra e de entulho, provenientes das demolições nesse tempo efectuadas na Alta de Coimbra, incluindo parte do edifício dos Padres Jesuítas e do próprio Castelo de Coimbra, onde principiava a ser feito o Observatório (HENRIQUES, 1876: 11-12) que, tal como o antigo castelo, já não existe na actualidade, infelizmente.

Em 1774 veio de Lisboa o jardineiro do Real Jardim da Ajuda, Júlio Mattiazzi¹⁶, para efectuar a plantação das espécies que eram enviadas por via marítima a partir do referido Jardim Real, trabalho no qual foi ajudado por João Rodrigues Villar, que passou a ser o primeiro jardineiro do Jardim Botânico de Coimbra (HENRIQUES, 1876: 12).

Em 1776, foi construída uma pequena estufa, cujo preço foi de 82\$265 ou 82265 reis (HENRIQUES, *l.c.*). Ao mesmo tempo foram sendo feitos a pesquisa e o encanamento das águas, assim como a aquisição de novos terrenos, para permitir a existência de mais culturas e dar ao jardim uma forma regular (HENRIQUES, *l.c.*). Todos estes trabalhos foram sendo feitos lentamente, pois os meios pecuniários para a sua realização não abundavam, tendo presidido à criação do Jardim Botânico de Coimbra o professor italiano –natural de Pádua– Domenico Vandelli, por quem o grande Lineu tinha elevada consideração (HENRIQUES, 1876: 13-14). Este insigne director veio a transitar depois para Real Jardim da Ajuda, em Lisboa, não sem antes ter mandado proceder a herborizações significativas, incluindo a serra de Estrela, pelo colector António José Ferreira, “para poder cultivar em Coimbra grande numero de plantas indigenas.” (HENRIQUES, 1876: 15).

Entre 1792 e 1796, já sob a direcção do grande Brotero, diversos novos melhoramentos foram realizados: obteve-se mais água –a qual é sempre tão necessária–, a estufa foi substituída por outra de maiores dimensões, edificou-se uma casa onde passaram a ser ministradas as lições de Botânica, fizeram-se os canteiros florais em calcário que ainda hoje existem, assim como foram concluídos (em 1794) “os lanços de escadas, parapeitos e porticos que se encontram no grande quadrado inferior”¹⁷ (HENRIQUES, 1876: 17).

Desde o início da construção do Jardim Botânico que se teve em conta o problema da sua irrigação, tendo diversas fontes de água sido aproveitadas para essa finalidade. Desafortunadamente, algumas destas fontes originais foram destruídas com o crescimento da cidade de Coimbra ou utilizadas para outros propósitos, continuando actualmente em funções apenas uma das fontes originais, cujo aproveitamento para a rega do Jardim data da sua construção, em 1798¹⁸ (SIMÃO & al., 2013: 1412). Esta fonte situa-se a cerca de 1000 metros do Jardim, na direcção NW (SIMÃO & al., 2013: 1412, 1413), próxima da extremidade noroeste do Jardim da Sereia, outro dos maiores e mais importantes jardins e parques verdes de Coimbra, na Rua Pedro Monteiro, um pouco acima do Jardim da Sereia ou Parque de Santa Cruz e em frente a um posto de transformação eléctrico. A partir da nascente, que se situa a uma altitude de cerca de 105 m, a água é conduzida para o Jardim Botânico (passando também pelo Jardim da Sereia ou Parque de Santa Cruz e pelo

¹⁵ Felizmente para a Botânica, nem toda a gente pensava como o poderoso Marquês de Pombal:

«Pobre sciencia a da botanica, se ella estivesse subordinada á vontade do marquez de Pombal. Felizmente para a sciencia, para Portugal, para Coimbra, o bispo-conde, que então era o faustoso D. Francisco de Lemos, deu ao jardim muito mais extensão e magnificencia. seguido este exemplo por outros reitores, attingiu o jardim a sumptuosidade que tem.

Os seus vastos terraços, aonde se elevam arvoredos opulentos e bellas, suas aleas espaçosas, suas ricas escadarias amplissimas e commodas, suas fontes d’onde mana uma agua limpida, e ás quaes roseiras sempre floridas formam um docel bello e perfumado; as suas acacias e araucarias, as suas palmeiras e cedros do Libano, as suas tulipeiras e innumeraveis outras arvoredos, representando muitas regiões, assim como suas plantas exóticas e raras, as suas estufas, tudo torna este jardim extremamente bello.» (BORGES DE FIGUEIREDO, 1886: 305-306).

¹⁶ Este ilustre jardineiro foi imortalizado com a denominação da belíssima *Simethis Mattiazzi* (Vandelli) Saccardo = *Anthericum Mattiazzi* Vandelli [basion.], um endemismo exclusivo da Região Mediterrânica ocidental e da Irlanda, que é relativamente comum em Portugal (cf. ALMEIDA & al., 2014ak).

¹⁷ Custou a água 750\$000 reis e as diversas obras em cantaria 2000\$000 reis (HENRIQUES, 1876: 17).

¹⁸ Esta nascente mais do que bicentenária está devidamente preservada e protegida por uma porta metálica fechada à chave—que ostenta as iniciais J.B. = Jardim Botânico—, acima da qual se lê facilmente uma inscrição dizendo V de Junho de MDCCXCVIII (Observação, 4.X.2013). Regularmente, jardineiros do Jardim Botânico de Coimbra vão verificar o bom estado da fonte e das condutas de água, desentupindo-as se necessário, pois por vezes acontece que raízes de figueiras (*Ficus Carica* L. ou, eventualmente, outras espécies [Moraceae]) ou de outras árvores causam a obstrução das condutas que transportam o líquido vital (A.C. MATOS, comunicação pessoal, 4.X.2013).

Jardim dos Patos ou dos Estudantes, junto ao Quartel, que se situa imediatamente acima e a este do Jardim Botânico¹⁹⁾ por acção da gravidade para o reservatório –cuja altitude estará um pouco abaixo dos 90 m²⁰⁾.

A partir de medições efectuadas na nascente de água que abastece o Jardim Botânico, concluiu-se que o Jardim recebe uma média de 30000 m³ por ano, independentemente da pluviosidade anual, volume que excede largamente as necessidades de água para rega do Jardim (SIMÃO & al., 2013: 1417).

No Jardim Botânico, nas proximidades e abaixo da estátua de Brotero (a uma altitude ligeiramente inferior a 90 m), existe um grande reservatório de água com uma capacidade de 445 m³²¹⁾, assim como um poço, que atinge uma profundidade de 123 m e que foi escavado para assegurar o suprimento das necessidades de água do Jardim (SIMÃO & al., 2013: 1412).

Este reservatório, assim como todo o sistema de rega do Jardim Botânico constituíram um dos aspectos que mais motivaram o Professor Abílio Fernandes à intervenção do Estado: «Já em 1944, o reconhecimento da insuficiência e deterioração da canalização existente incentivara alguns progressos na rede de distribuição de água. Contudo, como relatava o director do Jardim ao presidente da CAPOCUC²²⁾ em 20 de Junho de 1945, a situação não deixou de se agravar, em consequência do aumento da área plantada, da ocorrência de frequentes períodos de seca²³⁾ e, sobretudo, da obstrução das minas de água em vários pontos, o que reduzia os recursos hídricos ao abastecimento facultado, cada vez de forma mais restrita, pela Câmara Municipal. (...) a prevalência da estiagem no ano de 1950 acabaria por conduzir o director [do Jardim] a fazer uma nova exposição ao presidente da CAPOCUC, sugerindo a construção urgente de um depósito junto à estátua de Avelar Brotero, debaixo da alameda que corre paralela à Avenida Júlio Henriques. O local era apontado como o mais indicado por quatro motivos: era o ponto de entrada das águas das minas; poderia, pela sua elevação, abastecer a maior parte do Jardim; a ligação do depósito à canalização seria simples e aquele poderia ser abastecido por auto-tanques, no caso de a água das minas se tornar insuficiente. Em Fevereiro desse mesmo ano era aprovada a organização do respectivo projecto para ser cumprido. Todavia, só em Setembro de 1960 se abriu o concurso para a sua arrematação. Ficaria enterrado, como previsto, entre a estátua do antigo lente [o ilustre botânico Brotero] e o portal principal» (BRITES, s/data: 63-64).

Acompanhando todos estes melhoramentos, o professor Brotero fez longas e frutuosas herborizações, assim como abundantes permutas de plantas com o Jardim Real da Ajuda, tendo o número de espécies vegetais cultivadas chegado a ser superior a três milhares²⁴⁾, estando todas estas espécies metodicamente distribuídas e cientificamente identificadas, sendo ainda realçada a aplicação prática de cada uma! (HENRIQUES, 1876: 18). Tais foram os feitos do autor da *Flora Lusitânica* (BROTERO, 1804a, 1804b) e da *Phytographia Lusitaniae selectior* (BROTERO, 1800, 1816, 1827), certamente o maior botânico português de sempre²⁵⁾!

¹⁹⁾ Estes dois outros importantes espaços verdes de Coimbra são também irrigados com a água abundante que provém da referida nascente (A.C. MATOS, comunicação pessoal, 4.X.2013).

²⁰⁾ A água é conduzida para o Jardim Botânico através de uma conduta de 8 por 12 cm e também através de tubos de ferro cinzento de 75 mm de calibre, por fluxo livre de superfície (SIMÃO & al., 2013: 1412).

²¹⁾ A água deste reservatório permite efectuar a rega do Jardim (desde que os volumes de água necessários para a rega não sejam objecto de alteração), sem efectuar a extracção de água do poço, durante treze dias num ano seco e durante trinta e um dias num ano de pluviosidade normal (SIMÃO & al., *l.c.*).

²²⁾ A CAPOCUC era a Comissão Administrativa do Plano de Obras da Cidade Universitária de Coimbra; a sua actividade, no que diz respeito ao Jardim Botânico, iniciou-se no ano lectivo de 1943-1944, com os primeiros estudos efectuados, e prolongaram-se durante muitos anos, até que foi finalmente extinta, em 1969 (BRITES, s/data: 57, 66).

²³⁾ Já dizia o mestre Aquilino Ribeiro, com a sua eloquência habitual: «Aperta a ardentia e começa o calvário para as terras de alqueive e para as terras vãs, assim chamadas provavelmente em virtude da pequena camada de solo arável. (...) Quando a estiagem recresce, não tarda muito, se não sobrevêm trovoadas com as providenciais bátegas, que os homens se matem por essas províncias fora sobre o rego de água, e as procissões *ad petendam pluviae* singrem pelos caminhos, mal rorejados do rocio da noite, ululantes e desesperados. São constantes na Beira tais flagelos» (RIBEIRO, 1951).

²⁴⁾ Mais do que o número de espécies que são actualmente [em 2012] cultivadas no Jardim!

²⁵⁾ Citando as palavras correctas e sábias do Professor Júlio Henriques: «Foi director do jardim e professor de Botanica durante esta época Felix de Avellar Brotero, por muitos cognominado — Linneo portuguez. E são notaveis as analogias entre o nosso compatriota e o sabio sueco.» (HENRIQUES, 1876: 21-22). Continuando a citar (*op. cit.*): «Doutorou-se em Medicina na Universidade de Reims, e percorreu grande parte da Europa, augmentando poderosamente seus conhecimentos.

É em França que elle publicou em 1788 uma das obras de mais merecimento — Compendio de Botanica ou Noções elementares d'esta sciencia, segundo os melhores escriptores modernos, expostos na lingua portugueza.» (HENRIQUES, 1876: 22).

“Em 1791 a rainha [D. Maria I], solicita em promover o ensino das sciencias, ordena que a Universidade de Coimbra o receba em seu gremio e encarrega-o da direcção do Jardim botanico e da regencia da cadeira de Botanica e Agricultura.

Link, que na companhia do conde de Hoffmansegg visitou o nosso paiz, explorando as suas riquezas naturaes, viveu com Brotero e d'elle fez elogios.

Citando as palavras do grande Júlio Henriques: “Nenhuma comparação offerece este estado com aquelle em que se achava o Jardim no fim da epocha anterior” (HENRIQUES, *l.c.*).

Para este período de grandeza do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, contribuiu também, de forma decisiva, o Magnífico Reitor Reformador D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, pois «Foi sob sua direcção que o Jardim tinha sido creado; sob sua sabia protecção devia este estabelecimento chegar ao grau de maximo esplendor» (HENRIQUES, *l.c.*). Este Reitor, que foi igualmente Bispo de Coimbra (Arcebispo-Bispo-Conde), chamou em 1805 o desenhador Gregorio de Queiroz para delinear as novas obras que projectava para o Jardim Botânico e também “levou a effeito a compra de parte do cêrco dos Marianos, para dar ao Jardim fórma mais regular.” (HENRIQUES, *l.c.*).

Brotero colaborou activa e eloquentemente com o Reitor Reformador em relação aos diversos melhoramentos a efectuar no Jardim Botânico de Coimbra (cf. HENRIQUES, 1876: 18-21), conforme a resposta dada ao Bispo em 5 de Março de 1807 (HENRIQUES, *l.c.*).

Logo «Começaram então as obras que os architectos tinham delineado, sendo nomeado o dr. Antonio José das Neves e Mello para as inspecionar.

Progrediriam ellas e em breve ficaria a Universidade com um Jardim com que podesse — hombrear com as Universidades da Europa, — se as armas da França, que tinham perturbado a paz de toda a Europa, não viessem desviar as rendas publicas e a actividade nacional do seu verdadeiro destino.» (HENRIQUES, 1876: 21).

Brotero, depois de numerosos e fecundos trabalhos —entre os quais avulta a publicação da sua *Flora Lusitanica*, em 1804—, foi chamado em 27 de Abril de 1811 para dirigir o Jardim Real da Ajuda, em Lisboa, tendo sido em 16 de Agosto do mesmo ano “jubilado com todas as honras e interesses” (HENRIQUES, 1876: 26), quando contava então 67 anos²⁶.

Para que o grande botânico fosse justamente homenageado, foi em 22 de Julho [de 1876] apresentada à Faculdade de Filosofia, e aprovada por unanimidade, a ideia do monumento a Brotero, pelo Professor Júlio Henriques (HENRIQUES, *l.c.*).

Jubilado Brotero —e terminadas as invasões francesas—, o Professor Antonio José das Neves e Mello, botânico distinto e grande auxiliar de Brotero²⁷, natural de Coimbra (7.IV.1770-29.I.1835), doutor desde 25.VII.1790 (RODRIGUES, 1992: 283) e que já em 1807 tinha sido encarregado das obras do Jardim, foi então nomeado director efectivo do Jardim Botânico, no qual dirigiu importantes trabalhos, tendo igualmente sucedido ao mestre nas cadeiras de Botânica e de Agricultura (HENRIQUES, 1876: 27-29; RODRIGUES, *l.c.*).

Continuando a citar o Professor Júlio Henriques, o maior historiador que se ocupou da História do Jardim Botânico de Coimbra:

«Desde 1814 a 1821 foram realizadas as obras mais importantes, que em todo o tempo se têm feito no Jardim.

Mal murado até então, foi feita a grande e majestosa gradaria, que o resguarda». O ferro foi importado, tendo vindo de Estocolmo e custou a quantia de 6732\$645 reis (HENRIQUES, *l.c.*).

«Foram feitos os tres terraplenos entre a rua central e a superior; foi plantada a matta e mais ou menos preparado o logar onde actualmente se encontra a eschola de plantas medicinaes.

Sahiram grandiosas as obras, porque não se poupavam os meios para as realizar.

As grandes despesas feitas com os trabalhos do Jardim botânico levantaram tal excitação contra o reitor e contra o dr. Neves, porque o dinheiro faltava noutras repartições e mal chegava para os ordenados dos professores, que o Governo não pôde deixar de dar as ordens para que parassem as obras. Desde então escassamente era dotado o Jardim. Comtudo ainda em 1822 é construido o portico do lado do Seminario.» (HENRIQUES, 1876: 27-28)²⁸.

Na regencia da cadeira de Botanica insinuava aos seus discipulos o amor pela sciencia a par das ideias mais exactas. Era sua palavra ouvida por numerosa e selecta assemblêa.» (HENRIQUES, 1876: 22).

²⁶ Para a jubilação de Brotero, terá contribuído a acção reformadora do Bispo e Reitor D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, pois “o seu pedido de jubilação, segundo se depreende de uma carta curiosíssima, escrita em 1810 ao CONDE DAS GALVEAS, deve ter sido motivado, em parte, pelas suas desarmonias com o Bispo-Reitor da Universidade, o qual seria responsável por estragos feitos no Jardim.” (PIRES DE LIMA, 1945: xxxi).

²⁷ A Antonio José das Neves e Mello, Brotero “Educou-o no conhecimento dos vegetais (...), ensinando-o a ler no grande livro da natureza. Viveram em intima convivência e mutuamente trocaram seus conhecimentos. Foi de grande auxilio a Brotero na elaboração da *Flora lusitanica*” (HENRIQUES, 1876: 29).

²⁸ Um dos mestres que mais intensamente protestaram foi o Dr António José de Araújo de Santa Bárbara (11.X.1751-29.VIII.1836), natural de Melgaço. Este “Religioso Agostinho Descalço e célebre pregador”, doutor em Matemática (5.X.1788) e “Cónego Magistral da Sé de Bragança em 7.4.1812. De temperamento irascível, foi dos lentos que mais magoaram o Reitor D. Francisco de Lemos, atacando-o em termos de grande falta de cortesia, por estarem em atraso os

Este período de notável esplendor construtivo, no entanto, não terá correspondido a uma época de grandes realizações botânicas pois, nas palavras de Júlio Henriques: «Se em relação á parte material, o Jardim botânico nesta epocha attingiu o maximo desenvolvimento, não succedeu o mesmo na parte scientifica.» (HENRIQUES, 1876: 28). Ainda assim, era em 1822 muito significativo o número de espécies cultivadas no Jardim, pois, de acordo com um catálogo escrito pelo Professor Antonio José das Neves e Mello, havia então 1834 espécies vegetais no Jardim Botânico, assim como cerca de 4000 espécies de sementes em depósito (HENRIQUES, *l.c.*).

Os grandes méritos de Antonio José das Neves e Mello na construção do extraordinário monumento que é o Jardim Botânico de Coimbra foram amplamente reconhecidos: “Conhecedor verdadeiro do merecimento do dr. Neves, Brotero prestou-lhe toda a sua protecção e conseguiu que tudo se dispozesse para que d’elle herdasse a direcção do Jardim.

A competencia d’esto professor na direcção das obras do Jardim é amplamente atestada em todos os documentos officiaes, que a elle se referem”²⁹ (HENRIQUES, 1876: 29).

Infelizmente, a seguir a este período de grandes progressos materiais no Jardim Botânico de Coimbra, veio uma época desastrosa, não só para o Jardim como também para a Universidade de Coimbra e para todo o País – uma época de graves conflitos e ódios entre os portugueses, chegando mesmo a haver uma sangrenta guerra civil, que se prolongou até 1834, tendo a agitação, o banditismo e as revoltas persistido até meados do século XIX.

Com as invasões francesas, guerras peninsulares e guerras civis que ocorreram em Portugal na primeira metade do século XIX, a actividade botânica quase se extinguiu entre nós, tendo até desaparecido a maior parte dos herbários então existentes.

Para resumir brevemente aquilo que se passou, no que diz respeito ao Jardim Botânico de Coimbra, voltamos a citar o ilustre botânico e historiador:

«Corriam porém mal os tempos. As dissensões politicas agitavam todas as classes sociaes e começavam a determinar mais ou menos as acções dos homens e das corporações. O reitor reformador era mal visto, e o dr. Neves, que vivia com elle em certa intimidade e que não professava as idéas dos que áquelle eram adversos, partilhava das malquerenças.» (HENRIQUES, 1876: 30).

Em 1834 foi pela última vez afastado da direcção do Jardim Botânico o Dr Antonio José das Neves e Mello, que era “conhecido como adverso ás idéas liberaes”, e viria a falecer em 29 de Janeiro de 1835 (HENRIQUES, 1876: 33).

Entre 1834 e 1854 foi a “epocha de menos movimento no Jardim botânico, tanto na parte material como na scientifica.” (HENRIQUES, 1876: 34).

Citando outros autores, estrangeiros: «The situation of the garden of Coimbra is highly beautiful, and indeed it would be difficult to find any but delightful places on the Mondego. (...) This garden was commenced by Brotero, while Professor at Coimbra, when it appears to have been in a flourishing state, and it continued a respectable establishment under Brotero’s successor dr. Neves; but since 1834 it has obviously been quite neglected. At present, even including weeds and the lichens and mosses growing on the trees and stones, we do not think it contains a thousand species.» (*Companion to the Botanical Magazine*, 1845, cit. por HENRIQUES, 1876: 34); e «A Coïmbre, ville célèbre par son université, le jardin botanique était, il y a quelques années, totalement abandonné.» (*Maison rustique du XIX siècle*, vol. 5.º, 1850–1851, cit. por HENRIQUES, 1876: 34).

Entre 1834 e 1854, sucederam-se os administradores e directores do Jardim Botânico, quase todos eles por pouco tempo, e também houve clara falta de recursos, dificultando-se assim bastante o progresso do Jardim: «Foram diversas as causas, mas duas as principaes: falta de meios e mudança quasi constante de directores, que, apesar de serem competentes para » (HENRIQUES, 1876: 36).

Entre os desenvolvimentos mais notáveis do Jardim Botânico durante esta época agitada estão, sem dúvida, a construção dos três lanços de escadas na rua central próximos da Estufa Grande, sob a direcção do Dr Albino Alão³⁰ (HENRIQUES, 1876: 36), assim como a construção do portão de entrada principal, que ostenta a

vencimentos dos professores, devido a ter-se gastado muito dinheiro nas obras do Jardim Botânico e na reforma do órgão da Capela da Universidade.” (RODRIGUES, 1992: 263).

²⁹ O Bispo e Reitor reformador gratificou o ilustre professor e director com 300\$000 reis em Janeiro de 1815, “por ter dirigido e continuar a dirigir a administração e trabalhos da mesma obra com muita intelligencia, economia e actividade” (HENRIQUES, 1876: 29). E ainda, “na carta regia de 6 de julho de 1815 diz-se — que o dr. Neves pelo seu distincto merecimento, intelligencia e zelo se faz digno da Real consideração” (HENRIQUES, *l.c.*).

³⁰ O Dr Albino Alão (Porto, 22.XII.1802 – Coimbra, c. 1836) foi lente de Botânica e Agricultura, entre 1834 e 1836, ano em que terá falecido, vítima de doença grave (HENRIQUES, 1876: 36; RODRIGUES, 1992: 273).

data de 1844³¹, durante o breve período que durou a direcção do Dr Pedro Norberto Correia Pinto de Almeida³², entre 1843 e 1844 (HENRIQUES, *l.c.*).

Através de uma portaria, de 27 de Outubro de 1836, “o Governo ampliou o espaço destinado para a cultura dos vegetaes, concedendo á Faculdade de Philosophia a cêrca de S. Bento e parte do extincto convento dos Carmelitas descalços, sendo este terreno destinado principalmente para a plantação e cultura de arvores e arbustos que não se tivessem podido reunir por falta de espaço no Jardim botanico, habilitando-o d’este modo para melhor facilitar o ensino da Botanica e Agricultura (HENRIQUES, 1876: 37-38).

Seguiu-se, na direcção do Jardim, o Dr Antonino José Rodrigues Vidal da Silveira, entre 1849 e 1854 (HENRIQUES, *l.c.*). Este professor³³ (Anadia, 5.IX.1808 – Travassô, 18.XI.1879), entre muitas outras coisas, propôs a construção de uma nova estufa no Jardim e publicou um catálogo das plantas nele cultivadas, mencionando no total 2296 espécies e variedades (HENRIQUES, 1876: 37; RODRIGUES, 1992: 291).

Na segunda metade do século XIX, a situação nacional tornou-se de novo mais favorável, e a Botânica pôde florescer de novo em Portugal, graças à paz e relativa prosperidade então vigentes (durante a denominada “Regeneração”, uma época de notável progresso). São dessa época alguns dos nossos maiores botânicos como Júlio Augusto Henriques (1838-1928), Joaquim de Mariz³⁴ (1847-1916) e Adolpho Frederico Moller³⁵, Silvicultor, Colector e Jardineiro (1842-1920) em Coimbra, e o Conde de Ficalho (1837-1903), D. António Xavier Pereira Coutinho (1851-1939) e Jules Daveau (1852-1929) em Lisboa (cf. FERNANDES, 1987b: 908), e ainda Gonçalves Sampaio (1865-1937), no Porto.

Durante o século XIX, particularmente durante a segunda metade e no último quartel, quando a situação política e económica em Portugal foi melhorando –a época foi designada justamente como a “Regeneração”–, os estudos botânicos em Portugal e o Jardim Botânico de Coimbra foram-se continuando a desenvolver (cf. FERNANDES, *l.c.*), sobretudo ao longo dos cem anos seguintes, até à segunda metade do século XX, adquirindo uma dimensão e um carácter muito diferentes dos originais.

O seguinte texto, extraído de um livro sobre os jardins e parques do Arquipélago dos Açores, parece-nos aplicar-se claramente também em relação ao caso concreto de que nos ocupamos –o Jardim Botânico de Coimbra:

³¹ O portão principal que diz em relevo que Manuel Bernardes Galinha o fez (“Preto é, Galinha o fez” na famosa adivinha dos estudantes de Coimbra!) e apresenta a data de 1844.

³² O Dr Pedro Norberto Correia Pinto de Almeida (Verride, Montemor-o-Velho, 3.XI.1806 – Coimbra, 1.XI.1849), para além de director do Jardim do Jardim Botânico de Coimbra, foi autor da obra “*Filosofia especulativa, ensaio de explicação universal*” (Coimbra, 1836), Voluntário do Batalhão Académico em 1826 e Presidente da Câmara Municipal de Coimbra (RODRIGUES, 1992: 273).

³³ O Dr Antonino José Rodrigues Vidal da Silveira, entre muitas outras actividades, foi Voluntário do Batalhão Académico em 1828, Presidente da Câmara Municipal da Mealhada, deputado às Cortes pela Figueira da Foz e Conselheiro, tendo publicado, em dois volumes, um “Tratado elementar de Botânica Filosófica” (RODRIGUES, 1992: 291).

³⁴ Joaquim de Mariz foi autor, entre muitos outros trabalhos, de “As Compostas de Portugal. Subsídios para o estudo da Flora Portuguesa”, publicado em três partes sucessivas no *Boletim da Sociedade Broteriana*, volumes IX: 144-243 (MARIZ, 1891-1892a); X: 196-253 (MARIZ, 1892a); e XI: 132-209 (MARIZ, 1893a), além de muitas outras monografias sobre as famílias da flora de Portugal: Papilionáceas, Fabáceas ou Leguminosas (MARIZ, 1884); Crucíferas ou Brassicáceas (MARIZ, 1885); Ranunculáceas (MARIZ, 1886); Cariofiláceas p.p. (MARIZ, 1887); Aizoáceas, Crassuláceas p.p., Molugináceas e Portulacáceas (MARIZ, 1888); Oxalidáceas, Geraniáceas e Lináceas (MARIZ, 1890a); MARIZ, 1884; Umbelíferas (MARIZ, 1896a); Quenopodiáceas e Amarantáceas (MARIZ, 1897); Valerianáceas, Dipsacáceas e Ambrosiáceas [*Compositae* p.p.] (MARIZ, 1898); Primuláceas e Gencianáceas (MARIZ, 1899); Convolvuláceas, Cuscutáceas e Solanáceas (MARIZ, 1900); Caprifoliáceas, Vacciniáceas e Ericáceas (MARIZ, 1901); Crassuláceas (1903a); Verbáceas [*Scrophulariaceae* p.p.] (MARIZ, 1907), e das várias contribuições denominadas “Sociedade Broteriana – Especies distribuidas” (MARIZ, 1890c; MARIZ, 1892b; MARIZ, 1903b; etc.), e “*Flora lusitanica exsiccata*”, acerca de uma grande variedade de espécies de plantas e outros organismos de natureza vegetal (MARIZ, 1890b; MARIZ, 1891-1892b; MARIZ, 1892b; MARIZ, 1893b; MARIZ, 1896b; MARIZ, 1902; etc.).

³⁵ Adolpho Frederico Moller foi inspector do Jardim Botânico de Coimbra, assim como um colector verdadeiramente extraordinário. Entre muitas outras coisas, notabilizou-se como colector de plantas vasculares, de algas, de briófitos (cf. HENRIQUES, 1889b: 187) e de fungos –diligentíssimo e egrégio– “Egregius Adolphus Fr. Moller Horti Conimbricensis inspector” (SACCARDO, 1893: 9; SACCARDO, 1903: 156), a quem este ilustre micólogo italiano homenageou com a espécie nova *Sphaeropsis Molleriana* Saccardo, descrita em 1903 no Boletim da Sociedade Broteriana vol. XIX: “Species diligentissimo collectoris dicata” (SACCARDO, 1903: 164). Apenas para dar um exemplo da versatilidade de Moller, realçamos o facto de que também colheu cianobactérias: por exemplo *Nostoc commune* Vaucher ex Bornet & Flahault (1888) [Syn.: *Tremella Nostoc* L. (1753), *Ulva pruniformis* L. (1753), *Nostoc Kurzianum* Zeller (1873), *Nostocella communis* Gaillon (WIKIPEDIA)] (MARIZ, 1891-1892b: 245), uma alga da família *Nostocaceae* comum em tanques e até em regadores com águas calmas ou paradas! Esta alga também foi encontrada crescendo sobre a parede de uma estufa e sobre uma estátua de mármore (ACOI).

«Os primeiros sinais de uma relação exclusivamente estética e recreativa com a Natureza não vão além do século XIX, período a que genericamente designamos por “romântico”. Um novo olhar carregado de sentido contemplativo produz alterações significativas no modo como a natureza é apropriada e representada. As categorias do sublime e do pitoresco formam novas categorias puramente estéticas aplicadas na descrição dos cenários naturais, e os sentimentos que os inspiram – curiosidade, admiração, melancolia ou exaltação – transformam a relação com o espaço natural. A construção de jardins e parques, tendo por base imagens idealizadas da natureza selvagem, exótica ou bucólica, implicam uma cuidada artificialização dos elementos naturais. Mais importante ainda, fazem-no para fins recreativos e de lazer.» (SOARES DE ALBERGARIA, 2005: 25).

Em 26 de Julho de 1854, tomou conta da direcção do Jardim Botânico o Dr Henrique do Couto de Almeida do Vale³⁶, nela se conservando até 1867: «Dotado de genio trabalhador e economico, empreendeu obras de grande valor, que completaram o plano primitivo, cuja execução foi principiada pelo dr. Neves. Os lanços de escadas do lado sul, quasi todos os reservatorios d’agua para facilitar as regas: as pilastras e grades que se encontram em todos os diferentes planos do Jardim foram construidos por sua iniciativa e sob sua direcção.» (HENRIQUES, 1876: 41).

Em 1856 foi concedida autorização pelo Governo do Duque de Loulé para a construção de uma estufa principal, que foi acompanhada pela construção de duas outras estufas menores. «O engenheiro Pezerat [sic]³⁷ ofereceu o risco, que foi executado parte no Instituto industrial de Lisboa, parte na fabrica de fundição de Massarelllos no Porto. Ficou ampla, sufficientemente elegante, composta de tres corpos de temperatura e condições diversas.» (HENRIQUES, *l.c.*).

Para o melhoramento da qualidade do Jardim e do seu pessoal, o Dr Henrique do Couto de Almeida do Vale desenvolveu uma actividade muito notável: “aumentando o numero de empregados, remunerando-os melhor e principalmente diligenciando chamar um jardineiro estrangeiro, apto para fazer prosperar o estabelecimento que estava debaixo da sua direcção.” (HENRIQUES, 1876: 42).

Assim, com a colaboração de outro ilustre botânico, Carlos Maria Gomes Machado –autor de um “Catálogo metódico das plantas observadas em Portugal”–, o Dr Henrique do Couto de Almeida do Vale pôde contratar para o Jardim Botânico de Coimbra o Sr Edmond Goëze, “que estava em Kew, tendo tido larga practica em Paris” (HENRIQUES, *l.c.*).

Edmond Goëze visitou a Ilha de São Miguel, de onde trouxe verdadeiras belezas vegetais, “por fôrma que pareceu encanto o modo rapido por que a vegetação povoou as estufas, até ahi quasi vazias” (HENRIQUES, 1876: 43).

Edmond Goëze, um excelente jardineiro que conhecia bem os jardins botânicos exemplares de Kew e de Paris, replantou a Escola Médica, “seguindo na distribuição das plantas o methodo de De Candolle.

A riqueza do jardim foi aumentando progressivamente pelas sementeiras feitas com sementes que o sr. Goëze recebeu de jardins estrangeiros e com donativos, alguns de muito valor, feitos por varios cavalheiros” (HENRIQUES, *l.c.*).

Também o grande explorador e botânico austríaco Friedrich Martin Josef Welwitsch (1806-1872) por vezes enviou para Coimbra sementes e bolbos colhidos durante as suas viagens pelo vasto continente africano (HENRIQUES, *l.c.*).

Entre 17 de Junho de 1868 e Outubro de 1872, a direcção do Jardim Botânico esteve de novo a cargo do Dr Antonino José Rodrigues Vidal (1808–1879), que se tornou também regente da cadeira de Botânica, que vagara devido ao falecimento do Dr Henrique do Couto de Almeida do Vale, que ocorreu em 19.VI.1868 (HENRIQUES, 1876: 44; RODRIGUES, 1992: 289).

O jardineiro Edmond Goëze, visitou por diversas vezes a Alemanha, sua pátria, de onde trouxe numerosas plantas para cultivar no Jardim Botânico de Coimbra. Também replantou a Escola Médica ou Medicinal, tendo publicado o respectivo catálogo no volume XIV da antiga revista de Coimbra, *O Instituto* (HENRIQUES, 1876: 44-45).

³⁶ O Dr Henrique do Couto de Almeida do Vale nasceu em Vila Nova do Casal (concelho de Gouveia) em 14.IX.1807, tendo vindo a falecer em 19.VI.1868. Para além de uma distinta carreira académica, incluindo o desempenho do cargo de Director do Jardim Botânico de Coimbra, foi também Egresso do Mosteiro da Graça de Leiria (RODRIGUES, 1992: 289-290).

³⁷ O nome correcto do citado engenheiro deverá ser certamente Pezerat, tal como aliás é referido por outros autores (cf. TAVARES, 2011: 42).

Em 1868 iniciou-se a publicação do *Index Seminum* do Jardim Botânico de Coimbra³⁸, por iniciativa do então jardineiro-chefe (de origem germânica) Edmund Goetze (ou Edmond Goëze, segundo outros autores³⁹), sob a direcção –entre 1867 e 1872– do Dr Antonino José Rodrigues Vidal (Anadia, 5.IX.1808 – Travassô, 18.XI.1879), que se jubilou em Outubro de 1872. O primeiro *Index Seminum* (1868) incluía um total de 380 espécies vegetais (UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 2012), tendo-se desenvolvido muitíssimo durante a direcção do Professor Antonino José Rodrigues Vidal, pois em 1873 (cinco anos depois), quando o Professor Júlio Henriques iniciou o longo e proveitoso período da sua direcção do Jardim (até à sua jubilação, em 1918, aos oitenta anos), já o *Index Seminum* do Jardim Botânico reunia o impressionante total de 1839 espécies (UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 2012)!

A publicação do referido *Index Seminum* prosseguiu ininterruptamente até 1923⁴⁰, ano em que, já sob a direcção do Professor Luis Wittnich Carrisso –que decorreu entre 1918 e 1937, ano da sua morte, em campanha botânica no deserto de Moçâmedes, no Sul de Angola, “junto da famosa *Welwitschia mirabilis*, J.D. Hooker”⁴¹ (FERNANDES, 1987a: 37-38)–, se interrompeu a sua publicação, para que pudesse ser realizada uma profunda reorganização do *Index Seminum*⁴².

Este catálogo de sementes regressou renovado quatro anos depois, já com uma maior precisão na determinação das espécies, melhoria das embalagens das sementes e maior rapidez na sua distribuição, factores que, em conjunto, levariam a que tivesse havido uma “duplicação do número de pedidos de sementes ao Jardim Botânico da Universidade de Coimbra” (UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 2012). Citando o Professor Abílio Fernandes, “A melhoria desses serviços foi de tal natureza que, passados alguns anos, o Jardim Botânico de Coimbra encontrava-se cotado entre os 6 melhores do mundo, graças não só ao número de espécies oferecidas no *Index*, mas também ao rigor das identificações.” (FERNANDES, 1987a: 18).

Em 1959, quase exactamente a meio do período em que o Professor Abílio Fernandes dirigiu superiormente o Jardim Botânico de Coimbra (entre 1942 e 1974) –sempre com a colaboração preciosa de sua mulher, a eminente naturalista e fitotaxonomista Rosette Batarda Fernandes⁴³ (Redondo, 1.X.1916–Coimbra, 28.V.2005)–, atingiu-se o “número máximo de 2758 [ou 2748 (?)] espécies disponíveis para troca” (INDEX SEMINUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT, 1959; FERNANDES, 1991: 4; UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 2012).

³⁸ O *Index Seminum* era uma das quatro publicações periódicas do Departamento de Botânica da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, sendo as outras três o *Anuário da Sociedade Broteriana*, o *Boletim da Sociedade Broteriana* e as *Memórias da Sociedade Broteriana* (ANUÁRIO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 1988).

³⁹ Nomeadamente de acordo com o trabalho publicado pelo Professor Júlio Augusto Henriques (HENRIQUES, 1876: 44-45).

⁴⁰ É interessante notar que a publicação do *Index Seminum et Sporarum* do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra não foi interrompida por acção das duas terríveis guerras mundiais que causaram brutal destruição em quase toda a Europa: a Primeira, de 1914-1918 (na qual Portugal participou, entre 1916 e 1918), e a Segunda, ainda mais destrutiva, entre 1939 e 1945, na qual Portugal teve a felicidade de não se encontrar directamente envolvido.

⁴¹ A *Welwitschia mirabilis* J.D. Hooker, *Gard. Chron.* 1862: 71 (1862), é a única espécie da família *Welwitschiaceae* Markgraf, in A. Engler & K. Prantl, *Nat. Pflanzenfam.* 2nd ed., 13: 419 (1926), e do género *Welwitschia* J.D. Hooker, *Gard. Chron.* 1862: 71 (1862), *nom. cons.*, e um exclusivo dos desertos e suas orlas do Sul de Angola e da Namíbia, de tronco sobretudo subterrâneo e grande longevidade (pensa-se que poderá viver milhares de anos, talvez mesmo mais de 5000), que se pode encontrar ao longo de uma faixa costeira de terra (de pouco mais de 30 km de largura) entre os rios Nicolau, a Norte, em Angola (latitude ca. 14° S) e Kuiseb, a Sul de Walvis Bay, na Namíbia (latitude ca. 24° S) (WALTERS & al., 1986: 107; STEYN & SMITH, 1999: 1-2; HUXLEY & al., 1999d: 705; MABBERLEY, 2008: 907).

⁴² Pensamos que a interrupção da publicação do *Index Seminum* do Jardim Botânico de Coimbra em 1923 terá tido relação com o progressivo envelhecimento do Professor Júlio Henriques, que nessa data já tinha 85 anos, pois nascera em 1838, assim como com o desaparecimento dos seus principais colaboradores botânicos: assim, o médico e naturalista Joaquim de Mariz morreu em 1916, o colector, jardineiro e silvicultor Adolpho Frederico Moller morreu em 1920, e o colector e jardineiro Manuel Ferreira também já não estaria no activo em 1923. A Sociedade Broteriana, que o Professor Júlio Henriques fundara entre 1879 e 1882, também já não estaria nos seus melhores dias, pois a maioria dos seus sócios fundadores e outros colaboradores já teria falecido. Aliás, convém acrescentar que, por essa e por outras razões, o Professor Júlio Henriques decidira dar por terminada (com o último volume, o XXVIII, a sair em 1920) a publicação da notável revista *Boletim da Sociedade Broteriana*, que fôra por ele iniciada em 1883, e que veio a ressurgir –poucos anos depois, em 1922– numa brilhante segunda série, dirigida ainda por Júlio Henriques, mas já com a redacção assegurada pelo novo director do Jardim e Instituto Botânicos, Professor Luis Carrisso, e com a colaboração de dois outros ilustres professores: Aurélio Quintanilha e, uns anos mais tarde, o então muito jovem futuro director do Museu, Laboratório e Jardim Botânico (justamente designado “Dr Júlio Henriques”, em homenagem ao Mestre) Abílio Fernandes.

⁴³ Este extraordinário pico de 2748 espécies disponíveis para troca, atingido em 1959 (FERNANDES, 1991: 4), coincide com o período de maior qualidade e rigor das identificações específicas, sobretudo devido ao precioso contributo científico de Rosette Mercedes Saraiva Batarda Fernandes, que foi, sem dúvida alguma, uma das mais brilhantes naturalistas e fitotaxonomistas que alguma vez houve em Portugal.

Este número extraordinário de sementes acessíveis para troca –cuidadosamente identificadas– não voltou (nem voltará certamente num futuro previsível) a ser igualado ou ultrapassado!

Em 2003, uma versão muito reduzida do *Index Seminum* do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra (com apenas oito páginas) foi integrada na compilação “Índices Seminum 2003”, publicada pela Associação Ibero-Macaronésica de Jardins Botânicos / Asociación Ibero-Macaronésica de Jardines Botánicos, juntamente com mais vinte índices de sementes provenientes de toda a Península Ibérica e dos arquipélagos dos Açores, das Ilhas Baleares, das Ilhas Canárias e da Madeira (ÍNDICES SEMINUM 2003).

Este *Index Seminum et Sporarum* ainda hoje [2013] se publica –encontrando-se disponível para consulta online (na Internet), desde 1997 (UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 2012)–, tendo-se assim incrementado muitíssimo as trocas mútuas de sementes e as boas relações de amizade com os outros estabelecimentos análogos, cuja importância é sempre tão grande para o progresso harmonioso da Ciência (cf. HENRIQUES, 1876: 45).

No quadro seguinte – Tabela II, vamos apresentar uma relação dos diversos *Índices Seminum* (índices de sementes), num total de nove, que ainda hoje supomos serem publicados em Portugal (ou que eram ainda publicados em Portugal até há poucos anos) – dados provenientes sobretudo de ÍNDICES SEMINUM (2003):

<i>Index Seminum</i>	Área	Altitude	Precipitação	Ano
Jardim Botânico da Universidade de Coimbra	13.5 ha	25-90 m	962 mm	2012
Jardim Botânico da Universidade de Lisboa	4 ha	30-77 m	750,7 mm	2003
Jardim Botânico da Universidade do Porto	7 ha	75 m	1441.1 mm	2005
Instituto Superior de Agronomia ⁴⁴ [Lisboa]		60 m	697.8 mm	2003
Jardim Botânico do Faial [Horta, Açores]	6.5 ha	105-400 m	1842.7 mm	2003
Jardim Botânico da Madeira [Funchal]	8 ha	150-350 m	900 mm	2003
Jardim-Museu Agrícola Tropical [Lisboa]	7 ha	52 m	690 mm	2003
Jardim Botânico da Ajuda [Lisboa]	3.5 ha	80 m	690 mm	2003
Estação Agronómica Nacional ⁴⁵ [Oeiras]		20-50 m	690 mm	1995

Tabela II – Os índices de sementes (*Índices seminum*) portugueses recentes

O Senhor António Borges da Câmara Medeiros, ilustre mecenas da Botânica açoriano, da Ilha de São Miguel, teve para com o Jardim Botânico de Coimbra uma atitude extremamente benemerita, pois com a sua actividade notável e um grande esforço financeiro, ajudou muitíssimo nos melhoramentos do Jardim e da Mata: “Este homem delineou os trabalhos, acompanhou-os com a sua vigilância e inteligência, e por ultimo fez presente d’uma preciosa colecção de 1:898 arvores de fructo, compradas em França (...). A principal rua e atalhos que percorrem grande parte da cêrca foi delineada por elle, e o pomar bem como as margens d’essa mesma rua foram plantadas sob sua direcção pelo habil jardineiro Gabriel Douverel. Se trabalhasse para interesse proprio, não desenvolveria maior actividade o sr. Antonio Borges. O trabalho que então teve, o dinheiro que dispendeu, estão produzindo hoje os seus beneficos effeitos.” (HENRIQUES, 1876: 45).

Foi assim criada uma “collecção de videiras, nacionaes e estrangeiras, começada em 1870” e “começou-se igualmente a formação da collecção de arvores fructíferas do paiz.” (HENRIQUES, *l.c.*).

Através destas actividades, a “cêrca” do Jardim Botânico de Coimbra adquiriu então uma verdadeira utilidade: “D’este modo a cêrca, até então verdadeiramente inutil, começou a servir com proveito, senão para ensaios agricolas, ao menos para o estudo das plantas fructíferas portuguezas e estrangeiras e como eschola de aclimação, servindo mais tarde de fonte de riqueza nacional.” (HENRIQUES, 1876: 46).

⁴⁴ Index Seminum do Banco de Sementes do Departamento de Protecção de Plantas e de Fitoecologia do Instituto Superior de Agronomia (cf. INDEX SEMINUM PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT, 2003).

⁴⁵ cf. PIRES & al. (1963): *Index seminum quae Statio Agronomica Nationalis Lusitaniae pro mutua commutatione offert*; INDEX SEMINUM QUAE STATIO AGRONOMICA NATIONALIS LUSITANIAE PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT, 1995; A Estação Agronómica Nacional foi fundada em 1936, tendo sido o primeiro dos grandes laboratórios de investigação do Estado em Portugal (MOTA, 2014: 54).

Jubilado o Dr Antonino José Rodrigues Vidal, em Outubro de 1872, “o Conselho da Faculdade nomeou professor de Botânica e director do Jardim botânico o dr. Antonio de Carvalho Coutinho e Vasconcellos (Cantanhede, 29.III.1827–Coimbra, XII.1872)⁴⁶. Abonavam-n’o os seus talentos naturaes e o estudo sério e de longos annos de Flora portugueza.” (HENRIQUES, *l.c.*). Desafortunadamente, este professor, que tinha herborizado nas vizinhanças de Coimbra, Buçaco, Cantanhede e Figueira da Foz, entre outros locais, tendo legado o seu herbário ao Museu Botânico da Universidade, veio a falecer poucos meses depois, em Dezembro de 1872, aos quarenta e cinco anos (HENRIQUES, 1876: 47; RODRIGUES, 1992: 290). Deste modo, o Professor Antonio de Carvalho Coutinho e Vasconcellos foi director do Jardim Botânico de Coimbra, apenas durante dois meses, de Outubro a Dezembro de 1872, não tendo assim, evidentemente, oportunidade de deixar uma marca significativa no referido Jardim.

Pouco depois, em 17 de Janeiro de 1873, o “Conselho da Faculdade de Philosophia” encarregou o grande botânico Dr Júlio Augusto Henriques (Arco de Baulhe, 15.I.1838–Coimbra, 15.I.1928) da regência da cadeira de Botânica e da direcção do Jardim Botânico de Coimbra (cf. HENRIQUES, 1876: 48; RODRIGUES, 1992: 281), na qual se conservou durante um pouco mais de 45 anos, até à sua tardia jubilação, com oitenta anos e dois meses, em 16 de Março de 1918. Continuou ainda durante vários anos como director do Herbário de Coimbra (COI).

Júlio Henriques foi lente de Botânica entre 1872 e 1918; já tinha ensinado Botânica desde 1867 como professor substituto. Durante alguns anos foi igualmente lente de Antropologia e de Zoologia. Também ensinou, como professor substituto, Agricultura, Mineralogia e Química Inorgânica (RODRIGUES, 1992: 281). Transitou da Faculdade de Filosofia para a Faculdade de Ciências em 1911, onde –contando então já uma idade superior a setenta e três anos– ainda ensinou Botânica Especial, Botânica Geral, Ciências Biológicas, Desenho, Geografia Botânica e Matemática [!] (RODRIGUES, 1992: 281). Foi ainda Secretário da Faculdade de Filosofia (1866-1873), Presidente da Associação Filantrópico-Académica (1894-1910), Director do Museu de História Natural (Botânica) e do Museu, Laboratório e Jardim Botânicos, até 12.XI.1918 (RODRIGUES, 1992: 281, 307). Depois da sua jubilação, em 16.III.1918, já com mais de oitenta anos, ainda foi Director do Herbário e da Biblioteca do Instituto Botânico (entre 12.XI.1918 e 1922), e ainda Naturalista do Museu, Laboratório e Jardim Botânicos (1926)⁴⁷. Foi homenageado através do volume 65 de *O Instituto*, prestigiada revista de Coimbra; a Universidade também o homenageou em 29.V.1918, dia em que completou 52 anos de magistério universitário (RODRIGUES, 1992: 307).

O Doutor Júlio Henriques, como professor da Universidade e director do Jardim Botânico de Coimbra, teve um papel extraordinariamente importante no desenvolvimento da Botânica em Portugal. Fundou a *Sociedade Broteriana* (entre 1879 e 1882) –em homenagem a Brotero–, com as suas notáveis publicações (*Boletim da Sociedade Broteriana*, cuja publicação foi iniciada em 1883, entre outras) e também o *Index Seminum* de Coimbra, em 1868 (HENRIQUES, 1876).

Este insigne botânico, que chegou a ser justamente cognominado como o “Lineu Português”, foi sócio efectivo do Instituto de Coimbra desde 18.IV.1863 e deixou uma obra vastíssima, incluindo trabalhos monográficos, traduções e, sobretudo, numerosos artigos científicos publicados em revistas como o *Boletim da Sociedade Broteriana*, *Jornal de Horticultura Prática*, *Portugal Agrícola* e *Revista Agronómica*, entre outras (RODRIGUES, 1992: 281).

Júlio Henriques organizou o Herbário e o Museu Botânico, tendo promovido a aquisição do riquíssimo herbário do Professor Heinrich Moritz Willkomm (1821-1895), botânico saxão que foi professor na Universidade de Praga e estudou, entre outras coisas, a flora da Península Ibérica e das Ilhas Baleares (LIAÑO & MUNÓZ GARMENDIA, 1990: 817).

⁴⁶ O Dr Antonio de Carvalho Coutinho e Vasconcellos nasceu em Cantanhede em 29.III.1827. Para além de uma ilustre carreira académica, foi também Governador Civil interino de Coimbra em 1871, assim como sócio efectivo do Instituto de Coimbra (RODRIGUES, 1992: 290-291).

⁴⁷ Este ilustre professor e investigador deslocou-se ao Arquipélago de São Tomé e Príncipe em 1903 (já com 65 anos), para estudar a sua flora e economia agrícola, e foi Vice-Presidente da Sociedade Internacional de Agricultura Colonial, assim como sócio da Academia das Ciências de Lisboa, da Sociedade de Geografia de Lisboa, da Sociedade Farmacêutica Lusitana, da Société Botanique de France, da Academia Internacional de Geografia Botânica, da Société d’Horticulture de France, da Royal Horticulture Society, da Sociedade Botânica Alemã e do Instituto de Coimbra (RODRIGUES, 1992: 282). Também estudou a flora da Bacia fluvial do rio Mondego, assim como a flora e a vegetação das serras da Estrela, do Marão (HENRIQUES, 1885), do Caramulo (HENRIQUES, 1886) e do maciço da Gralheira (HENRIQUES, 2001), entre muitas outras coisas.

O Professor Luís Carrisso (director do Jardim entre 1918 e 1937) continuou a obra notável de Júlio Henriques no Jardim Botânico, tendo conseguido “obter mais espaço para o público e oferecer-lhe mais comodidades, mediante a instalação de bancos no locais mais aprazíveis; plantou numerosas árvores, entre as quais se destacam as Coníferas que constituem uma cortina paralela ao gradeamento que margina a Avenida Júlio Henriques e o muro que delimita o Jardim do lado da rua Vandelli⁴⁸; remodelou as Escolas Sistemáticas; providenciou para que as plantas fossem convenientemente identificadas e etiquetadas, mencionando as etiquetas os nomes científicos e vulgares, bem como a distribuição geográfica; instalou aquecimento em metade da estufa grande, onde passou a cultivar um maior número de plantas exóticas; adaptou a chamada estufa pequena à cultura da sempre admirada *Victoria amazonica* (Poeppig) Sowerby, único local em que esta planta se encontra em Portugal; instalou viveiros; tentou resolver o problema da erosão dos solos da mata, onde mandou proceder à plantação de árvores e outra de Bambús; instalou a Escola das Monocotiledóneas; etc.” (FERNANDES, 1987a: 18).

Ao Professor Luís Carrisso (nascido na Figueira da Foz, em 14.II.1886) –director do Jardim Botânico de Coimbra entre 1918 e 1937, até à data da sua morte prematura, em 6.VI.1937, no deserto do Namibe, no Sul de Angola–, sucedeu como director, o Professor catedrático de Astronomia, Cristalografia, Geodesia, Mecânica, Mineralogia, e Petrologia, José Custódio de Morais (Marinha Grande, 9.III.1890–Coimbra, 31.III.1985). Este ilustre professor, contudo, apenas se limitava a assinar os documentos oficiais, confirmando assim as decisões do Professor Abílio Fernandes –que era o verdadeiro especialista em Botânica e nos assuntos do Jardim–, não podendo, no entanto, ser oficialmente o director do Jardim Botânico –pois a lei da época não lho permitia–, por ser então professor contratado (QUINTANILHA, 1980: LXXXIII-LXXXIV).

Desde a sua fundação, e até aos dias de hoje, o Jardim Botânico de Coimbra tem sido sempre um dos principais centros de introdução de plantas exóticas em Portugal: plantas úteis, plantas decorativas ou, nalguns casos, até plantas invasoras ou prejudiciais.

O grande número de espécies, subespécies, variedades e formas de plantas que nele têm sido cultivadas –e, por vezes, também naturalizadas ou subespontâneas–, superior a quatro mil (ainda no *Index Seminum* de 2011 eram indicadas, como “cultivated taxa: about 3500”), pode parecer surpreendente para os cerca de 13,5 hectares que constituem a área do Jardim Botânico de Coimbra, mas, de acordo com a excelente enciclopédia on-line *Wikipedia*⁴⁹, no Jardim Botânico da Universidade de Oxford –o jardim botânico mais antigo da Grã-Bretanha e um dos mais antigos do mundo– numa área de apenas 1,8 hectares (ou quatro acres e meio⁵⁰) são actualmente cultivadas mais de 8000 espécies diferentes de plantas, incluindo representantes de mais de 90 % das famílias de plantas vasculares.

Se considerarmos a presença de 3500 taxa de plantas vasculares cultivados numa área de 13,5 hectares = 135000 m² = 0,135 km², obtemos, para o Jardim Botânico de Coimbra, uma densidade de 259,26 taxa/hectare = 0,025926 taxa/m² = 25926 taxa/km², enquanto que para o provavelmente recordista mundial Jardim Botânico da Universidade de Oxford, a densidade é superior a 4444 espécies de plantas/hectare = 0,4444 espécies/m² = 444444/km²⁵¹.

O Jardim Botânico de Coimbra, para além de ser um dos mais antigos do País, é também um dos mais interessantes de um ponto de vista arquitectónico e paisagístico. A sua localização é extraordinária, pois este espaço verde com cerca de 13,5 hectares situa-se no centro da cidade de Coimbra, entre a Alta e a Baixa, entre o rio Mondego e a colina da Universidade de Coimbra.

O seu interesse artístico e histórico é evidente, incluindo mesmo um complexo sistema de canalizações e capelas dos antigos frades Crúzios (monges do mosteiro de Santa Cruz) ou Cónegos Regrantes de Santo Agostinho –que tiveram um papel tão importante na fundação e desenvolvimento da mais antiga universidade portuguesa.

⁴⁸ O chamado “Terraço das Gimnospérmicas” ou “Terraço das Coníferas”, uma longa plataforma arrelvada, que se situa na parte superior do Jardim, a uma altitude de cerca de 85 m acima do nível do mar.

⁴⁹ http://en.wikipedia.org/wiki/Oxford_Botanic_Garden, informação consultada em 9 de Outubro de 2011.

⁵⁰ Um acre é uma antiga medida agrária de área ou superfície, cujo valor varia de país para país. Em França o seu valor é de cerca de 52 ares = 0,52 hectares (LAROUSSE, 1998: 37).

⁵¹ Se se pudesse manter indefinidamente a densidade de espécies de plantas vasculares cultivadas no Jardim Botânico da Universidade de Oxford (quase uma espécie por cada dois m²), seria teoricamente possível cultivar a totalidade das espécies de plantas superiores que existem no Mundo neste jardim, se a sua área se expandisse até um pouco menos que 1 km².

Citando SANT'ANNA DIONÍSIO, no seu precioso *Guia de Portugal* (III Beira, I. Beira Litoral, 1984: 298), o Jardim Botânico, “admiravelmente traçado, à maneira italiana, com escadarias, patamares, alamedas frondosas e cercado do lado do Aqueduto, da Alameda Júlio Henriques e do Jardim Escola, por um gradeamento monumental, de ferro e bronze. É ao mesmo tempo um precioso campo de estudo e investigação científica e um recinto repousante, para desprevenido passeio.” Continuando a citar o mesmo *Guia* (op. cit.: 299), segundo o visitante francês Oliver MERSON: “Este jardim faria a glória e o orgulho da mais ativa das nossas cidades de França”. De acordo com o ilustre botânico Robert CHODAT, “É não somente uma colecção de plantas ao ar livre, mas a sua situação, os seus terraços à italiana, os seus muros invadidos pelas ervas do acaso (herbes folles)⁵² e as trepadeiras fazem dele um retiro tão delicioso que esquecemos quase o fim da nossa visita. A doçura do clima e a humidade suficiente permitiram associar aqui numa curiosa mistura as plantas da Europa central ou oriental aos vegetais dos países subtropicais” (SANT'ANNA DIONÍSIO, *Guia de Portugal* III (I): 299, 1984).

Continuando a citar o mesmo autor, eloquente: “Percorrendo o Jardim, logo se nota que o acidentado do terreno favoreceu muito o bom gosto do talhe dos socacos e arruamentos, todos gradeados, dos quais resultam as mais gratas perspectivas.” (SANT'ANNA DIONÍSIO, *Guia de Portugal* III (I): 301, 1984). Este autor refere ainda um “pujante trecho de vegetação tropical: fetos arbóreos e palmeiras do Brasil, África e Índia”, assim como as estufas, “que seria indesculpável deixar de visitar”, incluindo naturalmente a pequena estufa privativa da “curiosíssima e aquática *⁵³ *Victoria regia*⁵⁴, oriunda da região do Amazonas” (SANT'ANNA DIONÍSIO, loc. cit.).

BORGES DE FIGUEIREDO (1886: 308) refere-se a este extraordinário jardim como “formoso Eden”, de onde contemplou o rio Mondego, descansou junto do lago (do Quadrado Central) e observou diversas árvores interessantes, entre as quais a árvore do ponto⁵⁵ ou tulipeiro da Virgínia, assim como uma “gigantesca magnolia plantada em 1804 pelo proprio Brotero, ao qual se vae elevar uma estatua no jardim”.

Também o Professor Pedro Dias, um ilustre historiador da Universidade de Coimbra, afirmou que o Jardim Botânico de Coimbra é “um dos mais belos e mais ricos em espécies exóticas de todo o Mundo.” (DIAS, 1983: 169).

Outro autor ilustre que fez uma breve mas eloquente descrição do Jardim Botânico de Coimbra foi o Professor, engenheiro e urbanista Manuel Leal da Costa Lobo (1929–2013): “De pequena dimensão mas de rara beleza, aproveitando bem as condições topográficas, o grande alcantilado até ao Rio, com Santa Clara defronte e o jardim francês, no espaço central, de que parte o eixo marcado pela memória ao Prof. Luís W. Carriso e a Avelar Brotero, grandes impulsionadores do Jardim Botânico e da sua valorização científica.” (COSTA LOBO, 1995 : 215).

As plantas que foram noutros tempos cultivadas no Jardim podem já não estar na actualidade presentes fisicamente, mas, de alguma forma, deixaram o seu espírito. E, por vezes, também as suas sementes, podendo essas mesmas plantas ressurgir inesperadamente, ao fim de vários anos de dormência⁵⁶.

⁵² Entre as “ervas do acaso” presentes nos muros (e não só) é mais do que justo citar: 1) o raríssimo *Verbascum levanticum* I.K. Ferguson (*Scrophulariaceae*), que na Europa só se encontra (sub)espontâneo em Portugal, e em Portugal só é actualmente conhecido do Jardim Botânico, Aqueduto de S. Sebastião e um ou outro local vizinho (cf. BENEDÍ in CASTROVIEJO (coord.), *Flora iberica* XIII: 67-68, 2009); 2) o belíssimo *Antirrhinum linkianum* Boissier & Reuter, um endemismo quase exclusivo de Portugal (cf. Güemes in CASTROVIEJO (coord.), *Flora iberica* XIII: 161-162, 2009); 3) a pequena e rara *Micromeria juliana* (L.) Reichenbach; 4) *Centranthus ruber* (L.) Dufr. [= *Valeriana rubra* L. (basion.)], nas suas duas belíssimas formas *rubra* e *albiflora*; 5) o interessante pepino de S. Gregório [*Ecballium elaterium* (L.) A. Rich = *Momordica elaterium* L. (basion.)] (*Cucurbitaceae*), cujos frutos são conhecidos por expelir as sementes, assim se disseminando; 6) a rara espécie exótica *Aristolochia sempervirens* L. (*Aristolochiaceae*), originária do Mediterrâneo oriental (ALMEIDA, 1999a), entre diversas outras espécies.

⁵³ A presença de um asterisco indica o carácter notável do objecto referido.

⁵⁴ A conhecida *Victoria* que tem sido cultivada na Estufa Pequena do Jardim Botânico é actualmente designada por *Victoria amazonica* (Poeppig) Sowerby, tendo sido também recentemente cultivada no Jardim Botânico a sua congénere *Victoria cruziana* Orb. (todas pertencentes à família de plantas aquáticas *Nymphaeaceae*).

⁵⁵ A explicação para este curioso nome vernáculo atribuído ao *Liriodendron tulipifera* L. (*Magnoliaceae*) é a seguinte: “tal é o nome que os estudantes dão ao tulipeiro da Virgínia, porque elle floresce na epocha em que se fecham as primeiras aulas na Universidade” (BORGES DE FIGUEIREDO, 1886: 308).

⁵⁶ É por exemplo o caso da *Cymbalaria aequitriloba* (Viviani) A. Cheval. = *Antirrhinum aequitrilobum* Viviani [basion.] = *Linaria aequitriloba* (Viviani) Sprengel, que já aconteceu desaparecer durante cerca de vinte anos (entre 1992 e 2010/2011) voltando depois a ser observada subespontânea no mesmo local, onde a fotografámos.

Dos 13,5 hectares de área total do Jardim Botânico de Coimbra, 9 hectares (exactamente dois terços) correspondem à Mata, um *arboretum* (actualmente, parcialmente fechado ao público) que constitui a porção menos elevada e mais acidentada do Jardim. Na mata predominam as árvores exóticas, constituindo uma vegetação bastante densa, incluindo uma notável plantação de bambus (bambusal), um pomar de árvores de fruto e ainda uma colecção de cerca de cinquenta espécies de eucaliptos (*Eucalyptus sp. pl.*)⁵⁷ [51 espécies, de acordo com a enciclopédia online WIKIPEDIA⁵⁸], para além da Estufa Fria do Jardim (na qual se encontra uma notável estátua da Botânica), de um pomar de árvores de fruto e de uma encosta povoada sobretudo por Monocotiledóneas (TAVARES & al., *Plantas Aromáticas e Medicinais – Escola Médica do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra*: 11, 2008).

A porção mais elevada do Jardim, cerca de 4,5 hectares, inclui o Instituto Botânico e suas dependências, tais como os viveiros e diversas estufas, assim como a parte do Jardim mais antiga e elaborada, que está maioritariamente aberta ao público. Nesta área mais clássica e visitável do Jardim incluem-se as Escolas de Sistemática, a Escola Médica⁵⁹, as colecções de Palmeiras⁶⁰ (concentradas sobretudo no “Recanto Tropical”), de Cicadáceas, de Gimnospermicas, o Corredor ou Alameda das Tílias, a Alameda de S. Bento, as estátuas de Brotero e de Júlio Henriques, diversos tanques e fontes com vegetação aquática, e ainda o Quadrado Central (com o seu fontanário) – que é considerado o terraço mais antigo e o “berço” do Jardim (TAVARES & al., *loc. cit.*).

A Alameda das Tílias ou Rua das Tílias, justamente celebrada pelos poetas⁶¹, na Primavera e no Verão parece uma verdadeira catedral verde, com três naves bem definidas. No Outono a folhagem das tílias torna-se amarelada e acastanhada, caindo aos poucos e sendo bafejada pelo vento. No Inverno, as folhas já caíram mas os polipódios, os umbílicos e os musgos epifíticos mantêm-se verdes, regados pela precipitação vernal.

Citando a excelente prosa de Costa Ramalho: “Mas, o que torna o Jardim Botânico o mais apetecido passeio de Coimbra, é a sua poética «Rua das Tílias», tão agradável de amenidade nas tardes encalmecidas, quão graciosa e perfumada nas manhãs esplendentes de oiro e azul dos alvoreceres da Primavera.” (COSTA RAMALHO, 1936: 42).

O Quadrado Central constitui o núcleo primordial do Jardim Botânico de Coimbra, onde se situa o Fontanário central (do tempo do Professor Abílio Fernandes, c. 1950, no contexto das obras da Cidade Universitária, da responsabilidade da CAPOCUC, Comissão Administrativa do Plano de Obras da Cidade Universitária de Coimbra), onde se encontram as três árvores mais antigas –ainda do tempo do grande mestre Brotero– e onde, em 1994, foram libertados os esquilos vulgares eurasiáticos *Sciurus vulgaris* L.⁶² (1758) a fim

⁵⁷ Ao todo, e ao longo do tempo –de acordo com os registos disponíveis–, foram cultivadas no Jardim Botânico 53 espécies de eucaliptos, actualmente divididas pelos géneros *Corymbia* K. Hill & L. Johnson (cf. MABBERLEY, 2008: 220-221) e *Eucalyptus* L'Hérit.

⁵⁸ http://en.wikipedia.org/wiki/Botanical_Garden_of_the_University_of_Coimbra [Acesso em 06.IX.2013].

⁵⁹ A “Escola Médica” foi a primitiva razão de ser do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra. Quando foi decidida e ordenada a sua edificação, pelo Marquês de Pombal, o seu principal objectivo era o cultivo das plantas medicinais mais importantes, que constituíam nesse tempo (terceiro quartel do século XVIII) elementos absolutamente indispensáveis ao estudo e à prática da Medicina, sendo necessário aos estudantes adquirir sólidos conhecimentos de Botânica. Com o tempo, e particularmente a partir de meados do século XX, quando deixou de existir na licenciatura de Medicina a disciplina de Botânica Médica, os trinta canteiros que formavam a “Escola Médica” do Jardim Botânico começaram a ser ocupados por diversas outras plantas, não necessariamente conhecidas pelas suas propriedades medicinais, para as quais o espaço faltava nos canteiros das chamadas “Escolas de Sistemática”! (R.B. FERNANDES, comunicação pessoal, c. 1999).

⁶⁰ Inclui-se por exemplo nesta colecção de palmeiras que constitui uma parte do chamado «Recanto Tropical» a famosa *Jubaea chilensis* (Molina) Baillon [= *Palma chilensis* Molina (basónimo)], a palmeira do Chile [infelizmente o exemplar de grande porte que vivia no Jardim faleceu em 2012-2013, vitimado pelo temível coleóptero da família dos curculionídeos *Rhynchophorus ferrugineus* (Olivier, 1790), o “escaravelho das palmeiras”], que representa um precioso endemismo sul-americano, exclusivo do Chile, onde é raríssima e se encontra ameaçada de extinção (BEDINI, 2007: 9; TAVARES, 2011: 23-24).

⁶¹ A CATEDRAL VERDE: Três naves / O tecto é um vitral / Um mosaico de folhas e ramos / No azul do céu / O cinzento das nuvens/ Por momentos, eu sou o bispo / Atravessando a nave central. Coimbra, Abril de 2002 (poema inédito do autor deste trabalho).

⁶² A meio do ano de 1994, em Junho, foram libertados seis casais de esquilos castanhos europeus (*Sciurus vulgaris* L.), que parecem ter conseguido adaptar-se e reproduzir-se bem no Jardim Botânico de Coimbra, persistindo durante muitos anos. Em 2011, porém, a população de esquilos parecia já estar bastante reduzida, possivelmente devido ao ataque de alguns predadores. Efectivamente, no final da década de 2001 a 2010, instalou-se no Jardim uma notável população de gatos assilvestrados, que chegou a incluir mais de uma dúzia de indivíduos. Também em 2011, foi possível observar a existência de coelhos no interior do Jardim Botânico de Coimbra. Infelizmente, também entraram diversos cães abandonados, que atacaram ferozmente os gatos e outros animais no interior do Jardim, levando à destruição e/ou fuga da população felina. A matilha de cães, alguns bastante grandes, e atingindo sete indivíduos, tornou-se também ameaçadora para os visitantes e

de repovoar o Jardim Botânico de Coimbra e a sua Mata. O Quadrado Central, embora seja o verdadeiro coração do Jardim, é também a porta da entrada para a Mata, dando acesso à Estufa Fria onde se encontra a estátua desnuda da Flora que personifica a Botânica, e à capela de Santo Ilídio com o seu pequeno fontanário e as suas fileiras de vasos de narcisos⁶³ (actualmente arruinada).

No lago do centro do Quadrado Central, colocou-se “uma estátua – e respectivo pedestal”. Este projecto, aprovado em 1945 pelo Professor Abílio Fernandes, “só seria totalmente concretizado em Abril de 1949, com a colocação da fonte monumental, em pedra de Outil, sobre o tanque já existente”; o desenho da fonte terá sido elaborado pelo arquitecto Álvaro da Fonseca (BRITES, s/data: 60).

Para além do Fontanário do Quadrado Central ou Quadrado Grande, também a Estufa Fria, com o seu ribeiro artificial e a sua estátua da Flora, assim como a remodelação das outras estufas, o arranjo das escadarias e dos muros do Jardim, a ponte de acesso à Mata e à Estufa Fria a partir do Quadrado Central, o ajardinamento de uma grande parte da Mata, o melhoramento dos Viveiros, a construção de instalações para os jornaleiros, casas para terras, adubos, vasos, etc., a introdução em cultura de numerosas espécies vegetais, assim como as esculturas de homenagem aos grandes directores do Jardim Botânico Júlio Henriques e Luís Carrisso são da responsabilidade do Professor Abílio Fernandes, nos tempos criativos e empolgantes das obras da Cidade Universitária, dirigidas pela CAPOCUC, já acima referida, entre 1945 e 1950 (BARROS NEVES, 1980: XXVIII; FERNANDES, 1989: 8; BRITES, s/data: 58-60).

Em 1945, arrancou a remodelação do Quadrado Central e a construção da Estufa Fria. Esta estufa, foi idealizada por Cottinelli Telmo, –que foi o arquitecto chefe da CAPOCUC entre os anos de 1941 e 1948– assim como seis bancos de pedra “duplos sem costas ao redor da estátua de Brotero e vinte e oito simples pelo restante Jardim. A este número se juntou uma encomenda de cinquenta bancos com régua de madeira e, em 1951, o fornecimento de mais doze bancos de pedra iguais aos existentes” (BRITES, s/data: 58).

As «Obras de arranjo e aformoseamento, como as definiu a CAPOCUC, centraram-se, essencialmente, no que diz respeito ao Jardim, entre 1944 e 1950. Principiaram com a instalação de

De acordo com TAVARES (2011), a maior, mais antiga e mais visível das estufas do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, habitualmente designada como “Estufa Grande” é, na realidade, constituída por três estufas autónomas, com características e finalidades diferentes:

A primeira estufa é a “Estufa tropical”, que possui no centro um lago artificial, mais intensamente aquecida, onde se cultivam diversas plantas tropicais, incluindo, entre muitas outras, várias árvores e arbustos: *Cycas thouarsii* R. Brown (*Cycadaceae*), uma cicadácea natural da grande ilha de Madagáscar; *Chamaedorea elatior* Martius (*Arecaceae* ou *Palmae*), a “palmeira-bambu”; *Carludovica palmata* Ruiz & Pavón (*Cyclanthaceae*), planta arbustiva muito semelhante a uma pequena palmeira; os três cafeeiros *Coffea arabica* L.⁶⁴, *Coffea liberica* W. Bull ex Hiern e *Coffea canephora* Pierre ex A. Froehner [syn.: *Coffea robusta* L. Linden] (*Rubiaceae*); a figueira africana *Ficus lyrata* Warburg (*Moraceae*); *Paullinia cupana* Kunth, o conhecido guaraná ou guaranazeiro (*Sapindaceae*); diversas orquídeas (*Orchidaceae*) e nepentes tropicais (*Nepenthes* sp. pl., *Nepenthaceae*).

funcionários do Jardim, até que, com uma acção corajosa e decidida, o Senhor Arménio Matos conseguiu afugentá-los do Jardim (MATOS, comunicação pessoal).

⁶³ O Professor Abílio Fernandes (1906-1994), licenciado aos 21 anos (18.X.1927), doutor aos 25 (17.XII.1931) professor auxiliar a partir de 1934 (RODRIGUES, 1992: 304) e professor catedrático aos 36 (a partir de 1942) –dirigindo já, em termos práticos, o Jardim Botânico de Coimbra desde a ausência africana e a morte prematura de Luís Carrisso em 1937, embora entre 1937 e 1942 o responsável máximo pelo Jardim fosse, teoricamente, o Professor de Mineralogia José Custódio de Moraes [nascido na Marinha Grande, 9.III.1890–Coimbra, 31.III.1985], que, porém, se limitava a assinar os documentos oficiais, confirmando assim as decisões do Professor Abílio Fernandes (QUINTANILHA, 1980: LXXXIII-LXXXIV)–, foi, no seu tempo, o maior especialista em narcisos (género *Narcissus* L., da família *Amaryllidaceae*), a nível mundial. Sob a sua orientação, foram cultivadas no Jardim Botânico de Coimbra dezenas de espécies, subespécies, variedades e híbridos de narcisos, muitas delas espontâneas no nosso País. O Professor Abílio Fernandes estudou afincadamente, durante toda a sua longa carreira científica (de quase setenta anos), a cariólogia e a morfologia de quase todos os taxa conhecidos do género *Narcissus* L., estudando os seus cromossomas e introduzindo a citotaxonomia em Portugal. Entre outros prémios, foi galardoado com a “William Herbert Medal for 1942”, da *American Amaryllis Society*, em 1942; com a “Golden Medal of the American Daffodil Society”, em 1963; e com o *Prix OPTIMA 1977*, da Organização para a Investigação Fito-Taxonómica da Área Mediterrânica [OPTIMA], em 1977: “La Médaille d’or d’OPTIMA a été attribué par le Comité International au Professeur Abílio Fernandes, en reconnaissance de sa contribution éminente à la phytotaxonomie méditerranéenne et, en particulier, de son oeuvre de pionier sur la cytotaxonomie de la région, surtout sur le genre *Narcissus*” (cf. BARROS NEVES, 1980: XX; Informateur OPTIMA n.º 6, 1978, Genève).

⁶⁴ A *Coffea arabica* L. é uma das plantas mais utilizadas pelo Homem. O seu princípio activo, a cafeína, é a trimetilxantina e possui propriedades estimulantes do sistema nervoso central (TOSCANO RICO, 2011: 16).

A segunda estufa, a de maiores dimensões, que possui um minúsculo lago artificial no centro, é a “Estufa subtropical”, um pouco menos intensamente aquecida que a primeira, onde se cultivam, por exemplo: a anona, *Anona cherimola* Miller (*Annonaceae*), cujos frutos são comestíveis; a palmeira *Caryota urens* L.⁶⁵ (*Areaceae*); a *Dillenia indica* L. (*Dilleniaceae*); o abacateiro ou pera-abacate, de frutos comestíveis e que também se usa, por vezes, em infusões, *Persea americana* Miller (*Lauraceae*), a *Cola acuminata* (P. Beauvois) Schott & Endlicher⁶⁶ (*Malvaceae*), tão famosa pelo seu emprego nos xaropes e refrigerantes conhecidos por “colas”; a *Pachira glabra* Pasq. (syn.: *Bombacopsis glabra* (Pasq.) A. Robyns = *Bombax glabrum* (Pasq.) A. Robyns), por vezes designada como “amendoeira do Brasil” ou “amendoim francês”, “árvore da sorte”, árvore do dinheiro” ou ainda “castanha do Maranhão”, cujas sementes são comestíveis (*Malvaceae*).

A terceira estufa é a “Estufa temperada”, ainda menos intensamente aquecida que as duas anteriores, onde se cultivam diversas plantas das regiões temperadas: os fetos arbóreos *Sphaeropteris cooperi* (Hooker ex F. Mueller) R.M. Tryon [syn.: *Alsophila cooperi* Hooker ex F. Mueller = *Cyathea cooperi* (Hooker ex F. Mueller) Domin] (*Cyatheaceae*), *Cibotium glaucum* (Smith) Hooker & Arnott (syn.: *Dicksonia glauca* Smith) e *Dicksonia sellowiana* Hooker (*Dicksoniaceae*); espécies ornamentais como por exemplo a pequena árvore *Brunfelsia pauciflora* (Chamisso & Schlechtendal) Benth (syn.: *Solanaceae*), também conhecida pelo curioso nome popular “ontem-hoje-e-amanhã” (TAVARES, 2011: 48), cujas flores podem apresentar três cores simultaneamente⁶⁷; as curiosas insectívoras *Dionaea muscipula* Solander ex J. Ellis (endemismo exclusivo dos estados orientais [da costa atlântica] da América do Norte), as cinco espécies insectívoras portuguesas *Drosera intermedia* Hayne e *Drosera rotundifolia* L. (*Droseraceae*), *Drosophyllum lusitanicum* (L.) Link (*Drosophyllaceae*), *Pinguicula lusitanica* L. e *Pinguicula vulgaris* L. (*Lentibulariaceae*), a última das quais muito rara em Portugal, onde ocorre exclusivamente na Serra do Gerês; entre muitas outras.

Junto à “Estufa Grande”, encontra-se um magnífico exemplar de *Ficus macrophylla* Desfontaines ex Persoon, de grande porte e grande diâmetro, incluindo diversas raízes aéreas e chegado mesmo a “abraçar” outras árvores (uma antiga palmeira vizinha terá sido asfixiada pela referida figueira monumental, muito apreciada pelos visitantes do Jardim): “There is a notable specimen of *Ficus macrophylla* sprawling on steps” (WIKIPEDIA)⁶⁸. Esta árvore monumental⁶⁹ –também conhecida pela designação de *Ficus magnolioides* Borzi– terá sido plantada pelo jardineiro Francisco Cabral, em 1877 (QUEIRÓS, 1982: 56), sob a direcção do então director do Jardim Botânico de Coimbra, o Professor Júlio Henriques.

Esta estufa tripla, a Estufa Grande, foi construída em 1856, segundo um projecto do engenheiro Pizarat, podendo considerar-se um dos mais antigos edifícios da arquitectura do ferro em Portugal (TAVARES, 2011: 42), sendo dos poucos dessa época actualmente existentes e ainda em uso! A sua arquitectura original e ousada, baseando-se no ferro e no vidro, causou uma grande impressão na época. A estrutura metálica foi construída no Instituto Industrial de Lisboa e na Fundação de Massarelos, no Porto, tendo o seu transporte sido efectuado de barco, pelo oceano e por via fluvial, subindo o rio Mondego, da Figueira da Foz até Coimbra! (TAVARES, 2011: 42). O seu projecto terá sido inspirado nas estufas das palmeiras (“*Palm house*”) dos famosos Jardins Botânicos de Kew, nos arredores de Londres (TAVARES, l.c.).

⁶⁵ Esta palmeira (*Caryota urens* L.) pode atingir grandes dimensões, crescendo vários metros em altura. Por esse facto foi cortada há alguns anos (ca. 2007-2008), pois começava a sair pelo telhado da Estufa Grande (corpo central, o mais elevado) para o exterior, ameaçando a estabilidade do telhado de ferro e vidro da Estufa Grande subtropical. No local onde se encontrava a palmeira foi colocado um vaso com um exemplar jovem da mesma espécie tropical.

⁶⁶ A *Cola acuminata* (P. Beauvois) Schott & Endlicher, também conhecida como “noz de cola”, usada em África, é outra planta que contém cafeína, possuindo assim propriedades estimulantes do sistema nervoso central. Diversas outras plantas que contém cafeína, como por exemplo a *Camellia sinensis* (L.) Kuntze = *Thea sinensis* L. (chá, chá-preto, chá-verde), muito comum no Oriente, os cafeeiros (*Coffea* sp. pl.), o *Ilex paraguayensis* A. St. Hill. (chá-mate, chá-mate da Patagónia, erva-mate), na América do Sul, são utilizadas em várias latitudes (TOSCANO RICO, 2011: 16).

⁶⁷ Esse fenómeno peculiar, de uma planta exibir ao mesmo tempo flores de três cores ou tonalidades diferentes, não é exclusivo da *Brunfelsia pauciflora* (Chamisso & Schlechtendal) Benth (syn.: *Solanaceae*). Outras plantas arbustivas ou herbáceas, como por exemplo as espécies exóticas já actualmente naturalizadas entre nós *Lantana Camara* L. (*Verbenaceae*) e *Mirabilis Jalapa* L. (*Nyctaginaceae*), também manifestam essa interessante particularidade.

⁶⁸ http://en.wikipedia.org/wiki/Botanical_Garden_of_the_University_of_Coimbra [Acesso em 06.IX.2013].

Outro exemplar notável desta espécie de *Ficus* de grandes dimensões pode encontrar-se na Mata, não muito longe do portão que dá acesso à Mata a partir do Quadrado Central e da antiga Casinha dos Narcisos do Professor Abílio Fernandes, actualmente renovada e reutilizada para outros fins.

⁶⁹ Este endemismo australiano é uma árvore ornamental exótica de grande diâmetro e grande porte, raramente cultivada em Portugal; foi muito afectada pela grande vaga de frio de inverno de 1890 (Henriques, 1891: 133). Em Palermo, esta árvore monumental é frequente, formando talvez um só clone, propagado vegetativamente, constituindo uma floresta fragmentada, saltando de jardim para jardim, de parque para parque e de praça para praça (FRATUS, 2012; GREUTER, 2013) – esse fenómeno também se verifica um pouco em Coimbra (onde também existe por exemplo na Quinta das Lágrimas).

Citando BORGES DE FIGUEIREDO (1886: 308) «A grande estufa, de setenta e dois metros de comprido, e composta de tres corpos muito bem proporcionados, é elegante e magnifica. Contém collecções riquissimas, não só em arvores tropicaes, como em arbustos e plantas de folhagem luxuriante, de flores que encantam pela fôrma, pela cor e pelo perfume.».

No tempo em que o Professor Júlio Henriques começou a dirigir o Jardim Botânico de Coimbra, a Estrufa Grande tinha características e funções consideravelmente diferentes das actuais (cf. TAVARES, 2011):

«Na grande estufa o corpo central (E) serve como estufa fria e contém as plantas gordas, algumas palmeiras, a *Strelitzia augusta* [actualmente denominada *Strelitzia alba* (L. f.) Skeels, da família *Strelitziaceae*], um bello exemplar de *Pandanus utilis* [*Pandanaceae*] e algumas plantas, que, apesar de poderem ser cultivadas ao ar livre, ahi melhor se desenvolvem e fructificam.

Um dos corpos lateraes (E¹) serve de estufa quente, apesar de ser aquecida deficientemente. Contém uma collecção bastante numerosa de *palmeiras* e *Aroideas*.

O outro corpo funciona como estufa temperada e nelle se faz grande parte da sementeira de plantas mais delicadas.» (HENRIQUES, 1876: 51).

A Estufa Grande deverá ser profundamente renovada a partir de 2014, pois, nas palavras do actual director do Jardim Botânico de Coimbra, o Professor Paulo Trincão: «a mudança mais importante será a readaptação da estufa grande. Uma estufa de 1856, das primeiras obras em ferro em Portugal, que vai ser totalmente remodelada, com um projeto de grande qualidade do arquiteto João Mendes Ribeiro» (TRINCÃO cit. por MACÁRIO, 2013a).

Ao lado da Estufa Grande, situa-se uma outra estufa –a Estufa da *Victoria amazonica*/*Victoria cruziana* ou, mais simplesmente, “Estufa da Vitória”–, de muito menores dimensões, que possui um lago artificial, no qual se cultivam diversas plantas aquáticas (cf. TAVARES, 2011). As mais notáveis são, como a própria designação da estufa indica, os nenúfares gigantes *Victoria amazonica* (Poeppig) Sowerby e *Victoria cruziana* Orb. (*Nymphaeaceae*). Nela são cultivadas, contudo, numerosas outras espécies, entre as quais se podem destacar o medicinal (Rozema & al. 2012) lótus: *Nelumbo nucifera* L. (*Nelumbonaceae*); a *Euryale ferox* Salisbury (*Nymphaeaceae*), os ananases (*Ananas comosus* (L.) Merrill, *Bromelia* sp. pl.), a *Maranta leuconeura* E. Morren (*Marantaceae*) e diversas begónias: *Begonia* sp. pl. (*Begoniaceae*). Outra planta aquática que se encontra presente no pequeno “lago” ou tanque central desta estufa é a diminuta *Lemna minor* L. (*Lemnaceae*), uma planta aquática de reduzidas dimensões espontânea e bastante comum em Portugal, em tanques e noutros locais com águas paradas, ácidas e algo eutróficas (TALAVERA, 1987a: 212).

Outrora, no local onde se situa actualmente a Estufa da Vitória, existiam duas pequenas estufas rectangulares paralelas, outrora designadas por E^{III} e E^{IV}:

«Numa pequena estufa (E^{III}) são cultivadas as *Orchideas*, e algumas outras plantas, entre as quaes se encontra o *Desmodium girans* [(L. f.) DC. = *Hedysarum gyrans* L. f. = *Codariocalyx gyrans* (L. f.) Hasskarl, actualmente denominado *Codariocalyx motorius* (Houttuyn) Ohashi = *Hedysarum motorium* Houttuyn (basiónimo), da família *Fabaceae* ou *Leguminosae*], notavel por seus movimentos.

Na estufa immediata (E^{IV}) faz-se a multiplicação e cultivam-se ainda algumas plantas, que exigem temperatura elevada. Está ahi a *Ouvirandra fenestrata* [cujo nome correcto actual será *Aponogeton madagascariensis* (Mirbel) Bruggen, da família *Aponogetonaceae*], curiosissima planta de Madagascar.» (HENRIQUES, 1876: 51).

A curta distância das estufas aquecidas, fechadas e bem mais visíveis, alguns metros e três terraços mais abaixo, encontra-se uma outra estufa, cujo acesso se faz entrando na Mata, a Estufa Fria. Como o seu nome indica, é uma estufa muito mais fria do que as outras pois é muito arejada, não possui vidros, e situa-se num local mais baixo, húmido e sombrio – mais protegido da radiação solar. Esta estufa, tão diferente das outras duas estufas clássicas do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, foi construída por volta de 1950, sob a direcção do insigne botânico e director do Jardim Professor Abílio Fernandes, e constitui um “local privilegiado para a cultura de plantas de sombra e de climas temperado-frio”, nas palavras sábias e certeiras de TAVARES (2011: 39, 52). Alberga uma notável estátua da “Botânica” ou da “Flora”, uma bela jovem nua, em pé, da autoria do escultor goleganense Joaquim Martins Ferreira (1910-1999). Esta escultura foi considerada no seu tempo (1950) algo chocante, tendo sido por isso colocada num local particularmente discreto, embora apropriado e digno, presidindo à Estufa Fria do Jardim Botânico de Coimbra!

A Estufa Fria foi «projectada por Cottinelli Telmo como um trapézio composto por uma série de pilares e vigas de betão armado que constituíam “o esqueleto de uma caixa cujas paredes e cobertura são fechados por ripado de madeira por onde circula o ar e a luz do sol entra coada pelos intervalos entre as ripas”. Para a sua implantação escolheu-se, “de acordo com o Exmo. Director”, “uma zona de terreno da mata, quase

sem árvores, junto do muro de suporte do Jardim Botânico que se opõe à entrada principal deste, muro que serve de fundo à Estufa”. Relativamente à linguagem estética do exterior, o arquitecto procurou favorecer, em consonância com o local, “o aspecto pitoresco”, traduzindo-o sobretudo ao nível dos materiais. À madeira que forrava a “caixa”, acresciam as “lajes irregulares, de superfícies desbastadas grosseiramente” empregues nas soleiras, degraus, muretes e muros» (BRITES, s/data: 60-61).

Os trabalhos da Estufa Fria foram adjudicados em 1945, e, no fim de 1946, «deveriam estar perto da conclusão», pois «em Junho de 1946, era aberto o concurso para uma construção complementar a esta: a ponte de ligação do Jardim com a mata. O projecto, assinado igualmente por Cottinelli [Telmo]⁷⁰, visava reconstituir, em novos moldes, a antiga ponte que ligava o lado oeste do quadrado central ao arboreto, melhorando-se, simultaneamente, este “” » (BRITES, s/data: 61).

Entre as numerosas plantas que se podem encontrar na Estufa Fria, podemos realçar a presença das seguintes espécies, particularmente ornamentais: *Justicia carnea* Lindley e *Mackaya bella* Harvey (*Acanthaceae*), *Monstera deliciosa* Liebmann (*Araceae*), –cujo fruto, comestível e considerado doce e saboroso, é conhecido por “banana-ananás” ou, de forma contraída, “bananás”–, *Alpinia zerumbet* (Persoon) B.L. Burtt & R.M. Smith e *Hedychium gardnerianum* Ker Gawler (*Zingiberaceae*), *Dracaena* sp. –“dracena” ou “dragoeiro”– (*Asparagaceae*), *Aucuba japonica* Thunberg (*Garryaceae*), um curioso arbusto ornamental raramente cultivado em Portugal cuja madeira, bem dura, tem sido usada na confecção de bengalas e cachimbos (de acordo as informações que constam na excelente *Flora of China*).

No coração da Mata, logo abaixo da Estufa Fria, situa-se o bambusal⁷¹, envolvendo e protegendo a Capela de São Bento, que começou por ser uma “casa de fresco”⁷² do século XVII (TAVARES, 2011: 54).

É formado pela gramínea lenhosa de grande porte *Phyllostachys reticulata* (Rupr.) K. Koch, também conhecido pelo sinónimo *Phyllostachys bambusoides* Siebold & Zuccarini (bambu ou filostáquis), foi plantado a partir de 1852, constituindo actualmente um verdadeiro templo –a “*Catedral do Bambu*”, ocupando cerca de um hectare, ou 1/13 da área total do Jardim Botânico de Coimbra (TAVARES, 2011: 54).

O bambu, endemismo da Ásia oriental, é uma planta ornamental arbórea muito cultivada em Portugal e em grande parte do Mundo, pela sua grande utilidade e também pelo seu valor ornamental. Reproduz-se vegetativamente e tem crescimento rápido, podendo algumas espécies alcançar a extraordinária marca de mais de 90 cm por dia, em condições favoráveis, evidentemente. *Phyllostachys reticulata* (Rupr.) K. Koch, a espécie que cresce no Jardim Botânico –e se propaga vegetativamente, através dos seus rizomas, constituindo um clone gigantesco– cresce entre 15 a 20 cm por dia, nos seis primeiros dias (TAVARES, 2011: 54). Trata-se de uma espécie monocárpica, florescendo apenas uma vez em cada ciclo de vida (TAVARES, l.c.).

No Jardim Botânico da Universidade de Coimbra existem diversas estátuas⁷³, das quais se costumam destacar quatro, pela sua maior dimensão e visibilidade⁷⁴:

A estátua de Brotero, nome como ficou conhecido o maior botânico português, Félix da Silva de Avelar (1744-1828), em mármore, de cunho claramente realista, da autoria daquele que tem sido considerado o mais notável escultor português, António Soares dos Reis (1847-1889), foi inaugurada em 1 de Abril de 1887,

⁷⁰ José Ângelo Cottinelli Telmo (Lisboa, 13.XI.1897 – Cascais, 18.IX.1948) foi um ilustre arquitecto e cineasta português. De talentos multifacetados, destacou-se não só na arquitectura e no cinema, mas também em diversas outras artíficas: banda desenhada, desenho, escrita, música e poesia (WIKIPEDIA). Foi, entre muitas outras obras, o arquitecto chefe da Exposição do Mundo Português (1939-1940), o autor do Pavilhão dos Portugueses no Mundo (1940), do Padrão dos Descobrimentos (em colaboração com Leopoldo de Almeida) e foi o arquitecto chefe da Cidade Universitária de Coimbra –CAPOCUC– entre os anos de 1941 e 1948, até à sua morte, ocorrida num acidente durante a prática de pesca desportiva em Cascais.

⁷¹ Neste bambusal frondoso tem vivido também o belo esquilo castanho europeu *Sciurus vulgaris* L., que foi introduzido no Jardim Botânico de Coimbra em Junho de 1994, no Quadrado Central, introdução à qual tivemos o privilégio de assistir.

⁷² Esta capela, aproximadamente cúbica e com uma abóbada redonda e convexa bastante saliente, não é muito grande e encontra-se num dos locais mais frescos e húmidos da Mata, pois sobre ela passa uma pequena linha de água. Protegida pelo bambusal, situa-se ao fundo da encosta do maior penedo (arenítico) da Mata. Seria certamente usada pelos frades cruzios (os cônegos regantes de Santo Agostinho ou monges de Santa Cruz, outrora os maiores proprietários da cidade de Coimbra) para repousarem nos dias quentes de Verão e também como local de oração, naturalmente.

⁷³ “A escultura reservou-se o papel de enobrecer o espaço e «doutrinar» os seus utilizadores, ora enquanto tributo a «figuras notáveis», ora enquanto alegoria do saber” (BRITES, s/data: 62).

⁷⁴ Destas quatro estátuas ou esculturas, três delas foram inauguradas entre 1948 e 1951, sob a presidência do grande botânico (e também grande gestor!) Professor Abílio Fernandes (1906-1994), que dirigiu o Jardim Botânico entre 1942 e 1974. A primeira destas quatro esculturas foi erigida durante a excelente direcção do Professor Júlio Augusto Henriques (1838-1928), entre 1873 e 1918.

na presença do insigne escultor⁷⁵. O pedestal foi projectado pelo arquitecto Tomás Augusto Soler e executado nas oficinas do escultor lisboeta Moreira Rato (DIAS, 2002: 135).

O relevo em bronze do Professor Luís Wittnich Carrisso (Figueira da Foz, 14.II.1886–Angola, deserto do Namibe, 6.VI.1937), excelente director do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra⁷⁶, precocemente falecido em campanha botânica, quando herborizava em Angola, no deserto do Namibe, é da autoria do escultor José Pereira dos Santos (1915-1970), foi executado entre Abril e Setembro de 1948 e foi descerrado no mesmo ano (NUNES, 2005: 85-86; BRITES, s/data: 62).

A estátua da deusa romana Flora, que representa a própria Botânica, é uma escultura em mármore, de uma jovem mulher nua de corpo inteiro, erecta sobre um pedestal, e segurando nas duas mãos punhados de plantas com flores. É uma estátua realista e imponente, de dimensões um pouco superiores ao natural, evocando o pendor florescente da vida, numa alegoria à Flora e à Natureza (cf. NUNES, 2005: 91). Foi primeiramente executada em gesso em 1948 e passada à pedra no ano seguinte (BRITES, s/data: 62). Esta estátua, do escultor ribatejano Joaquim Martins Correia, entre as várias esculturas do Jardim Botânico, é uma das duas que representam uma mulher⁷⁷, sendo a outra a que ornamenta um bebedouro, apoiado na parede que fica próxima do Aqueduto de S. Sebastião.

A estátua do Professor Júlio Augusto Henriques (1838-1928), grande botânico e director do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra entre 1873 e 1918, em “pedra lioz”, em tamanho natural e assente sobre um pedestal de pedra, é da autoria do notável escultor Salvador Barata Feyo (1902-1983), que possui diversas outras obras na Cidade Universidade de Coimbra, no topo da colina da Universidade, um pouco acima do Jardim Botânico (NUNES, 2005: 83-84; 109-112)⁷⁸. O contrato para a execução desta estátua foi celebrado em Agosto de 1944 e foi “assente em frente à fachada Este do antigo Colégio beneditino” em 1950 (BRITES, s/data: 62), local onde ainda hoje se encontra.

Existem ainda outras estátuas ou esculturas no interior do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, particularmente na Mata. Uma delas, no interior da vetusta (e venusta!) Capela de São Bento, representa muito provavelmente o próprio São Bento.

Outra escultura (ou relevo), bastante curiosa e muito pouco conhecida do público, representa uma cara humana cuja boca seria uma fonte, na actualidade infelizmente desactivada. Esta fonte, um pouco semelhante a outras fontes que se encontram no Parque de Santa Cruz (Jardim da Sereia), situa-se imediatamente adjacente ao afamado Quadrado Central, que constitui a parte primordial do Jardim Botânico, mas já do lado da Mata, que possui uma entrada precisamente a partir da qual se tem acesso à dita fonte.

Ainda outra escultura notável, bastante recente (pensamos que terá sido inaugurada ou reinaugurada entre 2005 e 2008) e, aparentemente, em bronze ou outro metal já oxidado, segura um tonel. Situada no limite do Jardim Botânico de Coimbra, perto do portão que dá para o Aqueduto de S. Sebastião, esta escultura, de tamanho um pouco menor que o natural, representa uma ninfa seminua, deitada, envolvendo e abençoando um bebedouro⁷⁹, de reconhecida utilidade para os visitantes do Jardim.

Outras esculturas importante e notáveis do Jardim Botânico de Coimbra são os diversos portões e gradeamentos em ferro forjado, cujas barras foram importadas da Suécia! (DIAS, 2002: 135), assim como as várias escadarias e muros de cantaria, que delimitam o Jardim e a Mata, estabelecendo também as ligações e

⁷⁵ Acerca da excelente estátua de Brotero, do seu autor e do homenageado, podemos recomendar a leitura, entre outras obras, do elucidativo texto de NUNES (2005: 87-90).

⁷⁶ O Professor Luís Wittnich Carrisso, entre muitas outras obras e melhoramentos no Jardim Botânico de Coimbra, terá sido um dos principais responsáveis pela instalação do Terraço das Gimnospérmicas (Coníferas), da Escola das Monocotiledóneas e ainda do Eucaliptal do Jardim, que conta com cerca de cinquenta espécies de eucaliptos (Marques & al., 2011a). A referida Escola das Monocotiledóneas, outrora importante e rica em espécies, encontra-se actualmente quase abandonada.

⁷⁷ Esteve originalmente destinada a ser colocada num local bem mais visível, no antigamente chamado “Jardim dos Patos”, em frente ao portão principal do Jardim Botânico, entre a Alameda Júlio Henriques e a Rua da Infantaria (NUNES, 2005: 92), mas, certamente por pudor, foi colocada num sítio bem mais discreto, embora quanto a nós particularmente apropriado —presidindo à Estufa Fria!

⁷⁸ Outras esculturas próximas do mesmo autor, um pouco mais acima no topo da colina universitária, onde ficavam outrora o castelo, já desaparecido, e o paço real, no actual Largo da Porta Férrea, representam a “Eloquência”, a “Filosofia”, a “História” e a “Poesia”, sendo esta última a única estátua feminina, estando a poesia “simbolizada em Safo, poetisa coroada de louros, de boca levemente aberta e de braço direito levantado, como se estivesse a recitar, e protegida na frente por uma lira, que segura com a mão esquerda” (NUNES, 2005: 111).

⁷⁹ Esta bela fonte já existira no passado no Jardim Botânico, como se pode facilmente concluir observando a fotografia da página 39 da excelente obra de M. Costa Ramalho, *Coimbra, Roteiro Ilustrado* (COSTA RAMALHO, 1936: 39).

separações entre os numerosos terraços e alamedas que constituem o Jardim Clássico –assim se costuma designar a porção mais elevada e elaborada do Jardim (cf. TAVARES, 2011: 17).

Existem no total sete portões exteriores do Jardim, dos quais apenas três são usados para permitir o acesso do público ao Jardim Botânico, para além das sete portas de acesso ao edifício do Instituto Botânico⁸⁰.

O portão mais antigo do Jardim, em calcário, actualmente um portão interior, que dá entrada para o Quadrado Central, é o mais antigo e aparentemente mais rico, encimado por uma lápide dedicada à Rainha de Portugal D. Maria I, datada de 1791^{81,82}. Este portão com mais de dois séculos –que esteve recentemente [2012] encerrado devido a um eventual risco de ruína, tendo sido posteriormente reabilitado–, é o principal portão de acesso ao Quadrado Central⁸³, que constitui o núcleo primordial do Jardim e onde se encontram as três árvores do tempo de Brotero⁸⁴, a partir da Alameda/Rua Central no Jardim Botânico, onde se encontram as escadarias principais do Jardim⁸⁵.

O Portão Principal do Jardim, considerado a sua entrada mais nobre, foi construído em 1843, embora seguindo um projecto mais antigo da autoria do mestre de obras da Universidade José do Couto (DIAS, 2002: 135). A estrutura metálica do portão, da autoria de Mestre Francisco Bernardes Galinha⁸⁶ (datada de 1844), foi feita em ferro forjado com aplicações de bronze, constituindo uma verdadeira obra-prima do estilo neoclássico do segundo quartel do século XIX e da arte de trabalhar a cantaria calcária e o ferro forjado (cf. TAVARES, 2011: 18).

Dois outros portões⁸⁷, menos espectaculares mas de grande utilidade, dão acesso à Rua do Arco da Traição⁸⁸, uma das principais artérias da Alta de Coimbra e da Cidade Universitária, delimitando a Norte o Jardim Botânico.

O outro portão de acesso à Mata, relativamente recente (meados do século XX) é o Portão da Rua da Alegria, que dá acesso directo à Baixa, em frente ao Parque da Cidade⁸⁹ e ao Rio Mondego⁹⁰.

No lado virado a Sul do Jardim Botânico de Coimbra, existem dois portões que dão acesso à Rua Vandelli⁹¹, o principal dos quais foi construído em 1822 (HENRIQUES, 1976: 28). Ambos podem dar acesso a

⁸⁰ Por sua vez, o edifício do Instituto Botânico, frequentemente designado por «Instituto Botânico Dr Júlio Henriques», em homenagem a este excelente professor e director, comunica com o espaço exterior através de três portas: a principal, em frente ao Aqueduto de S. Sebastião, a do Museu Botânico (que dá para o mesmo Aqueduto) e a do Herbário, que dá para a Rua do Arco da Traição.

⁸¹ Na lápide que encima este pórtico primordial do Jardim, pode ler-se a seguinte inscrição, em Latim, indicando certamente o início da obra: MARIA I / AUG. PIA. LARGISS. SCIENT. FAUTRIX / CLEMENS. LUS. MATER / FLORAE CER. ET POMONAE / OB. PHILOS. ET ARTES / P. J. AN. CH. N. MIDCCXCI. (cf. HENRIQUES, 1876: 17).

⁸² O portão primordial do Jardim Botânico de Coimbra (1791), com uma lápide em homenagem à Rainha D. Maria I de Portugal, coincide temporalmente com a fundação do Jardim Botânico de Palermo, que ocorreu entre 1789 e 1895, incluindo o famoso “Gymnasium”, do arquitecto Léon Dufourny, o primeiro edifício neoclássico da Sicília (1790), que foi considerado «*nec plus ultra*, Like No Other, “the grandest building ever built in Palermo”» (RAIMONDO & al., 2009: 2, 9).

⁸³ Para além do portão principal (Este), do tempo da Rainha D. Maria I (1791), existem, contudo outros três portões de acesso ao Quadrado Central, dispostos um em cada um dos quatro principais pontos cardeais: portões Norte e Sul, que estão abertos e comunicam com as respectivas Jardinetas Norte e Sul, e o portão Oeste ou Poente, que dá acesso à Mata e à Estufa Fria através de uma ponte construída no tempo das obras da Cidade Universidade de Coimbra, sob a direcção do insigne botânico Professor Abílio Fernandes (c. 1950).

⁸⁴ As três árvores plantadas no Quadrado Central ainda durante a direcção do eminente botânico Félix de Avelar Brotero (1791-1811) são exemplares das seguintes espécies: *Cryptomeria japonica* (Thunberg ex L. f.) D. Don (*Taxodiaceae*, *Gymnospermae*), *Cunninghamia lanceolata* (Lambert) Hooker var. *lanceolata* (*Cupressaceae*, *Gymnospermae*) e *Erythrina crista-galli* L. (*Leguminosae*, *Angiospermae*) (cf. WIKIPEDIA).

⁸⁵ Ao todo, as escadarias da Alameda/Rua Central do Jardim incluem o total de sete lances de escadas, quatro descendentes e três ascendentes, no sentido Sul–Norte.

⁸⁶ Costuma tradicionalmente perguntar-se às crianças, aos caloiros ou a cidadãos de fora de Coimbra a seguinte adivinha: o que é «preto é, galinha o fez»? , por oposição à mais conhecida e vulgar adivinha «branco é, galinha o põe». No primeiro caso a resposta deve ser: o Portão Principal do Jardim Botânico de Coimbra, da autoria de Mestre Francisco Bernardes Galinha [1844], enquanto que no segundo caso, a resposta é, simplesmente, o ovo da referida e simpática ave galinácea de capoeira.

⁸⁷ Um destes dois portões, o maior, constitui a principal porta de entrada e saída de viaturas na Mata do Jardim Botânico de Coimbra; o outro, menos importante, dá acesso pedestre à Mata através de uma escadaria calcária junto ao Herbário.

⁸⁸ Esta rua (do Arco da Traição), que constitui a principal fronteira Norte do Jardim Botânico de Coimbra, deve o seu nome à antiga muralha do Castelo de Coimbra, onde uma das portas era a Porta da Traição.

⁸⁹ O Parque da Cidade também é designado Parque Dr Manuel Braga.

⁹⁰ O acesso a este portão, que permite a entrada ou saída de viaturas de grande porte, faz-se contornando as instalações da EDP, parcialmente situadas em terrenos que outrora pertenceram à Mata do Jardim Botânico de Coimbra (cf. por ex. o mapa de 1876 apresentado por PAIVA, 1981), numa época em que a área total do Jardim seria certamente superior a 14 hectares.

⁹¹ A Rua Vandelli é assim chamada em homenagem ao ilustre botânico italiano Domenico Vandelli (1735-1816), originário de Pádua, que foi o primeiro director do Jardim Botânico de Coimbra, entre 1772 e 1791.

viaturas ligeiras ou pesadas, mas só o mais central, habitualmente designado como Portão das Ursulinas⁹² ou Portão do Jardim-Escola ou Portão do Seminário ou Portão Sul, é usado para permitir a entrada/saída do público em relação ao Jardim Botânico.

Outro dos principais portões de acesso ao Jardim Botânico é o Portão dos Arcos ou Portão do Aqueduto de São Sebastião ou ainda Portão Nordeste, assim designado pela sua localização geográfica. Este portão tem junto de si, no interior do Jardim, uma pequena construção de forma paralelepípedica, que foi destinada à compra/venda de bilhetes e à procura/obtenção de informações acerca do Jardim. Outras estruturas próximas de apoio aos visitantes do Jardim são um bebedouro construído em pedra de natureza calcária e uma pequena fonte, que uma singela escultura feminina, seminua, talvez uma ninfa, embeleza.

Outras obras significativas efectuadas no Jardim durante a vigência da CAPOCUC foram ainda, em 1949, “a edificação de seis guaritas em tijolo com cobertura de betão armado e porta de madeira para abrigo dos guardas da mata, bem como a reforma da casa dos jardineiros, onde se afirmou o modelo da «casa portuguesa» através de uma «colagem» de elementos formais e decorativos característicos do eclectismo tradicionalista. Além destas, outras construções de menor envergadura pontuaram o Jardim e a mata: instalações sanitárias, dependências para o pessoal, depósitos para adubos e arrecadação de ferramentas, estufas e estufins” (BRITES, s/data: 61).

Este Jardim Botânico, nos seus 240 anos de história, passou por períodos bons e maus, melhores e piores, como não podia deixar de ser, dependendo de diversos factores (e também do ponto de vista). A sua época áurea⁹³, na nossa opinião, coincide com a direcção do Professor Abílio Fernandes (Maçainhas de Baixo, Guarda, 19.X.1906–Coimbra, 16.X.1994), entre 1942 e 1974⁹⁴. Este grande cientista e extraordinário botânico⁹⁵, em conjunto com a sua mulher, Rosette Mercedes Saraiva Batarde Fernandes (Redondo, 1.X.1916–Coimbra, 28.V.2005) –também, por mérito próprio, uma cientista de nível excepcional, sem dúvida a senhora que mais se distinguiu em Portugal no vasto domínio da Botânica– e com vários outros colaboradores, como o professor e insigne botânico José de Barros Neves⁹⁶ (1914-1982) –que lhe sucedeu na direcção do Museu, Laboratório e Jardim Botânicos, a partir de 1974/1975, quando o Professor Abílio Fernandes foi afastado e se aposentou como professor catedrático– e o Professor e Investigador Principal Jorge Paiva (nascido em Angola, 1933), entre vários outros, convindo ainda destacar a importância de diversos jardineiros e colectores de plantas e sementes, não só manteve o grande nível do jardim (herdado das brilhantes direcções dos professores Júlio Henriques e Luís Carriso) como o elevou significativamente.

Outros autores ilustres têm exprimido a opiniões semelhantes acerca dos méritos do Professor Abílio Fernandes na direcção do Jardim Botânico de Coimbra:

«Também quanto ao Jardim Botânico A. Fernandes exerceu uma actividade a todos os títulos altamente meritória. Ciente do interesse das colecções vivas de botânica para o ensino e a investigação, A. Fernandes procedeu a uma recuperação total do Jardim Botânico introduzindo novas espécies, recuperando as estufas e procedendo ao embelezamento geral do Jardim. Pode dizer-se que o Jardim Botânico passou a ser um local privilegiado para o ensino e a investigação a nível universitário capaz de desempenhar uma função educativa e didáctica para todos quantos o visitam.» (SOARES PAIS & ESPERANÇA PINA, 2014: 9).

E ainda, citando um dos nossos mestres, o Professor José Mesquita: «Como Director do Museu, Laboratório e Jardim Botânico (1942/1974), nenhum testemunho será mais abonador da sua obra que o elevado prestígio que esta Instituição grangeou, no País e no estrangeiro, em boa parte mercê da sua lúcida e incansável actividade nos mais variados domínios (ensino, investigação, Plano de Obras da Cidade Universitária com

⁹² A Cerca das Ursulinas corresponde actualmente aos terrenos do Hospital Militar, que se situa no edifício que pertenceu ao extinto Convento de S. José (HENRIQUES, 1876: Estampa 2.^a).

⁹³ O Jardim Botânico de Coimbra chegou mesmo a ser considerado “um dos mais belos e mais ricos em espécies exóticas de todo o Mundo” (DIAS, 2002: 135).

⁹⁴ O Professor Abílio Fernandes foi aposentado a seu pedido em 10.X.1975; no entanto, em 1981, foi ainda representante da Faculdade de Ciências no Conselho Científico do Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico (RODRIGUES, 1992: 304).

⁹⁵ O Professor Abílio Fernandes publicou até 1978 “sozinho, ou em colaboração com outros, 243 trabalhos, o que dá uma média de mais de cinco trabalhos por ano durante quarenta e oito anos!” (QUINTANILHA, 1980: LXXXIV) –uma produtividade extraordinária e de excepcional qualidade científica, podemos acrescentar.

⁹⁶ O Professor José de Barros Neves (Estói, 26.III.1914–Coimbra, 26.II.1982) licenciou-se em 31.VII.1936 e doutorou-se em 3.III.1945, em Coimbra. Entre outros cargos, foi director do Laboratório de Antropologia (RODRIGUES, 1992: 312), tendo sucedido ao Professor Abílio Fernandes na direcção do Museu, Laboratório e Jardim Botânicos. Regeu os cursos práticos de Botânica Geral e de Botânica Médica, a partir de 1942, assim como os cursos teóricos de Botânica Sistemática e de Ecologia Vegetal e de Fitogeografia (RODRIGUES, l.c.).

importantes remodelações no Departamento e no Jardim etc)» (MESQUITA in SOARES PAIS & ESPERANÇA PINA, 2014: 12).

O Professor Barros Neves, entre diversas outras obras importantes, foi o principal responsável pela criação do Centro de Fito-Sistemática e Fito-Ecologia do I.N.I.C. – Instituto Nacional de Investigação Científica – na Universidade de Coimbra. O Professor Abílio Fernandes, já então aposentado, prosseguiu incansavelmente a sua obra, como dirigente da linha 2 do referido Centro – Cariologia (FERNANDES & LEITÃO, 1986: 313).

Sob a direcção do Professor Abílio Fernandes, elaboraram-se numerosos estudos cariológicos sobre plantas com semente que se podem designar genericamente como contribuições para o conhecimento citotaxonómicos das Espermatófitas de Portugal (“contributions à la connaissance cytotoxonomique des Spermatophyta du Portugal”). Estes trabalhos foram elaborados por vários botânicos do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra e habitualmente publicados na revista “Boletim da Sociedade Broteriana (2.^a série)”, com o objectivo de contribuir para o melhor conhecimento da flora de Portugal. A publicação de uma nova Flora de Portugal impunha-se com urgência, assim como a elaboração de um Atlas dos números cromossómicos das plantas de Portugal (FERNANDES, 1969: 5):

“Donc, étant donné l’importance de ces études en ce qui concerne la taxinomie, l’écologie, la phytogéographie et l’évolution, nous avons pris la résolution d’examiner au point de vue caryologique, avec l’aide de nos collaborateurs de l’Institut Botanique de Coimbra, le plus grand nombre de taxa appartenant aux Spermatophytes du Portugal, dans le but de que la «Nouvelle Flore du Portugal»⁹⁷, dont la publication s’impose avec urgence, puisse enregistrer les résultats obtenus.

Des études caryologiques chez les Spermatophytes du Portugal ont été menées par plusieurs auteurs, soit portugais, soit étrangers.

Quelquefois, ces études ont été accomplies dans le but de contribuer à l’élaboration d’un Atlas des nombres chromosomiques des plantes du Portugal, en même temps qu’on discutait parfois des problèmes concernant les nombres de base de certains genres ou la position systématique de certains taxa.” (FERNANDES, 1969: 5).

Estes estudos são particularmente importantes para o presente trabalho porque as plantas utilizadas para a obtenção do material sobre o qual se estudavam os cromossomas eram sempre sementeiras e cultivadas em vasos nas instalações do Jardim Botânico de Coimbra⁹⁸:

“Les matériaux les plus importants que nous avons employé dans nos recherches sont les plantes provenant de la germination de graines prélevées à l’état spontané par les collecteurs de l’Institut Botanique de Coimbra. (...)

Les graines ont été ensemencées au Jardin Botanique et lorsque les plantes étaient à l’état convenable, les méristèmes radiculaires ont été prélevés et fixés au laboratoire.

Dans les cas des espèces dont les graines germaient difficilement, nous avons employé des plantes vivantes qui ont été transplantées des conditions naturelles dans le Jardin Botanique. Le même est arrivé avec beaucoup de plantes bulbeuses et rhizomateuses. Les méristèmes radiculaires ont été prélevés et fixés au laboratoire” (FERNANDES, 1969: 8).

De entre os trabalhos de natureza cario-sistemática realizados pelos professores Abílio Fernandes e José de Barros Neves e seus colaboradores, no interior do Instituto Botânico e do Jardim Botânico de Coimbra, podemos brevemente citar os seguintes: *Estudos nos cromossomas das Liliáceas e Amarilidáceas* (FERNANDES, 1931)⁹⁹; *Note sur les chromosomes de* *Pancratium maritimum* L. (FERNANDES, 1933); *Nouvelles études caryologiques sur le genre* *Narcissus* L. (FERNANDES, 1934); *Les satellites chez* *Narcissus reflexus* Brot. et *Narcissus triandrus* L. I. *Les satellites des métaphases somatiques* (FERNANDES, 1935); *Sur l’origine du* *Narcissus dubius* Gouan (FERNANDES, 1937a); *Le problème de* *Narcissus tazetta* L. I. *Les formes à 22 chromosomes somatiques* (FERNANDES, 1937b); *Sur la caryo-systématique du groupe* *Jonquilla* du genre *Narcissus* L. (FERNANDES, 1939); *Sur l’origine de* *Ranunculus dichotomiflorus* Lag. (BARROS NEVES, 1945); *Sobre a cariólogia de* *Narcissus canariensis* (Herb.) Burb. (R. FERNANDES, 1945); *Sobre a localização da* *méiose no ciclo de vida das Characeae* (MESQUITA RODRIGUES, 1945); *Sobre a origem de* *Narcissus*

⁹⁷ A *Nova Flora de Portugal* veio efectivamente a ser publicada, em três volumes, o último dos quais dividido em três fascículos, pelo Professor João do Amaral Franco, com a participação da sua excelente colaboradora Maria da Luz da Rocha Afonso (FRANCO, 1971 [vol. I]; FRANCO, 1984 [vol. II]; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994 [vol III, fascículo I]; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998 [vol III, fascículo II]; FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003 [vol III, fascículo III]).

⁹⁸ Por exemplo, no caso do *Narcissus Johnstonii* Pugsley: “Os bolbos, conservados em vasos no Jardim Botânico, forneceram vértices vegetativos de raízes (...)” (FERNANDES, 1946: 146).

⁹⁹ A dissertação de doutoramento do Professor Abílio Fernandes –que foi o primeiro discípulo do ilustre Professor Aurélio Quintanilha, tornando-se assistente a partir de 1927, aos 21 anos– terá sido o primeiro trabalho científico publicado em Portugal que reconhece a importância dos cromossomas como “carriers of heritable characters”, assim fundando um novo ramo da Ciência entre nós, a Citogenética, segundo o Professor Aurélio Quintanilha (GAGO, 2009: 55; WIKIPEDIA).

Johnstonii Pugsley (FERNANDES, 1946); *Le problème de l'hétérochromatinisation chez Narcissus bulbocodium* L. (FERNANDES, 1949); *Sur la phylogénie des espèces du genre Narcissus* L. (FERNANDES, 1951); *Notas sobre a cariólogia de Cistus Palhinhae Ingram, C. crispus* L., *Plantago maritima* L. e *Campanula Vidalii* Watson (MESQUITA RODRIGUES, 1954); *Contribution à la connaissance cytotoxinomique des Spermatophytes du Portugal. Introduction, matériel et techniques* (FERNANDES, 1969); *L'évolution chez le genre Narcissus* L. (FERNANDES, 1975); *Contribution à la connaissance cytotoxinomique des Spermatophytes du Portugal. Leguminosae* (FERNANDES & QUEIRÓS, 1978); *Sur le rôle de la triploidie dans l'évolution chez la section Bulbocodii DC. du genre Narcissus* L. (FERNANDES, 1988); *Estudos cromossómicos em Pteridophyta de Portugal, III* (QUEIRÓS, 1997); etc.

A importância destes contributos para o conhecimento cariológico e fitotaxonomico das plantas portuguesas fica bem patente no seguinte texto, acerca do Professor Abílio Fernandes, da autoria do Professor José Mesquita: «Efectivamente, com os estudos cariológicos e citogenéticos do género *Narcissus* realizou uma obra notável ao proporcionar importantes avanços em dois temas de extrema actualidade na época: o papel dos poliploides na evolução das espécies e a função da heterocromatina como agente determinante do equilíbrio genético.» (MESQUITA in SOARES PAIS & ESPERANÇA PINA, 2014: 11).

Ao Professor José de Barros Neves (nascido em Estói, concelho de Faro, na província e antigo reino do Algarve, 26.III.1914–Coimbra, 26.II.1982) –ilustre botânico cariólogista e fitotaxonomista, seguindo o excelente exemplo do Professor Abílio Fernandes, de quem foi o mais próximo colaborador–, precocemente falecido em 1982, sucedeu na direcção do Museu, Laboratório e Jardim Botânicos o Professor João Maria Montezuma Dinis de Carvalho (nascido em Coimbra em 13.XI.1923¹⁰⁰), distinto geneticista que continuou dignamente a obra dos seus antecessores, tendo-se mantido no cargo até 1991 ou 1992¹⁰¹, perto da sua jubilação como professor catedrático, em Novembro de 1993, ao completar setenta anos.

Ao Professor João Maria Montezuma Dinis de Carvalho – que dirigiu o Jardim Botânico entre 1982 e 1993, durante aproximadamente uma dúzia de anos, sucedeu na direcção do Museu, Laboratório e Jardim Botânicos outro professor catedrático de Botânica, distinto citologista e também insigne cantor de fado de Coimbra, José Firmino Moreira Mesquita (nascido em Sarzeda, Sernancelhe, na província da Beira Alta, em 25.IV.1935¹⁰²), entre 1993 e 2003 (cf. INDEX SEMINUM ET SPORARUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT, 2003).

Ao Professor José Firmino Moreira Mesquita, que se terá aposentado possivelmente em 2003 ou 2004, sucedeu pela primeira vez uma senhora, a primeira professora catedrática de Botânica da Universidade de Coimbra, Helena Maria Oliveira Freitas (nascida em Mogege, Vila Nova de Famalicão, na província do Minho, em 24.IX.1962), a partir de 2004 (cf. INDEX SEMINUM ET SPORARUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT, 2004).

À professora catedrática Helena Freitas, que dirigiu o Jardim Botânico de Coimbra durante quase dois lustros ou quase uma dezena de anos, sucedeu, a partir de 1 de Outubro de 2012 ou de 1 de Janeiro de 2013, o geólogo, museólogo e professor agregado Paulo Renato Pereira Trincão (nascido em Coimbra, 29.VIII.1958), recentemente vindo da vizinha, moderna e progressiva Universidade de Aveiro.

Nessa agora tão distante no tempo “época dourada”, apesar da perene pobreza monetária, havia abundância de pessoal: cerca de quarenta a cinquenta pessoas a trabalhar no Jardim, admirável e insuperavelmente dirigidas pelo casal de insignes fitotaxonomistas Professor Abílio Fernandes e Investigadora Rosette Batarda Fernandes. Actualmente, o número de jardineiros não excede a meia dúzia, e, dos numerosos e distintos colectores que passaram pelo Jardim, resta o último representante, já próximo da idade da reforma e com mais de quatro décadas de serviço, o Sr Arménio da Costa Matos (nascido em Agrêlo, concelho de Penacova, 8.III.1955). Este ilustre colector e o Sr Manuel Cardoso Alves, actualmente já reformado e afastado do Jardim, entre muitos outros serviços prestados ao Departamento de Botânica da Universidade de Coimbra e à causa da Botânica, tiveram a presença de espírito e a iniciativa de preservar os diversos documentos manuscritos em que se baseia este trabalho (Livros de Registos das Plantas e das Sementeiras do Jardim, de várias épocas), que uma das direcções pretéritas do Instituto e Jardim Botânicos tinha sugerido destruir. Assim, foi-nos possível conservar a memória das espécies que têm sido cultivadas no Jardim Botânico de Coimbra (sobretudo ao longo do século XX, a época de actividade científica mais intensa e frutuosa deste Jardim)¹⁰³.

¹⁰⁰ Dados biográficos provenientes do Anuário da Universidade de Coimbra, 1985-1986: 464 [1996].

¹⁰¹ cf. INDEX SEMINUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT, 1991; INDEX SEMINUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT, 1992.

¹⁰² Dados biográficos provenientes do Anuário da Universidade de Coimbra, 1985-1986: 464 [1996].

¹⁰³ Por vezes foi-nos difícil ler certas palavras destes manuscritos antigos. Em certos casos, a escrita original foi riscada ou mesmo apagada para no mesmo local se escreverem outros nomes. No entanto, sempre que nos foi possível –um esforço

Convém, no entanto, destacar igualmente o labor científico e organizativo notável desenvolvido pelos dois anteriores directores do Jardim Botânico, os Professores Júlio Augusto Henriques (de 1973 até 1918) e Luís Wittnich Carriso (de 1918 a 1937). Os períodos em que estes três gigantes da Botânica portuguesa dirigiram o Jardim Botânico de Coimbra totalizam um pouco mais de cem anos (de 1873 a 1974), correspondendo à era de maiores realizações e maior prestígio científico do Jardim Botânico, em todas as vertentes, possivelmente só comparável ao tempo em que o Jardim foi dirigido pelo grande Brotero, que foi muito justamente apelidado de o “Linneo português”! (cf. HENRIQUES, 1876: 21-22).

O actual estado de decadência acentuada do Jardim Botânico de Coimbra não é de forma alguma um fenómeno único em Portugal¹⁰⁴ ou na Europa –será até actualmente até talvez mais a regra do que a excepção: de acordo com o que está escrito na grande enciclopédia online WIKIPEDIA, “in developed countries, many have closed for lack of financial support, this being especially true of botanical gardens attached to universities”–, tendo em conta o desinteresse pela Botânica Sistemática que se tem verificado entre nós nas últimas décadas (cf. por ex. PINTO DA SILVA, 1991: 82-83)¹⁰⁵ e que vivemos numa “época em que a competição por recursos quantas vezes escassos se tornou intrínseca à vida académica” (RIBEIRO DE MENESES, 2014: 11). WILSON (2006a: 230), aliás, alerta para este problema de uma forma particularmente clara e eloquente: “As I write, systematists, the solitary experts on groups of organisms, have been largely eliminated from academic departments by the encroachment of the new fields. That is the worst single damage caused by the molecular revolution.”¹⁰⁶

Este fenómeno começou a verificar-se internacionalmente sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial e durante a Guerra Fria, já na segunda metade do século XX: “Biologists eagerly turned to large-scale funding from the National Science Foundation, the Atomic Energy Commission, and other post-World War II federal agencies to support new areas of research. Partly as a result, traditional taxonomy and natural history became marginalized. (...) as many biologists turned away from studying whole organisms and biodiversity in order to focus on cells and molecules” (WILSON, 2006a; HAGEN, 2012).

Voltando a citar a WIKIPEDIA¹⁰⁷: «With decreasing financial support from governments, revenue-raising public entertainment increased, including music, art exhibitions, special botanic exhibitions, theatre and film, this being supplemented by the advent of “Friends” organizations and the use of volunteer guides.» e «Botanical gardens must find a compromise between the need for peace and seclusion, while at the same time satisfying the public need for information and visitor services that include restaurants, information centres and sales areas that bring with them rubbish, noise and hyperactivity. Attractive landscaping and planting design sometimes compete with scientific interests — with science now often taking second place» (WIKIPEDIA, *l.c.*).

Nos Açores também se verificou a mesma situação: “Pude avaliar então a extraordinária riqueza desse património cultural tão apreciado em tempos [por exemplo durante a centúria de Oitocentos] e tão esquecido hoje” (SOARES DE ALBERGARIA, 2005: 7). Na quase vizinha França, a situação parece ser igualmente preocupante, pois, citando as palavras eloquentes e ainda recentes do falecido mentor e mestre da *Flora iberica*, o Professor Santiago Castroviejo [1946-2009], num dos seus últimos (e muito lúcidos) trabalhos escritos, datado de Maio de 2009: «El futuro, por tanto, se ve comprometido para esta especialidad y corremos el riesgo que nos ocurra lo que ya ocurre en otros países como por ejemplo Francia, que vive hoy el abandono de la botánica taxonómica, llegando incluso a tener que cerrar herbarios importantes por falta de personal (hoy faltan taxónomos capaces de determinar con solvencia ciertos grupos de plantas o de animales) y tener el resto

para o qual a abundante informação constante das bases de dados que existem actualmente na Internet contribuíu muitíssimo– repescámos a informação obliterada, desde que tenha continuado parcialmente legível!

¹⁰⁴ Em Lisboa, em 30 de Junho de 2014, reformou-se o último jardineiro do Jardim Botânico, onde –à semelhança do que acontecia em Coimbra– chegaram a trabalhar mais de trinta jardineiros (!): “Que futuro para um jardim classificado Monumento Nacional sem jardineiros?” (AMIGOS DO BOTÂNICO, segunda-feira, 30 de Junho de 2014: Adeus e Obrigado Senhor Orlando: O último jardineiro do Jardim Botânico? <http://amigosdodobotanico.blogspot.pt>).

¹⁰⁵ Citando este peritíssimo autor: «...Mas, na nossa Terra – conquanto ela seja ainda o jardim-à-beira-mar-plantado – dir-se-ia que, afinal, não são apenas as espécies que se extinguem, são-no – quase me atreveria a dizê-lo – a investigação taxonómica e florística e com ela a classe, tantas vezes amesquinhada e desdenhada dos botânicos ditos “os sistematas”. E não será este, até, um perigo bem maior?» (PINTO DA SILVA, 1991: 83). Na verdade, o papel da Sistemática nos estudos da biodiversidade é essencial para uma grande variedade de temas tais como: a conservação e a extinção das espécies, os espaços mais ricos e biodiversos (“hotspots”), a bioprospecção e o funcionamento dos ecossistemas (ALROY, 2002; FINOT & al., 2011; SCOTLAND AND WORTLEY, 2003; SMITH & WOLFSON, 2004; WILSON, 2000).

¹⁰⁶ Deve-se notar, contudo, a extraordinária importância que a Biologia Molecular assume hoje em dia nas áreas da Taxonomia, Evolução e Filogenia, havendo mesmo muitas espécies que apenas se podem distinguir por critérios moleculares, obviamente invisíveis à vista desarmada (são espécies morfologicamente idênticas, mas que, por vezes, se comportam de forma distinta), constituindo-se assim espécies crípticas ou ocultas, mas cuja relevância biológica é indiscutível: “When you can’t find anything but molecules to describe new taxa” (TRIPP & LENDEMER, 2014).

¹⁰⁷ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Botanic_Garden [acedido em 24 de Julho de 2014].

en condiciones tan precarias que causan preocupación en los profesionales del mundo entero» (CASTROVIEJO, 2009b).

Como é bem evidente, e de aplicação bastante geral, «Botanical gardens have always responded to the interests and values of the day. If a single function were to be chosen from the early literature on botanical gardens, it would be their scientific endeavour and, flowing from this, their instructional value. In their formative years, botanical gardens were gardens for physicians and botanists, but then progressively become more associated with ornamental horticulture and the needs of the general public. The scientific reputation of a botanical gardens is now judged by the publications coming out of herbaria and similar facilities, not by its living collections. The interest in economical plants now has less relevance, and the concern with plant classification systems has all but disappeared, while a fascination with the curious, beautiful and new seems unlikely to diminish» (WIKIPEDIA, *l.c.*). Bem verdadeiras e esclarecedoras acerca da situação presente e provável evolução futura dos jardins botânicos estas palavras escritas no texto da famosa enciclopédia *online* sobre os referidos jardins. Assim se compreendem também as causas da conclusão do *Index Seminum* do Jardim Botânico em 2014, após 146 anos de história (foi instituído em 1868 e a sua publicação quase não teve interrupções –excepto durante a profunda reorganização levada a efeito sob a direcção do Professor Luís Carrisso, durante a década de 1920¹⁰⁸)–, assim como a progressiva decadência e abandono gradual dos herbários (deixou de haver na Universidade de Coimbra, por exemplo, qualquer investigação em Briologia, desde os anos de 1970 [cf. SÉRGIO & al., 2013]), da Sociedade Broteriana e das suas outrora tão prestigiadas publicações (*Boletim da Sociedade Broteriana*, *Anuário da Sociedade Broteriana* e *Memórias da Sociedade Broteriana*), nas quais várias centenas de espécies novas para a Ciência foram descritas e ilustradas, ao longo de mais de um século.

Ainda hoje é particularmente notável a vasta colecção de eucaliptos do Jardim Botânico de Coimbra, que chegou a ser considerada a “maior e melhor colecção de **Eucalyptus**” da Europa (PAIVA, 1981: 9), tendo atingido “cerca de meia centena”¹⁰⁹ de espécies (PAIVA, s/data), em grande parte devida à longa e frutuosa amizade e correspondência entre o Prof. Júlio Henriques, durante muitos anos director do Jardim, e o Barão Ferdinand Heinrich Jacob von Müller (1825-1896), que, por razões de saúde, se estabeleceu na Austrália, de onde enviava numerosas sementes para o Jardim (HENRIQUES, 1876: 45).

Continua actualmente a ser muito notável a colecção de eucaliptos do Jardim, pois, citando as palavras do seu actual director, o Professor Dr Paulo Trincão: «O jardim tem uma das maiores coleções de eucaliptos do país. Mais de 50 variedades, centenários, monumentais» (TRINCÃO cit. por MACÁRIO, 2013a).

Chegaram a ser cultivadas simultaneamente no Jardim mais de 3500 espécies de plantas vasculares – mais de 1 % da flora mundial, que se estima consistir actualmente em cerca de 352000 espécies de plantas vasculares conhecidas (PATON & al., 2008; OLLERTON & al., 2011: 322; SILVA & al., 2014)–, e o *Index Seminum* chegou a incluir –no seu máximo absoluto– 2748 espécies rigorosamente identificadas, em 1959¹¹⁰ (FERNANDES, 1991: 4), provenientes em grande parte das numerosas colheitas que se efectuavam sobretudo nos arredores de Coimbra e no Centro do País. Actualmente, o *Index Seminum* ainda possui cerca de 1500 espécies, o que é muito significativo atendendo ao facto de já só haver um colector no activo (o Sr Arménio da Costa Matos). As espécies cultivadas actualmente no Jardim serão hoje muito provavelmente muito menos de metade das que nele já existiram, mas constituem ainda assim um património biológico notável, que conviria sem dúvida preservar.

É evidente que muitas das plantas que foram introduzidas no Jardim Botânico de Coimbra –por exemplo plantas de montanha– nunca poderiam ter encontrado, a uma altitude inferior a 100 m e com um clima totalmente diferente do nativo, as condições necessárias para viver em boa forma, ou mesmo sobreviver. Já pudemos observar experimentalmente que diversas espécies montanas nunca florescem em Coimbra (por exemplo *Erythronium* sp., *Gagea* sp., etc.) e, mesmo que consigam sobreviver durante alguns anos, nunca se

¹⁰⁸ Cf. INDEX SEMINUM ET SPORARUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT (2008). A publicação do *Index Seminum* prosseguiu ininterruptamente até 1923, ano em que se interrompeu a sua publicação, durante quatro anos, para que pudesse ser realizada uma profunda reorganização do referido catálogo de sementes (FERNANDES, 1987a: 37-38).

¹⁰⁹ Ao todo, e ao longo do tempo –e de acordo com os registos disponíveis do Jardim e da Mata–, foram cultivadas no Jardim Botânico um total de cinquenta e três espécies de eucaliptos, actualmente divididas pelos géneros *Corymbia* K. Hill & L. Johnson (MABBERLEY, 2008: 220-221) e *Eucalyptus* L'Héritier.

¹¹⁰ Em 1947, quando a insigne taxonomista Rosette Batarda Fernandes (1916-2005) se tornou naturalista do Departamento de Botânica da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, o número de espécies de plantas oferecidas no *Index Seminum* era de 1753, tendo subido para o máximo absoluto de 2748 uma dúzia de anos depois, “em 1959, ano em que deixou de desempenhar a função de Naturalista (esse número não voltou a ser igualado)” (FERNANDES, 1988: 16; FERNANDES, 1991: 4).

adaptam bem e não produzem flores, frutos ou sementes. Algumas nem sequer vivem mais do que alguns meses. Muitas plantas das regiões tropicais e equatoriais, contudo, conseguem desenvolver-se, florescer e frutificar perfeitamente em estufas aquecidas e húmidas como as que têm existido no Jardim Botânico desde o século XIX.

A preservação da memória histórica do Jardim, através da informação acerca dos vários milhares de espécies de plantas que nele existiram, é não só possível como relativamente acessível, pois existe ainda valiosa documentação –manuscrita, sobretudo: os livros de registos das plantas cultivadas e semeadas no Jardim e na Mata–, que foi salva da destruição (durante a década de 1990) pelo Senhores Manuel Cardoso Alves e Arménio da Costa Matos, como já referimos acima.

Estes livros de registos, nalguns casos com mais de oitenta e cinco anos, podem e devem-se aproveitar e conservar, transcrevendo-se toda a informação científica relevante neles contida, e actualizando-a nomenclaturalmente em todos os casos em que tal se afigure necessário.

A partir destes livros de registos (manuscritos e actualizados ao longo de muitos anos, embora posteriormente quase abandonados) é possível reconstituir um passado científico glorioso de um jardim botânico verdadeiramente histórico e extraordinariamente rico. E, quem sabe, talvez um dia, no futuro, venha ainda a ser possível reconstituir e reviver esse passado tão rico, que só possível numa época em que havia maior disponibilidade de recursos humanos, assim como uma direcção científica extremamente dedicada, determinada e eficiente¹¹¹.

Convém ainda referir a grande importância que possuem os jardins botânicos para a conservação das plantas úteis (medicinais, aromáticas, condimentares e ornamentais, entre outras), assim como para a conservação dos nossos endemismos e espécies raras e da biodiversidade em geral –actualmente tão ameaçada, como se sabe. Através do projecto “The Sampled Red List Index for Plants” (BRUMMITT & BACHMAN, 2010), estima-se que 20 % ou um quinto do total de espécie de plantas está actualmente ameaçada de extinção¹¹². Esta proporção do número total de espécies vegetais poderá ser ainda maior se tivermos em conta os efeitos potenciais das alterações climáticas actualmente em curso, que poderão ter um impacto substancial nas populações de plantas silvestres no futuro (MAXTED & al., 2014: 118).

Infelizmente, temos de concordar que estamos actualmente a atravessar a sexta grande extinção maciça de espécies no nosso planeta, com uma grande redução da biodiversidade global e consequências devastadoras para todo o mundo vivo (BRUMMITT & al., 2008: 127; WILSON, 2014).

Este fenómeno verifica-se devido ao aumento exponencial da população humana, obviamente insustentável no futuro (PAVAN, 1977; CAMARASA, 1980: 110; LOVELOCK, 2007: 198; WILSON, 2013: 32). Como disse o grande orquidólogo Pierre Delforge: “Aujourd’hui cependant, les Orchidées ne sont plus des signes extérieurs de richesse pour millionnaires mais les témoins superbes et menacés d’une Nature qui meurt, étouffé par l’insolent succès démographique de l’espèce humaine” (DELFORGE, 2001: 4; DELFORGE, 2006: 4). Citando WILSON (2013: 32): “We recently shot pas seven billion. When was the Earth half full? Decades ago, say the experts. Humanity is racing toward the wall.”

Este problema já era reconhecido em Portugal em 1944 como a “saturação demográfica” – “o problema demográfico pendente. Com efeito, é mister garantir, num próximo futuro, a manutenção de alguns milhões a mais de portugueses (...)” (ALBUQUERQUE, 1945: 569). Natural e compreensivelmente, este problema era visto maioritariamente como um problema alimentar, agronómico e económico e não como uma problema ecológico ou da Natureza – preocupações que vieram a sentir-se fortemente no Mundo apenas algumas décadas mais tarde.

Naturalmente, para uma população sempre crescente, em número e em necessidades, cada vez é maior a necessidade de recursos naturais como por exemplo as terras aráveis, a água doce, minérios, combustíveis fósseis e as próprias plantas e animais–, que se tem verificado ao longo dos últimos séculos e que continua a ocorrer na actualidade (cf. por ex. PAVAN, 1977; PESSOA, 1977). Felizmente, apesar de toda a destruição do ambiente que se tem verificado, também há alguns motivos para se estar optimista: em 1960, cada mulher tinha em média seis filhos, enquanto que em 2005/2006 o número de crianças por mulher tinha descido para três, mantendo-se provavelmente a tendência descendente (WILSON, 2006b). De acordo com este ilustre autor, o século XXI será “the century of environment,” a time when humans will celebrate and preserve biodiversity, or wreck life on Earth» (WILSON, *l.c.*).

¹¹¹ É interessante notar que ainda hoje, entre alguns funcionários do Jardim, se conserva a memória de um dos mais notáveis directores do Jardim Botânico de Coimbra, o Professor Abílio Fernandes (que foi também um dos últimos botânicos taxonomistas a dirigir o Jardim Botânico de Coimbra, até ao ano de 1974), um verdadeiro escravo do trabalho científico, com enorme amor pela Botânica, ainda recordado como um homem muito exigente, mas igualmente muito justo e dedicado à causa da Botânica e aos seus obreiros.

¹¹² Já em 1977 se estimava que pelo menos 20000 espécies vegetais e dezenas de milhares de espécies animais estavam em vias de extinção (PAVAN, 1977: 11).

A conservação em jardins botânicos (conservação *ex situ*) das espécies raras e ameaçadas tem hoje uma importância crescente na preservação dos recursos genéticos¹¹³¹¹⁴, sendo igualmente necessária a educação ambiental e cívica dos visitantes – é indispensável dar a conhecer ao público a riqueza que constitui a biodiversidade e a importância do seu uso de forma sustentável (cf. TAVARES & al., *op. cit.*: 10). Esta preocupação com a conservação ou preservação das espécies (animais e vegetais) é, contudo, bastante recente, tendo-se começado a sentir sobretudo a partir do século XX, pois anteriormente as pessoas pareciam considerar as espécies como sendo entidades inesgotáveis, não sendo assim necessário estabelecer limitações à sua captura ou à sua colheita¹¹⁵ (cf. ALVES, 2010).

Actualmente, o papel e a função dos jardins botânicos e dos jardins zoológicos tem-se vindo progressivamente a articular no sentido de uma complementaridade cada vez maior, com os objectivos prosseguidos pelas áreas protegidas –que, em Portugal, se incluem nos seguintes tipos: parques, reservas, paisagens protegidas, monumentos naturais e sítios classificados (ALVES, *l.c.*).

Enquanto que nas áreas protegidas naturais se faz a conservação *in situ* de ecossistemas, biótopos e *habitats*, nos jardins botânicos, bancos de sementes e jardins zoológicos pratica-se a conservação das espécies *ex situ* (ou fora do seu ambiente natural) em espaços artificiais estreitamente confinados, muitas vezes preservando apenas partes viáveis de seres vivos, tais como os frutos, os esporos ou as sementes, ou então órgãos subterrâneos como os bolbos, rizomas ou tubérculos, no caso do mundo vegetal (ALVES, *l.c.*).

Outra função importante dos jardins botânicos é dar às pessoas um conhecimento mais profundo sobre a Natureza e as plantas, algas e fungos em particular. Nas últimas dezenas de anos tem-se verificado um certo afastamento de muitas pessoas em relação à Natureza, sendo sempre conveniente que a população tenha algum conhecimento concreto do mundo natural. De acordo com alguns botânicos, “the unity of man and nature is lost” (WESTHOFF, 1983; JANSEN, 2001). Por este motivo, WESTHOFF “was pessimistic about the future of our earth” and “He was trying to restore that unity (...)” (JANSEN, 2001: 124). Também os GENESIS já tinham referido esse problema em “*Watcher of the Skies*” (do LP *Foxtrot*): “This is the end of man’s long union with Earth” (GENESIS, 1972). Sendo necessário restaurar essa união, é compreensível que os jardins botânicos tenham um papel importante a desempenhar nessa missão. As plantas medicinais –que estiveram na origem do Jardim Botânico de Coimbra–, alimentares, aromáticas, condimentares, decorativas ou com outros usos são sempre bons pontos de partida para um possível restauro dessa união ancestral.

É importante destacar a grande importância que o Jardim Botânico de Coimbra tem tido – particularmente através do seu antigo e prestigiado “*Index seminum et sporarum* (...)”, que foi fundado em

¹¹³ No Jardim Botânico de Coimbra cultivam-se e têm-se cultivado ao longo dos tempos numerosas espécies que são consideradas “*Crop wild relatives*” ou familiares de plantas cultivadas pelo Homem (para diversas finalidades práticas), assim como várias outras espécies de plantas consideradas ameaçadas [EN = *endangered*] ou vulneráveis [VU = *vulnerable*] na recentíssima European Red List of Vascular Plants (BILZ & al., 2011). Entre estas espécies podemos citar por exemplo a *Tetraclinis articulata* (Vahl) Mast. (*Cupressaceae*), considerada como “endangered” e citada nos anexos da Convenção de Bern e a *Prunus lusitanica* L. subsp. *lusitanica* (*Rosaceae*), uma “*crop wild relative*” considerada vulnerável (BILZ & al., 2011: 112, 119).

¹¹⁴ É particularmente curioso e elucidativo o caso do pequeno nenúfar *Nymphaea thermarum* Eb. Fischer (*Nymphaeaceae*), que foi descoberto no Rwanda em 1987 pelo botânico alemão Eberhard Fischer num *habitat* extremamente restrito –uma nascente termal de água quente em Mashyuza, Rwanda, com apenas alguns metros quadrados de área– e que foi considerado extinto na Natureza cerca de 2008, devido ao desvio da água da nascente termal para uso agrícola. Felizmente, a planta foi cultivada em Bonn (Alemanha) e em Kew (Inglaterra) e foi possível obter sementes férteis, depois de se terem resolvido graves dificuldades de germinação (WIKIPEDIA).

¹¹⁵ Na actualidade, até a colheita de plantas raras por botânicos profissionais ou amadores para a obtenção de exemplares de herbário interessantes e valiosos é considerada um factor de risco que se não deve menosprezar. Como apontou o grande orquidólogo PIERRE DELFORGE (2001: 28-29): “L’herbier peut être, pour le scientifique, une nécessité; malheureusement il est parfois un alibi commode masquant un penchant maniaque pour la collection, particulièrement actif en présence de plantes rares et souvent préjudiciable à leur survie. Bien des stations remarquables ont été consciencieusement vidées de leur plantes rarissimes par des «scientifiques» soucieux de compléter leur herbier, ou, quelquefois, par des groupes d’étudiants guidés par un professeur de botanique un peu naïf, qui trouvent de la sorte le moyen de constituer, rapidement, le traditionnel et incontournable herbier que leur programme d’études leur impose.” Outro factor ainda é a busca de imagens de plantas por fotógrafos, amadores ou profissionais, que “faisant passer leur art avant la survie des plantes peuvent apporter leur contribution à l’appauvrissement des stations menacées. Trouvant la plante dans des conditions qui ne leur conviennent pas, ils la déplacent pour la mettre à la lumière, l’emportent parfois pour la photographier à l’aise dans leur chambre d’hôtel; si elle est seulement en boutons, certains n’hésitent pas à la transplanter pour la photographier à domicile, une fois les fleurs ouvertes.” (DELFORGE, *l.c.*).

1868 e publicado quase ininterruptamente até 2014¹¹⁶ – na conservação e divulgação das espécies de plantas que são consideradas “*Crop Wild Relatives*” (CWR) ou familiares de plantas cultivadas pelo homem (para diversas finalidades práticas), assim como várias outras espécies de “*Wild Harvested Plants*” (WHP), que são plantas úteis ao homem (medicinais, por exemplo) que são habitualmente colhidas na Natureza.

As “*Crop Wild Relatives*” são *taxa* proximamente relacionados com espécies de importância socio-económica directa, incluindo plantas alimentares, condimentares, florestais, forrageiras, medicinais e ornamentais, assim como as plantas utilizadas para diversos fins de natureza industrial, como por exemplo a obtenção de fibras e de óleos (MAGOS BREHM & al., 2008a: 211). No conceito habitual de “*crop wild relatives*” também se incluem as plantas directamente colhidas na Natureza (*wild harvested plant species* = WHP), assim como culturas de importância menor ou plantas subutilizadas (KELL & al., 2004; MAGOS BREHM & al., 2008a: 211; MAGOS BREHM & al., 2008b: 779; MAXTED & al., 2014: 114).

As “*crop wild relatives*” são definidas pelo potencial que apresentam para contribuir para beneficiar as plantas cultivadas, através do aumento da sua resistência a doenças, pestes ou pragas e do melhoramento da sua estabilidade e do seu rendimento (MAXTED & al., 2014: 114). Considerando o aumento constante da população humana e a ameaça cada vez mais grave das alterações climáticas, desertificação e destruição de habitats, de ecossistemas e de espécies animais e vegetais, compreende-se que se torna cada vez mais importante o estudo e a preservação das “*crop wild relatives*” e das “*wild harvested plant species*”, podendo os jardins botânicos e as instituições científicas que lhe estão associadas dar um contributo importante nesse sentido.

As “*crop wild relatives*” possuem uma diversidade genética intrínseca maior que a das plantas cultivadas, pois encontram-se distribuídas por uma maior diversidade de habitats e não sofreram um processo de domesticação redutor da sua diversidade genética (VOLBRECHT & SIGMON, 2005; MAXTED & al., 2012; MAXTED & al., 2014). A importância da diversidade genética das “*crop wild relatives*” como um recurso potencialmente crítico para a segurança alimentar futura é largamente reconhecida na actualidade (MAXTED & al., 2014).

Os recursos genéticos vegetais –as plantas cultivadas pelo homem e as suas parentes mais ou menos próximas: “*crop wild relatives*”– têm sido identificados e considerados como um alvo essencial para a conservação desde há mais de oitenta anos, quando Vavilov e a sua equipe chamaram a atenção para a diversidade criada pela adaptação das plantas cultivadas aos *habitats* particulares constituídos pelos locais de cultura (VAVILOV, 1926; GREGOR, 1933; BETTENCOURT & GUSMÃO, 1982; PRESCOTT-ALLEN & PRESCOTT-ALLEN, 1983; LACK, 2000; MEILLEUR & HODGKIN, 2004; MAGOS BREHM & al., 2008a).

Para a grande importância das “*crop wild relatives*” contribui o facto de que elas são uma fonte extremamente importante de variação genética para o desenvolvimento de novas variedades (JAIN, 1975) e para o melhoramento das espécies domesticadas, através da transferência dos principais traços (*traits*) benéficos por meio de técnicas biotecnológicas ou convencionais (SCHOEN & BROWN, 1993; MAGOS BREHM & al., 2008; MAXTED & al., 2014), constituindo um importante elemento dos recursos genéticos vegetais (*plant genetic resources* = PGR) de uma nação (MAGOS BREHM & al., 2008b: 779).

Citando os mesmos autores (MAGOS BREHM & al., 2008b: 779), em Portugal haverá um total de 2319 taxa de *crop wild relatives* e *wild harvested plant species* (plantas pertencentes a qualquer dos dois grupos ou aos dois simultaneamente), o que corresponde a quase 64 % ou quase dois terços do total de taxa de plantas vasculares que admitimos existirem em Portugal continental: entre 3628 e 3640, segundo os dados de que dispomos (ALMEIDA, 2009: 19, 21, 29, 82, 84; Apêndice I; ALMEIDA, 2010b).

Em relação à flora mundial, cerca de 28 % do total de espécies de plantas existentes terão sido usadas em medicina tradicional e/ou moderna (MAGOS BREHM & al., 2008b: 780), um dado que vem reforçar ainda mais a grande necessidade de preservar a Natureza e as espécies vegetais, actualmente tão ameaçadas. Citando ainda estes autores, cerca de três biliões de pessoas (ou 3/7 da população mundial) dependem de *wild harvested plant species* para satisfazer as suas necessidades de medicamentos (MAGOS BREHM & al., *l.c.*). Também na Europa e na América do Norte, em países particularmente desenvolvidos, o uso de plantas medicinais pelas pessoas tem vindo a aumentar significativamente (LAVANIA, 2005; MAGOS BREHM & al., *l.c.*).

¹¹⁶ Cf. INDEX SEMINUM ET SPORARUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT (2013). A publicação do *Index Seminum* prosseguiu ininterruptamente até 1923, ano em que se interrompeu a sua publicação, durante quatro anos, para que pudesse ser realizada uma profunda reorganização do referido catálogo de sementes (FERNANDES, 1987a: 37-38).

Na actualidade, tal como no seu início, a cultura das plantas medicinais no Jardim Botânico de Coimbra continua a ser uma das suas principais actividades e razões de existir. Assim, ainda entre 2006 e 2008 eram cultivadas no Jardim Botânico cerca de 168 espécies de plantas medicinais (TAVARES & al., 2009: 14), embora em 2014 esse número deva ser talvez já consideravelmente menor (A.C. MATOS, comunicação pessoal).

4. Flora e vegetação do Jardim Botânico de Coimbra – uma introdução

No âmbito de um projecto florístico para três anos, generosamente financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, temos vindo a estudar a flora (a flora vascular, sobretudo) e a vegetação do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra (centro de Portugal). Esta pequena área (cerca de 13,5 hectares ou 0,135 km²), situada a norte do rio Mondego, muito perto da sua margem direita, vai de cerca de 20 até 90 metros acima do nível do mar e está totalmente incluída no interior da cidade de Coimbra, que constitui uma área intensamente urbanizada desde há quase dois mil anos – a antiga cidade romana de Aeminium¹¹⁷, que veio a adoptar o nome da vizinha cidade de Conímbriga – no concelho de Coimbra, distrito de Coimbra e província da Beira Litoral.

O clima é Mediterrânico pluvial sazonal oceânico e a precipitação anual média é de cerca de 905 mm por ano (ATLAS CLIMÁTICO IBÉRICO, 2011), distribuídos ao longo de cerca de 140 dias de chuva por ano.

A temperatura varia entre -4,9 °C em Janeiro e 41,6 °C em Junho (valores máximos e mínimos absolutos entre 1971 e 2000, no Observatório Meteorológico de Coimbra/Bencanta¹¹⁸); a média das temperaturas mínimas varia entre 4,6 °C em Janeiro e 15,0 °C em Julho; a média das temperaturas máximas varia entre 14,6 °C em Janeiro e 28,5 °C em Agosto (ATLAS CLIMÁTICO IBÉRICO, 2011).

As rochas dominantes no interior do Jardim são os arenitos, mas existem também numerosos muros calcários, que constituem o habitat predileto de uma rica vegetação casmofítica espontânea ou subespontânea, entre a qual há a destacar as seguintes espécies endémicas ou raras em Portugal: *Antirrhinum linkianum* Boissier & Reuter, *Micromeria juliana* (L.) Benth. e *Verbascum levanticum* I.K. Ferguson, na Europa exclusivamente encontrada no Jardim Botânico e seus arredores (cf. FERGUSON, 1972).

A cidade e o concelho de Coimbra encontram-se dentro da área natural da aliança de vegetação florestal e arbustiva mediterrânica sempreverde ou semidecídua *Quercion broteroi* Br.-Bl., P. Silva & Rozeira 1956 *em*. Rivas-Martínez 1975 [Syn.: *Quercion fagineae* Br.-Bl., P. Silva & Rozeira 1956] (PINTO DA SILVA & al., 1989: 13), que pertence à ordem *Quercetalia ilicis* Br.-Bl. *ex* Molinier 1934 *em*. Rivas-Martínez 1975, da classe QUERCETEA ILICIS Br.-Bl. *ex* A. & O. Bolòs 1950 (RIVAS-MARTÍNEZ & al., 2001: 169).

No interior deste jardim muito antigo (com mais de duzentos anos), é possível encontrar vegetação espontânea e naturalizada pertencente a diversas classes de vegetação, incluindo várias espécies exóticas e invasoras interessantes, de acordo com a classificação fitossociológica definida e adoptada por RIVAS-MARTÍNEZ & al. (2002b):

1) **ADIANTETEA**: comunidades de briófitos e fetos casmofíticos (com avenca: *Adiantum capillus-veneris*, *Pteris vittata* e diversas espécies briofíticas);

2) **ANOMODONTO-POLYPODIETEA**: comunidades de vegetação epifítica e comofítica dominadas por fetos, briófitos e plantas com semente (com *Frullania tamarisci* (L.) Dumortier, *Polypodium interjectum* Shivas, *Selaginella denticulata* (L.) Spring, *Umbilicus rupestris* (Salisbury) Dandy e outras espécies briofíticas); a associação **Trachelio caerulei-Adiantetum capilli veneris** O. Bolòs 1957 está presente no Jardim Botânico de Coimbra;

3) **ARTEMISIETEA VULGARIS**: comunidades de ervas altas bienais ou perenes, gramíneas e cardos, constituindo vegetação pioneira ruderal e nitrófila de locais ensolarados (com *Dittrichia viscosa* (L.) Greuter, *Foeniculum vulgare* Miller e *Piptatherum miliaceum* (L.) Cosson);

4) **CARDAMINO HIRSUTAE-GERANIETEA PURPUREI**: comunidades de plantas anuais de primavera e verão, formando orlas efémeras ligeiramente nitrificadas e de meia-sombra (com espécies como *Cardamine hirsuta* L., *Centranthus calcitrapae* (L.) Dufresne, *Fumaria capreolata* L., *Geranium purpureum* L., *Geranium rotundifolium* L., *Torilis arvensis* (Hudson) Link);

5) **CHARETEA FRAGILIS**: comunidades pioneiras de carófitos crescendo em solos subaquáticos nus de piscinas naturais, tanques ou cursos de água (com *Chara* sp. num pequeno tanque);

¹¹⁷ A antiga cidade romana de Aeminium veio posteriormente a adoptar o nome da vizinha (a cerca de 15 km de distância) cidade romana de Conímbriga, cujas ruínas (que possuem flora e vegetação bastante semelhantes às da cidade de Coimbra), ainda hoje se podem encontrar no concelho vizinho de Condeixa-a-Nova (freguesia de Condeixa-a-Velha).

¹¹⁸ Bencanta fica num local próximo em relação ao Jardim Botânico, distante cerca de 3 km, embora na margem oposta (esquerda) do rio Mondego.

- 6) **GALIO-URTICETEA**: comunidades de hemicriptófitos perenes e ervas altas trepadeiras de orlas arbustivas ou arbóreas nitrificadas e outros biótopos antropogénicos de semi-sombra (com espécies como *Allium triquetrum* L., *Calystegia sepium* (L.) R. Brown, *Conium maculatum* L., *Galium aparine* L., *Galium murale* (L.) Allioni, *Geranium lucidum* L., *Scrophularia grandiflora* DC., *Smyrniolum olusatrum* L., *Urtica dioica* L., *Urtica membranacea* Poiret);
- 7) **LEMNETEA**: comunidades brio-cormofíticas de pequenas plantas flutuantes de água doce (com *Lemna minor* L. em pias e tanques de reduzidas dimensões com águas paradas, de natureza ácida e algo eutrófica (cf. TALAVERA, 1987a: 212);
- 8) **MOLINIO-ARRHENATHERETEA**: comunidades de prados em solos profundos e húmidos (com espécies como *Crepis capillaris* (L.) Wallroth, *Paspalum distichum* L., *Paspalum urvillei* Steudel, *Plantago lanceolata* L., *Plantago major* L., *Sporobolus indicus* (L.) R. Brown, *Taraxacum officinale* Weber sensu lato, *Trifolium pratense* L., *Trifolium repens* L., *Verbena officinalis* L.);
- 9) **PARIETARIETEA**: comunidades de casmófitos nitrófilos em paredes urbanas antropogénicas (com *Asplenium ceterach* L., *Cymbalaria aequitriloba* (Viviani) A. Chevallier, *Cymbalaria muralis* G. Gaertner, B. Meyer & Scherbius, *Erigeron karwinskianus* DC., *Ficus carica* L., *Hyoscyamus albus* L., *Parietaria judaica* L., *Trachelium caeruleum* L., *Umbilicus rupestris*); as associações **Centrantho rubri-Antirrhinetum linkiani** Moug., J.C. Costa & Espírito Santo 1995, **Parietarietum judaicae** K. Buchwald 1952 estão presentes no Jardim;
- 10) **POLYGONO-POETEA ANUAE**: comunidades de vegetação antropozoogénica anual pioneira efémera e nitrófila, de caminhos urbanos e rurais (com *Bryum argenteum* Hedwig, *Chamaesyce canescens* (L.) Prokhanov subsp. *canescens*, *Chamaesyce maculata* (L.) Small, *Chamaesyce serpens* (Kunth) Small, *Cotula australis* (Von Siebold ex Sprengel) Hooker f., *Crassula tillaea* Lester-Garland, *Poa annua* L., *Polycarpon tetraphyllum* (L.) L., *Polygonum aviculare* L., etc.);
- 11) **QUERCETEA ILICIS**: carvalhais e outros bosques sempreverdes ou semidecíduos, matagais e matos da Região Mediterrânica (com espécies como *Arisarum simorrhinum* Durieu, *Aristolochia sempervirens* L., *Asplenium onopteris* L., *Daphne gnidium* L., *Hedera maderensis* K. Koch ex A. Rutherf. subsp. *iberica* McAllister, *Hyacinthoides hispanica* (Miller) Rothmaler, *Laurus nobilis* L., *Orobancha hederæ* Duby, *Quercus faginea* Lamarck subsp. *broteroi* (Coutinho) A. Camus, *Quercus lusitanica* Lamarck, *Quercus rotundifolia* Lamarck, *Rubia peregrina* L. subsp. *peregrina*, *Ruscus aculeatus* L., *Smilax aspera* L. var. *aspera*, *Vincetoxicum nigrum* (L.) Moench);
- 12) **RHAMNO-PRUNETEA**: comunidades seriais de vegetação arbustiva predominantemente decídua mesofítica ou xerofítica de orlas de vegetação florestal dominada principalmente por arbustos espinhosos escandentes e trepadores, assim como comunidades permanentes de vegetação arbustiva em penhascos e locais de declive acentuado (com espécies como *Crataegus monogyna* Jacquin, *Lonicera periclymenum* L. subsp. *hispanica* (Boissier & Reuter) Nyman, *Rubus ulmifolius* Schott);
- 13) **SALICI PURPUREAE-POPULETEA NIGRAE**: comunidades de vegetação florestal constituídas por salgueiros e outras árvores decíduas próprias de locais ripícolas húmidos como as margens de linhas de água (com espécies como *Aristolochia paucinervis* Pomel, *Arum italicum* Miller subsp. *italicum*, *Populus alba* L., *Populus nigra* L. subsp. *nigra*, *Salix atrocinerea* Brotero, *Vinca difformis* Pourret subsp. *difformis*);
- 14) **STELLARIETEA MEDIAE**: comunidades nitrófilas e seminitrófilas de vegetação sinantrópica constituídas por ervas anuais ou de ciclo de vida efémero (com *Anagallis arvensis* L., *Arabidopsis thaliana* (L.) Heynhold, *Avena barbata* Pott ex Link subsp. *barbata*, *Borago officinalis* L., *Bromus diandrus* Roth, *Bromus hordeaceus* L. subsp. *hordeaceus*, *Calendula arvensis* L., *Capsella bursa-pastoris* L., *Catapodium rigidum* (L.) C.E. Hubbard, *Cerastium glomeratum* Thuillier, *Chenopodium album* L., *Digitaria sanguinalis* (L.) Scopoli, *Echium elaterium* (L.) A. Richard, *Erigeron bonariensis* L., *Erigeron canadensis* L., *Erigeron sumatrensis* Retzius, *Euphorbia peplus* L., *Fumaria muralis* Sonder ex Koch, *Galinsoga parviflora* Cavanilles, *Geranium molle* L., *Hibiscus trionum* L., *Hirschfeldia incana* (L.) Lagrèze-Fossat, *Hordeum murinum* L., *Kickxia spuria* (L.) Dumortier subsp. *integrifolia* (Brotero) R. Fernandes, *Lamium amplexicaule* L., *Medicago arabica* (L.) Hudson, *Medicago lupulina* L., *Medicago polymorpha* L., *Misopates orontium* (L.) Rafinesque, *Oxalis corniculata* L., *Oxalis latifolia* Kunth, *Papaver rhoeas* L., *Portulaca oleracea* L., *Rostraria cristata* (L.) Tzvelev, *Rumex pulcher* L. subsp. *woodsii* (De Notaris) Arcangeli, *Senecio vulgaris* L., *Setaria verticillata* (L.)

P. Beauvois, *Silene gallica* L., *Stellaria media* (L.) Villars, *Solanum nigrum* L., *Soliva sessilis* Ruiz & Pavón, *Sonchus oleraceus* L., *Sorghum halepense* (L.) Persoon, *Stipa capensis* Thunberg, *Veronica arvensis* L., *Veronica hederifolia* L., *Veronica persica* Poiret, *Vicia angustifolia* L., etc.);

15) **TRIFOLIO-GERANIETEA**: comunidades de vegetação de orlas externas de bosques semi-sombrias constituídas sobretudo por ervas perenes, frequentemente com flores conspícuas (com espécies as *Calamintha nepeta* (L.) Savi subsp. *nepeta*, *Origanum virens* Hoffmannsegg & Link, *Silene latifolia* Poiret);

16) **TUBERARIETEA GUTTATAE**: comunidades de vegetação efémera de primavera dominadas por ervas anuais não ou escassamente nitrófilas (com *Andryala integrifolia* L., *Arenaria leptoclados* (Reichenbach) Gussone, *Briza maxima* L., *Briza minor* L., *Campanula erinus* L., *Medicago minima* (L.) L., *Trifolium arvense* L.).

Muitas espécies exóticas e potencialmente invasoras se encontram no Jardim: *Selaginella kraussiana* (G. Kunze) A. Braun (*Selaginellaceae*), *Acalypha rhomboidea* Rafinesque (*Euphorbiaceae*), *Acanthus mollis* L. (*Acanthaceae*), *Macfadyena unguis-cati* (L.) A. Gentry (syn.: *Bignonia unguis-cati* L., *Bignoniaceae*), *Ailanthus altissima* (Miller) Swingle (*Simaroubaceae*) –uma árvore muito invasora–, *Anredera cordifolia* (Tenore) Steenis (syn.: *Boussingaultia cordifolia* Tenore, *Basellaceae*), *Coriaria nepalensis* Wallich (*Coriariaceae*), *Delairea odorata* Lemaire (syn.: *Senecio mikanioides* Otto ex Walpers, *Compositae*), *Ehrharta erecta* Lamarck (*Gramineae*), *Erigeron karwinskianus* DC. (*Compositae*), *Phoenix canariensis* Chabaud (*Palmae*), *Salpichroa origanifolia* (Lamarck) Baillon e *Solanum mauritianum* Scopoli (*Solanaceae*), *Selaginella kraussiana* (G. Kunze) A. Braun (*Selaginellaceae*), *Symphyotrichum squamatum* (Sprengel) G.L. Nesom (syn.: *Aster squamatus* (Sprengel) Hieron., *Compositae*) –uma composta invasora–, *Nothoscordum gracile* (Dryander ex Aiton) Stearn (*Amaryllidaceae*), *Tradescantia fluminensis* Vellozo (*Commelinaceae*), outra espécie bastante invasiva.

Um inventário da flora vascular deste jardim botânico (originalmente iniciado como um espaço destinado apenas ao cultivo das ervas medicinais no século XVIII, entre 1772 e 1774¹¹⁹) tem vindo a ser preparado. Mais de 6000 [5973 em 31.XII.2014] espécies de plantas (nativas, naturalizadas e, na sua maioria, cultivadas) poderão vir a ser incluídas.

¹¹⁹ Cf. INDEX SEMINUM ET SPORARUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT (2011).

5. Classificação utilizada e ordenação do Catálogo

Ordenamos as famílias botânicas de acordo com os grandes grupos tradicionais de plantas ou vegetais: **Cianobactérias**, **Fungos**¹²⁰ [um reino (**Fungi**) actualmente considerado bastante mais próximo do **Reino Animal (Animalia)**¹²¹ do que do **Reino Vegetal** ou das **Plantas: Plantae** ou **Viridiplantae** ou **Chloroplastida** (WHITTAKER, 1969; CAVALIER-SMITH, 1987; CAVALIER-SMITH & al., 1994: 11369-11371; CAVALIER-SMITH & CHAO, 1995: “The opalozoan *Apusomonas* is related to the common ancestor of animals, fungi, and choanoflagellates”; BALDAUF & PALMER, 1993; BALDAUF & DOLITTLE, 1996; BALDAUF, 1999; BALDAUF & al., 2000; BORCHIELLINI & al., 1998: “Phylogenetic analysis of the Hsp70 sequences reveals the monophyly of Metazoa and specific phylogenetic relationships between animals and fungi”; STECHMANN & CAVALIER-SMITH, 2002; CAVALIER-SMITH, 2004: 1253; CAVALIER-SMITH, 2009: 27; CAVALIER-SMITH, 2009b: 122, 126; ADL & al., 2005; ADL & al., 2012: 430, 432; KEELING, 2004: 1481; STEINKAMP & al., 2006: “The Protistan Origins of Animals and Fungi”; SCHILDE & SCHAAP, 2013; WIKIPEDIA; etc.): “Animals and Fungi both evolved from the same protozoan phylum, Choanozoa, but from different subgroups, being sisters of choanoflagellates and nucleariids, respectively” (cf. SHALCHIAN-TABRIZI & al., 2008; CAVALIER-SMITH, 2009b: 126); e “Animals and fungi are each other’s closest relatives” (BALDAUF & PALMER, 1993: 11558-11562)], **Líquenes** [associações simbióticas entre algas e fungos, convencionalmente classificadas com o mesmo nome científico do fungo que nelas se encontra, pertencendo assim a uma das duas seguintes classes de fungos: **Ascomycetes** ou **Basidiomycetes** (WIKIPEDIA)], **Protistas** [incluindo várias classes de algas (**Bacillariophyceae** [Diatomáceas], **Chrysophyceae**, **Phaeophyceae**, **Xanthophyceae**)], **Clorófitos** [algas verdes aquáticas ou terrestres da divisão **Chlorophyta**, incluindo algumas classes como **Chlorophyceae**, **Prasinophyceae**, **Trebouxiophyceae** e **Ulvophyceae**], **Carófitos** [algas da família cosmopolita *Characeae*, conhecidas desde o Cretácico superior (MABBERLEY, 2008: 175), que pertencem à ordem **Charales** da classe **Charopsida** ou **Charophyceae** da divisão **Charophyta** (ou divisão *Streptophyta*, segundo outros autores¹²²), que são vernacularmente conhecidas como “ervas de pedra”¹²³ ou “stoneworts” (MABBERLEY, 2008: 824; CAISOVÁ & GABKA, 2009: 1)], **Briófitos** (**Hepáticas**, **Musgos** e **Antóceros** ou “*Hornworts*”), **Pteridófitos**, **Gimnospérmicas** e **Angiospérmicas**¹²⁴.

A classificação dos seres vivos tem sofrido uma verdadeira revolução nas últimas dezenas de anos. Desde a repartição dos vegetais (o **Reino Vegetal** de Lineu) em dois grandes grupos: **Cormófitos** (*Cormophyta* [plantas providas de raízes e caules ou talos] ou *Embryophyta* ou “*land-plants*”, incluindo as **plantas vasculares** [*Tracheophyta*] e as **plantas terrestres não vasculares** [*Bryophyta*]); e **Talófitos** (*Thallophyta* ou *Thallobionta*): uma divisão (ou sub-reino) artificial altamente polifilética que incluía todos os outros grupos de “vegetais” não móveis: os diversos grupos de **Algas**, todos os **Fungos** e **Líquenes** e também todos os diversos grupos de **Bactérias** (WIKIPEDIA) até aos dias de hoje, muitas têm sido as mudanças na classificação dos seres vivos. Nesta classificação dos organismos vivos em dois reinos –actualmente ultrapassada, por ser completamente artificial e polifilética– o sub-reino **Thallophyta** dividia-se em três grupos principais: **Algae**, incluindo as seguintes divisões (de acordo com o resumo de BAKER & ALLEN, 1975: 714):

¹²⁰ De acordo com JORGE & al. (2011: 41): “Os fungos apresentam um conjunto de características próprias que permitem a sua diferenciação das plantas: não sintetizam clorofila, não têm celulose na sua parede celular exceto alguns aquáticos e não armazenam amido como substância de reserva. A presença de substâncias quitinosas na parede da maior parte das espécies fúngicas e a sua capacidade de armazenar glicogénio assemelham-nos às células animais.” Contudo, durante muitos anos, e até há pouco tempo (1969), os fungos foram considerados como “plantas”, fazendo assim parte do Reino Vegetal (JORGE & al., *l.c.*).

¹²¹ Os **Animais** e os **Fungos** (reinos **Animalia** e **Fungi**) fazem parte do grande agrupamento **Opisthokonta** Cavalier-Smith 1987, emend Adl & al., 2005, juntamente com diversas amebas e bolores, e ainda vários outros grupos de organismos pouco conhecidos (WIKIPEDIA). Actualmente, os Animais são considerados os parentes mais próximos dos Fungos (!), que deixaram de pertencer ao tradicional Reino Vegetal de Lineu (BALDAUF & PALMER, 1993; BALDAUF, 1999; BALDAUF & al., 2000; KEELING, 2004).

¹²² CAISOVÁ & GABKA (2009) incluem as algas carófitas na família *Characeae*, ordem *Charales*, da divisão **Charophyta**, enquanto que CIRUJANO & al., na *Flora ibérica – Algas continentales* (2008), assim como outros autores (cf. WIKIPEDIA), consideram que a família *Characeae*, pertence à divisão **Streptophyta**.

¹²³ Estas algas, embora pouco conhecidas e pouco estudadas entre nós, constituem valiosos ecossistemas de vegetação de água doce, não poluídos, com águas oligo-mesotróficas calcárias com vegetação bética de macroalgas subaquáticas (carófitos), característicos de *habitats* como barragens e represas, piscinas e tanques, canais, ribeiros e rios de águas superficiais ou pouco profundas, sem um alto conteúdo em nutrientes (ICNB, s/data; COSTA & al., 2012: 2).

¹²⁴ As **Angiospérmicas** podem ainda ser consideradas como uma subdivisão ou subfilo: **Magnoliophytina** (cf. por exemplo RONSE DE CRAENE & SMETS (1993) ou AESCHIMANN & al. (2004)).

1. **Cyanophyta** [as Cianobactérias ou algas azuis-verdes, procariotas];
2. **Euglenophyta** [euglenas e afins, actualmente pertencentes ao reino **Protozoa**];
3. **Pyrrophyta** [Dinoflagelados, actualmente pertencentes aos *Alveolata*, filo *Ciliophora*, subfilo *Dinzoa*, infrafilo *Dinoflagellata* ou **Dinophyta**, classes **Dinophyceae**, etc. (WIKIPEDIA)];
4. **Chrysophyta** [as algas douradas (classe *Chrysophyceae*), as diatomáceas (classe *Bacillariophyceae*), etc., actualmente pertencentes à divisão **Heterokontophyta** ou *Heterokonta*, do reino **Chromista** (WIKIPEDIA)];
5. **Phaeophyta** [as algas castanhas como, por exemplo, *Fucus* e *Laminaria*, actualmente pertencentes à classe *Phaeophyceae*, da divisão **Heterokontophyta** ou *Heterokonta*, do reino **Chromista** (WIKIPEDIA)];
6. **Rhodophyta** [as algas vermelhas, tão comuns entre nós, actualmente pertencentes aos **Archaeplastida** –o super-grupo que inclui todas as **Plantas: Chloroplastida**, assim como as algas de água doce **Glaucophyta** (ADL & al., 2012: 432)];
7. **Chlorophyta** [as algas verdes, que terão dado origem às plantas terrestres, tão comuns entre nós, actualmente pertencentes aos **Archaeplastida** –o super-grupo que inclui todas as **Plantas: Chloroplastida**, assim como as algas **Glaucophyta** e **Rhodophyta** (ADL & al., 2012: 432)];

a antiga divisão **Schizomycophyta**, que incluía as bactérias, assim como as riquetsias e os vírus e (de acordo com o resumo de BAKER & ALLEN, 1975: 714);

o grupo dos Fungos, incluindo uma classe para os Líquenes:

1. a divisão **Myxomycophyta** [os Mixomicetes ou fungos gelatinosos, incluindo por exemplo os géneros *Lycogala* e *Physarum*, actualmente considerados como amebas pertencentes ao reino **Amoebozoa** e ao filo **Mycetozoa**, classe **Myxogastria** (cf. ADL & al., 2012: 436-437; WIKIPEDIA)];
2. a divisão **Eumycophyta** [os verdadeiros fungos: “Corpo vegetal geralmente formado por filamentos de protoplasma, designados hifas. Principalmente terrestres” (BAKER & ALLEN, 1975: 715), que se podem dividir nas seguintes cinco classes, de acordo com os mesmos autores (BAKER & ALLEN, *l.c.*):
 - 2.1. **Phycomycetes**: fungos semelhantes a algas, com reprodução sexuada, como por exemplo o bolor ou mofo do pão (*Rhizopus nigricans* Ehrenberg, um fungo da família *Mucoraceae*, da ordem *Mucorales*, actualmente pertencente à classe **Oomycetes** e à divisão **Zygomycota**), o míldio das videiras [*Peronosporaceae*, actualmente pertencente à classe **Oomycetes**, da divisão **Heterokontophyta** ou *Heterokonta*, do reino **Chromista** ou **Chromalveolata** (WIKIPEDIA)]; ou a ferrugem branca (BAKER & ALLEN, *l.c.*);
 - 2.2. **Ascomycetes**, de fungos com hifas transversalmente septadas, com fusão sexual seguida pela formação de ascósporos, que inclui fungos tão conhecidos como os dos géneros *Aspergillus* ou *Penicilium* (actualmente pertencentes à classe **Eurotiomycetes**, da divisão **Ascomycota**), assim como fungos azuis e verdes e míldios pulverulentos (BAKER & ALLEN, *l.c.*);
 - 2.3. **Basidiomycetes** (os cogumelos e os fungos claviformes, com com hifas transversalmente septadas);
 - 2.4. **Deuteromycetes** ou fungos imperfeitos, apenas com reprodução assexuada (BAKER & ALLEN, *l.c.*); e
 - 2.5. **Lichenes**: uma antiga classe com muitas espécies (cerca de vinte mil)¹²⁵, que são combinações entre algas e fungos, de várias formas. Assim, existem basicamente dois componentes num líquen: o **ficobionte** [componente algal] = **fotobionte** [componente fotossintético], organismo fotossintético que é uma **alga** procariótica azul-verde (da divisão **Cyanophyta** ou *Cyanobacteria* [em 10 % das espécies de líquenes, que assim se designam **cianolíquenes**¹²⁶]) ou eucariótica¹²⁷: pertencente a uma das seguintes classes de algas verdes da divisão **Chlorophyta** (**Chlorophyceae**, **Trebouxiophyceae** ou **Ulvophyceae**); ou a uma das classes **Phaeophyceae** ou **Xanthophyceae** (algas castanhas ou algas verde-amareladas da divisão **Heterokontophyta** ou *Heterokonta*, do reino **Chromista**). A classificação de um líquen é-lhe atribuída tendo em conta a espécie de fungo (**micobionte**) que o constitui pertencendo, por convenção, assim a uma das duas seguintes classes de fungos: **Ascomycetes** [ascolíquenes ou líquenes ascomicéticos ou ascomicóticos] ou **Basidiomycetes** [basiodiolíquenes ou líquenes basiodiomictéticos ou basiodiomictóticos]. A maior parte das espécies de líquenes possuem como componente fungal ou fúngico uma espécie da classe **Ascomycetes**, da divisão **Ascomycota**¹²⁸ (WIKIPEDIA). Actualmente considera-se que os líquenes são verdadeiros ecossistemas em miniatura, contendo

¹²⁵ Convém, evidentemente, notar que as “espécies” de Líquenes não são espécies biológicas no sentido usual, mas sim associações muito íntimas –uma simbiose muito próxima que alarga o espectro ecológico de ambos ou de todos os parceiros– de membros de dois ou três reinos diferentes (**Plantae**, **Chromista**, **Fungi**, **Bacteria**), sendo possível haver um ou mais que um ficobionte presente no mesmo talo, podendo incluir em conjunto uma alga e uma cianobactéria (WIKIPEDIA). Os propágulos dos líquenes (diásporos) contêm tipicamente células de ambos os parceiros: alga e fungo (WIKIPEDIA).

¹²⁶ Os cianolíquenes (por exemplo dos géneros *Lobaria* e *Peltigera*) incluem muitas vezes fotobiontes cianobacterianos dos géneros comuns *Nostoc* e *Scytonema* (WIKIPEDIA).

¹²⁷ Sabe-se que existem cerca de 100 espécies de algas eucarióticas que ocorrem como fotobiontes em líquenes (WIKIPEDIA). Todas as algas constituintes de líquenes podem provavelmente existir na Natureza também de forma independente ou não líquénica (WIKIPEDIA).

¹²⁸ Aliás, cerca de 40 % das espécies da divisão fungal **Ascomycota** formam **líquenes** [evidentemente em associação com algas] (WIKIPEDIA).

para além do fungo e da alga e/ou cianobactéria que o constituem, ainda outros microorganismos no seu interior, podendo todos estes componentes desempenhar funções como parceiros num sistema complexo que é um organismo composto, também chamado “holobionte” (WIKIPEDIA). **Holobionte** é uma **entidade única** formada através da **simbiogénese líquénica** que envolve a **integração próxima fisiológica e morfológica** de um **fungo (micobionte)** e de pelo menos uma população de algas verdes (**Chlorophyta**) e/ou cianobactérias (**fotobionte**, assim designado porque realiza a fotossíntese) (CASANO & al., 2011: 806). Recentemente, foi proposta a possibilidade de os líquenes serem sistemas simbióticos complexos que incluem também comunidades de bactérias não fotossintéticas como parceiros multifuncionais no **holobionte** (BARRENO & al., 2008; GRUBE & al., 2009: 1105; CASANO & al., 2011: 806).

Nas últimas décadas, contudo, a tradicional e arcaica classificação dos fungos como plantas tem vindo a ser progressivamente substituída pela já famosa e bem aceite classificação dos seres vivos em cinco reinos de WHITTAKER (1969)¹²⁹ (WHITTAKER & MARGULIS, 1978; BALDAUF & PALMER, 1993; HAGEN, 2012).

Citando SCHILDE & SCHAAP (2013), a já quase familiar e tradicional classificação em **cinco reinos** [o **terceiro** reino: **Protista**, surgiu com HAECKEL (1866); o **quarto**, **Bacteria**, foi sugerido por COPELAND (1938); e o **quinto**, **Fungi**, por WHITTAKER, em 1959 (WHITTAKER, 1959; WOESE & al., 1990: 4576)] baseada na morfologia que dividia todos os seres vivos nos seguintes grandes grupos ou reinos: **1) Bacteria**; **2) Protista**; **3) Animalia**; **4) Plantae**, e **5) Fungi**, está actualmente obsoleta e foi substituída por uma nova classificação, que reconhece a existência de três domínios: **Archaea**, [Eu]**Bacteria**, e **Eukaryota** (WOESE & al., 1990). Convém notar, contudo, que a sugestão da independência do reino **Fungi** já tinha sido feita quase duzentos anos antes de WHITTAKER (1959), por NECKER (1783), no seu notável tratado micológico (CAVALIER-SMITH, 2009b: 113). O reino **Protozoa**, que incluía diversos organismos unicelulares como as amebas, as bactérias e as diatomáceas (classe *Bacillariophyceae*), já tinha sido estabelecido por OWEN (1858), no seu longo artigo sobre Paleontologia, publicado no volume 17 da *Encyclopedia Britannica* (CAVALIER-SMITH, *l.c.*).

O vasto agrupamento dos **Eukaryota** pode actualmente ser dividido em seis grandes grupos ou reinos: **1) Excavata**; **2) Rhizaria**; **3) Chromalveolata**¹³⁰; **4) Plantae** [um vasto grupo que inclui todas as plantas terrestres vasculares e não vasculares (**Embryophyta**), as algas verdes (**Charophyta** e **Chlorophyta**) e ainda mais alguns tipos de algas]; **5) Opisthokonta**¹³¹ (CAVALIER-SMITH & CHAO, 1995) [um agrupamento que inclui os **Metazoa** (os animais), os **Fungi** (os fungos) e ainda mais alguns parentes unicelulares associados (**Choanozoa**)]; e **6) Amoebozoa** (SCHILDE & SCHAAP, 2013; cf. CAVALIER-SMITH, 2004: 1252-1253). É conveniente notar, porém, que, muito recentemente, CAVALIER-SMITH (2010), transferiu os antigos protozoários *Heliozoa*, assim como os infra-reinos **Alveolata** e **Rhizaria** para o seio do reino **Chromista** (cf. WIKIPEDIA). O reino **Chromista** é considerado aparentado com o reino das Plantas e ter-se-á originado através de um duplo englobamento sinérgico de células de algas verdes e de algas vermelhas (CAVALIER-SMITH, 2010).

CAVALIER-SMITH, recentemente (1998, 2004), numa classificação bastante simples e prática, considera apenas a existência de **seis reinos** de seres vivos – “**Only six kingdoms of life**”¹³² –, distribuídos por **dois “impérios”**:

¹²⁹ Robert Harding Whittaker (27.XII.1920–20.X.1980) foi um cientista norte-americano, dos Estados Unidos, extraordinariamente produtivo, que se distinguiu no domínio da Ecologia e também pelos seus trabalhos sobre a classificação e a filogenia dos seres vivos (WIKIPEDIA). Foi o primeiro proponente da classificação –que continua bastante actual– do mundo vivo em **cinco reinos**, em 1969: **Animalia**, **Plantae**, **Fungi**, **Protista** e **Monera** [as bactérias ou procariontes ou procariotas, organismos cujas células não possuem um núcleo bem definido] (WHITTAKER, 1969). Antes de apresentar a sua famosa classificação dos seres vivos em cinco reinos (WHITTAKER, 1969), este autor propusera já uma classificação dos seres vivos em quatro reinos: **Animalia**, **Plantae**, **Fungi** e **Protista** – incluindo este último e vasto reino as Bactérias, compreendendo, entre outras, a divisão **Cyanophyta** (WHITTAKER, 1959).

¹³⁰ O grupo **Chromalveolata** é um vasto agrupamento de organismos vivos (algas e protistas) recentemente constituído através da junção dos **Alveolata** com os **Chromista**. Embora o suporte para esta síntese provenha de apenas alguns genes, tem vindo a crescer ao longo dos últimos anos (CAVALIER-SMITH, 1998; BALDAUF & al., 2000; YOON & al., 2002; KEELING, 2004: 1483; ADL & al., 2005; etc.).

¹³¹ O supergrupo eucariótico dos **Opisthokonta** é um grupo fortemente suportado por análises filogenéticas, que levam a sugerir que os actuais animais e fungos evoluíram a partir de protistas (CAVALIER-SMITH & CHAO, 1995; STEINKAMP & al., 2006: “*The Protistan Origins of Animals and Fungi*”).

¹³² Vale a pena notar que todos os **seis reinos da vida** incluem organismos tanto unicelulares como macroscopicamente visíveis (CAVALIER-SMITH, 1998; CAVALIER-SMITH, 2004: 1251). É bem notável o exemplo das cianobactérias do género *Nostoc*, que formam grandes colónias esverdeadas gelatinosas, bem visíveis em certos locais encharcados e húmidos. Sobre a enorme importância das bactérias e a sua influência sobre o clima, a nível global, podemos ainda citar CAVALIER-SMITH (2009: 112): “More than all eukaryotes together, bacteria still largely manipulate biogeochemical cycles and global climate.”

Prokaryota, com um único reino – **Bacteria** [com dois sub-reinos, entre os quais **Negibacteria**, que inclui o filo **Cyanobacteria** ou a divisão **Cyanophyta** [cf. WHITTAKER (1969: 154)] (as procarióticas “blue-green algae”, a partir das quais se originaram os cloroplastos, que possibilitaram a existência das plantas, das algas verdes e de diversos outros tipos de algas)]; e **Eukaryota**, império que compreende os restantes cinco reinos: 1) **Protozoa** [dividido nos dois sub-reinos **Sarcomastigota** (com os filos **Amoebozoa** e **Choanozoa**) e **Biciliata** (incluindo entre outros filos o filo **Euglenozoa**)]; 2) **Animalia** [com os **Myxozoa** e 21 outros filos de Animais não microbiais]; 3) **Fungi** [com os quatro filos ou divisões de fungos **Archemycota**, **Microsporidia**, **Ascomycota** e **Basidiomycota**]; 4) **Plantae** [com dois sub-reinos: **Biliphyta** (constituído pelas divisões ou filos **Glaucophyta**¹³³ e **Rhodophyta**); e **Viridiplantae**, as plantas verdes (que se podem dividir em divisões: **Chlorophyta** [as algas verdes], **Bryophyta** [hepáticas, musgos e “hornworts”]¹³⁴ e **Tracheophyta** [as plantas vasculares])]; e 5) **Chromista** [constituído pelos dois sub-reinos **Cryptista** e **Chromobiota**, o segundo dos quais inclui diversos filos de protistas (**Ochrophyta**, por exemplo)] (CAVALIER-SMITH, 2004: 1252).

Outras classificações têm sido recentemente criadas por vários autores, incluindo diversos reinos ou outras categorias taxonómicas variadas, para acomodar todos os seres vivos de acordo com uma classificação moderna e filogenética. Assim, podemos citar ainda os trabalhos recentes de ADL & al., 2005, “*The New Higher Level Classification of the Eukaryotes*”, e ADL & al., 2012, “*The Revised Classification of Eukaryotes*”, incluindo seis super-grupos: 1) **AMOEOBOZOA** (que inclui os **Mycetozoa** –um grupo monofilético [BALDAUF & DOOLLITTLE, 1996] no qual se enquadra a classe **Myxomycetes** ou **Myxogastria**– e as famosas amebas); 2) **OPISTHOKONTA** (compreendendo entre outros todos os Animais [o tradicional reino *Animalia* de Lineu] e todos os Fungos [o clássico reino *Fungi*, que já no século XVIII havia quem considerasse (NECKER, 1783)] e ainda diversos outros organismos); 3) **RHIZARIA** (*Cercozoa* [um filo que inclui a por exemplo a conhecida alga cloraracniófita *Bigelowiella natans* Moestrup], *Foraminifera*, etc.); 4) **ARCHAEPLASTIDA** (o super-grupo que inclui todas as Plantas: **Chloroplastida**, assim como as algas de água doce **Glaucophyta** (ou *Glaucocystophyta*) [não muito abundantes e apenas com um total de 13 espécies (KEELING, 2004: 1483; WIKIPEDIA)] e **Rhodophyceae** [as algas vermelhas, purpúreas ou róseas, tão comuns nas nossas regiões costeiras]), e ainda outros grupos de seres vivos eucariotas: 5) **CHROMALVEOLATA** (um super-grupo que inclui diversos Protistas, como por exemplo as algas **Bacillariophyceae** [Diatomáceas, que estão entre os organismos fotossintéticos aquáticos mais abundantes e ecologicamente mais importantes]¹³⁵ (CURTIS & al., 2012: 59; ANTÓN-GARRIDO & al., 2014: 122)], **Chrysophyceae** [as algas douradas], **Phaeophyceae** [as algas castanhas como as famosas e abundantes *Fucus* L. (bodelha) e *Laminaria* J.V. Lamouroux (laminária)], **Phaeothamniophyceae**, **Primnesiophyceae**, **Rhaphidophyceae**, **Synurales**, **Xanthophyceae**, e ainda diversos outros grupos); e 6) **EXCAVATA** (um super-grupo que inclui muitos agrupamentos de Protistas, como por exemplo as euglenas: *Euglenozoa*, **Euglenophyceae**); (ADL & al., 2005: 401; ADL & al., 2012: 430).

Em relação às Plantas: o reino **Plantae** Haeckel, 1866 (pertencentes ao super-grupo **ARCHAEPLASTIDA**, e que constituem a larga maioria das espécies de seres vivos de que nos ocupamos neste catálogo), podemos dizer que “It is clear that chloroplasts and plants are monophyletic, and that all their plastids came from one cyanobacterial enslavement (...)” (CAVALIER-SMITH, 2009: 29); e que os organelos fotossintéticos (plastídeos)¹³⁶ das algas evoluíram a partir de cianobactérias por endossimbiose (GOULD & al., 2008; GRAY, 1992; CURTIS & al., 2012); e ainda que os plastídeos primários das algas vermelhas, algas glaucófitas e algas verdes –e todas as plantas terrestres que são suas descendentes– provavelmente surgiram apenas uma vez, há mais de um bilião (ou mil milhões) de anos (PALMER, 2003; YOON & al., 2004; CURTIS & al., 2012).

¹³³ As algas Glaucófitas ou **Glaucophyta**, também conhecidas como “*glaucocystophytes*” ou “*glaucocystids*”, são um pequeno grupo de algas microscópicas de água doce, que possui o pigmento fotossintético clorofila a; compreendem apenas treze espécies conhecidas, nenhuma das quais particularmente abundante; os seus cloroplastos são conhecidos como “*cyanelles*”, e a sua camada de peptidoglicano é considerada uma relíquia da origem endossimbiótica dos plastídeos a partir das cianobactérias ou “blue-green algae” (KEELING, 2004: 1483; WIKIPEDIA).

¹³⁴ Uma das características principais dos briófitos, e que também se verifica em diversos fetos (*Asplenium Ceterach* L. ou *Cosentinia vellea* (Aiton) Todaro, por exemplo) e nalgumas outras plantas vasculares, é a sua capacidade de tolerar a dessecação, suspendendo o metabolismo quando não existe disponibilidade de água; as células dos briófitos ou se encontram completamente túrgidas ou dessecadas (PROCTOR & TUBA, 2002: 327). A tolerância à dessecação é adaptativamente ótima em substratos duros impenetráveis às raízes e em solos pobres e secos em climas estacionalmente secos (PROCTOR & TUBA, *l.c.*). Em Portugal, estas condições verificam-se muitas vezes em substratos rochosos e também na época seca, particularmente no Verão e noutros períodos quentes e secos.

¹³⁵ De acordo com estes autores: “benthic diatoms are one of the most relevant groups for the monitoring and control of the ecological status of aquatic ecosystems” (ANTÓN-GARRIDO & al., 2014: 122).

¹³⁶ Os plastídeos são os organelos das células das plantas e das algas que realizam a fotossíntese e outros processos bioquímicos para compostos como os aminoácidos aromáticos, os isoprenóides e os ácidos gordos (KEELING, 2004: 1483). As “algas” são um grupo polifilético de células que realizam a fotossíntese e/ou possuem plastídeos; existem também plastídeos não fotossintéticos que são conhecidos das plantas e de virtualmente todos os grupos de algas (KEELING, *l.c.*).

Depois desta endossimbiose que deu origem às algas verdes e, mais tarde, às plantas terrestres, novas endossimbioses ocorreram, secundárias e terciárias, tendo sido os plastídeos primários das algas verdes e vermelhas sido transferidos para outros organismos eucarióticos, dando origem a vários grupos muito importantes e abundantes de seres vivos como por exemplo as fotossintéticas Diatomáceas (**Bacillariophyceae**), algas castanhas (**Phaeophyceae**), Haptófitas (divisão **Haptophyta**, com as classes **Pavlovophyceae** e **Prymnesiophyceae** [incluindo os tão abundantes constituintes do fitoplâncton marinho cocolitóforos, que possuem um exoesqueleto formados por placas calcárias (WIKIPEDIA)]), e ainda dinoflagelados tóxicos, assim como parasitas patogénicos como por exemplo o famoso protozoário agente da malária *Plasmodium* (CURTIS & al., 2012: 59).

Neste catálogo mantemos ainda a tradicional divisão entre **Monocotiledóneas** (“*Monocots*”) e **Dicotiledóneas** –que, todavia, e por exemplo, HEYWOOD & al. (2007) e TAKHTAJAN (2009), mantêm–, embora conscientes de que estes dois últimos grandes grupos de plantas vasculares são difíceis de separar e se incluem muitas vezes dentro da mesma classe, **Magnoliopsida** (por exemplo THORNE & REVEAL, 2007; Mabberley, 2008), e que corresponde actualmente à subclasse **Magnoliidae** Novák ex Takhtajan (1967), e se pode dividir em várias superordens, de acordo com REVEAL & CHASE (2011):

A. **Amborellanae** M.W. Chase & Reveal (2009);

B. **Nymphaeanae** Thorne ex Reveal (1992);

C. **Austrobaileyanae** M.W. Chase & Reveal (2009);

D. **Magnoliana** Takhtajan (1967);

E. **Liliana** Takhtajan (1967);

A superordem **Liliana** Takhtajan (1967), segundo REVEAL & CHASE (2011: 74-82) inclui todas as **Monocotiledóneas** –um dos grupos mais importantes e conspícuos das Angiospérmicas ou plantas com flores, já reconhecido como um grupo autónomo desde os estudos sobre a estrutura das sementes de John Ray (1682, 1696, 1703), no final do século XVII (CHASE, 2004: 1645). Continuando a citar REVEAL & CHASE (*l.c.*), as **Monocotiledóneas** (superordem **Liliana**) podem dividir-se nas seguintes 12 ordens, que incluem um número total de 78 famílias:

1. **Acorales** Martinov (1835), com uma só família (*Acoraceae*)¹³⁷;

2. **Alismatales** R. Brown ex Berchtold & J. Presl (1820), com 13 famílias (*Araceae*, *Tofieldiaceae*, *Alismataceae*, *Butomaceae*, *Hydrocharitaceae*, *Scheuchzeriaceae*, *Aponogetonaceae*, *Juncaginaceae*, *Zosteraceae*, *Potamogetonaceae*, *Posidoniaceae*, *Ruppiceae*, *Cymodoceaceae*);

3. **Petrosaviales** Takhtajan (1997), com uma só família (*Petrosaviaceae*);

4. **Dioscoreales** Martinov (1835), com 3 famílias (*Nartheciaceae*, *Burmanniaceae*, *Dioscoreaceae*);

5. **Pandanales** R. Brown ex Berchtold & J. Presl (1820), com 5 famílias (*Truridaceae*, *Velloziaceae*, *Stemonaceae*, *Cyclanthaceae*, *Pandanaceae*);

6. **Liliales** Perleb (1826), com 10 famílias (*Campynemataceae*, *Melanthiaceae*, *Petermanniaceae*, *Alstroemeriaceae*, *Colchicaceae*, *Philesiaceae*, *Rhipogonaceae*, *Smilacaceae*, *Corsiaceae*, *Liliaceae*);

7. **Asparagales** Link (1829), com 14 famílias (*Orchidaceae*, *Boryaceae*, *Blandfordiaceae*, *Asteliaceae*, *Lanariaceae*, *Hypoxidaceae*, *Tecophilaeaceae*, *Doryanthaceae*, *Ixiolirionaceae*, *Iridaceae*, *Xeronemataceae*, *Xanthorrhoeaceae*, *Amaryllidaceae*, *Asparagaceae*);

8. **Arecales** Bromhead (1840), com uma só família (*Arecaceae* ou *Palmae*);

9. **Commelinales** Mirbel ex Berchtold & J. Presl (1820), com 5 famílias (*Hanguanaceae*, *Commelinaceae*, *Philydraceae*, *Pontederiaceae*, *Haemodoraceae*);

10. **Zingiberales** Grisebach (1854), com 8 famílias (*Strelitziaceae*, *Lowiaceae*, *Heliconiaceae*, *Musaceae*, *Cannaceae*, *Marantaceae*, *Costaceae*, *Zingiberaceae*);

11. **Dasypogonales** Doweld (2001), com uma só família (*Dasypogonaceae*);

12. **Poales** Small (1903), com 16 famílias (*Typhaceae*, *Bromeliaceae*, *Rapateaceae*, *Xyridaceae*, *Eriocaulaceae*, *Mayacaceae*, *Thurniaceae*, *Juncaceae*, *Cyperaceae*, *Anarthriaceae*, *Centrolepidaceae*, *Restionaceae*, *Flagellariaceae*, *Joinvilleaceae*, *Ecdeiocoleaceae*, *Poaceae*).

F. **Ceratophyllanae** Takhtajan ex Reveal & Doweld (1999);

G. **Ranunculanae** Takhtajan ex Reveal (1992);

H. **Proteanae** Takhtajan (1967);

I. **Trochodendranae** Takhtajan ex Reveal (1996);

J. **Buxanae** Takhtajan ex Reveal & Doweld (1999);

K. **Myrothamnanae** Takhtajan (1997);

L. **Dillenia** Takhtajan ex Doweld (2001);

¹³⁷ O género *Acorus* L., de distribuição Norte Temperada, é o único género da família *Acoraceae* e da ordem *Acorales* (CHASE, 2004: 1648-1649).

M. **Saxifraganae** Reveal (1994);
 N. **Rosanae** Takhtajan (1967);
 O. **Berberidopsidanae** Thorne e & Reveal (1992);
 P. **Santalanae** Thorne ex Reveal (1992);
 Q. **Caryophyllanae** Takhtajan (1967);
 R. **Asteranae** Takhtajan (1967).

Continuando a citar estes autores, estas 18 superordens da subclasse **Magnoliidae**, incluem um total de 68 ordens e 414 famílias (REVEAL & CHASE, 2011).

Na segunda edição de *Flowering Plant Families of the World*, de HEYWOOD & al. (2007), contudo, considera-se a existência de 506 famílias (CRANE, 2007: 5, HEYWOOD, 2007: 7), o que representa um crescimento de 200 famílias de Angiospérmicas em relação às 306 que são consideradas na primeira edição desta obra (HEYWOOD & al., 1978)!

Seguindo geralmente *The Families and Genera of Vascular Plants*, de KUBITZKI (ed.) (1990–)¹³⁸, embora com algumas adaptações, de acordo com os recentes trabalhos de APG (1998) e APG II (2003), MABBERLEY (2008: 929) considera as **Angiospérmicas** como uma classe –**Magnoliopsida**, na qual inclui a antiga classe *Liliopsida* (as Monocotiledóneas)– com um total de 413 famílias repartidas por 55 ordens. Na edição anterior (a segunda) de *The Plant-Book* (MABBERLEY, 1997), este autor reconhecia a existência de 405 famílias de Angiospérmicas distribuídas por 76 ordens.

BOLÒS & VIGO, na sua *Flora dels Països Catalans* (1984-2001) e CASTROVIEJO & al. (1986–), na *Flora iberica* (de acordo com o sistema classificativo de STEBBINS, *Flowering Plants – Evolution above the species level*, 1974), assim como G. LÓPEZ GONZÁLEZ (2001, 2002), nos seus excelentes compêndios sobre árvores e arbustos, e THORNE & REVEAL (2007), na sua recente classificação das plantas com flor, consideram as **Angiospérmicas** (plantas com flor) como uma classe: **Magnoliopsida**, dividida em duas subclasses: **Magnoliidae** (**Dicotyledones** ou Dicotiledóneas) e **Liliidae** (**Monocotyledones** ou Monocotiledóneas). MABBERLEY, na segunda edição do dicionário *The Plant-Book* (1997), ainda reconhecia as duas tradicionais classes de Angiospérmicas **Dicotyledonae** (**Magnoliopsida**) e **Monocotyledonae** (**Liliopsida**).

TAKHTAJAN (2009) considera que as plantas com flor (**Angiospermae** ou **Anthophyta**) constituem uma divisão ou filo – **Magnoliophyta**, que se divide em duas classes: **Magnoliopsida** (com um total de 125 ordens e 442 famílias) e **Liliopsida** (com um total de 31 ordens e 121 famílias), correspondentes, respectivamente às Dicotiledóneas e Monocotiledóneas.

Dentro da classe **Magnoliopsida** existem oito subclasses:

- I. **Magnoliidae**, com 17 ordens e 37 famílias;
- II. **Ranunculidae**, com 12 ordens e 20 famílias;
- III. **Hamamelidae**, com 12 ordens e 18 famílias;
- IV. **Caryophyllidae**, com 6 ordens e 32 famílias;
- V. **Dilleniidae**, com 30 ordens e 108 famílias;
- VI. **Rosidae**, com 28 ordens e 109 famílias;
- VII. **Asteridae**, com 14 ordens e 62 famílias;
- VIII. **Lamiidae**, com 6 ordens e 55 famílias;

Continuando a citar o mesmo autor (TAKHTAJAN, 2009), dentro da classe **Magnoliopsida** existem quatro subclasses:

- I. **Alismatidae**, com 5 ordens e 22 famílias;
- II. **Liliidae**, com 16 ordens e 63 famílias;
- III. **Arecidae**, com 1 ordem e 1 família;
- IV. **Commelinidae**, com 9 ordens e 35 famílias.

¹³⁸ “For the flowering plants, the Kubitzki System follows the Angiosperm Phylogeny Group, except for the recognition of smaller families. The Angiosperm Phylogeny Group has twice revised its classification system. The APG III system was published in 2009” (WIKIPEDIA). Citando MABBERLEY (2008: xi), Kubitzki’s *The Families and Genera of Vascular Plants* “has remained the standard to which other literature is compared. It is sincerely to be hoped that the remaining volumes of this monumental endeavour, a new ‘Genera Plantarum’ will be published with all speed. Subsequent molecular work has, however, shown that some family accounts in the earlier volumes need updating (...)”. No sistema de classificação de KUBITZKI (1990–) reconhecem-se três divisões: 1) Pteridophyta; 2) Pinophyta ou Gymnospermae, dividida em duas subdivisões: 2.1) Coniferophytina e 2.2) Cycadophytina; e 3) Magnoliophyta ou Angiospermae (WIKIPEDIA).

MABBERLEY (2008) cita um número consideravelmente menor de ordens e de famílias. Assim, inclui nas Monocotiledóneas 11 ordens e 86 famílias, enquanto que nas Dicotiledóneas a situação é significativamente mais complexa pois este autor divide-as em dois grupos principais: as Angiospérmicas basais e as Dicotiledóneas sensu stricto (“Eudicots”), existindo ainda algumas famílias sem posição taxonómica claramente definida.

Em relação aos Fungos, Líquenes, Algas Verdes (Carófitas e Clorófitas), Algas Azuis-Verdes (Cianobactérias ou Cianófitas), Algas Douradas, Briófitos e outras Criptogâmicas, este catálogo encontra-se muito incompleto. Não nos foi possível, por razões várias, estudar a totalidade destes vegetais. No entanto, consideramos preferível citar uma parte destas espécies do Reino Vegetal (em sentido lato, tradicional) do que omiti-las por completo – o que seria sem dúvida muito mais simples, mas indubitavelmente menos informativo. Aliás, não convém esquecer que as antigas algas, através de diversas linhas evolutivas, deram origem aos Briófitos (musgos, hepáticas e antóceros), aos diversos grupos de fetos e afins (licopódios, cavalinhas, ofioglossos, psilófitos, fetos ou samambaias), às Gimnospérmicas (incluindo coníferas, cicas e *Ginkgo*) e às Angiospérmicas ou plantas com flor (cf. TAVARES, 2013), e ainda a vários outros grupos de organismos vivos (fungos, protozoários, outros tipos de algas, etc.).

A escolha do vasto e heterogêneo grupo de seres vivos que constituem este catálogo pode parecer eventualmente um pouco controversa e até ultrapassada, pela considerável heterogeneidade do conjunto seleccionado – o Reino Vegetal em sentido lato (aliás, a série de livros onde se têm publicado as diversas edições do *Código Internacional de Nomenclatura Botânica* chama-se precisamente *Regnum Vegetabile* – o Reino Vegetal). Contudo, para além das razões convencionais da tradição de séculos de Botânica, a escolha não deixa de continuar actual. O *Código Internacional de Nomenclatura Botânica* [ou “*International Code of Botanical Nomenclature*”], nas suas versões mais recentes de Seattle, Leningrado, Sydney, Berlim, Tóquio, Saint Louis e Viena (STAFLEU & al., 1972; STAFLEU & al., 1978; VOSS & al., 1983; GREUTER & al., 1988; GREUTER & al., 1994; GREUTER & al., 2000; MCNEILL & al., 2006) – cujas determinações procurámos respeitar escrupulosamente neste trabalho –, continuando evidentemente com o mesmo espírito botânico, designa-se agora, na sua recentíssima versão de Melbourne (Austrália), *Código Internacional de Nomenclatura para algas, fungos e plantas* [“*International Code of Botanical Nomenclature for algae, fungi and plants (Melbourne Code)*”] (MCNEILL & al., 2012; TURLAND, 2013; MCNEILL, 2014).

Aliás, vale a pena referir aqui a extraordinária importância qualitativa e quantitativa das bactérias: numa mão cheia de solo de um parque pode haver cerca de 10 biliões de bactérias, representando 5000 a 6000 espécies distintas; numa tonelada de solo, podem encontrar-se talvez cerca de 4 milhões de variedades diferentes de bactérias, um número muito maior que o total de *taxa* de animais e plantas actualmente conhecidos (WILSON, 2006b). E ainda citar CAVALIER-SMITH (2009: 112), acerca da importância enorme das bactérias em relação aos ciclos biogeoquímicos e ao clima global: «More than all eukaryotes together, bacteria still largely manipulate biogeochemical cycles and global climate.»

Voltando a citar E.O. WILSON, numa obra muito recente, as bactérias são «the “dark matter” of living diversity, only 10,000 kinds are currently known (in 2013), but the number is accelerating and is likely to add millions of species to the global roster.» (WILSON, 2013: 15).

Numa revisão recentíssima, publicada na prestigiada revista *Nature* em Novembro de 2014, BARDGETT e VAN DER PUTTEN confirmam inteiramente o que WILSON (2006b) já afirmara: «Soil communities are extremely complex and diverse, with millions of species and billions of individual organisms within a single ecosystem», «ranging from microscopic bacteria and fungi, through to larger organisms, such as earthworms, ants and moles» e «our understanding of this hidden biodiversity is limited, at least compared to what is known about aboveground diversity» (BARDGETT & VAN DER PUTTEN, 2014: 505).

Procurámos seguir rigorosamente a classificação botânica mais moderna e actual para as Angiospérmicas: a classificação filogenética de APG III (2009), também presente no precioso *Mabberley's Plant-Book* (MABBERLEY, 2008) e nas compilações de natureza bibliográfica e sinonímica de REVEAL & CHASE (2011), para as Angiospérmicas (**Magnoliidae**), e de CHRISTENHUSZ, ZHANG & SCHNEIDER (2011), para os Pteridófitos (fetos [Monilophyta: subclasses **Equisetidae**, **Ophioglossidae**, **Marattiidae** e **Polypodiidae**] e licopódios [Lycophyta: subclasse **Lycopodiidae**]), estando os géneros repartidos por famílias de acordo com esta classificação.

Dentro de cada família, procurámos seguir uma classificação coerente e actual. Assim, para as Compostas seguimos a classificação adoptada na *Med-Checklist* volume 2, de GREUTER & VON RAAB-STRAUBE [eds.]. Tentámos igualmente adoptar a classificação utilizada por GREUTER, BURDET & LONG [eds.] nos restantes três volumes da *Med-Checklist* (1984–1989). De grande importância na classificação que seguimos foram também, evidentemente, a *Flora Europaea*, de T.G. TUTIN, V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS, D.A. WEBB, A.O. CHATER & J.R. EDMONDSON [eds.] (1964–1980, 1.^a edição e 1993, 2.^a edição, volume I), *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*, de P.H. DAVIS [ed.] (1965–1988), a *Flora iberica*, de CASTROVIEJO & al. [eds.] (1986 –), a *Flora d'Italia* de S. PIGNATTI (1982a, 1982b, 1982c), *The New Royal Horticulture Society Dictionary of Gardening*, de HUXLEY & al. (1999), assim como, sobretudo para plantas extra-europeias, o *Catalogue des Plantes Vasculaires du Nord du Maroc, incluant des*

clés d'identification / Checklist of Vascular Plants of N Marocco with identification keys, de B. VALDÉS, M. REJDALI, A. ACHHAL EL KADMIRI, S.L. JURY & J.M. MONTSERRAT [eds] (2002), e a *Flora of China* (WU & RAVEN, 1994–; AL-SHEHBAB, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I. PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENG YI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN [eds]; Y. QINER & N.J. TURLAND [Co-directors], *Flora of China* volumes 19 [2011], 20–21 [2011], 23 [2010], 25 [2009], etc.).

Para cada espécie que existiu cultivada ou espontânea no Jardim Botânico de Coimbra, procurámos obter os seguintes elementos:

a) Nome actualizado (taxonómica e nomenclaturalmente, sempre que possível) da espécie/subespécie/variedade ou híbrido; para apurar qual o nome mais correcto e actualizado para cada espécie consultámos diversa bibliografia: para além da já referida acima, tiveram também enorme importância as fontes informáticas *on-line* “*The Plant List*”, “*The International Plant Names Index*” (IPNI), “*Index Kewensis*” (IK), *Euro+Med PlantBase* (2011), “*Med-Checklist*” (1984–), assim como a “*Flora iberica*” (1986–), a “*Flora of China*” (1994–), a “*Flora of North America*” (1993–), “*The New Royal Horticulture Society Dictionary of Gardening*” (1999), “*Germplasm Resources Information Network. GRIN Taxonomy for Plants. United States Department of Agriculture.*” (GRIN), “*United States Department of Agriculture. Natural Resources Conservation Service.*” (USDA)¹³⁹, “*MycoBank*” (2014), “*Species Fungorum*” (SF) e “*Word Checklist of Selected Plant Families*” (2010);

b) Fitotipo ou biotipo mais comum entre nós (em Portugal e no Jardim), de acordo com a classificação de RAUNKIÆR (1934, 1937), também claramente explicada e exemplificada em BRAUN-BLANQUET (1979)¹⁴⁰. Para este efeito foram de grande importância as floras de TUTIN & al. (1964–1993), de AMARAL FRANCO (1971, 1984) e AMARAL FRANCO & ROCHA AFONSO (1994–2003), de PIGNATTI (1982a, 1982b, 1982c) e de STACE (1997);

c) Família botânica a que o *taxon* pertence, sempre que possível de acordo com a recentíssima classificação filogenética de APG III (2009);

d) Classe a que o *taxon* pertence, de acordo com a recente classificação filogenética adoptada por MABBERLEY (2008);

e) Comportamento ou carácter do *taxon* no Jardim Botânico de Coimbra: se se trata de uma planta cultivada, espontânea ou subespontânea. Em relação a este último grupo de plantas, seguimos os critérios adoptados por ALMEIDA (1999b) e ALMEIDA & FREITAS (2006), sem esquecer as actualizações mais recentes dos mesmos autores;

¹³⁹ Estabelecido em 1862, «the United States Department of Agriculture or USDA (www.usda.gov) is an amazing institution comprised of some 33 “agencies and offices” with various websites supplying knowledge for online use or making current and earlier publications available in digital form. Many of the webpages are available in Spanish.» (SCHMID, 2014: 223).

¹⁴⁰ Referimos o biótipo, fitótipo, ou tipo fisionómico segundo a classificação de RAUNKIÆR (in *The Life Forms of Plants and Statistical Plant Geography*, Oxford, 1934; *Plant life forms*, Oxford, 1937), de acordo com as nossas próprias observações e recorrendo sempre que necessário à informação bibliográfica –sobretudo às recentes e completas *Nova Flora de Portugal* de AMARAL FRANCO (1971, 1984) e AMARAL FRANCO & ROCHA AFONSO (1994–2003) e *Flora d'Italia* de PIGNATTI (1982a, 1982b, 1982c). Recentemente (2005), o professor Salvador Rivas-Martínez actualizou e aperfeiçoou a classificação dos tipos biológicos ou fisionómicos (RIVAS-MARTÍNEZ, 2005).

Vamos resumir a seguir os diferentes tipos biológicos ou fisionómicos (cf. COSTA, 1955: 83; FRANCO, 1958: 127; VASCONCELLOS, 1969: 49):

1) **Ph: Fanerófitos**¹⁴⁰ – árvores, arbustos ou lianas¹⁴⁰ com as gemas de renovo a mais de 0,25 m do solo;
 2) **Ch: Caméfitos** – subarbustos com as gemas de renovo a menos de 0,25 m da superfície do solo;
 3) **H: Hemicriptófitos** – ervas vivazes com as gemas de renovo à superfície do solo;
 4) **G: Geófitos** – plantas com as gemas de renovo abaixo da superfície do solo;
 5) **He e Hy: Helófitos e hidrófitos** – plantas aquáticas com as gemas de renovo abaixo do nível da água ou do solo: designam-se *hidrófitos* se as gemas se encontram sempre dentro de água; e *helófitos* se as gemas se podem encontrar indiferentemente dentro ou fora de água (plantas anfíbias);
 6) **Th: Terófitos** – plantas anuais que se propagam e renovam apenas através das sementes, forma sob a qual passam as épocas desfavoráveis do ano; o seu ciclo de vida completa-se dentro de um ano.

f) Local onde se encontra a planta dentro do Jardim e Mata, citando se possível uma ou mais fontes bibliográficas, assim como exemplares de herbário, fotografias e, na maioria dos casos, observações, com a respectiva data;

g) Origem geográfica do *taxon*, discriminada por grandes regiões. Tratando-se de plantas espontâneas em Portugal continental, indica-se simplesmente o seu carácter nativo;

h) Sinónimos, incluindo sempre que possível o basiónimo e outros sinónimos existentes, assim como os que tenham sido usados no Jardim;

i) Nomes vernáculos ou vulgares mais correntes ou adaptados a partir dos respectivos nomes científicos de cada *taxon*, dispostos por ordem alfabética¹⁴¹;

j) Dados significativos acerca de cada *taxon*: se a planta é um endemismo mais ou menos restrito¹⁴²; se se trata de uma planta de uso predominantemente ornamental, aromático, condimentar ou medicinal (acerca do carácter aromático, condimentar ou medicinal das espécies consideradas, seguimos os pareceres expressos em diversas obras tais como LAUNERT, 1989, *The Hamlyn Guide to Edible and Medicinal Plants of Britain and Northern Europe*; MABBERLEY, 1997, *The Plant-Book*; MABBERLEY, 2008, *Mabberley's Plant-Book*; PROENÇA DA CUNHA & al., 2010, *Plantas na Terapêutica – Farmacologia e Ensaio Clínicos*, 2.^a Edição; TAVARES, & al., 2009, *Plantas Aromáticas e Medicinais. Escola Médica do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra*; WU & RAVEN, 1994–, *Flora of China*; BORGES & ALMEIDA, 1996, *As Plantas Medicinais e Condimentares. Análise das Potencialidades de uma Região Alentejana (Concelhos de Reguengos de Monsaraz, Mourão, Moura, Serpa, Barrancos, Alandroal e Mértola)*; CLAUDINO & al., 2001, *Plantas medicinais do Concelho de Fronteira. Notas etnobotânicas*; CARVALHO, 2005, *Etnobotânica del Parque Natural de Montesinho. Plantas, tradición y saber popular en un territorio del nordeste de Portugal*; GONZÁLEZ & al., 2010, *Ethnobotanical study of medicinal plants traditionally used in the Arribes del Duero, western Spain*; EBRAHIMZADEH & al., 2010¹⁴³, *Nitric oxide radical scavenging potential of some Elburz medicine plants*; VOGL, & al., 2013, *Ethnopharmacological in vitro studies on Austria's folk medicine – An unexplored lore in vitro anti-inflammatory activities of 71 Austrian traditional herbal drugs*; etc.); se é planta comestível, no todo ou em parte (cf. por exemplo TRONÍČKOVÁ, 1986, *Plantes potagères*; LAUNERT, 1989, *The Hamlyn Guide to Edible and Medicinal Plants of Britain and Northern Europe*; LÁNSKÁ, 1992, *Plantes sauvages comestibles*; CARVALHO, 2005, *Etnobotânica del Parque Natural de Montesinho. Plantas, tradición y saber popular en un territorio del nordeste de Portugal*); se tem utilidade como planta apícola¹⁴⁴ (cf. por exemplo VIEIRA & BRANCO, 1996, *Caracterização e Potencialidades da Produção Apícola na Região [do Alentejo]*; BRANCO, 2000, *A Apicultura nos Ecossistemas Florestais Mediterrânicos*; CARVALHO, 2005, *Etnobotânica del Parque Natural de Montesinho. Plantas, tradición y saber popular en un territorio del nordeste de Portugal*); se é utilizada como combustível (“fuel”), no todo ou em parte (cf. por exemplo; GONZÁLEZ & al., 2013, *Plants used as fuel in the Arribes del Duero Natural Park (Salamanca-Zamora, Spain)*); se é planta venenosa ou tóxica (cf. por exemplo BECKER, 1984, *Plantes toxiques*; LAUNERT, 1989, *The Hamlyn Guide to Edible and Medicinal Plants of Britain and Northern Europe*); se o porte é arbóreo, arbustivo ou herbáceo; se se encontra actualmente extinta na área do Jardim Botânico; curiosidades científicas (cf. por exemplo MABBERLEY, 1997, *The Plant-Book*; MABBERLEY, 2008, *Mabberley's Plant-Book*) e ainda outros dados que possam ser por qualquer razão considerados eventualmente relevantes.

¹⁴¹ Para os nomes vernáculos ou vulgares, fomos buscar sugestões a diversas obras, entre as quais podemos citar as seguintes: AGUIAR (2000); BORGES & ALMEIDA (1996); CASTROVIEJO & al. (1986–); COUTINHO (1913; 1939); EURO+MED PLANTBASE (2008–); CLAUDINO & al. (2001); FERNANDES & MENDONÇA CARVALHO (2003); CARVALHO (2005); GRIN (*Germplasm Resources Information Network*, s/data); JANSEN (2002); JARDIM & FRANCISCO (2000); POLÓNIA & al. (2008); MABBERLEY (2008); PIGNATTI (1982a, 1982b, 1982c); SAMPAIO (1947); VIEIRA & BRANCO, 1996; ALVES (1999); PORTELA-PEREIRA (2013); WIKIPEDIA (s/data); WU & RAVEN (1994–); USDA/NCRS (*United States Department of Agriculture. Natural Resources Conservation Service*, s/data); WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES (2010–); e ainda a muitas outras obras e fontes de informação diversas, escritas (publicadas ou não) e até de natureza oral.

¹⁴² Consideramos, na maioria dos casos, “endemismo” como um *taxon* (espécie, subespécie, variedade, forma) que não é apenas nativo de uma dada região, mas também eventualmente exclusivo (no estado autóctone, espontâneo ou nativo) dessa mesma região.

¹⁴³ É importante notar que o óxido nítrico (NO), segundo vários estudos, modula danos celulares induzidos por neurotoxinas e está envolvido na morte das células neuronais na doença de Parkinson e noutras doenças neurodegenerativas como a de Alzheimer (NATH & MADRI, 2006; ZHANG & al., 2006; ALIEV & al., 2009; EBRAHIMZADEH, 2010).

¹⁴⁴ A abelha, *Apis mellifera* L. (da família Apidae, ordem Hymenoptera, classe Insecta e phylum ou ramo Arthropoda, do reino Animalia) é um insecto extremamente importante não só pelo valor das suas produções tradicionais (mel, pólen, geleia real, veneno, cera, etc.) mas mais ainda pelo valor acrescentado com a polinização de culturas agrícolas e outras (VIEIRA & BRANCO, 1996: 117).

6. Lista e explicação das abreviaturas utilizadas

1) Biotipos ou fitotipos ou tipos biológicos

Ph Fanerófitos¹⁴⁵ – árvores, arbustos ou lianas¹⁴⁶ com as gemas de renovo a mais de 0,25 m do solo;

Ch Caméfitos – subarbustos com as gemas de renovo a menos de 0,25 m da superfície do solo;

H Hemicriptófitos – ervas vivazes com as gemas de renovo à superfície do solo;

G Geófitos – plantas com as gemas de renovo abaixo da superfície do solo;

Hy Helófitos e hidrófitos – plantas aquáticas com as gemas de renovo abaixo do nível da água ou do solo: designam-se *hidrófitos* se as gemas se encontram sempre dentro de água; e *helófitos* se as gemas se podem encontrar indiferentemente dentro ou fora de água (plantas anfíbias);

Th Terófitos – plantas anuais que se propagam e renovam apenas através das sementes, forma sob a qual passam as épocas desfavoráveis do ano; o seu ciclo de vida completa-se dentro de um ano.

e ainda:

Br Briófitos (Bryophyta); e

Lich Líquenes (Lichenes)

2) Na localização das plantas dentro do Jardim

A.C., R.C.	Alameda Central ou Rua Central
Alegre., Al. ^{te}	Alegrete: pequeno canteiro de flores (em posição lateral ou marginal em relação aos canteiros principais)
A.T.	Alameda das Tílias ou Rua das Tílias
A.J.H.	Alameda Júlio Henriques
A.S.B., Al.S.B., T.J.H.	Alameda de São Bento ou Terraço de Júlio Henriques (Junto ao Instituto Botânico, e à estátua de Júlio Henriques, ao bebedouro e à bilheteira, acima da Estufa Grande)
A.S.J., Al.S.J.	Alameda de São José (Junto ao Portão Sul, das Ursulinas ou do Seminário ou do Jardim-Escola João de Deus)
Cab., cab. ^a , cabec.	cabeceira (o local à cabeceira de um canteiro)
C., Cant., cant. ^o	Canteiro
C.S.B., C.S. Bento	Capela de São Bento (ou do Cristo) ou Cerca de São Bento = Mata do Jardim Botânico
C.S.I., C.S. ^{to} Il.	Capela de Santo Ilídio

¹⁴⁵ Incluindo: **megafanerófitos** (árvores com as gemas de renovo a mais de 30 m do solo); **mesofanerófitos** (com as gemas de renovo entre 8 e 30 m); **microfanerófitos** (com as gemas entre 2 e 8 m); e **nanofanerófitos** (com as gemas entre 0,25 e 2m).

¹⁴⁶ As **lianas** são plantas trepadoras perenes, mais ou menos lenhosas, constituindo os chamados **fanerófitos escandentes**.

Est. Fria, Estufa Fr., E.F., E.Fria	Estufa Fria
Est. Grande, Estufa Gr., E.G.	Estufa Grande
E.G. I, Estufa Gr. I	Estufa Grande, Parte I – Tropical
E.G. II, Estufa Gr. II	Estufa Grande, Parte II - Subtropical
E.G. III, Estufa Gr. III	Estufa Grande, Parte III - Temperada
E.M., E. Méd.	Escola Médica (a primeira Escola de Sistemática)
EMo, E.Mo., E.Mono.	Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (à entrada da Mata, numa encosta ou costeira)
E.R., Est. Repr.	Estufa das Reproduções, Estufas das Reproduções
E.S., E. Sist.	Escolas de Sistemática
E. Simp., E.G.O., E.S.G.O.	Escola das Simpétalas (Sympetaleae) ou Escola “Garcia de Orta”, assim chamada recentemente, desde a EXPO 1998, que houve em Lisboa Oriental, de onde terão vindo as plantas que ficaram a constituir a dita Escola “Garcia de Orta”
Estufa V., Est. Vict., E. Victoria, E.V.	Estufa da <i>Victoria amazonica</i> ; Estufa da <i>Victoria</i> ; Estufa da Vitória
F.Q.C., Font.Q.C., Font. Q.C.	Fontanário do Quadrado Central (c. 1950)
H.M.	Hospital Militar
Jard.	Jardineta, jardinetas (pequenos socalcos ou terraços ajardinados do Jardim Botânico)
J.B., J.Bot., Jard. Bot.	Jardim Botânico da Universidade de Coimbra
J.C., J.Cactos	Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (junto aos Viveiros, um pouco abaixo)
J.E.J.D.	Jardim-Escola João de Deus
L	Local, lugar (cada uma das posições [ou caldeiras] dentro de cada canteiro)
Q.B., Q. Br., Q. Brot.	Quadrado de Brotero (à volta da Estátua de Brotero, em frente ao Portão Principal)
Q.C.	Quadrado Central (o ponto de partida ou centro original do Jardim Botânico)
R.F.	Refeitório do Jardim (acima da Mata, entre o edifício do Instituto Botânico e os Viveiros)
R.M.	Rua da Mata
R.T., R.Trop.	Recanto Tropical (entre o Portão do Aqueduto e o Portão principal do Jardim Botânico, um pouco mais abaixo)

R.T.I., R.Trop.I.	Recanto Tropical Inferior (plataforma de cima do Recanto Tropical)
R.T.S., R.Trop.S.	Recanto Tropical Superior (plataforma de baixo do Recanto Tropical)
T	Talhão (na Mata do Jardim Botânico ou Cerca de S. Bento)
T.A.T.	Terraço da Alameda das Tílias
T.G., T.Gimn.	Terraço das Gimnospérmicas (abaixo da Alameda de Júlio Henriques)
T.J.H.	Terraço de Júlio Henriques (também conhecido como Alameda de São Bento)
T.L.C.	Tanque de Luís Carrisso + Terraço de Luís Carrisso (onde se encontra o medalhão que retrata o ilustre professor e director do Jardim)
Vaso calc., vasos calc.	Vasos calcários do jardim (ou floreiras), situados sobre colunas, nos muros e portões
Viv., Viv. ^{os}	Viveiros do Jardim Botânico (Na parte de cima da Mata, próximo e abaixo da Rua do Arco da Traição)

3) Na descrição e identificação ou confirmação da identidade das espécies (abreviaturas para indicar o nome dos insígnios botânicos naturalistas do Jardim Botânico de Coimbra (e de outros ilustres botânicos taxonomistas, a quem se deve a descrição de uma grande quantidade de espécies e outras categorias taxonómicas):

L.	= Linnaeus (Carl von Linné)	[1707-1778]
L. f.	= Linnaeus filius (Carl von Linné)	[1741-1783]
DC.	= De Candolle (Augustin-Pyramus)	[1778-1841]
J. Mariz	= Joaquim Álvares de Mariz Júnior	[1847-1916]
F. Sousa	= Francisco de Sousa	[1893-1971]
J.G. Garcia	= José Gonçalves Garcia	[1906-1971]
R.B. Fernandes	= Rosette Batarda Fernandes	[1916-2005]
J. Paiva	= Jorge Américo Rodrigues de Paiva	[n. 1933]
I. Nogueira	= Isabel Mariana Simões Nogueira	[1935-1992]
C. Sérgio	= Cecília Sérgio	[n. 1942]
M.F. Santos	= Maria de Fátima Santos	[n. 1944]

4) Algumas siglas de obras ou fontes (informáticas, sobretudo) botânicas, nomenclaturais e taxonómicas importantes:

FNA	= Flora of North America
GRIN	= Genetic Resources Information Network
IPNI	= The International Plant Names Index
USDA	= United States Department of Agriculture
SF	= Species Fungorum

5) Distribuição geográfica:

África Trop.	= África Tropical (regiões tropicais de África) ¹⁴⁷
Amér. Norte	= América do Norte ¹⁴⁸
Amér. Sul	= América do Sul (a sul do Canal do Panamá)
Medit., R.Med., Reg. Med.	= Região Mediterrânica ¹⁴⁹
NAfr.	= Norte de África, de Marrocos até ao Egipto
Reg. Males.	= Região Malesiana ou Malésia (Incluindo as Filipinas, a Indonésia, o Sul da Península da Malásia e a Nova Guiné)
Reg. Trop.	= Regiões Tropicais
SAfr.	= Sul de África, incluindo a África do Sul e a Região Capense

6) As onze províncias continentais portuguesas¹⁵⁰ por vezes são citadas, sempre de acordo com as abreviaturas utilizadas na *Flora iberica* (CASTROVIEJO & al., 1986–) e em muitos outros trabalhos botânicos e já inteiramente consagradas pelo uso:

AAI	= Alto Alentejo
Ag	= Algarve
BA	= Beira Alta
BAI	= Baixo Alentejo
BB	= Beira Baixa
BL	= Beira Litoral

¹⁴⁷ Consideramos a Eurásia e a África separadas pelo canal do Suez.

¹⁴⁸ Consideramos as duas Américas (do Norte e do Sul) separadas pelo canal do Panamá: a Norte a América do Norte e a Sul a América do Sul.

¹⁴⁹ Consideramos a Região Mediterrânica tal como ela é definida na Med-Checklist (GREUTER & al., 1984-2008).

¹⁵⁰ É um facto que tanto as províncias como os distritos ou os concelhos são entidades criadas pelo homem para fins administrativos ou geográficos. Os seus limites são muitas vezes artificiais, no entanto, são “claros, definidos al milímetro en los mapas y el terreno y bien conocidos por la población, lo que les convierte en irremplazables por el momento para la presentación de datos florísticos” nas palavras de G. MATEO (CARRASCO & al., 1990: 5, cit. por MORALES, 2004: 32).

DL	= Douro Litoral
E	= Estremadura
Mi	= Minho
R	= Ribatejo
TM	= Trás-os-Montes e Alto Douro

7) As cinquenta províncias espanholas (Península Ibérica e Ilhas Baleares) por vezes são citadas, sempre de acordo com as abreviaturas utilizadas na *Flora iberica* (CASTROVIEJO & al., 1986–) e em muitos outros trabalhos botânicos:

A	= Alicante
Ab	= Albacete
Al	= Almería
Av	= Ávila
B	= Barcelona
Ba	= Badajoz
Bi	= Vizcaya (Bilbao)
Bu	= Burgos
C	= La Coruña
Ca	= Cádiz
Cc	= Cáceres
Co	= Córdoba
CR	= Ciudad Real
Cs	= Castellón
Cu	= Cuenca
Ge	= Gerona (Girona)
Gr	= Granada
Gu	= Guadalajara
H	= Huelva
Hu	= Huesca
J	= Jaén
L	= Lérida (Lleida)
Le	= León

Lo	= La Rioja (Logroño)
Lu	= Lugo
M	= Madrid
Ma	= Málaga
Mu	= Murcia
Na	= Navarra
O	= Asturias (Oviedo)
Or	= Orense
P	= Palencia
PM	= Ilhas Baleares (Palma de Mallorca):
	Mll = Mallorca
	Mn = Menorca
	Ib = Ibiza
Po	= Pontevedra
S	= Cantabria (Santander)
Sa	= Salamanca
Se	= Sevilla
Sg	= Segovia
So	= Soria
SS	= Guipúzcoa (San Sebastian)
T	= Tarragona
Te	= Teruel
To	= Toledo
V	= Valencia
Vi	= Álava (Vitoria)
Z	= Zaragoza
Za	= Zamora

8) Os meses do ano (indicados em numeração romana)

I	= Janeiro	(o 1.º mês do ano)
II	= Fevereiro	(o 2.º mês do ano)
III	= Março	(o 3.º mês do ano)
IV	= Abril	(o 4.º mês do ano)
V	= Maio	(o 5.º mês do ano)
VI	= Junho	(o 6.º mês do ano)
VII	= Julho	(o 7.º mês do ano)
VIII	= Agosto	(o 8.º mês do ano)
IX	= Setembro	(o 9.º mês do ano)
X	= Outubro	(o 10.º mês do ano)
XI	= Novembro	(o 11.º mês do ano)
XII	= Dezembro	(o 12.º mês do ano)

9) Outras abreviaturas (ou expressões) várias:

acum.	= acumulado
aggr.	= agregado (<i>aggregatum</i>)
al.	= outros (<i>alii</i>)
all.	= aliança (<i>alliancia</i>)
alt.	= altitude
Anon.	= anónimo, autor desconhecido (<i>anonymon</i>)
ap.	= na publicação de ... ; segundo ... (<i>apud</i>)
assoc.	= associação (<i>associatio</i>)
auct.	= dos autores (<i>auctorum</i>)
auct. plur.	= de vários autores (<i>auctores plurales</i>)
auct. var.	= de vários autores (<i>auctores varii</i>)
Az	= Açores (Azores) ou açórico ou açoreano ou açoriano (das Ilhas dos Açores ou relativo às Ilhas dos Açores)
basion.	= basiónimo (<i>basionymon</i>)
BGUC	= Banco de Germoplasma da Universidade de Coimbra (cf. TAVARES & al., 2012)

BGUC	= Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra
BPGV	= Banco Português de Germoplasma Vegetal (Braga)
c., ca.	= cerca, cerca de (<i>circa, circiter</i>)
cit.	= citado (<i>citato</i>)
cf.	= comparar com ..., confere, conferir, ver ... (<i>confer</i>)
cl.	= classe (<i>classis</i>)
cm	= centímetro (= 0,01 metro)
Col., Collab.	= Colaboração (<i>collaboratio</i>), colaboradores (<i>collaboratores</i>)
com. pess., comm. pers.	= comunicação pessoal (<i>personal communication</i>)
comb. illeg.	= combinação ilegítima (<i>combinatio illegitima</i>)
comb. superfl.	= combinação supérflua (<i>combinatio superflua</i>)
Comp.	= Compilação, compilador (<i>compiler</i>)
convar.	= convariedade (<i>convarietas</i>)
Coord.	= Coordenação, coordenador
corr.	= corrigido (<i>correxit</i>)
CR	= Critically Endangered (criticamente ameaçada)
CWR	= Crop Wild Relative(s) (parente de plantas cultivadas)
DD	= Data Deficient (ou Deficient Data) (Deficiência de dados)
des. inval.	= designação inválida (<i>designatio invalida</i>)
Det.	= Determinado, determinou (<i>determinavit</i>)
Dir.	= Direcção, director
dm	= decímetro (= 0,1 metro)
DNA ou ADN	= Deoxyribonucleic acid (ou Ácido Desoxi-ribonucleico)
dr., Dr, dr. ^a , Dr. ^a	= Doutor, Doutora
EAN	= Estação Agronómica Nacional (Oeiras)
EN	= Endangered (ameaçada, em perigo)
ENMP	= Estação Nacional de Melhoramento de Plantas (em Elvas)
Endem., endem.	= Endemismo, endémico(a) (= natural de; nativo; autóctone)
E	= Este
ed.	= edição, editor

eds	= editores
e.g.	= por exemplo (<i>exempli gratia</i>)
EP	= Extended Play (duração estendida)
Est.	= estampa, estampas
&	= e (<i>et</i>)
et al., & al.	= e outros/as (<i>et alii</i>)
etc.	= <i>et cetera</i> (e outros/as, e outras coisas)
EW	= Extinct in the Wild (extinta na Natureza)
EX	= Extinct (extinta)
ex.	= exemplo
Ex. ^a , ex. ^a , V. Ex. ^a	= Excelência, Vossa Excelência
exp.	= exposição, exposto a
fam.	= família (<i>familia</i>)
fasc.	= fascículo
fig.	= figura
Fitotróo	= câmara climatizada ou estufa de aclimação (TAVARES DOS SANTOS, 2012: 56-61)
f., fo., f. ^a	= forma
f., fil.	= filho (<i>filius</i>): Exemplo: L. f., L. fil. = Linnaeus <i>filius</i>
FAO	= Food and Agriculture Organization of the United Nations
FCG	= Fundação Calouste Gulbenkian
fr.	= arbusto (<i>frutex</i>)
g., gr., gran.	= granito
gen., gén.	= género (<i>genus</i>)
gr.	= grupo (<i>grex</i>)
ha	= hectare (1 hectare = 1 ha = 100 m × 100 m = 10000 m ² = 0,01 km ²)
Herb.	= Herbário (<i>herbarium</i>)
hispan.	= hispânico, da Espanha ou Hispânia (<i>hispanicum</i>)
Hort., hort.	= <i>hortulanorum</i> , de <i>hortulanu</i> = jardineiro (dos hortelãos ou jardineiros)
iber.	= ibérico, da Península Ibérica (<i>ibericum</i>)

ICN	= Instituto da Conservação da Natureza
ICNB	= Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade
ICNF	= Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas
i.e.	= isto é (<i>id est</i>)
IGEOE	= Instituto Geográfico do Exército
incl.	= incluso, incluído (<i>inclusus, inclusa, inclusum</i>)
ind. loc.	= indicação locotípica (<i>indicatio locotypica</i>)
in err.	= numa errata, à fé de uma errata (<i>in erratis</i>)
in litt.	= numa carta (<i>in littera</i>)
in sched.	= numa etiqueta (de herbário) (<i>in schedula</i>)
inéd.	= inédito, obra inédita
inv.	= inventário (ou rélevé)
IPGRI	= International Plant Genetic Resources Institute
ISA	= Instituto Superior de Agronomia (Lisboa)
IUCN	= International Union for Conservation of Nature
km	= quilómetro, quilómetro (= 1000 metros)
LC	= Least Concern (baixa preocupação, baixo risco, preocupação menor)
leg.	= <i>legit</i> (colhido/a, colheu, herborizado/a, herborizou)
loc.	= local, lugar, sítio (<i>locus, loco</i>)
loc. class.	= local clássico, localidade clássica, lugar clássico, sítio clássico (<i>locus classicus</i>)
l.c., loc. cit.	= local citado, lugar citado (<i>loco citato</i>)
LP	= Long Play (longa duração)
Lu	= Lusitânia (=Portugal continental)
lusit.	= de Portugal continental, lusitânico, lusitano, português (<i>lusitanicum, lusitanum</i>)
Ma	= Madeira ou madeirense (da Ilha da Madeira ou do Aquipélago constituído pelas ilhas da Madeira, Porto Santo, Desertas e Selvagens)
m	= metro
mm	= milímetro (= 0,001 metro)
±	= mais ou menos
n.	= nasceu, nascido, nato

N.	= Nosso, Nossa
N	= Norte
NE	= Not Evaluated (Não avaliada)
NE	= Nordeste
NW	= Noroeste
nom. alt.	= nome alternativo (<i>nomen alternativum</i>)
nom. ambig.	= nome ambíguo (<i>nomen ambiguum</i>)
nom. cons., nom. conserv.	= nome conservado (<i>nomen conservandum</i>)
nom. cons. prop.	= nome cuja conservação foi proposta (<i>nomen conservandum propositum</i>)
nom. dub.	= nome dúbio (<i>nomen dubium</i>)
nom. illeg.	= nome ilegítimo (<i>nomen illegitimum</i>)
nom. illeg. superfl.	= nome ilegítimo supérfluo (<i>nomen illegitimum superfluum</i>)
nom. inv.	= nome invertido (<i>nomen inversum</i>)
nom. inval.	= nome inválido (<i>nomen invalidum</i>)
nom. nov.	= nome novo (<i>nomen novum</i>)
nom. nud.	= nome nu, nome desnudo (<i>nomen nudum</i>)
nom. provis.	= nome provisório (<i>nomen provisorium</i>)
nom. rej., nom. rejic.	= nome rejeitado (<i>nomen rejiciendum</i>)
nom. rejic. prop.	= nome cuja rejeição foi proposta (<i>nomen rejiciendum propositum</i>)
nom. subst.	= nome que foi substituído por outro (<i>nomen substitutum</i>)
nom. superfl.	= nome supérfluo (<i>nomen superfluum</i>)
nothosubsp., nothosp.	= notosubespécie, subespécie híbrida (<i>nothosubspecies</i>)
nov.	= novo, nova (<i>novus, nova</i>)
N.º, Nº, n.º, nº	= número
NT	= Near Threatened (quase ameaçada, quase em perigo)
Observ., observ.	= observação, observada, observado
op. cit.	= obra citada (<i>opera citata</i>)
ord.	= ordem (<i>ordo</i>)
Org., org.	= organização, organizadores (<i>organizatio, organizatores</i>)

orth. cons.	= ortografia conservada (<i>orthographia conservanda</i>)
orth. var.	= variante ortográfica
P	= presença, presenças
p., pág., pp.	= página, páginas
PGR	= Plant Genetic Resources
PN	= Parque Natural
PNPG	= Parque Nacional da Peneda-Gerês
p. max. p.	= maioritariamente, na maior parte, no que diz respeito à maior parte (<i>pro maxima parte</i>)
por ex.	= por exemplo
p.p.	= em parte (<i>pro parte</i>)
Pers. comm.	= comunicação pessoal (<i>personal communication</i>)
Port.	= Portugal ou português, de Portugal continental ou relativo a Portugal (o mesmo que Lu, lusitânico ou lusitano)
Prof., prof., Prof. ^a	= Professor, Professora
%	= por cento (/100), percentagem
pr.	= próximo a, junto a, nos arredores de (<i>prope</i>)
RNA ou ARN	= Ribonucleic acid (ou Ácido Ribonucleico)
S/data, s/data	= Sem data, sem data
S	= Sul
SE	= Sueste
SNPRCN	= Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza
SNPRPP	= Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico
SW	= Sudoeste
s/	= sem (<i>sine</i>)
s/n	= sem número
sec.	= segundo (<i>secundo</i>)
Sect., sect.	= secção (<i>sectio</i>)
s.l., s.l.	= em sentido lato (<i>sensu lato</i>)
s.m.	= acima do nível do mar
sp.	= espécie (<i>species</i>)

sp. pl.	= várias espécies (<i>species plures</i>)
ssp., subsp.	= subespécie (<i>subspecies</i>)
S. ^a , s. ^a	= Senhora
Sr, Sr. ^a	= Senhor, Senhora
S., S. ^{to}	= São, Santo
S. ^{ta}	= Santa
St, St.	= Santo, Santa (<i>Saint</i>)
s.s.	= em sentido estrito (<i>sensu stricto</i>)
subf.	= subforma (<i>subforma</i>)
subgen.	= subgénero (<i>subgenus</i>)
subord.	= subordem (<i>subordo</i>)
subsect.	= subsecção (<i>subsectio</i>)
subvar.	= subvariedade (<i>subvarietas</i>)
=	= sinónimo homotípico
syn.	= sinónimo (<i>synonymon</i>)
syn. subst.	= sinónimo substituído (<i>synonymon substitutum</i>)
trib.	= tribo (<i>tribu</i>)
var.	= variedade (<i>varietas</i>)
Vol., vol.	= volume
Vols, vols	= volumes
VU	= Vulnerable (Vulnerável)
W	= Oeste (<i>West</i>); ocidental (<i>western</i>)
WHP	= Wild Harvested Plant(s)
WWF	= World Wildlife Fund

7. Bibliografia utilizada

Abundante bibliografia foi utilizada na elaboração deste catálogo. A principal base bibliográfica para este trabalho foram, sem dúvida, os Livros de Registos (manuscritos) das Plantas Cultivadas no Jardim e na Mata: “*Escola Sistemática*” II, III, IV e V (ANÓNIMO, 1925: a, b, c, d)¹⁵¹, assim como duas versões mais antigas de II – “*Archichlamideae*. 1.^a parte” [*Piperaceae–Leguminosae*] (ANÓNIMO, Sem data I) e V – “*Gamopetalas*”¹⁵² (ANÓNIMO, Sem data II); “*Escolas Sistemáticas*”, pelo Sr Júlio de Matos (MATOS, 1950); “*Lista de cactos e plantas gordas*” (sem autor e sem data); “*Registo Geral das Plantas do Jardim e da Mata*”, pelo Sr Augusto Correia, Jardineiro Chefe do Jardim Botânico (CORREIA, 1960); o LIVRO DE REGISTOS DO JARDIM; LIVRO DE REGISTOS DA MATA; Livro de “*Registo das plantas de estufa*”; diversos LIVROS DE REGISTOS DAS SEMEITEIRAS no Jardim (1928, 1929, 1930, 1931, 1932, 1933, 1934)¹⁵³, incluindo ainda os sete preciosos fascículos manuscritos preparados pelo Sr Manuel Cardoso Alves entre 1988 e 1994 (ALVES, 1988; ALVES, 1989; ALVES, 1990; ALVES, 1991; ALVES & MATOS, 1992; ALVES, 1993; ALVES, 1994; TAVARES, 1998). Todos estes volumes manuscritos (habitualmente com uma excelente caligrafia) tiveram sempre uma grande importância na sementeira e plantação das plantas no Jardim (incluindo naturalmente os Viveiros e a Mata), assim como na elaboração do catálogo de sementes anual do Jardim Botânico de Coimbra (INDEX SEMINUM ET SPORARUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT), que já se publica desde 1868¹⁵⁴, constituindo assim, indubitavelmente, uma das publicações anuais mais antigas de Portugal. Também as “Observações phaenologicas feitas no Jardim Botânico de Coimbra no anno de (...)” publicadas no *Bol. Soc. Brotero* (primeira série), foram da maior utilidade. 20: 207-208.” (MOLLER, 1902; MOLLER, 1905), assim como a preciosa base de dados (em *Excel*) preparada pela Doutora Ana Cristina Tavares, ainda com a colaboração do excelente colector de plantas e sementes Sr Manuel Cardoso Alves –que se reformou no final do ano de 1998 (MATOS, com. pessoal)–, entre 1997 e 2002 (TAVARES & ALVES, 2002). Esta base de dados (*op. cit.*) é o único catálogo/memória completa recente (séculos XX/XXI) de todas as plantas cultivadas no Jardim Botânico de Coimbra. Possui um total de 1789 registos, incluindo algumas repetições – se as descontarmos obteremos talvez um número próximo de 1600 *taxa* (espécies, subespécies, variedades, híbridos e cultivares), que eram ainda cultivados no Jardim por volta do ano 2000, na viragem do século XX para o século XXI, quando eram ainda cultivadas cuidadosamente muitas espécies nas Escolas de Sistemática, incluindo a Escola Médica e a Escola das Monocotiledóneas. Nos anos seguintes, por falta de pessoal qualificado (jardineiros), deixou de ser possível assegurar a conveniente manutenção das Escolas de Sistemática, reduzindo-se assim, de forma considerável, o número de espécies de plantas vasculares cultivadas no Jardim Botânico de Coimbra¹⁵⁵.

Outra fonte bibliográfica preciosa para a base de dados que constitui a maior parte deste trabalho é a excelente dissertação de mestrado (em dois volumes) de Paulo Jorge das Neves Rosa “*Projecto de recuperação da Escola das Monocotiledóneas do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra*” (ROSA, 2000), que foi apresentada nesse ano à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, no anfiteatro do Departamento de Botânica, onde foi aprovada por unanimidade, com elevada classificação.

Para a nomenclatura das plantas portuguesas, ibéricas, europeias e mediterrânicas foram usadas as fontes bibliográficas habituais: a *Nova Flora de Portugal* de AMARAL FRANCO (1971, 1984) e AMARAL FRANCO & ROCHA AFONSO (1994–2003), a *Flora iberica*, de CASTROVIEJO & al. (1986 –), a *Flora d’Italia* de PIGNATTI (1982a, 1982b, 1982c), a *Flora dels Països Catalans* de O. DE BOLÒS & J. VIGO (1984–2001), a *Flora Vascular de Andalucía Occidental*, de VALDÉS & al. (1987), a *Med-Checklist*, de GREUTER, BURDET & LONG (1984–1989, 2008), actualmente também disponível na Internet (<http://ww2.bgbm.org/mcl/>)¹⁵⁶; a *Flora*

¹⁵¹ A parte I das Escolas de Sistemática [Canteiros 2-31] correspondia e ainda corresponde à Escola Médica, que tem sido particularmente bem estudada (ALMEIDA & TAVARES, 1997; ALMEIDA, MATOS & TAVARES, 2003; TAVARES, ZUZARTE & SALGUEIRO, 2009).

¹⁵² Estes cinco volumes manuscritos foram cuidadosamente preparados por funcionários (colectores de sementes e jardineiros) do Jardim Botânico de Coimbra, na respectiva Secção de Sementes.

¹⁵³ Podemos citar, a título de exemplo, o REGISTO DAS SEMEITEIRAS, livro n.º 21 [1928], iniciado em Dezembro de 1927, cujo autor poderá ter sido eventualmente o ilustre colector, conservador, jardineiro e auxiliar de naturalista Francisco de Sousa [1893–1971] (cf. MUÑOZ GARMENDIA, MARTÍNEZ PASTOR & LAÍN, 1993: 674–675), que foi um dos funcionários mais activos e competentes do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra.

¹⁵⁴ Comemoraram-se em 2008 os 140 anos do *Index Seminum* do Jardim Botânico de Coimbra

¹⁵⁵ Pensamos que ainda se encontrarão actualmente (2013) cultivadas no Jardim Botânico de Coimbra mais de um milhar de espécies (e outros *taxa* infra-específicos) de plantas vasculares.

¹⁵⁶ Citando a página online da *Med-Checklist* (2011), “Med-Checklist is a synonymic catalogue of vascular plant taxa found growing in the wild in the countries surrounding the Mediterranean Sea. It has been designed as a synthetic guide to “translate” the botanical nomenclature used in any of them into what is believed to be the correct nomenclature under

Vascular de Andalucía Oriental (2.^a edição), de BLANCA & al. (2011); assim como a muito recente (2011-2012) *Euro+Med PlantBase* (<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/>)¹⁵⁷.

Para o vocabulário botânico e de ordem geral, assim como a obtenção de informações de cariz geográfico e outras, utilizámos diversas obras mais ou menos especializadas: a 5.^a edição do *Dicionário Complementar da Língua Portuguesa* (MORENO, 1948); o *Novo dicionário corográfico de Portugal (Continente e ilhas adjacentes)*, de AMARAL FRAZÃO (1981); a 6.^a edição do *Dicionário da Língua Portuguesa* (ALMEIDA COSTA & SAMPAIO E MELO, 1984); *Le Petit Larousse Illustré* (1998); a 3.^a edição de *Noções sobre a morfologia externa das plantas superiores* (VASCONCELLOS, 1969), e o *Vocabulário de termos botânicos* (FERNANDES, 1972b), entre outras obras diversas.

Para as plantas de distribuição eurasiática, mediterrânica e macaronésica (incluindo naturalmente o Norte de África) tiveram também grande interesse as floras clássicas: *Flore Descriptive et Illustrée de de la France, de la Corse et des contrées limitrophes*, do abade COSTE (1937a, 1937b, 1937c), a *Flore de l'Afrique du Nord*, de MAIRE (1952-1977) e a *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*, de P.H. DAVIS (1965-1988), a primeira das quais se encontra infelizmente incompleta, assim como as seguintes obras: *New Flora of the British Isles* (STACE, 1997), *The New Royal Horticulture Society Dictionary of Gardening*, de HUXLEY & al. (1999), *Flora Endémica da Madeira* (JARDIM & FRANCISCO, 2000), *Catalogue des Plantes Vasculaires du Nord du Maroc, incluant des clés d'identification / Checklist of Vascular Plants of N Marocco with identification keys*, de B. VALDÉS, M. REJDALI, A. ACHHAL EL KADMIRI, S.L. JURY & J.M. MONTSERRAT [eds] (2002), *Flora Selecta Marroquí* (GÓMIZ GARCIA, 2001), entre diversas outras publicações.

Para a nomenclatura actualizada e a sinonímia das plantas das várias partes do Mundo, tiveram excepcional importância as seguintes fontes: *The Plant List* (<http://www.theplantlist.org/>)¹⁵⁸ [Acedido em 2009–2015]; IPNI, “*The International Plant Names Index*” (<http://ipni.org/>)¹⁵⁹ [Acedido em 2009–2015]; *Euro+Med PlantBase* [Acedido em 2009–2015], “*The Euro+Med PlantBase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*”, (<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/>); assim como APNI: “*Australian Plant Name Index*” [Acedido em 2010–2015]; “*International Legume Database and Information Service*” (ILDIS, 2010) [Acedido em 2010–2014]; ITIS: “*Integrated Taxonomic Information System*”, Smithsonian Institution, Washington, DC (<http://www.itis.gov/>) [Acedido em 2010–2015]; TROPICOS (S/data), do Missouri Botanical Garden (www.tropicos.org/)¹⁶⁰ [Acedido em 2009–2015]; “*Word Checklist of Selected Plant Families*” [2010]; CALFLORA: “*Information on California plants for education, research and conservation, based on data contributed by dozens of public and private institutions and individuals, including the Consortium of Calif.*”

current taxonomic standards. It also gives territory-by-territory distributions for all listed taxa up to the aggregated level.” (<http://ww2.bgbm.org/mcl/>).

¹⁵⁷ Citando a própria página online desta obra monumental (2011), “Euro+Med Plantbase integrates and critically evaluates information from Flora Europaea, Med-Checklist, the Flora of Macaronesia, and from regional and national floras and checklists from the area as well as additional taxonomic and floristic literature. This is complemented by the European taxa of several families taken from the World Checklist of Selected Plant Families and of the Leguminosae from the International Legume Database and Information Service ILDIS (...). By November 2011 it provides access to 148 plant families corresponding to ca. 90 % of the European flora of vascular plants.” (<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/>).

¹⁵⁸ “The project data held by Tropicos and used in the development of *The Plant List* includes: Flora Mesoamericana, Flora of China Checklist, Checklist of Bolivia, Checklist of Ecuador, Checklist of Peru, Checklist of Panama”; “More than 240,000 records derived from Tropicos were included in *The Plant List*” (<http://www.tropicos.org/>). Actualmente [VII.2014], *The Plant List* inclui um total de 642 famílias de plantas, 17020 géneros aceites e 350699 nomes de espécies de plantas considerados correctos (33 % do total), assim como 470624 nomes considerados sinónimos e ainda 242712 nomes não resolvidos –o que corresponde, respectivamente, a 44,2 % e 22,8 % do número total de nomes, que é de 1064035 na categoria específica (THE PLANT LIST, 2014: <http://www.theplantlist.org/>).

¹⁵⁹ IPNI, ou *International Plant Names Index*, é uma fonte muito importante de acesso aberto para a Botânica (cf. MATUTINOVIC, 2014: 194): “IPNI is a database of the names and associated basic bibliographical details of seed plants, ferns and lycophytes. Its goal is to eliminate the need for repeated reference to primary sources for basic bibliographic information about plant names. The data are freely available and are gradually being standardized and checked. (...) IPNI is the product of a collaboration between the Royal Botanic Gardens, Kew, The Harvard University Herbaria and the Australian National Herbarium.”

¹⁶⁰ TROPICOS (S/data) [“the botanical information at the Missouri Botanical Garden, Tropicos contains information on over one million plant names and 3.9 million herbarium specimens”; “Tropicos® was originally created for internal research but has since made available to the world’s scientific community. All of the nomenclatural, bibliographic, and specimen data accumulated in MBG’s electronic databases during the past 25 years are publicly available here. This system has over 1.2 million scientific names and 4.0 million specimen records”; The project data held by Tropicos and used in the development of *The Plant List* includes: Flora Mesoamericana, Flora of China Checklist, Checklist of Bolivia, Checklist of Ecuador, Checklist of Peru, Checklist of Panama”]. Available at: www.tropicos.org/.

Herbaria. [web application]. 2013. Berkeley, California: *The Calflora Database*¹⁶¹ [Acedido em 2010–2015]; e, naturalmente, *The Plant-Book* [Second edition] (MABBERLEY, 1997) e *The Plant-Book* [Third edition] (MABBERLEY, 2008).

Usámos muito ainda outras fontes publicadas, como, por exemplo, *The New Royal Horticulture Society Dictionary of Gardening*, de HUXLEY & al. (1999), *Flowering Plant Families of the World* (HEYWOOD & al., 2007) e *Flowering Plants* [Second Edition], de TAKHTAJAN (2009).

Para as plantas asiáticas (e de grande parte do Mundo!) teve particular importância a *Flora of China* (WU & RAVEN, 1994–), que inclui aproximadamente 30000 espécies ou quase 12 % do total de espécies de plantas vasculares existentes (BRACH & SONG, 2006: 188), assim como a *Flora of Pakistan*, também acessível em eFloras (Publicada na Internet: <http://www.efloras.org>).

Para as plantas da América do Norte e das Américas em geral (e também muitas vezes do resto do Mundo), tiveram grande importância a *Flora of North America* (FLORA OF NORTH AMERICA EDITORIAL COMMITTEE, 1993–), a *Flora Mesoamericana*, de DAVIDSE, SOUSA SÁNCHEZ & CHATER (eds), (1994–), o *Manual of Cultivated Plants* (BAILEY, 1949), assim como as fontes informáticas da GRIN (Genetic Resources Information Network. <http://www.ars-grin.gov/>)¹⁶², de TROPICOS (S/data), do Missouri Botanical Garden (www.tropicos.org)¹⁰⁷, da USDA/NCRS (United States Department of Agriculture. Natural Resources Conservation Service. <http://plants.usda.gov/>)¹⁶³ e da CALFLORA: “*Information on California plants for education, research and conservation, based on data contributed by dozens of public and private institutions and individuals, including the Consortium of Calif. Herbaria*. [web application]. 2013. Berkeley, California: *The Calflora Database*”¹⁶⁴.

Para as plantas sul-americanas consultámos a clássica e monumental *Flora brasiliensis* (MARTIUS, EICHLER & URBAN, 1840-1906)¹⁶⁵, actualmente disponível na Internet (<http://florabrasiliensis.org.br/>).

Para as plantas africanas tiveram grande interesse várias obras como por exemplo: a *Flore Descriptive et Illustrée de la France, de la Corse et des contrées limitrophes*, do abade COSTE (1937a, 1937b, 1937c), o *Catalogue des Plantes Vasculaires du Nord du Maroc, incluant des clés d'identification / Checklist of Vascular Plants of N Morocco with identification keys*, de B. VALDÉS, M. REJDALI, A. ACHHAL EL KADMIRI, S.L. JURY & J.M. MONTERRAT [eds] (2002), a *Flora of Zimbabwe* (<http://www.zimbabweflora.co.zw/>), assim como IPNI, “*The International Plant Names Index*” (<http://ipni.org>), *The Plant List* (<http://www.theplantlist.org>), “*Word Checklist of Selected Plant Families*” (2010), que se encontram informaticamente disponíveis e ainda livros ou volumes de revistas como por exemplo “*The Aloe names book*”, de O.M. GRACE & al. in *Strelitzia* vol. 28 (2011).

¹⁶¹ Available at: <http://www.calflora.org/>.

¹⁶² GRIN Taxonomy for plants (www.ars-grin.gov/cgi-bin/npgs/html/index.pl) é uma parte da ARS [= Agricultural Research Service (www.ars.usda.gov)], que é a principal agência de pesquisa do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos da América (USDA) e é organizada em programas nacionais [National Programs] (SCHMID, 2014: 223-224). GRIN Taxonomy for plants «provide the structure and nomenclature for accessions of the National Plant Germplasm System (NPGS), part of the National Germplasm Resources Program (NGRP) of the [USDA's] Agricultural Research Service (ARS). In GRIN Taxonomy for plants all families and genera of vascular plants and 51,769 species from throughout the world are represented, especially economic plants and their relatives. Information on scientific and common names, classification and distribution, references, and economic impacts are provided». As opções linguísticas são as seguintes: inglês, alemão, espanhol, francês e português (SCHMID, 2014: 224). Esta base de dados gigantesca (GRIN = Germplasm Resources Information Network, do USDA) contém cerca de cem mil nomes científicos, sobretudo de plantas com interesse económico, que são continuamente examinados e actualizados, de acordo com as regras nomenclaturais do Código Internacional de Nomenclatura [para Algas, Fungos e Plantas], sob a direcção do perito internacional J.H. Wiersema (GREUTER, 2013: 17-18).

¹⁶³ O Natural Resources Conservation Service [NRCS] (www.nrcs.usda.gov), estabelecido em 1935 como «Soil Conservation Service (SCS) and renamed NCRS in 1994, focuses on biotic and abiotic conservation (i.e. organisms, soils, land, water, air)» (SCHMID, 2014: 223).

¹⁶⁴ Acedido em 2010–2014; Available: <http://www.calflora.org/>.

¹⁶⁵ Citando as eloquentes palavras introdutórias (<http://florabrasiliensis.org.br/>): “A *Flora brasiliensis* foi produzida entre 1840 e 1906 pelos editores Carl Friederich Philipp von Martius, August Wilhelm Eichler e Ignatz Urban, com a participação de 65 especialistas de vários países. Contém tratamentos taxonómicos de 22767 espécies [um número semelhante ao total de *taxa* que existem na Europa (Euro+Med Plantbase, 2006-2011, cit. por BILZ & al., 2011)], a maioria de angiospermas brasileiras, reunidos em 15 volumes, divididos em 40 partes, com um total de 10367 páginas.”

Para as plantas australianas, tiveram muito interesse o APNI: “*Australian Plant Name Index*” [Acedido em 2010–2013], e a “*New South Wales Flora Online. A comprehensive botanical treatment in an electronic format*” [Acedida em 2011–2014].

Para a identificação de diversas plantas suculentas (pertencente às cactáceas e a muitas outras famílias), tiveram grande interesse as seguintes obras: “*O Livro dos Cactos*”, de W. OUDSHOORN (1976), “*Encyclopédie des plantes à fleurs*”, de B. KRÍSA (1985), “*Encyclopédie des cactus*”, de J. ŘÍHA e R. ŠUBÍK (1987), “*The Aloe names book*”, de O.M. GRACE & al. (2011), assim como as grandes bases de dados online: as já mencionadas THE PLANT LIST (<http://www.theplantlist.org>); a WIKIPEDIA, sobretudo na sua versão em língua inglesa (<http://en.wikipedia.org>), embora as versões em algumas outras línguas também tenham sido muito proveitosas; e diversas outras fontes (*blogs*, por exemplo), sem esquecer o potentíssimo motor de buscas online GOOGLE (<http://www.google.pt>), sempre de extraordinária utilidade.

Para a identificação de árvores e arbustos, tiveram particular interesse as seguintes obras especializadas: “*The Hamlyn Guide to Trees of Britain and Europe*”, de C.J. HUMPHRIES & al. (1981), “*Árvores de Portugal e da Europa*”, de C.J. HUMPHRIES & al. (1996), “*Los árboles y arbustos de la Península Ibérica e Islas Baleares*”, de G. LÓPEZ GONZÁLEZ (2001) e “*Guía de los árboles y arbustos de la Península Ibérica y Baleares*”, de G. LÓPEZ GONZÁLEZ (2002).

Para a identificação, a taxonomia, a nomenclatura, a sinonímia, o tipo biológico, a origem e a distribuição geográfica de ervas pertencentes à difícil família das Gramíneas (*Gramineae* ou *Poaceae*), tiveram também particular interesse algumas obras especializadas: “*Manual of cultivated plants*”, de L.H. BAILEY & colaboradores (1949); “*Grasses, Ferns, Mosses & Lichens of Great Britain and Ireland*”, de R. PHILLIPS (1980); “*The European Garden Flora*”, de S.M. WALTERS & al. (eds), (1984–2000); “*Las Gramíneas de Extremadura*”, de J.A. DEVESA, (ed.), 1991; “*Grasses*”, de C.E. HUBBARD (1992) e “*Alien Grasses of the British Isles*”, de T.B. RYVES & al. (1996), “*Flora of North America north of Mexico*”, volumes 23 [*Poaceae*, part 1], de M.E. BARKWORTH & al. (2003) e 24 [*Poaceae*, part 2], de M.E. BARKWORTH & al. (2007), “*World Grass Species – Synonymy database*”, de W.D. CLAYTON, K.T. HARMAN & H. WILLIAMSON (2006), “*GrassBase – The Online World Grass Flora*”, de W.D. CLAYTON & al. (2006 onwards); “*Festuca*”, de FOGGI & MÜLLER (2009), “*Poaceae*”, de B. VALDÉS & H. SCHOLZ (2009). Para confirmar a actualidade da nomenclatura das Gramíneas aqui utilizada, recorreremos ainda a outras fontes como por exemplo as seguintes publicações muito recentes: “*The Euro+Med treatment of Gramineae – a generic synopsis and some new names*”, de B. VALDÉS & H. SCHOLZ (2006), “*Catálogo Florístico del Espacio Natural de Doñana (SO de España). Plantas Vasculares*”, de B. VALDÉS, V. GIRÓN, E. SÁNCHEZ GULLÓN & I. CARMONA (2007); “*Catálogo Florístico del Andévalo y Sierra de Huelva (Plantas Vasculares)*”, de B. VALDÉS, C. SANTA-BÁRBARA, C. VICENT & A. MUÑOZ (2008); *Australian Grasses 2: “AusGrass2”*, de B.K. SIMON & Y. ALFONSO (2012 on going).

Para a identificação e a nomenclatura dos alhos e dos narcisos, foram úteis por exemplo as seguintes obras: “*Revisión del género Allium (Liliaceae) en la Península Ibérica e Islas Baleares*” de J. PASTOR & B. VALDÉS (1983); a síntese genérica de *Allium* L. de P. KOLLMANN (1984) in DAVIS (ed.), *Flora of Turkey and the East Aegean Islands* 8: 98–211; “*Bulbs*”, de R. PHILLIPS & M. RIX (1989); “*Narcissus. A guide to wild daffodils*”, de J.W. BLANCHARD (1990); *Amaryllidaceae e Liliaceae*, de J. do AMARAL FRANCO & M.L. ROCHA AFONSO in FRANCO & ROCHA AFONSO, *Nova Flora de Portugal (Continente e Açores)* III (I), *Alismataceae–Iridaceae* (1994); “*A review of Allium sect. Allium*”, de B. MATHEW (1996); o recente artigo de B.J.M. ZONNEVELD (2008), e ainda as recentíssimas sínteses genéricas de *Narcissus* L., de C. AEDO (2012; 2013e), de *Allium* L. (AEDO, 2013a; AEDO, 2013c) e de *Nothoscordum* Kunth (AEDO, 2013b; AEDO, 2013d).

Para a identificação, a nomenclatura e outras informações sobre as orquídeas, foram úteis sobretudo as obras *The European Garden Flora*, vol. II (1984), de S.M. WALTERS, A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds); *The New Royal Horticulture Society Dictionary of Gardening*, de HUXLEY & al. (1999); “*Guide des Orchidées d’Europe, d’Afrique du Nord et du Proche-Orient*”, de P. DELFORGE (2001) e “*Orchids of Europe, North Africa and the Middle East*”, de P. DELFORGE (2006); “*The Orchid Flora of Portugal*”, de D. TYTECA (1998a), e outros artigos subsequentes do mesmo autor (TYTECA, 1998b; TYTECA & CAPERTA, 1999; TYTECA, 2000); o “*Manual of cultivated plants*”, de L.H. BAILEY & colaboradores (1949); *Orchidaceae*, de J. do AMARAL FRANCO & M.L. ROCHA AFONSO in FRANCO & ROCHA AFONSO, *Nova Flora de Portugal (Continente e Açores)*. III (III). *Juncaceae–Orchidaceae* (2003); o volume XXI da *Flora iberica*, de S. CASTROVIEJO (Coord.); C. AEDO & A. HERRERO (eds), *Smilacaceae – Orchidaceae* (2005); “*Orquídeas españolas*” de A.

ROBLEDO MIRAS (1991); o “*Guia das orquídeas silvestres da Beira Litoral*”, de J.A. BRITES MONTEIRO (2008); e ainda alguns sítios ou locais na Internet (disponíveis *online*), como por exemplo diversos blogs portugueses e ainda o interessante *site* brasileiro “Orquidário Cuiabá” (<http://www.orquidariocuiaba.com.br>).

Para a nomenclatura, a sinonímia, a taxonomia, a distribuição geográfica e os nomes vernáculos de um grande número de espécies de Angiospérmicas eurasiáticas e da Região Mediterrânica, tiveram grande importância e utilidade as sínteses familiares (e genéricas, nalguns casos) seguintes: *Acanthaceae* (MARHOLD, 2011a); *Adoxaceae* (JURY, 2009a); *Alismataceae* (UOTILA, 2009a); *Apiaceae* (HAND, 2011); *Aquifoliaceae* (VALDÉS, 2012a); *Aristolochiaceae* (NARDI, 2009); *Apocynaceae* (MARHOLD, 2011b); *Asclepiadaceae* (MARHOLD, 2011c); *Balsaminaceae* (VALDÉS, 2012b); *Basellaceae* (UOTILA, 2009b); *Begoniaceae* (JURY, 2009b); *Boraginaceae* (VALDÉS, 2011a); *Brassicaceae* (MARHOLD, 2011d); *Buddlejaceae* (VALDÉS, 2012c); *Campanulaceae* (CASTROVIEJO, ALDASORO & ALARCÓN, 2010); *Cannabaceae* (UOTILA, 2011a); *Capparaceae* (UOTILA, 2011b); *Caryophyllaceae* (MARHOLD, 2011e); *Casuarinaceae* (JURY, 2009c); *Chenopodiaceae* (UOTILA, 2009c); *Salicornia* (PIIRAINEN, 2009); *Clusiaceae* (MARHOLD, 2011f); *Cneoraceae* (JURY, 2009d); *Compositae* (GREUTER, 2006–2009), *Pilosella* (BRÄUTIGAM & GREUTER, 2007–2009), *Taraxacum* (KIRSCHNER, ŠTEPÁNEK & GREUTER, 2007–2009); *Corylaceae* (UOTILA, 2009d); *Crassulaceae* (MARHOLD, 2011g); *Cynomoriaceae* (JURY, 2009e); *Cyperaceae* (JIMÉNEZ-MEJÍAS & LUCEÑO, 2011); *Datisceae* (JURY, 2009f); *Droseraceae* (JURY, 2009g); *Ericaceae* (VALDÉS & al., 2009); *Fumarioideae* (LIDÉN, 2001); *Gentianaceae* (MARHOLD, 2011h); *Geraniaceae* (AEDO, ESTÉBANEZ & NAVARRO, 2009a), *Geranium* (AEDO, 2009), *Erodium* (ALDASORO, SÁEZ & NAVARRO, 2009b); *Gesneriaceae* (JURY, 2009h); *Globulariaceae* (MARHOLD, 2011i); *Grossulariaceae* (MARHOLD, 2011j); *Haloragaceae* (UOTILA, 2009e); *Hamamelidaceae* (JURY, 2009i); *Hydrangeaceae* (MARHOLD, 2011k); *Hydrocharitaceae* (UOTILA, 2009f); *Juglandaceae* (UOTILA, 2011c); *Juncaginaceae* (UOTILA, 2009g); *Lemnaceae* (UOTILA, 2009h); *Loranthaceae* (UOTILA, 2011d); *Lythraceae* (VALDÉS, 2012d); *Magnoliaceae* (JURY, 2009j); *Malvaceae* (VALDÉS, 2011b); *Meliaceae* (JURY, 2009k); *Menispermaceae* (JURY, 2009l); *Menyanthaceae* (MARHOLD, 2011i); *Molluginaceae* (UOTILA, 2011e); *Moraceae* (UOTILA, 2011); *Myrsinaceae* (MARHOLD, 2011m); *Myricaceae* (UOTILA, 2009i); *Nyctaginaceae* (UOTILA, 2011); *Nymphaeaceae* (UOTILA, 2009j); *Orobanchaceae* (DOMINA & VON RAAB-STRAUBE, 2010); *Paeoniaceae* (AGHABABIAN, 2011); *Papaveraceae* (AGHABABIAN & LIDÉN, 2011); *Pedaliaceae* (JURY, 2009m); *Phytolaccaceae* (UOTILA, 2011g); *Pittosporaceae* (MARHOLD, 2011n); *Plantaginaceae* (MARHOLD, 2011o); *Platanaceae* (MARHOLD, 2011p); *Plumbaginaceae* (DOMINA, 2011); *Portulacaceae* (UOTILA, 2011h); *Primulaceae* (MARHOLD, 2011q); *Proteaceae* (UOTILA, 2009k); *Rosaceae* (KURTTO, 2009), *Cotoneaster* (SENNIKOV, 2009), *Rubus* (KURTTO & WEBER, 2009); *Resedaceae* (MARTÍN-BRAVO, 2011); *Rubiaceae* (MARHOLD, 2011r); *Salicaceae* (UOTILA, 2011i); *Santalaceae* (UOTILA, 2011j); *Saxifragaceae* (MARHOLD, 2011s); *Scrophulariaceae* (MARHOLD, 2011t); *Simaroubaceae* (JURY, 2009n); *Solanaceae* (VALDÉS, 2012); *Thymelaeaceae* (PEDROL, 2011); *Typhaceae* (UOTILA, 2011k); *Ulmaceae* (UOTILA, 2011i); *Urticaceae* (UOTILA, 2011m); *Zygophyllaceae* (CASTROVIEJO, 2009); e ainda “*World Database of Legumes. International Legume Database and Information Service*” (ILDIS, 2010); IPNI, “*The International Plant Names Index*” (<http://ipni.org>); *The Plant List* (<http://www.theplantlist.org>); e “*World Checklist of Selected Plant Families*” (2010), incluindo, entre outras, as seguintes famílias, que foram incluídas nesta Flórula do Jardim Botânico de Coimbra: *Acoraceae*, *Alstroemeriaceae*, *Amaryllidaceae*, *Araceae*, *Araliaceae*, *Arecaceae* [*Palmae*], *Asparagaceae*, *Betulaceae*, *Bromeliaceae*, *Cannaceae*, *Colchicaceae*, *Commelinaceae*, *Coriariaceae*, *Cornaceae*, *Dioscoreaceae*, *Ephedraceae*, *Eriocaulaceae*, *Fagaceae*, *Iridaceae*, *Ixioliriacae* [*Ixiolirionaceae*], *Juncaceae*, *Lamiaceae*, *Liliaceae*, *Melanthiaceae*, *Musaceae*, *Myrtaceae*, *Nartheciaceae*, *Oleaceae*, *Orchidaceae*, *Phyllanthaceae*, *Pontederiaceae*, *Sapotaceae*, *Smilacaceae*, *Tofieldiaceae*, *Verbenaceae*, *Xanthorrhoeaceae*, *Zingiberaceae* (WORD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010).

Para a classificação, taxonomia, nomenclatura e identificação de Fungos, Líquenes, Algas, Briófitos e outras Criptogâmicas, servimo-nos de alguma bibliografia de fácil consulta e utilização, entre a qual podemos citar as seguintes obras: *Mushrooms and other Fungi of Great Britain and Europe*, de R. PHILLIPS (1981); *Guía de hongos de la Península Ibérica*, de J. ANDRÉS RODRÍGUEZ & al. (1992); *Cogumelos do Paul da Madriz*, de A.M. AZUL (2010); *Subsídios para o conhecimento das algas de água doce de Portugal – I*, de J.A. RINO (1967); *Subsídios para o conhecimento das algas de água doce de Portugal – III*, de J.A. RINO & M.F. SANTOS (1968); *Contribuições para o conhecimento das algas de água doce de Portugal – I*, de M.F. SANTOS (1970); *Green algae and the origin of land plants*, de L.A. LEWIS & R.M. MCCOURT (2004); *The New Higher Level Classification of the Eukaryotes*, de ADL & al. (2005); *The Revised Classification of the Eukaryotes*, de ADL & al. (2012); ACOI – *Coimbra Collection of Algae*, de M.F. SANTOS (<http://acoi.ci.uc.pt>) (2014)¹⁶⁶;

¹⁶⁶ De acordo com KOMÁREK & HAUER (2013), no *site* que alberga a base de dados citada na nota seguinte, a colecção de algas ACOI – *Coimbra Collection of Algae*, de M.F. SANTOS (<http://acoi.ci.uc.pt>) é uma das colecções de algas melhores e mais importantes do Mundo.

CyanoDB.cz – On-line database of cyanobacterial genera, de J. KOMÁREK & T. HAUER (2013)¹⁶⁷; *The British Charophyta*, de J. GROVES & G.R. BULLOCK-WEBSTER (1920); *Contribuição para o estudo dos carófitos portugueses* de A. GONÇALVES DA CUNHA (1942); *Additions à la flore Charologique du Portugal. II*, de A. GONÇALVES DA CUNHA (1943a), e *Additions à la flore Charologique du Portugal. III*, de A. GONÇALVES DA CUNHA (1943b); *El gènere Nitella (Charophyceae) a Espanya*, de M. COMELLES (1984); *Flora ibérica – Algas continentales – Carófitos (Characeae)*, de S. CIRUJANO (ed.) (2008); *Charophytes (Characeae, Charophyta) in the Czech Republic: taxonomy, autecology and distribution*, de L. CAISOVÁ & M. GABKA (2009); *AlgaeBase*, de M.D. GUIRY & G.M. GUIRY (2011–); *Index Nominum Algarum*, de P.C. SILVA (1996–)¹⁶⁸, *Bibliographia Phycologica Universalis*, The University and Jepson Herbaria, University of California, Berkeley; *Hepáticas colhidas em Portugal*, de J.A. HENRIQUES (1886c); *Os musgos – Catalogo dos musgos encontrados em Portugal*, de J.A. HENRIQUES (1889b); *Catálogo Descritivo de Briologia Portuguesa*, de A.L. MACHADO GUIMARÃES (1918); *Sinopse das Briófitas de Portugal. Primeira Parte. Hepáticas*, de A.L. MACHADO GUIMARÃES (1925); *Sinopse das Briófitas de Portugal. Segunda Parte. Musgos*, de A.L. MACHADO GUIMARÃES (1928, 1930, 1932, 1933); *Contribuição para o conhecimento da flora briológica de Portugal – I*, de C. SÉRGIO (1966); *Contribuições para o conhecimento da flora briológica de Portugal – II*, de C. SÉRGIO (1967); *Contribuições para o conhecimento da flora briológica de Portugal – III*, de C. SÉRGIO (1969); *Contribuições para o conhecimento da flora briológica de Portugal – IV*, de C. SÉRGIO (1971); *Las hepáticas y antocerotas (Marchantiophyta y Anthocerotophyta) en la Comunidad Autónoma del País Vasco*, de M. INFANTE (2000); *Annotated Catalogue of Portuguese Bryophytes*, de C. SÉRGIO & S. CARVALHO (2003); 2013. *Atlas e Livro Vermelho dos Briófitos Ameaçados de Portugal*, de C. SÉRGIO, C.A. GARCIA, M. SIM-SIM, C. VIEIRA, H. HESPANHOL & S. STOW (2013); *Grasses, Ferns, Mosses & Lichens of Great Britain and Ireland*, de R. PHILLIPS (1980); “*Flora of North America*” (1993–), de FLORA OF NORTH AMERICA EDITORIAL COMMITTEE (eds); “*Bryophyte Flora of North America*”, volumes 1, 2 e 3 (2004), de R.H. ZANDER (ed.); *The Liverworts, Mosses and Ferns of Europe*, de W. FREY & al. (2006); *Hepatics and Anthocerotes of the Mediterranean, an annotated checklist*, de R.M. ROS & al. (2007); *The Moss Flora of Britain and Ireland*, de A.J.E. SMITH (2008); *Guia de Campo dos Briófitos e Líquenes das Florestas Portuguesas*, de C. SÉRGIO, P. CARVALHO & C. GARCIA (2009); *Mosses of the Mediterranean, an annotated checklist*, de R.M. ROS & al. (2013); TROPICOS (S/data), do Missouri Botanical Garden (www.tropicos.org).

Para a nomenclatura e a classificação dos cogumelos, bolores e outros fungos que se podem encontrar no Jardim Botânico de Coimbra, seguimos essencialmente a nomenclatura e a classificação adoptadas nos grandes e recentes (2011) catálogos online: “*Index Fungorum*” [o índice dos fungos] (<http://www.indexfungorum.org/>), “*Species Fungorum*” [as espécies dos fungos] (<http://www.speciesfungorum.org/>), e a extremamente recente database on-line MYCOBANK¹⁶⁹ [06.VI.2014] (<http://www.mycobank.org/>).

Para a nomenclatura e a classificação de algas aquáticas e outros organismos afins, seguimos também a informação que consta nos sites: ACOI – *Coimbra Collection of Algae* (<http://acoi.ci.uc.pt>)¹⁷⁰; *Index Nominum Algarum*, de Paul SILVA (1996–), *Bibliographia Phycologica Universalis*, The University and Jepson Herbaria, University of California, Berkeley (<http://ucjeps.berkeley.edu/INA.html>); Michael Guiry’s *AlgaeBase*, World-wide electronic publication, National University of Ireland, Galway (<http://www.algaebase.org>); e NCBI: *National Center for Biotechnology Information*, U.S. National Library of Medicine (<http://ncbi.nlm.nih.gov/>).

Nos primeiros tempos da Sociedade Broteriana, durante a direcção do Professor Júlio Henriques, os fungos do Jardim Botânico, de Coimbra, seus arredores e ainda muitos outros locais de Portugal, foram cuidadosamente colhidos pelo diligentíssimo Inspector do Jardim Botânico Adolpho Frederico Moller (1842-1920), que os enviava ao eminente micólogo italiano Professor Pier Andrea Saccardo (23.IV.1845-12.II.1920). Este cientista – professor na Universidade de Pádua e director do seu antiquíssimo jardim botânico, foi autor da vastíssima e histórica obra “*Sylloge fungorum omnium hucusque cognitarum*” (obra em nove volumes, publicada em Pádua, entre 1882 e 1890), entre muitos outros artigos e trabalhos científicos (WIKIPEDIA) – estudou e descreveu os fungos portugueses e conimbricenses em diversos artigos, chegando mesmo a dedicar algumas espécies novas ao seu excelente colector Adolpho Moller (SACCARDO, 1893; SACCARDO, 1903; etc.).

¹⁶⁷ *CyanoDB.cz – On-line database of cyanobacterial genera*, de J. KOMÁREK & T. HAUER (2013). – Word-wide electronic publication, Univ. of South Bohemia & Inst. of Botany AS CR.

¹⁶⁸ O *Index Nominum Algarum* foi editado por Paul Claude Silva, eminentíssimo ficólogo norte-americano, recentemente falecido (31.X.1922–12.VI.2014).

¹⁶⁹ “MycoBank is an on-line database aimed as a service to the mycological and scientific community by documenting mycological novelties (new names and combinations) and associated data, for example descriptions and illustrations.” MYCOBANK (2014) [<http://www.mycobank.org/>].

¹⁷⁰ Esta algoteca de Coimbra, organizada pela Investigadora Maria de Fátima Santos (desde a década de 1960, e com o apoio dos Professores Almeida Rino e José Mesquita) e pela Professora Lília Santos [ACOI – *Coimbra Collection of Algae* (<http://acoi.ci.uc.pt>)] é considerada a maior colecção de microalgas de água doce do Mundo (LOPES, 2008).

Recentemente (19 de Novembro de 2011) realizou-se no Jardim Botânico de Coimbra uma iniciativa muito interessante relativa aos reino dos fungos: “*Cogumelos! Workshop de Micologia*” (MARQUES & al., 2011a; MARQUES & al., 2011b), durante a qual estes autores e ainda várias outras pessoas exploraram a flora micológica do Jardim e da Mata, desenhando, fotografando e identificando o total de 56 espécies de cogumelos!

Mais importante ainda, surgiu recentemente uma excelente dissertação de mestrado intitulada “*Diversidade e Ecologia dos Macrofungos do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra*”, da autoria de Marta Bento Silva Marques (MARQUES, 2012). Nesta dissertação, são apresentadas para o Jardim Botânico de Coimbra 141 espécies de macrofungos, incluindo 38 *taxa* micorrízicos, 96 *taxa* sapróbios e 7 *taxa* parasitas, pertencentes a 15 ordens e 40 famílias (MARQUES, *l.c.*).

Tanto quanto pudemos saber, a partir de todas as fontes consultadas (orais ou escritas, publicadas ou na forma de cadernos manuscritos), os cogumelos ou outros fungos, assim como as briófitas (Hepáticas, musgos e “*hornworts*”), nunca foram cultivados intencionalmente no Jardim Botânico da Universidade de Coimbra (embora diversas espécies destes grupos surjam no Jardim Botânico com carácter espontâneo), pelos menos de forma sistemática e continuada, ao contrário do que sempre tem acontecido com as Espermatófitas e as Pteridófitas, as plantas vasculares superiores com interesse económico, ornamental ou apenas puramente científico.

Para o estudo das classes de vegetação e comunidades vegetais espontâneas e subespontâneas do Jardim, utilizámos abundante bibliografia fitossociológica, entre a qual é justo realçar *Vascular plant communities of Spain and Portugal*, de S. RIVAS-MARTÍNEZ, F. FERNÁNDEZ-GONZÁLEZ, J. LOIDI, M. LOUSÃ & A. PENAS (2001), *Addenda to the syntaxonomical checklist of 2001*, de S. RIVAS-MARTÍNEZ, T.E. DÍAZ, FERNÁNDEZ-GONZÁLEZ, J. IZCO, J. LOIDI, M. LOUSÃ & A. PENAS (2002a, 2002b), o *Prodrome des Végétations de France* de J. BARDAT & al. (2001), a *Flora Alpina*, de D. AESCHIMANN, K. LAUBER, D.M. MOSER & J.-P. THEURILLAT (2004), e ainda *Vascular Plant Communities in Portugal (Continental, The Azores and Madeira)*, *Global Geobotany* 2: 1-180, de J.C. COSTA & al. (2012).

8. Resultados obtidos

De acordo com os objectivos propostos para este trabalho, identificámos numerosas espécies de plantas vasculares e não vasculares (Hepáticas e Musgos, sobretudo) presentes no Jardim Botânico de Coimbra, assim como diversas espécies que constam do *Index Seminum et Sporarum* da Universidade de Coimbra, muitas vezes em colaboração com o Professor António Xavier Pereira Coutinho e o Senhor Arménio da Costa Matos.

Procedemos também a uma rigorosa actualização taxonómica do *Index Seminum et Sporarum* do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, de acordo com as classificações filogenéticas mais recentes e aperfeiçoadas (LEWIS & McCOURT, 2004; ADL & al., 2005; MABBERLEY, 2008; TAKHTAJAN, 2009; APG III, 2009; CHASE & REVEAL, 2009; CHRISTENHUSZ & al., 2011; REVEAL & CHASE, 2011; ADL & al., 2012).

Fotografámos um grande número de espécies de plantas vasculares e não vasculares e de fungos e líquenes presentes no Jardim Botânico de Coimbra.

Elaborámos um catálogo das plantas vasculares presentes no Jardim Botânico de Coimbra, no qual se poderão incluir algumas das fotografias acima referidas, e que conta com mais de 5890 espécies, não só em texto (*Microsoft Word*) sob a forma de uma base de dados (*Microsoft Excel*).

A localização das espécies incluídas no Catálogo das plantas vasculares presentes no Jardim tem vindo a ser indicada através da sistema tradicional de numeração das caldeiras ou lugares nas Escolas (de Sistemática, Médica, das Monocotiledóneas) do Jardim Botânico de Coimbra.

A valiosa informação histórica e botânica que continua a existir sobre as plantas cultivadas na actualidade e outrora no Jardim Botânico, tem vindo a ser preservada – com a intenção de a tornar acessível num futuro próximo, passando-a do antigo suporte em papel manuscrito para os meios informáticos actualmente existentes, que permitem e permitirão não só a sua conservação como a sua transmissão de forma rápida e prática.

9. Catálogo florístico das espécies cultivadas, espontâneas e subespontâneas (adventícias ou naturalizadas) do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra

«The origin of plastids through endosymbiosis of a cyanobacterium-like prokaryote transferred photosynthesis into eukaryotes and launched a massive wave of diversification that subsequently generated a tremendous range of algae and plants» (GILSON & al., 2006: 9566)

«More than all eukaryotes together, bacteria still largely manipulate biogeochemical cycles and global climate.» CAVALIER-SMITH (2009: 112)

«Cyanobacteria are found in freshwater and the sea as well as in all terrestrial environments.» (SVIRČEV & al., 2007: 32)

IMPÉRIO PROKARYOTA Allsopp

REINO EUBACTERIA Cavalier-Smith

SUB-REINO NEGIBACTERIA Cavalier-Smith ex Cavalier-Smith

DIVISÃO CYANOBACTERIA Stanier ex Cavalier-Smith (1973)¹⁷¹¹⁷²¹⁷³¹⁷⁴

[Syn.: *CYANOPHYTA* Steinecke (1931);

MYXOPHYCEAE Walroth (1835); *SCHIZOPHYCEAE* Cohn (1879)¹⁷⁵]

CLASSE CYANOPHYCEAE

Subclasse NOSTOCOPHYCIDAE

Ordem NOSTOCALES

I. MICROCHAETACEAE

1. *Hassallia* Berkeley ex Bornet & Flahault

1. *Hassallia byssoidea* Hassall ex Bornet & Flahault

= *Hapalosiphon byssoideus* (Hassall) Kirchner

Scytonema byssoideum C. Agardh

Tolypothrix byssoidea Kirchner

Alga subaérea ou terrestre. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Citonema, escitonema, hapalossífon, tolipótrix, tolipotrix.

¹⁷¹ Ou classe CYANOPHYTA. Para a classificação das cianobactérias ou algas azuis, azul-esverdeadas ou verdes-azuladas (“*Blue-green algae*”), seguimos GUIRY & GUIRY, ALGAEBASE (2014), assim como KOMÁREK & HAUSER, CyanoDB.cz (2013).

¹⁷² As *Cyanobacteria* (as procarióticas “blue-green algae”) foram durante algum tempo consideradas como plantas (cf. HAECKEL, 1866), antes de ter sido compreendida a diferença fundamental que existe entre procariotas e eucariotas [eucariotas ou eucariotes são os seres vivos cujas células possuem um verdadeiro núcleo] (CAVALIER-SMITH, 2009b: 113).

¹⁷³ Sabe-se hoje em dia que os cloroplastos tiveram uma origem simbiogénica a partir de cianobactérias, para formar o ancestral comum das plantas verdes (*Viridiplantae*), algas vermelhas (*Rhodophyta*) e algas glaucófitas (*Glaucophyta*), todas pertencentes ao reino PLANTAE (CAVALIER-SMITH, 1998; CAVALIER-SMITH, 2000; MOREIRA & al., 2000; DOUGLAS & al., 2001; GILSON & al., 2006; CURTIS & al., 2012).

¹⁷⁴ Tal como acontece com as plantas vasculares, também as cianobactérias se podem por vezes tornar invasoras (podendo mesmo em certos casos possuir características ou propriedades tóxicas), proliferando em lagos, barragens, rios e canais, e estendendo a sua área de distribuição a novas localidades – são conhecidos diversos casos com várias espécies, por exemplo pertencentes aos géneros *Anabaena*, *Cylindrospermopsis*, *Microcystis* e *Planktothrix* (SVIRČEV & al., 2007: 32; VIDAL & KRUK, 2008: 142; CVIJAN & FUŽINATO, 2012: 3).

¹⁷⁵ De acordo com a WIKIPEDIA (2014).

Cianobactéria espontânea subaérea ou terrestre, de vasta distribuição mundial (GUIRY in ALGAEBASE, 2014), que foi encontrada no Jardim, como alga subaérea, numa estátua de mármore, em 1994, *leg. G. Carvalho & det. M.F. Santos*, 1998 (ACOI: strain 662); esta espécie é a espécie-tipo do género *Hassallia* Berkeley ex Bornet & Flahault (GUIRY in ALGAEBASE, 2014).
Distribuição/localização no Jardim: Jardim, sobre uma estátua de mármore (ACOI, *l.c.*).

II. NOSTOCACEAE

1. *Anabaena* Bory de Saint-Vincent ex Bornet & Flahault

1. *Anabaena* sp.

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: *Anabaena*, *anabena*.

Cianobactéria espontânea de água doce, que foi encontrada no Jardim, no tanque da Estufa Pequena ou da *Victoria amazonica*, por *L. Santos* (2009) e identificada por *M.F. Santos* no mesmo ano (ACOI: strain 3198).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim, no tanque da Estufa Pequena ou da *Victoria amazonica* (ACOI, *l.c.*).

2. *Cylindrospermum* Kützinger ex Bornet & Flahault

1. *Cylindrospermum* sp.

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga cilíndrica, alga cilindrospérmica, cilindrospermo.

Cianobactéria espontânea de água doce, perifítica, que foi encontrada no Jardim, no tanque da Estufa Pequena ou da *Victoria amazonica*, por *L. Santos* (2009) e identificada por *M.F. Santos* no mesmo ano (ACOI: strain 3152).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim, no tanque da Estufa Pequena ou da *Victoria amazonica* (ACOI, *l.c.*).

3. *Nostoc* Vaucher ex Bornet & Flahault

1. *Nostoc commune* Vaucher ex Bornet & Flahault (1888)

Tremella nostoc L. (1753)

Ulva pruniiformis L. (1753)

Nostoc kurzianum Zeller (1873)

Nostocella communis Gaillon (WIKIPEDIA)

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga gelatinosa, alga nostócica, alga nostóquica, alga nostocosa, nóstoc, nóstoc comum, nóstoc gelatinoso, nóstoc vulgar, nostocela, nostocela comum, nostocela gelatinosa, nostocela vulgar, tremela, tremela aquática, tremela gelatinosa, ulva comum, ulva de água doce, ulva escura, ulva gelatinosa, ulva vulgar.

Cianobactéria (ou alga azul) colonial espontânea, que constitui formações de aspecto esverdeado e gelatinoso e foi encontrada disseminada no Jardim ou na Mata, em tanques, em IX.1891, por Adolpho Frederico Moller (MARIZ, 1891-1892b: 245).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata, em tanques.

2. *Nostoc punctiforme* Hariot

= *Polycoccus punctiformis* Kützinger, nom. inval.

Nostoc hederulae Meneghini ex Bornet & Flahault

Alga terrestre. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga gelatinosa, alga nostócica, alga nostóquica, alga nostocosa, nóstoc, nóstoc gelatinoso, nostoque, nostoque gelatinoso, policoco.

Cianobactéria espontânea terrestre de distribuição muito vasta, subcosmopolita (GUIRY in ALGAEBASE, 2014), que foi encontrada no Jardim, no tanque da Estufa Pequena ou da *Victoria amazonica*, por *L. Santos* (2009) e identificada por *M.F. Santos* no mesmo ano (ACOI: strain 3305).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim: no tanque da Estufa Pequena ou da *Victoria amazonica* (ACOI, *l.c.*).

3. **Nostoc** sp.

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga gelatinosa, alga nostócica, alga nostóquica, alga nostocosa, nóstoc, nóstoc gelatinoso, nostoque, nostoque gelatinoso.

Cianobactéria espontânea de água doce, que foi encontrada no Jardim, no tanque da Estufa Pequena ou da *Victoria amazonica*, por L. Santos (2009) e identificada por M.F. Santos no mesmo ano (ACOI: strain 3259); esta alga também foi encontrada crescendo sobre a parede de uma estufa e sobre uma estátua de mármore (ACOI).

Distribuição/localização no Jardim: disseminada no Jardim e na Mata (ACOI, l.c.).

III. SCYTONEMATACEAE

1. **Scytonema** C. Agardh ex Bornet & Flahault

1. **Scytonema obscurum** Hansgirg

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Citonema, citonema obscuro.

Cianobactéria espontânea de água doce, que foi encontrada no Jardim, no tanque da Estufa Pequena ou da *Victoria amazonica*, por L. Santos (2009) e identificada por M.F. Santos no mesmo ano (ACOI: strain 3141).

Distribuição/localização no Jardim: no tanque da Estufa da *Victoria amazonica* (ACOI, l.c.).

2. **Scytonema stuposum** Bornet ex Bornet & Flahault

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Citonema, citonema estuposo.

Cianobactéria espontânea terrestre, de vasta distribuição mundial (Guiry in AlgaeBase, 2014), que foi encontrada no Jardim, no tanque da Estufa Pequena ou da *Victoria amazonica*, por L. Santos (2009) e identificada por M.F. Santos no mesmo ano (ACOI: strain 3197).

Distribuição/localização no Jardim: no tanque da Estufa da *Victoria amazonica* (ACOI, l.c.).

Subclasse OSCILLATORIOPHYCIDAE

Ordem CHROOCOCCALES

IV. CHROOCOCCACEAE

1. **Chroococcus** Nägeli

[Syn: *Rhodococcus* Hansgirg (KOMÁREK & HAUER, 2013)]

1. **Chroococcus subnudus** (Hansgirg) G. Cronberg & J. Komárek

= *Chroococcus turgidus* (Kützinger) Nägeli var. *subnudus* Hansgirg [basion.]

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Croococo, croococo desnudado, croococo desnudo, croococo nu, croococo turgescendo, croococo túrgido, croococo subnu.

Cianobactéria espontânea de água doce, de distribuição eurasiática (GUIRY in ALGAEBASE, 2014), que foi colectada no Jardim: “plant-nursery”, leg. & det. M.F. Santos, em 1980 e em 1996, respectivamente (ACOI: strain 928).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim: “plant-nursery”, em 1980 (ACOI, l.c.).

V. CYANOBACTERIACEAE

1. *Gloeotheca* Nägeli

1. *Gloeotheca rupestris* (Lingbye) Bornet

= *Palmella rupestris* Lingbye [basion.]

= *Anacystis rupestris* (Lingbye) F.E. Drouet & W.A. Daily

= *Coccochloris stagnina* Sprengel f. *rupestris* (Lingbye) F.E. Drouet & W.A. Daily

= *Micraloa rupestris* (Lingbye) Trevisan

Gloeotheca rupestris (Lingbye) Bornet var. *maxima* West

= *Gloeotheca rupestris* (Lingbye) Bornet f. *maxima* (West) Hollerbach

Alga subaérea. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Anacístis, anacístis das rochas, anacístis rupestre, anacístis rupícola, anacístis saxícola, cococlóris, cococlóris das rochas, cococlóris rupestre, cococlóris rupícola, cococlóris saxícola, gleotece, gleotece das rochas, gleotece maior, gleotece máxima, gleotece rupestre, gleotece rupícola, gleotece saxícola, micraloa, micraloa das rochas, micraloa rupestre, micraloa rupícola, micraloa saxícola, palmela, palmela das rochas, palmela rupestre, palmela rupícola, palmela saxícola.

Cianobactéria subaérea, de vasta distribuição mundial, cosmopolita (GUIRY in ALGAEBASE, 2014), que foi encontrada no Jardim, como alga subaérea, sobre a parede de uma estufa, *leg.* (em 1981, n.º 827) & *det.* M.F. Santos, em 1993 (ACOI: strain 604).

Distribuição/localização no Jardim: Na parede de uma estufa (ACOI, *l.c.*).

VI. ENTOPHYSALIDACEAE

1. *Chlorogloea* Wille

1. *Chlorogloea purpurea* Geitler

Alga subaérea. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Clorogleia, clorogleia de púrpura, clorogleia purpúrea.

Cianobactéria espontânea, subaérea, de água doce, unicelular e colonial, formando colónias gelatinosas, de aspecto esférico, hemisférico ou achatado, grumoso, de vasta distribuição mundial (GUIRY in ALGAEBASE, 2014), disseminada no Jardim ou na Mata, que foi colectada sobre uma estátua de mármore, por G. Carvalho, em 1988, e identificada por M.F. Santos, em 1990 (ACOI: strain 385); duas espécies deste género só são conhecidas da Antárctida e outras duas só são conhecidas dos Trópicos (GUIRY in ALGAEBASE, 2014).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim, sobre uma estátua de mármore (ACOI, *l.c.*).

2. *Cyanostylon* Geitler

1. *Cyanostylon microcystoides* Geitler

Alga subaérea. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cianóstilo, cianostilo, cianostílon.

Cianobactéria espontânea, subaérea, de água doce, de vasta distribuição mundial (GUIRY in ALGAEBASE, 2014), disseminada no Jardim ou na Mata, que foi colectada sobre uma estátua de mármore, por G. Carvalho, em 1987, e identificada por M.F. Santos, em 1996 (ACOI: strain 929); constitui a espécie-tipo do género *Cyanostylon* Geitler (GUIRY in ALGAEBASE, 2014).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim, sobre uma estátua de mármore (ACOI, *l.c.*).

VI. GOMPHOSPHAERIACEAE

1. *Coelosphaerium* Nägeli

1. *Coelosphaerium kuetzingianum* Nägeli

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Celosfério, celosfério de Kützing, celosfério kuetzingiano.

Cianobactéria de água doce, de vasta distribuição eurasiática e mundial (Guiry in *AlgaeBase*, 2014), espontânea em Portugal, disseminada no Jardim ou na Mata, que foi colectada num tanque por *L. Santos*, em 2003, e identificada por *M.F. Santos*, em 2004 (ACOI: strain 1679); constitui a espécie-tipo (holotípica) do género *Coelosphaerium* Nägeli (KOMÁREK & ANAGNOSTIDIS, 1999; GUIRY in *ALGAEBASE*, 2014).

Distribuição/localização no Jardim: Na água doce de um tanque (ACOI, *l.c.*).

VII. MICROCOLEACEAE

1. *Microcoleus* Desmazières ex Gomont

1. *Microcoleus vaginatus* Gomont ex Gomont

Oscillatoria vaginata Vaucher

= *Conferva vaginata* (Vaucher) Sprengel

= *Trichophorus vaginatus* (Vaucher) Desvaux

= *Vaginaria vaginata* (Vaucher) Kuntze

Oscillatoriella vaginata Gaillon

Vaginaria terrestris Bory de Saint-Vincent

Vaginaria vulgaris S.F. Gray

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga embainhada, alga terrestre, conferva, conferva embainhada, oscilatória, oscilatória embainhada, oscilatoriela, oscilatoriela embainhada, tricóforo, tricóforo embainhado, vaginária, vaginária comum, vaginária embainhada, vaginária terrestre, vaginária vulgar.

Cianobactéria espontânea terrestre, de vasta distribuição mundial, cosmopolita, que constitui a espécie-tipo do género *Microcoleus* Desmazières ex Gomont (GUIRY in *ALGAEBASE*, 2014), que foi encontrada no Jardim, como alga terrestre, em solo húmido, *leg. & det. M.F. Santos*, n.º 93/14, em 1993 (ACOI: strain 656).

Distribuição/localização no Jardim: Em solo húmido (ACOI, *l.c.*).

VIII. MICROCYSTACEAE

1. *Gloeocapsa* Kützing

1. *Gloeocapsa bituminosa* (Meneghini) Kützing

= *Chaos bituminosus* Meneghini [basion.]

Chroococcus caldarium Hansgirg

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Caos, caos betuminoso, caos bituminoso, croococo, croococo caldário, croococo das caldas, croococo das termas, croococo de água morna, croococo de água quente, croococo de água tépida, gleocapsa, gleocapsa betuminosa, gleocapsa bituminosa.

Cianobactéria espontânea de água doce, de vasta distribuição mundial (GUIRY in *ALGAEBASE*, 2014), que foi encontrada no Jardim, sobre uma estátua de mármore, *leg. G. Carvalho & det. R. Amaral*, s/n.º, em 1987 (ACOI: strain 2090).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim, sobre uma estátua de mármore (ACOI, *l.c.*).

Subclasse SYNECHOCOCCOPHYCIDAE

Ordem PSEUDANABAENALES

IX. PSEUDANABAENACEAE

1. Pseudanabaena Lauterborn

1. Pseudanabaena sp.

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Anabaena falsa, falsa anabaena, pseudanabaena.

Cianobactéria espontânea de água doce, que foi encontrada no Jardim, num dos tanques da Escola Médica, por *L. Santos*, em 2009, tendo sido identificada por *M.F. Santos* no mesmo ano (ACOI: strain 3284).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim, Escola Médica, num tanque (ACOI, *l.c.*).

X. SCHIZOTRICHACEAE

1. Trichocoleus Anagnostidis¹⁷⁶

1. Trichocoleus sociatus (W. West & G.S. West) Anagnostidis

= *Microcoleus sociatus* W. West & G.S. West [basion.]

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Microcóleo, microcóleo social, microcóleo sociável, tricocóleo, tricocóleo social, tricocóleo sociável.

Cianobactéria espontânea, de água doce ou terrestre, de vasta distribuição eurasiática (GUIRY in ALGAEBASE, 2014), que foi encontrada no Jardim, no tanque da Estufa Pequena ou da *Victoria amazonica*, por *L. Santos* (2009) e identificada por *M.F. Santos* no mesmo ano (ACOI: strain 3105).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim: tanque da Estufa da *Victoria amazonica* (ACOI, *l.c.*).

Ordem SYNECHOCOCCALES

XI. MERISMOPEDIACEAE

1. Merismopedia Meyen

1. Merismopedia sp.

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Merismopédia.

Cianobactéria espontânea, disseminada no Jardim ou na Mata (ACOI: strain 3168).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

¹⁷⁶ *Trichocoleus* Anagnostidis é um género recentemente criado por ANAGNOSTIDIS (2001: 369) e que inclui cianobactérias filamentosas com tilacóides parietais, entre outras características (KOMÁREK & ANAGNOSTIDIS, 2005), e que se pode encontrar numa considerável variedade de habitats, com uma vasta distribuição mundial, incluindo até regiões tão áridas como os desertos de Atacama (no Chile) e do Colorado e Mojave, nos Estados Unidos da América (MÜHLSTEINOVÁ & al., 2014: 242).

IMPÉRIO EUKARYOTA Chatton

REINO PROTOZOA R. Owen

SUB-REINO EOZOA Cavalier-Smith

INFRA-REINO EUGLENOZOA Cavalier-Smith¹⁷⁷

DIVISÃO ou PHYLUM EUGLENOPHYTA¹⁷⁸

CLASSE EUGLENOPHYCEAE¹⁷⁹¹⁸⁰

Ordem EUGLENALES

I. EUGLENACEAE

1. Colacium Ehrenberg

1. Colacium epiphyticum F.E. Fritsch

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Colácio, colácio epifítico, colácio epífito.

Protozoário (reino *Protozoa*, filo *Euglenozoa*) semelhante a uma alga verde, microscópica, tradicionalmente considerado como vegetal (pertencente à divisão *Euglenophyta*, classe *Euglenophyceae*, ordem *Euglenales*, família *Euglenaceae*), de água doce (FRITSCH, 1949), com vasta distribuição eurasiática (GUIRY in ALGAEBASE, 2014), espontâneo e disseminado e tanques do Jardim, sobre algas verdes eucarióticas dos géneros *Cladophora*, *Oedogonium* e *Rhizoclonium* (SANTOS, 1970).

Distribuição/localização no Jardim: Num tanque do Jardim, onde foi colhido sobre *Cladophora*, *Oedogonium* e *Rhizoclonium*, sendo abundante, em 9.XII.1969, por M.F. Santos, s/n.º, COI (Santos, 1970).

2. Euglena Ehrenberg

1. Euglena sp.

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Euglena.

Protozoário (reino *Protozoa*, filo *Euglenozoa*) semelhante a uma alga verde, microscópica, tradicionalmente considerado como vegetal (pertencente à divisão *Euglenophyta*, classe *Euglenophyceae*, ordem *Euglenales*, família *Euglenaceae*) espontâneo, disseminado no Jardim, em vasos de flores, onde foi colectado por J. Brasão em 2008 e identificado por M.F. Santos no mesmo ano 2008 (ACOI: strain 2775).

Distribuição/localização no Jardim: Num vaso de flores do Jardim (ACOI, l.c.).

¹⁷⁷ O infra-reino EUGLENOZOA é actualmente agrupado com o infra-reino EXCAVATA no seio do subreino EOZOA e do reino PROTOZOA (CAVALIER-SMITH, 2010).

¹⁷⁸ Phylum EUGLENOZOA ou divisão EUGLENOPHYTA, de acordo com a tradição de se considerarem as euglenas como algas. Convém notar que se continua a incluir as euglenas (género *Euglena* Ehrenberg) na classe EUGLENOPHYCEAE [ou classe EUGLENIDA ou EUGLENOIDEA Bütschli, 1884, emend. Simpson 1997 (ADL & al., 2005: 442)] (com a terminação *phyceae* característica das algas), na ordem *Euglenales* (*ales* é a terminação característica das ordens de plantas) e na família *Euglenaceae* (*aceae* é a terminação característica das famílias de plantas). WHITTAKER (1969: 154) considera o phylum **Euglenophyta**, constituído por “*euglenoid organisms*”.

¹⁷⁹ De acordo com GUIRY & GUIRY (ALGAEBASE, 2014).

¹⁸⁰ Ou classe EUGLENOIDEA Bütschli, segundo outros autores (WIKIPEDIA).

II. PHACACEAE

1. *Phacus* Dujardin

1. *Phacus curvicauda* Svirenko

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Faco, faco de cauda curva.

Protozoário (reino *Protozoa*, filo *Euglenozoa*), semelhante a uma alga verde de água doce (SANTOS & al., 2001: 112), microscópica, tradicionalmente considerado como vegetal (pertencente à divisão *Euglenophyta*, classe *Euglenophyceae*, ordem *Euglenales*, família *Phacaceae*) espontâneo, de vasta distribuição mundial, podendo tanto encontrar-se em ambientes marinhos como de água doce (GUIRY in ALGAEBASE, 2014), outrora cultivado no Instituto Botânico: BL: “cultura de material colhido pr. Tentúgal, nos arrozais, abundante, 6-X-1967, *Fátima Santos & J. Rino* 217 (COI)” (RINO & SANTOS, 1968: 28).

Distribuição/localização no Jardim: Cultivado (RINO & SANTOS, *l.c.*).

IMPÉRIO EUKARYOTA Chatton

REINO PROTOZOA R. Owen¹⁸¹

DIVISÃO MYXOMYCOTA ou MYCETOZOA¹⁸²

CLASSE MYXOMYCETES Link (1833), emend. Haeckel (1866)

ou CLASSE MYXOGASTRIA Macbride (1899)¹⁸³

Ordem LICEALES

I. RETICULARIACEAE¹⁸⁴

1. *Lycogala* Adanson (1763)

[Syn.: *Lycogala* P. Micheli (1729);

Galeperdon Weber ex F.H. Wiggers (1780); *Galeperdon* Weber ex F.H. Wiggers (1780);

Diphtherium Ehrenberg (1818); *Antonigepia* Kuntze (1898);

Verrucosia Teng (1832) (MYCOBANK, 2014)]

1. *Lycogala epidendrum* (L.) Fries

= *Lycoperdon epidendrum* L. [basion.]

= *Galeperdon epidendrum* (L.) Weber ex F.H. Wiggers

= *Galoperdon epidendrum* (L.) Weber ex F.H. Wiggers

Lycoperdon epidendron Bulliard

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Bexiga de lobo, bexiga de lobo epífita, bexiga de lobo epifítica, epidendro, epidêndron, galepêrdon, galepêrdon epífito, galepêrdon epifítico, galopêrdon, galopêrdon epífito, galopêrdon epifítico, leite de loba, leite de lobo, leite lupino, licogala, licogala epífita, licogala epifítica, licogalinha, licopêrdon, licopêrdon epífito, licopêrdon epifítico.

Protozoário mixomicete ameboflagelado plasmodial reticulado de aspecto fungóide, visível a olho nu, espontâneo e pouco comum em Portugal, observado na Mata do Jardim Botânico, sapróbio sobre madeira, ramos e casca de árvores em decomposição (MARQUES & al., 2011; MARQUES, 2012: 49, XX).

Distribuição/localização no Jardim: Mata, epífita e sapróbia sobre árvores em decomposição (MARQUES, l.c.).

¹⁸¹ Ou reino AMOEBOZOA segundo alguns autores (cf. SCHILDE & SCHAAP, 2013; WIKIPEDIA); Segundo ADL & al. (2012: 433), a divisão MYCETOZOA pertence ao super-grupo eucariótico AMOEBOZOA Lühse, 1913, emend. Cavalier-Smith 1998 [Eumycetozoa Zopf 1884, emend. Olive 1975].

¹⁸² Os *Myxomycetes* (classe de fungos *Myxomycetes*) tanto podem pertencer à divisão MYXOMYCOTA, se forem considerados fungos, como ao *phylum* MYCETOZOA, se forem considerados protozoários (cf. WIKIPEDIA; BALDAUF & DOOLITTLE, 1996). Podem ainda ser considerados como pertencentes à classe MYXOGASTRIA (ou Myxogastrea), do infra-*phylum* MYCETOZOA, do sub-*phylum* CONOSA, do *phylum* AMOEBOZOA Cavalier-Smith, 1998, do agrupamento **Unikonta (Sarcomastigota)** Cavalier-Smith, 1998 (WIKIPEDIA).

¹⁸³ Classe MYXOMYCETES Link (1833), emend. Haeckel (1866) ou MYXOGASTRIA Macbride (1899), constituída pelos MYCETOZOA que são verdadeiros bolores plasmodiais (acelulares), ameboflagelados, que podem desenvolver grandes massas plasmodiais reticuladas com milhares de núcleos (BALDAUF & DOOLITTLE, 1996), que podem atingir um metro de diâmetro e até vinte quilogramas, embora constituídas por uma só célula! (WIKIPEDIA).

¹⁸⁴ O género *Lycogala* Adanson pertence à família *Reticulariaceae* segundo a enorme e atualizada base de dados MYCOBANK (2014); segundo outros autores, contudo, pertence à família *Tubiferaceae* (cf. por ex. WIKIPEDIA; MARQUES, 2012); outros ainda incluem este género na família *Enteridiaceae* (cf. ANDRÉS RODRÍGUEZ & al., 1992: 130).

“Animals and fungi are each other’s closest relatives”
(BALDAUF & PALMER, 1993: 11558-11562)

IMPÉRIO EUKARYOTA Chatton

REINO FUNGI R.T. Moore (1980)

DIVISÃO BASIDIOMYCOTA R.T. Moore (1980)

[3 CLASSES]

SUBDIVISÃO AGARICOMYCOTINA

1. CLASSE AGARICOMYCETES Doweld (2001)

Ordem AGARICALES

I. AGARICACEAE

1. Agaricus L.: Fries emend. Karsten

[Syn.: *Amanita* Dillenius ex Boehmer; *Fungus* Tournefort ex Adanson;
Hypophyllum Paulet; *Myces* Paulet; *Pratella* (Persoon) Gray;
Psalliota (Fries) P. Kummer]

1. Agaricus bresadolanus Bohus

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, agárico bresadolano, agárico de Bresadola, agárico do padre Bresadola, agárico do reverendo Bresadola.

Fungo espontâneo, disseminado no Jardim ou na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Fungo de aspecto cogumeliforme.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. Agaricus campestris L.: Fries

= *Fungus campestris* (L.: Fries) Kuntze

= *Pluteus campestris* (L.: Fries) Fries

= *Pratella campestris* (L.: Fries) Gray

= *Psalliota campestris* (L.: Fries) Quélet

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, agárico campestre, agárico dos campos, fungo dos campos, fungo campestre, plúteo, pratela, psaliota.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, comestível (LAUNERT, 1989: 250; ANDRÉS RODRÍGUEZ & al., 1992: 316; WIKIPEDIA), disseminado no Jardim ou na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. **Armillaria** (Fries) Staude

= *Agaricus* trib. *Armillaria* Fries [basion.]

1. **Armillaria mellea** (Vahl) P. Kummer

= *Agaricus melleus* Vahl [basion.]

= *Armillariella mellea* (Vahl) P. Karsten

= *Clytocybe mellea* (Vahl) Ricken

= *Lepiota mellea* (Vahl) J.E. Lange

= *Omphalia mellea* (Vahl) Quélet

Agaricus sulphureus Weinmann

= *Armillaria mellea* (Vahl) P. Kummer var. *sulphurea* (Weinmann) Fries

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, armilária, armilariela, clitocybe, lepiota, onfália.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, disseminado no Jardim ou na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

3. **Coprinus** Persoon

1. **Coprinus comatus** (O.F. Müller) Persoon

= *Agaricus comatus* O.F. Müller [basion.]

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, agárico comado, coprino, coprino comado.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, amarelado ou esbranquiçado, disseminado no Jardim ou na Mata (MARQUES & al., 2011a); Disseminado na Mata (XI.2011, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

4. **Parasola** Redhead, Vilgalys & Hopple

1. **Parasola plicatilis** (Curtis) Redhead, Vilgalys & Hopple

= *Agaricus plicatilis* Curtis [basion.]

= *Coprinus plicatilis* (Curtis) Fries

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, coprino, parassola.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, esbranquiçado, em forma de sombrinha, disseminado no Jardim ou na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

II. AMANITACEAE

1. **Amanita** Persoon

1. **Amanita gemmata** (Fries) Bertill.

= *Agaricus gemmatus* Fries [basion.]

= *Amanita muscaria* (L.) Lamarck var. *gemma* (Fries) Quélet

= *Amanitaria gemmata* (Fries) E.-J. Gilbert

= *Amanitopsis gemmata* (Fries) Saccardo

= *Venenarius gemmatus* (Fries) Murrill

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, agárico gemado, amanita, amanita agemada, amanita gemada, cogumelo envenenante, cogumelo gemado, cogumelo venenário, cogumelo veneneiro, cogumelo venenoso, venenário, veneneiro.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, disseminado no Jardim ou na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. **Amanita muscaria** (L.) Lamarck

Agaricus muscarius L. [basion.]

= *Amanitaria muscaria* (L.) E.-J. Gilbert

= *Venenarius muscarius* (L.) anon.

Agaricus imperialis Batsch

Agaricus nobilis Bolton

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, agárico imperial, amanita, amanita das moscas, amanita muscária, cogumelo envenenante, cogumelo venenário, cogumelo veneneiro, cogumelo venenoso, venenário, veneneiro.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, disseminado no Jardim ou na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

3. **Amanita pantherina** (DC.) von Krombholz

= *Agaricus pantherinus* DC. [basion.]

= *Amanitaria pantherina* (DC.) E.-J. Gilbert

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, agárico amanitário, agárico de pantera, agárico panterino, amanita, amanita de pantera, amanita pantherina, amanitária, amanita de pantera, amanitária panterina, cogumelo de pantera, cogumelo envenenante, cogumelo panterino, cogumelo venenário, cogumelo veneneiro, cogumelo venenoso, venenário, venenário de pantera, venenário panterino, veneneiro, veneneiro de pantera, veneneiro panterino.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, disseminado no Jardim ou na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

4. **Amanita phalloides** (Vaillant ex Fries) Link

= *Agaricus phalloides* Vaillant ex Fries [basion.]

= *Amanitina phalloides* (Vaillant ex Fries) E.-J. Gilbert

= *Venenarius phalloides* (Vaillant ex Fries) Murrill

Fungus phalloides Vaillant

Agaricus phalloides Bulliard

Amanita viridis Persoon

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, agárico fálco, agárico falóide, amanita, amanita fálca, amanita faliforme, amanita falóide, amanitina fálca, amanitina faliforme, amanitina falóide, cogumelo envenenante, cogumelo fálco, cogumelo falóide, cogumelo venenário, cogumelo veneneiro, cogumelo venenoso, fungo fálco, fungo faliforme, amanita falóide, venenário, veneneiro

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, disseminado no Jardim ou na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

5. **Amanita rubescens** Persoon

= *Agaricus rubescens* (Persoon) Fries

= *Amplariella rubescens* (Persoon) E.-J. Gilbert

= *Limacium rubescens* (Persoon) J. Schröter

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, agárico avermelhado, amanita, amanita avermelhada, amanita rubra, amanita vermelha, amplariela, amplariela avermelhada, cogumelo avermelhado, cogumelo envenenante, cogumelo venenário, cogumelo venenoso, limácio, limácio avermelhado, venenário, venenário avermelhado, veneneiro, veneneiro avermelhado.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, disseminado no Jardim ou na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

III. AURICULARIACEAE

1. *Auricularia* Bulliard ex Jussieu

1. *Auricularia auricula-judae* (Bulliard) J. Schröter

= *Tremela auricula-judae* Bulliard [basion.]

= *Exidia auricula-judae* (Bulliard) Fries

= *Hirneola auricula-judae* (Bulliard) Berkeley

= *Peziza auricula-judae* (Bulliard) Bulliard

Auricularia auricula-judae (Bulliard) J. Schröter var. *lactea* Quélet

Tremella auricula L.

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Aurícula, auriculária, cogumelo auricular, cogumelo de orelha, cogumelo orelhado, cogumelo orelhudo, exídia, exídia aurícula, exídia auricular, exídia de orelha, exídia orelhada, exídia orelhuda, fungo auricular, fungo de orelha, fungo orelhado, fungo orelhudo, hirnéola, hirnéola auricular, hirnéola de orelha, hirnéola orelhada, hirnéola orelhuda, orelha de Judas, peziza, peziza aurícula, peziza auricular, peziza de orelha, peziza orelhada, peziza orelhuda, tremela, tremela aurícula, tremela auricular, tremela de orelha, tremela orelhada, tremela orelhuda.

Fungo espontâneo, de aspecto característico (auricular ou auriculiforme), raramente usado como fungo alimentar ou medicinal disseminado no Jardim e na Mata (XI.2011, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

IV. BOLETACEAE

1. *Boletus* L.

1. *Boletus chrysenteron* Bulliard

= *Versipellis chrysenteron* (Bulliard) Quélet

= *Xerocomellus chrysenteron* (Bulliard) Šutara

= *Xerocomus chrysenteron* (Bulliard) Quélet

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Boleto, versipélis, xerócomo, xerocomelo.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, amarelado e avermelhado, disseminado no Jardim ou na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. *Boletus queletii* Schulzer

= *Dictyopus queletii* (Schulzer) Quélet

= *Tubiporus queletii* (Schulzer) Maire

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Boleto, boleto de Quélet, boleto queletiano, boleto quelético, dictiopo, dictiopo de Quélet, dictiopo queletiano, dictiopo quelético, tubíporo, tubíporo de Quélet, tubíporo queletiano, tubíporo quelético.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, disseminado no Jardim ou na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

3. *Boletus subtomentosus* L.

= *Xerocomus subtomentosus* (L.) Quélet

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Boleto, xerócomo.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, amarelado, disseminado no Jardim ou na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

V. CLAVARIACEAE

1. *Clavaria* Vaillant ex L., nom. cons.

1. *Clavaria juncea* (Albertini & Schweinitz) Fries

= *Clavaria triuncialis* var. *juncea* Albertini & Schweinitz [basion.]

= *Clavariadelphus junceus* (Albertini & Schweinitz) Corner

= *Typhula juncea* (Albertini & Schweinitz) P. Karsten

Clavaria filiformis Bulliard

Clavaria hortulana Velenovský

Typhula oleae Maire

Typhula ramentacea Fries

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Clavária, clavária dos hortelãos, clavária dos jardineiros, clavária dos jardins, clavária dos juncos, clavária filamentosa, clavária filiforme, clavária júncea, clavária juncina, clavária juncosa, clavariadelfo, clavariadelfo dos juncos, clavariadelfo júncea, clavariadelfo juncina, clavariadelfo juncosa, fungo aclavado, fungo clavado, fungo clavoso, fungo em clava, tífula, tífula das oliveiras, tífula dos juncos, tífula júncea, tífula juncina, tífula juncosa, tífula oleácea, tífula ramentácea.

Fungo espontâneo, disseminado no Jardim Botânico, nas folhas e hastes secas, leg. *M. Ferreira*, em XII.1999 (MARIZ, 1902: 141).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

VI. CLAVULINACEAE

1. *Clavulina* J. Schröter

1. *Clavulina cinerea* (Bulliard) J. Schröter

= *Clavaria cinerea* Bulliard [basion.]

= *Corallium cinereum* (Bulliard) Hahn

= *Ramaria cinerea* (Bulliard) Gray

= *Merisma cinereum* (Bulliard) Sprengel

Clavaria fuliginea Persoon

Clavaria grisea Persoon

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Clavária, clavária cinzenta, clavulina, clavulina cinzenta, corálio, fungo-coral, merisma, ramária, ramária cinzenta.

Fungo espontâneo, de aspecto característico (coraliforme ramificado esbranquiçado), disseminado no Jardim ou na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. *Clavulina rugosa* (Bulliard) J. Schröter

Clavaria rugosa Bulliard [basion.]

= *Ramaria rugosa* (Bulliard) Gray

Clavaria canaliculata Fries

Clavaria grossa Persoon

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Clavária, clavária rugosa, clavulina, clavulina rugosa, fungo-coral, ramária, ramária rugosa.

Fungo espontâneo, de aspecto característico (coraliforme ou filamentoso esbranquiçado), disseminado no Jardim ou na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

VII. ENTOLOMATACEAE

1. *Entoloma* (Fries ex Rabenhorst) P. Kummer

= *Agaricus* trib. *Entoloma* Fries ex Rabenhorst [basion.]

1. *Entoloma incanum* (Fries) Hesler

= *Agaricus incanus* Fries [basion.]

= *Leptonia incana* (Fries) Gillet

= *Rhodophyllus incanus* (Fries) E. Horak

Agaricus murinus Sowerby

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, entoloma, leptónia, rodófilo.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, amarelado, disseminado no Jardim ou na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. *Entoloma vernum* S. Lundell

= *Rhodophyllus vernus* (S. Lundell) Romagnesi

= *Nolanea verna* (S. Lundell) Kotl. & Pouzar

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, entoloma, nolânea, rodófilo.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, acinzentado, disseminado no Jardim ou na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

VIII. FOMITOPSIDACEAE

1. *Phaeolus* (Patouillard) Patouillard

= *Polyporus* subgen. *Phaeolus* Patouillard [basion.]

1. *Phaeolus schweinitzii* (Fries) Patouillard

= *Polyporus schweinitzii* Fries [basion.]

= *Cladomeris schweinitzii* (Fries) Quélet

= *Coltricia schweinitzii* (Fries) G. Cunningham

= *Hapalopilus schweinitzii* (Fries) Donk

= *Inodermus schweinitzii* (Fries) Quélet

= *Polystictus schweinitzii* (Fries) P. Karsten

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cladoméris, coltrícia, feolo, inodermo, políporo, polísticto.

Fungo espontâneo, de natureza epifítica, de aspecto achatado, em placa, amarelado ou esbranquiçado, disseminado no Jardim ou na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

IX. GANODERMATACEAE

1. *Ganoderma* P. Karsten

1. *Ganoderma applanatum* (Persoon) Patouillard

= *Boletus applanatus* Persoon [basion.]

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Boleto, boleto aplanado, boleto de artista, boleto de pintor, boleto plano, concha de artista, concha de pintor, fungo aplanado, fungo de artista, fungo de pintor, fungo plano, ganoderma, ganoderma aplanado, ganoderma de artista, ganoderma de pintor, ganoderma plano, paleta de artista, paleta de pintor.

Fungo espontâneo epífita de aspecto achatado, em placa, disseminado no Jardim e na Mata (MARQUES & al., 2011a; XI.2011, Observ!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. **Ganoderma lucidum** (Curtis) P. Karsten

- = *Boletus lucidus* Curtis [basion.]
- = *Fomes lucidus* (Curtis) Cooke
- = *Grifola lucida* (Curtis) Gray
- = *Phaeoporus lucidus* (Curtis) J. Schröter
- = *Placodes lucidus* (Curtis) Quélet
- = *Polyporus lucidus* (Curtis) Fries

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Boletão, concha de artista, feóporo, fomes, ganoderma, grifola, paleta de artista, paleta de pintor, placoídes, políporo.

Fungo espontâneo, epífito de aspecto achatado avermelhado lustroso, em placa, pedunculado ou não, disseminado na Mata (XI.2011, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Mata.

X. GEASTRACEAE

1. **Geastrum** Persoon

1. **Geastrum rufescens** Persoon

Geastrum schaefferi Vittadini

Geastrum vulgatum Vittadini

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cogumelo-estrela, cogumelo estrelado, estrela da terra, fungo-estrela, fungo estrelado, geáster, geáster comum, geáster de Schaeffer, geáster vulgar, geastro, geastro comum, geastro de Schaeffer, geastro vulgar.

Fungo espontâneo, de aspecto estrelado e globoso ou ovóide, disseminado no Jardim ou na Mata (MARQUES & al., 2011a), pouco comum, visível sobretudo no Outono, quando liberta os esporos.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XI. GOMPHACEAE

1. **Ramaria** Fries ex Bonord.

1. **Ramaria formosa** (Persoon) Quélet

= *Clavaria formosa* Persoon [basion.]

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Clavária, clavária bela, clavária formosa, clavária linda, clavária pulcra, fungo-coral, fungo coralário, fungo coraliforme, fungo coralino, fungo ramificado, fungo ramoso, ramária, ramária bela, ramária formosa, ramária linda, ramária pulcra.

Fungo espontâneo, de aspecto característico (coraliforme), disseminado no Jardim e na Mata (XI.2011, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. **Ramaria stricta** (Persoon) Quélet

= *Clavaria stricta* Persoon [basion.]

= *Clavariella stricta* (Persoon) P. Karsten

= *Corallium strictum* (Persoon) C. Hahn

= *Merisma strictum* (Persoon) Sprengel

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Clavária, clavariella, corálho, fungo-coral, merisma, ramária.

Fungo espontâneo, de aspecto característico (coraliforme a clavado e esbranquiçado), disseminado na Mata (XI.2011, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Mata.

XII. HYDNANGIACEAE

1. *Laccaria* Berkeley & Broome

1. *Laccaria laccata* (Scopoli) Cooke

- = *Agaricus laccatus* Scopoli [basion.]
- = *Camarophyllus laccatus* (Scopoli) P. Karsten
- = *Clitocybe laccata* (Scopoli) P. Kummer
- = *Collybia laccata* (Scopoli) Quélet
- = *Omphalia laccata* (Scopoli) Quélet
- = *Russuliopsis laccata* (Scopoli) J. Schröter

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, agárico lacado, camarófilo, camarófilo lacado, clitocibe, clitocibe lacada, colíbia, colíbia lacada, fungo lacado, fungo lacário, onfália, onfália lacada, russuliópsis, russuliópsis lacada.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, avermelhado, disseminado no Jardim ou na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XIII. HYGROPHORACEAE

1. *Hygrocybe* (Fries) P. Kummer

= *Hygrophorus* subgen. *Hygrocybe* Fries [basion.]

[Syn.: *Godfrinia* Maire; *Hygrophorus* Battarra ex Earle;
Bertrandia R. Heim; *Gliophorus* Herink; *Neohygrocybe* Herink;
Hygrocybe (Fries) P. Kummer subgen. *Cuphophyllus* Donk;
Hygrocybe (Fries) P. Kummer subgen. *Pseudohygrocybe* Bon]

1. *Hygrocybe acutoconica* (Clements) Singer

- = *Mycena acutoconica* Clements [basion.]
- = *Hygrophorus acutoconicus* (Clements) A.H. Smith
- = *Prunulus acutoconicus* (Clements) Murrill
- Hygrocybe langei* Kühner
- = *Hygrocybe persistens* (Britzelmayr) Singer var. *langei* (Kühner) Bon
- = *Hygrophorus langei* (Kühner) A. Pearson
- Hygrocybe constans* J.E. Lange
- Hygrophorus conicus* var. *persistens* Britzelmayr
- = *Hygrocybe persistens* (Britzelmayr) Singer
- = *Hygrophorus persistens* (Britzelmayr) Britzelmayr
- Hygrophorus rickenii* Maire

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Hígrocibe, hígrocibe constante, hígrocibe persistente, hígróforo, hígróforo constante, hígróforo de Lange, hígróforo de Ricken, hígróforo persistente, micena, prúnulo.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, amarelo escuro, disseminado no Jardim e na Mata (XI.2011, Observ.!, MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. *Hygrocybe conica* (Schaeffer) P. Kummer

- = *Agaricus conicus* Schaeffer [basion.]
- = *Godfrinia conica* (Schaeffer) Maire
- = *Hygrophorus conicus* (Schaeffer) Fries

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, agárico cónico, godfrínia, godfrínia cónica, hígrocibe, hígrocibe cónica, hígróforo, hígróforo cónico.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, alaranjado ou avermelhado, disseminado no Jardim ou na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XIV. HYMENOGASTRACEAE

1. *Inonotus* P. Karsten

1. *Inonotus hispidus* (Bulliard) P. Karsten

= *Boletus hispidus* Bulliard [basion.]

= *Hemidiscia hispida* (Bulliard) Lázaro Ibiza

= *Inodermus hispidus* (Bulliard) Quélet

= *Phaeoporus hispidus* (Bulliard) J. Schröter

= *Polyporus hispidus* (Bulliard) Fries

= *Polystictus hispidus* (Bulliard) Gillot & Lucand

= *Xanthocrous hispidus* (Bulliard) Patouillard

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Boletão, boleto híspido, feóporo, feóporo híspido, hemidíscia, hemidíscia hípida, inodermo, inodermo híspido, inonoto, inonoto híspido, políporo, políporo híspido, polísticto, polísticto hípido, xantocrôo, xantocrôo hípido.

Fungo espontâneo, epífita, de aspecto achatado, em placa, amarelado e acastanhado, disseminado no Jardim ou na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XV. INOCYBACEAE

1. *Crepidotus* (Fries) Staude

= *Agaricus* trib. *Crepidotus* Fries [basion.]

[Syn.: *Calathinus* Quélet; *Docmiopus* Patouillard;

Octojuga Fayod; *Phialocybe* P. Karsten;

Pleurotellus Fayod; *Tremellopsis* Patouillard]

1. *Crepidotus mollis* (Schaeffer) Staude

= *Agaricus mollis* Schaeffer [basion.]

= *Crepidopus mollis* (Schaeffer) Gray

= *Derminus mollis* (Schaeffer) J. Schröter

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, agárico mole, crepidoto, crepidoto mole, crepidoto, crepidoto mole, dermino, dermino mole.

Fungo espontâneo, epífita, de aspecto achatado, em placa, esbranquiçado, disseminado no Jardim e na Mata (XI.2011, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XVI. LYCOPERDACEAE

1. *Lycoperdon* Tournefort ex Persoon

1. *Lycoperdon perlatum* Persoon

= *Lycoperdon gemmatum* Batsch var. *perlatum* (Persoon) Fries

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Bexiga de lobo, bexiga de lobo perlada, licoperdo, licopérdo, licopérdo perlado.

Fungo espontâneo, de aspecto característico (pedunculado e verrugoso), disseminado no Jardim e na Mata (XI.2011, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XVII. MARASMIACEAE

1. *Marasmius* Fries

1. *Marasmius oreades* (Bolton) Fries

= *Agaricus oreades* Bolton [basion.]

= *Collybia oreades* (Bolton) P. Kummer

Agaricus coriaceus Lightf.

Agaricus pratensis Hudson

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, agárico coriáceo, agárico da montanha, agárico das montanhas, agárico duro, agárico dos prados, agárico montanhês, agárico pratense, boné escocês, cogumelo dos anéis de fadas, cogumelo dos círculos de fadas, colíbia, colíbia das montanhas, colíbia montanhês, marásmio, marásmio das montanhas, marásmio montanhês.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, amarelado ou esbranquiçado, disseminado

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. *Omphalotus* Fayod

1. *Omphalotus illudens* (von Schweinitz) Bresinsky & Besl.

= *Agaricus illudens* von Schweinitz [basion.]

= *Clitocybe illudens* (von Schweinitz) Saccardo

= *Monodelphus illudens* (von Schweinitz) anon.

= *Omphalotus olearius* var. *illudens* (von Schweinitz) A. Ortega & Esteve-Rav.

= *Panus illudens* (von Schweinitz) Fries

= *Pocillaria illudens* (von Schweinitz) Kuntze

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Clitocibe, cogumelo de umbigo, cogumelo umbigado, fungo de umbigo, fungo umbigado, onfaloto, monodelfo, pleuroto das oliveiras, pocilária.

Fungo espontâneo, epífita, de aspecto achatado, em placa, alaranjado, por vezes associado às oliveiras, disseminado na Mata (XI.2011, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Mata.

2. *Omphalotus olearius* (DC.) Singer

= *Agaricus olearius* DC. [basion.]

= *Clitocybe olearia* (DC.) Maire

= *Pleurothus olearius* (DC.) Gillet

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, clitocibe, cogumelo de umbigo, cogumelo umbigado, fungo de umbigo, fungo umbigado, oleário, onfaloto, pleuroto.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, avermelhado, disseminado no Jardim ou na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

3. *Rhodocollybia* Singer

1. *Rhodocollybia butyracea* (Bulliard) Lennox

= *Agaricus butyraceus* Bulliard [basion.]

= *Collybia butyracea* (Bulliard) P. Kummer

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, colíbia, rodocolíbia.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, acizentado, disseminado no Jardim e na Mata (XI.2011, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XVIII. MYCENACEAE

1. *Mycena* (Persoon) Roussel

= *Agaricus* sect. *Mycena* Persoon [basion.]

1. *Mycena epipterygia* (Scopoli) S.F. Gray

= *Agaricus epipterygius* Scopoli [basion.]

= *Prunulus epipterygius* (Scopoli) Murrill

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, micena, prúnulo.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, esbranquiçado, disseminado na Mata (XI.2011, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Mata.

2. *Mycena galopus* (Persoon) P. Kummer

= *Agaricus galopus* Persoon [basion.]

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, micena.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, esbranquiçado ou acinzentado, disseminado no Jardim e na Mata (MARQUES & al., 2011a; XI.2011, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

3. *Mycena pura* (Persoon) P. Kummer

= *Agaricus purus* Persoon [basion.]

= *Gymnopus purus* (Persoon) Gray

= *Prunulus purus* (Persoon) Murrill

Agaricus purpureus Bolton

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, agárico puro, agárico purpúreo, gimnopo, gimnopo puro, micena, micena pura, prúnulo, prúnulo puro.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, esbranquiçado ou acinzentado, disseminado no Jardim e na Mata (XI.2011, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. *Roridomyces* Rexer

1. *Roridomyces roridus* (Fries) Rexer

= *Agaricus roridus* Fries [basion.]

= *Mycena rorida* (Fries) Quélet

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, micena, roridomices.

Fungo espontâneo, disseminado na Mata (XI.2011, Observ.!).

Fungo de aspecto cogumeliforme, esbranquiçado, epífito, de pequenas dimensões.

Distribuição/localização no Jardim: Mata.

XIX. PHALLACEAE

1. *Clathrus* P. Micheli ex L.

1. *Clathrus ruber* P. Micheli ex Persoon

Clathrus cancellatus Tournefort ex Fries

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Clatro, clatro róseo, clatro rubro, clatro vermelho.

Fungo espontâneo, de aspecto característico (globoso e, depois de aberto, reticulado, branco e avermelhado), disseminado no Jardim e na Mata (MARQUES & al., 2011a; XI.2011, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XX. POLYPORACEAE

1. *Lentinus* Fries

1. *Lentinus strigosus* Fries

Agaricus strigosus von Schweinitz, syn. subst.

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, agárico estrigoso, lentino, lentino estrigoso.

Fungo espontâneo, raramente disseminado no Jardim e na Mata (II.2013, Observ.!).

Fungo epífito de aspecto achatado, em placa, acastanhado e estrigoso.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. *Trametes* Fries

1. *Trametes hirsuta* (Wulfen) Lloyd

= *Boletus hirsutus* Wulfen [basion.]

= *Coriolus hirsutus* (Wulfen) Patouillard

= *Hansenia hirsuta* (Wulfen) P. Karsten

= *Microporus hirsutus* (Wulfen) Kuntze

= *Polyporus hirsutus* (Wulfen) Fries

= *Polystictoides hirsutus* (Wulfen) Lázaro Ibiza

= *Polystictus hirsutus* (Wulfen) Fries

Polyporus gourliei Berk.

= *Fomes gourliei* (Berk.) Cooke

= *Scindalma gourliei* (Berk.) Kuntze

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Boletão, boleto hirsuto, boleto piloso, boleto viloso, cindalma, coriolo, hansénia, hansénia hirsuta, hansénia pilosa, hansénia pubescente, hansénia vilosa, políporo, políporo viloso, polísticto, polísticto hirsuto, polísticto piloso, polísticto pubescente, polísticto viloso, trametes, trametes hirsuta, trametes pilosa, trametes pubescente, trametes vilosa.

Fungo espontâneo, epífito, de aspecto achatado, em placa, disseminado no Jardim e na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. *Trametes versicolor* (L.) Lloyd

= *Boletus versicolor* L. [basion.]

= *Agarico-suber versicolor* (L.) Paulet

= *Agaricus versicolor* (L.) Lamarck

= *Bjerkandera versicolor* (L.) P. Karsten

= *Coriolus versicolor* (L.) Quélet

= *Hansenia versicolor* (L.) P. Karsten

= *Microporus versicolor* (L.) Kuntze

= *Polyporus versicolor* (L.) Fries

= *Polystictus versicolor* (L.) Fries

= *Poria versicolor* (L.) Scopoli

= *Sistotrema versicolor* (L.) Trattinick

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Políporo, polísticto, pória, sistotrema, trametes.

Fungo espontâneo, epífito, de aspecto achatado, em placa, disseminado no Jardim e na Mata (VII.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

3. *Trichaptum* Murrill

1. *Trichaptum abietinum* (Dickson) Ryvarden

- = *Boletus abietinus* Dickson [basion.]
- = *Coriolus abietinus* (Dickson) Quélet
- = *Hirschioporus abietinus* (Dickson) Donk
- = *Polyporus abietinus* (Dickson) Fries
- = *Polystictus abietinus* (Dickson) Fries
- = *Trametes abietina* (Dickson) Pilát

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Boletão, boleto abietino, boleto dos abetos, coriolo, coriolo abietino, coriolo dos abetos, políporo, políporo abietino, políporo dos abetos, polísticto, polísticto abietino, polísticto dos abetos, trametes, trametes abietina, trametes dos abetos, tricapto, tricapto abietino, tricapto dos abetos.

Fungo espontâneo, epifítico, de aspecto achatado, em placa, esverdeado, disseminado no Jardim e na Mata (XI.2011, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XXI. PLEUROTACEAE

1. *Pleurotus* (Fries) P. Kummer, nom. cons.

= *Agaricus* trib. *Pleurotus* Fries [basion.]

[Syn.: *Gelona* Adanson; *Lentodiopsis* Bubák;

Pterophyllus Lévillé; *Scleroma* Fries]

1. *Pleurotus ostreatus* (Jacquin) P. Kummer

- = *Agaricus ostreatus* Jacquin [basion.]
- = *Crepidopus ostreatus* (Jacquin) Gray
- = *Dendrosarcus ostreatus* (Jacquin) Kuntze

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, crepidopo, dendrossarco, pleuroto, repolgas.

Fungo espontâneo, epifítico, de aspecto achatado, em placa, disseminado no Jardim e na Mata (XI.2011, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Mata.

XXII. PLUTEACEAE

1. *Pluteus* Fries

1. *Pluteus romellii* (Britzelmayer) Saccardo

= *Agaricus romellii* Britzelmayer [basion.]

Pluteus splendidus A. Pearson

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, agárico de Romell, agárico esplendente, agárico esplêndido, agárico esplendoroso, agárico romeliano, agárico romélico, agárico romelino, cogumelo, cogumelo de Romell, cogumelo esplendente, cogumelo esplêndido, cogumelo esplendoroso, cogumelo romeliano, cogumelo romélico, cogumelo romelino, fungo esplendente, fungo esplêndido, fungo esplendoroso, fungo rico, plúteo, plúteo de Romell, plúteo esplendente, plúteo esplêndido, plúteo esplendoroso, plúteo romeliano, plúteo romélico, plúteo romelino.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, amarelado, disseminado no Jardim e na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. *Volvariella* Spegazzini

1. *Volvariella bombycina* (Schaeffer) Singer

- = *Agaricus bombycinus* Schaeffer [basion.]
- = *Pluteus bombycinus* (Schaeffer) Fries
- = *Volvaria bombycina* (Schaeffer) P. Kummer
- = *Volvariopsis bombycina* (Schaeffer) Murrill

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, agárico bombicino, plúteo, plúteo bombicino, volvária, volvária bombicina, volvariela, volvariela bombicina, volvariópsis, volvariópsis bombicina.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, disseminado no Jardim e na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

3. *Volvopluteus* Vizzini, Contu & Justo

1. *Volvopluteus gloiocephalus* (DC.) Vizzini, Contu & Justo

- = *Agaricus gloiocephalus* DC. [basion.]
- = *Volvaria gloiocephala* (DC.) Gillet
- = *Volvariella gloiocephala* (DC.) Boekhout & Enderle
- = *Volvariopsis gloiocephala* (DC.) Murrill

Agaricus speciosus Fries

Amanita speciosa Fries

= *Pluteus speciosus* (Fries) Fries

= *Volvariella speciosa* (Fries) Singer

= *Volvariopsis speciosa* (Fries) Murrill

Fungo. Origem: Nativa.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, esbranquiçado, disseminado no Jardim e na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, plúteo, volvária, volvariela, volvoplúteo.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XXIII. PSATHYRELLACEAE

1. *Coprinellus* P. Karsten

1. *Coprinellus domesticus* (Bolton) Vilgalys, Hopple & Jacquin Johnson

- = *Agaricus domesticus* Bolton [basion.]
- = *Coprinus domesticus* (Bolton) Gray

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, agárico doméstico, cogumelo, cogumelo doméstico, coprino, coprino doméstico, coprinelo, coprinelo doméstico, fungo, fungo doméstico.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, esbranquiçado, disseminado no Jardim e na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. *Coprinellus micaceus* (Bulliard) Vilgalys, Hopple & Jacquin Johnson

- = *Agaricus micaceus* Bulliard [basion.]
- = *Coprinus micaceus* (Bulliard) Fries

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, agárico micáceo, coprino, coprino micáceo, coprinelo, coprinelo micáceo.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, amarelado ou esbranquiçado, disseminado no Jardim e na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. **Coprinopsis** P. Karsten

1. **Coprinopsis atramentaria** (Bulliard) Redhead, Vilgalys & Moncalvo

= *Agaricus atramentarius* Bulliard [basion.]

= *Coprinus atramentarius* (Bulliard) Fries

= *Pselliophora atramentaria* (Bulliard) Fries

Agaricus luridus Bolton

= *Coprinus luridus* (Bolton) Fries

Agaricus plicatus Persoon

= *Coprinus plicatus* (Persoon) Gray

Agaricus sobolifer Hoffmann

Coprinus sobolifer Fries

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, coprino, coprinópsis, pseliófora.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, acinzentado ou esbranquiçado, disseminado no Jardim e na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XXIV. RICKENELLACEAE

1. **Rickenella** Raithelh.

1. **Rickenella fibula** (Bulliard) Raithelh.

= *Agaricus fibula* Bulliard [basion.]

= *Gerronema fibula* (Bulliard) Singer

= *Hemimycena fibula* (Bulliard) Singer

= *Hygrocybe fibula* (Bulliard) Fayod

= *Marasmiellus fibula* (Bulliard) Singer

= *Micromphale fibula* (Bulliard) Gray

= *Omphalia fibula* (Bulliard) P. Kummer

= *Omphalopsis fibula* (Bulliard) Murrill

= *Mycena fibula* (Bulliard) K. Kühner

Agaricus nivalis Vahl

= *Agaricus fibula* Bulliard var. *nivalis* (Vahl) Fries

= *Omphalia fibula* (Bulliard) P. Kummer var. *nivalis* (Vahl) Rea

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, agárico da neve, agárico das neves, agárico nival, agárico níveo, agárico nivoso, gerronema, hemimicena, higrocibe, marasmielo, micronfale, onfália, onfalópsis, riquenela.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, esbranquiçado, disseminado na Mata (XI.2011, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Mata.

XXV. RUSSULACEAE

1. **Lactarius** Persoon

1. **Lactarius atlanticus** Bon

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Fungo lactário, fungo leiteiro, lactário, lactário atlântico, lactário do Atlas, lactário oceânico.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, avermelhado, disseminado no Jardim e na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. *Russula* Persoon

1. *Russula fellea* (Fries) Fries

= *Agaricus felleus* Fries [basion.]

Russula ochracea auct.

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, agárico ocráceo, agárico ocrado, rússula, rússula ocrácea, rússula ocrada.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, disseminado no Jardim e na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. *Russula foetens* (Persoon) Persoon

= *Agaricus foetens* Persoon [basion.]

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, agárico fétido, agárico de mau aroma, agárico de mau cheiro, agárico de mau odor, agárico de mau perfume, agárico malodorado, rússula, rússula de mau aroma, rússula de mau cheiro, rússula de mau odor, rússula de mau perfume, rússula fétida, rússula malodorada.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, disseminado no Jardim e na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XXVI. SCHIZOPHYLLACEAE

1. *Schizophyllum* Fries

1. *Schizophyllum commune* Fries

= *Daedalea commune* (Fries) P. Kummer

= *Merulius communis* (Fries) Spirin & Zmitr.

Agaricus alneus L.

= *Apus alneus* (L.) Gray

= *Merulius alneus* (L.) J.F. Gmelin

= *Schizophyllum alneum* (L.) J. Schröter

= *Schizophyllum alneus* (L.) Kuntze

Agaricus multifidus Batsch

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, agárico das árvores, agárico dos amieiros, agárico dos ramos, apo, apo das árvores, apo dos amieiros, apo dos ramos, dedálea, dedálea das árvores, dedálea dos amieiros, dedálea dos ramos, esquizófilo, esquizófilo das árvores, esquizófilo dos amieiros, esquizófilo dos ramos, fungo branco, fungo branco das árvores, fungo branco dos amieiros, fungo branco dos ramos, fungo esquizófilo, fungo esquizófilo das árvores, fungo esquizófilo dos amieiros, fungo esquizófilo dos ramos, merúlio, merúlio das árvores, merúlio dos amieiros, merúlio dos ramos.

Fungo espontâneo, epífita de aspecto achatado, em placa, esbranquiçado, cosmopolita e muito comum, disseminado no Jardim e na Mata (XI.2011, Observ.!: MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XXVII. SCLERODERMATACEAE

1. *Pisolithus* von Albertini & von Schweinitz

1. *Pisolithus arrhizus* (Scopoli) Rauschert

= *Lycoperdon arrhizon* Scopoli [basion.]

= *Lycoperdodes arrhizon* (Scopoli) Kuntze

= *Pisocarpium arrhizum* (Scopoli) Link

= *Scleroderma arrhizum* (Scopoli) Persoon

Scleroderma tinctorium Persoon

= *Pisolithus tinctorius* (Persoon) Coker & Couch

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Escleroderma, escleroderma arrizo, escleroderma sem raíz, escleroderma tinctóreo, escleroderma tintureiro, fungo pisolítico, fungo pisolito, licoperdodes, licoperdodes arrizo, licoperdodes sem raíz, licopérdon, licopérdon arrizo, licopérdon sem raíz, pisocárpio, pisocárpio arrizo,

pisocárpio sem raíz, pisolito, pisolito arrizo, pisolito sem raíz, pisolito tinctóreo, pisolito tintureiro, scleroderma, scleroderma arrizo, scleroderma sem raíz, scleroderma tinctóreo, scleroderma tintureiro.

Fungo espontâneo, de aspecto característico (globoso ou ovóide e acastanhado), disseminado na Mata (XI.2011, Observ.!; MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Mata.

2. *Scleroderma* Persoon

1. *Scleroderma areolatum* Ehrenberg

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Escleroderma, escleroderma areolado, scleroderma, scleroderma areolado.

Fungo espontâneo, de aspecto característico (globoso ou ovóide e acastanhado), disseminado no Jardim e na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. *Scleroderma citrinum* Persoon

Scleroderma vulgare Hornem.

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Escleroderma, escleroderma citrino, escleroderma de limão, escleroderma vulgar, scleroderma, scleroderma citrino, scleroderma de limão, scleroderma vulgar.

Fungo espontâneo, de aspecto característico (globoso ou ovóide e acastanhado), disseminado no Jardim e na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

3. *Scleroderma verrucosum* (Bulliard) Persoon

= *Lycoperdon verrucosum* Bulliard [basion.]

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Escleroderma, escleroderma enverrugado, escleroderma verruculoso, escleroderma enverrugado, escleroderma verrugado, escleroderma verrugoso, licoperdo, licoperdo enverrugado, licoperdo verrugado, licoperdo verrugoso, licopérdon, licopérdon enverrugado, licopérdon verruculoso, licopérdon verrugoso, scleroderma, scleroderma enverrugado, scleroderma verruculoso, scleroderma verrugado, scleroderma verrugoso.

Fungo espontâneo, de aspecto característico (globoso ou ovóide e esbranquiçado), disseminado no Jardim e na Mata (XII.2011, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XXVIII. STEREACEAE

1. *Stereum* Hill ex Persoon

1. *Stereum hirsutum* (Willdenow) Persoon

= *Telephora hirsuta* Willdenow [basion.]

Boletus auriformis Bolton

Auricularia reflexa Bulliard

= *Stereum reflexum* (Bulliard) Saccardo

= *Telephora reflexa* (Bulliard) Lamarck & DC.

Helvella acaulis Hudson

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Auriculária, auriculária reflectida, auriculária reflexa, boleto, estéreo, estéreo hirsuto, helvela, helvela acaule, helvela sem caule, stéreo, stéreo hirsuto, téléfora, téléfora hirsuta, téléfora reflectida, téléfora reflexa.

Fungo espontâneo epífita, de aspecto achatado, em placa, esbranquiçado ou acastanhado, disseminado no Jardim e na Mata (MARQUES & al., 2011a), nos troncos de árvores doentes, leg. A. Moller, I.1892 (MARIZ, 1892c: 186).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XXIX. STROPHARIACEAE

1. *Hebeloma* (Fries) P. Kummer

= *Agaricus* trib. *Hebeloma* Fries [basion.]

[Syn.: *Roumeguerites* P. Karsten; *Hylophila* Quélet;

Myxocibe Fayod; *Hebelomatis* Earle;

Picromyces Battarra ex Earle; *Sarcoloma* Locq.]

1. *Hebeloma radicosum* (Bulliard) Ricken.

= *Agaricus radicosus* Bulliard [basion.]

= *Dryophila radicata* (Bulliard) Quélet

= *Myxocibe radicata* (Bulliard) Fayod

= *Pholiota radicata* (Bulliard) P. Kummer

= *Roumeguerites radicosus* (Bulliard) Locq.

Agaricus radicans Persoon

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, driófila, foliota, hebeloma, mixocibe, rumeguerites.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, esbranquiçado, disseminado no Jardim e na Mata (MARQUES & al., 2011a); a este género pertence o conhecido “fungo vampiro” (“*ghoul fungus*”) –*Hebeloma aminophilum* R.N. Hilton & O.K. Miller–, endémico da Austrália Ocidental, que cresce sobre cadáveres de animais em apodrecimento (YOUNG, 2002; WIKIPEDIA).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. *Hypholoma* (Fries) P. Kummer

= *Agaricus* trib. *Hypholoma* Fries [basion.]

[Syn.: *Naematoloma* P. Karsten]

1. *Hypholoma fasciculare* (Hudson) P. Kummer

= *Agaricus fascicularis* Hudson [basion.]

= *Dryophila fascicularis* (Hudson) Quélet

= *Geophila fascicularis* (Hudson) Quélet

= *Naematoloma fascicularis* (Hudson) P. Karsten

= *Pratella fascicularis* (Hudson) Gray

= *Psilocybe fascicularis* (Hudson) Kühner

Hypholoma sulphureum G.M. Taylor & P.K. Buchanan

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, driófila, geófila, hifoloma, hifoloma amarelado, hifoloma amarelo, hifoloma cor de enxofre, hifoloma flavescense, hifoloma flavo, hifoloma lúteo, hifoloma lutescente, hifoloma sulfurado, hifoloma sulfúreo, hifoloma sulfuroso, nematoloma, pratela, psilocibe.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, amarelado ou esbranquiçado, comum e sulfúreo nos bosques das regiões temperadas (WIKIPEDIA), disseminado no Jardim e na Mata (MARQUES & al., 2011a; XII.2011, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

3. *Phaeolepiota* Maire ex Konrad & Maubl.

1. *Phaeolepiota aurea* (von Mattuschka) Maire

= *Agaricus aureus* von Mattuschka [basion.]

= *Cystoderma aureum* (von Mattuschka) Kühner & Romagnesi

= *Pholiota aurea* (von Mattuschka) Saccardo

Agaricus spectabilis Fries

= *Fulvidula spectabilis* (Fries) Romagnesi

= *Gymnopilus spectabilis* (Fries) Singer

= *Pholiota spectabilis* (Fries) P. Kummer

= *Rozites spectabilis* (Fries) Singer

Agaricus vahlii Schumacher

= *Pholiota vahlii* (Schumacher) Weinmann

= *Pholiota aurea* (von Mattuschka) Saccardo var. *vahlii* (Schumacher) Saccardo

Lepiota pyrenaea Quélet

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, cistoderma, feolepiota, foliota, fulvídula, gimnópilo, lepiota, rozites.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, amarelado, disseminado no Jardim e na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

4. **Leratiomycetes** Bresinsky & Manfr. Binder

1. **Leratiomycetes cereus** (Cooke & Masee) Spooner & Bridge

= *Agaricus cereus* Cooke & Massee [basion.]

= *Psilocybe cereus* (Cooke & Massee) Saccardo

Agaricus squamosus Schaeffer f. *aurantiacus* Cooke

= *Hypholoma aurantiaca* (Cooke) J. Faus

= *Naematoloma aurantiaca* (Cooke) Guzmán

= *Stropharia aurantiaca* (Cooke) P.D. Orton

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, estrofária, hifoloma, nematoloma, psilocibe, strofária.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, alaranjado ou avermelhado, disseminado no Jardim e na Mata (XI.2011, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XXX. TRICHOLOMATACEAE

1. **Clitocybe** (Fries) Staude

= *Agaricus* trib. *Clitocybe* Fries [basion.]

[Syn.: *Trigonipes* Velen.; *Singerella* Harmaja; *Rubeolarius* Raitelh.]

1. **Clitocybe costata** Kühner & Romagnesi

= *Infundibulicybe costata* (Kühner & Romagnesi) Harmaja

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, clitocibe.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, esbranquiçado, disseminado no Jardim e na Mata (XI.2011, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. **Clitocybe sinopica** (Fries) P. Kummer

= *Agaricus sinopicus* Fries [basion.]

Clitocybe subsinopica Harmaja

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, clitocibe.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, esbranquiçado ou acastanhado, disseminado no Jardim e na Mata (XI.2011, Observ.!.; MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. **Lepista** (Fries) W.G. Smith

= *Paxillus* sect. *Lepista* Fries [basion.]

[Syn.: *Paralepista* Raitelhuber]

1. **Lepista nuda** (Bulliard) Cooke

= *Agaricus nudus* Bulliard [basion.]

= *Clitocybe nuda* (Bulliard) H.E. Bigelow & A.H. Smith

= *Cortinarius nudus* (Bulliard) Gray

= *Gyrophila nuda* (Bulliard) Quélet

= *Rhodopaxillus nudus* (Bulliard) Maire

= *Tricholoma nudum* (Bulliard) P. Kummer

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, clitocibe, cortinário, girófila, lepista, rodopaxilo, tricoloma.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, disseminado no Jardim e na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. **Lepista sordida** (Schumacher) Singer

= *Agaricus sordidus* Schumacher [basion.]

= *Gyrophila sordida* (Schumacher) Quélet

= *Melanoleuca sordida* (Schumacher) Murrill

= *Rhodopaxillus sordidus* (Schumacher) Maire

= *Tricholoma sordidum* (Schumacher) P. Kummer

= *Lepista nuda* (Bulliard) Cooke var. *sordida* (Schumacher) Maire

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agárico, girófila, lepista, melanoleuca, rodopaxilo, tricoloma.

Fungo espontâneo, de aspecto cogumeliforme, disseminado no Jardim e na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

REINO FUNGI R.T. Moore (1980)

DIVISÃO BASIDIOMYCOTA R.T. Moore (1980)

2. CLASSE DACRYMYCETES Doweld (2001)

XXXI. DACRYMYCETACEAE

1. Calocera (Fries) Fries

= *Clavaria* subgen. *Calocera* Fries

1. Calocera viscosa (Persoon) Fries

= *Clavaria viscosa* Persoon [basion.]

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Calocera, clavária.

Fungo espontâneo, de aspecto característico (amarelo vivo e coraliforme), disseminado no Jardim e na Mata (XI.2011, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

IMPÉRIO EUKARYOTA Chatton

REINO FUNGI R.T. Moore (1980)

DIVISÃO BASIDIOMYCOTA R.T. Moore (1980)

3. CLASSE TREMELLOMYCETES Doweld (2001)

XXXII. TREMELLACEAE

1. Tremella Persoon

1. Tremella foliacea Persoon

= *Exidia foliacea* (Persoon) P. Karsten

= *Gyraria foliacea* (Persoon) Gray

= *Ulocolla foliacea* (Persoon) Bref.

Tremella ferruginea auct.

Tremella fimbriata Persoon

Tremella nigrescens Fries

Tremella succinea Persoon

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Exídia, girária, tremela, tremela castanha, tremela foliácea, tremela gelatinosa.

Fungo espontâneo, de aspecto característico (castanho escuro, gelatinoso e membranáceo), raro como epífito, na Mata, sobre árvores ou sobre musgos (XI.2011, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Mata.

2. Tremella mesenterica Retzius

Helvella mesenterica Schaeffer

Tremella lutescens Persoon

Tremella quercina Pollini

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Helvela, tremela, tremela amarela, tremela lútea, tremela dos carvalhos.

Fungo espontâneo, de aspecto característico (amarelo vivo, gelatinoso e membranáceo), raro como epífito, no Jardim ou na Mata, sobre árvores ou sobre musgos, por exemplo sobre *Tilia* sp. (I.2013, Observ.!, MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

REINO FUNGI

DIVISÃO ASCOMYCOTA Cavalier-Smith (1998)

1. CLASSE PEZIZOMYCETES O.E. Eriksson & Winka (1997)

Ordem PEZIZALES

XXXIII. SARCOSCYPHACEAE

1. Sarcoscypha (Fries) Boudier

= *Peziza* trib. *Sarcoscyphae* Fries [basion.]

[Syn.: *Scypharia* Quélet]

1. Sarcoscypha coccinea (Jacquin) Boudier

= *Peziza coccinea* Jacquin [basion.]

= *Lachnea coccinea* (Jacquin) Gillet

= *Macroscyphus coccineus* (Jacquin) Gray

= *Plectania coccinea* (Jacquin) Fuckel

Helvella coccinea Scopoli

= *Peziza coccinea* (Scopoli) Persoon

= *Geopyxis coccinea* (Scopoli) Massee

= *Plectania coccinea* (Scopoli) Fuckel ex Seaver

Peziza epidendra Bulliard

Peziza insolita Cooke

= *Aleuria insolita* (Cooke) Boudier

= *Geopyxis insolita* (Cooke) Saccardo

Molliardomyces eucoccineus F.A. Harrington

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Fungo de taça, fungo gomiloso, helvela, geopíxis, peziza, sarcoscifa.

Fungo espontâneo, epífito de aspecto característico (avermelhado ou purpúreo, gomiloso ou em taça), disseminado no Jardim e na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

IMPÉRIO EUKARYOTA Chatton

REINO FUNGI R.T. Moore (1980)

DIVISÃO ASCOMYCOTA Cavalier-Smith (1998)

2. CLASSE SORDARIOMYCETES O.E. Eriksson & Winka (1997)

Ordem XYLARIALES

XXXIV. XYLARIACEAE

1. Daldinia Cesati & De Notaris

1. Daldinia concentrica (Bolton) Cesati & De Notaris

- = *Sphaeria concentrica* Bolton [basion.]
- = *Hemisphaeria concentrica* (Bolton) Klotzsch
- = *Hypoxylon concentricum* (Bolton) Greville
- = *Perispherostoma concentricum* (Bolton) Gray
- = *Stromatosphaeria concentrica* (Bolton) Greville
- Fungus fraxineus* Ray
- Lycoperdon atrum* Schaeffer
- Lycoperdon fraxineum* Hudson
- Sphaeria tunicata* Tode
- Valsa tuberosa* Scopoli
- = *Daldinia tuberosa* (Scopoli) J. Schröter
- = *Hemisphaeria tuberosa* (Scopoli) Kuntze
- = *Hypoxylon tuberosum* (Scopoli) von Wettstein
- = *Sphaeria tuberosa* (Scopoli) Timm

Fungo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Daldínia, fungo em esfera, fungo esférico, hemisfera, hemisféria, hipoxílon, stromatosfera, valsa.

Fungo espontâneo, de aspecto característico (globoso ou ovóide e acinzentado), disseminado no Jardim e na Mata (MARQUES & al., 2011a).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

LICHENES¹⁸⁵

«Lichen thalli represent a relatively well balanced symbiotic system that can be regarded as a self-contained miniature ecosystem» (HONEGGER, 1991, citado por CASANO & al., 2011: 806)

«Lichens are generally considered as mutualisms between fungi and green algae or cyanobacteria. These partnerships allow light-exposed and long-living joint structures. The unique organization of lichens provides still unexplored environments for microbial communities. (...) The traditional concept of lichens has to be expanded to consider multiple bacterial partners.» (GRUBE & al., 2009: 1105)

«Lichen symbioses are cyclical processes compared to other symbioses such as corals, mycorrhiza, etc. Lichenization is a successful symbiosis as evidenced by the fact that lichens are found in almost all terrestrial habitats and geographic areas» (CASANO & al., 2011: 806)

IMPÉRIO EUKARYOTA Chatton

REINO FUNGI R.T. Moore (1980)

DIVISÃO ASCOMYCOTA Cavalier-Smith (1998)

3. CLASSE ARTHONIOMYCETES O.E. Eriksson & Winka (1997)¹⁸⁶

XXXV. CHRYSOTHRICACEAE

1. *Chrysothrix* Mont., nom. cons.

1. *Chrysothrix candelaris* (L.) J.R. Laundon

= *Byssus candelaris* L. [basion.]

= *Lepraria candelaris* (L.) Fries

Lichen flavus Schreber

= *Crocynia flava* (Schreber) Hue

= *Lepraria flava* (Schreber) Acharius

Líquen. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Bisso, crocínia, leprária, líquen amarelo, líquen dourado, líquen pó de ouro, líquen pó dourado.

Líquen espontâneo, nativo, disseminado no Jardim e na Mata como epífito sobre árvores ou arbustos (VI.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

¹⁸⁵ Os Líquenes são classificados com base no fungo que os constitui (o outro co-constituente é uma alga), e que mais contribui para lhes dar a forma, habitualmente um membro da divisão ASCOMYCOTA (WIKIPEDIA).

¹⁸⁶ Estes fungos formam líquenes crustosos, em conjunto com algas verdes (ADL & al., 2012: 446).

4. CLASSE LECANOROMYCETES O.E. Eriksson & Winka (2001)¹⁸⁷

XXXVI. CANDELARIAACEAE

1. *Candelaria* A. Massalongo

1. ***Candelaria concolor*** (Dickson) Stein
 = *Lichen concolor* Dickson [basion.]
 Líquen. Origem: Nativa.
 Alguns nomes comuns possíveis: Candelária, candelária concolor, líquen, líquen concolor.
 Líquen espontâneo, disseminado no Jardim e na Mata como epífito sobre árvores ou arbustos (III.2010, Observ.!).
 Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XXXVII. CLADONIAACEAE

1. *Cladonia* P. Browne

1. ***Cladonia pungens*** (Acharius) Flörke
 = *Cladonia furcata* var. *pungens* Acharius [basion.]
 Líquen. Origem: Nativa.
 Alguns nomes comuns possíveis: Cladónia, cladónia pungente, líquen de taça, líquen em taça.
 Líquen espontâneo, disseminado no Jardim e na Mata (Cerca de S. Bento), onde foi herborizado por A. Moller em III.1892 (MARIZ, 1892c: 187).
 Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.
2. ***Cladonia pyxidata*** (L.) Hoffmann var. ***neglecta*** (Flörke) A. Massalongo
 = *Cladonia pyxidata* (L.) Hoffmann *α* *neglecta* Flörke
 Líquen. Origem: Nativa.
 Alguns nomes comuns possíveis: Cladónia, cladónia de pixídio, cladónia de taça, cladónia em taça, cladónia pixidada, líquen, líquen de pixídio, líquen de taça, líquen em taça, líquen pixidado.
 Líquen espontâneo, disseminado no Jardim sobre muros calcários, onde foi herborizado por A. Moller em II.1892 (MARIZ, 1892c: 187; II.2010; Observ.!).
 Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XXXVIII. MEGASPORACEAE

1. *Aspicilia* A. Massalongo

1. ***Aspicilia calcarea*** (L.) Körber
 = *Lichen calcareus* L. [basion.]
 = *Lecanora calcarea* (L.) Sommerfelt
 = *Lecidia calcarea* (L.) Schaerer
 = *Psora calcarea* (L.) Hampe
 = *Urceolaria calcarea* (L.) Acharius
 = *Verrucaria calcarea* (L.) Humboldt
 = *Zeora calcarea* (L.) Von Flotow
Aspicilia lilliei de Lesdain
 = *Lecanora lilliei* (de Lesdain) A.L. Smith
 Líquen. Origem: Nativa.
 Alguns nomes comuns possíveis: Aspicília, aspicília calcárea, lecanora, lecanora calcárea, lecídia, lecídia calcárea, líquen, líquen calcáreo, psora, psora calcárea, urceolária, urceolária calcárea, verrucária, verrucária calcárea, zeora, zeora calcárea.
 Líquen espontâneo, disseminado no Jardim sobre muros calcários (III.2010, Observ.!).
 Distribuição/localização no Jardim: Jardim.

¹⁸⁷ Estes fungos formam líquenes com talos folhosos, fruticosos, crustosos ou ocasionalmente ausentes, em conjunto com algas protococóides (ADL & al., 2012: 447).

XXXIX. LECANORACEAE

1. *Lecanora* Acharius

1. ***Lecanora campestris*** (Schaerer) Hue subsp. ***campestris***

= *Parmelia subfusca* var. *campestris* Schaerer

Líquen. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: *Lecanora*, *lecanora campestre*, *parmélia*, *parmélia campestre*.

Líquen espontâneo, nativo, disseminado no Jardim e na Mata sobre muros calcários (IV.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. ***Lecanora conizaeoides*** Nylander ex Crombie

Líquen. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: *Lecanora*, *lecanora conizóide*.

Líquen espontâneo, disseminado no Jardim e na Mata sobre muros calcários, por vezes em locais poluídos (III.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

3. ***Lecanora muralis*** (Schreber) Rabenhorst

= *Lichen muralis* Schreber [basion.]

= *Placolecanora muralis* (Schreber) Räsänen

= *Protoparmeliopsis muralis* (Schreber) M. Choisy

Líquen. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: *Lecanora*, *lecanora mural*, *líquen dos muros*, *líquen mural*, *placolecanora*, *placolecanora mural*, *protoparmeliópsis*, *protoparmeliópsis mural*.

Líquen espontâneo, disseminado no Jardim e na Mata sobre muros calcários (IV.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

4. ***Lecanora subfusca*** (L.) Acharius f. ***allophana*** Acharius

Líquen. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: *Lecanora*, *lecanora fusca*, *lecanora subfusca*.

Líquen espontâneo, nativo, disseminado no Jardim e na Mata, sobre árvores, onde o herborizou A. Møller, em IV.1892 (MARIZ, 1892c: 188).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XL. PARMELIACEAE

1. *Flavoparmelia* Hale

1. ***Flavoparmelia caperata*** (L.) Hale

= *Lichen caperatus* L. [basion.]

= *Imbricaria caperata* (L.) DC.

= *Lobaria caperata* (L.) Hoffmann

= *Parmelia caperata* (L.) Acharius

= *Parmotrema caperata* (L.) M. Choisy

= *Platisma caperatum* (L.) Hoffmann

= *Pseudoparmelia caperata* (L.) Hale

Líquen. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: *Flavoparmélia*, *imbricária*, *líquen*, *lobária*, *parmélia*, *parmotrema*, *pseudoparmélia*.

Líquen espontâneo, disseminado no Jardim e na Mata sobretudo como epífito sobre árvores e arbustos (IV.2011; VII.2014, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. **Parmelia** Acharius

1. **Parmelia** sp.

Líquen. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Parmélia.

Líquen espontâneo, disseminado no Jardim e na Mata, sobretudo sobre arenitos (III.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

3. **Parmotrema** A. Massalongo

1. **Parmotrema perlatus** (Hudson) M. Choisy

= *Lichen perlatus* Hudson [basion.]

Líquen. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Flor de pedra, parmotrema, parmotrema perlada.

Líquen espontâneo, disseminado no Jardim e na Mata sobretudo como epífito sobre árvores e arbustos (II.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XLI. PERTUSARIACEAE

1. **Pertusaria** DC.

1. **Pertusaria amara** (Acharius) Nyl.

= *Variolaria amara* Acharius [basion.]

Líquen. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Líquen amargo, pertusária, pertusária amarga, variolária, variolária amarga.

Líquen espontâneo, nativo, disseminado no Jardim e na Mata, sobretudo como epífito (X.2010, Observ.!), comum em Portugal e nos restantes países europeus e também em Marrocos (SÉRGIO & al, 2009: 101; JURY, 2013: 146-149).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XLII. RAMALINACEAE

1. *Bacidia* De Notaris

1. *Bacidia rubella* (Hoffmann) A. Massalongo

= *Verrucaria rubella* Hoffmann [basion.]

Lichen luteolus Schrader

Lecidea luteola Acharius

= *Bacidia luteola* (Acharius) Mudd.

Líquen. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Bacídia, bacídia avermelhada, bacídia rubela, líquen de botões vermelhos, verrucária, verrucária avermelhada, verrucária rubela.

Líquen espontâneo, nativo, disseminado no Jardim e na Mata, sobretudo como epífito (II.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. *Ramalina* Acharius

1. *Ramalina* sp.

Líquen. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Líquen dos ramos, líquen ramalino, ramalina.

Líquen espontâneo, disseminado no Jardim e na Mata, sobretudo como epífito sobre árvores ou arbustos (III.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XLIII. TELOSCHISTACEAE

1. *Caloplaca* Th. Fries

1. *Caloplaca saxicola* (Hoffmann) Nordin

= *Psora saxicola* Hoffmann [basion.]

Gasparrinia pusilla Syd.

Líquen. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Caloplaca, caloplaca saxícola, gasparrínia, psora, psora saxícola.

Líquen espontâneo, disseminado no Jardim e na Mata, sobretudo sobre muros calcários (IV.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. *Teloschistes* Norman

1. *Teloschistes chrysophthalmus* (L.) Th. Fries

= *Lichen chrysophthalmus* L. [basion.]

Líquen. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Líquen olho dourado, líquen olho de ouro, olho dourado, olho de ouro, sol das árvores, telosquistes, telosquistes de ouro, telosquistes dourado.

Líquen espontâneo, disseminado no Jardim e na Mata, sobretudo como epífito em árvores ou arbustos (III.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

3. **Xanthoria** (Fries) Fries

= *Parmelia* subdiv. *Xanthoria* Fries

1. **Xanthoria parietina** (L.) Fries

= *Lichen parietinus* L. [basion.]

= *Physcia parietina* (L.) De Notaris

Líquen. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Físcia, físcia parietina, líquen, líquen das paredes, líquen dos muros, líquen dos telhados, xantória, xantória das paredes, xantória dos muros, xantória parietina.

Líquen espontâneo, disseminado no Jardim e na Mata, epífito e rupícola, e até, por vezes, sobre metal (II.2010, Observ.!). Este líquen, um dos mais conhecidos e comuns, possui um talo subfoliáceo com lobos de cor amarela-alaranjada mais ou menos intensa. Os seus apotécios (os locais onde se formam os esporos) “estão quase sempre presentes e têm a forma de um disco, de cor alaranjada e bordo liso, mais claro. Podem observar-se sobre árvores ou rocha ou cimento, em locais ensolarados”, sendo esta espécie “considerada relativamente tolerante a poluição atmosférica” (JORGE & al., 2011: 51).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XLIV. USNEACEAE

1. **Usnea** Dillenius ex Adanson

1. **Usnea florida** (L.) Weber ex F.H. Wiggers

= *Lichen floridus* L. [basion.]

= *Usnea barbata* L. Weber ex F.H. Wiggers subsp. *florida* (L.) Vain

= *Usnea barbata* L. Weber ex F.H. Wiggers var. *florida* (L.) Fries

Usneomyces floridae E.A. Thomas ex Ciferri & Tomaselli

Líquen. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Barbas de velho, líquen, líquen das árvores, parmélia, úsnea, usneomices. Líquen espontâneo, bastante frequente em alguns locais do centro de Portugal (SÉRGIO & al., 2009: 109), disseminado no Jardim e na Mata, epífito sobre árvores e arbustos (VII.2010, Observ.!). também foi encontrado num local vizinho do Jardim Botânico: “Coimbra: Lagar do Seminário [nas oliveiras] (Leg. A. Moller — abril 1892)” (MARIZ, 1892c: 187).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

IMPÉRIO EUKARYOTA Chatton

REINO CHROMISTA Cavalier-Smith (1981)

DIVISÃO CRYPTOPHYTA Cavalier-Smith (1986)¹⁸⁸

CLASSE CRYPTOPHYCEAE Pascher (1913), emend. Schoenichen (1925)¹⁸⁹

«**Cryptomonads** are an abundant group of marine and freshwater flagellates that contain a red algal plastid with chlorophyll *a* and *c* surrounded by four membranes» (KEELING, 2004: 1486)

Ordem CRYPTOMONADALES

I. CRYPTOMONADACEAE

1. *Cryptomonas* Ehrenberg

1. *Cryptomonas pyrenoidifera* Geitler

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga dourada, criptomonas.

Alga aquática de água doce, de vasta distribuição mundial (GUIRY in ALGAEBASE, 2014), espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde foi herborizada num tanque (RINO, 1969).

Distribuição/localização no Jardim: Num tanque.

¹⁸⁸ As algas Criptófitas (CRYPTOPHYTA, também conhecidas como “Cryptomonads”) são as únicas algas Cromófitas –as algas Cromófitas diferem fundamentalmente das Plantas (Reino *Plantae* Haeckel) por possuírem cloroplastos com clorofila *c* e que possuem um sistema de membranas mais complexo (CAVALIER-SMITH, 2000); As *Cryptomonads* também já foram consideradas como pertencendo ao phylum ou divisão PYRROPHYTA, em conjunto com os dinoflagelados (WHITTAKER, 1969: 154). As Cromófitas são consideradas quimeras evolutivas de uma alga vermelha e um hospedeiro não fotossintético, o que deu origem à grande complexidade das suas membranas (DOUGLAS & al., 2001)– que ainda retêm o núcleo da alga vermelha como um pequeno nucleomorfo miniaturizado [que representa apenas 0,1% ou um milésimo da quantidade total de ADN ou DNA que existe na célula] (DOUGLAS & al., 1991; MAIER & al., 2000; DOUGLAS & al., 2001). Como curiosidade, podemos aliás notar que o nucleomorfo das algas CHLORARACHNIOPHYTA é o núcleo mais pequeno que existe na Natureza: possui apenas 331 genes no caso da cloraracniófita *Bigelowiella natans* Moestrup (GILSON & al., 2006). As algas Criptófitas e Cloraracniófitas são actualmente consideradas formas transicionais na difundida aquisição endossimbiótica da fotossíntese através da incorporação de algas eucarióticas (CURTIS & al., 2012: 59). Ao contrário do que aconteceu na maioria dos casos das algas portadoras de plastídeos por endossimbiose secundária, nas algas Criptófitas e Cloraracniófitas persistem versões miniaturizadas dos núcleos dos endossimbiontes: os chamados nucleomorfos (CURTIS & al., *l.c.*; KEELING, 2004: 1486).

¹⁸⁹ De acordo com ADL & al. (2005: 423).

DIVISÃO CRYPTOPHYTA

CLASSE CRYPTOPHYCEAE

Ordem PYRENOMONADALES

II. CHROOMONADACEAE

1. *Chroomonas* Hansgirg

1. *Chroomonas coerulea* (Geitler) Skuja

= *Cryptomonas coerulea* Geitler [basion.]

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga amarela, alga amarela, alga dourada, alga dourada, croomonas, croomonas cerúlea.

Alga aquática de água doce, de vasta distribuição mundial (GUIRY in ALGAEBASE, 2014), espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde foi herborizada num tanque (RINO, 1969).

Distribuição/localização no Jardim: Num tanque.

DIATOMÁCEAS¹⁹⁰

CLASSE FRAGILLARIOPHYCEAE

Ordem FRAGILLARIALES

III. FRAGILLARIACEAE

1. *Ulnaria* (Kützinger) Compère

1. *Ulnaria oxyrhynchus* (F.T. Kützinger) M. Aboal

= *Synedra oxyrhynchus* F.T. Kützinger [basion.]

= *Synedra ulna* (C.L. Nitzsch) C.G. Ehrenberg var. *oxyrhynchus* (F.T. Kützinger) E. O'Meara

= *Synedra ulna* (C.L. Nitzsch) C.G. Ehrenberg var. *oxyrhynchus* (F.T. Kützinger) Van Heurck

= *Ulnaria ulna* (C.L. Nitzsch) Compère var. *oxyrhynchus* (F.T. Kützinger) M. Aboal

= *Synedra acuta* Ehrenberg var. *oxyrhynchus* (F.T. Kützinger) Rabenhorst

= *Synedra acuta* Ehrenberg var. *oxyrhynchus* (F.T. Kützinger) Brun

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga bacilária, alga diatomácea, alga oxirrinca, alga penada, alga penadinha, alga sinedra, alga sinédrica, alga ulna, alga ulnária, alga ulnarinha, alga ulneira, alga ulneirinha, bacilária, diatomácea, oxirrinco, penadinha, sinedra, sinedra oxirrinca, ulna, ulnária, ulnarinha, ulneira, ulneirinha.

Alga diatomácea penada de água doce, de vasta distribuição mundial, incluindo a Península Ibérica, que se pode encontrar habitualmente em rios e lagos (ABOAL & al., 2003; SPAULDING, 2013; GUIRY in ALGAEBASE, 2014; WIKIPEDIA), espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde foi encontrada (em 1980) e de onde foi identificada por *M.F. Santos* (ACOI: strain 93).

Distribuição/localização no Jardim: No Jardim (ACOI, l.c.).

¹⁹⁰ As Diatomáceas são um dos maiores grupos de algas constituintes do fitoplâncton. São sobretudo organismos unicelulares, mas podem agregar-se em colónias de várias formas. São produtores importantes, cujo tamanho varia habitualmente entre os 2 e os 200 µm e possuem uma parede celular composta principalmente por sílica (dióxido de silício hidratado) que se designa por frústula e pode assumir formas muito diversas, embora quase sempre apresente simetria bilateral (WIKIPEDIA).

DIVISÃO OCHROPHYTA¹⁹¹

CLASSE AUREARENOPHYCEAE¹⁹²¹⁹³

[Syn.: *AUROPHYCEAE*]

Ordem PHAEOTHAMNIALES

IV. PHAEOTHAMNIACEAE

1. *Phaeoschizochlamys* Lemmermann

1. *Phaeoschizochlamys mucosa* Lemmermann

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga dourada, alga dourada mucosa, feosquizoclâmis, feosquizoclâmis mucosa, feosquizoclâmis, feosquizoclâmis mucosa.

Alga dourada aquática de água doce, espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde foi herborizada por *V. Nunes* em 1976, tendo sido posteriormente identificada por *M.F. Santos*, em 1988 (ACOI: strain 284); Esta espécie é a espécie-tipo (holotípica) do género *Phaeoschizochlamys* Lemmermann (GUIRY & GUIRY in ALGAEBASE, 2014).

Distribuição/localização no Jardim: No Jardim (ACOI, *l.c.*).

2. *Tetrachrysis* A.J. Dop

1. *Tetrachrysis dendroides* A.J. Dop

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga dourada, alga dourada dendróide, tetracrise, tetracrise dendróide, tetracrísis, tetracrísis dendróide.

Alga dourada aquática, espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde foi herborizada numa estufa (“plant nursery”), por *M.F. Santos* (n.º 809), em 1980, tendo sido posteriormente identificada pela mesma autora, em 1988 (ACOI: strain 315); Esta espécie é a espécie-tipo (holotípica) do género *Tetrachrysis* A.J. Dop (DOP, 1980).

Distribuição/localização no Jardim: Numa estufa (ACOI, *l.c.*).

¹⁹¹ Divisão ou *phylum* OCHROPHYTA, segundo GUIRY in ALGAEBASE (2014), os estramenópilos autotróficos – “*autotrophic Stramenopiles*” – (WIKIPEDIA).

¹⁹² Classe AUROPHYCEAE ou AUREARENOPHYCEAE, segundo GUIRY in ALGAEBASE (2014); Esta classe estará certamente relacionada com as antigas CHRYSOPHYCEAE, do *phylum* ou divisão CHRYSOPHYTA (as algas douradas, “golden algae” [WHITTAKER, 1969: 154]), às quais também se pode considerar pertencer o género *Tetrachrysis* A.J. Dop (DOP, 1980; NICHOLLS & WUJEK, 2003). Outros autores consideram a classe PHAEOTHAMNIOPHYCEAE Andersen & Bailey in Bailey & al., 1998 (ADL & al., 2012: 456).

¹⁹³ Para a classificação das algas (verdes ou de outras colorações), seguimos GUIRY & GUIRY, ALGAEBASE (2014).

CLASSE CHRYSOPHYCEAE Pascher (1914)¹⁹⁴

Ordem CHROMULINALES

V. CHRYSOCAPSACEAE

1. *Dermatochrysis* Entwistle & R.A. Andersen

1. *Dermatochrysis reticulata* (K.I. Meyer) Entwistle & R.A. Andersen

= *Tetrasporopsis reticulata* K.I. Meyer [basion.]

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga amarela, alga dourada, dermatocrísis, dermatocrísis em rede, dermatocrísis reticulada, tetrasporópsis, tetrasporópsis em rede, tetrasporópsis reticulada.

Alga dourada aquática de água doce, de vasta distribuição eurasiática e norte-americana, que constitui a espécie-tipo do género *Dermatochrysis* Entwistle & R.A. Andersen, e cuja localidade típica se situa no lago Baikal, na Rússia (ENTWISTLE & ANDERSEN, 1990; KRISTIANSEN & PREISIG, 2001; SILVA, 1996–; GUIRY in ALGAEBASE, 2014), espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde foi herborizada na “plant nursery”, em 1980, *leg. & det. M.F. Santos* n.º 809 (ACOI: strain 514).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim, na “plant nursery” (ACOI, *l.c.*).

CLASSE EUSTIGMATOPHYCEAE D.J. Hibberd & Leedale

Ordem EUSTIGMATALES

VI. EUSTIGMATACEAE

1. *Eustigmatos* D.J. Hibberd

1. *Eustigmatos magnus* (J.B. Petersen) D.J. Hibberd

= *Pleurochloris magna* J.B. Petersen [basion.]

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga amarela, alga dourada, eustigmato, eustigmato grande, eustigmato magno, grande alga amarela, grande alga dourada, pleurocórís, pleurocórís grande, pleurocórís magna.

Alga aquática de água doce e terrestre de vasta distribuição mundial (GUIRY in ALGAEBASE, 2014), espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde foi herborizada na parede de uma estufa, em 1981, *leg. & det. M.F. Santos* n.º 827 (ACOI: strain 128).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim, na parede de uma estufa (ACOI, *l.c.*).

¹⁹⁴ De acordo com ADL & al. (2005: 426-427).

IMPÉRIO EUKARYOTA Chatton

REINO PLANTAE Haeckel (1866)

[Syn.: *VIRIDIPLANTAE* Cavalier-Smith (1981)¹⁹⁵;

CHLOROBIONTA Kendrick & Crane (1997);

CHLOROBIONTA Jeffrey (1982), emend. Bremer (1985)¹⁹⁶;

CHLOROPLASTIDA Adl & al. (2005)¹⁹⁷]

DIVISÃO CHLOROPHYTA¹⁹⁸¹⁹⁹

CLASSE CHLOROPHYCEAE Christensen 1994

Ordem CHAETOPHORALES

I. CHAETOPHORACEAE

1. Coccobotrys Chodat

1. Coccobotrys verrucariae Chodat

Alga terrestre. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cocobótris.

Alga verde aquática terrestre, espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde foi herborizada na parede de uma estufa, por *M.F. Santos* (n.º 827), em 1981, tendo sido posteriormente identificada pela mesma autora, em 1985 (ACOI: strain 162).

Distribuição/localização no Jardim: Na parede de uma estufa (ACOI, *l.c.*).

Ordem CHLAMYDOMONADALES

II. CHLAMYDOMONADACEAE

1. Carteria Diesing

1. Carteria inversa (Korshikov) Bourrelly

= *Carteria crucifera* Korshikov ex Pascher var. *inversa* Korshikov [basion.]

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cartéria, cartéria crucífera, cartéria cruciforme, cartéria em cruz, cartéria inversa, cartéria invertida.

Alga verde aquática de água doce, de distribuição eurasiática (GUIRY in ALGAEBASE, 2014), espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde foi herborizada num tanque, por *L. Santos*, em 2003, tendo sido posteriormente identificada por *M.F. Santos*, no ano de 2005 (ACOI: strain 1794).

Distribuição/localização no Jardim: Num tanque (ACOI, *l.c.*).

¹⁹⁵ Sabe-se hoje em dia que os cloroplastos tiveram uma origem simbiogenética a partir de cianobactérias, para formar o ancestral comum das plantas verdes (*Viridiplantae*), algas vermelhas (*Rhodophyta*) e algas glaucófitas (*Glaucophyta*), todas pertencentes ao reino PLANTAE (CAVALIER-SMITH, 1998; CAVALIER-SMITH, 2000; MOREIRA & al., 2000; DOUGLAS & al., 2001). Como muito bem sintetizaram GILSON & al. (2006: 9566): “The origin of plastids through endosymbiosis of a cyanobacterium-like prokaryote transferred photosynthesis into eukaryotes and launched a massive wave of diversification that subsequently generated a tremendous range of algae and plants”.

¹⁹⁶ De acordo com LEWIS & McCOURT (2004: 1541).

¹⁹⁷ De acordo com a WIKIPEDIA (<http://en.wikipedia.org/wiki/Plant>).

¹⁹⁸ Incluindo as algas clorófitas – as algas verdes *sensu stricto*: classes *Chlorophyceae* [clorófitas], *Ulvophyceae* [ulvófitas], *Trebouxiophyceae* [trebouxiófitas] e *Prasinophyceae* [prasinófitas], de acordo com LEWIS & McCOURT (2004: 1541).

¹⁹⁹ Para a classificação das algas (verdes ou de outras colorações), seguimos GUIRY & GUIRY, ALGAEBASE (2014).

2. *Chlamydomonas* Ehrenberg

1. *Chlamydomonas depauperata* Pascher

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Clamidomonas, clamidomonas de água doce, clamidomonas depauperada, clamidomonas dos ribeiros, clamidomonas dos rios, clamidomonas empobrecida.

Alga verde aquática de água doce, espontânea em Portugal, outrora cultivado no Instituto Botânico: BA: Moimenta da Beira: “próximo de Ariz, cultura de material colhido no rio Paiva, raro, 6-VII-1967, *J. Rino* 197 (COI)” (RINO, 1969: 56).

Distribuição/localização no Jardim: Cultivado (RINO, *l.c.*).

2. *Chlamydomonas perpusilla* Gerloff

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Clamidomonas, clamidomonas de água doce, clamidomonas dos tanques.

Alga verde aquática de água doce, espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde foi herborizada num tanque da Escola Médica, por *L. Santos*, em 2009, tendo sido posteriormente identificada por *M.F. Santos*, no mesmo ano de 2009 (ACOI: strain 3240).

Distribuição/localização no Jardim: Num tanque da Escola Médica.

III. CHLOROCHYTRIACEAE

1. *Chlorochytrium* Cohn

1. *Chlorochytrium lemnae* Cohn

Chlorokoryne petrovae Pascher

Chlorochytrium archerianum Hieronymous

Chlorochytrium knyanum Szymanski

Chlorosphaeropsis lemnae F. Moewus

Chlorochytrium pallidum Klebs

Chlorochytrium willei Printz

Ectogeron elodeae P. Dangeard

Endosphaera biennis Klebs

= *Chlorochytrium bienne* (Klebs) G.S. West

Eremotyle affixa Geitler

Stomatochytrium limnanthemum Cunningham

= *Chlorochytrium limnanthemum* (Cunningham) G.S. West

(ALGAEBASE, 2014)

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Clorocorine, clorocorine de Petrova, clorocorine petróvica, cloroquítrio, cloroquítrio da lemna, clorosferópsis das lemnas, cloroquítrio aquático, cloroquítrio archeriano, cloroquítrio de água, cloroquítrio de água doce, cloroquítrio de Archer, cloroquítrio de Wille, clorosferópsis, clorosferópsis aquática, clorosferópsis da lemna, clorosferópsis das lemnas, clorosferópsis de água, clorosferópsis de água doce, clorosferópsis lemnar, clorosferópsis lemnática, ectogéron, ectogéron das elódeas, endosfera, endosfera bienal, endosfera bienne, eremótile, estomatoquítrio.

Alga verde aquática de água doce, de vasta distribuição mundial, espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou num tanque, nos Viveiros –“*plant nursery*”– (ACOI, 2014: strain 90); esta alga surge associada às lemnas ou lentilhas de água, parasitando-as (COHN, 1872).

Distribuição/localização no Jardim: Na água doce de um tanque, nos Viveiros (ACOI, *l.c.*).

IV. CHLOROSARCINACEAE

1. *Chlorosphaeropsis* Vischer

1. *Chlorosphaeropsis alveolata* Herndon

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga clorosférica, alga clorosférica alveolada, alga esférica alveolada, alga esférica esverdeada, alga esférica verde, clorosferópsis, clorosferópsis alveolada, esfera verde, esferinha verde.

Alga verde terrestre, que também já se encontrou na Espanha e nas Caraíbas: Jamaica (ALGAEBASE, 2014), espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou em 2007 [leg. J. Brasão & det. M.F. Santos] (ACOI, 2014: strain 2219).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim Botânico, 2007 (ACOI, l.c.).

V. HAEMATOCOCCACEAE

1. *Haematococcus* C.A. Agardh em. Flotow

1. *Haematococcus pluvialis* Flotow em. Wille

= *Sphaerella pluvialis* (Flotow) Wittrock

Volvox lacustris Girod-Chantrons

= *Haematococcus lacustris* (Girod-Chantrons) Rostafinski

= *Sphaerella lacustris* (Girod-Chantrons) Wittrock

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga em esfera, alga em esfera avermelhada, alga em esfera encarnada, alga em esfera rubra, alga em esfera vermelha, alga esférica, alga esférica avermelhada, alga esférica dos lagos, alga esférica encarnada, alga esférica lacustre, alga esférica rubra, alga esférica vermelha, alga esférica vermelha dos lagos, alga esférica vermelha lacustre, coco, coco aquático, coco aquático avermelhado, coco aquático da chuva, coco aquático encarnado, coco aquático pluvial, coco aquático rubro, coco aquático vermelho, coco avermelhado, coco de água doce, coco de água doce avermelhado, coco de água doce encarnado, coco de água doce rubro, coco de água doce vermelho, coco de água dos lagos, coco de água lacustre, coco vermelho, esferela, esferela aquática, esferela avermelhada, esferela de água doce, esferela dos lagos, esferela encarnada, esferela lacustre, esferela pluvial, esferela rubra, esferela vermelha, esferinha aquática, esferinha avermelhada, esferinha de água doce, esferinha dos lagos, esferinha encarnada, esferinha lacustre, esferinha pluvial, esferinha rubra, esferinha vermelha, hematococo, hematococo aquático, hematococo avermelhado, hematococo da chuva, hematococo de água doce, hematococo dos lagos, hematococo encarnado, hematococo lacustre, hematococo pluvial, hematococo rubro, hematococo vermelho.

Alga verde aquática de água doce, cosmopolita ou subcosmopolita (WIKIPEDIA), espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou num tanque (ACOI: strain 133).

Distribuição/localização no Jardim: Na água doce de um tanque, em 1980, leg. M.F. Santos (ACOI: strain 133).

VI. PHACOTACEAE

1. *Pteromonas* Seligo

1. *Pteromonas cordiformis* Lemmermann em. Fott

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Pteromonas, pteromonas acoraçada, pteromonas cordiforme, pteromonas de água doce.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou num tanque (RINO, 1967: 21).

Distribuição/localização no Jardim: Na água doce de um tanque, em 3.III.1966, J. Rino 52, COI (RINO, 1967: 21).

VII. RHOPALOSOLENACEAE

1. *Coleochlamys* Korshikov

1. *Coleochlamys maxima* (S. Watanabe) H. Ettl & G. Gärtner

= *Characium maximum* S. Watanabe [basion.]

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga, alga aquática, alga de água doce, alga máxima, carácio, carácio aquático, carácio de água doce, carácio maior, carácio máximo, coleoclâmis, coleoclâmis de água doce, coleoclâmis maior, coleoclâmis máxima.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou num tanque, *leg. L. Santos* (1983) & *det. M.F. Santos* (ACOI: strain 141).

Distribuição/localização no Jardim: Na água doce de um tanque (ACOI, *l.c.*).

VIII. SPHAERODICTYACEAE

1. *Pectodictyon* Taft

1. *Pectodictyon cubicum* Taft

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Pectodíctio, pectodíctio ao cubo, pectodíctio cúbico, pectodíctio em cubo, pectodíction, pectodíction ao cubo, pectodíction cúbico, pectodíction em cubo.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou num tanque (ACOI, 2014: strain 1651).

Distribuição/localização no Jardim: Na água doce de um tanque (ACOI, *l.c.*).

Ordem CHLOROCOCCALES

IX. CHLOROCOCCACEAE

1. *Chlorococcum* Meneghini

1. *Chlorococcum minutum* R.C. Starr

Chlorococcum aureum Archibald & Bold

Chlorococcum reticulatum Archibald & Bold

Chlorococcum sphacosum Archibald & Bold

Chlorococcum typicum Archibald & Bold

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Clorococo, clorococo áureo, clorococo característico, clorococo de ouro, clorococo dourado, clorococo em rede, clorococo minuto, clorococo muito pequeno, clorococo pequenino, clorococo pequeno, clorococo reticulado, clorococo reticular, clorococo típico.

Alga verde terrestre de vasta distribuição mundial (ALGAEBASE, 2014), espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou num vaso com flores (ACOI, 2014: strain 2930).

Distribuição/localização no Jardim: Na terra de um vaso com flores do Jardim Botânico (ACOI, *l.c.*).

X. OOCYSTACEAE

1. *Ecballocystis* Bohlin

1. *Ecballocystis pulvinata* Bohlin

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga pulvinada, ecbalocístis, ecbalocístis pulvinada.

Alga verde aquática de vasta distribuição mundial, espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim (ACOI, 2014: strain 2117); *Ecballocystis pulvinata* Bohlin é a espécie tipo (holotípica) do género *Ecballocystis* Bohlin e foi originalmente colhida no Brasil, no estado do Rio Grande do Sul, onde se pode encontrar em ambientes lóticos (BOHLIN, 1897; PEREIRA & al., 2011; ALGAEBASE, 2014).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim Botânico, onde foi obtida por raspagem, em 2002 (ACOI, *l.c.*).

2. *Nephrocytium* Nägeli

1. *Nephrocytium* sp.

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Nefrocítio.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou num tanque, em 2003 [leg. L. Santos & det. M.F. Santos] (ACOI, 2014: strain 2562).

Distribuição/localização no Jardim: Na água doce de um tanque, em 2003 (ACOI, l.c.).

3. *Oocystis* Nägeli

1. *Oocystis lacustris* Chodat

= *Oocystella lacustris* (Chodat) Hindák

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Oocistela, oocistela aquática, oocistela de água, oocistela dos lagos, oocistela dos tanques, oocistela lacustre, oocístis, oocístis aquática, oocístis de água, oocístis dos lagos, oocístis dos tanques, oocístis lacustre.

Alga verde aquática de água doce, de vasta distribuição mundial, espontânea em Portugal (GUIRY in ALGAEBASE, 2014), que foi descrita a partir de exemplares herborizados nos lagos franco-suíços: “Assez répandu dans le lac de Genève, d’Annecy, etc.” (CHODAT, 1897); também espontânea no Jardim, onde se encontrou em 2007 [leg. J. Brasão & det. M.F. Santos] (ACOI, 2014: strain 2604).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim Botânico, 2007 (ACOI, l.c.).

4. *Oonephris* Fott

1. *Oonephris obesa* (West & G.S. West) Fott

= *Nephrocytium obesum* West & G.S. West [basion.]

Nephrocytium ecdysiscepanum West & G.S. West

Oocystis gigas W. Archer var. *minor* West & G.S. West

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Oocístis, oocístis bojuda, oocístis gigante, oocístis gorda, oocístis obesa, oonéfris, oonéfris bojuda, oonéfris obesa, oonéfris gorda, nefrocítio, nefrocítio bojudo, nefrocítio obeso, nefrocítio gordo.

Alga verde aquática de água doce, de vasta distribuição mundial, espontânea em Portugal (GUIRY in ALGAEBASE, 2014), também espontânea no Jardim, onde se encontrou em 1981, leg. & det. M.F. Santos [n.º 820, identificada em 2003] (ACOI, 2014: strain 1654).

Distribuição/localização no Jardim: no Jardim (ACOI, l.c.).

Ordem OEDOGONIALES

XI. OEDOGONIACEAE

1. *Oedogonium* Link

1. *Oedogonium tumidulum* (J.E. Smith) Kützinger

= *Conferva tumidula* J.E. Smith [basion.]

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Conferva, conferva tumídula, conferva túmida, oedogónio, oedogónio aquático, oedogónio de água doce, oedogónio túmido, oedogónio tumídulo.

Alga verde espontânea em Portugal, disseminada na água doce dos tanques, em VI.1893, leg. A. Moller (MARIZ, 1893b: 91).

Distribuição/localização no Jardim: Nos tanques (MARIZ, l.c.).

2. *Oedogonium* sp.

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Oedogónio, oedogónio aquático, oedogónio de água doce.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou num tanque (SANTOS, 1970: 89; ACOI: strain 2459).

Distribuição/localização no Jardim: Na água doce de um tanque, em 9.XII.1969 (SANTOS, 1970: 89).

Ordem SPHAEROPLEALES

XII. HYDRODICTYACEAE

1. Chlorolobion Korshikov

1. Chlorolobion braunii (Nägeli) Komárek

= *Raphidium braunii* Nägeli [basion.]

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga, alga brauniana, alga bráunica, alga de Braun, clorolóbio, clorolóbio brauniano, clorolóbio bráunico, clorolóbio de Braun, rafídio, rafídio brauniano, rafídio bráunico, rafídio de Braun.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou num tanque da estufa da *Victoria amazonica* (ACOI: strain 3244).

Distribuição/localização no Jardim: Na água doce de um tanque, na estufa da *Victoria amazonica* ou Estufa Pequena do Jardim (ACOI, *l.c.*).

2. Pediastrum Meyen

1. Pediastrum sp.

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga, alga estelar, alga estrela, alga pediástrica, pediastro.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, que tem sido cultivada no Jardim e Instituto Botânicos, sobretudo para as aulas práticas laboratoriais da antiga disciplina de “Plantas Não Vasculares” ou, posteriormente, de “Biologia dos Vegetais Não Vasculares” (1991, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Cultivada nos Laboratórios do Instituto Botânico “Dr Júlio Henriques”.

3. Tetraedron Kützing

1. Tetraedron muticum (A. Braun) Hansgirg

= *Polyedrium muticum* A. Braun [basion.]

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga, alga tetraédrica, alga-tetraedro, alga-tetraedro do Wisconsin, alga tetraédrica do Wisconsin, poliédrio, poliédrio do Wisconsin, poliedro, poliedro do Wisconsin, tetraedro, tetraedro do Wisconsin.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou na água doce de um tanque, em 12.V.1966 (RINO, 1967).

Distribuição/localização no Jardim: Na água doce de um tanque (RINO, 1967).

XIII. RADIOCOCCACEAE

1. Gloeocystis Nägeli

1. Gloeocystis papuana (S. Watanabe) H. Ettl & G. Gärtner

= *Palmogloea papuana* S. Watanabe [basion.]

Alga. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Gleocístis, gleocístis da Papua, gleocístis da Papuásia, gleocístis papuana, palmogleia, palmogleia da Papua, palmogleia da Papuásia, palmogleia papuana.

Alga verde terrestre epilítica espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou sobre a estátua de mármore de Brotero, em 1987, *leg. G. Carvalho & det. M.F. Santos* (ACOI: strain 397).

Distribuição/localização no Jardim: Sobre a estátua de mármore de Brotero (ACOI, *l.c.*).

XIV. SCENEDESMACEAE

1. *Acutodesmus* (Hegewald) Tsarenko

= *Scenedesmus* Meyen subgen. *Acutodesmus* Hegewald [basion.]

1. *Acutodesmus acuminatus* (Lagerheim) Hegewald & Hanagata

= *Selenastrum acuminatum* Lagerheim [basion.]

= *Scenedesmus acuminatus* (Lagerheim) Chodat

= *Scenedesmus obliquus* (Turpin) Kützing var. *acuminatus* (Lagerheim) Chodat

Scenedesmus acuminatus (Lagerheim) Chodat var. *elongatus* G.M. Smith

Scenedesmus acuminatus (Lagerheim) Chodat var. *minor* G.M. Smith

Scenedesmus falcatus Chodat

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Acutodesmo, acutodesmo acuminado, cenedesmo, cenedesmo acuminado, cenedesmo agudo, cenedesmo menor, cenedesmo pequeno, selenastro, selenastro acuminado.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou na água doce de um tanque, *leg.* (1974) & *det.* (1992) *M.F. Santos* (ACOI: strain 533); esta pequena alga de água doce é actualmente considerada como pertencente ao recente género *Acutodesmus* (Hegewald) Tsarenko (GUIRY, 2014b).

Distribuição/localização no Jardim: Na água doce de um tanque (ACOI, *l.c.*).

2. *Coelastrum* Nägeli

1. *Coelastrum verrucosum* (Reinsch) Reinsch

= *Selenastrum verrucosum* Reinsch [basion.]

Coelastrum morus W. West & G.S. West

= *Coelastrum verrucosum* (Reinsch) Reinsch f. *morus* (W. West & G.S. West) A. Comas

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Celastro, celastro verrugoso, coelastro, coelastro verrugoso.

Alga verde espontânea em Portugal, também espontânea no Instituto Botânico/Departamento de Antropologia/Departamento de Ciências da Vida, onde se encontrou num tanque, *leg.* & *det.* *M.F. Santos* (n.º 836), em 1982 (ACOI: strain 180).

Distribuição/localização no Jardim: Na água doce de um tanque, no claustro do edifício do Colégio de S. Bento (ACOI, *l.c.*).

2. *Coelastrum* sp.

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Celastro, coelastro.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou na água doce de um tanque, em II.1965, *A. Santos* s.n., COI (RINO, 1967, sub *Coelastrum Pallii* Venkatamaram & Goyal).

Distribuição/localização no Jardim: Na água doce de um tanque (RINO, 1967).

3. *Scenedesmus* Meyen

1. *Scenedesmus acutus* Meyen

Scenedesmus acutus Meyen f. *tetradesmiformis* (Wolosz.) Uherkovich

= *Scenedesmus tetradesmiformis* (Wolosz.) Chodat

Scenedesmus tetradesmiformis (Wolosz.) Chodat var. *ponti-euxini* Uherkovich

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cenedesmo, cenedesmo agudo.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou na água doce de um tanque, em 12.V.1966, *J. Rino* 81, COI (RINO, 1967, sub *Scenedesmus tetradesmiformis* (Wolsz.) Chodat).

Distribuição/localização no Jardim: Na água doce de um tanque (RINO, 1967).

2. **Scenedesmus armatus** Chodat

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cenedesmo, cenedesmo armado.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou num tanque (ACOI, 2014: strain 2032).

Distribuição/localização no Jardim: Na água doce de um tanque (ACOI, *l.c.*).

3. **Scenedesmus naegelii** Brébisson

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cenedesmo, cenedesmo de Naegeli.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, que foi colhida no interior do Jardim Botânico de Coimbra, e que tem sido cultivada na ficoteca (ou algoteca) ACOI, do Instituto Botânico (ACOI, 2014: strain 1); “Foi um enorme desafio, mas depois de um trabalho árduo e muita persistência foi possível, em 1974, obter uma cultura unialgal: a ACOI n.º 1 - *Scenedesmus naegelii* Brébisson” (SANTOS in LOPES, 2008).

Distribuição/localização no Jardim: Cultivada nos Laboratórios do Instituto Botânico “Dr Júlio Henriques”.

4. **Scenedesmus** sp.

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cenedesmo.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, que tem sido cultivada no Jardim e Instituto Botânicos, sobretudo para as aulas práticas laboratoriais da antiga disciplina de “Plantas Não Vasculares” ou, posteriormente, de “Biologia dos Vegetais Não Vasculares” (1991, Observ.!). O género *Scenedesmus*, com 74 espécies a nível mundial é um dos géneros de algas verdes mais comuns e mais estudados (WIKIPEDIA).

Distribuição/localização no Jardim: Cultivada nos Laboratórios do Instituto Botânico “Dr Júlio Henriques”.

3. **Tetradescmus** G.M. Smith

1. **Tetradescmus wisconsiensis** G.M. Smith

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga, alga tetraédrica, alga-tetraedro, alga-tetraedro do Wisconsin, alga tetraédrica do Wisconsin, tetraedro, tetraedro do Wisconsin.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou na água doce de um tanque, em II.1965 (RINO, 1967); O género *Tetradescmus* é um género cenobial de algas verdes, em que cada colónia é constituída por quatro células (SMITH, 1913); *Tetradescmus wisconsiensis* G.M. Smith é a espécie-típica (holotípica) do género *Tetradescmus* G.M. Smith (GUIRY, 2014).

Distribuição/localização no Jardim: Na água doce de um tanque, em Fevereiro de 1965 (RINO, 1967).

XV. **SCHIZOCHLAMYDACEAE**

1. **Schizochlamys** A. Braun ex Kützinger

1. **Schizochlamys gelatinosa** A. Braun

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Esquizoclâmis, esquizoclâmis gelatinosa, esquizoclâmis, esquizoclâmis gelatinosa, squizoclâmis, squizoclâmis gelatinosa, squizoclâmis, squizoclâmis gelatinosa.

Alga verde aquática de vasta distribuição mundial (GUIRY in ALGAEBASE, 2014), espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou na água doce de um tanque, em 2003, *leg. L. Santos & det. M.F. Santos*, 2004 (ACOI: strain 1681).

Distribuição/localização no Jardim: Na água doce de um tanque (ACOI, *l.c.*).

XVI. SELENASTRACEAE

1. *Chlorolobion* Korchikoff

1. *Chlorolobion braunii* (Nägeli) Komárek

= *Raphidium braunii* Nägeli [basion.]

= *Ankistrodesmus braunii* (Nägeli) Collins

= *Keratococcus braunii* (Nägeli) Hindák

= *Monoraphidium braunii* (Nägeli) Komárková-Legnerová

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Anquistrodesmo, anquistrodesmo brauniano, anquistrodesmo de Braun, clorolóbio, clorolóbio brauniano, clorolóbio de Braun, clorolóbion, clorolóbion brauniano, clorolóbion de Braun, monorrafídio, monorrafídio brauniano, monorrafídio de Braun, queratococo, queratococo brauniano, queratococo de Braun, rafídio, rafídio brauniano, rafídio de Braun.

Alga verde aquática de vasta distribuição mundial (ALGAEBASE), espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou na água doce de um tanque, na Estufa Pequena ou da *Victoria amazonica*, em 2009 (ACOI: strain 3244).

Distribuição/localização no Jardim: Estufa da *Victoria amazonica* (ACOI, l.c.).

2. *Kirchneriella* Schmidle

1. *Kirchneriella lunaris* (Kirchner) Möbius

= *Raphidium convolutum* (Corda) Rabenhorst var. *lunare* Kirchner [basion.]

Kirchneriella lunata Schmidle

Kirchneriella obesa (West) West & G.S. West

= *Kirchneriella lunaris* (Kirchner) Möbius var. *obesa* (West) Playfair

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga, alga de Kirchner, alga em lua, alga lunada, alga lunar, alga selénica, kirchneriela, kirchneriela em lua, kirchneriela lunada, kirchneriela lunar.

Alga verde aquática de vasta distribuição mundial, descrita originalmente da Silésia (SILVA, 1996–; ALGAEBASE), espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou na água doce de um tanque, em II.1965 (RINO, 1967, sub *Kirchneriella obesa* (W. West) West & G.S. West).

Distribuição/localização no Jardim: Na água doce de um tanque, em Fevereiro de 1965 (RINO, 1967, sub *Kirchneriella obesa* (W. West) West & G.S. West).

3. *Monoraphidium* Komárková-Legnerová

1. *Monoraphidium intermedium* Hindák

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga, alga monorrafídia, alga verde, monorrafídio, monorrafídio intermédio.

Alga verde aquática de água doce, espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde foi cohada em 1976 (ACOI: strain 210).

Distribuição/localização no Jardim: Distribuição/localização no Jardim: Jardim Botânico de Coimbra (ACOI, l.c.).

4. *Selenastrum* Reinsch

1. *Selenastrum bibraianum* Reinsch

= *Ankistrodermus bibraianus* (Reinsch) Korshikov

= *Kirchneriella bibraiana* (Reinsch) E.G. Williams

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga-lua, alga-lua bibraiana, alga em lua, alga em lua bibraiana, alga lunada, alga lunada bibraiana, alga lunar, alga lunar bibraiana, anquistrodermo, anquistrodermo aquático, anquistrodermo de água doce, selenastro, selenastro aquático, selenastro bibraiano, selenastro de água doce.

Alga verde aquática, da família *Selenastraceae* (KRIENITZ & al., 2011), originalmente descrita da Francónia, Baviera, actualmente com vasta distribuição mundial conhecida (SILVA, 1996–), espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou num tanque (RINO, 1967: 102).

Distribuição/localização no Jardim: Na água doce de um tanque, em Fevereiro de 1965 (RINO, l.c.).

2. ***Selenastrum westii*** G.M. Smith

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga-lua, alga-lua de West, alga em lua, alga em lua de West, alga lunada, alga lunada de West, alga lunar, alga lunar de West, alga selénica, alga selénica de West, selenastro, selenastro aquático, selenastro bibraiano, selenastro de água doce, selenastro de West.

Alga verde aquática, da família *Selenastraceae* (KRIENITZ & al., 2011), espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou num tanque, pouco abundante, em 10.XII.1969 (SANTOS, 1970: 102).

Distribuição/localização no Jardim: Na água doce de um tanque (SANTOS, 1970: 102).

Ordem VOLVOCALES

XVII. VOLVOCACEAE

1. *Volvox* L.

1. ***Volvox* sp.**

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga, alga colonial, alga em bola, alga esférica, alga redonda, alga verde, vólvox.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, que forma colónias até 50000 células (WIKIPEDIA), e que tem sido cultivada no Jardim e Instituto Botânicos, sobretudo para as aulas práticas laboratoriais da antiga disciplina de “Plantas Não Vasculares” ou, posteriormente, de “Biologia dos Vegetais Não Vasculares” (1991, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Cultivada nos Laboratórios do Instituto Botânico “Dr Júlio Henriques”.

DIVISÃO CHLOROPHYTA A. Pascher²⁰⁰

CLASSE TREBOUXIOPHYCEAE Friedl (1995)

[Syn.: PLEURASTROPHYCEAE Mattox & al. (1984);

MICROTHAMNIALES Melkonian (1990) (ADL & al., 2012: 477)]

Ordem CHLORELLALES

XVIII. CHLORELLACEAE

1. Chlorella Beyerinck

1. Chlorella sp.

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga aquática, alga aquática verde, alga clorela, alga de água doce, alga verde, alga verdinha, clorela, clorela comum, clorela verde, clorela vulgar, verdinha.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou num tanque da estufa da *Victoria amazonica* (ACOI, 2014: strain 3201); as algas do género *Chlorella* constituem uma fonte de alimento potencialmente atraente, pois são ricas em proteínas, hidratos de carbono, lípidos, fibras, minerais e vitaminas (WIKIPEDIA).

Distribuição/localização no Jardim: Num tanque da Estufa da *Victoria amazonica* ou Estufa Pequena (ACOI, l.c.).

Ordem PRASIOALES

XIX. PRASIOACEAE

1. Desmococcus F. Brand

1. Desmococcus olivaceus (Persoon ex Acharius) J.R. Laundon

= *Lepraria olivacea* Persoon ex Acharius [basion.]

Desmococcus vulgaris F. Brand, nom. illeg.

Pleurococcus naegeli Chodat

Pleurococcus vulgaris Nägeli

Protococcus viridis C. Agardh

= *Desmococcus viridis* (C. Agardh) P.C. Silva

Alga subaérea. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Desmococo, desmococo comum, desmococo esverdeado, desmococo oliváceo, desmococo oliviforme, desmococo olivoso, desmococo verde, desmococo vulgar, leprária, leprária comum, leprária olivácea, leprária oliviforme, leprária olivosa, leprária vulgar, pleurococo, pleurococo comum, pleurococo oliváceo, pleurococo oliviforme, pleurococo olivoso, pleurococo vulgar, protococo, protococo comum, protococo esverdeado, protococo oliváceo, protococo oliviforme, protococo olivoso, protococo verde, protococo vulgar.

Alga subaérea terrestre, de vasta distribuição mundial, incluindo a Antártida e as Ilhas Subantárticas (BROADY & INGERFELD, 1993; GUIRY in ALGAEBASE, 2014), que foi herborizada no Jardim sobre uma estátua de mármore, em 1987, por M.F. Santos e identificada no ano seguinte, pela mesma autora (ACOI: strain 297); *Desmococcus vulgaris* F. Brand, tipo do género *Desmococcus* F. Brand, foi considerado nome ilegítimo, devendo ser substituído pelo nome prioritário *Desmococcus olivaceus* (Persoon ex Acharius) J.R. Laundon = *Lepraria olivacea* Persoon ex Acharius [basion.] (LAUNDON, 1985: 262).

Distribuição/localização no Jardim: Sobre uma estátua de mármore, em 1988 (ACOI, l.c.).

²⁰⁰ Incluindo as algas clorófitas – as algas verdes *sensu stricto*: classes *Chlorophyceae* [clorófitas], *Ulvophyceae* [ulvófitas], *Trebouxiophyceae* [trebouxiófitas] e *Prasinophyceae* [prasinófitas], de acordo com LEWIS & MCCOURT (2004: 1541; WIKIPEDIA).

Ordem TREBOUXIALES

XX. BOTRYOCOCCACEAE

1. Botryococcus Kützing

1. Botryococcus braunii Kützing

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Botriococo, botriococo brauniano, botriococo de Braun.

Alga verde aquática de água doce, com vasta distribuição mundial (ALGAEBASE, 2014), espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou num vaso de flores (ACOI, strain 2557); Esta espécie foi herborizada primordialmente no lago de Neuchâtel ou Neuenburg, na Suíça, cantão de Neuchâtel (Kützing, 1849) e constitui a espécie-tipo (holotípica) do género *Botryococcus* Kützing (ALGAEBASE, 2014); tem capacidade de biossintetizar hidrocarbonetos líquidos, apresentando assim potencial como fonte de hidrocarbonetos combustíveis renováveis (WEISS & al., 2010; W. GUIRY in ALGAEBASE, 2014).

Distribuição/localização no Jardim: Num vaso de flores do Jardim Botânico (ACOI, *l.c.*).

XXI. TREBOUXIACEAE

1. Myrmecia Printz

1. Myrmecia biatorellae Boye-Petersen

Myrmecia pyriformis Tschermak-Woess & Plessl

Alga terrestre. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga das estátuas, alga rupestre, alga rupícola, alga saxícola, alga terrestre, mirmécia, mirmécia em forma de pera, mirmécia em forma de pero, mirmécia piriforme.

Alga subaérea terrestre, de vasta distribuição eurasiática, da Islândia até ao arquipélago do Japão (AlgaeBase), que foi herborizada no Jardim sobre uma estátua de mármore, em 1987, por *G. Carvalho* e identificada no ano seguinte, por *M.F. Santos* (ACOI: strain 321).

Distribuição/localização no Jardim: Sobre uma estátua de mármore (ACOI, *l.c.*).

DIVISÃO CHLOROPHYTA²⁰¹

CLASSE ULVOPHYCEAE Mattox & Stewart (1984)

Ordem CHLADOPHORALES

XXII. CHLADOPHORACEAE

1. *Cladophora* Kützing

1. *Cladophora insignis* Kützing

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cladófora, cladófora aquática, cladófora de água doce, cladófora filamentosa, cladófora insigne.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou nos tanques (MARIZ, 1896b: 55).

O género *Cladophora* Kützing é um género filamentoso que pode dominar habitats localizados de água doce (LEWIS & MCCOURT, 2004: 1542; GUIRY & GUIRY, 2010; WIKIPEDIA).

Distribuição/localização no Jardim: Na água doce dos tanques, em VI.1893, leg. A. Moller (MARIZ, *l.c.*).

2. *Cladophora* sp.

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cladófora, cladófora aquática, cladófora de água doce, cladófora filamentosa.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou num tanque (SANTOS, 1970: 89).

Distribuição/localização no Jardim: Na água doce de um tanque, em 9.XII.1969 (SANTOS, 1970: 89).

2. *Rhizoclonium* Kützing

1. *Rhizoclonium* sp.

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Rizoclónio, rizoclónio aquático, rizoclónio de água doce, rizoclónio filamentoso.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou num tanque (SANTOS, 1970: 89).

O género *Rhizoclonium* Kützing é um género filamentoso que pode dominar habitats localizados de água doce (LEWIS & MCCOURT, 2004: 1542; GUIRY & GUIRY, 2010; WIKIPEDIA).

Distribuição/localização no Jardim: Na água doce de um tanque, em 9.XII.1969 (SANTOS, 1970: 89).

²⁰¹ Incluindo as algas clorófitas – as algas verdes *sensu stricto*: classes *Chlorophyceae* [clorófitas], *Ulvophyceae* [ulvófitas], *Trebouxiophyceae* [trebouxiófitas] e *Prasinophyceae* [prasinófitas], de acordo com LEWIS & MCCOURT (2004: 1541; WIKIPEDIA).

Ordem TRETEPOHLIALES

XXIII. TRETEPOHLIACEAE

1. Printzina R.H. Thompson & D.E. Wujek

1. *Printzina lagenifera* (Hildebrand) R.H. Thompson & D.E. Wujek

= *Chroolepus lageniferum* Hildebrand [basion.]

= *Trentepohlia lagenifera* (Hildebrand) Wille

Alga. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga arbórea, alga arborícola, alga das árvores, croolepo, croolepo arbóreo, croolepo arborícola, croolepo das árvores, trentepólia, trentepólia arbórea, trentepólia arborícola, trentepólia das árvores.

Alga terrestre arborícola, de vasta distribuição mundial (GUIRY in ALGAEBASE, 1914), espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou sobre a casca do tronco de uma árvore, tendo sido colhida por *M.F. Santos* (n.º 829), em 1981 e, posteriormente, identificada por *M.F. Santos*, em 1996 (ACOI: strain 906); também foi encontrada sobre a casca do tronco de uma árvore do Jardim em 2003, por *L. Santos* (n.º 03/39) e identificada por *M.F. Santos* em 2004 (ACOI: strain 1680).

Distribuição/localização no Jardim: Na casca do tronco de uma árvore (ACOI, *l.c.*).

2. *Trentepohlia* Martius

1. *Trentepohlia annulata* F. Brand

Alga. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga arbórea, alga arborícola, alga das árvores, trentepólia, trentepólia arbórea, trentepólia arborícola, trentepólia das árvores.

Alga terrestre arborícola, espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou sobre a casca do tronco de uma árvore, onde foi colhida por *L. Santos* (n.º 03/39), em 2003 e, posteriormente, identificada por *M.F. Santos*, em 2010 (ACOI: strain 3340); também onde se encontrou sobre a casca do tronco de uma árvore,.

Distribuição/localização no Jardim: Na casca do tronco de uma árvore (ACOI, *l.c.*).

Ordem SCOTINOSPHAERALES

XXIV. SCOTINOSPHAERACEAE

1. *Scotinosphaera* Klebs

1. *Scotinosphaera lemnae* (Punčochářová) Wujek & R.H. Thompson

= *Kentrosphaera lemnae* Punčochářová [basion.]

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Centrosfera, centrosfera aquática, centrosfera das lemnas, centrosfera de água doce, scotinosfera, scotinosfera aquática, scotinosfera das lemnas, scotinosfera de água doce.

Alga verde de água doce (GUIRY & GUIRY, ALGAEBASE, 2014), espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou em 2007, *leg. J. Brasão & det. M.F. Santos* (ACOI: strain 3321).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim Botânico, “*scraping*” (ACOI, *l.c.*).

REINO PLANTAE Haeckel (1866)

DIVISÃO CHAROPHYTA Migula (1897),
emend. Karol & al (2009)²⁰²²⁰³

CLASSE CHAROPSIDA

[= **CLASSE CHAROPHYCEAE**]²⁰⁴

Ordem CHARALES

XXV. CHARACEAE

1. Chara Vaillant ex L.

1. Chara vulgaris L. var. **longibracteata** (Kützinger) J. Groves & Bullock-Webster

= *Chara longibracteata* Kützinger [basion.]

= *Chara foetida* A. Braun var. *longibracteata* (Kützinger) Cosson & Germain de St. Pierre

= *Chara vulgaris* L. f. *longibracteata* (Kützinger) H. Groves & J. Groves

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga, alga aquática, alga cara, alga carática, alga de pedra, alga de pedra aquática, cara, cara aquática, cara de água, cara de brácteas longas, cara dos lagos, cara lacustre, erva de pedra, erva de pedra aquática.

Alga verde aquática ornamental herbácea perene de água doce, que se encontra distribuída pela Europa ocidental, Ilhas Britânicas, Roménia, Península Ibérica e Ilhas Baleares (GROVES & BULLOCK-WEBSTER, 1924; MOORE, 1986; CIRUJANO & al., 2008; MCGUIRY in ALGAEBASE, 2014) espontânea e pouco comum em Portugal, que foi colhida na Quinta das Lágrimas, em Coimbra: Santa Clara, e cultivada no Instituto Botânico na década de 1940, para nela se efectuarem estudos cariológicos sobre a meiose (MESQUITA RODRIGUES, 1945: 610).

Distribuição/localização no Jardim: Instituto Botânico “Dr Júlio Henriques”, em aquários (MESQUITA RODRIGUES, *l.c.*).

2. Chara sp.

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga, alga aquática, alga cara, alga carática, alga de pedra, alga de pedra aquática, cara, cara aquática, cara de água, cara dos lagos, cara lacustre, erva de pedra, erva de pedra aquática.

Alga verde aquática ornamental herbácea perene, espontânea e pouco comum em Portugal, possivelmente espontânea no Jardim, que encontrámos formando uma densa comunidade no pequeno tanque que se situa sob a ponte que estabelece a passagem entre o Quadrado Central e a Mata (II.2010, Observ.!).

A família *Characeae*, um grupo monofilético de plantas aquáticas de distribuição cosmopolita, é conhecida já desde o Cretácico superior (MABBERLEY, 2008: 175; CAISOVÁ & GABKA, 2009: 1).

Distribuição/localização no Jardim: Mata, talvez já extinta, devido a uma limpeza do tanque onde se encontrava, ainda observável no Inverno de 2010.

²⁰² Incluindo as algas carófitas: classe *Charophyceae* [com a única ordem *Charales*]; assim como as classes *Coleochaetophyceae* [com a única ordem *Coleochaetales*]; *Zygnemophyceae* [com as duas ordens *Desmidiaceae* e *Zygnematales*]; *Chlorokybophyceae* e *Klebsormidiophyceae*; e as plantas terrestres (embriófitas, ou classe *Embryophyceae*), ambas pertencentes à subdivisão *Streptophytina*, de acordo com LEWIS & MCCOURT (2004: 1540-1541).

²⁰³ Para a classificação das algas verdes (ou de outras colorações), seguimos GUIRY & GUIRY, ALGAEBASE (2014).

²⁰⁴ Incluindo as algas carófitas (classe *Charophyceae*, ordem *Charales*), de acordo com LEWIS & MCCOURT (2004: 1541).

REINO PLANTAE Haeckel (1866)

DIVISÃO CHAROPHYTA²⁰⁵

CLASSE COLEOCHAETOPHYCEAE

Ordem COLEOCHAETALES

XXVI. COLEOCHAETACEAE

1. *Coleochaete* Brébisson

1. *Coleochaete scutata* Brébisson

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Coleoquete, coleoquete em escudo, coleoquete escudada.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, que foi colhida no interior do Jardim Botânico de Coimbra, e que tem sido cultivada na ficoteca (ou algoteca) ACOI, do Instituto Botânico (ACOI: strain 45).

Distribuição/localização no Jardim: Num tanque, de onde foi colhida e identificada por *M.F. Santos* (n.º 794), em 1976 (ACOI, *l.c.*).

²⁰⁵ Incluindo as algas carófitas: classe *Charophyceae* [com a única ordem *Charales*]; assim como as classes *Coleochaetophyceae* [com a única ordem *Coleochaetales*]; *Zygnemophyceae* [com as duas ordens *Desmidiiales* e *Zygnematales*]; *Chlorokybophyceae* e *Klebsormidiophyceae*; e as plantas terrestres (embriófitas, ou classe *Embryophyceae*), ambas pertencentes à subdivisão *Streptophytina*, de acordo com LEWIS & McCOURT (2004: 1540-1541).

REINO PLANTAE Haeckel (1866)

DIVISÃO CHAROPHYTA²⁰⁶

CLASSE CONJUGATOPHYCEAE

[ZYGNEPHYCEAE]

Ordem DESMIDIALES

XXVII. DESMIDIACEAE

1. *Cosmarium* Corda ex Ralfs

[Syn.: *Nothocosmarium* Raciborski]

1. *Cosmarium crenatum* Ralfs

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga cosmária, alga cosmarina, alga cosmarinha, cosmário.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, que foi colhida no interior do Jardim Botânico de Coimbra – no tanque da Estufa Pequena, em 2009–, e que tem sido cultivada na ficoteca (ou algoteca) ACOI (ACOI, 2014: strain 3193).

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Pequena, no tanque (ACOI).

2. *Cosmarium laeve* Rabenhorst

= *Euastrum laeve* (Rabenhorst) F. Gay

Cosmarium laeve Rabenhorst var. *hispanicum* Lewin

Cosmarium portuense J. Sampaio

Euastrum leiodermum F. Gay

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga cosmária, alga cosmarina, alga cosmarinha, alga em estrela, alga estrelada, cosmário, cosmário do Porto, cosmário hispânico, cosmário ibérico, cosmário peninsular, cosmário portuense, euastró.

Alga verde aquática de água doce, de vasta distribuição mundial (GUIRY in ALGAEBASE, 2014), espontânea em Portugal, que foi colhida no interior do Jardim Botânico de Coimbra, num tanque, em 1974, *leg. & det.* M.F. Santos (ACOI: strain 1785).

Distribuição/localização no Jardim: num tanque, em 1974 (ACOI, *l.c.*).

3. *Cosmarium margaritatum* (P. Lundell) J. Roy & Bisset

= *Cosmarium latum* Brébisson var. *margaritatum* P. Lundell [basion.]

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga cosmária, alga cosmarina, alga cosmarinha, cosmário.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, que foi colhida no interior do Jardim Botânico de Coimbra, em 1974, e que tem sido cultivada na ficoteca (ou algoteca) ACOI (ACOI, 2014: strain 12).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim Botânico de Coimbra (ACOI, *l.c.*).

4. *Cosmarium* sp.

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga cosmária, alga cosmarina, alga cosmarinha, cosmário.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, também espontânea no Jardim, onde se encontrou num tanque da estufa da *Victoria amazonica* (ACOI, 2014: strain 3204).

Distribuição/localização no Jardim: Num tanque da estufa da *Victoria amazonica* (ACOI, *l.c.*).

²⁰⁶ Incluindo as algas carófitas: classe *Charophyceae* [com a única ordem *Charales*]; assim como as classes *Coleochaetophyceae* [com a única ordem *Coleochaetales*]; *Conjugatophyceae* (*Zygnemophyceae*) [com as duas ordens *Desmidiiales* e *Zygnematales*]; *Chlorokybophyceae* e *Klebsormidiophyceae*; e as plantas terrestres (embriófitas, ou classe *Embryophyceae*), ambas pertencentes à subdivisão *Streptophytina*, de acordo com LEWIS & MCCOURT (2004: 1540-1541).

2. **Micrasterias** C. Agardh ex Ralfs

1. **Micrasterias americana** Ehrenberg ex Ralfs

Micrasterias morsa Ralfs

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga em estrela, alga em estrela verde, alga estrelinha, alga estrelinha verde, alga micrastéria, alga micrastéria americana, alga micrastéria da América, estrela microscópica, estrelinha aquática, estrelinha de água, estrelinha de água doce, estrelinha planctónica, estrelinha verde, micrastéria, micrastéria americana, micrastéria da América, micrastérias, micrastérias americana, micrastérias da América, ministrela, ministrela aquática, ministrela americana, ministrela da América, ministrela verde.

Alga verde aquática unicelular planctónica de água doce, de vasta distribuição mundial (WEST & WEST, 1905; KOUWETS, 1999; MARTELLO, 2006; ALGAEBASE, 2014; WIKIPEDIA), espontânea em Portugal, por exemplo em Quiaios, na Lagoa das Braças (ACOI: strain 1052), cultivada nos Laboratórios do Instituto Botânico “Dr Júlio Henriques” (1991, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Cultivada nos Laboratórios do Instituto Botânico “Dr Júlio Henriques” (1991, Observ.!).

3. **Staurastrum** Meyen ex Ralfs

1. **Staurastrum** sp.

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga, alga em cruz, alga em estrela, alga estelar, alga estrela, cruz estelar, cruz em estrela, estaurastro, estrela cruzada, estrela em cruz.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, que tem sido cultivada no Jardim e Instituto Botânicos, sobretudo para as aulas práticas laboratoriais da antiga disciplina de “Plantas Não Vasculares” ou, posteriormente, de “Biologia dos Vegetais Não Vasculares” (1991, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Cultivada nos Laboratórios do Instituto Botânico “Dr Júlio Henriques”.

Ordem ZYGNEMATALES

XXVIII. MESOTAENIACEAE

1. **Spirotaenia** Brébisson

1. **Spirotaenia obscura** Ralfs

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga, alga espiral, alga espiralada, alga espiroténia, alga obscura, alga spiroténia, espiroténia, espiroténia obscura, spiroténia, spiroténia obscura.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, que foi colhida no interior do Jardim Botânico de Coimbra, num tanque, *leg. G. Carvalho & det. M.F. Santos*, em 1987 e 1989, respectivamente (ACOI: strain 367).

Distribuição/localização no Jardim: Num tanque (ACOI, *l.c.*).

XXIX. ZYGNEMATAACEAE

1. **Mougeotia** C. Agardh

1. **Mougeotia** sp.

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga, alga de Mougeot.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, que tem sido cultivada no Jardim e Instituto Botânicos, sobretudo para as aulas práticas laboratoriais da antiga disciplina de “Plantas Não Vasculares” ou, posteriormente, de “Biologia dos Vegetais Não Vasculares” (1991, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Cultivada nos Laboratórios do Instituto Botânico “Dr Júlio Henriques”.

2. *Spirogyra* Link

1. *Spirogyra nitida* Kützting

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga, alga de espiras, alga espirada, alga espiralada, alga espiral, alga espirogira, espirogira.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, que A. *Moller* encontrou nos tanques, em II.1892 (MARIZ, 1892c: 186).

Distribuição/localização no Jardim: Nos tanques (MARIZ, *l.c.*).

2. *Spirogyra* sp.

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga, alga de espiras, alga espirada, alga espiralada, alga espiral, alga espirogira, espirogira.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, que tem sido cultivada no Jardim e Instituto Botânicos, sobretudo para as aulas práticas laboratoriais da antiga disciplina de “Plantas Não Vasculares” ou, posteriormente, de “Biologia dos Vegetais Não Vasculares” (1991, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Cultivada nos Laboratórios do Instituto Botânico “Dr Júlio Henriques”.

3. *Zygnema* C. Agardh

1. *Zygnema* sp.

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alga, alga aquática, alga de água doce, alga em filamento, alga filamentar, alga filamentosa, zignema, zignema de água doce.

Alga verde aquática espontânea em Portugal, que tem sido cultivada no Jardim e Instituto Botânicos, sobretudo para as aulas práticas laboratoriais da antiga disciplina de “Plantas Não Vasculares” ou, posteriormente, de “Biologia dos Vegetais Não Vasculares” (1991, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Cultivada nos Laboratórios do Instituto Botânico “Dr Júlio Henriques”.

REINO PLANTAE

[SUBDIVISÃO STREPTOPHYTINA²⁰⁷,CLASSE EMBRYOPHYCEAE ou EQUISETOPSIDA]²⁰⁸DIVISÃO ANTHOCEROTOPHYTA²⁰⁹²¹⁰²¹¹²¹²

“Briophytes depended on desiccation tolerance, suspending metabolism when water was not available; their cells are generally either fully turgid or desiccated. Desiccation tolerance requires preservation intact through drying-re-wetting cycles of essential cell components and their functional relationships, and controlled cessation and restarting of metabolism”; “Desiccation tolerance is adaptively optimal on hard substrates impenetrable to roots and on poor dry soils in seasonally dry climates” (PROCTOR & TUBA, 2002: 327).

CLASSE ANTHOCEROTOPSIDA

[= Subclasse ANTHOCEROTIDAE Engler]²¹³

Ordem ANTHOCEROTALES

²⁰⁷ *STREPTOPHYTINA* é uma subdivisão ou subfiló (como divisão designa-se por *STREPTOPHYTA*) que se pode considerar que inclui duas classes: *Charophyceae* ou *Charopsida* [que também se pode considerar como sendo a divisão *CHAROPHYTA*], incluindo apenas a ordem *Charales*; e a gigantesca classe *Embryophyceae* ou *Embryopsida* [ou divisão *EMBRYOPHYTA*] que inclui todas as plantas terrestres: Briófitas [divisão *BRYOPHYTA* ou classe *Bryopsida*, etc.] e plantas vasculares [divisão *TRACHEOPHYTA* ou classe *Tracheopsida*], que, por sua vez, se podem dividir em pteridófitos [divisão *PTERIDOPHYTA*: fetos e afins] e plantas com semente: divisão *SPERMATOPHYTA*, incluindo as diversas classes de gimnospermas [divisão *PINOPHYTA*, classe *Pinopsida*, etc.] e de angiospermas [divisão *MAGNOLIOPHYTA* ou classe *Magnoliopsida*, incluindo as tradicionais Monocotiledóneas e Dicotiledóneas, que podem ser consideradas como classes, subclasses ou outros grupos taxonómicos] (WIKIPEDIA).

²⁰⁸ Incluindo todas as plantas terrestres (classe *Embryophyceae*), de acordo com LEWIS & MCCOURT (2004: 1541), ou, mais apropriadamente, a única classe de plantas terrestres (“land plants”), *Equisetopsida* C. Agg. sensu CHASE & REVEAL (2009: 122-126).

²⁰⁹ De acordo com INFANTE (2000), SÉRGIO & CARVALHO (2003), FREY & al. (2006: 14), SÉRGIO & al. (2013), e vários outros autores, consideramos os Antóceros, Antocerotas ou “*Hornworts*” (“plantas-corno”) como uma divisão ou *phyllum*: ANTHOCEROTOPHYTA Stotler & Crand.-Stotler.

²¹⁰ Aqui começa a grande classe *Equisetopsida* C. Agg. sensu CHASE & REVEAL (2009, *l.c.*), que inclui todas as plantas terrestres (“land plants” ou “Embryophyta”).

²¹¹ Os Briófitos, incluindo as três divisões ANTHOCEROTOPHYTA, MARCHANTIOPHYTA e BRYOPHYTA, constituem um grupo de plantas terrestres muito antigo, que integra um total de 704 espécies, subespécies e variedades taxonomicamente importantes no território de Portugal continental (SÉRGIO & al., 2013). Ainda de acordo com estes autores (*l.c.*), estes 704 *taxa* correspondem a cerca de 40 % do total de *taxa* presente na Europa (cerca de 1760 *taxa*) e a cerca de 65 % do total de *taxa* que se encontram presentes na península Ibérica (cerca de 1083 *taxa*).

²¹² Os “hornworts” –um grupo irmão das plantas vasculares– são as únicas plantas terrestres (EMBRYOPHYTA) cujos cloroplastos apresentam pirenóides –estruturas fundamentalmente proteicas muito ricas em RuBisCo, a famosa enzima fotossintética Ribulose-1,5-Bifosfato-carboxilase-oxigenase, que são tão frequentes em muitas algas (VILLARREAL & RENNER, 2012: 18873; WIKIPEDIA).

²¹³ De acordo com CHASE & REVEAL (2009: 123).

XXX. ANTHOCEROTACEAE [1 sp.]

1. Anthoceros L.

1. Anthoceros punctatus L.

Anthoceros husnotii Stephani

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Antóceró, antóceró de Husnot, antóceró husnotiano, antóceró pontuado, "hornwort", planta-corno, planta cornosa, planta cornuda.

Planta não vascular de distribuição subcosmopolita: Américas do Norte e do Sul, Norte de África, Macaronésia e Eurásia: atlântica e mediterrânica, estendendo-se até ao Cáucaso e outras regiões eurasiáticas, tornando-se menos comum na Europa Central, própria de lugares frescos e húmidos (FREY & al., 2006: 14; WIKIPEDIA), rara ou invulgar em Coimbra, que não parece, contudo ser considerada rara ou ameaçada em Portugal, onde parece encontrar-se em todas as províncias, exceptuando-se talvez o Ribatejo (SÉRGIO & al., 1994: 44; SÉRGIO & al., 2003: 151-152; SÉRGIO & al., 2009b: 117; Machado Guimarães, 1925: 85).

Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospérmicas, formando pequenos prados anuais nos caminhos húmidos entre os relvados, pr. do Jardim-Escola João de Deus e no relvado à frente do Instituto Botânico "Dr Júlio Henriques" (IV.2010, IV.2014, Observ.!: Identificação da planta confirmada por César Garcia, comunicação pessoal, IV. 2014).

XXXI. NOTOTHYLADACEAE [1 sp.]

1. Phaeoceros Proskauer

1. Phaeoceros laevis (L.) Proskauer

= *Anthoceros laevis* L. [basion.]

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Antóceró, feóceró, "hornwort", planta-corno, planta cornosa, planta cornuda.

Planta não vascular de talo sólido, de distribuição eurasiática, atlântica, macaronésica e mediterrânica, estendendo-se até à Rússia e rara nas regiões do Norte, própria de lugares frescos e húmidos (FREY & al., 2006: 15), rara ou invulgar em Coimbra, que não parece, contudo ser considerada rara ou ameaçada em Portugal, onde se pode encontrar em todas as províncias (SÉRGIO & al., 1994: 44; SÉRGIO & al., 2003: 230; SÉRGIO & al., 2009b: 117; MACHADO GUIMARÃES, 1925: 86-87; WIKIPEDIA). Os cloroplastos de *Phaeoceros laevis* possuem um pirenóide (uma estrutura que promove a fixação e a concentração de carbono) que consiste em cerca de 25 pequenas unidades distribuídas ao longo do cloroplasto ou formando uma massa central agregada (GRIFFITHS, 1970; VILLARREAL & RENNER, 2012; WIKIPEDIA).

Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospérmicas, formando pequenos prados anuais nos caminhos húmidos entre os relvados, pr. do Jardim-Escola João de Deus e no relvado à frente do Instituto Botânico "Dr Júlio Henriques" (IV.2010, IV.2014, Observ.!: Identificação da planta confirmada por César GARCIA, comunicação pessoal, IV. 2014).

DIVISÃO MARCHANTIOPHYTA²¹⁴

[= Subdivisão **HEPATICOPHYTINA** ou **HEPATICAE**]²¹⁵

[= Subclasse **MARCHANTIIDAE** Engler]²¹⁶

CLASSE JUNGERMANNIOPSIDA

XXXII. ARNELLIACEAE [1 sp.]

[Syn: *SOUTHBYACEAE*]²¹⁷

1. *Southbya* Spruce

1. *Southbya nigrella* (De Notaris) R. Spruce

= *Jungermannia nigrella* De Notaris [basion.]

= *Mesophylla nigrella* (De Notaris) Boul.

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Junguermânia, junguermânia anegrada, junguermânia negra, junguermânia negrescente, junguermânia nigrescente.

Hepática espontânea em Portugal, onde vive exclusivamente sobre as rochas calcárias, ou nos muros e solos argilo-calcários (SÉRGIO, 1971: 77), e forma pequenas rosetas no cimento calcário-argiloso dos muros, quase sempre em associação com o musgo *Gymnostomum calcareum* Nees & Hornschuch (MACHADO GUIMARÃES, 1925: 43; SÉRGIO, *l.c.*; SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 195-196); a sua existência no Jardim Botânico de Coimbra –“Ad hortum botanicum Conimbricensem (J. Henriques)”– era já conhecida por Júlio Henriques (HENRIQUES, 1886c: 244; MACHADO GUIMARÃES, *l.c.*).

Distribuição/localização no Jardim: Em muros, no Jardim Botânico de Coimbra: “Ad hortum botanicum Conimbricensem (J. Henriques)” (HENRIQUES, *l.c.*; MACHADO GUIMARÃES, *l.c.*).

XXXIII. FOSSOMBRONIACEAE [2 sp.]

1. *Fossombronia* Raddi

1. *Fossombronia angulosa* (Dickson) Raddi

= *Jungermannia angulosa* Dickson [basion.]

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Fossombrónia.

Hepática espontânea disseminada, pouco comum no Jardim e na Mata (II.2010, Observ.!), cujos esporos se podem encontrar dispersos na atmosfera de Coimbra (LEITÃO & al., 1996: 32).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. *Fossombronia caespitiformis* De Notaris ex Rabenhorst

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Fossombrónia, fossombrónia cespitosa.

Hepática espontânea em Portugal, –cujo tipo é do anfiteatro romano de Taormina, na costa oriental da Sicília (STOTLER & al., 2005: 546)– que se pode encontrar na Beira Litoral e no Jardim Botânico de Coimbra: “Cerca de S. Bento ad hortum botanicum (J. Henriques e Moller)” (HENRIQUES, 1886c: 246; MACHADO GUIMARÃES, 1925: 34; SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 161).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

²¹⁴ INFANTE (2000), SÉRGIO & CARVALHO (2003: 150), STOTLER & al. (2005: 546) e SÉRGIO & al. (2013), entre vários outros autores, também consideram as Hepáticas como uma divisão ou *phyllum*: MARCHANTIOPHYTA Stotler & Crand.-Stotler.

²¹⁵ De acordo com FREY & al. (2006: 16).

²¹⁶ De acordo com CHASE & REVEAL (2009: 123).

²¹⁷ De acordo com FREY & al. (2006: 114).

XXXIV. FRULLANIACEAE [2 sp.]

1. Frullania Raddi

1. Frullania dilatata (L.) Dumortier

= *Jungermannia dilatata* L. [basion.]

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Frulânia, frulânia dilatada, hepática das canecas, hepática das canecas dilatada, junguermânia, junguermânia dilatada.

Hepática espontânea, uma das mais comuns em Portugal (MACHADO GUIMARÃES, 1925: 77-78; SÉRGIO & CARVALHO, 2009: 164), sobretudo como planta de hábito epífítico (SÉRGIO & al., 2009: 75), também comum em Coimbra, onde a encontrou A. Moller, sobre *Olea europaea* L., no vizinho –em relação ao Jardim Botânico– “Penedo da Melancholia [nas oliveiras] (Leg. A. Moller – fevereiro 1892)” (MARIZ, 1892c: 186; MACHADO GUIMARÃES, *l.c.*).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. Frullania tamarisci (L.) Dumortier

= *Jungermannia tamarisci* L. [basion.]

Frullania calcarifera Stephani

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Frulânia, frulânia calcícola, frulânia dos calcários, hepática das canecas, junguermânia.

Hepática espontânea, comum em Portugal e em Coimbra, onde se encontrou por exemplo na Mata da Baleia (HENRIQUES, 1886c: 241; MARIZ, 1892c: 186; MACHADO GUIMARÃES, 1925: 78; SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 165-166), disseminada como planta epífita (II.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XXXV. LEJEUNEACEAE [2 sp.]

1. Cololejeunea (Spruce) Schiffner

[= *Lejeunea* subgen. *Cololejeunea* Spruce (basion.)]

1. Cololejeunea minutissima (Smith) Schiffner

= *Jungermannia minutissima* Smith [basion.]

= *Lejeunea minutissima* (Smith) Sprengel

Lejeunea inconspicua De Notaris

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cololejêunea, cololejêunea discreta, cololejêunea inconspícua, cololejêunea minuta, cololejêunea minutíssima, cololejêunea pequena, cololejêunea pequenina, cololejêunea pequeníssima, hepática, lejêunea, lejêunea discreta, lejêunea inconspícua, lejêunea minuta, lejêunea minutíssima, lejêunea pequena, lejêunea pequenina, lejêunea pequeníssima.

Hepática espontânea, muito pequena, nativa em Portugal e disseminada no Jardim Botânico, onde foi descoberta pelo professor Júlio Henriques: “In horto botanico Conimbricensi ad arbores (J. Henriques)” (HENRIQUES, 1886c: 242; MACHADO GUIMARÃES, 1925: 83; SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 157).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. Lejeunea Libert

1. Lejeunea cavifolia (Ehrhart) Lindberg

= *Jungermannia cavifolia* Ehrhart [basion.]

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Hepática algibeira, hepática das algibeiras, junguermânia, lejêunea.

Hepática espontânea em Portugal e na Beira Litoral, de onde tem sido citada por diversos autores (Sérgio, 1971: 79; Sérgio & Carvalho, 2003: 170), disseminada como planta epífita (II.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XXXVI. LOPHOCOLEACEAE [1 sp.]

1. Lophocolea (Dumortier) Dumortier

[= *Jungermannia* sect. *Lophocolea* Dumortier (basion.)

= *Chiloscyphus* sect. *Lophocolea* (Dumortier) Hentschell

= *Chiloscyphus* subgen. *Lophocolea* (Dumortier) J.J. Engel & R.M. Schuster]

1. Lophocolea heterophylla (Schrader) Dumortier

= *Jungermannia heterophylla* Schrader [basion.]

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Junguermânia, lofocólea.

Hepática espontânea, em Portugal e em Coimbra, disseminada como planta epífita, herborizada por C. Sérgio (n.os 93 e 253), na base de um eucalipto do Jardim Botânico, em 17.III.1966 e em 24.III.1967 (SÉRGIO, 1971: 72-73; SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 172).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XXXVII. LOPHOZIACEAE [1 sp.]

1. Leiocolea (Müller Friburg.) H. Buch

[= *Lophozia* subgen. *Leiocolea* Müller Friburg. (basion.)]

1. Leiocolea turbinata (Raddi) H. Buch

= *Jungermannia turbinata* Raddi [basion.]

= *Lophozia turbinata* (Raddi) Stephani

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Junguermânia, junguermânia turbinada, leiocólea, leiocólea turbinada, lofózia, lofózia turbinada.

Hepática de distribuição muito vasta, subcosmopolita (FREY & al., 2006: 82) e de distribuição europeia mediterrâneo-atlântica, pioneira dos solos calcários frescos ou em substratos regados por água rica em carbonato de cálcio, bastante frequente na Espanha mas mais rara em Portugal (SÉRGIO, 1971: 74-75), espontânea em Portugal e em Coimbra, herborizada por C. Sérgio (n.º 103, COI), na parede de um dos lagos do Jardim Botânico, em 7.V.1966 (SÉRGIO, l.c.; SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 169-170).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XXXVIII. METZGERIACEAE [1 sp.]

1. Metzgeria Raddi

1. Metzgeria conjugata Lindberg

Metzgeria conjugata Lindberg f. *subpinnata* Jorg.

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Hepática conjugada, hepática de véu, hepática subpinada, hepática velada, metzguéria, metzguéria conjugada, metzguéria subpinada, junguermânia.

Hepática espontânea, disseminada como planta epífita, no tronco de uma palmeira, no Jardim Botânico de Coimbra, em 5.XII.1969, C. Sérgio 874, COI (SÉRGIO, 1971: 65).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. Metzgeria furcata (L.) Dumortier

= *Jungermannia furcata* L. [basion.]

= *Echinomitrium furcatum* (L.) Corda

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Equinómítrio, hepática de véu, metzguéria, junguermânia.

Hepática espontânea, disseminada como planta epífita (II.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XXXIX. RADULACEAE [1 sp.]

1. Radula Dumortier

1. Radula complanata (L.) Dumortier

= *Jungermannia complanata* L. [basion.]

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Junguermânia, junguermânia aplanada, junguermânia plana, rádula, rádula aplanada, rádula plana.

Hepática espontânea, disseminada como planta epífita, sobre troncos de árvore (II.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

CLASSE MARCHANTIOPSIDA

[= Subclasse **MARCHANTIIDAE** Engler]²¹⁸

XL. LUNULARIACEAE [1 sp.]

1. Lunularia Lindberg

1. Lunularia cruciata (L.) Lindberg

= *Marchantia cruciata* L. [basion.]

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Hepática-lua, hepática lunada, marcância, marcântia, marcântia cruciada, lunulária, lunulária cruciada.

Hepática espontânea, comum em Portugal e em Coimbra (BROTERO, 1804b; HENRIQUES, 1886c: 246; MACHADO GUIMARÃES, 1925; SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 173), disseminada no Jardim Botânico, sobretudo no solo (II.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XLI. MARCHANTIACEAE [1 sp.]

1. Marchantia L.

1. Marchantia polymorpha L.

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Marcância, marcântia.

Hepática espontânea, comum em Portugal, na Beira Litoral e em Coimbra (BROTERO, 1804b; HENRIQUES, 1886c: 246; MACHADO GUIMARÃES, 1925; SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 174), disseminada no Jardim Botânico, sobretudo no solo (II.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XLII. RICCIACEAE [8 sp.]

1. Riccia L.

1. Riccia bicarinata Lindberg

Riccia henriquesii Levier

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Rícia, rícia bicarenada, rícia bicarinada, rícia coimbrã, rícia conimbricense, rícia de Coimbra, rícia de Henriques, rícia de Júlio Henriques, rícia de Portugal, rícia henricina, rícia henriquesiana, rícia henriquina, rícia portuguesa.

Hepática espontânea, endêmica das Regiões Macaronésica e Mediterrânica, monóica, disseminada no Jardim Botânico de Coimbra –que constitui a localidade clássica de *Riccia Henriquesii* Levier [!], onde foi encontrada pela primeira vez em Portugal pelo Professor Júlio Henriques em 1894 e seguidamente descrita e iconografada pelo ilustre botânico e briólogo Émile Levier²¹⁹ em 1894 como *Riccia Henriquesii* Levier, tendo sido mais tarde sinonimizada com *Riccia bicarinata* Lindberg (LEVIER, 1894; MACHADO GUIMARÃES, 1925: 12-13; JOVET-AST, 1986; SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 186; FREY & al., 2006: 38).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim e Mata.

²¹⁸ De acordo com CHASE & REVEAL (2009: 123).

²¹⁹ Émile [ou Emilio] Levier (1839-1911) e Louis François Jules Rodolphe Leresche (1808-1885) foram dois botânicos de língua francesa e de alto gabarito que visitaram e herborizaram em Portugal e Espanha em 1878 e 1879, tendo publicado logo a seguir (1880) os interessantes resultados obtidos: “*Deux excursions botaniques dans le nord de l’Espagne et le Portugal en 1878 et 1879*” (LERESCHE & LEVIER, 1880; LEVIER, 1880; PINTO DA SILVA & al., 1991).

2. **Riccia bifurca** Hoffmann

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Rícia, rícia bifurcada, rícia dividida.

Hepática espontânea, nativa, disseminada em várias províncias portuguesas, em Coimbra e no Jardim Botânico de Coimbra, onde A. Moller a colheu em II.1892 (Moller, Fl. Lusit. Exsicc. n.º 1107), e onde se encontra sobre a terra húmida, à beira dos caminhos, fossos, etc. (MARIZ, 1892c: 186; MACHADO GUIMARÃES, 1925: 10; SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 187).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim e Mata.

3. **Riccia ciliata** Hoffmann

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Rícia, rícia ciliada, rícia dividida, rícia hirsuta, rícia peluda, rícia pilosa, rícia vilosa.

Hepática espontânea, monóica, disseminada em várias províncias portuguesas, em Coimbra e no Jardim Botânico de Coimbra, onde A. Moller a colheu em II.1892 (Moller Fl. Lusit. Exsicc. n.º 1108), e onde se encontra sobre a terra argilosa, fendas dos muros, etc. (MARIZ, 1892c: 186; MACHADO GUIMARÃES, 1925: 12; SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 187).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim e Mata.

4. **Riccia crystallina** L. emend. Raddi

= *Ricciella crystallina* (L.) Stephani

Riccia pelucida Hoffmann

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Rícia, rícia cristalina, rícia de cristal, riciela, riciela cristalina, riciela de cristal.

Hepática espontânea, nativa, disseminada em várias províncias portuguesas, em Coimbra e no Jardim Botânico de Coimbra (Brotero; J. Henriques; Moller, Flora Lusitan. exsiccata n.º 1109); esta hepática monóica pode encontrar-se na vasa, à margem das valetas das estradas e dos caminhos, nas bordas dos tanques e dos riachos secos, sobretudo como planta outonal e hiemal, em locais húmidos (BROTERO, 1804b: 428; HENRIQUES, 1886: 247; Mariz, 1892c: 187; MACHADO GUIMARÃES, 1925: 16-17; SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 188-189).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim e Mata.

5. **Riccia glauca** L.

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Rícia, rícia azulada, rícia azul-esverdeada, rícia esverdeada, rícia glauca, rícia verde.

Hepática espontânea, nativa, disseminada em várias províncias portuguesas (SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 189), em Coimbra (BROTERO, 1804b: 428; HENRIQUES, 1886: 247) e no Jardim Botânico de Coimbra, onde foi herborizada por A. Moller em II.1892 [Moller, Flora Lusitan. exsiccata n.º 1110] (MARIZ, 1892c: 187).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim e Mata.

6. **Riccia gougetiana** Durieu & Mont. var. **armatissima** Levier ex K. Müller

= *Riccia armatissima* (Levier ex K. Müller) Trabut

Riccia erinacea Schiffner

= *Riccia gougetiana* Durieu & Mont. var. *erinacea* (Schiffner) K. Müller

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Rícia, rícia armada, rícia de Gouget, rícia eriçada, rícia gougetiana, rícia ouriçada.

Hepática possivelmente subespontânea, nativa de Portugal continental, embora provavelmente não autóctone de Coimbra mas introduzida, num vaso, onde foi herborizada, em Novembro de 1966, tendo possivelmente desaparecido posteriormente (SÉRGIO, 1971: 47-52; SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 189-190).

Distribuição/localização no Jardim: Num vaso do viveiro, 17.XI.1966, C. Sérgio 167 (COI), na actualidade, possivelmente já extinta no Jardim (SÉRGIO, 1971: 52).

7. **Riccia lamellosa** Raddi

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Rícia, rícia lamelar, rícia lamelosa.

Hepática nativa de várias províncias de Portugal continental, que se encontrou espontânea no Jardim Botânico de Coimbra, no solo arenoso de um caminho das Escolas [de Sistemática], 10.XII.1970, *C. Sérgio* 1283, COI (SÉRGIO, 1971: 65; SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 190).

Distribuição/localização no Jardim: epífita, no tronco de uma palmeira, em 1969 (SÉRGIO, 1971: 65).

8. **Riccia sommieri** Levier

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Rícia, rícia de Sommier, rícia somierana, rícia somieriana.

Hepática possivelmente subespontânea, nativa de Portugal continental, embora provavelmente não autóctone de Coimbra mas introduzida, num vaso, onde foi herborizada, em Abril de 1965 (SÉRGIO & MENDES, 1971: 53; SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 192).

Distribuição/localização no Jardim: Num vaso, 1.IV.1965, *C. Sérgio* 26 (COI).

XLIII. SPHAEROCARPACEAE [1 sp.]

1. **Sphaerocarpos** Boehmer

1. **Sphaerocarpos texanus** Austin

Sphaerocarpos berteri Austin

Sphaerocarpos californicus Austin

Sphaerocarpos europaeus Lorbeer

Sphaerocarpos terrestris Bischoff

Targionia sphaerocarpos Brotero

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Esferocarpo, esferocarpo americano, esferocarpo broteriano, esferocarpo californiano, esferocarpo califórnico, esferocarpo da Califórnia, esferocarpo da Europa, esferocarpo de Berter, esferocarpo de Brotero, esferocarpo do Texas, esferocarpo europeu, esferocarpo terrestre, esferocarpo texano.

Hepática de distribuição mundial muito vasta, subcosmopolita, distribuída pelas Américas do Norte e do Sul, Europa e Norte de África (FREY & al., 2006: 16; WIKIPEDIA), espontânea em Portugal, na Beira Litoral e em Coimbra (HENRIQUES, 1886c: 246; SÉRGIO, 1971: 81; SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 196-197), onde se encontrou no Jardim Botânico, sobretudo como planta outonal, hiemal e vernal: «*Hab. ad terram humidam, autumnus et hyeme, circa Conimbricam, etiam in Horto Regio Conimbricensi*» (BROTERO, 1804b: 429) e Cerca de São Bento, na terra de um vaso, 14.IV.1965, *C. Sérgio* 29, COI (SÉRGIO, 1967: 23-24).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim Botânico, na terra de um vaso (SÉRGIO, 1967: 23-24).

DIVISÃO BRYOPHYTA²²⁰

[= Subdivisão **BRYOPHYTINA** (Mosses)]²²¹

[= Subclasse **BRYIDAE** Engler]²²²

CLASSE BRYOPSIDA

XLIV. BRACHYTHECIACEAE [5 sp.]

1. Brachythecium Schimper

1. Brachythecium rutabulum (Hedwig) Schimper

= *Hypnum rutabulum* Hedwig [basion.]

= *Pancovia rutabula* (Hedwig) J. Kickx f.

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Braquitécio, hipno, musgo aveludado, pancóvia.

Musgo espontâneo, referido por vários autores para a Beira Litoral (SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 26), disseminado, sobretudo como planta epífita –sobre árvores e arbustos–, e também rupícola (II.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. Homalothecium Schimper

1. Homalothecium sericeum (Hedwig) Schimper

= *Leskea sericea* Hedwig [basion.]

= *Camptothecium sericeum* (Hedwig) Kindberg

Camptothecium aureolum Kindberg

Homalothecium australiense Dixon

Homalothecium barbelloides Dixon & Cardot

Hypnum mandonii Mitten

= *Homalothecium mandonii* (Mitten) Geheeb

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Camptotécio, hipno, homalotécio, léskea.

Musgo espontâneo, nativo, disseminado, sobretudo como epífito (II.2010, Observ.!), frequente em Portugal, na Beira Litoral e em Coimbra, onde o encontrou A. Moller (HENRIQUES, 1889b: 212), sobretudo em áreas pouco arborizadas como por exemplo olivais ou soutos (SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 72-73; SÉRGIO & al., 2009: 50).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

²²⁰ SÉRGIO & al. (2013), entre vários autores, consideram a divisão ou *phyllum* BRYOPHYTA Schimper como a divisão que inclui todos os musgos: classes BRYOPSIDA, POLYTRICHOPSIDA e SPHAGNOPSIDA. Alguns musgos grandes de *habitat* terrestre (por exemplo da família *Polytrichaceae*, que pertence à classe POLYTRICHOPSIDA) possuem sistemas internos de condução de água bem desenvolvidos formados por feixes de “hidróides” (HÉBANT, 1977; PROCTOR & TUBA, 2002).

²²¹ De acordo com FREY & al. (2006: 128).

²²² De acordo com CHASE & REVEAL (2009: 123).

3. Pseudoscleropodium (Limpricht) M. Fleischer

= *Scleropodium* Schimper sect. *Pseudoscleropodium* Limpricht [basion.]

1. Pseudoscleropodium purum (Hedwig) M. Fleischer

- = *Hypnum purum* Hedwig [basion.]
- = *Brachythecium purum* (Hedwig) Dixon
- = *Scleropodium purum* (Hedwig) Limpricht
- Cuspidaria pseudopura* Müller Argoviensis
- = *Hypnum pseudopurum* (Müller Argoviensis) Paris
- = *Pseudoscleropodium pseudopurum* (Müller Argoviensis) Brotherus
- = *Scleropodium pseudopurum* (Müller Argoviensis) Brotherus

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cuspidária, escleropódio, escleropódio puro, hipno, hipno puro, musgo puro, pseudoscleropódio, pseudoscleropódio puro, scleropódio, scleropódio puro.

Musgo espontâneo, comum em Portugal, bastante mais vulgar a Norte do rio Tejo (SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 113; SÉRGIO & al., 2009: 64), disseminado sobretudo como epífito, sobre árvores e arbustos (II.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

4. Rhynchostegium Bruch & Schimper

1. Rhynchostegium riparioides (Hedwig) Cardot

- = *Hypnum riparioides* Hedwig [basion.]
- = *Eurhynchium riparioides* (Hedwig) P.W. Richards
- = *Oxyrrhynchium riparioides* (Hedwig) O.E. Jennings
- = *Platyhypnidium riparioides* (Hedwig) Dixon
- = *Platyhypnum riparioides* (Hedwig) Loeske
- = *Torrentaria riparioides* (Hedwig) Ochya
- Hypnum rusciforme* F.W. Weiss ex Bridel
- = *Platyhypnidium rusciforme* (F.W. Weiss ex Bridel) Fleischer
- = *Rhynchostegium rusciforme* (F.W. Weiss ex Bridel) Schimper

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Eurrínquio, hipnídio, hipnídio achatado, hipno, hipno achatado, oxirrínquio, plati-hipnídio, plati-hipno, rincostégio, torrentária.

Musgo espontâneo, referido por vários autores para a Beira Litoral (SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 110-111) e para Coimbra, onde o encontraram na Mata do Jardim Botânico *J. Henriques* e *A. Moller*, por ex. em II.1892: “Coimbra: Cerca de S. Bento [nos tanques]” (HENRIQUES, 1899b: 215; MARIZ, 1892c: 188; MACHADO GUIMARÃES, 1932: 239-240).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

5. Scleropodium Schimper

1. Scleropodium cespitans (Wilson ex Müller Hal.) L. Koch

- = *Hypnum cespitans* Wilson ex Müller Hal. [basion.]
- Hypnum lentum* Mitten
- = *Eurhynchium lentum* (Mitten) Kindberg
- = *Homalothecium lentum* (Mitten) A. Jaeger

Scleropodium cespitosum Schimper

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Braquitécio, braquitécio cespitoso, escleropódio, escleropódio cespitoso, eurrínquio, hipno, hipno cespitoso, homalotécio, homalotécio cespitoso.

Musgo de distribuição Euro-Mediterrânica (FREY & al., 2006: 338), espontâneo e pouco comum em Portugal e na Beira Litoral (SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 113), presente no Jardim Botânico de Coimbra, epífito na base das tílias, onde o encontrou Pierre Allorge (MACHADO GUIMARÃES, 1932: 267-268).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XLV. BRYACEAE [2 sp.]

1. Bryum Hedwig

1. Bryum argenteum Hedwig

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Brúm, brúm argênteo, brúm de prata, brúm prateado, musgo prateado. Musgo cosmopolita espontâneo, comum em Portugal e também em Coimbra e seus arredores: “in tectis, macris, saxisque, frquens circa Conimbricam” (BROTERO, 1804b: 412; HENRIQUES, 1889b: 203; MACHADO GUIMARÃES, 1930: 235-236; SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 28), disseminado, murícola, presente no Jardim sobretudo em muros de natureza calcárea (II.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. Bryum capillare Hedwig

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Brúm, brúm capilar, brúm de pelo, brúm fino, musgo capilar, musgo torcido de pelo.

Musgo espontâneo, comum em Portugal e também em Coimbra, sobre carvalhos, oliveiras e outras árvores (HENRIQUES, 1889b: 203; SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 29; SÉRGIO & al., 2009: 41), disseminado, por vezes como planta epífita, sobre árvores e arbustos (II.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XLVI. CRYPHAEACEAE [1 sp.]

1. Cryphaea D. Mohr

1. Cryphaea heteromala (Hedwig) D. Mohr

= *Neckera heteromala* Hedwig [basion.]

= *Fontinalis heteromalla* (Hedwig) Brotero

Phascum repens Withering

Sphagnum arboreum L.

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Crifeia, crifeia das árvores, crifeia dos ramos, fasco, esfagno das árvores, esfagno dos ramos, musgo das árvores, musgo dos ramos, neckera, neckera das árvores, neckera dos ramos.

Musgo espontâneo, disseminado, sobretudo como epífita, sobre árvores e arbustos: “*Hab.* ad truncos arborum (...) circa Conimbricam, et alibi in Beira” (BROTERO, 1804b: 417; SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 39-40; SÉRGIO & al., 2009: 42), frequente no Jardim Botânico (II.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XLVII. DICRANACEAE [1 sp.]

1. Dicranoweisia Lindberg ex Milde

1. Dicranoweisia cirrata (Hedwig) Lindberg ex Milde

= *Weissia cirrata* Hedwig [basion.]

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Dicranowéisia, musgo alfinetado, musgo dos alfinetes, weíssia.

Musgo espontâneo, distribuído por todas as províncias portuguesas (SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 44), bastante vulgar em Portugal, que vive quase exclusivamente sobre troncos, apresentando “preferência por árvores isoladas de áreas urbanizadas como praças e jardins públicos, mas em ambientes bastante húmidos e expostos” (SÉRGIO & al., 2009: 44), disseminado no jardim e na mata (II.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XLVIII. DITRICHACEAE [1 sp.]

1. Pleuridium Rabenhorst

1. Pleuridium acuminatum Lindberg

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Pleurídio, pleurídio acuminado.

Musgo espontâneo, distribuído por todas as províncias portuguesas (SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 92-93), disseminado no jardim e na mata (II.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

XLIX. FISSIDENTACEAE [1 sp.]

1. Fissidens Hedwig

1. Fissidens sp.

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Fissídens, musgo fissidente.

Musgo espontâneo, disseminado (II.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

L. FUNARIACEAE [1 sp.]

1. Funaria Hedwig

1. Funaria hygrometrica Hedwig

Mnium hygrometricum L.

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Funária, funária higrométrica.

Musgo espontâneo, comum em Portugal e também em Coimbra (BROTERO, 1804b: 405; MACHADO GUIMARÃES, 1930: 212-213; SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 64), disseminado no Jardim e na Mata (II.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

LI. GRIMMIACEAE [2 sp.]

1. Grimmia Hedwig

1. Grimmia orbicularis Bruch ex Wilson

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Grímia, grímia orbicular.

Musgo espontâneo murícola, referido por vários autores para a Beira Litoral e para Coimbra, sobre os muros (HENRIQUES, 1889b: 198; SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 67), disseminado em muros (II.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim.

2. Grimmia pulvinata (Hedwig) Smith

= *Bryum pulvinatum* Hedwig

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Grímia, grímia pulvinada.

Musgo espontâneo murícola e saxícola, referido por vários autores para a Beira Litoral (SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 67-68), considerado vulgar em todo o país e uma das espécies mais comuns da Europa, de habitat variável e considerável variabilidade intra-específica (MACHADO GUIMARÃES, 1930: 189), disseminado em muros (II.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim.

LII. HYPNACEAE [1 sp.]

1. Hypnum Hedwig

1. Hypnum andoi A.J.E. Smith

Hypnum cupressiforme Hedwig var. *mammillatum* Bridel

= *Hypnum mammillatum* (Bridel) Loeske

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Hipno.

Musgo espontâneo, distribuído por todas as províncias portuguesas (SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 74-75), de carácter nitidamente atlântico (SÉRGIO & al., 2009: 51), disseminado como epífito, sobre árvores e arbustos (II.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

LIII. LEPTODONTACEAE [1 sp.]

1. Leptodon D. Mohr

1. Leptodon smithii (Hedwig) F. Weber & D. Mohr

= *Hypnum smithii* Hedwig [basion.]

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Hipno, hipno de Smith, léptodon, léptodon de Smith, musgo de Smith, musgo encaracolado, musgo penado dos caracóis.

Musgo espontâneo, com ampla distribuição mundial mas em áreas restritas (SÉRGIO & al., 2009: 53), disseminado como epífito, comum sobre árvores e arbustos (II.2010, Observ.!); A. Moller já o encontrou em “Coimbra, no Jardim Botanico e na Baleia”, na segunda metade do século XIX (HENRIQUES, 1889b: 209); também foi encontrado em Coimbra, na Estrada da Beira, por I. Newton (MACHADO GUIMARÃES, 1932: 200) e em diversas outras províncias portuguesas (SÉRGIO & CARVALHO, 2009: 78-79).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

LIV. LEUCODONTACEAE [2 sp.]

1. Antitrichia Bridel

1. Antitrichia curtispindula (Hedwig) Bridel

= *Neckera curtispindula* Hedwig [basion.]

Antitrichia formosana Nog.

Antitrichia kilimandsharica Brotherus

Antitrichia pristoides Glow.

Hypnum montanum Lamarck ex Bridel

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Antitríquia, hipno, hipno das montanhas, hipno dos montes, hipno montano, musgo dos anzóis, neckera.

Musgo espontâneo, de tendência sub-oceânica (SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 19; SÉRGIO & al., 2009: 38), disseminado como epífito, sobre árvores e arbustos (II.2010, Observ.!); nas vizinhanças de Coimbra, já fôra encontrado por A. Moller (HENRIQUES, 1889b: 210; MACHADO GUIMARÃES, 1918: 95; MACHADO GUIMARÃES, 1932: 196-197).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. Leucodon Schwägrichen

1. Leucodon sciuiroides (Hedwig) Schwägrichen

= *Fissidens sciuiroides* Hedwig [basion.]

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Lêucodon, lêucodon ciuróide, lêucodon de esquilo, musgo rabo-de-esquilo, musgo rabo-de-gato grande.

Musgo espontâneo, muito comum em Portugal e na Beira Litoral, sempre com elevadas coberturas, sobretudo em árvores adultas (SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 80; SÉRGIO & al., 2009: 54), disseminado como epífito, sobre árvores e arbustos (II.2010, Observ.!); em Coimbra, já fôra encontrado por A. Moller no Penedo da Saudade (HENRIQUES, 1889b: 210; MACHADO GUIMARÃES, 1918: 93; MACHADO GUIMARÃES, 1932: 195-196).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

LV. NECKERACEAE [1 sp.]

1. Neckera Hedwig

1. Neckera complanata (Hedwig) Huebener

= *Leskea complanata* Hedwig [basion.]

= *Aleniella complanata* (Hedwig) S. Olsson, Enroth & D. Quandt

= *Homalia complanata* (Hedwig) De Notaris

= *Hypnum complanatum* (Hedwig) With.

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Aleniela, aleniela aplanada, aleniela plana, hipno, homália, homália aplanada, homália plana, léskea, léskea aplanada, léskea comum, léskea plana, neckera, neckera aplanada, neckera comum, neckera plana, nequera, nequera aplanada, nequera comum, nequera plana.

Musgo espontâneo, bastante vulgar em Portugal, sobretudo em bosques de influência atlântica, por exemplo sobre diversas espécies de carvalhos: *Quercus faginea* Lamarck, *Quercus pyrenaica* Willdenow e *Quercus robur* L. (SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 82; SÉRGIO & al., 2009: 54), disseminado como epífito, sobre árvores e arbustos (II.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

LVI. ORTHOTRICHACEAE [4 sp.]

1. Orthotrichum Hedwig

1. Orthotrichum diaphanum Bridel

Briófito. Origem: Nativa.

Musgo espontâneo, é um dos musgos mais comuns sobre as árvores das cidades da Região Mediterrânica e uma das espécies deste género mais comuns em Portugal (SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 84; SÉRGIO & al., 2009: 58), disseminado como epífito, sobre árvores e arbustos (II.2010, Observ.!).

Alguns nomes comuns possíveis: Musgo capucho, musgo capuchinho, musgo capuz, musgo capuz diáfano, musgo de capuz, musgo de capuz diáfano, musgo encapuçado, ortótrico, ortótrico diáfano, ortótrico translúcido, ortótrico transparente.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. Orthotrichum striatum Hedwig

Bryum striatum L. [nom. subst.]

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Musgo capucho, musgo capuchinho, musgo capuz, musgo capuz estriado, musgo de capuz, musgo de capuz estriado, musgo encapuçado, ortótrico, ortótrico estriado.

Musgo espontâneo, que ocorre quase sempre sobre as árvores, de Norte a Sul do País: “*Hab. in arboribus, saxis, sylvaticis, in Provinciis borealibus*” (BROTERO, 1804b: 412; SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 86-87; SÉRGIO & al., 2009: 61), disseminado como epífito, sobre árvores e arbustos (II.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

3. Orthotrichum tenellum Bridel

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Musgo capucho, musgo capuchinho, musgo capuz, musgo capuz vulgar, musgo de capuz, musgo de capuz vulgar, musgo encapuçado, ortótrico.

Musgo espontâneo, é uma das espécies epífitas mais frequentes em Portugal, sendo bastante tolerante em relação à poluição atmosférica (SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 87; SÉRGIO & al., 2009: 61), disseminado como epífito, sobre árvores e arbustos (II.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. Zygodon Hooker & Taylor

1. Zygodon rupestris Schimper

Zygodon baumgartneri Malta

Zygodon vulgaris Nyholm

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Zígodon, zígodon baumgartneriano, zígodon das pedras, zígodon das rochas, zígodon de Baumgartner, zígodon rupestre, zígodon rupícola, zígodon saxícola, zígodon vulgar.

Musgo espontâneo, com preferências arborícolas, encontrando-se bastante bem distribuído por Portugal (SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 87; SÉRGIO & al., 2009: 72), disseminado como epífito, sobre árvores e arbustos (II.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

LVII. POTTIACEAE [8 sp.]

1. Didymodon Hedwig

1. Didymodon tophaceus (Bridel) Lisa

= *Trichostomum tophaceum* Bridel [basion.]

Dactylhymenium pringlei Cardot

= *Barbula pringlei* (Cardot) Hilpert

= *Husnotiella pringlei* (Cardot) Grout

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Bárbula, bárbula de Pringle, bárbula pringleana, dactiliménio, dactiliménio de Pringle, dactiliménio pringleano, didímodon, husnotiella, husnotiella de Pringle, husnotiella pringleana, tricóstomo.

Musgo espontâneo, disseminado em Coimbra e no Jardim Botânico, na Mata ou Cerca de São Bento (HENRIQUES, 1889b: 195; MACHADO GUIMARÃES, 1928; SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 48).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

2. Gymnostomum Nees & Hornschuch

1. Gymnostomum calcareum Nees & Hornschuch

= *Eucladium calcareum* (Nees & Hornschuch) C.E.O. Jensen

= *Hymenostylium calcareum* (Nees & Hornschuch) Mitten

= *Mollia calcarea* (Nees & Hornschuch) Lindberg

= *Trichostomum calcareum* (Nees & Hornschuch) Lindberg

= *Weissia calcarea* (Nees & Hornschuch) Müller Hal.

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Eucládio, eucládio calcário, gimnóstomo, gimnóstomo calcário, himenostílio, himenostílio calcário, mória, mória calcária, tricóstomo, tricóstomo calcário, weíssia, weíssia calcária.

Musgo espontâneo e comum, disseminado em quase todas as províncias portuguesas e em Coimbra, onde os seus diásporos vagueiam na atmosfera; costuma encontrar-se no cimento calcário-argiloso dos muros (MACHADO GUIMARÃES, 1928: 43; LEITÃO & al., 1996b: 32; SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 68-69).

Distribuição/localização no Jardim: Nos muros calcários do Jardim e da Mata.

3. Microbryum Schimper

= *Phascum* Hedwig sect. *Microbryum* (Schimper) Podpera

= *Phascum* Hedwig subgen. *Microbryum* (Schimper) Limpricht

Phascum Hedwig subg. *Pottiella* Limpricht

= *Phascum* Hedwig sect. *Pottiella* (Limpricht) Paris

= *Pottia* (Reichenbach) Fűrnröh sect. *Pottiella* (Limpricht) Nyholm

= *Pottia* (Reichenbach) Fűrnröh subgen. *Pottiella* (Limpricht) Brotherus

1. Microbryum starckeanum (Hedwig) R.H. Zander

= *Weissia starckeanum* Hedwig [basion.]

= *Pottia starckeanum* (Hedwig) Müller Hal.

Pottia arizonica Wareham

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Micróbrio, micróbrio de Starcke, micróbrio starckeano, micromusgo, micromusgo de Starcke, micromusgo starckeano, minimusgo, minimusgo de Starcke, minimusgo starckeano, musguinho, musguinho de Starcke, musguinho starckeano, musgo pequeno, musgo pequeno de Starcke, musgo pequeno starckeano, musgo pequeninho, musgo pequenino, starckeano, pótia, pótia americana, pótia arizónica, pótia de Starcke, pótia do Arizona, pótia starckeanum, weíssia, weíssia de Starcke, weíssia starckeanum.

Musgo espontâneo, terrícola, que se pode encontrar sobre a terra argilo-calcária, nos campos, arrelvados e à beira dos caminhos; surge disseminado no Jardim Botânico ou Cerca de São Bento (HENRIQUES, 1889b: 195; MACHADO GUIMARÃES, 1928: 210; SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 100); de acordo com ZANDER (2007a) e ROS & al. (2008: 283-284), este pequeno musgo deve incluir-se no género *Microbryum* Schimper.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

4. **Pottia** (Reichenbach) Fűrroh

= *Gymnostomum* Nees & Hornschuch sect. *Pottia* Reichenbach [basion.]

= *Tortula* Hedwig subgen. *Pottia* (Reichenbach) Lindberg

1. **Pottia intermedia** (Turner) Fűrroh

= *Gymnostomum intermedium* Turner [basion.]

Tortula modica R.H. Zander

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Pótia, pótia intermédia, tórtula.

Musgo espontâneo, distribuído por várias províncias portuguesas, incluindo a Beira Litoral (Sérgio & Carvalho, 2003: 99), disseminado como epífita, sobre árvores e arbustos (II.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

5. **Timmiella** (De Notaris) Limpricht

= *Trichostomum* sect. *Timmiella* De Notaris [basion.]

1. **Timmiella barbuloidea** (Bridel) Mönkemeyer

= *Trichostomum barbuloidea* Bridel [basion.]

= *Tortula barbuloidea* (Bridel) Mitten

Barbula cirrhata Hornschuch

Timmiella barbula Limpricht

Tortula lusitanica Bridel

= *Barbula lusitanica* (Bridel) Kindberg

Trichostomum barbula Schwägrichen

Trichostomum barbuloidea Bridel

= *Tortula barbuloidea* (Bridel) Mitten

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Bárbula, bárbula de Portugal, bárbula lusitana, bárbula lusitânica, bárbula portuguesa, timiela, timiela barbulóide, tórtula, tórtula barbulóide, tórtula de Portugal, tórtula lusitana, tórtula lusitânica, tórtula portuguesa, tricóstomo, tricóstomo barbulóide.

Musgo espontâneo, “Frequente sobretudo na região mediterrânica, espalhado também em toda a zona litoral do País; mais raro no interior” (MACHADO GUIMARÃES, 1928: 176-177; SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 123-124), disseminado sobre muros de natureza calcária (III.2010, Observ.!). é uma espécie comum em diferentes comunidades, especialmente de rochas calcárias (C. GARCIA in Facebook, VI.2014); foi herborizado por A. Moller junto ao Jardim Botânico, em II.1892: “Coimbra: Sant'Anna [nos muros]” (MARIZ, 1892c: 188) e encontrada também noutros locais da cidade de Coimbra (MACHADO GUIMARÃES, l.c.).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim, sobre muros calcários.

6. **Tortula** Hedwig

1. **Tortula cuneifolia** (Dickson) Turner

= *Bryum cuneifolium* Dickson [basion.]

= *Barbula cuneifolia* (Dickson) F. Weber & D. Mohr

= *Syntrichia cuneifolia* (Dickson) Delogne

Barbula concava Schimper

Barbula dicksoniana Schultz

= *Desmatodon cuneifolium* (Dickson) Juratzka

= *Tortula dicksoniana* (Schultz) Podpera

Barbula mutica Bridel

Tortula cuneifolia (Dickson) Turner var. *marginata* M. Fleischer

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Bárbula, bárbula côncava, bárbula de Dickson, bárbula mútica, bárbula não aristada, bárbula não mucronada, brio, bríum, desmatódon, sintríquia, tórtula, tórtula de Dickson, tórtula marginada.

Musgo espontâneo, de distribuição Euro-Mediterrânica (FREY & al., 2006: 219), presente na Beira Litoral e em várias outras províncias portuguesas (SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 126), sobretudo como planta murícola, disseminado sobre muros de natureza calcária (III.2010, Observ.!). foi encontrado em Coimbra por A. Moller: “no Penedo da Saudade e na estrada de Cellas” (HENRIQUES, 1889b: 196; MACHADO GUIMARÃES, 1928: 218).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim, sobre muros calcários.

2. *Tortula muralis* Hedwig

= *Barbula muralis* (Hedwig) Crome
 = *Desmatodon muralis* (Hedwig) Juratzka
Bryum murale L. [Syn. subst.]
 Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Bárbula, bárbula de muro, bárbula dos muros, bárbula de pelo, bárbula mural, bárbula murícola, bríum, bríum de muro, bríum dos muros, bríum de pelo, bríum mural, bríum murícola, bríum fino, bríum rupestre, bríum rupícola, desmatódon, desmatódon dos muros, desmatódon mural, desmatódon murícola, musgo de muro, musgo dos muros, musgo mural, musgo murícola, musgo rupestre, musgo rupícola, musgo torto, sintríquia, sintríquia de muro, sintríquia dos muros, sintríquia de pelo, sintríquia mural, sintríquia murícola, tórtula, tórtula de muro, tórtula dos muros, tórtula mural, tórtula rupestre, tórtula rupícola.

Musgo espontâneo, bastante polimorfo, de distribuição cosmopolita (MACHADO GUIMARÃES, 1928: 220-221), sobretudo murícola, muito comum (II.2010, IV.2014, Observ.!), já referido de Portugal por vários autores: “*Hab. in saxis, muris, tectis (...) frequens*” (BROTHERO, 1804b: 409); “*Hab. — Nos muros, paredes e pedras, vulgaríssimo em todo o País*” (MACHADO GUIMARÃES, *l.c.*), e especificamente para Coimbra, onde A. Moller o encontrou, na segunda metade do século XIX (HENRIQUES, 1889b: 196).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

7. *Syntrichia* Bridel

1. *Syntrichia laevipila* Bridel

= *Barbula laevipila* (Bridel) Garov.
 = *Syntrichia ruralis* var. *laevipila* (Bridel) Sprengel
 = *Tortula laevipila* (Bridel) Schwägrichen
 = *Tortula ruralis* var. *laevipila* (Bridel) Hooker & Greville
Barbula laevipila (Bridel) Garov. var. *meridionalis* Schimper
 = *Syntrichia laevipila* Bridel var. *meridionalis* (Schimper) Jur.
 = *Tortula laevipila* (Bridel) Schwägrichen var. *meridionalis* (Schimper) Wijk & Margad.
Barbula pagorum Milde
 = *Barbula alpina* var. *pagorum* (Milde) Kindberg
 = *Barbula laevipila* (Bridel) Garov. var. *pagorum* (Milde) Husnot, nom. illeg.
 = *Syntrichia laevipila* Bridel var. *pagorum* (Milde) Mönkemeyer, nom. illeg.
 = *Syntrichia pagorum* (Milde) J.J. Amann
 = *Tortula pagorum* (Milde) De Notaris
Tortula laevipila (Bridel) Schwägrichen var. *marginata* Lindberg
 = *Barbula laevipila* (Bridel) Garov. var. *marginata* (Lindberg) Baroni
Tortula laevipila (Bridel) Schwägrichen var. *notarisii* Barkman
Tortula laevipila (Bridel) Schwägrichen var. *propagulifera* Lindberg
 = *Syntrichia laevipila* Bridel var. *propagulifera* (Lindberg) Juratzka
 = *Tortula alpina* var. *propagulifera* (Lindberg) E.B. Bartram
Tortula laevipila (Bridel) Schwägrichen var. *wachterii* Barkman
Tortula laevipilaeformis De Notaris
 = *Barbula laevipila* (Bridel) Garov. var. *laevipilaeformis* (De Notaris) Husnot, nom. illeg.
 = *Syntrichia laevipila* Bridel var. *laevipilaeformis* (De Notaris) J.J. Amann, nom. illeg.
 = *Syntrichia laevipilaeformis* (De Notaris) Cardot
 = *Tortula laevipila* (Bridel) Schwägrichen subsp. *laevipilaeformis* (De Notaris) Giacom.
 = *Tortula laevipila* (Bridel) Schwägrichen var. *laevipilaeformis* (De Notaris) Limpricht, nom. illeg.
Tortula pilosa Venturi
Tortula propagulata Lazarenko
Tortula saccardoana De Notaris
 = *Barbula saccardoana* (De Notaris) Barkman
 = *Tortula laevipila* (Bridel) Schwägrichen var. *saccardoana* (De Notaris) Barkman
 (GALLEGO & al., 2004: 224-227)
 Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Bárbula, bárbula austral, bárbula do sul, bárbula hirsuta, bárbula levipila, bárbula meridional, bárbula pilosa, bárbula vilosa, musgo aparafusado, musgo aparafusado hirsuto, musgo aparafusado piloso, musgo aparafusado viloso, musgo emparafusado, musgo em parafuso, musgo entortado, musgo parafusado, musgo parafuso, musgo parafuso de pelo, musgo torto, sintríquia, sintríquia austral, sintríquia aveludada, sintríquia do sul, sintríquia hirsuta, sintríquia levipila, sintríquia meridional,

sintríquia pilosa, sintríquia vilosa, tórtula, tórtula austral, tórtula aveludada, tórtula de Saccardo, tórtula de Wachter, tórtula do sul, tórtula levipila, tórtula meridional, tórtula notarísia, tórtula notarisiana, tórtula pilosa, tórtula sacardana, tórtula sacardiana, tórtula sacardina, tórtula sacardoana, tórtula vilosa, tórtula wachteriana, tórtula wachterina.

Musgo de vasta distribuição mundial: Eurásia, Norte de África, América do Norte, Austrália, espontâneo e frequente em Portugal, em todas as províncias (HENRIQUES, 1889b; MACHADO GUIMARÃES, 1928: 223-224; SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 120-121; GALLEG0 & al., 2004: 227-229), disseminado, sobretudo epífito, sobre árvores e arbustos (II.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

LVIII. SEMATOPHYLLACEAE [1 sp.]

1. *Sematophyllum* Mitten

1. *Sematophyllum substrumulosum* (Hampe) E. Britton

= *Hypnum substrumulosum* Hampe [basion.]

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Hipno, musgo de orelha, musgo de orelhas, musgo orelhado, musgo orelhudo, musgorelha, sematofilo.

Musgo espontâneo, distribuído por várias províncias portuguesas, incluindo a Beira Litoral, de onde foi citado por diversos autores (SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 115-116), sendo bastante comum em Portugal, “de Norte a Sul, mas sempre em áreas com alguma influência atlântica” (SÉRGIO & al., 2009: 67); disseminado como epífito, sobre árvores e arbustos (II.2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

LIX. THUIDIACEAE [1 sp.]

1. *Thuidium* Schimper

1. *Thuidium tamariscinum* (Hedwig) Schimper

= *Hypnum tamariscinum* Hedwig [basion.]

= *Leskea tamariscina* (Hedwig) Mitten

= *Pterygophyllum tamariscinum* (Hedwig) Bridel

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Hipno, hipno tamariscino, léskea, léskea tamariscina, musgo feto, musgo tamariscino, pterigófilo, pterigófilo tamariscino, tuídio, tuídio tamariscino.

Musgo espontâneo, disseminado sobretudo como epífito, sobre árvores e arbustos (II.2010, Observ.!), comum em várias províncias portuguesas, incluindo a Beira Litoral (SÉRGIO & CARVALHO, 2003: 123) e Coimbra, onde o encontraram *J. Henriques* e *A. Moller* (HENRIQUES, 1889b: 212).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim; Mata.

CLASSE SPHAGNOPSIDA

LX. SPHAGNACEAE [1 sp.]

1. *Sphagnum* L.

1. *Sphagnum* sp.

Briófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Esfagno, musgo das turfeiras, sfagno.

Musgo talvez nativo, próprio de turfeiras e outros locais encharcados, frequentemente utilizado para acompanhar diversas orquídeas, assim como algumas plantas insectívoras, no interior das estufas (2010, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, Estufa das Reproduções.

DIVISÃO LYCOPODIOPHYTA

[= Subclasse **LYCOPODIIDAE** Beketov]²²³

CLASSE LYCOPODIOPSIDA

LXI. SELAGINELLACEAE [5 sp.]

1. *Selaginella* P. Beauvois²²⁴

1. *Selaginella biformis* A. Brown ex Kuhn

Caméfito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Selaginela.

Endemismo da Ásia tropical; Planta ornamental herbácea perene exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas (TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Selaginella denticulata* (L.) Spring

= *Lycopodium denticulatum* L. [basion.]

Caméfito. Planta espontânea.

Alguns nomes comuns possíveis: Licopódio, selaginela, selaginela denticulada.

Endemismo das regiões Mediterrânica e Macaronésica (JURY, 2002a: 59); Planta ornamental herbácea perene, espontânea e comum em Portugal, sobretudo no Centro e Sul, em locais como arrelvados, fendas de rochas e taludes temporariamente húmidos e sombrios (TISON & al., 2013: 124; PORTO & al., 2014e).

Distribuição/localização no Jardim: Mata, nos taludes areníticos (II.2010; I.2013, Observ.!).

3. *Selaginella kraussiana* (G. Kunze) A. Braun

= *Lycopodium kraussianum* G. Kunze [basion.]

Selaginella azorica Baker

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Licopódio, selaginela.

Endemismo sul-africano; Planta ornamental herbácea perene, por vezes cultivada e subespontânea em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical e parte II, subtropical e Estufa Fria (TAVARES & ALVES, 2002); Estufa Fria e também subespontânea na Mata (ALMEIDA, 2005b; II.2010, Observ.!).

4. *Selaginella plumosa* (L.) K. Presl

= *Lycopodium plumosum* L. [basion.]

Caméfito. Origem: Caraíbas.

Alguns nomes comuns possíveis: Licopódio, selaginela, selaginela plumosa.

Endemismo das Caraíbas; Planta ornamental herbácea perene, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Viveiros, em vasos (II.2011, Observ.!). Estufa Grande, parte II, subtropical (II.2013, Observ.!).

5. *Selaginella revoluta* Baker

Lycopodioides revoluta Kuntze

Selaginella demissa H. Christ

Selaginella platybasis Baker

Caméfito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Licopódio, licopodioídes, selaginela, selaginela plumosa.

Endemismo sul-americano; Planta ornamental herbácea perene, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Corredor atrás da Estufa Grande, em vasos (II.2011, Observ.!).

²²³ De acordo com CHASE & REVEAL (2009: 123) e CHRISTENHUSZ & al. (2011: 9).

²²⁴ Único género da família *Selaginellaceae* (CHRISTENHUSZ & al., 2011: 9).

DIVISÃO PTERIDOPHYTA

CLASSE EQUISETOPSIDA

[= Subclasse **EQUISETIDAE** Warming]²²⁵

LXII. EQUISETACEAE [2 sp.]

1. Equisetum L.²²⁶

1. Equisetum arvense L.

Equisetum boreale Bongard

= *Equisetum arvense* L. subsp. *boreale* (Bongard) Á. Löve

Equisetum calderi B. Boivin

Equisetum saxicola Suksdorf

Geófito. Origem: Nativa.

Endemismo holoártico: eurasiático, norte-africano e norte-americano, das zonas temperadas e frias do Hemisfério Norte (PRADA, 1986a: 27-28; CHRISTENHUSZ & VON RAAB-STRAUB, 2013); Planta ornamental e medicinal (PRADA, l.c.) herbácea perene rizomatosa, espontânea em Portugal, sobretudo no Centro e Sul, muito raramente cultivada entre nós e talvez actualmente extinta no Jardim.

Alguns nomes comuns possíveis: Cauda asinina, cauda asnar, cauda cavalar, cauda cavalinha, cauda das pedras, cauda de asno, cauda de burro, cauda de cavalo, cauda de cavalo grande, cauda de cavalo maior, cauda de cavalo máxima, cauda de égua, cauda de gato, cauda de lagartixa, cauda de lagarto, cauda de mula, cauda de raposa, cauda de rata, cauda de ratazana, cauda de rato, cauda de zorra, cauda felina, cauda lagarta, cauda lagartixa, cauda muar, cavalina, cavalinha, cavalinha campestre, cavalinha das pedras, cavalinha dos campos, cavalinha rupícola, cavalinha saxícola, equiseto, equiseto arvense, equiseto boreal, equiseto campestre, equiseto das pedras, equiseto maior, equiseto máximo, equiseto do norte, equiseto dos campos, equiseto dos gatos, equiseto felino, equiseto saxícola, erva cavalina, erva cavalinha, erva cavalinha campestre, erva cavalinha dos campos, erva cavalinha dos gatos, erva de cavalo, erva de escova, erva de gato, erva dos cavalos, erva dos cem nós, erva dos gatos, erva escova, erva nodosa, escova, escova boreal, escova campestre, escova cavalinha, escova das pedras, escova de burro, escova de cavalo, escova de gato, escova de raposa, escova de zorra, escova dos campos, escova dos gatos, escova felina, escova saxícola, escovão, escovão cavalinho, escovão das pedras, escovão felino, escovão rupícola, escovão saxícola, escovilha, escovilha de raposa, escovilha de zorra, escovilhão, escovilhão cavalar, escovilhão de cavalo, escovilhão de raposa, escovilhão de zorra, escovilhão, escovinha, escovinha boreal, escovinha cavalar, escovinha cavalina, escovinha de raposa, escovinha de zorra, escovinha felina, escovona, escovona cavalar, escovona cavalinha, escovona cavalina, escovona das pedras.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ALMEIDA & al., 2003; MATOS, 2014).

2. Equisetum telmateia Ehrhart

Equisetum fluviale auct.

Equisetum maximum auct.

Geófito. Origem: Nativa.

Endemismo holoártico: eurasiático, macaronésico, norte-africano e norte-americano, das zonas temperadas e frias do Hemisfério Norte (PRADA, 1986a: 27; JURY, 2002b: 60; GRIN; CHRISTENHUSZ & VON RAAB-STRAUB, 2013); Planta ornamental e medicinal herbácea perene rizomatosa, espontânea em Portugal, sobretudo no Centro e Sul, com preferência por substratos argiloso-calcários (PRADA, 1986a: 27).

Alguns nomes comuns possíveis: Cavalinha, cavalinha dos rios, cavalinha fluvial, cavalinha maior, cavalinha máxima, equiseto, equiseto dos rios, equiseto fluvial, equiseto maior, equiseto máximo, erva cavalinha, erva cavalinha dos rios, erva cavalinha fluvial, erva cavalinha maior, erva cavalinha máxima, erva telmateia, erva telmateia dos rios, erva telmateia fluvial, erva telmateia maior, erva telmateia máxima, telmateia, telmateia dos rios, telmateia fluvial, telmateia maior, telmateia máxima.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ALMEIDA & al., 2003).

²²⁵ De acordo com CHASE & REVEAL (2009: 123) e CHRISTENHUSZ & al. (2011: 9).

²²⁶ Único género da família *Equisetaceae* (CHRISTENHUSZ & al., 2011: 9).

CLASSE POLYPODIOPSIDA

[= Subclasse **POLYPODIIDAE** Cronquist, Takhtajan & Zimmermann]²²⁷

LXIII. ANEMIACEAE [1 sp.]

1. Anemia Swartz

1. Anemia phyllitidis (L.) Swartz

= *Osmunda phyllitidis* L. [basion.]

= *Anemidictyon phyllitidis* (L.) J. Smith

Anemia fraxinifolia Raddi

Anemia haenkei C. Presl

Hemicriptófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Anemia, anemidíction, osmunda.

Único género considerado actualmente nesta família, de acordo com CHRISTENHUSZ & al. (2011: 11).

Endemismo americano; Feto ornamental exótico, raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002).

LXIV. ASPLENIACEAE [12 sp.]

1. Asplenium L.

[Syn.: *Camptosorus* Link, *Ceterach* Willdenow, *Diellia* Brackenridge,

Phyllitis Hill, *Loxoscaphe* T. Moore, *Phyllitopsis* Reichstein]²²⁸

1. Asplenium adiantum-nigrum L.

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Adianto negro, asplénio.

Feto ornamental, espontâneo e pouco comum em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Mata, pr. da Casa dos Narcisos (A.C. MATOS, com. pess.; III.2011, Observ.!).

2. Asplenium aethiopicum (Burmans f.) Bech subsp. braithwaitii Ormonde

Hemicriptófito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Asplénio, asplénio de Braithwait.

Endemismo da África tropical; Feto ornamental exótico, raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002).

3. Asplenium bulbiferum G. Forster

= *Asplenium marinum* L. var. *bulbiferum* (G. Forster) F. Mueller

= *Chamaefilix bulbifera* (G. Forster) Farwell

Hemicriptófito. Origem: Nova Zelândia.

Alguns nomes comuns possíveis: Asplénio, asplénio bulbífero, camefílix.

Endemismo neozelandês; Feto ornamental herbáceo perene exótico, raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002).

4. Asplenium brasiliense Swartz

= *Antigramma brasiliense* (Swartz) T. Moore

= *Phyllitis brasiliense* (Swartz) Kuntze

= *Scolopendrium brasiliense* (Swartz) Kunze

Hemicriptófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Antigrama, antigrama brasileiro, antigrama do Brasil, asplénio brasileiro, asplénio do Brasil, escolopêndrio, escolopêndrio brasileiro, escolopêndrio do Brasil, filítis, filítis brasileiro, filítis do Brasil.

²²⁷ De acordo com CHASE & REVEAL (2009: 123) e CHRISTENHUSZ & al. (2011: 10).

²²⁸ De acordo com CHRISTENHUSZ & al. (2011: 15).

Endemismo sul-americano (do Brasil); Feto ornamental herbáceo perene exótico, raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada e Estufa Fria (TAVARES & ALVES, 2002).

5. *Asplenium ceterach* L.

Ceterach officinarum Willdenow subsp. *officinarum*

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Asplénio, céterac, doiradilha, doiradinha, douradilha, douradinha.

Endemismo eurasiático e mediterrânico (PAGE & BENNEL, 1986c: 46; ORMONDE, 1986c: 109); Espécie de distribuição mediterrânica (PICI-SERMOLLI & al., 1988: 197); Feto ornamental e medicinal (GONZÁLEZ & al, 2010: 346), herbáceo perene, espontâneo e comum em Portugal, em quase todo o País, onde ocorre em rochas e muros em sítios secos (FRANCO & ROCHA AFONSO in FRANCO, 1971: 25); este feto é particularmente tolerante em relação à dessecação (PROCTOR & TUBA, 2002).

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002); Mata, junto à Casa dos Narcisos, espontâneo num muro (II.2010; I.2013, Observ.!).

6. *Asplenium hemionitis* L.

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Asplénio, feto de folha de hera, feto palmado, hemionítis.

Endemismo da Europa ocidental (onde apenas se encontra em Portugal), do Norte de África e das ilhas atlânticas da Macaronésia (PAGE & BENNEL, 1986b: 45; HUXLEY & al., 1999a: 262), que se pode encontrar em todas as ilhas do Arquipélago dos Açores (JORGE & al., 2011: 31); Feto ornamental, espontâneo e extremamente raro em Portugal continental, onde se encontrou apenas na Serra de Sintra e em Mafra (ORMONDE, 1986a: 92), considerado como espécie estritamente protegida pela Convenção relativa à Conservação da vida selvagem e dos *habitats* naturais (DIRECTORATE OF CULTURE AND CULTURAL AND NATURAL HERITAGE, 2002: 2); o exemplar do Jardim, proveniente da Estremadura: Cabo da Roca (VI.2012) foi oferecido pelo Prof. Dr Jorge Paiva (A.C. MATOS, comunicação pessoal).

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002; VI.2012, II.2013, Observ.!).

7. *Asplenium nidus* L. var. *nidus*

= *Neottopteris nidus* (L.) Smith

= *Thamnopteris nidus* (L.) C. Presl

Hemicriptófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Asplénio, asplénio-ninho, neotoptéris, ninho, tamnoptéris.

Endemismo da Ásia tropical; Feto ornamental exótico, por vezes cultivado em Portugal, sobretudo como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002; X.2009, II.2013, Observ.!).

8. *Asplenium obovatum* Viviani subsp. *billotii* (F.W. Schultz) O. Bolòs, Vigo, Masalles & Ninot

= *Asplenium billotii* F. W. Schultz [basion.]

= *Asplenium obovatum* Viviani var *billotii* (F.W. Schultz) Becherer

Asplenium cuneatum F.W. Schultz, nom. illeg.

Asplenium lanceolatum Hudson, nom. illeg., non Forsskål

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Asplénio, asplénio de Billot, asplénio lanceolado, fêtilho, fêtilhos, fentilho.

Feto ornamental, espontâneo e comum em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002); Disseminada sobretudo na Mata (II.2010, Observ.!).

9. *Asplenium onopteris* L.

= *Asplenium adiantum-nigrum* L. subsp. *onopteris* (L.) Heufler

Asplenium adiantum-nigrum sensu Sampaio (1909 e 1947) p. max. p., non L. (1753)

Asplenium adiantum-nigrum L. var. *acutum* (Bory) Pollini

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Asplénio, onoptéris.

Espécie submediterrânica (PICI-SERMOLLI & al., 1988: 198); Feto ornamental, espontâneo e comum em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Disseminada sobretudo na Mata (II.2010, V.2013, Observ.!).

10. **Asplenium scolopendrium** L. subsp. **scolopendrium**

= *Phyllitis scolopendrium* (L.) Newm.

Scolopendrium vulgare Smith

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Asplénio, escolopêndrio, filítis, língua de veado, scolopêndrio.

Espécie mediterrânica (PICI-SERMOLLI & al., 1988: 197); Feto ornamental, espontâneo e raro em Portugal (pode encontrar-se no Norte, em locais húmidos e sombrios).

Distribuição/localização no Jardim: Junto ao tanque da Mata (II.2010, Observ.!, I.2013, Observ.!), cultivado na Escola Médica (ALMEIDA & al., 2003).

11. **Asplenium trichomanes** L. subsp. **quadrivalens** D.E. Meyer

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Asplénio, ave-cão, avencão.

Espécie de ampla distribuição (PICI-SERMOLLI & al., 1988: 197); Feto ornamental, espontâneo e comum em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Disseminada no Jardim e sobretudo na Mata, em sítios frescos (II.2010, IV.2011, Observ.!).

12. **Asplenium viviparum** (L. f.) C. Presl var. **viviparum**

= *Acrostichum viviparum* L. f. [basion.]

Caenopteris vivipara Bergius

Hemicriptófito. Origem: Ilhas do Oceano Índico.

Alguns nomes comuns possíveis: Acróstico, asplénio, asplénio vivíparo, cenoptéris.

Endemismo exclusivo de algumas ilhas do Oceano Índico (Mascarenhas, Maurício, Reunião); Feto ornamental exótico, raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002); atrás da Estufa (II.2011, Observ.!).

LXV. ATHYRIACEAE [1 sp.]

1. **Diplazium** Swartz²²⁹

1. **Diplazium caudatum** (Cavanilles) Jermy

= *Tectaria caudata* Cavanilles [basion.]

Hemicriptófito. Origem: Macaronésia.

Alguns nomes comuns possíveis: Diplázio, tectária.

Endemismo ibero-macaronésico, na Península Ibérica exclusivo das Serras de Algeciras (SALVO & OTERMIN, 1986: 127); Planta ornamental vivaz, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002).

²²⁹ O género *Diplazium* Swartz foi incluído na família *Athyriaceae* por CHRISTENHUSZ & al. (2011: 16).

LXVI. BLECHNACEAE [8 sp.]

[Syn.: *Stenochlaenaceae*]²³⁰

1. Blechnum L.

[Incluindo *Doodia* R. Brown]²³¹

1. Blechnum brasiliense Desvaux

Hemicriptófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Blecno, blecno brasileiro, blecno brasílico, blecno brasiliense, blecno do Brasil, blecno sul-americano.

Endemismo centro e sul-americano, predominantemente tropical, distribuído da Guatemala ao Brasil, Bolívia, Paraguai, Uruguai e Argentina (PIETROBOM & CARNEIRO LEÃO BARROS, 2001: 57), por vezes cultivado como planta ornamental (SHEPHERD & al., 2007: 70); Feto ornamental exótico, raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002; A.C. MATOS, comunicação pessoal; FICHEIRO DOS COLECTORES DE SEMENTES; TAVARES, 2011).

2. Blechnum caudatum Cavanilles

= *Doodia caudata* (Cavanilles) R. Brown

Woodwardia caudata Cavanilles (?)

Hemicriptófito. Origem: Oceânia.

Alguns nomes comuns possíveis: Blecno, dódia, dúdia, dúdia caudada, uduárdia, uduárdia caudada.

Endemismo da Região Oceânica (Austrália, Nova Caledónia e Nova Zelândia); Feto ornamental exótico, raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002; INDEX SEMINUM 2011, 2012).

3. Blechnum dives (Kunze) Christenhuz

= *Doodia dives* Kunze [basion.]

Hemicriptófito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Blecno, dódia, dúdia.

Endemismo da Ásia tropical; Feto ornamental exótico, raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002).

4. Blechnum medium (R. Brown) Christenhuz

= *Doodia media* R. Brown [basion.]

= *Woodwardia media* (R. Brown) T. Moore

Hemicriptófito. Origem: Austrália.

Alguns nomes comuns possíveis: Blecno, dódia, dúdia, pukupuku, uduárdia.

Endemismo australiano; Feto ornamental exótico, raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002).

5. Blechnum neohollandicum Christenhuz

Doodia aspera R. Brown

Hemicriptófito. Origem: Austrália.

Alguns nomes comuns possíveis: Blecno, blecno áspero, blecno austral, blecno australiano, blecno da Nova Holanda, dódia, dódia austral, dódia australiana, dódia da Nova Holanda, dúdia, dúdia áspera, dúdia austral, dúdia australiana, dúdia da Nova Holanda.

Endemismo australiano e neozelandês (SHEPHERD & al., 2007: 70); Feto ornamental exótico, raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande.

²³⁰ De acordo com CHRISTENHUSZ & al. (2011: 16).

²³¹ De acordo com CHRISTENHUSZ & al. (2011) e SHEPHERD & al. (2007).

6. **Blechnum spicant** (L.) Roth

= *Osmunda spicant* L. [basion.]

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Blecno, blecno comum, blecno vulgar.

Espécie de distribuição holoártica ou circumboreal, que terá penetrado na Região Mediterrânica graças às glaciações (PICI-SERMOLLI & al., 1988: 199; SHEPHERD & al., 2007: 70), espontânea e frequente em Portugal, sobretudo no Norte e Centro, em sítios frescos e sombrios, com ocorrência de água, o que convém a um feto de carácter higrófilo como este (DUARTE & ALVES, 1989: 18).

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande (A.C. MATOS, comunicação pessoal; II.2013, Observ.!).

2. **Woodwardia** Smith

1. **Woodwardia radicans** (L.) Smith

= *Blechnum radicans* L. [basion.]

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Blecno, feto de botão, feto do botão, uduárdia.

Endemismo da Europa ocidental e mediterrânica e das ilhas atlânticas da Macaronésia, exceptuando Cabo Verde (PAGE & BENNELL, 1986c: 65; ORMONDE, 1986b: 153-154; HUXLEY & al., 1999d: 717; Shepherd & al., 2007: 40); Feto ornamental, espontâneo e raro em Portugal, onde pode encontrar-se nalgumas montanhas do Norte, em bosques e matagais mesotróficos, quer caducifólios, quer laurifólios, em áreas pouco elevadas (HONRADO, 2003: 127), sobretudo em ravinas frescas até uma altitude de 700 m (ICN, 2006b); considerado como espécie estritamente protegida pela Convenção relativa à Conservação da vida selvagem e dos habitats naturais (DIRECTORATE OF CULTURE AND CULTURAL AND NATURAL HERITAGE, 2002: 2).

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002; INDEX SEMINUM 2011).

2. **Woodwardia virginica** (L.) Smith

= *Blechnum virginicum* L. [basion.]

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Anchístea, anchisteia, blecno, blecno da Virgínia, blecno virginiano, blecno virgínico, uduárdia, uduárdia da Virgínia, uduárdia virginiana, uduárdia virgínica.

Endemismo norte-americano (dos Estados Unidos e do Canadá); Feto ornamental exótico, raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002; Index Seminum 2011)

LXVII. CIBOTIACEAE [1 sp.]

1. **Cibotium** Kaulf

1. **Cibotium glaucum** (Smith) Hooker & Arn.

= *Dicksonia glauca* Smith [basion.]

Fanerófito. Origem: Hawaii.

Alguns nomes comuns possíveis: Cibótio, dicksónia, feto arbóreo.

Único género considerado actualmente nesta família, de acordo com CHRISTENHUSZ & al. (2011: 12). Endemismo havaiano; Feto arbóreo ornamental, raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada e Estufa Fria (TAVARES & ALVES, 2002; TAVARES, 2011).

LXVIII. CYATHEACEAE [1 sp.]

[Syn.: *Alsophilaceae*, *Hymenophyllopsidaceae*]²³²

1. Sphaeropteris Bernh.

1. Sphaeropteris cooperi (Hooker ex F. Mueller) R.M. Tryon

= *Alsophila cooperi* Hooker ex F. Mueller [basion.]

= *Alsophila excelsa* R. Brown var. *cooperi* (Hooker ex F. Mueller) Domin

= *Cyathea brownii* Domin var. *cooperi* (Hooker ex F. Mueller) Domin

= *Cyathea cooperi* (Hooker ex F. Mueller) Domin

Fanerófito. Origem: Austrália.

Alguns nomes comuns possíveis: Alsófila, alsofila, ciátea, esferoptéris, sferoptéris.

Endemismo australiano; Feto arbóreo ornamental exótico, muito raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada, Estufa Fria e Recanto Tropical (TAVARES & ALVES, 2002; TAVARES, 2011).

LXIX. DAVALLIACEAE [1 sp.]

1. Davallia Smith

1. Davallia canariensis (L.) Smith

= *Trichomanes canariensis* L. [basion.]

Epífito ou hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Davália, tricomanes.

Endemismo da Europa ocidental e da Macaronésia: arquipélagos das Canárias e da Madeira (PAIVA, 1986a: 149); Feto ornamental epífito rizomatoso espontâneo e pouco comum em Portugal, onde se encontra sobretudo concentrado no Minho (ARAÚJO & al., 2014am).

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002).

LXX. DENNSTAEDTIACEAE [4 sp.]

[Syn.: *Hypolepidaceae*, *Pteridiaceae*]²³³

1. Dennstaedtia Bernhardt

1. Dennstaedtia bipinnata (Cavanilles) Maxon

Dicksonia bipinnata Cavanilles [basion.]

Dicksonia adianthoides Humboldt & Bonpland ex Willdenow

= *Dennstaedtia adianthoides* (Humboldt & Bonpland ex Willdenow) T. Moore

Polypodium bacciferum Poiret

Hemicriptófito. Origem: América tropical e Caraíbas.

Alguns nomes comuns possíveis: Denstédtia, denstédtia bipinada, dicksónia, dicksónia bipinada, polipódio, polipódio baccífero.

Endemismo americano, da América tropical e das Índias Ocidentais; Feto ornamental exótico, raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002).

2. Microlepia C. Presl

1. Microlepia platyphylla (D. Don) Smith

= *Davallia platyphylla* D. Don [basion.]

Humata grandissima Hayata

Hemicriptófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Davália, humata, humata grande, microlépia.

Endemismo da Ásia tropical; Feto ornamental exótico, raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada e Estufa Fria (TAVARES & ALVES, 2002; TAVARES, 2011)

²³² De acordo com CHRISTENHUSZ & al. (2011: 12).

²³³ De acordo com CHRISTENHUSZ & al. (2011: 13).

2. **Microlepia strigosa** (Thunberg) C. Presl

= *Trichomanes strigosum* Thunberg [basion.]

= *Davallia strigosa* (Thunberg) Kunze

= *Dennstaedtia strigosa* (Thunberg) J. Smith

Microlepia hirta (Kaulfuss) C. Presl

Microlepia setosa (Smith) Alston

Dicksonia kaulfussiana Gaudichaud-Beaupré

Hemicriptófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Davália, denstédtia, dicksónia, dicksónia de Kaulfuss, microlépia, microlépia sedosa, palai, palapalai, tricomanes.

Endemismo da Ásia tropical e ilhas do Oceano Pacífico; Feto ornamental exótico, raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande (TAVARES & ALVES, 2002; XI.2010, Observ.!)

3. **Pteridium** Gleditsch ex Scopoli

1. **Pteridium aquilinum** (L.) Kuhn subsp. **aquilinum**

= *Pteris aquilina* L. [basion.]

= *Cincinalis aquilina* (L.) Gleditsch

= *Eupteris aquilina* (L.) Newman

Hemicriptófito. Origem: Espontâneo em Portugal, de distribuição cosmopolita.

Alguns nomes comuns possíveis: Cincinális, euptéris, fentos, feto comum, feto dos montes, feto monteiro, feto morangueiro, feto sardineiro, feto vulgar, feitos, ptéris aquilina, pterídio, pterídio aquilino, pterídium. Uma das plantas mais comuns em todo o Mundo, de distribuição cosmopolita, forma clones que podem viver pelo menos até aos 1400 anos, ocupando em 1990 entre 1,2 a 2,7 % da área da Grã-Bretanha (MABBERLEY, 2008: 714), vulgar em Portugal (SAMPAIO, 1931: 43; PEREIRA, 1932: 131; ARAÚJO & al., 2014an), também usada como combustível (GONZÁLEZ & al., 2013: 184), e para fazer as "camas" do gado.

Distribuição/localização no Jardim: Disseminada no Jardim e na Mata, sendo um dos constituintes naturais das matas de *Quercus faginea* subsp. *Broteroi* e outras espécies de carvalhos e suas orlas próprias de Coimbra e das regiões vizinhas (VIII.2010, Observ.!).

LXXI. DICKSONIACEAE [2 sp.]

[Syn.: *Lophosoriaceae*]²³⁴

1. **Dicksonia** L'Héritier

1. **Dicksonia antarctica** Labillardière

Fanerófito. Origem: Austrália e Tasmânia.

Alguns nomes comuns possíveis: Dicksónia, feto arbóreo, feto arbóreo da Austrália, feto arbóreo da Tasmânia.

Endemismo da Austrália e da Tasmânia; Feto arbóreo ornamental, raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (2009, Observ.!); Estufa Fria (TAVARES & ALVES, 2002).

2. **Dicksonia sellowiana** Hooker

Fanerófito. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Dicksónia, dicksónia de Sellow, feto arbóreo, feto arbóreo de Sellow.

Endemismo americano; Feto arbóreo ornamental, raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada e Estufa Fria (TAVARES & ALVES, 2002; TAVARES, 2011; 2009, Observ.!).

²³⁴ De acordo com CHRISTENHUSZ & al. (2011: 12).

LXXII. DRYOPTERIDACEAE [4 sp.]

[Syn.: *Aspidiaceae*, *Bolbitidaceae*, *Elaphoglossaceae*,
Filicaceae, *Peranemataceae*]²³⁵

1. Dryopteris Adanson

1. Dryopteris atrata (Wallich ex Kunze) Ching

= *Aspidium atratum* Wallich ex Kunze [basion.]

= *Nephrodium atratum* (Wallich ex Kunze) Handel-Mazzetti

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Aspídio, drioptéris, nefródio.

Endemismo da Ásia oriental: China e Índia (IPNI); Planta ornamental vivaz, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002).

2. Polystichum Roth

1. Polystichum falcatum (L. f.) Diels

= *Polypodium falcatum* L. fil. [basion.]

= *Aspidium falcatum* (L. fil.) Swartz

= *Cyrtomium falcatum* (L. f.) C. Presl

= *Dryopteris falcata* (L. fil.) Kuntze

= *Phanerolebia falcata* (L. fil.) Copeland

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Aspídio, cirtómio, drioptéris, fanerolébia, polístico.

Endemismo da Ásia oriental; Planta ornamental vivaz, comumente cultivada em Portugal, subespontânea nas Ilhas dos Açores (FRANCO & ROCHA AFONSO in FRANCO, 1971: 28).

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002); Cultivado e também já subespontâneo no Recanto Tropical/Terraço das Palmeiras, na Estufa Fria e na Estufa Grande (VII.2010, IV.2011, II.2013, Observ.!).

3. Polystichum fortunei (J. Smith) Nakai

= *Cyrtomium fortunei* J. Smith [basion.]

= *Aspidium falcatum* (L. fil.) Swartz var. *fortunei* (J. Smith) Makino

= *Polystichum falcatum* (L. f.) Diels var. *fortunei* (J. Smith) Matsum.

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Aspídio, cirtómio, polístico.

Endemismo da Ásia oriental; Planta ornamental vivaz, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada e Estufa Fria (TAVARES & ALVES, 2002).

4. Polystichum setiferum (Forsskål) Woyнар

= *Polypodium setiferum* Forsskål, [basion.]

Aspidium aculeatum auct.

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Aspídio, polístico.

Planta ornamental vivaz, espontânea e comum em Portugal, sobretudo no Norte e Centro (ARAÚJO & al., 2014a), em sítios frescos e húmidos.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (TAVARES & ALVES, 2002; ALMEIDA & al., 2003; TAVARES & al., 2009).

²³⁵ De acordo com CHRISTENHUSZ & al. (2011: 17).

LXXIII. LYGODIACEAE [2 sp.]

1. *Lygodium* Swartz

1. *Lygodium japonicum* (Thunberg ex Murray) Swartz

= *Ophioglossum japonicum* Thunberg ex Murray [basion.]

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Feto trepador do Japão, feto trepador japonês, kani-kusa, ligódio, ligódio do Japão, ligódio japonês, ligódio japonico, ligódio nipónico, ofioglossa, ofioglossa do Japão, ofioglossa japonês, ofioglossa japonico, ofioglossa nipónico, tsuru-shinobu.

Único género considerado actualmente nesta família, de acordo com CHRISTENHUSZ & al. (2011: 11). Endemismo eurasiático; Planta ornamental vivaz exótica trepadeira, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Viveiros (REGISTO DAS SEMENTEIRAS, livro n.º 21, 1928).

2. *Lygodium microphyllum* (Cavanilles) R. Brown

= *Ugena microphylla* Cavanilles [basion.]

Lygodium scandens auct.

Hemicriptófito. Origem: Regiões Tropicais.

Alguns nomes comuns possíveis: Ligódio, ligódio de folhas pequenas, ligódio escandente, ligódio microfilo, ligódio parvifólio, ugena, ugena de folhas pequenas, ugena microfila, ugena parvifolia.

Planta ornamental vivaz exótica trepadeira, muito raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas (TAVARES & ALVES, 2002).

LXXIV. NEPHROLEPIDACEAE [2 sp.]

1. *Nephrolepis* Schott

1. *Nephrolepis cordifolia* (L.) C. Presl

= *Polypodium cordifolium* L. [basion.]

= *Aspidium cordifolium* (L.) Swartz

Aspidium tuberosum Bory ex Willdenow

= *Nephrodium tuberosum* (Bory ex Willdenow) Desvaux

= *Nephrolepis exaltata* (L.) Schott var. *tuberosa* (Bory ex Willdenow) Kuntze

= *Nephrolepis cordifolia* (L.) C. Presl var. *tuberosa* (Bory ex Willdenow) Baker

Hemicriptófito. Origem: Regiões Tropicais.

Alguns nomes comuns possíveis: Aspídio, aspídio tuberoso, hipopélitis, nefródio, nefródio tuberoso, nefrolépis, nefrolépis tuberoso, polipódio, polipódio tuberoso.

Único género considerado actualmente nesta família, de acordo com CHRISTENHUSZ & al. (2011: 17); Planta ornamental vivaz, provida de numerosos tubérculos, comumente cultivada em estufas e como planta de exterior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Fria (VII.2010, Observ.!).

2. *Nephrolepis exaltata* (L.) Schott

= *Polypodium exaltatum* L. [basion.]

= *Aspidium exaltatum* (L.) Schkuhr

= *Hypopeltis exaltata* (L.) Bory

= *Nephrodium exaltatum* (L.) Kunth

Hemicriptófito. Origem: Regiões Tropicais.

Alguns nomes comuns possíveis: Aspídio, hipopélitis, nefródio, nefrolépis, polipódio

Planta ornamental vivaz, comumente cultivada em estufas e como planta de exterior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III (TAVARES & ALVES, 2002; II.2010, Observ.!). Estufa Fria (TAVARES & ALVES, 2002; XII.2011, Observ.!).

LXXV. OSMUNDACEAE [1 sp.]

1. Osmunda L.

1. Osmunda regalis L.

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Feto real, osmunda, osmunda real.

Espécie de ampla distribuição, subcosmopolita (PICI-SERMOLLI & al., 1988: 197; JURY, 2002c: 61); Planta ornamental vivaz, espontânea e comum em Portugal, em locais frescos e húmidos, sobretudo na metade ocidental (mais litoral) do Norte e Centro (ARAÚJO & al., 2014e).

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ALMEIDA & al., 2003); Recanto Tropical, num tanque (TAVARES & ALVES, 2002; VIII.2010, IV.2011, Observ.!).

LXXVI. POLYPODIACEAE [9 sp.]

[Syn.: *Drynariaceae*, *Grammitidaceae*, *Gymnogrammitidaceae*,
Loxogrammaceae, *Platyneriaceae*, *Pleurisoriopsidaceae*]²³⁶

1. Microsorium Link

1. Microsorium punctatum (L.) Copeland

= *Acrostichum punctatum* L. [basion.]

Hemicriptófito. Origem: Regiões Tropicais.

Alguns nomes comuns possíveis: Acróstico, microssoro.

Planta ornamental vivaz, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III (TAVARES & ALVES, 2002; II.2010, Observ.!).

2. Phlebodium (R. Brown) J. Smith

= *Polypodium* L. Sect. *Phlebodium* R. Brown [basion.]

1. Phlebodium areolatum (Humboldt & Bonpland ex Willdenow) J. Smith

= *Polypodium areolatum* Humboldt & Bonpland ex Willdenow [basion.]

= *Phlebodium aureum* (L.) Smith var. *areolatum* (Humboldt & Bonpland ex Willdenow) Baker

Polypodium araneosum M. Martens & Galeotti

= *Chrysopteris araneosa* (M. Martens & Galeotti) Fée

= *Drynaria araneosa* (M. Martens & Galeotti) Fée

= *Phlebodium araneosum* (M. Martens & Galeotti) Mickel & Beitel

Polypodium fulvum M. Martens & Galeotti

Polypodium glaucinum M. Martens & Galeotti

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Crisoptéris, drinária, flebódio, pleopélis, polipódio areolado, polipódio dourado, polipódio fulvo, polipódio glaucino, samambaia.

Endemismo norte-americano (do México); Feto ornamental exótico, raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III (TAVARES & ALVES, 2002).

2. Phlebodium aureum (L.) Smith

= *Polypodium aureum* L. [basion.]

= *Chrysopteris aurea* (L.) Link

= *Pleopeltis aurea* (L.) C. Presl

Polypodium leucatomos Poir.

Hemicriptófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Calaguala, crisoptéris, flebódio, pleopélis, polipódio dourado, samambaia.

Endemismo americano; Planta ornamental vivaz, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (INDEX SEMINUM, 1991, 1992-2012).

²³⁶ De acordo com CHRISTENHUSZ & al. (2011: 18).

3. *Platynerium* Desvaux

1. *Platynerium bifurcatum* (Cavanilles) C. Christensen

= *Acrostichum bifurcatum* Cavanilles [basion.]

= *Alcicornium bifurcatum* (Cavanilles) Underwood

Platynerium bifurcatum (Cavanilles) C. Christensen var. *quadridichotomum* Bonaparte

Epífita ou geófito. Origem: Austrália.

Alguns nomes comuns possíveis: Acróstico, alcicórnio, platicerio.

Endemismo australiano; Planta epífita ornamental vivaz rizomatosa epífita, por vezes cultivada em estufas.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte 1, tropical (TAVARES & ALVES, 2002; X.2010, II.2013, Observ.!).

4. *Polypodium* L.

1. *Polypodium azoricum* (Vasconcellos) R. Fernandes

= *Polypodium vulgare* L. subsp. *azoricum* Vasconcellos [basion.]

Geófito ou caméfito. Origem: Açores.

Alguns nomes comuns possíveis: Polipódio, polipódio açoriano, polipódio açórico, polipódio dos Açores.

Endemismo do Arquipélago dos Açores, onde se encontra presente em todas as ilhas (SILVA, 2008); Planta ornamental vivaz, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III (TAVARES & ALVES, 2002); Planta epífita, outrora cultivada para estudo no Jardim Botânico.

2. *Polypodium cambricum* L. subsp. *cambricum*

Polypodium australe Fée

= *Polypodium cambricum* L. subsp. *australe* (Fée) Greuter & Burdet

Polypodium vulgare L. subsp. *serrulatum* Arcangeli

= *Polypodium cambricum* L. subsp. *serrulatum* (Arcangeli) Picchi-Sermolli

Polypodium vulgare auct., non L.

Geófito ou caméfito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Polipódio, polipódio austral, polipódio câmbrico, polipódio de Câmbría, polipódio de Cambridge, polipódio do Sul.

Planta ornamental epífita subarborescente, espontânea e comum em Portugal, em todas as províncias (MUÑOZ GARMENDIA, 1986: 41; ARAÚJO & al., 2014b); também se encontrou no Jardim Botânico: Cerca de São Bento (QUEIRÓS, 1997: 74).

Distribuição/localização no Jardim: Planta epífita espontânea muito comum sobre diversas árvores: tílias por ex.; Escola Médica (TAVARES & ALVES, 2002; ALMEIDA & al., 2003; TAVARES & al., 2009; 2010, Observ.!, MATOS, 2014) e também no Jardim e na Mata.

3. *Polypodium interjectum* Shivas

Geófito ou caméfito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Polipódio.

Planta ornamental epífita subarborescente, espontânea comum em Portugal, sobretudo no Norte e Centro, a altitudes habitualmente entre os 80 e os 500 metros (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1982: 257-259; ARAÚJO & al., 2014c).

Distribuição/localização no Jardim: Planta epífita muito comum sobre diversas árvores: tílias por ex.; Quadrado Central (XII.2010, Observ.!) e também na Mata.

5. *Pyrrosia* Mirbel

1. *Pyrrosia lingua* (Thunberg) Farwell

= *Acrostichum lingua* Thunberg [basion.]

= *Niphobolus lingua* (Thunberg) Sprengel

= *Polycampium lingua* (Thunberg) C. Presl

= *Polypodium lingua* (Thunberg) Swartz

Polypodium taiwanense H. Christ

= *Cyclophorus taiwanense* (H. Christ) C. Christensen

Hemicriptófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Acróstico, língua, nifóbolo, pirrósia, policâmpio.

Planta ornamental vivaz, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (Tavares & Alves, 2002; XI.2010, Observ.!).

2. *Pyrrosia rhodesiana* (C. Christensen) Schelpe

= *Cyclophorus rhodesianus* C. Christensen [basion.]

Hemicriptófito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Ciclóforo, ciclóforo da Rodésia, ciclóforo rodesiano, língua, pirrósia, pirrósia da Rodésia, pirrósia rodesiana.

Planta ornamental vivaz, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande (A.C. MATOS, com. pess.; FICHEIRO DOS COLECTORES DE SEMENTES).

LXXVII. PTERIDACEAE

[Syn.: *Acrostichaceae*, *Actiniopteridaceae*, *Adiantaceae*,

Anopteridaceae, *Antrophyaceae*, *Ceratopteridaceae*,

Cheilanthesaceae, *Cryptogrammaceae*, *Hemionitidaceae*,

Negripteridaceae, *Parkeriaceae*, *Platyzomataceae*,

Sinopteridaceae, *Taenitidaceae*, *Vittariaceae*]²³⁷

1. *Adiantum* L.

1. *Adiantum capillus-veneris* L.

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Adianto, avenca, cabelo de Vénus, cabelo venéreo.

Planta ornamental e medicinal (LAUNERT, 1989: 14; CLAUDINO & al., 2001: 34) vivaz, das zonas subtropicais e temperadas quentes (PAGE & BENNELL, 1986a: 21-22), espontânea e comum em Portugal, sobretudo no Centro e Sul (PORTO & al., 2014d), em locais frescos e húmidos.

Distribuição/localização no Jardim: Espontânea e comum em muros frescos e sombrios, no Jardim e na Mata (II.2010, II.2013, Observ.!).

2. *Adiantum hispidulum* Swartz

Hemicriptófito. Origem: Regiões Tropicais.

Alguns nomes comuns possíveis: Adianto, adianto tropical, avenca, avenca tropical.

Planta ornamental vivaz, de vasta distribuição tropical (PAGE & BENNELL, 1986a: 21), raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande (INDEX SEMINUM, 1991-1999; TAVARES & ALVES, 2002; XI.2010, Observ.!).

²³⁷ De acordo com CHRISTENHUSZ & al. (2011: 14).

2. *Anogramma* Link

1. *Anogramma leptophylla* (L.) Link

= *Polypodium leptophyllum* L. [basion.]
 = *Gymnogramma leptophylla* (L.) Desvaux
 Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Anograma, gimnograma, polipódio anual.

Espécie de ampla distribuição (PICI-SERMOLLI & al., 1988: 197). Planta ornamental herbácea anual, espontânea e comum em Portugal (Araújo & al., 2014a), em locais frescos.

Distribuição/localização no Jardim: Pode encontrar-se em muros e taludes frescos, na Mata (raro).

3. *Cosentinia* Todaro

1. *Cosentinia vellea* (Aiton) Todaro

= *Acrostichum velleum* Aiton [basion.]
 = *Cheilanthes vellea* (Aiton) F. Mueller
 = *Notholaena vellea* (Aiton) Desvaux

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Acróstico, cosentínia, cossentínia, feto seco, notolena, queilantes.

Endemismo da Região mediterrânica ocidental (MABBERLEY, 2008: 222); Planta ornamental herbácea perene, espontânea e rara em Portugal (PORTO & al., 2014p), em locais secos (proveniente do concelho de Freixo de Espada-à-Cinta, TM, V.2010); esta espécie é particularmente tolerante em relação à dessecação (cf. PROCTOR & TUBA, 2002).

Distribuição/localização no Jardim: Viveiros (XI.2011, Observ.!)

4. *Onychium* Kaulfuss

1. *Onychium japonicum* (Thunberg) Kunze

= *Trichomanes japonicum* Thunberg [basion.]
 = *Caenopteris japonica* (Thunberg) Thunberg
 = *Cryptogramma japonica* (Thunberg) Prantl

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Cenoptéris, criptograma, oníquio, tricomanes.

Endemismo eurasiático; Planta ornamental vivaz, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande (TAVARES & ALVES, 2002; XI.2010, Observ.!).

5. *Pellaea* Link

1. *Pellaea rotundifolia* (G. Forster) Hooker

= *Pteris rotundifolia* G. Forster [basion.]
 = *Allosorus rotundifolius* (G. Forster) Kunze
 = *Platyloma rotundifolia* (G. Forster) J. Smith

Hemicriptófito. Origem: Nova Zelândia.

Alguns nomes comuns possíveis: Alossoro, feto-botão, feto de botão, pélea, peleia, platiloma, ptéris.

Endemismo da Austrália, Nova Zelândia e outras ilhas próximas; Planta ornamental vivaz, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002; IV.2011, Observ.!).

2. *Pellaea viridis* (Forsskål) Prantl var. *viridis*

= *Pteris viridis* Forsskål [basion.]
 = *Adiantum viride* (Forsskål) Vahl
 = *Allosorus viridis* (Forsskål) Kuntze
 = *Cheilanthes viridis* (Forsskål) Swartz
 = *Pteridella viridis* (Forsskål) Kuhn

Hemicriptófito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Adianto, alossoro, pélea, peleia, pteridela, ptéris, queilantes.

Endemismo da África tropical; Planta ornamental vivaz, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002; V.2011, Observ.!).

6. **Pteris** L.

1. **Pteris cretica** L. var. **albolineata** Hooker

Hemicriptófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Ptéris, ptéris crética.

Planta ornamental vivaz, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada e Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002; INDEX SEMINUM 2002-2011; IV.2011, Observ.!).

2. **Pteris cretica** L. var. **cretica**

= *Picnodoria cretica* (L.) Small

Hemicriptófito. Origem: Subcosmopolita.

Alguns nomes comuns possíveis: Picnodória, picnodória crética, ptéris, ptéris crética.

Planta ornamental vivaz, de distribuição mundial muito vasta, raramente subespontânea em Espanha (NOGUEIRA, 1986: 59) e raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III e Estufa Fria (TAVARES & ALVES, 2002; INDEX SEMINUM 2002-2011; IV.2011, Observ.!).

3. **Pteris cretica** L. var. **wilsonii** Hort.

Hemicriptófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Ptéris, ptéris crética.

Planta ornamental vivaz, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas/Viveiros (INDEX SEMINUM 2002-2011; IV.2011, Observ.!).

4. **Pteris incompleta** Cavanilles

Pteris palustris Poiret

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Ptéris, ptéris incompleta, ptéris palustre.

Endemismo da Macaronésia e Região Mediterrânica ocidental, muito raro em Portugal e na Espanha (NOGUEIRA, 1986: 57-59); Planta ornamental vivaz, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas/Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002; INDEX SEMINUM 2002; 2001, Observ.!).

5. **Pteris longifolia** L.

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Ptéris, ptéris de folhas longas, ptéris longifólia, ptéris longuifólia.

Endemismo norte-americano; Planta ornamental vivaz, raramente cultivada em Portugal.

Estufa Grande, parte III, temperada e Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002; IV.2011, Observ.!).

6. **Pteris vittata** L.

Hemicriptófito. Origem: Subcosmopolita.

Alguns nomes comuns possíveis: Ptéris, ptéris vitata.

Planta ornamental vivaz, de distribuição mundial muito vasta (NOGUEIRA, 1986: 59), raramente cultivada e raramente subespontânea em Portugal (ALMEIDA, 2004: 63-64).

Distribuição/localização no Jardim: No muro superior da Jardineta 2 (ALMEIDA, *l.c.*; ALMEIDA, 2005b; II.2010, Observ.!).

LXXVIII. SALVINIACEAE [2 sp.]

[Syn.: *Azollaceae*]²³⁸

1. *Salvinia* Séguier

1. *Salvinia auriculata* Aublet

Salvinia hispida Kunth

Salvinia rotundifolia Willdenow

Hidrófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Carrapatinho, carrapatinho, feto de água, feto flutuante, feto de orelha, feto orelhudo, mururé, mururé de orelha, mururé orelhudo, orelha de onça, orelha de rata, orelha de ratazana, orelha de rato, samambaia aquática, samambaia de água, salvínia, salvínia auriculada, salvínia auricular, salvínia flutuante, salvínia nadante, salvínia orelhada, salvínia orelhuda.

Endemismo americano, da América tropical e subtropical, que possui propriedades bioindicadoras e fitorremediadoras (WOLFF & al., 2009: 133; WIKIPEDIA), raramente cultivado em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, planta aquática flutuante cultivada em tanques (QUEIRÓS, 1982: 56).

2. *Salvinia natans* (L.) Allioni

= *Marsilea natans* L. [basion.]

Hidrófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Feto de água, feto flutuante, marsílea, marsílea flutuante, marsílea nadante, salvínia, salvínia flutuante, salvínia nadante.

Endemismo sul-americano, muito raro na Península Ibérica, onde se encontra somente na província de Girona (PAIVA, 1986b: 159), considerado como espécie estritamente protegida pela Convenção relativa à Conservação da vida selvagem e dos habitats naturais (DIRECTORATE OF CULTURE AND CULTURAL AND NATURAL HERITAGE, 2002: 2); Planta ornamental aquática herbácea anual, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical, e parte II, subtropical, em tanques (TAVARES & ALVES, 2002; XI.2010, IV.2011, II.2013, Observ.!).

LXXIX. THELYPTERIDACEAE [2 sp.]

1. *Cyclosorus* Link

1. *Cyclosorus dentatus* (Forsskål) Ching

= *Polypodium dentatum* Forsskål [basion.]

= *Christella dentata* (Forsskål) Holttum

Hemicriptófito. Origem: Austrália.

Alguns nomes comuns possíveis: Ciclossoro, ciclossoro dentado, cristela, cristela dentada, polipódio dentado.

Endemismo australiano; Planta ornamental vivaz, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Fria (X.2010, IV.2011, II.2013, Observ.!).

2. *Cyclosorus parasiticus* (L.) Farwell

= *Polypodium parasiticum* L. [basion.]

= *Aspidium parasiticum* (L.) Swartz

= *Christella parasitica* (L.) Holttum

= *Dryopteris parasitica* (L.) Kuntze

= *Nephrodium parasiticum* (L.) Desvaux

= *Thelypteris parasitica* (L.) Fosberg

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Aspídio, aspídio parasítico, ciclossoro, ciclossoro parasítico, cristela, cristela parasita, cristela parasítica, drioptéris, drioptéris parasítica, polipódio parasítico.

Endemismo eurasiático; Planta ornamental vivaz, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002).

²³⁸ De acordo com CHRISTENHUSZ & al. (2011: 12).

CLASSE PSILOTOPSISIDA

[= Subclasse **PSILOTIDAE** Reveal]²³⁹

ou

[Subclasse **OPHIOGLOSSIDAE** Klinge]²⁴⁰

LXXX. PSILOTACEAE [1 sp.]

[Syn.: *Tmesipteridaceae*]²⁴¹

1. **Psilotum** Swartz

1. **Psilotum nudum** (L.) P. Beauvois

= *Lycopodium nudum* L. [basion.]

Psilotum triquetrum Swartz, nom. illeg.

Geófito rizomatoso. Origem: Regiões intertropicais (CASTROVIEJO, 1986: 31).

Alguns nomes comuns possíveis: Licopódio, licopódio nu, psiloto, psiloto nu, psilótum.

Género biespecífico (MABBERLEY, 2008: 712); Planta ornamental vivaz, oriunda das regiões de entre os trópicos (CASTROVIEJO, *l.c.*), raramente cultivada e muito raramente subespontânea em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002); Viveiros (IV.2010, Observ.!); Estufa Grande, parte II, subtropical, subespontânea em vasos! (XI.2010, IV.2011, Observ.!).

²³⁹ De acordo com CHASE & REVEAL (2009: 123).

²⁴⁰ De acordo com CHRISTENHUSZ & al. (2011: 10).

²⁴¹ De acordo com CHRISTENHUSZ & al. (2011: 10).

DIVISÃO CYCADOPHYTA

[= Subclasse **CYCADIIDAE** Pax]²⁴²

CLASSE CYCADOPSIDA

LXXXI. CYCADACEAE [3 sp.]

1. *Cycas* L.

1. *Cycas revoluta* Thunberg

Cycas miquelii Warburg

= *Epicycas miquelii* (Warburg) de Laubenfels

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Cicas, epicicas.

Endemismo da Ásia oriental: China, Japão (NELSON, 1986c: 70); Arbusto ornamental exótico, frequentemente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Quadrado Central, Recanto Tropical, Jardineta 3, Estufa Fria (TAVARES & ALVES, 2002; IV.2011, Observ.!).

2. *Cycas rumphii* Miquel

Cycas celebica Miquel

Cycas corsoniana G. Don, nom. inval.

Cycas rumphii Miquel var. *subinclusa* J. Schuster

Cycas speciosa D. Don

Zamia corsoniana G. Don

Fanerófito. Origem: Região Malesiana.

Alguns nomes comuns possíveis: Cicas, zâmia.

Endemismo da Ásia oriental: Região Malesiana; Arbusto ornamental exótico, raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte 1, tropical (TAVARES & ALVES, 2002).

3. *Cycas thouarsii* R. Brown

= *Cycas circinalis* L. subsp. *thouarsii* (R. Brown) Engler

Cycas madagascariensis Miquel

Cycas wendlandii Sander

Fanerófito. Origem: Madagáscar.

Alguns nomes comuns possíveis: Cicas, cicas de Madagáscar.

Endemismo de Madagáscar; Arbusto ornamental exótico, raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte 1, tropical (TAVARES, 2011: 45; XII.2011, Observ.!).

²⁴² De acordo com CHASE & REVEAL (2009: 123).

LXXXII. ZAMIACEAE [3 sp.]

1. Encephalartos Lehm.

1. Encephalartos horridus (Jacquin) Lehm.

= *Zamia horrida* Jacquin [basion.]

Encephalartos nanus Lehm.

Encephalartos van-hallii de Vriese

Zamia aurea Miquel, nom. inval.

Zamia gleina Miquel, nom. inval.

Zamia nana Miquel, nom. inval.

Zamia tricuspidata auct.

Fanerófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Encefalarto, encefalarto azul, encefalarto azulado, encefalarto espinhoso, zâmia, zâmia azul.

Endemismo sul-africano, da África do Sul: Província do Cabo (NELSON, 1986d: 71); Arbusto ornamental exótico, raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escolas de Sistemática, junto ao tanque redondo (IV.2011, Observ.!);

Recanto Tropical (TAVARES & ALVES, 2002).

2. Encephalartos villosus Lemaire

Fanerófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Encefalarto, encefalarto peludo, encefalarto piloso, encefalarto viloso.

Endemismo sul-africano; Arbusto ornamental exótico, raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Recanto Tropical (Tavares & Alves, 2002).

3. Encephalartos sp.

Fanerófito. Origem: Desconhecida.

Alguns nomes comuns possíveis: Encefalarto.

Arbusto ornamental exótico, raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Recanto Tropical/Terraço das Palmeiras.

DIVISÃO GINKGOPHYTA

[= Subclasse **GINKGOIDAE** Engler]²⁴³

CLASSE GINKGOOPSIDA

LXXXIII. GINKGOACEAE [1 sp.]

1. Ginkgo L.

1. *Ginkgo biloba* L.

= *Salisburia biloba* (L.) Hoffmannsegg

Salisburia adiantifolia Smith

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Árvore dos cabelos de Vénus, ginco, gingko, ginkgo, salisbúria.

Endemismo asiático, exclusivamente chinês, da província de Zhejiang (LEWIS, 1986b: 107); Árvore ornamental e medicinal exótica, de aroma considerado fétido (MATOS, 2014b: 1), e à qual alguns autores atribuem notáveis propriedades rejuvenescedoras (cf. FERNANDES, 1988: 27), por vezes cultivada em Portugal, em jardins e arruamentos, como árvore decorativa.

Distribuição/localização no Jardim: Quadrado junto à estátua de Brotero (TAVARES & ALVES, 2002; PAIVA, s/data; XI.2012, Observ.!); Terraço das Gimnospérmicas (XI.2012, Observ.!); Escola Médica (TAVARES & al., 2009; MATOS, 2014); Escolas de Sistemática "Garcia de Orta" (VI.2011, Observ.!).

²⁴³ De acordo com CHASE & REVEAL (2009: 123).

DIVISÃO GNETOPHYTA

[= Subclasse **GNETIDAE** Pax]²⁴⁴

CLASSE GNETOPSIDA

LXXXIV. EPHEDRACEAE [4 sp.]

1. *Ephedra* Tournefort ex L.

1. *Ephedra altissima* Desfontaines

= *Chaetoclados altissima* (Desfontaines) J. Nelson

Ephedra wettsteinii Buxbaum

Fanerófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Canadilho, cornicabra, éfedra, éfedra alta, éfedra altíssima, éfedra de Wettstein, gestrela, gestrela alta, gestrela altíssima, quetoclado, quetoclado altíssimo, quetoclado alto.

Endemismo das regiões Mediterrânica e Macaronésica: Norte de África e Ilhas Canárias, de floração predominantemente hiemal e primaveril ou vernal e frutificação predominantemente vernal e estival (MAIRE, 1952: 154-156; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Planta ornamental arbustiva exótica, muito raramente cultivada em Portugal; Planta ornamental arbustiva exótica dióica sarmentosa e trepadora, que sobe pelas árvores (MAIRE, *l.c.*), muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Ephedra distachya* L. subsp. *distachya*

= *Chaetoclados distachyos* (L.) J. Nelson

Ephedra distachya L. subvar. *linnaei* Stapf, des. inval.

Ephedra vulgaris L.C.M. Richard

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Agraz, agraz costeiro, agraz do litoral, agraz do mar, agraz litoral, agraz marinho, agraz marítimo, belcho, canadilho, cornicabra, cornicabra alentejana, cornicabra algarvia, cornicabra comum, cornicabra do Alentejo, cornicabra do Algarve, cornicabra do litoral, cornicabra do mar, cornicabra dos alentejanos, cornicabra dos algarvios, cornicabra litoral, cornicabra marinha, cornicabra marítima, cornicabra vulgar, éfedra, éfedra comum, éfedra de duas espigas, éfedra de Lineu, éfedra distáquia, éfedra do mar, éfedra lineana, éfedra marinha, éfedra marítima, éfedra vulgar, erva das articulações, erva das conjunturas, erva dura, erva giesta, erva giestal, erva giestosa, gestrela, giesta costeira, giesta do litoral, giesta do mar, giesta litoral, giesta marinha, giesta marítima, giesta negra, giesta negral, piorno, piorno do litoral, piorno do mar, piorno litoral, piorno marinho, quetoclado, quetoclado comum, quetoclado costeiro, quetoclado de duas espigas, quetoclado de Lineu, quetoclado distáquio, quetoclado do litoral, quetoclado lineano, quetoclado litoral, quetoclado marinho, quetoclado marítimo, quetoclado vulgar, retama, retama costeira, retama do litoral, retama do mar, retama litoral, retama marinha, retama marítima, trompeira, trompera, uva costeira, uva do mar, uva marinha, uva marítima, uvas costeiras, uvas do litoral, uvas do mar, uvas litorais, uvas marinhas, uvas marítimas.

Endemismo exclusivamente eurasiático, psamófito, próprio de areais costeiros, cerros gessosos e margosos e rochedos calcários, habitualmente a baixas altitudes (MARKGRAF, 1964: 40; FRANCO, 1986e: 193; MARKGRAF & al., 1993: 49; FU & al., 1999: 99; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010; CARUSO & al., 2012: 16); Planta ornamental arbustiva exótica, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escolas de Sistemática (TAVARES & ALVES, 2002; II.2008, Observ.!), Escola Médica (ALMEIDA & al., 2003).

3. *Ephedra fragilis* Desfontaines subsp. *fragilis*

Fanerófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Arbusto conjuntural, arbusto das cojunturas, arbusto das conjunturas, arbusto efedráceo, arbusto efedróide, arbusto frágil, arbusto giestal, arbusto giesteiro, arbusto giestoso, arbusto piornal, arbusto piorneiro, arbusto piorninho, arbusto piornoso, arbusto quebradiço, canadilho, cornicabra, cornicabra frágil, cornicabra quebradiça, éfedra, éfedra frágil, éfedra quebradiça, erva conjuntural, erva conjuntural, erva das cojunturas, erva das conjunturas, erva éfedra, erva efedrácea, erva

²⁴⁴ De acordo com CHASE & REVEAL (2009: 123).

efedróide, erva giesta, erva giestal, erva giesteira, erva giestosa, erva piorna, erva piornal, erva piorneira, erva piorninha, gestrela, gestrela frágil, gestrela quebradiça, piorna, piorneira, piorninha, piorno, piorno frágil, piorno quebradiço.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental: Europa e Norte de África e da Região Macaronésica: Ilhas Canárias (MARKGRAF, 1964: 40; FRANCO, 1986e: 193; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010; CARUSO & al., 2012: 16), podendo atingir a latitude de 56° N na Rússia oriental (MARKGRAF, 1964: 40; MARKGRAF & al., 1993: 49); Planta ornamental arbustiva erecta e flexuosa, de caules bastante quebradiços, de altura em geral não excedendo 5 metros; única efedrácea espontânea em Portugal, onde se encontra nos matos da zona litoral arenosa e rochosa (de natureza calcária ou gessosa, sobretudo), entre nós exclusivamente a sul de Sines (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1982: 317-319; FRANCO, 1986e: 193; SCHWARZER & al., 2014b).

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (TAVARES & al., 2009); Muro pr. Escola de Sistemática (VI.2010, Observ.!); Mata, à entrada (X.2010, Observ.!).

4. *Ephedra viridis* Coville

= *Ephedra nevadensis* S. Watson var. *viridis* (Coville) M.E. Jones

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Canadilho, chá dos mórmons, chá mormónico, cornicabra, cornicabra californiana, cornicabra da Califórnia, cornicabra da montanha, cornicabra montanhosa, cornicabra verde, éfedra, éfedra californiana, éfedra da Califórnia, éfedra da montanha, éfedra dos mórmons, éfedra montanhosa, éfedra mormónica, éfedra verde, gestrela, piorno, piorno quebradiço, piorno quebradiço verde, piorno verde, piorno verde californiano, piorno verde da Califórnia, piorno verde da montanha, piorno verde montanhês.

Endemismo norte-americano, dos Estados Unidos, presente em diversos estados: Arizona, Califórnia, Colorado, Nevada, Novo México, Oregon, Utah e Wyoming, a altitudes entre os 230 e os 3140 metros (ALBUQUERQUE, 2011; CALFLORA, 2014; GRIN; IPNI); Planta ornamental e medicinal (GRIN) arbustiva, de hábito efedróide, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (MATOS, 2014).

LXXXV. WELWITSCHIACEAE [1 sp.]

1. *Welwitschia* Hooker f.

[Syn.: *Tumboa* Welwitsch]

1. *Welwitschia mirabilis* Hooker f.

Tumboa bainesii Hooker f., nom. prov.

Tumboa strobilifera Welwitsch ex Hooker f., nom. nud. pro. syn.

Welwitschia bainesii Carrière, nom. prov.

Fanerófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Tumboa, tumboa de Baines, tumboa de Welwitsch, tumboa estrobilífera, velvítchia, velvítchia admirável, velvítchia de Baines.

Género monoespecífico e família monoespecífica; Endemismo sul-africano, exclusivo dos desertos e suas orlas do Sul de Angola e da Namíbia, de tronco sobretudo subterrâneo e grande longevidade (pensa-se que poderá viver milhares de anos, talvez mesmo mais de 5000), que se pode encontrar ao longo de uma faixa costeira de terra (de pouco mais de 30 km de largura) entre os rios Nicolau, a Norte, em Angola (latitude ca. 14° S) e Kuiseb, a Sul de Walvis Bay, na Namíbia (latitude ca. 24° S), e que constitui a única espécie da família *Welwitschiaceae* e do género *Welwitschia* (WALTERS & al., 1986: 107; STEYN & SMITH, 1999: 1-2; HUXLEY & al., 1999d: 705; MABBERLEY, 2008: 907); Arbusto ornamental achatado xerofítico exótico, de cultivo bastante difícil, muito raramente cultivado em Portugal, actualmente extinto no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Cultivada em estufas (Estufa das Reproduções), (c. 2006, Observ.!).

DIVISÃO PINOPHYTA

[= Subclasse **PINIDAE** Cronquist, Takhtajan & Zimmermann]²⁴⁵

CLASSE PINOPSIDA

LXXXVI. ARAUCARIACEAE [9 sp.]

1. **Agathis** Salisbury

1. **Agathis dammara** (Lambert) Richard & A. Richard

= *Pinus dammara* Lambert [basion.]

= *Abies dammara* (Lambert) Poiret

Agathis alba Jeffrey

Agathis hamii Meijer Drees

Agathis loranthifolia Salisbury

Agathis pinus-dammara Poiret, nom. illeg.

Dammara alba Rumphius ex Blume

Dammara alba Rumphius ex Hasskarl, nom. illeg.

Dammara alba Rumphius ex Hasskarl var. *celebica* Hasskarl

Dammara celebica Koord.

Dammara loranthifolia Link

Dammara orientalis Lambert

= *Agathis orientalis* (Lambert) Mottet

Dammara orientalis Lambert var. *alba* C. Knight

Dammara orientalis Lambert var. *pallens* Carrière

Dammara rumphii C. Presl, nom. illeg.

Fanerófito. Origem: Região Malesiana.

Alguns nomes comuns possíveis: Abeto, ágatis, damara, damara alva, damara branca, pinheiro damara, pinheiro das Celebes.

Endemismo da Região Malesiana: Malásia (HUXLEY & al. 1999a: 83); Árvore ornamental exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim (HENRIQUES, 1891: 133).

Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospérmicas? (HENRIQUES, 1891: 133).

2. **Agathis robusta** (C. Moore ex F. Mueller) F.M. Bailey

= *Dammara robusta* C. Moore ex F. Mueller [basion.]

Fanerófito. Origem: Austrália.

Alguns nomes comuns possíveis: Ágatis, damara.

Endemismo australiano, do estado de Queensland (HUXLEY & al. 1999a: 83); Árvore ornamental exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospérmicas, plantada em I.2011 (A.C. Matos, comunicação pessoal, I.2011).

2. **Araucaria** Jussieu

1. **Araucaria angustifolia** (Bertoloni) Kuntze

= *Columbea angustifolia* Bertoloni [basion.]

Araucaria brasiliensis A. Richard

Fanerófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Araucária, araucária brasileira, araucária do Brasil, colúmbea, pinheiro do Paraná.

Endemismo sul-americano, do Sul do Brasil e do Norte da Argentina (LOVETT & al., 1986a: 73; HUXLEY & al., 1999a: 216); Árvore ornamental exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospérmicas e Recanto Tropical (TAVARES & ALVES, 2002; IX.2010, Observ.!).

²⁴⁵ De acordo com CHASE & REVEAL (2009: 123).

2. ***Araucaria araucana*** (Molina) K. Koch

= *Pinus araucana* Molina

Araucaria imbricata Pavón

Fanerófito. Origem: América do Sul

Alguns nomes comuns possíveis: Araucária, araucária chilena, araucária do Chile, pinheiro chileno, pinheiro do Chile.

Endemismo sul-americano, da Argentina e do Chile (LOVETT & al., 1986a: 73; HUXLEY & al., 1999a: 216);

Árvore ornamental exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospérmicas (TAVARES & ALVES, 2002).

3. ***Araucaria bidwillii*** Hooker

Fanerófito. Origem: Austrália.

Alguns nomes comuns possíveis: Araucária, araucária australiana, araucária da Austrália.

Endemismo australiano, do NE da Austrália (LOVETT & al., 1986a: 73; HUXLEY & al., 1999a: 216); Árvore ornamental exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escolas de Sistemática, Recanto Tropical e Terraço das Gimnospérmicas (TAVARES & ALVES, 2002; II.2010, Observ.!).

4. ***Araucaria columnaris*** (G. Forster) Hooker

= *Cupressus columnaris* G. Forster [basion.]

Araucaria cookii R. Brown ex Endlicher, nom. illeg.

Araucaria intermedia R. Brown ex Vieillard

Dombeya excelsa Lambert

= *Araucaria excelsa* (Lambert) R. Brown

= *Columbea excelsa* (Lambert) Sprengel

Eutacta cookii Carrière, nom. illeg.

Eutacta humilis Carrière

Eutacta minor Carrière

Fanerófito. Origem: Nova Caledónia.

Alguns nomes comuns possíveis: Araucária, araucária colunar, araucária da Nova Caledónia, araucária de Cook, araucária dos recifes de coral, araucária excelsa, colúmbea, colúmbea excelsa, eutacta, eutacta de Cook, eutacta excelsa, eutacta humilde, eutacta menor.

Endemismo da Nova Caledónia e das Novas Hébridas (LOVETT & al., 1986b: 72-73; HUXLEY & al., 1999a: 216), onde se encontra sobretudo nas zonas costeiras; Árvore ornamental exótica, frequentemente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospérmicas (TAVARES & ALVES, 2002).

5. ***Araucaria cunninghamii*** Aiton ex A. Cunningham

= *Eutacta cunninghamii* (Aiton ex A. Cunningham) Link

Fanerófito. Origem: Austrália.

Alguns nomes comuns possíveis: Araucária, araucária australiana, araucária da Austrália, araucária de Cunningham, eutacta, eutacta de Cunningham.

Endemismo da Austrália, dos estados de Nova Gales do Sul e de Queensland, e da Papua-Nova Guiné (LOVETT & al., 1986a: 73; HUXLEY & al., 1999a: 216); Árvore ornamental exótica, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospérmicas (TAVARES & ALVES, 2002).

6. ***Araucaria heterophylla*** (Salisbury) Franco

= *Eutassa heterophylla* Salisbury [basion.]

Fanerófito. Origem: Ilha Norfolk.

Alguns nomes comuns possíveis: Araucária, araucária excelsa, eutassa, eutassa excelsa.

Endemismo da Ilha Norfolk, da qual constitui um dos principais símbolos (LOVETT & al., 1986b: 73; HUXLEY & al., 1999a: 216-217; WIKIPEDIA); Árvore ornamental exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospérmicas (TAVARES & ALVES, 2002; II.2010, Observ.!).

7. **Araucaria rulei** F. Mueller

= *Eutacta rulei* (F. Mueller) Carrière

Araucaria van-gaertii Dallim. & A.B. Jackson

Fanerófito. Origem: Nova Caledónia.

Alguns nomes comuns possíveis: Araucária, araucária da Nova Caledónia, araucária de Rule, eutacta, eutacta de Rule.

Endemismo da Nova Caledónia (HUXLEY & al., 1999a: 217); Árvore ornamental exótica, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospérmicas (TAVARES & ALVES, 2002), talvez a árvore mais alta do Jardim, com mais de 50 m (PAIVA, s/data).

LXXXVII. CEPHALOTAXACEAE [1 sp.]

1. **Cephalotaxus** Siebold & Zuccarini ex Endlicher

1. **Cephalotaxus fortunei** Hooker

= *Taxus fortunei* (Hooker) C. Lawson

Cephalotaxus kaempferi auct.

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Cefalotaxo, cefalotaxo de Fortune, cefalotaxo de Kaempfer, cefaloteixo, cefaloteixo de Fortune, cefaloteixo de Kaempfer, teixo, teixo de Fortune, teixo de Kaempfer.

Endemismo asiático, exclusivo da China e da Birmânia, onde ocorre sobretudo nas regiões montanhosas, até à altitude de 3700 m (LEWIS, 1986: 74; HUXLEY & al., 1999a: 569; LIGUO, NAN & MILL, 1999b: 87-88);

Árvore ornamental exótica, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Viveiros (Registo das Sementeiras, livro n.º 21, 1928).

LXXXVIII. CUPRESSACEAE [15 sp.]

1. **Callitris** Ventenat

1. **Callitris rhomboidea** R. Brown ex Richard & A. Richard

= *Frenella rhomboidea* (R. Brown ex Richard & A. Richard) Endlicher

Callitris articulata Gordon

Callitris cupressiformis Ventenat

Cupressus australis Persoon

= *Callitris australis* (Persoon) Sweet

= *Cyparissia australis* (Persoon) Hoffmannsegg

= *Frenela australis* (Persoon) Mirbel ex Endlicher

Frenela triquetra Spach

Frenela variabilis Carrière

Thuja australis Bosc ex Poiret

Thuja inaequalis Desfontaines

Fanerófito. Origem: Austrália.

Alguns nomes comuns possíveis: Calítris, calítris austral, calítris australiana, calítris rombóidea, ciparíssia, ciparíssia austral, cipreste australiano, cipreste austral, cupresso, cupresso austral, frenela, frenela austral, frenela rombóidea, tuia, tuia austral, tuia australiana.

Endemismo da Austrália e da Tasmânia; Árvore ornamental exótica, muito raramente cultivada em Portugal, em jardins e arruamentos.

Distribuição/localização no Jardim: Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Chamaecyparis* Spach

1. ***Chamaecyparis lawsoniana*** (A. Murray) Parlatore
= *Cupressus lawsoniana* A. Murray [basion.]
Fanerófito. Origem: América do Norte.
Alguns nomes comuns possíveis: Camecíparis, cipreste, cupresso.
Endemismo norte-americano, exclusivo do Oeste dos Estados Unidos (LIGUO, YONGFU & FARJON, 1999: 68); Árvore ornamental exótica, frequentemente cultivada e já subespontânea em Portugal.
Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospérmicas (TAVARES & ALVES, 2002; II.2010, Observ.!).
2. ***Chamaecyparis obtusa*** (Siebold & Zuccarini) Endlicher
= *Retinispora obtusa* Siebold & Zuccarini
= *Cupressus obtusa* (Siebold & Zuccarini) K. Koch
Fanerófito. Origem: Eurásia.
Alguns nomes comuns possíveis: Camecíparis, cipreste, cupresso, retinispora.
Endemismo japonês (LIGUO, YONGFU & FARJON, 1999: 69); Árvore ornamental exótica, raramente cultivada em Portugal.
Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospérmicas (TAVARES & ALVES, 2002).
3. ***Chamaecyparis pisifera*** (Siebold & Zuccarini) Endlicher
= *Retinispora pisifera* Siebold & Zuccarini [basion.]
= *Cupressus pisifera* (Siebold & Zuccarini) F. Mueller
= *Thuja pisifera* (Siebold & Zuccarini) Masters
Retinispora lycopodioides Gordon
Retinispora plumosa Carrière
Retinispora squarrosa Siebold & Zuccarini
Retinispora stricta Gordon
Fanerófito. Origem: Eurásia.
Alguns nomes comuns possíveis: Camecíparis japonês, cipreste, cupresso, retinispora, tuia.
Endemismo eurasiático, exclusivamente japonês (LIGUO, YONGFU & FARJON, 1999: 68), que possui ácido carboxílico, um composto de origem vegetal com actividade antifúngica, nomeadamente contra o fungo *Pyricularia oryzae* Cavanilles (KOBAYASHI & al., 1987, cit. por MATOS, 2000: 34); Árvore ornamental exótica, raramente cultivada em Portugal.
Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospérmicas (II.2010, Observ.!).

3. *Cupressus* L.

1. ***Cupressus arizonica*** Greene
Fanerófito. Origem: América do Norte.
Alguns nomes comuns possíveis: Cipreste, cipreste do Arizona, cipreste arizónico.
Endemismo norte-americano, exclusivo do Norte do México e do SW dos Estados Unidos (LIGUO, YONGFU & FARJON, 1999: 66-67); Árvore ornamental exótica, raramente cultivada em Portugal.
Distribuição/localização no Jardim: Mata, pr. Escola das Monocotiledóneas (TAVARES & ALVES, 2002; VII.2010, Observ.!).
2. ***Cupressus lusitanica*** Miller var. ***lusitanica***
Fanerófito. Origem: América do Norte.
Alguns nomes comuns possíveis: Cipreste, cipreste de Portugal, cipreste português.
Endemismo norte-americano, da Guatemala, Honduras e México (LIGUO, YONGFU & FARJON, 1999: 66); Árvore ornamental exótica, por vezes cultivada em Portugal.
Distribuição/localização no Jardim: Talhão 11 da Mata (TAVARES & ALVES, 2002).
3. ***Cupressus macrocarpa*** Hartweg var. ***macrocarpa***
Fanerófito. Origem: América do Norte.
Alguns nomes comuns possíveis: Cipreste, cipreste da Califórnia, cipreste californiano, cipreste de Monterey, cipreste de frutos grandes.
Endemismo norte-americano, exclusivo das regiões costeiras da Califórnia (Estados Unidos); Árvore ornamental exótica, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Mata, no talhão 12 (TAVARES & ALVES, 2002), sendo possivelmente a árvore mais antiga do Jardim, pois terá sido plantada pelos frades crúzios antes da fundação do Jardim Botânico, em frente ao actual Refeitório (PAIVA, s/data).

4. *Cupressus sempervirens* L.

Fanerófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Cipreste, cipreste sempreverde.

Endemismo da Região Mediterrânica e da Ásia ocidental (LIGUO, YONGFU & FARJON, 1999: 66); Árvore ornamental exótica, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escolas de Sistemática (Tavares & Alves, 2002); Mata, pr. da Casinha dos Narcisos (II.2010, Observ.!).

4. *Juniperus* L.

1. *Juniperus chinensis* L.

= *Sabina chinensis* (L.) Antoine

Juniperus fortunei Carrière

Juniperus sinensis J.F. Gmelin (1791), non *Juniperus chinensis* L. (1767)

Juniperus thunbergii Hooker & Arnott

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Iuambai, junípero, junípero chinês.

Endemismo eurasiático, exclusivo da Ásia oriental (LIGUO, YONGFU & FARJON, 1999); Árvore ou arbusto ornamental, raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Mata, pr. da Casinha dos Narcisos (II.2010, Observ.!).

2. *Juniperus excelsa* Marschall von Bieberstein

= *Juniperus foetida* Spach var. *excelsa* (Marschall von Bieberstein) Spach

= *Sabina excelsa* (Marschall von Bieberstein) Antoine

Juniperus aegaea Grisebach

Juniperus isophyllus K. Koch

= *Sabina isophyllos* (K. Koch) Antoine

Juniperus lycia Pallas

Juniperus olivieri Carrière

= *Sabina olivieri* (Carrière) Antoine

Juniperus perkinsii Gordon

Juniperus religiosa Endlicher

= *Sabina religiosa* (Endlicher) Antoine

Juniperus stricta Gordon

Juniperus sabina Gueldenstaedt

Juniperus taurica (Pallas) Lipsky

Juniperus venusta Gordon

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Junípero, junípero asiático, junípero da Crimeia, junípero de Chipre, junípero excelso, junípero grego.

Endemismo eurasiático (da Região Mediterrânica e Península Arábica ao Cáucaso, Crimeia e Ásia Central); Árvore ornamental exótica, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospérmicas (TAVARES & ALVES, 2002).

3. *Juniperus oxycedrus* L. subsp. *oxycedrus*

Fanerófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Enebro, jímbro, joimbre, joimbro, juimbre, juimbro, júmbrio, junípero, nebro, oxicedro, zimbro.

Endemismo da Região Mediterrânica até ao Norte do Irão (FRANCO, 1986b: 185); Árvore ou arbusto ornamental e medicinal (GONZÁLEZ & al, 2010: 346), também usada como combustível (GONZÁLEZ & al., 2013: 184), espontâneo e pouco comum em Portugal (ARAÚJO & al., 2014ap).

Distribuição/localização no Jardim: Mata, pr. da Casinha dos Narcisos (II.2010, Observ.!).

4. *Juniperus phoenicia* L.

Fanerófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Junípero, oxicedro, zimbro.

Endemismo da Regiões Mediterrânica e Macaronésica (FRANCO, 1986b: 186-187); Árvore ou arbusto ornamental, espontâneo em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escolas de Sistemática, junto ao tanque redondo (II.2011, Observ.!).

5. *Platycladus* Spach

1. *Platycladus orientalis* (L.) Franco

= *Thuja orientalis* L. [basion.]

= *Biota orientalis* (L.) Endlicher

Platycladus stricta Spach

Thuja chengii Bordères & Gaussen

Thuja orientalis L. var. *argyi* Lemée & H. Léveillé

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Árvore da vida chinesa, árvore da vida do Oriente, árvore da vida oriental, biota, biota oriental, cebai, platyclado, platyclado do Oriente, platyclado oriental, tuia, tuia do Oriente, tuia oriental.

Endemismo da Ásia oriental: China, Coreia e Rússia (LIGUO, YONGFU & FARJON, 1999: 64); Árvore ou arbusto ornamental exótico, frequentemente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Mata (TAVARES & ALVES, 2002) e junto ao Aqueduto de São Sebastião (II.2010, Observ.!).

6. *Tetraclinis* Masters

1. *Tetraclinis articulata* (Vahl) Masters

= *Thuja articulata* Vahl [basion.]

= *Callitris articulata* (Vahl) H. Karsten

= *Cupressus articulata* (Vahl) J. Forbes

Callitris triquetra Loudon

Callitris macrostachya Steudel

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Calítris, cipreste, cupresso, tetraclínis, tuia.

Endemismo da Regiões Mediterrânica, onde é raro, em Chipre, Malta, Israel, Norte de África e no SE de Espanha, onde se encontra apenas nas montanhas próximas de Cartagena, na província de Múrcia (FRANCO, 1986a: 179; KRIVENKO & al., 2013a: 1077); Árvore ornamental exótica, raramente cultivada em Portugal.

Esta espécie de árvore é citada por BILZ & al. (2011: 119) como "endangered" e citada nos anexos da Convenção de Bern como espécie estritamente protegida (DIRECTORATE OF CULTURE AND CULTURAL AND NATURAL HERITAGE, 2002: 2).

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (TAVARES & ALVES, 2002; ALMEIDA & al., 2003; TAVARES & al., 2009); Mata. O exemplar que vivia na Escola Médica já não existe, depois do grande temporal de Janeiro de 2013.

7. *Thujopsis* Siebold & Zuccarini ex Endlicher

1. *Thujopsis dolabrata* (Thunberg ex L. f.) Siebold & Zuccarini

= *Thuja dolabrata* Thunberg ex L. f. [basion.]

= *Libocedrus dolabrata* (Thunberg ex L. f.) J. Nelson

= *Platycladus dolabrata* (Thunberg ex L. f.) Spach

Thujopsis atrovirens Lavallée

Thujopsis dolabrata (Thunberg ex L. f.) Siebold & Zuccarini var. *australis* A. Henry

Thujopsis dolabrata (Thunberg ex L. f.) Siebold & Zuccarini f. *decumbens* Beissn.

Thujopsis dolabrata (Thunberg ex L. f.) Siebold & Zuccarini var. *latifolia* Lavallée

Thujopsis laetevirens Lindley

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Platyclado, tuia, tuiópsis.

Endemismo japonês (LIGUO, YONGFU & FARJON, 1999: 63); Árvore ornamental exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospérmicas (A.X. PEREIRA COUTINHO, comunicação pessoal; III.2004, Observ.!).

LXXXVIX. PINACEAE [20 sp.]

1. Abies Miller

1. Abies cilicica (Antoine & Kotschy) Carrière

= *Pinus cilicica* Antoine & Kotschy [basion.]

= *Picea cilicica* (Antoine & Kotschy) Rauch. ex Gordon

Abies kotschyana Fenzl ex Tschich.

Abies rinzii Gordon

Fanerófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Abeto, abeto da Cilícia, píceas, píceas da Cilícia.

Endemismo da Região Mediterrânica oriental; Árvore ornamental exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Mata (II.2010, Observ.!).

2. Abies concolor (Gordon) Lindley ex Hildebrand

= *Picea concolor* Gordon [basion.]

= *Pinus concolor* (Gordon) Parlatore

Picea grandis Newb., nom. illeg.

Picea lowiana Gordon

= *Abies lowiana* (Gordon) A. Murray

= *Pinus lowiana* (Gordon) W.R. McNab

Picea lowii Gordon

Picea parsonsiana Gordon

Picea parsonsii Fowler

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Abeto, abeto americano, abeto concolor, píceas, píceas americanas, píceas concolor, píceas de grande porte, píceas elevadas, píceas grandes.

Endemismo norte-americano, exclusivo dos Estados Unidos e do México, nas Montanhas Rochosas, onde ocorre a altitudes entre os 900 e os 3400 m (WIKIPEDIA; GRIN); Árvore ornamental exótica, raramente cultivada em Portugal

Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospérmicas (TAVARES & ALVES, 2002).

3. Abies lasiocarpa (Hooker) Nuttall

= *Pinus lasiocarpa* Hooker [basion.]

Abies amabilis Parlatore

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Abeto, abeto amável, abeto americano, píceas.

Endemismo norte-americano, exclusivo do Canadá e dos Estados Unidos, nas Montanhas Rochosas, onde atinge uma altitude de 3650 m (WIKIPEDIA); Árvore ornamental exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospérmicas (TAVARES & ALVES, 2002).

4. Abies numidica de Lannoy ex Carrière

= *Abies pinsapo* Boissier var. *numidica* (de Lannoy ex Carrière) Solomon

Fanerófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Abeto, abeto argelino, abeto da Numídia.

Endemismo da Região Mediterrânica, exclusivamente argelino, muito raro, surgindo apenas na montanha Djebel Babor (2004 m), onde ocupará uma área inferior a 1 km², entre os 1850 e os 2000 m de altitude; Árvore ornamental exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospérmicas (A.X. PEREIRA COUTINHO, comunicação pessoal; III.2004, Observ.!, III.2010, Observ.!).

2. *Cedrus* Trew

1. *Cedrus atlantica* (Endlicher) Manetti ex Carrière

= *Pinus atlantica* Endlicher [basion.]

= *Abies atlantica* (Endlicher) Lindley & Gordon

= *Cedrus libani* A. Rich subsp. *atlantica* (Endlicher) Batt. & Trab.

= *Cedrus libani* A. Rich var. *atlantica* (Endlicher) J.D. Hooker

Fanerófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Cedro, cedro atlântico, cedro do Atlas, pinheiro atlântico, pinheiro do Atlas.

Endemismo da Região Mediterrânica, exclusivo do Norte de África: Argélia e Marrocos (LIGUO, NAN & MILL, 1999a); Árvore ornamental exótica, por vezes cultivada e raramente subespontânea em Portugal. Esta espécie foi considerada introduzida em Portugal continental pelo MINISTÉRIO DO AMBIENTE (in Decreto-Lei n.º 565/99 de 21 de Dezembro. *Diário da República — I Série-A*, N.º 295 — 21-12-1999: 9107).

Distribuição/localização no Jardim: Alameda de S. José e Mata pr. Viveiros, no Talhão 13 (TAVARES & ALVES, 2002; II.2010, Observ.!).

2. *Cedrus deodara* (Roxburgh ex D. Don) G. Don fil

= *Pinus deodara* Roxburgh ex D. Don [basion.]

= *Abies deodara* (Roxburgh ex D. Don) Lindley

= *Cedrus libani* A. Richard subsp. *deodara* (Roxburgh ex D. Don) P.D. Sell

= *Cedrus libani* A. Richard var. *deodara* (Roxburgh ex D. Don) J.D. Hooker

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Cedro, cedro asiático, cedro dos Himalaias, cedro himalaico, pinheiro dos Himalaias, pinheiro himalaico.

Endemismo exclusivamente asiático, da região da grande cadeia montanhosa dos Himalaias (LIGUO, NAN & MILL, 1999a); Árvore ornamental exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Alameda de S. José, Jardineta 2 e Mata, no Talhão 13 (TAVARES & ALVES, 2002; II.2010, Observ.!).

3. *Cedrus libani* A. Richard

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Cedro, cedro do Líbano, cedro libanês, cedro libânico.

Endemismo da Região Mediterrânica oriental, do Líbano, Síria e Turquia, particularmente tolerante à poluição do ar (HUMPHRIES, PRESS & SUTTON, 1981: 60); Árvore ornamental exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Mata (II.2010, Observ.!).

3. *Larix* Miller

1. *Larix decidua* Miller

= *Pinus larix* L., nom subst.

Larix europaea DC.

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Larche, larche alpino, larche das montanhas, larche dos Alpes, larche europeu, larício, larício alpino, larício dos Alpes, larício das montanhas, larício europeu, lárrix, lárrix alpino, lárrix das montanhas, lárrix dos Alpes, lárrix europeu, pinheiro larício, pinheiro larício alpino, pinheiro larício das montanhas, pinheiro larício dos Alpes, pinheiro larício europeu.

Endemismo eurasiático, exclusivamente europeu; Árvore ornamental e de interesse económico exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Terraço de Júlio Henriques (XII.2012, Observ.!).

4. *Picea* A. Dietrich

1. *Picea asperata* Masters

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Píceia, pícea áspera, piceia.

Endemismo eurasiático; Árvore ornamental exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospérmicas (III.2010, Observ.!).

2. ***Picea engelmannii*** Parry ex Engelmann

= *Picea glauca* (Moench) Voss subsp. *engelmannii* (Parry ex Engelmann) T.M.C. Taylor

= *Picea glauca* (Moench) Voss var. *engelmannii* (Parry ex Engelmann) B. Boivin

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Pícea, pícea americana, pícea de Engelmann, piceia.

Endemismo norte-americano (do Canadá, Estados Unidos e México); Árvore ornamental exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospérmicas (TAVARES & ALVES, 2002).

3. ***Picea omorika*** (Pančić) Purkinje

= *Pinus omorika* Pančić [basion.]

= *Abies omorika* (Pančić) Nyman

Picea omorika (Pančić) Purkinje f. *pendula* Schwer.

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Pícea, pícea omórica, piceia, pinheiro da Bósnia, pinheiro da Sérvia.

Endemismo europeu, considerado vulnerável (exclusivo da Bósnia-Herzegovina e da Sérvia); Árvore ornamental exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospérmicas (TAVARES & ALVES, 2002).

4. ***Picea pungens*** Engelmann

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Pícea, pícea azul, pícea picante, pícea pungente.

Endemismo norte-americano; Árvore ornamental exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospérmicas (IV.2010, Observ.!), actualmente extinta no jardim, depois do grande temporal de Janeiro de 2013.

5. ***Picea smithiana*** (Wallich) Boissier

= *Pinus smithiana* Wallich [basion.]

= *Abies smithiana* (Wallich) Lindley

Picea morinda Link

= *Abies morinda* (Link) Wender

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Abeto, abeto de Smith, abeto dos Himalaias, pícea, pícea de Smith, pícea dos Himalaias, pícea morinda, pinheiro dos Himalaias.

Endemismo eurasiático, exclusivo da Região dos Himalaias, onde se pode encontrar em litossolos alpinos, em altitudes que variam entre os 2300 e os 3600 m (LIGUO, NAN & MILL, 1999a); Árvore ornamental exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospérmicas (TAVARES & ALVES, 2002; PAIVA, s/data); Mata (IV.2011, Observ. de placa!).

6. ***Pinus*** Tournefort ex L.

1. ***Pinus canariensis*** Sweet ex Sprengel

Fanerófito. Origem: Macaronésia.

Alguns nomes comuns possíveis: Pinheiro, pinheiro canariense, pinheiro canarinho, pinheiro canário, pinheiro das Canárias.

Endemismo da Macaronésia; Árvore ornamental exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Mata, pr. da Casinha dos Narcisos (LIVRO DE REGISTOS DA MATA; IV.2010, Observ.!).

2. ***Pinus halepensis*** Miller subsp. ***halepensis***

Fanerófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Pinheiro de Alepo, pinheiro da Síria, pinheiro francês, pinheiro sírio.

Endemismo da Região Mediterrânica (FRANCO, 1986d: 172-173); Árvore ornamental e de interesse económico exótica, também usada como combustível (GONZÁLEZ & al., 2013: 184), por vezes cultivada e actualmente já subspontânea em Portugal (FRANCO, 1971: 37; PINTO DA SILVA & al., 1989: 53; PAIVA & al., 1993: 15).

Distribuição/localização no Jardim: Mata e Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

3. *Pinus pinaster* Aiton

Pinus corteana hort. ex Beissner
Pinus detritis Carrière, nom. inval.
Pinus glomerata Salisbury, nom. illeg.
Pinus halepensis Miller var. *maritima* Loudon
Pinus helenica K. Koch, nom. inval.
Pinus lemoniana Benth
= *Pinus pinaster* Aiton var. *lemoniana* (Benth) Loudon
Pinus maritima Lamarck, nom. illeg.
Pinus maritima Lamarck var. *major* Loiseleur-DeLongchamps
Pinus maritima Lamarck var. *minor* Loiseleur-DeLongchamps
= *Pinus pinaster* Aiton var. *minor* (Loiseleur-DeLongchamps) Carrière
Pinus minor Loudon, nom. inval.
Pinus monspeliensis Salzmann ex Duval-Jouve, nom. inval.
Pinus neglecta H. Low ex Gordon, nom. inval.
Pinus nigrescens Tenore
Pinus nova-zelandica Loddiges ex G. Don, nom. inval.
Pinus pinaster Aiton var. *pendula* J. Nelson
Pinus sancta-helenica Loudon ex Carrière, nom. inval.
Pinus scarina Steudel, nom. inval.
Pinus syrtica Thore

Fanerófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Pinheiro, pinheiro anegrado, pinheiro bravo, pinheiro costeiro, pinheiro da Grécia, pinheiro da Nova Zelândia, pinheiro de Lemon, pinheiro de limão, pinheiro de Mompilher, pinheiro de Montpellier, pinheiro de Santa Helena, pinheiro do esquecimento, pinheiro do litoral, pinheiro escamado, pinheiro escamoso, pinheiro esquecido, pinheiro grego, pinheiro helénico, pinheiro lemónico, pinheiro-limão, pinheiro limónico, pinheiro litoral, pinheiro litóreo, pinheiro maior, pinheiro marítimo, pinheiro menor, pinheiro negro, pinheiro neozelandês, pinheiro nigrescente, pinheiro sul-africano, pinho.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental e zonas atlânticas da Europa ocidental: França, Espanha e Portugal (FRANCO, 1986d: 169), já invasor na África do Sul desde há cerca de 150 anos (WIKIPEDIA); a *Pinus pinaster* é uma árvore espontânea em Portugal, nas dunas estabilizadas do litoral e em interflúvios de solo arenoso, como tem sido provado através de estudos de arqueobotânica (VAN LEEUWAARDEN & QUEIROZ, 2003: 79), sendo também, na nossa área de estudo, possivelmente um apófito, nitidamente subespontâneo na actualidade (FRANCO, 1958: 190; PINTO DA SILVA, 1991: 77), que apresenta evidentes adaptações ao fogo (TAPIAS & al., 2001, cit. por AGUIAR, CAPELO & CATRY, 2007: 91); Esta espécie representa actualmente cerca de 33 % (um terço) da área florestal nacional –cerca de 10 500 km², ou seja, mais de um milhão de hectares– (DGF-IFN, 2000, cit. por CARNEIRO & al., 2001: 36). É também importante notar que, ainda há pouco mais de cinquenta anos, havia uma constante procura das agulhas secas de *Pinus pinaster*, localmente denominadas “cisco”, que tinha como consequência a prática de um periódico roçar do solo (MELO, 1949: 79); Árvore ornamental e medicinal (CLAUDINO, 2001: 46), com grande interesse económico, também usada como combustível (GONZÁLEZ & al., 2013: 184), espontânea, subespontânea e muito cultivada em Portugal, em quase todo o território cuja altitude não exceda muito os 1000 m, com preferência por solos ácidos (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1982: 293-295; FRANCO, 1986d: 169; CARAPETO & al., 2014d; WIKIPEDIA).

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (MATOS, 2014).

4. *Pinus pinea* L.

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Pinheiro, pinheiro manso, pinho, pinho manso, pinho pinhoneiro, pinho pinhoeiro.

Endemismo eurasiático (FRANCO, 1986d: 173); Árvore ornamental e medicinal (BORGES & ALMEIDA, 1996: 152), com grande interesse económico, também usada como combustível (GONZÁLEZ & al., 2013: 184), espontânea e também muito cultivada em Portugal, sobretudo pela sua madeira e pelos seus frutos comestíveis (pinhões), espontânea entre nós no Norte e Centro, litoral Oeste e Sul, em altitudes não excedendo os 500 m (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1982: 293-295; FRANCO, 1986d; CARNEIRO & al., 1998; SANTOLLALA, 1999: 42; CARAPETO & al., 2014e).

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (TAVARES & al., 2009).

5. **Pinus radiata** D. Don

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Pinheiro, pinheiro insigne, pinheiro de Monterrey.

Endemismo norte-americano, das regiões costeiras do Sul da Califórnia (FRANCO, 1986d: 173-174); Árvore ornamental e com interesse económico, por vezes cultivada, sobretudo pela sua madeira, e actualmente já subespontânea em Portugal (FRANCO, 1951: 213).

Distribuição/localização no Jardim: Mata, no Talhão 21 (TAVARES & ALVES, 2002; II.2010, Observ.!).

6. **Pinus uncinata** Ramond ex DC.

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Pinheiro, pinheiro mouro, pinheiro-mugo, pinheiro negro, pinheiro uncinado, pinho, pinho mouro, pinho negro, pinho uncinado.

Endemismo europeu, das montanhas: Alpes e Pirenéus (FRANCO, 1986d: 172); Árvore ornamental, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospérmicas (TAVARES & ALVES, 2002).

7. **Pseudotsuga** Carrière

1. **Pseudotsuga menziesii** (Mirbel) Franco

= *Abies menziesii* Mirbel [basion.]

Abies mucronata Rafinesque

Pinus douglasii Sabine ex D. Don

= *Pseudotsuga douglasii* (Sabine ex D. Don) Carrière

Pseudotsuga glauca Mayr

= *P. menziesii* (Mirbel) Franco var. *glauca* (Mayr) Franco

= *P. taxifolia* (Lambert) Britton var. *glauca* (Mayr) C.K. Schneider

Abies taxifolia Lambert (1803), non Salisbury (1796)

= *Pseudotsuga taxifolia* (Lambert) Britton

Tsuga douglasii Lindley

Tsuga douglasii Lindley var. *glauca* Beissn.

= *Pseudotsuga glauca* (Beissn.) Schwer.

= *Pseudotsuga taxifolia* (Lambert) Britton subsp. *glauca* (Beissn.) Schwer.

= *P. taxifolia* (Lambert) Britton var. *glauca* (Beissn.) C.K. Schneider

Tsuga lindleyana Roetzl

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Abeto, abeto de Menzies, abeto mucronado, pinheiro americano, pinheiro do Oregon, pinheiro larício, pseudotsuga, pseudotsuga de Douglas, pseudotsuga de Menzies, tsuga, tsuga de Douglas, tsuga de Lindley. Endemismo norte-americano, do Canadá, Estados Unidos e México, de grande porte, podendo atingir 100 m de altura (LIGUO, NAN & MILL, 1999a); Árvore ornamental e com interesse económico, por vezes cultivada, sobretudo pela sua madeira, e talvez já subespontânea em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospérmicas (TAVARES & ALVES, 2002).

8. **Tsuga** (Endlicher) Carrière

1. **Tsuga canadensis** (L.) Carrière

= *Pinus canadensis* L. [basion.]

= *Abies canadensis* (L.) Michaux

= *Picea canadensis* (L.) Link

Abies americana Miller

= *Pinus americana* (Miller) Du Roi

= *Tsuga americana* (Miller) Farwell

Abies curvifolia Salisbury

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Pruche, pruche canadense, pruche canadiano, pruche do Canadá, tsuga, tsuga canadense, tsuga canadiana, tsuga do Canadá.

Endemismo norte-americano; Árvore ornamental exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Mata (II.2010, Observ.!, IV.2011, Observ. de placa!).

XC. PODOCARPACEAE [6 sp.]

1. Afrocarpus (Buchholz & N. Gray) C.N. Page

= *Podocarpus* L'Héritier ex Persoon p.p.

1. Afrocarpus falcatus (Thunberg) C.N. Page

= *Taxus falcatus* Thunberg [basion.]
= *Decussocarpus falcatus* (Thunberg) de Laubenfels
= *Nageia falcata* (Thunberg) Carrière
= *Podocarpus falcatus* (Thunberg) R. Brown ex Mirbel

Fanerófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Afrocarpo, decussocarpo, nageia, podocarpo, podocarpo do Cabo, podocarpo falcado, teixo falcado.

Endemismo do Sul de África; Árvore ornamental exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Terraço de Júlio Henriques (TAVARES & ALVES, 2002; PAIVA, s/data; X.2010; IX.2013, em frutificação – Observ.!).

2. Afrocarpus mannii (Hooker f.) C.N. Page

= *Podocarpus mannii* Hooker f. [basion.]
= *Decussocarpus mannii* (Hooker f.) de Laubenfels
= *Nageia mannii* (Hooker f.) Kuntze

Fanerófito. Origem: Ilha de São Tomé.

Alguns nomes comuns possíveis: Afrocarpo, afrocarpo de Mann, afrocarpo de São Tomé, decussocarpo, nageia, podocarpo, podocarpo de Mann, podocarpo de São Tomé.

Endemismo da Ilha de São Tomé (Arquipélago de São Tomé e Príncipe), onde ocorre apenas nas montanhas entre os 1300 e os 2024 m, o ponto mais elevado da Ilha (Wikipedia); Árvore ornamental exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Mata (MATOS, 2002; PAIVA, s/data)

2. Nageia Gaertner

1. Nageia nagi (Thunberg) Kuntze

= *Myrica nagi* Thunberg [basion.]
= *Decussocarpus nagi* (Thunberg) de Laubenfels
= *Podocarpus nagi* (Thunberg) Pilger
Dammara veitchii Henkel & W. Hochstetter
= *Agathis veitchii* (Henkel & W. Hochstetter) Seward & Ford
Nageia japonica Gaertner, nom. illeg.
Nageia ovata Gordon
Podocarpus caesius Maximowicz
= *Nageia caesia* (Maximowicz) Kuntze
Podocarpus cuspidatus Endlicher
= *Nageia cuspidata* (Endlicher) Gordon
Podocarpus formosensis Dummer
= *Decussocarpus nagi* (Thunberg) de Laubenfels var. *formosensis* (Dummer) Silba
= *Nageia formosensis* (Dummer) C.N. Page
= *Nageia nagi* (Thunberg) Kuntze var. *formosensis* (Dummer) Silba
Podocarpus grandifolius Endlicher
= *Nageia grandifolia* (Endlicher) Gordon
Podocarpus japonicus J. Nelson, nom. illeg.
Podocarpus nageia R. Brown ex Endlicher
Podocarpus nagi (Thunberg) Pilger var. *koshunensis* Kanehira
= *Podocarpus koshunensis* (Kanehira) Kanehira
Podocarpus nankoensis Hayata
= *Nageia nankoensis* (Hayata) R.R. Mill

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Ágatis, damara, decussocarpo, nageia, nageia chinesa, nageia da China, nageia do Japão, nageia japonesa, nageia japónica, nageia nipónica, podocarpo.

Endemismo da Ásia oriental: China e Japão (LIGUO, YONG & MILL, 1999: 84); Árvore ornamental exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim, desde a grande vaga de frio de inverno de 1890 (HENRIQUES, 1891: 133).

Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospérmicas? (HENRIQUES, l.c.).

3. **Podocarpus** L'Héritier ex Persoon

1. **Podocarpus macrophyllus** (Thunberg) Sweet

= *Taxus macrophylla* Thunberg [basion.]

= *Margbensonia macrophylla* (Thunberg) A.V. Bobrov & Melikyan

= *Nageia macrophylla* (Thunberg) F. Mueller

Podocarpus forrestii Craib & W.W. Smith

= *Margbensonia forrestii* (Craib & W.W. Smith) A.V. Bobrov & Melikyan

Podocarpus verticillatus G. Don

Taxus makoya Forbes

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Margbensónia, nageia, podocarp, podocarp de folhas grandes, podocarp grandifólio, podocarp macrófilo.

Endemismo da Ásia oriental: China e Japão (LIGUO, YONG & MILL, 1999: 84); Árvore ornamental exótica, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Mata (TAVARES & ALVES, 2002).

2. **Podocarpus neriifolius** D. Don

= *Margbensonia neriifolia* (D. Don) A.V. Bobrov & Melikyan

= *Nageia neriifolia* (D. Don) Kuntze

Podocarpus decipiens N.E. Gray

= *Podocarpus neriifolius* D. Don var. *decipiens* (N.E. Gray) Silba

Podocarpus discolor Blume

= *Nageia discolor* (Blume) Kuntze

Podocarpus endlicherianus Carrière

= *Nageia endlicheriana* (Carrière) Kuntze

Podocarpus junghuhnianus Miquel

Podocarpus leptostachyus Blume

= *Nageia leptostachya* (Blume) Kuntze

Podocarpus neglectus Blume

= *Nageia neglecta* (Blume) Kuntze

Podocarpus neriifolius D. Don var. *polyanthus* Wasscher

= *Podocarpus polyanthus* (Wasscher) Gaussen

Fanerófito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Margbensónia, nageia, podocarp, podocarp loendro.

Endemismo da Ásia oriental tropical e da Oceânia; Árvore ornamental exótica, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Mata, actualmente extinta no Jardim, depois do grande temporal de Janeiro de 2013 (MATOS, 2002; PAIVA, s/data; I.2013, Observ.!).

3. **Podocarpus spinulosus** (Smith) R. Brown ex Mirbel

= *Taxus spinulosa* Smith [basion.]

= *Margbensonia spinulosa* (Smith) A.V. Bobrov & Melikyan

= *Nageia spinulosa* (Smith) F. Mueller

Podocarpus bidwillii R. Brown ex Endlicher

Podocarpus ensifolius R. Brown ex Carrière

= *Nageia ensifolia* (R. Brown ex Carrière) Kuntze

Podocarpus laetus R. Brown ex Endlicher

= *Nageia laeta* (R. Brown ex Endlicher) Kuntze

Podocarpus pungens Caley ex D. Don

Fanerófito. Origem: Austrália.

Alguns nomes comuns possíveis: Margbensónia, margbensónia espinhosa, nageia, nageia espinhosa, podocarp, podocarp espinhoso, podocarp pungente, teixo espinhoso.

Endemismo australiano; Arbusto ornamental exótico, muito raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Mata (MATOS, 2002; PAIVA, s/data).

XCI. TAXACEAE [1 sp.]

1. **Taxus** Tournefort ex L.

1. **Taxus baccata** L.

Fanerófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Teixo, teixeiro.

Endemismo eurasiático e norte-africano, de carácter euro-siberiano (FRANCO, 1986c: 189; VALDÉS & al., 2006: 404); Árvore ornamental espontânea e muito rara e vulnerável em Portugal, podendo encontrar-se nas serras do Caramulo, Estrela, Gerês e Montesinho (SERRA & CARVALHO, 1989: 57; SANTOLLALA, 1999: 56; RIBEIRO, 2006: 47); Na Serra da Estrela o teixo já é conhecido pelos botânicos desde 1689, quando o grande Joseph Pitton de Tournefort o encontrou espontâneo (HENRIQUES, 1889; CATARINO & CORREIA, 1993); Elemento euro-siberiano raro (FRANCO MÚGICA & al., 2001: 115), que na área das Serras Beira-Durienses é extremamente raro e estará provavelmente em vias de extinção (ALMEIDA, 2009: 122).

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (MATOS, 2014) e Terraço das Gimnospérmicas (TAVARES & ALVES, 2002; PAIVA, s/data; IV.2011, Observ.); Mata, junto à Estufa Fria (IV.2011, Observ.).

XCII. TAXODIACEAE [6 sp.]

1. **Cunninghamia** R. Brown ex Richard & A. Richard

Syn.: *Belis* Salisbury

1. **Cunninghamia lanceolata** (Lambert) Hooker var. **lanceolata**

= *Pinus lanceolata* Lambert [basion.]

= *Belis lanceolata* (Lambert) Hoffmannsegg

Belis jaculifolia Salisbury

Cunninghamia chinensis de Vos

Cunninghamia sinensis R. Brown ex Richard & A. Richard

Raxopitys cunninghamii J. Nelson

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Bélis, cedro chinês, cuningâmia, cuningâmia chinesa, raxopítis.

Endemismo eurasiático, exclusivo da Ásia oriental (LIGUO, YONGFU & MILL, 1999: 55); Árvore ornamental exótica, por vezes cultivada em Portugal, no Jardim Botânico plantada ainda no tempo de Brotero (1791-1811).

Distribuição/localização no Jardim: Quadrado Central, desde o tempo de Brotero (PAIVA, 1981; TAVARES & ALVES, 2002; WIKIPEDIA), actualmente extinta no Jardim, depois do grande temporal de Janeiro de 2013.

2. **Cryptomeria** D. Don

1. **Cryptomeria japonica** (Thunberg ex L. f.) D. Don var. **japonica**

= *Cupressus japonicus* Thunberg ex L. f. [basion.]

= *Taxodium japonicum* (Thunberg ex L. f.) Brongniart

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Criptoméria, criptoméria do Japão, criptoméria japonesa, criptoméria japónica, criptoméria nipónica, cupresso, taxódio.

Endemismo eurasiático, exclusivo do Japão (LIGUO, YONGFU & MILL, 1999: 57); Árvore ornamental e com interesse económico, por vezes cultivada, sobretudo pela sua madeira, e já subespontânea em Portugal; no Jardim Botânico plantada ainda no tempo de Brotero (1791-1811).

Distribuição/localização no Jardim: Quadrado Central, desde o tempo de Brotero (PAIVA, 1981; WIKIPEDIA); Terraço das Gimnospérmicas e Escolas de Sistemática (TAVARES & ALVES, 2002); Mata (IV.2010, Observ.).

3. **Metasequoia** Miki ex Hu & W.C. Cheng

1. **Metasequoia glyptostroboides** Hu & W.C. Cheng

= *Sequoia glyptostroboides* (Hu & W.C. Cheng) Weide

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Metasequóia, sequóia.

Endemismo chinês, exclusivo das províncias de Hubei, Hunan e Sichuan (LIGUO, YONGFU & MILL, 1999: 61); género monoespecífico; Árvore ornamental, considerada um "fóssil vivo", muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospérmicas (PAIVA, 1981)

4. **Sequoia** Endlicher

1. **Sequoia sempervirens** (D. Don) Endlicher

= *Taxodium sempervirens* D. Don [basion.]

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Sequóia, sequóia sempreverde, taxódio, taxódio sempreverde.

Endemismo norte-americano, exclusivo do Ocidente dos Estados Unidos, onde pode atingir 110 m (LIGUO, YONGFU & MILL, 1999: 60); Árvore ornamental exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospérmicas (TAVARES & ALVES, 2002; IV.2010, Observ.!).

5. **Sequoiadendron** J. Buchholz

1. **Sequoiadendron giganteum** (Lindley) J. Buchholz

= *Wellingtonia gigantea* Lindley [basion.]

= *Sequoia gigantea* (Lindley) Decaisne (1854), non Endlicher (1847)

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Sequóia, sequoiadêndron, sequoiadêndrum, uelingtónia, welingtónia.

Endemismo norte-americano (exclusivo da Sierra Nevada, na Califórnia, Estados Unidos); Árvore ornamental exótica, que pode atingir uma idade de 3500 anos (LIGUO, YONGFU & MILL, 1999: 60) e cerca de 100 m de altura, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospérmicas (TAVARES & ALVES, 2002).

6. **Taxodium** Richard

1. **Taxodium distichum** (L.) Richard

= *Cupressus disticha* L. [basion.]

= *Cupressopinnata disticha* (L.) J. Nelson

= *Schubertia disticha* (L.) Mirbel

Cupressus americana Catesby ex Endlicher

Cupressus disticha L. var. *nutans* Aiton

Cupressus disticha L. var. *patens* Aiton

Cupressus laeta Salisbury, nom. illeg.

Cupressus montezumae Humboldt & Bonpland ex Parlatore

Glyptostrobos columnaris Carrière

Taxodium denudatum Carrière

Taxodium distichum (L.) Richard var. *nutans* Carrière (1867), non (Aiton) Sweet (1827)

Taxodium distichum (L.) Richard f. *pendulum-elegans* Beissn.

Taxodium distichum (L.) Richard f. *pendulum-novum* P. Smith ex Beissn.

Taxodium knightii K. Koch

Taxodium pyramidatum Beissn.

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Cupressopinnata, cipreste, cipreste de Montezuma, cupresso, cupresso nutante, cupresso patente, gliptostrobo, gliptostrobo colunar, taxódio, taxódio americano, taxódio desnudo, taxódio dístico, taxódio nu, taxódio nutante, taxódio piramidal.

Endemismo norte-americano, do SE dos Estados Unidos (do Delaware ao Texas), próprio de solos pantanosos (LEWIS, 1986c: 77; LIGUO, YONGFU & MILL, 1999: 59); Árvore ornamental exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Viveiros (II.2010, Observ.!).

DIVISÃO MAGNOLIOPHYTA²⁴⁶

[= Subclasse **MAGNOLIIDAE** Novák ex Takhtajan]²⁴⁷

[**ANTHOPHYTA, ANGIOSPERMAE**²⁴⁸]

CLASSE LILIOPSIDA

[= Superordem **LILIANAE** Takhtajan]²⁴⁹

[= **MONOCOTYLEDONEAE**
= **MONOCOTYLEDONES**]²⁵⁰

XIII. ACORACEAE [3 sp.]

1. **Acorus** Salisbury

1. **Acorus calamus** L.

Acorus angustatus Rafinesque
Acorus angustifolius Schott
 = *Acorus calamus* L. var. *angustifolius* (Schott) Engler
Acorus asiaticus Nakai
Acorus calamus L. var. *americanus* Rafinesque
 = *Acorus americanus* (Rafinesque) Rafinesque
Acorus calamus L. var. *angustus* Besser
Acorus calamus L. var. *verus* L.
Acorus calamus L. var. *vulgaris* L.
Acorus griffithii Schott
Acorus spurius Schott
 = *Acorus calamus* L. var. *spurius* (Schott) Engler
Orontium cochinchinense Loureiro
 = *Acorus cochinchinensis* (Loureiro) Schott

Hidrófito. Origem: Região Holoártica.

Alguns nomes comuns possíveis: Ácoro, ácoro cálamio, ácoro cochinchinês, ácoro da Cochinchina, bandeira doce, cálamio, changpu, orôncio, orôntio, orôntio cochinchinês, orôntio da Cochinchina.

Endemismo da Região Holoártica (HENG, GUANGHUA & BOGNER, 2010: 2); Planta ornamental, aromática, medicinal (BORGES & ALMEIDA, 1996: 150) e venenosa herbácea perene aquática, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ROSA, 2000: Anexo VII).

²⁴⁶ TAKHTAJAN (2009: xxxvii; 1) continua a considerar as plantas com flor (“Flowering Plants”, ou *Anthophyta*), ou Angiospérmicas, como o filo (*phylum*) ou divisão **Magnoliophyta**.

²⁴⁷ De acordo com CHASE & REVEAL (2009: 123).

²⁴⁸ Por razões puramente práticas, e de acordo com TAKHTAJAN (*l.c.*), vamos manter a tradicional divisão entre **Monocotiledóneas** (classe **Liliopsida**) e **Dicotiledóneas** (classe **Magnoliopsida**), dentro das tradicionais **Angiospérmicas** (divisão **Magnoliophyta**). Não vamos indicar as ordens a que pertencem as diversas famílias de Angiospérmicas, cuja classificação será dada o mais possível de acordo com as recentes obras de referência APG III (2009) e *Mabberley’s Plant-Book* (MABBERLEY, 2008).

²⁴⁹ De acordo com CHASE & REVEAL (2009: 123).

²⁵⁰ As Monocotiledóneas (“Monocots”) continuam a ser reconhecidas como um grupo significativo, ainda que de um modo informal (cf. por ex. CHASE & REVEAL, 2009: 126). As Monocotiledóneas citadas neste catálogo encontram-se agrupadas em famílias, de acordo com a classificação filogenética considerada mais actual (APG III). Em vez de dispormos as famílias de acordo com as ordens a que pertencem, preferimos colocá-las simplesmente por ordem alfabética, devido a razões de ordem puramente prática, parecendo-nos que assim se tornaria mais fácil a consulta deste catálogo florístico.

2. **Acorus gramineus** Aiton

Hidrófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Ácoro, ácoro gramineo.

Endemismo eurasiático; Planta ornamental, aromática, medicinal e venenosa herbácea perene rizomatosa, preferencialmente aquática, pois só floresce se for cultivada dentro de água (ROSA, 2000), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim (ainda cultivada em 2000).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000), possivelmente num tanque.

3. **Acorus gramineus** Aiton '**Albovariegatus**'

Hidrófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Ácoro, ácoro gramineo.

Planta ornamental, aromática, medicinal e venenosa herbácea perene rizomatosa, preferencialmente aquática, pois só floresce se for cultivada dentro de água (ROSA, 2000), muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Jardimeta 1 (TAVARES & ALVES, 2002).

XCIV. ALISMATACEAE [3 sp.]

[Syn.: *Damasoniaceae*, *Limnocharitaceae*]²⁵¹

1. **Alisma** L.

1. **Alisma plantago-aquatica** L.

Ranunculus palustris plantaginis folio, ampliore Tournefort (ROSA, 2000)

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alisma, alisma aquática, alisma de água, erva do cão enlouquecido, erva do cão ensandecido, erva do cão louco, erva do cão maluco, erva do cão raivoso, erva do cão tihoso, plantago aquático, plantago de água.

Endemismo da Região Holoártica; Planta ornamental, aromática, medicinal e venenosa herbácea perene aquática, espontânea e pouco comum em Portugal (cf. ARAÚJO & al., 2014aq).

Distribuição/localização no Jardim: Recanto Tropical, num tanque (TAVARES & ALVES, 2002; VI.2010, Observ.!).

2. **Baldellia** Parlatores

2. **Baldellia repens** (Lamarck) Ooststroom ex Lawalrée subsp. **cavanillesii** (Molina Abril, Galán de Mera, Pizarro & Sardinero) Talavera

= *Baldellia ranunculoides* (L.) Parlatores subsp. *cavanillesii* Molina Abril, Galán de Mera, Pizarro & Sardinero [basion.]

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alisma, baldélia.

Endemismo eurasiático e norte-africano; Planta ornamental aquática herbácea perene, espontânea e rara em Portugal (ARAÚJO & al., 2014ar).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002), possivelmente num tanque.

3. **Hydrocleys** Richard

1. **Hydrocleys nymphoides** (Humboldt & Bonpland ex Willdenow) Buchenau

= *Stratiotes nymphoides* Humboldt & Bonpland ex Willdenow [basion.]

= *Limnocharis nymphoides* (Humboldt & Bonpland ex Willdenow) Micheli

Hydrocleys azurea Schultes f.

Hydrocleys commersonii Richard

= *Limnocharis commersonii* (Richard) Sprengel

Limnocharis humboldtii Richard, nom. illeg.

= *Hydrocleys humboldtii* (Richard) Endlicher, nom. illeg.

= *Vespuccia humboldtii* (Richard) Parlatores

²⁵¹ De acordo com REVEAL & CHASE (2011: 75-76).

Sagittaria ranunculoides Vellozo

Hidrófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Hidrocleis, limnocáris, papoila aquática, papoila de água, sagitária, stratiotes, vespúcia.

Endemismo sul-americano (MABBERLEY, 2008: 420); Planta ornamental aquática herbácea perene, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002), possivelmente num tanque; Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

XCV. ALSTROEMERIACEAE [4 sp.]

[Syn.: *Luzuriagaceae*]²⁵²²⁵³

1. *Alstroemeria* L.

1. *Alstroemeria aurea* Graham

Alstroemeria araucana Philippi

Alstroemeria aurantiaca D. Don

Alstroemeria aurea Meyen, nom. illeg.

Alstroemeria chiloensis Philippi

Alstroemeria concolor Steudel

Alstroemeria mutabilis Kunze ex Kunth

Alstroemeria nivali Meyen

Alstroemeria peruviana Van Houtte

Alstroemeria pulchella H. Vilm., nom. illeg.

Alstroemeria xanthina Philippi

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Alstroeméria, alstroeméria alaranjada, alstroeméria amarela, alstroeméria amarelada, alstroeméria áurea, alstroeméria chilena, alstroeméria de ouro, alstroeméria do Chile, alstroeméria do Peru, alstroeméria dos Incas, alstroeméria dourada, alstroeméria incana, alstroeméria laranja, alstroeméria mutável, alstroeméria peruana, alstroeméria peruviana, alstroeméria sul-americana, alstroeméria variável.

Endemismo sul-americano, do Chile, de floração estival (MATTHEWS, 1986o: 209; HUXLEY & al., 1999a: 141; IPNI; THE PLANT LIST); Planta ornamental perene perene tuberosa ou rizomatosa exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Alstroemeria ligtu* L. subsp. *ligtu*

Alstroemeria chilensis Lemaire

Alstroemeria curtisiana E. Meyer ex C. Presl, nom. illeg.

Alstroemeria feuilleana E. Meyer ex C. Presl

Alstroemeria flava Philippi

Alstroemeria haemantha Ruíz & Pavón

= *Alstroemeria ligtu* L. f. *haemantha* (Ruíz & Pavón) Ravenna

Alstroemeria haemantha Ruíz & Pavón var. *albida* Herbert

Alstroemeria inaequalis Philippi

Alstroemeria ligra Crantz

Alstroemeria ligtu L. f. *carnea* Ravenna

Alstroemeria ligtu L. var. *heterophylla* Kuntze

Alstroemeria ligtu L. f. *nivea* Ravenna

Alstroemeria lothiam Utinet

Alstroemeria presliana Kunth, nom. illeg.

Alstroemeria stenopetala Philippi

Priopetalon pallidum Rafinesque

Geófito. Origem: América do Sul.

²⁵² De acordo com REVEAL & CHASE (2011: 77).

²⁵³ A família *Luzuriagaceae* é, contudo, considerada como uma família independente por SEBERG (2007:b 380) e também por TAKHTAJAN (2009: 638-641), dentro da ordem *Alstroemeriales*, e incluindo o género *Geitonoplesium* Cunningham ex R. Brown, que até já se pode encontrar escapado de cultura no Jardim Botânico de Coimbra.

Alguns nomes comuns possíveis: Alstroeméria, alstroeméria alva, alstroeméria amarela, alstroeméria branca, alstroeméria cândida, alstroeméria chilena, alstroeméria chilense, alstroeméria cor de carne, alstroeméria cor de neve, alstroeméria cor de sangue, alstroeméria curtisiana, alstroeméria de Curtis, alstroeméria de flores amarelas, alstroeméria de flores brancas, alstroeméria de flores cárneas, alstroeméria de flores flavas, alstroeméria de flores pálidas, alstroeméria de flores rubras, alstroeméria de flores vermelhas, alstroeméria de folhas diferentes, alstroeméria de Presl, alstroeméria desigual, alstroeméria do Chile, alstroeméria flava, alstroeméria flavescente, alstroeméria heterófila, alstroeméria lútea, alstroeméria lutescente, alstroeméria nívea, alstroeméria presliana, flor do galo, ligtu, lírio dos incas, lírio inca, priopétalo, priopétalo pálido.

Endemismo sul-americano, exclusivo da Argentina e do Chile, de floração estival (MATTHEWS, 1986o: 209; HUXLEY & al., 1999a: 141; IPNI); Planta ornamental perene tuberosa ou rizomatosa exótica raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Alstroemeria pulchella* L. f.

Alstroemeria atrorubra Ravenna

Alstroemeria banksiana M. Roemer

Alstroemeria hassleriana Baker

Alstroemeria psittacina Lehmann

= *Lilavia psittacina* (Lehmann) Rafinesque

Alstroemeria psittacina Lehmann var. *longipedunculata* Regel

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Alstroeméria, alstroeméria bela, alstroeméria belíssima, alstroeméria bonita, alstroeméria bonitinha, alstroeméria brasileira, alstroeméria de Banks, alstroeméria de Hassler, alstroeméria de papagaio, alstroeméria de pedúnculos longos, alstroeméria do Brasil, alstroeméria psitacina, alstroeméria formosa, alstroeméria pulcra, alstroeméria pulquérrima, alstroeméria sul-americana, alstroeméria venusta, flor de papagaio, lilávia, lilávia de papagaio, lilávia psitacina, sino de Natal da Nova Zelândia.

Endemismo sul-americano, do Norte do Brasil, de floração estival (MATTHEWS, 1986o: 209; HUXLEY & al., 1999a: 141; IPNI); Planta ornamental perene tuberosa ou rizomatosa exótica tropical, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII); Cultivada em vasos? (cf. INDEX SEMINUM ET SPORARUM, 2009, 2010).

4. *Alstroemeria pulchra* Sims subsp. *pulchra*

= *Alstroemeria ligtu* L. var. *pulchra* (Sims) Baker

= *Alstroemeria ligtu* L. f. *pulchra* (Sims) Voss

Alstroemeria bicolor Hooker

Alstroemeria flos-martini Ker Gawler

Alstroemeria pulchella sensu Sims (1822), non Linnaeus f. (1782)

Alstroemeria simsii Sprengel

Alstroemeria tricolor Hooker

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Alstroeméria, alstroeméria bela, alstroeméria belíssima, alstroeméria bicolor, alstroeméria bonita, alstroeméria de duas cores, alstroeméria de flores de três cores, alstroeméria de flores de várias cores, alstroeméria de flores tricolores, alstroeméria de três cores, alstroeméria formosa, alstroeméria pulcra, alstroeméria pulquérrima, alstroeméria tricolor, alstroeméria venusta, flor de papagaio.

Endemismo sul-americano, do Chile (IPNI; THE PLANT LIST); Planta ornamental perene perene tuberosa ou rizomatosa exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

XCVI. AMARYLLIDACEAE [142 sp.]

[Syn.: *Agapanthaceae*, *Alliaceae*, *Brunsvigiaceae*, *Cepaceae*,
Crinaceae, *Cyrtanthaceae*, *Galanthaceae*, *Gethyllidaceae*, *Gilliesiaceae*,
Haemanthaceae, *Leucojaceae*, *Milulaceae*, *Narcissaceae*, *Oporanthaceae*,
Pancratiaceae, *Strumariaceae*, *Tulbaghiaceae*, *Zephyranthaceae*]²⁵⁴

1. *Acis* Salisbury

1. *Acis autumnalis* (L.) Herbert

= *Leucojum autumnale* L. [basion.]

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Ácis, ácis de outono, ácis outonal, leucóium, leucóium de outono, leucóium outonal.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental (WEBB, 1980b: 76; WEBB, 1986: 320); Planta ornamental herbácea bolbosa, espontânea e comum em Portugal, sobretudo no Centro, Sul e Norte litoral (PORTO & al., 2014b), também por vezes cultivada pelo seu grande interesse ornamental e facilidade de cultivo, sendo notáveis as suas pequenas flores brancas visíveis durante todo o Verão e a maior parte do Outono; as suas cápsulas produzem sementes em abundância.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002; A.C. MATOS, com. pessoal).

2. *Acis trichophylla* (Schousb.) G. Don

= *Leucojum trichophyllum* Schousb. [basion.]

Leucojum grandiflorum DC.

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Ácis, leucóium.

Endemismo ibero-marroquino (WEBB, 1984: 320); Planta ornamental herbácea bolbosa, espontânea e pouco comum em Portugal, onde se encontra quase exclusivamente no Sul (CARAPETO & al., 2014l).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

2. *Agapanthus* L'Héritier

1. *Agapanthus africanus* (L.) Hoffmannsegg

= *Crinum africanum* L. [basion.]

= *Abumon africanum* (L.) Britton

= *Mauhlia africana* (L.) Dahl

= *Tulbaghia africana* (L.) Kuntze

Agapanthus minor Loddiges

= *Tulbaghia minor* (Loddiges) Kuntze

Agapanthus tuberosus L. ex DC.

Agapanthus umbellatus L'Hér.

= *Mauhlia umbellata* (L'Hér.) Thunberg ex Schultes & Schultes f.

Crinum floridum Salisbury, nom. illeg.

Mauhlia linearis Thunberg

Tulbaghia heisteri FaBrown

= *Tulbaghia africana* (L.) Kuntze var. *heisteri* (FaBrown) Kuntze

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Abúmon, abúmon africano, agapanto, agapanto africano, agapanto menor, agapanto sul-africano, agapanto tuberoso, crino, crino africano, máulia, máulia africana, tulbáguia, tulbáguia africana, tulbáguia menor.

Endemismo sul-africano (KING, 1986c: 232); Planta ornamental herbácea bolbosa, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

²⁵⁴ De acordo com REVEAL & CHASE (2011: 79).

2. **Agapanthus insignis** W. Bull × **Agapanthus globosus** W. Bull

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Agapanto, agapanto bastardo, agapanto globoso, agapanto híbrido, agapanto insigne, agapanto sul-africano.

Planta ornamental herbácea bolbosa, de origem híbrida, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; Anexo VII).

3. **Agapanthus praecox** Willdenow **sensu lato**

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Agapanto, agapanto africano, agapanto precoce, agapanto sul-africano.

Endemismo sul-africano (KING, 1986c: 232); Planta ornamental herbácea bolbosa, muito cultivada e raramente subespontânea em Portugal, também já encontrada subespontânea na vizinha Galiza (GONZÁLEZ MARTÍNEZ, 2014: 66).

Distribuição/localização no Jardim: Quadrado Central e Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (TAVARES & ALVES, 2002; VII.2014, Observ.!).

4. **Agapanthus praecox** Willdenow subsp. **orientalis** (F.M. Leighton) F.M. Leighton

= *Agapanthus orientalis* F.M. Leighton [basion.]

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Agapanto, agapanto africano, agapanto oriental, agapanto precoce, agapanto sul-africano.

Endemismo sul-africano (KING, 1986c: 232); Planta ornamental herbácea bolbosa, muito cultivada e muito raramente subespontânea em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

3. **Allium** L.

[Syn.: *Caloscordum* Herbert]

1. **Allium ampeloprasum** L.

= *Allium porrum* L. var. *ampeloprasum* (L.) Mirbel

Allium ascendens Tenore

Allium gasparrini Gussone

Allium getulum Battandier & Trabut

Allium lineare Miller

Allium mogadorese Willdenow

Allium multiflorum Desfontaines

Allium tortifolium Battandier & Trabut

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alho francês, alho inglês, alho porro, chalotas.

Endemismo eurasiático, mediterrânico e macaronésico, que se pode encontrar desde o nível do mar até aos 2000 m de altitude (MATHEW, 1996: 67-69); Planta ornamental e alimentar, espontânea e pouco comum em Portugal (cf. ARAÚJO & al., 2014a).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. **Allium angulosum** L.

= *Cepa angulosa* (L.) Bernhardi

= *Xylorhiza angulosa* (L.) Salisbury, nom. inval.

Allium acutangulum Schrader

Allium acutangulum Schrader var. *senescens* Nyman

Allium angulare Pallas

Allium angulatum Pallas

Allium calcareum Wallroth

Allium danubiale Sprengel

Maligia fastigiata Rafinesque

Geófito. Origem: Eurásia.

Nomes comuns possíveis: Alho, alho angulado, alho angular, alho anguloso, alho danubial, alho do Danúbio, cepa, cepa angulosa, malícia, xilorriza.

Endemismo eurasiático (STEARN, 1980b: 53); Planta ornamental herbácea bolbosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica e Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII)

3. **Allium atropurpureum** Waldstein & Kitaibel

= *Allium nigrum* L. var. *atropurpureum* (Waldstein & Kitaibel) Visiani

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Nomes comuns possíveis: Alho anegrado, alho atropurpúreo, alho escuro.

Endemismo eurasiático; Elemento Euro-Siberiano (KOLLMANN, 1984: 197-198); Planta ornamental herbácea bolbosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

4. **Allium carinatum** L. subsp. **carinatum**

= *Aglitheis carinata* (L.) Rafinesque

= *Cepa carinata* (L.) Reichenbach

= *Codonoprasum carinatum* (L.) Reichenbach

= *Raphione carinata* (L.) Salisbury, nom. inval.

Geófito. Origem: Eurásia.

Nomes comuns possíveis: Agliteis, alho, alho carenado, alho carinado, cepa, cepa carenada, cepa carinada, codonopraso, rafione.

Endemismo eurasiático (PASTOR & VALDÉS, 1983: 80-82; KOLLMANN, 1984: 153; IPNI); Planta ornamental herbácea bolbosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. **Allium cepa** L.

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Alho-cebola, alho cebolinho, alho cebolino, alho ceboloso, cebola, cebola comum, cebola cultivada, cebola de comer, cebola ordinária, cebola vulgar.

Endemismo eurasiático, desconhecido no estado silvestre mas possivelmente derivado de *Allium oschaninii* Fedtschenko (syn.: *Allium cepa* L. var. *sylvestre* Regel), originário da Ásia central (KOLLMANN, 1984: 118); Planta alimentar e medicinal (CLAUDINO & al., 2001: 37; GONZÁLEZ & al., 2010: 348) perene bolbosa, muito cultivada em Portugal, sobretudo em hortas.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Escola Médica (TAVARES & al., 2009; MATOS, 2014); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

6. **Allium cristophii** Trautvetter

= *Caloscordum cristophii* (Trautvetter) Banfi & Galasso

Allium albopilosum C.H. Wright

Allium bodeanum Regel

Allium walteri Regel

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Alho, alho da Pérsia, alho albipiloso, alho de Bode, alho de Cristoph, alho de pelos brancos, alho de Walter, alho irânico, alho persa, alho pérsico, alho turco, caloscordo, estrela da Pérsia, estrela irânica, estrela persa, estrela pérsica, estrela turca.

Endemismo eurasiático; Elemento Irano-Turânico (KOLLMANN, 1984: 196-197); Planta ornamental bolbosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII); Escola Médica (MATOS, 2014).

7. **Allium cyathophorum** Bureau & Franchet var. **farreri** (Stearn) Stearn

= *Allium farreri* Stearn [basion.]

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Alho, alho chinês, alho da China, alho da montanha, alho de altitude, alho de Farrer, alho farreriano.

Endemismo eurasiático, exclusivamente chinês, das montanhas das províncias de Gansu e Sichuan, onde se pode encontrar entre os 2700 e os 3600 m (XU & KAMELIN, 2000: 176); Planta ornamental herbácea bolbosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

8. **Allium denudatum** F. Delaroche

Allium albidum Fischer ex Marschall von Bieberstein

Allium ammophilum Heuff.

= *Allium angulosum* Allioni subsp. *ammophilum* (Heuff.) K. Richt.

= *Allium flavescens* subsp. *ammophilum* (Heuff.) Soó

Allium angulosum Allioni nom. illeg.

Allium angulosum Allioni var. *caucasicum* Regel

= *Allium albidum* Fischer ex Marschall von Bieberstein subsp. *caucasicum* (Regel) Stearn

Allium stellerianum Besser, nom. illeg.

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Alho, alho branco, alho desnudado, alho desnudo, alho nu.

Endemismo eurasiático; Planta ornamental herbácea bolbosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

9. **Allium flavum** L.

Geófito. Origem: Eurásia

Nomes comuns possíveis: Alho, alho amarelo, alho flavo, alho lúteo.

Endemismo eurasiático e norte-africano; Planta ornamental herbácea bolbosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

10. **Allium giganteum** Regel

Allium procerum Trautvetter ex Regel

Geófito. Origem: Eurásia.

Nomes comuns possíveis: Alho, alho dos Himalaias, alho gigante, alho himalaiano, alho himalaico.

Endemismo eurasiático; Planta ornamental herbácea bolbosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

11. **Allium japonicum** Regel

Geófito. Origem: Eurásia.

Nomes comuns possíveis: Alho do Japão, alho japonês, alho japonico, alho nipónico.

Endemismo eurasiático; Planta ornamental herbácea bolbosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ALMEIDA & al., 2003).

12. **Allium lusitanicum** Lamarck

= *Allium schoenoprasum* L. subsp. *lusitanicum* (Lamarck) K. Richter

= *Allium schoenoprasum* L. subsp. *lusitanicum* (Lamarck) Nyman, nom. superfl.

= *Allium senescens* L. subsp. *lusitanicum* (Lamarck) Dostál

Allium angulosum L. var. *montanum* Pohl

= *Allium fallax* Schultes & Schultes f. subsp. *montanum* (Pohl) Fries

= *Allium senescens* L. subsp. *montanum* (Pohl) Holub

Allium fallax Schultes & Schultes f.

= *Allium montanum* F.W. Schmidt var. *fallax* (Schultes & Schultes f.) Nyman

Allium fallax Schultes & Schultes f. subsp. *montanum* Fries

= *Allium senescens* L. subsp. *montanum* (Fries) Holub

Allium fallens Bubani

Allium leptophyllum Schur

= *Allium montanum* F.W. Schmidt subsp. *leptophyllum* (Schur) Soó

Allium montanum F.W. Schmidt, nom. illeg.

Allium montanum F.W. Schmidt f. *subbulbiliferum* Priszter

Allium petraeum Genty, nom. illeg.

Geófito. Origem: Nativa.

Nomes comuns possíveis: Alho, alho da montanha, alho da serra, alho da serra da Estrela, alho das montanhas, alho de Portugal, alho lusitano, alho lusitano, alho montanhês, alho montano, alho português, alho serrano.

Endemismo europeu (IPNI, GRIN); Planta ornamental herbácea bolbosa, espontânea e muito rara em Portugal, onde se encontra somente nas altitudes elevadas da Serra da Estrela (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: 82, sub *Allium senescens* L. subsp. *montanum* (Fries) Holub), onde constitui uma espécie rara e ameaçada.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

13. **Allium mairei** H. Léveillé

Allium amabile Stapf

Allium giraudiasii H. Léveillé

Allium pyrrhorrhizum Airy Shaw

Allium pyrrhorrhizum Airy Shaw var. *leucorrhizum* F.T. Wang & T. Tang

Allium yunnanense Diels

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Alho, alho amável, alho asiático, alho chinês, alho da China, alho de Giraudias, alho de Maire, alho de raízes brancas, alho de raízes cândidas, alho de raízes rubras, alho de raízes vermelhas, alho de Yunnan, alho giraudiano, alho maireano, alho yunnanense.

Endemismo eurasiático, da China (XU & KAMELIN, 2000: 176); Planta ornamental bolbosa perene exótica tropical ou subtropical, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

14. **Allium neapolitanum** Cyrillo

Allium album Santi

Allium candidissimum Cavanilles

Allium cowanii Lindley

Allium lacteum Smith

Allium sieberianum Schultes & Schultes f.

Allium subhirsutum L. var. *glabrum* Regel

Allium sulcatum DC.

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alho alvo, alho branco, alho branquíssimo, alho cândido, alho de Cowan, alho de Nápoles, alho de Sieber, alho lácteo, alho leitoso, alho napolitano, alho neapolitano, alho sulcado.

Endemismo da Região Mediterrânica e regiões vizinhas, em *habitats* abertos, desde o nível do mar até os 1100 m de altitude, de floração primaveril ou vernal (STEARN, 1980b: 57; PASTOR & VALDÉS, 1983: 126; KOLLMANN, 1984: 121; STEARN & CAMPBELL, 1986: 240; HUXLEY & al., 1999a: 111); Planta ornamental herbácea bolbosa espontânea, pouco comum e bastante dispersa em Portugal (ARAÚJO & al., 2014a).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002); Também espontâneo no Jardim (III.2010, Observ.!).

15. **Allium neriniflorum** (Herbert) G. Don

= *Caloscordum neriniflorum* Herbert [basion.]

= *Geboscon neriniflorum* (Herbert) House

= *Nothoscordum neriniflorum* (Herbert) Benth & J.D. Hooker

Nothoscordum neriniflorum (Herbert) Benth & J.D. Hooker f. *albiflorum* Kitagawa

= *Caloscordum neriniflorum* Herbert f. *albiflorum* (Kitagawa) Kitagawa

= *Allium neriniflorum* (Herbert) G. Don f. *albiflorum* (Kitagawa) Q.S. Sun

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Alho, alho belo, alho bonito, alho formoso, alho pulcro, alho venusto, alho de flores de nerine, alho nerinifloro, alho nerinifloro de flores brancas, belo alho, caloscordo, caloscordo de flores de nerine, caloscordo nerinifloro, caloscordo nerinifloro de flores brancas, gebosco, gebosco de flores de nerine, gebosco, gebosco nerinifloro, geboscon, de flores de nerine, geboscon nerinifloro, notoscordo, notoscordo de flores de nerine, notoscordo nerinifloro.

Endemismo eurasiático, exclusivo da Ásia oriental: China, Mongólia e extremo oriente da Federação Russa, onde pode ocorrer em taludes, sítios pantanosos, prados e locais arenosos costeiros, do nível do mar até aos 2000 m, de floração estival predominantemente tardia (MATTHEWS, 1986p: 246; XU & KAMELIN, 2000: 202; MABBERLEY, 1997: 117); Planta ornamental bolbosa perene exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

16. *Allium nigrum* L.

= *Kalabotis nigrum* (L.) Rafinesque

= *Molium nigrum* (L.) Haworth

Allium littoreum G. Don., nom. illeg.

Allium magicum L., nom. rej.

= *Allium cyrilli* Tenore var. *magicum* (L.) Nyman

= *Canidia magica* (L.) Salisbury, nom. inval.

= *Ophioscorodon magicum* (L.) Wallroth

Allium monspessulanum Gouan

= *Panstenum monspessulanum* (Gouan) Rafinesque

Allium multibulbosum Jacquin

= *Allium nigrum* L. subsp. *multibulbosum* (Jacquin) Holmboe

Allium nigrum L. f. *album* Maire

Allium nigrum L. f. *roseum* Maire

Allium speciosum Cyrillo

= *Moly speciosum* (Cyrillo) Moench

Molium paucibulbosum Haworth

Ornithogalum afrum Zuccarini

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alho, alho de Mompilher, alho de muitos bolbos, alho de poucos bolbos, alho de vários bolbos, alho mágico, alho negro, calabótis, calabótis negra, canídia, canídia mágica, móli, mólio, mólio negro, ofioscórodon, ornitógalo africano, pansteno, pansteno de Mompilher.

Endemismo e elemento da Região Mediterrânica (KOLLMANN, 1984: 197); Planta ornamental herbácea bolbosa espontânea e pouco comum em Portugal, muito localizada na Estremadura e no Alentejo (PORTO & PEREIRA, 2014z), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

17. *Allium nutans* L.

= *Porrum nutans* (L.) Rafinesque

Allium tataricum Schultes & Schultes f., nom. illeg.

Allium undulatum Schousboe ex Trev.

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Alho, alho chinês, alho da China, alho da Mongólia, alho da Rússia, alho mongol, alho nutante, alho ondulado, alho russo, porro, porro nutante.

Endemismo eurasiático, da China, Cazaquistão, Mongólia e Rússia (XU & KAMELIN, 2000); Planta ornamental bolbosa perene exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

18. *Allium oleraceum* L.

= *Codonoprasum oleraceum* (L.) Reichenbach

= *Porrum oleraceum* (L.) Moench

= *Raphione oleraceum* (L.) Salisbury

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alho, alho bulbífero, alho bulbilífero, alho bulbilhoso, alho de bulbilhos, alho do campo, alho oleráceo.

Planta ornamental herbácea bolbosa, espontânea e pouco comum em Portugal, onde se encontra em duas províncias do interior: BA e TM (ALMEIDA & ARAÚJO, 2014); Gonçalves da Costa, distinto colector da Universidade do Porto, foi quem primeiro detectou a existência desta espécie em Portugal, na BA: Trancoso: Tamanhos, num carvalhal, 29.VII.1969 (AGUIAR & al., 1999: 35; AGUIAR, 2000: 201; AGUIAR & CARVALHO, 2003a: 228), não tendo, porém, publicado esta descoberta interessante, não citada para

Portugal em qualquer das antigas Floras portuguesas nem na monografia de PASTOR & VALDÉS (1983), nem na Nova Flora de Portugal (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

19. *Allium rotundum* L.

= *Allium scorodoprasum* L. subsp. *rotundum* (L.) Stearn

Allium baumannianum K. Koch

Allium cambiasii De Notaris

= *Allium rotundum* L. var. *cambiasii* (De Notaris) Nyman

Allium cilicicum Boissier

Allium descendens Pallas ex Schultes & Schultes f.

Allium erectum G. Don

= *Allium rotundum* L. subsp. *erectum* (G. Don) K. Richter

= *Allium rotundum* L. var. *erectum* (G. Don) Regel

Allium gracilescens Sommier & Levier

Allium jajlae Vved.

= *Allium rotundum* L. subsp. *jajlae* (Vved.) B. Mathew

= *Allium scorodoprasum* L. subsp. *jajlae* (Vved.) Stearn

Allium jajlae Vved. var. *baidarense* Seregin

Allium multiflorum Kunth, nom. illeg.

Allium paterfamilias Boissier

= *Allium ampeloprasum* L. subsp. *paterfamilias* (Boissier) K. Richter

= *Allium ampeloprasum* L. var. *paterfamilias* (Boissier) Nyman

Allium porphyroprasum Heldreich & Sart. ex Boissier

= *Allium rotundum* L. var. *porphyroprasum* (Heldreich & Sart. ex Boissier) Nyman

Allium preslianum Schultes & Schultes f.

= *Allium rotundum* L. subsp. *preslianum* (Schultes & Schultes f.) K. Richter

= *Allium rotundum* L. var. *preslianum* (Schultes & Schultes f.) Regel

Allium rotundifolium Lumn. ex Steudel, nom. inval.

Allium rotundum L. var. *melleum* Misch. & ex Grossheim

Allium rubellum C. Presl, nom. illeg.

Allium rubicundum Niven ex G. Don

= *Allium rotundum* L. var. *rubicundum* (Niven ex G. Don) Regel

Allium scariosum Jan ex Schultes & Schultes f.

= *Allium rotundum* L. var. *scariosum* (Jan ex Schultes & Schultes f.) Nyman

Allium tmoleum O. Schwarz

Allium waldsteinianum Schultes & Schultes f.

= *Allium rotundum* L. var. *waldsteinianum* (Schultes & Schultes f.) Schultes & Schultes f.

Allium waldsteinii G. Don

= *Allium rotundum* L. subsp. *waldsteinii* (G. Don) K. Richter

= *Allium scorodoprasum* L. subsp. *waldsteinii* (G. Don) Stearn

Porrum polyanthum Fourreau

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Alho, alho ascalónico, alho avermelhado, alho baidarense, alho cebolinho, alho cebolo, alho corado, alho de Baumann, alho de folhas redondas, alho de muitas flores, alho de Presl, alho de Waldstein, alho erecto, alho escarioso, alho galego, alho multifloro, alho pai de família, alho polianto, alho porro de muitas flores, alho presliano, alho redondo, alho rotudifólio, alho rubicundo, alho rubrescente, alho rubro, alho vermelho, ceboleta, cebolinho, cebolinho comum, cebolinho francês, cebolinho selvagem, cebolinho silvestre, cebolinho vulgar, cebolo, cepa, esquenopraso, porro, porro de muitas flores, porro multifloro, porro polianto.

Endemismo eurasiático e norte-africano, de floração vernal ou primaveril e estival, por vezes dividido em três subespécies distintas: *Allium rotundum* L. subsp. *rotundum*, *A. rotundum* subsp. *jajlae* (Vved.) B. Mathew e *A. rotundum* subsp. *waldsteinii* (G. Don) K. Richter (Mathew, 1996: 99-102); Planta ornamental herbácea bolbosa exótica, espontânea na Península Ibérica mas não em Portugal, pouco cultivada entre nós. Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

20. **Allium sativum** L.

Geófito. Origem: Eurásia

Alguns nomes comuns possíveis: Alho, alho comum, alho cultivado, alho das boticas, alho de afastar os vampiros, alho de comer, alho medicinal, alho oficinal, alho semeado, alho vulgar.

Endemismo eurasiático, cultivado há vários milhares de anos pelas propriedades aromáticas e medicinais (LAUNERT, 1989: 254; BORGES & ALMEIDA, 1996: 149; CLAUDINO & al., 2001: 34; GONZÁLEZ & al., 2010: 348; PROENÇA DA CUNHA & al., 2010: 192-195) dos seus bolbos comestíveis, ter-se-á originado a partir de *Allium longicuspis* Regel, uma espécie espontânea na Ásia central e ocidental (MATHEW, 1996: 85); Planta alimentar bolbosa, muito cultivada em Portugal, em campos e em hortas.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002); Escola Médica (MATOS, 2014).

21. **Allium schoenoprasum** L.

= *Ascalonicum schoenoprasum* (L.) P. Renault

= *Cepa schoenoprasa* (L.) Moench

= *Porrum schoenoprasum* (L.) Schur

= *Schoenissa schoenoprasum* (L.) Salisbury, nom. inval.

Allium purpurascens Losa

Allium schoenoprasum L. var. *vulgare* Alefeld, nom. inval.

Allium sibiricum L.

= *Porrum sibiricum* (L.) Schur

Schoenoprasum vulgare Fourreau

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Alho ascalónico, alho cebolinho, alho cebolo, alho da Sibéria, alho de Baumann, alho eurasiático, alho galego, alho siberiano, ascalónico, ceboleta, cebolinho, cebolinho comum, cebolinho francês, cebolinho selvagem, cebolinho silvestre, cebolinho vulgar, cebolinho, cebolo, cepa, esquenissa, esquenoprasso, porro, porro da Sibéria, porro eurasiático, porro siberiano.

Endemismo holoárctico: eurasiático e norte-americano, que se pode encontrar desde o nível do mar até aos 2400 m, de floração estival (PASTOR & VALDÉS, 1983: 160; STEARN & CAMPBELL, 1986: 239; HUXLEY & al., 1999a: 112-123); Planta ornamental herbácea perene bolbosa, cultivada (popularmente designada como cebolinho) pelas suas folhas comestíveis, por vezes naturalizada, e possivelmente espontânea em Portugal: BL, Mi (STEARNS, 1980b: 55; PASTOR & VALDÉS, 1983: 160-164; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: 77; AEDO, 2013a: 50).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

22. **Allium senescens** L.

= *Cepa senescens* (L.) Moench

= *Xylorhiza senescens* (L.) Salisbury, nom. inval.

Allium laucum Schrader

Allium narcissifolium Scopoli, nom. illeg. superfl.

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Alho, alho envelhecido, alho senescente, alho velhinho, alho velho, cepa, cepa envelhecida, cepa senescente, xilorriza, xilorriza envelhecida, xilorriza senescente.

Endemismo eurasiático, de vasta distribuição, próprio de sítios secos, usualmente rochosos (STEARNS, 1980b: 53-54; IPNI; KOROBKOV & al., 2013: 1075; PROBATOVA & al., 2013a: 1079; KOZHEVNIKOVA & KOZHEVNIKOV, 2014b); Planta ornamental herbácea exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

23. *Allium sikimmense* Baker*Allium cyaneum* Regel var. *brachystemon* Regel*Allium kansuense* Regel*Allium tibeticum* Rendle

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Alho, alho azul, alho azul-turquesa, alho ciâneo, alho chinês, alho da China, alho das montanhas, alho de altitude, alho do Sikkim, alho dos Himalaias, alho do Tibete, alho sikimense, alho tibetano, alho tibético, gaoshanjiu.

Endemismo eurasiático, exclusivo da China, Índia, Butão, Nepal, Sikkim e Tibete, na região dos Himalaias, a altitudes que variam entre os 2400 e os 5000 m (STEARN & CAMPBELL, 1986: 238; HUXLEY & al., 1999a: 113; XU & KAMELIN, 2000: 178); Planta ornamental herbácea exótica, pouco cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

24. *Allium sphaerocephalon* L. subsp. *sphaerocephalon**Allium descendens* L., nom. ambig.= *Allium sphaerocephalon* L. var. *descendens* (L.) Regel= *Porrum descendens* (L.) Reichenbach*Allium loscosii* Richter*Allium margaritaceum* Smith var. *robustum* Maire*Allium purpureum* Loscos*Allium regnieri* Maire*Allium sphaerocephaloides* Foucaud ex Salvatier*Allium sphaerocephalon* L. var. *bulbiferum* Willkomm*Allium sphaerocephalon* L. var. *bulbilliferum* Lore & Barrandon*Allium sphaerocephalon* L. subsp. *eusphaerocephalon* Briquet*Allium sphaerocephalon* L. var. *genuinum* Coutinho*Allium sphaerocephalon* L. var. *typicum* Regel

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alho bravo, alho de cabeça esférica, alho de cabeça ovóide, alho de cabeça redonda, alho de Loscos, alho de Regnier, alho descendente, alho esferocéfalo, alho purpurascense, alho purpúreo, alho robusto, alho rubicundo, alho rubro, alho vermelho, porro, porro purpurascense, porro purpúreo, porro rubicundo, porro rubro, porro vermelho.

Endemismo eurasiático, macaronésico (Ilhas Canárias) e norte-africano (Marrocos), de floração vernal e estival (MATHEW, 1996: 118-120); Planta ornamental herbácea bulbosa, própria de sítios predominantemente secos, frequentemente rochosos, a altitudes entre os 0 e os 2500 m (STEARN, 1980b: 66; STEARN & CAMPBELL, 1986: 243; HUXLEY & al., 1999a: 113; AEDO, 2013a: 14-15), espontânea e comum em Portugal (cf. FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: 92; ALMEIDA & al., 2014ap).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

25. *Allium subhirsutum* L.= *Iulus subhirsutum* (L.) Salisbury, nom. inval.*Allium ciliatum* Cyrillo= *Allium subhirsutum* L. var. *ciliatum* (Cyrillo) Briquet*Allium ciliare* Delaroche*Allium hirsutum* Lamarck

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alhinho, alhinho ciliado, alhinho piloso, alhinho quase hirsuto, alhinho subhirsuto, alhinho viloso, alho, alho ciliado, alho costeiro, alho das arribas, alho das arribas marítimas, alho piloso, alho pouco piloso, alho quase hirsuto, alho subhirsuto, alho viloso, alho pouco viloso, iulo.

Endemismo da Região Mediterrânica, próprio de sítios arenosos e rochosos, de floração vernal (STEARN, 1980b: 57; PASTOR & VALDÉS, 1983: 122-124; STEARN & CAMPBELL, 1986: 240; HUXLEY & al., 1999a: 113; AEDO, 2013a: 35-36); Planta ornamental herbácea perene bulbosa, em Portugal apenas subespontânea no Arquipélago dos Açores (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: 86-87), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; Anexo VII).

26. *Allium triquetrum* L.

= *Briseis triquetrum* (L.) Salisbury

Allium triquetrum L. var. *typicum* Regel

Allium triquetrum L. f. *normale* Maire & Weiller

Allium triquetrum L. var. *bulbiferum* Battandier & Trabut

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alho, alho bravo, alho dos jardins, alho triangular, alho triangular branco, alho selvagem, alho silvestre, alho triquetro, briseis.

Endemismo das Regiões Mediterrânica, Macaronésica e do SW da Europa, encontrando-se também na Irlanda, actualmente naturalizado em várias partes do Mundo: América do Norte, América do Sul, Austrália, Turquia, Grã-Bretanha e possivelmente nas Ilhas Macaronésicas, de floração hiemal e vernal (AEDO, 2013a; PASTOR & VALDÉS, 1983: 138; STEARN & CAMPBELL, 1986: 240-241; HUXLEY & al., 1999a: 114); Planta ornamental herbácea perene bulbosa, possivelmente espontânea em Portugal, na BL e no Jardim Botânico de Coimbra (cf. AEDO, 2013a), subespontânea na região de Setúbal e na Serra da Arrábida (BROTERO, 1804a: 547; COUTINHO, 1896: 112; COUTINHO, 1913: 131; COUTINHO, 1939: 156; LUISIER, 1902: 193; SAMPAIO, 1910: 91; SAMPAIO, 1947: 113; PINTO DA SILVA, 1973: 182-183; STEARN, 1980: 58), em sítios húmidos e sombrios, raro (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: 88), podendo encontrar-se sobretudo no NW de Lu: Mi, DL, BL (LOURENÇO & al., 2014t).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & al., 2002); Subespontâneo na Mata (ALMEIDA, 2005b; II.2010, Observ.!).

27. *Allium victorialis* L.

= *Anguinum victorialis* (L.) Fourreau

= *Berenice victorialis* (L.) Salisbury, nom. inval.

= *Caloscordum victorialis* (L.) Banfi & Galasso

= *Cepa victorialis* (L.) Moench

= *Loncostemon victorialis* (L.) Rafinesque

Allium anguinum Bubani, nom. superfl.

Allium convallarifolium Pallas ex Ledebour

Allium latissimum Prokhanov

Allium longibulbum Dulac

Allium microdictyum Prokhanov

Allium ochotense Prokhanov

Allium plantaginense Willkomm & Lange

Allium plantagineum Lamarck

Allium reticulatum Saint-Lager, nom. illeg.

Allium victorialis L. subsp. *platyphyllum* Hultén

Allium wenchuanense Z.Y. Zhu

Geboscon lanceolatum Rafinesque

Geboscon triphyllum Rafinesque, nom. illeg.

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alho, alho da montanha, alho da serra, alho serrano, anguino, berenice, caloscordo, cepa, geboscon, loncostémon.

Endemismo da Região Holoártica: Eurásia e Ilhas Aleutas, próprio de sítios húmidos e sombrios, sobretudo em regiões montanhosas (PASTOR & VALDÉS, 1983: 156-158; STEARN & CAMPBELL, 1986: 239; HUXLEY & al., 1999a: 114; XU & KAMELIN, 2000: 172); Planta ornamental herbácea bulbosa, espontânea e muito rara em Portugal, apenas na Serra da Estrela (JANSEN, 2002) e no Minho e Trás-os-Montes: Serra do Gerês, em sítios rochosos siliciosos e pastagens de altitude (STEARNS, 1980b: 56; PASTOR & VALDÉS, *l.c.*; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: 84; AEDO, 2013a: 48; PORTO & al., 2014aa).

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ALMEIDA & al., 2003); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

4. *Amaryllis* L.1. *Amaryllis belladonna* L.

- = *Coburgia belladonna* (L.) Herbert ex Sims
- = *Leopoldia belladonna* (L.) M. Roemer
- Amaryllis blanda* Ker Gawler
- = *Belladonna blanda* (Ker Gawler) Sweet
- = *Brunsvigia blanda* (Ker Gawler) L.S. Hannibal
- = *Brunsvigia rosea* (Lamarck) L.S. Hannibal var. *blanda* (Ker Gawler) Traub
- = *Coburgia blanda* (Ker Gawler) Herbert ex Sims
- Amaryllis longipetala* Lemaire
- = *Brunsvigia rosea* (Lamarck) L.S. Hannibal var. *longipetala* (Lemaire) Traub
- Amaryllis obliqua* L. f. ex Savage
- Amaryllis pallida* Delile
- = *Belladonna pallida* (Delile) Sweet
- = *Brunsvigia rosea* (Lamarck) L.S. Hannibal var. *pallida* (Delile) L.S. Hannibal
- = *Coburgia pallida* (Delile) Herbert
- Amaryllis pudica* Ker Gawler
- = *Belladonna pudica* (Ker Gawler) Sweet
- = *Brunsvigia rosea* (Lamarck) L.S. Hannibal var. *pudica* (Ker Gawler) L.S. Hannibal
- = *Coburgia pudica* (Ker Gawler) Herbert ex Sims
- = *Zephyranthes pudica* (Ker Gawler) D. Dietrich
- Amaryllis regalis* Salisbury
- Amaryllis rosea* Lamarck
- = *Brunsvigia rosea* (Lamarck) L.S. Hannibal
- = *Callicore rosea* (Lamarck) Link
- = *Coburgia rosea* (Lamarck) Gouws
- = *Imhofia rosea* (Lamarck) Salisbury, nom. inval.
- Brunsvigia rosea* (Lamarck) L.S. Hannibal var. *elata* L.S. Hannibal
- Belladonna purpurascens* Sweet
- Brunsvigia major* Traub
- Brunsvigia rosea* (Lamarck) L.S. Hannibal var. *major* L.S. Hannibal
- Brunsvigia rosea* (Lamarck) L.S. Hannibal var. *minor* L.S. Hannibal

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Amárlis, amárlis branda, amárlis oblíqua, amárlis pálida, amárlis pudica, amárlis purpúrea, amárlis real, amárlis rósea, beladona, beladona bastarda, beladona branda, beladona pálida, beladona pudica, beladona purpúrea, beladona rósea, bordão de São José, brunsvíguia, brunsvíguia maior, brunsvíguia pálida, brunsvíguia purpúrea, brunsvíguia rósea, cajado de São José, calícore, calícore rosea, cobúrguia, cobúrguia beladona, cobúrguia pálida, cobúrguia pudica, cobúrguia purpúrea, cobúrguia rósea, imófia, imófia rósea, leopôldia, leopôldia beladona, vara de São José, zefirantes, zefirantes pudica.

Endemismo sul-africano; Género biespecífico ou monoespecífico originário do Sul de África, de floração tardi-estival e outonal (CULLEN, 1986b: 300; HUXLEY & al., 1999a: 146; MABBERLEY, 2008: 35); Planta ornamental herbácea bolbosa, muito cultivada e raramente subespontânea em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Em canteiros, pr. do Portão pr. do Jardim-Escola João de Deus (IX.2009, Observ.!).

5. *Boophone* Herbert1. *Boophone disticha* (L. f.) Herbert

- = *Amaryllis disticha* L. f. [basion.]
- = *Brunsvigia disticha* (L. f.) Sweet
- = *Haemanthus distichus* (L. f.) L. f. ex Savage
- Boophone intermedia* M. Roemer
- Boophone longipedicellata* Pax
- Brunsvigia rautanenii* Baker
- Haemanthus ciliaris* L.
- = *Brunsvigia ciliaris* (L.) Ker Gawler
- Haemanthus lemairei* De Wild.
- Haemanthus robustus* Pax

Haemanthus sinuatus Schultes & Schultes f., nom. inval.

Haemanthus toxicarius L. f. ex Aiton

= *Amaryllis toxicaria* (L. f. ex Aiton) D. Dietrich

= *Boophone toxicaria* (L. f. ex Aiton) Herbert

= *Brunsvigia toxicaria* (L. f. ex Aiton) Ker Gawler

Geófito. Origem: África tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Amarílis, boofone, brunsvíguia, hemanto, toxicária.

Endemismo da África tropical (MABBERLEY, 2008: 113); Planta ornamental e venenosa herbácea bulbosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Jardineta 2 (TAVARES & ALVES, 2002).

6. *Calostemma* R. Brown

1. *Calostemma purpureum* R. Brown

Geófito. Origem: Austrália.

Alguns nomes comuns possíveis: Calostema, calostema purpúreo, lírio de grinalda, lírio engrinaldado, lírio grinaldo.

Endemismo australiano, do Oriente da Austrália: Nova Gales do Sul, nas vizinhanças da cidade de Adelaide (HUXLEY & al., 1999a: 472; MABBERLEY, 2008: 140; APNI; WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea perene bulbosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

7. *Clivia* Lindley

1. *Clivia gardenii* J.D. Hooker

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Clívia.

Endemismo sul-africano (LESLIE, 1986b: 316; IPNI); Planta ornamental herbácea bulbosa, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Clivia miniata* (Lindley) Regel

= *Vallota miniata* Lindley [basion.]

= *Himantophyllum miniatum* (Lindley) Groenl.

= *Imantophyllum miniatum* (Lindley) Hooker

= *Imatophyllum miniatum* (Lindley) Groenl.

Clivia sulphurea Laing

Imatophyllum atrosanguineum F.N. Williams

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Clívia, clívia arbustiva, himantofilo, imantofilo, imatofilo, valota.

Endemismo sul-africano (LESLIE, 1986b: 316); Planta ornamental herbácea bulbosa, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufa Fria e Estufa Grande, parte III (TAVARES & ALVES, 2002).

3. *Clivia nobilis* Lindley

Imantophyllum aitonii J.D. Hooker

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Clívia, clívia nobre.

Endemismo sul-africano (LESLIE, 1986b: 316); Planta ornamental herbácea bulbosa, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim, em vasos (V.2010, Observ.!); Recanto Tropical e Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000); Estufa Grande, partes II e III (TAVARES & ALVES, 2002).

4. **Clivia 'Rei leopoldo III'**

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Clívia, clívia nobre, clívia real.

Planta ornamental herbácea bulbosa, de origem hortícola, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

8. **Crinum L.**

1. **Crinum americanum L.**

Bulbine uncinata Moench

Crinum commelynii DC.

Crinum caribaeum Baker

Crinum ceruleum Rafinesque

Crinum commelyni DC., nom. illeg.

Crinum conicum M. Roemer

Crinum floridanum Grisebach

Crinum herbertianum Schultes & Schultes fil.

Crinum longiflorum Herbert

Crinum roozenianum O'Brien

Crinum strictum Herbert, nom. illeg.

Crinum strictum Herbert var. *traubii* Moldenke

= *Crinum americanum* L. var. *traubii* (Moldenke) Hannibal

Crinum texanum Hannibal, nom. illeg.

Scadianus multiflorus Rafinesque

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Amarílis, amarílis americana, bulbine, bulbine uncinada, crino, crino americano, crino azul, crino azulado, crino azul celeste, crino bulboso, crino bulbinado, crino bulboso, crino caríbeo, crino caribenho, crino cerúleo, crino cónico, crino da Flórida, crino das Caraíbas, crino de Commelin, crino de flores azuis, crino de flores compridas, crino de flores longas, crino de flores tubulares, crino de flores tubulosas, crino de Herbert, crino de Roozen, crino de Traub, crino da América, crino das Índias Ocidentais, crino de corda, crino dos brejos, crino dos pântanos, crino dos pântanos do Sul, crino dos paúis, crino do Texas, crino em cone, crino escadiano, crino estrito, crino floridano, crino flórido, crino florido, crino herbertiano, crino longifloro, crino longuifloro, crino pantanoso, crino scadiano, crino texano, crino traubiano, escadiano, escadiano de muitas flores, escadiano multifloro, escadiano polianto, lílio americano, lílio bulboso, lílio bulbinado, lílio bulboso, lílio da América, lílio da Flórida, lílio do Texas, lílio de corda, lílio dos brejos, lílio dos pântanos, lílio dos pântanos da Flórida, lílio dos paúis, lílio pantanoso, scadiano, scadiano de muitas flores, scadiano multifloro, scadiano polianto.

Endemismo da América do Norte, do SW dos Estados Unidos da América: nativo e endémico da Flórida e Geórgia, por vezes considerado invasor noutros estados americanos (HUXLEY & al., 1999a: 760; GRIN);

Planta ornamental herbácea bulbosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Crinum asiaticum L.**

= *Bulbine asiatica* (L.) Gaertner

Amaryllis carnosae Hooker fil.

Crinum albiflorum Noronha, nom. inval.

Crinum angustifolium Herbert ex Steudel, nom. inval.

Crinum anomalum Herbert

Crinum asiaticum L. var. *declinatum* Herbert

Crinum bancanum Kurz

Crinum bracteatum Willdenow

Crinum brevifolium Roxburgh

Crinum carinifolium Stokes

Crinum cortifolium Hallier fil.

Crinum declinatum Herbert

Crinum floridum Fraser ex Herbert, nom. illeg.

Crinum hornemannianum M. Roemer

Crinum macrantherum Engler

Crinum macrocarpum Carey ex Kunth
Crinum macrophyllum Hallier f.
Crinum northianum Baker
Crinum plicatum Livingstone ex Hooker
Crinum procerum Herbert & Carey
Crinum redouteanum M. Roemer
Crinum rigidum Herbert
Crinum rumphii Merrill
Crinum sumatranum Roxburgh
Crinum toxicarium Roxburgh
Crinum umbellatum Carey ex Herbert
Crinum zanthoxylum Hannibal
Haemanthus pubescens Blanco, nom. illeg.
Lilium pendulum Noronha

Geófito. Origem: Ásia tropical, Austrália, ilhas do Pacífico.

Alguns nomes comuns possíveis: Amarílis, amarílis asiática, amarílis cárnea, amarílis carnososa, amarílis da Ásia, amarílis rosada, amarílis rósea, bulbine, bulbine asiática, bulbine da Ásia, bolbo venenoso, bolbo venenoso asiático, bolbo venenoso da Ásia, crino, crino albifloro, crino angustifólio, crino anómalo, crino asiático, crino bracteado, crino brevifólio, crino candidifloro, crino de anteras grandes, crino de flores albas, crino de flores brancas, crino de folhas breves, crino de flores cândidas, crino de folhas estreitas, crino de folhas grandes, crino de Hornemann, crino de North, crino de Redouté, crino de Rumph, crino de Sumatra, crino de umbela, crino florido, crino grandifólio, crino macrantero, crino macrofilo, crino plicado, crino rígido, crino sumatranos, crino tóxico, crino umbelado, hemanto, hemanto pubescente, hemanto viloso, lílio, lílio pendular, lílio pendulino, lílio pêndulo.

Endemismo da Ásia oriental tropical, da Austrália e de outras ilhas do Oceano Pacífico, de vasta época de floração: vernal, estival e outonal (CAMPBELL, 1986a: 310-311; HUXLEY & al., 1999a: 760); Planta ornamental, medicinal e venenosa (GRIN) herbácea bolbosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. ***Crinum bulbispermum*** (Burmans f.) Milne-Redhead & Schweickerdt

= *Amaryllis bulbisperma* Burmann f. [basion.]

Amaryllis capensis Miller, nom. illeg.

Amaryllis longifolia L. var. *longiflora* Ker Gawler

Amaryllis riparia Burchell ex Kunth

Crinum bulbispermum (Burmans f.) Milne-Redhead & Schweickerdt var. *sanguineum* Traub

Crinum capense Herbert

Crinum govenium Herbert

Crinum riparium Herbert

Crinum spofforthianum Herbert ex Sweet

Erigone govenica Salisbury

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Amarílis, amarílis bolbosa, amarílis bulbífera, amarílis bulbisperma, amarílis capense, amarílis do Cabo, crino, crino bolboso, crino bulbífero, crino bulbispermo, crino capense, crino de Spofforth, crino do Cabo, crino dos ribeiros, crino govénico, crino ripário, crino ripícola, crino sanguíneo, erigone, erigone govénica, lílio capense, lílio do Cabo, lílio dos ribeiros, lílio sanguíneo, lírio capense, lírio do Cabo, lírio dos ribeiros, lírio sanguíneo.

Endemismo sul-africano, de floração estival (CAMPBELL, 1986a: 310; HUXLEY & al., 1999a: 761); Planta ornamental herbácea bolbosa, por vezes cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII).

4. ***Crinum erubescens*** L. f. ex Aiton

Amaryllis procera Salisbury

Crinum attenuatum Willdenow ex Schultes & Schultes f.

Crinum commelinianum Herbert

Crinum commelyni Jacquin

Crinum corantinum Herbert ex Steudel

Crinum corantynum M. Roemer

Crinum crucibulum D. Dietrich
Crinum cruentum Ker Gawler
Crinum cruentum Ker Gawler var. *albidum* Kunth
Crinum dieterichii Schultes
Crinum erubescens L. f. ex Aiton var. *brasiliense* Herbert
Crinum erubescens L. f. ex Aiton var. *caraccense* Herbert
Crinum erubescens L. f. ex Aiton var. *corantinum* Herbert
Crinum erubescens L. f. ex Aiton var. *majus* Herbert
Crinum erubescens L. f. ex Aiton var. *mexicanum* M. Roemer
Crinum erubescens L. f. ex Aiton var. *minus* Herbert
Crinum erubescens L. f. ex Aiton var. *octoflorum* Herbert
Crinum erubescens L. f. ex Aiton var. *rubrilimbium* Herbert
Crinum gordonianum M. Roemer
Crinum guianense M. Roemer
Crinum herbertii G. Don ex Loudon
Crinum inodorum Tausch
Crinum lanceanum Willdenow ex M. Roemer
Crinum lancei Herbert ex Sweet
Crinum lindleyanum Herbert
Crinum loddigesianum Herbert
Crinum octoflorum Herbert ex Steudel
Crinum odoratissimum Tausch
Crinum pumilum Salisbury, nom. illeg.
Crinum revolutum Lindley, nom. illeg.
Crinum rubrilimbium Sweet ex Steudel
Crinum soboliferum Salisbury, nom. illeg.
Crinum viridifolium M. Roemer
 Geófito. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Açucena, açucena da água, açucena do brejo, amarílis, cebola-cecém, crino, crino americano, crino aromático, crino cor de rosa, crino da Guiana, crino de Herbert, crino de Lance, crino de Lindley, crino de Loddiges, crino de oito flores, crino herbertiano, crino róseo.

Endemismo americano, da América tropical (CAMPBELL, 1986a: 311); Planta ornamental herbácea bulbosa, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. ***Crinum jagus*** (J. Thompson) Dandy
 = *Amaryllis jagus* J. Thompson [basion.]
Amaryllis gigantea W.T. Aiton, nom. illeg.
Amaryllis latifolia Lamarck
Crinum bequaertii De Wildeman
Crinum congolense De Wildeman
Crinum giganteum Andrews
Crinum laurentii T. Durand & De Wildeman
Crinum petiolatum Herbert
Crinum petiolatum Herbert var. *spectabile* Herbert
Crinum podophyllum Baker
Crinum spectabile Herbert ex Steudel
Crinum suaveolens A. Chevallier
Crinum vanillodorum Welwitsch ex Baker
Taenais ampla Salisbury
 Geófito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Amarílis, amarílis de folhas largas, amarílis gigante, amarílis grande, amarílis jaga, amarílis jagóide, amarílis latifólia, crino, crino aromático, crino congolês, crino conguense, crino conguês, crino de aroma de baunilha, crino de aroma baunilhado, crino de aroma suave, crino de Bequaert, crino de Laurent, crino do Congo, crino gigante, crino grande, crino laurentino, crino peciolado, iago, jago, taenais, taenais ampla.

Endemismo africano, da África tropical, de floração estival (CAMPBELL, 1986a: 310); Planta ornamental herbácea bulbosa, por vezes cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

6. **Crinum lugardiae** N.E. Brown

Crinum crispum E. Phillips

Crinum occiduale R.A. Dyer

Geófito. Origem: África tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Crino crispo, crino de muitas folhas, crino de várias folhas, crino multifólio, crino polifilo.

Endemismo da África tropical e do Sul, que também se pode encontrar na América central (IPNI; HUXLEY & al., 1999a: 761); Planta ornamental herbácea bolbosa exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

7. **Crinum moorei** Hooker f.

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Crino, crino de Moore.

Endemismo sul-africano (CAMPBELL, 1986a: 310); Planta ornamental herbácea bolbosa, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufa Fria, Recanto Tropical e Talhão 10 da Mata (TAVARES & ALVES, 2002).

8. **Crinum ornatum** (L. f.) Herbert

= *Amaryllis ornata* L. f. [basion.]

= *Taenais ornata* (L. f.) Salisbury, nom. inval.

Amaryllis broussonettii DC.

= *Crinum broussonettii* (DC.) Herbert

Amaryllis disticha Sims, nom. illeg.

Amaryllis latifolia L'Héritier, nom. illeg.

Amaryllis lineata Lamarck

Amaryllis liturata Reichenbach

= *Crinum lituratum* (Reichenbach) Ravenna

Amaryllis longa Schultes & Schultes f.

Amaryllis ornata Ker Gawler, nom. illeg.

Amaryllis spectabilis Andrews

Amaryllis yuccoides J. Thompson

= *Crinum yuccoides* (J. Thompson) Herbert

Brunsvigia massaiana Linden & Rodigas

= *Crinum massaianum* (Linden & Rodigas) N.E. Brown

Crinum boehmii Baker

Crinum broussonettianum Herbert

Crinum broussonettianum Herbert var. *pluriflorum* Herbert

Crinum careyanum Herbert

Crinum doriae auct.

Crinum herbertianum Wallich

Crinum linnaei M. Roemer

Crinum rueppelianum Fresenius

Crinum sanderianum Baker

Crinum scaberrimum Herbert

Crinum scabrum Herbert

Crinum speciosissimum Herbert

Crinum tanganyikense Baker

Crinum toxicarium A. Chevallier, nom. illeg.

Crinum undulifolium Herbert

Crinum veneficium Hannibal

Crinum wallichianum M. Roemer

Crinum yuccaeflorum Salisbury

Crinum yucciflorum Salisbury

= *Taenais yucciflora* (Salisbury) Salisbury, nom. inval.

Taenais caricifolia Salisbury, nom. inval.

Taenais mucronigera Salisbury, nom. inval.

Alguns nomes comuns possíveis: Amarílis, amarílis alongada, amarílis de Boehm, amarílis de Broussonet, amarílis de folhas largas, amarílis de Herbert, amarílis de muitas flores, amarílis de várias flores, amarílis dística, amarílis herbertiana, amarílis herbértica, amarílis herbertina, amarílis iucana, amarílis iucóide, amarílis latifolia, amarílis lineada, amarílis linear, amarílis longa, amarílis multiflora, amarílis ornada, amarílis ornamentada, amarílis pluriflora, brunsvíguia, brunsvíguia de Massai, brunsvíguia massaiana, crino, crino áspero, crino de Boehm, crino de Broussonet, crino de Carey, crino de Doria, crino de flores de iúca, crino de folhas onduladas, crino de Herbert, crino de Lineu, crino de muitas flores, crino de Rueppel, crino de Sander, crino de Tanganyika, crino de várias flores, crino de Wallich, crino dístico, crino escaberrimo, crino escabro, crino herbertiano, crino herbértico, crino herbertino, crino iucano, crino iucóide, crino latifólio, crino lineano, crino longo, crino massaiano, crino multifloro, crino ornado, crino ornamentado, crino plurifloro, crino primavera, crino tóxico, crino venenoso, crino vernal, taenais, taenais caricifolia, taenais de folhas de cárex, taenais de folhas de cárice, taenais de flores de iúca, taenais iucana, taenais iuciflora, taenais iucóide, taenais ornada, taenais ornamentada.

Endemismo da África tropical oriental, de floração primavera ou vernal (CAMPBELL, 1986a: 310; IPNI); Planta ornamental herbácea bolbosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

9. *Crinum × powellii* Baker

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Crino, crino de Powell, crino híbrido.

Endemismo sul-africano, de origem híbrida, em jardins (HUXLEY, 1999a: 762); Planta ornamental herbácea bolbosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

10. *Crinum × powellii* Baker 'Album'

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Amarílis, amarílis albiflora, amarílis branca, amarílis cândida, amarílis de flores alvas, amarílis de flores brancas, amarílis de flores cândidas, crino, crino alvar, crino alvo, crino branco, crino cândido, crino de Powell, crino de Powell alvo, crino de Powell branco, crino de Powell cândido, crino híbrido, crino híbrido alvo, crino híbrido branco, crino híbrido cândido.

Planta ornamental herbácea bolbosa, de origem híbrida hortícola e flores de um branco puro (HUXLEY, 1999a: 762), raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

11. *Crinum zeylanicum* (L.) L.

= *Amaryllis zeylanica* L. [basion.]

= *Crinum latifolium* L. var. *zeylanicum* (L.) Hooker fil.

= *Taenais zeylanica* (L.) Salisbury, nom. inval.

Geófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Amarílis, amarílis ceilânica, amarílis de Ceilão, amarílis zeilânica, crino, crino ceilânico, crino de Ceilão, crino zeilânico, taenais, taenais ceilânica, taenais de Ceilão, taenais zeilânica.

Endemismo da Ásia oriental tropical e das ilhas do Oceano Pacífico, de vasta época de floração: vernal, estival e outonal (CAMPBELL, 1986a: 310-311; HUXLEY & al., 1999a: 760); Planta ornamental, medicinal e venenosa (GRIN) herbácea bolbosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

9. *Cybistetes* Milne-Redhead & Schweickerdt

1. *Cybistetes longifolia* (L.) Milne-Redhead & Schweickerdt

= *Amaryllis longifolia* L. [basion.]

= *Ammocharis longifolia* (L.) Herbert

= *Crinum longifolium* (L.) Thunberg

Ammocharis herrei F.M. Leighton

= *Cybistetes herrei* (F.M. Leighton) D. Müller-Doblies & U. Müller-Doblies

Crinum falcatum Jacquin

= *Amaryllis falcata* (Jacquin) L'Héritier

= *Ammocharis falcata* (Jacquin) Herbert

= *Brunsvigia falcata* (Jacquin) Ker Gawler

= *Haemanthus falcatus* (Jacquin) Thunberg

= *Palinetes falcata* (Jacquin) Salisbury, nom. inval.

Crinum longifolium (L.) Thunberg var. *farinianum* Baker

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Amarílis, amarílis de folhas compridas, amarílis de folhas longas, amarílis longifólia, amocáris, amocáris de Herre, amocáris em foice, amocáris falcada, amocáris falciforme, brunsvíguia, brunsvíguia em foice, brunsvíguia falcada, brunsvíguia falciforme, cibistetes, cibistetes de folhas compridas, cibistetes de folhas longas, cibistetes longifólia, crino, crino de folhas compridas, crino de folhas longas, crino falcado, crino falciforme, crino longifólio, hemanto, hemanto, hemanto em foice, hemanto falcado, hemanto falciforme, palinetes em foice, palinetes falcada, palinetes falciforme.

Endemismo sul-africano, da Província do Cabo, de floração primaveril ou vernal; Género pauci-específico, que inclui apenas duas espécies de origem sul-africana (HUXLEY & al., 1999a: 791; MABBERLEY, 2008: 242; IPNI); Planta ornamental herbácea bolbosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

10. *Cyrtanthus* Aiton

1. *Cyrtanthus angustifolius* (L. fil.) Aiton

= *Crinum angustifolium* L. fil. [basion.]

= *Monella angustifolia* (L. fil.) Herbert

= *Timmia angustifolia* (L. fil.) J.F. Gmelin

Amaryllis cylindracea L'Héritier

Amaryllis falcata J. Lee ex Steudel, nom. inval.

Cyrtanthus coccineus M. Roemer

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Amarílis, amarílis angustifólia, amarílis cilindrácea, amarílis cilíndrica, amarílis de fogo, amarílis de folhas estreitas, amarílis falcada, amarílis falciforme, cirtanto, cirtanto angustifólio, cirtanto coccíneo, cirtanto de fogo, cirtanto de folhas estreitas, crino, crino angustifólio, crino de fogo, crino de folhas estreitas, lírio de fogo, monela, monela angustifólia, monela de fogo, monela de folhas estreitas, tímia, tímia angustifólia, tímia de fogo, tímia de folhas estreitas.

Endemismo sul-africano, da Província do Cabo, de floração predominantemente vernal ou primaveril e estival (Campbell, 1986f: 301; Huxley & al., 1999d: 810; IPNI); Planta ornamental herbácea bolbosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Cyrtanthus elatus* (Jacquin) Traub

= *Amaryllis elata* Jacquin [basion.]

= *Vallota elata* (Jacquin) M. Roemer

Amaryllis mexicana Hort. ex Savi

Amaryllis purpurea Aiton, nom. illeg.

= *Cyrtanthus purpureus* (Aiton) Traub

Crinum speciosum L. fil.

= *Amaryllis speciosa* (L. fil.) L'Héritier

= *Cyrtanthus speciosus* (L. fil.) Traub, nom. illeg.

= *Vallota speciosa* (L. fil.) T. Durand & Schinz

Cyrtanthus purpureus Herbert, nom. illeg.

Cyrtanthus purpureus (Aiton) Traub f. *albus* Baker ex Traub

= *Cyrtanthus speciosus* (L. fil.) Traub f. *albus* (Baker ex Traub) ex Traub

Vallota eximia auct.

Vallota grandiflora Carrière

Vallota purpurea Herbert, nom. illeg.

Vallota purpurea Herbert var. *magnifica* Baker

= *Cyrtanthus speciosus* (L. fil.) Traub f. *magnificus* (Baker) Traub

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Amarílis, amarílis do México, amarílis mexicana, amarílis purpúrea, amarílis sul-africana, cirtanto, cirtanto do México, cirtanto mexicano, cirtanto purpúreo, cirtanto sul-africano, crino, crino purpúreo, crino sul-africano, lílio, lílio de George, lílio de Knysna, lílio de Scarborough, lírio, valota, valota de flores grandes, valota exímia, valota grandiflora, valota do México, valota macranta, valota mexicana, valota purpúrea, valota sul-africana.

Endemismo sul-africano, de floração estival e outonal (YEO, 1986j: 300; HUXLEY & al., 1999d: 810; MABBERLEY, 2008: 250; IPNI); Planta ornamental herbácea bolbosa exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

11. *Eucharis* Planchon & Linden

1. *Eucharis amazonica* Linden ex Planchon

Eucharis grandiflora auct.

Geófito. Origem: América do Sul tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Eucáris, eucáris amazónica, eucáris da Amazónia, eucáris de flores grandes, eucáris grandiflora, eucáris macranta, lílio-estrela, lílio estrelado, lírio-estrela, lírio estrelado, urceolina.

Endemismo sul-americano, da Colômbia, do Equador e do Nordeste do Peru (YEO, 1986h: 322-323; HUXLEY & al., 1999b: 235-236; MABBERLEY, 2008: 322); Planta ornamental e medicinal –a partir da qual se pode preparar uma infusão (MABBERLEY, *l.c.*)– herbácea bolbosa exótica, raramente cultivada em Portugal, sobretudo como planta de interior, em estufas, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Eucharis* × *grandiflora* Planchon & Linden

= *Urceolina* × *grandiflora* (Planchon & Linden) Traub

Eucharis sanderi Baker × *Eucharis moorei* (Baker) Meerow

Eucharis × *lowii* Baker

= *Urceolina* × *lowii* (Baker) Traub

Eucharis × *mastersi* Baker

= *Urceolina* × *mastersi* (Baker) Traub

Geófito. Origem: América do Sul tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Eucáris, eucáris amazónica, eucáris de flores grandes, eucáris grandiflora, eucáris macranta, lílio-estrela, lílio estrelado, lírio-estrela, lírio estrelado, urceolina, urceolina de flores grandes, urceolina de Masters, urceolina grandiflora, urceolina macranta.

Endemismo sul-americano, da Colômbia, do Equador e do Peru, objecto de frequente confusão com a sua congénere *Eucharis amazonica* Linden ex Planchon, que constitui um híbrido estéril, possivelmente obtido a partir das seguintes espécies andinas: *Eucharis sanderi* Baker × *Eucharis moorei* (Baker) Meerow (YEO, 1986h: 323; HUXLEY & al., 1999b: 236; MABBERLEY, 2008: 322); Planta ornamental herbácea bolbosa exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

12. *Habranthus* Herbert

1. *Habranthus tubispathus* (L'Héritier) Traub

= *Amaryllis tubispatha* L'Héritier [basion.]

= *Arviella tubispatha* (L'Héritier) Salisbury, nom. inval.

= *Atamosco tubispatha* (L'Héritier) M. Gómez

= *Zephyranthes tubispatha* (L'Héritier) Herbert

Amaryllis depauperata Poepp.

Habranthus andersonii Herbert ex Lindley

= *Amaryllis andersonii* (Herbert ex Lindley) Grisebach

= *Hippeastrum andersonii* (Herbert ex Lindley) Baker

= *Zephyranthes andersonii* (Herbert ex Lindley) Baker

Habranthus andersonii Herbert ex Lindley var. *aureus* Herbert

Habranthus andersonii Herbert ex Lindley var. *Brownvilimbus* Lindley

Habranthus andersonii Herbert ex Lindley var. *cupreus* Herbert

Habranthus andersonii Herbert ex Lindley var. *obscurus* Lindley
Habranthus andersonii Herbert ex Lindley var. *parvulus* Herbert
 = *Habranthus parvulus* (Herbert) Pritz.
Habranthus tubispathus (L'Héritier) Traub var. *bicolor* Ravenna
 = *Habranthus tubispathus* (L'Héritier) Traub f. *bicolor* (Ravenna) Traub
Habranthus tubispathus (L'Héritier) Traub subsp. *macranthus* Ravenna
Habranthus tubispathus (L'Héritier) Traub var. *roseus* Ravenna
 = *Habranthus tubispathus* (L'Héritier) Traub f. *roseus* (Ravenna) Traub
Habranthus tubispathus (L'Héritier) Traub subsp. *variabilis* Ravenna
 = *Habranthus variabilis* (Ravenna) Ravenna
Zephyranthes andersonii (Herbert ex Lindley) Baker var. *rosea* E. Holmberg
Zephyranthes commersoniana Herbert
Zephyranthes texana Herbert
 = *Atamasco texana* (Herbert) Greene
 = *Habranthus andersonii* Herbert ex Lindley var. *texanus* (Herbert) Herbert
 = *Habranthus texanus* (Herbert) Herbert ex Steudel
 = *Hippeastrum texanum* (Herbert) Baker
 Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Amarílis, amarílis de espata em tubo, amarílis depauperada, amarílis empobrecida, amarílis tubispata, arviela, arviela de espata em tubo, arviela tubispata, atamasco, atamasco do Texas, atamasco texano, atamosco, habranto, habranto de Anderson, habranto de espata em tubo, habranto tubispato, hipeastro, hipeastro de Anderson, hipeastro de espata em tubo, hipeastro do Texas, hipeastro texano, hipeastro tubispato, zefirantes, zefirantes cor de rosa, zefirantes de Anderson, zefirantes de Commerson, zefirantes de espata em tubo, zefirantes do Texas, zefirantes rósea do Texas, zefirantes texana, zefirantes tubispata.

Endemismo sul-americano, do sul do Brasil, Argentina, Chile e Uruguai (CULLEN, 1986a: 300; HUXLEY, 1999: 481; WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea bolbosa perene exótica, que produz bastante semente (WIKIPEDIA), raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

13. *Haemanthus* L.

1. *Haemanthus albiflos* Jacquin

Haemanthus albomaculatus Baker
Haemanthus leucanthus Miquel
Haemanthus pubescens auct.
Haemanthus virescens Herbert
 Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Hemanto, hemanto albifloro, hemanto capense, hemanto de flores brancas, hemanto do Cabo, hemanto leucanto, lírio capense, lírio do Cabo, pincel.

Endemismo sul-africano (ALEXANDER, 1986a: 314; ROSA, 2000: 87); Planta ornamental perene bolbosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000); Jardineta 1, Talhão 10 da Mata e Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002)

2. *Haemanthus coccineus* L.

Haemanthus coarctus Jacquin
Haemanthus tigrinus Jacquin
 Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Hemanto, hemanto capense, hemanto coccíneo, hemanto do Cabo, hemanto tigrino, lírio capense, lírio do Cabo, lírio-sangue, lírio sangrento, pincel.

Endemismo sul-africano (ROSA, 2000: 87), do S e SW de África (ALEXANDER, 1986a: 314-315); Planta ornamental perene bolbosa, raramente cultivada em Portugal

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

14. **Hippeastrum** Herbert1. **Hippeastrum aulicum** (Ker Gawler) Herbert= *Amaryllis aulica* Ker-Gawler [basion.]= *Omphalissa aulica* (Ker-Gawler) Salisbury*Amaryllis aulica* Ker-Gawler var. *platypetala* Lindley= *Aulica platypetala* (Lindley) Rafinesque= *Hippeastrum aulicum* (Ker-Gawler) Herbert var. *platypetalum* (Lindley) Herbert*Amaryllis heuseriana* (H. Karsten) Ravenna f. *campanulata* Ravenna*Amaryllis robusta* Otto & A. Dietrich, nom. illeg.*Amaryllis rougieri* Carrière*Aulica latifolia* Rafinesque*Aulica striata* Rafinesque*Hippeastrum heuserianum* H. Karsten= *Amaryllis heuseriana* (H. Karsten) Ravenna*Hippeastrum robustum* A. Dietrich ex Walpers= *Hippeastrum aulicum* (Ker-Gawler) Herbert f. *robustum* (A. Dietrich ex Walpers) Voss*Hippeastrum tweedianum* Herbert*Trisacarpis rubra* Rafinesque

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Amarílis, amarílis robusta, áulica, hipeastro, hipeastro de Tweed, hipeastro robusto, onfalissa, trisacárpis, trisacárpis rubra, trisacárpis vermelha.

Endemismo sul-americano, do Brasil e do Paraguai, de floração invernal (CULLEN, 1986a: 300); Planta ornamental herbácea bolbosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. **Hippeastrum psittacinum** (Ker Gawler) Herbert= *Amaryllis psittacina* Ker Gawler [basion.]

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Amarílis, amarílis de papagaio, hipeastro, hipeastro de papagaio.

Endemismo sul-americano, do sul do Brasil (CULLEN, 1986a: 300); Planta ornamental herbácea bolbosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (Rosa, 2000: Anexo VII)

3. **Hippeastrum reginae** (L.) Herbert= *Amaryllis reginae* L. [basion.]= *Aschamia reginae* (L.) Salisbury, nom. inval.*Amaryllis albertii* Lemaire= *Amaryllis reginae* L. var. *albertii* (Lemaire) Traub*Amaryllis spectabilis* Loddiges, nom. illeg.*Hippeastrum africanum* Welw. ex Baker*Hippeastrum fulgidum* Herbert= *Amaryllis striata* Lamarck var. *fulgida* (Herbert) Traub & Moldenke= *Lais fulgida* (Herbert) Salisbury, nom. inval.*Hippeastrum pronum* K. Koch*Hippeastrum pulverulentum* Herbert*Hippeastrum regium* Herbert*Hippeastrum spectabile* M. Roemer*Hippeastrum stenopetalum* A. Dietrich

Geófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Amarílis, amarílis real, amarílis régia, ascâmia, ascâmia real, ascâmia régia, hipeastro, hipeastro real, hipeastro régio, lais, lírio do México, lírio mexicano.

Endemismo americano, do Norte e do Sul (CULLEN, 1986a: 299) e também africano, da África tropical ocidental (ROSA, 2000: 88); Planta ornamental herbácea bolbosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufa das Reproduções (TAVARES & ALVES, 2002).

4. **Hippeastrum striatum** (Lamarck) H.E. Moore

- = *Amaryllis striata* Lamarck [basion.]
 - Amaryllis acuminata* Ker Gawler
 - = *Amaryllis striata* Lamarck var. *acuminata* (Ker Gawler) Traub & Moldenke
 - = *Hippeastrum brasiliense* M. Roemer var. *acuminatum* (Ker Gawler) Herbert
 - Amaryllis acuminata* Ker Gawler var. *longipedunculata* Lindley
 - Amaryllis bahiensis* DC.
 - = *Hippeastrum bahiense* (DC.) M. Roemer
 - Amaryllis crocata* Ker Gawler
 - = *Amaryllis striata* Lamarck var. *crocata* (Ker Gawler) Traub & Moldenke
 - = *Callicore crocata* (Ker Gawler) Link
 - = *Hippeastrum brasiliense* M. Roemer var. *crocatum* (Ker Gawler) Herbert
 - = *Hippeastrum crocatum* (Ker Gawler) Herbert
 - = *Hippeastrum rutilum* (Ker Gawler) Herbert var. *crocatum* (Ker Gawler) Voss
 - = *Lais crocata* (Ker Gawler) Salisbury, nom. inval.
 - Amaryllis fulgida* Ker Gawler
 - = *Hippeastrum bulbulosum* Herbert var. *fulgidum* (Ker Gawler) Herbert
 - = *Hippeastrum rutilum* (Ker Gawler) Herbert var. *fulgidum* (Ker Gawler) Voss
 - Amaryllis miniata* Ker Gawler, nom. illeg.
 - Amaryllis pulverulenta* Loddiges
 - Amaryllis rutila* Ker Gawler
 - = *Callicore rutila* (Ker Gawler) Link
 - = *Hippeastrum brasiliense* M. Roemer var. *rutilum* (Ker Gawler) Herbert
 - = *Hippeastrum rutilum* (Ker Gawler) Herbert
 - Amaryllis rutilans* Loddiges ex Steudel
 - Hippeastrum acuminatum* M. Roemer
 - = *Hippeastrum rutilum* (Ker Gawler) Herbert var. *acuminatum* (M. Roemer) Voss
 - Hippeastrum brasiliense* M. Roemer
 - Hippeastrum bulbulosum* Herbert
 - Hippeastrum bulbulosum* Herbert var. *equestriforme* Herbert
 - Hippeastrum bulbulosum* Herbert var. *ignescens* Herbert
 - Hippeastrum bulbulosum* Herbert var. *pallidum* Herbert
 - Hippeastrum latifolium* M. Roemer
 - Hippeastrum martianum* M. Roemer
 - Hippeastrum proliferum* Herbert
 - Hippeastrum rutilum* (Ker Gawler) Herbert var. *citrinum* Baker
 - Hippeastrum rutilum* (Ker Gawler) Herbert var. *fulgidum* Sprenger
 - Hippeastrum simsianum* Herbert
 - Hippeastrum subbarbatum* Herbert
 - = *Amaryllis subbarbata* (Herbert) Sweet
 - = *Hippeastrum bulbulosum* Herbert var. *subbarbatum* (Herbert) Herbert
 - Hippeastrum unguiculatum* M. Roemer
- Geófito. Origem: América do Sul.
- Alguns nomes comuns possíveis: Amarílis, amarílis baiana, amarílis brasileira, amarílis da Baía, amarílis do Brasil, amarílis estriada, amarílis rutilante, calícore, calícore rutilante, hipeastro, hipeastro baiano, hipeastro brasileiro, hipeastro da Baía, hipeastro do Brasil, hipeastro estriado, hipeastro rutilante, laís.
- Endemismo sul-americano, do Brasil, de floração invernal (PACIFIC BULB SOCIETY WIKI; CULLEN, 1986a: 299, sub *H. rutilum* (Ker Gawler) Herbert); Planta ornamental herbácea bolbosa, raramente cultivada em Portugal.
- Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. **Hippeastrum vittatum** (L'Hérit.) Herbert

- = *Amaryllis vittata* L'Hérit. [basion.]
- = *Chonais vittata* (L'Hérit.) Salisbury, nom. inval.
- Amaryllis lineata* Colla, nom. illeg.
- Amaryllis superba* Bury
- Amaryllis vittata* L'Hérit. subsp. *guarapuavae* Ravenna
- Amaryllis vittata* L'Hérit. var. *harrisoniae* Lindley
- Amaryllis vittata* L'Hérit. var. *major* Lindley

Hippeastrum ambiguum Hooker var. *tweedianum* Herbert
 = *Amaryllis vittata* L'Hérit. var. *tweediana* (Herbert) Traub
Hippeastrum vittatum (L'Hérit.) Herbert var. *harrisonianum* Herbert
Hippeastrum vittatum (L'Hérit.) Herbert var. *latifolium* Herbert

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Amarílis, amarílis soberba, hipeastro, hipeastro soberbo.

Endemismo sul-americano, do Brasil e do Peru, de floração primaveril (CULLEN, 1986a: 299); Planta ornamental herbácea bolbosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

15. *Hymenocallis* Herbert

1. *Hymenocallis littoralis* (Jacquin) Salisbury

= *Pancratium littorale* Jacquin [basion.]

= *Troxistemon littorale* (Jacquin) Rafinesque

Hymenocallis adnata Herbert

Hymenocallis adnata Herbert var. *driandrina* Herbert

Pancratium dryanderi Ker Gawler

= *Hymenocallis adnata* Herbert var. *dryanderi* (Ker Gawler) Kunth

= *Hymenocallis americana* (Miller) M. Roemer f. *dryanderi* (Ker Gawler) Voss

= *Hymenocallis dryanderi* (Ker Gawler) M. Roemer

= *Pancratium littorale* Jacquin var. *dryanderi* (Ker Gawler) Schultes & Schultes f.

= *Troxistemon dryanderi* (Ker Gawler) Rafinesque

= *Hymenocallis littoralis* (Jacquin) Salisbury var. *dryandri* (Ker Gawler) Herbert ex Sims

= *Pancratium littorale* Jacquin var. *dryandri* (Ker Gawler) Schultes

Hymenocallis adnata Herbert var. *staplesiana* Herbert

= *Hymenocallis americana* (Miller) M. Roemer f. *staplesiana* (Herbert) Voss

= *Hymenocallis staplesiana* (Herbert) M. Roemer

Hymenocallis arenaria M. Roemer

Hymenocallis biflora K. Koch & C.D. Bouché

Hymenocallis dryandri (Ker Gawler) Sweet

= *Hymenocallis littoralis* (Jacquin) Salisbury var. *dryandri* (Ker Gawler) Herbert

Hymenocallis insignis Kunth

Hymenocallis littoralis (Jacquin) Salisbury var. *longituba* Herbert

Hymenocallis niederleinii Pax

Hymenocallis panamensis Lindley

Hymenocallis pedalis Herbert

= *Pancratium pedale* (Herbert) Schultes & Schultes f.

Hymenocallis peruviana M. Roemer

Hymenocallis senegambica Kunth & Bouché, p.p.

Hymenocallis staplesii Sweet

= *Pancratium staplesii* (Sweet) Steudel

Hymenocallis tenuiflora Herbert

= *Pancratium tenuiflorum* (Herbert) Herbert ex Steudel

Pancratium acutifolium Sweet

Pancratium americanum Miller

= *Hymenocallis americana* (Miller) M. Roemer

Pancratium distichum Sims

= *Hymenocallis adnata* Herbert var. *disticha* (Sims) Herbert

= *Hymenocallis americana* (Miller) M. Roemer f. *disticha* (Sims) Voss

= *Hymenocallis disticha* (Sims) Herbert

= *Troxistemon distichus* (Sims) Rafinesque,

Pancratium pedale Loddiges

Geófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Himenocális, himenocális americana, himenocális biflora, himenocális da Sengâmbia, himenocális de Staples, himenocális dianta, himenocális dística, himenocális insigne, pancrácio, pancrácio americano, pancrácio costeiro, pancrácio dístico, pancrácio litoral, pancrácio pedial, troxistémon, troxistémon dístico, troxistémon litoral.

Endemismo da América tropical, de floração primaveril (ALEXANDER, 1986b: 325; ROSA, 2000: 88); Planta ornamental herbácea bolbosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

2. **Hymenocallis speciosa** (L. f. ex Salisbury) Salisbury

= *Pancratium speciosum* L. f. ex Salisbury [basion.]

= *Nemepiodon speciosum* (L. f. ex Salisbury) Rafinesque

Hymenocallis formosa M. Roemer

Hymenocallis speciosa (Salisbury) Salisbury var. *angustifolia* Herbert

Hymenocallis speciosa (Salisbury) Salisbury var. *humilis* Herbert

Hymenocallis speciosa (Salisbury) Salisbury var. *longipetiolata* Herbert

Pancratium formosum M. Roemer

Geófito. Origem: Caraíbas.

Alguns nomes comuns possíveis: Himenocális, himenocális formosa, nemepiódon, pancrácio, pancrácio formoso.

Endemismo das Antilhas, Caraíbas ou Índias Ocidentais, de floração outonal (ALEXANDER, 1986b: 325; ROSA, 2000: 88); Planta ornamental herbácea bolbosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

16. **Leucojum** L.

1. **Leucojum aestivum** L.

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Floco de neve de Verão, leucóio, leucóio de Verão, leucóio estival, leucóium, leucóium de Verão, leucóium estival.

Endemismo eurasiático, que ocorre da Europa até ao Irão (MABBERLEY, 2008: 486); Elemento euro-siberiano (MILL, 1984a: 364-365); Género diespecífico, de distribuição eurasiática (MABBERLEY, *l.c.*); Planta ornamental perene bolbosa, de floração predominantemente estival, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

17. **Narcissus** L.

1. **Narcissus 'à bouquet double de Constantinople'**

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Narciso, narciso bizantino, narciso constantinopolitano, narciso de Bizâncio, narciso de Constantinopla, narciso de Istambul, narciso híbrido hortícola, narciso hortícola, narciso istambulense, narciso istambulino.

Planta ornamental herbácea bolbosa, de origem híbrida, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Narcissus 'à bouquet gaditanus'**

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Narciso, narciso de Cádiz, narciso de Espanha, narciso espanhol, narciso gaditano, narciso híbrido hortícola, narciso hortícola.

Planta ornamental herbácea bolbosa, de origem híbrida, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

3. **Narcissus 'à bouquet totus albus grandiflorus'**

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Narciso, narciso albifloro, narciso alvo, narciso branco, narciso de flores grandes, narciso grande, narciso grandifloro, narciso híbrido hortícola, narciso hortícola, narciso macranto.

Planta ornamental herbácea bolbosa, de origem híbrida, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

4. **Narcissus assoanus** Dufour ex Schultes & Schultes f. subsp. **assoanus**
 Geófito. Origem: Região Mediterrânica.
 Alguns nomes comuns possíveis: Campainhas, copinhos, cucos, narciso, narciso assoano, narciso de Asso.
 Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, exclusivamente ibero-gálico (CULLEN, 1986e: 305; AEDO, 2012); Planta ornamental herbácea bulbosa, espontânea e pouco comum em Portugal (AEDO, *l.c.*).
 Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950).
5. **Narcissus assoanus** Dufour ex Schultes & Schultes f. subsp. **praelongus** Barra & G. López
Narcissus juncifolius Req. ex Lag., nom. illeg.
 Geófito. Origem: Região Mediterrânica.
 Alguns nomes comuns possíveis: Campainhas, copinhos, cucos, narciso, narciso assoano, narciso de Asso.
 Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, exclusivamente espanhol; Planta ornamental herbácea bulbosa, muito raramente cultivada em Portugal.
 Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).
6. **Narcissus bicolor** L. 'Victoria'
 Geófito. Origem: Hortícola.
 Alguns nomes comuns possíveis: Campainhas, copinhos, cucos, narciso, narciso, narciso bicolor.
 Planta ornamental herbácea bulbosa, de origem híbrida, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.
 Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).
7. **Narcissus broussonetii** Lag.
 Geófito. Origem: Região Mediterrânica.
 Alguns nomes comuns possíveis: Narciso, narciso de Broussonet, narciso de flores brancas, narciso de Outono, narciso outonal.
 Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, exclusivamente marroquino (BLANCHARD, 1990: 42-43);
 Planta ornamental herbácea bulbosa, espontânea e pouco comum em Portugal.
 Distribuição/localização no Jardim:
8. **Narcissus bulbocodium** L. subsp. **bulbocodium**
 = *Corbularia bulbocodium* (L.) Haworth
Narcissus aureus DC., non Loiseleur-Delongchamps
Narcissus graellsii Graells
Narcissus nivalis Graells
Narcissus tenuifolius Salisbury
 Geófito. Origem: Nativa.
 Alguns nomes comuns possíveis: Campainhas, copinhos, corbulária, cucos, narciso, narciso amarelo, narciso áureo, narciso de ouro, narciso dourado, nininas.
 Endemismo da Região Mediterrânica ocidental (WEBB, 1980c: 82; CULLEN, 1986e: 306); Planta ornamental herbácea bulbosa, espontânea e relativamente comum em Portugal, distribuída de Norte a Sul (ARAÚJO & al., 2014ax).
 Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: 92); Viveiros; Casinha dos Narcisos, na Mata (II.2010, Observ.!); Talhão 10 (TAVARES & ALVES, 2002).
9. **Narcissus bulbocodium** L. subsp. **obesus** (Salisbury) Maire
 = *Narcissus obesus* Salisbury [basion.]
 Geófito. Origem: Nativa.
 Alguns nomes comuns possíveis: Campainhas, campainhas amarelas, copinhos, corbulária, cucos, cucos amarelos, narciso, narciso amarelo, narciso áureo, narciso barrigudo, narciso bojudo, narciso de ouro, narciso dourado, narciso gordo, narciso obeso.
 Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, exclusivamente ibérico (WEBB, 1980c: 82; CULLEN, 1986e: 307; ROSA, 2000: 92); Planta ornamental, também de interesse apícola (VIEIRA & BRANCO, 1996: 123), herbácea bulbosa, espontânea e pouco comum em Portugal, sobretudo no Centro e Sul (CLAMOTE & al., 2014m).
 Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: 92); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

10. **Narcissus bulbocodium** L. subsp. **bulbocodium** × **Narcissus triandrus** L. subsp. **triandrus**
Geófito. Origem: Nativa.
Alguns nomes comuns possíveis: Campainhas, copinhos, cucos, narciso, narciso bastardo, narciso híbrido.
Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, exclusivo da Península Ibérica; Planta ornamental herbácea bolbosa de origem híbrida, espontânea e rara em Portugal, aparecendo junto dos progenitores, sobretudo em locais graníticos e xistosos do Norte e Centro.
Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: 92); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).
11. **Narcissus calcicola** Mendonça
= *Narcissus scaberulus* Henriques var. *calcicola* (Mendonça) Sampaio
= *Narcissus scaberulus* Henriques subsp. *calcicola* (Mendonça) Aedo
Geófito. Origem: Nativa.
Alguns nomes comuns possíveis: Campainhas, copinhos, cucos, narciso, narciso calcícola, narciso dos calcários, nininas.
Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, exclusivamente lusitano ou ibérico segundo alguns autores; Planta ornamental herbácea bolbosa, espontânea e rara em Portugal, em locais calcários do Centro e Sul; Este narciso tem sido considerado exclusivo do Centro e Sul de Portugal (WEBB, 1980c: 81; CULLEN, 1986e: 306; CARAPETO & al., 2014m), mas também poderá possivelmente encontrar-se no Sul de Espanha e no Norte de Marrocos (PINTO GOMES, 1998: 220-221; PINTO-GOMES & PAIVA-FERREIRA, 2005: 94-95).
Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: 92); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002); Casinha dos Narcisos, na Mata; Talhão 10 (TAVARES & ALVES, 2002).
12. **Narcissus 'Caledonia'**
Geófito. Origem: Hortícola.
Alguns nomes comuns possíveis: Narciso, narciso caledónico, narciso da Caledónia, narciso da Escócia, narciso escocês, narciso híbrido hortícola, narciso hortícola.
Planta ornamental herbácea bolbosa, de origem híbrida, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.
Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).
13. **Narcissus 'Campernelle fleur double'**
Geófito. Origem: Hortícola.
Alguns nomes comuns possíveis: Narciso, narciso de flor dobrada, narciso de flor dupla, narciso híbrido hortícola, narciso hortícola.
Planta ornamental herbácea bolbosa, de origem híbrida, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.
Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).
14. **Narcissus cuneiflorus** (Salisbury) Link
= *Ajax cuneiflorus* Salisbury [basion.]
= *Narcissus minor* L. var. *cuneiflorus* (Salisbury) Amo
Ajax asturiensis Jordan
= *Narcissus minor* L. subsp. *asturiensis* (Jordan) Barra & G. López
= *Narcissus asturiensis* (Jordan) Pugsley
Narcissus pumilus Salisbury (1796), nom. illeg.
Geófito. Origem: Hortícola.
Alguns nomes comuns possíveis: Campainhas, campainhas amarelas, campainhas dos montes, copinhos, cucos, narciso, narciso asturiano, narciso asturiense, narciso das Astúrias.
Endemismo ibérico (WEBB, 1980c: 83; CULLEN, 1986e: 309; ROSA, 2000: 91); Planta ornamental herbácea bolbosa, explorada comercialmente pela beleza das suas flores (CARVALHO, 1993), espontânea e pouco comum em Portugal, exclusivo do Norte e Centro, onde se encontra com alguma abundância em algumas montanhas, sobretudo na Serra da Estrela, onde ocorre em arrelvados rochosos ou em cervunais, mais raramente em fendas de rochas, acima dos 800 m (FIDALGO, 1994; ICN, 2006d; MAGOS BREHM & al., 2008: 219; SILVA & al., 2014c).
Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: 91); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002); Casinha dos Narcisos, na Mata (outrora).

15. *Narcissus cyclamineus* DC.

= *Narcissus pseudonarcissus* L. subsp. *cyclamineus* (DC.) Baker

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Abréculo, campainhas, copinhos, cucos, martelinhos, narciso, narciso das turfeiras, nininas, pucarinhos.

Endemismo ibérico (WEBB, 1980c: 84; CULLEN, 1986e: 309); Espécie de distribuição euatlântica, galaico-portuguesa, que vive nos andares colino e montano húmidos, nas margens de linhas de água e em prados particularmente húmidos (cf. SILVA PANDO, 2008: 105; Pereira & al., 2013: 58); “Cucos”, “martelinhos” (no Douro Litoral), “abréculo”, “narciso-das-turfeiras” ou “pucarinhos” (na Beira Alta), ou ainda “campainhas”, “copinhos” ou “nininas”, estão entre os vários nomes vernáculos usados pelo povo para designar esta espécie, de alguma forma procurando assim descrever a extraordinária forma das suas flores, com tépalas reflexas ou retroflectidas como no género *Cyclamen* L. (FERNANDES, 1953: 17); Tem sido considerada uma espécie rara, com estatuto de “crop wild relative”, planta vulnerável e rara e mesmo em perigo de extinção (ICN, 2006c; MAGOS BREHM & al., 2008: 219; Pereira & al., 2013: 58); No século XIX cada bolbo desta espécie era pago ao preço de uma libra, pelo que foi colhida intensivamente e quase se extinguiu (FERNANDES, 1993, cit. por ROSA, 2000: 93; Planta ornamental e medicinal [outroa procurada sobretudo pelas suas propriedades medicinais (PEREIRA & al., 2013: 59)] herbácea bolbosa, espontânea e rara em Portugal, onde ocorre exclusivamente no NW do Norte e Centro (ARAÚJO & al., 2014ay).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: 93); Viveiros; Casinha dos Narcisos, na Mata (outroa).

16. *Narcissus 'Deanna Durbin'*

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Narciso, narciso híbrido hortícola, narciso hortícola.

Planta ornamental herbácea bolbosa, de origem híbrida, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

17. *Narcissus 'Deek Welband'*

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Narciso, narciso híbrido hortícola, narciso hortícola.

Planta ornamental herbácea bolbosa, de origem híbrida, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

18. *Narcissus dubius* Gouan

Hermione micrantha Jordan & Fourreau

= *Narcissus dubius* Gouan var. *micranthus* (Jordan & Fourreau) Ascherson & Graebner

= *Narcissus micranthus* (Jordan & Fourreau) Rouy

= *Narcissus tazetta* L. subsp. *micranthus* (Jordan & Fourreau) K. Richter

Narcissus glaucifolius Pourret

Narcissus humilis Heynhold

Narcissus pallens Freyn ex Willkomm

= *Narcissus assoanus* Dufour ex Schultes & Schultes f. var. *pallens* (Freyn ex Willkomm) Fern. Casas

= *Narcissus requienii* M. Roemer var. *pallens* (Freyn ex Willkomm) A. Fern.

Narcissus pallidus Poiret

= *Queltia pallida* (Poiret) Salisbury, des. inval.

Narcissus pumilus Delile, nom. illeg.

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Campainhas, copinhos, cucos, hermfone, narciso, narciso de flores pequenas, narciso micranto, narciso pálido, narciso parvifloro, quéltia, quéltia pálida.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, exclusivamente hispano-gálico, do NE de Espanha e do Sul de França, provavelmente originado por aloploidia a partir de um híbrido entre *Narcissus assoanus* Dufour ex Schultes & Schultes f. e *Narcissus papyraceus* Ker-Gawler (CULLEN, 1986e: 304); Planta ornamental herbácea bolbosa, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

19. **Narcissus fernandesii** G. Pedro

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Campainhas, copinhos, cucos, junquilha, narciso, narciso amarelo, narciso de Fernandes, narciso do Ribatejo, narciso jonquilloide, narciso lúteo, narciso sulfúreo.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, exclusivamente ibérico, próximo de *Narcissus gaditanus* Boissier & Reuter e de *Narcissus willkommii* (Sampaio) A. Fernandes, de floração primaveril ou vernal, próprio de sítios temporariamente encharcados, em solos arenosos (GOMES PEDRO, 1947: 59; WEBB, 1980c: 81; CULLEN, 1986e: 305; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: 115; HUXLEY & al., 1999c: 291); Planta ornamental herbácea bolbosa, espontânea e muito rara e localizada em Portugal, no CS. plistocénico (FRANCO & ROCHA AFONSO, *l.c.*; FRANCO & GOMES, 2014), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Foram cultivados bolbos no Jardim, enviados pela Estação Agronómica Nacional ao Professor Abílio Fernandes (GOMES PEDRO, 1947: 60).

20. **Narcissus gaditanus** Boissier & Reuter

= *Narcissus jonquilloides* sensu Willkomm var. *gaditanus* (Boissier & Reuter) Sampaio

Narcissus minutiflorus Willkomm

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Campainhas, copinhos, cucos, narciso, narciso amarelo, narciso de Cádiz, narciso de Espanha, narciso de flores pequenas, narciso espanhol, narciso gaditano, narciso lúteo, narciso micranto, narciso parvifloro, narciso sulfúreo.

Endemismo ibérico, exclusivo do Sul da Península Ibérica (WEBB, 1980c: 81; CULLEN, 1986e: 305; AEDO, 2012: 18-19); Planta ornamental herbácea bolbosa, espontânea e muito rara em Portugal, onde ocorre exclusivamente no Algarve (CARAPETO & al., 2014n).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII); Viveiros; Casinha dos Narcisos, na Mata (II.2010, Observ.!).

21. **Narcissus 'Grand Monarque'**

Geófito. Origem: Hortícola.

Nomes comuns possíveis: Narciso, narciso amarelo, narciso grande, narciso híbrido, narciso híbrido hortícola, narciso hortícola, narciso real.

Planta ornamental herbácea bolbosa, de origem hortícola híbrida, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

22. **Narcissus 'Helios'**

Geófito. Origem: Hortícola.

Nomes comuns possíveis: Narciso, narciso do Sol, narciso híbrido, narciso híbrido hortícola, narciso hortícola, narciso solar.

Planta ornamental herbácea bolbosa, de origem hortícola híbrida, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

23. **Narcissus 'Hospodar'**

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Narciso, narciso híbrido, narciso híbrido hortícola, narciso hortícola.

Planta ornamental herbácea bolbosa, de origem hortícola híbrida, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

24. **Narcissus × incomparabilis** Miller

= *Ajax* × *incomparabilis* (Miller) Caruel

= *Jonquilla* × *incomparabilis* (Miller) Rafinesque

Narcissus poeticus L. × *Narcissus pseudonarcissus* L.

Diomedes × *sabinii* (Lindley) Haworth ex Herbert

Narcissus × *albidus* Schultes & Schultes f.

Narcissus × *albus* (Haworth) Spach

Narcissus × *amplus* Salisbury

Narcissus × *aurantius* (Haworth) Schultes & Schultes f.

Narcissus × *bericus* Turra ex Marz.-Penc.

Narcissus × *bernardii* DC. ex Hénon

Narcissus × *gouanii* Roth

Narcissus × *incomparabiliformis* Rouy

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Ájax, ájax incomparável, diomedes, junquilha, junquilha incomparável, narciso, narciso alaranjado, narciso aurantíaco, narciso aurântio, narciso de Bernard, narciso de Gouan, narciso híbrido, narciso incomparável, campainhas, copinhos, cucos.

Endemismo da Região Mediterrânica, exclusivamente europeu, que se pode encontrar espontâneo somente no Centro e Sul de França, de origem híbrida [*Narcissus poeticus* L. × *Narcissus pseudonarcissus* L.]; tem sido muito cultivado e existe, naturalizado, em diversos outros locais (WEBB, 1980c: 84; HUXLEY & al., 1999c: 291); Planta ornamental herbácea bulbosa, de origem híbrida, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950).

25. ***Narcissus* × *incomparabilis* Miller 'Beauty'**

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Narciso, narciso híbrido, narciso híbrido hortícola, narciso hortícola, narciso incomparável.

Planta ornamental herbácea bulbosa, de origem híbrida, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

26. ***Narcissus* × *incomparabilis* Miller 'Lucifer'**

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Narciso, narciso da luz, narciso de Lúcifer, narciso híbrido, narciso híbrido hortícola, narciso hortícola, narciso incomparável, narciso Lúcifer, narciso luciferino, narciso lucífero, narciso luminoso.

Planta ornamental herbácea bulbosa, de origem híbrida, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

27. ***Narcissus jonquilla* L. subsp. *jonquilla***

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Campainhas, copinhos, cucos, junquilha, narciso, narciso amarelo, narciso junquilha.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, exclusivamente ibérico (embora também se possa encontrar naturalizado noutros locais), muito cultivado no Sul de França pelo seu perfume, industrialmente muito utilizado, de floração hiemal ou hibernal e primaveril ou vernal (WEBB, 1980c: 81; CULLEN, 1986e: 305; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: 113-114; HUXLEY & al., 1999c: 291); Planta ornamental herbácea bulbosa, espontânea e pouco comum em Portugal, em prados, lezírias e leitos das cheias dos rios (FRANCO & ROCHA AFONSO, *l.c.*), sobretudo no interior e no Sul (CARAPETO & al., 2014o).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Jardimeta 1 (TAVARES & ALVES, 2002); Viveiros e Casinha dos Narcisos, na Mata (IV.2011, Observ.!).

28. ***Narcissus jonquilla* L. 'Dobrados'**

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Junquilha, junquilha dobrado, narciso, narciso dobrado, narciso híbrido hortícola, narciso hortícola.

Planta ornamental herbácea bulbosa, de origem híbrida, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

29. ***Narcissus jonquilla* L. 'Double odorante'**

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Junquilha, junquilha aromático, junquilha dobrado, junquilha dobrado aromático, narciso, narciso aromático, narciso amarelo, narciso amarelo aromático, narciso dobrado, narciso dobrado aromático, narciso híbrido hortícola, narciso hortícola.

Planta ornamental herbácea bulbosa, de origem híbrida, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

30. ***Narcissus jonquilla* L. ‘Odorus Campernelle’**

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Junquilha, junquilha aromático, narciso, narciso aromático, narciso amarelo, narciso amarelo aromático, narciso híbrido hortícola, narciso hortícola.

Planta ornamental herbácea bolbosa, de origem híbrida, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

31. ***Narcissus jonquilla* L. ‘Simple odorante’**

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Junquilha, junquilha aromático, narciso, narciso aromático, narciso amarelo, narciso amarelo aromático, narciso híbrido, narciso híbrido hortícola, narciso hortícola.

Planta ornamental herbácea bolbosa, de origem híbrida, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950).

32. ***Narcissus* ‘King Alfred’**

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Junquilha, junquilha do Rei Alfredo, narciso, narciso do Rei Alfredo, narciso híbrido, narciso híbrido hortícola, narciso hortícola.

Planta ornamental herbácea bolbosa, de origem híbrida, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

33. ***Narcissus* ‘Mary Copeland (Dobrados)’**

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Narciso, narciso dobrado, narciso duplo, narciso híbrido, narciso híbrido hortícola, narciso hortícola.

Planta ornamental herbácea bolbosa, de origem híbrida, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII)

34. ***Narcissus* × *odorus* L.**

= *Ajax* × *odorus* (L.) Caruel

= *Philogyne* × *odora* (L.) Haworth

= *Queltia* × *odora* (L.) Herbert

Narcissus jonquilla L. × *Narcissus pseudonarcissus* L.

Calathinus × *cernuus* Rafinesque

Jonquilla × *trilobus* Rafinesque

Narcissus × *calathinus* L.

= *Philogyne* × *calathina* (L.) Salisbury

Narcissus × *conspicuus* Salisbury

= *Philogyne* × *conspicua* (Salisbury) Salisbury

Narcissus × *cothurnalis* Williams ex Steudel

Narcissus × *elator* Haworth

Narcissus × *lobatus* Poirer

= *Philogyne* × *lobata* (Poirer) M. Roemer

Narcissus × *semipartitus* Link

Narcissus × *broteroi* M. Roemer

Philogyne × *campernellii* Haw

= *Narcissus* × *campernellii* (Haworth) Haw

Philogyne × *curtisii* Haworth

= *Narcissus* × *curtisii* (Haworth) Spach

Philogyne × *interjecta* Haworth

= *Narcissus* × *interjectus* (Haworth) Schultes & Schultes f.

Philogyne × *isometra* M. Roemer

Philogyne × *rugulosa* Haworth

= *Narcissus* × *rugulosus* (Haworth) Link

Geófito. Origem: Híbrida.

Alguns nomes comuns possíveis: Ájax, filogine, filogine aromática, narciso, narciso aromático, narciso híbrido, quéltila, quéltila aromática.

Planta ornamental herbácea bolbosa, de origem híbrida [*Narcissus jonquilla* L. × *Narcissus pseudonarcissus* L.], originalmente surgida em jardins e naturalizada no Sul da Europa (WEBB, 1980c: 84; CULLEN, 1986e: 308; HUXLEY & al., 1999c: 291), raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

35. ***Narcissus papyraceus* Ker Gawler subsp. *panizzianus* (Parlatore) Arcangeli**

= *Narcissus panizzianus* Parlatore [basion.]

= *Narcissus dubius* Gouan var. *panizzianus* (Parlatore) Sampaio

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Mija-burra, mijaburro, narciso branco, narciso mijaburro.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, ibero-gálico e do Norte da Itália, de floração precoce, hiemal e vernal (WEBB, 1980c: 80; CULLEN, 1986e: 304; HUXLEY & al., 1999c: 291; ROSA, 2000: 93); Planta ornamental herbácea bolbosa, espontânea e rara em Portugal, onde se encontra no Algarve (CARAPETO, 2014p).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata e Viveiros (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

36. ***Narcissus papyraceus* Ker Gawler subsp. *papyraceus***

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Mija-burra, mijaburro, narciso algarviano, narciso algarvio, narciso branco, narciso do Algarve, narciso do Barrocal, narciso do Barrocal algarvio, narciso mijaburro.

Endemismo da Região Mediterrânica e do SW da Europa, de floração precoce, hiemal e vernal (WEBB, 1980c: 80; CULLEN, 1986e: 304; ROSA, 2000: 94); Planta ornamental herbácea bolbosa, espontânea e rara em Portugal, onde se encontra sobretudo no Sul (CARAPETO & al., 2014q).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata e Viveiros (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002; II.2010, Observ.!).

37. ***Narcissus poeticus* L. 'Glory of Life'**

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Narciso, narciso dos poetas, narciso glorioso, narciso híbrido, narciso híbrido hortícola, narciso poético.

Planta ornamental herbácea bolbosa, de origem híbrida, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

38. ***Narcissus poeticus* L. 'Ornatus'**

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Narciso, narciso dos poetas, narciso híbrido, narciso híbrido hortícola, narciso ornado, narciso ornamentado, narciso poético.

Planta ornamental herbácea bolbosa, de origem híbrida, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

39. ***Narcissus pseudonarcissus* L. subsp. *confusus* (Pugsley) A. Fernandes**

= *Narcissus confusus* Pugsley [basion.]

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Falso narciso, narciso, narciso confundido, narciso confuso, narciso dúbio, narciso duvidoso, narciso falso narciso, narciso pseudonarciso, narciso trombeta, narciso trombeteiro, pseudonarciso, trombeta amarela.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, de distribuição exclusivamente ibérica, nas regiões montanhosas peninsulares (CULLEN, 1986e: 308; JANSEN, 1997; RIBEIRO & PAIVA, 2005: 33; RIBEIRO, 2006), em Portugal aparentemente exclusivo das serras da Estrela, do Caramulo e do Marão, encontrando-se, por vezes, em *habitats* seminaturais junto a rios e na margem de lameiros, pois embora o seu habitat natural sejam sobretudo carvalhais de altitude, tem sido bastante cultivada nos jardins das populações locais (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: 122; AEDO, 2012: 37-38; PEREIRA & al., 2013: 58); Planta ornamental

herbácea bolbosa, de floração hiemal ou vernal, espontânea e muito rara em Portugal (cf. ALMEIDA, 2014aq), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000).

40. **Narcissus pseudonarcissus** L. subsp. **nobilis** (Haworth) A. Fernandes

= *Ajax nobilis* Haworth [basion.]

= *Narcissus nobilis* (Haworth) Schultes & Schultes f.

= *Narcissus pseudonarcissus* L. f. *nobilis* (Haworth) Voss

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Ájax, ájax nobre, narciso, narciso nobre.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, exclusivo das regiões montanhosas do Norte da Península Ibérica (WEBB, 1980c: 83; CULLEN, 1986e: 308; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: 121; HUXLEY & al., 1999c: 293; ROSA, 2000: 94); Planta ornamental herbácea bolbosa, espontânea e muito rara em Portugal, onde ocorre apenas no Norte (ARAÚJO & LOURENÇO, 2014az).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000); Escola Médica (ALMEIDA & al., 2003; TAVARES & al., 2009; Observ. e foto!); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

41. **Narcissus pseudonarcissus** L. subsp. **portensis** (Pugsley) A. Fernandes

= *Narcissus portensis* Pugsley [basion.]

Narcissus eugeniae Fern. Casas

Narcissus radinganorum Fern. Casas

= *Narcissus pseudonarcissus* L. subsp. *radinganorum* (Fern. Casas) O. Bolòs & Vigo

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Falso narciso, falso narciso de Reading, falso narciso do Porto, falso narciso portense, falso narciso portuense, narciso, narciso de Reading, narciso do Porto, narciso portense, narciso portuense, narciso falso narciso, narciso pseudonarciso, narciso trombeta, narciso trombeta de Reading, narciso trombeta do Porto, narciso trombeta portense, narciso trombeta portuense, narciso trombeteiro, pseudonarciso, pseudonarciso de Reading, pseudonarciso do Porto, pseudonarciso portense, pseudonarciso portuense.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, exclusivo das montanhas da Península Ibérica, de floração vernal (WEBB, 1980c: 83; CULLEN, 1986e: 308; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: 122; HUXLEY & al., 1999c: 293; AEDO, 2012: 37-38); Planta ornamental herbácea bolbosa, espontânea e rara em Portugal, onde se encontra sobretudo no Norte (CARAPETO & al., 2014r).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000).

42. **Narcissus pseudonarcissus** L. subsp. **pseudonarcissus**

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Falso narciso, falso narciso verdadeiro, falso narciso vero, narciso, narciso falso narciso, narciso pseudonarciso, narciso trombeta, narciso trombeteiro, pseudonarciso.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental e do Sudoeste europeu, de floração vernal ou primaveril (WEBB, 1980c: 83; CULLEN, 1986e: 308; HUXLEY & al., 1999: 293; AEDO, 2012: 37); Planta ornamental herbácea bolbosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (FERNANDES, 1936: 18; MATOS, 1950; ROSA, 2000); Mata, junto à Capela de Santo Ilídio (II.2010, Observ.!); Escola Médica (MATOS, 2014); Jardim Botânico (FERNANDES, 1946: 146).

43. **Narcissus quintanilhae** (A. Fernandes) Fernández Casas

= *Narcissus bulbocodium* L. subsp. *quintanilhae* A. Fernandes [basion.]

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Campainhas, copinhos, cucos, narciso, narciso amarelo, narciso áureo, narciso de ouro, narciso de Quintanilha, narciso dourado.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, quase certamente exclusivamente ibérico, que se distribui por Portugal e pela Espanha ocidental, descrito a partir de exemplares colhidos na Beira Alta (FERNANDES, 1988: 305-306; FERNÁNDEZ CASAS, 2005: 269; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010; IPNI); Este narciso possui um habitat muito característico, o que ajuda muito a identificá-lo no campo, pois é o único narciso da secção *Bulbocodii* que vive em terras baixas e que se encontra em comunidades palustres, encharcadas (FERNÁNDEZ CASAS, l.c.); Planta ornamental herbácea bolbosa, espontânea, pouco comum e raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Viveiros (FERNANDES, l.c.).

44. *Narcissus rupicola* Dufour subsp. *rupicola*

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Campainhas, copinhos, cucos, narciso, narciso amarelo, narciso das rochas, narciso dos granitos, narciso rupestre, narciso rupícola.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, exclusivo das regiões montanhosas da Península Ibérica (WEBB, 1980c: 81; CULLEN, 1986e: 306; HUXLEY & al., 1999: 293; MONTOUTO GONZÁLEZ, 2002: 162; AEDO, 2012: 19-20); Planta ornamental herbácea bolbosa, endémica orófito ibérica, espontânea e rara em Portugal, em locais graníticos do Norte e Centro, acima dos 800 m (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: 116; SILVA & al., 2014b), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000).

45. *Narcissus scaberulus* Henriques subsp. *scaberulus*

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Campainhas, copinhos, cucos, narciso, narciso amarelo, narciso do Mondego, narciso dos granitos, narciso mondeguino, nininas.

Endemismo exclusivamente lusitano, do vale do rio Mondego, de floração primaveril ou vernal (CULLEN, 1986e: 306); Planta ornamental herbácea bolbosa, espontânea e muito rara em Portugal, nas proximidades do rio Mondego, em locais rochosos (HENRIQUES, 1888: 45; WEBB, 1980c: 81; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: 116-117; SILVA & al., 2014d), considerada como espécie estritamente protegida pela Convenção relativa à Conservação da vida selvagem e dos habitats naturais (DIRECTORATE OF CULTURE AND CULTURAL AND NATURAL HERITAGE, 2002: 2), assim como uma “crop wild relative” cuja conservação é prioritária (MAGOS BREHM, 2008: 27; MAGOS BREHM & al., 2010: 2729).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

46. *Narcissus* 'Sulphur Grown' (Dobrados)

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Narciso, narciso amarelo, narciso de flores amarelas, narciso de flores douradas, narciso de flores sulfúreas, narciso híbrido, narciso híbrido hortícola, narciso hortícola, narciso sulfúreo.

Planta ornamental herbácea bolbosa, de origem híbrida, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

47. *Narcissus* × *taitii* Henriques

Narcissus pseudonarcissus L. var. *johnstonii* Baker

= *Narcissus* × *johnstonii* (Baker) Pugsley

= *Narcissus sylvestris* Lamarck var. *johnstonii* (Baker) Sampaio

Narcissus × *johnstonii* (Baker) Pugsley var. *mirabilis* Pugsley

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Narciso, narciso admirável, narciso amarelo, narciso de flores amarelas, narciso de Johnston, narciso de Tait, narciso híbrido, narciso johnstoniano, narciso taitiano.

Híbrido que ocorre espontaneamente em Portugal, embora provavelmente muito raro, que se supõe possuir uma notável capacidade de multiplicação vegetativa e foi herborizado no século XIX por E. Johnston, A.W. Tait e Júlio Henriques nos arredores do Porto (TAIT, 1886; HENRIQUES, 1887; FERNANDES, 1946: 156-157; AEDO, 2013e: 396); Planta ornamental herbácea bolbosa, de origem híbrida, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Conservado em vasos no Jardim Botânico (FERNANDES, 1946: 146).

48. *Narcissus tazetta* L. subsp. *canariensis* (Burbidge) Baker

= *Narcissus canariensis* Burbidge [basion.]

= *Narcissus tazetta* L. var. *canariensis* (Burbidge) Voss

Geófito. Origem: Macaronésia: Ilhas Canárias.

Alguns nomes comuns possíveis: Narciso, narciso canariense, narciso canarinho, narciso canarino, narciso canário, narciso das Canárias, narciso das Ilhas Canárias, narciso de taça, narciso de tacinha, narciso em taça, narciso taçante, narciso taçarinho, narciso taçarino, narciso tacético, narciso-tazeta, narciso tazético, taça canariense, taça canarinha, taça canarina, taça canária, taça das Canárias, taça das Ilhas Canárias,

tacinha canária, tacinha canariense, tacinha canarinha, tacinha canarina, tacinha das Canárias, tacinha das Ilhas Canárias.

Endemismo exclusivo do Arquipélago das Ilhas Canárias (FERNANDES, 1945: 604; GRIN; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010; WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea bolbosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim, onde foi cultivada a partir da década de 1940, proveniente do Jardín de Aclimatación de Orotava, Puerto Cruz, Tenerife (FERNANDES, 1945: 597).

Distribuição/localização no Jardim: Em vasos (cf. FERNANDES, *l.c.*).

49. ***Narcissus tazetta* L. subsp. *tazetta***

Narcissus syriacus Boissier & Gaillardot

= *Narcissus tazetta* L. var. *syriacus* (Boissier & Gaillardot) Boissier

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Narciso, narciso albescente, narciso albedo, narciso alvarinho, narciso alvinho, narciso alvo, narciso branco, narciso cândido, narciso de taça, narciso de tacinha, narciso embranquecido, narciso em taça, narciso esbranquiçado, narciso taçante, narciso taçarinho, narciso taçarino, narciso tacético, narciso-tazeta, narciso tazético.

Endemismo da Região Mediterrânica (CULLEN, 1986e: 303) e da Transcaucásia, naturalizado nos Açores e em diversas outras partes do Mundo (MILL, 1984f: 376-377; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: 112); Planta ornamental herbácea bolbosa, cultivada e por vezes subespontânea ou fugida de cultura no Continente (AEDO, 2012: 10) e no Arquipélago dos Açores (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: *l.c.*); também possivelmente espontânea no Centro e Sul de Portugal (WEBB, 1980c: 79; HUXLEY & al., 1999: 293; CARAPETO & al., 2014s).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (FERNANDES, 1936: 12-13; MATOS, 1950; ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

50. ***Narcissus triandrus* L. subsp. *pallidulus* (Graells) Rivas Goday**

= *Narcissus pallidulus* Graells [basion.]

Ganymedes concolor Haworth

= *Narcissus concolor* (Haworth) Link

= *Narcissus triandrus* L. var. *concolor* (Haworth) Baker

Narcissus homochroos Schultes & Schultes fil.

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Campainhas, cantarinhos, copinhos, cucos, ganimedes, ganimedes concolor, narciso, narciso concolor, narciso homocroo, narciso triandro.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, exclusivo das regiões montanhosas da Península Ibérica (WEBB, 1980c: 82; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: 118; BARRA LÁZARO, 2000: 184; ROSA, 2000: 95); Planta ornamental herbácea bolbosa, espontânea e pouco comum em Portugal, sobretudo em locais graníticos e xistosos do Norte e Centro (ALMEIDA & al., 2014ar).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

51. ***Narcissus triandrus* L. subsp. *triandrus***

= *Ganymedes triandrus* (L.) Haworth

= *Illus triandrus* (L.) Haworth

= *Queltia triandra* (L.) M. Roemer

Ajax lusitanicus M. Roemer

= *Ajax reflexa* (Brotero) M. Roemer

= *Assaracus reflexus* (Brotero) Haworth

= *Ganymedes reflexus* (Brotero) Herbert

Assaracus capax (Salisbury) Haworth var. *plenus* Haworth

Ganymedes albus Haworth

Ganymedes effusus Salisbury

Ganymedes linnaei Kunth

Ganymedes nutans Haworth

= *Narcissus triandrus* L. var. *nutans* (Haworth) Baker

Ganymedes ochroleucus Haworth

Ganymedes striatulus Haworth

Hermione concolor M. Roemer

Hermione homochroa M. Roemer

Hermione weinmannii M. Roemer

Narcissus arcuatus Heynhold
Narcissus calathinus Delarbre, nom. illeg.
Narcissus campanulatus Link
Narcissus haworthii G. Don
Narcissus pulchellus Salisbury
 = *Hermione pulchella* (Salisbury) M. Roemer
 = *Narcissus triandrus* L. var. *pulchellus* (Salisbury) Baker
Narcissus reflexus Brotero
Narcissus reflexus Loiseleur-DeLongchamps, nom. illeg.
Narcissus reflexus subsp. *broteroi* Rouy
Narcissus striatellus Spach
Narcissus triandrus L. subsp. *calathinus* Baker
Queltia capax Salisbury
 = *Assaracus capax* (Salisbury) Haworth
 = *Ganymedes capax* (Salisbury) Herbert
 = *Narcissus capax* (Salisbury) Schultes & Schultes fil.
 = *Narcissus reflexus* Loiseleur-DeLongchamps subsp. *capax* (Salisbury) Rouy
 = *Narcissus triandrus* L. subsp. *capax* (Salisbury) D.A. Webb
 = *Narcissus triandrus* L. var. *capax* (Salisbury) Barra & G. López
 Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Ájax, ájax lusitano, assáraco, assáraco capaz, assáraco reflexo, campainhas, cantarinhos, copinhos, cucos, ganimedes alvo, ganimedes branco, ganimedes cândido, ganimedes de Lineu, ganimedes estriado, ganimedes nutante, ganimedes reflexo, hermíone, hermíone concolor, hermíone de Weinmann, hermíone homócroia, ilo, ilo triandro, narciso, narciso campanulado, narciso campanular, narciso capaz, narciso concolor, narciso de Haworth, narciso estriado, narciso nutante, narciso reflexo, narciso triandro, quéltia, quéltia capaz, quéltia triandra.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, exclusivo da Península Ibérica, assim chamado porque os três estames superiores eo estilete se projectam a partir da coroa (WEBB, 1980c: 82; CULLEN, 1986e: 306; HUXLEY & al., 1999: 293; ROSA, 2000: 96); Planta ornamental herbácea perene bolbosa, espontânea e pouco comum em Portugal, distribuindo-se sobretudo nas zonas serranas a Norte [e a Sul] do rio Douro (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: 118; PEREIRA & al., 2013: 95; LOURENÇO & al., 2014u), considerada como espécie estritamente protegida pela Convenção relativa à Conservação da vida selvagem e dos habitats naturais (DIRECTORATE OF CULTURE AND CULTURAL AND NATURAL HERITAGE, 2002: 2).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002); Casinha dos Narcisos, na Mata (outrora).

52. *Narcissus* 'Trompette Roi des Jaunes'

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Narciso, narciso amarelo, narciso de trombeta, narciso flavescente, narciso flavo, narciso híbrido, narciso híbrido hortícola, narciso hortícola, narciso lúteo, narciso real, narciso régio, narciso rei dos amarelos, narciso-trombeta, narciso trombeteiro, rei dos amarelos.

Planta ornamental herbácea bolbosa, de origem híbrida, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

53. *Narcissus willkommii* (Sampaio) A. Fernandes

= *Narcissus jonquilloides* sensu Willkomm var. *willkommii* Sampaio [basion.]

= *Narcissus jonquilla* L. subsp. *willkommii* (Sampaio) Zonneveld

Narcissus algarbiensis Fernández-Casas, nom. illeg.

Narcissus jonquilloides Willkomm, nom. illeg.

= *Narcissus jonquilla* L. subsp. *jonquilloides* (Willkomm) Baker

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Junquilha, junquilha amarelo, junquilha algarviano, junquilha algarviense, junquilha algravio, junquilha do Algarve, junquilha de Willkomm, junquilha willkommiano, narciso, narciso amarelo, narciso algarviano, narciso algarviense, narciso algravio, narciso do Algarve, narciso de Willkomm, narciso flavo, narciso junquilha, narciso lúteo, narciso willkommiano.

Endemismo exclusivamente lusitano e do Sul de Espanha (WEBB, 1980c: 81; CULLEN, 1986e: 305; CWRIS PGR FORUM, 2003–2005); *Narcissus Willkommii* (Sampaio) A. Fernandes foi recentemente considerado como sinónimo da espécie bastante mais comum *Narcissus Assoanus* Dufour, um endemismo da Europa ocidental: exclusivamente ibero-gálico (AEDO, 2013e: 361–362); Planta ornamental herbácea perene

bolbosa, espontânea e muito rara em Portugal, onde se encontra sobretudo no litoral do Algarve central (CARAPETO & al., 2014t).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII; ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002; II.2010, Observ.!); Casinha dos Narcisos, na Mata (FERNANDES, 1946: 156; II.2010, Observ.!).

54. *Narcissus* sp.

Geófito. Origem: Desconhecida.

Alguns nomes comuns possíveis: Campainhas, copinhos, cucos, narciso, junquilha.

Planta ornamental herbácea bolbosa, de origem provavelmente híbrida, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

18. *Nerine* Herbert

1. *Nerine bowdenii* W. Watson

Nerine veitchii Anon.

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis:

Endemismo sul-africano, das províncias do Cabo e Natal, de floração outonal (CULLEN, 1986s: 312; HUXLEY & al., 1999c: 313); Planta ornamental herbácea perene bolbosa, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002; XII.2008, Observ.!).

2. *Nerine humilis* (Jacquin) Herbert

= *Amaryllis humilis* Jacquin

= *Imhofia humilis* (Jacquin) Kuntze

= *Loxanthes humilis* (Jacquin) Salisbury, nom. inval.

Nerine breachiae W.F. Barker

Nerine flexuosa Herbert, p.p.

Nerine humilis (Jacquin) Herbert f. *fera* W.F. Barker

= *Nerine humilis* (Jacquin) Herbert f. *fera* (W.F. Barker) Traub

Nerine peersii W.F. Barker

Nerine pulchella Herbert

= *Nerine flexuosa* Herbert var. *pulchella* (Herbert) Baker

Nerine tulbaghensis W.F. Barker

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Amarflis, amarflis humilde, imófia, imófia humilde, loxantes, loxantes humilde, nerine, nerine humilde, raquelina, raquelina humilde.

Endemismo sul-africano, da Província do Cabo, de floração outonal (CULLEN, 1986s: 313; HUXLEY & al., 1999c: 313); Planta ornamental herbácea perene bolbosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Nerine krigei* W.F. Barker

= *Nerine laticoma* (Ker Gawler) T. Durand & Schinz subsp. *krigei* (W.F. Barker) Traub

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Nerine, nerine de Krige, raquelina, raquelina de Krige.

Endemismo do Sul de África: Rhodesia ou Zimbabwe (IPNI); Planta ornamental herbácea perene bolbosa, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Viveiros (V.2011, Observ.!).

4. *Nerine sarniensis* (L.) Herbert

= *Amaryllis sarniensis* L. [basion.]

= *Galatea sarniensis* (L.) Herbert ex Steudel, nom. inval.

= *Haemanthus sarniensis* (L.) Thunberg

= *Imhofia sarniensis* (L.) Salisbury, nom. inval.

= *Lilium sarniense* (L.) Curtis

Amaryllis corusca Ker Gawler
 = *Imhofia corusca* (Ker Gawler) Salisbury, nom. inval.
 = *Nerine corusca* (Ker Gawler) Herbert
 = *Nerine sarniensis* (L.) Herbert var. *corusca* (Ker Gawler) Baker
Amaryllis curvifolia Jacquin
 = *Imhofia curvifolia* (Jacquin) Kuntze
 = *Nerine curvifolia* (Jacquin) Herbert
 = *Nerine sarniensis* (L.) Herbert var. *curvifolia* (Jacquin) Traub
 = *Nerine sarniensis* (L.) Herbert f. *curvifolia* (Jacquin) Traub
Amaryllis dubia Houttuyn, nom. illeg.
Amaryllis fothergillii Poiret
 = *Nerine fothergillii* (Poiret) M. Roemer
 = *Nerine curvifolia* (Jacquin) Herbert var. *fothergillii* (Poiret) Baker
 = *Nerine sarniensis* (L.) Herbert var. *fothergillii* (Poiret) Traub
Amaryllis fothergillia Andrews
Amaryllis jacquinii Trattinick
 = *Nerine jacquinii* (Trattinick) M. Roemer
Amaryllis pulchra Salisbury
Amaryllis venusta Ker Gawler
 = *Imhofia venusta* (Ker Gawler) Salisbury
 = *Nerine venusta* (Ker Gawler) Herbert
 = *Nerine sarniensis* (L.) Herbert var. *venusta* (Ker Gawler) Baker
Galatea rosea Herbert, nom. inval.
Imhofia glauca Salisbury, nom. inval.
Nerine cochinchinensis M. Roemer
Nerine insignis Leichtlin
Nerine moorei Leichtlin
 = *Imhofia moorei* (Leichtlin) Kuntze
 = *Nerine sarniensis* (L.) Herbert var. *moorei* (Leichtlin) Traub
Nerine rosea Herbert
 = *Nerine sarniensis* (L.) Herbert var. *rosea* (Herbert) Baker
Nerine sarniensis (L.) Herbert var. *plantii* Baker
 = *Nerine plantii* (Baker) auct.
Nerine sarniensis (L.) Herbert var. *profusa* Baker
 Geófito. Origem: Sul de África.
 Alguns nomes comuns possíveis: Amarílis, amarílis bela, amarílis belíssima, amarílis corusca, amarílis curvifolia, amarílis de Jacquin, amarílis pulcra, amarílis pulquérrima, amarílis sarniense, amarílis venusta, corusca, galateia, galateia sarniense, hemanto, hemanto sarniense, imófia, imófia corusca, imófia curvifolia, imófia sarniense, imófia venusta, nerine, nerine bela, nerine belíssima, nerine cochinchinense, nerine da Cochinchina, nerine de Jacquin, nerine de Moore, nerine formosa, nerine pulcra, nerine pulquérrima, nerine rósea, nerine sarniense, nerine venusta, raquelina.
 Endemismo sul-africano, da Província do Cabo, de floração outonal (CULLEN, 1986s: 312; HUXLEY & al., 1999c: 313); Planta ornamental herbácea perene bolbosa, por vezes cultivada em Portugal.
 Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

5. ***Nerine undulata*** (L.) Herbert

= *Amaryllis undulata* L. [basíon.]
Nerine flexuosa Herbert
 Geófito. Origem: Sul de África.
 Alguns nomes comuns possíveis: Amarílis, amarílis ondulada, nerine, nerine ondulada, raquelina, raquelina ondulada.
 Endemismo sul-africano, da África do Sul, de floração outonal (CULLEN, 1986s: 312-313; HUXLEY & al., 1999c: 313); Planta ornamental herbácea perene bolbosa, por vezes cultivada em Portugal.
 Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002; X.2007, Observ.!).

19. **Nothoscordum** Kunth

1. **Nothoscordum gracile** (Dryander ex Aiton) Stearn

= *Allium gracile* Dryander ex Aiton [basion.]

Allium odorum auct., non L.

Nothoscordum fragrans (Ventenat) Kunth

= *Allium fragrans* Ventenat

Nothoscordum inodorum auct., non (Solander) G. Nicholson

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Alho aromático, alho de cheiro, alho inodoro, alho sem mau cheiro, notoscordo, notoscordo inodoro.

Endemismo sul-americano, da América do Sul tropical, actualmente subcosmopolita (AEDO, 2013b; AEDO, 2013d: 274-276); Planta ornamental e ruderal herbácea perene bulbosa; subespontânea e relativamente comum em Portugal (COUTINHO, 1896: 112; SAMPAIO, 1947: 114; MALATO-BELIZ & ABREU, 1954: 12; R. FERNANDES, 1957: 187; PINTO DA SILVA, RAINHA & M. SILVA, 1959: 226; RAINHA, 1961: 21; RAINHA, 1964: 183; PORTELA-PEREIRA & al., 2014o), naturalizada em terrenos cultivados, canteiros, fendas das calçadas, muros e outros locais ruderais (STEARNS, 1980b: 70; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: 96; AEDO, 2013d: 274-276).

Distribuição/localização no Jardim: Subespontâneo e comum no Jardim e na Mata (ALMEIDA, 2005b; II.2010, Observ.!); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

20. **Pancratium** L.

1. **Pancratium maritimum** L.

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cebola das areias, cebola do mar, pancrácio, pancrácio costeiro, pancrácio da beira-mar, pancrácio das areias, pancrácio das dunas, pancrácio das praias, pancrácio dos areais costeiros, pancrácio dos areais marinhos, pancrácio dos areais marítimos, pancrácio marinho, pancrácio marítimo, narciso das areias.

Endemismo da Região Mediterrânica e da Europa ocidental (SW da Europa); Planta ornamental e aromática herbácea perene bulbosa, espontânea e comum em Portugal, na orla marítima (CARAPETO & al., 2014u).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

21. **Pyrolirion** Herbert

1. **Pyrolirion arvensis** (F.G. Dietrich) Ehrhardt, Götz & Seybold

= *Amaryllis arvensis* F.G. Dietrich [basion.]

Amaryllis aurea Ruiz & Pavón, nom. illeg.

Pyrolirion albicans Herbert

Pyrolirion aureum Herbert, nom. illeg.

= *Zephyranthes aurea* (Herbert) Baker, nom. illeg.

Pyrolirion aurantiacum Lemaire

= *Zephyranthes aurantiaca* (Lemaire) Traub

Pyrolirion flavum Herbert

Pyrolirion huantae Ravenna

Pyrolirion tarahuasicum Ravenna

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Amarflis, amarflis áurea, amarflis de ouro, amarflis dourada, lírio de fogo, lírio flamejante, lírio rubro, pirolírio, pirolírio alaranjado, pirolírio amarelo, pirolírio áureo, pirolírio de ouro, pirolírio dourado, pirolírio laranja, zefirantes, zefirantes amarelo, zefirantes áureo, zefirantes de ouro, zefirantes dourado.

Endemismo sul-americano, dos Andes: Peru, onde não se tem encontrado recentemente (HUXLEY & al., 1999c: 770; MABBERLEY, 2008: 720; GRIN); Planta ornamental herbácea perene bulbosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002)

22. *Scadoxus* Rafinesque

1. *Scadoxus multiflorus* (Martyn) Rafinesque subsp. *katherinae* (Baker) Friis & Nordal

= *Haemanthus katherinae* Baker [basion.]

= *Haemanthus multiflorus* Martyn subsp. *katherinae* (Baker) I. Björnstad & Friis

= *Scadoxus multiflorus* Rafinesque subsp. *katherinae* (Baker) M.R. Almeida

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Scadoxo, scadoxo de Katherina, scadoxo multifloro, scadoxo de muitas flores, scadoxo polianto, escadoxo, escadoxo de Katherina, escadoxo multifloro, escadoxo de muitas flores, escadoxo polianto, hemanto, hemanto multifloro, hemanto de muitas flores, hemanto polianto, hemanto de Katherina.

Endemismo sul-africano, do oriente da África do Sul (ALEXANDER, 1986h: 316; HUXLEY & al., 1999d: 222; IPNI); Planta ornamental herbácea perene bulbosa exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (Rosa, 2000: Anexo VII)

23. *Sprekelia* Heister

1. *Sprekelia formosissima* (L.) Herbert

= *Amaryllis formosissima* L. [basion.]

= *Hippeastrum formosissimum* (L.) Loudon

Amaryllis formosa Salisbury

Amaryllis karwinskii Zuccarini

= *Sprekelia karwinskii* (Zuccarini) M. Roemer

Sprekelia clintiae Traub

Sprekelia glauca Lindley

Sprekelia heisteri Trew ex Kunth

Sprekelia ringens C. Morren

Sprekelia stenopetala Lemaire

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Amarílis, amarílis bela, amarílis de Karwinski, amarílis formosa, amarílis formosíssima, amarílis pulcra, amarílis venusta, hipeastro, hipeastro formoso, hipeastro formosíssimo, sprekélia, sprekélia bela, sprekélia de Clint, sprekélia estenopétala, sprekélia de pétalas estreitas, sprekélia formosa, sprekélia formosíssima, sprekélia glauca, sprekélia pulcra, sprekélia venusta.

Endemismo norte-americano (IPNI), do México e Guatemala (CULLEN, 1986d: 295); Planta ornamental herbácea perene bulbosa, de floração primaveril, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

24. *Sternbergia* Waldstein & Kitaibel

1. *Sternbergia lutea* (L.) Ker-Gawler ex Sprengel

= *Amaryllis lutea* L. [basion.]

= *Oporanthus luteus* (L.) Herbert

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Amarílis, amarílis amarela, amarílis lútea, oporanto, oporanto amarelo, oporanto lúteo, sternbérquia, sternbérquia amarela, sternbérquia lútea.

Endemismo eurasiático, de floração outonal (MATHEW & ALEXANDER, 1986: 296); Elemento mediterrânico (MATHEW, 1984a: 361); Planta ornamental herbácea perene bulbosa, por vezes cultivada e muito raramente subespontânea ou escapada de cultura em Portugal; A sua existência em Portugal (talvez como planta adventícia) foi já referida por NYMAN (1878-1882: 713) e confirmada posteriormente para a província de TM por MIRANDA LOPES (1933: 178-179).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = (ROSA, 2000: Anexo VII).

25. *Tristagma* Poeppig

1. *Tristagma uniflorum* (Lindley) Traub
 - = *Triteleia uniflora* Lindley [basion.]
 - = *Beauverdia uniflora* (Lindley) Herter
 - = *Brodiaea uniflora* (Lindley) Engler
 - = *Hookera uniflora* (Lindley) Kuntze
 - = *Ipheion uniflorum* (Lindley) Rafinesque
 - = *Leucocoryne uniflora* (Lindley) Greene
 - = *Milla uniflora* (Lindley) Graham
 - Beauverdia uniflora* (Lindley) Herter f. *alba* Herter
 - = *Tristagma uniflorum* (Lindley) Traub f. *album* (Herter) Traub
 - Beauverdia uniflora* (Lindley) Herter var. *alba* Weathers
 - = *Ipheion uniflorum* (Lindley) Rafinesque f. *album* (Weathers) Stearn
 - Beauverdia uniflora* (Lindley) Herter f. *roseoplena* Herter
 - = *Ipheion uniflorum* (Lindley) Rafinesque f. *roseoplenum* (Herter) Stearn
 - = *Tristagma uniflorum* (Lindley) Traub f. *roseoplenum* (Herter) Traub
 - Beauverdia uniflora* (Lindley) Herter f. *tenuitepala* Herter
 - = *Ipheion uniflorum* (Lindley) Rafinesque f. *tenuitepalum* (Herter) Stearn
 - = *Tristagma uniflorum* (Lindley) Traub f. *tenuitepalum* (Herter) Traub
 - Hookera uniflora* (Lindley) Kuntze f. *violacea* Voss
 - = *Brodiaea uniflora* (Lindley) Engler var. *violacea* (Voss) Weathers
 - = *Ipheion uniflorum* (Lindley) Rafinesque f. *violaceum* (Voss) Stearn
 - = *Tristagma uniflorum* (Lindley) Traub f. *violaceum* (Voss) Traub
 - Milla bonariensis* Gilg ex Baker
 - Triteleia conspicua* Baker
 - = *Beauverdia uniflora* (Lindley) Herter var. *conspicua* (Baker) Baker
 - = *Ipheion uniflorum* (Lindley) Rafinesque f. *conspicuum* (Baker) Stearn
 - = *Milla conspicua* (Baker) N.E. Brown
 - = *Milla uniflora* (Lindley) Graham var. *conspicua* (Baker) Baker
 - = *Tristagma uniflorum* (Lindley) Traub f. *conspicuum* (Baker) Traub
 - Tristagma uniflorum* (Lindley) Traub f. *pauciflorum* Traub

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Beauvérdia, beauvérdia alva, beauvérdia branca, beauvérdia cândida, beauvérdia de flores brancas, beauvérdia de flores cândidas, beauvérdia de flores róseas, beauvérdia de flores violáceas, beauvérdia de uma só flor, beauvérdia monanta, beauvérdia rósea, beauvérdia uniflora, beauvérdia violácea, bródia, bródia de flores alvas, bródia de flores brancas, bródia de flores cândidas, bródia de flores róseas, bródia de flores violáceas, bródia de uma só flor, bródia monanta, bródia uniflora, bródia violácea, estrela, estrela da Primavera, flor-estrela, flor-estrela da Primavera, hookera, hookera de flores brancas, hookera de flores cândidas, hookera de flores róseas, hookera de flores violáceas, hookera de uma só flor, hookera monanta, hookera uniflora, ifêion, ifêion conspícuo, ifêion de flores alvas, ifêion de flores brancas, ifêion de flores cândidas, ifêion de uma só flor, ifêion monanto, ifêion unifloro, ifêion violáceo, leucocorine, leucocorine conspícuo, leucocorine de flores brancas, leucocorine de flores cândidas, leucocorine de flores róseas, leucocorine de flores violáceas, leucocorine de uma só flor, leucocorine monanta, leucocorine uniflora, mila, mila bonariense, mila conspícuo, mila de uma só flor, mila monanta, mila sul-americana, mila uniflora, triteleia, triteleia conspícuo, triteleia de uma só flor, triteleia monanta, triteleia uniflora, tristagma, tristagma conspícuo, tristagma de flores róseas, tristagma de flores violáceas, tristagma de poucas flores, tristagma de uma só flor, tristagma monanto, tristagma oliganto, tristagma paucifloro, tristagma róseo, tristagma unifloro, tristagma violáceo.

Endemismo sul-americano, do Uruguai e das regiões temperadas e quentes da Argentina, de floração predominantemente primaveril ou vernal (WEBB, 1986d: 247; HUXLEY & al., 1999b: 662; MABBERLEY, 2008: 875; USDA; WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea perene bolbosa, de floração primaveril, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim; Planta ornamental herbácea perene bolbosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

26. *Tulbaghia* L.

1. *Tulbaghia violacea* Harvey

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Alho de sociedade, tulbáguia, tulbáguia violácea.

Endemismo sul-africano, das províncias do Cabo e de Transvaal, de floração estival e outonal (KING, 1986d: 232); Planta ornamental herbácea perene bulbosa, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Viveiros (V.2011, Observ.!).

27. *Zephyranthes* Herbert

Atamosco Adanson, nom. rej.; *Cooperia* Herbert

1. *Zephyranthes atamasco* (L.) Herbert

= *Amaryllis atamasco* L. [basion.]

= *Atamosco atamasco* (L.) Greene, nom. inval.

Amaryllis aramasco L., orth. var.

Amaryllis atanasia Crantz

Amaryllis pulchella Salisbury, nom. illeg.

Amaryllis verecunda Salisbury

Amaryllis virginienensis Oken

Zephyranthes atamasco (L.) Herbert var. *minor* Herbert

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Adelfa, adelfo, amarílis, amarílis atamasca, amarílis atamasco, amarílis, amarílis da Virgínia, amarílis virgílica, amarílis virginienense, atamasca, atamasco, lílio, lílio atamasco, lílio da Carolina, lílio da chuva, lílio da Páscoa, lílio da Virgínia, lílio dos pântanos, lírio, lírio atamasco, lírio da Carolina, lírio da chuva, lírio da Páscoa, lírio dos pântanos.

Endemismo norte-americano, do SE dos Estados Unidos da América: Alabama, Carolina do Norte, Carolina do Sul, Florida, Geórgia, Maryland, Mississipi e Virgínia, onde cresce em florestas mistas e pantanosas, prados húmidos e planícies costeiras, de floração predominantemente vernal ou primaveril (CAMPBELL, 1986b: 294; HUXLEY & al., 1999d: 737; FLAGG & al., 2003: 298; WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea perene bulbosa, de floração primaveril, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Zephyranthes candida* (Lindley) Herbert

= *Amaryllis candida* Lindley [basion.]

= *Argyropsis candida* (Lindley) M. Roemer

= *Atamosco candida* (Lindley) Small

= *Plectonema candida* (Lindley) Rafinesque

Amaryllis nivea Schultes & Schultes f.

= *Zephyranthes nivea* (Schultes & Schultes f.) D. Dietrich

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Amarílis, amarílis cândida, amarílis de neve, amarílis nívea, argirópsis, argirópsis cândida, argirópsis de neve, atamosco, atamosco cândida, atamosco de neve, flor de Zéfiro, plectonema, plectonema cândida, plectonema de neve, plectonema nívea, zefirantes, zefirantes cândida, zefirantes de neve, zefirantes nívea.

Endemismo sul-americano, da Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai (CAMPBELL, 1986b: 294); Planta ornamental herbácea perene bulbosa exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

3. ***Zephyranthes citrina*** Baker

Zephyranthes eggersiana Urban

= *Atamasco eggersiana* (Urban) Britton

Geófito. Origem: América Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Amarílis, amarílis cítrica, amarílis citrina, amarílis de limão, amarílis-limão, amarílis limónica, zefirantes, zefirantes cítrica, zefirantes citrina, zefirantes de limão, zefirantes-limão.

Endemismo americano, da América Tropical (Huxley & al., 1999d: 737; IPNI); Planta ornamental herbácea perene bulbosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. ***Zephyranthes drummondii*** D. Don

= *Sceptranthes drummondii* (D. Don) Graham

Cooperia oberwetii S.P. Lancaster

Cooperia pedunculata Herbert

Geófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Ceptrantes, ceptrantes de Drummond, cupéria, cupéria de Oberwet, cupéria pedunculada.

Endemismo norte-americano, dos Estados Unidos e do México (PACIFIC BULB SOCIETY); Planta ornamental herbácea perene bulbosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. ***Zephyranthes grandiflora*** Lindley

Amaryllis concinna R. Morris

Amaryllis lindleyana Schultes & Schultes fil.

Atamosco carinata Standley

Zephyranthes carinata Herbert

= *Amaryllis carinata* (Herbert) Sprengel

= *Atamosco carinata* (Herbert) P. Wilson

= *Pogonema carinata* (Herbert) Rafinesque

Zephyranthes macrosiphon Baker

Zephyranthes rosea auct.

Zephyranthes tsouii H.H. Hu

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Amarílis, amarílis carinada, amarílis da chuva, amarílis de flores grandes, amarílis grandiflora, amarílis macranta, atamosco, atamosco, coração de Maria, coração rosado, duende rosado, lágrimas de Maria, lílio da chuva, lílio-rosa, lírio da chuva, lírio-rosa, pogonema, zefirantes, zefirantes carinada, zefirantes de flores grandes, zefirantes de tubo grande, zefirantes grandiflora, zefirantes macranta.

Endemismo norte-americano, da América tropical, do México à Guatemala, e Índias Ocidentais, próprio de pastagens e declives de montanha, em locais abertos e húmidos, frquentemente nas vizinhanças de florestas, cuja floração se verifica após as chuvas —daí as designações vernáculas “lílio da chuva ou lírio da chuva” [“rain lily”], sobretudo na Primavera e no Verão (CAMPBELL, 1986b: 294; HUXLEY & al., 1999d: 737; MABBERLEY, 2008: 922; IPNI; WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea perene bulbosa exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

6. ***Zephyranthes minuta*** (Kunth) D. Dietrich

= *Amaryllis minuta* Kunth [basion.]

Amaryllis minima Ker Gawler

Amaryllis pallida Willdenow ex Schultes & Schultes fil., nom. illeg.

Amaryllis striatula Schultes & Schultes fil.

Zephyranthes grahamiana Herbert

Zephyranthes grandiflora Lindley, nom. illeg.

Zephyranthes lilacina Liebmann

Zephyranthes nervosa D. Dietrich, nom. illeg.

Zephyranthes pallida M. Roemer

Zephyranthes striata Herbert

= *Zephyranthes sessilis* Herbert var. *striata* (Herbert) Herbert

Zephyranthes verecunda Herbert

= *Amaryllis verecunda* (Herbert) Schultes & Schultes fil., nom. illeg.

= *Zephyranthes sessilis* Herbert var. *verecunda* (Herbert) Herbert

Zephyranthes sessilis Herbert var. *ackermannia* Herbert

= *Zephyranthes ackermannia* (Herbert) M. Roemer

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Amarílis, amarílis estriada, amarílis mínima, amarílis minuta, amarílis pálida, zefirantes, zefirantes de flores grandes, zefirantes de Graham, zefirantes estriada, zefirantes grandiflora, zefirantes lilacina, zefirantes lilacínea, zefirantes macranta, zefirantes nervosa, zefirantes pálida, zefirantes sésil.

Endemismo norte-americano, do Norte do México (CAMPBELL, 1986b: 294; IPNI); Planta ornamental herbácea perene bolbosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

XCVII. APONOGETONACEAE [1 sp.]

1. *Aponogeton* L. f.

1. *Aponogeton madagascariensis* (Mirbel) Bruggen

= *Ouvirandra madagascariensis* Mirbel [basion.]

Aponogeton fenestralis (Persoon) Hooker f.

= *Hydrogeton fenestralis* Persoon

= *Ouvirandra fenestralis* (Persoon) Poiret

Hidrófito. Origem: Madagáscar.

Alguns nomes comuns possíveis: Aponogéton, hidrogéton, ouvirandra, uvirandra.

Endemismo de Madagáscar; Planta ornamental aquática herbácea perene rizomatosa e tuberosa, de cultivo difícil (MABBERLEY, 2008: 57), raramente cultivada em Portugal, como planta de aquário.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa da *Victoria* (HENRIQUES, 1876: 51).

XCVIII. ARACEAE [82 sp.]

1. *Aglaonema* Schott

1. *Aglaonema simplex* (Blume) Blume

Caladium simplex Blume [basion.]

Aglaonema alpinum Elmer, nom. inval.

Aglaonema angustifolium N.E. Brown

= *Aglaonema schottianum* Miquel f. *angustifolium* (N.E. Brown) Engler

= *Aglaonema simplex* (Blume) Blume f. *angustifolium* (N.E. Brown) R.N. Jervis

Aglaonema angustifolium N.E. Brown var. *undulatum* Ridl.

Aglaonema birmanicum Hooker fil.

Aglaonema borneense Engler

Aglaonema brevivaginatatum Alderwerelt

Aglaonema elongatum Alderwerelt

Aglaonema emarginatum Alderwerelt

Aglaonema fallax Schott ex Engler

Aglaonema grande Alderwerelt

Aglaonema latius Alderwerelt

Aglaonema longicuspidatum Schott

Aglaonema malaccense Schott

= *Aglaonema schottianum* Miquel var. *malaccense* (Schott) Engler

Aglaonema nicobaricum Hooker fil.

= *Aglaonema simplex* (Blume) Blume f. *nicobaricum* (Hooker fil.) R.N. Jervis

Aglaonema nieuwenhuisii Engler ex Alderwerelt

= *Aglaonema simplex* (Blume) Blume f. *nieuwenhuisii* (Engler ex Alderwerelt) R.N. Jervis

Aglaonema propinquum Schott
Aglaonema schottianum Miquel
Aglaonema schottianum Miquel var. *Brownianii* Engler
Aglaonema schottianum Miquel var. *winkleri* Engler
Aglaonema simplex (Blume) Blume f. *inaequale* Alderwerelt
Aglaonema subarborescens Alderwerelt
Caladium princeps Kunth

Geófito ou caméfito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Aglaonema, aglaonema alongado, aglaonema alpino, aglaonema angustifólio, aglaonema borneano, aglaonema borneense, aglaonema das montanhas, aglaonema de bainha breve, aglaonema de Bornéu, aglaonema de Brown, aglaonema de folhas estreitas, aglaonema de Malaca, aglaonema de Nicobar, aglaonema de Nieuwenhuis, aglaonema de Schott, aglaonema desigual, aglaonema de Winkler, aglaonema grande, aglaonema inegal, aglaonema longicuspíado, aglaonema malacense, aglaonema nicobárico, aglaonema ondulado, aglaonema subarborescente, aglaonema suculento, caládio, caládio príncipe, caládio simples.

Endemismo da Ásia tropical, distribuído da Birmânia até às Ilhas Molucas ocidentais (NICOLSON, 1984a: 94; HUXLEY & al., 1999a: 91; MABBERLEY, 2008: 21).

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. ***Aglaonema commutatum* Schott var. *elegans* (Engler) Nicolson**

= *Aglaonema elegans* Engler [basion.]

Geófito. Origem: Filipinas.

Alguns nomes comuns possíveis: Aglaonema, aglaonema maculado, aglaonema malhado, aglaonema manchado.

Endemismo das Filipinas e da Indonésia; Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufa Grande, parte II, subtropical (TAVARES & ALVES, 2002).

3. ***Aglaonema commutatum* Schott var. *maculatum* (Hooker f.) Nicolson**

= *Aglaonema marantifolium* Blume var. *maculatum* Hooker f. [basion.]

Geófito. Origem: Filipinas.

Alguns nomes comuns possíveis: Aglaonema.

Endemismo das Filipinas e da Indonésia; Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa da *Victoria amazonica* e Estufa Grande, parte I (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

4. ***Aglaonema commutatum* Schott 'Fransher'**

= *Aglaonema commutatum* Schott 'Treubii' × *Aglaonema commutatum* Schott 'Tricolor'

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Aglaonema.

Estufa da *Victoria amazonica* (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, de origem hortícola, raramente cultivada em Portugal, como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim:

5. ***Aglaonema commutatum* Schott 'Pseudobracteatum'**

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Aglaonema.

Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, de origem hortícola, raramente cultivada em Portugal, como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa da *Victoria amazonica* (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

6. **Aglaonema commutatum** Schott 'Silver King'

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Aglaonema, aglaonema prateado.

Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, de origem hortícola, raramente cultivada em Portugal, como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Distribuição/localização no Jardim: Estufa da *Victoria amazonica* (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

7. **Aglaonema crispum** (Pitcher & Manda) Nicolson

= *Schismatoglottis crispa* Pitcher & Manda [basion.]

Aglaonema roebelinii Pitcher & Manda

= *Schismatoglottis roebelinii* (Pitcher & Manda) Pitcher & Manda

Geófito. Origem: Filipinas.

Alguns nomes comuns possíveis: Aglaonema, aglaonema crespo, aglaonema de Luzon, aglaonema de Roebelin, aglaonema luzoniano, língua, língua salpicada, squismatoglótis, squismatoglótis crespa, squismatoglótis de Roebelin.

Endemismo do Arquipélago das Ilhas Filipinas: Sul da Ilha de Luzon (NICOLSON, 1984a: 95-96); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte 1, tropical e parte 2, subtropical, e Estufa da Victória (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

8. **Aglaonema modestum** Schott ex Engler

Aglaonema acutispathum N.E. Brown

Geófito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Aglaonema, aglaonema de espadas agudas, aglaonema modesto.

Endemismo da Ásia oriental tropical: China, Laos, Tailândia e Vietnam (NICOLSON, 1984a: 95; HENG & BOYCE, 2010b: 22); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. **Alocasia** (Schott) G. Don

1. **Alocasia** × **chantrieri** André

Alocasia × *bayeriana* Engler & K. Krause

Alocasia × *chantrieriana* Rodigas

Alocasia × *leopoldii* Engler & K. Krause

Alocasia × *splendens* L. Linden ex Engler & K. Krause

Geófito. Origem: Hortícola (híbrido artificial).

Alguns nomes comuns possíveis: Alocásia, alocásia de Bayer, alocásia de Chantrier, alocásia de Leopoldo, alocásia esplêndida, alocásia esplendorosa, alocásia híbrida, alocásia hortícola.

Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, de origem hortícola híbrida artificial (IPNI), raramente cultivada em Portugal, como planta de interior, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Alocasia sanderiana** W. Bull

= *Schizocasia sanderiana* (W. Bull) Engler

Alocasia urdanetensis Elmer, nom. inval.

Geófito. Origem: Região Malesiana.

Alguns nomes comuns possíveis: Alocásia, esquizocásia, inhame, orelha de elefante.

Endemismo da Ásia oriental tropical: Malásia (IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, sobretudo como planta de interior, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. **Alocasia** sp.

Geófito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Alocásia, inhame, orelha de elefante.

Endemismo da Ásia oriental tropical: Região Indomalaia (MABBERLEY, 2008: 30-31); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Jardimeta 2 e Estufa Fria (TAVARES & ALVES, 2002).

3. *Amorphophallus* Blume ex Decaisne

1. *Amorphophallus bulbifer* (Roxburgh) Blume

= *Arum bulbiferum* Roxburgh [basion.]

= *Conophallus bulbifer* (Roxburgh) Schott

= *Pythonium bulbiferum* (Roxburgh) Schott

Amorphophallus aculatum Hooker fil.

Amorphophallus bulbifer (Roxburgh) Blume var. *atroviridimaculata* Engler

Amorphophallus bulbifer (Roxburgh) Blume var. *marmoratus* Engler

Amorphophallus taccoides Hooker fil.

Arum punctulatum Zippelius ex Kunth

Arum spectabile Zippelius ex Kunth

Conophallus tuberculiger Schott

= *Amorphophallus bulbifer* (Roxburgh) Blume var. *tuberculiger* (Schott) Engler

= *Amorphophallus tuberculiger* (Schott) Engler

Geófito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Amorfofalo, amorfofalo bulbífero, amorfofalo de mármore, amorfofalo marmorado, amorfofalo marmoreado, amorfofalo marmóreo, amorfofalo tacóide, aro, aro bulbífero, aro esperado, aro expectável, aro pontuado, conofalo, conofalo bulbífero, jarão, jaro, jaro bulbífero, jaro pontuado, jarrão, jarro, jarro bulbífero, jarro pontuado, pitónio, pitónio bulbífero.

Endemismo da Ásia oriental tropical: Índias Orientais: do NE da Índia até à Birmânia e, eventualmente, até ao SW da China, de floração primaveril ou vernal (IPNI; YEO, 1984: 90; HUXLEY & al., 1999a: 152); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Amorphophallus maximus* (Engler) N.E. Brown

= *Hydrosme maxima* Engler [basion.]

= *Corynophallus maximus* (Engler) Kuntze

Geófito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Amorfofalo, amorfofalo maior, amorfofalo máximo, hidrosme, hidrosme máxima.

Endemismo da África tropical oriental (ROSA, 2000); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Cultivado nas estufas (TAVARES & ALVES, 2002).

3. *Amorphophallus konjac* K. Koch

= *Brachyispatha konjac* (K. Koch) K. Koch

Amorphophallus mairei H. Léveillé

Amorphophallus palmiformis Durand ex Carrière

Amorphophallus rivieri Durand ex Carrière

= *Hydrosme rivieri* (Durand ex Carrière) Engler

= *Proteinophallus rivieri* (Durand ex Carrière) Hooker f.

= *Tapeinophallus rivieri* (Durand ex Carrière) Baillon

Amorphophallus rivieri Durieu

Amorphophallus rivieri Durieu 'Konjak'

Conophallus konjak Schott

Conophallus konniaku Schott ex Fesca

Geófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Amorfofalo, amorfofalo de Maire, amorfofalo palmiforme, braquispata, braquispata koniak, coniac, conofalo, hidrosme, koniak, koniako, konjac, konjak, língua de cobra, língua do Diabo, palmeira-cobra, palmeira de cobra, palmeira do Diabo, pata de elefante, pé de elefante, proteinofalo, tapeinofalo, huamoiyu.

Endemismo da Ásia oriental (China), exclusivo da província chinesa de Yunnan, onde vive em altitudes entre os 200 e os 3000 m (HENG & HETTERSCHIED, 2010); Planta ornamental, alimentar e medicinal herbácea perene rizomatosa, de grandes dimensões, raramente cultivada em Portugal, como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Cultivado nas estufas (TAVARES & ALVES, 2002).

4. *Anthurium* Schott

1. *Anthurium acaule* (Jacquin) Schott

= *Pothos acaulis* Jacquin [basion.]

Anthurium martinicense Engler

Pothos lanceolatus L.

= *Anthurium lanceolatum* (L.) Schott

Pothos brachypodos Tausch

Geófito. Origem: Caraíbas.

Alguns nomes comuns possíveis: Antúrio, antúrio acaule, antúrio da Martinica, antúrio das Caraíbas, antúrio lanceolado, antúrio martinicense, antúrio sem caule, pote, pote acaule, pote da Martinica, pote das Caraíbas, pote lanceolado, pote sem caule.

Endemismo americano, das Caraíbas: Ilha Martinique (GRIN); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa de interior, por vezes cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (Rosa, 2000: Anexo VII).

2. *Anthurium andraeanum* Linden ex André

Anthurium venustum Sodiro

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Antúrio, antúrio belo, antúrio pulcro, antúrio venusto, flor-flamingo, jarro-flamingo.

Endemismo sul-americano, da Colômbia e do Equador (ROSA, 2000: 48); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa de interior, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical, Estufa das Reproduções e Estufa da *Victoria amazonica* (TAVARES & ALVES, 2002; VII.2011, Observ.!); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

3. *Anthurium clarinervium* Matuda

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Antúrio, jarro vermelho.

Endemismo norte-americano (do México); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa de interior, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002).

4. *Anthurium crystallinum* Linden & André

Geófito. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Antúrio, jarro vermelho.

Endemismo americano, da América tropical, do Panamá ao Peru (ROSA, 2000: 48); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa de interior, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical e Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

5. *Anthurium harrisii* (Graham) G. Don

= *Pothos harrisii* Graham [basion.]

= *Podospadix harrisii* (Graham) Rafinesque

Anthurium assimile Schott

= *Anthurium harrisii* (Graham) G. Don f. *assimile* (Schott) Voss

= *Anthurium harrisii* (Graham) G. Don var. *assimile* (Schott) Engler

Anthurium consanguineum Kunth

Anthurium consanguineum Kunth ex Schott

= *Anthurium harrisii* (Graham) G. Don var. *consanguineum* (Kunth ex Schott) Engler

Anthurium harrisii (Graham) G. Don var. *pulchrum* N.E. Brown

Anthurium longifolium Engler, nom. illeg.

Anthurium pulchrum N.E. Brown

Anthurium scolopendroides Engler

Anthurium undulatum K. Koch & C.D. Bouché

Pothos rubricaulis Kunth

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Antúrio, jarro vermelho, podospádice, podospádix, potos, potos de Harris. Endemismo sul-americano, do Brasil (ROSA, 2000: 48); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa de interior, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002)

6. **Anthurium magnificum** Linden

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Antúrio, antúrio magnífico, jarro vermelho, jarro vermelho magnífico.

Endemismo sul-americano, da Colômbia e países vizinhos (IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa de interior, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

7. **Anthurium sagittatum** (Sims) G. Don

= *Pothos sagittatus* Sims [basion.]

= *Anthurium sagittatum* (Sims) Kunth

Anthurium aeranthe Baker

Anthurium alienatum Schott

Anthurium amazonicum Engler

Anthurium cordatosagittatum Schott

Anthurium humboldtianum Schott, nom. illeg.

Anthurium polyrrhizon K. Koch & Agustin

Anthurium sororium Schott

Anthurium terrestre Engler

Pothos rubrinervius Link

= *Anthurium rubrinervium* (Link) G. Don

Pothos suaveolens Desfontaines

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Antúrio, antúrio amazónico, antúrio brasileiro, antúrio da Amazônia, antúrio da Guiana, antúrio da Venezuela, antúrio do Brasil, antúrio venezuelano, jarro vermelho, potos, potos aromático, potos de aroma suave.

Endemismo sul-americano; Planta ornamental herbácea perene rizomatosa exótica tropical de interior, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufa Grande, parte III, temperada e Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

8. **Anthurium scandens** (Aublet) Engler

= *Dracontium scandens* Aublet [basion.]

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Antúrio, dracôncio, dracôntio, jarro vermelho.

Endemismo sul-americano (do Brasil); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa exótica tropical de interior, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical e Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000)

9. **Anthurium scherzerianum** Schott

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Antúrio, antúrio da Guatemala, antúrio de Scherzer, jarro vermelho.

Endemismo norte-americano (da Guatemala); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa de interior, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical, Estufa das Reproduções e Estufa da *Victoria amazonica* (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

10. **Anthurium × ferrierense** Masters & T. Moore

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Antúrio, antúrio dos jardineiros, antúrio híbrido, jarro vermelho.

Planta ornamental herbácea perene rizomatosa de interior, de origem híbrida hortícola, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufa da *Victoria amazonica*, Estufa Grande, parte I e Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

11. **Anthurium × hortulanum** Bridsey

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Antúrio, antúrio dos hortelãos, antúrio dos jardineiros, antúrio híbrido, antúrio rabo de porco, jarro vermelho, rabo de porco.

Planta ornamental herbácea perene rizomatosa de interior, de origem híbrida hortícola, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufa da *Victoria amazonica*, Estufa das Reproduções, Estufa Grande, parte I, tropical, e Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

12. **Anthurium × leuconeurum** Lemoine

= *Anthurium berriozabalense* Matuda × *Anthurium clarinervium* Matuda

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Antúrio, antúrio dos jardineiros, antúrio híbrido.

Endemismo norte-americano (do México); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa de interior, de origem híbrida hortícola a partir de duas espécies mexicanas, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufa Grande, parte I (TAVARES & ALVES, 2002)

13. **Anthurium × macrolobum** W. Bull

Anthurium × dentatum Gentil

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Antúrio, antúrio híbrido, jarro vermelho.

Planta ornamental herbácea perene rizomatosa de interior, de origem híbrida hortícola, por vezes cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas em 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

14. **Anthurium** sp. [**Anthurium crenatum** Kunth ou **Anthurium schlechtendalii** Kunth?]

Geófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Antúrio, jarro vermelho.

Endemismo americano, da América Tropical (MABBERLEY, 2008: 52; CORNEJO & JANOVEC, 2010: 13);

Planta ornamental herbácea perene rizomatosa de interior, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

15. **Anthurium** sp. [da Secção **Porphyrochitonion**?]

Geófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Antúrio, jarro vermelho.

Endemismo americano, da América Tropical (MABBERLEY, 2008: 52; CORNEJO & JANOVEC, 2010: 13);

Planta ornamental herbácea perene rizomatosa de interior, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufa Grande, parte 1, tropical e parte 2, subtropical (TAVARES & ALVES, 2002).

16. **Anthurium** sp.

Geófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Antúrio, jarro vermelho.

Endemismo americano, da América Tropical (MABBERLEY, 2008: 52; CORNEJO & JANOVEC, 2010: 13);

Planta ornamental herbácea perene rizomatosa de interior, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical, parte II, subtropical e parte III, temperada, e Estufa da Victória (TAVARES & ALVES, 2002; TAVARES, 2011: 44; XII.2011, Observ.!); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

5. **Ariopsis** Nimmo

1. **Ariopsis peltata** Nimmo

Geófito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Ariópsis, ariópsis de folhas peltadas, ariópsis peltada, jarro de folhas peltadas, jarro peltado.

Género monoespecífico, endémico da Ásia oriental, distribuído desde a Índia (Montes Ghats ocidentais, Sikkim e Assam) até à Birmânia (MABBERLEY, 2008: 66; WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

6. **Arisaema** Martius

1. **Arisaema consanguineum** Schott

= *Arisaema erubescens* (Wallich) Schott var. *consanguineum* (Schott) Engler

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Arisema, aro, arisaro, jaro, jarro, jarrinho.

Endemismo eurasiático, da Ásia oriental: do Centro da China (Hubei) até ao NE da Índia e o NW da Tailândia, de floração predominantemente estival (WEBB, 1984a: 109; HUXLEY & al., 1999a: 233); Planta ornamental e medicinal herbácea perene tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Arisaema erubescens** (Wallich) Schott

= *Arum erubescens* Wallich [basion.]

Arisaema alienatum Schott var. *formosanum* Hayata

Arisaema biradiatifoliatum Kitamura

Arisaema brevipes Engler

Arisaema consanguineum Schott

= *Arisaema erubescens* (Wallich) Schott var. *consanguineum* (Schott) Engler

Arisaema formosanum (Hayata) Hayata

Arisaema formosanum (Hayata) Hayata var. *bicolorifolium* T.C. Huang

Arisaema formosanum (Hayata) Hayata f. *stenophyllum* Hayata

Arisaema fraternum Schott

Arisaema hypoglaucum Craib

Arisaema kerrii Craib (1912)

Arisaema kerrii Gagnepain (1941)

Arisaema kelung-insulare Hayata

= *Arisaema consanguineum* Schott subsp. *kelung-insulare* (Hayata) Gusman

Arisaema lineariifolium J.T. Yin & Gusman

Arisaema oblanceolatum Kitamura

Arisaema tatarinowii Schott

Arisaema undulatum K. Krause

Arisaema vituperatum Schott

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Arisema, aro, arisaro, jaro, jarro, jarrinho.

Endemismo da Ásia oriental, de vasta distribuição, abaixo dos 3200 m, na região oriental dos Himalaias (HUXLEY & al., 1999a: 233; HENG & al., 2010); Planta ornamental e medicinal herbácea perene tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

7. *Arisarum* Miller1. *Arisarum simorrhinum* Durieu

= *Arisarum vulgare* Targioni Tozzetti subsp. *simorrhinum* (Durieu) Maire & Weiller
Arisarum vulgare auct. p.p., non Targ.-Tozz.

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Aro, arisaro, arísaro, candeias, candeinhas, capelinho, capelo, capelo de frade, capelo de monge, capote, capote de frade, capote de monge, capotinho, capuz, capuz de frade, capuz de monge, capuzinho, chapéu, chapeuzinho, jaro, jarro, jarrinho.

Endemismo das Regiões Mediterrânica e Macaronésica: arquipélagos dos Açores e das Canárias, de floração outonal, hiemal e vernal (WEBB, 1984b: 107); Planta ornamental, também de interesse apícola (VIEIRA & BRANCO, 1996: 123), cujos cormos são considerados comestíveis, em caso de necessidade (cf. MABBERLEY, 2008: 66), herbácea perene tuberosa ou rizomatosa espontânea e comum em Portugal (PORTO & al., 2014ab).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002); Muito comum na mata, em sítios frescos, sendo um dos constituintes naturais das matas de *Quercus faginea* subsp. *Broteroi* e outras espécies de carvalhos próprias de Coimbra e das regiões vizinhas (II.2011, Observ.!: XII.2011, em floração!).

8. *Arum* L.1. *Arum hygrophilum* Boissier

Arum albinervium Kotschy ex Engler

Arum hygrophilum Boissier subsp. *aurorum* Braun-Blanquet & Maire

Arum hygrophilum Boissier var. *genuinum* Maire & Weiller

Arum hygrophilum Boissier subsp. *maurum* Braun-Blanquet & Maire

= *Arum hygrophilum* Boissier var. *maurum* (Braun-Blanquet & Maire) Maire & Weiller

Arum longicyrrhum Schott

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Aro, aro higrófilo, jaro, jaro higrófilo, jarro, jarro higrófilo.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental e oriental: Marrocos, Chipre, Israel, Jordânia, Líbano e Síria, de floração vernal ou primaveril (WEBB & YEO, 1984a: 105; HUXLEY & al., 1999a: 249; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010; IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa e tuberosa exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Arum italicum* Miller

Arum italicum Miller var. *neglectum* Townsend

= *Arum italicum* Miller subsp. subsp. *neglectum* (Townsend) Prime

Arum majoricense L. Chodat

= *Arum italicum* Miller f. *majoricense* (L. Chodat) Mus, Pericás & Rosselló

= *Arum italicum* Miller subsp. *majoricense* (L. Chodat) O. Bolòs, Masalles & Vigo

Arum lucanum Bonafè (1977), nom. illeg., non Cavara & Grande (1911)

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alho dos campos, aro, aro bravo, aro de Itália, aro esquecido, aro italiano, arrebenta-bois, bigalhó, bugalhó, erva-bicha, erva da novidade, erva das bichas, erva das cobras, erva das serpentes, erva das serpentinas, erva das serpes, erva dos bichos, erva sapentina, erva sapintina, erva serpente, erva serpentina, jairo, jairo bravo, jairo de Itália, jairo esquecido, jairo italiano, jaro, jaro de Itália, jaro esquecido, jaro italiano, jarreiro, jarreta, jarro, jarro bravo, jarro campestre, jarro de cobra, jarro de Itália, jarro de Luca, jarro de Maiorca, jarro de serpe, jarro de serpente, jarro dos campos, jarro esquecido, jarro italiano, jarro selvagem, jarro serpentino, jarro silvestre, sapentina, sapintina, serpentina, serpentinola.

Endemismo eurasiático, norte-africano e macaronésico, distribuído desde o arquipélago das Ilhas Canárias até à Grécia, Turquia e ilha de Chipre, atingindo a Norte o S de Inglaterra (WEBB & YEO, 1984a: 106; MILL, 1984g: 44-45; HUXLEY & al., 1999a: 249; CHILTON, 2013b: 53); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa espontânea e comum em Portugal (GALÁN & CASTROVIEJO, 2007a: 285-286; ARAÚJO & al., 2014ba), sendo um dos constituintes naturais das matas de *Quercus faginea* Lamarck subsp. *Broteroi* (Coutinho) A. Camus [Syn.: *Quercus hybrida* Brotero] e outras espécies de carvalhos e suas orlas, próprias de Coimbra e das regiões vizinhas.

Distribuição/localização no Jardim: Espontânea e disseminada na Mata, em sítios frescos (IV.2010, Observ.!: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

3. ***Arum maculatum* L.**

Arum pyrenaeum Dufour

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Aro, aro dos Pirenéus, aro maculado, aro malhado, aro manchado, jaro, jaro maculado, jaro malhado, jaro manchado, jarro, jarro dos Pirenéus, jarro maculado, jarro malhado, jarro manchado, jarro pirenaico.

Endemismo eurasiático, predominantemente europeu, raro na Região Mediterrânica, distribuído desde a Península Ibérica até ao Cáucaso, de floração vernal ou primaveril tardia (WEBB, 1980n: 270; WEBB & YEO, 1984a: 105-106; MILL, 1984g: 46-47; HUXLEY & al., 1999a: 249; GALÁN & CASTROVIEJO, 2007a: 285-286); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ROSA, 2000: Anexo VII; ALMEIDA & al., 2003).

4. ***Arum orientale* Marschall von Bieberstein subsp. *orientale***

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Aro, aro do Levante, aro do Oriente, aro levantino, aro oriental, jaro, jaro do Levante, jaro do Oriente, jaro levantino, jaro oriental, jaro, jaro do Levante, jaro do Oriente, jaro levantino, jaro oriental, jarro, jarro do Levante, jarro do Oriente, jarro levantino, jarro oriental.

Endemismo eurasiático, distribuído da Sicília e da Europa central, oriental e do Norte (Suécia) até ao Cáucaso, ao SW da Ásia e Irão, próprio de sítios sombrios, de floração predominantemente estival; Elemento euxino (WEBB, 1980n: 270; MILL, 1984g: 47; WEBB & YEO, 1984a: 105; IPNI; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Planta ornamental herbácea perene tuberosa exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. ***Arum pictum* L. fil.**

= *Arisarum pictum* (L. fil.) Rafinesque

= *Gymnomesium pictum* (L. fil.) Schott

Arum balearicum Buc'Hoz

Arum corsicum Loiseleur-Delongchamps

Arum pictum L. fil. subsp. *sagittifolium* Rosselló & L. Sáez

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Aro, aro balear, aro corso, aro das Baleares, aro de Itália, aro de Outono, aro italiano, aro outonal, aro picto, aro pintado, aro sardo, jaro, jaro balear, jaro corso, jaro das Baleares, jaro de Itália, jaro de Outono, jaro italiano, jaro outonal, jaro picto, jaro pintado, jaro sardo, jarro, jarro balear, jarro corso, jarro das Baleares, jarro de Itália, jarro de Outono, jarro italiano, jarro outonal, jarro picto, jarro pintado, jarro sardo.

Endemismo das ilhas da Região Mediterrânica ocidental: Baleares, Córsega, Montecristo, Sardenha, de distribuição estenomediterrânica e floração outonal (WEBB, 1980n: 270-271; PIGNATTI, 1982c: 627; WEBB & YEO, 1984a: 105; HUXLEY & al., 1999a: 250; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010; CHILTON, 2013a: 38); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa e tuberosa exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (Rosa, 2000: Anexo VII).

9. ***Biarum* Schott**

1. ***Biarum arundanum* Boissier & Reuter**

= *Biarum tenuifolium* (L.) Schott subsp. *arundanum* (Boissier & Reuter) Nyman

Biarum bovei Blume var. *discolor* Maire

Biarum tenuifolium (L.) Schott auct. var. non (L.) Schott

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Aro, aro de folhas tênues, biaro, biaro de folhas tênues, jaro, jaro de folhas tênues, jarro, jarro de folhas tênues.

Biarum tenuifolium (L.) Schott é um endemismo da Região Mediterrânica (PRIME & WEBB, 1980a: 271; MILL, 1984: 56; YEO, 1984c: 107; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Em Portugal, no Centro e Sul (PEREIRA & al., 2014b), em sítios mais ou menos secos, em solos predominantemente básicos, pode encontrar-se raramente *Biarum arundanum* Boissier & Reuter = *Biarum tenuifolium* (L.) Schott subsp. *arundanum* (Boissier & Reuter) Nyman, um endemismo ibero-mauritânico, exclusivo da

Região Mediterrânica ocidental: Argélia, Espanha, Marrocos e Portugal (TALAVERA, 1987b: 209; PINTO GOMES, 1998: 129; FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 42; PINTO-GOMES & PAIVA-FERREIRA, 2005: 57; GALÁN & CASTROVIEJO, 2007b: 297-299; BLANCA, 2011a: 112; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Planta ornamental herbácea perene tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (Rosa, 2000: Anexo VII).

10. *Caladium* Ventenat

1. *Caladium bicolor* (Aiton) Ventenat

= *Arum bicolor* Aiton [basion.]

= *Cyrtospadix bicolor* (Aiton) Britton & P. Wilson

Alocasia roezlii N.E. Brown

Arum pulchrum Salisbury

Arum vermitoxicum Vellozo ex Kunth

Caladium amoenum Engler

Caladium argyrosphilum Lemaire

Caladium barraquinii Hérincq

Caladium brongniartii Lemaire

Caladium chantinii Lemaire

Caladium concolor K. Koch

Caladium connaertii Engler

Caladium curwadtii Engler

Caladium devosianum Lemaire

Caladium discolor Engler

Caladium duchartrei Engler

Caladium dussii Sieber & Voss

Caladium eckhartii Lemaire ex Engler

Caladium enkeanum K. Koch

Caladium firmulum Schott

Caladium gaerdtii K. Koch & Fint.

Caladium griseoargenteum Engler

Caladium haageanum K. Koch

Caladium haematostigma Kunth

Caladium hendersonii Engler

Caladium hortulanum Bridsey

Caladium houbyanum Engler

Caladium houlletii Lemaire

Caladium jacquinii Tenore

Caladium ketteleri Engler

Caladium kochii K. Koch

Caladium kramerianum Engler

Caladium laucheanum K. Koch

Caladium leopoldii Engler

Caladium macrophyllum Lemaire

Caladium marginatum K. Koch & C.D. Bouché

Caladium marmoratum Mathieu ex K. Koch

Caladium martersteigianum Engler

Caladium medioradiatum L. Linden & Rodigas

Caladium mirabile Lemaire

Caladium mooreanum Engler

Caladium neumannii Lemaire

Caladium pallidinervium Engler

Caladium pallidum K. Koch & C.D. Bouché

Caladium pellucidum DC.

Caladium perrieri Lemaire

Caladium pictum DC.

Caladium picturatum C. Koch

Caladium poecile Schott

Caladium punctatissimum Engler
Caladium purdieanum Schott
Caladium pusillum K. Koch
Caladium regale Lemaire
Caladium reichenbachianum Stange ex Engler
Caladium rougieri Verschaffelt
Caladium rubellum K. Koch & Fint.
Caladium rubricaule Lemaire
Caladium rubrovenium Engler
Caladium sagittifolium Sieber ex Engler
Caladium sororium Schott
Caladium splendens K. Koch & Fint.
Caladium spruceanum Schott
Caladium stangeanum K. Koch
Caladium steudneriifolium Engler
Caladium surinamense Miquel
Caladium thelemannii Verschaffelt
Caladium thripedestum Lemaire
Caladium vellozianum Schott
Caladium verschaffeltii Lemaire
Caladium wagneri Engler
Caladium wightii Lemaire

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Alocásia, aro, aro admirável, aro ameno, aro avermelhado, aro belo, aro bicolor, aro de caules rubros, aro de caules vermelhos, aro de duas cores, aro formoso, aro pintado, aro pontuado, aro pulcro, aro venusto, asas de anjo, caládio, caládio admirável, caládio ameno, caládio avermelhado, caládio bicolor, caládio cinzento-prateado, caládio de Brongniart, caládio de caules rubros, caládio de caules vermelhos, caládio de Chantin, caládio de Connaert, caládio de duas cores, caládio de Duchartre, caládio de Eckhart, caládio de Enke, caládio de folhas grandes, caládio de folhas sagitadas, caládio de Gaerdt, caládio de Haage, caládio de Henderson, caládio de Houby, caládio de Houlet, caládio de Jacquín, caládio de Ketteler, caládio de Koch, caládio de Kramer, caládio de Leopoldo, caládio de mármore, caládio de Martersteig, caládio de Moore, caládio de Neumann, caládio de Perrier, caládio de Purdie, caládio de Rougier, caládio de Spruce, caládio de Stange, caládio de Steudner, caládio de Thelemann, caládio de Vellozo, caládio de Verschaffelt, caládio de Wagner, caládio de Wight, caládio discolor, caládio dos jardineiros, caládio dos jardins, caládio do Suriname, caládio dos reis, caládio esplendoroso, caládio grandifólio, caládio macrófilo, caládio marmoreado, caládio marmóreo, caládio pálido, caládio pintado, caládio pontuado, caládio prateado, caládio real, caládio sagitifólio, caládio veloziano, caládio veloziano, jaro, jaro admirável, jaro ameno, jaro belo, jaro bicolor, jaro de caules rubros, jaro de caules vermelhos, jaro de duas cores, jaro formoso, jaro pintado, jaro pontuado, jaro pulcro, jaro venusto, jarro, jarro admirável, jarro ameno, jarro belo, jarro bicolor, jarro de caules rubros, jarro de caules vermelhos, jarro de duas cores, jarro formoso, jarro pintado, jarro pontuado, jarro pulcro, jarro venusto, orelha de elefante, tinhorão.

Endemismo sul-americano, do Norte da América do Sul, de floração estival e outonal (MADISON & YEO, 1986: 99; HUXLEY & al., 1999a: 453); Planta ornamental, medicinal e mágica (ROSA, 2000: 54-55) herbácea perene tuberosa, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufas das Reproduções e Estufa da *Victoria amazonica* (TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Caladium bicolor* (Aiton) Ventenat 'Fannie Munson'

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Aro, asas de anjo, caládio, caládio bicolor, caládio de duas cores, caládio picto, caládio pintado, jaro, jarro, jarro belo, jarro picto, jarro pintado, jarro pulcro, jarro sarapintado, orelha de elefante, tinhorão.

Planta ornamental herbácea perene tuberosa, de origem hortícola, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufas das Reproduções e Estufa da *Victoria amazonica* (TAVARES & ALVES, 2002).

11. *Colocasia* Schott1. *Colocasia esculenta* (L.) Schott

= *Arum esculentum* L. [basion.]
 = *Caladium esculentum* (L.) Ventenat
 = *Leucocasia esculenta* (L.) Nakai
Arum chinense L.
Arum colocasia L.
 = *Aron colocasium* (L.) St.-Lag.
Alocasia illustris W. Bull
Caladium nymphaeifolium Ventenat
 = *Arum nymphaeifolium* (Ventenat) Roxburgh
Calla gaby Blanco
Calla virosa Roxburgh
 = *Colocasia virosa* (Roxburgh) Kunth
Colocasia antiquorum Schott
Colocasia gracilis Engler
Colocasia neocaledonica Van Houtte
Colocasia vulgaris Rafinesque
 Hidrófito tuberoso. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Aivi, alcolcas, aro, aro aquático, aro de água, cachu, cala, cala aquática, cala de água, caládio, caládio aquático, caládio de água, cocoïama, colcas, colocásia, colocásia aquática, colocásia comum, colocásia do Egipto, colocásia dos antigos, colocásia vulgar, gabi, imo, inhame, inhame do Egipto, jaro aquático, jarro aquático, jarro de água, kachu, kalo, keladi, leucocásia, leucocásia aquática, talas, taro.

Endemismo da Ásia tropical, onde esta planta aquática tuberosa será cultivada há cerca de dez mil anos (MABBERLEY, 2008: 203); Planta ornamental, alimentar e com outros usos, por vezes invasiva (MABBERLEY, *l.c.*), aquática herbácea perene exótica, às vezes cultivada em Portugal, raramente subespontânea junto a correntes de água, no Algarve (COUTINHO, 1898: 23).

Distribuição/localização no Jardim: No tanque do Dr Luís Carrisso (IV.2011, Observ.!); Estufa Grande, parte 1, tropical, Escolas de sistemática e Estufa Fria (TAVARES, 2011: 44; XII.2011, Observ.).

2. *Colocasia esculenta* (L.) Schott '*Euchlora*'

Hidrófito tuberoso. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Aivi, alcolcas, aro, aro aquático, aro de água, cachu, cala, cala aquática, cala de água, caládio, caládio aquático, caládio de água, cocoïama, colcas, colocásia, colocásia aquática, colocásia comum, colocásia do Egipto, colocásia dos antigos, colocásia euclora, colocásia verde, colocásia vulgar, imo, inhame, inhame do Egipto, jaro aquático, jarro aquático, jarro de água, kachu, kalo, keladi, leucocásia, leucocásia aquática, talas, taro.

Planta ornamental aquática herbácea perene tuberosa exótica, de origem hortícola, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

12. *Dieffenbachia* Schott1. *Dieffenbachia seguine* (Jacquin) Schott

= *Arum seguine* Jacquin [basion.]
Caladium maculatum Loddiges & al.
Dieffenbachia amoena hort.
Dieffenbachia baraquiniana Verschaffelt & Lemaire
 = *Dieffenbachia picta* Schott var. *baraquiniana* (Verschaffelt & Lemaire) Engler
Dieffenbachia exotica hort.
Dieffenbachia lineata K. Koch & C.D. Bouché
Dieffenbachia lingulata Schott
Dieffenbachia picta Schott
Dieffenbachia ventenatiana Schott
 Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Aro, aro brasileiro, aro do Brasil, aro exótico, aro seguino, caládio, caládio maculado, caládio malhado, caládio manchado, cana de Imbe, cana muda, difenbáquia, difenbáquia

brasileira, difenbáquia de Ventenat, difenbáquia do Brasil, jaro, jaro brasileiro, jaro do Brasil, jaro exótico, jaro seguino, jaro brasileiro, jaro do Brasil, jaro exótico, jaro seguino, planta da sogra, planta de sogra. Endemismo americano, da América tropical: do México até ao Brasil (GRIN; YEO, 1984: 96; MABBERLEY, 2008: 273); Planta ornamental, medicinal e venenosa herbácea rizomatosa exótica, por vezes cultivada em Portugal, sobretudo em estufas ou como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, em 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII); Estufa da *Victoria amazonica* (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

2. *Dieffenbachia seguine* (Jacquin) Schott 'Camilla'

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Aro, aro brasileiro, aro do Brasil, aro exótico, aro seguino, caládio, caládio maculado, caládio malhado, caládio manchado, cana de Imbe, cana muda, difenbáquia, difenbáquia brasileira, difenbáquia de Ventenat, difenbáquia do Brasil, jaro, jaro brasileiro, jaro do Brasil, jaro exótico, jaro seguino, jaro brasileiro, jaro do Brasil, jaro exótico, jaro seguino, planta da sogra, planta de sogra.

Planta ornamental, medicinal e venenosa herbácea rizomatosa exótica, por vezes cultivada em Portugal, sobretudo em estufas ou como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa da *Victoria amazonica* (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

13. *Dracunculus* Miller

1. *Dracunculus vulgaris* Schott

= *Arum dracunculus* L. [syn. subst.]

Geófito. Origem:

Alguns nomes comuns possíveis: Dracúnculo, jaro-dragão, serpentária, serpentária-vulgar, serpentina.

Endemismo da Região Mediterrânica; Planta ornamental herbácea rizomatosa, raramente cultivada e talvez muito raramente subespontânea em Portugal (BROTERO, 1804: 380; PRIME & WEBB, 1980: 272).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

14. *Epipremnum* Schott

1. *Epipremnum aureum* (Linden & André) G.S. Bunting

= *Pothos aureus* Linden & André [basin.]

= *Raphidophora aurea* (Linden & André) Birdsey

= *Scindapsus aureus* (Linden & André) Engler

Epipremnum pinnatum (L.) Engler 'Aureum'

Epipremnum mooreense Nadeaud

Geófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Cindapso, cindapso áureo, cindapso dourado, epipremno, epipremno áureo, epipremno dourado, epipremno pinado, planta do dinheiro, potos, rafidófora, rafidófora áurea, rafidófora dourada.

Endemismo da Ásia oriental tropical e ilhas do Pacífico ocidental: Ilhas da Sociedade (MABBERLEY, 2008: 309); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, que raramente floresce (MABBERLEY, *l.c.*), raramente cultivada em Portugal, como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000).

2. *Epipremnum crassifolium* Engler

= *Raphidophora crassifolia* (Engler) Alderw.

Geófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Epipremno, epipremno crassifólio, epipremno de folhas gordas, epipremno de folhas suculentas, planta do dinheiro, rafidófora.

Endemismo da Ásia oriental tropical; Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufa Grande, parte II, subtropical (TAVARES & ALVES, 2002).

3. ***Epipremnum pinnatum* (L.) Engler**

= *Pothos pinnatus* L. [basion.]

= *Rhaphidophora pinnata* (L.) Schott

= *Scindapsus pinnatus* (L.) Schott

Epipremnum elegans Engler

Epipremnum formosanus Hayata

Epipremnum glaucicephalum Elmer

Polypodium laciniatum N.L. Burman

= *Rhaphidophora laciniatum* (N.L. Burman) Merrill

Pothos pinnatifidus Roxburgh

= *Rhaphidophora pinnatifida* (Roxburgh) Schott

= *Scindapsus pinnatifidus* (Roxburgh) Schott

Rhaphidophora lovellae F.M. Bailey

Rhaphidophora merrillii Engler

Rhaphidophora neocaledonica Guillaumin

Rhaphidophora vittensis Schott

Rhaphidophora wallichii Schott

Scindapsus dilaceratus K. Koch & Sello

= *Monstera dilacerata* (K. Koch & Sello) C. Koch

= *Tornelia dilacerata* (K. Koch & Sello) Schott

Scindapsus forsteri Endlicher

Geófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Cindapso, cindapso pinado, epipremno, epipremno elegante, epipremno pinado, monstera, planta do dinheiro, pote, pote pinado, potos, rafidófora, rafidófora pinada, tornélia.

Endemismo da Ásia oriental tropical, Austrália e ilhas do Pacífico (HENG & BOYCE, 2010a: 14); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000).

4. ***Epipremnum* sp.**

Geófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Epipremno, planta do dinheiro.

Endemismo da Ásia oriental tropical e ilhas do Pacífico ocidental; Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002).

15. ***Lemna* L.**

1. ***Lemna gibba* L.**

= *Lenticula gibba* (L.) Moench

= *Telmatophace gibba* (L.) Schleiden

Lemna cordata Sessé & Mocinho

Lemna parodiana Giardelli

Lemna trichorrhiza Thuillier ex Schleiden

Lenticula gibbosa P. Renault

= *Telmatophace gibbosa* (P. Renault) Montandon

Telmatophace arrhiza Schur

Telmatophace generalis E.H.L. Krause

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Lemna, lemna corcunda, lemna cordada, lemna cordiforme, lemna de giba, lemna de Parodi, lemna giba, lemna gibosa, lemna parodiana, lentícula, lentícula corcunda, lentícula cordada, lentícula cordiforme, lentícula de água, lentícula de água, lentícula giba, lentícula gibosa, lentilha corcunda, lentilha flutuante, lentilhinha, lentilhinha corcunda, lentilhinha de água, lentilhinha de giba, lentilhinha gibosa, telmatoface, telmatoface arriza, telmatoface de giba, telmatoface giba, telmatoface gibosa, telmatoface sem raiz.

Planta ornamental herbácea aquática flutuante, de fácil cultivo e de distribuição subcosmopolita (IPNI; WIKIPEDIA), espontânea em diversas regiões de Portugal (FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 46-47; LOURENÇO & al., 2014v), em tanques, fontes ou charcas com águas paradas, eutróficas (GALÁN, 2007a: 315).

Distribuição/localização no Jardim: Cerca de São Bento, em tanques (MARIZ, 1890c: 12).

2. *Lemna minor* L.

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: *Lemna*, *lemna menor*, *lemna pequena*, *lentilha de água*, *lentilha flutuante*, *lentilha pequena*, *lentilhinha*, *lentilhinha de água*.

Planta ornamental herbácea aquática flutuante, de fácil cultivo e de distribuição subcosmopolita (WIKIPEDIA), espontânea e frequente em Portugal, em tanques fontes ou charcas com águas paradas, de natureza ácida e oligotrófica, por vezes algo eutrófica (TALAVERA, 1987a: 212; FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 47; GALÁN, 2007a: 315; ALMEIDA & al., 2014as), bastante comum no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000); Escolas de Sistemática (III.2014, Observ.!); Em diversos tanques, no Jardim e na Mata (IV.2013, Observ.!); Escola Médica (TAVARES & ALVES, 2002; ALMEIDA & al., 2003); Estufa da *Victoria amazonica* (VI.2011, Observ.!; TAVARES, 2011).

16. *Monstera* Adanson

1. *Monstera adansonii* Schott

Dracontium pertusum L., syn. subst.

= *Calla pertusa* (L.) Kunth

= *Monstera pertusa* (L.) de Vriese

= *Philodendron pertusum* (L.) K. Koch & C.D. Bouché

Calla dracontium G. Meyer, nom. illeg.

Monstera ecuadorensis Engler & K. Krause

Monstera friedrichsthalii Schott

Monstera imrayana Schott

Monstera jacquinii Schott

= *Monstera pertusa* (L.) de Vriese var. *jacquinii* (Schott) Engler

= *Monstera pertusa* (L.) de Vriese f. *jacquinii* (Schott) Voss

Monstera macrophylla Schott

Monstera pinnatifida Schott

Monstera protensa Schott ex Engler

Monstera seemannii Schott

Tornelia laniata Scott

Fanerófito escandente, lianóide. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: *Cala*, *dracôncio*, *dracôntio*, *monstera*, *monstera de Adanson*, *monstera de Friedrichsthal*, *monstera de Jacquin*, *tornélia*.

Endemismo americano, da América tropical: da Costa Rica ao Brasil (HUXLEY & al., 1999c: 257); Planta ornamental arbustiva perene escandente, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim, onde ainda era cultivada há pouco tempo.

Distribuição/localização no Jardim: Endemismo americano, da América tropical: da Costa Rica ao Brasil (HUXLEY & al., 1999c: 257); Planta ornamental arbustiva perene escandente, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim, onde ainda era cultivada há pouco tempo.

2. *Monstera deliciosa* Liebmann

Fanerófito escandente, lianóide. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: "Cheeseplant", *costela de Adão*, *monstera*, *planta do queijo*, *planta do queijo suíço*.

Endemismo americano, da América do Norte tropical, distribuído desde o México ao Panamá (HUXLEY & al., 1999c: 257); Planta ornamental arbustiva perene escandente, frequentemente cultivada em Portugal; os seus frutos, conhecidos como "banana-ananás" são comestíveis e considerados muito doces e saborosos, pois quando maduros fazem lembrar os sabores a banana e a ananás (HUXLEY & al., *l.c.*; TAVARES, 2011).

Distribuição/localização no Jardim: Jardineta 1, Recanto Tropical, Estufa Fria e Talhão 10 da Mata (TAVARES & ALVES, 2002; TAVARES, 2011); Aparentemente já subespontânea em paredes (Roteiro do Jardim Botânico, 2009; II.2010, Observ.!).

3. *Monstera obliqua* Miquel

Heteropsis obliqua Miquel ex Engler

Monstera boliviana Rusby

Monstera expilata Schott

= *Monstera obliqua* Miquel var. *expilata* (Schott) Engler

Monstera falcifolia Engler
Monstera falcifolia Engler var. *latifolia* K. Krause
Monstera fendleri Engler
Monstera killipii K. Krause
Monstera microstachys Schott
Monstera sagotiana Engler
Monstera snethlagei K. Krause
Monstera unilatera Rusby

Fanerófito escandente, lianóide. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Heterópsis, monstera, monstera boliviana, monstera da Bolívia.

Endemismo americano, do Norte da América do Sul (HUXLEY & al., 1999c: 257-258); Planta ornamental arbustiva perene escandente, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufa Grande, parte I, tropical e parte II, subtropical (TAVARES & ALVES, 2002).

17. *Philodendron* Schott

1. *Philodendron angustisectum* Engler

Fanerófito escandente, lianóide. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Filodendro.

Endemismo americano, da América tropical: Colômbia (HUXLEY & al., 1999c: 546; IPNI); Planta ornamental arbustiva perene exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical e Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Philodendron bipinnatifidum* Schott ex Endlicher

Fanerófito escandente, lianóide. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Filodendro.

Endemismo sul-americano, do Brasil (HUXLEY & al., 1999c: 546); Planta ornamental arbustiva perene exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Fria (TAVARES & ALVES, 2002; VII.2010, Observ.!).

3. *Philodendron erubescens* K. Koch & Augustin

Fanerófito escandente, lianóide. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Filodendro, filodendro avermelhado, filodendro arruivado, filodendro rubro.

Endemismo sul-americano, do Norte da América do Sul ou Nova Granada: Colômbia (HUXLEY & al., 1999c: 547; GRIN); Planta ornamental arbustiva perene exótica, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim, onde ainda era cultivada há pouco tempo.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002).

4. *Philodendron gloriosum* André

Anthurium gloriosum K. Krause, nom. inval.

Fanerófito escandente, lianóide. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Antúrio, antúrio glorioso, filodendro, filodendro glorioso.

Endemismo sul-americano, da Colômbia (BUNTING, 1984: 94; HUXLEY & al., 1999c: 547; IPNI); Planta ornamental arbustiva perene exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. *Philodendron hederaceum* (Jacquin) Schott var. *oxycardium* (Schott) Croat

= *Philodendron oxycardium* Schott [basion.]

= *Philodendron scandens* K. Koch & Sello subsp. *oxycardium* (Schott) G.S. Bunting

Philodendron oxycardium Engler

Fanerófito escandente. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Filodendro, filodendro de folha de hera, filodendro hederáceo, filodendro hederiforme.

Endemismo americano, da América tropical (MABBERLEY, 2008: 656); Planta ornamental arbustiva perene exótica, frequentemente cultivada em Portugal; Segundo MABBERLEY (*l.c.*), *Philodendron hederaceum* (Jacquin) Schott será possivelmente a planta doméstica (de interior) mais comum no Mundo!

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte II, subtropical (TAVARES & ALVES, 2002).

6. **Philodendron lindenii** Schott

Fanerófito escandente. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Filodendro, filodendro de Linden, filodendro lindeniano, filodendro lindénico, filodendro lindénio.

Endemismo sul-americano, da Colômbia e regiões vizinhas: Nova Granada (IPNI); Planta ornamental arbustiva perene exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

7. **Philodendron ornatum** Schott

Philodendron dolosum Schott

Philodendron imperiale Schott

Philodendron ilsemanii auct.

Philodendron muschlerianum K. Krause

Philodendron rubens Schott

Philodendron sodiroi hort. ex Bellair & St. Leger

Philodendron tobagense Engler

Zantedeschia asperata K. Koch

= *Philodendron asperatum* (K. Koch) K. Koch

Fanerófito escandente, lianóide. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Filodendro, filodendro avermelhado, filodendro de Ilseman, filodendro de Muschler, filodendro de Tobago, filodendro imperial, filodendro ornado, filodendro ornamentado, filodendro purpúreo, filodendro rubescente, filodendro rubescente, filodendro rubro, filodendro tobaguense, filodendro vermelho, zantedésquia.

Endemismo sul-americano, da Venezuela ao Peru e SE do Brasil (BUNTING, 1984: 94; HUXLEY & al., 1999c: 548; IPNI) e de outras regiões vizinhas; Planta ornamental arbustiva perene exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

8. **Philodendron schottianum** H. Wendland ex Schott

= *Philodendron fragrantissimum* (Hooker) Kunth

Fanerófito escandente, lianóide. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Filodendro, filodendro aromático, filodendro cheiroso, filodendro de cheiro, filodendro de Schott, filodendro fragrante, filodendro fragrantíssimo, filodendro muito aromático, filodendro muito cheiroso, filodendro muito perfumado, filodendro perfumadíssimo, filodendro perfumado.

Endemismo americano, da América tropical: Costa Rica, etc. (MABBERLEY, 2008: 656; GRIN); Planta ornamental arbustiva perene exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

9. **Philodendron** sp.

Fanerófito escandente, lianóide. Origem: América tropical.

Nome comum possível: Filodendro.

Endemismo americano, da América tropical (MABBERLEY, 2008: 656); Planta ornamental arbustiva perene exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Jardimeta 1 (TAVARES & ALVES, 2002).

18. **Pinellia** Tenore

1. **Pinellia ternata** (Thunberg) Tenore ex Breitenbach

= *Arum ternatum* Thunberg [basion.]

= *Alocasia ternata* (Thunberg) Rafinesque

= *Arisaema ternatum* (Thunberg) Schott

Arisaema loureiroi Blume

Arum atrorubens Sprengel (1826), non L. (1753)

Arum bulbiferum Salisbury

Arum bulbosum Persoon ex Kunth

Arum fornicatum Roth

= *Hemicarpurus fornicatus* (Roth) Nees

Arum subulatum Desfontaines

Arum macrourum Bunge

= *Arisaema macrourum* (Bunge) Kunth

Arum triphyllum Houttuyn (1774), non L. (1753)

Pinellia angustata Schott

= *Pinellia ternata* (Thunberg) Tenore ex Breitenbach var. *angustata* (Schott) Engler

Pinellia koreana K.H. Tae & J.H. Kim

Pinellia ternata (Thunberg) Tenore ex Breitenbach var. *giraldiana* Engler

Pinellia ternata (Thunberg) Tenore ex Breitenbach var. *subpandurata* Engler

Pinellia ternata (Thunberg) Tenore ex Breitenbach var. *vulgaris* Engler

Pinellia tuberifera Tenore, nom. illeg. superfl.

Typhonium tuberculigerum Schott

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comum possíveis: Arisema, arisema caudado, arisema de grande cauda, arisema ternado, aro, aro arruivado, aro avermelhado, aro bulbífero, aro bolboso, aro caudado, aro de grande cauda, aro de Loureiro, aro de três folhas, aro fornicado, aro ternado, aro trifilo, aro trifoliado, hemicarpuro, hemicarpuro fornicado, jaro, jaro arruivado, jaro avermelhado, jaro bulbífero, jaro bolboso, jaro caudado, jaro de grande cauda, jaro de Loureiro, jaro de três folhas, jaro fornicado, jaro ternado, jaro trifilo, jaro trifoliado, jarro, jarro arruivado, jarro avermelhado, jarro bulbífero, jarro bolboso, jarro caudado, jarro de grande cauda, jarro de Loureiro, jarro de três folhas, jarro fornicado, jarro ternado, jarro trifilo, jarro trifoliado, pinélia, pinélia comum, pinélia coreana, pinélia ternada, pinélia tuberculada, pinélia tuberculígera, pinélia tuberculosa, pinélia tuberífera, pinélia vulgar, tifónio, tifónio ternado, tifónio tuberculado, tifónio tuberculígero, tifónio tuberculoso.

Endemismo eurasiático, exclusivo da Ásia oriental: China, Coreia e Japão, de floração predominantemente estival (WEBB & YEO, 1984b: 109; HUXLEY & al., 1999c: 580-582; LI & BOGNER, 2000a: 41); Planta ornamental arbustiva perene exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Pinellia tripartita* (Blume) Schott

= *Atherurus tripartitus* Blume [basion.]

= *Arisaema tripartitus* (Blume) Engler

Pinellia tripartita (Blume) Schott var. *atropurpurea* Makino

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comum possíveis: Arisema, arisema tripartido, ateruro, ateruro tripartido, pinélia, pinélia tripartida.

Endemismo eurasiático, exclusivo da Ásia oriental: Sul do Japão e Hong Kong, de floração predominantemente estival (HUXLEY & al., 1999c: 582; LI & BOGNER, 2000a: 41); Planta ornamental arbustiva perene exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

19. *Pistia* L.

1. *Pistia stratiotes* L.

Hidrófito. Origem: Reg. Tropicais.

Alguns nomes comuns possíveis: Estratiotes, pístia, stratiotes.

Planta ornamental herbácea aquática, actualmente pantropical, primeiramente descrita do rio Nilo e possivelmente originária do Lago Victoria, em África (HUXLEY & al., 1999c: 597), raramente cultivada como ornamental em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002); Num tanque nos Viveiros (VI.2009, Observ.!).

20. *Scindapsus* Schott

1. *Scindapsus pictus* Hasskarl '*Argyraeus*'

Fanerófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Cindapso, poto, potos.

Endemismo da Ásia tropical e ilhas do Pacífico (MABBERLEY, 2008: 781); Planta ornamental e medicinal (Mabberley, l.c.) arbustiva lianóide perene exótica, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufa das Reproduções (TAVARES & ALVES, 2002).

21. *Spathiphyllum* Schott

1. *Spathiphyllum wallisii* Regel 'Clevelandii'

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Espatifilo, spatifilo.

Endemismo norte-americano, da América central (MABBERLEY, 2008: 810); Planta ornamental, frequentemente usada para a produção de flores de corte (MABBERLEY, *l.c.*), herbácea perene, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufa Grande, parte II, subtropical e Estufa da *Victoria amazonica* (TAVARES & ALVES, 2002).

22. *Typhonium* Schott

1. *Typhonium venosum* (Dryander ex Aiton) Hett. & P.C. Boyce

Arum venosum Dryander ex Aiton [basion.]

= *Arisaema venosum* (Dryander ex Aiton) Blume

= *Desmesia venosum* (Dryander ex Aiton) Rafinesque

= *Sauromatum guttatum* Schott var. *venosum* (Dryander ex Aiton) Engler

= *Sauromatum venosum* (Dryander ex Aiton) Kunth

Arisaema guttatum Wallich

Arum clavatum Desfontaines

Arum fugax Salisbury

Arum guttatum Wallich, nom. illeg.

Arum pedatum Link & Otto

= *Alocasia pedata* (Link & Otto) Rafinesque

= *Sauromatum guttatum* Schott var. *pedatum* (Link & Otto) Engler

= *Sauromatum pedatum* (Link & Otto) Schott

Arum pedatum Fischer & Sprengel, nom. illeg.

Arum pedatum Willdenow

Arum sessiliflorum Roxburgh

= *Sauromatum guttatum* Schott var. *sessiliflorum* (Roxburgh) Engler

= *Sauromatum sessiliflorum* (Roxburgh) Kunth

Arum simlense Engler, nom. inval.

Jaimenostia fernandopoana Guinea & Gómez Mor.

Sauromatum abyssinicum Schott

Sauromatum angolense N.E. Brown

= *Sauromatum guttatum* Schott var. *angolense* (N.E. Brown) Engler

Sauromatum guttatum Schott

Sauromatum guttatum Schott var. *angolense* Engler

Sauromatum guttatum Schott var. *typicum* Engler

Sauromatum nubicum Schott

Sauromatum pulchrum Miquel

= *Sauromatum guttatum* Schott var. *pulchrum* (Miquel) Engler

Sauromatum punctatum K. Koch

= *Sauromatum guttatum* Schott var. *punctatum* (K. Koch) Engler

Sauromatum simlense Schott

= *Sauromatum guttatum* Schott var. *simlense* (Schott) Engler

Geófito. Origem: África e Ásia Tropicais.

Alguns nomes comuns possíveis: Alocásia, arisema, aro, aro cornudo, bolbo mágico, bolbo-vudu, desmésia, jaimenóstia, jaimenóstia africana, jaimenóstia de Fernando Pó, jaro, jaro cornudo, jarro, jarro cornudo, lírio mágico, lírio-vudu, saurómato, tifónio.

Endemismo das regiões tropicais do Velho Mundo, cujas semente e tubérculos são comestíveis (MABBERLEY, 2008: 882); Planta ornamental e medicinal (MABBERLEY, *l.c.*) exótica tropical perene bolbosa ou tuberculosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

23. *Typhonodorum* Schott

1. *Typhonodorum lindleyanum* Schott

Hidrófito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Tifonodoro, tifonodoro de Lindley, tifonodoro lindleiano.

Género monoespecífico; Endemismo da África oriental costeira, Madagáscar e Ilhas Mascarenhas, cujas semente e tubérculos são comestíveis (MABBERLEY, 2008: 882); Planta ornamental exótica tropical aquática muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical e Estufa da *Victoria amazonica* (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas: Estufas (ROSA, 2000).

24. *Xanthosoma* Schott

1. *Xanthosoma sagittifolium* (L.) Schott

Caladium sagittifolium (L.) Ventenat

Caladium edule E. Mey.

Caladium mafaffa Engler

Caladium utile Engler

Xanthosoma blandum Schott

Xanthosoma nigrum Stehlfeld

Xanthosoma roseum Schott

Geófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Caládio, caládio comestível, caládio-mafafa, caládio útil, mafafa, tânia, tania, xantossoma.

Endemismo americano, da América tropical (MABBERLEY, 2008: 914); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada como ornamental (ou alimentar) em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Xanthosoma violaceum* Schott

Geófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Caládio, caládio violáceo, mafafa, xantossoma, xantossoma violáceo, xantossoma violeta.

Endemismo americano, da América tropical (MABBERLEY, 2008: 914); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada como ornamental (ou alimentar) em Portugal

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002).

25. *Zantedeschia* Sprengel

1. *Zantedeschia aethiopica* (L.) Sprengel

= *Calla aethiopica* L. [basion.]

= *Arodes aethiopicum* (L.) Kuntze

= *Colocasia aethiopica* (L.) Link

= *Otosma aethiopica* (L.) Raf

= *Richardia aethiopica* (L.) Sprengel

Calla ambigua Salisbury

Calla moschata Moench, nom. illeg.

Pseudohomalonema pastoensis A.D. Hawkes

Richardia africana Kunth

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Arodes, arodes da Abissínia, arodes da Etiópia, arodes etiópico, cala, cala africana, cala ambígua, cala etiópica, cala moscada, cala mosqueada, cala sul-africana, colocásia, colocásia da Abissínia, colocásia da Etiópia, colocásia etiópica, jarro, jarro africano, jarro da Abissínia, jarro da Etiópia, jarro dos jardins, jarro etiópico, jarro sul-africano, jarrão, otosma, otosma da Abissínia, otosma da Etiópia, otosma etiópica, pseudo-homalonema, richárdia, richárdia africana, richárdia da Abissínia, richárdia da Etiópia, zantedésquia, zantedésquia africana, zantedésquia etiópica, zantedésquia sul-africana.

Endemismo sul-africano: Província do Cabo, Natal, Transvaal e Lesotho, de floração predominantemente primavera ou vernal e estival, largamente naturalizada em muitas regiões de clima não excessivamente frio (YEO, 1984b: 97-98; HUXLEY & al., 1999d: 734); Planta ornamental herbácea perene, muito frequentemente cultivada em Portugal e já largamente subspontânea em diversos locais, por exemplo no

Algarve, em leitos de ribeiros e outros locais húmidos e sombrios (O'REILLY & PARKER, 2008: 45), também no DL: Área Metropolitana do Porto (HONRADO & al. in ANDRESEN & al., 2004), entre vários outros sítios, maioritariamente próximos do litoral (CLAMOTE & al., 2014n).

Distribuição/localização no Jardim: Escolas de Sistemática e canteiros vizinhos (V.2011, Observ.!: TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002); Quadrado Central (TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Zantedeschia albomaculata* (Hooker) Baillon subsp. *albomaculata*

= *Richardia albomaculata* Hooker [basion.]

= *Arodes albomaculatum* (Hooker) Kuntze

Calla oculata Lindley, nom. illeg

= *Zantedeschia oculata* (Lindley) Engler

Richardia angustiloba Schott

= *Arodes angustilobum* (Schott) Kuntze

= *Zantedeschia angustiloba* (Schott) Engler

Richardia hastata Hooker

= *Arodes hastatum* (Hooker) Kuntze

= *Zantedeschia hastata* (Hooker) Engler

Richardia lutwychei N.E. Brown

= *Zantedeschia lutwychei* (N.E. Brown) T. Durand & Schinz

Richardia melanoleuca Hooker f.

= *Arodes melanoleucum* (Hooker f.) Kuntze

= *Zantedeschia melanoleuca* (Hooker f.) Engler

Richardia melanoleuca Hooker f. var. *tropicalis* N.E. Brown

= *Zantedeschia tropicalis* (N.E. Brown) Letty var. *tropicalis*

Zantedeschia chloroleuca Engler & Gilg

Geófito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Arodes, cala, jarro, jarro amarelo, jarro maculado, jarro malhado, jarro manchado, jarro dos jardins, jarrão, richárdia, zantedésquia, zantedésquia dos trópicos, zantedésquia tropical.

Endemismo da África oriental tropical e do Sul, de floração predominantemente primaveril ou vernal e estival (YEO, 1984b: 98; HUXLEY & al., 1999d: 734); Planta ornamental herbácea perene, por vezes cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

3. *Zantedeschia hybrida* hort.

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Jarro, jarro bastardo, jarro híbrido, jarro dos jardins, jarrão, richárdia, zantedésquia, zantedésquia bastarda, zantedésquia híbrida.

Planta ornamental herbácea rizomatosa, de origem híbrida hortícola, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. *Zantedeschia rehmannii* Engler

= *Richardia rehmannii* (Engler) N.E. Brown ex W. Harrow

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aro, aro rosa, aro vermelho, cala, cala rosa, cala vermelha, jarro, jarro amarelo, jarro de Rehmann, jarro dos jardins, jarro rosa, jarro vermelho, richárdia, richárdia de Rehmann, zantedésquia, zantedésquia de Rehmann.

Endemismo da África do Sul: Natal, Transvaal e Swazilândia, de floração predominantemente primaveril ou vernal e estival (YEO, 1984b: 98; HUXLEY & al., 1999d: 734); Planta ornamental herbácea rizomatosa, de origem, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

XCIX. ARECACEAE [PALMAE] [52 sp.]

[Syn.: *Acristaceae*, *Borassaceae*, *Calamaceae*, *Ceroxylaceae*,
Chamaedoreaceae, *Cocosaceae*, *Coryphaceae*, *Geonomataceae*, *Iriarteaceae*,
Lepidocaryaceae, *Malortieaceae*, *Manicariaceae*, *Moreniaceae*,
Nypaceae, *Phoenicaceae*, *Phytelephantaceae*, *Pseudophoenicaceae*,
Rhapidaceae, *Sabalaceae*, *Sagaceae*, *Synechanthaceae*]²⁵⁵

1. Archontophoenix H.A. Wendland & Drude

- 1. Archontophoenix alexandrae** (F. Mueller) H. Wendland & Drude
 = *Ptychosperma alexandrae* F. Mueller [basion.]
Archontophoenix alexandrae (F. Mueller) H. Wendland & Drude var. *schizantha* H. Wendland & Drude
Jessenia glazioviana Dammer
Ptychosperma beatriceae F. Mueller
 = *Archontophoenix alexandrae* (F. Mueller) H. Wendland & Drude var. *beatriceae* (F. Mueller) C.T. White & L.H. Bailey
 = *Archontophoenix beatriceae* (F. Mueller) F.M. Bailey
Ptychosperma drudei Endlicher
 = *Saguaster drudei* (Endlicher) Kuntze
 Fanerófito. Origem: Austrália.
 Alguns nomes comuns possíveis: Arcontofénix, jessénia, palmeira real, pticosperma, saguáster, saguastro.
 Endemismo australiano, das florestas litorais de Queensland, que são, por vezes, severamente inundadas (WIKIPEDIA); Palmeira exótica raramente cultivada como ornamental em Portugal.
 Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).
- 2. Archontophoenix cunninghamiana** (H.A. Wendland) H.A. Wendland & Drude
 = *Ptychosperma cunninghamiana* H.A. Wendland [basion.]
 = *Loroma cunninghamiana* (H.A. Wendland) O.F. Cook
Jessenia amazonum Drude
Loroma amethystina O.F. Cook
 Fanerófito. Origem: Austrália.
 Alguns nomes comuns possíveis: Arcontofénix, jessénia, loroma, palmeira-rei, palmeira real, picabena, pticosperma.
 Endemismo australiano (WIKIPEDIA); Palmeira exótica raramente cultivada como ornamental em Portugal.
 Distribuição/localização no Jardim: No Recanto Tropical/Terraço das Palmeiras (TAVARES & ALVES, 2002; X.2010; II.2013, Observ.!); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

2. Areca L.

- 1. Areca catechu** L.
Areca catechu Burmannf.
Areca faufel Gaertner
Areca himalayana Griff. ex Endlicher
Areca hortensis Lour.
Areca nigra Giseke e Endlicher
Sublimia areca Commerson ex Martius
 Fanerófito. Origem:
 Alguns nomes comuns possíveis: Adaca, adaka, areca, areca-catechu, areca-faufel, areca negra, árvore sublime, bunga, catechu, faufel, palma, palma-areca, palmareca, palmeira, palmeira de interior, palmeira dos hotéis, palmeira hoteleira, palmeira sublime, pinang, pinanga, sublímia.
 Endemismo da Região Malesiana: Malásia e Filipinas (WIKIPEDIA); Palmeira exótica, muito raramente cultivada como ornamental em Portugal, actualmente extinta no Jardim.
 Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

²⁵⁵ De acordo com REVEAL & CHASE (2011: 79-80) e TAKHTAJAN (2009: 694).

2. **Areca triandra** Roxburgh ex Buchanan-Hamilton

Areca aliciae W. Hill ex F. Mueller

Areca borneensis Beccari

Areca laxa Buchanan-Hamilton

= *Areca triandra* Roxburgh ex Buchanan-Hamilton var. *laxa* (Buchanan-Hamilton) Beccari

Areca nagensis Griff.

= *Areca triandra* Roxburgh ex Buchanan-Hamilton var. *nagensis* (Griff.) Beccari

= *Nenga nagensis* (Griff.) Scheffer

Areca triandra Roxburgh ex Buchanan-Hamilton var. *bancana* Scheffer

Ptychosperma polystachyum Miquel

= *Areca polystachya* (Miquel) Endlicher

Fanerófito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Areca, areca de Bornéu, nenga, pticosperma.

Endemismo da Ásia tropical: Índia (IPNI); Palmeira exótica, muito raramente cultivada como ornamental em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. **Arenga** Labillardière

1. **Arenga engleri** Beccari

= *Didymosperma engleri* (Beccari) Warburg

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Arenga, arenga de Engler, chanzong, didimosperma, didimosperma de Engler, palmeira de Engler, shanzong.

Endemismo de Taiwan, onde se encontra abaixo dos 900 m (PEI & al., 2010); Palmeira exótica raramente cultivada como ornamental em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. **Arenga pinnata** (Wurmb) Merrill

= *Saguerus pinnatus* Wurmb [basion.]

Arenga gamuto Merrill

Arenga griffithii Seemann ex H. Wendland

Arenga saccharifera Labillardière ex DC.

= *Gomutus saccharifer* (Labillardière ex DC.) Sprengel

= *Saguerus saccharifer* (Labillardière ex DC.) Blume

Borassus gomutus Loureiro

= *Sagus gomutus* (Loureiro) Perrottet

Caryota onusta Blanco

Gomutus rumphii Corrêa

= *Saguerus rumphii* (Corrêa) Roxburgh

= *Saguerus rumphii* (Corrêa) Roxburgh ex Ainslie

Gomutus vulgaris Oken

Saguerus gamuto Houttuyn, nom. inval.

Fanerófito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Arenga, arenga de Griffith, arenga açúcarada, arenga açucareira, arenga do açúcar, arenga-gamuto, arenga pinada, arenga sacarífera, borasso, borasso-gomuto, borasso-gomuto, cariota, cariota onusta, enau, gamuta, gamuto, gomuta, gomuto, gomuto de Rumph, gomuto vulgar, irok, kaong, onusta, palmeira, palmeira arenga, palmeira açúcarada, palmeira açucareira, palmeira das fibras negras, palmeira-gomuti, palmeira do açúcar, palmeira sacarífera, sagueiro, sagueiro açúcarado, sagueiro açucareiro, sagueiro do açúcar, sagueiro sacarífero, saguero, saguero açúcarado, saguero açucareiro, saguero de Rumph, saguero do açúcar, saguero-gamuto, saguero-gomuto, saguero sacarífero, sago-gamuto, sago-gomuto, sagu, sagu açúcarado, sagu açucareiro, sagu do açúcar, sagu-gamuto, sagu-gomuto, sagu sacarífero.

Endemismo da Ásia tropical oriental: Índia, Indonésia, Malásia e arquipélago das Ilhas Filipinas (HUXLEY & al., 1999a: 227; IPNI; WIKIPEDIA); Palmeira exótica tropical, com muito interesse económico e ambiental, que alberga diversas espécies animais ameaçadas, como por exemplo os ratos do género *Phloeomys* Waterhouse, 1839, endémicos da ilha filipina de Luçon (WIKIPEDIA), muito raramente cultivada como ornamental em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. **Brahea** Martius ex Endlicher

1. **Brahea armata** S. Watson

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Bráhea, bráhea armada, bráhea espinescente, bráhea espinosa, deusa cinzenta, palmeira de Brahe, palmeira de leque, palmeira de leque azul, palmeira-hésper azul, palmeira-leque, palmeira-leque azul.

Endemismo norte-americano, da América central calcárea (MABBERLEY, 2008: 119); Palmeira exótica raramente cultivada como ornamental em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Junto à Escola Médica, entre as Escolas de Sistemática e Recanto Tropical (TAVARES & ALVES, 2002; XII.2011, Observ.!); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

5. **Butia** (Beccari) Beccari

1. **Butia capitata** (Martius) Beccari

= *Cocos capitata* Martius [basion.]

= *Calappa capitata* (Martius) Kuntze

= *Syagrus capitata* (Martius) Glassman

Fanerófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Bútia, bútia cabeçuda, bútia capitada, calapa, coco, coqueiro, palmeira, palmeira bútia, siagro.

Endemismo sul-americano, do Brasil, Uruguai e Argentina (GRIN; IPNI); Palmeira exótica por vezes cultivada como ornamental em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Jardimeta 2, junto às Estufas (TAVARES & ALVES, 2002; 2010, Observ.!); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

2. **Butia eriospatha** (Martius ex Drude) Beccari

= *Cocos eriospatha* Martius ex Drude [basion.]

= *Calappa eriospatha* (Martius ex Drude) Kuntze

= *Syagrus eriospatha* (Martius ex Drude) Glassman

Fanerófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Bútia, calapa, coco, coqueiro, palmeira, palmeira bútia, siagro.

Endemismo sul-americano, do sul do Brasil (GRIN; IPNI); Palmeira exótica por vezes cultivada como ornamental em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Escolas de Sistemática, Jardimetas 1, 2 e 3; Recanto Tropical, Terraço da Alameda das Tílias (TAVARES & ALVES, 2002; ROTEIRO DO JARDIM BOTÂNICO, 2009; 2010, Observ.!); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

6. **Calamus** L.

1. **Calamus scipionum** Loureiro

= *Palmijuncus scipionum* (Loureiro) Kuntze

= *Rotang scipionum* (Loureiro) Baillon

Fanerófito. Origem: Ásia tropicala do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Cálamo, cálamo cipiónico, cálamo de Cipião, palmijunco, palmijunco cipiónico, palmijunco de Cipião, rotang, rotang cipiónico, rotang de Cipião.

Endemismo da Ásia tropical: península da Malásia (MABBERLEY, 1997: 114; MABBERLEY, 2008: 135-136; IPNI); Palmeira exótica muito raramente cultivada como ornamental em Portugal, fonte das "canas de Malaca", utilizadas para a confecção de bengalas, cabos de guarda-chuva, etc., actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, posteriormente a 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

7. *Caryota* L.

1. *Caryota urens* L.

Fanerófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Cariota, kitul, quitul.

Endemismo da Ásia tropical; Palmeira ornamental, alimentar e com diversos outros usos (MABBERLEY, 2008: 157) exótica, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte 2, subtropical (TAVARES & ALVES, 2002; 2009, Observ.! Havia na Estufa Grande um exemplar arbóreo desta palmeira que cresceu excessivamente em relação à altura da Estufa e foi cortado porque poderia eventualmente danificar a sua estrutura; foi substituído por um pequeno exemplar da mesma espécie cultivado em vaso: XI.2010, Observ.!); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

8. *Chamaedorea* Willdenow

1. *Chamaedorea elatior* Martius

= *Nunnezharia elatior* (Martius) Kuntze

Chamaedorea montana Liebmman

Chamaedorea regia Endlicher

Chamaedorea repens Endlicher

Chamaedorea resinifera Endlicher

Chamaedorea scandens Liebmman

Nunnezharia oaxacensis Kuntze

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Camaedora, camaedórea, camaedórea escandente, camaedórea montana, camaedórea real, camaedórea régia, camaedórea resinífera, nunezária, palmeira, palmeira-bambu.

Endemismo norte-americano (do México); Palmeira exótica raramente cultivada como ornamental em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte 1, tropical (TAVARES, 2011: 45; XII.2011, Observ.!).

2. *Chamaedorea elegans* Martius

= *Neanthe elegans* (Martius) O.F. Cook

= *Nunnezharia elegans* (Martius) Kuntze

Neanthe bella O.F. Cook

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Camaedora, camaedórea, neante, neante bela, neante elegante, neante formosa, nunezária, palmeira-bambu.

Endemismo norte-americano, de Guatemala e do México (MABBERLEY, 2008: 173), uma das palmeiras de interior mais comuns (MABBERLEY, l.c.); Palmeira exótica frequentemente cultivada como ornamental em Portugal).

Distribuição/localização no Jardim: Estufa da *Victoria amazonica* (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

3. *Chamaedorea fragrans* (Ruíz & Pavón) Martius

= *Nunnezharia fragrans* Ruíz & Pavón [basion.]

= *Nunnezia fragrans* (Ruíz & Pavón) Willdenow

Chamaedorea gratissima Linden

Chamaedorea pavoniana Endlicher

Chamaedorea ruizii Endlicher

Chamaedorea verschaffeltii Kerch.

= *Nunnezharia verschaffeltii* (Kerch.) Kuntze

Fanerófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Camaedora, camaedórea, camaedórea aromática, camaedórea fragrante, nunezária, nunezária aromática, nunezária fragrante, nunézia, nunézia aromática, nunézia fragrante, palmeira-bambu, palmeira-bambu aromática, palmeira-bambu fragrante.

Endemismo sul-americano, do Peru (IPNI); Palmeira exótica raramente cultivada como ornamental em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte II, subtropical e Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

4. **Chamaedorea geonomiformis** Endlicher

= *Nunnezharia geonomiformis* (Endlicher) Hooker f.

Chamaedorea fenestrata Endlicher

= *Geonoma fenestrata* (Endlicher) Endlicher

= *Nunnezharia fenestrata* (Endlicher) Kuntze

Chamaedorea humilis Endlicher, nom. illeg.

Chamaedorea tenella Endlicher

= *Nunnezharia tenella* (Endlicher) Hooker f.

= *Nunnezharia tenella* (Endlicher) Kuntze

Geonoma humilis auct.

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Camaedora, camaedórea, camaedórea humilde, geonoma, nunezária.

Endemismo norte-americano, de Guatemala (IPNI); Palmeira exótica raramente cultivada como ornamental em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. **Chamaedorea pochutlensis** Liebmann

= *Nunnezharia pochutlensis* (Liebmann) Kuntze

Chamaedorea elatior hort.

Chamaedorea karwinskyana Endlicher

= *Nunnezharia karwinskyana* (Endlicher) Kuntze

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Camaedora, camaedórea, camaedórea de Karwinsky, nunezária, nunezária de Karwinsky, palmeira-bambu, palmeira-bambu de Karwinsky.

Endemismo norte-americano, do México (IPNI); Palmeira exótica raramente cultivada como ornamental em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical e Estufa Fria (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

9. **Chamaerops** L.

1. **Chamaerops humilis** L. var. **arborescens** Persoon

Fanerófito. Origem: Desconhecida.

Alguns nomes comuns possíveis: Camérops, camérops arbórea, camérops arborescente, camérops arbustiva, palmeira das vassouras, palmeira das vassouras arbórea, palmeira das vassouras arborescente, palmeira das vassouras arbustiva.

Palmeira exótica por vezes cultivada como ornamental em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Recanto Tropical/Terraço das Palmeiras (PAIVA, s/data; TAVARES & ALVES, 2002; ROTEIRO DO JARDIM BOTÂNICO, 2009; 2010, Observ.!); Talhão 21 da Mata (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

2. **Chamaerops humilis** L. var. **humilis**

Fanerófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Camérops, camérops acaule, camérops algarvia, camérops anã, camérops do Algarve, camérops humilde, camérops pequena, camérops portuguesa, palmeira acaule, palmeira anã, palmeira das vassouras, palmeira do Algarve, palmeira portuguesa.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, das costas atlânticas até à Sicília (KIT TAN, 1984a: 40); Única palmeira espontânea em Portugal, na orla marítima do Sul, em lugares rochosos e campos incultos, sobretudo em zonas de baixa altitude (FRANCO, 1980c: 267; GALIANO, 1987a: 205), frequente sobretudo no Barrocal algarvio (MALATO BELIZ, 1986: 37), embora se possa eventualmente encontrar também na Estremadura e no Baixo Alentejo litoral (FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 35; GALÁN & CASTROVIEJO, 2007d: 273-275; CARAPETO & al., 2014c), por vezes também cultivada como ornamental, é a única espécie de palmeira (família *Palmae* ou *Arecaceae*) que é autóctone ou espontânea na Europa (SANTOLLALA, 1999: 192).

Distribuição/localização no Jardim: Recanto Tropical/Terraço das Palmeiras e Talhão 21 da Mata (TAVARES & ALVES, 2002; PAIVA, s/data; ROTEIRO DO JARDIM BOTÂNICO, 2009; 2010, Observ.!); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

10. *Coccothrinax* Sargent

[*Haitiella* L.H. Bailey; *Thrincoma* O.F. Cook; *Thringis* O.F. Cook]

1. *Coccothrinax argentea* (Loddiges ex Schultes & Schultes f.) Sargent ex Beccari

= *Thrinax argentea* Loddiges ex Schultes & Schultes f. [basion.]
 = *Acanthorrhiza argentea* (Loddiges ex Schultes & Schultes f.) O.F. Cook
Thrinax argentea Loddiges ex Schultes & Schultes f. var. *garberi* Chapman
 = *Coccothrinax garberi* (Chapman) Sargent
Thrinax graminifolia Endlicher
Thrinax longistyla Beccari
Thrinax multiflora Martius
 Fanerófito. Origem: Caraíbas.

Alguns nomes comuns possíveis: Acantoriza, acantoriza prateada, cana, cocotrinax, gaunito, guano, guano de escova, palma, palma argêntea, palma prateada, palmeira, palmeira argêntea, palmeira argêntea da Hispaniola, palmeira da Hispaniola, palmeira das Caraíbas, palmeira de escova, palmeira-escova, palmeira espanhola, palmeira-giesta, palmeira prateada, palmeira prateada da Hispaniola, trínax.

Endemismo da Ilha Hispaniola (WIKIPEDIA); Palmeira ornamental, alimentar e medicinal exótica tropical, de média estatura, podendo crescer até 10 m (WIKIPEDIA), muito raramente cultivada como ornamental em Portugal, em estufas, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

11. *Dypsis* Noronha ex Martius

1. *Dypsis decipiens* (Beccari) Bentje & J. Dransfeld

= *Chrysalidocarpus decipiens* Beccari [basion.]
 = *Macrophloga decipiens* (Beccari) Beccari
 Fanerófito. Origem: Madagáscar.

Alguns nomes comuns possíveis: Crisalidocarpo, crisalidocarpo de Madagáscar, dípsis, dípsis de Madagáscar, macrofloga, macrofloga de Madagáscar.

Endemismo de Madagáscar (IPNI); Palmeira ornamental exótica tropical, muito raramente cultivada como ornamental em Portugal, em estufas, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

12. *Elaeis* Jacquin

1. *Elaeis guineensis* Jacquin

Fanerófito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Denden, elaeis, elaeis africana, elaeis da Guiné, elaeis guineense, palma andim, palma guineense, palmeira andim, palmeira guineense.

Endemismo da África ocidental tropical (MABBERLEY, 2008: 300); Palmeira exótica monóica, com grande interesse económico nas regiões tropicais (MABBERLEY, l.c.), por exemplo cultivada na Ilha de São Tomé, a meia encosta, a uma altitude de 860 m (HENRIQUES, 1887b: 206), mas muito raramente cultivada como ornamental em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII); Viveiros (IV.2010, Observ.!).

13. *Howea* Beccari

1. *Howea belmoreana* (C. Moore & F. Mueller) Beccari

= *Kentia belmoreana* C. Moore & F. Mueller [basion.]
 = *Grisebachia belmoreana* (C. Moore & F. Mueller) H. Wendland & Drude
 Fanerófito. Origem: Oceânia: Ilha de Lord Howe.

Alguns nomes comuns possíveis: Howea, howea de Belmore, grisebáquia, grisebáquia de Belmore, kêntia, kêntia de Belmore, palmeira, palmeira encaracolada, quêntia, quêntia de Belmore.

Endemismo da Ilha de Lord Howe, a oriente da Austrália (MABBERLEY, 2008: 415; Wikipedia); Palmeira ornamental exótica, de pequena estatura, podendo crescer até aos 7 m (ROYAL BOTANIC GARDENS, KEW, 1984b: 73; MABBERLEY, l.c.), por vezes cultivada como ornamental em Portugal, como planta de interior, em vasos.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte II, subtropical e parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

2. **Howea forsteriana** (C. Moore & F. Mueller) Beccari

= *Kentia forsteriana* C. Moore & F. Mueller [basion.]

= *Denea forsteriana* (C. Moore & F. Mueller) O.F. Cook

= *Grisebachia forsteriana* (C. Moore & F. Mueller) H. Wendland & Drude

Kentia australis auct., nom. inval.

Fanerófito. Origem: Oceânia: Ilha de Lord Howe.

Alguns nomes comuns possíveis: Dénea, dénea de Forster, deneia, deneia de Forster, howea, howea de Forster, grisebáquia, grisebáquia de Forster, kântia, kântia austral, kântia de Forster, kântia do sul, palmeira, palmeira austral, palmeira do Paraíso, palmeira paradisíaca, quântia, quântia austral, quântia do sul, quântia de Forster.

Endemismo da Ilha de Lord Howe, a oriente da Austrália (MABBERLEY, 2008: 415; WIKIPEDIA); Segundo vários autores, esta espécie será actualmente a palmeira decorativa mais cultivada em todo o Mundo (WIKIPEDIA; REALPALMTREES.COM), comumente cultivada como uma planta de interior sésil (MABBERLEY, l.c.), pelas seu extraordinário conjunto de qualidades: beleza, crescimento lento, longevidade, resistência, tolerância à falta de luz (REALPALMTREES.COM); Palmeira ornamental exótica, de média estatura, podendo crescer até 18 ou 20 m (ROYAL BOTANIC GARDENS, KEW, 1984b: 73; MABBERLEY, l.c.), frequentemente cultivada como ornamental em Portugal, como planta de interior, em vasos.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte II, subtropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

14. **Jubaea** Kunth

1. **Jubaea chilensis** (Molina) Baillon

= *Palma chilensis* Molina [basion.]

= *Cocos chilensis* (Molina) Molina

= *Micrococos chilensis* (Molina) Philippi

Jubaea spectabilis Kunth

Fanerófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Coco, coqueiro, jubeia, micrococo, microcoqueiro, palma do Chile, palmeira chilena, palmeira do Chile, palmeira do mel, palmeira do vinho.

Género monoespecífico; Endemismo sul-americano, exclusivo do Chile, na zona costeira central, onde é raríssima e se encontra ameaçada de extinção (BEDINI, 2007: 9; TAVARES, 2011: 23-24); Palmeira com notável interesse económico (MABBERLEY, 2008: 445), raramente cultivada como ornamental em Portugal; o exemplar (de grande porte) do Jardim Botânico de Coimbra morreu em 2012-2013, vitimado pela terrível praga do coleóptero da família dos curculionídeos *Rhynchophorus ferrugineus* (Olivier, 1790), o “escaravelho das palmeiras”.

Distribuição/localização no Jardim: Escola de Sistemática 2 (TAVARES & ALVES, 2002); Recanto Tropical/Terraço das Palmeiras (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002; PAIVA, s/data; ROTEIRO DO JARDIM BOTÂNICO, 2009; 2010, Observ.!), infelizmente actualmente morta, devido ao ataque do terrível coleóptero curculionídeo *Rhynchophorus ferrugineus* (Olivier, 1790); Mata, alguns pequenos exemplares em vaso, junto ao edifício do Instituto Botânico (MATOS, com. pess.; XI.2012, Observ.).

15. **Licuala** Wurmmb

1. **Licuala spinosa** Wurmmb

Corypha pilearia Loureiro

= *Licuala pilearia* (Loureiro) Blume

Licuala acutifida Martius var. *peninsularis* Beccari

Licuala horrida Blume

Licuala ramosa Blume

Licuala spinosa Wurmmb var. *cochinchinensis* Beccari

Licuala spinosa Wurmmb var. *eriantha* Beccari

Fanerófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Corifa, licuala, licuala espinhosa, licuala ramosa, palmeira de folhas em leque, palmeira de leque, palmeira-leque.

Endemismo da Ásia oriental tropical: Filipinas, Indonésia, Malásia e Tailândia (HUXLEY & al., 1999c: 65; MABBERLEY, 2008: 488; WIKIPEDIA); Palmeira exótica tropical mais ou menos acaule, raramente cultivada como ornamental em Portugal, sobretudo como planta de interior, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

16. *Livistona* R. Brown

[Syn.: *Saribus* Blume; *Wissmannia* Burret]

1. *Livistona australis* (R. Brown) Martius

= *Corypha australis* R. Brown [basion.]

Fanerófito. Origem: Austrália.

Alguns nomes comuns possíveis: Árvore-couve, árvore couveira, corifa, corifa austral, corifa australiana, corifa da Austrália, corifa do sul, livístona, livístona austral, livístona australiana, livístona da Austrália, livístona do sul, palmeira, palmeira austral, palmeira australiana, palmeira da Austrália, palmeira de folhas em leque, palmeira do sul, palmeira em leque, palmeira-leque, palmeira-leque austral, palmeira-leque australiana, palmeira-leque da Austrália, palmeira-leque do sul.

Endemismo australiano, das zonas costeiras da Austrália oriental (HUXLEY & al., 1999c: 103; MABBERLEY, 2008: 496; IPNI); Palmeira ornamental, parcialmente comestível (MABBERLEY, *l.c.*), por vezes cultivada como ornamental em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Recanto Tropical/Terraço das Palmeiras (Rosa, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Mata (LIVRO DE REGISTOS DA MATA); Escolas de Sistemática (Rosa, 2000; TAVARES & ALVES, 2002; IV.2011, Observ.!).

2. *Livistona chinensis* (Jacquin) R. Brown ex Martius

= *Latania chinensis* Jacquin [basion.]

= *Saribus chinensis* (Jacquin) Blume

Chamaerops biroo Siebold ex Martius

Livistona chinensis (Jacquin) R. Brown ex Martius var. *boninensis* Beccari

= *Livistona boninensis* (Beccari) Nakai

Livistona japonica Nakai ex Masamune

Livistona mauritiana Wallich ex Martius, nom. inval.

Livistona sinensis Griffith

Saribus oliviformis Hasskarl

= *Livistona oliviformis* (Hasskarl) Martius

Saribus subglobosus Hasskarl

= *Livistona chinensis* (Jacquin) R. Brown ex Martius var. *subglobosa* (Hasskarl) Beccari

= *Livistona subglobosa* (Hasskarl) Martius

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Biru, biru chinês, camaerops, camaerops chinesa, latânia, latânia chinesa, livístona, livístona azeitoneira, livístona chinesa, livístona da China, livístona das azeitonas, livístona das olivas, livístona de frutos globosos, livístona de frutos subglobosos, livístona de Maurício, livístona do Japão, livístona globosa, livístona japonesa, livístona japónica, livístona mauriciana, livístona mauricina, livístona nipónica, livístona sinense, livístona sínica, livístona subglobosa, pukui, saribo, saribo chinês, saribo da China, saribo globoso, saribo subgloboso, saribu, saribu chinês, saribu da China, saribu globoso, saribu subgloboso.

Endemismo da Ásia oriental: China e Japão, em florestas costeiras, frequentemente em solos arenosos (HUXLEY & al., 1999c: 103; PEI & al., 2010: 148); Palmeira por vezes cultivada como ornamental em Portugal, por exemplo em jardins botânicos (ROSA, 2000: 204).

Distribuição/localização no Jardim: Escola de Sistemática das Simpétalas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002; IV.2011, Observ.!).

3. *Livistona rotundifolia* (Lamarck) Martius

= *Corypha rotundifolia* Lamarck [basion.]

= *Licuala rotundifolia* (Lamarck) Blume

= *Saribus rotundifolius* (Lamarck) Blume

Livistona altissima Zollinger

Livistona microcarpa Beccari

= *Livistona rotundifolia* (Lamarck) Martius var. *microcarpa* (Beccari) Beccari

Livistona mindorensis Beccari

= *Livistona rotundifolia* (Lamarck) Martius var. *mindorensis* (Beccari) Beccari

Livistona robinsoniana Beccari

Livistona rotundifolia (Lamarck) Martius var. *luzonensis* Beccari

Fanerófito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Corifa, corifa de folhas redondas, corifa rotundifolia, licuala, licuala de folhas redondas, licuala rotundifolia, livístona, livístona alta, livístona altíssima, livístona de folhas redondas, livístona de frutos pequenos, livístona de Luçon, livístona de Luzon, livístona de Mindoro, livístona de Robinson, livístona microcarpa, livístona mindorense, livístona rotundifolia, saribo, saribo de folhas redondas, saribo rotundifolia, saribu, saribu de folhas redondas, saribu rotundifolia.

Endemismo da Ásia oriental tropical: Filipinas, Indonésia, etc. (Huxley & al., 1999d: 600; IPNI); Palmeira por vezes cultivada como ornamental em Portugal, por exemplo em vasos, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. **Livistona saribus** (Loureiro) Merrill ex A. Chevalier

= *Corypha saribus* Loureiro [basion.]

Chamaerops cochinchinensis Loureiro

= *Livistona cochinchinensis* (Loureiro) Martius

= *Rhapis cochinchinensis* (Loureiro) Martius

= *Saribus cochinchinensis* (Loureiro) Blume

Livistona diepenhorstii Hasskarl

= *Pholidocarpus diepenhorstii* (Hasskarl) Burret

Livistona hoogendorpii hort. ex André

Livistona hoogendorpii Teijsmann & Binnendijk

= *Sabal hoogendorpii* (Teijsmann & Binnendijk) Kuntze

= *Saribus hoogendorpii* (Teijsmann & Binnendijk) Kuntze

Livistona inaequisecta Beccari

Livistona spectabilis Griffith

Livistona tonkinensis Magalon

Livistona vogamii Beccari

Saribus hasseltii Hasskarl

= *Livistona hasseltii* (Hasskarl) Hasskarl

Fanerófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Camaerops, camaerops cochinchinesa, camaerops da Cochinchina, corifa, corifa de Tonquim, corifa tonquinesa, daepukui, folidocarpo, folidocarpo de Diepenhorst, livístona, livístona cochinchinesa, livístona da Cochinchina, livístona de Diepenhorst, livístona de Hasselt, livístona de Hoogendorp, livístona de Tonquim, livístona tonquinesa, rápis, rápis cochinchinesa, rápis da Cochinchina, sabal, sabal de Hoogendorp, saribo, saribo cochinchinês, saribo da Cochinchina, saribo de Hasselt, saribo de Hoogendorp, saribu, saribu cochinchinês, saribu da Cochinchina, saribu de Hasselt, saribu de Hoogendorp.

Endemismo da Ásia Tropical, onde se pode encontrar em diversos países, incluindo a Eurásia continental: Cambodja, China, Laos, Tailândia, Vietname; a Indonésia, a Malásia e as Ilhas Filipinas, que se pode encontrar em florestas mais ou menos húmidas, muitas vezes em habitats que beneficiam de inundação periódica (HUXLEY & al., 1999c: 103; PEI & al., 2010: 147); Palmeira com interesse alimentar (os frutos), ornamental e económico local (PEI & al., l.c.), raramente cultivada como ornamental entre nós, como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

17. **Lytocaryum** Toledo

1. **Lytocaryum weddellianum** (H. Wendland) Toledo

= *Cocos weddelliana* H. Wendland [basion.]

= *Microcoelum weddellianum* (H. Wendland) H.E. Moore

= *Syagrus weddelliana* (H. Wendland) Beccari

Calappa elegantina Kuntze

Cocos elegantissima H. Wendland

Cocos weddelliana H. Wendland var. *pinaertii* G. Nicholson & Mottet

= *Lytocaryum weddellianum* (H. Wendland) Toledo var. *pinaertii* (G. Nicholson & Mottet) A.D. Hawkes

Glaziova elegantissima H. Wendland

Glaziova martiana Glaziov ex Drude

= *Microcoelum martianum* (Glaziov ex Drude) Burret & Potztal

Syagrus weddelliana (H. Wendland) Beccari var. *cinereus* Beccari

= *Lytocaryum weddellianum* (H. Wendland) Toledo var. *cinereum* (Beccari) A.D. Hawkes

Syagrus weddelliana (H. Wendland) Beccari var. *pinaertii* Beccari

Syagrus weddelliana (H. Wendland) Beccari var. *pinaertii* hort. ex G. Nicholson

Fanerófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Calapa, calapa elegante, calapa elegantíssima, coco, coco de Pinaert, coco de Weddell, coqueiro, coqueiro elegante, coqueiro elegantíssimo, coqueiro de Martius, coqueiro de Pinaert, coqueiro de Weddell, coqueiro marciano, coqueiro martiano, glaziova, glaziova de Martius, glaziova elegantíssima, glaziova marciala, glaziova martiana, litocário, litocário de Weddell, microcelo, microcelo de Martius, microcelo de Weddell, microcelo marciano, microcelo martiano, palmeira, palmeira de Martius, palmeira de Weddell, palmeira marciala, palmeira martiana, siagro, siagro de Weddell.

Endemismo sul-americano, do SE do Brasil (ROSA, 2000: 204; MABBERLEY, 2008: 508); Palmeira raramente cultivada como ornamental em Portugal, sobretudo como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte II, subtropical (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002; XI.2010, Observ.!).

18. *Phoenix* Kaempfert ex L.

1. *Phoenix canariensis* H. Wildpret, nom. cons. prop. (1882)

Phoenix canariensis hort. ex Chabaud

Phoenix canariensis hort. ex Chabaud var. *porphyrococca* Vasconcellos & Franco

Phoenix cycadifolia Regel, nom. rej. prop. (1879)

Phoenix erecta Sauvage, nom. inval.

Phoenix dactylifera L. var. *jubae* Webb & Berthelot

= *Phoenix jubae* (Webb & Berthelot) Webb ex H. Christ

Phoenix macrocarpa Sauvage, nom. inval.

Phoenix tenuis Verschaffelt, nom. inval.

Phoenix vigieri Naudin

Fanerófito. Origem: Macaronésia: Ilhas Canárias.

Alguns nomes comuns possíveis: Fénix, fénix canária, fénix canariense, fénix cicadifólia, fénix das Canárias, fénix de folhas de cica, fénix de frutos grandes, fénix de Vigier, fénix erecta, fénix macrocarpa, fénix tênue, palma, palma canária, canariense, palma cicadifólia, palma das Canárias, palma erecta, palma macrocarpa, palma tênue, palmeira, palmeira canária, palmeira canariense, palmeira cicadifólia, palmeira das Canárias, palmeira de folhas de cica, palmeira de Juba, palmeira de Vigier, palmeira do Rei Juba, palmeira macrocarpa, palmeira tênue, tamareira, tamareira canária, tamareira canariense, tamareira de folhas de cica, tamareira de frutos grandes, tamareira erecta, tamareira macrocarpa, tamareira tênue.

Endemismo macaronésico, das Ilhas Canárias (FRANCO, 1980b: 268; KIT TAN, 1984a: 39; GALÁN & CASTROVIEJO, 2007c: 278; HUXLEY & al., 1999: 555; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Palmeira exótica muito cultivada como ornamental em Portugal, por vezes subespontânea em Portugal; Foi muito recentemente proposta a rejeição do nome prioritário *Phoenix cycadifolia* Regel in Gartenflora 28: 131, t. 974 (1879), para se poder conservar o nome tradicional e bem conhecido desta palmeira tão cultivada e com abundante regeneração natural entre nós: *Phoenix canariensis* H. Wildpret in Prov. Agric. Hort. III. 2: 293–295, fig. 67–68 (Oct. 1882), por RIVERA & al. (2013: 1337–1338); supomos que será muito provável esta proposta vir a ser aceite, pois trata-se de uma palmeira com enorme importância em horticultura e jardinagem (RIVERA & al., *l.c.*); *Phoenix canariensis* é também o nome aceite em diversas obras de referência (FRANCO, *l.c.*; KIT TAN, *l.c.*; GALÁN & CASTROVIEJO, *l.c.*; HUXLEY & al., *l.c.*; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010).

Distribuição/localização no Jardim: Escolas de Sistemática e Terraço da Alameda das Tílias (TAVARES & ALVES, 2002); Cultivada, com abundante regeneração natural no Jardim (ALMEIDA, 2005b; X.2020, Observ.!).

2. *Phoenix dactylifera* L.

= *Palma dactylifera* (L.) Miller

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Fénix, palma, palmeira, palmeira das tâmaras, tamareira

Endemismo eurasiático, talvez nativo da região do Golfo Pérsico (TAN, 1984a: 38–39); Palmeira exótica muito cultivada como ornamental e pelos seus frutos comestíveis (tâmaras).

Distribuição/localização no Jardim: Recanto Tropical, com cerca de 26 m de altura (TAVARES & ALVES, 2002; PAIVA, s/data; Roteiro do Jardim Botânico, 2009); Cultivada, possivelmente com regeneração natural no Jardim (2010, Observ.!).

3. *Phoenix loureiroi* Kunth

= *Phoenix humilis* Royle ex Beccari var. *loureiroi* (Kunth) Beccari
Phoenix humilis Royle ex Beccari (1890), non (L.) Cavanilles (1793), nom. illeg.
Phoenix pusilla Lour. (1790), non Gaertner (1788), nom. illeg., nom. subst.
Phoenix hanceana Naudin
 = *Phoenix humilis* Royle ex Beccari var. *hanceana* (Naudin) Beccari
Phoenix hanceana Naudin var. *formosana* Beccari
Phoenix hanceana Naudin var. *philippinensis* Beccari
Phoenix humilis Royle ex Beccari var. *robusta* Beccari
 = *Phoenix robusta* (Beccari) J.D. Hooker
Phoenix loureiroi Kunth var. *humilis* S. Barrow
Phoenix ouseleyana Griffith
Phoenix pedunculata Griffith
 = *Phoenix humilis* Royle ex Beccari var. *pedunculata* (Griffith) Beccari
 = *Phoenix loureiroi* Kunth var. *pedunculata* (Griffith) Govaerts
Phoenix pygmaea Raeuschel

Fanerófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Fénix, fénix de Loureiro, fénix pigmeia, palma, palma de Loureiro, palmeira, palmeira de Loureiro, palmeira pigmeia, tamareira, tamareira de Loureiro.

Endemismo da Ásia oriental tropical, do Bangladesh, Birmânia, Butão, Cambodja, China, Filipinas, Índia, Laos, Nepal, Paquistão, Tailândia e Vietnam (Pei & al., 2010); Palmeira raramente cultivada como ornamental em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas? (TAVARES & ALVES, 2002).

4. *Phoenix reclinata* Jacquin

Fulchironia senegalensis Lesch.
Phoenix abyssinica Drude
Phoenix baoulensis A. Chevallier
Phoenix comorensis Beccari
 = *Phoenix reclinata* Jacquin var. *comorensis* (Beccari) Jum. & H. Perrier
Phoenix djalonsensis A. Chevallier
Phoenix dybowskii A. Chevallier
Phoenix equinoxialis Bojer
Phoenix leonensis Loddiges ex Kunth
Phoenix spinosa Schumacher & Thonning
Phoenix reclinata Jacquin var. *madagascariensis* Beccari
Phoenix reclinata Jacquin var. *somalensis* Beccari
Phoenix spinosa Schumacher & Thonning

Fanerófito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Fénix, fénix da Abissínia, fénix da Etiópia, fénix das Comores, fénix da Somália, fénix de Madagáscar, fénix do Senegal, fénix espinhosa, fulquirónia, fulquirónia do Senegal, palma, palmeira, tamareira.

Endemismo da África tropical, Madagáscar e Ilhas Comores; Palmeira exótica dióica raramente cultivada como ornamental em Portugal; foi muito afectada pela grande vaga de frio de Inverno de 1890 (HENRIQUES, 1891: 133).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Recanto Tropical/Terraço das Palmeiras e Terraço da Alameda das Tílias (TAVARES & ALVES, 2002; ROTEIRO DO JARDIM BOTÂNICO, 2009; 2010, Observ.!).

5. *Phoenix roebelenii* O'Brien

Fanerófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Fénix, palma, palmeira, palmeira de Roebelin, tamareira, tamareira anã, tamareira de jardim, tamareira de Roebelin, tamareira miniatura, tamareira pequena, tamareira pigmeia.

Endemismo da Ásia oriental tropical, da Birmânia, China, Laos, Tailândia e Vietnam (PEI & al., 2010); Palmeira raramente cultivada como ornamental em Portugal, por vezes cultivada como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufa Fria (TAVARES & ALVES, 2002).

6. **Phoenix sylvestris** (L.) Roxburgh

= *Elate sylvestris* L. [basion.]

Elate versicolor Salisbury

Fanerófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Elate, fénix, palma, palmeira, tamareira, tamareira brava.

Endemismo da Ásia Tropical (Índia e Nepal); Palmeira exótica raramente cultivada como ornamental em Portugal, actualmente extinta no Jardim (A.C. MATOS, comunicação pessoal), devido ao ataque do *Rhynchophorus ferrugineus* (Olivier, 1790) ou “Escaravelho das palmeiras”, originário da Ásia oriental e da Polinésia.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (Rosa, 2000); Recanto Tropical/Terraço das Palmeiras (TAVARES & ALVES, 2002; A.C. MATOS, comunicação pessoal).

19. **Pinanga** Blume

1. **Pinanga coronata** (Blume ex Martius) Blume

= *Areca coronata* Blume ex Martius [basion.]

= *Ptychosperma coronatum* (Blume ex Martius) Miquel

= *Seaforthia coronata* (Blume ex Martius) Martius

Pinanga costata Blume

= *Areca costata* (Blume) Kurz

= *Ptychosperma costatum* (Blume) Miquel

= *Seaforthia costata* (Blume) Martius

Pinanga kuhlii Blume

= *Ptychosperma kuhlii* (Blume) Miquel

= *Seaforthia kuhlii* (Blume) Martius

Pinanga noxa Blume

= *Ptychosperma noxa* (Blume) Miquel

Ptychosperma album Scheffer

Seaforthia montana Blume ex Martius

Seaforthia reinwardtiana Martius

Fanerófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Areca, areca coroada, pinanga, pinaga coroada, pinanga noxa, pticosperma, pticosperma branca, pticosperma coroada, sifórtia, sifórtia coroada, sifórtia montana.

Endemismo australiano; Palmeira exótica muito raramente cultivada como ornamental em Portugal, actualmente extinta no Jardim; o exemplar que existia no Jardim morreu devido à grande vaga de frio de Inverno de 1890 (HENRIQUES, 1891: 133).

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, posteriormente a 1932 (ROSA, 2000).

20. **Ptychosperma** Labillardière

1. **Ptychosperma elegans** (R. Brown) Blume

= *Seaforthia elegans* R. Brown [basion.]

= *Archontophoenix elegans* (R. Brown) F.M. Bailey

= *Saguaster elegans* (R. Brown) Kuntze

Archontophoenix jardinei F.M. Bailey

= *Ptychosperma jardinei* (F.M. Bailey) F.M. Bailey

Archontophoenix veitchii Endlicher & Drude

Pinanga smithii W. Hill, nom. inval.

Ptychosperma capitis-yorki Endlicher & Drude

= *Actinophloeus capitis-yorki* (Endlicher & Drude) Burret

= *Saguaster capitis-yorki* (Endlicher & Drude) Kuntze

Ptychosperma elegans (R. Brown) Blume var. *sphaerocarpum* Beccari

= *Ptychosperma wendlandianum* Burret var. *sphaerocarpum* (Beccari) Burret

Ptychosperma seaforthii Miquel

Ptychosperma wendlandianum Burret

Fanerófito. Origem: Austrália.

Alguns nomes comuns possíveis: Actinofleu, arcontofénix, pinanga, pinanga de Smith, pticosperma, pticosperma elegante, saguáster, saguáster elegante, sifórtia, sifórtia elegante.

Endemismo australiano; Palmeira exótica muito raramente cultivada como ornamental em Portugal, actualmente extinta no Jardim; o exemplar que existia no Jardim morreu devido à grande vaga de frio de Inverno de 1890 (HENRIQUES, 1891: 133).

Distribuição/localização no Jardim: Onde? (HENRIQUES, *l.c.*).

2. **Ptychosperma macarthurii** (H. Wendland ex J.G. Veitch) G. Nicholson

= *Kentia macarthurii* H. Wendland ex J.G. Veitch [basion.]

= *Actinophloeus macarthurii* (H. Wendland ex J.G. Veitch) O. Beccari ex Wigman

Fanerófito. Origem: Austrália, Nova Guiné.

Alguns nomes comuns possíveis: Actinofleu, actinofleu de MacArthur, kântia, kântia de MacArthur, palma de MacArthur, palma solitária, palmeira de MacArthur, palmeira solitária, pticosperma, pticosperma de MacArthur.

Endemismo australiano e da Nova Guiné, presente noutras ilhas do Oceano Pacífico e introduzido e naturalizado no condado de Dade, no estado norte-americano da Flórida (ZONA, 2000: 118); Palmeira própria de locais húmidos sobre calcário e áreas de bosque perturbadas, de floração vernal e estival, cujas sementes são dispersas por aves (ZONA, *l.c.*); Palmeira exótica raramente cultivada como ornamental em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, posteriormente a 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. **Ptychosperma sanderianum** Ridley

= *Actinophloeus sanderianus* (Ridley) Burret

= *Kentia sanderiana* (Ridley) Sander

Fanerófito. Origem: Nova Guiné.

Alguns nomes comuns possíveis: Actinofleu, actinofleu de Sander, actinofleu sanderiano, actinofleu sanderino, kântia, kântia de Sander, kântia sanderiana, kântia sanderina, palma de Sander, palma sanderiana, palma sanderina, palmeira de Sander, palmeira sanderiana, palmeira sanderina, pticosperma, pticosperma de Sander, pticosperma sanderiana, pticosperma sanderina.

Endemismo da Nova Guiné (IPNI; THE PLANT-LIST; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES);

Palmeira exótica raramente cultivada como ornamental em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, posteriormente a 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

21. **Raphia** P. Beauvois

1. **Raphia farinifera** (Gaertner) N. Hylander

= *Sagus farinifera* Gaertner [basion.]

Raphia kirkii Engler ex Beccari

Raphia kirkii Engler ex Beccari var. *grandis* Engler ex Beccari

Raphia kirkii Engler ex Beccari var. *longicarpa* Engler ex Beccari

Raphia lyciosa Commerson ex Kunth

Raphia pedunculata P. Beauvois

= *Sagus pedunculata* (P. Beauvois) Poirét

Raphia polymita Commerson ex Kunth

Raphia tamatavensis Sadeb.

Sagus ruffia Jacquin

= *Metroxylon ruffia* (Jacquin) Sprengel

= *Raphia ruffia* (Jacquin) Martius

Fanerófito. Origem: África Tropical e Madagáscar.

Alguns nomes comuns possíveis: Metroxílon, palma, palma de ráfia, palmeira, palmeira de ráfia, ráfia, sago, sagu.

Endemismo da África tropical e de Madagáscar; Palmeira exótica muito raramente cultivada como ornamental em Portugal, actualmente extinta no Jardim; esta palmeira possui as maiores folhas que se conhecem, podendo atingir 19,8 m de comprimento, com 3,96 m de pecíolo (MABBERLEY, 2008: 728; IPNI).

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, posteriormente a 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

22. **Rhapis** L. f. ex Aiton

1. **Rhapis excelsa** (Thunberg) Henry

= *Chamaerops excelsa* Thunberg [basion.]
 = *Trachycarpus excelsus* (Thunberg) Endlicher
Rhapis aspera W.H. Baxter
Rhapis cordata W.H. Baxter
Rhapis divaricata Gagnepain
Rhapis flabelliformis L'Héritier ex Aiton
Rhapis kwamwonzick Siebold ex Rodigas
Rhapis major Blume

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Palmeira, palmeira chinesa, palmeira da china, palmeira da paz, palmeira do Japão, palmeira da paz do Japão, palmeira excelsa, rápis, rápis áspera, rápis cordada, rápis de folhas flabeliformes, rápis em forma de flabelo, rápis flabeliforme, rápis maior, zongzu.

Endemismo da Ásia oriental tropical, da China, Tailândia e Vietnam (FLORA OF CHINA, vol. 23; IPNI); Palmeira exótica tropical anã, rizomatosa, raramente cultivada como ornamental em Portugal, sobretudo como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, posteriormente a 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufa Grande, parte II, subtropical (TAVARES & ALVES, 2002).

23. **Rhopalostylis** H. Wendland & Drude

1. **Rhopalostylis sapida** (Solander ex Forster f.) Endlicher & Drude

= *Areca sapida* Solander ex Forster f. [basion.]
 = *Eora sapida* (Solander ex Forster f.) O.F. Cook
 = *Kentia sapida* (Solander ex Forster f.) Martius
Areca banksii A. Cunningham ex Kunth, nom. inval.
 Fanerófito. Origem: Nova Zelândia.

Alguns nomes comuns possíveis: Areca, eora, kântia, nikau, palmeira nikau, ropalostílis.

Endemismo da Nova Zelândia (WIKIPEDIA); Palmeira acaule durante 40 a 50 anos e madura entre os 150 a 250 anos (MABBERLEY, 2008: 739), raramente cultivada em Portugal, foi muito afectada pela grande vaga de frio de inverno de 1890 (HENRIQUES, 1891: 133).

Distribuição/localização no Jardim: Onde? (HENRIQUES, 1891: 133; ROSA, 2000: Anexo VII).

24. **Roystonea** O.F. Cook

1. **Roystonea regia** (Kunth) O.F. Cook

= *Oreodoxa regia* Kunth (1816) [basion.]
 = *Oenocarpus regius* (Kunth) Sprengel
Euterpe jenmanii C.H. Wright
 = *Roystonea jenmanii* (C.H. Wright) Burret
Euterpe ventricosa C.H. Wright
 = *Roystonea ventricosa* (C.H. Wright) L.H. Bailey
Palma elata W. Bartram (1791), nom. rej. (ZONA, 1994)
 = *Roystonea elata* (W. Bartram) F. Harper, nom. rej.
Roystonea floridana O.F. Cook

Roystonea regia (Kunth) O.F. Cook var. *hondurensis* P.H. Allen

Fanerófito. Origem: América do Norte e Caraíbas.

Alguns nomes comuns possíveis: Enocarpo, enocarpo real, enocarpo régio, euterpe, euterpe ventricosa, oreodoxa, oreodoxa real, oreodoxa régia, palma, palma alongada, palma crioula, palma cubana, palma de Cuba, palma real, palma régia, palmeira alongada, palmeira crioula, palmeira cubana, palmeira de Cuba, palmeira hondurenha, palmeira hondurense, palmeira real, palmeira real cubana, palmeira real de Cuba, palmeira régia, palmeira régia cubana, palmeira régia de Cuba, roistónea, roistónea alongada, roistónea cubana, roistónea da Flórida, roistónea das Honduras, roistónea de Cuba, roistónea floridana, roistónea hondurenha, roistónea hondurense, roistónea real, roistónea régia.

Endemismo da América tropical (da América central e México até à Flórida) e das Índias Ocidentais: Cuba (ZONA, 1994: 662-664; HUXLEY & al., 1999d: 139; MABBERLEY, 2008: 750; IPNI; WIKIPEDIA); Palmeira

exótica tropical inerme, que pode atingir mais de 30 m de altura, raramente cultivada como ornamental em Portugal, por vezes como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, posteriormente a 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

25. *Sabal* Adanson

1. *Sabal mauritiiformis* (H. Karsten) Grisebach & Endlicher

= *Trithrinax mauritiiformis* H. Karsten [basion.]

Sabal allenii L.H. Bailey

Sabal coerulescens auct.

Sabal glaucescens Loddiges ex H.E. Moore

Sabal morrisiana Bartlett ex L.H. Bailey

Sabal nematoclada Burret

Fanerófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Palmeira, palmeira-sabal, sabal, sabal de Allen, sabal de Morris, tritrix. Endemismo da América tropical e das Índias Ocidentais; Palmeira exótica tropical, raramente cultivada como ornamental em Portugal, por vezes como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas; Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Sabal minor* (Jacquin) Persoon

= *Corypha minor* Jacquin [basion.]

Chamaerops acaulis Michaux

= *Rhapis acaulis* (Michaux) Walter ex Willdenow nom. illeg.

Chamaerops glabra Miller

= *Sabal glabra* (Miller) Sargent

Chamaerops lousiana Darby

= *Sabal lousiana* (Darby) Bomhard

Chamaerops sabaloides Baldwin ex Darl.

Corypha pumila Walter

= *Sabal pumila* (Walter) Elliott

Rhapis arundinacea Aiton

= *Chamaerops arundinacea* (Aiton) Smith

Sabal adansonii Guers.

Sabal adansonii Guers. var. *major* hort. ex Beccari

Sabal adiantina Rafinesque

Sabal caroliniana Poirét, nom. inval.

Sabal deeringiana Small

Sabal floribunda Katzenstein

Sabal minima Nuttall

= *Brahea minima* (Nuttall) H. Wendland

= *Sabal serrulata* (Michaux) Schultes fil. var. *minima* (Nuttall) Alph. Wood

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Bráhea, bráhea menor, bráhea mínima, camérops, camérops acaule, camérops glabra, camérops sabalóide, corifa, corifa menor, sabal, sabal caroliniano, sabal da Carolina, sabal de Adanson, sabal floribundo, sabal florido, sabal glabro, sabal maior, sabal menor, sabal mínimo, sabal sabalóide.

Endemismo norte-americano, do SE dos Estados Unidos (HUXLEY & al., 1999d: 155); Árvore ornamental exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, posteriormente a 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Sabal palmetto* (Walter) Loddiges ex Schultes & Schultes f.

= *Corypha palmetto* Walter [basion.]

= *Chamaerops palmetto* (Walter) Michaux

= *Inodes palmetto* (Walter) O.F. Cook

Corypha umbraculifera Jacquin, nom. illeg.

Inodes schwarzii O.F. Cook

= *Sabal schwarzii* (O.F. Cook) Beccari

Sabal blackburniana Schultes & Schultes f.

= *Inodes blackburniana* (Schultes & Schultes f.) O.F. Cook

Sabal blackburnia Glazebrook, nom. inval.

Sabal blackburniana Glazebrook

Sabal jamesiana Small

Sabal palmetto (Walter) Loddiges ex Schultes & Schultes f. var. *bahamensis* Beccari

= *Sabal bahamensis* (Beccari) L.H. Bailey

Sabal parviflora Beccari

Sabal umbraculifera Martius

Sabal viatoris L.H. Bailey

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Corifa, palmeira, palmeira-couve, palmeto, palmeto carolino, palmeto comum, palmeto-couve, palmeto dos pântanos, palmeto vulgar, sabal, sabal americano, sabal cubano, sabal das Bahamas, sabal palmeto.

Endemismo norte-americano, do SE dos Estados Unidos, Bahamas e Cuba (HUXLEY & al., 1999d: 155; Wikipedia); Árvore ornamental exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim, foi muito afectada pela grande vaga de frio de inverno de 1890 (Henriques, 1891: 133).

Distribuição/localização no Jardim: Onde? (HENRIQUES, 1891: 133).

26. *Syagrus* Martius

1. *Syagrus romanzoffiana* (Chamisso) Glassman

= *Cocos romanzoffiana* Chamisso [basion.]

= *Arecastrum romanzoffianum* (Chamisso) Beccari

= *Calappa romanzoffiana* (Chamisso) Kuntze

Fanerófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Arecastro, arecastro de Romanzoff, arecastro romanzofiano, calapa, calapa de Romanzoff, calapa romanzofiana, coco, coco de Romanzoff, coco romanzofiano, coqueiro, coqueiro de Romanzoff, coqueiro romanzofiano, palmeira, palmeira de coco, palmeira de cocos, palmeira de Romanzoff, palmeira romanzofiana, pindo, pindo de Romanzoff, pindo romanzofiano, sago, sago de Romanzoff, sago romanzofiano, siagro, siagro de Romanzoff, siagro romanzofiano.

Endemismo sul-americano, do Brasil e do Nordeste da Argentina (MABBERLEY, 2008: 833), actualmente cultivado em grande parte do mundo (cf. PEI & al., 2010); Palmeira exótica por vezes cultivada como ornamental em Portugal, cuja existência no Jardim é muito antiga, foi pouco afectada pela grande vaga de frio de inverno de 1890 (HENRIQUES, 1891: 133).

Distribuição/localização no Jardim: Jardinetas 1 e 2 e Recanto Tropical Inferior (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Junto às Estufas (2010, Observ.!); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

27. *Trachycarpus* H. Wendland

1. *Trachycarpus fortunei* (Hooker) H. Wendland

= *Chamaerops fortunei* Hooker

Trachycarpus caespitosus Beccari

Trachycarpus excelsus auct.

Trachycarpus wagnerianus Beccari

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Palmeira, palmeira da fortuna, palmeira de Wagner, palmeira excelsa, palmeira wagneriana, traquicarpo, traquicarpo de Fortune, traquicarpo de Wagner, traquicarpo excelso, traquicarpo wagneriano.

Endemismo eurasiático, exclusivo da Ásia oriental: Birmânia, Butão, China, Índia, Nepal e Vietname (PEI & al., 2010: 145; MABBERLEY, 2008: 865); Palmeira exótica por vezes cultivada como ornamental em Portugal; as suas sementes possuem propriedades medicinais, enquanto que as suas fibras têm também alguns usos tradicionais (PEI & al., *l.c.*; MABBERLEY, *l.c.*).

Distribuição/localização no Jardim: Escolas de Sistemática, Escola Médica; Jardinetas 1 e 3; Recanto Tropical, Terraço da Alameda das Tílias (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

26. *Washingtonia* H.A. Wendland [nom. cons.]1. *Washingtonia filifera* (Linden ex André) H.A. Wendland ex de Bary

- = *Pritchardia filifera* Linden ex André [basion.]
- = *Brahea filifera* (Linden ex André) W. Watson
- = *Neowashingtonia filifera* (Linden ex André) Sudworth
- = *Sabal filifera* hort. ex André
- Brahea dulcis* J.G. Cooper, nom. illeg.
- Brahea filamentosa* Kuntze
- Brahea filamentosa* S. Watson
- Pritchardia filamentosa* H. Wendland ex Franceschi
- = *Livistona filamentosa* (H. Wendland ex Franceschi) Pfister
- = *Washingtonia filamentosa* (H. Wendland ex Franceschi) Kuntze
- Washingtonia filifera* (Linden ex André) H.A. Wendland ex de Bary var. *microsperma* Beccari

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Bráhea, bráhea doce, bráhea filamentosa, bráhea filifera, palmeira, palmeira da Califórnia, palmeira de Washington, palmeira filifera, pritchárdia, pritchárdia filifera, washingtonia.

Género bi-específico, assim chamado em homenagem ao grande patriota e primeiro presidente dos Estados Unidos da América George Washington [1732-1799] (HUXLEY & al., 1999d: 687; ZONA, 2000: 105); Endemismo norte-americano, das regiões áridas do SW dos Estados Unidos: Arizona e Califórnia e do México (HUXLEY & al., *l.c.*; MABBERLEY, 2008: 905), talvez já naturalizada no SE de Espanha: província de Valência (GALÁN & CASTROVIEJO, 2007e: 281); Palmeira arbórea exótica por vezes cultivada como ornamental em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Terraço da Alameda das Tílias e Recanto Tropical Inferior (TAVARES & ALVES, 2002); Junto às Estufas (2010, Observ.!).; Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

2. *Washingtonia robusta* H. Wendland

- = *Neowashingtonia robusta* (H. Wendland) A. Heller
- = *Pritchardia robusta* (H. Wendland) Schröter
- = *Washingtonia filifera* (Linden ex André) H.A. Wendland ex de Bary var. *robusta* (H. Wendland) Parish
- Brahea robusta* Voss, nom. inval.
- Washingtonia gracilis* Parish
- = *Washingtonia filifera* (Linden ex André) H.A. Wendland ex de Bary var. *gracilis* (Parish) L.D. Benson
- = *Washingtonia robusta* H. Wendland var. *gracilis* (Parish) Parish ex Beccari
- Washingtonia sonorae* S. Watson
- = *Washingtonia filifera* (Linden ex André) H.A. Wendland ex de Bary var. *sonorae* (S. Watson) M.E. Jones
- = *Neowashingtonia sonorae* (S. Watson) Rose

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Bráhea, bráhea robusta, palmeira, palmeira de Sonora, palmeira de Washington, palmeira do México, palmeira elegante, palmeira grácil, palmeira mexicana, palmeira robusta, pritchárdia, pritchárdia robusta, washingtonia, washingtonia de Sonora, washingtonia do México, washingtonia elegante, washingtonia grácil, washingtonia mexicana, washingtonia robusta.

Género bi-específico; Endemismo exclusivamente norte-americano, das regiões áridas do México, incluindo os estados de Baja California e Sonora, já naturalizada no Sul e Oriente da Espanha (províncias de Sevilha e Tarragona), de floração outonal (HUXLEY & al., 1999d: 687; GALÁN & CASTROVIEJO, 2007e: 279-281; MABBERLEY, 2008: 905; IPNI); Palmeira arbórea exótica, que pode atingir grandes dimensões (pode atingir mais de 25 m de altura), cujos frutos são considerados comestíveis (MABBERLEY, *l.c.*), por vezes cultivada como ornamental em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escolas de Sistemática e Recanto Tropical (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

C. ASPARAGACEAE [194 sp.]

[Syn.: *Agavaceae*, *Anemarrhenaceae*, *Anthericaceae*, *Aphyllanthaceae*, *Aspidistraceae*, *Behniaceae*, *Chlorogalaceae*, *Convallariaceae*, *Dracaenaceae*, *Eriospermaceae*, *Eustrephaceae*, *Herreriaceae*, *Hesperocallidaceae*, *Hostaceae*, *Hyacinthaceae*, *Lachenaliaceae*, *Laxmanniaceae*, *Lomandraceae*, *Nolinaceae*, *Ophiopogonaceae*, *Ornithogalaceae*, *Peliosanthaceae*, *Polygonataceae*, *Ruscaceae*, *Sansevieriaceae*, *Scillaceae*, *Themidaceae*, *Tupistraceae*, *Yuccaceae*]²⁵⁶

1. Agave L.

1. Agave americana L. subsp. americana

Agave altissima Zumagl.
Agave americana L. var. *marginata* Trelease
Agave americana L. var. *mediopicta* Trelease
Agave americana L. var. *striata* Trelease
Agave americana L. var. *variegata* Hooker
Agave americana L. f. *virginica* Voss
Agave communis Gatereau
Agave complicata Trelease ex Ochot.
Agave cordillerensis Lodé & Pino
Agave felina Trelease
Agave fuerstenbergii Jacobi
Agave ingens A. Berger
Agave melliflua Trelease
Agave milleri Haworth
Agave ornata Jacobi
Agave picta Salm-Dyck
= *Agave americana* L. var. *picta* (Salm-Dyck) A. Terracciano
= *Agave americana* L. f. *picta* (Salm-Dyck) A. Terracciano
Agave ramosa Moench, nom. illeg.
Agave rasconensis Trelease
Agave salmiana var. *gracilispina* Rol.-Goss.
= *Agave gracilispina* (Rol.-Goss.) Elgelmann ex Trelease
Agave subtilis Trelease
= *Agave americana* L. var. *subtilis* (Trelease) Valenz.-Zap. & Nabhan
Agave subzonata Trelease
Agave theometel Zuccagni
= *Agave americana* L. var. *theometel* (Zuccagni) A. Terracciano
Agave variegata Steudel, nom. inval.
Agave virginica Miller, nom. illeg.
Agave zonata Trelease

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Agave, agave altíssimo, agave alto, americano, agave complicado, agave comum, agave da cordilheira, agave da montanha, agave da Virgínia, agave de Fuerstenberg, agave de gato, agave de Miller, agave do México, agave felino, agave mexicano, agave ornado, agave ornamentado, agave pintado, agave ramificado, agave ramoso, agave subtil, agave vulgar, agave zonado, cacto da praia, piteira, piteira alta, piteira altíssima, piteira complicada, piteira comum, piteira da cordilheira, piteira da montanha, piteira da praia, piteira da Virgínia, piteira de Fuerstenberg, piteira de gato, piteira de Miller, piteira felina, piteira ornada, piteira ornamentada, piteira pintada, piteira ramificada, piteira ramosa, piteira subtil, piteira virgínica, piteira virginiana, piteira vulgar, piteira zonada.

Endemismo norte-americano, do México oriental, polinizada por morcegos, largamente naturalizado nas zonas costeiras da Região Mediterrânica (WEBB, 1980k: 74; COUPER & CULLEN, 1986: 280-281; HUXLEY & al., 1999a: 84; ROSA, 2000: 71); Piteira muito cultivada como ornamental e já naturalizada em Portugal continental (SMITH & FIGUEIREDO, 2007).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII); Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII); Em vaso, junto à entrada da Mata (II.2010, Observ.!).

²⁵⁶ De acordo com REVEAL & CHASE (2011: 79).

2. **Agave americana** L. "**Marginata**"

Hemicriptófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Agave, agave marginado, cacto da praia, pita, piteira, piteira marginada.

Piteira de origem hortícola, por vezes cultivada como ornamental e já naturalizada no SE de Portugal continental: Algarve (SMITH & FIGUEIREDO, 2007).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Jardimeta 1 (TAVARES & ALVES, 2002).

3. **Agave americana** L. "**Medio-picta**"

Hemicriptófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Agave, cacto da praia, pita, piteira, piteira bovina, piteira de boi.

Piteira de origem hortícola, por vezes cultivada como ornamental em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Jardimeta 2 (TAVARES & ALVES, 2002).

4. **Agave atrovirens** Karwinsky ex Salm-Dyck

Agave coccinea auct.

Agave latissima Jacobi

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Agave, cacto da praia, piteira.

Endemismo norte-americano, do México (COUPER & CULLEN, 1986: 281; HUXLEY & al., 1999a: 84);

Piteira por vezes cultivada como ornamental em Portugal e já subespontânea na E e no Ag, em sebes, valados, taludes e sítios pedregosos áridos, mas preferencialmente em solos calcários, assinalada desde 1975, mas provavelmente introduzida no final do século XIX (FRANCO, 1981: 1397-1399; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: 105).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. **Agave attenuata** Salm-Dyck

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Agave, cacto da praia, piteira.

Endemismo norte-americano, do México (COUPER & CULLEN, 1986: 279; HUXLEY & al., 1999a: 84);

Piteira por vezes cultivada como ornamental em Portugal, com propriedades medicinais anti-rábricas (ROSA, 2000: 72).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

6. **Agave beauleriana** Jacobi

Agave franzosinii P. Sewell

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Agave, cacto da praia, pita, piteira.

Endemismo norte-americano, do México (COUPER & CULLEN, 1986: 281; HUXLEY & al., 1999a: 85; IPNI);

Piteira por vezes cultivada como ornamental em Portugal, actualmente extinta no Jardim (ROSA, 2000).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (Rosa, 2000: Anexo VII).

7. **Agave boscii** (Hornem.) ined.

= *Yucca boscii* Hornem. [basion.]

= *Dracaena boscii* (Hornem.) Zeyh.

Agave angustissima Engelman

Agave geminiflora (Tagl.) Ker-Gawler var. *filamentosa* Hooker

Agave geminiflora (Tagl.) Ker-Gawler var. *filifera* A. Terracciano

Bonaparteia flagelliformis Henckel

Bonaparteia juncea Haworth

Dracaena filamentosa Scan. ex Schultes & Schultes f.

Littaea geminiflora Tagl.

= *Agave geminiflora* (Tagl.) Ker-Gawler

Littaea juncea E. Morren

Tillandsia juncea Willdenow ex Steudel, nom. inval.

Hemicriptófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Agave, agave de Bosc, agave de flores gémeas, bonapártea, bonapártea júncea, bonapártea juncóide, bonapártea juncosa, cacto da praia, dracena, dracena de Bosc, iúca, iúca de Bosc, liteia, liteia de flores gémeas, liteia júncea, liteia juncóide, liteia juncosa, piteira, piteira de Bosc.

Endemismo americano (MABBERLEY, 2008: 20; THE PLANT LIST); Piteira raramente cultivada como ornamental em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

8. **Agave bovicornuta** Gentry

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Agave, cacto da praia, agave corno de boi, corno de boi, piteira, piteira corno de boi.

Endemismo norte-americano, do México (HUXLEY & al., 1999a: 84); Piteira por vezes cultivada como ornamental em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (IX.2011, Observ.!); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

9. **Agave bracteosa** S. Watson ex Engelmann

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Agave, cacto da praia, agave-aranha, piteira, piteira-aranha.

Endemismo norte-americano, do NE do México, onde se encontra apenas numa pequena região do norte da Sierra Madre Oriental, em penhascos e taludes rochosos, a altitudes entre os 900 e os 1700 m (HUXLEY, 1999: 84-85; ROSA, 2000: 72; WIKIPEDIA); Piteira por vezes cultivada como ornamental em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

10. **Agave cantala** (Haworth) Roxburgh ex Salm-Dyck

= *Furcraea cantala* Haworth [basion.]

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Agave, agave da Índia, agave da Indonésia, agave das Filipinas, agave de Bombaím, agave filipino, aloé, aloé de Bombaím, cantala, furcreia, furcreia de Bombaím, maguey, maguey da Índia, maguey da Indonésia, maguey das Filipinas, maguey de Bombaím, maguey filipino, piteira, piteira da Índia, piteira da Indonésia, piteira das Filipinas, piteira de Bombaím, piteira filipina.

Endemismo norte-americano, da América tropical, provavelmente originário do México, muito cultivado na Ásia tropical (Índia, Indonésia, Ilhas Filipinas) por razões económicas: para a produção de fibras (HUXLEY & al., 1999a: 85; MABBERLEY, 2008: 20; WIKIPEDIA); Piteira por vezes cultivada como ornamental em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

11. **Agave ferox** Koch

= *Agave salmiana* Otto ex Salm-Dyck var. *ferox* (Koch) A.H. Gentry

Alguns nomes comuns possíveis: Agave, agave feroz, piteira, piteira feroz.

Endemismo norte-americano, originário do México (COUPER & CULLEN, 1986: 282; HUXLEY & al., 1999a: 85); Piteira, cuja iflorescência paniculada pode atingir 10 m (HUXLEY & al., l.c.), por vezes cultivada como ornamental e já naturalizada no SE de Portugal continental: Algarve (SMITH & FIGUEIREDO, 2007).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII); Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII)

12. **Agave filifera** Salm-Dyck

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Agave, agave dos fios, agave filífero, cacto da praia, piteira, piteira dos fios, piteira filífera.

Endemismo norte-americano, provavelmente originário do Este do México (COUPER & CULLEN, 1986: 279; HUXLEY & al., 1999a: 85; ROSA, 2000: 72); Piteira por vezes cultivada como ornamental em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

13. **Agave franzosinii** Baker

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Agave, agave do México, agave mexicano, piteira, piteira do México, piteira mexicana.

Endemismo norte-americano, do México (COUPER & CULLEN, 1986: 279; HUXLEY & al., 1999a: 85); Piteira por vezes cultivada como ornamental em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII); Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

14. **Agave horrida** Lemaire ex Jacobi

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Agave, agave de Morelos, agave do México, agave espinescente, agave espinhoso, agave hórrido, agave mexicano, agave morelano, piteira, piteira de Morelos, piteira do México, piteira espinescente, piteira espinhosa, piteira hórrida, piteira mexicana, piteira morelana.

Endemismo norte-americano, do México: Morelos; planta estritamente monocárpica, que morre logo após a floração e frutificação e só se reproduz por sementes (COUPER & CULLEN, 1986: 279; HUXLEY & al., 1999a: 86); Piteira por vezes cultivada como ornamental em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

15. **Agave polyacantha** Haworth

Agave brauniana Jacobi

= *Agave chloracantha* Salm-Dyck var. *brauniana* (Jacobi) A. Terracciano

Agave chloracantha Salm-Dyck

Agave engelmannii Trelease

Agave flaccifolia A. Berger

Agave muilmannii Jacobi

Agave uncinata Jacobi

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Agave, agave de Braun, agave de Engelmann, agave de espinhos verdes, agave de Muilmann, agave de muitos espinhos, agave muito espinhoso, agave poliacanto, piteira, piteira de Braun, piteira de Engelmann, piteira de espinhos verdes, piteira de Muilmann, piteira de muitos espinhos, piteira muito espinhosa, piteira poliacanta.

Endemismo norte-americano, originário do E do México (COUPER & CULLEN, 1986: 280; HUXLEY & al., 1999a: 87; IPNI); Piteira por vezes cultivada como ornamental em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

16. **Agave salmiana** Salm-Dyck

= *Agave atrovirens* Karwinsky ex Salm-Dyck var. *salmiana* (Salm-Dyck) Trelease

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Agave, agave de Salm, agave de Salm-Dyck, piteira, piteira de Salm, piteira de Salm-Dyck.

Endemismo norte-americano, originário do México central (COUPER & CULLEN, 1986: 282; HUXLEY & al., 1999a: 87); Piteira por vezes cultivada como ornamental e já naturalizada no SE de Portugal continental: Algarve (SMITH & FIGUEIREDO, 2007), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

17. **Agave sisalana** Perrine

= *Agave rigida* Miller var. *sisalana* (Perrine) Engelmann

Agave amaniensis Trelease & Nowell

Agave rigida Miller var. *sisalana* Baker

Agave segurae D. Guillot & P. van der Meer

Agave sisalana Perrine var. *armata* Trelease

= *Agave sisalana* Perrine f. *armata* (Trelease) Trelease

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Agave, agave amaniense, agave armado, agave de Segura, agave espinescente, agave espinhoso, agave rígido, agave sisal, agave sisalano, piteira, piteira amaniense, piteira

armada, piteira de Segura, piteira espinescente, piteira espinhosa, piteira rígida, piteira sisal, piteira sisalana.

Endemismo norte-americano, do E do México, muito cultivado para a obtenção de fibras (sisal) em diversas partes do Mundo: Brasil (actualmente o Brasil é o maior produtor mundial de sisal, contribuindo o estado da Bahia com cerca de 90 % do total da produção brasileira!), Florida (desde 1836), Madagáscar, Tanzânia (desde 1893), etc. (COUPER & CULLEN, 1986: 282; HUXLEY & al., 1999a: 87; MABBERLEY, 2008: 20; WIKIPEDIA); Piteira por vezes cultivada como ornamental em Portugal, actualmente talvez extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII); Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

18. *Agave victoriae-reginae* T. Moore

Agave ferdinandii-regis A. Berger

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Agave, agave da rainha Victoria, agave do rei Fernando, agave fernandiano, agave fernandino, agave victoriano, piteira, piteira da rainha Victoria, piteira do rei Fernando, piteira fernandiana, piteira fernandina, piteira victoriana.

Endemismo norte-americano, do México (COUPER & CULLEN, 1986: 280; HUXLEY & al., 1999a: 88; IPNI); Piteira por vezes cultivada como ornamental em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

19. *Agave vivipara* L. var. *vivipara*

= *Aloe vivipara* (L.) Crantz

Agave aboriginum Trel.

Agave angustifolia Haworth, nom. illeg.

Agave angustifolia Haworth var. *marginata* Gentry, nom. inval.

Agave angustifolia Haworth var. *marginata* Trelease

Agave angustifolia Haworth var. *variegata* Trelease

Agave bergeri Trel. ex A. Berger, nom. inval.

Agave bromeliifolia Salm-Dyck

= *Agave vivipara* L. var. *Brownomeliifolia* (Salm-Dyck) A. Terracciano

Agave costaricana Gentry

Agave cuspidata Baker

Agave deweyana Trel.

= var. *deweyana* (Trel.) Gentry

Agave donnell-smithii Trel.

Agave elongata Jacobi

Agave endlichiana Trel.

Agave excelsa Jacobi

Agave flaccida Haworth

Agave flavovirens Jacobi

Agave houlletii Jacobi

Agave ixtlii Karw. ex Salm-Dyck

Agave ixtlioides Hooker f.

Agave jacquiniana Schultes & Schultes f.

= *Agave lurida* Jacquin var. *jacquiniana* (Schultes & Schultes f.) Ker Gawler ex Hemsley

Agave kirchneriana A. Berger

Agave lespinassei Trel.

Agave letonae Taylor ex Trel.

= *Agave angustifolia* Haworth var. *letonae* (Taylor ex Trel.) Gentry

Agave lurida Jacquin

Agave nivea Trelease

= *Agave angustifolia* var. *nivea* (Trel.) Gentry

Agave owenii I.M. Johnston

Agave pacifica Trelease

Agave panamana Trel.

Agave prainiana A. Berger

Agave prolifera Schott ex Standley

Agave punctata Kunth

Agave rigida Miller
 = *Furcraea rigida* (Miller)
Agave rigida Miller var. *longifolia* Engelm.
Agave rubescens Salm-Dyck
Agave serrulata Karw.
Agave sicifolia Trel.
Agave theoxmuliana Karw. ex M. Roemer
Agave wightii J.R. Drumm. & Prain
Agave yaquiana Trelease
Agave yxtlii Karw. ex G. Don
Agave zapupe Trelease

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Agave, agave alongado, agave avermelhado, agave costarricano, agave cuspidado, agave da Costa Rica, agave de Berger, agave de Dewey, agave de Houillet, agave de Jacquin, agave de Kirchner, agave de Lespinasse, agave de neve, agave de Owen, agave de Prain, agave de Wight, agave do Panamá, agave excelso, agave flácido, agave longo, agave marginado, agave níveo, agave pacífico, agave panamiano, agave ponteadado, agave pontilhado, agave pontuado, agave prainiano, agave prolífero, agave serrulado, agave verde-amarelo, agave vivíparo, agave zapupe, cacto da praia, furcreia, furcreia rígida, piteira, piteira avermelhada, piteira de neve, piteira nívea, piteira-zapupe, zapupe.

Endemismo norte-americano, do México (IPNI; WIKIPEDIA); Piteira por vezes cultivada como ornamental em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (HENRIQUES, 1899: 227; ROSA, 2000: Anexo VII); Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

20. *Agave* sp.

Hemicriptófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Agave, cacto da praia, piteira.

Endemismo americano (MABBERLEY, 2008: 20); Piteira por vezes cultivada como ornamental em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical e parte II, subtropical (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Albuca* L.

1. *Albuca abyssinica* Jacquin

= *Asphodelus abyssinicus* (Jacquin) Schultes & Schultes fil.

= *Pallastema abyssinica* (Jacquin) Salisbury, nom. inval.

Albuca abyssinica Welwitsch ex Baker

Albuca allenae Baker

Albuca angolensis Welwitsch

Albuca asclepiadea Chiovenda

Albuca bainesii Baker

Albuca beguinotii Cufodontis

Albuca blepharophylla Cufodontis

Albuca capitata Gilli

Albuca chaetopoda Chiovenda

Albuca elastica Salisbury

Albuca elwesii Regel

Albuca erlangeriana Engler

Albuca fibrillosa De Willdenow

Albuca fischeri Engler

Albuca fleckii Schinz

= *Ornithogalum fleckii* (Schinz) J.C. Manning & Goldblatt

Albuca hysteraantha Chiovenda

Albuca lugardii Baker

Albuca nemorosa Chiovenda

Albuca praecox Engler & K. Krause

Albuca purpurascens Engler

Albuca tayloriana Rendle

Albuca wakefieldii Baker

Asphodelus africanus Lamarck
Ornithogalum melleri Baker
 = *Albuca melleri* (Baker) Baker
Ornithogalum monteiroi Baker
Scilla petitiana A. Richard
 = *Urginea petitiana* (A. Richard) Solms
Scilla quartiniana A. Richard
 = *Ornithogalum quartinianum* (A. Richard) Lanza
 = *Urginea quartiniana* (A. Richard) Solms
Urginea acinacifolia Schinz
Urginea beccarii Baker
 Geófito. Origem: África tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Albuca, albuca abissínica, albuca angolana, albuca angolense, albuca de Allena, albuca de Angola, albuca de Baines, albuca áurea, albuca cabeçuda, albuca capitada, albuca da Abissínia, albuca da Etiópia, albuca angolana, albuca de Béguinot, albuca de Elwes, albuca de Erlanger, albuca de Fischer, albuca de Fleck, albuca de Lugard, albuca de Meller, albuca de Taylor, albuca de Wakefield, albuca dos pântanos, albuca dos paúis, albuca elástica, albuca nemorosa, albuca precoce, asfódelo, asfódelo abissínico, asfódelo africano, asfódelo da Abissínia, asfódelo da Etiópia, asfódelo etíope, asfódelo etiópico, cila, cila de Petit, ornitógalo, ornitógalo de Fleck, ornitógalo de Meller, ornitógalo de Monteiro, ornitógalo de Quartin, ornitógalo dourado, palastema, palastema abissínica, palastema da Abissínia, palastema da Etiópia, palastema etíope, palastema etiópica, urgínea, urgínea de Beccari, urgínea de Petit, urgínea de Quartin.

Endemismo africano, da África tropical (FLORA OF ZIMBABWE); Planta ornamental perene bulbosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Albuca aurea* Jacquin

Ornithogalum auratum J.C. Manning & Goldblatt
 Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Albuca, albuca áurea, albuca de ouro, albuca dourada, ornitógalo, ornitógalo áureo, ornitógalo de ouro, ornitógalo dourado.

Endemismo sul-africano, da África do Sul (HUXLEY & al., 1999a: 100); Planta ornamental perene bulbosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Albuca canadensis* (L.) F.M. Leighton

= *Ornithogalum canadense* L. [basion.]

Albuca alba Lamarck

Albuca altissima Dryander

Albuca coarctata Dryander

Albuca cornuta DC.

Albuca elata Salisbury

Albuca lutea Lamarck

Albuca major L., nom. illeg.

Albuca maxima Burmann fil.

= *Ornithogalum maximum* (Burmann fil.) J.C. Manning & Goldblatt

Albuca minor L.

Albuca sordida Salisbury

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Albuca, albuca amarela, albuca canadense, albuca do Canadá, albuca lútea, albuca maior, albuca máxima, albuca menor, albuca sórdida, ornitógalo, ornitógalo africano, ornitógalo maior, ornitógalo máximo.

Endemismo sul-africano, da África do Sul (HUXLEY & al., 1999a: 100); Planta ornamental perene, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

4. **Albuca cooperi** Baker

= *Ornithogalum cooperi* (Baker) J.C. Manning & Goldblatt

Albuca flaccida Baker, nom. illeg.

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Albuca, albuca de Cooper, albuca flácida, ornitógalo, ornitógalo africano, ornitógalo de Cooper.

Endemismo sul-africano, da África do Sul (HUXLEY & al., 1999a: 100); Planta ornamental perene, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. **Albuca fastigiata** Dryander

= *Falconera fastigiata* (Dryander) Salisb., nom. inval.

= *Nemaulax fastigiata* (Dryander) Rafinesque

= *Ornithogalum fastigiatum* (Dryander) J.C. Manning & Goldblatt

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Albuca, erva dos falcões, erva-falcão, falcoeira, falconera, nemáulax, ornitógalo.

Endemismo sul-africano, da África Austral (IPNI); Planta ornamental perene bolbosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

6. **Albuca virens** (Lindley) J.C. Manning & Goldblatt

= *Ornithogalum virens* Lindley [basion.]

= *Stellarioides virens* (Lindley) Speta

= *Tomoxis virens* (Lindley) Rafinesque

Albuca angustibracteata De Wildeman

Albuca longibracteata Engler

Ornithogalum aciphyllum Baker

= *Stellarioides aciphylla* (Baker) Speta

Ornithogalum acuminatum Baker, nom. illeg.

Ornithogalum albovirens Baker

= *Stellarioides albovirens* (Baker) Speta

Ornithogalum bosniacum Beck

Ornithogalum breviscapum F.M. Leighton

Ornithogalum cepifolium Baker

= *Stellarioides cepifolium* (Baker) Speta

= *Urginea cepifolia* (Baker) Welwitsch ex Rendle

Ornithogalum chloranthum Beck

Ornithogalum ecklonii Fischer & C.A. Meyer

= *Stellarioides ecklonii* (Fischer & C.A. Meyer) Speta, nom. inval.

Ornithogalum ecklonii Schlechtendal, nom. illeg.

Ornithogalum flavovirens Baker

= *Stellarioides flavovirens* (Baker) Speta

= *Urginea flavovirens* (Baker) Weim.

Ornithogalum galpinii Baker, nom. illeg.

Ornithogalum inconspicuum Baker

= *Stellarioides inconspicua* (Baker) Speta

Ornithogalum longivaginum N.E. Brown

= *Stellarioides longivaginata* (N.E. Brown) Speta

Ornithogalum otavense K. Krause

= *Stellarioides otavensis* (K. Krause) Speta

Ornithogalum pretoriense Baker

= *Stellarioides pretoriensis* (Baker) Speta

Ornithogalum saltmarshei Baker

= *Stellarioides saltmarshei* (Baker) Speta

Ornithogalum sordidum Baker

= *Albuca virens* (Lindley) J.C. Manning & Goldblatt subsp. *sordida* (Baker) J.C. Manning & Goldblatt

= *Ornithogalum tenuifolium* F. Delaroché subsp. *sordidum* (Baker) Stedje

= *Stellarioides sordida* (Baker) Speta
Ornithogalum subspicatum Baker
 = *Stellarioides subspicata* (Baker) Speta
Ornithogalum tenuifolium F. Delaroche
 = *Stellarioides tenuifolia* (F. Delaroche) Speta
Ornithogalum tenuifolium F. Delaroche subsp. *robustum* Stedje
 = *Albuca virens* (Lindley) J.C. Manning & Goldblatt subsp. *robusta* (Stedje) J.C. Manning & Goldblatt
 = *Stellarioides robusta* (Stedje) Speta
Ornithogalum umgenense Baker
 = *Stellarioides umgenensis* (Baker) Speta
Ornithogalum viruduliflorum von Poellnitz
 = *Stellarioides viruduliflora* (von Poellnitz) Speta
Stellarioides acuminata Speta
Stellarioides bakeri Martínez-Azorín, M.B. Crespo & Juan
Urginea bakeri Chiovenda
Urginea tayloriana Rendle
 Geófito. Origem: África tropical e do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Albuca, albuca de brácteas estreitas, albuca de brácteas longas, albuca esverdeada, albuca verde, estelarióide, estelarióide acuminada, estelarióide, estelarióide acuminada, ornitógalo, ornitógalo acuminado, ornitógalo amarelo-esverdeado, ornitógalo bosniaco, ornitógalo bósnico, ornitógalo bósnio, ornitógalo branco-esverdeado, ornitógalo cloranto, ornitógalo de Ecklon, ornitógalo de escapo breve, ornitógalo da Bósnia, ornitógalo de escapo curto, ornitógalo de flores verdes, ornitógalo de folhas aceboladas, ornitógalo de folhas cebolinas, ornitógalo de folhas cebolosas, ornitógalo de folhas de cebola, ornitógalo de Pretória, ornitógalo discreto, ornitógalo eckloniano, ornitógalo ecklónico, ornitógalo esverdeado, ornitógalo galpiniano, ornitógalo galpínico, ornitógalo inconspícuo, ornitógalo prasinanto, ornitógalo pretoriense, ornitógalo sórdido, ornitógalo verde, ornitógalo verde amarelado, ornitógalo verde esbranquiçado, ornitógalo virente, ornitógalo viridifloro, stelarióide, stelarióide acuminada, stelarióide, stelarióide acuminada, tomóxis, tomóxis de flores esverdeadas, tomóxis de flores verdes, tomóxis esverdeada, tomóxis verde, urgínea, urgínea amarelo-esverdeada, urgínea bakeriana, urgínea bakerina, urgínea cepifila, urgínea cepifólia, urgínea de Baker, urgínea de folhas aceboladas, urgínea de folhas cebolinas, urgínea de folhas cebolosas, urgínea de folhas de cebola, urgínea de Taylor, urgínea tayloriana, urgínea taylorina.

Endemismo africano, da África oriental tropical e do Sul, distribuído desde a Eritreia até à África do Sul (GRIN; IPNI; THE PLANT-LIST; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2014); Planta ornamental perene bulbosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII); Colecção de *Ornithogalum* L. do Jardim Botânico de Coimbra (BARROS NEVES, 1962: 153).

3. *Anthericum* L.

1. *Anthericum liliago* L.

= *Phalangites liliago* (L.) Bubani
 = *Phalangium liliago* (L.) Schreber
Anthericum amoenum Salisbury
Anthericum intermedium Willkomm, nom. inval.
Anthericum macrocarpum Boros
Anthericum non-ramosum Gilibert, des. inval.
Liliago vulgaris C. Presl
Ornithogalum gramineum Lamarck, nom. illeg.
Phalangium acuminatum Dulac
Phalangium liliaceum St.-Lag.
 Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Antérico, antérico branco, antérico liliago, falângio, falangites, liliago, liliago comum, liliago vulgar.

Endemismo eurasiático, de distribuição predominantemente europeia e mediterrânica (MATTHEWS, 1984: 97); Planta ornamental perene rizomatosa, espontânea e muito rara em Portugal (AGUIAR & al., 2014c).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. **Anthericum ramosum** L.

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Antérico, antérico ramoso.

Endemismo eurasiático, da Europa e da Anatólia, de distribuição predominantemente euro-siberiana (MATTHEWS, 1984: 97-98; MATTHEWS, 1986b: 131); Planta ornamental perene rizomatosa, espontânea e muito rara em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. **Asparagus** Tournefort ex L.

1. **Asparagus albus** L.

Fanerófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alegria-campo, aspárago, espargão, espargueira, espargueira de gato, espargo, espargo amargo, espargo bravo, espargo de gato, espargo selvagem, espargo silvestre, esparregueira, estrepes.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental e central, próprio de matos, matagais e sebes em zonas áridas e quentes, com substrato rochoso ou arenoso, indiferente ao substrato (VALDÉS, 1980: 72; CULLEN, 1986g: 262; HUXLEY & al., 1999a: 256; PEDROL, 2013a; PEDROL, 2013b: 113-114); Planta ornamental perene arbustiva ou subarbustiva rizomatosa, espontânea e raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Asparagus arborescens** Willdenow ex Schultes & Schultes fil.

= *Asparagopsis arborescens* (Willdenow ex Schultes & Schultes fil.) Kunth

Asparagus equisetifolius Webb & Berthelot

Asparagus retrofractus C. Smith ex Webb & Berthelot

Fanerófito. Origem: Macaronésia.

Alguns nomes comuns possíveis: Alegria-campo, aspárago, aspárago arbóreo, aspárago arbustivo, aspárago canariense, aspárago das Canárias, aspárago de Tenerife, asparagópsis, asparagópsis arbórea, asparagópsis arbustiva, asparagópsis das Canárias, asparagópsis de Tenerife, espargão, espargão das Canárias, espargão de Tenerife, espargueira, espargueira arbórea, espargueira arbustiva, espargueira canariense, espargueira das Canárias, espargueira de Tenerife, espargo, espargo arbóreo, espargo arbustivo, espargo das Canárias, espargo de Tenerife, esparregueira, esparregueira arbórea, esparregueira arbustiva, esparregueira canariense, esparregueira das Canárias, esparregueira de Tenerife, estrepes.

Endemismo da Região Macaronésica: Arquipélago das Ilhas Canárias: Tenerife (IPNI); Planta ornamental perene arbustiva ou subarbustiva rizomatosa, espontânea e raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. **Asparagus asparagoides** (L.) Druce

= *Medeola asparagoides* L. [basion.]

= *Asparagus asparagoides* (L.) W. Wight

= *Elide asparagoides* (L.) Kerguelen

= *Myrsiphyllum asparagoides* (L.) Willdenow

Asparagus kuisibensis Dinter

Dracaena medeoloides L. fil.

= *Asparagus medeoloides* (L. fil.) Thunberg

Elachanthera sewelliae F. Mueller

= *Luzuriaga sewelliae* (F. Mueller) K. Krause

Medeola angustifolia Miller

= *Asparagus medeoloides* (L. fil.) Thunberg var. *angustifolius* (Miller) Baker

= *Myrsiphyllum angustifolium* (Miller) Willdenow

Medeola latifolia Salisbury

Myrsiphyllum falciforme Kunth

= *Asparagus medeoloides* (L. fil.) Thunberg var. *falciformis* (Kunth) Baker

Ruscus volubilis Thunberg

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Alegria-campo, aspárago, aspárago medeolóide, dracena, dracena medeolóide, elide, elide asparagóide, elacatera, espargo, luzuriaga, medéola, medéola angustifolia, medéola asparagóide, medéola de folhas estreitas, medéola de folhas largas, medéola latifolia, mirsífalo, mirsífalo asparagóide, rusco, rusco trepador, rusco volúvel.

Endemismo sul-africano, da Província do Cabo (CULLEN, 1986g: 263; HUXLEY & al., 1999a: 256); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, raramente cultivada e muito raramente subespontânea em Portugal, nos arredores de Lisboa, assim como na Sicília e nalgumas ilhas do Arquipélago dos Açores (COUTINHO, 1898: 55, 1898; VALDÉS, 1980: 72; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: 98-99; PEDROL, 2013a; PEDROL, 2013b: 113), esta espécie terá sido introduzida na Europa no início do século XVIII (FERNANDES, 1990: 34).

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. *Asparagus crispus* Lamarck

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aspárago, aspárago crespo, aspárago sul-africano, espargo, espargo crespo.

Endemismo sul-africano, da Província do Cabo (CULLEN, 1986g: 262; HUXLEY & al., 1999a: 256); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. *Asparagus densiflorus* (Kunth) Jessop

= *Asparagopsis densiflora* Kunth [basion.]

= *Asparagus sarmentosus* L. var. *densiflorus* (Kunth) Baker

= *Protasparagus densiflorus* (Kunth) Oberm.

Asparagus myriocladus Baker

Asparagus sarmentosus L. var. *comatus* Baker

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aspárago, aspárago densifloro, aspárago sul-africano, asparagópsis, espargo, espargo de mil ramos, espargo densifloro, espargo em escova, espargo sul-africano, protaspárago.

Endemismo sul-africano, de floração estival (CULLEN, 1986g: 263; HUXLEY & al., 1999a: 256); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000); Jardimeta 1 e Estufa Fria (TAVARES & ALVES, 2002).

6. *Asparagus densiflorus* (Kunth) Jessop 'Myers'

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Aspárago, asparagópsis, espargo, espargo de mil ramos, espargo em escova, protaspárago.

Planta ornamental perene de origem hortícola, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000); Jardimeta 1 (TAVARES & ALVES, 2002).

7. *Asparagus falcatus* L.

= *Protasparagus falcatus* (L.) Obermeyer

Asparagus aethiopicus L. var. *ternifolius* Baker

= *Asparagus falcatus* L. var. *ternifolius* (Baker) Jessop

Geófito. Origem: África tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Aspárago, aspárago em foice, aspárago falcado, aspárago falciforme, aspárago-foice, espargo, espargo em foice, espargo falcado, espargo falciforme, espargo-foice, protaspárago, protaspárago em foice, protaspárago falcado, protaspárago falciforme, protaspárago-foice.

Endemismo sul-africano, da África oriental e de Ceilão, de floração estival (CULLEN, 1986g: 263; HUXLEY & al., 1999a: 256; IPNI; WIKIPEDIA); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000), Estufa Fria e Jardimeta 1 (TAVARES & ALVES, 2002).

8. *Asparagus maritimus* (L.) Miller

= *Asparagus officinalis* L. var. *maritimus* L. [basion.]

Asparagus amarus DC.

Asparagus levinae Klokov

Asparagus marinus Clusius ex Reichenbach

Asparagus scaber Brign.

Asparagus tauscheri Fischer ex Ledebour

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Aspárago, aspárago amargo, aspárago costeiro, aspárago da costa, aspárago de Tauscher, aspárago do litoral, aspárago do mar, aspárago escabro, aspárago mediterrânico, aspárago litoral, aspárago marinho, aspárago marítimo, espargo, espargo amargo, espargo costeiro, espargo da costa, espargo de Tauscher, espargo do litoral, espargo do mar, espargo escabro, espargo mediterrânico, espargo litoral, espargo marítimo.

Endemismo da Região Mediterrânica, exclusivamente europeu e norte-africano, distribuído ao longo da Bacia do Mediterrâneo, de Marrocos até ao Mar Negro (VALDÉS, 1980: 73; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010; PEDROL, 2013); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, espontânea em Espanha, onde ocorre no SW, na província de Múrcia (PEDROL, *l.c.*), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

9. *Asparagus officinalis* L. subsp. *officinalis*

Asparagus caspius Hohenacker

Asparagus polyphyllus Steven

Asparagus officinalis L. var. *strictus* Boissier

Asparagus tenuifolius auct. iber., non Lamarck

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Aspárago, aspárago cáspico, aspárago das boticas, aspárago de folhas tênues, aspárago de muitas folhas, aspárago do Cáspio, aspárago dos boticários, aspárago estricto, aspárago oficial, espargo, espargo cáspico, espargo das boticas, espargo de folhas tênues, espargo de muitas folhas, espargo do Cáspio, espargo dos boticários, espargo estricto, espargo oficial.

Endemismo eurasiático e norte-africano (DAVIS, 1984b: 74; HUXLEY & al., 1999a: 256), da Europa, Cáucaso e Sibéria (IPNI) e Norte de África, muito variável e localmente cultivado como vegetal (VALDÉS, 1980: 73; DAVIS, *l.c.*; HUXLEY & al., *l.c.*); Planta ornamental, alimentar e medicinal, perene rizomatosa exótica, subespontânea em Espanha e em Portugal (AAI), onde tem sido muito cultivada em hortas e quase espontânea já no início do século XIX, segundo BROTERO (*Flora Lusitanica*, 1804), pelos seus talos jovens ou turiões, carnudos e comestíveis, que emergem na Primavera a partir dos rizomas e que são muito apreciados na alimentação humana (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: 98; PEDROL, 2013); é considerada uma planta diurética, sendo muito característico o aroma da urina produzida após a ingestão dos espargos, resultante da degradação metabólica de diversos produtos orgânicos sulfurosos (PEDROL, *l.c.*).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Escola Médica (ROSA, 2000: Anexo VII; ALMEIDA & al., 2003; MATOS, 2014).

10. *Asparagus persicus* Baker

Asparagus leptophyllus Schischkin

Asparagus oligophyllus Baker

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Aspárago, aspárago angustifólio, aspárago da Pérsia, aspárago de folhas estreitas, aspárago do Irão, aspárago do Levante, aspárago irânico, aspárago levantino, aspárago pérsico, espargo, espargo angustifólio, espargo da Pérsia, espargo de folhas estreitas, espargo do Irão, espargo do Levante, espargo irânico, espargo levantino, espargo oriental, espargo pérsico.

Endemismo eurasiático, da Anatólia interior, Casaquistão, Rússia, Transcaucásia e Norte do Irão; Elemento Irano-Turânico (VALDÉS, 1980: 72; DAVIS, 1984b: 79-80); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

11. *Asparagus prostratus* Dumortier

= *Asparagus officinalis* L. subsp. *prostratus* (Dumortier) Corbière

Asparagus maritimus auct.

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Aspárago, aspárago atlântico, aspárago costeiro, aspárago da costa, aspárago do litoral, aspárago do mar, aspárago europeu, aspárago litoral, aspárago marítimo, aspárago prostrado, espargo, espargo atlântico, espargo costeiro, espargo da costa, espargo do litoral, espargo do mar, espargo europeu, espargo litoral, espargo marítimo, espargo prostrado.

Endemismo eurasiático, do Norte da Europa: costas atlânticas europeias, desde a Alemanha ocidental até o Norte de Espanha (PEDROL, 2013); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; Anexo VII).

12. *Asparagus pseudoscaber* (Ascherson & Graebner) Grecescu

= *Asparagus officinalis* L. var. *pseudoscaber* Ascherson & Graebner [basion.]

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Aspárago, aspárago europeu, espargo, espargo europeu.

Endemismo eurasiático, exclusivamente europeu, distribuído da antiga Jugoslávia até à Ucrânia, passando pelos Balcãs, de floração predominantemente estival (VALDÉS, 1980: 73; CULLEN, 1986g: 261; HUXLEY & al., 1999a: 256; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Planta ornamental perene, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

11. *Asparagus ramosissimus* Baker

= *Mirsiphyllum ramosissimum* (Baker) Obermeyer

Asparagus scandens Thunberg var. *deflexus* Baker

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aspárago, aspárago capense, aspárago do Cabo, aspárago ramosíssimo, aspárago ramoso, aspárago sul-africano, espargo, espargo capense, espargo do Cabo, espargo ramosíssimo, espargo ramoso, espargo sul-africano, mirsifilo, mirsifilo capense, mirsifilo do Cabo, mirsifilo ramosíssimo, mirsifilo ramoso, sul-africano.

Endemismo sul-africano, da Província do Cabo (THE PLANT LIST; IPNI); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000); Jardimeta 1 (TAVARES & ALVES, 2002).

12. *Asparagus setaceus* (Kunth) Jessop

= *Asparagopsis setacea* Kunth [basion.]

= *Protasparagus setaceus* (Kunth) Obermeyer

Asparagus asiaticus L. var. *amharicus* Picchi Sermolli

Asparagus lujae De Wild.

Asparagus plumosus Baker

= *Protasparagus plumosus* (Baker) Obermeyer

Asparagus plumosus Baker var. *tenuissimus* auct.

Asparagus zanzibaricus Baker

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aspárago, aspárago africano, aspárago comum, aspárago cultivado, aspárago de folha miúda, aspárago de Zanzibar, aspárago dos jardins, aspárago escandente, aspárago-feto, aspárago fótico, aspárago plumoso, asparagópsis, asparagópsis africana, asparagópsis comum, asparagópsis de folha miúda, asparagópsis de Zanzibar, asparagópsis escandente, asparagópsis fetosa, asparagópsis plumosa, asparagópsis trepadeira, asparagópsis trepadora, asparagópsis vulgar, aspárago trepador, aspárago vulgar, espargo, espargo africano, espargo comum, espargo cultivado, espargo de folha miúda, espargo de Zanzibar, espargo escandente, espargo-feto, espargo fótico, espargo-feto trepador, espargo plumoso, espargo trepador, espargo vulgar, feto de renda, feto-renda, laulili, laulilii, launini, launinii, protaspárago, protaspárago africano, protaspárago comum, protaspárago de folha miúda, protaspárago de Zanzibar, protaspárago escandente, protaspárago-feto, protaspárago fótico, protaspárago plumoso, protaspárago trepador, protaspárago vulgar, taupou, taupu, taupuu, uenzu, venzu.

Endemismo africano, do Sul de África e da África oriental, de floração predominantemente outonal (CULLEN, 1986g: 262; HUXLEY & al., 1999a: 257), ocasionalmente assilvestrada (PEDROL, 2013) e já naturalizada no Arquipélago das Ilhas Canárias (WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Planta lenhosa arbustiva escandente exótica, ornamental e medicinal (ROSA, 2000: 102) trepadora, em Portugal comumente cultivada em vasos e raramente subspontânea ou fugida de cultura em jardins.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000); Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002); INDEX SEMINUM ET SPORARUM [...], 2009; INDEX SEMINUM ET SPORARUM [...], 2010); já subspontâneo: disseminado em sebes, no Jardim Botânico (X.2010, Observ.!).

13. *Asparagus tenuifolius* Lamarck

Asparagus collinus Jan ex Parlatore

Asparagus sylvaticus Waldstein & Kitaibel

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Aspárago, aspárago bravo, aspárago europeu, aspárago euro-siberiano, aspárago selvagem, aspárago silvático, aspárago silvestre, espargo, espargo bravo, espargo europeu, espargo euro-siberiano, espargo selvagem, espargo silvático, espargo silvestre.

Endemismo eurasiático, que ocorre sobretudo na Região Mediterrânica (VALDÉS, 1980: 73; HUXLEY & al. 1999: 257; IPNI; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010), de floração predominantemente estival (CULLEN, 1986g: 261); Elemento Euro-Siberiano (DAVIS, 1984b: 81); Planta ornamental perene, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

14. *Asparagus virgatus* Baker

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aspárago, aspárago sul-africano, espargo, espargo sul-africano.

Endemismo sul-africano (CULLEN, 1986g: 262; HUXLEY & al. 1999: 257); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII); Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. *Aspidistra* Ker Gawler

(Syn.: *Antherolophus* Gagnepain, *Colania* Gagnepain,

Evrardiella Gagnepain, *Macroglyne* Link & Otto, *Plectogyne* Link)

1. *Aspidistra elatior* Blume

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Aspidistra.

Endemismo da Ásia oriental: Japão, Arquipélago das Ilhas Osumi (LIANG & TAMURA, 2000b; MABBERLEY, 2008: 74); Planta ornamental perene rizomatosa, muito cultivada em Portugal, como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Fria e Viveiros (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Aspidistra elatior* Blume 'Milky Way'

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Aspidistra, aspidistra da Via Láctea.

Planta ornamental perene de interior, de origem hortícola, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII); Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000); Estufa Fria (TAVARES & ALVES, 2002).

3. *Aspidistra elatior* Blume 'Variegata Ashe'

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Aspidistra, aspidistra de Ashe, aspidistra variegada, aspidistra variegada de Ashe.

Planta ornamental perene de interior, de origem hortícola, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII); Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000); Estufa Fria (TAVARES & ALVES, 2002).

4. **Aspidistra lurida** Ker Gawler

Aspidistra kouytchensis H. Léveillé & Vaniot

Aspidistra kouytchensis H. Léveillé & Vaniot var. *aucubimaculata* H. Léveillé

Macroglyne convallariifolia Link & Otto

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Aspidistra, aspidistra chinesa, aspidistra da China, macrogine, macrogine de folhas de convalária.

Endemismo da Ásia oriental, exclusivo da China, onde é raro e se pode encontrar em fendas de rochas calcárias, a uma altitude de cerca de 300 m, de floração primaveril ou vernal (KNEES, 1986b: 251; HUXLEY & al., 1999a: 259; LIANG & TAMURA, 2000b); Planta ornamental perene rizomatosa, por vezes cultivada em Portugal, como planta de interior, frequentemente confundida com a sua congénere *Aspidistra elatior* Blume, que se encontra mais comumente cultivada entre nós (KNEES, l.c.; HUXLEY & al., l.c.).

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

6. **Barnardia** Lindley

1. **Barnardia numidica** (Poiret) Speta

= *Scilla numidica* Poiret [basion.]

Scilla parviflora Desfontaines, nom. illeg.

= *Prospero parviflorum* (Desfontaines) Salisbury, nom. inval.

Scilla numidica Poiret subsp. *ebusitana* Romo

Stellaris parviflora Steinh.

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Barnárdia, barnárdia da Numídia, cila, cila da Numídia, steláris.

Endemismo da Região Mediterrânica: Norte de África e Ilhas Baleares, em pastos, entre matos e terrenos incultos, em altitudes até aos 450 m, de floração outonal (ALMEIDA DA SILVA & CRESPI, 2013; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010; WIKIPEDIA); Planta ornamental bolbosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII).

7. **Bellevalia** Lapeyrouse [nom. cons.]

1. **Bellevallia dubia** (Gussone) Kunth subsp. **dubia**

= *Hyacinthus dubius* Gussone [basion.]

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Belevália, belevália azul, belevália da Sicília, belevália de flores azuis, belevália dúbia, belevália duvidosa, belevália siciliana, belevália sícula, hiacinto, jacinto, jacinto azul, jacinto da Sicília, jacinto de flores azuis, jacinto dúbio, jacinto duvidoso, jacinto siciliano, jacinto sículo.

Endemismo da Região Mediterrânica central: Sicília (BORZATTI DE LOEWENSTERN & GARBARI, 2003: 543-547) e talvez também oriental; Elemento mediterrânico (HEYWOOD, 1980d: 45; WENDELBO, 1984b: 267-268; YEO, 1986d: 223; ROMERO, 2013b: 185-187); Planta ornamental perene bolbosa exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII); Cultivada em vasos, nas Estufas e nos Viveiros (INDEX SEMINUM 2009, 2010).

2. **Bellevalia paradoxa** (Fischer & C.A. Meyer) Boissier

= *Hyacinthus paradoxus* Fischer & C.A. Meyer [basion.]

= *Botryanthus paradoxus* (Fischer & C.A. Meyer) Kunth

= *Hyacinthella paradoxa* (Fischer & C.A. Meyer) Chouard

= *Muscari paradoxum* (Fischer & C.A. Meyer) K. Koch

= *Pseudomuscari paradoxum* (Fischer & C.A. Meyer) Garbari

Bellevalia elwendica Haussknecht ex Bornmüller

Hyacinthus elwendius Haussknecht ex Bornmüller

Muscari acutifolium Boissier

= *Bellevalia acutifolia* (Boissier) L.N. Delaunay

= *Pseudomuscari acutifolium* (Boissier) Garbari

Muscari elwendium Haussknecht

Muscari pycnanthum K. Koch

= *Bellevia pycnantha* (K. Koch) Losinkaja
 = *Hyacinthella pycnantha* (K. Koch) Chouard
 = *Hyacinthus pycnanthus* (K. Koch) Baker

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Belevália, belevália anatólica, belevália caucásica, belevália da Anatólia, belevália acutifolia, belevália de folhas agudas, belevália do Cáucaso, erva muscarinha, erva muscarina, hiacintela, hiacinto, jacintela, jacinto, muscári, muscári acutifólio, muscári de folhas agudas, pseudomuscári, pseudomuscári acutifólio, pseudomuscári de folhas agudas.

Endemismo eurasiático, da Anatólia, do Cáucaso e da Transcaucásia, incluindo o Irão e o Iraque; Elemento Irano-Turânico, de floração predominantemente primaveril ou vernal (WENDELBO, 1984b: 272; YEO, 1986d: 223; HUXLEY & al., 1999a: 331; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Planta ornamental herbácea perene bulbosa exótica, raramente cultivada em Portugal, sobretudo em vasos, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Bellevia romana* (L.) Reichenbach

= *Hyacinthus romanus* L. [basion.]

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Belevália, belevália de Roma, belevália romana, jacinto, jacinto de Roma, jacinto romano.

Endemismo da Região Mediterrânica; Elemento mediterrânico, de floração primaveril ou vernal (HEYWOOD, 1980d: 45; YEO, 1986d: 222-223); Planta ornamental herbácea perene bulbosa exótica, raramente cultivada em Portugal, sobretudo em vasos.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII); Escola Médica (TAVARES & ALVES, 2002; ALMEIDA & al., 2003); também nos Viveiros e na Mata (INDEX SEMINUM 2009, 2010; IV.2010, Observ.!).

4. *Bellevia sarmatica* (Pallas ex Georgi) Woronow

= *Hyacinthus sarmaticus* Pallas ex Georgi [basion.]

Amphibolis coelestis Schott & Kotschy

Bellevia ciliata auct. non (Cirillo) T. Nees

Bellevia speciosa Woronow

Hyacinthus azureus Baker

Hyacinthus patulus Bertoloni, nom. illeg.

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Anfibólis, anfibólis azul, anfibólis de flores azuis, belevália, belevália azul, belevália ciliada, belevália de flores azuis, hiacinto, jacinto, jacinto azul, jacinto ciliado, jacinto da Sarmácia, jacinto de flores azuis, muscári, muscári ciliado.

Endemismo da Região Mediterrânica oriental e suas vizinhanças (HEYWOOD, 1980d: 45; WENDELBO, 1984b: 269); Planta ornamental perene bulbosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

8. *Beschorneria* Kunth

1. *Beschorneria tubiflora* (Kunth & C.D. Bouché) Kunth

= *Furcraea tubiflora* Kunth & C.D. Bouché [basion.]

Beschorneria tonelii Jacobi ex Hooker f.

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Beschornéria, beschornéria de flores em tubo, beschornéria de flores tubulosas, beschornéria tubiflora, beschornéria, beschornéria de flores em tubo, beschornéria de flores tubulosas, beschornéria tubiflora, bichornéria, bichornéria de flores em tubo, bichornéria de flores tubulosas, bichornéria tubiflora, furcreia, furcreia de flores em tubo, furcreia de flores tubulosas, furcreia tubiflora.

Endemismo norte-americano, exclusivo das montanhas do México, de floração predominantemente estival (COUPER, 1986h: 276; HUXLEY & al., 1999a: 343; MABBERLEY, 2008: 102; GRIN; WIKIPEDIA); Planta ornamental perene rizomatosa e tuberosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Onde? (ROSA, 2000: Anexo VII).

9. **Bowiea** Harvey ex Hooker fil.

1. **Bowiea volubilis** Harvey ex Hooker fil.

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Alho trepador, bowiea, cebola trepadeira, cebola trepadora.

Endemismo africano, da África tropical oriental (SW) e do Sul; Género monoespecífico, xerofítico, de floração predominantemente estival (CULLEN, 1986p: 162; HUXLEY, 1999a: 380; MABBERLEY, 2008: 116); Planta ornamental e medicinal (CULLEN, l.c.) perene bulbosa, trepadeira, à qual são localmente atribuídas propriedades mágicas (MABBERLEY, l.c.), muito raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1991; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

10. **Brimeura** Salisbury

1. **Brimeura amethystina** (L.) Chouard

= *Hyacinthus amethystinus* L. [basion.]

= *Scilla amethystina* (L.) Salisbury

= *Sarcomphalium amethystinum* (L.) Dulac

Hyacinthus font-queri Pau

= *Brimeura amethystina* (L.) Chouard subsp. *font-queri* (Pau) O. Bolòs & Vigo

= *Brimeura amethystina* (L.) Chouard f. *font-queri* (Pau) Molero

= *Brimeura font-queri* (Pau) Speta

Hyacinthus angustifolius Medikus

Hyacinthus curvifolius Jordan & Fourreau

Hyacinthus curvulus Jordan ex Nyman

Hyacinthus hispanicus Lamarck

Hyacinthus montanus Jordan & Fourreau

Hyacinthus pallidiflorus Jordan & Fourreau

= *Hyacinthus amethystinus* L. var. *pallidiflorus* (Jordan & Fourreau) Nyman

Hyacinthus pyrenaicus Jordan & Fourreau

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Brimeura, brimeura ametista, brimeura ametistina, brimeura de Font Quer, hiacinto, hiacinto ametistino, hiacinto de Font Quer, jacinto, jacinto ametistino, jacinto angustifólio, jacinto da montanha, jacinto de Espanha, jacinto de flores pálidas, jacinto de folhas curvas, jacinto de folhas encurvadas, jacinto de folhas estreitas, jacinto de Font Quer, jacinto hispânico, jacinto hispano-gálico, jacinto hispano-gaulês, jacinto dos Pirenéus, jacinto montano, jacinto pirenaico, sarconfálio, sarconfálio ametistino.

Endemismo exclusivamente europeu, da Região Mediterrânica ocidental: Pirenéus –antiga e por certo erroneamente (1830, por H.G.L. Reichenbach) citado das montanhas balcânicas de Kapela (Croácia) tendo sido os exemplares de herbário relativos a esta citação destruídos durante os bombardeamentos da Segunda Guerra Mundial (SÁEZ, 2013)–; Elemento mediterrânico (HEYWOOD, 1980e: 44; YEO, 1986e: 224; MABBERLEY, 2008: 122; SÁEZ, 2013); Planta ornamental perene bulbosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

11. **Brodiaea** J.E. Smith

1. **Brodiaea californica** Lindley ex Lemaire

= *Hookera californica* (Lindley ex Lemaire) Greene

Brodiaea grandiflora Smith var. *elatior* Bentham

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Bródia, bródia californiana, bródia califórnica, bródia da Califórnia, bródia, bródia grandiflora, bródia macranta, hookera, hookera californiana, hookera califórnica, hookera da Califórnia, hukera, hukera californiana, hukera califórnica, hukera da Califórnia.

Endemismo norte-americano, exclusivo do Norte da Califórnia e do Oregon, a altitudes entre os 40 e os 1450 m, de floração predominantemente estival (DROOP, 1986e: 247-248; HUXLEY & al., 1999a: 395;

MABBERLEY, 2008: 122; CALFLORA, 2013; WIKIPEDIA); Planta ornamental e alimentar perene bolbosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.
Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

12. *Camassia* Lindley

1. *Camassia leichtlinii* (Baker) S. Watson subsp. *leichtlinii*

= *Chlorogalum leichtlinii* Baker [basion.]
= *Camassia esculenta* Lindley var. *leichtlinii* (Baker) Baker
= *Quamasia leichtlinii* (Baker) Colville

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Camássia, clorógalo, quamásia.

Endemismo norte-americano, exclusivo do estado do Oregon, no ocidente dos Estados Unidos da América (KING, 1986a: 216); Planta ornamental perene bolbosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002)

2. *Camassia quamash* (Pursh) Greene

= *Phalangium quamash* Pursh [basion.]
= *Anthericum quamash* (Pursh) Steudel
= *Quamasia quamash* (Pursh) Coville
Camassia esculenta Lindley, non (Ker Gawler) Colville
Camassia teapeae St. John

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Antérico, camássia, camássia esculenta, falângio, quamásia.

Endemismo norte-americano, da América do Norte ocidental (KING, 1986a: 215-216); Planta ornamental perene bolbosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

13. *Chlorophytum* Ker Gawler

1. *Chlorophytum amaniense* Engler

Geófito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Clorófito.

Endemismo africano, da África tropical (IPNI); Planta ornamental perene, raramente cultivada em Portugal, sobretudo como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas/Estufas (ROSA, 2000) e Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Chlorophytum capense* (L.) Voss

= *Asphodelus capensis* L. [basion.]
= *Chlorophytum capense* (L.) Kuntze
Anthericum elatum Aiton
= *Chlorophytum elatum* (Aiton) R. Brown ex Ker Gawler
= *Chlorophytum elatum* (Aiton) R. Brown ex Sprengel
= *Phalangium elatum* (Aiton) Poiret
Anthericum rouwenortii Gorter
Anthericum variegatum auct.
Phalangium fasciculatum Baker
Phalangium fastigiatum Poiret
= *Anthericum fastigiatum* (Poiret) Steudel
Phalangium variegatum Baker

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Antérico, antérico capense, antérico do Cabo, clorófito, clorófito capense, clorófito do Cabo, falângio.

Endemismo sul-africano (IPNI); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, sobretudo como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. ***Chlorophytum comosum*** (Thunberg) Jacques var. **comosum**

= *Anthericum comosum* Thunberg [basion.]
 = *Caesia comosa* (Thunberg) Sprengel
 = *Chlorophytum comosum* (Thunberg) Baker
 = *Hartwegia comosa* (Thunberg) Nees
 = *Hollia comosa* (Thunberg) Heynhold
 = *Phalangium comosum* (Thunberg) Poiret
Anthericum longituberosum Poellnitz
Anthericum sternbergianum Schultes & Schultes f.
 = *Chlorophytum sternbergianum* (Schultes & Schultes f.) Steudel
Anthericum vallis-trappii Poellnitz
Anthericum williamsii auct.
Chlorophytum beniense De Wild.
Chlorophytum brevipes Baker
Chlorophytum bukobense Engler
Chlorophytum bukobense Engler var. *kilimandscharicum* Engler
Chlorophytum burchellii Baker
Chlorophytum delagoense Baker
Chlorophytum elatulum Poellnitz
Chlorophytum elgonense Bullock
Chlorophytum gazense Rendle
Chlorophytum glaucidulum Engler ex Poellnitz
Chlorophytum glaucidulum Engler var. *pauper* Poellnitz
Chlorophytum inopinum Poellnitz
Chlorophytum kirkii Baker
Chlorophytum limurense Rendle
Chlorophytum longum Poellnitz
Chlorophytum magnum Peter ex Poellnitz
Chlorophytum miserum Rendle
Chlorophytum nemorosum Poellnitz
Chlorophytum paludicolum Poellnitz
Chlorophytum ramiferum Rendle
Chlorophytum rugosum Poellnitz
Chlorophytum semlikiense De Wild
Chlorophytum turritum Peter ex Poellnitz
Chlorophytum usambarense Engler ex Poellnitz
Cordyline vivipara Steudel
Phalangium viviparum Reinwardt ex Kunth
 Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Antérico, antérico comoso, antérico de cauda, clorófito, clorófito africano, clorófito comoso, clorófito de cauda, clorófito de Kirk, clorófito de Sternberg, clorófito dos pântanos, clorófito dos paúis, clorófito estolhoso, clorófito grande, clorófito longo, clorófito magno, clorófito nemoroso, clorófito paludoso, clorófito pequeno, clorófito ramoso, clorófito sul-africano, clorófito tropical, cordiline vivípara, falângio, falângio comoso, falângio de cauda, falângio vivíparo, hartwégua, hartwégua comosa, hólíia, hólíia comosa.

Endemismo sul-africano (KNEES, 1986: 132; IPNI); Planta ornamental perene, raramente cultivada em Portugal, sobretudo como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. ***Chlorophytum comosum*** (Thunberg) Jacques '**Vittatum**'

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Clorófito.

Planta ornamental perene rizomatosa e estolhosa, de origem hortícola, muito cultivada em Portugal, sobretudo como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas/Estufas (ROSA, 2000) e Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

5. ***Chlorophytum orchidastrum* Lindley**

Geófito. Origem: África tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Clorófito.

Endemismo africano, da África tropical (IPNI); Planta ornamental perene, raramente cultivada em Portugal, sobretudo como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas/Estufas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

6. ***Chlorophytum sparsiflorum* Baker**

Geófito. Origem: África tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Clorófito.

Endemismo africano, da África tropical (IPNI); Planta ornamental perene, raramente cultivada em Portugal, sobretudo como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas/Estufas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

14. ***Convallaria* L.**

1. ***Convallaria majalis* L.**

= *Lilium-convallium majale* (L.) Moench

Geófito. Origem: Região Holoártica.

Alguns nomes comuns possíveis: Campaínhas, campânulas, convalária, escada celestial, escada do céu, flor do muguet, flor muguética, lírio da Primavera, lírio primaveril, lírio de Maio, lírio do vale, lírio dos vales, sinos de Maio.

Endemismo da Região Holoártica temperada (LESLIE, 1986c: 250); Género monoespecífico (MABBERLEY, 2008: 213); Planta ornamental perene rizomatosa, medicinal e muito venenosa, raramente cultivada em Portugal, sobretudo como planta de exterior, em jardins.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII); Viveiros (IX.2011, Observ.!).

15. ***Cordyline* Commerson ex R. Brown**

1. ***Cordyline australis* (Forster f.) Endlicher**

= *Dracaena australis* Forster f. [basion.]

= *Dracaenopsis australis* (Forster f.) Planchon

= *Charlwoodia australis* (Forster f.) G. Don

= *Terminalis australis* (Forster f.) Kunth

Dracaena calocoma Endlicher

= *Cordyline calocoma* (Endlicher) Baker

Cordyline calocoma (Endlicher) Baker f. *veitchii* Voss

= *Dracaena veitchii* (Voss) Hort.

= *Cordyline australis* (Forster f.) Endlicher var. *veitchii* (Voss) Wiegand

Fanerófito. Origem: Nova Zelândia.

Alguns nomes comuns possíveis: Árvore-couve, cordiline, cordiline austral, cordiline do sul, fiteira, dracena, dracena austral, dracena do sul, dracenópsis, dragoeiro, lírio-palma, terminális

Endemismo neozelandês (CULLEN, 1986h: 289); Arbusto ornamental exótico por vezes cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas, Estufa Grande parte I e Recanto Tropical (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002; IX.2011, Observ.!).

2. ***Cordyline australis* (Forster f.) Endlicher 'Rubra'**

Fanerófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Árvore-couve, cordiline, fiteira, dracena, dracenópsis, dragoeiro, lírio-palma, terminális.

Arbusto ornamental exótico de origem hortícola, raramente cultivado em Portugal, sobretudo como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII); Escola das Monocotiledóneas e Viveiros (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

3. ***Cordyline banksii*** Hooker f.

= *Terminalis banksii* (Hooker f.) Kuntze

Cordyline banksii Hooker f. *erythrorrhachis* Baker ex Voss

Cordyline beuckelaeri K. Koch

Cordyline diffusa Colenso

Cordyline erythrorrhachis Baker, nom. inval.

Fanerófito. Origem: Nova Zelândia.

Alguns nomes comuns possíveis: Cordiline, cordiline de Banks, cordiline de Beuckelaer, cordiline difusa.

Endemismo neozelandês (CULLEN, 1986h: 290); Arbusto ornamental exótico por vezes cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. ***Cordyline fruticosa*** (L.) A. Chevallier

= *Convallaria fruticosa* L. [basion.]

= *Cordyline fruticosa* (L.) Goeppert

Asparagus terminalis L., nom. illeg.

= *Cordyline terminalis* (L.) Kunth, nom. illeg.

= *Calodracon terminalis* (L.) Planchon

Aletris chinensis Lamarck

Cordyline cheesemanii Kirk

Dracaena glauca Anon.

Fanerófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Alétris, alétris chinesa, alétris da China, árvore-couve, calodrácon, convalária, convalária arbustiva, convalária fruticosa, cordiline, cordiline arbustiva, cordiline de Cheeseman, cordiline frutescente, cordiline fruticosa, dracena, dracenópsis, dragoeiro, espargo arbóreo, espargo arbustivo, fiteira, lírio-palma, planta feliz, terminális, ti.

Endemismo da Ásia tropical, da Ásia oriental até à Polinésia (MABBERLEY, 2008: 217); Planta ornamental, alimentar, medicinal e mágica (MABBERLEY, l.c.) arbustiva, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim:

5. ***Cordyline fruticosa*** (L.) A. Chevallier 'Negri'

Cordyline fruticosa (L.) Goeppert 'Negri'

Cordyline terminalis (L.) Kunth 'Negri'

Fanerófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Alétris, alétris chinesa, alétris da China, árvore-couve, calodrácon, convalária, convalária arbustiva, convalária fruticosa, cordiline, cordiline arbustiva, cordiline de Cheeseman, cordiline frutescente, cordiline fruticosa, dracena, dracenópsis, dragoeiro, espargo arbóreo, espargo arbustivo, fiteira, lírio-palma, planta feliz, terminális, ti.

Planta ornamental arbustiva de origem hortícola, raramente cultivada em Portugal.

Estufa Grande, parte II, subtropical (TAVARES & ALVES, 2002).

Distribuição/localização no Jardim:

6. ***Cordyline indivisa*** (G. Forster) Endlicher

= *Dracaena indivisa* G. Forster [basion.]

= *Charlwoodia indivisa* (G. Forster) G. Don

= *Dracaenopsis indivisa* (G. Forster) Planchon

= *Terminalis indivisa* (G. Forster) Kuntze

Cordyline hectori Colenso

Cordyline hookeri Kirk

Cordyline lineata Rodigas

Dracaenopsis lineata Rodigas

Fanerófito. Origem: Nova Zelândia.

Alguns nomes comuns possíveis: Cordiline, cordiline de Hooker, dracenópsis, terminális.

Endemismo neozelandês (CULLEN, 1986h: 290); Arbusto ornamental exótico raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

7. **Cordyline rubra** Otto & A. Dietrich

= *Charlwoodia rubra* (Otto & A. Dietrich) Planchon

= *Dracaena rubra* (Otto & A. Dietrich) Parm.

= *Terminalis rubra* (Otto & A. Dietrich) Kuntze

Cordyline violascens Regel

= *Cordyline rubra* Otto & A. Dietrich f. *violascens* (Regel) Voss

Dracaena zeelandica Baker

Fanerófito. Origem: Austrália.

Alguns nomes comuns possíveis: Cordiline, cordiline avermelhada, cordiline rubra, cordiline vermelha, cordiline violácea, dracena avermelhada, dracena vermelha, dracena violácea, dracenópsis, lírio-palma, lírio-palma avermelhado, lírio-palma rubro, lírio-palma vermelho, lírio-palma violáceo, terminális, terminális rubra, terminális vermelha, terminális violácea.

Endemismo australiano (WIKIPEDIA); Planta ornamental arbustiva, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

8. **Cordyline stricta** (Sims) Endlicher

= *Dracaena stricta* Sims [basion.]

= *Taetsia stricta* (Sims) Standley

= *Terminalis stricta* (Sims) Kuntze

Fanerófito. Origem: Austrália.

Alguns nomes comuns possíveis: Árvore-couve, cordiline, fiteira, dracena, dragoeiro, lírio-palma, tétsia, terminális.

Endemismo australiano; Planta ornamental arbustiva, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande parte I, Estufa Fria e Recanto Tropical (TAVARES & ALVES, 2002).

16. **Dasyllirion** Zuccarini

1. **Dasyllirion acrotrichum** (Schiede) Zuccarini

= *Yucca acrotricha* Schiede [basion.]

= *Roulinia acrotricha* (Schiede) Brongniart

Bonaparteia gracilis Sweet, nom. inval.

Dasyllirion graminifolium S. Watson, nom. illeg.

Dasyllirion robustum Gorl. ex Trelease

Roulinia gracilis Brongniart

= *Barbacenia gracilis* (Brongniart) Baker

= *Dasyllirion gracile* (Brongniart) Zuccarini

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Barbacénia, barbacénia elegante, barbacénia grácil, bonapártea, bonapártea elegante, bonapártea grácil, dasilírio, dasilírio de folhas de gramínea, dasilírio elegante, dasilírio grácil, dasilírio graminifólio, dasilírio, dasilírio de folhas de gramínea, dasilírio elegante, dasilírio elegante, dasilírio grácil, dasilírio graminifólio, rulínia, rulínia elegante, rulínia grácil.

Endemismo norte-americano, originário do México, de floração estival (COUPER, 1986c: 284; WIKIPEDIA);

Planta ornamental arbustiva paquicaule, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. **Dasyllirion glaucophyllum** Hooker

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Dasilírio, dasilírio.

Endemismo norte-americano, originário do México oriental, de floração estival (COUPER, 1986c: 284);

Planta ornamental arbustiva paquicaule, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

3. **Dasyllirion longissimum** Lemaire

Dasyllirion quadrangulatum Watson

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Dasilírio, dasilírio longo, dasilírio longuíssimo, dasilíron, dasilíron longo, dasilíron longuíssimo.

Endemismo norte-americano, originário do México, de floração estival (COUPER, 1986c: 284); Planta ornamental arbustiva paquicaule, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

4. **Dasyllirion** sp.

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Dasilírio, dasilíron.

Endemismo norte-americano (MABBERLEY, 2008: 285); Planta ornamental arbustiva paquicaule, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Jardimeta 1 e Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

17. **Dipcadi** Medikus

1. **Dipcadi serotinum** (L.) Med. subsp. **serotinum**

= *Hyacinthus serotinus* L. [basion.]

= *Agraphis serotina* (L.) Heynhold

= *Lachenalia serotina* (L.) Willdenow

= *Scilla serotina* (L.) Ker-Gawler, nom. illeg.

= *Tricharis serotina* (L.) Salisbury, des. inval.

= *Uropetalum serotinum* (L.) Ker-Gawler

= *Zuccagnia serotina* (L.) Dennstaedt

= *Uropetalum serotinum* (L.) Ker-Gawler

Albuca minor Gleditsch, nom. illeg.

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agráfis, albuca menor, cila, cila da tarde, cila serôdia, cila serótina, cila tardia, dipcádi, dipcádi da tarde, dipcádi serótino, jacinto, jacinto da tarde, jacinto serôdio, jacinto tardio, laquenália, tricáris, uropétalo, zucánhia.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental (HEYWOOD, 1980b: 46); Planta ornamental perene bulbosa, espontânea, pouco comum e raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Escola das Monocotiledóneas e Viveiros (ROSA, 2000: Anexo VII).

18. **Dracaena** Vandelli ex L.

1. **Dracaena aubryana** Brongniart ex E. Morren

Dracaena humilis Baker

= *Draco humilis* (Baker) Kuntze

= *Pleomele humilis* (Baker) N.E. Brown

Dracaena kindtiana De Wildeman

= *Pleomele kindtiana* (De Wildeman) N.E. Brown

Dracaena monostachya Baker

= *Pleomele monostachya* (Baker) N.E. Brown

Dracaena mooreana Baker

Dracaena thalioides Makoy ex Regel, nom. illeg.

= *Draco thalioides* (Makoy ex Regel) Kuntze

= *Pleomele thalioides* (Makoy ex Regel) N.E. Brown

Dracaena tholloniana Hua

= *Pleomele tholloniana* (Hua) N.E. Brown

Caméfito. Origem: África tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Dracena, dracena de Aubry, dracena de Kindt, dracena de Moore, dracena humilde, dracena pequena, draco, draco humilde, dragoeiro, dragoeiro humilde, pleomele, pleomele de Kindt, pleomele humilde.

Endemismo da África tropical, cuja área de distribuição se estende até Angola (BOS & CULLEN, 1986: 287); Subarbusto ornamental exótico raramente cultivado em Portugal, actualmente extinto no Jardim.
Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Dracaena bicolor* Hooker

= *Draco bicolor* (Hooker) Kuntze
= *Pleomele bicolor* (Hooker) N.E. Brown
Dracaena cylindrica Hooker fil.
= *Draco cylindrica* (Hooker fil.) Kuntze
= *Pleomele cylindrica* (Hooker fil.) N.E. Brown
Dracaena preussii Engler

Fanerófito. Origem: África tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Dracena, dracena bicolor, dracena cilíndrica, dracena de duas cores, dracena de Preuss, draco, draco bicolor, draco de duas cores, dragoeiro, dragoeiro de Preuss, pleomele, pleomele bicolor, pleomele de duas cores, pleomele cilíndrica.

Endemismo da África tropical (IPNI); Planta ornamental arbustiva exótica raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande parte I, tropical e parte II, subtropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

3. *Dracaena* cf. *deremensis* Engler 'Compacta'

Fanerófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Dracena, dragoeiro.

Arbusto ornamental de origem hortícola, raramente cultivado em Portugal, em estufas.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande parte I, tropical e parte II, subtropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

4. *Dracaena* cf. *deremensis* Engler 'Souvenir de Schriever'

Dracaena deremensis Engler 'Warneckii'

Fanerófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Dracena, dragoeiro.

Arbusto ornamental de origem hortícola, raramente cultivado em Portugal, em estufas.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande parte I, tropical e parte II, subtropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

5. *Dracaena draco* (L.) L.

= *Asparagus draco* L.
= *Drakaina draco* (L.) Rafinesque
= *Draco draco* (L.) Lindling, nom. inval.
= *Palma draco* (L.) Miller
= *Stoerkia draco* (L.) Crantz
= *Yucca draco* (L.) Carrière

Draco arbor Garsault, nom. illeg.

Draco dragonalis Crantz, nom. illeg.

Fanerófito. Origem: Macaronésia.

Alguns nomes comuns possíveis: Árvore dos dragões, árvore dracena, árvore-dragão, árvore dragoeira, dracena, dracena arbórea, draco, dragoeiro, espargo dragoeiro, palma-dragão, palmeira-dragão, stoérkia, iúca, iúca-dragão.

Endemismo das ilhas atlânticas da Macaronésia: Cabo Verde, Canárias e Madeira, actualmente extinto na Ilha do Porto Santo (BOS & CULLEN, 1986: 286; VIEIRA, 1992: 96); Árvore ou arbusto ornamental por vezes cultivado em Portugal; "A striking tree, particularly when old" (BOS & CULLEN, l.c.).

Distribuição/localização no Jardim: Terraço de Júlio Henriques, Escola das Monocotiledóneas e Viveiros (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

6. *Dracaena fragrans* (L.) Ker Gawler

= *Aletris fragrans* L. [basion.]
= *Cordyline fragrans* (L.) Planchon
= *Draco fragrans* (L.) Kuntze
= *Pleomele fragrans* (L.) Salisbury
= *Sansevieria fragrans* (L.) Jacquin

Dracaena deremensis Engler
 = *Pleomele deremensis* (Engler) N.E. Brown
Dracaena janssensii Masters
Dracaena lindenii Linden ex André
Dracaena massangeana Rodigas
Dracaena smithii Baker ex Hooker f.
 = *Pleomele smithii* (Baker ex Hooker f.) N.E. Brown
Dracaena ugandensis Baker
 = *Pleomele ugandensis* (Baker) N.E. Brown,
Dracaena victoria W. Bull
 Fanerófito. Origem: África tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Alétris, alétris aromática, alétris fragrante, cordiline, cordiline aromática, cordiline fragrante, dracena, dracena africana, dracena aromática, dracena da rainha, dracena de cheiro, dracena de Janssen, dracena de Linden, dracena de Massange, dracena de Smith, dracena do Uganda, dracena fragrante, dracena real, dracena vitória, dracena vitoriana, draco, draco aromática, draco fragrante, dragoeiro, dragoeiro aromático, dragoeiro fragrante, pleomele, pleomele aromática, pleomele fragrante, sanseviéria, sanseviéria aromática, sanseviéria fragrante.

Endemismo da África tropical, cuja área de distribuição se estende da Gâmbia até à Etiópia e para sul até Angola (BOS & CULLEN, 1986: 286); Arbusto ornamental exótico raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Recanto ou Terraço Tropical (IV.2010, Observ.!); Estufa Grande, parte II, subtropical (II.2013, Observ.!).

7. *Dracaena fragrans* (L.) Ker Gawler '**Massangeana**'

Fanerófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Alétris, alétris aromática, alétris fragrante, cordiline, cordiline aromática, cordiline fragrante, dracena, dracena aromática, dracena fragrante, dracena de cheiro, draco, draco aromática, draco fragrante, dragoeiro, dragoeiro aromático, dragoeiro fragrante, pleomele, pleomele aromática, pleomele fragrante, sanseviéria, sanseviéria aromática, sanseviéria fragrante.

Arbusto ornamental exótico, muito raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande parte I, tropical e parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002).

8. *Dracaena* '**Frederic**'

Fanerófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Dracena, draco, dragoeiro.

Arbusto ornamental exótico, muito raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

9. *Dracaena* '**Kaiser**'

Fanerófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Dracena, draco, dragoeiro.

Arbusto ornamental exótico, muito raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

10. *Dracaena reflexa* Lamarck var. **reflexa**

= *Draco reflexa* (Lamarck) Kuntze

= *Lomatophyllum reflexum* (Lamarck) Bojer

= *Pleomele reflexa* (Lamarck) N.E. Brown

Dracaena candelaria Planchon

Dracaena cernua Jacquin

= *Cordyline cernua* (Jacquin) Endlicher

= *Dracaena reflexa* Lamarck var. *cernua* (Jacquin) H. Perrier

= *Lomatophyllum cernua* (Jacquin) Bojer

Dracaena cincta Baker

= *Draco cincta* (Baker) Kuntze

= *Pleomele cincta* (Baker) N.E. Brown

Dracaena divaricata Willdenow ex Regel

Dracaena reflexa Lamarck var. *Browneifolia* Baker

Dracaena reflexa Lamarck var. *typica* H. Perrier

Pleomele porteana N.E. Brown

Fanerófito. Origem: Madagáscar.

Alguns nomes comuns possíveis: Candelária, cordiline, dracena, draco, drago, dragoeiro, lomatofigo, pleomele.

Endemismo das Ilhas de Madagáscar e Mauritius (BOS & CULLEN, 1986: 286); Planta arbustiva ornamental perene, muito raramente cultivada em Portugal, sobretudo em estufas, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande parte I, tropical, temperada (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

11. *Dracaena surculosa* Lindley var. *surculosa*

Dracaena godseffiana Sander ex Masters

= *Pleomele godseffiana* (Sander ex Masters) N.E. Brown

Nemampsis ternifolia Rafinesque

Fanerófito. Origem: África tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Dracena, dracena de Godseff, dracena malhada, dracena manchada, dracena de pó de ouro, dragoeiro, dragoeiro de Godseff, dragoeiro de pó de ouro, nemâmpsis, pleomele.

Endemismo da África tropical (BOS & CULLEN, 1986: 285; GRIN); Arbusto ornamental exótico raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII); Estufa Grande, parte I e parte II; Estufa da Victoria amazonica (TAVARES & ALVES, 2002).

12. *Dracaena veitchii* hort. 'Rubra'

Fanerófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Dracena, draco, dragoeiro.

Arbusto ornamental exótico, de origem hortícola, raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte II, subtropical (TAVARES & ALVES, 2002).

13. *Dracaena* sp.

Fanerófito. Origem: Desconhecida.

Alguns nomes comuns possíveis: Dracena, draco, dragoeiro.

Arbusto ornamental exótico, de origem desconhecida, raramente cultivado em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande parte II, subtropical (TAVARES & ALVES, 2002); Estufa Fria (TAVARES, 2011: 53).

19. *Drimia* Jacquin

[Syn.: *Urginavia* Speta; *Urginea* Steinheil; *Urgineopsis* Compton]

1. *Drimia elata* Jacquin

= *Hyacinthus elatus* (Jacquin) Poir.

= *Idothea elata* (Jacquin) Kunth

= *Idothea elata* (Jacquin) C. Presl

Drimia alta R.A. Dyer

Drimia altissima Hooker f., nom. illeg.

Drimia burchellii Baker

= *Idothea burchellii* (Baker) Kuntze

Drimia ciliaris Jacquin ex Willdenow

= *Hyacinthus ciliaris* (Jacquin ex Willdenow) Poir.

= *Idothea ciliaris* (Jacquin ex Willdenow) Kunth

= *Idothea ciliaris* (Jacquin ex Willdenow) C. Presl

Drimia concolor Baker

= *Idothea concolor* (Baker) Kuntze

Drimia elgonica Bullock

Drimia purpurascens J. Jacquin

= *Idothea purpurascens* (J. Jacquin) Kunth

= *Idothea purpurascens* (J. Jacquin) C. Presl

Drimia rigidifolia Baker

= *Idothea rigidifolia* (Baker) Kuntze

Drimia robusta Baker

= *Idothea robusta* (Baker) Kuntze

Drimia rudatisii Schlechter

Drimia villosa Lindley

= *Idothea villosa* (Lindley) Kunth
 = *Idothearia villosa* (Lindley) C. Presl
 = *Strepsiphyla villosa* (Lindley) Rafinesque
Drimia zombensis Baker

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Drímia, drímia alta, drímia altíssima, drímia purpúrea, drímia robusta, idótea, idótea purpúrea, idótea robusta, idoteária, idoteária purpúrea, jacinto, strepsifila.

Endemismo sul-africano (IPNI); Planta ornamental perene bulbosa, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Drimia maritima* (L.) Stearn

= *Scilla maritima* L. [basion.]
 = *Charybdis maritima* (L.) Speta
 = *Ornithogalum maritimum* (L.) Lamarck
 = *Squilla maritima* (L.) Steinheil
 = *Urginea maritima* (L.) Baker
Ornithogalum squilla Ker Gawler
Scilla anthericoides Poiret
 = *Ornithogalum anthericoides* (Poiret) Link ex Steudel
 = *Squilla anthericoides* (Poiret) Jordan & Fourreau
 = *Urginea anthericoides* (Poiret) Steinheil
 = *Urginea maritima* (L.) Baker var. *anthericoides* (Poiret) Maire & Weiller
Scilla hispanica Clusius
Scilla lanceolata Viviani
Scilla radice alba Bauhin
Scilla rubra Garsault, nom. inval.
Scilla serotina Schousboe
Scilla vulgaris, *radice rubra* Bauhin
Squilla insularis Jordan & Fourreau
 = *Urginea insularis* (Jordan & Fourreau) Grey
 = *Urginea maritima* (L.) Baker subsp. *insularis* (Jordan & Fourreau) K. Richter
Squilla littoralis Jordan & Fourreau
 = *Urginea littoralis* (Jordan & Fourreau) Grey
 = *Urginea maritima* (L.) Baker subsp. *littoralis* (Jordan & Fourreau) K. Richter
Squilla sphaeroidea Jordan & Fourreau
 = *Urginea maritima* (L.) Baker var. *sphaeroidea* (Jordan & Fourreau) Maire & Weiller
 = *Urginea sphaeroidea* (Jordan & Fourreau) Grey
Stellaris scilla Moench, nom. illeg.
Urginea anthericoides (Poiret) Steinheil var. *secundiflora* Maire
Urginea maritima (L.) Baker var. *stenophylla* Maire
Urginea scilla Steinh., nom. illeg.

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Caríbdis, caríbdis costeira, caríbdis das ilhas, caríbdis insular, caríbdis litoral, caríbdis marítima, cebola albarrã, cebola grande, cebolão, ceboleira, ceboleto, cila, cila avermelhada, cila costeira, cila das ilhas, cila de estrelas, cila estelar, cila insular, cila litoral, cila marítima, cila rubra, cila serótina, cila tardia, cila vermelha, drímia, drímia costeira, drímia das ilhas, drímia insular, drímia litoral, drímia marítima, erva ceboleira, erva ceboleto, erva ceboluda, esquila, esquila costeira, esquila das ilhas, esquila insular, esquila litoral, esquila marítima, ornitógalo, ornitógalo costeiro, ornitógalo esquiloso, ornitógalo litoral, ornitógalo marítimo, squila, squila costeira, squila litoral, squila marítima, steláris, urgínea, urgínea antericóide, urgínea costeira, urgínea litoral, urgínea marítima.

Endemismo das regiões Eurasiática, Macaronésica (Arquipélago das Ilhas Canárias) e Mediterrânica, estendendo-se a sua distribuição até ao Sul do Irão; Elemento mediterrânico, de floração estival (MCNEILL, 1980a: 41; EDMONDSON, 1984b: 213; BARNES, 1986: 220-221; RICO, 2013a; RICO, 2013d: 213-216; FERRER-GALLEGO, 2013: 38); Esta planta, não sendo muito exigente em termos de precipitação, prefere ombroclimas secos e semiáridos, entre os 200 e os 600 mm anuais, em solos bem drenados. O repouso estival desta planta –altura em que só se encontra o bolbo enterrado– permite-lhe escapar à seca e aos incêndios (PÉREZ-CHISCANO, 1996: 395); O desenvolvimento da planta não é possível quando a média das temperaturas mínimas do mês mais frio é inferior a 2 °C (PÉREZ-CHISCANO, 1996: 397); De acordo com RIBEIRO (1918), esta planta (cebola albarrã) é usada para afugentar o mau olhado, sendo colocada debaixo

da cama onde se dorme para se procurar obter esse efeito; Segundo SPETA (1998b), KRENN & al. (2001) e PFOSSER & SPETA (2001), o género *Charybdis* deve ser considerado independente do género *Urginea*; Planta ornamental e medicinal (BORGES & ALMEIDA, 1996: 150; GONZÁLEZ, 2010: 348), também de interesse apícola (VIEIRA & BRANCO, 1996: 123), herbácea bulbosa, espontânea e frequente em Portugal, sobretudo no Centro e Sul, muitas vezes nas proximidades do mar (CARAPETO & al., 2014b).

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ALMEIDA & al., 2003; TAVARES & al., 2009; MATOS, 2014); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002); Terraço de Júlio Henriques, junto ao muro externo do Jardim, perto dos bebedouros (IX.2013, em floração – Observ.!).

20. *Echeandia* Ortega

1. *Echeandia reflexa* (Cavanilles) Rose

= *Anthericum reflexum* Cavanilles [basion.]

= *Phalangium reflexum* (Cavanilles) Poiret

Conanthera echeandia Persoon

Echeandia macrocarpa Greenman

Echeandia terniflora Ortega

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Antérico, antérico reflexo, conantera, echeândia, echeândia de flores ternadas, echeândia de frutos grandes, echeândia macrocarpa, echeândia reflexa, echeândia terniflora, falângio, falângio reflexo.

Endemismo norte-americano, de floração estival e outonal, distribuído pelo Texas, México e Guatemala, onde se pode encontrar em bosques mesófilos de *Pinus-Quercus* ou de *Pinus-Quercus-Liquidambar* (CRUDEN in DAVIDSE & al., 1994; TROPICOS); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

21. *Eliokarmos* Rafinesque

1. *Eliokarmos conicus* (Jacquin) Martínez-Azorín, M.B. Crespo & A. Juan

= *Ornithogalum conicum* Jacquin [basion.]

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Eliocarmo, eliocarmo cónico, eliocarmo em cone, eliocarmos, eliocarmos cónico, eliocarmos em cone, ornitógalo, ornitógalo cónico, ornitógalo em cone.

Endemismo sul-africano, da Província do Cabo, de floração hiemal ou invernal (CULLEN, 1986w: 217; HUXLEY & al., 1999c: 408, GRIN); Planta ornamental perene bulbosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Colecção de *Ornithogalum* L. do Jardim Botânico de Coimbra (BARROS NEVES, 1962: 153).

22. *Eucomis* L'Héritier

1. *Eucomis autumnalis* (Miller) Chittenden subsp. *autumnalis*

= *Fritillaria autumnalis* Miller [basion.]

Eucomis regia L'Héritier, nom. illeg.

Eucomis undulata Aiton

= *Basilaea undulata* (Aiton) Mirbel

= *Ornithogalum undulatum* (Aiton) Thunberg

Fritillaria longifolia Hill

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Basileia, basileia de Outono, basileia dos reis, basileia ondulada, basileia outonal, basileia real, basileia régia, eucómis, eucómis de Outono, eucómis dos reis, eucómis ondulada, eucómis outonal, eucómis real, eucómis régia, fritilária, fritilária de folhas longas, fritilária de Outono, fritilária dos reis, fritilária longifolia, fritilária outonal, fritilária real, fritilária régia, lírio-ananás, lírio-ananás de Outono, lírio-ananás dos reis, lírio-ananás ondulado, lírio-ananás outonal, lírio-ananás real, lírio-ananás régio, ornitógalo, ornitógalo de Outono, ornitógalo dos reis, ornitógalo ondulado, ornitógalo outonal, ornitógalo real, ornitógalo régio.

Endemismo sul-africano, da África do Sul, Malawi e Rodésia (KING, 1986f: 218; HUXLEY & al., 1999b: 236; MABBERLEY, 2008: 323; IPNI); Planta ornamental perene bulbosa, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Eucomis bicolor* Baker

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Eucómis, eucómis bicolor, eucómis de duas cores, lírio-ananás, lírio-ananás bicolor, lírio-ananás de duas cores.

Endemismo sul-africano, de floração predominantemente estival (KING, 1986f: 218; HUXLEY & al., 1999b: 237; IPNI); Planta ornamental perene bulbosa, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

3. *Eucomis comosa* (Houttuyn) Wehrhahn

= *Asphodelus comosus* Houttuyn [basion.]

Eucomea elata Salisbury, *Eucomis punctata* L'Héritier

= *Basilaea punctata* (L'Héritier) Mirbel

= *Fritillaria punctata* (L'Héritier) J.F. Gmelin

= *Ornithogalum punctatum* (L'Héritier) Thunberg

Eucomis punctata L'Héritier var. *concolor* Baker

Eucomis punctata L'Héritier var. *striata* Ker Gawler

= *Eucomis striata* (Ker Gawler) W.T. Aiton

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Asfódelo, asfódelo caudado, asfódelo comoso, asfódelo de cauda, asfódelo estriado, basileia, basileia caudada, basileia comosa, basileia de cauda, basileia estriada, basileia pontuada, eucómea, eucómea alongada, eucómea estriada, eucómis, eucómis caudada, eucómis comosa, eucómis de cauda, eucómis estriada, eucómis pontuada, fritilária, fritilária pontuada, leite de galinha, lírio-ananás, ornitógalo, ornitógalo pontuado.

Endemismo sul-africano, de floração predominantemente estival (KING, 1986f: 218; HUXLEY & al., 1999b: 237; MABBERLEY, 2008: 323; IPNI); Planta ornamental perene bulbosa, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII); Estufa Fria (TAVARES & ALVES, 2002).

4. *Eucomis regia* (L.) Aiton

= *Fritillaria regia* L. [basion.]

= *Basilaea regia* (L.) Mirbel

Basilaea coronata Lamarck

Eucomea humilis Salisbury

Eucomea regalis Salisbury

Eucomis macrophylla Baker

Eucomis pillansii L. Guthrie

Eucomis purpureocaulis Andrews

Fritillaria nana Burmann fil.

= *Basilaea nana* (Burmann fil.) Mirbel

= *Eucomis nana* (Burmann fil.) L'Héritier

= *Ornithogalum nanum* (Burmann fil.) Thunberg

= *Whiteheadia nana* (Burmann fil.) J.W. Ingram

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Basileia, basileia anã, basileia coroada, basileia dos reis, basileia imperial, basileia pequena, basileia real, basileia régia, eucómea, eucómea de caule purpúreo, eucómea de folhas grandes, eucómea de Whitehead, eucómea dos reis, eucómea humilde, eucómea grandifolia, eucómea imperial, eucómea humilde, eucómea macrófila, eucómea real, eucómea régia, eucómis, eucómis de caule purpúreo, eucómis de folhas grandes, eucómis de Whitehead, eucómis dos reis, eucómis grandifolia, eucómis humilde, eucómis imperial, eucómis macrófila, eucómis real, eucómis régia, fritilária, fritilária anã, fritilária imperial, fritilária pequena, fritilária real, fritilária régia, leite de galinha, lírio-ananás, lírio-ananás anão, lírio-ananás de caule purpúreo, lírio-ananás de Whitehead, lírio-ananás dos reis, lírio-ananás

humilde, lírio-ananás imperial, lírio-ananás pequeno, lírio-ananás real, lírio-ananás régio, ornitógalo, ornitógalo anão, ornitógalo de folhas grandes, ornitógalo dos reis, ornitógalo grandifólio, ornitógalo humilde, ornitógalo imperial, ornitógalo macrófilo, ornitógalo pequeno, ornitógalo real, ornitógalo régio.

Endemismo sul-africano (IPNI); Planta ornamental perene bulbosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

23. *Eustrephus* R. Brown

1. *Eustrephus latifolius* R. Brown

= *Luzuriaga latifolia* (R. Brown) Poiret

Eustrephus amplexifolius Schnizlein

Eustrephus angustifolius R. Brown

= *Eustrephus brownii* F. Mueller var. *angustifolius* (R. Brown) Baker

= *Eustrephus latifolius* R. Brown subsp. *angustifolius* (R. Brown) Schlittler

= *Eustrephus latifolius* R. Brown var. *angustifolius* (R. Brown) Benth

= *Geitonoplesium angustifolius* (R. Brown) Walpers

= *Luzuriaga angustifolia* (R. Brown) Poiret

= *Luzuriaga latifolia* (R. Brown) Poiret var. *angustifolia* (R. Brown) Hallier f.

Eustrephus brownii F. Mueller, nom. illeg.

Eustrephus leucanthus Hasskarl

Eustrephus watsonianus Miquel

Luzuriaga latifolia (R. Brown) Poiret var. *uniflora* Hallier f.

Spiranthera ovata Rafinesque, nom. illeg.

Geófito. Origem: Ásia Tropical e Oceânia.

Alguns nomes comuns possíveis: Baga de vombat, baga de vombate, baga de wombat, espirantera, espirantera ovada, ustrefo, eustrefo angustifólio, eustrefo de flores brancas, eustrefo de folhas estreitas, eustrefo de folhas largas, eustrefo latifólio, eustrefo leucanto, luzuriaga, luzuriaga angustifólia, luzuriaga de folhas estreitas, luzuriaga de folhas largas, luzuriaga latifólia, spirantera, spirantera ovada.

Endemismo da Ásia Tropical e Oceânia: Austrália, Nova Caledónia e Nova Guiné; Género monoespecífico (MABBERLEY, 2008: 329); Planta ornamental herbácea perene trepadeira exótica sempreverde, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente talvez extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000).

24. *Furcraea* Ventenat

1. *Furcraea foetida* (L.) Haworth

= *Agave foetida* L. [basion.]

= *Aloe foetida* (L.) Crantz

Agave bulbosa K. Koch

Agave commelynii Salm-Dyck

= *Furcraea commelynii* (Salm-Dyck) Kunth

Funium piliferum Willemet

Furcraea atroviridis Jacobi & Goeff.

Furcraea barilletii Jacobi

Furcraea gigantea Ventenat

= *Agave gigantea* (Ventenat) D. Dietrich

= *Fourcroya gigantea* (Ventenat) Hooker

Furcraea gigantea Ventenat var. *mediopicta* Trelease

Furcraea madagascariensis Haworth

= *Agave madagascariensis* (Haworth) Salm-Dyck

Furcraea viridis Hemsley

Furcraea watsoniana Sander

Fanerófito. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Agave, agave agigantado, agave bolboso, agave de Commelin, agave de Madagáscar, agave fétido, agave gigante, aloé, aloé agigantado, aloé amarelado, aloé amarelo, aloé esverdeado, aloé fétido, aloé gigante, aloé verde, fúnio, fúnio ciliado, fúnio peludo, fúnio pilífero, fúnio piloso, fúnio viloso, furcreia, furcreia agigantada, furcreia amarela, furcreia amarelada, furcreia americana, furcreia de Madagáscar, furcreia de Watson, furcreia estriada, furcreia esverdeada, furcreia fétida, furcreia

gigante, furcreia pintada, furcreia listada, furcreia verde, furcreia watsoniana, piteira, piteira amarela, piteira amarelada, piteira de Commelin, piteira de Madagáscar, piteira de Watson, piteira esverdeada, piteira fétida, piteira verde.

Endemismo da América Central tropical (COUPER, 1986e: 277; HUXLEY & al., 1999b: 358; MABBERLEY, 2008: 347); Planta ornamental arbustiva perene exótica sempreverde, por vezes cultivada e muito raramente subespontânea em Portugal, onde se propaga apenas vegetativamente, por intermédio de bolbilhos ovóide-agudos, verde-escuros, folhosos, que substituem algumas das flores (HENRIQUES, 1887: 167; PINTO DA SILVA, 1973: 183; WEBB, 1980g: 75; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: 106).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002); Jardimeta 2 (TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Furcraea parmentieri* (Roezl) García-Mendoza

= *Yucca parmentieri* Roezl [basion.]

= *Beschorneria parmentieri* (Roezl) Jacobi

Agave argyrophylla K. Koch

= *Yucca argyrophylla* (K. Koch) Lemaire

Beschorneria floribunda K. Koch

Beschorneria multiflora K. Koch

Furcraea bedinghausii K. Koch

= *Furcraea longaeva* Karwinski & Zuccarini subsp. *bedinghausii* (K. Koch) B. Ullrich

= *Furcroya bedinghausii* (K. Koch) André

Furcraea longa J.J. Smith

Furcroya roezlii André

Lilium regium Trelease

Roezlia bulbifera Roezl

Roezlia regia André, nom. illeg.

Roezlia regia Laurentius

Roezlia regia Lemaire

Roezlia regina Trelease

Yucca argyraea Trelease

Yucca pringlei Greenman

Yucca toneliana K. Koch

= *Agave toneliana* (K. Koch) Baker

= *Agave toneliana* (K. Koch) E. Morren

Fanerófito. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Agave, agave de folhas prateadas, agave de tonel, agave toneliana, bechornéria, bechornéria de muitas flores, bechornéria de Parmentier, bechornéria floribunda, bechornéria multiflora, bechornéria polianta, bichornéria, bichornéria de muitas flores, bichornéria de Parmentier, bichornéria floribunda, bichornéria multiflora, bichornéria polianta, furcreia, furcreia alongada, furcreia alta, furcreia arbórea, furcreia arborescente, furcreia arbustiva, furcreia de Bedinghaus, furcreia de muitas flores, furcreia de Parmentier, furcreia de Roezl, furcreia de vida longa, furcreia floribunda, furcreia grande, furcreia longa, furcreia longeva, furcreia multiflora, furcreia polianta, furcreia roezliana, iúca, iúca alta, iúca arbórea, iúca arborescente, iúca arbustiva, iúca argireia, iúca de muitas flores, iúca de Parmentier, iúca de Pringle, iúca de tonel, iúca grande, iúca longa, iúca longeva, iúca multiflora, iúca polianta, iúca prateada, iúca pringliana, iúca real, iúca régia, iúca toneliana, lílio, lílio dos reis, lílio real, lílio régio, roézia, roézia bulbífera, roézia bulbilífera, roézia de muitas flores, roézia de Parmentier, roézia de Roezl, roézia dos reis, roézia floribunda, roézia multiflora, roézia polianta, roézia real, roézia régia, roézia regina.

Endemismo americano, da América tropical (COUPER, 1986e: 277; HUXLEY & al., 1999b: 358); Esta espécie, com a sua enorme e vistosa inflorescência, sob a designação de *Furcraea Bedinghausii* K. Koch, surge na capa do histórico *Index Seminum* de 1959, no qual se atingiu o número máximo de espécies em semente para troca: 2758 (INDEX SEMINUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT, 1959); Planta ornamental arbustiva perene exótica sempreverde, por vezes cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Furcraea selloa* K. Koch

Furcraea flavoviridis Hooker

Furcraea lindenii Jacobi

Fanerófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Furcreia, furcreia amarelada, furcreia amarela e verde, furcreia austro-americana, furcreia de Linden, furcreia de Nova Granada, furcreia esverdeada, furcreia flava, furcreia flava e verde, furcreia flavescente, furcreia lindeniana, furcreia lutescente, furcreia neogranatense, furcreia novogranatense, furcreia sul-americana.

Endemismo americano, da América tropical: México, Guatemala, Colômbia (COUPER, 1986e: 277-278; HUXLEY & al., 1999b: 358; IPNI); Planta ornamental arbustiva perene exótica sempreverde, por vezes cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII); Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. **Furcraea** sp.

Fanerófito. Origem: América

Alguns nomes comuns possíveis: Agave, furcreia.

Endemismo americano, da América tropical; Planta ornamental arbustiva ou subarbustiva perene exótica sempreverde, paquicaule e suculenta (MABBERLEY, 2008: 347), de origem desconhecida, ocasionalmente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

25. **Hosta** Trattinick

1. **Hosta decorata** Bailey

Hosta decorata Bailey var. *marginata* Stearn

Geófito. Origem: Desconhecida.

Alguns nomes comuns possíveis: Hosta, hosta decorada, hosta marginada, iuzanchu.

Planta conhecida apenas em cultivo, de floração estival tardia (ALEXANDER, 1986f: 141); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa exótica, por vezes cultivada em Portugal, como planta de interior ou de exterior, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Hosta ventricosa** (Salisbury) Stearn

= *Bryocles ventricosa* Salisbury [basion.]

Funkia lanceolata Siebold ex Miquel

Funkia latifolia Miquel

= *Hosta latifolia* (Miquel) Matsumura, nom. illeg.

Funkia marginata Siebold ex Miquel

Funkia ovata Sprengel, nom. illeg.

Funkia ovata Sprengel f. *aureovariegata* Regel

= *Hosta caerulea* (Andrews) Trattinick f. *aureovariegata* (Regel) Voss

Funkia ovata Sprengel var. *intermedia* Baker

Funkia ovata Sprengel f. *latemarginata* Regel

= *Hosta caerulea* (Andrews) Trattinick f. *latemarginata* (Regel) Voss

Funkia ovata Sprengel var. *ramosa* Miquel

= *Hosta caerulea* (Andrews) Trattinick var. *latemarginata* (Regel) Voss

Funkia spathulata Siebold ex Miquel

Funkia viridimarginata Siebold ex Miquel

Hemerocallis caerulea Andrews

= *Funkia caerulea* (Andrews) Sweet

= *Funkia ovata* Sprengel var. *caerulea* (Andrews) Miquel

= *Hosta caerulea* (Andrews) Trattinick, nom. illeg.

= *Hosta japonica* Trattinick var. *caerulea* (Andrews) Ascherson

= *Niobe caerulea* (Andrews) Nash

= *Saussurea caerulea* (Andrews) Salisbury

Hosta coerulea Trattinick

Hosta miquelii Moldenke

Niobe japonica Salisbury, nom. inval.

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Briocles, briocles ventricosa, hosta, hosta ventricosa, fúnkia, fúnkia aureovariegada, fúnkia azul, fúnkia azul celeste, fúnkia cerúlea, fúnkia de espátula, fúnkia de folhas largas,

fúncia de folhas ovadas, fúncia de folhas ovóides, fúncia de margens verdes, fúncia dourada, fúncia em espátula, fúncia espatulada, fúncia espatulóide, fúncia intermédia, fúncia lanceolada, fúncia marginada, fúncia ovada, fúncia ovóide, fúncia ramosa, fúncia variegada, hemerocális, hemerocális azul, hemerocális azul celeste, hemerocális cerúlea, hosta, hosta azul, hosta azul celeste, hosta cerúlea, hosta de Miquel, hosta miqueliana, hosta miquelina, iuzanchu, niobe, niobe azul, niobe azul celeste, niobe cerúlea, niobe do Japão, niobe japonesa, niobe japónica, niobe nipónica, saussúrea azul, saussúrea azul celeste, saussúrea cerúlea. Endemismo eurasiático, da Ásia oriental, exclusivo da China; tetraplóide natural com apomixia pseudogâmica, próprio de encosta de montes, florestas e taludes herbosos, a altitudes entre os 500 e os 2400 metros, de floração predominantemente estival (ALEXANDER, 1986f: 141; CHEN & BOUFFORD, 2000: 205; MABBERLEY, 2008: 414); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa exótica, por vezes cultivada em Portugal, como planta de interior ou de exterior, actualmente extinta no Jardim. Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. **Hosta** sp.

Funkia sp.

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Hosta, fúncia, fúnquia.

Endemismo eurasiático, da Ásia oriental (MABBERLEY, 2008: 414); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

26. **Hyacinthoides** Heister ex Fabricius

[Syn.: *Endymion* Dumortier]

1. **Hyacinthoides hispanica** (Miller) Rothmaler

= *Scilla hispanica* Miller [basion.]

Endymion patulus Dumortier

E. campanulatus (Aiton) Parlato

Scilla non-scripta sensu Coutinho, non (L.) Hoffmannsegg & Link

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Campainhas azuis, campainhas dos bosques, campainhas dos prados, cila, cila hispânica, cila peninsular, hiacintoídes.

Endemismo ibero-norte-africano, já naturalizado noutros pontos do continente europeu (PHILLIPS & RIX, 1989: 87); Planta ornamental perene bulbosa, espontânea, relativamente comum, sobretudo no Centro e Sul (PORTO & al., 2014ac), e raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Quadrado Central; também na Mata (IV.2010, Observ.!).

2. **Hyacinthoides italica** (L.) Rothmaler

= *Scilla italica* L. [basion.]

= *Endymion italicus* (L.) Chouard

= *Hyacinthus italicus* (L.) E.H.L. Krause

= *Somera italica* (L.) Salisbury, des. inval.

Ornithogalum spicatum Gatereau

Scilla bertolonii Duby

Scilla byzantina Poirer

Scilla pallida Salisbury

Scilla pauciflora Link ex Schultes & Schultes f.

Scilla purpurea Miller

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Campainhas azuis, campainhas dos bosques, campainhas dos prados, cila, cila de Itália, cila de poucas flores, cila italiana, cila itálica, cila oliganta, cila pauciflora, cila purpúrea, hiacintoídes, hiacintoídes de Itália, hiacintoídes italiana, hiacintoídes itálica.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, exclusivamente europeu (HEYWOOD, 1980a: 43); Planta ornamental perene bulbosa, espontânea, pouco comum e raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

3. **Hyacinthoides mauritanica** (Schousboe) Speta subsp. **vincentina** (Link & Hoffmannsegg) S. Ortiz, Buján & Rodríguez Oubiña

= *Scilla vincentina* Link & Hoffmannsegg [basion.]

= *Endymion vincentinus* (Link & Hoffmannsegg) Chouard

= *Hyacinthoides vincentina* (Link & Hoffmannsegg) Rothmaler

Hyacinthoides vincentina (Link & Hoffmannsegg) Rothmaler

Hyacinthoides vincentina (Link & Hoffmannsegg) Rothmaler subsp. *trastagana* Franco & Rocha Afonso

Scilla alvesiana Welwitsch ex Rothmaler

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cila, cila alvesiana, cila de Alves, cila de Sagres, cila de São Vicente, cila do Cabo de São Vicente, cila vicentina, endímion, endímion de Sagres, endímion do Cabo de São Vicente, endímion vicentino hiacintoídes, hiacintoídes de Sagres, hiacintoídes de São Vicente, hiacintoídes do Cabo de São Vicente, hiacintoídes trastagana, hiacintoídes vicentina.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, exclusivamente português, próprio de matos em solo arenoso ou argiloso, margens de cursos de água e arrelvados mais ou menos húmidos (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: 71-72; HEYWOOD, 1980a: 43; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Planta ornamental herbácea perene bulbosa, espontânea e rara em Portugal, onde se encontra exclusivamente no Sul e no SW (PORTO & al., 2014ad), muito raramente cultivada entre nós, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (Rosa, 2000: Anexo VII).

4. **Hyacinthoides non-scripta** (Miller) Chouard ex Rothmaler

= *Hyacinthus non-scriptus* L. [basion.]

= *Endymion non-scriptus* (L.) Garcke

= *Hylomenes non-scripta* (L.) Salisbury, nom. inval.

= *Scilla non-scripta* (L.) Hoffmannsegg & Link

= *Usteria non-scripta* (L.) Chouard

Hyacinthus cernuus L.

= *Agraphis cernua* (L.) Reichenbach

= *Endymion cernuus* (L.) Dumortier

= *Hyacinthoides non-scripta* (L.) Chouard ex Rothmaler var. *cernua* (L.) P. Silva

= *Lagocodes cernua* (L.) Rafinesque

= *Scilla cernua* (L.) Salisbury

= *Scilla non-scripta* (L.) Chouard ex Rothmaler subsp. *cernua* (L.) K. Richter

Scilla nutans Smith

= *Agraphis nutans* (Smith) Link

= *Endymion nutans* (Smith) Dumortier

= *Hyacinthus nutans* (Smith) Gray

= *Lagocodes nutans* (Smith) Rafinesque

= *Syncodium nutans* (Smith) Rafinesque

Endymion lacallei Corb.

Hyacinthus campanulatus Miller

Hyacinthus pratensis Lamarck

Lagocodes belgica Rafinesque

Scilla festalis Salisbury

Usteria hyacinthiflora Medikus

Usteria secunda Medikus

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agráfi, campainhas azuis, campainhas dos bosques, campainhas dos prados, campânulas azuis, cila, cila azul, cila festal, endímio, endímio azul, endímio dos prados, hiacintoídes, hilomene, hilomenes, jacinto, jacinto azul, jacinto dos prados, lagocodes, sincódio, sincódio azul, ustéria.

Endemismo eurasiático, exclusivamente europeu, por vezes naturalizado a partir de jardins na Europa central (HEYWOOD, 1980a: 43); Planta ornamental perene bulbosa, espontânea, pouco comum (ARAÚJO & al., 2014bb) e raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

27. *Hyacinthus* L.

1. *Hyacinthus orientalis* L. subsp. *orientalis*

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Hiacinto, hiacinto do oriente, hiacinto oriental, jacinto, jacinto do oriente, jacinto oriental.

Endemismo da Região Mediterrânica oriental e do SW da Ásia, já naturalizado nalguns países do Sul da Europa, próprio de matos e declives rochosos de natureza calcária (HEYWOOD, 1980a: 44; WENDELBO, 1984a: 263-264; YEO, 1986c: 221); Planta ornamental perene bulbosa exótica, espontânea, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

28. *Lachenalia* Jacquin fil. ex Murray

1. *Lachenalia aloides* (L. fil.) Engler

= *Phormium aloides* L. fil. [basion.]

Lachenalia flava Andrews

Lachenalia luteola Jacquin

= *Lachenalia tricolor* Jacquin fil. ex Murray var. *luteola* (Jacquin) Baker

Lachenalia macrophylla Lemaire

Lachenalia nelsonii auct.

= *Lachenalia tricolor* Jacquin fil. ex Murray var. *nelsonii* (auct.) Baker

Lachenalia quadricolor Jacquin var. *lutea* Sims

Lachenalia tricolor Jacquin fil. ex Murray

Scilla versicolor Salisbury, nom. illeg.

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Cila, cila versicolor, fórmio, fórmio alóide, laquenália, laquenália alóide, laquenália amarela, laquenália amarelada, laquenália de folhas grandes, laquenália de quatro cores, laquenália de três cores, laquenália flava, laquenália flavescente, laquenália grandifolia, laquenália lútea, laquenália lutescente, laquenália macrófila, laquenália quadricolor, laquenália tricolor.

Endemismo sul-africano, da África do Sul (províncias do Cabo e Natal), de floração predominantemente hibernal ou hiemal, primavera ou vernal e estival (CAMPBELL, 1986c: 228; HUXLEY & al., 1999c: 3; IPNI); Planta ornamental perene bulbosa exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Lachenalia bachmannii* Baker

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Laquenália, laquenália bachmanniana, laquenália de Bachmann.

Endemismo sul-africano, da África do Sul: Província do Cabo (HUXLEY & al., 1999c: 3; IPNI); Planta ornamental perene bulbosa exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Lachenalia contaminata* Aiton

= *Scilopsis contaminata* (Aiton) Lemaire

Himas hyacinthoides Salisbury, nom. inval.

Lachenalia albida Trattinick

Lachenalia angustifolia Jacquin

= *Himas angustifolia* (Jacquin) Salisbury, nom. inval.

= *Scilopsis angustifolia* (Jacquin) Lemaire

Lachenalia contaminata Solander

Lachenalia hyacinthoides Jacquin, nom. illeg.

Scilopsis hyacinthoides Lemaire

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Cilópsis, cilópsis angustifolia, cilópsis contaminada, cilópsis de folhas estreitas, cilópsis hiacintóide, himas, himas angustifolia, himas de folhas estreitas, himas hiacintóide,

laquenália, laquenália alba, laquenália albida, laquenália alva, laquenália branca, laquenália contaminada, laquenália hiacintóide.

Endemismo sul-africano, da África do Sul: Província do Cabo, de floração predominantemente hibernal ou hiemal e primaveril ou vernal (CAMPBELL, 1986c: 227; HUXLEY & al., 1999c: 3); Planta ornamental perene bulbosa exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. **Lachenalia corymbosa** (L.) J.C. Manning & Goldblatt

= *Hyacinthus corymbosus* L. [basion.]

= *Massonia corymbosa* (L.) Ker Gawler

= *Periboea corymbosa* (L.) Kunth

= *Polyxena corymbosa* (L.) Jessop

= *Scilla corymbosa* (L.) Ker Gawler

Massonia linearis Drège ex Kunth

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Cila, cila corimbosa, laquenália, laquenália corimbífera, laquenália corimbosa, laquenália em corimbo, massónia, massónia corimbosa, massónia linear, peribeia, peribeia corimbosa, polixena, polixena corimbosa.

Endemismo sul-africano, da África do Sul (IPNI); Planta ornamental perene bulbosa exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. **Lachenalia juncifolia** Baker var. **juncifolia**

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Laquenália, laquenália de folhas de junco, laquenália de folhas juncóides, laquenália juncifolia, laquenália juncóide.

Endemismo sul-africano, da África do Sul, de floração predominantemente hibernal ou hiemal e primaveril ou vernal (HUXLEY & al., 1999c: 3; IPNI); Planta ornamental perene bulbosa exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

6. **Lachenalia liliiflora** Jacquin

= *Scillopsis liliiflora* (Jacquin) Lemaire

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Laquenália, laquenália de folhas de lílio, laquenália de folhas lilióides, laquenália liliiflora, cilópsis, cilópsis de folhas de lílio, cilópsis de folhas lilióides, cilópsis liliiflora.

Endemismo sul-africano, da África do Sul: Província do Cabo, de floração predominantemente hibernal ou hiemal e primaveril ou vernal (CAMPBELL, 1986c: 227; HUXLEY & al., 1999c: 3); Planta ornamental perene bulbosa exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

7. **Lachenalia orchioides** Aiton var. **glaucina** (Jacquin) W.F. Barker

= *Lachenalia glaucina* Jacquin [basion.]

= *Orchiastrum glaucinum* (Jacquin) Lemaire

Lachenalia sessiliflora Andrews

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Laquenália, laquenália de flores sésseis, laquenália glauca, laquenália glaucina, laquenália sessiliflora, orquiastro, orquiastro glaucino, orquiastro glauco.

Endemismo sul-africano, da África do Sul: Província do Cabo, de floração predominantemente hibernal ou hiemal e primaveril ou vernal (CAMPBELL, 1986c: 227-228; HUXLEY & al., 1999c: 3; IPNI); Planta ornamental perene bulbosa exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

8. *Lachenalia pallida* Aiton

= *Orchiastrum pallidum* (Aiton) Lemaire
 = *Triallosia pallida* (Aiton) Rafinesque
Lachenalia lucida Ker Gawler
 = *Scillopsis lucida* (Ker Gawler) Lemaire
Lachenalia odoratissima Baker
Lachenalia pallida Solander
Lachenalia racemosa Ker Gawler
 = *Platyestes racemosa* (Ker Gawler) Salisbury, nom. inval.
 = *Scillopsis racemosa* (Ker Gawler) Lemaire
 Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Cilópsis, cilópsis de racemo, cilópsis lúcida, cilópsis racemosa, laquenália, laquenália aromática, laquenália aromatizada, laquenália cheirosa, laquenália de cheiro, laquenália de flores pálidas, laquenália de racemo, laquenália lúcida, laquenália odora, laquenália odorata, laquenália odoratíssima, laquenália pálida, laquenália perfumada, laquenália racemosa, orquiastro, orquiastro de flores pálidas, orquiastro pálido, platiestes, platiestes de racemo, platiestes racemosa, trialósia, trialósia de flores pálidas, trialósia pálida.

Endemismo sul-africano, da África do Sul: Província do Cabo, de floração predominantemente hibernal ou hiemal e primaveril ou vernal (CAMPBELL, 1986c: 227; HUXLEY & al., 1999c: 4; IPNI); Planta ornamental perene bulbosa exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

9. *Lachenalia reflexa* Thunberg

Lachenalia pusilla Kunth
 Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Laquenália, laquenália reflexa.

Endemismo sul-africanoda África do Sul: Província do Cabo (CAMPBELL, 1986c: 228); Planta ornamental perene bulbosa exótica, raramente cultivada em Portugal

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

10. *Lachenalia rubida* Jacquin

Lachenalia punctata Jacquin
 Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Laquenália, laquenália pontuada.

Endemismo sul-africano, da África do Sul: Província do Cabo, de floração outonal (CAMPBELL, 1986c: 228); Planta ornamental perene bulbosa exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

11. *Lachenalia unicolor* Jacquin

= *Scillopsis unicolor* (Jacquin) Lemaire
Lachenalia fragrans Jacquin
 = *Chloriza fragrans* (Jacquin) Salisbury, nom. inval.
 = *Lachenalia unicolor* Jacquin var. *fragrans* (Jacquin) Baker
 = *Scillopsis fragrans* (Jacquin) Lemaire
Lachenalia purpurea Jacquin
 = *Lachenalia unicolor* Jacquin var. *purpurea* (Jacquin) Baker
 = *Scillopsis purpurea* (Jacquin) Lemaire
Lachenalia versicolor Baker
 Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Cilópsis, cilópsis aromática, cilópsis aromatizada, cilópsis cor de púrpura, cilópsis de flores de uma só cor, cilópsis de flores unicolores, cilópsis de uma só cor, cilópsis fragrante, cilópsis purpúrea, cilópsis unicolor, cloriza, cloriza, cloriza, cloriza, cloriza, cloriza fragrante, cloriza purpúrea, cloriza unicolor, laquenália, laquenália aromática, laquenália aromatizada, laquenália cor de púrpura, laquenália de flores de uma só cor, laquenália de flores unicolores, laquenália de uma só cor, laquenália fragrante, laquenália purpúrea, laquenália unicolor, laquenália versicolor.

Endemismo sul-africano, da África do Sul: Província do Cabo, de floração predominantemente primaveril ou vernal e outonal (CAMPBELL, 1986c: 228; HUXLEY & al., 1999c: 4; IPNI); Planta ornamental perene bulbosa exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

29. **Leopoldia** Parlature, nom. cons., non Herbert
= *Muscari* L. subgen. *Leopoldia* (Parlature) Rouy
[Syn.: *Botrycomus* Fourreau; *Comus* R.A. Salisbury]

1. **Leopoldia comosa** (L.) Parlature
= *Hyacinthus comosus* L. [basion.]
= *Bellevalia comosa* (L.) Kunth
= *Eubotrys comosa* (L.) Rafinesque
= *Muscari comosum* (L.) Miller
= *Scilla comosa* (L.) Salisbury
Bellevalia bouriana Heldreich ex Nyman
Bellevalia graeca Heldreich
= *Leopoldia graeca* (Heldreich) Heldreich
= *Muscari graecum* (Heldreich) Boissier
Bellevalia graminifolia Nyman
Bellevalia holzmannii Heldreich
= *Leopoldia holzmannii* (Heldreich) Heldreich
= *Muscari holzmannii* (Heldreich) Hirc
Bellevalia pinardii Boissier
= *Leopoldia pinardii* (Boissier) Parlature
= *Muscari pinardii* (Boissier) Boissier
Botrycomus vulgaris Fourreau, nom. illeg.
Etheiranthus milleri Kosteletzky
Hyacinthus fuliginosus Pallas
Hyacinthus monstrosus L.
= *Muscari comosum* (L.) Miller f. *monstrosum* (L.) Maire
= *Muscari comosum* (L.) Miller subsp. *monstrosum* (L.) K. Richter
= *Muscari monstrosum* (L.) Miller
= *Scilla monstrosa* (L.) Salisbury
Hyacinthus paniculatus Lamarck
= *Muscari paniculatum* (Lamarck) Medikus
= *Pelotris paniculata* (Lamarck) Rafinesque
Leopoldia anguliflora Lojacono
Leopoldia bormaniana Lojacono
Leopoldia bouviana Heldreich ex Nyman
Leopoldia calandriniana Parlature
= *Bellevalia calandriniana* (Parlature) Nyman
= *Muscari calandrinianum* (Parlature) Nyman
Leopoldia constricta Heldreich
Leopoldia clusiana Heldreich ex Nyman
Leopoldia curta Heldreich
= *Bellevalia holzmannii* Heldreich var. *curta* (Heldreich) Nyman
= *Muscari curtum* (Heldreich) Boissier
Leopoldia graminifolia Heldreich ex Nyman
Leopoldia pharmacusana Heldreich
= *Bellevalia pharmacusana* (Heldreich) Nyman
= *Bellevalia sartoriana* (Heldreich) Nyman subsp. *pharmacusana* (Heldreich) Nyman
= *Muscari pharmacusanum* (Heldreich) Boissier
Leopoldia sartoriana Heldreich
= *Bellevalia sartoriana* (Heldreich) Nyman
= *Muscari sartorianum* (Heldreich) Boissier
Leopoldia trojana Heldreich
= *Muscari trojanum* (Heldreich) Boissier
Muscari bouvianum Heldreich ex Rouy

Muscari bulgaricum Velenovský
Muscari charrellii Hal. & Nadji
Muscari constrictum Tausch
 = *Etheiranthus constrictus* (Tausch) Kosteletzky
Muscari courtilleri Boreau
 = *Muscari comosum* (L.) Miller subsp. *courtilleri* (Boreau) K. Richter
Muscari cousturieri Gandoger
Muscari cretensium Gandoger
Muscari giennense Pau & Catrecasas
Muscari graminifolium Heldreich & Holzmann ex Rouy
Muscari longissimum Medikus
Muscari pyramidale Tausch
 = *Leopoldia pyramidalis* (Tausch) Heldreich
Muscari segusianum E.P. Perrier & Songeon
 Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Aiassa, aiassa azul, aiassa de flores azuis, alhaça, alhaça brava, alho, alho de bruxa, alho de cegonha, alho de cerdo, alho de cevado, alho de cobra, alho de porco, alho de serpe, alho de serpente, alho embruxado, alho porro, alho serpentão, alho serpentário, alho serpentinho, alho serpentino, barrelete, barralete, bascalete, belevália, belevália caudada, belevália comosa, belevália de cauda, belevália de Holzmann, belevália de Pinard, belevália farmacusana, belevália graminifolia, belevália sartoriana, botrícomo, botrícomo comum, botrícomo vulgar, bruxa, bruxa azul, bruxas, bruxas azuis, bruxetas, bruxetas azuis, bruxinhas, bruxinhas azuis, candeeiro, candeeiro azul, candelabro, candelabro azul, calabruxa, calabruxa azul, calabruxa grossa, calambruxa, calambruxa azul, calambruxa grossa, cebola, cebola brava, cebola brava de flores azuis, cebola de lagartixa, cebola de lagarto, cebolinha de penacho, cebolinha brava, de flores azuis, cebolinha de lagartixa, cebolinha de lagarto, cebolinha, cebolinha empenachada, cebolinho, cebolinho comoso, cebolinho de cauda, cebolinho de flor azul, cebolinho de penacho, cebolinho empenachado, chapéu azul, chapéu de mouro, cila, cila caudada, cila comosa, enfuste, enfustinho, erva amorosa, erva azul, erva de flores azuis, erva do bem-querer, erva do cupido, erva do querer, erva dos amores, erva lilacínea, erva lilás, erva muscarina, erva muscarinha, eteiranto, eteiranto de Miller, eubótris caudada, eubótris comosa, eubótris de cauda, farolico, farolito, flor da primavera, flor de maio, flor maia, guitarra, guitarrita, guitarrito, hiacinto, hiacinto acebolado, hiacinto azul, hiacinto fuliginoso, hiacinto paniculado, implo, jacinto acebolado, jacinto azul, jacinto búlgaro, jacinto ceboludo, jacinto comoso, jacinto cretense, jacinto das searas, jacinto de cauda, jacinto de Creta, jacinto de flores azuis, jacinto de penacho, jacinto empenachado, jacinto grego, jacinto farmacusano, jacinto fuliginoso, jacinto maior, jacinto maior comoso, jacinto maior de cauda, jacinto paniculado, jacinto selvagem, jacinto silvestre, leopôldia, leopôldia acebolada, leopôldia búlgara, leopôldia caudada, leopôldia cebolosa, leopôldia ceboluda, leopôldia comosa, leopôldia cretense, leopôldia crítica, leopôldia da Bulgária, leopôldia da Grécia, leopôldia de Creta, leopôldia de Holzmann, leopôldia de Pinard, leopôldia de Tróia, leopôldia farmacusana, leopôldia grega, leopôldia piramidal, leopôldia sartoriana, leopôldia troiana, lila, lila selvagem, lila silvestre, lilás selvagem, lilás silvestre, mainhos, maios, matacaudil, mentiras, mentiras perigosas, mentiretas, mentirilhas, mentirinhas, muscári, muscári acebolado, muscári bouviano, muscári búlgarico, muscári búlgaro, muscári caudado, muscári cebolo, muscári ceboloso, muscári comoso, muscári cretense, muscári crítico, muscári da Bulgária, muscári da Grécia, muscári de cauda, muscári de Charrell, muscári de Cousturier, muscári de Courtiller, muscári de Creta, muscári de Pinard, muscári de pirâmide, muscári de Troia, muscári em pirâmide, muscári farmacusano, muscári grego, muscári longuíssimo, muscári longo, muscári maior, muscári maior comoso, muscári maior de cauda, muscári piramidal, muscári sartoriano, muscári troiano, muscarinho, pelótris, pelótris em panícula, pelótris paniculada, piupiu, piupiu azul, piupius, piupius azuis, penitentes, turbante, turbante azul, turbante grego, turbantinho, turbantinho azul, ubetas, ubetas de São João, ubetas de pastor, ubetas do Diabo, uguetas, uguetas de São João, uguetas de pastor, uguetas do Diabo.

Endemismo eurasiático, macaronésico (arquipélagos das Canárias e da Madeira) e norte-africano, que tanto se dá em substratos calíços como siliciosos, dos 0 aos 1800 m; Elemento mediterrânico, actualmente já naturalizado na Austrália e na América do Norte (GARBARI, 1968; GARBARI, 1969; GARBARI & GREUTER, 1970; DAVIS & STUART, 1980: 47; DAVIS & STUART, 1984: 250-251; STUART, 1986a: 225; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010; JAFARI & MAASSOUMI, 2011; SUÁREZ-SANTIAGO & BLANCA, 2013a; SUÁREZ-SANTIAGO & BLANCA, 2013b: 181-182); Planta ornamental e comestível (WIKIPEDIA) perene bulbosa, espontânea, comum e raramente cultivada em Portugal, também espontânea no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

30. **Liriope** Loureiro1. **Liriope spicata** (Thunberg) Loureiro

- = *Convallaria spicata* Thunberg [basion.]
 = *Ophiopogon spicatus* (Thunberg) Ker Gawler
Liriope spicata (Thunberg) Loureiro var. *humilis* F.Z. Li
Liriope spicata (Thunberg) Loureiro var. *prolifera* Y.T. Ma
Liriope tawadae Ohwi
 = *Ophiopogon tawadae* (Ohwi) Masamune
Ophiopogon fauriei H. Léveillé & Vaniot
 = *Mondo fauriei* (H. Léveillé & Vaniot) Farwell
Ophiopogon spicatus (Thunberg) Ker Gawler var. *confusus* Pampanini
Ophiopogon spicatus (Thunberg) Ker Gawler var. *koreanus* Palibin
 = *Liriope graminifolia* (L.) Baker var. *koreana* (Palibin) Nakai
 = *Liriope koreana* (Palibin) Nakai
 = *Liriope spicata* (Thunberg) Loureiro f. *koreana* (Palibin) H. Hara
 = *Ophiopogon koreanus* (Palibin) Masamune
 = *Mondo koreanum* (Palibin) Hiatusima
Ophiopogon spicatus (Thunberg) Ker Gawler var. *longipes* Pampanini

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Convalária, convalária de espiga, convalária espigada, liríope, liríope coreana, liríope da Coreia, liríope de espiga, liríope de folhas de graminea, liríope de Tawada, liríope espigada, liríope graminifolia, liríope humilde, liríope prolífera, mondo, mondo coreano, mondo da Coreia, mondo de Faure, ofiopógon, ofiopógon confuso, ofiopógon coreano, ofiopógon da Coreia, ofiopógon de Faure, ofiopógon de Tawada, ofiopógon liriópico, ofiopógon prolífero.

Endemismo eurasiático, da Ásia oriental: China, Coreia, Japão e Vietname, próprio de florestas, locais húmidos, declives e taludes revestidos por vegetação herbácea, a altitudes entre os 0 e os 1800 m, de floração estival (CAMPBELL, 1986g: 267; HUXLEY & al., 1999c: 50; CHEN & TAMURA, 2000b: 251; IPNI); Planta ornamental e medicinal (CHEN & TAMURA, l.c.) perene rizomatosa e tuberculosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

31. **Loncomelos** Rafinesque

[Syn.: *Beryllis* Salisbury

= *Ornithogalum* L. subgen. *Beryllis* (Salisbury) Baker]

1. **Loncomelos narbonense** (L.) Rafinesque

- = *Ornithogalum narbonense* L. [basion.]
 = *Ornithogalum pyramidale* L. subsp. *narbonense* (L.) Aschers. & Graebner
 = *Parthenostachys narbonensis* (L.) Fourreau
Eremurus iranicus Parsa
Loncomelos israelense Ravenna
Ornithogalum arabicum Brotero, nom. illeg.
Ornithogalum brachystachys K. Koch
 = *Loncomelos brachystachys* (K. Koch) Speta
Ornithogalum brachystylum Zahariadi
 = *Loncomelos brachystylum* (Zahariadi) Speta
Ornithogalum densum Boissier & C.I. Blanche
Ornithogalum monspeliense Gueldenstaedt
Ornithogalum prasinantherum Zahariadi
 = *Loncomelos prasinantherum* (Zahariadi) Speta
Ornithogalum pyramidale auct. mult., non L.
Ornithogalum stachyoides Solander
Ornithogalum trigynum Delile
Scilla montana Savi

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alho de lobo, calabruza, cila, cila da montanha, cila dos montes, cila montana, eremuro, eremuro da Pérsia, eremuro do Irão, eremuro irânico, leite de cisne, leite de galinha,

loncomelos, ornitógalo, ornitógalo de anteras verdes, ornitógalo de França, ornitógalo de leite, ornitógalo de Mompilher, ornitógalo de Montpellier, ornitógalo de Narbonne, ornitógalo denso, ornitógalo francês, ornitógalo lácteo, ornitógalo leitoso, ornitógalo monspeliense, ornitógalo narbonense, partenostáquis, pipiu, pipiu branco, piupiu, piupiu branco, varinha de São José.

Endemismo eurasiático e mediterrânico (CULLEN, 1986: 233-234); Planta ornamental perene bulbosa, espontânea e comum em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Loncomelos pyrenaicus** (L.) Hrouda ex Holub

= *Ornithogalum pyrenaicum* L. [basion.]

= *Beryllis pyrenaica* (L.) Salisbury, nom. inval.

= *Parthenostachys pyrenaica* (L.) Fourreau

Anthericum sulphureum Waldst. & Kit.

= *Hyacinthus sulphureus* (Waldst. & Kit.) E.H.L. Krause, nom. illeg.

= *Loncoxis sulphurea* (Waldst. & Kit.) Rafinesque

= *Ornithogalum pyrenaicum* L. var. *sulphureum* (Waldst. & Kit.) Nyman

= *Ornithogalum sulphureum* (Waldst. & Kit.) Schultes & Schultes f.

= *Phalangium sulphureum* (Waldst. & Kit.) Poiret

Ornithogalum asphodeloides Schur

Ornithogalum flavescens Lamarck

= *Ornithogalum pyrenaicum* L. subsp. *flavescens* (Lamarck) K. Richt.

= *Ornithogalum pyrenaicum* L. var. *flavescens* (Lamarck) Baker

Ornithogalum melancholicum Klokov ex Krasnova

Ornithogalum ochroleucon Montandon

Ornithogalum pallidum Salisbury

= *Loncomelos pallidum* (Salisbury) Speta

Ornithogalum racemosum Gateau

Scilla sylvestris Savi

Stellaris erecta Moench

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Antérico, antérico sulfúreo, cila, cila silvestre, leite de galinha, loncomelos, loncóxis, loncóxis sulfúrea, ornitógalo, ornitógalo amarelo, ornitógalo dos Pirenéus, ornitógalo pálido, ornitógalo pirenaico, ornitógalo sulfúreo, palerina, palilho, partenostáquis, steláris.

Endemismo eurasiático e mediterrânico (CULLEN, 1986: 232-233); Planta ornamental perene bulbosa, espontânea e comum em Portugal (PORTO & al., 2014t).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII); Mata, Escola das Monocotiledóneas (IV.2010, Observ.!).

32. **Maianthemum** G. Weber ex Wiggers

1. **Maianthemum stellatum** (L.) Link

= *Convallaria stellata* L. [basion.]

= *Asteranthemum stellatum* (L.) Nieuwland

= *Smilacina stellata* (L.) Desfontaines

= *Tovaria stellata* (L.) Necker ex Baker

= *Unifolium stellatum* (L.) Greene

= *Vagnera stellata* (L.) Morong

Asteranthemum vulgare Kunth, nom. illeg.

Convallaria hybrida Marchal

Smilacina sessilifolia Nuttall ex Baker, nom. inval.

Smilacina stellata (L.) Desfontaines var. *crassa* Victorin

Smilacina stellata (L.) Desfontaines f. *paniculata* H. St. John

Smilacina stellata (L.) Desfontaines var. *sylvatica* Victorin & J. Rousseau

Smilacina stellata (L.) Desfontaines var. *uniflora* Pursh

= *Asteranthemum vulgare* Kunth var. *uniflorum* (Pursh) Kunth

Tovaria sessilifolia Baker

= *Unifolium sessilifolium* (Baker) Greene

= *Smilacina stellata* (L.) Desfontaines var. *sessilifolia* (Baker) L.F. Henderson

= *Vagnera sessilifolia* (Baker) Greene

Unifolium liliaceum Greene

= *Smilacina liliacea* (Greene) Wynd
 = *Vagnera liliacea* (Greene) Rydberg
Vagnera angustifolia Rafinesque
Vagnera leptopetala Rydberg
 Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Asterântemo, convalária, smilacina, továria, unifólio, vagnera.
 Endemismo norte-americano, distribuído do Alaska até à Califórnia (GRIN, USDA); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal.
 Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

33. *Massonia* Thunberg ex L. fil.

1. *Massonia pustulata* Jacquin

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Massónia, massónia pustulada, massónia sul-africana.

Endemismo sul-africano, das zonas secas da África do Sul, na Província do Cabo (MABBERLEY, 2008: 527; KING, 1986b: 230); Planta ornamental perene bulbosa exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

34. *Muscari* Tournefort ex Miller

1. *Muscari armeniacum* Leichtlin ex Baker

Botryanthus micranthus Baker

Botryanthus szovitsianus Baker

Muscari alexandrae A.P. Khokhrjakov

Muscari apertum Freyn & Conrath

= *Bellevia aperta* (Freyn & Conrath) Grossheim

= *Pseudomuscari apertum* (Freyn & Conrath) Garbari

Muscari argaei auct.

Muscari argaei auct. f. *album* Tubergen

Muscari colchicum Grossheim

Muscari conicum Baker

Muscari concinnum Baker

Muscari cyanoviolaceum Turrill

Muscari elegantulum Schchian

Muscari maweanum Baker

Muscari micranthum Baker

Muscari pauperulum Stapf

Muscari pendulum Trautvetter, nom. provis.

Muscari polyanthum Boissier

Muscari pyramidatum Velenovský

Muscari schliemannii Freyn & Ascherson

Muscari sosnovskyi Schchian

Muscari szovitsianum Baker

Muscari woronowii Tron & Losinskaja

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Belevália, belevália arménia, belevália armeníaca, belevália da Arménia, belevália de flores pequenas, belevália de Schliemann, belevália de Sosnovsky, belevália de Szovits, belevália de Woronow, belevália elegante, belevália micranta, belevália minutiflora, belevália muscarinha, belevália muscarina, belevália parviflora, belevália szovitsiana, botrianto, botrianto de flores pequenas, botrianto de muitas flores, botrianto de Schliemann, botrianto de Sosnovsky, botrianto de Szovits, botrianto de Woronow, botrianto elegante, botrianto micranto, botrianto minutifloro, botrianto muscarinho, botrianto muscarino, botrianto parvifloro, botrianto szovitsiano, erva muscarinha, erva muscarina, hiacinto, hiacinto arménio, hiacinto armeníaco, hiacinto da Arménia, hiacinto de flores pequenas, hiacinto de muitas flores, hiacinto de Schliemann, hiacinto de Sosnovsky, hiacinto de Szovits, hiacinto de Woronow, hiacinto elegante, hiacinto micranto, hiacinto minutifloro, hiacinto muscarinho, hiacinto muscarino, hiacinto parvifloro, jacinto, jacinto arménio, jacinto armeníaco, jacinto da Arménia, jacinto de flores pequenas, jacinto de muitas flores, jacinto de Schliemann, jacinto de Sosnovsky, jacinto de Szovits, jacinto de Woronow, jacinto elegante, jacinto micranto, jacinto minutifloro, jacinto muscarinho, jacinto muscarino,

jacinto parvifloro, muscári, muscári alexândrico, muscári alexandrino, muscári albifloro, muscári albo, muscári alvo, muscári arménio, muscári armeníaco, muscári azul violáceo, muscári bem proporcionado, muscári cianovioláceo, muscári cólquico, muscári concino, muscári cónico, muscári da Arménia, muscári da Cólquida, muscári de Alexandra, muscári de cone, muscári de flores albas, muscári de flores alvas, muscári de flores brancas, muscári de flores cândidas, muscári de flores esbranquiçadas, muscári de flores pequenas, muscári de muitas flores, muscári de pêndulo, muscári de Schliemann, muscári de Sosnovsky, muscári de Szovits, muscári de Woronow, muscári elegante, muscári micranto, muscári minutifloro, muscári muscarinho, muscári parvifloro, muscári pendular, muscári pendulino, muscári paupérulo, muscári pobrezinho, muscári polianto, muscári regular, muscári simétrico, muscári szovitsiano, muscarinho, pseudomuscári.

Endemismo eurasiático, da Eurásia continental e da Região Mediterrânica oriental, já naturalizado na Córsega, próprio de locais rochosos, calcários, serpentínicos ou xistosos, podendo encontrar-se igualmente em bosques como carvalhais e pinhais, matos e friganas, prados e dunas de areia, do nível do mar até uma altitude de 2750 metros, de floração primaveril ou vernal (DAVIS & STUART, 1980: 48; DAVIS & STUART, 1984: 255-257; STUART, 1986a: 226; JEANMONOD & GAMISANS, 2007: 134; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010; JAFARI & MAASSOUMI, 2011: 399); Planta ornamental herbácea perene bolbosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Muscari botryoides* (L.) Miller

- = *Hyacinthus botryoides* L. [basion.]
- = *Botryphile botryoides* (L.) Salisbury, des. inval.
- Botryanthus alpestris* Jordan & Fourreau
- Botryanthus boraeanus* Jordan & Fourreau
- Botryanthus candidus* Jordan & Fourreau
- Botryanthus compactus* Jordan & Fourreau
- = *Botryanthus odoratus* Kunth var. *compactus* (Jordan & Fourreau) Nyman
- Botryanthus conicus* Jordan & Fourreau
- Botryanthus festinus* Jordan & Fourreau
- Botryanthus heldreichii* Jordan & Fourreau
- Botryanthus kernerii* Marchesetti
- = *Botryanthus vulgaris* Kunth var. *kernerii* (Marchesetti) Nyman
- = *Muscari botryoides* (L.) Miller subsp. *kernerii* (Marchesetti) K. Richter
- = *Muscari kernerii* (Marchesetti) Soldano
- Botryanthus vulgaris* Kunth
- Eubotrys arvensis* Rafinesque, nom. superfl.
- Muscari alpinum* Szafer ex Raciborski, nom. illeg.
- Muscari botryoides* (L.) Miller f. *candicum* Voss
- Muscari botryoides* (L.) Miller subsp. *hungaricum* Priszter
- Muscari carpaticum* Raciborski
- Muscari heldreichii* Boissier
- Muscari hymenophorum* Heldreich ex Boissier
- Muscari inodorum* Montandon
- Muscari kernerii* (Marchesetti) Soldano var. *lacteflorum* Borbás
- Muscari lelievrii* Boreau
- = *Botryanthus lelievrii* (Boreau) Jordan & Fourreau
- = *Muscari botryoides* (L.) Miller subsp. *lelievrii* (Boreau) K. Richter
- = *Muscari botryoides* (L.) Miller var. *lelievrii* (Boreau) Baker
- Muscari longifolium* Rigo
- = *Muscari botryoides* (L.) Miller subsp. *longifolium* (Rigo) Garbari
- Muscari motelayi* Foucaud
- = *Muscari botryoides* (L.) Miller subsp. *motelayi* (Foucaud) Kerguelén
- Muscari pocuticum* Zapalowicz
- Muscari polyphyllum* Schur
- Muscari transsilvanicum* Schur
- = *Botryanthus vulgaris* Kunth var. *transsilvanicus* (Schur) Nyman
- = *Czekelia transsilvanica* (Schur) Schur
- = *Muscari botryoides* (L.) Miller subsp. *transsilvanicus* (Schur) Soó
- Scilla inflata* Salisbury, nom. illeg.

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Botrianto, botrianto albo, botrianto alpestre, botrianto alpino, botrianto albo, botrianto boreano, botrianto cândido, botrianto compacto, botrianto comum, botrianto cónico, botrianto da Transilvânia, botrianto de Boreau, botrianto de cone, botrianto de flores lácteas, botrianto da Hungria, botrianto de flores leitosas, botrianto de folhas longas, botrianto de Heldreich, botrianto de Kerner, botrianto de muitas folhas, botrianto dos Alpes, botrianto dos Cárpatos, botrianto festino, botrianto heldreichiano, botrianto húngaro, botrianto kerneriano, botrianto longifólio, botrianto longuifólio, botrianto multifólio, botrianto polifilo, botrianto transilvano, botrianto vulgar, botrifile, botrifile botrióide, cila, cila inflada, cila muscarina, cila muscarinha, czekélia, czekélia da Transilvânia, czekélia transilvânica, erva muscarinha, erva muscarina, eubótris, eubótris arvense, eubótris dos campos, hiacinto, hiacinto botrióide, hiacinto carpático, hiacinto da Hungria, hiacinto da Transilvânia, hiacinto de flores lácteas, hiacinto de flores leitosas, hiacinto de folhas longas, hiacinto de muitas folhas, hiacinto dos Cárpatos, hiacinto húngaro, hiacinto húngaro, hiacinto longifólio, hiacinto longuifólio, hiacinto multifólio, hiacinto polifilo, hiacinto transilvano, jacinto, jacinto botrióide, jacinto carpático, jacinto da Hungria, jacinto da Transilvânia, jacinto de flores lácteas, jacinto de flores leitosas, jacinto de folhas longas, jacinto de muitas folhas, jacinto dos Cárpatos, jacinto húngaro, jacinto húngaro, jacinto longifólio, jacinto longuifólio, jacinto multifólio, jacinto polifilo, jacinto transilvano, muscári, muscári alpestre, muscári alpino, muscári botrióide, muscári carpático, muscári da Hungria, muscári da Transilvânia, muscári de flores lácteas, muscári de flores leitosas, muscári de folhas longas, muscári de Kerner, muscári de Motelay, muscári de muitas folhas, muscári dos Alpes, muscári dos Cárpatos, muscári húngaro, muscári húngaro, muscári inodoro, muscári kerneriano, muscári kernerino, muscári longifólio, muscári longuifólio, muscári membranoso, muscári multifólio, muscári pocútico, muscári polifilo, muscári sem aroma, muscári sem odor, muscári sem perfume, muscári transilvano.

Endemismo eurasiático, da Eurásia continental, exclusivamente europeu, de floração primaveril ou vernal e estival (DAVIS & STUART, 1980: 48; STUART, 1986a: 226; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Planta ornamental herbácea perene bolbosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Muscari neglectum* Gussone ex Tenore

= *Botryanthus neglectus* (Gussone ex Tenore) Kunth

= *Hyacinthus neglectus* (Gussone ex Tenore) E.H.L. Krause

= *Muscari racemosum* (L.) Medikus var. *neglectum* (Gussone ex Tenore) Saint-Lager

Botryanthus breviscapus Todaro

= *Muscari breviscapum* (Todaro) N.E. Brown

Botryanthus mandraliscae Lojacono

Botryanthus neglectus (Gussone ex Tenore) Kunth var. *speciosa* (Marchesetti) Nyman

= *Botryanthus speciosus* (Marchesetti) Nyman

Botryanthus odoratus Kunth, nom. illeg.

Botryanthus saulii Jaubert & Spach

Eteiranthus jacquinii Kosteletzky

Eubotrys odorata Rafinesque

Hyacinthus juncifolius Lamarck, nom. illeg.

Hyacinthus racemosus L., nom. ambig.

= *Botryanthus racemosus* (L.) Fourreau

= *Muscari racemosum* (L.) Medikus, nom. illeg.

Leopoldia neumayeri Heldreich

= *Muscari neumayeri* (Heldreich) Boissier

Muscari ammophilum Sennen

Muscari atlanticum Boissier & Reuter

= *Botryanthus atlanticus* (Boissier & Reuter) Nyman

= *Muscari neglectum* Gussone ex Tenore subsp. *atlanticum* (Boissier & Reuter) O. Bolòs & Vigo

= *Muscari neglectum* Gussone ex Tenore var. *atlanticum* (Boissier & Reuter) Maire

Muscari atlanticum Boissier & Reuter var. *valentinum* Pau

= *Muscari neglectum* Gussone ex Tenore var. *valentinum* (Pau) O. Bolòs & Vigo

Muscari bootanensis Griffith

Muscari botryoides (L.) Miller var. *bucharicum* Regel

Muscari bucharicum Regel

Muscari compactum Baker

Muscari dolioliforme Sobko
Muscari elwesii Baker
Muscari flaccidum O. Schwarz
Muscari fontqueri Sennen
 = *Muscari neglectum* Gussone ex Tenore subsp. *fontqueri* (Sennen) O. Bolòs & Vigo
 = *Muscari neglectum* Gussone ex Tenore var. *fontqueri* (Sennen) O. Bolòs & Vigo
Muscari granatense Freyn
 = *Botryanthus granatensis* (Freyn) Nyman
Muscari grandifolium Baker
Muscari grandifolium Baker var. *rifanum* Maire
Muscari grossheimii Schchian
Muscari letourneuxii Boissier
Muscari leucostomum Woronow
Muscari macranthum Freyn
Muscari mordoanum Heldreich
 = *Botryanthus mordoanus* (Heldreich) Nyman
Muscari neglectum Gussone ex Tenore f. *bertramii* Maire
Muscari neglectum Gussone ex Tenore subsp. *odorum* O. Bolòs & Vigo
Muscari odoratum Montandon
Muscari populeum Braun-Blanquet & Maire
 = *Muscari grandifolium* Baker var. *populeum* (Braun-Blanquet & Maire) Maire
Muscari racemosum Lamarck & DC.
Muscari racemosum Lamarck & DC. var. *alpinum* Fiori
 = *Muscari atlanticum* Boissier & Reuter subsp. *alpinum* (Fiori) Garbari
Muscari scorpioli Velenovský
Muscari speciosum Marchesetti
 = *Muscari neglectum* Gussone ex Tenore subsp. *speciosum* (Marchesetti) Garbari
Muscari strangwaysii Tenore
 = *Botryanthus lelievrei* (Boreau) Jordan & Fourreau var. *strangwaysii* (Tenore) Nyman
 = *Botryanthus strangwaysii* (Tenore) Kunth
 = *Botryanthus vulgaris* Kunth var. *strangwaysii* (Tenore) Nyman
Muscari szovitsianum Ruprecht ex Boissier, nom. illeg.
Muscari vandasii Velenovský
Muscari vinyalsii Sennen
Muscari nivale Stapf
Scilla suaveolens Salisbury, nom. illeg.
 Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alho azul, alho canino, alho das bruxas, alho de bruxa, alho de cão, alho de perro, alho de serpe, alho de serpente, alho perruno, azulete, azulinho, azulinhos, azulitos, botrianto, botrianto aromático, botrianto atlântico, botrianto azul, botrianto de cheiro, botrianto de flor azul, botrianto de flores azuis, botrianto de folhas de junco, botrianto de Granada, botrianto de mandralisca, botrianto de Milano, botrianto de Milão, botrianto de Saul, botrianto de Strangways, botrianto do Atlas, botrianto do Rif, botrianto dos Alpes, botrianto granadense, botrianto granatense, botrianto juncifólio, botrianto milanês, cebolinho racemoso, botrianto rifano, botrianto rifenho, calabruxa, calambruxa, cebola de lagarto, ceboleto de lagarto, ceboleto lagartixa, cebolinha de lagartixa, cebolinha de lagarto, cebolinho, cebolinho azul, cebolinho de flores azuis, cebolinho de flor azul, cebolinho de lagartixa, cebolinho de lagarto, cebolinho de Milano, cebolinho de Milão, cebolinho esquecido, cebolinho milanês, cebolinho racemoso, cebolinho rifano, cebolinho rifenho, cila, cila aromática, cila de odor suave, cila suave, erva azul, erva azulinha, erva cupida, erva de flores azuis, erva do amor, erva do bem querer, erva do querer, erva dos amores, erva muscarinha, erva muscarina, eteiranto, eteiranto de Jacquin, eteiranto juncifólio, eubótris, eubótris aromática, eubótris de cheiro, hiacinto, hiacinto amófilo, hiacinto asiático, hiacinto austral, hiacinto azulinho, hiacinto de flores azuis, hiacinto de flor azul, hiacinto de folhas de junco, hiacinto de Milano, hiacinto de Milão, hiacinto do Atlas, hiacinto do Rif, hiacinto do Sul, hiacinto esquecido, hiacinto juncifólio, hiacinto milanês, hiacinto racemoso, hiacinto rifano, hiacinto rifenho, hiacinto selvagem, hiacinto silvestre, flores azuis, flores de maio, florinhas azuis, florinhas de maio, jacinto, jacinto amófilo, jacinto asiático, jacinto azul, jacinto azulinho, jacinto austral, jacinto das searas, jacinto de flor azul, jacinto de flores azuis, jacinto de folhas de junco, jacinto de Milano, jacinto de Milão, jacinto do Atlas, jacinto do Rif, jacinto do Sul, jacinto dos lameiros, jacinto dos pradinhos, jacinto dos prados, jacinto das searas, jacinto esquecido, jacinto juncifólio, jacinto milanês, jacinto racemoso, jacinto rifano, jacinto rifenho, jacinto seareiro, jacinto selvagem, jacinto silvestre, leopôldia, leopôldia de Neumayer, leopôldia racemosa,

maios, matakandiles, milamores, milano, moreta, muscári, muscári alpino, muscári amófilo, muscári atlântico, muscári aromático, muscári asiático, muscári austral, muscári azul, muscári bucárico, muscári bucarino, muscári cebolinho, muscári cebolino, muscári compacto, muscári costeiro, muscári da costa, muscári das neves, muscári das searas, muscári de Bertram, muscári de boca branca, muscári de cheiro, muscári de Elwes, muscári de flor azul, muscári de flores azuis, muscári de folhas de junco, muscári de folhas grandes, muscári de Font Quer, muscári de Granada, muscári de Grossheim, muscári de Milano, muscári de Milão, muscári de racemo, muscári de Valência, muscári do Atlas, muscári do litoral, muscári do Rif, muscári dos Alpes, muscári do Sul, muscári esquecido, muscári flácido, muscári fontquerano, muscári granadense, muscári granatense, muscári grandifloro, muscári grandifólio, muscári juncifólio, muscári leucóstomo, muscári litoral, muscári macranto, muscári milanês, muscári mordoano, muscári nival, muscári racemoso, muscári rifano, muscári rifenho, muscári seareiro, muscári valenciano, muscári valentino, nazarenos, piupiu, piupiu azul, piupius, piupius azuis, penitentes, turbante, turbante azul, turbante grego, turbantinho, turbantinho azul, ubetas, ubetas de São João, ubetas de pastor, uguetas, uguetas de São João, uguetas de pastor.

Endemismo eurasiático e norte-africano; Planta ornamental perene bulbosa, espontânea e pouco comum em Portugal, de floração hiemal ou hiberna e primaveril ou vernal, que se pode encontrar em diversos tipos de habitats: pinhais, matos e matagais, prados, taludes rochosos e até, por vezes, em areais costeiros, a altitudes que vão do nível do mar até aos 2300 metros (COUTINHO, 1896: 91; DAVIS & STUART, 1984: 257-258; STUART, 1986a: 226; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010; JAFARI & MAASSOUMI, 2011: 399; SUÁREZ-SANTIAGO & BLANCA, 2013a; SUÁREZ-SANTIAGO & BLANCA, 2013b: 174-175), espontânea em Coimbra (ESPÍRITO SANTO, 1982: 153) e raramente cultivada, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

4. **Muscari spreitzenhoferi** (Heldreich ex Ostermeyer) H.R. Wehrhahn

= *Leopoldia spreitzenhoferi* Heldreich ex Ostermeyer [basion.]

Muscari amoenocomum Rechinger fil.

= *Leopoldia amoenocoma* (Rechinger fil.) Garbari

Muscari creticum Vierhapper, nom. illeg.

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva muscarinha, erva muscarinha de Creta, erva muscarina, erva muscarina de Creta, leopoldia, leopoldia cretense, leopoldia crética, leopoldia de Creta, leopoldia de Spreitzenhofer, muscári, muscári cretense, muscári crético, muscári de Creta, muscári de Spreitzenhofer.

Endemismo da Região Mediterrânica, exclusivo da ilha de Creta, onde é comum, em diversos tipos de ambiente: areais marítimos, áreas argilosas planas, fendas de rochas e friganas, em altitudes que vão dos 0 aos 2100 metros (IPNI; CRETANFLORA.COM; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Planta ornamental perene bulbosa, muito raramente cultivada em Portugal (proveniente de Creta, IV.2006), talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Viveiros (proveniente da ilha de Creta, IV.2006; IV.2010, Observ.!).

35. **Nolina** Michaux

[Syn.: *Beaucarnea* Lamarck]

1. **Nolina longifolia** (Karwinski ex Schultes & Schultes f.) Hemsley

= *Yucca longifolia* Karwinski ex Schultes & Schultes f. [basion.]

= *Beaucarnea longifolia* (Karwinski ex Schultes & Schultes f.) Baker

= *Dasyllirion longifolium* (Karwinski ex Schultes & Schultes f.) Zuccarini

Roulinia karwinskiana Brongniart

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Arbusto-garrafa, arbusto garrafal, arbusto-garração, árvore-garrafa, árvore garrafal, árvore-garração, árvore pé de elefante, beaucárnea, beaucárnea de folhas longas, beaucárnea longuifolia, cauda de cavalo, cauda de pónei, dasilírio, dasilírio de folhas longas, dasilírio longuifólio, dasilírio, dasilírio de folhas longas, dasilírio longuifólio, nolina, nolina de folhas longas, nolina longuifolia, rulinia, rulinia de Karwinski, iúca, iúca de folhas longas, iúca longuifolia.

Endemismo norte-americano, do México, de floração primaveril ou vernal e estival (COUPER, 1986f: 284; HUXLEY & al., 1999c: 324); Planta ornamental perene arbustiva exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Onde? (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Nolina recurvata** (Lemaire) Hemsley

= *Beaucarnea recurvata* Lemaire [basion.]

= *Dasyllirion recurvatum* (Lemaire) J.F. Macbride

Dasyllirion inerme S. Watson

= *Beaucarnea inermis* (S. Watson) Rose

Beaucarnea tuberculata Roezl

Pincenectitia tuberculata Lemaire

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Arbusto-garrafa, arbusto garrafal, arbusto-garrafão, árvore-garrafa, árvore garrafal, árvore-garrafão, árvore pé de elefante, beaucárnea, cauda de cavalo, cauda de pónei, dasilírio, dasilírio curvo, dasilírion, dasilírion curvo, nolina, nolina curva, nolina recurvada, palmeira de garrafa, palmeira-garrafa, palmeira garrafal, pincenetítia, pincenetítia tuberculada, rabo de cavalo, rabo de pónei.

Endemismo norte-americano, do SW da América do Norte: SE do México (COUPER, 1986f: 284; HUXLEY & al., 1999c: 324; ROSA, 2000: 117; MABBERLEY, 2008: 586); Planta ornamental perene arbustiva exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos (ROSA, 2000: Anexo VII); Jardineta 1 (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); À entrada do terraço da Estufa Grande, em vasos (X.2013, Observ.!).

3. **Nolina stricta** (Lemaire) Ciferri & Giacomini

= *Beaucarnea stricta* Lemaire [basion.]

= *Beaucarnea recurvata* Lemaire var. *stricta* (Lemaire) Baker

= *Dasyllirion strictum* (Lemaire) J.F. Macbride

Beaucarnea glauca Roezl

Beaucarnea purpusii Rose

Pincenectitia glauca Lemaire

= *Beaucarnea glauca* (Lemaire) Hereman

Pincenectitia tuberculata Lemaire

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Arbusto-garrafa, arbusto garrafal, arbusto-garrafão, árvore-garrafa, árvore garrafal, árvore pé de elefante, beaucárnea, cauda de cavalo, cauda de pónei, dasilírio, dasilírion, nolina, palmeira de garrafa, palmeira-garrafa, palmeira garrafal.

Endemismo norte-americano, da América do Norte: México (COUPER, 1986f: 284; HUXLEY & al., 1999c: 324); Planta ornamental perene arbustiva exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos (ROSA, 2000: Anexo VII).

36. **Ornithogalum** L.

[Syn.: *Caruelia* Parlatore; *Heliocharmos* Baker; *Melomphis* Rafinesque; *Myanthe* Salisbury]

1. **Ornithogalum arabicum** L.

= *Caruelia arabica* (L.) Parlatore

= *Melomphis arabica* (L.) Rafinesque

= *Myanthe arabica* (L.) Salisbury, nom. inval.

Caruelia algeriensis Jordan

= *Ornithogalum arabicum* L. var. *algeriense* (Jordan) Maire

Caruelia hipponensis Jordan

= *Ornithogalum arabicum* L. var. *hipponense* (Jordan) Maire

Caruelia macrocoma Jordan

= *Ornithogalum arabicum* L. var. *macrocomum* (Jordan) Maire & Weiler

Caruelia ochroleuca Jordan

= *Ornithogalum arabicum* L. var. *ochroleucum* (Jordan) Maire & Weiler

Caruelia stenotepala Jordan

= *Ornithogalum arabicum* L. var. *stenotepalum* (Jordan) Maire & Weiler

Eliokarmos aureum Rafinesque

Melomphis patens Rafinesque

Ornithogalum corymbosum Salisbury, nom. illeg.

Ornithogalum latifolium L.

= *Eustachys latifolia* (L.) Salisbury, nom. inval.

= *Loncomelos latifolius* (L.) Rafinesque

= *Stellaris latifolia* (L.) Moench

Ornithogalum speciosum Salisbury, nom. illeg.

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Caruélia, caruélia algeriense, caruélia arábica, caruélia argelina, caruélia caudada, caruélia da Arábia, caruélia da Argélia, caruélia de cauda grande, caruélia de pétalas estreitas, caruélia macrocoma, caruélia ocreoleuca, caruélia rosada, caruélia rósea, eliocardmo, eliocardmo áureo, eliocardmo de ouro, eliocardmo dourado, erva caruéllica, erva de Caruel, erva de galinha, erva galinha, estrela-flor, estrela-flor arábica, estrela-flor da Arábia, eustáquis, eustáquis de folhas largas, eustáquis latifolia, flor-estrela, flor-estrela arábica, flor-estrela da Arábia, lágrimas, lágrimas albifloras, lágrimas albas, lágrimas alvas, lágrimas brancas, lágrimas cândidas, lágrimas de olho negro, lágrimas de São José, lágrimas de São Pedro, lágrimas de São Pedro albifloras, lágrimas de São Pedro albas, lágrimas de São Pedro alvas, lágrimas de São Pedro brancas, lágrimas de São Pedro cândidas, lágrimas josefinas, lágrimas pétreas, lágrimas pétreas albas, lágrimas pétreas albifloras, lágrimas pétreas alvas, lágrimas pétreas brancas, lágrimas pétreas cândidas, lágrimas petrinhas, lágrimas petrinhas albas, lágrimas petrinhas albifloras, lágrimas petrinhas alvas, lágrimas petrinhas brancas, lágrimas petrinhas cândidas, leite de galinha, leite de galinha arábico, leite de galinha da Arábia, leite de galinha de olho negro, lílio capense, lílio capense menor, lílio caruéllico, lílio de Caruel, lílio do Cabo, lílio do Cabo menor, lílio flor, lílio pudico, lírio pudico, loncomelo, loncomelo de folhas largas, loncomelo latifolia, melônfis, melônfis arábica, melônfis da Arábia, melônfis patente, miante, miante arábica, miante da Arábia, olho de Cristo, olhos de Cristo, ornitógalo, ornitógalo arábico, ornitógalo da Arábia, ornitógalo da Argélia, ornitógalo da Arábia, ornitógalo de cauda grande, ornitógalo de folhas largas, ornitógalo de pétalas estreitas, ornitógalo de olho negro, ornitógalo latifolia, ornitógalo macrocoma, ornitógalo ocreoleuco, ornitógalo rosado, ornitógalo róseo, solda-costas solda-costelas, solda-costilhas, steláris, steláris de folhas largas, steláris latifolia, vicários, vigários.

Endemismo da Região Mediterrânica e da Macaronésia (arquipélagos da Madeira e das Ilhas Canárias), próprio de locais arenosos, rochosos e ruderais, de floração predominantemente primavera ou vernal (ZAHARIADI, 1980: 40; CULLEN, 1986w: 217; HUXLEY & al., 1999c: 408; GRIN; IPNI; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010; MARTÍNEZ AZORÍN & al., 2013: 205-207); Planta ornamental perene bulbosa, espontânea e rara em Portugal (LOURENÇO & PORTO, 2014h), raramente cultivada como ornamental em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Ornithogalum candicans* (Baker) J.C. Manning & Goldblatt

= *Hyacinthus candicans* Baker [basion.]

= *Galtonia candicans* (Baker) Decaisne

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Galtónia, galtónia alba, galtónia alva, galtónia branca, galtónia cândida, galtónia esbranquiçada, hiacinto, hiacinto alba, hiacinto alva, hiacinto branco, hiacinto de verão, hiacinto esbranquiçado, hiacinto estival, jacinto, jacinto alba, jacinto alva, jacinto branco, jacinto de verão, jacinto esbranquiçado, jacinto estival, leite de ave, leite de galinha, leite de galinha de verão, leite de galinha estival, leite de pássaro, leite passarino, ornitógalo, ornitógalo alba, ornitógalo alva, ornitógalo branco, ornitógalo de verão, ornitógalo esbranquiçado, ornitógalo estival.

Endemismo sul-africano, da África do Sul (Estado Livre de Orange e Natal) e do Lesotho, de floração tardi-estival (KING, 1986g: 229; HUXLEY & al., 1999b: 365); Planta ornamental perene bulbosa, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

3. *Ornithogalum exscapum* Tenore

Ornithogalum ambiguum N. Terracciano

Ornithogalum bertolonii Jordan & Fourreau

= *Ornithogalum exscapum* Tenore var. *ambiguum* (N. Terracciano) Fiori

Ornithogalum exscapum Tenore var. *biflorum* Nyman

Ornithogalum microcarpum N. Terracciano

Ornithogalum mutabile De Notaris

Ornithogalum nanum auct. Fl. Ital. an S. et S. (PIGNATTI, 1982c: 371)

Ornithogalum pauciflorum Rafinesque

Raxamaris parviflora Rafinesque

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Leite de galinha, leite de galinha ambíguo, leite de galinha anão, leite de galinha bertoloniano, leite de galinha de Bertoloni, leite de galinha de flores pequenas, leite de galinha de frutos pequenos, leite de galinha de poucas flores, leite de galinha micranto, leite de galinha minutifloro, leite de galinha parvifloro, leite de galinha paucifloro, ornitógalo, ornitógalo ambíguo, ornitógalo anão, ornitógalo bertoloniano, ornitógalo bifloro, ornitógalo de Bertoloni, ornitógalo de duas flores, ornitógalo de flores pequenas, ornitógalo de frutos pequenos, ornitógalo micranto, ornitógalo microcarpo, ornitógalo minutifloro, ornitógalo parvifloro, raxamáris, raxamáris de flores pequenas, raxamáris micranta, raxamáris minutiflora, raxamáris parviflora.

Endemismo da Região Mediterrânica e do Sul da Europa, próprio de locais áridos (PIGNATTI, 1982c: 371; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Planta ornamental perene bolbosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

4. *Ornithogalum montanum* Cirillo

Hyacinthus cirilloi E.H.L. Krause

Ornithogalum byzantinum Fox-Strangways ex Tenore

Ornithogalum cuspidatum Grisebach, nom. illeg.

Ornithogalum huetii Boissier

Ornithogalum nyssanum Petrovic

Ornithogalum platyphyllum Boissier

= *Ornithogalum montanum* Cirillo var. *platyphyllum* (Boissier) Boissier

Ornithogalum polyphyllum Link ex Kunth, nom. inval.

Ornithogalum patulum Rafinesque

Scilla strangwaysii Tenore

= *Ornithogalum strangwaysii* (Tenore) Speta

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Cila, cila de Strangways, hiacinto, hiacinto cirílico, hiacinto de Cirilo, jacinto, jacinto cirílico, jacinto de Cirilo, leite de galinha, leite de galinha bizantino, leite de galinha de Bizâncio, leite de galinha de montanha, leite de galinha montanhês, leite de galinha montano, ornitógalo, ornitógalo cuspidado, ornitógalo de Constantinopla, ornitógalo de folhas planas, ornitógalo de Huet, ornitógalo de montanha, ornitógalo de várias folhas, ornitógalo de Strangways, ornitógalo montanhês, ornitógalo montano, ornitógalo nissano.

Endemismo da Região Mediterrânica e da Eurásia; Elemento da Região Mediterrânica oriental, de floração primaveril ou vernal (CULLEN, 1984c: 236; CULLEN, 1986w: 236; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Planta ornamental perene bolbosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1991).

5. *Ornithogalum umbellatum* L.

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Leite de galináceo, leite de galinha, leite de galinha em umbela, leite de galinha umbelado, leite engalinhado, leite galináceo, ornitógalo, ornitógalo em umbela, ornitógalo umbelado.

Endemismo eurasiático (CULLEN, 1984c: 240) e norte-africano; Planta ornamental, também de interesse apícola (VIEIRA & BRANCO, 1996: 123), perene, bolbosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

6. *Ornithogalum viridiflorum* (I. Verdoorn) J.C. Manning & Goldblatt

= *Galtonia viridiflora* I. Verdoorn [basion.]

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Galtónia, galtónia de flores verdes, galtónia viridiflora, leite de galinha, leite de galinha de flores verdes, leite de galinha viridifloro, leite engalinhado, leite engalinhado de flores verdes, leite engalinhado viridifloro, leite galináceo, leite galináceo de flores verdes, leite galináceo viridifloro, ornitógalo, ornitógalo de flores verdes, ornitógalo viridifloro.

Endemismo sul-africano, exclusivo da África do Sul (Estado Livre de Orange e Natal) e do Lesotho, de floração tardi-estival (KING, 1986g: 229; HUXLEY & al., 1999b: 365); Planta ornamental perene bolbosa, raramente cultivada em Portugal, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

37. *Paradisea* Mazzucato

1. *Paradisea lusitanica* (Coutinho) Sampaio

= *Paradisea liliastrum* (L.) Bertoloni β [var.] *lusitanica* Coutinho [basion.]

= *Anthericum lusitanicum* (Coutinho) Sampaio

= *Liliastrum lusitanicum* (Coutinho) Rothmaler

Anthericum liliago sensu Merino, non L.

Phalangium liliastrum Brotero

Paradisea liliastrum Henriques

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Antérico, erva do Paraíso, falângio, gamante, gamão, grande gamão, liliastro, paradísea, paradísea de Portugal, paradísea ibérica, paradísea lusitana, paradísea portuguesa.

Género bi-específico, exclusivo das montanhas do Sul da Europa, de floração predominantemente estival (MATTHEWS, 1986n: 128-129); Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, exclusivamente ibérico (WEBB, 1980a: 18); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, espontânea e rara em Portugal, onde aparece em lameiros húmidos e bosques sombrios, em solos profundos, húmidos e eutróficos, sobretudo nas regiões montanhosas do Norte e Centro (SAMPAIO, 1932: 120; ROMERO, 2011; ROMERO, 2013a: 144; ARAÚJO & al., 2014x); actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000).

38. *Polianthes* L.

[Syn.: × *Bravanthes* Ciferri & Giacom., *Bravoa* Lexarza, *Coetocapnia* Link & Otto, *Pothos* Adanson, *Pseudobravoa* Rose, *Robynsia* Drapiez, *Tuberosa* Heister ex Fabricius, *Zetocapnia* Link & Otto]

1. *Polianthes* 'Caley surprise'

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Poliantes, poliantes de Caley, poliantes surpresa, poliantes surpresa de Caley.

Planta ornamental perene herbácea, rizomatosa e tuberosa, de origem híbrida, muito raramente raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Onde? (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Polianthes* 'Helios'

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Poliantes, poliantes solar.

Planta ornamental perene herbácea, rizomatosa e tuberosa, de origem híbrida, muito raramente raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Onde? (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Polianthes* 'Horace'

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Poliantes, poliantes de Horace, poliantes de Horácio, poliantes horaciano.

Planta ornamental perene herbácea, rizomatosa e tuberosa, de origem híbrida, muito raramente raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Onde? (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. *Polianthes* 'Phoenix'

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Poliantes, poliantes fénix.

Planta ornamental perene herbácea, rizomatosa e tuberosa, de origem híbrida, muito raramente raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Onde? (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. **Polianthes tuberosa** L.

Agave polianthes Thiede & Eggli

Crinum angustifolium Houttuyn

Polianthes tuberosa L.

Tuberosa amica Medikus

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Agave, agave de muitas flores, agave multiflora, crino, crino angustifólio, crino de folhas estreitas, poliantes, poliantes tuberosa, tuberosa, tuberosa amiga.

Endemismo norte-americano, da América do Norte: México, de floração estival (COUPER, 1986f: 283; HUXLEY & al., 1999c: 672); Planta ornamental perene herbácea, rizomatosa e tuberosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Onde? (ROSA, 2000: Anexo VII).

6. **Polianthes** sp.

Geófito. Origem: América do Norte.

Nome comum possível: Poliantes.

Planta ornamental perene herbácea, rizomatosa e tuberosa, possivelmente de origem híbrida, muito raramente raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Onde? (ROSA, 2000: Anexo VII).

39. **Polygonatum** Miller

1. **Polygonatum humile** Fischer ex Maximowicz

= *Polygonatum officinale* Allioni var. *humile* (Fischer ex Maximowicz) Baker

Polygonatum humillimum Nakai

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Convalária, convalária humilde, poligonado, poligonato, poligonato humilde, poligonato muito humilde.

Endemismo eurasiático, da China, Coreia, Japão e Federação Russa: Sibéria, de floração predominantemente estival (MATTHEWS, 1986f: 255; HUXLEY & al., 1999c: 675); Planta ornamental perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Polygonatum multiflorum** (L.) Miller

= *Convallaria multiflora* L. [basion.]

Convallaria broteroi Gussone

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Convalária, convalária broteriana, convalária de Brotero, convalária multiflora, convalária polianta, poligonado, poligonato, poligonato broteriano, poligonato de Brotero, poligonato multifloro, poligonato polianto, poligonátum, selo de Salomão.

Endemismo eurasiático, de floração predominantemente vernal ou primaveril e estival (MATTHEWS, 1986f: 255; HUXLEY & al., 1999c: 675); Planta ornamental perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ROSA, 2000); Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. **Polygonatum odoratum** (Miller) Druce

= *Convallaria odorata* Miller [basion.]

Convallaria polygonatum L. [syn. subst.]

Polygonatum officinale Allioni

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Convalária, convalária broteriana, convalária de Brotero, convalária multiflora, convalária polianta, flor do muguê, flor do muguet, poligonado, poligonato, poligonato multifloro, poligonato polianto, poligonátum, selo de Salomão.

Endemismo eurasiático, das regiões temperadas da Europa e da Ásia, de floração vernal e estival, próprio de bosques –de *Quercus pyrenaica* Willdenow, por exemplo– e locais rochosos, húmidos e sombrios, algo calcícola e raro no Sul da Península Ibérica (DEFILIPPS, 1980a: 71; MILL, 1984d: 84; MATTHEWS, 1986f: 255; VALDÉS, 1987a: 458-459; HUXLEY & al., 1999c: 675; GÓMEZ MERCADO, 2011: 366); Planta

ornamental e medicinal perene rizomatosa, espontânea e pouco comum em Portugal, onde se encontra sobretudo no Norte e Centro (ARAÚJO & al., 2014v).

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (TAVARES & ALVES, 2002; ALMEIDA & al., 2003).

40. **Prospero** Salisbury

= *Scilla* L. subgen. *Prospero* (Salisbury) Chouard

1. **Prospero autumnale** (L.) Salisbury

= *Scilla autumnalis* L. [basion.]

= *Anthericum autumnale* (L.) Scopoli

= *Genlisa autumnalis* (L.) Rafinesque

= *Hyacinthus autumnalis* (L.) E.H.L. Krause

= *Ornithogalum autumnale* (L.) Lamarck

= *Stellaris autumnalis* (L.) Bubani

= *Urginea autumnalis* (L.) El-Gadi

Scilla holzmannia Heldreich

Scilla uliginosa Siehe

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Antérico de outono, antérico outonal, cila, cila de Holzmann, cila de outono, cila outonal, cila uliginosa, genlisa, genlisa de outono, genlisa outonal, jacinto, jacinto de outono, jacinto outonal, próspero, próspero de outono, próspero outonal, steláris, steláris de outono, steláris outonal. Endemismo eurasiático e mediterrânico (MCNEILL, 1980b: 43; KNEES & BARNES, 1986: 213; FERRER-GALLEGÓ, 2013: 37-38); Elemento mediterrânico, próprio de sítios mais ou menos secos e soalheiros, em taludes e matos, em vários tipos de substrato, a altitudes entre o nível do mar e os 1800 m, de floração tardio-estival e outonal (MORDAK, 1984: 223); Planta ornamental herbácea bulbosa, espontânea e comum em Portugal, em quase todo o País (PORTO & al., 2014c), também por vezes cultivada pelo seu grande interesse ornamental e facilidade de cultivo, sendo notáveis as suas pequenas flores roxas visíveis durante o final do Verão e a maior parte do Outono; as suas cápsulas produzem sementes em abundância; SPETA (1982: 4; 1998a, 1998b, 2000), EBERT & al. (1997) e PFOSSER & SPETA (1999) consideram que esta espécie, tradicionalmente denominada *Scilla autumnalis* L., se deve incluir no género *Prospero* Salisbury.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002; A.C. MATOS, com. pessoal).

41. **Puschkinia** Adams

1. **Puschkinia scilloides** Adams

= *Adamsia scilloides* (Adams) Willdenow

Puschkinia hyacinthoides Baker

Puschkinia libanotica Zuccarini

= *Puschkinia scilloides* Adams var. *libanotica* (Zuccarini) Boissier

Puschkinia sicula van Houtte

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Adâmsia, adâmsia cilóide, puchkínia, puchkínia cilóide, puchkínia, puchkínia da Sicília, puchkínia da Síria, puchkínia do Líbano, puchkínia hiacintóide, puchkínia libânica, puchkínia siciliana, puchkínia sícula, puchkínia síria, puchkínia siríaca.

Endemismo eurasiático e mediterrânico, da Região Mediterrânica oriental e do Cáucaso até ao Norte do Irão e do Iraque, possivelmente um elemento Irano-Turânico, que se pode encontrar sobretudo em prados de montanha e locais rochosos elevados, a altitudes entre os 1700 e os 3500 m (EDMONDSON, 1984c: 227; RIX, 1986a: 221; HUXLEY & al., 1999c: 766; MABBERLEY, 2008: 719; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Planta ornamental e medicinal perene bulbosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

42. **Ruscus** Tournefort ex L.

1. **Ruscus aculeatus** L.

Caméfito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cornicabra, gibarbeira, gibeirdeira, gilbarbeira, gilbardeira, pica-cão, pica-gato, pica-rato, pica-ratos, rascaceira, rascaço, ruscaceira, ruscaço, rusco, rusco aculeado.

Endemismo das regiões Mediterrânica e Macaronésica e da Europa ocidental atlântica, de floração outonal e vernal ou primaveril (YEO, 1980a: 73; BORGES DE MACEDO & ALMEIDA TIAGO, 1985: 37; YEO, 1986g: 265; DAVIS, 1984c: 72-73; ROSA, 2000: 119; JORGE & al., 2011: 31; GIRÁLDEZ, 2013: 122); Planta arbustiva ou subarbustiva rizomatosa ornamental e medicinal (BORGES & ALMEIDA, 1996: 150; GONZÁLEZ & al., 2010: 348; IVANOVA & al., 2011: 61) perene, comum em Portugal (ARAÚJO & al., 2014y), em bosques e pinhais, sobretudo pertencentes à ordem *Quercetalia ilicis* (GÓMEZ MERCADO, 2011: 367), e também dos carvalhais de *Quercus Robur* L., da ordem *Quercetalia roboris*, da classe *Querco-Fagetea* (cf. PEREIRA & al., 2013); espontânea e frequente na Mata do Jardim Botânico; também por vezes cultivada e muito apreciada na época natalícia, pelos caules verdes rígidos e pelas suas bagas rubras grandes, que fazem lembrar um pouco o azevinho (*Ilex Aquifolium* L.).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Jardineta 1, Estufa Fria, Talhão 10 da Mata e Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002); Espontâneo e muito comum em toda a Mata, em sítios frescos e sombrios, sobretudo, sendo um dos constituintes naturais das matas de *Quercus faginea* subsp. *Broteroi* e outras espécies de carvalhos próprias de Coimbra e das regiões vizinhas (V.2012, Observ.).

2. *Ruscus hypoglossum* L.

Caméfito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Gibarbeira, gibeadeira, gilbarbeira, gilbardeira, rusco.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental (YEO, 1980A: 73; YEO, 1986G: 265-266; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Planta arbustiva ou subarbustiva ornamental perene, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Talhão 9 da Mata, junto à Capela de Cristo e de S. Bento (LIVRO DE REGISTOS DA MATA); Talhão 14, entre os Anexos e o Portão da Traição (LIVRO DE REGISTOS DA MATA).

3. *Ruscus × microglossum* Bertoloni

Ruscus hypoglossum L. × *Ruscus hypophyllum* L.

Caméfito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Gibarbeira, gibeadeira, gilbarbeira, gilbardeira, rusco.

Planta arbustiva ou subarbustiva ornamental perene de origem híbrida, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

4. *Ruscus streptophyllus* P.F. Yeo

= *Platyruscus streptophyllus* (P.F. Yeo) A.P. Khokhrjakov & V.N. Tikhomirov

Caméfito. Origem: Macaronésia.

Alguns nomes comuns possíveis: Gibarbeira, gibeadeira, gilbarbeira, gilbardeira, platirrusco, rusco, rusco achatado, rusco plano.

Endemismo exclusivo da Ilha da Madeira, onde é planta rara, na floresta Laurisilva (JARDIM & FRANCISCO, 2000: 276-277); Planta arbustiva ou subarbustiva ornamental perene, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

43. *Sansevieria* Thunberg

1. *Sansevieria aethiopica* Thunberg

Sansevieria caespitosa Dinter

Sansevieria glauca Haworth

Sansevieria scabrifolia Dinter

Sansevieria thunbergii Mattei, nom. illeg.

Geófito. Origem: África tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Espada de Santa Bárbara, espada de São Jorge, jacinto angolano, jacinto da Abissínia, jacinto da Etiópia, jacinto da Namíbia, jacinto de Angola, jacinto do Quénia, jacinto namibiano, língua de sogra, planta-cobra, planta serpentina, sanseviéria, sanseviéria angolana, sanseviéria cespitosa, sanseviéria da Abissínia, sanseviéria da Etiópia, sanseviéria da Namíbia, sanseviéria de Angola, sanseviéria de Thunberg, sanseviéria glauca, sanseviéria namibiana.

Endemismo da África tropical: Angola, Botswana, Namíbia (IPNI); Planta ornamental -e também usada como amuleto- perene rizomatosa, por vezes cultivada em Portugal, como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

2. **Sansevieria cylindrica** Bojer ex Hooker

= *Acyntha cylindrica* (Bojer ex Hooker) Kuntze

= *Cordylina cylindrica* (Bojer ex Hooker) Britton

Sansevieria angolensis Welwitsch ex Carrière

Sansevieria cylindrica Bojer ex Hooker var. *patula* N.E. Brown

Geófito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Acinta, acinta cilíndrica, cordiline, cordiline cilíndrica, sanseviéria, sanseviéria angolana, sanseviéria angolense, sanseviéria de Angola, sanseviéria cilíndrica.

Endemismo da África Tropical: Angola (HUXLEY & al., 1999d: 192); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. **Sansevieria grandis** Hooker

Geófito. Origem: África tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Espada de Santa Bárbara, espada de São Jorge, jacinto do Quénia, língua de sogra, planta-cobra, planta serpentina, sanseviéria, sanseviéria grande.

Planta arbustiva ou subarbustiva ornamental perene de origem desconhecida, talvez sul-africana ou da África tropical (COUPER, 1986a: 289), raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (Rosa, 2000: Anexo VII); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

4. **Sansevieria hyacinthoides** (L.) Druce

= *Aloe hyacinthoides* L. [basion.]

= *Aletris hyacinthoides* (L.) L.

= *Cordylina hyacinthoides* (L.) W. Wight

Aloe guineensis L.

= *Aloe hyacinthoides* L. var. *guineensis* (L.) L.

= *Aletris hyacinthoides* (L.) L. var. *guineensis* (L.) L.

= *Acyntha guineensis* (L.) Medikus

= *Aletris guineensis* (L.) Jacquin

= *Cordylina guineensis* (L.) Britton

= *Salmia guineensis* (L.) Cavanilles

= *Sansevieria guineensis* (L.) Willdenow

= *Veltheimia guineensis* (L.) Necker, nom. inval.

Pleomele aloifolia Salisbury

Salmia spicata Cavanilles

= *Sansevieria spicata* (Cavanilles) Haworth

Sansevieria angustiflora Lindberg

Sansevieria angustifolia Baker, nom. illeg.

Sansevieria ceylonica Oken

Sansevieria fulvocincta Haworth

Sansevieria laetevirens Haworth

Sansevieria latifolia Bojer

Sansevieria rufocincta Baker

Sansevieria stenophylla Link

Sanseverinia thyrsiflora Petagna, nom. illeg.

= *Acyntha thyrsiflora* (Petagna) Kuntze

= *Sansevieria thyrsiflora* (Petagna) Thunberg, nom. illeg.

Geófito. Origem: África tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Acinta, alétris, alétris da Guiné, alétris guineense, aloé, aloé da Guiné, aloé guineense, cordiline, cordiline da Guiné, cordiline guineense, pleomele, sálmia, sálmia da Guiné, sálmia espigada, sálmia guineense, sanseverínia, sanseviéria da Guiné, sanseviéria de Celão, sanseviéria de folhas estreitas, sanseviéria de folhas largas, sanseviéria de muitas folhas, sanseviéria espigada, sanseviéria estenofila, sanseviéria guineense, sanseviéria latifolia, sanseviéria multifolia, sanseviéria polifila, pleomele, veltéimnia, veltéimnia da Guiné, veltéimnia guineense.

Endemismo da África do Sul (COUPER, 1986a: 289); Planta ornamental -e também usada como amuleto- perene rizomatosa, por vezes cultivada em Portugal, como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

5. **Sansevieria parva** N.E. Brown

Sansevieria bequaertii De Wildeman

Sansevieria dooneri N.E. Brown

Geófito. Origem: África tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Espada de Santa Bárbara, espada de São Jorge, jacinto do Quénia, língua de sogra, planta-cobra, planta serpentina, sanseviéria, sanseviéria de Bequaert, sanseviéria de Dooner, sanseviéria parva, sanseviéria pequena.

Endemismo da África ocidental tropical, da Nigéria ao Congo (COUPER, 1986a: 288-289); Planta ornamental –e também usada como amuleto– perene rizomatosa, por vezes cultivada em Portugal, sobretudo como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

6. **Sansevieria trifasciata** Prain

Geófito. Origem: África tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Espada de Santa Bárbara, espada de São Jorge, língua de sogra, planta-cobra, planta serpentina, sanseviéria.

Endemismo da África ocidental tropical, da Nigéria ao Congo (COUPER, 1986a: 288-289), já naturalizada na ilha de Tenerife, do Arquipélago das Canárias (CHILTON, 2013c: 34); Planta ornamental –e também usada como amuleto– perene rizomatosa, por vezes cultivada em Portugal, sobretudo como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical, parte III, temperada e Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

7. **Sansevieria trifasciata** Prain '**Hahnii**'

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Espada de Santa Bárbara, espada de São Jorge, língua de sogra, planta-cobra, planta serpentina, sanseviéria.

Planta ornamental perene rizomatosa, de origem hortícola, por vezes cultivada em Portugal, sobretudo como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical e Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

8. **Sansevieria trifasciata** Prain '**Laurentii**'

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Espada de Santa Bárbara, espada de São Jorge, língua de sogra, planta-cobra, planta serpentina, sanseviéria.

Planta ornamental perene rizomatosa, de origem hortícola, por vezes cultivada em Portugal, sobretudo como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical e Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

9. **Sansevieria zeylanica** (L.) Willdenow

= *Aloe hyacinthoides* L. var. *zeylanica* L. [basion.]

= *Aloe zeylanica* (L.) Jacquin

= *Cordyline zeylanica* (L.) Britton

Sansevieria indica Herter

Geófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé ceilânico, aloé de Ceilão, aloé de Sri Lanka, cordiline, cordiline ceilânica, sanseviéria, sanseviéria ceilânica, sanseviéria angolense, sanseviéria de Angola, sanseviéria cilíndrica.

Endemismo da Ásia tropical: Ceilão ou Sri Lanka (HUXLEY & al., 1999d: 193); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

10. **Sansevieria** sp.

Geófito. Origem: Desconhecida.

Alguns nomes comuns possíveis: Espada de Santa Bárbara, espada de São Jorge, língua de sogra, planta-cobra, planta serpentina, sanseviéria.

Planta ornamental perene rizomatosa, de origem hortícola, por vezes cultivada em Portugal, sobretudo como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

44. *Scilla* L.1. *Scilla litardierei* Breistroffer*Scilla amethystina* Visiani*Scilla pratensis* Waldstein & Kitaibel

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Cila, cila ametista, cila ametistina, cila de Litardière, cila dos prados, cila iugoslava, cila jugoslava, cila pratense.

Endemismo eurasiático e da Região Mediterrânica central, exclusivo da antiga Jugoslávia (MCNEILL, 1980b: 213; KNEES & BARNES, 1986: 213; HUXLEY & al., 1999d: 236); Planta ornamental perene bulbosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Scilla luciliae* (Boissier) Speta= *Chionodoxa luciliae* Boissier [basion.]*Chionodoxa gigantea* Whittall*Chionodoxa grandiflora* Wore ex Willks & Weather

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Cila, cila de Lucília, quionodoxa, quionodoxa de flores grandes, quionodoxa gigante, quionodoxa grandiflora, quionodoxa macranta.

Endemismo da Região Mediterrânica oriental, exclusivo do ocidente da Anatólia, de floração vernal (MEIKLE, 1984: 225; RIX, 1986a: 215); Planta ornamental perene bulbosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Scilla* sp.

Geófito. Origem: Desconhecida.

Alguns nomes comuns possíveis: Albarrã, cila.

Planta ornamental perene bulbosa, de origem desconhecida, possivelmente híbrida.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

45. *Schizocarphus* J. van der Merwe1. *Schizocarphus nervosus* (Burchell) J. van der Merwe= *Ornithogalum nervosum* Burchell [basion.]= *Scilla rigidifolia* Kunth var. *nervosa* (Burchell) Baker= *Scilla nervosa* (Burchell) J.P. Jessop*Drimia dregeana* Kunth*Scilla bakeriana* Poellnitz*Scilla eriospermoides* Engler & Gilg*Scilla gerrardii* Baker= *Schizocarphus gerrardii* (Baker) J. van der Merwe= *Scilla rigidifolia* Kunth var. *gerrardii* (Baker) Baker*Scilla hispidula* Baker= *Schizocarphus hispidulus* (Baker) Speta*Scilla pubescens* Baker*Scilla rigidifolia* Kunth= *Schizocarphus hispidulus* (Kunth) J. van der Merwe*Scilla rigidifolia* Kunth var. *nervosa* J. van der Merwe, nom. illeg.*Scilla setifera* Baker= *Schizocarphus setiferus* (Baker) Speta*Scilla versicolor* Baker, nom. illeg.

Geófito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Cila, cila bakeriana, cila de Baker, cila de flores pálidas, cila de folhas rígidas, cila de Gerrard, cila hispida, cila nervosa, cila palidiflora, cila pilosa, cila pubescente, cila vilosa, drímia, esquizocarfo, esquizocarfo nervoso, leite de ave, leite de galinha, leite de pássaro, ornitógalo.

Género monoespecífico; Endemismo africano, da África Tropical oriental (Tanzânia) até à África do Sul (MABBERLEY, 2008: 777; PACIFIC BULB SOCIETY, 2013; WIKIPEDIA); Planta ornamental perene bolbosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.
Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

46. *Semele* Kunth

1. *Semele androgyna* (L.) Kunth

= *Ruscus androgynus* L. [basion.]
= *Danae androgyna* (L.) Webb & Berthelot
Ruscus procerus Salisbury, nom. illeg.
Geófito. Origem: Macaronésia.

Alguns nomes comuns possíveis: Dánae, rusco, sémele, semele.

Endemismo da Região Macaronésica: arquipélagos da Madeira e das Ilhas Canárias, de floração predominantemente estival (YEO, 1986f: 265; HUXLEY & al., 1999d: 269; PINHEIRO DE CARVALHO & al., 2001: 5-6; COSTA & al., 2004: 198; IPNI; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010; CHILTON, 2013c: 34); Planta ornamental perene bolbosa exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

47. *Stellarioides* Medikus

1. *Stellarioides longibracteata* (Jacquin) Speta

= *Ornithogalum longibracteatum* Jacquin [basion.]
Ornithogalum bracteatum Thunberg
= *Fenelonina bracteata* (Thunberg) Rafinesque
Ornithogalum caudatum Aiton
= *Eliokarmos caudatum* (Aiton) Rafinesque
= *Loncomelos caudatum* (Aiton) Dostál
= *Urophyllon caudatum* (Aiton) Salisbury, nom. inval.
Ornithogalum massonii J.F. Gmelin, nom. illeg.
Ornithogalum scilloides Jacquin
Urginea mouretii Battandier & Trabut
Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Cebola alemã, cila, eliocarmos, falsa cebola, falsa cebola marinha, fenelónia, loncomelos, ornitógalo, ornitógalo caudado, ornitógalo cilóide.

Endemismo sul-africano, exclusivo da África do Sul: províncias do Cabo e Natal, de floração intermitente (CULLEN, 1986w: 217; HUXLEY & al., 1999c: 408); Planta ornamental perene bolbosa, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII); Bastante cultivado no Jardim: Estufa grande, partes 1, 2 e 3, Estufa fria, Jardimeta 2, Recanto Tropical e Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002; X.2011, Observ.!). Escola Médica (Matos, 2014).

48. *Trichopetalum* Lindley

1. *Trichopetalum plumosum* (Ruíz & Pavón) J.F. Macbride

= *Anthericum plumosum* Ruíz & Pavón [basion.]
Bottionea thysanthoides Colla
Endocoma parviflora Rafinesque, nom. illeg.
Endocoma peruviana Rafinesque, nom. illeg.
Trichopetalum gracile Lindley
Trichopetalum stellatum Lindley
Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Antérico, antérico plumoso, botiónea, endocoma, endocoma de flores pequenas, endocoma micrantha, endocoma parviflora, endocoma peruana, tricopétalo, tricopétalo elegante, tricopétalo em estrela, tricopétalo estelado, tricopétalo estelar, tricopétalo estrelado, tricopétalo grácil, tricopétalo plumoso.

Endemismo exclusivamente sul-americano, do Chile (HUXLEY & al., 1999d: 501; MABBERLEY, 2008: 869; IPNI); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

49. *Trillium* L.

1. *Trillium grandiflorum* (Michaux) Salisbury

= *Trillium rhomboideum* Michaux var. *grandiflorum* Michaux [basion.]

Trillium chandleri Farwell

= *Trillium grandiflorum* (Michaux) Salisbury f. *chandleri* (Farwell) Victorin

Trillium chandleri Farwell f. *foliaceum* Farwell

Trillium chandleri Farwell f. *gladewitzii* Farwell

Trillium chandleri Farwell f. *palaceum* Farwell

Trillium chandleri Farwell f. *plenum* Farwell

Trillium chandleri Farwell f. *subulatum* Farwell

Trillium erythrocarpum Curtis (1805), non Michaux (1803)

Trillium grandiflorum (Michaux) Salisbury f. *dimerum* Louis-Marie

Trillium grandiflorum (Michaux) Salisbury f. *divisum* Louis-Marie

Trillium grandiflorum (Michaux) Salisbury f. *elongatum* Louis-Marie

Trillium grandiflorum (Michaux) Salisbury var. *minimum* N.M. Coleman

Trillium grandiflorum (Michaux) Salisbury f. *petalosum* Louis-Marie

Trillium grandiflorum (Michaux) Salisbury f. *regressum* Louis-Marie

Trillium grandiflorum (Michaux) Salisbury f. *striatum* Louis-Marie

Trillium lirioides Rafinesque

= *Trillium grandiflorum* (Michaux) Salisbury f. *lirioides* (Rafinesque) Victorin

Trillium lirioides Rafinesque f. *albomarginatum* Farwell

Trillium lirioides Rafinesque f. *giganteum* Farwell

Trillium lirioides Rafinesque f. *longipetiolatum* Farwell

Trillium lirioides Rafinesque f. *subsessile* Farwell

Trillium lirioides Rafinesque f. *ungulatum* Farwell

Trillium lirioides Rafinesque f. *variegatum* Farwell

Trillium lirioides Rafinesque f. *vegetum* Farwell

Trillium obcordatum Rafinesque

Trillium scouleri Rydberg

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Trílio, trílio alvo, trílio branco, trílio cândido, trílio de Chandler, trílio de flores grandes, trílio de Scouler, trílio gigante, trílio lirióide, trílio macranto, trílio grandifloro.

Endemismo norte-americano, dos Estados Unidos e do Canadá (FLORA OF NORTH AMERICA, 26: 99; IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

50. *Triteleia* Douglas ex Lindley

[= *Brodiaea* Smith subgen. *Triteleia* (Douglas ex Lindley) Eastwood;

Calliprora Lindley = *Brodiaea* Smith sect. *Calliprora* (Lindley) S. Watson

= *Brodiaea* Smith subgen. *Calliprora* (Lindley) Eastwood;

Hesperocordum Lindley = *Brodiaea* Smith subgen. *Hesperocordum* (Lindley) Eastwood;

Seubertia Kunth = *Brodiaea* Smith sect. *Seubertia* (Kunth) S. Watson]

1. *Triteleia laxa* Benth

= *Brodiaea laxa* (Benth) S. Watson

= *Hookera laxa* (Benth) Kuntze

= *Milla laxa* (Benth) Baker

= *Seubertia laxa* (Benth) Kunth

= *Tulophos laxa* (Benth) Rafinesque

Brodiaea candida (Greene) Baker

= *Brodiaea laxa* (Benth) S. Watson var. *candida* (Greene) Jepson

Brodiaea laxa (Bentham) S. Watson var. *nimia* Jepson
Brodiaea laxa (Bentham) S. Watson var. *tracyi* Jepson
Seubertia obscura Borzi
Triteleia angustiflora A. Heller
Triteleia candida Greene

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Bródia, hookera, lança de Ituriel, mila, noz de erva, seubértia, seubértia obscura, soibértia, soibértia obscura, triteleia, triteleia alba, triteleia albiflora, triteleia branca, triteleia cândida, triteleia comum, triteleia de flores brancas, triteleia laxa, triteleia vulgar, tulofos.

Endemismo norte-americano, dos Oeste dos Estados Unidos da América: Califórnia e talvez também no Oregon, de floração primaveril ou vernal e, por vezes, também estival (DROOP, 1986f: 248-249; PIRES, 2003: 344); Planta ornamental e outrora alimentar (ROSA, 2000: 185; MABBERLEY, 2008: 875) perene bolbosa, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Triteleia hyacinthina* (Lindley) Greene

= *Hesperocordum hyacinthinum* Lindley [basion.]

= *Brodiaea hyacinthina* (Lindley) Baker

= *Hookera hyacinthina* (Lindley) Kuntze

= *Milla hyacinthina* (Lindley) Baker

Allium tilingii Regel

Brodiaea dissimulata M. Peck

Brodiaea hyacinthina (Lindley) Baker var. *lactea* Baker

Brodiaea grandiflora Pursh

Brodiaea grandiflora Pursh var. *macrantha* Torr. ex Durand

Brodiaea lactea (Lindley) S. Watson var. *lilacina* S. Watson

= *Brodiaea hyacinthina* (Lindley) Baker var. *lilacina* (S. Watson) Jepson

Brodiaea lactea (Lindley) S. Watson var. *major* Purdy

Hesperocordum lacteum Lindley

= *Allium lacteum* (Lindley) Bentham

= *Brodiaea hyacinthina* (Lindley) Baker var. *lactea* (Lindley) Baker

= *Brodiaea lactea* (Lindley) S. Watson

= *Hookera hyacinthina* (Lindley) Kuntze var. *lactea* (Lindley) Jepson

= *Milla hyacinthina* (Lindley) Baker var. *lactea* (Lindley) Baker

= *Triteleia lactea* (Lindley) Davidson & Moxley

Hesperocordum lewisii Hooker

Scaduaquintos umbellaris Rafinesque

Veatchia crystallina Kellogg

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Alho branco, alho dos loucos, alho dos tolos, alho lácteo, alho leitoso, bródia, bródia branca, bródia dissimulada, bródia hiacintina, bródia láctea, bródia leitosa, cebola brava, cebola dos tolos, cebola tola, scaduquintos, hesperocordo, hesperocordo de Lewis, hesperocordo hiacintino, hookera, hookera hiacintina, jacinto, jacinto acebolado, jacinto cebolino, jacinto ceboloso, jacinto ceboludo, jacinto selvagem, jacinto silvestre, mila, mila hiacintina, scaduquintos, triteleia, triteleia branca, triteleia hiacintina, triteleia láctea, veatchia, veatchia cristalina.

Endemismo norte-americano, do Oeste dos Estados Unidos da América e do Canadá: da Colúmbia Britânica até ao Idaho e à Califórnia, de floração primaveril ou vernal e, por vezes, também estival (DROOP, 1986f: 249; PIRES, 2003: 342; ROSA, 2000: 185); Planta ornamental perene bolbosa, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

51. *Yucca* L.

1. *Yucca aloifolia* L.

= *Sarcococca aloifolia* (L.) Linding

Dracaena lenneana Regel

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Baioneta espanhola, dracena, iuca, pata de elefante, pé de elefante, sarcococca, yuca.

Endemismo norte-americano, do México e Índias Ocidentais ou Caraíbas, de floração predominantemente outonal (CULLEN, 1986n: 275); Planta ornamental arbustiva, de caule até 8 m ou mais (CULLEN, *l.c.*; WEBB, 1980: 75), própria de sítios secos, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Yucca baccata* Torrey

= *Sarcocyca baccata* (Torrey) Linding

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Baioneta espanhola, iuca, iuca azul, iuca banana, pata de elefante, pé de elefante, sarcocyca, yuca.

Endemismo norte-americano, dos Estados Unidos (Califórnia, Colorado, Nevada, Novo México, Texas e Utah) e do Norte do México (Chihuahua e Sonora), de floração predominantemente outonal (CULLEN, 1986n: 274; HUXLEY & al., 1999: 728; GRIN; IPNI); Planta ornamental arbustiva, própria de sítios secos, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Yucca filamentosa* L.

Yucca angustifolia auct.

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Yuca, iuca filamentosa, pata de elefante, pé de elefante, yuca, yuca filamentosa.

Endemismo norte-americano, da América do Norte oriental: de New Jersey até à Florida, de floração predominantemente outonal (CULLEN, 1986n: 275), já naturalizado nalguns países europeus: França, Itália (WEBB, 1980: 75); Planta ornamental e medicinal arbustiva, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII); Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. *Yucca glauca* Nuttall

Yucca angustifolia Pursh

Yucca flaccida Haworth var. *integra* Trelease

Yucca glauca Nuttall subsp. *albertana* Hochstätter

Yucca glauca Nuttall var. *gurneyi* McKelvey

Yucca stenophylla Steudel

Yucca stricta Sims

= *Yucca angustifolia* Pursh f. *stricta* (Sims) Voss

= *Yucca angustifolia* Pursh var. *stricta* (Sims) Baker

= *Yucca glauca* Nuttall subsp. *stricta* (Sims) Hochstätter

= *Yucca glauca* Nuttall var. *stricta* (Sims) Trelease

Caméfito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Yuca, iuca angustifolia, iuca de folhas estreitas, iuca estenófila, pata de elefante, pé de elefante, yuca.

Endemismo norte-americano, do Canadá (Alberta) e dos Estados Unidos da América (SE), de floração predominantemente outonal (CULLEN, 1986n: 275-276; HUXLEY & al., 1999: 728; GRIN; IPNI); Planta ornamental e medicinal arbustiva, própria de sítios secos, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

5. *Yucca gloriosa* L.

Yucca acuminata Sweet

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Yuca, iuca gloriosa, pata de elefante, pé de elefante, yuca, yuca gloriosa.

Endemismo norte-americano, da costa oriental dos Estados Unidos da América: da Carolina do Norte até à Flórida, de floração predominantemente outonal (CULLEN, 1986n: 275; HUXLEY & al., 1999: 728); Planta ornamental arbustiva, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

6. ***Yucca gloriosa* L. 'Mediostriata'**

Fanerófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Iuca, iuca estriada, iuca gloriosa, iuca gloriosa estriada, pata de elefante, pé de elefante, yuca, yuca estriada.

Planta ornamental arbustiva, de origem hortícola, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

7. ***Yucca guatemalensis* Baker**

Yucca elephantipes Regel

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Iuca, iuca do México, iuca guatemalense, iuca guatemalteca, iuca mexicana, pata de elefante, pé de elefante, yuca.

Endemismo norte-americano, do México e Guatemala (CULLEN, 1986n: 275); Planta ornamental arbustiva, de caule até 5 m (CULLEN, *l.c.*) própria de sítios secos, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (TAVARES & ALVES, 2002).

8. ***Yucca* sp.**

Fanerófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Iuca, pata de elefante, pé de elefante, yuca.

Endemismo norte-americano (MABBERLEY, 2008: 918); Planta ornamental arbustiva, própria de sítios secos, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

CI. BROMELIACEAE [51 sp.]

[Syn.: *Tillandsiaceae*]²⁵⁷

1. *Acanthostachys* Klotzsch

1. ***Acanthostachys strobilacea* (Schultes & Schultes f.) Klotzsch**

= *Hohenbergia strobilacea* Schultes & Schultes f. [basion.]

Acanthostachys exilis Bertoni

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Acantostáquis, hohembérquia.

Endemismo sul-americano, da Argentina, Brasil e Paraguai (MABBERLEY, 2008: 5); Planta ornamental herbácea perene exótica rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Aechmea* Ruíz & Pavón

1. ***Aechmea bromeliifolia* (Rudge) Baker**

= *Tillandsia bromeliifolia* Rudge [basion.]

= *Hoiriri bromeliifolia* (Rudge) Kuntze

= *Macrochordium bromeliifolium* (Rudge) Beer

Bromelia tinctoria Martius

= *Aechmea tinctoria* (Martius) Mez

= *Macrochordium tinctorium* (Martius) de Vriese

Eriostax glauca Rafinesque

Macrochordium macracanthum Regel

Macrochordium melananthum (Ker Gawler) Beer

Macrochordium pulchrum Beer

Macrochordium strictum Beer

Pitcairnia melanacantha de Vriese

Tillandsia bromeliaefolia Rudge, orth. var.

²⁵⁷ De acordo com REVEAL & CHASE (2011: 81).

Epífita. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Aecmea, bromélia, erióstax, hoiríri, pitcáirnia, macrocórdio, macrocórdion, tilândsia.

Endemismo americano, da América tropical, distribuído da América central até a Argentina (PHILCOX, 1984c: 21-22; MABBERLEY, 2008: 15); Planta ornamental herbácea perene exótica rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Aechmea fasciata* (Lindley) Baker

= *Billbergia fasciata* Lindley [basion.]

= *Hohenbergia fasciata* (Lindley) Schultes & Schultes f.

= *Hoplophytum fasciatum* (Lindley) Beer

= *Platyaechmea fasciata* (Lindley) L.B. Smith & W.J. Kress

Aechmea fasciata (Lindley) Baker var. *flavittata* Reitz

= *Platyaechmea fasciata* (Lindley) L.B. Smith & W.J. Kress var. *flavittata* (Reitz) L.B. Smith & W.J. Kress

Aechmea fasciata (Lindley) Baker var. *pruinosa* Reitz

= *Platyaechmea fasciata* (Lindley) L.B. Smith & W.J. Kress var. *pruinosa* (Reitz) L.B. Smith & W.J. Kress

Aechmea hamata Mez

Aechmea leopoldii Baker

Billbergia glazioviana Regel

Billbergia rhodocyanea Lemaire

= *Aechmea rhodocyanea* (Lemaire) Wawra ex Mez

Billbergia rhodocyanea Lemaire var. *purpurea* Guillon

= *Aechmea fasciata* (Lindley) Baker var. *purpurea* (Guillon) Mez

= *Platyaechmea fasciata* (Lindley) L.B. Smith & W.J. Kress var. *purpurea* (Guillon) L.B. Smith & W.J. Kress

Tillandsia bracteata Vellozo

Epífita. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Aecmea, aecmea achatada, aecmea plana, aecmea purpúrea, bilbérguia, bilbérguia purpúrea, hoenbérguia, hoplófito, platiaecmea, platiaecmea purpúrea, tilândsia, tilândsia bracteada, tilândsia purpúrea.

Endemismo americano, da América tropical: Brasil (PHILCOX, 1984c: 21; HUXLEY & al., 1999a: 67; IPNI); Planta ornamental herbácea perene exótica rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Aechmea fulgens* Brongniart

= *Lamprocarpus fulgens* (Brongniart) Beer

Aechmea discolor C. Morren

= *Aechmea fulgens* Brongniart var. *discolor* (C. Morren) Brongniart ex Baker

= *Lamprocarpus fulgens* (Brongniart) Beer var. *discolor* (C. Morren) Brongniart ex Beer

Epífita. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Aecmea, aecmea fulgente, lamprocarpo, lamprocarpo fulgente.

Endemismo americano tropical, da América do Sul: Guiana (IPNI) e Brasil (PHILCOX, 1984c: 21; HUXLEY & al., 1999a: 67; MARTINELLI & al., 2008); Planta ornamental herbácea perene exótica rizomatosa, por vezes cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Aechmea* cf. *gamosepala* Wittmack

= *Ortgiesea gamosepala* (Wittmack) L.B. Smith & W.J. Kress

Epífita. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Aecmea, ortgiésea.

Endemismo sul-americano, do Brasil (IPNI); Planta ornamental herbácea perene exótica rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

4. **Aechmea** cf. **lamarchei** Mez

= *Macrochordion lamarchei* (Mez) L.B. Sm & W.J. Kress

Aechmea lagenaria Mez

Macrochordion lagenarium E. Morren ex Mez

Macrochordion lamarckii E. Morren ex Baker, nom. inval.

Epífito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Aecmea, aecmea de Lamarche, macrocórdio, macrocórdio de Lamarche, macrocórdio de Lamarck, macrocórdion.

Endemismo americano, da América Central até à Argentina e Brasil (Rosa, 2000: 191; Martinelli & al., 2008); Planta ornamental herbácea perene exótica rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

5. **Aechmea** **luedemanniana** (K. Koch) Mez

= *Pironneava luedemanniana* K. Koch

= *Podaechmea luedemanniana* (K. Koch) L.B. Smith & W.J. Kress

Aechmea caerulea E. Morren

Aechmea galeottii Baker

= *Podaechmea galeottii* (Baker) L.B. Smith & W.J. Kress

Lamprocarpus caeruleus Regel

= *Aechmea caeruleus* (Regel) Baker

= *Hoplophytum caeruleus* (Regel) E. Morren

Epífito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Aecmea, aecmea azul, aecmea cerúlea, hoplófito, lamprocarpo, pironneava, podaecmea.

Endemismo americano, da América tropical (IPNI; MABBERLEY, 2008: 15); Planta ornamental herbácea perene exótica rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas e Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

6. **Aechmea** cf. **victoriana** L.B. Smith

= *Lamprococcus victorianus* (L.B. Smith) L.B. Smith & W.J. Kress

Aechmea capixabae L.B. Smith

Aechmea victoriana L.B. Smith var. *discolor* M.B. Foster

= *Lamprococcus victorianus* (L.B. Smith) L.B. Smith & W.J. Kress var. *discolor* (M.B. Foster) L.B. Smith & W.J. Kress

Epífito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Aecmea, aecmea victoriana, lamprococo, lamprococo victoriano.

Endemismo sul-americano, do Brasil (ROSA, 2000: 191; MARTINELLI & al., 2008); Planta ornamental herbácea perene exótica rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

7. **Aechmea** sp.

Epífito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Aecmea.

Endemismo americano, da América tropical (MABBERLEY, 2008: 15); Planta ornamental perene, raramente cultivada em Portugal, em estufas.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, partes 2, subtropical e 3, temperada (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

3. **Ananas** Miller

1. **Ananas** **comosus** (L.) Merrill var. **comosus**

= *Bromelia comosa* L. [basion.]

Ananas acostae C. Commelijn

Ananas ananas Ker Gawler, nom. illeg.

Ananas argentata J.C. Wendland ex Schultes & Schultes f.

Ananas aurata J.C. Wendland ex Schultes & Schultes f.

Ananas bracteatus Baker

Ananas bracteatus Baker var. *hondurensis* Bertoni
Ananas bracteatus Baker var. *paraguariensis* Bertoni
Ananas coccineus Descourt.
Ananas debilis Schultes & Schultes fil.
Ananas domestica Rumphius
Ananas maxima Schultes & Schultes f.
Ananas mensdorffianus hort. ex E. Morren
Ananas microcarpus hort. ex E. Morren
Ananas monstrosus Baker
Ananas ovatus Miller
Ananas pancheanus André
Ananas penagensis Baker
Ananas pyramidalis Miller
Ananas porteanus Veitch ex K. Koch
 = *Ananassa porteanus* (Veitch ex K. Koch) Carrière
Ananas sativa Lindley
Ananas sativus Schultes & Schultes fil.
 = *Ananas comosus* (L.) Merrill f. *sativus* (Schultes & Schultes fil.) Mez
 = *Ananassa sativa* (Schultes & Schultes fil.) Lindley ex Beer
Ananas sativus Schultes & Schultes fil. var. *hispanorum* Bertoni
Ananas sativus Schultes & Schultes fil. var. *muricatus* Mez
Ananas sativus Schultes & Schultes fil. var. *pyramidalis* Bertoni
Ananas sativus Schultes & Schultes fil. var. *variegatus* Lowe
Ananas serotinus Miller
Ananas viridis Miller
 = *Ananas sativus* Schultes & Schultes fil. var. *viridis* (Miller) Bertoni
 = *Bromelia viridis* (Miller) Schultes & Schultes fil.
Ananassa debilis Lindley
Ananassa sativa Lindley
Ananas sativus Schultes & Schultes fil.
Bromelia ananas L.
 = *Ananas ananas* (L.) H. Karsten ex Voss, nom. inval.
 = *Ananassa ananas* (L.) H. Karsten
Bromelia ananas L. var. *prolifera* F. Cuvier
Bromelia communis Lamarck
Bromelia edulis Salisbury, nom. illeg.
Bromelia mai-pouri Perrier
Bromelia pigna Perrier
Bromelia rubra Schultes & Schultes fil.
Bromelia violacea Schultes & Schultes fil.
 Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Ananás, ananás argênteo, ananás comoso, ananás cultivado, ananás de cauda, ananás doméstico, ananás dourado, ananás ovóide, ananás piramidal, ananás prateado, ananás verde, bromélia, bromélia avermelhada, bromélia comum, bromélia de comer, bromélia esverdeada, bromélia ovóide, bromélia-pinha, bromélia rubra, bromélia rubrescente, bromélia verde, bromélia vermelha, bromélia violácea, pinha.

Endemismo sul-americano, da América do Sul tropical (MABBERLEY, 2008: 42); Planta ornamental perene, cujo fruto é comestível e muito apreciado (ananás), por vezes cultivada em Portugal, em estufas, por exemplo no concelho de Vouzela (SARAIVA, 1998).

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII); Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Ananas comosus* (L.) Merrill 'Hawaiian King'

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Ananás, ananás argênteo, ananás comoso, ananás cultivado, ananás de cauda, ananás doméstico, ananás dourado, ananás ovóide, ananás piramidal, ananás prateado, bromélia, bromélia comum, bromélia de comer, bromélia ovóide, bromélia-pinha, pinha.

Planta ornamental e alimentar perene exótica tropical, de grande importância económica, pelas suas infrutescências (frutos múltiplos) deliciosas (ananases), raramente cultivada em Portugal, em estufas; os ananases comuns são cultivares aspérmicas cujos ancestrais são desconhecidos (ROSA, 2000: 191); em

1493, Cristóvão Colombo terá sido o primeiro europeu a apreciar o ananás, que já nesse tempo se encontrava disperso pelas diversas ilhas que constituem o Arquipélago das Antilhas (ROSA, 2000: 192).
Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical, Estufa da *Victoria amazonica* e Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002; X.2012, Observ.!).

4. *Billbergia* Thunberg

1. *Billbergia amoena* (Loddiges) Lindley

= *Tillandsia amoena* Loddiges [basion.]
Billbergia amoena (Loddiges) Lindley var. *flavescens* Reitz
Billbergia amoena (Loddiges) Lindley var. *robertiana* E. Pereira & Leme
Billbergia amoena (Loddiges) Lindley var. *rubra* M.B. Foster
Billbergia amoena (Loddiges) Lindley var. *stolonifera* E. Pereira & Moutinho
Billbergia amoena (Loddiges) Lindley f. *viridiflora* E. Pereira & Moutinho
Billbergia amoena (Loddiges) Lindley var. *viridis* L.B. Smith
Billbergia pyramidalis var. *minor* Antoine & Beer
= *Billbergia amoena* (Loddiges) Lindley var. *minor* (Antoine & Beer) L.B. Smith
Billbergia binotii R.C.J. Gerard
Billbergia chlorocyanea de Vriese
Billbergia decora hort. ex Beer
Billbergia pallescens K. Koch & C.D. Bouché
Billbergia speciosa Thunberg
Billbergia thunbergiana hort. ex Baker
Billbergia wacketii Mez
Billbergia wiotiana De Jonghe ex Mez
Bromelia laevis Schultes & Schultes f.
Bromelia pallida Ker Gawler
= *Billbergia pallida* (Ker Gawler) Beer
Pitcairnia decora Linden ex Beer
Pitcairnia discolor Loiseleur-DeLongchamps
= *Billbergia discolor* (Loiseleur-DeLongchamps) Beer
Pourretia magnipatha Colla
Tillandsia variegata Vellozo
Geófito. Origem: América do Sul.
Alguns nomes comuns possíveis: Bilbérguia, bilbérguia amena, bilbérguia avermelhada, bilbérguia de Thunberg, bilbérguia menor, bilbérguia pálida, bilbérguia rubra, bilbérguia vermelha, bromélia, bromélia leve, bromélia pálida, pitcárnia, pitcárnia, pitcárnia discolor, purrétia, tilândsia, tilândsia amena, tilândsia variegada.
Endemismo sul-americano, do Brasil (HUXLEY & al., 1999a: 353); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, raramente cultivada em Portugal, também por vezes como planta de exterior, em vasos, talvez actualmente extinta no Jardim.
Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII); Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Billbergia distachya* (Vellozo) Mez

= *Tillandsia distachya* Vellozo [basion.]
= *Pitcairnia distachya* (Vellozo) Beer
Billbergia amoena (Loddiges) Lindley var. *cernua* Beer ex E. Morren
Billbergia bakeri E. Morren
Billbergia bakeri E. Morren var. *straussiana* Wittmack
= *Billbergia distachya* (Vellozo) Mez var. *straussiana* (Wittmack) L.B. Smith
Billbergia burchellii Baker
Billbergia ensifolia Baker
Billbergia pallescens Baker
Billbergia regaliana Mez
Geófito. Origem: América do Sul.
Alguns nomes comuns possíveis: Bilbérguia, bilbérguia cespitosa, bilbérguia de Baker, bilbérguia de Burchell, bilbérguia de Regel, bilbérguia de Strauss, bilbérguia pálida, bilbérguia straussiana, pitcárnia, tilândsia.

Endemismo sul-americano, do Este do Brasil (PHILCOX, 1984d: 24; HUXLEY & al., 1999a: 353; ROSA, 2000: 193); Planta ornamental perene, raramente cultivada em Portugal, também como planta de exterior, em vasos.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

3. **Billbergia nutans** Endlicher var. **nutans**

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Bilbérguia, bilbérguia nutante, lágrimas de princesa, lágrimas de rainha, lágrimas reais, planta amiga, planta da amizade.

Endemismo sul-americano, da Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai (PHILCOX, 1984d: 24; HUXLEY & al., 1999a: 354); Planta ornamental perene, raramente cultivada em Portugal, também como planta de exterior, em vasos.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas e Viveiros (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Em diversos vasos de calcário (floreiras) no Jardim (IV.2010, Observ.!).

4. **Billbergia nutans** Endlicher var. **schimperiana** (Wittmack ex Baker) Mez

= *Billbergia schimperiana* Wittmack ex Baker [basion.]

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Bilbérguia, bilbérguia de Schimper, bilbérguia schimperiana, bilbérguia sul-americana, lágrimas de princesa, lágrimas de rainha, lágrimas reais, planta amiga, planta da amizade.

Endemismo sul-americano, do Sul do Brasil e do Paraguai (PHILCOX, 1984d: 24; HUXLEY & al., 1999a: 354); Planta ornamental perene, raramente cultivada em Portugal, também como planta de exterior, em vasos.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas e Viveiros (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

5. **Billbergia portearia** Brongniart ex Beer

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Bilbérguia, bilbérguia portearia, bilbérguia sul-americana, lágrimas de princesa, lágrimas de rainha, lágrimas reais, planta amiga, planta da amizade.

Endemismo sul-americano, do Brasil e do Paraguai (HUXLEY & al., 1999a: 354; IPNI); Planta ornamental perene, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

6. **Billbergia vittata** Brongniart ex C. Morel

Billbergia amabilis Beer

Billbergia excellens Miquel

Billbergia leopoldii K. Koch

Billbergia moreliana Brongniart

= *Tillandsia moreliana* (Brongniart) Henfr.

Billbergia rohaniana de Vriese

Billbergia vittata Brongniart ex C. Morel var. *amabilis* E. Morren

Billbergia zonata Linden

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Bilbérguia, bilbérguia amável, bilbérguia de Leopoldo, bilbérguia de Morel, bilbérguia de Rohan, bilbérguia excelente, bilbérguia leopoldina, bilbérguia moreliana, bilbérguia rohaniana, bilbérguia sul-americana, bilbérguia zonada, bilbérguia sul-americana, lágrimas de princesa, lágrimas de rainha, lágrimas reais, planta amiga, planta da amizade, tilândsia, tilândsia de Morel, tilândsia moreliana.

Endemismo sul-americano, do Este do Brasil (HUXLEY & al., 1999a: 354; IPNI); Planta ornamental perene, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, partes I, tropical e III, temperada e Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

7. **Billbergia zebrina** (Herbert) Lindley

= *Bromelia zebrina* Herbert [basion.]

= *Cremobotrys zebrina* (Herbert) Beer ex B.D. Jackson

= *Helicodea zebrina* (Herbert) Lemaire

Anacyclia farinosa Hoffmannsegg
= *Billbergia farinosa* (Hoffmannsegg) Baker
Billbergia bicolor hort. ex E. Morren
Billbergia canterae André
Billbergia farinosa Lindley & Hoffmannsegg
Eucallias versicolor Rafinesque
Tillandsia farinosa Loddiges ex Hoffmannsegg
Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Anacícia, anacícia enfarinhada, anacícia farinácea, anacícia farinhosa, anacícia farinosa, bilbérguia, bilbérguia de Cantera, bilbérguia de zebra, bilbérguia enfarinhada, bilbérguia farinácea, bilbérguia farinhosa, bilbérguia farinosa, bilbérguia sul-americana, bilbérguia zebrada, bilbérguia zebrina, bromélia, bromélia de zebra, bromélia zebrada, bromélia zebrina, cremobótris, cremobótris de zebra, cremobótris zebrada, cremobótris zebrina, eucálias, lágrimas de princesa, lágrimas de rainha, lágrimas reais, planta amiga, planta da amizade, tilândsia, tilândsia, tilândsia enfarinhada, tilândsia farinácea, tilândsia farinhosa, tilândsia farinosa.

Endemismo sul-americano, da Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai (PHILCOX, 1984d: 24-25; HUXLEY & al., 1999a: 354; IPNI); Planta ornamental perene, raramente cultivada em Portugal, também como planta de exterior, em vasos, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

8. *Billbergia* sp.

Geófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Bilbérguia, bilbérguia americana, lágrimas de princesa, lágrimas de rainha, lágrimas reais, planta amiga, planta da amizade.

Endemismo americano, da América tropical (MABBERLEY, 2008: 105); Planta ornamental perene, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

5. *Bromelia* L.

1. *Bromelia karatas* L.

= *Karatas karatas* (L.) Voss, nom. inval.

= *Nidularium karatas* (L.) Lemaire ex Grisebach

Bromelia acanga L.

Bromelia acaulis Stokes

Bromelia caratas Hill

Bromelia nudicaulis var. *caraguata* Lamarck

Caraguata acanga Piso

Karatas lagopus E. Morren ex Devansaye

Karatas plumieri Miller

Karatas plumieri E. Morren

= *Bromelia plumieri* (E. Morren) L.B. Smith

Karatas plumieri Devansaye ex Baker

Geófito. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Acanga, bromélia, bromélia acanga, bromélia acaule, bromélia nudicaule, bromélia caraguata, caraguata, caraguata acanga, caratas, karatas, nidulário, nidulário acaule.

Endemismo americano, da América tropical, do México e das Índias Ocidentais até ao Brasil e ao Equador (HUXLEY & al. 1999a: 396; MABBERLEY, 2008: 122; IPNI); Planta ornamental perene, cujo fruto é comestível (HUXLEY & al., *l.c.*), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Bromelia* sp.

Geófito. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Bromélia.

Endemismo americano, da América tropical (MABBERLEY, 2008: 122); Planta ornamental perene, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas (ROSA, 2000).

6. **Cryptanthus** Otto & A. Dietrich

1. **Cryptanthus acaulis** (Lindley) Beer

= *Tillandsia acaulis* Lindley [basion.]
Bromelia pumila hort. ex Otto & A. Dietrich
Cryptanthus acaulis (Lindley) Beer var. *argenteus* Beer
Cryptanthus acaulis (Lindley) Beer var. *genuina* (Lindley) Mez
Cryptanthus acaulis (Lindley) Beer var. *purpureus* Baker
= *Cryptanthus undulatus* Otto & A. Dietrich var. *purpureus* (Baker) Baker
Cryptanthus acaulis (Lindley) Beer var. *ruber* Beer
= *Cryptanthus undulatus* Otto & A. Dietrich var. *ruber* (Beer) Baker
Cryptanthus discolor Otto & A. Dietrich
= *Cryptanthus acaulis* (Lindley) Beer var. *discolor* (Otto & A. Dietrich) Mez
Cryptanthus sinuosus L.B. Smith
Cryptanthus testaceus E. Morren ex Baker
Cryptanthus undulatus Otto & A. Dietrich
Madvigia densiflora Liebmann
Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Bromélia, bromélia criptanta, bromélia de flores escondidas, criptanto, criptanto acaule, criptanto argênteo, criptanto ondulado, criptanto prateado, criptanto rubro, criptanto sinuoso, criptanto vermelho, madvíguia, tilândsia, tilândsia acaule, tilândsia criptanta, tilândsia de flores escondidas.

Endemismo sul-americano, do Este do Brasil (PHILCOX, 1984b: 18; MABBERLEY, 2008: 233; ROSA, 2000: 194); Planta ornamental perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Cryptanthus beuckeri** E. Morren

Nidularium beuckeri auct., nom. inval.
Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Criptanto, nidulário.

Endemismo sul-americano, do Este do Brasil (MABBERLEY, 2008: 233; ROSA, 2000: 194); Planta ornamental perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. **Cryptanthus bivittatus** (Hooker) Regel

Billbergia bivittata Hooker [basion.]
= *Tillandsia bivittata* (Hooker) Linden
Acanthospora vittata D. Dietrich
Cryptanthus atropurpureus hort. ex Mez
Cryptanthus bivittatus (Hooker) Regel var. *atropurpureus* Mez
Cryptanthus bivittatus (Hooker) Regel var. *luddemannii* Baker
Cryptanthus bivittatus (Hooker) Regel var. *moensis* auct.
Nidularium bivittatum Baker
Nidularium bivittatum Lemaire, nom. inval.
Tillandsia vittata Baker, nom. inval.
Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Criptanto, nidulário.

Endemismo sul-americano, do Este do Brasil (PHILCOX, 1984b: 18; MABBERLEY, 2008: 233; ROSA, 2000: 194); Planta ornamental perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufa da *Victoria amazonica* e Estufa das Reproduções (TAVARES & ALVES, 2002).

4. **Cryptanthus 'Farinosus'**

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Criptanto, criptanto enfarinhado, criptanto farináceo, criptanto farinhoso, criptanto farinoso.

Planta ornamental perene rizomatosa, de origem híbrida hortícola, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. ***Cryptanthus lacerdae*** Antoine

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Criptanto, criptanto de Lacerda.

Endemismo sul-americano, do Este do Brasil (MABBERLEY, 2008: 233; ROSA, 2000: 194); Planta ornamental perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

6. ***Cryptanthus* × *lubbersianus*** E. Morren ex Baker

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Criptanto, criptanto de Lubbers.

Endemismo sul-americano, do Este do Brasil (MABBERLEY, 2008: 233; ROSA, 2000: 194); Planta ornamental perene rizomatosa, possivelmente de origem híbrida, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

7. ***Cryptanthus* × *makoyanus*** Baker

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Criptanto, criptanto de Makoy.

Endemismo sul-americano, do Este do Brasil (MABBERLEY, 2008: 233; ROSA, 2000: 194); Planta ornamental perene rizomatosa, possivelmente de origem híbrida, muito raramente cultivada em Portugal, em estufas.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas (ROSA, 2000).

8. ***Cryptanthus zonatus*** (Biv.) Beer

= *Pholidophyllum zonatum* Vis. [basion.]

= *Tillandsia zonata* (Vis.) Brongniart ex Otto & A. Dietrich

Billbergia acaulis Vis.

Cryptanthus zonatus (Biv.) Beer var. *viridis* Beer

= *Cryptanthus zonatus* (Biv.) Beer f. *viridis* (Beer) Mez

Pholidophyllum zonatum Vis. var. *fuscum* Vis.

= *Cryptanthus zonatus* (Biv.) Beer var. *fuscus* (Vis.) Beer

= *Cryptanthus zonatus* (Biv.) Beer f. *fuscus* (Vis.) Mez

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Bilbérguia, bilbérguia acaule, bilbérguia sem caule, criptanto, criptanto fusco, criptanto verde, criptanto zonado, folidófilo, folidófilo zonado, tilândsia, tilândsia zonada.

Endemismo sul-americano, do Este do Brasil (PHILCOX, 1984b: 18; MABBERLEY, 2008: 233; ROSA, 2000: 194); Planta ornamental perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas (ROSA, 2000).

9. ***Cryptanthus zonatus*** (Biv.) Beer ‘***Zebrinus***’

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Criptanto, criptanto de zebra, criptanto de zebro, criptanto zebrado, criptanto zebrino, criptanto zebro, criptanto zebrudo.

Planta ornamental perene rizomatosa, possivelmente de origem híbrida hortícola, muito raramente cultivada em Portugal, em estufas.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa da *Victoria amazonica* (TAVARES & ALVES, 2002).

7. ***Deuterocohnia*** Mez

1. ***Deuterocohnia meziana*** Kuntze ex Mez var. ***carmineoviridiflora*** Rauh

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Deuterocónia.

Endemismo sul-americano, da Bolívia (IPNI); Planta ornamental perene, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Viveiros (A.C. MATOS, com. pessoal, II.2013; Observ.!).

8. **Dyckia** Schultes f.

1. **Dyckia brevifolia** hort. ex Baker

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Díckia, díquia.

Endemismo sul-americano, da América do Sul tropical (MABBERLEY, 2008: 293); Planta ornamental perene, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata e Viveiros (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002; INDEX SEMINUM 2009, 2010).

2. **Dyckia rariflora** Schultes f.

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Díckia, díquia.

Endemismo sul-americano, da América do Sul tropical (MABBERLEY, 2008: 293); Planta ornamental perene, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata e Viveiros (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002; INDEX SEMINUM 2009, 2010).

3. **Dyckia** sp.

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Díckia, díquia.

Endemismo sul-americano, da América do Sul tropical (MABBERLEY, 2008: 293); Planta ornamental perene, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Jardimeta 1 (TAVARES & ALVES, 2002).

9. **Fosterella** L.B. Smith

1. **Fosterella penduliflora** (C.H. Wright) L.B. Smith

= *Catopsis penduliflora* C.H. Wright [basion.]

= *Lindmania penduliflora* (C.H. Wright) Stapf

Fosterella chiquitana Ibisch, R. Vázquez & E. Gross

Fosterella latifolia Ibisch, R. Vázquez & E. Gross

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Catópsis, fosterela, lindmânia.

Endemismo sul-americano, da Bolívia; Planta ornamental perene, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufa Grande, parte I, tropical e Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002; INDEX SEMINUM 2009, 2010).

10. **Neoregelia** L.B. Smith

1. **Neoregelia** sp.

Geófito. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Neoreguélia, neoreguélia.

Endemismo sul-americano (MABBERLEY, 2008: 579); Planta ornamental perene, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

11. **Nidularium** Lemaire

1. **Nidularium purpureum** Beer

= *Karatas purpurea* (Beer) Antoine

Nidularium discolor Beer

= *Karatas discolor* (Beer) Gentil

= *Tillandsia discolor* (Beer) Antoine

Nidularium wettsteinii Mez

Nidularium rubrum Beer ex L.B. Smith

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Caratas, karatas, nidulário, nidulário de Wettstein, nidulário purpúreo, nidulário rubro, tilândsia, tilândsia purpúrea.

Endemismo sul-americano, do Brasil oriental (PHILCOX, 1984f: 18-19; MABBERLEY, 2008: 585), exclusivo do Brasil, onde é uma espécie vulnerável (MARTINELLI & al., 2008; WIKIPEDIA); Planta ornamental perene, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

12. *Pitcairnia* L'Héritier

[Syn.: *Pepinia* Brongniart ex André]

1. *Pitcairnia angustifolia* Solander

= *Hepetis angustifolia* (Solander) Raeuschel

Hepetis gracilis Mez

= *Pitcairnia gracilis* (Mez) Mez

Hepetis pyramidata O.J. Richard ex Baker

Pitcairnia angustifolia Redouté

Pitcairnia angustifolia Ryan ex Schultes f.

Pitcairnia furfuracea J. Jacquin, nom. illeg.

Pitcairnia intermedia Schultes & Schultes f.

Pitcairnia intermedia Hort. ex K. Koch

Pitcairnia latifolia Andrews, nom. illeg.

Pitcairnia latifolia Andrews ex Aiton

= *Hepetis latifolia* (Andrews ex Aiton) Mez

= *Hepetis latifolia* (Andrews ex Aiton) Raeuschel

Pitcairnia latifolia Jacquin ex Beer

Pitcairnia platyphylla Schrader

= *Hepetis platyphylla* (Schrader) Mez

Pitcairnia ramosa J. Jacquin

Pitcairnia ramosa K. Koch

Pitcairnia redouteana Schultes & Schultes f.

Pitcairnia skinneri Baker

Pitcairnia skinneri Hort. ex K. Koch

Pitcairnia tomentosa F. Dietrich ex Beer

= *Hepetis tomentosa* (F. Dietrich ex Beer) Mez

Pitcairnia tomentosa Dieter

Geófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Hepétis, hepétis angustifólia, hepétis de folhas estreitas, hepétis de folhas largas, hepétis de folhas planas, hepétis elegante, hepétis grácil, hepétis piramidada, hepétis piramidal, hepétis platifila, hepétis tomentosa, pitcáirnia, pitcáirnia angustifólia, pitcáirnia de folhas estreitas, pitcáirnia de folhas largas, pitcáirnia de folhas achatadas, pitcáirnia de folhas planas, pitcáirnia de Redouté, pitcáirnia elegante, pitcáirnia grácil, pitcáirnia intermédia, pitcáirnia latifólia, pitcáirnia platifila, pitcáirnia tomentosa.

Endemismo americano, da América tropical e subtropical (IPNI); Planta ornamental perene escaposa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Pitcairnia maidifolia* (C. Morren) Decaisne ex Planchon

= *Puya maidifolia* C. Morren [basion.]

= *Hepetis maidifolia* (C. Morren) Mez

= *Lamproconus maidifolia* (C. Morren) Jakob-Makoy

= *Neumannia maidifolia* (C. Morren) K. Koch

Hepetis oerstedtiana Mez

Pitcairnia funckiana A. Dietrich

= *Phlomostachys funckiana* (A. Dietrich) Beer

Pitcairnia macrocalyx Hooker

Pitcairnia maizaifolia Hort. ex Beer

Pitcairnia zeifolia K. Koch

Puya funkiana Linden

Puya maidifolia Decaisne

Vriesea tricolor Hort. ex Baker

Geófito. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Flomostáquis, flomostáquis de Funck, hepétis, hepétis de Oerstedt, lamprocono, neumânia, noimânia, pitcáirnia, pitcáirnia de Funck, puia, puia de Funck, vriésea, vriésea tricolor.

Endemismo americano, exclusivo da América tropical, distribuído das Honduras até à Colômbia e Suriname, de floração predominantemente primaveril ou vernal (HUXLEY & al., 1999c: 598); Planta ornamental perene escaposa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Pitcairnia pulverulenta* Ruíz & Pavón

= *Hepetis pulverulenta* (Ruíz & Pavón) Mez

= *Orthophytum pulverulentum* (Ruíz & Pavón) Beer

= *Orthopetalum pulverulentum* (Ruíz & Pavón) Beer

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Hepétis, hepétis pulverulenta, ortófito, ortófito pulverulento, ortopétalo, ortopétalo pulverulento, pitcáirnia, pitcáirnia pulverulenta.

Endemismo sul-americano, do Peru e da Bolívia (IPNI); Planta ornamental perene escaposa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. *Pitcairnia schiedeana* Baker

= *Hepetis schiedeana* (Baker) Mez

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Hepétis, hepétis de Schiede, pitcáirnia, pitcáirnia de Schiede.

Endemismo sul-americano, do México (IPNI); Planta ornamental perene escaposa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. *Pitcairnia xanthocalyx* Martius

= *Hepetis xanthocalyx* (Martius) Mez

Pitcairnia flavescens Baker, non K. Koch

Pitcairnia sulphurea K. Koch

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Hepétis, hepétis de cálices amarelos, hepétis de flores amarelas, pitcáirnia, pitcáirnia amarela, pitcáirnia de cálices amarelos, pitcáirnia de cálices amarelos, pitcáirnia de flores amarelas, pitcáirnia de flores flavas, pitcáirnia de flores flavescentes, pitcáirnia de flores lúteas, pitcáirnia de flores lutescentes, pitcáirnia de flores sulfúreas, pitcáirnia flava, pitcáirnia flavescente, pitcáirnia lúteas, pitcáirnia lutescente, pitcáirnia sulfúrea, pitcáirnia sulfurosa.

Endemismo norte-americano, do centro do México (CULLEN, 1984n: 13; HUXLEY & al., 1999c: 598); Planta ornamental perene escaposa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

13. *Puya* Molina

1. *Puya alpestris* (Poepp.) Gay

= *Pourretia alpestre* Poepp. [basion.]

= *Pitcairnia alpestris* (Poepp.) L.H. Bailey

Puya whytei Hooker f.

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Pitcáirnia, pitcáirnia alpestre, pitcáirnia andina, pitcáirnia dos Andes, pourrétia, pourrétia alpestre, puia, puia alpestre, puia andina, puia chilena, puia de Whyte, puia do Chile, puia dos Andes, puia das montanhas.

Endemismo sul-americano, das terras altas (MABBERLEY, 2008: 719), do Chile: Andes; Planta ornamental perene, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

2. **Puya mirabilis** (Mez) L.B. Smith

= *Pitcairnia mirabilis* Mez [basion.]

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Pitcáirnia, pitcáirnia admirável, puia, puia admirável, puia boliviana, puia da Bolívia.

Endemismo sul-americano, das terras altas (MABBERLEY, 2008: 719), da Bolívia; Planta ornamental perene, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufas (INDEX SEMINUM 2009, 2010).

14. **Quesnelia** Gaudichaud-Beaupré

1. **Quesnelia liboniana** (de Jonghe) Mez

= *Billbergia liboniana* de Jonghe [basion.]

Billbergia tillandsioides Baker, nom. illeg.

Quesnelia tillandsioides Mez

Epífito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Bilbérguia, bilbérguia liboniana, bilbérguia tilandsióide, quesnéia, quesnéia liboniana, quesnéia tilandsióide.

Endemismo sul-americano, do Este do Brasil (PHILCOX, 1984g: 23; HUXLEY & al., 1999c: 789; MABBERLEY, 2008: 723; IPNI); Planta ornamental perene, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

15. **Tillandsia** L.

1. **Tillandsia aeranthos** (Loiseleur-DeLongchamps) L.B. Smith

= *Pourretia aeranthos* Loiseleur-DeLongchamps [basion.]

= *Anoplophyllum aeranthos* (Loiseleur-DeLongchamps) Beer

Amalia aeris-incola hort. ex Schultes f.

Anoplophyllum roseum Beer

Tillandsia aeranthos (Loiseleur-DeLongchamps) L.B. Smith var. *aemula* Strehl

Tillandsia aeranthos (Loiseleur-DeLongchamps) L.B. Smith var. *alba* Strehl

Tillandsia bicolor Brongniart

Tillandsia dianthoidea G. Rossi

= *Anoplophyllum dianthoideum* (G. Rossi) Beer

Tillandsia aeranthos Desfontaines ex Steudel

Tillandsia microxiphion Baker

Tillandsia unca Grisebach

Epífito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Amália, anoplofilo, cravo do mato, microxífon, pourrétia, purrétia, tilândsia, unca.

Endemismo sul-americano, da Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai (HUXLEY & al., 1999d: 471); Planta ornamental epífita perene aérea, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Jardineta 1 (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. **Tillandsia juncea** (Ruíz & Pavón) Poirét

= *Bonaparteia juncea* Ruíz & Pavón [basion.]

= *Acanthospora juncea* (Ruíz & Pavón) Sprengel

= *Misandra juncea* (Ruíz & Pavón) F. Dietrich

= *Platystachys juncea* (Ruíz & Pavón) Beer

Tillandsia juncifolia Regel

Tillandsia quadrangularis M. Martens & Galeotti

Epífito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Acantóspera, acantóspera de folhas de junco, acantóspera júncea, acantóspera juncifólia, acantóspera juncosa, misandra, misandra de folhas de junco, misandra júncea, misandra juncifólia, misandra juncosa, platistáquis, platistáquis de folhas de junco, platistáquis júncea,

platistáquis juncifolia, platistáquis juncosa, tilândsia, tilândsia de folhas de junco, tilândsia júncea, tilândsia juncifolia, tilândsia juncosa, tilândsia quadrada, tilândsia quadrangular.

Endemismo americano, distribuindo-se a Sul até à Bolívia (HUXLEY & al., 1999d: 472; IPNI); Planta ornamental epífita perene aérea, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Onde? (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Tillandsia tenuifolia* L. var. *tenuifolia*

Tillandsia pulchra Hooker

Epífito. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Tilândsia, tilândsia bela, tilândsia formosa, tilândsia pulcra, tilândsia venusta.

Endemismo americano, da América tropical; Espécie vulnerável (MARTINELLI & al., 2008); Planta ornamental epífita aérea exótica, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. *Tillandsia usneoides* (L.) L.

= *Renealmia usneoides* L. [basion.]

= *Dendropogon usneoides* (L.) Rafinesque

= *Strepsia usneoides* (L.) Nuttall ex Steudel

Tillandsia crinita Willdenow ex Beer

Tillandsia filiformis Loddiges ex Schultes & Schultes f.

Tillandsia trichoides Kunth

Epífito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Barbas de velho, dendropógon, dendropógon usneóide, musgo de Espanha, musgo da Flórida, musgo espanhol, musgo florido, reneálmia, reneálmia usneóide, strépsia, strépsia usneóide, tilândsia, tilândsia tricóide, tilândsia usneóide.

Endemismo americano, distribuído do sul da Virgínia (Estados Unidos da América) até à Argentina, ao longo de mais de 8000 km de latitude (MABBERLEY, 2008: 860); Planta ornamental epífita aérea exótica, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Planta epífita sobre árvores à entrada da Mata (IV.2010, Observ.!).

16. *Vriesea* Lindley

1. *Vriesea fenestralis* Lindley & André

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Vriesea, vriesea, vriesea.

Endemismo sul-americano, do SE do Brasil (PHILCOX, 1984a: 16; ROSA, 2000: 197); Planta ornamental perene, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Vriesea* sp.

Geófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Vriesea, vriesea, vriesea.

Endemismo americano, da América tropical (MABBERLEY, 2008: 903); Planta ornamental perene, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte II, subtropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

CII. CANNACEAE [8 sp.]

1. *Canna* L.

1. *Canna* × *generalis* L.H. Bailey 'King Midas'

Canna glauca L. × *Canna indica* L. 'King Midas'

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Cana, cana híbrida.

Planta ornamental perene rizomatosa, de origem híbrida (RATTER, 1984a: 129), raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Canna indica* L.

= *Cannacorus indicus* (L.) Medikus

Canna achiras Gillies ex D. Don

Canna brasiliensis Roscoe ex Sprengel

= *Distemon brasiliensis* (Roscoe ex Sprengel) Bouché

Canna edulis Ker Gawler

Canna ehrenbergii Bouché

Canna elegans Rafinesque, nom. illeg.

Canna ellipticifolia Stokes, nom. illeg.

Canna lutea Miller

= *Xyphostylis lutea* (Miller) Rafinesque

Canna nepalensis Bouché

Canna nepalensis D. Dietrich

Canna occidentalis Ker Gawler

Canna orientalis Bouché

Canna orientalis Roscoe, nom. illeg.

= *Canna indica* L. subsp. *orientalis* (Roscoe) Baker

= *Canna indica* L. var. *orientalis* (Roscoe) Hooker f.

Canna pallida Roscoe

Canna pentaphylla D. Dietrich

Canna platyphylla Nees & Martius

Canna plurituberosa T. Koyama & Nob. Tanaka

Canna poeppigii Bouché

Canna polyclada Wawra

Canna polymorpha Bouché,

Canna portoricensis Bouché

Canna pruinosa Hoffmannsegg

Canna pulchra Bouché ex Horan.

Canna pulchra Hasskarl

Canna speciosa Hegetschweiler

Canna speciosa Roscoe ex Sims

Canna sulphurea Bouché, nom. inval.

Canna surinamensis Bouché

Canna tenuiflora Bouché ex A. Dietrich

Canna texensis Regel

Canna textoria Noronha, nom. inval.

Canna thyrsiflora Hegetschweiler., nom. illeg.

Canna tinei Tod., nom. inval.

Canna variabilis Willdenow, nom. illeg.

Canna xalapensis Bouché

Cannacorus ovatus Moench, nom. illeg.

Distemon grandis Horaninow, nom. illeg.

Geófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Cana, cana amarela, cana americana, cana bela, cana brasileira, cana comestível, canácoro, canácoro da Índia, canácoro índico, cana da Guiana, cana da Índia, cana das Índias, cana de cinco folhas, cana de folhas planas, cana de jardim, cana de Poeppig, cana de Porto Rico, cana do Brasil, cana do México, cana do Nepal, cana do Suriname, cana do Texas, cana flava, cana florífera, cana

formosa, cana índica, cana lútea, cana mexicana, cana nepalense, cana nepalesa, cana ocidental, cana oriental, cana pálida, cana plurituberculosa, cana plurituberosa, cana polimorfa, cana pulcra, cana sulfúrea, cana texana, cana variável, cana venusta, conteira, distémon, distémon do Brasil, distémon grande, erva conteira, roca-viana.

Endemismo americano, da América tropical (FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 121; MABBERLEY, 2008: 903); Planta ornamental, alimentar e medicinal (ROSA, 2000: 273) perene rizomatosa, de floração estival e outonal (RATTER, 1984a: 130), frequentemente cultivada em Portugal

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002); Talhão 7 da Mata e Jardineta 3 (TAVARES & ALVES, 2002).

3. *Canna tuerckheimii* Kränzlin

Canna anahuacensis Kränzlin

Canna altensteinii Bouché

Canna curviflora Horan.

Canna gemella Nees & Martius

Canna gigantea F. Delaroché

Canna gigantea Desfontaines

Canna iridiflora Willdenow, nom. illeg.

Canna macrophylla Hort. ex Horan.

Canna latifolia Miller

Canna neglecta Weinmann

Canna sylvestris Roscoe

= *Canna coccinea* var. *sylvestris* (Roscoe) Regel

Canna violacea Bouché

Geófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Cana, cana de Altenstein, cana de folhas grandes, cana de folhas largas, cana de Tuerckheim, cana esquecida, cana gigante, cana grande, cana olvidada, cana selvagem, cana silvestre, cana violácea, cana violeta.

Endemismo americano, da América tropical (WIKIPEDIA); Planta ornamental perene rizomatosa, que pode atingir 4 ou 5 m (WIKIPEDIA) de altura, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

CIII. COLCHICACEAE [8 sp.]

[Syn.: *Bulbocodiaceae*, *Burchardiaceae*,
Merenderaceae, *Uvulariaceae*]²⁵⁸

1. *Colchicum* L.

[Syn.: *Bulbocodium* L.; *Merendera* Ramond]

1. *Colchicum autumnale* L.

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Arrebenta-cães, arrebenta-cão, ceboleta, ceboleta de Outono, ceboleta outonal, cólquico, cólquico de Outono, cólquico outonal, erva ceboleta, erva dos prados, erva dos lameiros, mata-cães, mata-cão, narciso do Outono, narciso outonal.

Endemismo eurasiático e europeu (BRICKELL, 1986a: 167); Planta bolbosa ornamental e medicinal, outrora considerada espontânea em Portugal (BRICKELL, 1980a: 24), mas agora, em relação à Península Ibérica, considerada espontânea apenas em três províncias do NE de Espanha: Ge, Hu, L, nos Pirenéus centrais e orientais espanhóis (RICO, 2013b; RICO, 2013e: 89-90), de presença igualmente muito dúbia na Anatólia (BRICKELL, 1984a: 349), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Escola Médica (TAVARES & ALVES, 2002; ALMEIDA & al., 2003; TAVARES & al., 2009).

²⁵⁸ De acordo com REVEAL & CHASE (2011: 77).

2. **Colchicum bulbocodium** Ker Gawler

Bulbocodium vernum L., nom. subst.

= *Colchicum vernum* (L.) Stefanov, nom. illeg.

= *Merendera verna* (L.) Bubani

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Bulbocódio, bulbocódio da Primavera, bulbocódio de Espanha, bulbocódio espanhol, bulbocódio primaveril, bulbocódio vernal, cólquico, cólquico bulbocódio, cólquico da Primavera, cólquico de Espanha, cólquico espanhol, cólquico primaveril, cólquico vernal, erva das merendas, erva do pic-nic, erva dos prados, erva dos lameiros, erva merendeira, erva merendinha, merendera, merendera da Primavera, merendera primaveril, merendera vernal, merendeira, merendeira da Primavera, merendeira primaveril, merendeira vernal, quitamerendas, quitamerendas da Primavera, quitamerendas primaveril, quitamerendas vernal.

Endemismo da Região Euro-Mediterrânica, orófito, exclusivo dos Alpes e dos Pirenéus, situado habitualmente a altitudes entre os 1300 e os 2550 m (VALENTINE, 1980b: 25; PIGNATTI, 1982c: 352; BRICKELL, 1986a: 165; RICO, 2013c; RICO, 2013f: 96); Planta bolbosa ornamental, espontânea na Península Ibérica, mas não em Portugal (RICO, 2013c), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. **Colchicum cupanii** Gussone

Colchicum glossophyllum Heldreich

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Ceboleta, cólquico, cólquico branco, cólquico de Cupani, cólquico de flores brancas, erva ceboleta, erva ceboleta de flores brancas.

Endemismo da Região Mediterrânica (BRICKELL, 1986a: 165); Planta bolbosa ornamental, muito raramente cultivada em Portugal

Distribuição/localização no Jardim: Viveiros (proveniente de Creta, IV.2006; 2009, Observ.!).

4. **Colchicum lusitanum** Brotero

Colchicum bivonae auct. hisp., non Gussone

Colchicum autumnale L. subsp. *algeriense* Battandier & Trabut

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Ceboleta, cólquico, cólquico de Portugal, cólquico lusitano, cólquico lusitano, cólquico português, erva ceboleta, erva dos prados, erva dos lameiros.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, de floração outonal, que se pode encontrar em prados mais ou menos secos, clareiras de bosques ou de matos, olivais e taludes, com preferência por substratos de natureza básica (BRICKELL, 1980a: 24; BRICKELL, 1986a: 167; RICO, 2013e: 90); Planta bolbosa ornamental e medicinal, espontânea e rara em Portugal (CARAPETO & al., 2014f).

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ALMEIDA & al., 2003).

5. **Colchicum montanum** Loeffling ex L.

= *Merendera montana* (Loeffling ex L.) Lange

Bulbocodium autumnale Lapeyrouse

Bulbocodium broteri Welwitsch

Bulbocodium colchicoides Nyman

Colchicum pyrenaicum Pourret

= *Bulbocodium pyrenaicum* (Pourret) Sampaio

= *Merendera pyrenaica* (Pourret) P. Fournier

Merendera bulbocodium Ramond

Merendera bulbocodioides Willdenow

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Bulbocódio, bulbocódio broterano, bulbocódio broteriano, bulbocódio de Brotero, bulbocódio de Outono, bulbocódio dos montes, bulbocódio dos Pirenéus, bulbocódio outonal, bulbocódio pirenaico, ceboleta, cólquico, cólquico das montanhas, cólquico das serras, cólquico de altitude, cólquico de Outono, cólquico dos montes, cólquico dos Pirenéus, cólquico outonal, cólquico pirenaico, erva merendera, merendera pirenaica, erva merendeira, erva merendeira pirenaica, erva merendinha, merendera, merendera dos Pirenéus, merendera pirenaica, merendeira, merendeira dos Pirenéus, merendeira pirenaica,

merendinha, merendinha pirenaica, merendinhas, noselha, quita-merendas, quinta-merendas, quinta-merendas dos Pirenéus, quinta-merendas pirenaica.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, exclusivamente ibérico e pirenaico (BRICKELL, 1986b: 169); Planta bolbosa perene ornamental, espontânea e comum em Portugal, sobretudo no Norte e Centro (ARAÚJO & al., 2014d), frequente em prados secos algo nitrificados, em clareiras de bosques e de matos, em locais rochosos e nas margens de caminhos, tanto em substratos acídicos (siliciosos) como básicos ou calíços, florescendo no final do Verão e no Outono (BORGES DE MACEDO & ALMEIDA TIAGO, 1985: 36; GÓMEZ MERCADO, 2011: 366; RICO, 2013g: 98-100), raramente cultivada entre nós e talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

6. *Colchicum trigynum* (Steven ex Adam) Stearn

= *Bulbocodium trigynum* Steven ex Adam [basion.]

= *Merendera trigyna* (Steven ex Adam) Stapf

Colchicum monogynum M. Bieberstein ex Schultes & Schultes fil.

Merendera candidissima Misczenko ex Grossheim

Merendera caucasica M. Bieberstein

= *Bulbocodium causicum* (M. Bieberstein) Endlicher ex Heynhold

= *Colchicum causicum* (M. Bieberstein) Sprengel

= *Sternbergia caucasica* (M. Bieberstein) Willdenow

Merendera eichleiri Boissier

Merendera ghalghana Otschiauri

Merendera manissadjianii Aznavour

Merendera navis-novae Markgraf

Merendera raddeana Regel

Merendera trigyna (Steven ex Adam) Stapf var. *ketzkhoveli* Kuth. ex Sosnowsky

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Bulbocódio, bulbocódio caucasiano, bulbocódio caucásico, bulbocódio do Cáucaso, bulbocódio trigino, cólquico, cólquico, cólquico, cólquico, cólquico monogino, cólquico trigino, merendera, merendera alba, merendera albiflora, merendera alva, merendera branca, merendera branquíssima, merendera cândida, merendera candidíssima, merendera, merendera caucasiana, merendera caucásica, merendera de Eichler, merendera de Ghalgha, merendera de Ketzkhovel, merendera de Manissadjian, merendera de Radde, merendera eichleriana, merendera galgana, merendera galganiana, merendera galgânica, merendera manissadjianiana, merendera manissadjianica, merendera manissadjianina, merendera radeana, merendera rádica, merendera trigina, sternbérguia, sternbérguia caucasiana, sternbérguia caucásica, sternbérguia do Cáucaso.

Endemismo eurasiático; Elemento Irano-Turânico, aparentemente exclusivo da Anatólia e do Cáucaso, onde ocorre em cascalheiras calcárias e argilosas, prados alpinos, bosques de pinheiros e outros habitats de montanha, a altitudes entre os 1300 e os 3400 metros (BRICKELL, 1984b: 353-354; IPNI; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Planta bolbosa perene ornamental de montanha, muito raramente cultivada entre nós, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Gloriosa* L.

1. *Gloriosa superba* L.

Gloriosa abyssinica Richard

Gloriosa carsonii Baker

Gloriosa lutea Anon.

Gloriosa minor Rendle

Gloriosa simplex L.

Gloriosa rothschildiana O'Brien

Gloriosa verschuurii Hoog

Gloriosa virescens Sims

Geófito. Origem: Regiões Tropicais.

Alguns nomes comuns possíveis: Gloriosa, gloriosa abissínica, gloriosa africana, gloriosa amarela, gloriosa da Abissínia, gloriosa da Etiópia, gloriosa de Carson, gloriosa de Rothschild, gloriosa de Verschuur,

gloriosa lútea, gloriosa minor, gloriosa simples, gloriosa soberba, gloriosa superba, gloriosa verde, gloriosa virescente, lírio da glória, lírio trepador, raíz de empose.

Género actualmente considerado monoespecífico; Planta herbácea perene tuberosa rizomatosa trepadeira ornamental e medicinal tropical, altamente venenosa (MATTHEWS, 1986b: 169-170; IPNI), por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VI); Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Uvularia* L.

1. *Uvularia sessilifolia* L.

= *Oakesiella sessilifolia* (L.) Oakes

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva-sino, erva sineira, erva sineira de folhas sésseis, erva uveira, oakesiela, oakesiela de folhas sésseis, uvulária, uvulária de folhas sésseis.

Endemismo norte americano, da América do Norte oriental, de floração vernal e estival (MATTHEWS, 1986e: 125; MABBERLEY, 2008: 889); Planta ornamental, alimentar e medicinal (MABBERLEY, *l.c.*) herbácea perene rizomatosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII)

4. *Wurmbea* Thunberg

1. *Wurmbea stricta* (Burm. f.) J.C. Manning & Vinn.

= *Pontederia stricta* Burmann f. [basion.]

= *Onixotis stricta* (Burm. f.) Wijnands

Dipidax rosea Salisbury

Melanthium junceum Jacquin

Melanthium triquetrum L. f.

= *Anguillaria triquetra* (L. f.) F. Mueller

= *Dipidax triquetra* (L. f.) Baker

= *Onixotis triquetra* (L. f.) Mabblerley

= *Wurmbea triquetra* (L. f.) F. Mueller

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Anguilária, dipídax, engueira, melântio, onixótis, pontedéria, wúrmbea, wúrmbea.

Endemismo sul-africano (IPNI); Planta perene bolbosa ornamental exótica, muito raramente cultivada em Portugal

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII)

CIV. COMMELINACEAE [29 sp.]

[Syn.: *Cartonemataceae*, *Ephemeraceae*, *Tradescantiaceae*]²⁵⁹

1. *Aneilema* R. Brown

1. *Aneilema forsskahlii* Kunth

Aneilema aequinoctiale (P. Beauvois) Loudon var. *minor* C.B. Clarke

Aneilema tacazezanum Hochstetter ex A. Richard

= *Lamprodithyros tacazezanum* (Hochstetter ex A. Richard) Hasskarl

Commelina ebracteata Ehrenberg ex Schweinfurth

Commelina paniculata Vahl, nom. illeg.

Lamprodithyros ehrenbergii Hasskarl

= *Aneilema ehrenbergii* (Hasskarl) C.B. Clarke

Geófito. Origem: Regiões Tropicais.

Alguns nomes comuns possíveis: Aneilema, aneilema de Forsskahl, comelina, lamproditiros.

Endemismo africano-arábico (GRIN); Planta ornamental herbácea perene tuberosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, sobretudo como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

²⁵⁹ De acordo com REVEAL & CHASE (2011: 80).

2. *Callisia* Loeffling

1. *Callisia gentlei* Matuda var. **elegans** (Alexander ex H.E. Moore) D.R. Hunt

= *Callisia elegans* Alexander ex H.E. Moore [basion.]

Setcreasea striata auct., nom. inval.

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Calísia, calísia elegante, setcrásia, setcrásia estriada.

Endemismo norte-americano, do México, Guatemala e Honduras, de floração hibernal ou hiemal (HUNT, 1994c: 29; GRIN; IPNI; ROSA, 2000: 211); Planta ornamental herbácea perene exótica, muito raramente cultivada em Portugal, sobretudo como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufa das Reproduções (TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Callisia navicularis* (Ortgies) D.R. Hunt

= *Tradescantia navicularis* Ortgies [basion.]

= *Phydina navicularis* (Ortgies) Rohweder

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Calísia, calísia navicular, fiódina, fiódina navicular, tradescância navicular, tradescância navicular.

Endemismo norte-americano, do México, de floração estival e outonal (HUNT, 1994c: 29; ROSA, 2000: 211; MABBERLEY, 2008: 138); Planta ornamental herbácea perene suculenta exótica, muito raramente cultivada em Portugal, sobretudo como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

3. *Callisia repens* (Jacquin) L.

= *Hapalanthus repens* Jacquin [basion.]

Commelina hexandra Aublet var. *mandonii* Hasskarl

= *Callisia repens* (Jacquin) L. var. *mandonii* (Hasskarl) C.B. Clarke

Callisia repens (Jacquin) L. var. *ciliata* Roemer & Schultes

Spironema robbinsii C. Wright

Tradescantia callisia Swartz

Hemicriptófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Calísia, calísia ciliada, calísia de Mandoni, calísia de seis estames, calísia prostrada, calísia pubescente, calísia rasteira, calísia repente, calísia vilosa, comelina, comelina de Mandoni, comelina hexandra, espiroñema, espiroñema de Robbins, hapalanto, hapalanto prostrado, hapalanto rasteiro, hapalanto repente, spironema, spironema de Robbins, tradescância, tradescância calísia, tradescântia, tradescântia calísia.

Endemismo sul-americano, da América tropical (HUNT, 1984c: 29; IPNI); Planta ornamental herbácea perene suculenta exótica, muito raramente cultivada em Portugal, sobretudo como planta de interior, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Commelina* L.

1. *Commelina coelestis* Willdenow

Heterocarpus hirsutus Wight

= *Commelina hirsuta* (Wight) C.B. Clarke, nom. illeg.

Commelina intermedia Schlechtendal

Commelina japonica Kunth

Commelina longicaulis Kunth, nom. illeg.

Commelina nilagirica Steudel ex C.B. Clarke, nom. inval.

Commelina paniculata Kunth

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Comelina, comelina celeste, comelina do Japão, comelina hirsuta, comelina intermédia, comelina japónica, comelina longicaule, comelina nipónica, heterocarpo, heterocarpo celeste, heterocarpo hirsuto.

Endemismo norte-americano, do México e da América tropical (HUNT, 1984a: 26; IPNI); Planta ornamental herbácea perene exótica, muito raramente cultivada em Portugal, sobretudo como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. ***Commelina communis* L.**

Commelina coreana H. Léveillé & Vaniot

Terófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Comelina, comelina asiática, comelina chinesa, comelina coreana, comelina comum, comelina japonesa, comelina vulgar, iazicau.

Endemismo eurasiático, da Ásia oriental temperada: Cambodja, China, Coreia, Japão, Laos, Tailândia, Rússia e Vietnã, também introduzido na América (KIT TAN, 1984: 554-555; HUNT, 1984a: 26; ROSA, 2000: 212; HONG & DEFILIPPS, 2000: 19); Planta ornamental herbácea anual exótica, muito raramente cultivada em Portugal, sobretudo como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

3. ***Commelina dianthifolia* Delile**

Commelina graminifolia Kunth

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Comelina, comelina de folhas de gramínea, comelina diantifolia, comelina graminifolia.

Endemismo norte-americano, dos Estados Unidos e do México (GRIN); Planta ornamental herbácea perene tuberosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, sobretudo como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Viveiros (REGISTO DAS SEMENTEIRAS, livro n.º 21, 1928); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. ***Commelina sikkimensis* C.B. Clarke**

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Comelina, comelina dos Himalaias, comelina do Sikkim.

Endemismo eurasiático, da Região dos Himalaias (IPNI); Planta ornamental herbácea perene exótica, muito raramente cultivada em Portugal, sobretudo como planta de interior, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. ***Commelina tuberosa* L.**

= *Allosperma tuberosa* (L.) Rafinesque

Commelina loddigesii Steudel

Commelina parviflora Reichenbach

Erxlebia fusiformis Medikus

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Alosperma, alosperma tuberosa, comelina, comelina de flores pequenas, comelina micranta, comelina parviflora, comelina tuberosa, erxlébia, erxlébia fusiforme.

Endemismo americano, da América tropical, do Norte e do Sul (ROSA, 2000: 212); Planta ornamental herbácea perene tuberosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, sobretudo como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

3. ***Cyanotis* D. Don**

1. ***Cyanotis beddomei* (Hooker f.) Erhardt, Götz & Seybold**

= *Erythrotis beddomei* Hooker f. [basion.]

Cyanotis kewensis C.B. Clarke

= *Tonningia kewensis* (C.B. Clarke) Kuntze

Hemicriptófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Cianótis, cianótis da Índia, cianótis de Kew, eritrótis, toníngua, toníngua de Kew.

Endemismo da Ásia tropical: Índia; Planta ornamental herbácea perene exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

2. **Cyanotis somaliensis** C.B. Clarke

Hemicriptófito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Cianótis, cianótis da Somália, cianótis somali, cianótis somaliense.

Endemismo africano, da África tropical: Somália (HUNT, 1984d: 28); Planta ornamental herbácea perene exótica, por vezes cultivada em Portugal, sobretudo como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

4. **Palisota** Reichenbach

1. **Palisota barteri** Hooker f.

Palisota ombrophila K. Schumann ex C.B. Clarke, nom. inval.

Palisota staudtii K. Schumann

Alguns nomes comuns possíveis: Palisota, palissota, palissota barteriana, palissota barterina, palissota da sombra, palissota de Barter, palissota de Staudt, palissota esciófila, palissota ombrófila.

Hemicriptófito. Origem: África Tropical.

Endemismo africano, da África tropical (IPNI); Planta ornamental herbácea exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Palisota bracteosa** C.B. Clarke

Hemicriptófito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Palisota, palissota.

Endemismo africano, da África tropical (IPNI); Planta ornamental herbácea exótica, muito raramente cultivada em Portugal

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte II (TAVARES & ALVES, 2002; INDEX SEMINUM 2009, 2010); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000)

3. **Palisota elizabethiae** L. Gentil

Hemicriptófito. Origem: Desconhecida.

Alguns nomes comuns possíveis: Palisota, palissota, palissota de Elizabeth, palissota isabelina.

Planta ornamental herbácea exótica, de origem desconhecida, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. **Palisota schweinfurthii** C.B. Clarke

Hemicriptófito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Palisota, palissota, palissota de Schweinfurth, palissota schweinfurthiana.

Endemismo africano, da África tropical (IPNI); Planta ornamental herbácea exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. **Tinantia** Scheidweiler

1. **Tinantia anomala** (Torrey) C.B. Clarke

= *Tradescantia anomala* Torrey [basion.]

Terófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Tinântia, tinântia anómala, tradescância, tradescância.

Endemismo norte-americano, dos Estados Unidos e do México: Durango; Planta ornamental herbácea anual exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. **Tinantia erecta** (Jacquin) Fenzl

= *Tradescantia erecta* Jacquin [basion.]

= *Pogomesia erecta* (Jacquin) Standley

Commelina rosea Schecht.

Ephemerum racemosum Moench

Tinantia fugax Scheidweiler

Tinantia modesta Brandeg.

Tradescantia bifida Roth

Tradescantia commelina Neuenh.

Tradescantia latifolia Ruiz & Pavón

Tradescantia malabarica Herbert ex Schultes & Schultes f.

Tradescantia recta Raeusch.

Tradescantia undulata Vahl

Terófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Comelina, comelina rósea, pogomézia, pogomézia erecta, tinântia, tinântia erecta, tradescância, tradescância erecta, tradescântia, tradescântia erecta.

Endemismo americano, da América tropical, de floração estival (HUNT, 1984b: 27); Planta ornamental herbácea anual exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ALVES, 1991; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Localmente naturalizada nas Escolas de Sistemática/Escola Médica, alt. c. 80 m (X.1999; 2000, Observ.!: ALMEIDA, 2005b).

6. *Tradescantia* Ruppius ex L.

[*Setcreasea* K. Schumacher & Sydow; *Zebrina* Schnizlein]

1. *Tradescantia bracteata* Small

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva da fortuna, tradescância, tradescântia, tradescântia americana, tradescântia bracteada, tradescântia estadunidense.

Endemismo norte-americano, dos Estados Unidos; Planta ornamental herbácea perene exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Tradescantia fluminensis* Vellozo

Tradescantia albiflora Kunth

Hemicriptófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva da fortuna, tradescância, tradescântia, tradescântia albiflora, tradescântia brasileira, tradescântia de flores brancas, tradescântia do Brasil, tradescântia do Rio, tradescântia fluminense, tradescântia leucanta.

Endemismo sul-americano, do SE do Brasil e N da Argentina (HUNT, 1984e: 30); Planta ornamental herbácea perene, muito cultivada em Portugal, frequentemente subespontânea em locais húmidos e sombrios, por vezes mesmo invasora. Foi inicialmente indicada como subespontânea em Portugal por SAMPAIO (1932: 120), em muitas localidades do Norte, multiplicando-se por via vegetativa, tem sido “Frequentemente cultivada, talvez por ser tida pela *erva da fortuna*, e propagando-se com extraordinária facilidade por fragmentos dos seus caules radicantes, escapa-se muitas vezes da cultura e surge então à beira dos caminhos e regueiras ou onde quer qaaue encontre a humidade que lhe convém” (PINTO DA SILVA, 1956: 19); Também se encontra subespontânea em diversos arboretos semelhantes à Mata do Jardim Botânico, como por exemplo a Mata do Penedo da Saudade, em Coimbra, e também na Mata do Buçaco (LOPES, 2012: 115), o que não surpreende, de forma alguma.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Talhão 9 da Mata (TAVARES & ALVES, 2002); Abundantemente naturalizada na Mata e também no Jardim, em sebes e locais sombrios (ALMEIDA, 2005b; IV.2010, Observ.!).

3. *Tradescantia fluminensis* Vellozo 'Albovittata'

Hemicriptófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva da fortuna, tradescância, tradescântia, tradescântia brasileira, tradescântia do Brasil, tradescântia do Rio, tradescântia fluminense.

Planta ornamental herbácea perene, de origem hortícola, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa das Reproduções (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

4. *Tradescantia fluminensis* Vellozo 'Argentea-variegata'

Hemicriptófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva da fortuna, tradescância, tradescântia, tradescântia brasileira, tradescântia do Brasil, tradescântia do Rio, tradescântia fluminense.

Planta ornamental herbácea perene, de origem hortícola, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa das Reproduções (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

5. **Tradescantia ohiensis** Rafinesque

Tradescantia canaliculata Rafinesque

Tradescantia foliosa Small

= *Tradescantia ohiensis* Rafinesque var. *foliosa* (Small) MacRobert

Tradescantia incarnata Small

= *Tradescantella incarnata* (Small) Small

Tradescantia reflexa Rafinesque

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva da fortuna, tradescância, tradescantela, tradescântia, tradescântia americana, tradescântia do Ohio, tradescântia estadunidense.

Endemismo norte-americano; Planta ornamental herbácea perene, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

6. **Tradescantia pallida** (Rose) D.R. Hunt

= *Setcreasea pallida* Rose [basion.]

Setcreasea purpurea Boom

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Coração de púrpura, coração-púrpura, coração purpúreo, erva da fortuna, setcreásea, setcreásea pálida, setcreásea purpúrea, tradescância, tradescântia, tradescântia americana, tradescântia do México, tradescântia mexicana, tradescântia pálida, tradescântia purpúrea.

Endemismo norte-americano, exclusivo do México (GRIN); Planta ornamental herbácea perene, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

7. **Tradescantia spathacea** Swartz

= *Rhoeo spathacea* (Swartz) Stearn

Tradescantia discolor L'Hérit.

= *Rhoeo discolor* (L'Hérit.) Hance

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva da fortuna, tradescância, tradescântia, tradescântia de barco, tradescântia de espata, tradescântia espatácea.

Endemismo americano, da América tropical e Caraíbas; Planta ornamental herbácea perene exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufa da *Victoria amazonica* (TAVARES & ALVES, 2002).

8. **Tradescantia virginiana** L. × **Tradescantia ohiensis** Rafinesque × **Tradescantia subaspera** Ker Gawler

Hemicriptófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva da fortuna, tradescância, tradescântia, tradescântia híbrida, tradescântia hortícola.

Planta ornamental herbácea perene, de origem híbrida hortícola, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

9. **Tradescantia virginiana** L. × **Tradescantia ohiensis** Rafinesque × **Tradescantia subaspera** Ker Gawler
'Purewell Giant'

Hemicriptófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva da fortuna, tradescância, tradescântia, tradescântia híbrida, tradescântia hortícola.

Planta ornamental herbácea perene, de origem híbrida hortícola, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

10. **Tradescantia zebrina** Bosse

= *Cyanotis zebrina* (Bosse) Nees

Cyanotis vittata Lindley

Tradescantia pendula (Schnizlein) D.R. Hunt

= *Zebrina pendula* Schnizlein

Tradescantia tricolor C.B. Clarke

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Cianótis, erva da fortuna, tradescância, tradescântia, zebrina.
Endemismo norte-americano, do México, largamente naturalizado nas regiões tropicais (Hunt, 1984e: 30);
Planta ornamental herbácea perene, por vezes cultivada em Portugal, sobretudo como planta de interior.
Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande (2009, Observ.!).

11. Tradescantia zebrina Bosse 'Quadricolor'

Hemicriptófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Cianótis, erva da fortuna, tradescância, tradescântia, zebrina.

Planta ornamental herbácea perene, de origem hortícola, por vezes cultivada em Portugal, sobretudo como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte II, subtropical (TAVARES & ALVES, 2002).

12. Tradescantia sp.

Hemicriptófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva da fortuna, tradescância, tradescântia.

Endemismo americano; Planta ornamental herbácea perene, de origem desconhecida, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufa das Reproduções (TAVARES & ALVES, 2002).

CVI. COSTACEAE [1 sp.]

1. Costus L.

1. Costus sp.

Geófito. Origem: Regiões Tropicais.

Alguns nomes comuns possíveis: Costo, cóstus.

Planta ornamental herbácea perene exótica tropical (MABBERLEY, 1997: 187), muito raramente cultivada em Portugal, sobretudo como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

CVII. CYPERACEAE [46 sp.]

[Syn.: *Kobresiaceae*, *Mapaniaceae*,
Papyraceae, *Scirpaceae*, *Scleriaceae*]²⁶⁰

1. Carex L.

1. Carex arenaria L.

Carex arenaria L. var. *remota* T. Marsson

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cárex, cárice, cárice das areias, carriço, carriço das areias, junça, junça das areias, salsaparrilha da Alemanha.

Endemismo eurasiático, exclusivamente europeu (CHATER, 1980: 298; LUCEÑO & al., 2007: 135-137);

Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, espontânea em Portugal, sobretudo em areais costeiros, no Norte e Centro (LOURENÇO & ENGELS, 2014w), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. Carex binervis Smith

Carex ovata Merino

= *Carex binervis* Smith var. *ovata* (Merino) Merino

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cárex, cárex binerve, cárex de duas nervuras, cárex ovado, cárice binervado, cárice binerve, cárice de duas nervuras, cárice ovado, junça, junça binervada, junça binerve, junça de duas nervuras, junça ovada.

Endemismo eurasiático, aparentemente exclusivo da Europa ocidental, próprio de prados, charnecas e locais rochosos, calcífugo (CHATER, 1980: 308; LUCEÑO & al., 2007: 184); Planta ornamental herbácea

²⁶⁰ De acordo com REVEAL & CHASE (2011: 81).

perene rizomatosa, espontânea e pouco comum em Portugal, onde se pode encontrar no Norte e Centro (ALMEIDA & al., 2014at), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. **Carex canescens** L. subsp. **canescens**

Carex cinerea Polich

= *Vigna cinerea* (Polich) Dostál

Carex curta Goodenough

Carex hylaea V.I. Kreczetowicz

Hemicriptófito. Origem: Subcosmopolita.

Alguns nomes comuns possíveis: Cárex, cárex embranquecido, cárex encanecido, cárice, cárice embranquecido, cárice encanecido, junça, junça embranquecida, junça encanecida.

Planta ornamental herbácea perene exótica, de distribuição subcosmopolita, em turfeiras profundas de natureza silícea, que na Península Ibérica se pode encontrar em regiões montanhosas do Norte (Luceño & al., 2007: 150-151; JIMÉNEZ-MEJÍAS & LUCEÑO, 2011), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. **Carex capitata** L.

Hemicriptófito. Origem: Holoártica.

Alguns nomes comuns possíveis: Cárex, cárex cabeçudo, cárex capitado, cárex de cabeça, cárice, cárice cabeçuda, cárice capitada, cárice de cabeça, junça, junça cabeçuda, junça capitada, junça de cabeça.

Endemismo eurasiático e norte-americano, próprio de prados, charnecas e outros locais húmidos, predominantemente ricos em bases (CHATER, 1980: 323; JIMÉNEZ-MEJÍAS & LUCEÑO, 2011; USDA); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. **Carex caryophyllea** Latourrette

Carex praecox Jacquin

Carex praecox Jacquin var. *sicyocarpa* Lebel

Carex fuscotincta Merino

Carex monostachya A. Richard

= *Carex praecox* Jacquin var. *monostachya* (A. Richard) Merino

Carex praecox Jacquin var. *distans* Merino

Carex praecox Jacquin var. *minor* Merino

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cárex, cárex de uma só espiga, cárex fusca, cárex fuscotinta, cárex monostáquia, cárex precoce, cárex tinta, cárice, cárice de uma só espiga, cárice fusca, cárice fuscotinta, cárice monostáquia, cárice precoce, cárice tinta, junça, junça de uma só espiga, junça fusca, junça fuscotinta, junça monostáquia, junça precoce, junça tinta.

Endemismo eurasiático (JIMÉNEZ-MEJÍAS & LUCEÑO, 2011); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, espontânea e muito rara em Portugal, onde só se encontrou nalguns locais do Norte: Mi e TM (LUCEÑO & al., 2007: 210-212; ARAÚJO, 2014bc).

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ALMEIDA & al., 2003; TAVARES & al., 2009).

6. **Carex cuprina** (I. Sándor ex Heuffel) Nendtvitch ex A. Kerner

= *Carex nemorosa* Rebentisch var. *cuprina* I. Sándor ex Heuffel [basion.]

= *Carex vulpina* L. var. *cuprina* (I. Sándor ex Heuffel) O. Bolòs & Vigo

Carex otrubae Podpera

Carex vulpina auct., non L.

Hemicriptófito. Origem:

Alguns nomes comuns possíveis: Cárex, cárex acobreado, cárex cuprino, cárex da floresta, cárex de cobre, cárex de raposa, cárex dos bosques, cárex nemoral, cárex raposino, cárex vulpino, cárice, cárice acobreada, cárice cuprina, cárice da floresta, cárice de cobre, cárice de raposa, cárice dos bosques, cárice nemoral, cárice raposina, cárice vulpina, junça, junça acobreada, junça cuprina, junça da floresta, junça de cobre, junça de raposa junça dos bosques, junça raposina, junça vulpina.

Endemismo eurasiático e norte-africano (LUCENO & al., 2007: 126); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, espontânea e pouco comum em Portugal, onde se pode encontrar no Norte e Centro (PORTELA-PEREIRA & al., 2014), outrora cultivada e actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

7. **Carex distachya** Desfontaines

Carex longiseta Brotero

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cárex, cárice, junça.

Planta ornamental herbácea, espontânea em Portugal; Hemicriptófito semi-arrosetado, cespitoso, que se pode encontrar em sítios secos, como por exemplo matos sob coberto de pinhais ou bosques perenifólios, dispersa em Portugal (FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 90-91; ALMEIDA & al., 2014au).

Distribuição/localização no Jardim: Disseminada no Jardim e, sobretudo, na Mata (IV.2010, Observ.!).

8. **Carex divisa** Hudson

Carex divisa Hudson var. *longiculmis* Willkomm

Carex hybrida Lamarck

Carex setifolia Godron

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cárex, cárex dividido, cárex híbrido, cárice, cárice dividida, cárice híbrida, junça, junça dividida, junça híbrida.

Endemismo da Região Mediterrânica, indiferente edáfico, espontâneo em Portugal (LUCENO & al., 2008: 140-141); Planta ornamental herbácea, espontânea e dispersa em Portugal (PORTELA-PEREIRA & al., 2014q), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

9. **Carex divulsa** Stokes subsp. **divulsa**

= *Carex muricata* L. raça *divulsa* (Stokes) Sampaio

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cárex, cárex divulso, cárex dos arrelvados cárex dos relvados, cárice, cárice divulsa, cárice dos arrelvados, cárice dos relvados, junça, junça divulsa, junça dos arrelvados, junça dos relvados.

Endemismo eurasiático e norte-africano, próprio de sítios húmidos e sombrios (LUCENO & al., 2007: 130-132); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, espontânea, pouco comum e dispersa em Portugal (PORTELA-PEREIRA & al., 2014r).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII); Disseminada no Jardim e, sobretudo, na Mata (IV.2010, Observ.!: IV.2013, Observ.!).

10. **Carex elata** Allioni subsp. **reuteriana** (Boissier) Luceño & Aedo

= *Carex reuteriana* Boissier [basion.]

= *Carex acuta* L. subsp. *reuteriana* (Boissier) Rivas Martínez & Pizarro

= *Carex vulgaris* Fries subsp. *reuteriana* (Boissier) K. Richter

= *Carex fusca* Allioni var. *reuteriana* (Boissier) C. Vicioso

= *Carex goodenowii* J. Gay var. *reuteriana* (Boissier) Daveau

Carex broteriana Sampaio

= *Carex acuta* L. subsp. *broteriana* (Sampaio) Rivas Martínez

= *Carex nigra* (L.) Reichard subsp. *broteriana* (Sampaio) Rivas Martínez

= *Carex gracilis* S. Curtis subsp. *broteriana* (Sampaio) M. Laínz

= *Carex fusca* Allioni var. *Brownoteriana* (Sampaio) C. Vicioso

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cárex, cárex de Brotero, cárex de Reuter, cárex broteriano, cárex reuteriano, cárice, cárice broteriana, cárice reuteriana, cárice de Brotero, cárice de Reuter.

Endemismo ibérico (LUCENO, 1994: 119; LUCENO & al., 2007: 239), de distribuição ocidental, ibero-atlântica (RIVAS-MARTÍNEZ & PIZARRO, 1989: 13), de floração predominantemente estival (WALTERS, 1984c: 116); Planta ornamental herbácea, espontânea e pouco comum em Portugal (PORTELA-PEREIRA & al., 2014v), outrora cultivada e actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

11. **Carex extensa** Goodenough

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cárex, cárex costeiro, cárex litoral, cárex litóreo, cárex marítimo, cárice, cárice extensa, cárice litoral, cárice litórea, cárice marítima, junça, junça extensa, junça litoral, junça litórea, junça marítima.

Endemismo eurasiático e norte-africano, próprio de zonas costeiras (LUCENO & al., 2007: 189); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, espontânea e pouco comum em Portugal, onde ocorre apenas nas províncias litorais: Mi, DL, BL, E, BAl e Ag (LUCENO & al., *l.c.*; PORTO & al., 2014ae).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

12. **Carex grayi** J. Carey

Carex asa-grayi L.H. Bailey

Carex grayi J. Carey var. *hispidula* A. Gray ex L.H. Bailey

= *Carex asa-grayi* L.H. Bailey var. *hispidula* (A. Gray ex L.H. Bailey) L.H. Bailey

Carex grayi J. Carey var. *rariflora* Farwell

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Cárex, cárex de Asa Gray cárex de Gray, cárex rarifloro, cárice, cárice de Asa Gray, cárice de Gray, cárice rariflora, junça, junça de Asa Gray, junça de Gray, junça rariflora.

Endemismo norte-americano, dos Estados Unidos (IPNI); Planta ornamental herbácea perene exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

13. **Carex hispida** Willdenow

Carex echinata Desfontaines, nom. illeg.

Carex lasiochlaena Kunth

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cárex, cárex equinado, cárex espinhoso, cárex hispido, cárice, cárice espinhosa, cárice hispida, junça, junça equinada, junça espinhosa, junça hispida.

Endemismo da Região Mediterrânica, com preferência por solos carbonatados (LUCENO & al., 2008: 170-171); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, espontânea e pouco comum em Portugal, onde se encontra sobretudo no Centro e Sul (PORTELA-PEREIRA & al., 2014t), própria de paúis e margens de ribeiros e de fontes (MEIKLE, 1985: 1706-1707), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

14. **Carex japonica** Thunberg

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Cárex, cárex do Japão, cárex japonês, cárex nipónico, cárice, cárice do Japão, cárice japonês, cárice nipónico, ribentaicau.

Endemismo eurasiático, da Ásia oriental: China, Coreia e Japão, próprio de locais húmidos e sombrios (LUNKAI & al., 2010: 381); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

15. **Carex japonica** Thunberg 'Variegatum'

Hemicriptófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Cárex, cárex do Japão, cárex japonês, cárex nipónico, cárice, cárice do Japão, cárice japonês, cárice nipónico, ribentaicau.

Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, de origem hortícola, raramente cultivada em Portugal, actualmente talvez extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

16. **Carex laevigata** Smith

Carex helodes auct., non Link

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cárex, cárice, junça.

Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, espontânea e relativamente comum em Portugal, sobretudo no Norte e Centro, em locais siliciosos húmidos (LUCENO & al., 2007: 178-180; ALMEIDA & al., 2014av).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Disseminada na Mata (IV.2010, Observ.!).

17. **Carex nigra** (L.) Reichard

= *Carex acuta* L. var. *nigra* L. [basion.]

Carex cespitosa L. var. *fuliginosa* A. Braun

= *Carex vulgaris* Fries var. *fuliginosa* (A. Braun) Husnot

Carex fusca Allioni

Carex goodenowii J. Gay

Carex intricata Tineo ex Gussone

Carex nigra (L.) Reichard subsp. *carpetana* C. Vicioso ex Raivas Martínez, nom. inval.

Carex vulgaris Fries, nom. illeg.

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cárex, cárex anegrado, cárex fuliginoso, cárex negro, cárice anegrada, cárice fuliginosa, cárice negra, junça, junça anegrada, junça fuliginosa, junça negra.

Endemismo da Região Holoártica (LUCENO & al., 2007: 242-243); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, espontânea e muito rara em Portugal, onde parece ocorrer quase exclusivamente na Serra da Estrela (SILVA, 2014e), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim:

18. **Carex norvegica** Retzius subsp. **norvegica**

Carex alpina Liljeblad, non Schrank

Carex halleri auct.

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Cárex, cárex alpino, cárex da Escandinávia, cárex da Noruega, cárex de Haller, cárex escandinavo, cárex halerano, cárex halertino, cárex norueguês, cárex norvégico, cárice, cárice alpina, cárice da Escandinávia, cárice da Noruega, cárice de Haller, cárice escandinava, cárice haleriana, cárice halerina, cárice norueguesa, cárice norvégica, junça, junça alpina, junça da Escandinávia, junça da Noruega, junça de Haller, junça escandinava, junça haleriana, junça halerina, junça norueguesa, junça norvégica.

Endemismo eurasiático, do Norte da Europa, em sítios inundados (CHATER, 1980: 318); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, outrora cultivada e actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII)

19. **Carex paniculata** L. subsp. **lusitanica** (Schkuhr ex Willdenow) Maire

= *Carex lusitanica* Schkuhr ex Willdenow [basion.]

Carex paniculata L. var. *elatior* Merino

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cárex, cárex alongado, cárex em panícula, cárex, cárex, cárex paniculado, cárex panicular, português, cárice, cárice alongada, cárice em panícula, cárice lusitana, cárice lusitânica, cárice paniculada, cárice panicular, cárice portuguesa, junça, junça alongada, junça lusitana, junça lusitânica, junça portuguesa.

Endemismo eurasiático, da Europa ocidental e do Norte de África (Marrocos), próprio de sítios húmidos (CHATER, 1980: 297; LUCENO & al., 2007: 163-164; ROSA, 2000: 218); Planta ornamental herbácea bienal, densamente cespitosa (FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 91), pouco comum entre nós (PORTELA-PEREIRA & al., 2014u), outrora cultivada e actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

20. **Carex pendula** Hudson

Carex maxima Scopoli

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cárex, cárex de amarrar vinhas, cárex maior, cárex máximo, cárex pêndula, cárex pendulado, cárex pendular, cárice, cárice de amarrar vinhas, cárice maior, cárice máxima, cárice pendulada, cárice pendular, junça, junça de amarrar vinhas, junça maior, junça máxima, junça pendulada, junça pendular, palha de amarrar vinha, palha de amarrar vinhas.

Endemismo eurasiático e norte-africano, próprio de sítios húmidos e sombrios como bosques ripícolas, por vezes cultivado como ornamental (WALTERS, 1984: 116; LUCEÑO & al., 2007: 163-164); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, espontânea, pouco comum e dispersa em Portugal (PORTELA-PEREIRA & al., 2014).

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica, num tanque (IV.2012, Observ.!). TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

21. **Carex punctata** Gaudin

Carex laevicaulis Seubert

= *Carex punctata* Gaudin var. *laevicaulis* (Seubert) Boott

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cárex, cárex pontuado, cárice, cárice pontuada, junça, junça pontuada.

Endemismo da Região Euro-Mediterrânica (LUCEÑO & al., 2007: 187-189); Elemento Euxino, do Norte e Centro da Europa (NILSSON, 1985: 130-131); Planta ornamental herbácea perene cespitosa e rizomatosa, espontânea e rara em Portugal, em prados húmidos, no litoral (LUCEÑO & al., 2007: 187-189; LOURENÇO, 2014x), outrora cultivada e actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

22. **Carex remota** L.

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cárex, cárex remoto, cárice, cárice remota, junça, junça remota.

Endemismo eurasiático e norte-africano, próprio de solos húmidos, sobretudo em bosques ripícolas (LUCEÑO & al., 2007: 142-143); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, espontânea e pouco comum em Portugal (SILVA & al., 2014f), outrora cultivada e actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

23. **Carex vesicaria** L.

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cárex, cárex vesicária, cárex vesicular, cárice, cárice vesicária, cárice vesicular, junça, Cárex, cárice, junça, junça vesicária, junça vesicular.

Endemismo da Região Holoártica (Luceño & al., 2007: 162-163); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, espontânea e muito rara em Portugal, onde só foi encontrada na BL e no Mi (Luceño & al., l.c.), outrora cultivada e actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Cladium** P. Browne

1. **Cladium mariscus** (L.) Pohl

= *Schoenus mariscus* L. [basion.]

= *Mariscus mariscus* (L.) Borbás, nom. inval.

Cladium durandoi Chabert

Cladium floribundum C. Presl

Cladium germanicum Schrader

Cladium giganteum Willkomm

Cladium japonicum Steudel

Cladium palustre Poirét

Mariscus serratus Gilib., nom. inval.

Schoenus altissimus Salzmann ex Steudel

Schoenus cladium Swartz

= *Mariscus cladium* (Swartz) Kuntze
Schoenus congestus Willdenow ex Link
Schoenus effusus Swartz
Schoenus elevatus Solander ex G. Forster
Schoenus floribundus Willdenow ex C. Presl
Scirpus excelsus Salisbury
Scirpus martii Dufour ex Roemer & Schultes
= *Cladium mariscus* (L.) Pohl var. *martii* (Dufour ex Roemer & Schultes) Kükenthal
= *Mariscus martii* (Dufour ex Roemer & Schultes) Fernald
Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cirpo, cirpo altíssimo, cirpo alto, cirpo excelso, cládio, cládio alemão, cládio altíssimo, cládio alto, cládio chinês, cládio da Alemanha, cládio da China, cládio das lagoas, cládio do Japão, cládio dos pântanos, cládio dos paúis, cládio elevado, cládio floribundo, cládio germânico, cládio gigante, cládio gigantesco, cládio japonês, cládio japonico, cládio-marisco, cládio nipónico, cládio palustre, cládio sinense, cládio sínico, esqueno, esqueno altíssimo, esqueno castanho, esqueno cládio, esqueno elevado, esqueno gigante, esqueno gigantesco, junco, junco elevado, junco espigado, junco gigante, junco gigantesco, junco mansegado, junco mansego, mansega, marisco, marisco germânico, marisco serrado, marisco serrulado.

Endemismo das regiões temperadas e subtropicais (IPNI); Planta ornamental herbácea aquática ou semiaquática rizomatosa, espontânea e pouco comum em Portugal (SCHWARZER & al., 2014c), onde pode encontrar-se em margens de lagoas e de rios, em águas doces preferencialmente basófilas, nas províncias litorais do Sul: Ag, BA1, BL, E, tradicionalmente usada como combustível e, de forma mais localizada, em cestaria (CASTROVIEJO, 2007d: 103).

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica, num tanque (TAVARES & ALVES, 2002; ALMEIDA & al., 2003).

3. *Cyperus* L.

1. *Cyperus echinatus* (L.) Alph. Wood

= *Scirpus echinatus* L. [basion.]
Cyperus ovularis (Michaux) Torrey var. *americanus* Boeckeler
Cyperus wolfii Alph. Wood
= *Cyperus ovularis* (Michaux) Torrey var. *wolfii* (Alph. Wood) Kükenthal
Kyllinga ovularis Michaux
= *Cyperus ovularis* (Michaux) Torrey
= *Mariscus ovularis* (Michaux) Vahl
Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Cipero, cipero americano, cipero de Wolf, cipero equinado, cipero esférico, cipero ouriçado, cipero ovóide, cipero ovular, cirpo, cirpo americano, cirpo equinado, cirpo esférico, cirpo ouriçado, cirpo ovóide, cirpo ovular, marisco, marisco americano, marisco equinado, marisco esférico, marisco ouriçado, marisco ovóide, marisco ovular, quilinga, quilinga equinada, quilinga ouriçada, quilinga ovóide, quilinga ovular.

Endemismo norte-americano, dos Estados Unidos e das Índias Ocidentais, próprio de sítios perturbados e ensolarados, em solos bem drenados, como por exemplo margens de estradas e pastagens, a altitudes entre os 0 e os 500 m acima do nível do mar (TUCKER & al., 2003: 182; GRIN); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa exótica, já naturalizada ou subespontânea nos arquipélagos dos Açores (nas ilhas do Faial e do Pico) e da Madeira: Porto Santo (DEFILIPPS, 1980b: 288; JIMÉNEZ-MEJÍA & LUCEÑO, 2011); muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Cyperus eragrostis* Lamarck

Cyperus depressus Moench
Cyperus vegetus Willdenow
Geófito. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Cipero, cipero americano, cipero da América, junça, junça americana, junça da América.

Endemismo americano, da América tropical (DEFILIPPS, 1980b: 286; CASTROVIEJO, 2007a: 17); Planta ornamental herbácea, subespontânea em Portugal, como epecófito ruderal e arvense, introduzido acidentalmente, com o lastro dos navios (PINTO DA SILVA, 1948: 90-93), já referido por DAVEAU (1891:

70), como subespontâneo em várias províncias: Beira Litoral, Estremadura e Ribatejo, cuja área de distribuição entre nós se tem vindo progressivamente a expandir, tendo-se tornado bastante comum em Portugal (PINTO DA SILVA & PINTO DA SILVA, 1976: 169-170; MALATO-BELIZ, 1980: 488; CASTROVIEJO, l.c.; PORTELA-PEREIRA & al., 2014x).

Distribuição/localização no Jardim: Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002); Também disseminada no Jardim e na Mata.

3. *Cyperus fuscus* L.

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cipero, cipero fusco, junça, junça fusca.

Endemismo eurasiático e norte-africano; Elemento euro-siberiano (DAVIS & OTENG-YEBOAH, 1985: 38);

Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, própria de sítios húmidos, como margens de pântanos e arrozais e outras zonas temporariamente encharcadas (CASTROVIEJO, 2007a: 19-20), espontânea e pouco comum em Portugal, onde se encontra por exemplo em certos locais do Alentejo (PORTO & SILVA, 2014af).

Distribuição/localização no Jardim: Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

4. *Cyperus involucratus* Rottboell

Cyperus flabelliformis Rottboell

= *Cyperus alternifolius* L. subsp. *flabelliformis* (Rottboell) Kükenthal

Cyperus alternifolius sensu Pinto da Silva (1948), non L.

Geófito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Falso papiro, junca, junça, junca baraceira, junça baraceira, papiro, papiro falso.

Endemismo africano, da África Tropical, incluindo Madagáscar e as Ilhas Mascarenhas, actualmente muito expandido nas regiões tropicais e subtropicais (WALTERS, 1984: 115-116), subespontâneo em Portugal, onde foi encontrado pela primeira vez em 1943 na Estremadura, bordando charcos, apresentando boa vitalidade, abundância e tendência para expandir-se (PINTO DA SILVA, 1948: 90-91; FERNANDES, 1955: 19; PINTO DA SILVA & al., 1964: 182; PINTO DA SILVA & M. SILVA, 1976: 170-171; DEFILIPPS, 1980b: 286), sendo por vezes confundido como o papiro, *Cyperus papyrus* L. (CASTROVIEJO, 2007a: 17-19); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, própria de sítios húmidos, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinto no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

5. *Cyperus ligularis* L.

= *Mariscus ligularis* (L.) Urban

Geófito. Origem: Regiões Tropicais.

Alguns nomes comuns possíveis: Cipero, cipero ligular, junça, junça ligular, marisco, marisco ligular.

Planta ornamental herbácea perene exótica, originária das Regiões Tropicais do Novo e do Velho Mundo (GRIN), raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica e Escolas de Sistemática (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; INDEX SEMINUM 2011).

6. *Cyperus longus* L.

= *Pycneus longus* (L.) Hayek

Cyperus badius Desfontaines

= *Cyperus longus* L. subsp. *badius* (Desfontaines) Bonnier & Layens

Cyperus longus L. subsp. *eu-longus* Ascherson & Graebner

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Albafor, junça, junça comum, junça de cheiro, junça ordinária, junça vulgar.

Endemismo eurasiático e norte-africano (CASTROVIEJO, 2007a: 11-13); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, própria de sítios húmidos, como pântanos, margens de rios e ribeiros, barragens e zonas costeiras (DAVIS & OTENG-YEBOAH, 1985a: 35-36), espontânea e comum em Portugal (PORTELA-PEREIRA & al., 2014w).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Disseminada no Jardim e na Mata como planta ruderal (V.2013, Observ.!).

7. **Cyperus papyrus** L.

Geófito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Papiro, papiro africano, papiro de África, papiro do Egipto, papiro do Nilo, papiro egípcio, papiro nilótico.

Endemismo africano e mediterrânico, já naturalizado na Sicília oriental e no Sul de Espanha (PIGNATTI, 1982c: 693; CASTROVIEJO, 2007a: 10; MABBERLEY, 2008: 248); Planta ornamental e de grande interesse económico (papiro), com diversos usos (LUCENO, CASTROVIEJO & JIMÉNEZ MEJÍAS, 2007: 4) herbácea fortemente rizomatosa, de porte considerável, cujos rizomas têm sido considerados comestíveis (MABBERLEY, *l.c.*), por vezes cultivada como ornamental em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII); Estufa Grande, parte 1, tropical (TAVARES & ALVES, 2002; TAVARES, 2011: 44; XII.2011, Observ.!). Viveiros (V.2011, Observ.!).

8. **Cyperus rotundus** L.

Cyperus olivaceus O. Targioni Tozzetti

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Castanhola, cipero, cipero-azeitona, cipero azeitónico, cipero oliváceo, cipero olivar, cipero olivino, cipero redondo, cipero rotundo, coquinho, junça de azeitona, junça de conta, junça azeitónica, junça olivácea, junça olivar, junça olivina, juncinha, juncilha.

Planta de distribuição subcosmopolita, espalhada por quase todo o mundo, própria de locais húmidos e pantanosos, campos cultivados e margens de estradas (DAVIS & OTENG-YEBOAH, 1985a: 36); Planta ornamental e ruderal herbácea perene rizomatosa, espontânea e pouco comum em Portugal (CASTROVIEJO, 2007a: 13-14; CARAPETO & PORTELA-PEREIRA, 2014v).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

9. **Cyperus textilis** Thunberg

= *Eucyperus textilis* (Thunberg) Rikli

Cyperus asperifolius Desfontaines

Cyperus burchellii Schrader

Cyperus smithii Schrader

Eucyperus pungens Rikli

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Cipero, cipero asperifólio, cipero de Burchell, cipero de folhas ásperas, cipero de Smith, cipero pungente, cipero têxtil, cipero verdadeiro, cipero vero, eucipero, eucipero têxtil, papiro, papiro asperifólio, papiro de folhas ásperas, papiro têxtil.

Endemismo sul-africano, da África do Sul (DEFILIPPS, 1980b: 286); Planta ornamental herbácea perene, muito raramente cultivada em Portugal, naturalizada nos Açores, em margens de lagoas (DEFILIPPS, *l.c.*; FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 74-75).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

4. **Eleocharis** R. Brown

1. **Eleocharis gracilis** R. Brown

= *Scirpus gracilis* (R. Brown) Kuntze, nom. illeg.

Eleocharis cunninghamii Boeckeler

= *Scirpus cunninghamii* (Boeckeler) Kuntze

Eleocharis gracilis R. Brown var. *gracillima* Hooker fil.

= *Eleocharis gracillima* (Hooker fil.) Hooker fil.

Eleocharis hookeri Boeckeler

= *Scirpus hookeri* (Boeckeler) Kuntze

Scirpus tener Sprengel

Helófito. Origem: Austrália.

Alguns nomes comuns possíveis: Cirpo, cirpo de Cunningham, cirpo de Hooker, cirpo grácil, eleocáris de Cunningham, eleocáris de Hooker, eleocáris grácil.

Endemismo australiano e da Ásia tropical (IPNI); Planta ornamental herbácea semiaquática, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. Eleocharis multicaulis (Smith) Desvaux= *Scirpus multicaulis* Smith [basion.]= *Clavula multicaulis* (Smith) Dumortier= *Cyperus multicaulis* (Smith) Missbach & E.H.L. Krause= *Limnochloa multicaulis* (Smith) Reichenbach*Clavula multicaulis* (Smith) Dumortier var. *vivipara* Dumortier= *Eleocharis multicaulis* (Smith) Desvaux var. *vivipara* (Dumortier) Lejeune & Courtois= *Eleocharis multicaulis* (Smith) Desvaux f. *vivipara* (Dumortier)*Eleocharis multicaulis* (Smith) Desvaux var. *incurva* Lojacono*Eleocharis multicaulis* (Smith) Desvaux var. *mariana* A. Terracciano*Eleocharis multiculmis* var. *praelonga* Lojacono*Limnochloa multiculmis* Reichenbach*Scirpus multicalamis* Bubani*Scirpus multiculmeus* Bubani

Helófito densamente cespitoso (FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 68). Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cipero, cipero de muitos caules, cipero de vários caules, cipero multicaule, cirpo, cirpo de muitos caules, cirpo de vários caules, cirpo multicaule, clávula, clávula de muitos caules, clávula de vários caules, clávula multicaule, clávula vivípara, eleocáris, eleocáris curva, eleocáris de muitos caules, eleocáris de vários caules, eleocáris incurva, eleocáris mariana, eleocáris multicaule, limnocloa, limnocloa de muitos caules, limnocloa de vários caules, limnocloa multicaule.

Endemismo eurasiático (Europa e Rússia), norte-africano e macaronésico: Arquipélago dos Açores (SILVESTRE, 1987a: 236; JIMÉNEZ-MEJÍAS & LUCEÑO, 2011: 90); Planta ornamental aquática herbácea perene, própria de prados encharcados, turfeiras e margens de lagoas, frequente nos arrozais (FRANCO & ROCHA AFONSO, *l.c.*; JIMÉNEZ-MEJÍAS & LUCEÑO, *l.c.*), espontânea e muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. Eriophorum L.**1. Eriophorum angustifolium** Honckeny= *Eriophorum polystachion* L. var. *angustifolium* (Honckeny) A. Gray= *Plumaria angustifolia* (Honckeny) Bubani= *Scirpus angustifolius* (Honckeny) T. Koyama*Eriophorum polystachion* L., nom. rejic.*Eriophorum subarcticum* V.N. Vassilczenko= *Eriophorum angustifolium* Honckeny subsp. *subarcticum* (V.N. Vassilczenko) Kartesz & Gandhi

Helófito ou hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Algodão das turfeiras, algodão do Norte, algodão dos brejos, algodão dos pântanos, algodão dos paúis, algodão subártico, algodoeira, algodoeira angustifolia, cirpo, cirpo angustifólio, cirpo de folhas estreitas, erióforo, erióforo angustifólio, erióforo comum, erióforo de folhas estreitas, erióforo hirsuto, erióforo pubescente, erióforo viloso, erióforo vulgar, erva-algodão, erva algodoeira, erva algodoeira angustifolia, erva algodoeira comum, erva algodoeira do Norte, erva algodoeira dos pântanos, erva algodoeira subártico, erva algodoeira vulgar, erva do algodão, erva dos brejos, erva dos pântanos, erva dos paúis, erva das turfeiras, erva lanuda, erva lâzuda, erva plumária, erva plumosa, junco algodoeiro, junco de algodão, junco de lâ, junco lanudo, junco lâzudo, linho dos pântanos, linho lanudo, linho lâzudo, plumária, plumária angustifolia, plumária de folhas estreitas, plumária lanuda, plumária lâzuda.

Endemismo holoártico: eurasiático e norte-americano, originalmente descrito a partir da Alemanha (DAVIS & OTENG-YEBOAH, 1985b: 67; HUXLEY & al., 1999b: 199-200; JIMÉNEZ-MEJÍAS & LUCEÑO, 2011); Helófito, longamente rizomatoso, calcífugo, próprio de sítios paludosos ou encharcados, com águas superficiais, sobretudo em altitudes elevadas (JERMY, 1980a: 280-281; FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 64-65); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa aquática ou semiaquática, espontânea e muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Eriophorum latifolium** Hoppe

- = *Eriophorum polystachion* L. var. *latifolium* (Hoppe) A. Gray
- = *Plumaria latifolia* (Hoppe) Bubani
- = *Scirpus angustifolius* (Honckeney) T. Koyama var. *latifolius* (Hoppe) T. Koyama
- Carex alopecurus* Lapeyrouse
- Eriophorum pubescens* Smith
- Eriophorum latifolium* Hoppe var. *congestum* Baguet
- Eriophorum vulgare* Persoon
- Helófito ou hidrófito. Origem: Holoárctica.

Alguns nomes comuns possíveis: Algodão das turfeiras, algodão dos brejos, algodão dos pântanos, algodão dos paúis, cárex, cárex alopecuróide, cárex raposeiro, cárex raposino, cárex raposóide, cárex vulpino, cirpo, cirpo latifólio, cirpo de folhas largas, erióforo, erióforo comum, erióforo de folhas largas, erióforo hirsuto, erióforo latifólio, erióforo ordinário, erióforo piloso, erióforo pubérulo, erióforo pubescente, erióforo viloso, erióforo vulgar, erva-algodão, erva algodoeira, erva algodoeira de folhas largas, erva do algodão, erva dos brejos, erva dos pântanos, erva dos paúis, erva das turfeiras, erva lanuda, erva lãzuda, erva plumária, erva plumosa, erva raposeira, junco algodoeiro, junco de algodão, junco de lã, junco lanudo, junco lãzudo, linho dos pântanos, linho lanudo, linho lãzudo, plumária, plumária lanuda, plumária lãzuda, plumária latifólia, plumária de folhas largas.

Endemismo holoárctico: eurasiático e norte-americano, originalmente descrito a partir da Alemanha, próprio de locais pantanosos e turfosos, usualmente com água moderadamente rica em bases (JERMY, 1980a: 281; DAVIS & OTENG-YEBOAH, 1985b: 67-68; HUXLEY & al., 1999b: 200; JIMÉNEZ-MEJÍAS & LUCEÑO, 2011); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa aquática ou semiaquática, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

6. **Fimbristylis** Vahl, nom. cons.

1. **Fimbristylis bisumbellata** (Forsskål) Bubani

- = *Scirpus bisumbellatus* Forsskål [basion.]
- = *Fimbristylis dichotoma* auct. subsp. *bisumbellata* (Forsskål) Luceño
- = *Iria bisumbellatus* (Forsskål) Kuntze
- Fimbristylis bisumbellata* (Forsskål) Bubani var. *elata* Täckholm
- Fimbristylis dichotoma* auct., non (L.) Vahl
- Fimbristylis dichotoma* auct. var. *villosa* Vahl
- Fimbristylis liukuensis* Tuyama
- Scirpus pallescens* Roxburgh
- = *Fimbristylis pallescens* (Roxburgh) Nees
- Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cirpo, cirpo alto, cirpo bisumbelado, cirpo de duas umbelas, cirpo dicotómico, cirpo dicótomo, cirpo elevado, cirpo pálido, fimbristílis, fimbristílis bisumbelada, fimbristílis de duas umbelas, fimbristílis dicótoma, fimbristílis dicotómica, fimbristílis hirsuta, fimbristílis pálida, fimbristílis pilosa, fimbristílis pubérula, fimbristílis pubescente, fimbristílis vilosa, iria, iria bisumbelada, iria de duas umbelas, iria dicótoma, iria dicotómica.

Endemismo eurasiático, mediterrânico e macaronésico (arquipélago das Ilhas Canárias), também presente em pontos isolados dos trópicos asiáticos, actualmente quase subcosmopolita, próprio de solos arenosos temporariamente inundados nas margens de barragens, campos de arroz, charcas e cursos de água, a altitudes até altitudes que não ultrapassam os 1000 m, na Península Ibérica pouco frequente e muito localizada (DEFILIPPS, 1980d: 284; KIT TAN, 1985g: 45-46; SILVESTRE, 1987b: 237; LUCEÑO & ESCUDERO, 2007: 94-96; JIMÉNEZ-MEJÍAS & LUCEÑO, 2011); Planta ornamental herbácea anual, espontânea e pouco comum em Portugal (FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 70), muito raramente cultivada entre nós, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

7. **Fuirena** Rottbøll1. **Fuirena pubescens** (Poiret) Kunth= *Carex pubescens* Poiret [basion.]*Scirpus libanoticus* Post

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cárex, cárex piloso, cárex pubescente, cárex viloso, cárice, cárice pubescente, cárice piloso, cárice viloso, cirpo, cirpo do Líbano, cirpo libanês, cirpo libanótico, fuirena, fuirena pilosa, fuirena pubescente, fuirena vilosa.

Planta de vasta distribuição: Região Mediterrânica, Eurásia, África Tropical e Austrália, em locais húmidos como margens de cursos de água, bordas de pântanos e prados húmidos, a altitudes do nível do mar até aos 640 metros (KIT TAN & OTENG-YEBOAH, 1985c: 66-67; CASTROVIEJO, 2007c: 92-94; JIMÉNEZ-MEJÍAS & LUCEÑO, 2011); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, espontânea e muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

8. **Gahnia** Forster & Forster f.1. **Gahnia filifolia** (C. Presl) Kükenthal ex Benl= *Didymonema filifolia* C. Presl [basion.]= *Caustis filifolia* (C. Presl) H. Pfeiffer= *Mariscus filifolia* (C. Presl) Kuntze*Caustis sieberi* Kunth, nom. illeg.= *Cladium sieberi* (Kunth) F. Mueller*Epiandra teretifolia* C. Presl= *Gahnia teretifolia* (C. Presl) Domin, nom. illeg.*Gahnia psittacorum* Benth*Gahnia psittacorum* Sieber ex C. Presl*Melachne sieberi* Schrader ex Schultes & Schultes fil.= *Caustis sieberi* (Schrader ex Schultes & Schultes fil.) Kunth= *Gahnia sieberi* (Schrader ex Schultes & Schultes fil.) Boeckeler

Geófito. Origem: Austrália.

Alguns nomes comuns possíveis: Cáustis, cáustis de Sieber, cáustis filifólia, cládio, cládio de Sieber, didimonema, didimonema filifólio, epiandra, gânia, gânia, gânia de Sieber, gânia dos papagaios, gânia dos psitacídeos, marisco, marisco filifólio, melacne, melacne de Sieber.

Endemismo australiano, do estado de Nova Gales do Sul (APNI; NEW SOUTH WALES FLORA ONLINE, 2014); Planta ornamental herbácea perene, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Gahnia sieberiana** Kunth*Gahnia arbuscula* Domin= *Gahnia sieberiana* Kunth var. *arbuscula* (Domin) Kükenthal*Gahnia brevistarata* Benl*Gahnia clarkei* Benl*Gahnia radula* (R. Brown) Benth var. *oreogenes* Domin*Gahnia tetragonocarpa* Boeckeler= *Cladium tetragonocarpum* (Boeckeler) F. Mueller= *Mariscus tetragonocarpum* (Boeckeler) Kuntze

Geófito. Origem: Austrália.

Alguns nomes comuns possíveis: Cládio, cládio de frutos tetragonais, gânia, gânia arbúscula, gânia arbuscular, gânia de Clarke, gânia de Sieber, gânia siberana, gânia siberiana, gânia, gânia arbúscula, gânia arbuscular, gânia de Clarke, gânia de Sieber, gânia siberana, gânia siberiana, marisco, marisco de frutos tetragonais.

Endemismo australiano (APNI; NEW SOUTH WALES FLORA ONLINE, 2013); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa paquicaule (MABBERLEY, 2008: 347), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

9. *Isolepis* R. Brown

1. *Isolepis cernua* (Vahl) Roemer & Schultes

= *Scirpus cernuus* Vahl

= *Schoenoplectus cernuus* (Vahl) Hayek

Scirpus gracilis Koch

Scirpus savii Sebastiani & Mauri

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Bunhinho, bunho, cirpo, cirpo cénuo, cirpo de Savi, cirpo grácil, esquenoplecto, esquenoplecto cénuo, isolépis, isolépis cénuo.

Planta de distribuição subcosmopolita: Eurásia, África do Norte e do Sul, Américas do Norte e do Sul Austrália e Nova Zelândia, em diversos tipos de substrato, de floração vernal ou primaveril e estival (WALTERS, 1984c: 115; KIT TAN, 1985: 55; GALLEGO, 1987a: 234; LUCEÑO & NARBONA, 2007: 65); Planta ornamental herbácea semiaquática, anual ou perene de curta duração, espontânea em Portugal, em sítios húmidos, frequentemente arenosos (FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 62), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000) e Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Isolepis prolifera* (Rottbøll) R. Brown

= *Scirpus prolifer* Rottbøll [basion.]

= *Schoenoplectus prolifer* (Rottbøll) Palla

Cyperus aitonii Sprengel

Cyperus punctatus Lamarck

Isolepis erythronema Steudel

Isolepis globosa Buchanan

Helófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Bunhinho, bunho, cipero, cipero de Aiton, cipero pontuado, cirpo, cirpo globoso, cirpo prolífero, isolépis, isolépis globosa, isolépis prolífera.

Endemismo sul-africano, da África do Sul, onde as suas populações permanecem estáveis, introduzido e naturalizado em outras regiões como a América do Norte e a Austrália (FODEN & POTTER, 2010); Planta ornamental herbácea semiaquática helofítica perene, própria de sítios húmidos de água doce, como pântanos, ribeiros e turfeiras (FODEN & POTTER, 2010), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

10. *Schoenoplectus* (Reichenbach) Palla

= *Scirpus* L. sugen. *Schoenoplectus* Reichenbach [basion.]; *Schoenoplectiella* Lye

1. *Schoenoplectus mucronatus* (L.) Palla

= *Scirpus mucronatus* L. [basion.]

= *Schoenoplectiella mucronata* (L.) J. Jung & H.K. Choi

= *Heleophylax mucronatus* (L.) Schinz & Thellung

= *Isolepis mucronata* (L.) Fourreau

Schoenoplectus mucronatus (L.) Palla var. *antrosispinulosus* Iokawa, Kohno & Daigobo

Schoenoplectus mucronatus (L.) Palla f. *brevisetaceus* Horiuchi

Schoenoplectus mucronatus (L.) Palla f. *hosoiri* Hayas. & H. Ohashi

Schoenoplectus mucronatus (L.) Palla var. *ishizawe* Kohno, Iokawa & Daigobo

Scirpus abactus Ohwi

Scirpus acutus J. Presl & C. Presl (1828), non Muhlenberg ex Bigelow (1814), nom. illeg.

Scirpus cognatus Hance

Scirpus glomeratus Scopoli, nom. illeg.

Scirpus javanus Nees

= *Schoenoplectus javanus* (Nees) Palla

Scirpus mauritanicus Steudel

Scirpus mucronatus L. var. *robustus* Miquel

= *Schoenoplectus mucronatus* (L.) Palla subsp. *robustus* (Miquel) T. Koyama

= *Schoenoplectus mucronatus* (L.) Palla var. *robustus* (Miquel) T. Koyama

= *Schoenoplectus mucronatus* (L.) Palla f. *robustus* (Miquel) Hayas. & H. Ohashi

= *Scirpus mucronatus* L. subsp. *robustus* (Miquel) T. Koyama
Scirpus mucronatus L. var. *subleiocarpus* Franchet & Savatier
Scirpus mucronatus L. var. *tataranus* Honda
 = *Schoenoplectus mucronatus* (L.) Palla var. *tataranus* (Honda) Kohno, Iokawa & Daigobo
Scirpus muticus D. Don
Scirpus mysurensis B. Heyne & Wallich
Scirpus preslii A. Dietrich
 = *Hymenochaeta preslii* (A. Dietrich) Nakai
Scirpus sundanus Miquel
Scirpus triangulatus Roxburgh
 = *Eleocharis triangulata* (Roxburgh) Sieber ex C. Presl
 = *Schoenoplectus triangulatus* (Roxburgh) Soják
Scirpus triangulatus Roxburgh var. *Brownevibracteatus* T. Koyama
Scirpus triangulatus Roxburgh var. *sanguineus* Tang & F.T. Wang
 = *Schoenoplectus mucronatus* (L.) Palla var. *sanguineus* (Tang & F.T. Wang) P.C. Li
Scirpus tricarínatus Persoon
 Helófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Bunheira, bunheiro, bunho, cirpo, cirpo agudo, cirpo da Indonésia, cirpo da Mauritània, cirpo de Java, cirpo de Sunda, cirpo de três carenas, cirpo dos arrozais, cirpo dos pântanos, cirpo dos paúis, cirpo glomerado, cirpo indonésio, cirpo javano, cirpo mauritânico, cirpo mucronado, cirpo mítico, cirpo sundano, cirpo triangulado, cirpo tricarinado, esquenoplectiela, esquenoplectiela mucronada, esquenoplecto, esquenoplecto agudo, esquenoplecto da Indonésia, esquenoplecto de Java, esquenoplecto dos arrozais, esquenoplecto dos pântanos, esquenoplecto dos paúis, esquenoplecto glomerado, esquenoplecto indonésio, esquenoplecto javano, esquenoplecto mucronado, esquenoplecto mítico, esquenoplecto triangular, heleofilax, heleofilax mucronada, isolépis, isolépis mucronada.

Planta ornamental herbácea perene cespitosa e rizomatosa semiaquática, de distribuição subcosmopolita: Eurásia, Ásia tropical, Indonésia, África, Madagáscar (KIT TAN & OTENG-YEBOAH, 1985a: 59; SONGYUN & al., 2010: 184), espontânea em Portugal, de floração predominantemente estival, própria de sítios húmidos e apaulados, mais frequentemente em arrozais, a baixas altitudes (DEFILIPPS, 1980c: 278; FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 58; GALEN SMITH, 2002: 44); Planta muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

11. *Scirpoides* Séguier

1. *Scirpoides holoschoenus* (L.) Soják

= *Scirpus holoschoenus* L. [basion.]
 = *Scirpus holoschoenus* L.
 = *Cyperus holoschoenus* (L.) Missbach & E.H.L. Krause, nom. illeg.
 = *Isolepis holoschoenus* (L.) Roemer & Schultes
Holoschoenus romanus (L.) Fritsch subsp. *holoschoenus* Greuter
Holoschoenus vulgaris Link
Scirpus australis L.
 = *Holoschoenus australis* (L.) Reichenbach
 = *Isolepis holoschoenus* (L.) Roemer & Schultes var. *australis* (L.) Roemer & Schultes
 = *Scirpoides holoschoenus* (L.) Soják subsp. *australis* (L.) Soják
Scirpus globiferus L. f.
 = *Scirpus holoschoenus* L. subsp. *globiferus* (L. f.) Husnot
Scirpus holoschoenus L. subsp. *eu-holoschoenus* Briquet, des. inval.
Scirpus romanus L.
 = *Holoschoenus romanus* (L.) Fritsch
 = *Isolepis holoschoenus* (L.) Roemer & Schultes var. *romanus* (L.) Roemer & Schultes
 Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Bunheira, bunheiro, bunho, cirpo, cirpo arredondado, cirpo austral, cirpo comum, cirpo de globo, cirpo de Roma, cirpo do sul, cirpo esférico, cirpo esferóide, cirpo globífero, cirpo globóide, cirpo globoso, cirpo redondo, cirpo romano, cirpo vulgar, cirpóide, cirpóide comum, cirpóide vulgar, cirpóides, cirpóides comum, cirpóides vulgar, holosqueno, holosqueno comum, holosqueno vulgar, junça, junco.

Endemismo eurasiático, norte-africano e macaronésico, que se pode encontrar em todo o tipo de substratos (WALTERS, 1984c: 115; KIT TAN & A. OTENG-YEBOAH, 1985b: 65-66; CASTROVIEJO, 2007b: 60-62; JIMÉNEZ-MEJÍAS & LUCEÑO, 2011); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa semiaquática, própria de sítios encharcados, em geral junto a linhas de água e lagoas, espontânea e comum em Portugal, usualmente abaixo de 700 m (FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 60).

Distribuição/localização no Jardim: Espontânea em Coimbra e rara no Jardim e na Mata, também ocorre no claustro do Instituto Botânico (VI.2010, Observ.!).

12. *Scirpus* L.

1. *Scirpus sylvaticus* L.

= *Cyperus sylvaticus* (L.) Missbach & E.H.L. Krause

= *Nemocharis sylvatica* (L.) Beurl.

= *Schoenus sylvaticus* (L.) Bernhardt

= *Taphrogiton sylvaticus* (L.) Montandon

= *Seidlina sylvatica* (L.) Opiz

Scirpus celakovskyanus Holub

Scirpus gramineus Necker

Scirpus intermedius Čelakovský

Scirpus latifolius Gilibert, nom. inval.

Scirpus sylvaticus L. f. *angustifolius* Podpera

Scirpus sylvaticus L. var. *compactus* C. von Klinggräff

Scirpus sylvaticus L. var. *digynus* Boeckeler

= *Scirpus sylvaticus* L. subsp. *digynus* (Boeckeler) T. Koyama

Scirpus sylvaticus L. var. *dissitiflorus* Sonder

Scirpus sylvaticus L. f. *jungei* Soó

Seidlina radicans Opiz

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Bunheira, bunheiro, bunho, bunho florestal, bunho selvagem, bunho silvático, bunho silvestre, cipero, cipero da floresta, cipero das ribeiras, cipero das turfeiras, cirpo de Jung, cipero dos boques, cipero dos ribeiros, cipero florestal, cipero ribeirinho, cipero selvagem, cirpo silvático, cirpo, cirpo da floresta, cirpo das turfeiras, cirpo dos boques, cirpo das ribeiras, cirpo de folhas largas, cirpo dos ribeiros, cirpo florestal, cirpo gramíneo, cirpo intermédio, cirpo latifólio, cirpo ribeirinho, cirpo selvagem, cirpo silvático, esqueno, esqueno da floresta, esqueno das ribeiras, esqueno das turfeiras, esqueno dos boques, esqueno dos ribeiros, esqueno florestal, esqueno ribeirinho, esqueno selvagem, esqueno silvático, junça, junça da floresta, junça das ribeiras, junça das turfeiras, junça de folhas largas, junça dos boques, junça dos ribeiros, junça florestal, junça gramínea, junça intermédia, junça latifolia, junça ribeirinha, junça selvagem, junça silvática, junco, junco da floresta, junco das ribeiras, junco das turfeiras, junco de folhas largas, junco dos boques, junco dos ribeiros, junco florestal, junco gramíneo, junco intermédio, junco latifólio, junco ribeirinho, junco selvagem, junco silvático, nemocáris, nemocáris da floresta, nemocáris das ribeiras, nemocáris das turfeiras, nemocáris dos boques, nemocáris dos ribeiros, nemocáris florestal, nemocáris ribeirinha, nemocáris selvagem, nemocáris silvática, sêidlia, sêidlia da floresta, sêidlia das ribeiras, sêidlia das turfeiras, sêidlia dos boques, sêidlia dos ribeiros, sêidlia florestal, sêidlia ribeirinha, sêidlia selvagem, sêidlia silvática, tafrogítton, tafrogítton da floresta, tafrogítton das ribeiras, tafrogítton das turfeiras, tafrogítton dos boques, tafrogítton dos ribeiros, tafrogítton florestal, tafrogítton ribeirinho, tafrogítton selvagem, tafrogítton silvático.

Endemismo eurasiático, da Região Eurasiática Circumboreal, raro na Região Mediterrânica (KIT TAN, 1985f: 61-62; MARTÍN BRAVO & LUCEÑO, 2007: 34-36; GRIN; JIMÉNEZ MEJÍAS & LUCEÑO, 2011); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa semiaquática, própria de sítios húmidos e mais ou menos sombrios como bosques ripícolas e turfeiras (DEFILIPPS, 1980c: 277; MARTÍN BRAVO & LUCEÑO, *l.c.*), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

CVIII. DIOSCOREACEAE [12 sp.]

[Syn.: *Avetraceae*, *Stenomeridaceae*, *Taccaceae*,
Tamaceae, *Tamnaceae*, *Trichopodaceae*]^{261 262}

1. *Dioscorea* Plumier ex L.

1. *Dioscorea alata* L.

Dioscorea purpurea Roxburgh

= *Dioscorea alata* L. var. *purpurea* (Roxburgh) A. Pouchet

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Dioscórea, dioscórea alada, dioscórea asiática, dioscórea purpúrea, inhame, inhame asiático.

Endemismo eurasiático, da Ásia oriental tropical, não existindo actualmente no estado selvagem (ZHIZUN & GILBERT, 2000); Planta ornamental e alimentar trepadeira herbácea perene tuberculada (SIQUEIRA, 2009), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente talvez extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Dioscorea amaranthoides* C. Presl

Dioscorea apaensis Chodat & Hassler

Dioscorea crumenigera Martius ex Grisebach

Dioscorea eldorado Linden & André

Dioscorea multicolor Linden & André

Dioscorea multicolor Linden & André var. *chrysophylla* Linden & André

Dioscorea multicolor Linden & André var. *melanoleuca* Linden & André

Dioscorea multicolor Linden & André var. *metallica* Linden & André

Dioscorea multicolor Linden & André var. *sagittaria* Linden & André

Dioscorea prismatica Linden & André

Dioscorea silvestris Vellozo

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Dioscórea, dioscórea metálica, dioscórea multicolor, dioscórea prismática, dioscórea silvestre, dioscórea sul-americana.

Endemismo sul-americano, da América do Sul ocidental: Peru (KING, 1986e: 330; IPNI); Planta ornamental trepadeira herbácea perene tuberculada, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Dioscorea caucasica* Lipsky

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Dioscórea, dioscórea caucásica, dioscórea do Cáucaso, inhame, inhame do Cáucaso.

Endemismo eurasiático, da Região Caucásica (WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Planta ornamental trepadeira herbácea perene tuberculada, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

4. *Dioscorea communis* (L.) Caddick & Wilkin subsp. *communis*

= *Tamus communis* L. [basion.]

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Arrebenta-bois, arrebenta-cães, baganha, dioscórea, dioscórea venenosa, erva canina, erva de cão, erva de raposa, erva raposeira, erva raposeta, erva raposinha, erva trepadeira, erva trepadora, espargos bastardos, espargos caninos, espargos de cão, espargos falsos, espárragos bastardos, espárragos caninos, espárragos de cão, espárragos falsos, norça canina, norça negra, norça preta, uva

²⁶¹ De acordo com REVEAL & CHASE (2011: 76).

²⁶² TAKHTAJAN (2009: 691) reconhece a independência de várias destas famílias: *Stenomeridaceae* –uma família monoespecífica, que inclui apenas o género *Stenomeris* Planchon–; *Taccaceae* –outra família monoespecífica, que inclui apenas o género *Tacca* Forster & Forster fil. (cf. MABBERLEY, 2008: 837); e *Trichopodaceae*, que, para além do género-tipo *Trichopus* Gaertner, inclui ainda o género *Avetra* Perrier, que já pertencera à família monogenérica *Avetraceae* (TAKHTAJAN, l.c.), e que actualmente também se pode considerar como fazendo parte do género *Trichopus* (MABBERLEY, 2008: 83).

canina, uva de cão, tamo, tamo canino, tamo comum, tamo crético, tamo de cão, tamo de Creta, tamo venenoso, tamo vulgar.

Endemismo eurasiático, macaronésico e norte-africano, próprio de bosques, matagais e suas orlas (HEYWOOD, 1980c: 85; KIT TAN, 1984: 553; KING, 1986f: 329-330); Planta ornamental, medicinal (LAUNERT, 1989: 218; CLAUDINO, 2001: 45; GONZÁLEZ & al., 2010: 347) e venenosa herbácea tuberculada trepadeira venenosa, espontânea e comum em Portugal (PORTO & al., 2014a).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Talhão 9 da Mata (TAVARES & ALVES, 2002); Disseminada no Jardim e comum na Mata, trepando em sebes e árvores, sendo um dos constituintes naturais das matas de *Quercus faginea* subsp. *broteroi* e outras espécies de carvalhos e suas orlas próprias de Coimbra e das regiões vizinhas (VII.2010, Observ.!).

5. *Dioscorea divaricata* Blanco

Dioscorea foxworthyi Prain & Burkill

Dioscorea oxyphylla R. Knuth

Dioscorea soror Prain & Burkill

Dioscorea soror Prain & Burkill var. *glauca* Prain & Burkill

Dioscorea soror Prain & Burkill var. *vera* Prain & Burkill

Geófito. Origem: Filipinas.

Alguns nomes comuns possíveis: Bulói, buloy, dioscórea, dioscórea das Filipinas, dioscórea divaricada, dioscórea filipina, inhame, inhame das Filipinas.

Endemismo do arquipélago das Ilhas Filipinas (IPNI); Planta ornamental trepadeira herbácea perene tuberculada, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

6. *Dioscorea dodecaneura* Vellozo

Dioscorea anthropophagorum A. Chevallier ex Jum.

Dioscorea bangii R. Knuth

Dioscorea discolor Kunth

Dioscorea dodecaneura Vellozo var. *maronensis* Uline ex R. Knuth

Dioscorea dodecandra Steudel

Dioscorea dodecaneura Vellozo var. *villosa* R. Knuth

Dioscorea hebantha Martius ex Grisebach

Dioscorea huallagensis R. Knuth

Dioscorea illustrata W. Bull

Dioscorea kita Queva

Dioscorea racemosa Rusby, nom. illeg.

Dioscorea sativa Thunberg

Dioscorea vittata W. Bull ex Baker

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Dioscórea, dioscórea brasileira, dioscórea discolor, dioscórea do Brasil, dioscórea dos antropófagos, dioscórea dos canibais, inhame, inhame brasileiro, inhame do Brasil.

Endemismo sul-americano; Planta ornamental e alimentar trepadeira herbácea perene tuberculada (SIQUEIRA, 2009), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente talvez extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

7. *Dioscorea nipponica* Makino subsp. *nipponica*

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Dioscórea, dioscórea da China, dioscórea da Coreia, dioscórea do Japão, inhame, inhame da China, inhame da Coreia, inhame do Japão.

Endemismo da Ásia oriental: China, Coreia, Japão e Rússia (ZHIZUN & GILBERT, 2000); Planta ornamental e alimentar trepadeira herbácea perene tuberculada exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente talvez extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

8. **Dioscorea oppositifolia** L.

Dioscorea opposita Thunberg

Geófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Dioscórea, dioscórea da Índia, dioscórea de folhas opostas, dioscórea indiana.

Endemismo da Ásia tropical (Índias orientais): Índia e Sri Lanka (IPNI); Planta ornamental trepadeira herbácea perene tuberculada exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

9. **Dioscorea polystachya** Turcz.

Dioscorea batatas Decaisne

Dioscorea decaisneana Carrière

Dioscorea doryphera Hance

Dioscorea opposita auct., non Thunberg

Dioscorea potaninii Prain & Burkill

Dioscorea swinhoei Rolfe

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Dioscórea, dioscórea-batatas, dioscórea da China, dioscórea da Coreia, dioscórea do Japão, inhame, inhame da China, inhame da Coreia, inhame do Japão.

Endemismo da Ásia oriental temperada: China, Coreia e Japão, de floração estival (KING, 1986e: 330; ZHIZUN & GILBERT, 2000); Planta ornamental e alimentar trepadeira herbácea perene tuberculada exótica (SIQUEIRA, 2009), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

10. **Dioscorea quartiniana** A. Richard

Dioscorea anchietae Harms ex R. Knuth

Dioscorea angolensis R. Knuth

Dioscorea apiculata De Wildeman

Dioscorea beccariana Martelli

Dioscorea crinita Hooker f.

Dioscorea cryptantha Baker

Dioscorea dinteri Schinz

Dioscorea excisa R. Knuth

Dioscorea forbesii Baker

Dioscorea gossweileri R. Knuth

Dioscorea holstii Harms

Dioscorea pentadactyla (Pax) Welw.

Dioscorea pentaphylla A. Richard

Dioscorea peteri R. Knuth

Dioscorea phaseoloides Pax

Dioscorea schliebenii R. Knuth

Dioscorea schweinfurthiana Pax

Dioscorea stuhlmannii Harms

Dioscorea ulugurensis R. Knuth

Dioscorea verdickii De Wildeman

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Dioscórea, dioscórea africana, dioscórea angolana, dioscórea de Anchieta, dioscórea de Angola, dioscórea de Beccari, dioscórea de cinco folhas, dioscórea de Dinter, dioscórea de Holst, dioscórea de Peter, dioscórea de Quartin, dioscórea de Schlieben, dioscórea feijoeira, dioscórea de Schweinfurth, dioscórea de Stuhlmann, dioscórea de Verdick, dioscórea sul-africana, inhame africano, inhame angolano, inhame sul-africano.

Endemismo do Sul de África (IPNI); Planta ornamental trepadeira herbácea perene tuberculada, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

11. **Dioscorea villosa** L.

= *Merione villosa* (L.) Salisbury
Dioscorea cliffortiana Lamarck
Dioscorea glauca Muhlenberg ex L.C. Beck
= *Dioscorea quaternata* Walter var. *glauca* (Muhlenberg ex L.C. Beck)
Dioscorea hexaphylla Rafinesque
Dioscorea hirticaulis Bartlett
Dioscorea lloydiana E.H.L. Krause
Dioscorea longifolia Rafinesque
Dioscorea megaptera Rafinesque
Dioscorea paniculata Michaux
Dioscorea paniculata Michaux var. *glabrifolia* Bartlett
Dioscorea pruinosa Kunth
Dioscorea quaternata Walter
= *Dioscorea villosa* L. subsp. *quaternata* (Walter) R. Knuth
Dioscorea quinata Walter
Dioscorea repanda Rafinesque, nom. illeg.
Dioscorea sativa L.
Dioscorea waltheri Desfontaines

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Dioscórea, dioscórea americana, dioscórea cultivada, dioscórea de Cliffort, dioscórea de seis folhas, dioscórea de folhas longas, dioscórea peluda, dioscórea pilosa, dioscórea semeada, dioscórea vilosa, inhame, inhame americano, inhame piloso, inhame viloso, merione, merione peluda, merione pilosa, merione vilosa.

Endemismo norte-americano; Planta ornamental, alimentar e medicinal (KOMESAROFF & al., 2001; PROENÇA DA CUNHA & al., 2010: 323, 355), por vezes usada como contraceptivo natural (WIKIPEDIA) trepadeira herbácea perene tuberculada, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. **Tacca** Forster & Forster f.

1. **Tacca chantrieri** André

Geófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Flor de gato, flor de morcego, flor do diabo, flor morcego, flor negra, taca, taca de Chantrier, taca de flores negras, taca de gato, taca de morcego.

Endemismo eurasiático, da Ásia Tropical: da Índia e Bangladesh até à China e à Malásia (MATTHEWS, 1986j: 329; HUXLEY & al., 1999d: 428; ZHANG & al., 2005: 517-518; ROSA, 2000: 178); Planta ornamental exótica perene de interior, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufa Grande, parte II, subtropical, Estufa da *Victoria amazonica* e Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002; INDEX SEMINUM 2009, 2010).

CIX. DORYANTHACEAE [1 gén./1 sp.]²⁶³

1. **Doryanthes** Correa

1. **Doryanthes palmeri** A.W. Hill ex Benth

= *Doryanthes excelsa* Correa var. *palmeri* (A.W. Hill ex Benth) F.M. Bailey

Fanerófito. Origem: Austrália.

Alguns nomes comuns possíveis: Dorianthes, dorianthes de Palmer, dorianthes excelsa.

Endemismo australiano, da Austrália oriental: Queensland (COUPER, 1986d: 283; MABBERLEY, 2008: 286; ROSA, 2000: 121), de floração vernal; Planta ornamental arbustiva paquicaule exótica, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escolas de Sistemática e junto ao tanque de Luís Carrisso (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002; INDEX SEMINUM, 2010; X.2010, Observ.!).

²⁶³ Família monogenérica e bi-específica, exclusivamente endémica da faixa costeira oriental da Austrália: Queensland oriental e Nova Gales do Sul, em locais rochosos (SEBERG, 2007f: 366; MABBERLEY, 2008: 286; TAKHTAJAN, 2009: 657).

CX. HAEMODORACEAE [2 sp.]

[Syn.: *Conostylidaceae*, *Dilatridaceae*,
Wachendorfiaceae, *Xiphidiaceae*]²⁶⁴

1. Anigozanthos Labillardière

1. Anigozanthos flavidus DC.

= *Anigosia flavida* (DC.) Salisbury
= *Schwaegrichenia flavida* (DC.) Sprengel
Anigozanthos coccineus Lindley ex Paxton
Anigozanthos flavidus DC. var. *bicolor* Lindley
Anigozanthos grandiflorus Salisbury
Geófito. Origem: Austrália.

Alguns nomes comuns possíveis: Anigósia, anigósia amarela, anigósia flava, anigozanto, anigozanto amarelo, anigozanto de flores amarelas, anigozanto de flores grandes, anigozanto flavo, anigozanto grandifloro, anigozanto macranto, pata de canguru, pata de canguru alta, pata de gato, pata de gato alta.

Endemismo australiano, do SW da Austrália (MABBERLEY, 2008: 47); Planta ornamental perene exótica rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. Anigozanthos manglesii D. Don

Geófito. Origem: Austrália.

Alguns nomes comuns possíveis: Anigozanto, anigozanto de Mangles, anigozanto manglês, anigozanto manglesiano, anigozanto manglesino, anigozanto vermelho e verde, pata de canguru, pata de canguru de Mangles, pata de canguru manglesa, pata de canguru manglesiana, pata de canguru manglesina, pata de canguru vermelha e verde, pata de gato, pata de gato de Mangles, pata de gato manglesa, pata de gato manglesiana, pata de gato manglesina, pata de gato vermelha e verde.

Endemismo australiano, do SW da Austrália (MABBERLEY, 2008: 47); Planta ornamental perene exótica rizomatosa, própria das planícies costeiras, que constitui o emblema floral do estado australiano da Austrália Ocidental (WIKIPEDIA), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

CXI. HELICONIACEAE [1 sp.]

1. Heliconia L.

1. Heliconia rostrata Ruíz & Pavón

= *Bihai rostrata* (Ruíz & Pavón) Griggs,
Heliconia poeppigiana Eichler ex Petersen
= *Bihai poeppigiana* (Eichler ex Petersen) Kuntze
Hemicriptófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Biai, bai de Poeppig, bai rostrada, helicónia, helicónia de Poeppig, helicónia rostrada, nem sempre, nem todos os dias, patujú.

Endemismo sul-americano, da região peruviiana (IPNI); Planta ornamental herbácea perene exótica, muito raramente cultivada em Portugal, como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas (TAVARES & ALVES, 2002).

²⁶⁴ De acordo com REVEAL & CHASE (2011: 80).

CXII. HYDROCHARITACEAE [1 sp.]

[Syn.: *Blyxaceae*, *Elodeaceae*, *Enhalaceae*, *Halophilaceae*, *Hydrillaceae*,
Najadaceae, *Stratiotaceae*, *Thalassiaceae*, *Vallisneriaceae*]²⁶⁵

1. Elodea Michaux

1. Elodea canadensis Michaux

Hidrófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Elódea, elódea americana, elódea canadense, elódea do Canadá, elódea norte-americana.

Endemismo norte-americano, da América do Norte temperada, por vezes invasora em diversas partes do Mundo, encontrou-se naturalizada na Europa primeiro na Irlanda em 1834 e no Continente europeu em 1859 (DANDY, 1980a: 4-5; MABBERLEY, 2008: 303); Planta ornamental aquática herbácea exótica, por vezes cultivada em Portugal, em tanques.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (TAVARES & ALVES, 2002); Talhão 9 da Mata (TAVARES & ALVES, 2002); Em tanques e aquários; Tanque de Luis Carrisso (VIII.2011, V.2013, IV & V.2014, Observ.!).

CXIII. HYPOXIDACEAE [6 sp.]

1. Hypoxis L.

1. Hypoxis hemerocallidea Fischer & C.A. Meyer

Hypoxis elata J.D. Hooker

Hypoxis rooperi T. Moore

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Batata africana, batata sul-africana, erva estrela, erva estrela africana, erva estrela sul-africana, esterblom, estrela amarela, flor estrela, gifbol, hipóxis, hipóxis de Rooper, inkompfe, lotsane, molicaratsa, sterblom, tulipa banta, tulipa bantu, tulipa de bantu.

Endemismo sul-africano, de floração vernal e estival (CULLEN, 1986k: 327); Planta ornamental e medicinal herbácea perene tuberculada (SANBI; WIKIPEDIA) exótica, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002; INDEX SEMINUM 2012).

2. Hypoxis hirsuta (L.) Coville

= *Ornithogalum hirsutum* L. [basion.]

Hypoxis erecta L., syn. subst.

Hypoxis carolinensis Michaux

Hypoxis graminea Pursh

Hypoxis grandis Pollard

Hypoxis hirsuta (L.) Coville f. *villosissima* Fernald

Hypoxis micrantha Pollard

Hypoxis pallida Salisbury, nom. illeg.

Hypoxis pilosa Rafinesque

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Hipóxis, hipóxis carolinense, hipóxis da Carolina, hipóxis de flores pequenas, hipóxis erecta, hipóxis graminea, hipóxis grande, hipóxis parviflora, hipóxis hirsuta, hipóxis micranta, hipóxis norte-americana, hipóxis pálida, hipóxis pilosa, hipóxis vilosa, ornitógalo hirsuto.

Endemismo norte-americano, das América do Norte oriental (CULLEN, 1986k: 327); Planta ornamental herbácea perene exótica, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

²⁶⁵ De acordo com REVEAL & CHASE (2011: 76).

3. **Hypoxis sobolifera** Jacquin

Hypoxis canescens Fischer & C.A. Meyer

Hypoxis krebsii Fischer

Hypoxis pannosa Baker

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Hipóxis, hipóxis branca, hipóxis canescente, hipóxis de Krebs, hipóxis esbranquiçada.

Endemismo sul-africano (IPNI); Planta ornamental herbácea perene exótica, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. **Hypoxis villosa** L. f.

Fabricia villosa Thunberg

Hypoxis decumbens Lamarck, nom. illeg.

Hypoxis fabricia Gaertner

Hypoxis microsperma Avé-Lall.

Hypoxis obliqua Jacquin

= *Hypoxis villosa* L. f. var. *obliqua* (Jacquin) Baker

Hypoxis scabra Loddiges

= *Hypoxis villosa* L. f. var. *scabra* (Loddiges) Baker

Hypoxis tomentosa Lamarck

Hypoxis villosa L. f. var. *fimbriata* Nel

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Fabrícia, fabrícia decumbente, fabrícia de sementes pequenas, fabrícia escabra, fabrícia fimbriada, fabrícia hirsuta, fabrícia microsperma, fabrícia oblíqua, fabrícia peluda, fabrícia pilosa, fabrícia pubescente, fabrícia tomentosa, fabrícia vilosa, hipóxis, hipóxis decumbente, hipóxis de sementes pequenas, hipóxis escabra, hipóxis fimbriada, hipóxis hirsuta, hipóxis microsperma, hipóxis oblíqua, hipóxis peluda, hipóxis pilosa, hipóxis pubescente, hipóxis tomentosa, hipóxis vilosa.

Endemismo sul-africano, da África austral (IPNI); Planta ornamental herbácea perene exótica, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

2. **Molineria** Herbert

1. **Molineria capitulata** (Loureiro) Herbert

= *Leucojum capitulatum* Loureiro [basion.]

= *Curculigo capitulata* (Loureiro) Kuntze

Curculigo fuziwarae Yamamoto

Curculigo glabra Merrill

Curculigo recurvata W.T. Aiton

= *Molineria recurvata* (W.T. Aiton) Herbert

Curculigo strobiliformis D. Fang & D.H. Qin

Molineria hortensis Britton

Molineria plicata Colla

Molineria sulcata Colla

Tupistra esquirolii H. Léveillé & Vaniot

Veratrum mairei H. Léveillé

Geófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Curculigo, curculigo capitulado, curculigo de Fuziwarra, curculigo glabro, erva palmeira, leucóium, leucóium capitulado, molinéria, molinéria capitulada, molinéria curva, molinéria das hortas, molinéria glabra, molinéria hortense, molinéria recurvada, molinéria sulcada, tupistra, tupistra de Esquirol, tupistra esquiroliana, tupistra esquiróllica, tupistra esquiroлина, veratro, veratro de Maire, veratro maireano.

Endemismo eurasiático, da Ásia tropical e Austrália (HUXLEY & al., 1999c: 783); Planta ornamental herbácea perene exótica, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, partes II, subtropical e III, temperada e Estufa Fria (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

3. *Rhodohypoxis* Nel

1. *Rhodohypoxis baurii* (Baker) Nel var. *baurii*

= *Hypoxis baurii* Baker [basion.]

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Hipóxis, rodo-hipóxis.

Endemismo sul-africano (como a totalidade do género), da África do Sul e do Lesotho, de floração vernal (CULLEN, 1986l: 328; IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

CXIV. IRIDACEAE [141 sp.]

[Syn.: *Crocaceae*, *Galaxiaceae*, *Geosiridaceae*,
Gladiolaceae, *Isophysidaceae*, *Ixiaceae*]²⁶⁶²⁶⁷

1. *Aristea* Solander ex Aiton

1. *Aristea ecklonii* Baker

Aristea lastii Baker

Aristea paniculata Pax

Aristea stipitata R.C. Foster

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Arístea, arístea africana, arístea de Ecklon, arístea de Last, arístea estipitada, arístea paniculada, arístea sul-africana.

Endemismo sul-africano, da África do Sul e da Suazilândia, de floração vernal, estival e outonal, predominantemente matinal (ALEXANDER, 1986g: 377; HUXLEY & al., 1999a: 235; MABBERLEY, 2008: 66); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; Rosa, 2000: Anexo VII); Recanto Tropical (TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Aristea platycaulis* Baker

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Arístea, arístea africana, arístea de caules achatados, arístea de caules planos, arístea platicaula, arístea sul-africana.

Endemismo sul-africano, da África do Sul: Transkei, de floração estival (HUXLEY & al., 1999a: 235); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Babiana* Ker Gawler

1. *Babiana fragrans* (Jacquin) Steudel

= *Gladiolus fragrans* Jacquin [basion.]

= *Babiana fragrans* (Jacquin) J.C. Manning & Goldblatt

Babiana disticha Ker Gawler

= *Gladiolus distichus* (Ker Gawler) Roemer & Schultes

Babiana lilacina Ecklon

Babiana plicata Ker Gawler, nom. illeg.

Babiana punctata Klatt

Gladiolus plicatus Jacquin, nom. illeg.

Gladiolus plicatus Thunberg, nom. illeg.

Gladiolus reflexus Licht. ex Roemer & Schultes

= *Babiana reflexa* (Licht. ex Roemer & Schultes) Ker Gawler

Geófito. Origem: Sul de África.

²⁶⁶ De acordo com REVEAL & CHASE (2011: 78).

²⁶⁷ TAKHTAJAN, (2009: 657), contudo, considera as *Geosiridaceae* como uma família independente das *Iridaceae*.

Alguns nomes comuns possíveis: Babiana, babiana aromática, babiana austral, babiana dística, babiana fragrante, babiana lilacina, babiana lilacínea, babiana lilás, babiana plicada, babiana sul-africana, gladiolo, gladiolo aromático, gladiolo dístico, gladiolo fragrante, gladiolo plicado, gladiolo reflectido, gladiolo reflexo, raiz de babuíno, raiz de porco-espinho.

Endemismo sul-africano, da África do Sul, de floração estival, próprio de zonas costeiras secas (CAMPBELL, 1986e: 385; HUXLEY & al., 1999a: 293; MABBERLEY, 2008: 85; IPNI); Planta ornamental herbácea perene bolbosa comestível, cujas partes subterrâneas serão alegadamente muito apreciadas pelos babuínos e pelos porcos-espinhos (MABBERLEY, *l.c.*), raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Bobartia* L.

1. *Bobartia indica* L.

Aristea spathacea Sprengel

Bobartia juncea Salisbury, nom. illeg.

Bobartia linnaei Pritzel

Bobartia purcellii Gillett

Hecaste juncea Solander ex Schumacher

Moraea spathacea L. f.

= *Bobartia spathacea* (L. f.) Ker Gawler

= *Hecaste spathacea* (L. f.) Kuntze

= *Marica spathacea* (L. f.) Ker Gawler

= *Sisyrinchium spathaceum* (L. f.) Persoon

Xyris altissima Loddiges

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Arístea, arístea espatácea, aristeia, aristeia espatácea, bobártia, bobártia africana, bobártia da Índia, bobártia de folhas de junco, bobártia de Lineu, bobártia de Purcell, bobártia espatácea, bobártia índica, bobártia júncea, bobártia junciforme, bobártia lineana, bobártia purcelina, bobártia purcelliana, bobártia sul-africana, hecaste, hecaste de folhas de junco, hecaste espatácea, hecaste júncea, hecaste junciforme, márica, márica espatácea, sisorínquio, sisorínquio espatáceo, xíris, xíris alta, xíris altíssima.

Endemismo sul-africano, da África do Sul, Província do Cabo, de floração primaveril ou vernal, estival e outonal (HUXLEY & al., 1999a: 362; MABBERLEY, 2008: 110; IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa exótica, cujos rizomas tendem a rebentar profusamente depois dos incêndios (HUXLEY & al., *l.c.*), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. *Chasmanthe* N.E. Brown

1. *C. aethiopica* (L.) N. E. Brown

= *Antholyza aethiopica* L. [*basion.*]

= *Gladiolus aethiopicus* (L.) Drapiez

= *Petamenes aethiopica* (L.) Allan

Antholyza aethiopica L. var. *immarginata* Baker

= *Antholyza aethiopica* L. var. *immarginata* (Baker) Thunberg ex N.E. Brown

= *Antholyza aethiopica* L. var. *ringens* Baker

Antholyza ringens Andrews, nom. illeg., *Antholyza vittigera* Salisbury

= *Antholyza aethiopica* L. var. *vittigera* (Salisbury) Baker

= *Chasmanthe vittigera* (Salisbury) N.E. Brown

= *Petamenes vittigera* (Salisbury) E. Phillips

Chasmanthe peglerae N.E. Brown

= *Petamenes peglerae* (N.E. Brown) E. Phillips

Gladiolus stoloniferus Salisbury

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Antoliza, antoliza abissínica, antoliza da Abissínia, antoliza da Etiópia, antoliza etíope, antoliza etiópica, casmante, casmante abissínica, casmante da Abissínia, casmante da Etiópia, casmante etíope, casmante etiópica, gladiolo gladiolo da Abissínia, gladiolo da Etiópia, gladiolo

estolonífero, gladiolo etíope, gladiolo etiópico, petamenes, petamenes abissínia, petamenes da Abissínia, petamenes da Etiópia, petamenes etíope, petamenes etiópica.

Endemismo sul-africano; Planta ornamental herbácea perene exótica, por vezes cultivada e raramente subspontânea em Portugal (PINTO DA SILVA & al., 1991: 219), também já claramente naturalizada em Coimbra, por exemplo na Mata do Penedo da Saudade, onde é frequente (III.2013, Observ.!).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Mata (III.2013, Observ.!, III.2014, Observ.!).

2. **Chasmanthe bicolor** (Gasp. ex Vis.) N.E. Brown

= *Antholyza bicolor* Gasp. ex Vis. [basion.]

= *Antholyza aethiopica* L. var. *bicolor* (Gasp. ex Vis.) Baker

= *Petamenes bicolor* (Gasp. ex Vis.) E. Phillips

Antholyza aethiopica L. var. *minor* Lindley

Antholyza bicolor Gasp. ex Ten.

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Antoliza, antoliza bicolor, antoliza de duas cores, casmante, casmante bicolor, casmante de duas cores, petamenes, petamenes bicolor, petamenes de duas cores.

Endemismo sul-africano (IPNI); Planta ornamental herbácea perene exótica, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

3. **Chasmanthe floribunda** (Salisbury) N.E. Brown

= *Antholyza floribunda* Salisbury [basion.]

= *Petamenes floribunda* (Salisbury) E. Phillips

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Antoliza, antoliza floribunda, casmante, casmante floribunda, petamenes, petamenes floribunda.

Endemismo sul-africano (IPNI), que já se encontra actualmente naturalizado na Califórnia (WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea perene exótica, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

5. **Crocasmia** Planchon

1. **Crocasmia aurea** (Pappe ex Hooker) Planchon

= *Tritonia aurea* Pappe ex Hooker [basion.]

= *Babiana aurea* (Pappe ex Hooker) Klotzsch

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Babiana, babiana áurea, babiana dourada, crocósia, crocósia áurea, crocósia dourada, tritónia, tritónia, tritónia áurea, tritónia dourada.

Endemismo sul-africano, da África do Sul, de floração predominantemente estival (HUXLEY & al., 1999a: 763); Planta ornamental herbácea perene exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Crocasmia masonorum** (Bolus) N.E. Brown

= *Tritonia masonorum* Bolus [basion.]

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Crocósia, montbrécia, montbrétia, tritónia.

Endemismo sul-africano, de Transkei, de floração estival e outonal (CULLEN, 1986g: 386); Planta ornamental herbácea perene exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

3. **Crocsmia paniculata** (Klatt) Goldblatt

= *Antholyza paniculata* Klatt [basion.]

= *Curtonus paniculatus* (Klatt) N.E. Brown

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Antoliza, crocósma, curtono, montbrécia, montbrétia.

Endemismo sul-africano, de floração estival (CULLEN, 1986g: 386); Planta ornamental herbácea perene exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

6. **Crocus** L.

[Syn.: *Crociris* Schur; *Geanthus* Rafinesque; *Safran* Medikus]

1. **Crocus biflorus** Miller subsp. **biflorus**

Crocus argenteus Sabine

Crocus argenteus Sabine var. *parkinsonii* Sabine

Crocus pusillus Tenore

Crocus praecox Haworth

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Açafrão bravo, açafrão bravo argênteo, açafrão bravo de Parkinson, açafrão bravo de prata, açafrão bravo prateado, croco, croco de Parkinson, croco de prata, croco prateado, crócus, crócus argênteo, crócus de Parkinson, crócus de prata, crócus prateado.

Endemismo da Região Mediterrânica (MATHEW, 1986a: 366); Planta ornamental herbácea perene bulbosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. **Crocus chrysanthus** (Herbert) Herbert

Crocus annulatus Stephani ex Sprengel & Link var. *chrysanthus* Herbert [basion.]

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: croco, croco amarelo, croco áureo, croco crisanto, croco de ouro, croco dourado, croco de flores de ouro, croco de flores douradas.

Endemismo da Região Mediterrânica oriental, de floração vernal (MATHEW, 1980: 96; MATHEW, 1984c: 419-420; MATHEW, 1986a: 366); Planta ornamental herbácea perene bulbosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

3. **Crocus flavus** Weston

Crocus aureus Sibthorp & Smith

Crocus maesiacus Ker Gawler

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Açafrão bravo, açafrão bravo amarelo, açafrão bravo flavo, croco, croco amarelo, croco áureo, croco de ouro, croco dourado, croco flavo, croco lúteo, crócus, crócus amarelo, crócus flavo, crócus lúteo.

Endemismo da Região Mediterrânica e regiões vizinhas; Elemento Euro-Siberiano, de floração vernal (MATHEW, 1980: 96; MATHEW, 1984c: 425-426; MATHEW, 1986a: 366); Planta ornamental herbácea perene bulbosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

4. **Crocus goullymii** Turrill

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Açafrão, açafrão bravo, açafrão bravo da Grécia, açafrão bravo da Lacónia, açafrão bravo de Areópolis, açafrão bravo de Esparta, açafrão bravo de Goulimy, açafrão bravo espartano, açafrão bravo goullymiano, açafrão bravo grego, açafrão bravo lacónico, açafrão bravo lacónio, croco, croco da Grécia, croco da Lacónia, croco de Areópolis, croco de Esparta, croco de Goulimy, croco espartano, croco goullymiano, croco grego, croco lacónico, croco lacónio.

Endemismo da Região Mediterrânea oriental, exclusivo da Grécia: Lakonia, pr. Areopolis (MATHEW, 1980: 97; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Planta ornamental herbácea perene exótica bolbosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

5. *Crocus kotschyanus* K. Koch

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Açafrão bravo, açafrão bravo de Kotschy, açafrão bravo kotschyano, croco, croco de Kotschy, croco kotschyano, crócus, crócus de Kotschy, crócus kotschyano.

Endemismo da Região Mediterrânica, de floração outonal (HUXLEY & al., 1999a: 766); Planta ornamental herbácea perene bolbosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

6. *Crocus sativus* L.

Crocus autumnalis Smith, nom. illeg.

Crocus orsinii Parlature

= *Crocus sativus* L. subsp. *orsinii* (Parlature) K. Richter

= *Crocus sativus* L. var. *orsinii* (Parlature) Maw

Crocus pendulus Stokes

Crocus setifolius Stokes

Crocus sativus L. var. *cashmerianus* Royle

Crocus sativus L. var. *elwesii* Maw

Crocus sativus L. var. *haussknechtii* Boissier & Reuter ex Maw

Crocus sativus L. var. *officinalis* L.

= *Crocus officinalis* (L.) Honckeny

Crocus sativus L. var. *vernus* L.

Geanthus autumnalis Rafinesque

Safran officinarum Medikus

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Açaflor, açafrai, açafraneira, açafrão, açafrão cultivado, açafrão das boticas, açafrão das oficinas, açafrão de Cachemira, açafrão de Outono, açafrão de Primavera, açafrão dos boticários, açafrão oficial, açafrão orsiniano, açafrão outonal, açafrão primaveril, açafrão vernal, acefrão, afafrão, çafraneira, çafirão, çafirão cultivado, çafirão das boticas, çafirão das oficinas, çafirão de Cachemira, çafirão oficial, çafirão orsiniano, çafirão outonal, çafirão primaveril, çafirão vernal, carcamo, croco, croco das boticas, croco das oficinas, croco de Cashemira, croco de Orsini, croco de Outono, croco de Primavera, croco dos boticários, croco oficial, croco orsiniano, croco outonal, erva ruiva, fafarão, fafrão, flor da terra, flor terrestre, flor terrícola, geanto, geanto de Outono, geanto outonal, safrai, safraneira, safrão, safrão cultivado, safrão das boticas, safrão das oficinas, safrão de Cachemira, safrão de Outono, safrão de Primavera, safrão dos boticários, safrão oficial, safrão orsiniano, safrão primaveril, safrão vernal, zafraneira, zafrão, zafrão cultivado, zafrão das boticas, zafrão das oficinas, zafrão de Cachemira, zafrão de Outono, zafrão dos boticários, zafrão oficial, zafrão outonal, zafrão primaveril, zafrão vernal.

Endemismo da Região Mediterrânica oriental, de origem mal conhecida, possivelmente grega (MATHEW, 1980: 97; MATHEW, 1984c: 433), por vezes cultivado e eventualmente naturalizado noutros países: Espanha, Itália, Turquia (PIGNATTI, 1982c: 422; IPNI; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Planta ornamental, medicinal (TAVARES & al., 2009: 46; GONZÁLEZ & al., 2010: 347), aromática e condimentar herbácea perene bolbosa, actualmente muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002); Escola Médica (TAVARES & al., 2009: 46).

7. *Crocus serotinus* Salisbury subsp. *serotinus*

Crocus colchiciflorus Reuter ex Maw, des. inval.

Crocus serotinus Salisbury f. *albus* B. Mathew

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Açafrão bravo, açafrão bravo, outonal, tardio, croco, croco, croco, croco, crócus, crócus, crócus crócus tardio.

Endemismo europeu, exclusivamente ibérico (WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010; CARAPETO & SCHWARZER, 2014w); Planta ornamental herbácea perene bolbosa, espontânea e rara em

Portugal, própria de sítios arenosos, geramente próximos do litoral e sob coberto de pinhais, no Centro e Sul (FRANCO, 1994b: 142; CARAPETO & SCHWARZER, *l.c.*).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

8. *Crocus tommasinianus* Herbert

= *Crocus vernus* Hill var. *tommasinianus* (Herbert) Nyman

Crocus serbicus A. Kerner ex Maw

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Açafrão bravo, açafrão bravo da floresta, açafrão bravo de Tommasini, açafrão bravo dos bosques, açafrão bravo florestal, açafrão bravo tomasiniano, croco, croco da floresta, croco de Tommasini, croco dos bosques, croco florestal, croco tomasiniano, crócus, crócus da floresta, crócus de Tommasini, crócus dos bosques, crócus florestal, crócus tomasiniano.

Endemismo eurasiático, exclusivamente europeu, da Europa Central e Balcânica (WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010; WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea perene bulbosa, de floração hiberna ou hiemal e vernal ou primaveril (HUXLEY & al., 1999a: 767), por vezes cultivada em Portugal, à qual foi atribuído o “*Royal Horticultural Society’s Award of Garden Merit*”, pelas suas qualidades ornamentais e de cultivo, podendo mesmo chegar a naturalizar-se facilmente (WIKIPEDIA).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

7. *Dierama* K. Koch

1. *Dierama pendulum* (L. f.) Baker

= *Ixia pendula* L. f. [basion.]

= *Sparaxis pendula* (L. f.) Ker Gawler

Dierama ensifolium K. Koch & C.D. Bouché

Watsonia palustris Persoon

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Dierama, dierama pêndulo, íxia, íxia pêndula, sparaxis pêndula, watsónia, watsónia dos brejos, watsónia dos pântanos, watsónia dos paúis, watsónia palustre, watsónia pêndula.

Endemismo sul-africano, de floração estival (WEBB, 1986e: 380; HUXLEY & al., 1999b: 65; IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Dierama pulcherrimum* (Hooker f.) Baker

= *Sparaxis pulcherrima* Hooker f. [basion.]

Dierama longiflorum G.J. Lewis

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Dierama, dierama belo, dierama belíssimo, dierama de flores longas, dierama formoso, dierama longifloro, dierama pulcro, dierama pulquérrimo, dierama venusto, sparaxis, sparaxis bela, sparaxis belíssima, sparaxis de flores longas, sparaxis formosa, sparaxis longiflora, sparaxis pulcra, sparaxis pulquérrima, sparaxis venusta.

Endemismo sul-africano, da Província do Cabo, de floração tardi-estival (WEBB, 1986e: 380; HUXLEY & al., 1999b: 65; GRIN; IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

8. *Dietes* Salisbury ex Klatt

1. *Dietes bicolor* (Steudel) Sweet ex Klatt

= *Moraea bicolor* Steudel [basion.]

Iris bicolor Lindley, nom. illeg.

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Dietes, dietes bicolor, dietes de duas cores, íris, íris bicolor, íris de duas cores, mórea bicolor, mórea de duas cores, moreia, moreia bicolor, moreia de duas cores.

Endemismo sul-africano, da Província do Cabo (MATTHEWS, 1986g: 358; IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Dietes grandiflora* N.E. Brown

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Dietes, dietes de flores grandes, dietes grandiflora, dietes macranta, íris selvagem.

Endemismo sul-africano (MATTHEWS, 1986g: 358); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

3. *Dietes iridioides* (L.) Sweet ex Klatt

= *Moraea iridioides* L. [basion.]

= *Naron iridioides* (L.) Moench

Dietes crassifolia G. Don, nom. inval.

Dietes iridifolia Salisbury, nom. illeg.

Dietes macleaii Baker

Dietes prolongata (Baker) N.E. Brown var. *galpinii* N.E. Brown

Ferraria blanda Salisbury, nom. illeg.

Iris compressa L. fil.

= *Dietes compressa* (L. fil.) Klatt

Iris compressa Thunberg, nom. illeg.

Moraea catenulata Lindley

= *Dietes catenulata* (Lindley) Sweet ex Klatt

= *Iris catenulata* (Lindley) Baker

= *Moraea iridioides* L. var. *catenulata* (Lindley) Baker

Iris moreaoides Ker Gawler

Moraea iridioides L. var. *prolongata* Baker

= *Dietes prolongata* (Baker) N.E. Brown

Moraea irioides Gaertner

Moraea prolongata Baker, nom. inval.

Naron orientale Medikus

Geófito. Origem: Sul de África e África tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Dietes, dietes compresso, dietes comprimido, dietes iridiado, dietes iridióide, dietes prolongado, ferrária, ferrária branda, íris, íris compresso, íris comprimido, íris prolongado, moreia, moreia iridiada, moreia prolongada, náron, náron do Levante, náron do Oriente, náron iridióide, náron oriental.

Endemismo sul-africano (da África austral) e da África tropical, que, a Norte, atinge o Quênia, de floração primaveril ou vernal e estival (MATTHEWS, 1986g: 358; HUXLEY & al., 1999b: 66; IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

9. *Ferraria* Burman

1. *Ferraria crispa* Burman

Ferraria undulata L.

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Ferrária, ferrária crespá, ferrária crispa, ferrária ondeada, ferrária ondulada.

Endemismo sul-africano, da Província do Cabo (WEBB, 1986: 361); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada e por vezes subespontânea em Portugal (NOGUEIRA & ALMEIDA, 1972: 46-47; FRANCO in FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: 137), por exemplo no Algarve, em quintas abandonadas e locais rochosos (O'REILLY & PARKER, 2008: 59), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. **Ferraria ferrariola** (Jacquin) Willdenow

= *Moraea ferrariola* Jacquin [basion.]

Ferraria angustifolia Sweet

Ferraria antherosa Ker-Gawler, nom. illeg.

Ferraria longa E. Barnes

Ferraria minor Persoon

Ferraria viridiflora Andrews

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Ferrária, ferrária de flores verdes, ferrária de folhas estreitas, ferrária longa, ferrária menor, ferrariola, moreia.

Endemismo sul-africano (IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

10. **Freesia** Ecklon ex Klatt

1. **Freesia laxa** (Thunberg) Goldblatt & J.C. Manning

= *Gladiolus laxus* Thunberg [basion.]

= *Anomatheca laxa* (Thunberg) Goldblatt

= *Lapeirousia laxa* (Thunberg) N.E. Brown

= *Meritostigma laxum* (Thunberg) A. Dietrich

Anomatheca cruenta Lindley

= *Freesia cruenta* (Lindley) Klatt

= *Lapeirousia cruenta* (Lindley) Baker

Lapeirousia graebneriana Harms

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Anomateca, anomateca laxa, frésia, frésia laxa, gladiolo, gladiolo laxo, lapeirúsia, lapeirúsia de Graebner, lapeirúsia graebneriana, lapeirúsia laxa, meritostigma, meritostigma laxo.

Endemismo sul-africano, da África do Sul e de Moçambique (CULLEN, 1986u: 383; HUXLEY & al., 1999a: 186; ROSA, 2000; MABBERLEY, 2008: 345; IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

2. **Freesia leichtlinii** Klatt

= *Nymanina leichtlinii* (Klatt) Kuntze

Freesia middlemostii F. Barker

Freesia muirii N.E. Brown

Sparaxis thoubertii Klatt

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Frésia, frésia de Leichtlin, frésia de Middlemost, frésia de Muir, frísia, frísia de Leichtlin, frísia de Middlemost, frísia de Muir, nimanina, nimanina de Leichtlin, sparáxis, sparáxis de Thoubert.

Endemismo sul-africano, exclusivo da Província do Cabo (HUXLEY & al., 1999b: 328; IPNI), actualmente considerada invasora na Austrália (MABBERLEY, 2008: 345); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa exótica, de origem hortícola, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. **Freesia refracta** (Jacquin) Klatt

= *Gladiolus refractus* Jacquin [basion.]

= *Montbretia refracta* (Jacquin) Endlicher ex Heynhold

= *Nymanina refracta* (Jacquin) Kuntze

= *Tritonia refracta* (Jacquin) Ker-Gawler

= *Waitzia refracta* (Jacquin) Heynhold

Freesia hurlingii L. Bolus

Gladiolus resupinatus Persoon

Waitzia odorata Heynhold

= *Montbretia odorata* (Heynhold) Heynhold

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Frésia, frésia de Hurling, gladiolo, gladiolo ressupinado, montbrétia, montbrétia aromática, montbrétia de cheiro, montbrétia odorífera, nimanina, wáitzia.

Endemismo sul-africano, da Província do Cabo (CULLEN, 1986: 382; HUXLEY & al., 1999b: 328; MABBERLEY, 2008: 345); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa exótica, de origem hortícola, frequentemente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII).

4. **Freesia verrucosa** (B. Vogel) Goldblatt & J.C. Manning

= *Ixia verrucosa* B. Vogel [basion.]

= *Anomatheca verrucosa* (B. Vogel) Goldblatt

Gladiolus amabilis Salisbury

Gladiolus excisus Jacquin

Gladiolus junceus L. f. [nom. subst.]

Gladiolus paniculatus Persoon

Gladiolus polystachyus Andrews

Gladiolus pulchellus Salisbury

Ixia gawleri Schrader [nom. subst.]

Lapeirousea juncea Pourret

= *Anomatheca juncea* (Pourret) Ker Gawler

= *Freesia juncea* (Pourret) Klatt

= *Meritostigma junceum* (Pourret) Steudel

= *Peyrousia juncea* (Pourret) Poiret

Lapeirousea juncea Ker Gawler

= *Anomatheca juncea* (Ker Gawler) Ker Gawler

= *Freesia juncea* (Ker Gawler) Klatt

= *Meritostigma junceum* (Ker Gawler) Steudel

= *Peyrousia juncea* (Ker Gawler) Poiret

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Anomateca, anomateca verrugosa, frésia, frésia júncea, frésia junciforme, frésia juncosa, gladiolo, gladiolo amável, gladiolo belo, gladiolo formoso, gladiolo júnceo, gladiolo junciforme, gladiolo juncoso, gladiolo paniculado, gladiolo pulcro, gladiolo venusto, gladiolo, íxia, íxia de Gawler, íxia de Ker-Gawler, íxia verrugosa, lapeirúsia lapeirúsia, meritostigma, meritostigma júnceo, meritostigma junciforme, meritostigma juncoso, peirúsia, peirúsia júncea, peirúsia junciforme, peirúsia juncosa.

Endemismo sul-africano, da Província do Cabo, de floração vernal ou primavera (CULLEN, 1986u: 382); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa exótica, de origem hortícola, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. **Freesia** sp.

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Frésia, gladiolo, montbrétia.

Planta ornamental herbácea perene rizomatosa exótica, de origem hortícola, ocasionalmente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000); Terraço de Júlio Henriques ou Alameda de São Bento (TAVARES & ALVES, 2002).

11. **Gladiolus** L.

1. **Gladiolus atroviolaceus** Boissier

Gladiolus aleppicus Boissier

Gladiolus armeniacus J.N. Gerard

Gladiolus petraeus Boissier & A. Huet

Gladiolus sintenisii Baker

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Gladiolo, gladiolo arménio, gladiolo da Arménia, gladiolo da Pérsia, gladiolo de Alepo, gladiolo de Sintenis, gladiolo persa, gladiolo sírio.

Endemismo eurasiático, distribuído da Grécia ao Irão (YEO, 1986a: 389), sobretudo em locais calcários, por vezes em sítios perturbados, como planta ruderal e arvense; Elemento Irano-Turânico (TAN & EDMONDSON, 1984: 448), ocorrendo raramente na Europa oriental, em campos de milho (HAMILTON, 1980: 102); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Gladiolus callianthus* Marais

Geófito. Origem: África tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Gladiolo, gladiolo calianto, gladiolo de belas flores.

Endemismo africano, da África equatorial e tropical oriental, da Etiópia ao Malawi, de floração outonal (YEO, 1986a: 390; ROSA, 2000: 136); Planta ornamental herbácea perene bolbosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente talvez extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

3. *Gladiolus carneus* F. Delaroche

= *Gladiolus blandus* Aiton var. *carneus* (F. Delaroche) Ker Gawler

Gladiolus albidus Jacquin

Gladiolus blandus Aiton

Gladiolus blandus Aiton var. *excelsus* Ker Gawler

= *Gladiolus excelsus* (Ker Gawler) Ker Gawler, nom. illeg.

Gladiolus blandus Aiton var. *purpureoalbescens* Ker Gawler

Gladiolus callistus F. Bolus

Gladiolus campanulatus Andrews

Gladiolus carneus Jacquin, nom. illeg.

Gladiolus cuspidatus Jacquin var. *ensifolius* Baker

Gladiolus eximius Ingram

Gladiolus expallescens Schrank

Gladiolus hibbertii Baker

Gladiolus lunulatus Klatt

Gladiolus mac-owanianus Klatt

Gladiolus mortonius Herbert

Gladiolus pictus Sweet

Gladiolus prismatosiphon Schlechter

Gladiolus sagittifer Salisbury

Gladiolus trimaculatus Lamarck

Gladiolus tristis L. var. *cordatus* Thunberg

= *Gladiolus cordatus* (Thunberg) Thunberg

Gladiolus ventricosus Lamarck

Gladiolus vinulus Klatt

Moraea ramosa Endlicher

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Gladiolo, gladiolo albedo, gladiolo albo, gladiolo alvo, gladiolo avinhado, gladiolo avinulado, gladiolo belo, gladiolo branco, gladiolo brando, gladiolo calisto, gladiolo cândido, gladiolo cárneo, gladiolo cordado, gladiolo cuspidado, gladiolo de flores cárneas, gladiolo de flores carnosas, gladiolo de Hibbert, gladiolo de MacOwan, gladiolo de Morton, gladiolo de três máculas, gladiolo de três malhas, gladiolo de três manchas, gladiolo de sifão prismado, gladiolo de tubo prismado, gladiolo esbranquiçado, gladiolo excelso, gladiolo exímio, gladiolo formoso, gladiolo lunado, gladiolo lunulado, gladiolo picto, gladiolo pintado, gladiolo prismado, gladiolo pulcro, gladiolo pulquérrimo, gladiolo purpúreo, gladiolo ramificado, gladiolo ramoso, gladiolo sagitado, gladiolo sagitífero, gladiolo seteiro, gladiolo setudo, gladiolo trimaculado, gladiolo trimalhado, gladiolo trimanchado, gladiolo ventricosos, gladiolo ventroso, gladiolo ventrudo, mórea, mórea ramosa, mórea ramificada, moreia, moreia ramificada, moreia ramosa.

Endemismo sul-africano, da África do Sul: Província do Cabo, de floração predominantemente primaveril ou vernal e estival (YEO, 1986a: 391; HUXLEY & al., 1999b: 419; IPNI); Planta ornamental herbácea perene bolbosa exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. **Gladiolus communis** L. subsp. **byzantinus** (Miller) A.P. Hamilton

= *Gladiolus byzantinus* Miller [basion.]

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Gladiolo, gladiolo bizantino, gladiolo de Bizâncio, gladiolo do Levante, gladiolo levantino, gladiolo oriental.

Endemismo da Região Mediterrânica: Norte de África, Sul de Espanha e Sicília, encontrando-se sobretudo em palmeirais de *Chamaerops humilis* (HAMILTON, 1980: 101; YEO, 1986: 389); Planta ornamental herbácea perene bulbosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

4. **Gladiolus communis** L. subsp. **communis**

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Gladiolo, gladiolo comum, gladiolo vulgar

Endemismo europeu e norte-africano (HAMILTON, 1980: 101; YEO, 1986a: 389); Planta ornamental herbácea perene bulbosa, espontânea e comum em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

5. **Gladiolus dalenii** van Geel subsp. **dalenii**

Antholyza laxiflora Baker

Antholyza schlechteri Baker

Gladiolus adlami Baker

Gladiolus affinis de Wild.

Gladiolus angolensis Baker

Gladiolus anorthanthus Ingram

Gladiolus antholyzoides Baker

Gladiolus barnardii G.J. Lewis

Gladiolus boehmii Vaupel

Gladiolus brachylimbus Baker

Gladiolus buettneri Pax

Gladiolus caffensis Cufod.

Gladiolus calothyrsus Vaupel

Gladiolus coccineus L. Bolus, nom. illeg.

Gladiolus cooperi Baker

Gladiolus corneus Oliv.

Gladiolus dracocephalus Hooker f.

Gladiolus gallaensis Vaupel

Gladiolus garuanus Vaupel

Gladiolus hockii de Willdenow

Gladiolus ignescens Bojer ex Baker

Gladiolus kilimandscharicus Pax ex Engler

Gladiolus leichtlinii Baker

Gladiolus leptophyllus L. Bolus

Gladiolus louwii L. Bolus

Gladiolus luembensis de Willdenow

Gladiolus magaliesmontanus F. Bolus, nom. illeg.

Gladiolus natalensis Reinwardt ex Hooker, nom. illeg.

Gladiolus nebulicola Ingram

Gladiolus newii Baker

Gladiolus occidentalis A. Chevallier, nom. inval.

Gladiolus pageae L. Bolu

Gladiolus platyphyllus Baker

Gladiolus primulinus Baker

Gladiolus psittacinus Hooker

Gladiolus quartinianus A. Richard

Gladiolus retrocurvus G.J. Lewis

Gladiolus saltatorum Baker
Gladiolus schimperianus Steudel ex Baker
Gladiolus splendidus Rendle
Gladiolus strictiflorus L. Bolus, nom. illeg.
Gladiolus sulphureus Baker ex Oliv., nom. illeg.
Gladiolus taylorianus Rendle
Gladiolus tysonii Baker
Gladiolus vogtsii L. Bolus
Keitia natalensis Regel
 = *Bobartia natalensis* (Regel) Klatt
Watsonia natalensis Ecklon
 Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Antoliza, antoliza de Schlechter, bobártia, bobártia do Natal, bobártia natalense, gladiolo, gladiolo africano, gladiolo amarelado, gladiolo amarelo, gladiolo angolano, gladiolo calotirso, gladiolo coccíneo, gladiolo de Angola, gladiolo de Barnard, gladiolo de Boehm, gladiolo de Cooper, gladiolo córneo, gladiolo de fogo, gladiolo de Leichtlin, gladiolo de Louw, gladiolo de Luembe, gladiolo de Page, gladiolo de papagaio, gladiolo de Schimper, gladiolo de Taylor, gladiolo de Tyson, gladiolo de Vogts, gladiolo do Kilimandjaro, gladiolo do Natal, gladiolo dracocéfalo, gladiolo esplêndido, gladiolo estritifloro, gladiolo ígneo, gladiolo ignescente, gladiolo luembense, gladiolo lúteo, gladiolo lutéolo, gladiolo lutescente, gladiolo natalense, gladiolo ocidental, gladiolo primulino, gladiolo psitacino, gladiolo sul-africano, gladiolo sulfúreo, watsónia, watsónia do Natal, watsónia natalense.

Endemismo sul-africano (IPNI) e da África tropical e Arábia, de floração primaveril, estival e outonal (YEO, 1986a: 390); Planta ornamental herbácea perene bulbosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente talvez extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

6. *Gladiolus* × *gandavensis* van Houtte

Gladiolus dalenii van Geel × *Gladiolus oppositiflorus* Herbert
Gladiolus × *sulphureus* de Graaf ex Molkenb.

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Gladiolo, gladiolo amarelado, gladiolo amarelo, gladiolo belga, gladiolo gandavense, gladiolo híbrido, gladiolo híbrido belga, gladiolo híbrido da Bélgica, gladiolo hortícola, gladiolo hortícola belga, gladiolo hortícola da Bélgica, gladiolo sulfúreo, gladiolo sulfuroso.

Híbrido de origem hortícola, originalmente obtido na Bélgica, por volta de 1837 (Huxley & al., 1999b: 419; Yeo, 1986a: 390); Planta ornamental herbácea perene bulbosa exótica, de origem híbrida, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

7. *Gladiolus illyricus* Koch

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Gladiolo, gladiolo comum, gladiolo da Ilíria, gladiolo ilírico, gladiolo vulgar.

Endemismo da Europa ocidental e da Região Mediterrânica; Elemento mediterrânico (HAMILTON, 1980: 101; TAN & EDMONDSON, 1984: 446; YEO, 1986a: 389); Planta ornamental herbácea perene bulbosa, espontânea e comum em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

8. *Gladiolus murielae* Kelway

= *Acidanthera murielae* (Kelway) Hoog

Acidanthera bicolor Hochstetter

Acidanthera bicolor Hochstetter var. *murielae* Perry

Ixia quartiniana A. Richard

Sphaerospora gigantea Klatt, nom. illeg.

Geófito. Origem: África tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Acidantera, esferóspora, gladiolo, gladiolo calianto, gladiolo de belas flores, gladiolo de Muriela, íxia, palma de Santa Rita.

Endemismo da África tropical: Abissínia (IPNI); Planta ornamental herbácea perene bolbosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente talvez extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

9. *Gladiolus splendens* (Sweet) Herbert

= *Anisanthus splendens* Sweet [basion.]

= *Anomalesia splendens* (Sweet) N.E. Brown

= *Antholyza splendens* (Sweet) Steudel

= *Petamenes splendens* (Sweet) E. Phillips

Antholyza caffra Ker Gawler ex Baker, nom. illeg.

= *Anapalina caffra* (Ker Gawler ex Baker) G.J. Lewis

= *Chasmante caffra* (Ker Gawler ex Baker) N.E. Brown

= *Petamenes caffra* (Ker Gawler ex Baker) E. Phillips

= *Tritoniopsis caffra* (Ker Gawler ex Baker) Goldblatt, nom. illeg.

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Anapalina, anapalina cafra, anapalina esplendorosa, anisanto, anisanto cafro, anisanto esplendoroso, anomalésia, anomalésia cafra, anomalésia esplendorosa, antoliza, antoliza cafra, antoliza esplendorosa, casmante, casmante cafra, casmante esplendorosa, gladiolo, gladiolo cafro, gladiolo esplendoroso, petamenes, petamenes cafra, petamenes esplendorosa, tritoniópsis, tritoniópsis cafra, tritoniópsis esplendorosa.

Endemismo sul-africano, de floração vernal ou primaveril (CULLEN, 1986r: 392; HUXLEY & al., 1999b: 422); Planta ornamental herbácea perene bolbosa exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

10. *Gladiolus sulphureus* Jacquin

= *Babiana sulphurea* (Jacquin) Ker Gawler

= *Babiana stricta* (Aiton) Ker Gawler var. *sulphurea* (Jacquin) Baker

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Babiana, babiana amarela, babiana de flores amarelas, babiana de flores lúteas, gladiolo babiana de flores sulfúreas, babiana flava, babiana flavescense, babiana lútea, babiana lutescente, babiana sulfúrea, gladiolo, gladiolo amarelo, gladiolo capense, gladiolo de flores amarelas, gladiolo de flores lúteas, gladiolo de flores sulfúreas, gladiolo do Cabo, gladiolo flavo, gladiolo flavescense, gladiolo lúteo, gladiolo lutescente, gladiolo sulfúreo.

Endemismo sul-africano, da África do Sul: SW da Província do Cabo (HUXLEY & al., 1999a: 293; THE PLANT LIST); Planta ornamental herbácea perene bolbosa exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

11. *Gladiolus tristis* L.

Gladiolus aestivalis Ingram

= *Gladiolus tristis* L. var. *aestivalis* (Ingram) G.J. Lewis

Gladiolus concolor Salisbury

= *Gladiolus tristis* L. var. *concolor* (Salisbury) Baker

Gladiolus flavidus Ingram

Gladiolus fulvescens Ingram

Gladiolus spiralis Persoon

= *Gladiolus tristis* L. subsp. *spiralis* (Persoon) Maire & Weiller

Gladiolus tristis L. var. *odorus* Thunberg

Gladiolus versicolor Andrews var. *longifolius* Ker Gawler

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Gladiolo, gladiolo amarelado, gladiolo amarelo, gladiolo aromático, gladiolo capense, gladiolo de cheiro, gladiolo de folhas longas, gladiolo do Cabo, gladiolo do estio, gladiolo do verão, gladiolo dos pântanos, gladiolo dos paúis, gladiolo espiral, gladiolo estival, gladiolo flavescense, gladiolo flávido, gladiolo flavo, gladiolo fulvescente, gladiolo fulvo, gladiolo longifloro, gladiolo longuifloro, gladiolo lúteo, gladiolo lutescente, gladiolo paludoso, gladiolo palustre, gladiolo triste, gladiolo sul-africano.

Endemismo sul-africano, do sul da Província do Cabo, de floral primaveril e estival (YEO, 1986a: 391; IPNI); Planta ornamental herbácea perene bulbosa, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

12. *Hesperantha* Ker Gawler

1. *Hesperantha coccinea* (Backh. & Harv.) Goldblatt & Manning

= *Schizostylis coccinea* Backh. & Harv. [basion.]

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Esquizostílis, hesperanta, lírio-cafir, lírio-kaffir.

Endemismo sul-africano (MABBERLEY, 2008: 402); Planta ornamental herbácea perene bulbosa, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

13. *Iris* Tournefort ex L.

[Syn.: *Belamcanda* Adanson; *Chameiris* Medikus; *Costia* Willkomm;
Hermodactylus Miller; *Juno* Trattinick; *Limniris* (Tausch) Fuss; *Oncocyclus* Siemssen;
Pseudo-iris Medikus; *Xiphion* Miller; *Xyridion* (Tausch) Fourreau]

1. *Iris albicans* Lange

= *Iris florentina* auct. vix L. var. *albicans* (Lange) Sampaio

= *Iris germanica* L. subsp. *albicans* (Lange) O. Bolòs & Vigo

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris branca, íris de Florença, íris de flores brancas, íris esbranquiçada, íris florentina, lírio, lírio branco, lírio de Florença, lírio de flores brancas, lírio esbranquiçado.

Endemismo eurasiático, da Península Arábica: Arábia Saudita e Yemen (MATTHEWS & MATHEW, 1986: 345; HUXLEY & al., 1999b: 671; CRESPO, 2011); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, subespontânea em Portugal, onde terá sido originalmente introduzida pelos mouros para ornamentação dos seus cemitérios (WEBB & CHATER, 1980: 91), sobretudo a Sul do rio Mondego (SAMPAIO, 1910: 107; SAMPAIO, 1947: 123), principalmente em áreas de clima mediterrânico e próximas do litoral (CRESPO, *l.c.*).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Iris aphylla* L.

Iris aphylla L. subsp. *hungarica* Hegi

Iris aphylla L. var. *polonica* Blocki & Ascherson & Graebner

Iris babadagica Rzedade & Golneva

Iris benacensis Stapf

Iris bifurca Steven ex Baker

Iris bisflorens Host

Iris bohémica F.W. Schmidt

= *Iris aphylla* L. subsp. *bohémica* (F.W. Schmidt) Dostál

Iris breviscapa Opiz

Iris clusiana Tausch

= *Iris nudicaulis* Lamarck var. *clusiana* (Tausch) Nyman

Iris dacica Beldie

= *Iris aphylla* L. subsp. *dacica* (Beldie) Soó

= *Iris hungarica* Waldstein & Kitaibel subsp. *dacica* (Beldie) Prodán

Iris diantha K. Koch

= *Iris furcata* Marschall von Bieberstein var. *diantha* (K. Koch) Grossheim

Iris duerinckii Buckley

Iris extrafoliacea J.C. Mikan

Iris falcata Tausch

Iris fieberi Seidl

= *Iris aphylla* L. subsp. *fieberi* (Seidl) Dostál

= *Iris nudicaulis* Lamarck var. *fieberi* (Seidl) Nyman

Iris furcata Marschall von Bieberstein

Iris hungarica Waldstein & Kitaibel

Iris hungarica Waldstein & Kitaibel f. *minor* Simonkai
Iris melzeri Prodán
Iris nudicaulis Lamarck
 = *Iris aphylla* L. subsp. *nudicaulis* (Lamarck) O. Schwarz
Iris perrieri Simonet ex N. Service
Iris polonica Fomin & Bordzilowski
Iris reflexa Berg
Iris rigida Sieber ex Klatt
Iris sabina N. Terracciano
Iris schmidtii Baker
Iris subtriflora Fieber ex Klatt
 = *Iris hungarica* Waldstein & Kitaibel var. *subtriflora* (Fieber ex Klatt) Nyman
Iris tenorei Parlato

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris afila, íris babadágica, íris barbada, íris biflora, íris bifurcada, íris caucásica, íris clusiana, íris dácica, íris da Dácia, íris da Hungria, íris de Babadag, íris de barbas, íris de cale nu, íris de Clúsio, íris de duas flores, íris de Duerinck, íris de Fieber, íris de Melzer, íris de Perrier, íris de Schmidt, íris de Tenore, íris danta, íris do Cáucaso, íris furcada, íris húngara, íris húngara, íris nudicaule, íris polaca, íris polonesa, íris polónica, íris reflectida, íris reflexa, íris rígida, íris sabina, íris sem folhas, lírio, lírio afilo, lírio babadágico, lírio barbado, lírio bifloro, lírio bifurcado, lírio caucásico, lírio clusiano, lírio dácico, lírio da Dácia, lírio da Hungria, lírio de Babadag, lírio de barbas, lírio de cale nu, lírio de Clúsio, lírio de duas flores, lírio de Duerinck, lírio de Fieber, lírio de Melzer, lírio de Perrier, lírio de Schmidt, lírio de Tenore, lírio do Cáucaso, lírio diante, lírio furcado, lírio húngaro, lírio húngaro, lírio nudicaule, lírio reflectido, lírio reflexo, lírio polaco, lírio polonês, lírio polónico, lírio rígido, lírio sabino, lírio sem folhas.

Endemismo eurasiático, de distribuição predominantemente caucasiana e europeia, de floração vernal (WEBB & CHATTER, 1980: 90; MATTHEWS & MATHEW, 1986: 339; HUXLEY & al., 1999b: 671; IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002; MATOS, 2014).

3. *Iris bracteata* S. Watson

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris bracteada, lírio, lírio bracteado.

Endemismo norte-americano, dos Estados Unidos da América: Sul do Oregon e Norte da Califórnia, de floração estival (MATTHEWS & MATHEW, 1986: 345; HUXLEY & al., 1999b: 672); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. *Iris caucasica* Hoffmann

= *Coresantha caucasica* (Hoffmann) Klatt
 = *Costia caucasica* (Hoffmann) Willkomm
 = *Juno caucasica* (Hoffmann) Trattinick
 = *Neubeckia caucasica* (Hoffmann) Alefeld
 = *Thelysia caucasica* (Hoffmann) Parlato
 = *Xiphion caucasicum* (Hoffmann) Baker

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Coresanta, coresanta caucásica, coresanta do Cáucaso, íris, íris caucásico, íris do Cáucaso, juno, juno caucásico, juno do Cáucaso, lírio, lírio caucásico, lírio do Cáucaso, telísia, telísia caucásica, telísia do Cáucaso, xíffio, xíffio caucásico, xíffio do Cáucaso.

Endemismo eurasiático; Elemento Euro-Siberiano, de montanha, que se pode encontrar no Cáucaso, entre os 2200 e os 2300 metros, em estepes e declives rochosos (MATHEW, 1984b: 406); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

5. *Iris chrysographes* Dykes

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris dourada, íris de desenhos dourados, lírio, lírio de desenhos dourados, lírio dourado.

Endemismo eurasiático, da China ocidental: Sichuan, Yunnan e do NE da Birmânia, de floração vernal e estival (MATTHEWS & MATHEW, 1986: 345; HUXLEY & al., 1999b: 672); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

6. *Iris chrysographes* Dykes 'Rubella'

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris de desenhos dourados, íris de flores muito escuras, íris dourada, íris dourada de flores muito escuras, lírio, lírio de desenhos dourados, lírio de flores muito escuras, lírio dourado, lírio dourado de flores muito escuras.

Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, de origem híbrida hortícola, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

7. *Iris crocea* Jacquem. ex R.C. Foster

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris de Cachemira, lírio, lírio de Cachemira.

Endemismo eurasiático, possivelmente originário de Cachemira, de floração predominantemente estival (MATTHEWS & MATHEW, 1986: 348; HUXLEY & al., 1999b: 672); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

8. *Iris dichotoma* Pallas

= *Evansia dichotoma* (Pallas) Decaisne

= *Pardanthopsis dichotoma* (Pallas) L.W. Lenz

= *Pardanthus dichotomus* (Pallas) Ledebour

Evansia vespertina Decaisne

Iris pomeridiana Fischer ex Klatt

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Evânsia, evânsia dicotómica, evânsia vespertina, íris, íris dicotómica, lírio, lírio dicotómica, pardanto, pardanto dicotómico, pardanto vespertino, pardantópsis, pardantópsis dicotómica, pardantópsis vespertina.

Endemismo eurasiático, da Ásia central e do norte: China, Federação Russa e Mongólia (MATTHEWS & MATHEW, 1986b: 354; HUXLEY & al., 1999c: 469); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

9. *Iris domestica* (L.) Goldblatt & D.J. Mabberley

= *Epidendrum domesticum* L. [basion.]

= *Vanilla domestica* (L.) Druce

Belamcanda chinensis (L.) DC. var. *curtata* Makino

Belamcanda chinensis (L.) DC. f. *flava* Makino

Belamcanda chinensis (L.) DC. var. *taiwanensis* S.S. Ying

Belamcanda chinensis (L.) DC. f. *vulgaris* Makino

Belamcanda flabellata Grey

Belamcanda pampaninii H. Léveillé

Belamcanda punctata Moench, nom. illeg.

Bermudiana guttata Stokes

= *Moraea guttata* (Stokes) Stokes

Gemmingia chinensis (L.) Kuntze f. *aureolata* Makino

Gemmingia chinensis (L.) Kuntze f. *rubriflora* Makino

Ixia chinensis L.

= *Belamcanda chinensis* (L.) DC.

= *Gemmingia chinensis* (L.) Kuntze

= *Moraea chinensis* (L.) Thunberg

= *Pardanthus chinensis* (L.) Ker Gawler

Ixia ensifolia Noronha

Pardanthus nepalensis Sweet

Pardanthus sinensis van Houtte

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Baunilha caseira, baunilha doméstica, belamcanda, bermudiana, epidendrum doméstico, flor-leopardo, flor maravilha, flor mariposa, íris, íris-leopardo, íxia, íxia chinesa, lírio chinês, lírio leopardo, maravilha, mariposa, moreia, morei chinesa, pardanto, pardanto chinês, pardanto chino, pardanto nepalês, pardanto sínico, vanila caseira, vanila doméstica.

Endemismo eurasiático, da China, Índia, Japão e Federação Russa, de floração estival (MATTHEWS & MATHEW, 1986c: 373; HUXLEY & al., 1999a: 330); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

10. *Iris douglasiana* Herbert

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris californiana, íris da Califórnia, íris de Douglas, lírio, lírio californiano, lírio da Califórnia, lírio de Douglas.

Endemismo norte-americano, dos Estados Unidos da América: Califórnia e sul do Oregon, de floração predominantemente estival (MATTHEWS & MATHEW, 1986: 345; HUXLEY & al., 1999b: 673); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

11. *Iris ensata* Thunberg

Iris kaempferi Siebold ex Lemaire var. *spontanea* Makino

= *Iris ensata* Thunberg var. *spontanea* (Makino) Nakai

Iris kaempferi Siebold ex Lemaire

= *Iris laevigata* Fischer var. *kaempferi* (Siebold ex Lemaire) Maximowicz

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris de Kaempfer, íris do Japão, íris japonesa, íris japonesa aquática, íris japonesa de água, lírio, lírio de Kaempfer, lírio japonês, lírio do Japão, lírio japonês aquático, lírio japonês de água.

Endemismo eurasiático, da Ásia oriental, de floração predominantemente estival (MATTHEWS & MATHEW, 1986: 347; HUXLEY & al., 1999b: 673); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002)

12. *Iris foetidissima* L.

= *Chamaeiris foetidissima* (L.) Medikus

= *Spathula foetidissima* (L.) Fourreau

= *Xiphion foetidissimum* (L.) Parlato

= *Xyridion foetidissimum* (L.) Klatt

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Camaeíris, camaeíris fétida, efémera, efémero, erva do lobo, erva dos lobos, erva lobaz, erva lobeira, erva lobina, erva lupina, espadana, espadana fétida, espátula, espátula fétida, íris, íris fétida, íris hedionda, lírio, lírio fétido, lírio hediondo, mata-galinhas, melira, rosa de lobo, rosa do lobo, xífio, xífion, xire, xíride, xirídio, xirídion, xíris.

Endemismo eurasiático, macaronésico e norte-africano, presente na Região Mediterrânica ocidental, incluindo a Península Ibérica e o Magreb, de floração predominantemente estival (WEBB & CHATTER, 1980: 88; MATTHEWS & MATHEW, 1986: 348; HUXLEY & al., 1999b: 673; ROSA, 2000: 139; WIKIPEDIA); Planta ornamental e medicinal –segundo Dioscórides– (FONT QUER, 1995, citado por ROSA, l.c.) herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

13. ***Iris forrestii*** Dykes

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris chinesa, íris da China, íris da montanha, íris de Forrest, íris forrestiana, lírio, lírio chinês, lírio da China, lírio da montanha, lírio de Forrest, lírio forrestiano.

Endemismo eurasiático, da China e regiões vizinhas da Ásia oriental, onde se pode encontrar em zonas montanhosas, entre os 3000 e os 4000 metros, em orlas de florestas, encostas de montes, margens de linhas de água e prados, de floração predominantemente estival (MATTHEWS & MATHEW, 1986: 344; HUXLEY & al., 1999b: 673; ZHAO, NOLTIE & MATHEW, 2000); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

14. ***Iris germanica*** L. var. ***florentina*** (L.) Dykes

= *Iris florentina* L. [basion.]

Iris × *florentina* L.

Iris florentina auct., vix L.

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris florentina, lírio, lírio azul, lírio de Florença, lírio florentino.

Endemismo da Região Mediterrânica (CHATTER & WEBB, 1980: 90-91; HUXLEY & al., 1999: 673; IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002); Escola Médica (ROSA, 2000: Anexo VII).

15. ***Iris germanica*** L. var. ***germanica***

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris da Alemanha, íris germânica, íris roxa, lírio, lírio alemão, lírio azul, lírio cardano, lírio cárdeno, lírio cor de céu, lírio da Alemanha, lírio de flores azuis, lírio de flores azuladas, lírio de flores celestes, lírio de flores roxas, lírio florentino, lírio germânico, lírio roxo, lírio roxo dos montes.

Endemismo da Região Euro-Mediterrânica (WEBB & CHATTER, 1980: 90-91; MATHEW, 1984b: 392-293; MEIKLE, 1985b: 1560-1561; HUXLEY & al., 1999: 673); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito cultivada como ornamental em Portugal, tornando-se subespontânea em campos e sítios pedregosos mais ou menos secos, em todo o tipo de substratos, sobretudo em volta de habitações e de zonas ajardinadas (WEBB & CHATTER, *l.c.*; FRANCO, 1994: 132; CRESPO, 2011).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

16. ***Iris imbricata*** Lindley

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris imbricada, lírio, lírio imbricado.

Endemismo eurasiático, do SW da Ásia: Irão e antiga U.R.S.S., de floração vernal e estival (MATTHEWS & MATHEW, 1986: 340; HUXLEY & al., 1999b: 674); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Escola Médica (ALMEIDA & al., 2003).

17. ***Iris innominata*** L.F. Henderson

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris anome, íris sem nome, lírio, lírio anome, lírio sem nome.

Endemismo norte-americano, dos Estados Unidos da América: SW do Oregon e NW da Califórnia, de floração estival (MATTHEWS & MATHEW, 1986: 350; HUXLEY & al., 1999b: 674); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

18. ***Iris japonica*** Thunberg

Iris chinensis Curtis

Iris fimbriata Ventenat

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris da China, íris do Japão, íris fimbriada, íris japónica, íris nipónica, lírio, lírio da China, lírio do Japão, lírio fimbriado, lírio japonico, lírio nipónico.

Endemismo eurasiático, da Ásia oriental: China e Japão, de floração vernal (MATTHEWS & MATHEW, 1986: 350; HUXLEY, 1999b: 674; ZHAO, NOLTIE & MATHEW, 2000); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.
Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (Matos, 1950; Rosa, 2000: Anexo VII).

19. ***Iris lactea* Pallas var. *lactea***

Iris biglumis Vahl

Iris pallasii Fischer var. *chinensis* Fischer

= *Iris ensata* Thunberg var. *chinensis* (Fischer) Maximowicz

= *Iris lactea* Pallas var. *chinensis* (Fischer) Koidzumi

Iris iliensis Poljakov

Iris longispatha Fischer

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris de leite, íris láctea, íris leitosa, lírio, lírio de leite, lírio lácteo, lírio leitoso.

Endemismo eurasiático, distribuído ao longo de grande parte da Ásia, em encostas de montes, margens de estradas e prados, entre os 600 e os 3800 metros de altitude, de floração predominantemente estival (MATTHEWS & MATHEW, 1986: 349; HUXLEY, 1999b: 675; ZHAO, NOLTIE & MATHEW, 2000); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

20. ***Iris laevigata* Fischer**

Iris phragmitetorum Handel-Mazzetti

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, lírio.

Endemismo eurasiático, da Ásia oriental, de floração predominantemente estival e outonal (MATHEW, 1984b: 392-293; MEIKLE, 1985: 1560-1561; MATTHEWS & MATHEW, 1986: 347; HUXLEY & al., 1999: 673); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

21. ***Iris latifolia* (Miller) Voss**

= *Xiphion latifolium* Miller [basion.]

Iris anglica Steudel, nom. inval.

Iris argentea auct.

Iris cepifolia Stokes

Iris pyrenaica Bubani, nom. illeg.

Iris xiphoides Ehrhart

Xiphion jaquinii Schrank

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris de folhas largas, íris dos Pirenéus, íris latifolia, íris pirenaica, lírio, lírio de folhas largas, lírio dos Pirenéus, lírio latifolia, lírio pirenaico, xífilo, xífion, xífion de Jacquin.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental: exclusivo de Espanha e dos Pirenéus, de floração estival (WEBB & CHATTER, 1980: 91; MATTHEWS & MATHEW, 1986: 350; HUXLEY & al., 1999b: 675; IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

22. ***Iris lazica* Albov**

= *Iris unguicularis* Poiret var. *lazica* (Albov) Dykes

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris lázica, lírio, lírio lázico.

Endemismo eurasiático; Elemento euxino da Anatólia e da Caucásia, de floração vernal e outonal (MATHEW, 1984b: 392; MATTHEWS & MATHEW, 1986: 349; HUXLEY & al., 1999b: 675); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ALMEIDA & al., 2003).

23. ***Iris longipetala* Herbert**

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris de pétalas longas, íris longipétala, lírio, lírio de pétalas longas, lírio longipétalo.

Endemismo norte-americano, dos Estados Unidos da América: zonas costeiras do centro da Califórnia, de floração predominantemente vernal e estival (MATTHEWS & MATHEW, 1986: 346; HUXLEY & al., 1999b: 675); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

24. ***Iris lutescens* Lamarck subsp. *lutescens***

Chamaeiris angustifolia Medikus

Iris burnatii Baker

Iris chamaeiris Bertoloni

= *Iris lutescens* Lamarck subsp. *chamaeiris* (Bertoloni) O. Bolòs & Vigo

Iris chamaeiris Bertoloni subvar. *luteola* Rouy

Iris chamaeiris Bertoloni subvar. *violacea* Rouy

= *Iris lutescens* Lamarck f. *violacea* (Rouy) O. Bolòs & Vigo

Iris italica Parlatores

= *Iris chamaeiris* Bertoloni subsp. *italica* (Parlatores) K. Richter

= *Iris chamaeiris* Bertoloni var. *italica* (Parlatores) Baker

= *Gynandris italica* (Parlatores) Sanguinetti

Iris longiflora Vest ex Schultes

Iris lutescens Lamarck f. *crocea* O. Bolòs & Vigo

Iris lutescens Lamarck subsp. *segarrica* O. Bolòs & Conesa

Iris myleri K. Koch

Iris neglecta Parlatores, nom. illeg.

Iris olbiensis Hénon

= *Iris chamaeiris* Bertoloni subsp. *olbiensis* (Hénon) K. Richter

= *Iris chamaeiris* Bertoloni var. *olbiensis* (Hénon) Baker

Iris polychroa Gandoger

Iris pyrenaica L., nom. provis.

Iris sordida Willdenow, nom. illeg.

Iris statellae Todaro

= *Iris lutescens* Lamarck var. *statellae* (Todaro) Baker

= *Iris virescens* F. Delaroche var. *statellae* (Todaro) Nyman

Iris virescens F. Delaroche

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Cameíris, cameíris angustifólia, cameíris de folhas estreitas, ginandríris, ginandríris de Itália, ginandríris italiana, ginandríris itálica, íris, íris amarela, íris amarelada, íris angustifólia, íris aromática, íris burnática, íris cameíris, íris de Burnat, íris de flores longas, íris de folhas estreitas, íris de Itália, íris de Ólbia, íris dos Pirenéus, íris esquecida, íris esverdeada, íris flava, íris flavescence, íris italiana, íris itálica, íris longiflora, íris lútea, íris lutescente, íris olbiana, íris olbiense, íris pirenaica, íris segárrica, íris sórdida, íris verde, íris violácea, íris virente, íris virescente, lírio, lírio amarelado, lírio amarelo, lírio angustifólio, lírio aromático, lírio burnático, lírio de Burnat, lírio de flores longas, lírio de folhas estreitas, lírio de Itália, lírio de Ólbia, lírio dos Pirenéus, lírio esquecido, lírio esverdeado, lírio flavescence, lírio flavo, lírio italiano, lírio itálico, lírio longifloro, lírio lutescente, lírio lúteo, lírio olbiano, lírio olbiense, lírio pirenaico, lírio segárrico, lírio sórdido, lírio verde, lírio violáceo, lírio virente, lírio virescente.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, de distribuição estenomediterrânica: Espanha, França e Itália (WEBB & CHATER, 1980: 90; PIGNATTI, 1982c: 414), possivelmente subespontâneo na Suíça, na Sicília e em Marrocos (WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (MATOS, 2014).

25. ***Iris macrophylla*** auct.

Geófito. Origem: Desconhecida.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris de folhas grandes, íris grandifolia, íris macrófila, lírio, lírio de folhas grandes, lírio grandifólio, lírio macrófilo.

Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, de origem desconhecida, possivelmente norte-americana, da Califórnia (ARTHUR, 2013), ou natural do Cáucaso (ROSA, 2000: 140), muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

26. ***Iris orientalis*** Miller

= *Chamaeiris orientalis* (Miller) M.B. Crespo

= *Xyridion orientalis* (Miller) Rodion.

Iris albida Davidov

Iris gigantea Carrière

Iris longipedicellata Czeaczott

Iris monnieri DC.

= *Iris spuria* L. subsp. *monnieri* (DC.) Dykes

= *Xyphion monnieri* (DC.) Alefeld

= *Xyridion monnieri* (DC.) Klatt

Iris ochroleuca L.

= *Iris spuria* L. var. *ochroleuca* (L.) Sims

= *Iris spuria* L. subsp. *ochroleuca* (L.) Dykes

= *Xyphion ochroleucum* (L.) Alefeld, nom. illeg.

= *Xyridion ochroleucum* (L.) Klatt

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Camaeíris, camaeíris do levante, camaeíris do oriente, camaeíris levantina, camaeíris oriental, íris, íris alva, íris branca, íris de Monnier, íris do levante, íris do oriente, íris gigante, íris levantina, íris oriental, íris turca, lírio, lírio alvo, lírio branco, lírio de Monnier, lírio do levante, lírio do oriente, lírio gigante, lírio levantino, lírio oriental, lírio turco, xífio, xífio de Monnier, xífion, xífion de Monnier, xíridio, xíridio de Monnier, xíridio do oriente, xíridio oriental, xíridion, xíridion de Monnier, xíridion do oriente, xíridion oriental.

Endemismo eurasiático; Elemento mediterrânico oriental, próprio de sítios húmidos como canais de irrigação, lameiros húmidos e pântanos ou paúis, de floração vernal e estival (MATHEW, 1984b: 389; MATTHEWS & MATHEW, 1986: 348; HUXLEY, 1999b: 676); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII); Escola Médica (ALMEIDA & al., 2003).

27. ***Iris pallida*** Lamarck subsp. ***pallida***

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris croata, íris da Croácia, íris da Dalmácia, íris dálmata, íris pálida, lírio, lírio croata, lírio da Croácia, íris da Dalmácia, lírio dálmata, lírio pálido.

Endemismo eurasiático, exclusivamente europeu, do ocidente da antiga Jugoslávia: Croácia (WEBB & CHATTER, 1980: 91; MATTHEWS & MATHEW, 1986: 340; HUXLEY & al., 1999b: 676); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002); Escola Médica (ROSA, 2000: Anexo VII; ALMEIDA & al., 2003).

28. ***Iris prismatica*** Pursh ex Ker Gawler

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris prismática, íris sem barba, lírio, lírio prismático, lírio sem barba.

Endemismo norte-americano, exclusivo dos Estados Unidos da América: costa oriental e Sul das montanhas Apalaches (MATTHEWS & MATHEW, 1986: 347; HUXLEY & al., 1999b: 676); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

29. *Iris pseudacorus* L.

- = *Limniris pseudacorus* (L.) Fuss
- = *Limnirion pseudacorus* (L.) Opiz
- = *Xyphion pseudacorus* (L.) Schrank
- = *Xyridion pseudacorus* (L.) Klatt
- Acorus adulterinus* Garsault, nom. inval.
- Iris acoroides* Spach
- = *Iris pseudacorus* L. var. *acoroides* (Spach) Baker
- = *Xiphion acoroides* (Spach) Alefeld
- = *Xyridion acoroideum* (Spach) Klatt
- Iris acoriformis* Boreau
- = *Iris pseudacorus* L. subsp. *acoriformis* (Boreau) K. Richter
- = *Iris pseudacorus* L. var. *acoriformis* (Boreau) Baker
- = *Iris pseudacorus* L. var. *acoriformis* (Boreau) Nyman
- Iris bastardii* Boreau
- Iris curttopetala* F. Delaroche
- Iris flava* Tornab.
- Iris lutea* Lamarck
- Iris pallidior* Hill
- Iris paludosa* Persoon
- Iris palustris* Moench, nom. illeg.
- Iris sativa* Miller
- Moraea candolleana* Sprengel
- Pseudoiris palustris* Medikus
- Vieusseuxia iridioides* F. Delaroche, nom. inval.
- Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Acoróide, bandeira amarela, flor de lis, íris, íris acoróide, íris acoroso, íris amarelo, íris de Bastard, íris dos charcos, íris dos pântanos, íris dos paúis, íris quase ácoro, limnirion, limniris, lírio, lírio acoriforme, lírio acoróide, lírio amarelo, lírio de Bastard, lírio dos charcos, lírio dos pântanos, lírio dos paúis, lírio flavo, lírio lúteo, lírio pálido, mórea, moreia, pseudácoro, quasácoro, xífion, xífion acoróide, xífion quase ácoro, xirídion.

Endemismo eurasiático e norte-africano, que se pode encontrar em toda a Europa continental, em sítios húmidos, de floração estival (WEBB & CHATER, 1980: 88; MATTHEWS & MATHEW, 1986: 346; HUXLEY & al., 1999b: 676); Planta ornamental herbácea aquática perene rizomatosa, espontânea e pouco comum em Portugal, por vezes também cultivada como ornamental, em locais húmidos.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII); Escola Médica (MATOS, 2014), Escolas de Sistemática e Recanto Tropical (TAVARES & ALVES, 2002; ALMEIDA & al., 2003).

30. *Iris pseudopumila* Tineo subsp. *pseudopumila*

- Iris bicapitata* Colas.
- Iris erratica* Todaro
- = *Iris virescens* F. Delaroche var. *erratica* (Todaro) Nyman
- Iris lutescens* Gussone, nom. illeg.
- Iris panormitana* Todaro
- = *Iris pseudopumila* Tineo var. *panormitana* (Todaro) Nyman
- = *Iris pseudopumila* Tineo subsp. *panormitana* (Todaro) K. Richter
- Iris speciosa* N. Terracciano
- Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris amarela, íris de Palermo, íris flava, íris lútea, íris palermitana, íris panormitana, lírio, lírio amarelo, lírio de Palermo, lírio flavo, lírio lúteo, lírio palermitano, lírio panormitano.

Endemismo da Região Mediterrânica central: Itália, Sicília, ex-Jugoslávia, Malta e Gozo, exclusivamente europeu (WEBB & CHATTER, 1980: 90; MATTHEWS & MATHEW, 1986: 339; HUXLEY & al., 1999b: 676); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

31. ***Iris pumila* L. subsp. *pumila***

Iris biflora L.

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, lírio bifloro, lírio de duas flores, lírio diante, íris, íris biflora, íris de duas flores, íris diante.

Endemismo eurasiático, de distribuição predominante europeia e floração vernal (WEBB & CHATTER, 1980: 89-90; MATTHEWS & MATHEW, 1986: 339; HUXLEY & al., 1999b: 676; IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

32. ***Iris sanguinea* Donn ex Hornemann var. *sanguinea***

= *Iris sibirica* L. var. *sanguinea* (Donn ex Hornemann) Ker Gawler

= *Limniris sanguinea* (Donn ex Hornemann) Rodion.

Iris extremorientalis Koidzumi

Iris nertschinskia Loddiges

Iris orientalis Thunberg

Iris sibirica L. var. *orientalis* Baker

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris do oriente, íris oriental, íris sanguínea, lírio, lírio do oriente, lírio oriental, lírio sanguíneo.

Endemismo eurasiático, da Ásia oriental: Coreia, Federação Russa e Japão, de floração predominantemente vernal e estival (MATTHEWS & MATHEW, 1986: 344; HUXLEY & al., 1999b: 677; ZHAO, NOLTIE & MATHEW, 2000); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

33. ***Iris setosa* Pallas ex Link**

Geófito. Origem: Eurásia e América do Norte boreal.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris sedosa, lírio, lírio sedoso.

Endemismo eurasiático e norte-americano, próprio de prados subalpinos húmidos, à beira da água, no norte da China, Coreia, Japão, Rússia, Canadá e Estados Unidos (Alaska), a altitudes entre os 1500 e os 2500 metros, de floração estival (MATTHEWS & MATHEW, 1986: 344; ZHAO, NOLTIE & MATHEW, 2000); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

34. ***Iris* 'Shelforde Grant'**

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, lírio.

Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, hortícola de origem híbrida, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Viveiros (INDEX SEMINUM, 2012).

35. ***Iris* × *sikkimensis* Dykes**

Iris hookeriana Foster × *Iris kemaonensis* Wallich ex Royle

Geófito. Origem: Eurásia.

Endemismo eurasiático (IPNI), de origem híbrida, obtido a partir de dois endemismos asiáticos, da Ásia central e oriental (ZHAO, NOLTIE & MATHEW, 2000; FLORA OF PAKISTAN); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

36. ***Iris sintenisii* Janka**

= *Chamaeiris sintenisii* (Janka) M.B. Crespo

= *Iris graminea* (Janka) K. Richter subsp. *sintenisii* (Janka) K. Richter

= *Iris graminea* (Janka) K. Richter var. *sintenisii* (Janka) K. Richter

= *Xyridion sintenisii* (Janka) Rodion.

Iris graminea (Janka) K. Richter

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Camaeíris, camaeíris gramínea, íris, íris de Sintenis, lírio, lírio de Sintenis, lírio gramíneo, rosa de lobo, xire, xirídio, xirídio de Sintenis, xirídio gramíneo, xirídion, xirídion de Sintenis, xirídion gramíneo.

Endemismo eurasiático, da Eurásia ocidental; Elemento Euro-Siberiano, de floração predominantemente estival (WEBB & CHATTER, 1980: 89; MATHEW, 1984b: 390-391; MATTHEWS & MATHEW, 1986: 348; HUXLEY & al., 1999b: 677); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

37. ***Iris songarica*** Schrenk

= *Joniris songarica* (Schrenk) Klatt

= *Sclerosiphon songaricum* (Schrenk) Nevski

Iris multiflora V.J. Zinger

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Esclerossífon, esclerossífon songárico, íris, íris de muitas flores, íris multiflora, íris polianta, íris songárica, joníris, joníris songárica, lírio, lírio de muitas flores, lírio multifloro, lírio polianto.

Endemismo eurasiático, do Afeganistão, Cazaquistão, China, Federação Russa, Paquistão, Pérsia ou Irão e outros países da Ásia central (MATHEW, 1984b: 390-391; ZHAO, NOLTIE & MATHEW, 2000; IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

38. ***Iris spuria*** L. subsp. ***carthalinae*** (Fomin) B. Mathew

= *Iris carthalinae* Fomin [basion.]

= *Chameiris carthalinae* (Fomin) M.B. Crespo

= *Xyridion carthalinae* (Fomin) Rodion.

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, lírio, lírio espúrio, xirídio, xirídion.

Endemismo eurasiático, da Geórgia, de floração estival (MATTHEWS & MATHEW, 1986: 347; Huxley & al., 1999b: 677); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

39. ***Iris spuria*** L. subsp. ***halophila*** (Pallas) B. Mathew & Wendelbo

= *Iris halophila* Pallas [basion.]

= *Iris spuria* L. subsp. *halophila* (Pallas) D.A. Webb & Chatter

= *Iris spuria* L. var. *halophila* (Pallas) Dykes

= *Chamaeiris halophila* (Pallas) M.B. Crespo

= *Xyridion halophilum* (Pallas) M.B. Crespo

Iris aurea Link

= *Xyridion aureum* (Link) Klatt

Iris autumnalis Tausch

Iris desertorum Gueldenstaedt

= *Chamaeiris desertorum* (Gueldenstaedt) Medikus

= *Iris spuria* L. var. *desertorum* (Gueldenstaedt) Ker Gawler

Iris desertorum Moench

Iris diluta Marschall von Bieberstein

Iris dubia Poiret

Iris erratica Baker, nom. illeg.

Iris gawleri F. Delaroche

Iris gueldenstadtiana Lepechin

= *Iris spuria* L. subsp. *gueldenstadtiana* (Lepechin) Soldano

= *Xyphion gueldenstadtianum* (Lepechin) Schrank

= *Xyridion gueldenstadtianum* (Lepechin) Klatt

Iris guldenstaedtiana Lepechin

Iris heterophylla Sprengel

Iris pallida Salisbury, nom. illeg.

Iris salsa Pallas

Iris spathulata Willdenow, nom. illeg.

Iris stenogyna F. Delaroche

= *Xyphion stenogynum* (F. Delaroche) Alefeld

= *Xyridion stenogynum* (F. Delaroche) Klatt

Iris wittmaniana Baker

Xyphion ochroleucon Schrank

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris áurea, íris de Gawler, íris de Gueldenstaedt, íris de ouro, íris de outono, íris de Wittman, íris do deserto, íris dourada, íris outonal, Íris pálida, lírio, lírio áureo, lírio de Gawler, lírio de Gueldenstaedt, lírio de ouro, lírio de Wittman, lírio de outono, lírio do deserto, lírio dourado, lírio halófilo, lírio outonal, lírio pálido, xífio, xífio de Gueldenstaedt, xífion, xífion de Gueldenstaedt, xirídio, xirídio áureo, xirídio de Gueldenstaedt, xirídio de ouro, xirídio dourado, xirídion, xirídion áureo, xirídion de Gueldenstaedt, xirídion de ouro, xirídion dourado.

Endemismo eurasiático, distribuído da Europa oriental até ao Cáucaso, Sibéria e Ásia oriental (WEBB & CHATTER, 1980: 89; MATTHEWS & MATHEW, 1986: 347; HUXLEY & al., 1999b: 677; ZHAO, NOLTIE & MATHEW, 2000); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ROSA, 2000: Anexo VII); Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Escola Médica (ALMEIDA & al., 2003).

40. ***Iris spuria* L. subsp. *musulmanica* (Fomin) Takhtadjan**

= *Iris musulmanica* Fomin [basion.]

= *Xyridion musulmanicum* (Fomin) Rodion.

Iris daenensis Kotschy ex Baker

= *Iris spuria* L. var. *daenensis* (Kotschy ex Baker) Kotschy ex Baker

Iris klattii Kemularia-Nathadze

Iris violacea Klatt

= *Xyridion violaceum* (Klatt) Klatt

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris de Klatt, íris dos muçulmanos, íris violácea, lírio, lírio de Klatt, lírio dos muçulmanos, lírio violáceo, xirídion, xirídion violáceo.

Endemismo eurasiático, da Ásia ocidental e central, de floração estival; Elemento Irano-Turânico (MATHEW, 1984b: 388; MATTHEWS & MATHEW, 1986: 347-348; HUXLEY & al., 1999b: 677); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

41. ***Iris spuria* L. subsp. *spuria***

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, lírio, lírio espúrio.

Endemismo eurasiático, da Europa Central, de floração estival (MATTHEWS & MATHEW, 1986: 347; HUXLEY & al., 1999b: 677); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

42. ***Iris subbiflora* Brotero**

= *Iris lutescens* Lamarck subsp. *subbiflora* (Brotero) D.A. Webb & Chater

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris cardana, íris cárdena, íris da Páscoa, íris pascal, íris pascoal, íris quase biflora, íris franciscana, íris roxa, íris silvestre, lírio cardano, lírio cárdeno, lírio da Páscoa, lírio franciscano, lírio pascal, lírio pascoal, lírio pequeno, lírio pequeno do campo, lírio quase bifloro, lírio roxo, lírio silvestre.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, exclusivo da Península Ibérica, de floração predominantemente vernal e estival (WEBB & CHATTER, 1980: 90; MATTHEWS & MATHEW, 1986: 339; HUXLEY & al., 1999b: 678); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, espontânea e pouco comum em Portugal, própria de sítios secos pedregosos, em solos calcários, às vezes mais ou menos descarbonatados (FRANCO, 1994b: 131-132; CRESPO, 2011).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000); Escola Médica (TAVARES & ALVES, 2002; ALMEIDA & al., 2003).

43. ***Iris tuberosa* L.**

= *Hermodactylus tuberosus* (L.) Salisbury

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Hermodáctilo, hermodáctilo tuberoso, íris tuberosa, lírio tuberoso.

Endemismo da Região Mediterrânica, do Mediterrâneo central e oriental, próprio de sítios secos e usualmente rochosos (CHATER, 1980b: 87; MILL, 1984b: 411; MATTHEWS & MATHEW, 1986: 355; HUXLEY & al., 1999b: 557-558); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada nos jardins e muito rara e duvidosamente subespontânea em Portugal, no Alto Trás os Montes, perto de Bragança (COUTINHO, 1898: 63; COUTINHO, 1913: 146; COUTINHO, 1939: 173; SAMPAIO, 1947: 124; CARDIEL, 2011; CARDIEL, 2013b: 444).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

44. ***Iris unguicularis* Poiret subsp. *cretensis* (Janka) A.P. Davis & Jury**

= *Iris cretensis* Janka [basion.]

= *Iris humilis* Georgi subsp. *cretensis* (Janka) Nyman

Iris cretica Baker

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris cretense, íris de Creta, lírio, lírio cretense, lírio de Creta.

Endemismo da Região Mediterrânica oriental, próprio de locais rochosos, margens, matos secos e bosques abertos de coníferas, de floração hiemal e vernal (WEBB & CHATTER, 1980: 88; MATHEW, 1984b: 391-392; MATTHEWS & MATHEW, 1986: 349; HUXLEY & al., 1999b: 678; IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

45. ***Iris versicolor* L.**

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, lírio.

Endemismo norte-americano, da América do Norte oriental, de floração predominantemente estival (WEBB & CHATTER, 1980: 88; MATTHEWS & MATHEW, 1986: 347; HUXLEY & al., 1999b: 678); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

46. ***Iris wilsonii* C.H. Wright**

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris de Wilson, lírio, lírio de Wilson.

Endemismo eurasiático, exclusivo do ocidente da China, onde se pode encontrar em regiões montanhosas pertencentes a diversas províncias, entre os 2900 e os 4300 metros, em orlas de florestas, encostas de montes, margens húmidas de linhas de água e prados, de floração estival (MATTHEWS & MATHEW, 1986: 344; HUXLEY & al., 1999b: 679; ZHAO, NOLTIE & MATHEW, 2000); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

47. ***Iris xiphium* L. var. *lusitanica* (Ker Gawler) Foster**

= *Iris lusitanica* Ker Gawler [basion.]

= *Iris xiphium* L. var. *lusitanica* (Ker Gawler) Franco, comb. superflua

= *Xiphium lusitanicum* (Ker Gawler) Alefeld

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris lusitana, íris portuguesa, lírio, lírio lusitano, lírio português, xífilo, xífilo lusitano, xífilo português, xífion, xífion lusitano, xífion português.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental (WEBB & CHATTER, 1980: 355; MATTHEWS & MATHEW, 1986: 350-351; HUXLEY & al., 1999b: 679; IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, caracteristicamente de flores amarelas, espontânea em incultos, pousios, matos baixos e locais pedregosos (FRANCO, 1994b: 134-135), e também por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

48. **Iris** sp.

Geófito. Origem: Desconhecida.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, lírio.

Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

14. **Ixia** L.

1. **Ixia latifolia** D. Delaroche

= *Geissorhiza latifolia* (D. Delaroche) Baker

= *Hyalis latifolia* (D. Delaroche) Salisbury

= *Tritonia latifolia* (D. Delaroche) N.E. Brown

Ixia aulica Aiton

= *Hyalis aulica* (Aiton) Salisbury

= *Ixia capillaris* L. fil. var. *aulica* (Aiton) Ker Gawler

= *Morphixia aulica* (Aiton) Ker Gawler

Ixia capitata Andrews var. *stellata* Andrews

= *Ixia ovata* (Andrews) Baker var. *stellata* (Andrews) Baker

= *Ixia stellata* (Andrews) Klatt

Ixia incarnata Jacquin

= *Ixia capillaris* L. fil. var. *incarnata* (Jacquin) Ker Gawler

= *Morphixia capillaris* (L. fil.) Ker Gawler var. *incarnata* (Jacquin) Baker

= *Morphixia incarnata* (Jacquin) Ker Gawler

Ixia latifolia D. Delaroche var. *curviramosa* G.J. Lewis

Ixia phlogiflora Delile

Ixia phlogiflora Redouté

Ixia scariosa Thunberg

Ixia striata Vahl

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Geissoriza, geissoriza de folhas largas, geissoriza latifolia, gueissoriza, gueissoriza de folhas largas, gueissoriza latifolia, hiális, hiális de folhas largas, hiális latifolia, íxia, íxia áulica, íxia de folhas largas, íxia encarnada, íxia estelar, íxia estrelada, íxia estriada, íxia latifolia, morfíxia, morfíxia encarnada, tritónia, tritónia de folhas largas, tritónia latifolia.

Endemismo sul-africano, da África do Sul e Namíbia: Província do Cabo e Namaqualand, de floração predominantemente primavera ou vernal e estival (HUXLEY & al., 1999b: 699; IPNI); Planta ornamental herbácea perene bolbosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Ixia paniculata** D. Delaroche

= *Morphixia paniculata* (D. Delaroche) Baker

= *Tritonia paniculata* (D. Delaroche) Klatt

Gladiolus ixioides Thunberg

Houttounia capensis Houttoun

= *Acidanthera capensis* (Houttoun) Benth ex Baker

= *Montbretia capensis* (Houttoun) Voigt

= *Tritonia capensis* (Houttoun) Ker Gawler

Ixia longiflora P.J. Bergius

= *Tritonia longiflora* (P.J. Bergius) Ker Gawler

Ixia longiflora Lamarck, nom. illeg.

Ixia tenuiflora Vahl

= *Ixia paniculata* D. Delaroche var. *tenuiflora* (Vahl) Baker

= *Crocsmia tenuiflora* (Vahl) Klatt

= *Montbretia tenuiflora* (Vahl) Voigt

= *Morphixia paniculata* (D. Delaroche) Baker var. *tenuiflora* (Vahl) Baker

= *Tritonia tenuiflora* (Vahl) Ker Gawler

= *Waitzia tenuiflora* (Vahl) Heynhold

Tritonia concolor Sweet

Tritonia rocheana Sweet

= *Montbretia rocheana* (Sweet) Heynhold

Waitzia concolor Heynhold

= *Montbretia concolor* (Heynhold) Voigt

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Acidantera, acidantera capense, acidantera do Cabo, crocósma, crocósma de flores tênues, crocósma tenuiflora, gladiolo, gladiolo ixióide, íxia, íxia de flores longas, íxia de flores tênues, íxia longiflora, íxia longuiflora, íxia paniculada, íxia tenuiflora, montbrétia, montbrétia capense, montbrétia concolor, montbrétia do Cabo, montbrétia paniculada, morfíxia, morfíxia de flores tênues, morfíxia paniculada, morfíxia tenuiflora, tritónia, tritónia capense, tritónia concolor, tritónia de flores tênues, tritónia de Roche, tritónia do Cabo, tritónia longiflora, tritónia longuiflora, tritónia paniculada, tritónia rocheana, tritónia tenuiflora, uáitzia, uáitzia concolor, uáitzia de flores tênues, uáitzia tenuiflora, váitzia, váitzia concolor, váitzia de flores tênues, váitzia tenuiflora.

Endemismo sul-africano, da África do Sul: Província do Cabo, de floração primaveril ou vernal (VALENTINE, 1980c: 92; CULLEN, 1986v: 381; HUXLEY & al., 1999b: 700); Em Portugal, terá sido introduzida nos jardins na segunda metade do século XVIII, tendo vindo a ser observada, em 1951, em Vila do Conde, próximo da praia, nos arrelvados, junto aos muros, longe de habitações (PINTO DA SILVA & FONTES, 1952: 9); Planta ornamental herbácea perene bolbosa, raramente cultivada e naturalizada em Portugal (CARDIEL, 2013a: 474-476), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Ixia polystachya* L.

Ixia erecta P.J. Bergius

Ixia hybrida Ker Gawler

Ixia leucantha Jacquin

= *Ixia patens* Aiton var. *leucantha* (Jacquin) Ker Gawler

Ixia maculata L. var. *caesia* Ker Gawler

= *Ixia viridiflora* Lamarck var. *caesia* (Ker Gawler) Baker

Ixia serotina Salisbury, nom. illeg.

Wuerthia elegans Regel

= *Ixia aristata* Thunberg var. *elegans* (Regel) Baker

= *Ixia elegans* (Regel) N.E. Brown

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Íxia, íxia albiflora, íxia de flores albas, íxia de flores alvas, íxia de flores brancas, íxia de flores cândidas, íxia de flores serótinas, íxia de flores tardias, íxia elegante, íxia erecta, íxia leucanta, íxia polistáquia, íxia serotina, íxia tardia, vúrtia, vúrtia elegante.

Endemismo sul-africano, da África do Sul: Província do Cabo, de floração predominantemente estival (CULLEN, 1986v: 381; HUXLEY & al., 1999b: 700; IPNI); Planta ornamental herbácea perene bolbosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. *Ixia* sp.

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Alfenim, íxia.

Endemismo sul-africano, da África do Sul: Província do Cabo (CULLEN, 1986v: 380; HUXLEY & al., 1999b: 699); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata e Escolas de Sistemática (TAVARES & ALVES, 2002; ROSA, 2000).

15. *Libertia* Sprengel

1. *Libertia chilensis* (Molina) Gunckel

= *Strumaria chilensis* Molina [basion.]

= *Choeradodia chilensis* (Molina) Herbert

Libertia crassa Graham

= *Libertia formosa* Graham var. *crassa* (Graham) Baker

Libertia elegans Poepp.

Libertia formosa Graham

= *Sisyrinchium formosum* (Graham) F. Mueller
 = *Tekel formosa* (Graham) Kuntze
Libertia formosa Graham var. *grandiflora* Johow
Libertia grandiflora Philippi, nom. illeg.
Libertia ixioides Gay, nom. illeg.
Libertia ixioides Klatt, nom. illeg.
Orthrosanthus chilensis Klotzsch ex Baker, nom. inval.
Sisyrinchium fernandezianum Steudel, nom. inval.
Solenomelus chilensis Miers
Taumastos compressus Rafinesque
 Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Libértia, libértia bela, libértia chilena, libértia chilense, libértia de flores grandes, libértia formosa, libértia grandiflora, libértia ixióide, libértia macranta, libértia pulcra, libértia venusta, ortrosanto, ortrossanto, solenomelo, solenomelo chilense, solenomelo chileno, strumária, strumária chilena, strumária chilense, taumastos, tekkel, tequel, tequel formosa, tequel grandiflora.

Endemismo sul-americano, exclusivo do Chile, embora já naturalizado na Califórnia, de floração vernal ou primaveril (ALEXANDER & WEBB, 1986g: 373; HUXLEY & al., 1999c: 64; WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Libertia grandiflora* (R. Brown) Sweet

= *Renealmia grandiflora* R. Brown [basion.]
 = *Tekel grandiflora* (R. Brown) Kuntze
Libertia orbicularis Colenso
 Geófito. Origem: Nova Zelândia.

Alguns nomes comuns possíveis: Libértia, libértia de flores grandes, libértia formosa, libértia grandiflora, libértia orbicular, reneálmia, reneálmia de flores grandes, reneálmia grandiflora, reneálmia macranta, reneálmia orbicular, tekkel, tequel, tequel formosa, tequel grandiflora.

Endemismo neozelandês, de floração predominantemente estival (ALEXANDER & WEBB, 1986g: 373; HUXLEY & al., 1999c: 64; WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Libertia ixioides* (G. Forster) Sprengel

= *Sisyrinchium ixioides* G. Forster [basion.]
 = *Ferraria ixioides* (G. Forster) Willdenow
 = *Moraea ixioides* (G. Forster) Thunberg
 = *Nematostigma ixioides* (G. Forster) A. Dietrich
 = *Renealmia ixioides* (G. Forster) Ker Gawler
 = *Tekel ixioides* (G. Forster) Kuntze
Libertia macrocarpa Klatt
Libertia restioides Klatt

Geófito. Origem: Nova Zelândia.

Alguns nomes comuns possíveis: Ferrária, ferrária ixióide, libértia, libértia de frutos grandes, libértia ixióide, libértia macrocarpa, mórea, mórea ixióide, moreia, moreia ixióide, nematostigma, nematostigma ixióide, reneálmia, reneálmia ixióide, tekkel, tekkel ixióide, tequel, tequel ixióide.

Endemismo neozelandês, de floração predominantemente estival (ALEXANDER & WEBB, 1986g: 373; HUXLEY & al., 1999c: 64; WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

16. *Melasphaerula* Ker Gawler

1. *Melasphaerula ramosa* (L.) N.E. Brown

= *Gladiolus ramosus* L. [basion.]
 = *Phalangium ramosum* (L.) Burmann f.

Diasia graminifolia DC.

Diasia intermedia Heynhold

Diasia iridifolia DC.

Gladiolus gramineus L. f.

= *Melasphaerula graminea* (L. f.) Ker Gawler

Melasphaerula intermedia Sweet

Melasphaerula iridifolia Sweet

Melasphaerula parviflora Loddiges

= *Diasia parviflora* (Loddiges) Steudel

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Diásia, diásia graminifólia, diásia intermédia, diásia iridifólia, falângio, falângio ramoso, gladiolo, gladiolo gramineo, gladiolo ramoso, melasférula, melasférula de flores pequenas, melasférula graminea, melasférula micranta, melasférula parviflora.

Género monoespecífico; Endemismo sul-africano, da província do Cabo (ALEXANDER, 1986: 387; ROSA, 2000); Planta ornamental herbácea perene bulbosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

17. *Moraea* Miller

[Syn.: *Galaxia* Thunberg; *Gynandiris* Parlatores; *Helixyra* Salisbury ex N.E. Brown; *Hexaglottis* Ventenat; *Homeria* Ventenat; *Rheome* Goldblatt; *Roggeveldia* Goldblatt; *Sessilistigma* Goldblatt]

1. *Moraea aristata* (D. Delaroche) Ascherson & Graebner

= *Vieusseuxia aristata* D. Delaroche [basion.]

Ferraria ocellaris Salisbury

Ferraria tricuspidis Willdenow

Iris imberbis Ker Gawler

Iris pavonia Curtis, nom. illeg.

Iris tricuspidis Willdenow, nom. illeg.

Moraea candida Baker

Moraea tricuspidis (Thunberg) Ker Gawler var. *ocellata* D. Don

Vieusseuxia glaucopis DC.

= *Moraea glaucopis* (DC.) Drapiez

Geófito. Origem: Sul de África.

Ferrária, ferrária ocelada, ferrária ocelar, glaucópis, íris, íris imberbe, íris pavónia, íris sem barba, mórea, mórea alba, mórea alva, mórea aristada, mórea branca, mórea cândida, mórea pavónia, moreia, moreia alba, moreia alva, moreia aristada, moreia branca, moreia cândida, moreia pavónia, pavónia.

Endemismo sul-africano, da Província do Cabo, muito rara e quase extinta na Natureza, de floração predominantemente primaveril (MATTHEWS, 1986h: 357; HUXLEY & al., 1999c: 259; IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Moraea collina* Thunberg

= *Homeria collina* (Thunberg) Salisbury

= *Sisyrinchium collinum* (Thunberg) Cavanilles

Homeria collina (Thunberg) Salisbury var. *aurantiaca* (Zuccagni) Baker

Homeria collina (Thunberg) Salisbury var. *miniata* F. Mueller

Moraea grandiflora Ecklon, nom. illeg.

Moraea iriopetala Willdenow, nom. illeg.

Sisyrinchium aurantiacum Zuccagni

= *Bobartia aurantiaca* (Zuccagni) Sweet

= *Homeria aurantiaca* (Zuccagni) Sweet

= *Homeria breyniana* (L.) G.J. Lewis var. *aurantiaca* (Zuccagni) G.J. Lewis

= *Homeria collina* (Thunberg) Salisbury var. *aurantiaca* (Zuccagni) Baker

= *Moraea aurantiaca* (Zuccagni) A. Dietrich

Sisyrinchium elegans DC., nom. illeg.

Tulipa breyniana L.

= *Baeometra breyniana* (L.) T. Durand & Schinz

= *Homeria breyniana* (L.) G.J. Lewis
 = *Jania breyniana* (L.) Schultes & Schultes fil.
Vieusseuxia aurantiaca Ecklon, nom. inval.
Vieusseuxia collina Ecklon, nom. inval.
Vieusseuxia grandiflora Ecklon, nom. inval.

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Bobártia, bobártia alaranjada, bobártia aurantíaca, homéria, homéria alaranjada, homéria aurantíaca, homéria de Breyn, jânia, jânia alaranjada, jânia aurantíaca, jânia de Breyn, mórea, mórea de Breyn, moreia, moreia, sisirínquio, sisirínquio alaranjado, sisirínquio aurantíaco.

Endemismo sul-africano, da Província do Cabo (MATTHEWS, 1986h: 361); Planta ornamental herbácea perene zomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Moraea comptonii* (L. Bolus) Goldblatt

= *Homeria comptonii* L. Bolus [basion.]

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Homéria, homéria de Compton, mórea, mórea de Compton, moreia, moreia de Compton.

Endemismo sul-africano, da Província do Cabo (IPNI); Planta ornamental herbácea perene zomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. *Moraea longifolia* (Jacquin) Persoon

= *Ixia longifolia* Jacquin [basion.]

= *Hexaglottis longifolia* (Jacquin) Salisbury

Hexaglottis longifolia (Jacquin) Salisbury var. *agustifolia* G.J. Lewis

Moraea flexuosa L. fil., nom. illeg.

= *Hexaglottis flexuosa* (L. fil.) Sweet

= *Homeria flexuosa* (L. fil.) Sweet

= *Sisyrinchium flexuosum* (L. fil.) Sprengel

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Hexaglótis, hexaglótis de folhas longas, hexaglótis flexuosa, hexaglótis longifolia, homéria, homéria flexuosa, íxia, íxia longifolia, mórea, mórea de folhas longas, mórea flexuosa, mórea longifolia, moreia, moreia de folhas longas, moreia flexuosa, moreia longifolia, sisirínquio, sisirínquio flexuoso.

Endemismo sul-africano, da Província do Cabo (PACIFIC BULB SOCIETY, 2013); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. *Moraea ochroleuca* (Salisbury) Drapiez

Homeria ochroleuca Salisbury

= *Homeria collina* (Thunberg) Salisbury var. *ochroleuca* (Salisbury) Baker

Homeria exaltata Sweet

= *Moraea exaltata* (Sweet) Steudel

Homeria lucasii L. Bolus

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Homéria, homéria de Lucas, homéria exaltada, homéria lucasiana.

Endemismo sul-africano, da Província do Cabo (MATTHEWS, 1986h: 361; IPNI); Planta ornamental herbácea perene zomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

6. *Moraea polyanthos* L. fil.

Homeria lilacina L. Bolus

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Homéria, homéria lilacina, homéria lilacínea, homéria lilás, mórea, mórea de muitas flores, mórea lilacina, mórea lilacínea, mórea lilás, mórea multiflora, mórea polianta, moreia, moreia de muitas flores, moreia lilacina, moreia lilacínea, moreia lilás, moreia multiflora, moreia polianta. Endemismo sul-africano, da Província do Cabo (MATTHEWS, 1986i: 356; IPNI); Planta ornamental herbácea perene zomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim. Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

7. **Moraea ramosissima** (L. f.) Druce

= *Iris ramosissima* L. f. [basion.]

Freuchenia bulbifera Ecklon, nom. inval.

Gladiolus ramosus Murray, nom. illeg.

Iris ramosa Thunberg, nom. illeg.

Moraea bulbifera Jacquin

Moraea racemosa Drège ex Baker

Moraea ramosa Ker Gawler, nom. illeg.

Vieusseuxia freuchenia Steudel, nom. inval.

Vieusseuxia ramosa Ecklon, nom. inval.

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Freuchénia, freuchénia bolbosa, freuchénia bulbífera, freuchénia bulbosa, gladiolo, gladiolo ramificado, gladiolo ramoso, íris, íris ramificada, íris ramosa, mórea, mórea bolbosa, mórea bulbífera, mórea bulbosa, mórea de muitos ramos, mórea racemosa, mórea ramificada, mórea ramosa, mórea ramosíssima, mórea lilacínea, mórea lilás, mórea multiflora, mórea polianta, moreia, moreia bolbosa, moreia bulbífera, moreia bulbosa, moreia de muitos ramos, moreia racemosa, moreia ramificada, moreia ramosa, moreia ramosíssima.

Endemismo sul-africano, da África do Sul: Província do Cabo, de floração predominantemente primavera ou vernal (MATTHEWS, 1986i: 355; HUXLEY & al., 1999c: 260; IPNI); Planta ornamental herbácea perene zomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

8. **Moraea sisyrinchium** (L.) Ker Gawler

= *Iris sisyrinchium* L. [basion.]

= *Gynandris sisyrinchium* (L.) Parlatore

= *Helixyra sisyrinchium* (L.) N.E. Brown

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Ginandríris, helixira, íris, íris sisirrínquio, lírio sisirrínquio, mórea, moreia, sisirrínco, sisirrínquio.

Endemismo da Região Mediterrânica e do SW da Ásia (MILL, 1984e: 412; WEBB & MATTHEWS, 1986: 355), Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, espontânea, sobretudo no Centro e Sul de Portugal (WEBB, 1980i: 92; CARAPETO & al., 2014), raramente cultivada entre nós, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII).

9. **Moraea spathulata** (L. f.) Klatt

= *Iris spathulata* L. f. [basion.]

Iris spathacea Thunberg

= *Moraea spathacea* (Thunberg) Ker Gawler, nom. illeg.

Moraea balenii Stent

Moraea longispatha Klatt

Moraea spathulata (L. f.) Klatt subsp. *autumnalis* Goldblatt

Moraea spathulata (L. f.) Klatt subsp. *saxosa* Goldblatt

Moraea spathulata (L. f.) Klatt subsp. *transvaalensis* Goldblatt

Moraea spathulata (L. f.) Klatt var. *natalensis* Baker

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Íris, íris espatácea, íris espatada, íris espatulada, íris espatosa, íris espatuda, mórea, mórea das pedras, mórea das rochas, mórea do Natal, mórea do Outono, mórea do Transvaal, mórea espatácea, mórea espatada, mórea espatulada, mórea espatosa, mórea espatuda, mórea natalense, mórea natalina, mórea outonal, mórea rupestre, mórea rupícola, mórea saxátil, mórea saxosa, moreia, moreia, moreia das pedras, moreia das rochas, moreia do Natal, moreia do Outono, moreia do

Transvaal, moreia espatácea, moreia espatada, moreia espatulada, moreia espatosa, moreia espatuda, moreia natalense, moreia natalina, moreia outonal, mórea rupestre, moreia rupícola, moreia saxátil, moreia saxosa.

Endemismo sul-africano, da África do Sul e países vizinhos: Lesotho, Moçambique, Swazilândia, Zimbabwe, de floração predominantemente primaveril ou vernal e estival (MATTHEWS, 1986i: 357; HUXLEY & al., 1999c: 260; IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

10. **Moraea vegeta** L.

= *Dietes vegeta* (L.) N.E. Brown

= *Moraea iriopetala* L. f. var. *vegeta* (L.) L. f.

Iris crassifolia Loddiges

Iris tristis L. f.

= *Ferraria tristis* (L. f.) Salisbury

= *Moraea tristis* (L. f.) Ker Gawler

Moraea iriopetala L. f., nom. illeg.

Moraea juncea L.

= *Moraea iriopetala* L. f. var. *juncea* (L.) L. f.

Moraea juncea sensu N.E. Brown

Moraea sordescens Jacquin

Vieusseuxia graminifolia Ecklon, nom. inval.

Vieusseuxia juncea Ecklon ex Steudel, nom. inval.

Vieusseuxia rivularis Ecklon, nom. inval.

Vieusseuxia tristis Ecklon, nom. inval.

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Dietes, dietes triste, ferrária, ferrária triste, íris, íris de folhas gordas, íris triste, mórea, mórea aromática, mórea cheirosa, mórea de cheiro, mórea de folhas gordas, mórea de folhas de junco, mórea de folhas juncóides, mórea de folhas juncosas, mórea de pétalas de íris, mórea sordescente, mórea triste, moreia, moreia de folhas gordas, moreia de folhas de junco, moreia de folhas juncóides, moreia de folhas juncosas, moreia de pétalas de íris, moreia sordescente, moreia triste.

Endemismo sul-africano, da Província do Cabo, de floração predominantemente primaveril ou vernal (MATTHEWS, 1986i: 356; HUXLEY & al., 1999c: 260; IPNI); Planta ornamental herbácea perene zomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

18. **Neomarica** Sprague

[Syn.: *Marica* Schreber; *Marica* (Ker Gawler) Herbert, nom. illeg.]

1. **Neomarica glauca** (Seubert ex Klatt) Sprague

= *Cypella glauca* Seubert ex Klatt [basion.]

= *Marica glauca* (Seubert ex Klatt) Baker

= *Trimezia glauca* (Seubert ex Klatt) Ravenna

Geófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Cipela, márica, neomárica, trimézia.

Endemismo americano, da América tropical (MABBERLEY, 2008: 578), distribuído do sul do México ao Brasil (ROSA, 2000: 143); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa exótica, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

1. **Neomarica northiana** (Schneevogt) Sprague

= *Moraea northiana* Schneevogt [basion.]

= *Cypella northiana* (Schneevogt) Klatt

= *Iris northiana* (Schneevogt) Persoon

= *Marica northiana* (Schneevogt) Ker Gawler

= *Trimezia northiana* (Schneevogt) Ravenna

Cipura sabini Heynhold

Ferraria elegans Salisbury

Marica northiana (Schneevogt) Ker Gawler var. *splendens* Cogniaux

Marica pantherina Salisbury

Marica sabini Loddiges, nom. illeg.

Marica sabiniana Loddiges ex Voigt, nom. illeg.

Moraea vaginata DC.

Neomarica northiana (Schneevogt) Sprague var. *undulata* Sprague

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Cipela, cipela brasileira, cipela de North, cipela do Brasil, cipura, cipura brasileira, cipura de North, cipura do Brasil, cipura sabina, cipura sabiniana, ferrária, ferrária bela, ferrária elegante, ferrária formosa, ferrária pulcra, íris, íris andante, íris bela, íris brasileira, íris de North, íris do Brasil, íris formosa, íris pulcra, lírio, lírio andante, lírio belo, lírio brasileiro, lírio de North, lírio do Brasil, lírio formoso, lírio pulcro, márica, márica bela, márica brasileira, márica de North, márica de pantera, márica do Brasil, márica esplendente, márica esplêndida, márica esplendorosa, márica felina, márica formosa, márica panteriana, márica ondulada, márica panterina, márica pulcra, márica sabina, márica sabiniana, mórea, mórea brasileira, mórea de North, mórea do Brasil, moreia, moreia brasileira, moreia de North, moreia do Brasil, neomárica, neomárica brasileira, neomárica de North, neomárica do Brasil, neomárica ondulada, planta-bengala, trimézia, trimézia brasileira, trimézia de North, trimézia do Brasil.

Endemismo sul-americano, do Brasil, de floração (fugaz ou breve) vernal ou primaveril e estival (MATTHEWS, 1986s: 359; HUXLEY & al., 1999c: 303; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010; WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa exótica, por vezes cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

19. *Olsynium* Rafinesque

1. *Olsynium filifolium* (Gaudichaud-Beaupré) Goldblatt

= *Sisyrinchium filifolium* Gaudichaud-Beaupré [basion.]

= *Bermudiana filifolia* (Gaudichaud-Beaupré) Kuntze

= *Sisyrinchium junceum* Presl subsp. *filifolium* (Gaudichaud-Beaupré) Ravenna

Sisyrinchium filiforme Gaudichaud-Beaupré, orth. var.

Symphystemon lainezii Hicken

= *Phaiophleps lainezii* (Hicken) R.C. Foster

= *Sisyrinchium filifolium* Gaudichaud-Beaupré subsp. *lainezii* (Hicken) Ravenna

Sisyrinchium gaudichaudii A. Dietrich

Sisyrinchium junceum Presl

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Bermudiana, donzela pálida, faiofleps, olsínio, sinfiostémon, sisirínquio, sisirínquio de Gaudichaud, sisirínquio de junco, sisirínquio júnceo, sisirrinco, sisirrinquio, virgem pálida.

Endemismo sul-americano, do Chile e das Ilhas Falkland (ALEXANDER, 1986e: 375; ROSA, 2000: 143); É a única espécie da família das Iridáceas que é nativa das Ilhas Falkland, onde se pode encontrar em charnecas povoadas por arbustos anões (WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

20. *Romulea* Maratti

1. *Romulea bulbocodium* (L.) Sebastiani & Mauri var. *bulbocodium*

= *Crocus bulbocodium* L. [basion.]

= *Ixia bulbocodium* (L.) L.

= *Trichonema bulbocodium* (L.) Ker Gawler

Bulbocodium collinum Kuntze

Ixia europaea Persoon, nom. inval.

Ixia purpurascens Tenore

= *Bulbocodium purpurascens* (Tenore) Kuntze

= *Romulea purpurascens* (Tenore) Tenore

= *Trichonema bulbocodium* (L.) Ker Gawler var. *purpurascens* (Tenore) Steudel

= *Trichonema purpurascens* (Tenore) Sweet

Romulea acutiflora Jordan
Romulea bulbocodium (L.) Sebastiani & Mauri var. *debilis* Sampaio
Romulea bulbocodium (L.) Sebastiani & Mauri var. *dioica* Batt.
Romulea bulbocodium (L.) Sebastiani & Mauri var. *heterodoxa* Maire
Romulea bulbocodium (L.) Sebastiani & Mauri var. *sublutea* Béguinot
Romulea bulbocodium (L.) Sebastiani & Mauri var. *syriaca* Béguinot
Romulea clusiana (Lange) Nyman var. *herculea* Pau ex Merino
Romulea clusiana (Lange) Nyman var. *serotina* Sampaio
Romulea clusiana (Lange) Nyman var. *stenophylla* Merino
Romulea clusiana (Lange) Nyman f. *laticor* Merino
Romulea crocifolia Vis.
= *Bulbocodium crocifolium* (Vis.) Kuntze
Romulea diluta Jordan
Romulea flexifolia Jordan
Romulea grandiflora Tineo
= *Romulea bulbocodium* (L.) Sebastiani & Mauri var. *grandiflora* (Tineo) Parlato
= *Romulea bulbocodium* (L.) Sebastiani & Mauri subsp. *grandiflora* (Tineo) K. Richter
Romulea intermedia Tineo ex Lojaccono, nom. illeg.
Romulea jordanii Béguinot
Romulea lepida Jordan
Romulea longistyla Jordan
Romulea malenconiana Maire
Romulea merinoi Pau ex Béguinot
Romulea multiflora Req. ex Parlato
= *Romulea bulbocodium* (L.) Sebastiani & Mauri var. *multiflora* (Req. ex Parlato) Nyman
Romulea obtusiflora Jordan
Romulea pallida Jordan
Romulea pulchella Jordan & Fourreau
= *Romulea bulbocodium* (L.) Sebastiani & Mauri var. *pulchella* (Jordan & Fourreau) Baker
= *Romulea bulbocodium* (L.) Sebastiani & Mauri subsp. *pulchella* (Jordan & Fourreau) K. Richter
Romulea purpurascens (Tenore) Tenore var. *subpalustris* Nyman
Romulea speciosa Merino, nom. illeg.
Romulea stenotepala Béguinot
= *Romulea bulbocodium* (L.) Sebastiani & Mauri var. *stenotepala* (Béguinot) Maire
Romulea stenotepala Béguinot subsp. *gattefossei* Béguinot
= *Romulea bulbocodium* (L.) Sebastiani & Mauri var. *gattefossei* (Béguinot) Maire
Romulea syrtica Jordan & Fourreau
= *Romulea bulbocodium* (L.) Sebastiani & Mauri var. *syrtica* (Jordan & Fourreau) Baker
= *Romulea bulbocodium* (L.) Sebastiani & Mauri subsp. *syrtica* Jordan & K. Richter
Romulea uliginosa Kunze
= *Romulea bulbocodium* (L.) Sebastiani & Mauri subsp. *uliginosa* (Kunze) Maire & Weiller
= *Romulea purpurascens* (Tenore) Tenore subsp. *uliginosa* (Kunze) Nyman
= *Trichonema uliginosum* (Kunze) Walpers
Romulea vaillantii Quétel
Romulea variegata Merino
= *Trichonema variegatum* (Merino) Sampaio
Trichonema bulbocodium (L.) Ker Gawler var. *rectifolium* Merino
Trichonema clusianum Lange
= *Bulbocodium clusianum* (Lange) Kuntze
= *Romulea bulbocodium* (L.) Sebastiani & Mauri var. *clusiana* (Lange) Batt.
= *Romulea clusiana* (Lange) Nyman
Trichonema clusianum Lange var. *minus* Merino
Trichonema collinum Salisbury
Trichonema parviflorum Gray
Trichonema purpurascens (Tenore) Sweet var. *maritimum* Merino
Trichonema pylum Herbert
= *Romulea bulbocodium* (L.) Sebastiani & Mauri var. *pylia* (Herbert) Baker
= *Romulea bulbocodium* (L.) Sebastiani & Mauri subsp. *pylia* (Herbert) K. Richter
= *Romulea pylia* (Herbert) Klatt
Trichonema subpalustre Herbert

= *Romulea bulbocodium* (L.) Sebastiani & Mauri var. *subpalustris* (Herbert) Baker
 = *Romulea bulbocodium* (L.) Sebastiani & Mauri subsp. *subpalustris* (Herbert) K. Richter
 Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Açafrão dos montes, açafrão montano, bulbocódio, bulbocódio precoce, bulbocódio purpúreo, croco, croco precoce, croco purpúreo, romúlea, romúlea comum, romúlea precoce, romúlea purpúrea, romúlea vulgar, triconema, triconema comum, triconema precoce, triconema purpúreo, triconema vulgar.

Endemismo da Região Mediterrânica; Elemento mediterrânico, muito variável e espalhado pela Região Mediterrânica, de floração estival (MARAIS, 1980a: 99; MARAIS, 1984b: 439; RIX, 1986b: 370; HUXLEY & al., 1999d: 101); Planta ornamental herbácea perene bulbosa, espontânea e comum em Portugal, sobretudo em solos ácidos ou descarboxados (CARDIEL, 2013c: 469-471), em quase todo o País (ARAÚJO & al., 2014bd); Identificação verificada por R.B. Fernandes em 1951.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Romulea columnae* Sebastiani & Mauri subsp. *columnae*

= *Bulbocodium columnae* (Sebastiani & Mauri) Kuntze
 = *Ixia columnae* (Sebastiani & Mauri) Schultes
 = *Trichonema columnae* (Sebastiani & Mauri) Reichenbach

Romulea parviflora Bubani

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Açafrão, açafrão austral, açafrão de flores pequenas, açafrão do Guadiana, açafrão do Sul, açafrão hispânico, açafrão micranto, açafrão minutifloro, açafrão parvifloro, bulbocódio, bulbocódio de flores pequenas, bulbocódio micranto, bulbocódio minutifloro, bulbocódio parvifloro, íxia, íxia de flores pequenas, íxia micranta, íxia minutiflora, íxia parviflora, romúlea, romúlea de flores pequenas, romúlea micranta, romúlea minutiflora, romúlea parviflora, triconema, triconema de flores pequenas, triconema micranta, triconema minutiflora, triconema parviflora.

Endemismo das regiões Euro-Mediterrânica e Macaronésica, incluindo a Grã-Bretanha (WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Elemento mediterrânico (MARAIS, 1984b: 441); Planta ornamental herbácea perene bulbosa, espontânea e pouco comum em Portugal, onde tem sido encontrada por exemplo no litoral minhoto: Mi (cf. LOURENÇO, 2014y), assim como em diversos outros locais, encontrando-se preferencialmente “em sítios rochosos do litoral ou em sítios secos do interior, por vezes em arrelvados pouco húmidos” (FRANCO, 1994b: 146-147), outrora cultivada e actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Romulea ramiflora* Tenore subsp. *ramiflora*

= *Bulbocodium ramiflorum* (Tenore) Kuntze
 = *Ixia ramiflora* (Tenore) Tenore
 = *Trichonema ramiflorum* (Tenore) Sweet

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Bulbocódio, íxia, romúlea, triconema.

Endemismo da Região Mediterrânica (HUXLEY & al., 1999d: 101-102; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Planta ornamental herbácea perene bulbosa, espontânea e pouco comum em Portugal, onde se pode encontrar em prados e arrelvados, sobretudo no Centro e Sul (FRANCO, 1994b: 145-146; CARAPETO & al., 2014x), que outrora se encontrava espontânea na Escola Médica, entre os canteiros (2002, Observ.!), parecendo estar actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Antigamente espontânea na Escola Médica, entre os canteiros (2002, Observ.).

4. *Romulea rosea* (L.) Ecklon

= *Ixia rosea* L. [basion.]
 = *Bulbocodium roseum* (L.) Kuntze
 = *Syringodea rosea* (L.) Klatt
 = *Trichonema roseum* (L.) Ker Gawler

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Bulbocódio, bulbocódio cor de rosa, bulbocódio rosado, bulbocódio róseo, íxia, íxia cor de rosa, íxia rosada, íxia rosa, íxia rósea, romúlea, romúlea cor de rosa, romúlea rosada,

romúlea rósea, siringódea, siringódea cor de rosa, siringódea rosada, siringódea rósea, triconema, triconema cor de rosa, triconema rosado, triconema róseo.

Endemismo sul-africano, de origem capense, da Província do Cabo ocidental, na África do Sul (HUXLEY & al., 1999d: 102); Planta ornamental herbácea perene bolbosa ou rizomatosa perene exótica, muito raramente cultivada e muito raramente subespontânea em Portugal, onde foi recentemente encontrada como subespontânea no Minho: concelho de Paredes de Coura, em 2013 (ARAÚJO, 2013), sendo possivelmente um diáfito, certamente introduzido como planta ornamental; também já foi encontrada naturalizada na França (WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010), encontrando-se actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

21. *Sisyrinchium* L.

1. *Sisyrinchium angustifolium* Miller

= *Bermudiana angustifolia* (Miller) Kuntze

Bermudiana graminea Gaertner

Bermudiana graminifolia Medikus

Bermudiana iridifolia Medikus

Ferraria pulchella Salisbury

Ferraria violacea Salisbury

Marica mucronata Ker Gawler

Sisyrinchium homomallum Klatt

= *Bermudiana homomalla* (Klatt) Kuntze

Sisyrinchium acuminatum Herbert

Sisyrinchium acuminatum Herbert

Sisyrinchium anceps Cavanilles

= *Sisyrinchium bermudiana* Baker var. *anceps* (Cavanilles) A. Gray

Sisyrinchium bermudiana Baker

Sisyrinchium carolinianum E.P. Bicknell

Sisyrinchium cultrifolium Noronha

Sisyrinchium excisum Godr.

Sisyrinchium gramineum Lamarck

Sisyrinchium graminoides E.P. Bicknell

Sisyrinchium hibernicum Á. Löve & D. Löve

Sisyrinchium iridioides Curtis

Sisyrinchium membranaceum E.P. Bicknell

Sisyrinchium nuttallii Sweet

Sisyrinchium ramosum Herbert

Geófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Bermudiana, ferrária, ferrária bela, ferrária pulcra, ferrária violácea, márica, marica, sisirínquo, sisirínquo da Bermuda, sisirínquo de Nuttall, sisirínquo ramoso, sisirínco, sisirínquo.

Endemismo americano, da América tropical (MABBERLEY, 2008: 800); PARENT (1980) e ALEXANDER (1986e) sugeriram que o nome *Sisyrinchium angustifolium* é pouco claro desde a sua publicação original e não deveria ser utilizado; Planta ornamental herbácea perene rizomatosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Sisyrinchium bellum* S. Watson

= *Bermudiana bella* (S. Watson) Greene

= *Sisyrinchium angustifolium* Miller var. *bellum* (S. Watson) Baker

Sisyrinchium eastwoodiae E.P. Bicknell

Sisyrinchium greenei E.P. Bicknell

Sisyrinchium hesperium E.P. Bicknell

Sisyrinchium maritimum A. Heller

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Bermudiana, bermudiana bela, erva de olho azul, sisirínquio, sisirínquio belo, sisirínquio de Eastwood, sisirínquio de Greene, sisirínquio hespério, sisirínquio litoral, sisirínquio marítimo, sisirínquio pulcro, sisirínquio venusto, sisirrinco, sisirrinco belo, sisirínquio, sisirínquio belo.

Endemismo norte-americano, dos Estados Unidos: Califórnia e Novo México (ALEXANDER, 1986e: 376; ROSA, 2000: 145); É frequente a confusão com *Sisyrinchium idahoense* Bicknell [syn.: *Sisyrinchium macounii* Bicknell] (ALEXANDER, l.c.); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

3. *Sisyrinchium bermudiana* L.

= *Bermudiana bermudiana* (L.) Kuntze

= *Marica bermudiana* (L.) Ker Gawler

= *Moraea bermudiana* (L.) Thunberg

Geófito. Origem: Caraíbas.

Alguns nomes comuns possíveis: Bermudiana, marica, moreia, sisirínquio, sisirrinco, sisirínquio.

Endemismo das Índias Ocidentais, naturalizado em certas partes da Europa (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, 2013); PARENT (1980) e ALEXANDER (1986e) sugeriram que o nome *Sisyrinchium bermudiana* é pouco claro desde a sua publicação original e não deveria ser utilizado; Planta ornamental herbácea perene rizomatosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. *Sisyrinchium californicum* (Ker Gawler) Dryander

= *Marica californica* Ker Gawler [basion.]

Hydastylus brachypus Bicknell

= *Sisyrinchium brachypus* (Bicknell) Henry

Hydastylus borealis Bicknell

= *Sisyrinchium boreale* (Bicknell) Henry

Sisyrinchium convolutum auct.

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva de olho amarelo, erva de olho dourado, hidástilo, hidástilo boreal, hidástilo do norte, márica, sisirínquio, sisirínquio californiano, sisirínquio boreal, sisirínquio da Califórnia, sisirínquio do norte, sisirrinco, sisirínquio.

Endemismo norte-americano, do Oeste dos Estados Unidos da América e do Canadá: de Vancouver à Califórnia (ALEXANDER, 1986a: 374; ROSA, 2000: 145); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

5. *Sisyrinchium convolutum* Nocca

= *Bermudiana convoluta* (Nocca) Kuntze

= *Echthronema convoluta* (Nocca) Herbert

= *Marica convoluta* (Nocca) Ker Gawler

Sisyrinchium alatum Hooker var. *guatemalense* Baker

= *Sisyrinchium guatemalense* (Baker) Standley & Steyermark

Sisyrinchium vesiculatum Colla

Geófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Bermudiana, ectronea, marica, sisirínquio, sisirínquio alado, sisirínquio amarelo, sisirínquio líteo, sisirínquio da Guiana, sisirínquio de Guatemala, sisirínquio guatemalense, sisirínquio vesiculado, sisirrinco, sisirínquio.

Endemismo americano, da América tropical: do México ao Peru (ALEXANDER, 1986e: 374); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

6. *Sisyrinchium striatum* Smith

= *Bermudiana striata* (Smith) Moench

= *Marica striata* (Smith) Ker Gawler

= *Panegua striata* (Smith) Rafinesque

Ferraria ochroleuca Salisbury

Moraea sertula Jacquin

Sisyrinchium libertioides Steudel, nom. inval.

Sisyrinchium graminifolium auct.

Sisyrinchium iridifolium auct.

Sisyrinchium lutescens auct.

Sisyrinchium pachyrrhizum auct.

Sisyrinchium reticulatum Persoon

Sisyrinchium sertiflorum Salisbury

Sisyrinchium spicatum Cavanilles

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Bermudiana, bermudiana estriada, márica, márica estriada, panegua, panegua estriada, sisirínquio, sisirínquio amarelo, sisirínquio espigado, sisirínquio estriado, sisirínquio reticulado, sisirínquio, sisirínquio.

Endemismo sul-americano, da Argentina e do Chile, naturalizado nas Ilhas de Scilly (ALEXANDER, 1986: 374-375; ROSA, 2000: 145; IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

22. *Sparaxis* Ker Gawler

1. *Sparaxis bulbifera* (L.) Ker Gawler

= *Ixia bulbifera* L. [basion.]

= *Belamcanda bulbifera* (L.) Moench

= *Pardanthus bulbiferus* (L.) Klatt

Ixia alba L.

Ixia anemoniflora DC., nom. illeg.

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Belancanda, belancanda bulbífera, esparáxis, flor arlequina, flor do arlequim, gladiolo, íxia, íxia alva, íxia bulbífera, íxia branca, romúlea, romúlea bulbífera, sparáxis, sparáxis bulbífera.

Endemismo sul-africano, da África do Sul, Região Capense, da Província do Cabo (GOLDBLATT, 1969; GOLDBLATT, 1992; FRANCO, 1994b: 148; HUXLEY & al., 1999d: 343-344; MABBERLEY, 2008: 809; WIKIPEDIA); em Portugal, foi introduzida como ornamental e assinalada pela primeira vez em 1958, localmente subspontânea na Beira Litoral, em terrenos arenosos (NOGUEIRA & ALMEIDA, 1972: 47), tendo mais tarde sido encontrada também no SW setentrional (FRANCO, 1994b: 148); Planta ornamental herbácea perene bolbosa exótica, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Sparaxis elegans* (Sweet) Goldblatt

= *Streptanthera elegans* Sweet [basion.]

Streptanthera cuprea Sweet

= *Sparaxis cuprea* (Sweet) Klatt

Streptanthera cuprea Sweet var. *non-picta* L. Bolus

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Esparáxis, sparáxis acobreada, esparáxis elegante, estreptantera, estreptantera elegante, gladiolo, íxia, romúlea, sparáxis, sparáxis acobreada, sparáxis elegante, streptantera, streptantera elegante.

Endemismo sul-africano, da África do Sul, Região Capense, província do Cabo (GOLDBLATT, 1992; HUXLEY & al., 1999d: 343-344; ROSA, 2000: 145; MABBERLEY, 2008: 809; WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea perene bolbosa exótica, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

3. *Sparaxis fragrans* (Jacquin) Ker Gawler

= *Ixia fragrans* Jacquin [basion.]

= *Romulea fragrans* (Jacquin) Ecklon

Gladiolus odoratus Schrank, nom. illeg.

Ixia sordida Hornemann

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Esparáxis, gladiolo, íxia, íxia aromática, íxia fragrante, íxia sórdida, romúlea, romúlea aromática, romúlea fragrante, sparáxis, sparáxis aromática, sparáxis fragrante.

Endemismo sul-africano, da África do Sul, Região Capense, da Província do Cabo (GOLDBLATT, 1969; GOLDBLATT, 1992; HUXLEY & al., 1999d: 343-344; MABBERLEY, 2008: 809; WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea perene bulbosa exótica, por vezes cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000).

4. ***Sparaxis grandiflora*** (D. Delaroche) Ker Gawler

= *Ixia grandiflora* D. Delaroche [basion.]

= *Sparaxis fragrans* (Jacq.) Ker Gawler subsp. *grandiflora* (D. Delaroche) Goldblatt

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Esparáxis, esparáxis de flores grandes, esparáxis *grandiflora*, esparáxis macranta, íxia, íxia de flores grandes, íxia *grandiflora*, íxia macranta, sparáxis, sparáxis de flores grandes, sparáxis *grandiflora*, sparáxis macranta.

Endemismo sul-africano, da África do Sul, Região Capense, da Província do Cabo (GOLDBLATT, 1969; GOLDBLATT, 1992; HUXLEY & al., 1999d: 343-344; ROSA, 2000: 145; MABBERLEY, 2008: 809; WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea perene bulbosa exótica, por vezes cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

5. ***Sparaxis tricolor*** (Schneevogt) Ker Gawler

= *Ixia tricolor* Schneevogt [basion.]

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Esparáxis, esparáxis de flores de três cores, esparáxis de flores tricolores, esparáxis de três cores, esparáxis *tricolor*, íxia, íxia de flores de três cores, íxia de flores tricolores, íxia de três cores, íxia *tricolor*, sparáxis, sparáxis de flores de três cores, sparáxis de flores tricolores, sparáxis de três cores, sparáxis *tricolor*.

Endemismo sul-africano, da África do Sul, Região Capense, da Província do Cabo, já introduzido na Califórnia, de floração vernal ou primaveril, depois das chuvas de Inverno (GOLDBLATT, 1969; GOLDBLATT, 1992; GOLDBLATT, 2003; HUXLEY & al., 1999d: 343-344; MABBERLEY, 2008: 809; WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea perene bulbosa exótica, por vezes cultivada e já subspontânea ou adventícia em Portugal, onde terá certamente sido introduzida como ornamental, pelas suas belas flores de três cores muito vivas (amarelo, laranja e vermelho escuro), e ter-se-á escapado da cultura, tendo sido encontrada subspontânea pela primeira vez em Montemor-o-Velho, nos campos cultivados da bacia do Mondego, em 1944 (VASCONCELLOS & FRANCO, 1958: 45-46; PINTO DA SILVA, 1963: 406; FRANCO, 1994b: 148); também a encontramos casualmente naturalizada no Algarve, no Barrocal algarvio, em Malhão (S. Romão), entre os concelhos de Loulé e S. Brás de Alportel, num local calcário com orquídeas, na margem da estrada (IV.2003, Observ.!); no Jardim Botânico, ainda era recentemente cultivada.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII); Escolas de Sistemática e Mata (TAVARES & ALVES, 2002).

6. ***Sparaxis villosa*** (Burm. f.) Goldblatt

= *Gladiolus villosus* Burmann fil. [basion.]

= *Synnotia villosa* (Burm. fil.) N.E. Brown

Gladiolus bicolor Thunberg

= *Anactorion bicolor* (Thunberg) Rafinesque

= *Hebea bicolor* (Thunberg) Ecklon

= *Ixia bicolor* (Thunberg) Ker Gawler

= *Sparaxis bicolor* (Thunberg) Ker Gawler

= *Synnotia bicolor* (Thunberg) Sweet

Gladiolus lamarckii Roemer & Schultes

Gladiolus puniceus Lamarck

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Anactório, anactório bicolor, anactório de duas cores, esparáxis, esparáxis pilosa, esparáxis pubescente, esparáxis *tricolor*, esparáxis villosa, gladiolo, gladiolo bicolor, gladiolo de

duas cores, gladiolo de Lamarck, gladiolo hirsuto, gladiolo lamarckano, gladiolo lamarckiano, gladiolo peludo, gladiolo piloso, gladiolo puniceo, gladiolo púnico, gladiolo viloso, hébea, hébea bicolor, hébea de duas cores, íxia, íxia bicolor, íxia de duas cores, sinótia, sinótia bicolor, sinótia de duas cores, sinótia hirsuta, sinótia peluda, sinótia pilosa, sinótia vilosa, sparáxis, sparáxis pilosa, sparáxis pubescente, sparáxis tricolor, sparáxis vilosa.

Endemismo sul-africano, da África do Sul, Região Capense, Província do Cabo (HUXLEY & al., 1999d: 343-344; MABBERLEY, 2008: 809; PACIFIC BULB SOCIETY, 2013); Planta ornamental herbácea perene bulbosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

7. *Sparaxis* sp.

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Esparáxis, sparáxis.

Endemismo sul-africano, da África do Sul, Região Capense (HUXLEY & al., 1999d: 343-344; MABBERLEY, 2008: 809); Planta ornamental herbácea perene bulbosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

23. *Tigridia* Jussieu

1. *Tigridia pavonia* (L. f.) DC.

= *Ferraria pavonia* L. f. [basion.]

= *Moraea pavonia* (L. f.) Thunberg

= *Vieusseuxia pavonia* (L. f.) DC.

Ferraria tigridia Sims, nom. illeg.

= *Marica tigridia* (Sims) Lehm., nom. illeg.

= *Moraea tigridia* (Sims) Baker

Tigridia lutea Link, Klotzsch & Otto

= *Beatonia lutea* (Link, Klotzsch & Otto) Klatt

Sisyrinchium grandiflorum Cavanilles

= *Beatonia grandiflora* (Cavanilles) Klatt

= *Moraea grandiflora* (Cavanilles) Persoon

= *Tigridia grandiflora* (Cavanilles) Diels, nom. illeg.

Sisyrinchium palmifolium Sessé & Mocinho, nom. illeg.

Tigridia conchiflora Sweet

= *Tigridia pavonia* (L. f.) DC. f. *conchiflora* (Sweet) Voss

= *Tigridia pavonia* (L. f.) DC. var. *conchiflora* (Sweet) Baker

Tigridia oxypetala R. Morris

Tigridia pringlei S. Watson

Tigridia speciosa Poit.

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Beatónia, beatónia amarela, beatónia lútea, ferrária, moreia, sisirrínquio, tigrídia, tigrídia amarela, tigrídia lútea

Endemismo norte-americano, do México (IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

24. *Tritonia* Ker Gawler

1. *Tritonia crocata* (L.) Ker Gawler

= *Ixia crocata* L. [basion.]

= *Crocasmia crocata* (L.) Planchon

= *Gladiolus crocatus* (L.) Persoon

= *Montbretia crocata* (L.) Endlicher

= *Tritonixia crocata* (L.) Klatt

= *Waitzia crocata* (L.) Hoffmann

Ixia crocata Thunberg

Ixia fenestrata Jacquin

= *Belamcanda fenestrata* (Jacquin) Moench

= *Crocasmia fenestrata* (Jacquin) Planchon

= *Montbretia fenestrata* (Jacquin) Endlicher

= *Tritonia fenestrata* (Jacquin) Ker Gawler

= *Waitzia fenestrata* (Jacquin) Kreysig

Ixia hyalina L. fil.

= *Tritonia hyalina* (L. fil.) Baker

Ixia iridifolia D. Delaroche

Ixia hyalina Salisbury, nom. illeg.

Ixia planifolia Miller, nom. inval.

Ixia purpurea Lamarck, nom. illeg.

Freesia mineatolateritia Ecklon

Montbretia sanguinea Heynhold

Tritonia purpurea Ker Gawler

= *Montbretia purpurea* (Ker Gawler) Heynhold

= *Tritonia crocata* (L.) Ker Gawler var. *purpurea* (Ker Gawler) Baker

= *Tritonixia purpurea* (Ker Gawler) Klatt

Tritonia sanguinea Ecklon

= *Tritonia crocata* (L.) Ker Gawler var. *sanguinea* (Ecklon) Baker

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Belancanda, crocósma, crocósma, crocósma hialina, frésia, frísia, íxia, íxia hialina, montbrécia, montbrécia purpúrea, montbrétia, montbrétia purpúrea, tritónia, tritónia, tritónia, tritónia hialina, tritónia purpúrea, tritoníxia, tritoníxia hialina, tritoníxia purpúrea, uáitzia, wáitzia, váitzia.

Endemismo sul-africano, exclusivo da África do Sul: Província do Cabo, de floração predominantemente vernal e estival (CULLEN, 1986o: 387; HUXLEY & al., 1999d: 515); Planta ornamental herbácea perene exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Tritonia deusta* (Aiton) Ker Gawler

= *Ixia deusta* Aiton [basion.]

= *Crocasmia deusta* (Aiton) Planchon

= *Montbretia deusta* (Aiton) Endlicher

= *Tritonixia deusta* (Aiton) Klatt

= *Waitzia deusta* (Aiton) Kreysig

Ixia gibba Salisbury

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Crocósma, íxia, montbrécia, montbrétia, tritónia, tritoníxia, uáitzia, wáitzia, váitzia.

Endemismo sul-africano, exclusivo da África do Sul: Província do Cabo, de floração predominantemente vernal ou primaveril (HUXLEY & al., 1999d: 515); Planta ornamental herbácea perene exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Tritonia gladiolaris* (Lamarck) Goldblatt & J.C. Manning

= *Ixia gladiolaris* Lamarck [basion.]

Gladiolus lineatus Salisbury

Ixia lineata Salisbury

= *Montbretia lineata* (Salisbury) Voigt

= *Sparaxis lineata* (Salisbury) Pax, nom. illeg. = *Tritonia lineata* (Salisbury) Ker Gawler

= *Tritonixia lineata* (Salisbury) Klatt

= *Waitzia lineata* (Salisbury) Kreysig

= *Watsonia lineata* (Salisbury) Klatt

Ixia reticulata Thunberg

Ixia venosa Link

= *Gladiolus venosus* (Link) Willdenow

Tritonia catenularis Salisbury

Tritonia flavida Schlechter

Tritonia krausii Baker

Tritonia lineata (Salisbury) Ker Gawler var. *parvifolia* M.P. de Vos

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Crocósma, crocósma, crocósma, esparáxis, íxia, íxia gladiolar, íxia reticulada, íxia venosa, gladiolo, gladiolo venoso, montbrécia, montbrétia, sparáxis, tritónia, tritónia amarela, tritónia amarelada, tritónia de folhas pequenas, tritónia de Kraus, tritónia gladiolar, tritónia parvifolia, tritoníxia, uáitzia, wáitzia, váitzia, uatsónia, watsónia, vatsónia.

Endemismo sul-africano, exclusivo da África do Sul e do Lesotho, de floração predominantemente hiemal e vernal ou primaveril (HUXLEY & al., 1999d: 515); Planta ornamental herbácea perene exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

25. *Watsonia* Miller

1. *Watsonia fourcadei* J.W. Mathews & L. Bolus

Watsonia ryderae L. Bolus

Watsonia stanfordiae L. Bolus

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Uatsónia, uatsónia de Fourcade, uatsónia de Ryder, uatsónia de Stanford, watsónia watsónia de Fourcade, watsónia de Ryder, watsónia de Stanford, vatsónia, vatsónia de Fourcade, vatsónia de Ryder, vatsónia de Stanford.

Endemismo sul-africano, exclusivo da África do Sul: Província do Cabo, de floração predominantemente vernal e estival (CAMPBELL, 1986d: 385; HUXLEY & al., 1999d: 695); Planta ornamental herbácea perene exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Watsonia fulgens* (Andrews) Persoon

= *Antholyza fulgens* Andrews [basion.]

= *Watsonia iridifolia* (Jacquin) Ker Gawler var. *fulgens* (Andrews) Ker Gawler

Watsonia fulgida Salisbury, nom. illeg.

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Antoliza, uatsónia, watsónia, vatsónia.

Endemismo sul-africano, exclusivo da África do Sul: Província do Cabo, de floração predominantemente estival (CAMPBELL, 1986d: 384); Planta ornamental herbácea perene exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Watsonia marginata* (L. fil.) Ker Gawler

= *Gladiolus marginatus* L. fil. [basion.]

= *Antholyza marginata* (L. fil.) Page ex Steudel

= *Ixia marginata* (L. fil.) Aiton

= *Neuberia marginata* (L. fil.) Ecklon, nom. inval.

Gladiolus glumaceus Thunberg

= *Watsonia glumacea* (Thunberg) Ascherson & Graebner

Ixia sceptrum Baker

Watsonia marginata (L. fil.) Ker Gawler var. *minor* Ker Gawler

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Antoliza, antoliza marginada, ceptro, gladiolo, gladiolo marginado, íxia, íxia-ceptro, íxia marginada, neubéria, neubéria marginada, uatsónia, uatsónia marginada watsónia, watsónia marginada, vatsónia, vatsónia marginada.

Endemismo sul-africano, exclusivo da África do Sul: Província do Cabo, de floração predominantemente vernal e estival (CAMPBELL, 1986d: 384; HUXLEY & al., 1999: 695); Planta ornamental herbácea perene exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. *Watsonia meriana* (L.) Miller var. *bulbillifera* (J.W. Mathews & L. Bolus) D.A. Cooke

= *Watsonia bulbilifera* J.W. Mathews & L. Bolus [basion.]

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Uatsónia, uatsónia bulbífera, uatsónia bulbilífera, uatsónia meriana, watsónia, watsónia bulbífera, watsónia bulbilífera, watsónia meriana, vatsónia, vatsónia bulbífera, vatsónia bulbilífera, vatsónia meriana.

Endemismo sul-africano, exclusivo da África do Sul: Província do Cabo, de floração predominantemente vernal ou primaveril e estival (CAMPBELL, 1986d: 385; HUXLEY & al., 1999d: 515); Planta ornamental herbácea perene bolbosa, por vezes cultivada e subespontânea no Sul de Portugal, já citada como naturalizada desde 1956 (PINTO DA SILVA & RAINHA, 1956: 22-23); também foi já encontrada naturalizada no litoral do Minho (BUIRA & CALVO, 2011).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

5. *Watsonia meriana* (L.) Miller var. *meriana*

= *Antholyza meriana* L. [basion.]

= *Gladiolus merianus* (L.) Thunberg

= *Gladiolus merianus* (L.) Jacquin

= *Ixia meriana* (L.) Link

Gladiolus amoenus Salisbury

Watsonia ardernei Sander

Watsonia stohrii L. Bolus

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Antoliza, antoliza meriana, gladiólo, gladiólo ameno, gladiólo meriano, íxia, íxia meriana, uatsónia, uatsónia meriana, watsónia, watsónia meriana, vatsónia, vatsónia meriana.

Endemismo sul-africano, exclusivo da África do Sul: Província do Cabo, de floração predominantemente estival (CAMPBELL, 1986d: 385; HUXLEY & al., 1999: 695); Planta ornamental herbácea perene exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

6. *Watsonia versfeldii* J.W. Matthews & L. Bolus

Watsonia ecklonii L. Bolus

Watsonia versfeldii J.W. Matthews & L. Bolus var. *alba* J.W. Matthews & L. Bolus

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Uatsónia, uatsónia alva, uatsónia branca, uatsónia de Ecklon, uatsónia de Versfeld, watsónia, watsónia de Ecklon, watsónia de Versfeld, vatsónia, vatsónia de Ecklon, vatsónia de Versfeld.

Endemismo sul-africano, exclusivo da África do Sul: Província do Cabo, de floração predominantemente vernal ou primaveril (HUXLEY & al., 1999: 695; IPNI); Planta ornamental herbácea perene exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

7. *Watsonia wilmaniae* J.W. Mathews & L. Bolus

Watsonia desmidtii L. Bolus

Watsonia starkeae L. Bolus

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Uatsónia, uatsónia de Wilman, watsónia, watsónia de Wilman, vatsónia, vatsónia de Wilman.

Endemismo sul-africano, exclusivo da África do Sul: Província do Cabo, de floração vernal, estival e outonal (CAMPBELL, 1986d: 384; HUXLEY & al., 1999: 686); Planta ornamental herbácea perene exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

8. *Watsonia wordsworthiana* J.W. Mathews & L. Bolus

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Uatsónia, uatsónia de Wordsworth, watsónia, watsónia de Wordsworth, vatsónia, vatsónia de Wordsworth.

Endemismo sul-africano, exclusivo da África do Sul: Província do Cabo, de floração predominantemente estival (CAMPBELL, 1986d: 385); Planta ornamental herbácea perene exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

CXV. IXIOLIRIONACEAE [1 sp.]²⁶⁸**1. Ixiolirion** Fischer ex Herbert**1. Ixiolirion tataricum** (Pallas) Herbert var. **tataricum***Amaryllis tatarica* Pallas [basion.]*Alstroemeria triflora* Griff.*Amaryllis montana* Labillardière= *Alstroemeria montana* (Labillardière) Ker Gawler= *Ixiolirion montanum* (Labillardière) Schultes & Schultes f.= *Ixiolirion montanum* (Labillardière) Herbert= *Ixiolirion tataricum* (Pallas) Herbert subsp. *montanum* (Labillardière) Takhtajan*Amaryllis tatarica* Georgi, nom. illeg.*Ixiolirion ledebourii* Fischer & C.A. Meyer= *Ixiolirion tataricum* (Pallas) Herbert subsp. *ledebourii* (Fischer & C.A. Meyer) Krylov= *Ixiolirion tataricum* (Pallas) Herbert var. *ledebourii* (Fischer & C.A. Meyer) Regel*Ixiolirion macranthum* Baker*Ixiolirion pallasii* Fischer & C.A. Meyer ex Ledebour, nom. illeg.*Ixiolirion sintenisii* Leichtlin*Ixiolirion tataricum* (Pallas) Herbert var. *intermedium* Regel

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Alstroeméria de três flores, alstroeméria montana, alstroeméria triflora, Amarílis montana, amarílis tatária, ixiolíriion, ixiolíriion das montanhas, ixiolíriion de Ledebour, ixiolíriion de Sintenis, ixiolíriion grandifloro, ixiolíriion macranto, ixiolíriion montano.

Endemismo eurasiático, da Ásia central e do SW (MABBERLEY, 2008: 439), de floração vernal (primaveril) e estival (CULLEN, 1986f: 294); Elemento Irano-Turânico (MILL, 1984c: 373); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

CXVI. JUNCACEAE [13 sp.]**1. Juncus** L.**1. Juncus bufonius** L.= *Tenageia bufonia* (L.) Fourreau*Juncus foliosus* auct. lusit., non Desfontaines

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva de rã, erva de sapo, erva ranal, erva ranária, erva ranática, erva raneira, erva rânica, erva raninha, erva ranítica, erva ranosa, erva rãzeira, erva rãzinha, erva sapeira, erva sapinha, erva saposa, erva sapuda, junco, junco bufão, junco bufinho, junco bufino, junco bufo, junco bufónio, junco bufoso, junco das rãs, junco dos sapinhos, junco dos sapos, junco ranado, junco ranário, junco raneiro, junco ranino, junco rãzeiro, junco sapário, junco sapeiro, junco sápico, junco sapinho, junco sapino, junco sapítico, junco saposo, junquinho, junquinho das rãs, junquinho dos sapos, junquinho sapudo, tenageia, tenageia bufónia, tenageia dos sapos, tenageia sapeca, tenageia sapeira, tenageia sapina, tenageia sapinha, tenageia sapuda.

Planta possivelmente autóctone da Região Paleártica, actualmente de distribuição cosmopolita (ROMERO ZARCO, 2008; ROMERO ZARCO, 2010: 176-178); Terófito mais ou menos cespitoso, raramente unicaule, vulgar em sítios húmidos ou encharcados, por vezes só temporariamente alagados (SAMPAIO, 1936: 9; FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 15); Planta ornamental e ruderal herbácea anual, espontânea e comum em Portugal (ALMEIDA & al., 2014m).

Distribuição/localização no Jardim: Disseminada no Jardim e na Mata, em sítios frescos e húmidos (IV.2010, Observ.!).

²⁶⁸ Ou “*Ixioliriaceae*”, segundo vários outros autores; trata-se de uma família monogenérica, cujo género *Ixiolirion* Fischer ex Herbert inclui cerca de três espécies de distribuição predominantemente mediterrânica e irano-turânica (DAVIS, 1984: 373; KUBITZKI, 1998; SEBERG, 2007: 374-375; MABBERLEY, 2008: 439; TAKHTAJAN, 2009: xlv; 656).

2. **Juncus effusus** L. subsp. **effusus**

Juncus effusus L. var. *subglomeratus* DC.

Juncus effusus L. var. *longibracteatus* A. Fernandes & R. Fernandes

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Junco, junco efuso.

Planta de distribuição subcosmopolita (ROMERO ZARCO, 2010: 176-178); Hemicriptófito semi-arrosetado formando tufos densos, em prados-junciais sobre solos profundos e húmidos, espontâneo e comum em Portugal (SAMPAIO, 1936: 8; FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 9; ROMERO ZARCO, 2008); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

3. **Juncus hybridus** Brotero

Juncus ambiguus Gussone

Juncus bufonius L. var. *fasciculatus* Koch

Juncus insulanus Viviani

= *Juncus bufonius* L. subsp. *insulanus* (Viviani) Jahandiez & Maire

Juncus fasciculatus sensu Willkomm (1893), pp., non Schrank (1789)

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva de sapo, erva sapa, erva sapária, erva saparina, erva sapeira, erva sapinha, erva sapos, junco, junco ambíguo, junco da ambiguidade, junco das rãs, junco de Brotero, junco de rã, junco de sapo, junco dos sapinhos, junco dos sapos, junco híbrido, junco fasciculado, junco fascicular, junco ranado, junco ranário, junco raneiro, junco ranino, junco razeiro, junco sapário, junco sapeiro, junco sapinho, junco sapino, junco sapos, resvala-bois.

Endemismo eurasiático, macaronésico e mediterrânico, actualmente introduzido na América do Norte, na Austrália e no Sul de África, distribuído por quase toda a Península Ibérica, próprio de prados terofíticos em solos temporariamente inundados por água doce ou com alguma salinidade (FERNÁNDEZ-CARVAJAL, 1987: 220; ROMERO ZARCO, 2008; ROMERO ZARCO, 2010: 162-164); Planta ornamental e ruderal herbácea anual, espontânea e pouco comum em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Disseminada no Jardim e na Mata, em sítios frescos e húmidos (VI.2010, Observ. e Herb.!).

4. **Juncus imbricatus** Laharpe

Juncus capillaceus Lamarck var. *chilensis* Buchenau

Juncus chamissonis Kunth

= *Juncus imbricatus* Laharpe var. *chamissonis* (Kunth) Buchenau

Juncus chamissonis Kunth f. *pusillus* Buchenau

Juncus colinus Steudel

Juncus lechleri Steudel

= *Juncus imbricatus* Laharpe var. *lechleri* (Steudel) Buchenau

Juncus pringlei Fernald

Juncus spanianthus Steudel

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Junco, junco chamissão, junco chamisso, junco chileno, junco chilense, junco colino, junco de Chamisso, junco de Lechler, junco de Pringle, junco de Urville, junco do Chile, junco imbricado, junco sul-americano.

Endemismo sul-americano, embora seja actualmente uma espécie de vasta distribuição mundial: América do Norte (México), América do Sul (nos Andes pode-se encontrar até altitudes entre os 2500 e os 3800 m, por exemplo em estradas e campos abandonados), Sul de África, Austrália e Nova Zelândia, já naturalizada na Península Ibérica, sobretudo em regiões costeiras, que pode crescer em locais muito secos, ao contrário do que habitualmente acontece com a maioria dos juncos, também por vezes subespontâneo em arrozais (SNOGERUP, 1980: 106; ROMERO ZARCO, 2010: 171; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010; WIKIPEDIA); Esta planta foi herborizada em Coimbra a partir de 1946, onde se encontrou “em quantidade, numa encosta xistosa seca e por entre os calhaus do empedrado de velhos caminhos, acomodado à natureza do solo e francamente adaptado. Graças aos fortes rizomas, bastante enterrados no solo, é provável que resista aos factores externos tendentes a promover a sua destruição” (FERNANDES, 1954: 137-143); Planta ornamental perene, muito raramente cultivada e subespontânea em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. *Juncus squarrosus* L.= *Tenageia squarrosa* (L.) Fourreau*Juncus ellmanii* C.E. Hubbard, Sandwith & Turrill= *Juncus squarrosus* L. subsp. *ellmanii* (C.E. Hubbard, Sandwith & Turrill) Maire & Weiller*Juncus squarrosus* L. var. *glomeratus* Hartman*Juncus squarrosus* L. var. *longibracteatus* Zapalowicz*Juncus sprengelii* Willdenow*Juncus squamosus* Link*Juncus strictus* Lucé

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Junco, junco cervunal, junco das turfeiras, junco de Ellman, junco de Sprengel, junco dos cervunais, junco dos lameiros húmidos, junco esgarroso, xunco, xunco cervunal, xunco das turfeiras, xunco dos cervunais, xunco dos lameiros húmidos, xunco esgarroso.

Endemismo eurasiático e norte-africano (Marrocos), actualmente introduzido na América do Norte, Grónlandia, Nova Zelândia e Tasmânia, próprio de prados, turfeiras e urzais de montanha, em substrato ácido (SNOGERUP, 1980: 106; ROMERO ZARCO, 2010: 172-173; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010; ALMEIDA & al., 2014b); Planta ornamental herbácea perene arrosetada cespitosa e rizomatosa autóctone, que ocorre em solos ácidos em locais húmidos e inundados, sobretudo nas montanhas, como os lameiros de altitude, cervunais higrófilos e diversos tipos de fitocenoses turfosas (FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 11; HONRADO, 2003: 184), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Luzula* DC.[Syn.: *Ebingeria* Chrtek & Křisa;*Gymnodes* (Grisebach) Fourreau = *Luzula* DC. sect. *Gymnodes* Grisebach= *Juncoides* Séguier sect. *Gymnodes* (Grisebach) Kuntze;*Juncoides* Séguier, nom. rejic.; *Nemorinia* Fourreau]**1. *Luzula elegans* Lowe**= *Ebingeria elegans* (Lowe) Chrtek & Křisa*Luzula berthelotii* Nees ex Kunth*Luzula purpurea* Link ex E. Meyer= *Juncoides purpurea* (Link ex E. Meyer) Kuntze

Terófito. Origem: Macaronésia.

Alguns nomes comuns possíveis: Ebingeria, ebingeria elegante, ebingeria purpúrea, erva de Ebinger, erva ebingeria, erva ebingerina, erva juncácea, erva junça, erva junciforme, erva juncina, erva juncinha, erva juncóide, erva lucente, erva lúcia, erva lucífera, erva luciférica, erva luciferina, erva lucinha, erva lucíola, erva luciolar, erva luciólica, erva luciolina, erva luciótica, erva luciosa, erva luminar, erva luminescente, erva luminosa, erva luzina, erva luzinha, erva lúzula, erva luzúlica, erva luzulina, erva luzulinha, junça, junça de Ebinger, junça ebingeria, junça ebingerina, junça elegante, junça purpúrea, juncinha, juncinha de Ebinger, juncinha ebingeria, juncinha ebingerina, juncinha elegante, juncinha purpúrea, junco, junco de Ebinger, junco ebingerio, junco ebingerino, juncoídes, juncoídes de Ebinger, juncoídes ebingeria, juncoídes ebingerina, juncoídes purpúrea, junquinho, junquinho de Ebinger, junquinho ebingerio, junquinho ebingerino, junquinho elegante, junquinho purpúreo, lúzula, lúzula anual, lúzula ânua, lúzula berthelotiana, lúzula canária, lúzula canarina, lúzula canarina, lúzula da Madeira, lúzula das canárias, lúzula de Berthelot, lúzula de Ebinger, lúzula ebingeria, lúzula ebingerina, lúzula elegante, lúzula madeirense, lúzula purpúrea, luzulinha.

Endemismo da Macaronésia: arquipélagos da Madeira (raríssima, onde surge na floresta *laurisilva* e noutros locais de altitude média) e das Ilhas Canárias: Gomera, Gran Canaria, Hierro, La Palma, Tenerife (VIEIRA, 1992: 97; KIRSCHNER & al., 2002: 20; CHILTON, 2013c: 36; CHILTON, 2013f: 32); Esta espécie é a única constituinte do subgénero *Marlenia* Ebinger (1963) [= *Ebingeria* Chrtek & Křisa], nativa da Macaronésia e introduzida em Portugal: BB, BL e E (KIRSCHNER & al., *l.c.*; FERNÁNDEZ PIEDRA & TALAVERA, 2009; FERNÁNDEZ PIEDRA & TALAVERA, 2010: 222); Planta ornamental anual de pequeno porte, muito raramente naturalizada em Portugal, em clareiras de matos e sítios sombrios húmidos, em solos arenosos ou rochosos, já encontrada em Coimbra, na Fonte do Gato, desde a Primavera de 1886 (HENRIQUES, 1886b: 125; COUTINHO, 1890; CHRTEK & KŘISA, 1980: 115; FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 30), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Luzula forsteri* (Smith) DC. subsp. *forsteri*

- = *Juncus forsteri* Smith [basion.]
- = *Juncoides forsteri* (Smith) Kuntze
- = *Luciola forsteri* (Smith) Smith
- = *Luzula vernalis* (Reichard) DC. subsp. *forsteri* (Smith) Bonnier & Layens
- = *Nemorinia forsteri* (Smith) Fourreau
- = *Pterodes forsteri* (Smith) Börner
- Luzula callosa* Rafinesque
- Luzula decolor* Webb & Berthelot
- Luzula forsteri* (Smith) DC. subsp. *baetica* P. Montserrat
- Luzula forsteri* (Smith) DC. subsp. *cantabrica* P. Montserrat
- Luzula forsteri* (Smith) DC. subsp. *catalaunica* P. Montserrat
- Luzula forsteri* (Smith) DC. subsp. *flaccida* Ascherson & Graebner
- Luzula forsteri* (Smith) DC. var. *macrantha* Kožuharov
- Luzula forsteri* (Smith) DC. var. *macrospica* Kožuharov
- Luzula forsteri* (Smith) DC. var. *media* Kožuharov
- Luzula forsteri* (Smith) DC. var. *pallida* Parlato
- Luzula gesneri* Bubani, nom. superfl.

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva juncácea, erva junça, erva junciforme, erva juncina, erva juncinha, erva juncóide, erva lucente, erva lúcia, erva lucífera, erva luciférica, erva luciferina, erva lucina, erva lucinda, erva lucinha, erva luciôla, erva luciolar, erva luciólica, erva luciolina, erva luciótica, erva luciosa, erva luminar, erva luminescente, erva luminosa, erva luzina, erva luzinha, erva lúzula, erva luzúlica, erva luzulina, erva luzulinha, junça, juncinha, juncóide, juncóide de Forster, juncóide forsteriano, juncóide forsterino, junco, junco de Forster, junco forsteriano, junco forsterino, luciôla, luciôla forsteriana, luciôla de Forster, luciôla forsteriana, luciôla forsterina, lúzula, lúzula bética, lúzula calosa, lúzula cantábrica, lúzula catalã, lúzula da Bética, lúzula da Cantábria, lúzula da Catalunha, lúzula de espigas grandes, lúzula de flores grandes, lúzula de Forster, lúzula de Gesner, lúzula flácida, lúzula forsteriana, lúzula gesneriana, lúzula grandiflora, lúzula macranta, lúzula média, lúzula mediana, nemorínia, nemorínia de Forster, nemorínia forsteriana, nemorínia forsterina, pterodes, pterodes de Forster, pterodes forsteriana, pterodes forsterina.

Endemismo eurasiático, macaronésico (incluindo o arquipélago das Ilhas Canárias) e norte-africano, no qual se verifica um acentuado polimorfismo (FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 30-31), de floração hiemal e vernal, própria de solos ácidos e húmidos, no sub-bosque de diversos tipos de bosque e suas orlas: azinhais, carvalhais, faiais, sobrais, sotos; de natureza algo calcífuga; Elemento Euro-Siberiano (CHRTK & KŘÍSA, 1980: 115-116; SNOGERUP, 1985: 26-27; VALDÉS, 1987b: 228; BOLÒS & VIGO, 2001: 198; FERNÁNDEZ PIEDRA & TALAVERA, 2009; FERNÁNDEZ PIEDRA & TALAVERA, 2010: 218-219; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010; WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, cespitosa e estolonífera, espontânea e comum em Portugal (FRANCO & ROCHA AFONSO, *l.c.*).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

3. *Luzula multiflora* (Ehrhart) Lejeune subsp. *multiflora*

- = *Juncus campestris* L. var. *multiflorus* Ehrhart [basion.]
- = *Cyperella campestris* (L.) MacMiller var. *multiflora* (Ehrhart) MacMiller
- = *Gymnodes multiflora* (Ehrhart) Fourreau
- = *Juncus multiflorus* (Ehrhart) Ehrhart
- = *Juncoides campestris* (L.) Kuntze subsp. *multiflora* (Ehrhart) E. Sheld. ex Piper & Beattie
- = *Juncoides campestris* (L.) Kuntze var. *multiflora* (Ehrhart) E. Sheld.
- = *Juncoides multiflora* (Ehrhart) Druce
- = *Luzula campestris* (L.) DC. subsp. *multiflora* (Ehrhart) Schübler & G. Martens
- = *Luzula campestris* (L.) DC. subsp. *multiflora* (Ehrhart) Buchenau
- = *Luzula campestris* (L.) DC. var. *multiflora* (Ehrhart) Čelakovský
- = *Luzula intermedia* Spenner var. *multiflora* (Ehrhart) Spenner
- Juncoides erecta* Boulger, nom. illeg.
- Juncus campestris* L. var. *tenuis* Retzius
- Juncus erectus* Persoon, nom. illeg.

Juncus intermedius Thullier

= *Juncoides intermedia* (Thullier) Rydberg

= *Luzula intermedia* (Thullier) Spenner, nom. illeg., non Nocca & Balbis

Juncus nemorosus Host (1805), nom. illeg., non Pollich (1776)

Luzula ambigua Soó

Luzula campestris (L.) DC. var. *acadiensis* Fernald

= *Luzula multiflora* (Ehrhart ex Retzius) Lejeune var. *acadiensis* (Fernald) Fernald

Luzula campestris (L.) DC. var. *bulbosa* Alphonso Wood

= *Luzula multiflora* (Ehrhart ex Retzius) Lejeune var. *bulbosa* (Alphonso Wood) F.J. Hermann

Luzula campestris (L.) DC. subsp. *carpetana* Rivas Martínez

Luzula campestris (L.) DC. var. *columbiana* H. St. John

Luzula campestris (L.) DC. var. *groenlandica* Laestadius

Luzula campestris (L.) DC. var. *pallens* Husnot, nom. illeg.

Luzula erecta Desvaux, nom. illeg.

= *Luzula campestris* (L.) DC. subsp. *erecta* (Desvaux) P. Fournier

Luzula erecta Desvaux proles *pyrenaica* Sennen

= *Luzula multiflora* (Ehrhart) Lejeune subsp. *pyrenaica* (Sennen) P. Montserrat

Luzula intermedia Figert (1897), nom. illeg., non Thullier (1805)

Luzula jilongensis K.F. Wu

Luzula multiflora (Ehrhart ex Retzius) Lejeune var. *intermedia* Koidzumi

Luzula multiflora (Ehrhart ex Retzius) Lejeune subsp. *occidentalis* V.I. Kreczetowicz

Luzula multiflora (Ehrhart ex Retzius) Lejeune subsp. *thracica* Kožuharov

Luzula multiflora (Ehrhart ex Retzius) Lejeune var. *tenuis* Satake

Luzula multiflora (Ehrhart ex Retzius) Lejeune f. *umbrosa* Neuman

Luzula multiflora (Ehrhart ex Retzius) Lejeune var. *uliginosa* Greml

Luzula nemorosa Hornemann

= *Luzula campestris* (L.) DC. δ *nemorosa* (Hornemann) Gaudin

= *Luzula campestris* (L.) DC. var. *nemorosa* (Hornemann) Neilreich

Luzula spicata (L.) DC. var. *tenella* Miel. ex E. Meyer

= *Luzula multiflora* (Ehrhart ex Retzius) Lejeune subsp. *tenella* (Miel. ex E. Meyer) Kožuharov

= *Luzula tenella* (Miel. ex E. Meyer) R. Hinterhuber & J. Hinterhuber

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Ciperela, ciperela multiflora, ciperela polianta, ciperinha, erva ciperela, erva ciperinha, erva juncácea, erva junça, erva junciforme, erva juncina, erva juncinha, erva juncóide, erva lucente, erva lúcia, erva lucífera, erva lucíférica, erva luciferina, erva lucina, erva lucinda, erva lucinha, erva luciôla, erva luciolar, erva luciólica, erva luciolina, erva luciótica, erva luciosa, erva luminar, erva luminescente, erva luminosa, erva luzina, erva luzinha, erva luzúla, erva luzúlica, erva luzulina, erva luzulinha, erva luzulinha, gimnodes, gimnodes multiflora, gimnodes polianta, junça, juncinha, junco, junco da charneca, junco da floresta, junco das charnecas, junco do bosque, junco dos bosques, junco dos torgais, junco dos urgueirais, junco dos urgueirais, junco dos urzais, junco erecto, junco florestal, junco intermédio, junco médio, junco multifloro, junco nemoral, junco nemoroso, junco polianto, juncóide, juncóide erecta, juncóide multiflora, juncóide polianta, junquinho, luzula, luzula acadiana, luzula acadense, luzula ambígua, luzula bolbosa, luzula bulbosa, luzula campestre, luzula campestre, luzula carpetana, luzula carpetana, luzula columbiana, luzula da charneca, luzula da floresta, luzula das charnecas, luzula das turfeiras, luzula de muitas flores, luzula do bosque, luzula dos bosques, luzula dos brejos, luzula dos pântanos, luzula dos paúis, luzula dos Pirenéus, luzula dos torgais, luzula dos urgueirais, luzula dos urgueirais, luzula dos urzais, luzula erecta, luzula groenlândica, luzula gronelandesa, luzula gronelândica, luzula intermédia, luzula média, luzula multiflora, luzula multiflora ocidental, luzula ocidental, luzula pálida, luzula palescente, luzula pirenaica, luzula uliginosa, luzula polianta.

Endemismo da Região Holoártica: Eurásia, Macaronésia, Norte de África e América do Norte, próprio de orlas de florestas e de ravinas, vales de montanha, margens húmidas de ribeiros e prados em encostas de montanhas, a altitudes que podem atingir os 3800 metros (SNOGERUP, 1985: 31-32; WU & CLEMANTS, 2000: 66-67; BOLÒS & VIGO, 2001: 202; KIRSCHNER & al., 2002: 109-111; GRIN; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010; WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, espontânea e comum em Portugal, em sítios húmidos e geralmente sombrios como arrelvados frescos ou bosques de árvores de folhas caducas (FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 27).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Disseminada no Jardim e na Mata, em arrelvados e sítios frescos (III.2010, Observ.!).

4. *Luzula nivea* (Nathhorst) DC.

- = *Juncus niveus* Nathhorst [basion.]
- = *Juncoides nivea* (Nathhorst) Kuntze
- Luzula nivea* (Nathhorst) DC. var. *livida* Desvaux
- = *Luzula nivea* (Nathhorst) DC. subvar. *livida* (Desvaux) Rouy
- Luzula nivea* (Nathhorst) DC. var. *rubella* Mertens & W.D.J. Koch
- = *Luzula nivea* (Nathhorst) DC. subvar. *rubella* (Mertens & W.D.J. Koch) Rouy
- Luzula nivea* (Nathhorst) DC. var. *rubescens* Favrat
- Luzula nivea* (Nathhorst) DC. var. *minuta* Beyer
- Luzula nivea* (Nathhorst) DC. b. *angustata* Ascherson & Graebner
- = *Luzula nivea* (Nathhorst) DC. var. *angustata* (Ascherson & Graebner) Rouy

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva juncácea, erva junça, erva junciforme, erva juncina, erva juncinha, erva juncóide, erva lucente, erva lúcia, erva lucina, erva lucífera, erva luciférica, erva luciferina, erva lucinda, erva lucinha, erva luciôla, erva luciolar, erva luciólica, erva luciolina, erva luciótica, erva luciosa, erva luminar, erva luminescente, erva luminosa, erva luzina, erva luzinha, erva lúzula, erva luzúlica, erva luzulina, erva luzulinha, erva da neve, erva nevada, erva nevosa, erva nival, erva nívea, junça, juncinha, luciôla, luciôla luciôla da neve, luciôla lívida, luciôla nevada, luciôla nevosa, luciôla nival, luciôla nívea, lúzula, lúzula alba, lúzula alva, lúzula avermelhada, lúzula de neve, lúzula enrubescida, lúzula lívida, lúzula minuta, lúzula mirim, lúzula nevada, lúzula nevosa, lúzula nival, lúzula nívea, lúzula pequena, lúzula rubela, lúzula rubra, lúzula rubescente, junco, junco avermelhado, junco de neve, junco enrubescido, junco lívido, junco nival, junco níveo, junco rubescente, junco rubro, juncóide, juncóide avermelhado, juncóide de neve, juncóide enrubescido, juncóide lívido, juncóide nival, juncóide níveo, juncóide rubescente, juncóide rubro.

Endemismo eurasiático, exclusivamente europeu, das grandes cadeias montanhosas: Alpes e Pirenéus, com preferência por solos de natureza calcária, em bosques e matos (CHRTEK & KRISA, 1980: 114; BOLÒS & VIGO, 2001: 196; KIRSCHNER & al., 2002: 25; IPNI; FERNÁNDEZ PIEDRA & TALAVERA, 2009; FERNÁNDEZ PIEDRA & TALAVERA, 2010: 209-210; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Planta ornamental herbácea perene cespitosa e rizomatosa, por vezes estolhosa, espontânea em Espanha mas não em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. *Luzula pilosa* (L.) Willdenow

- = *Juncus pilosus* L. [basion.]
- = *Juncoides pilosa* (L.) Kuntze
- = *Luciola pilosa* (L.) Smith
- = *Pterodes pilosus* (L.) Börner
- Juncus pilosus* L. subsp. *cymosus* Schrank
- Juncus nemorosus* Lamarck, nom. illeg.
- Juncus vernalis* Reichard
- = *Juncus pilosus* L. var. *vernalis* (Reichard) Persoon
- = *Luzula vernalis* (Reichard) DC.
- = *Nemorinia vernalis* (Reichard) Fourreau
- Luzula cechica* Domin, nom. inval.
- Luzula nemorosa* Dulac, nom. illeg.
- Luzula pilosa* (L.) Willdenow var. *brevicapsula* Kožuharov
- Luzula pilosa* (L.) Willdenow f. *pallida* A. Dyring
- Luzula pilosa* (L.) Willdenow var. *simplex* Sonder
- Luzula pilosa* (L.) Willdenow f. *slendzinskii* Raciborski

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva aveludada, erva da floresta, erva do bosque, erva dos bosques, erva florestal, erva juncácea, erva junça, erva junciforme, erva juncina, erva juncinha, erva juncóide, erva lucente, erva lúcia, erva lucina, erva lucífera, erva luciférica, erva luciferina, erva lucinda, erva lucinha, erva luciôla, erva luciolar, erva luciólica, erva luciolina, erva luciótica, erva luciosa, erva luminar, erva luminescente, erva luminosa, erva luzina, erva luzinha, erva lúzula, erva luzúlica, erva luzulina, erva luzulinha, erva nemoral, erva nemorosa, erva pálida, erva peluda, erva pilosa, erva pubescente, erva veluda, erva vilosa, junça, juncinha, junco, junco da floresta, junco dos bosques, junco florestal, junco hirsuto, junco peludo, junco piloso, junco pubescente, junco viloso, juncóide, juncóide da floresta, juncóide dos

bosques, juncóide florestal, juncóide hirsuto, juncóide peludo, juncóide piloso, juncóide pubescente, lucíola, lucíola da floresta, lucíola dos bosques, lucíola florestal, lucíola hirsuta, lucíola nemoral, lucíola nemorosa, lucíola peluda, lucíola pilosa, lucíola vilosa, lucíola pubescente, luzula, luzula da floresta, luzula de Slendzinski, luzula dos bosques, luzula florestal, luzula hirsuta, luzula nemoral, luzula nemorosa, luzula pálida, luzula peluda, luzula pilosa, luzula pubescente, luzula simples, nemorínia, nemorínia, nemorínia, nemorínia hirsuta, nemorínia peluda, nemorínia pilosa, nemorínia primaveril, nemorínia pubescente, nemorínia vernal, pterodes, pterodes hirsuta, pterodes peluda, pterodes pilosa, pterodes pubescente.

Endemismo eurasiático e da Região Holoártica, próprio de bosques caducifólios e perenifólios, nas montanhas, a altitudes entre os 850 e os 1800 metros (CHRTEK & KŘÍSA, 1980: 115; BOLÒS & VIGO, 2001: 197; FERNÁNDEZ PIEDRA & TALAVERA, 2009; FERNÁNDEZ PIEDRA & TALAVERA, 2010: 219-220); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

6. *Luzula spicata* (L.) DC. subsp. **spicata**

= *Juncus spicatus* L. [basion.]

= *Gymnodes spicata* (L.) Fourreau

= *Juncoides spicata* (L.) Kuntze

= *Juncoides spicatum* (L.) Coville

= *Luciola spicata* (L.) Smith

Luzula cusickii Gandoger

Luzula hispanica Chrtek & Křísa

Luzula obtusata Steudel

Luzula spicata (L.) DC. var. *compacta* E. Meyer

= *Luzula compacta* (E. Meyer) Dalla Torre & von Sarnthein

= *Luzula spicata* (L.) DC. f. *compacta* (E. Meyer) I. Grinţesco

Luzula spicata (L.) DC. var. *major* Lange

Luzula spicata (L.) DC. var. *nova* Smiley

Luzula spicata (L.) DC. f. *petraea* Laestadius ex Neuman

Luzula spicata (L.) DC. var. *petraea* Laestadius

Luzula spicata (L.) DC. var. *relaxa* Krylov

Luzula spicata (L.) DC. subsp. *saximontana* Á. Löve & D. Löve

Hemicriptófito. Origem: Holoártica.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva de espiga, erva espigada, erva espigosa, erva juncácea, erva junça, erva junciforme, erva juncina, erva juncinha, erva juncóide, erva lucente, erva lúcia, erva lucífera, erva luciférica, erva luciferina, erva lucina, erva lucinda, erva lucinha, erva lucíola, erva luciolar, erva luciólica, erva luciolina, erva luciótica, erva luciosa, erva luminar, erva luminescente, erva luminosa, erva luzina, erva luzinha, erva luzula, erva luzúlica, erva luzulina, erva luzulinha, gimnodes, gimnodes espigada, junça, juncinha, juncóide, juncóide espigado, juncóide, juncóide, lucíola, lucíola de Cusick, lucíola de Espanha, lucíola de espiga, lucíola espanhola, lucíola espigada, lucíola hispânica, luzula, luzula compacta, luzula de Cusick, luzula de espiga, luzula espanhola, luzula espigada, luzula hispânica, luzula montana, luzula pétrea, luzula petrina, luzula saximontana, junco, junco das pedras, junco de espiga, junco dos penedais, junco dos penedos, junco dos penhascos, junco espigado, junco penhascoso, junco pedroso, junco pétreo, junco petrino, junco saximontano.

Endemismo da Região Holoártica, originalmente descrito da Lapónia, que também se encontra na Gronelândia, calcífugo, próprio de florestas, de locais rochosos e de arrelvados de charnecas, frequentemente em declives e prados de montanha, a altitudes que vão dos 1500 até aos 3400 metros (CHRTEK & KŘÍSA, 1980: 113; SNOGERUP, 1985: 29-30; WU & CLEMANTS, 2000: 68; KIRSCHNER & al., 2002: 63-64; FERNÁNDEZ PIEDRA & TALAVERA, 2009; FERNÁNDEZ PIEDRA & TALAVERA, 2010: 213-214; IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; Anexo VII).

7. *Luzula sylvatica* (Hudson) Gaudin subsp. subsp. **henriquesii** (Degen) P. Silva

= *Luzula henriquesii* Degen [basion.]

= *Luzula sylvatica* (Hudson) Gaudin raça *henriquesii* (Degen) Sampaio

= *Luzula sylvatica* (Hudson) Gaudin var. subsp. *henriquesii* (Degen) Pau

Luzula sylvatica (Hudson) Gaudin subsp. *cantabrica* P. Montserrat

Luzula sylvatica (Hudson) Gaudin var. *paularensis* Pau

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva de Henriques, erva de Júlio Henriques, erva henricina, erva henriquesiana, erva henriquina, erva juncácea, erva junça, erva junciforme, erva juncina, erva juncinha, erva juncóide, erva lucente, erva lúcia, erva lucífera, erva luciférica, erva luciferina, erva lucina, erva lucinda, erva lucinha, erva luciôla, erva luciolar, erva luciólica, erva luciolina, erva luciótica, erva luciosa, erva luminar, erva luminescente, erva luminosa, erva luzina, erva luzinha, erva lúzula, erva luzúlica, erva luzulina, erva luzulinha, junça, juncinha, luciôla de Henriques, luciôla de Júlio Henriques, luciôla dos bosques, luciôla florestal, luciôla henricina, luciôla henriquesiana, luciôla henriquina, luciôla selvagem, luciôla silvática, luciôla silvestre, lúzula, lúzula cantábrica, lúzula de Henriques, lúzula de Júlio Henriques, lúzula dos bosques, lúzula florestal, lúzula henricina, lúzula henriquesiana, lúzula henriquina, lúzula paularense, lúzula selvagem, lúzula silvática, lúzula silvestre.

Endemismo eurasiático, exclusivamente europeu e orófito ibérico (CHRTEK & KRÍSA, 1980: 114; MONTOUTO GONZÁLEZ, 2002: 162; IPNI), que vive nos andares colino e montano húmidos e no andar supramediterrânico húmido, nas montanhas e galerias ripícolas, ao longo das linhas de água, do Norte e Centro de Portugal e da Galiza e outras regiões espanholas (MONTSERRAT-RECORDER, 1964: 442-446; KIRSCHNER & al., 2002: 33-35; SILVA-PANDO, 2008: 99; PEREIRA & al., 2013: 163), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

8. *Luzula sylvatica* (Hudson) Gaudin subsp. *sylvatica*

= *Juncus sylvaticus* Hudson [basion.]

= *Juncoides sylvatica* (Hudson) Kuntze

= *Juncoides sylvatica* (Hudson) Druce

= *Luciola sylvatica* (Hudson) Smith

Juncus latifolius Wulfen

= *Luzula sylvatica* (Hudson) Gaudin var. *latifolia* (Wulfen) Buchenau

Juncus maximus Reichard

= *Juncus pilosus* L. subsp. *maximus* (Reichard) Ehrhart

= *Luzula maxima* (Reichard) DC.

Juncus montanus Lamarck

Juncus pilosus L. subsp. *fascicularis* Schrank

Luzula haussknechtiana Freyn & Sintenis

Luzula sylvatica (Hudson) Gaudin var. *dertosensis* P. Montserrat

Luzula sylvatica (Hudson) Gaudin var. *gracilis* Rostrup ex Beeby

= *Luzula maxima* (Reichard) DC. var. *gracilis* (Rostrup ex Beeby) Husnot

= *Luzula maxima* (Reichard) DC. var. *gracilis* (Rostrup ex Beeby) Nyman

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva juncácea, erva junça, erva junciforme, erva juncina, erva juncinha, erva juncóide, erva lucente, erva lúcia, erva lucífera, erva luciférica, erva luciferina, erva lucina, erva lucinda, erva lucinha, erva luciôla, erva luciolar, erva luciólica, erva luciolina, erva luciosa, erva luminar, erva luminescente, erva luminosa, erva luzina, erva luzinha, erva lúzula, erva luzúlica, erva luzulina, erva luzulinha, junça, juncinha, junco, junco de folhas largas, junco fascicular, junco latifólio, luciôla, luciôla dos bosques, luciôla elegante, luciôla fascicular, luciôla florestal, luciôla , luciôla henricina, luciôla henriquina, luciôla maior, luciôla máxima, luciôla selvagem, luciôla silvática, luciôla silvestre, lúzula, lúzula cantábrica, lúzula da Cantábria, lúzula de folhas largas, lúzula de Haussknecht, lúzula dos bosques, lúzula elegante, lúzula fascicular, lúzula florestal, lúzula grácil, lúzula latifólia, lúzula maior, lúzula máxima, lúzula selvagem, lúzula silvática, lúzula silvestre.

Endemismo eurasiático, da Europa e das suas ilhas e das regiões vizinhas como a Anatólia e o Cáucaso (BOLÒS & VIGO, 2001: 199; KIRSCHNER & al., 2002: 33; CHRTEK & KRÍSA, 1980: 114; IPNI), predominantemente orófito, que vive nos andares colino e montano húmidos e no andar supramediterrânico húmido, nas montanhas do Norte e Centro de Portugal e da Galiza e outras regiões espanholas (MONTSERRAT-RECORDER, 1964: 442-446; KIRSCHNER & al., 2002: 33-35; SILVA-PANDO, 2008: 99), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

CXVII. LILIACEAE [26 sp.]

[Syn.: *Calochortaceae*, *Compsoaceae*, *Erythroniaceae*,
Fritillariaceae, *Liriaceae*, *Medeolaceae*, *Scoliopaceae*,
Tricyrtidaceae, *Tulipaceae*]²⁶⁹

1. Calochortus Pursh

1. Calochortus luteus Douglas ex Lindley

= *Cyclobothra lutea* (Douglas ex Lindley) Lindley

= *Mariposa lutea* (Douglas ex Lindley) Hoover

Calochortus citrinus Anon., non Baker

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Calocorto, calocorto amarelo, calocorto citrino, calocorto de limão, calocorto lúteo, ciclobotra, ciclobotra amarela, ciclobotra citrina, ciclobotra lútea, mariposa, mariposa amarela, mariposa citrina, mariposa lútea.

Endemismo norte-americano, exclusivo da Califórnia, onde ocorre em pradarias costeiras, prados e florestas perenifólias abertas (DROOP, 1986b: 176; CALFLORA, 2013; FLORA OF NORTH AMERICA; WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea perene bulbosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. Cardiocrinum (Endlicher) Lindley

= *Lilium* L. e) *Cardiocrinum* Endlicher [basion.]

1. Cardiocrinum giganteum (Wallich) Makino var. **giganteum**

= *Lilium giganteum* Wallich [basion.]

Lilium cordifolium Thunberg subsp. *giganteum* Baker

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Açucena, açucena agigantada, açucena de flores esverdeadas, açucena de flores verdes, açucena dos Himalaias, açucena gigante, cardiocrino, cardiocrino agigantado, cardiocrino de flores esverdeadas, cardiocrino de flores verdes, cardiocrino gigante, cardiocrino de flores esverdeadas, grande lílio, grande lírio, lílio, lílio agigantado, lílio de flores esverdeadas, lílio de flores verdes, lílio dos Himalaias, lílio gigante, lírio, lírio agigantado, lírio de flores esverdeadas, lírio de flores verdes, lírio dos Himalaias, lírio gigante.

Endemismo eurasiático, da Ásia oriental: Himalaias, que pode crescer até atingir uma altura de 3,5 a 4 metros e vive em florestas húmidas e encostas de montanhas, a altitudes entre os 2300 e os 2900 m (MATTHEWS, 1986: 208; HUXLEY & al., 1999a: 512; LIANG & TAMURA, 2000d: 134; MABBERLEY, 2008: 151); Planta ornamental e aromática herbácea perene bulbosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. Fritillaria Tournefort ex L.

1. Fritillaria lusitanica Wikström var. **lusitanica**

Fritillaria hispanica Boissier & Reuter

Fritillaria stenophylla Boissier & Reuter

Fritillaria boissieri Costa

Fritillaria messanensis sensu Willkomm, non Rafinesque

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Fritilária, fritilária de Boissier, fritilária de folhas estreitas, fritilária de Portugal, fritilária estenófila, fritilária hispânica, fritilária lusitana, fritilária lusitânica, fritilária portuguesa.

Endemismo exclusivo da Península Ibérica, de floração vernal, onde ocorre em fendas de rochas, cascalheiras e bosques abertos (RIX, 1980: 33; RIX, 1986a: 190); Planta ornamental herbácea perene bulbosa, espontânea e muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

²⁶⁹ De acordo com REVEAL & CHASE (2011: 77).

2. *Fritillaria orientalis* Adam

Fritillaria racemosa Ker Gawler

Fritillaria tenella M. von Bieberstein

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Fritilária, fritilária caucásica, fritilária delicada, fritilária do Cáucaso, fritilária do Levante, fritilária do Oriente, fritilária elegante, fritilária levantina, fritilária oriental, fritilária racemosa.

Endemismo eurasiático, do Cáucaso e da Europa, onde se distribui entre a Rússia e a França (RIX, 1980: 33; RIX, 1986a: 191); Planta ornamental herbácea perene bulbosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. *Lilium* Tournefort ex L.

1. *Lilium bulbiferum* L.

Lilium atrosanguineum H. Vilmorin

Lilium aurantiacum Weston

Lilium biligulatum Baker

Lilium bulbiferum L. var. *aurantiacum* Regel

Lilium bulbiferum L. var. *giganteum* N. Terraccianum

Lilium croceum Chaix

= *Lilium bulbiferum* L. subsp. *croceum* (Chaix) Nyman

= *Lilium bulbiferum* L. subsp. *croceum* (Chaix) Baker

= *Lilium bulbiferum* L. var. *croceum* (Chaix) Persoon

Lilium croceum Chaix var. *chaixii* Elwes

= *Lilium bulbiferum* L. var. *chaixii* (Elwes) Stoker

Lilium elatum Salisbury

Lilium fulgens Baxter

Lilium fulgens E. Morren ex Spae

Lilium hematochroum Lemaire

Lilium humile Miller

Lilium lateritium Baker

Lilium latifolium Link

Lilium luteum Gatereau

Lilium pictum Baker

Lilium pubescens Bernhardt ex Hornemann

Lilium sanguineum Lindley

Lilium scabrum Moench

Lilium sibiricum Willdenow

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Açucena, açucena agigantada, açucena alaranjada, açucena alongada, açucena avermelhada, açucena brilhante, açucena bulbífera, açucena bulbosa, açucena bulbosa, açucena de folhas largas, açucena encarnada, açucena escabra, açucena flava, açucena flavescente, açucena gigante, açucena humilde, açucena laranja, açucena latifolia, açucena líteo, açucena lutescente, açucena picta, açucena pilosa, açucena pintada, açucena pubescente, açucena rubra, açucena sanguínea, açucena siberiana, açucena sibérica, açucena sibírica, açucena vermelha, açucena vilosa, lílio, lílio agigantado, lílio alaranjado, lílio amarelo, lílio amarelado, lílio alongado, lílio avermelhado, lílio brilhante, lílio bulbífero, lílio bulboso, lílio bulboso, lílio de folhas largas, lílio encarnado, lílio escabro, lílio flavo, lílio flavescente, lílio fulgente, lílio gigante, lílio humilde, lílio laranja, lílio latifólio, lílio líteo, lílio lutescente, lílio picto, lílio piloso, lílio pintado, lílio pubescente, lílio rubro, lílio sanguíneo, lílio siberiano, lílio sibérico, lílio sibírico, lílio vermelho, lílio viloso, lírio, lírio agigantado, lírio alaranjado, lírio amarelo, lírio amarelado, lírio alongado, lírio avermelhado, lírio brilhante, lírio bulbífero, lírio bulboso, lírio bulboso, lírio de folhas largas, lírio encarnado, lírio escabro, lírio fulgente, lírio flavo, lírio flavescente, lírio gigante, lírio humilde, lírio laranja, lírio latifólio, lírio líteo, lírio lutescente, lírio picto, lírio piloso, lírio pintado, lírio pubescente, lírio rubro, lírio sanguíneo, lírio siberiano, lírio sibérico, lírio sibírico, lírio vermelho, lírio viloso.

Endemismo eurasiático, exclusivamente europeu, que foi citado em tempos para a Península Ibérica (Espanha), onde, contudo, a sua presença nunca terá sido comprovada (MATTHEWS, 1980: 34; IPNI;

WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010; GÜEMES, 2013a: 11); Planta ornamental herbácea perene bolbosa exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Lilium canadense* L.

Lilium canadense L. var. *coccineum* Pursh

Lilium canadense L. var. *editorum* Fernald

= *Lilium canadense* L. subsp. *editorum* (Fernald) Wherry

= *Lilium philadelphicum* L. subsp. *editorum* (Fernald) Wherry

Lilium canadense L. var. *flavum* Pursh

= *Lilium canadense* L. f. *flavum* (Pursh) Victorin

Lilium canadense L. var. *hartwegii* Baker

Lilium canadense L. f. *rubrum* Britton

Lilium canadense L. var. *rubrum* hort. ex T. Moore

Lilium peramoenum Farwell

= *Lilium canadense* L. f. *peramoenum* (Farwell) B. Boivin & Cody

= *Lilium michiganense* Farwell f. *peramoenum* (Farwell) Stoker

Lilium penduliflorum DC.

Lilium pendulum Spae

Lilium pulchrum Salisbury

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Açucena, açucena amarela, açucena amarelada, açucena bela, açucena canadense, açucena do Canadá, açucena dos editores, açucena dos prados, açucena encarnada, açucena flava, açucena flavescente, açucena formosa, açucena lítea, açucena lutescente, açucena pendular, açucena pulcra, açucena rubra, açucena venusta, açucena vermelha, lílio, lílio amarelo, lílio amarelado, lílio belo, lílio canadense, lílio de Hartweg, lílio do Canadá, lílio dos editores, lílio dos prados, lílio encarnado, lílio flavo, lílio flavescente, lílio formoso, lílio pendular, lílio pêndulo, lílio pulcro, lílio rubro, lílio venusto, lírio, lírio amarelo, lírio amarelado, lírio belo, lírio canadense, lírio de Hartweg, lírio do Canadá, lírio dos editores, lírio dos prados, lírio encarnado, lírio flavo, lírio flavescente, lírio formoso, lírio pendular, lírio pêndulo, lírio pulcro, lírio rubro, lírio venusto.

Endemismo norte-americano, do Canadá e dos Estados Unidos, onde se pode encontrar distribuído por numerosos estados, em prados húmidos e em florestas húmidas e nas suas orlas, nas margens de rios, em pântanos e turfeiras e ainda nas margens húmidas de estradas e de linhas de caminhos de ferro, a altitudes que vão do nível do mar até um máximo de 1400 m, de floração predominantemente estival, desde Junho até Agosto (SKINNER, 2003a: 196; IPNI); Planta ornamental, medicinal e alimentar (SKINNER, *l.c.*) herbácea perene bolbosa e rizomatosa exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Lilium candidum* L.

Lilium album Houttuyn

Lilium candidum L. var. *aureomarginatum* Elwes

Lilium candidum L. var. *cernuum* Weston

Lilium candidum L. var. *monstruosum* H. Vilmorin

Lilium peregrinum Miller

= *Lilium candidum* L. f. *peregrinum* (Miller) Voss

= *Lilium candidum* L. var. *peregrinum* (Miller) Persoon

= *Lilium candidum* L. subsp. *peregrinum* (Miller) Baker

Lilium candidum L. var. *plenum* Weston

Lilium candidum L. var. *purpureostriatum* Souillet

Lilium candidum L. var. *purpureum* Weston

Lilium candidum L. var. *rubrolineatum* H. Vilmorin

Lilium candidum L. var. *salonikae* Stoker

Lilium candidum L. var. *striatum* Baker

= *Lilium candidum* L. f. *striatum* (Baker) Voss

Lilium candidum L. var. *variegatum* Loudon

Lilium striatum Baker, nom. inval.

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Açucena, açucena albiflora, açucena alva, açucena branca, açucena cândida, açucena de S. José, açucena estriada, açucena peregrina, açucena variegada, cajado de S. José, lílio, lílio albifloro, lílio alvo, lílio branco, lílio cândido, lílio de S. José, lílio estriado, lílio peregrino, lílio variegado, lírio, lírio albifloro, lírio alvo, lírio branco, lírio cândido, lírio de S. José, lírio estriado, lírio peregrino, lírio variegado, madona, madona albiflora, madona branca, madona cândida, madona de S. José, madona estriada, madona peregrina, madona variegada.

Endemismo eurasiático, da Região Mediterrânica oriental, onde se pode encontrar em diversos tipos de *habitat*, de floração estival (DAVIS & HENDERSON, 1984: 280-281; MATTHEWS, 1986q: 197; HUXLEY & al., 1999c: 76; Güemes, 2013a: 13-15); Encontrou-se muito raramente subespontânea em Portugal: uma vasta colónia foi observada em 1942, em Sacavém, “Subespontâneo nas colinas calcárias, em solo argiloso, nas searas de trigo, fava, ervilha, etc. e nos cômodos incultos, dos olivais” (SILVA, 1947a: 12-14); Planta ornamental herbácea perene bolbosa, por vezes cultivada.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000); Escola Médica (MATOS, 2014) e Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002; ALMEIDA & al., 2003; TAVARES & al., 2009).

4. *Lilium* × *centigale* Woodcock & Coutts

Lilium leucanthum (Baker) Baker × *Lilium regale* E.H. Wilson

Geófito. Origem: Híbrida.

Alguns nomes comuns possíveis: Lílio, lílio híbrido, lírio, lírio híbrido.

Planta ornamental herbácea perene bolbosa, de origem híbrida hortícola (WIKISPECIES; WOODCOCK & COUTTS, 1935: 107), muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

5. *Lilium concolor* Salisbury var. *concolor*

Lilium concolor Salisbury var. *uniflorum* Spae

Lilium mairei H. Léveillé

Lilium sinicum Lindley & Paxton

= *Lilium concolor* Salisbury var. *sinicum* (Lindley & Paxton) J.D. Hooker

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Açucena, açucena chinesa, açucena da China, açucena da estrela da manhã, açucena de Maire, açucena maireana, açucena matinal, açucena sínica, lílio, lílio chinês, lílio concolor, lílio da China, lílio da estrela da manhã, lílio de Maire, lílio maireano, lílio matinal, lílio sínico, lírio, lírio chinês, lírio concolor, lírio da China, lírio da estrela da manhã, lírio de Maire, lírio maireano, lírio matinal, lírio sínico.

Endemismo eurasiático, da Ásia oriental: China, Coreia, Japão, Mongólia e Rússia: Sibéria, que se pode encontrar em matagais, taludes e encostas de montes com vegetação herbácea, a altitudes que vão dos 300 aos 2000 metros (LIANG & TAMURA, 2000a: 139); Planta ornamental herbácea perene bolbosa, cujos bolbos são considerados medicinais e comestíveis (LIANG & TAMURA, *l.c.*), muito raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

6. *Lilium davidii* Duchartre ex Elwes var. *davidii*

Lilium biondii Baroni

Lilium cavaleriei H. Léveillé & Vaniot

Lilium sutchuenense Franchet

Lilium thayerae E.H. Wilson

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Açucena, açucena biondiana, açucena chinesa, açucena da China, açucena de Biondi, açucena de Cavaleri, açucena de David, açucena sínica, açucena davidiana, lílio, lílio biondiano, lílio chinês, lílio da China, lílio de Biondi, lílio de Cavaleri, lílio de David, lílio sínico, lílio davidiano, lírio, lírio biondiano, lírio chinês, lírio da China, lírio de Biondi, lírio de Cavaleri, lírio de David, lírio sínico, lírio davidiano.

Endemismo eurasiático, exclusivo da Ásia oriental: Oeste da China, próprio de florestas e suas orlas, e taludes revestidos por plantas herbáceas, nas montanhas, a altitudes que vão dos 1600 aos 3200 metros, de floração estival (MATTHEWS, 1986q: 199; HUXLEY & al., 1999c: 76; LIANG & TAMURA, 2000a: 145; IPNI); Planta ornamental herbácea perene bolbosa, cujos bolbos são considerados comestíveis e apreciados

e consumidos na China (LIANG & TAMURA, *l.c.*), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

7. ***Lilium davidii*** Duchartre ex Elwes var. ***wilmotiae*** (E.H. Wilson) Raffill

= *Lilium wilmotiae* E.H. Wilson [basion.]

Lilium chinense Baroni

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Açucena, açucena chinesa, açucena da China, açucena de Wilmot, açucena sínica, açucena wilmotiana, lílio, lílio chinês, lílio da China, lílio de Wilmot, lílio sínico, lílio wilmotiano, lírio, lírio chinês, lírio da China, lírio de Wilmot, lírio sínico, lírio wilmotiano.

Endemismo eurasiático, exclusivo da Ásia oriental: Oeste da China, de floração estival (MATTHEWS, 1986q: 199; HUXLEY & al., 1999c: 76; LIANG & TAMURA, 2000: 145), Planta ornamental herbácea perene bulbosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

8. ***Lilium lancifolium*** Thunberg

Lilium lancifolium Thunberg var. *flaviflorum* Makino

Lilium leopoldii Baker

Lilium lishmannii T. Moore

Lilium tigrinum Ker Gawler

Lilium tigrinum Ker Gawler var. *fortunei* Standish

= *Lilium lancifolium* Thunberg var. *fortunei* (Standish) V.A. Matthews

Lilium tigrinum Ker Gawler var. *plenescens* Waugh

Lilium tigrinum Ker Gawler var. *splendens* Van Houtte

= *Lilium lancifolium* Thunberg var. *splendens* (Van Houtte) V.A. Matthews

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Açucena, açucena de felino, açucena de tigre, açucena diabólica, açucena do Diabo, açucena felina, açucena tigrina, juandan, kentan, lílio, lílio de felino, lílio de flores amareladas, lílio de flores amarelas, lílio de flores flavas, lílio de flores flavescents, lílio de flores lúteas, lílio de flores lutescentes, lílio de folhas de lança, lílio de folhas lanceoladas, lílio de Fortune, lílio de Leopoldo, lílio de Lishmann, lílio de tigre, lílio do Japão, lílio esplendente, lílio esplendoroso, lílio felino, lílio japonês, lílio japonico, lílio nipónico, lílio tigrino, lírio, lírio de felino, lírio de flores amareladas, lírio de flores amarelas, lírio de flores flavas, lírio de flores flavescents, lírio de flores lúteas, lírio de flores lutescentes, lírio de folhas de lança, lírio de folhas lanceoladas, lírio de Fortune, lírio de Leopoldo, lírio de Lishmann, lírio de tigre, lírio do Japão, lírio esplendente, lírio esplendoroso, lírio felino, lírio japonês, lírio japonico, lírio nipónico, lírio tigrino.

Endemismo eurasiático, exclusivo da Ásia oriental (da China, Coreia e Japão), próprio de matos e matagais, margens de cursos de água, e taludes rochosos e com revestimento herbáceo em encostas de montanhas, a altitudes entre os 400 e os 2500 m (MATTHEWS, 1986q: 202; HUXLEY & al., 1999c: 77; LIANG & TAMURA, 2000a: 146; IPNI); Planta ornamental, medicinal e comestível (LIANG & TAMURA, *l.c.*) herbácea perene bulbosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

9. ***Lilium longiflorum*** Thunberg var. ***longiflorum***

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Lílio, lílio da Páscoa, lílio de flores longas, lílio de Novembro, lílio do Japão, lílio japonês, lílio japonico, lílio longifloro, lílio nipónico, lílio pascal, lílio pascoal, lírio, lírio da Páscoa, lírio de flores longas, lírio de Novembro, lírio do Japão, lírio japonês, lírio japonico, lírio longifloro, lírio nipónico, lírio pascal, lírio pascoal.

Endemismo eurasiático, da Ásia oriental, exclusivo do Japão: das ilhas de Osumi às ilhas Ryukyu, de floração predominantemente estival (MATTHEWS, 1986q: 198; HUXLEY & al., 1999c: 77; LIANG & TAMURA, 2000a: 148; WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea perene bulbosa, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

10. ***Lilium martagon* L.***Lilium alpinum* Kitaibel*Lilium catanii* Baker*Lilium dalmaticum* Visiani, nom. inval.*Lilium glabrum* Sprengel*Lilium hirsutum* Miller= *Lilium martagon* L. var. *hirsutum* (Miller) Weston*Lilium martagon* L. subsp. *caucasicum* Misczenko= *Lilium caucasicum* (Misczenko) Grossheim*Lilium martagon* L. subsp. *caucasicum* Misczenko ex Grossheim*Lilium martagon* L. var. *albiflorum* Vukotinović= *Lilium martagon* L. f. *albiflorum* (Vukotinović) Beck*Lilium martagon* L. var. *album* Weston= *Lilium martagon* L. f. *album* (Weston) Beck*Lilium martagon* L. subsp. *alternifolium* Wilczek= *Lilium martagon* L. var. *alternifolium* (Wilczek) Woodcock & Coutts*Lilium martagon* L. f. *candidum* Bergmans*Lilium martagon* L. var. *carneum* Weston*Lilium martagon* L. var. *cattaniae* Visiani= *Lilium martagon* L. subsp. *cattaniae* (Visiani) Nyman*Lilium martagon* L. var. *dalmaticum* Elwes*Lilium martagon* L. var. *flavidum* Bornmüller*Lilium martagon* L. var. *fuscum* Schur*Lilium martagon* L. var. *plenum* Weston*Lilium martagon* L. var. *pubescens* DC.*Lilium martagon* L. f. *roseum* Beck*Lilium martagon* L. var. *sanguineopurpureum* Beck*Lilium martagon* L. var. *vestitum* Simonkai= *Lilium martagon* L. subsp. *vestitum* (Simonkai) K. Richter*Lilium martagonum* Saint-Lager, orth. var.*Lilium milleri* Schultes*Lilium versicolor* Salisbury, nom. illeg.*Lilium verticillatum* Gilibert, nom. inval.*Lilium villosum* Cavara*Martagon montanum* Fourreau*Martagon sylvaticum* Opiz

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Lílio, lílio albifloro, lílio alternifólio, lílio amarelado, lílio amarelo, lílio carnal, lílio cárneo, lílio caucasiano, lílio caucásico, lílio da Dalmácia, lílio dálmata, lílio da Lusitânia, lílio das montanhas, lílio das serras, lílio de flores albas, lílio de flores brancas, lílio de flores cândidas, lílio de flores cárneas, lílio de folhas alternas, lílio de Miller, lílio de verticilos, lílio do Cáucaso, lílio dos bosques, lílio dos montes, lílio flavescente, lílio flávico, lílio flavo, lílio fusco, lílio glabro, lílio hirsuto, lílio lampinho, lílio lusitânico, lílio lusitano, lílio lúteo, lílio lutescente, lílio martagânico, lílio martagão, lílio martagónico, lílio montano, lílio piloso, lílio pleno, lílio português, lílio pubérulo, lílio pubescente, lílio purpúreo, lílio rosado, lílio róseo, lílio sanguíneo, lílio serrano, lílio silvático, lílio verticilado, lílio vestido, lílio viloso, lírio, lírio albifloro, lírio alternifólio, lírio amarelado, lírio amarelo, lírio carnal, lírio cárneo, lírio caucasiano, lírio caucásico, lírio da Dalmácia, lírio dálmata, lírio da Lusitânia, lírio das montanhas, lírio das serras, lírio de flores albas, lírio de flores brancas, lírio de flores cândidas, lírio de flores cárneas, lírio de folhas alternas, lírio de Miller, lírio de verticilos, lírio do Cáucaso, lírio dos bosques, lírio dos montes, lírio flavescente, lírio flávico, lírio flavo, lírio fusco, lírio glabro, lírio hirsuto, lírio lampinho, lírio lusitânico, lírio lusitano, lírio lúteo, lírio lutescente, lírio martagânico, lírio martagão, lírio martagónico, lírio montano, lírio piloso, lírio pleno, lírio português, lírio pubérulo, lírio pubescente, lírio purpúreo, lírio rosado, lírio róseo, lírio sanguíneo, lírio serrano, lírio silvático, lírio verticilado, lírio vestido, lírio viloso, martagão, martagão das montanhas, martagão das serras, martagão de Miller, martagão dos bosques, martagão dos montes, martagão montano, martagão serrano, martagão silvático.

Endemismo da Região Euro-Siberiana e do Norte da Região Mediterrânica (da Península Ibérica até à Península do Peloponeso), de vasta distribuição no Velho Mundo: Eurásia, em bosques e matos, de floração predominantemente estival (MATTHEWS, 1980a: 34; DAVIS & HENDERSON, 1984: 281; MATTHEWS, 1986q: 201-202; HUXLEY & al., 1999c: 77; GÜEMES, 2013a: 12); Planta ornamental herbácea perene bulbosa,

espontânea em Portugal, em bosques caducifólios sombrios em áreas montanas, pouco frequente (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: 59-60; HONRADO, 2003: 198; ALMEIDA & al., 2014c), ou em prados de montanha ou em bosques ripícolas, sempre em locais com uma certa humidade edáfica (GÜEMES, *l.c.*), raramente cultivada entre nós, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

11. ***Lilium primulinum* Baker var. *ochraceum* (Franchet) Stearn**

= *Lilium ochraceum* Franchet [basion.]

= *Lilium nepalense* Don var. *ochraceum* (Franchet) S. Yun Liang

Lilium bodinieri H. Léveillé ex W.W. Smith, nom. inval.

Lilium majoense H. Léveillé

Lilium tenii H. Léveillé

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Açucena, açucena chinesa, açucena da China, açucena de ocre, açucena ocrácea, açucena ocrada, açucena sinense, açucena sínica, lílio, lílio chinês, lílio da China, lílio de ocre, lílio ocráceo, lílio ocrado, lílio sinense, lílio sínico, lírio, lírio chinês, lírio da China, lílio de ocre, lírio ocráceo, lírio ocrado, lírio sinense, lírio sínico.

Endemismo eurasiático, exclusivo da Ásia oriental: Oeste da China, próprio de florestas e taludes revestidos por plantas herbáceas, de floração estival (MATTHEWS, 1986q: 199; LIANG & TAMURA, 2000a: 143; IPNI); Planta ornamental herbácea perene bolbosa, muito raramente cultivada entre nós, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

12. ***Lilium pyrenaicum* Gouan subsp. *pyrenaicum***

= *Lilium pomponium* L. subsp. *pyrenaicum* (Gouan) K. Richter

Lilium flavum Lamarck

Lilium pyrenaicum Gouan f. *rubrum* Stoker

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Açucena, açucena amarela, açucena amarelada, açucena asturiana, açucena avermelhada, açucena cantábrica, açucena da Cantábria, açucena das Astúrias, açucena dos Pirenéus, açucena flava, açucena flavescente, açucena lútea, açucena lutescente, açucena pirenaica, açucena rubrescente, açucena rubra, flor de lis, lílio, lílio amarelo, lílio asturiano, lílio avermelhado, lílio cantábrico, lílio da Cantábria, lílio das Astúrias, lílio dos Pirenéus, lílio flavo, lílio flavescente, lílio lúteo, lílio lutescente, lílio pirenaico, lílio rubrescente, lílio rubro, lírio, lírio amarelo, lírio asturiano, lírio avermelhado, lírio cantábrico, lírio da Cantábria, lírio das Astúrias, lírio dos Pirenéus, lírio flavo, lírio flavescente, lírio lúteo, lírio lutescente, lírio pirenaico, lírio rubrescente, lírio rubro, vara de S. José, vara josefina, vara santa.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental e do Sul da Região Euro-Siberiana, exclusivamente hispano-gálico, que já se encontra naturalizado na Grã-Bretanha, próprio de bosques e prados de montanha, sempre com uma certa humidade edáfica, a altitudes que vão dos 0 aos 2400 m (MATTHEWS, 1980: 34; MATTHEWS, 1986q: 200; HUXLEY & al., 1999c: 78; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010; GÜEMES, 2013a: 13); Planta ornamental herbácea perene bolbosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

13. ***Lilium regale* E.H. Wilson**

Lilium myriophyllum E.H. Wilson (1905), non Franchet (1892)

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Açucena, açucena chinesa, açucena da China, açucena real, lílio, lílio chinês, lílio da China, lílio de mil folhas, lílio de muitas folhas, lílio dos reis, lílio miriófilo, lílio real, lírio, lírio chinês, lírio da China, lírio de mil folhas, lírio de muitas folhas, lírio dos reis, lírio miriófilo, lírio real.

Endemismo eurasiático, da China, exclusivo da província de Sichuan, onde vive em encostas rochosas e margens de rios, a altitudes que vão dos 800 m até aos 2500 m (Liang & Tamura, 2000a: 147; IPNI); Planta ornamental herbácea perene bolbosa, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII; INDEX SEMINUM, 2012).

14. **Lilium × sulphurgale** A. Perry

Lilium sulphureum Baker ex J.D. Hooker × *Lilium regale* E.H. Wilson

Geófito. Origem: Híbrida.

Alguns nomes comuns possíveis: Açucena, açucena amarela, açucena amarelada, açucena de cor de enxofre, açucena de enxofre, açucena de mil folhas, açucena enxofrada, açucena flava, açucena flavescente, açucena lútea, açucena lutescente, açucena milfolhada, açucena milfoliada, açucena sulfurada, açucena sulfúrea, açucena sulfúrica, açucena sulfurosa, lílio, lílio amarelado, lílio amarelado, lílio de cor de enxofre, lílio de enxofre, lílio de mil folhas, lílio enxofrado, lílio flavo, lílio flavescente, lílio lúteo, lílio lutescente, lílio milfolhado, lílio milfoliado, lílio sulfurado, lílio sulfúreo, lílio sulfúrico, lílio sulfuroso, lírio, lírio amarelado, lírio amarelado, lírio de cor de enxofre, lírio de enxofre, lírio de mil folhas, lírio enxofrado, lírio flavo, lírio flavescente, lírio lúteo, lírio lutescente, lírio milfolhado, lírio milfoliado, lírio sulfurado, lírio sulfúreo, lírio sulfúrico, lírio sulfuroso.

Híbrido obtidos a partir de dois endemismos da Ásia oriental (HUXLEY & al., 1999c: 79; IPNI); Planta ornamental herbácea perene bolbosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. **Tricyrtis** Wallich

1. **Tricyrtis hirta** (Thunberg) Hooker

= *Uvularia hirta* Thunberg [basion.]

= *Compsa hirta* (Thunberg) Kuntze

Tricyrtis hirta (Thunberg) Hooker var. *albescens* Makino

= *Tricyrtis hirta* (Thunberg) Hooker f. *albescens* (Makino) Hiyama

Tricyrtis hirta (Thunberg) Hooker f. *atropurpurea* Hisauti

Tricyrtis hirta (Thunberg) Hooker var. *minor* Honda

Tricyrtis hirta (Thunberg) Hooker f. *nivea* Hiyama

Tricyrtis hirta (Thunberg) Hooker var. *ramosissima* Honda

Tricyrtis hirta (Thunberg) Hooker var. *saxicola* Honda

Tricyrtis japonica Miquel

Tricyrtis masamunei Makino

= *Tricyrtis hirta* (Thunberg) Hooker var. *masamunei* (Makino) Masamune

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Compsa, compsoa hirta, tricirtis, tricirtis hirta, tricirtis ramosa, tricirtis ramosíssima, uvulária, uvulária hirta.

Endemismo japonês (MABBERLEY, 2008: 870); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Tricyrtis latifolia** Maximowicz

= *Compsa latifolia* (Maximowicz) Kuntze

Tricyrtis bakeri Koidzumi

Tricyrtis latifolia Maximowicz var. *nikkomontana* Hiyama

Tricyrtis makinoana Tatewaki

= *Tricyrtis latifolia* Maximowicz var. *makinoana* (Tatewaki) Hiyama

Tricyrtis puberula Nakai & Kitagawa

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Compsa, compsoa de folhas largas, compsoa latifolia, lírio de batráquio, lírio de sapo, lírio sapinho, lírio sapo, lírio sapososo, tricirtis, tricirtis de Baker, tricirtis de folhas largas, tricirtis de Makino, tricirtis latifolia, tricirtis puberula, tricirtis pubescente.

Endemismo da Ásia oriental (MABBERLEY, 2008: 870): China e Japão, de floração estival e outonal, próprio de florestas e suas orlas (YEO, 1986b: 126; CHEN & TAKAHASHI, 2006: 153); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa exótica, por vezes cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

3. **Tricyrtis macropoda** Miquel

= *Compsoa macropoda* (Miquel) Kuntze

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Compsoa, compsoa de pé grande, iudiancau, iudiancau de pé grande, tricirtis, tricirtis de pé grande.

Endemismo da Ásia oriental: China e Japão, de floração estival e outonal, próprio de fendas rochosas, florestas e taludes arrelvados, entre os 800 e os 2400 metros (YEO, 1986b: 126; CHEN & TAKAHASHI, 2006: 151); Planta herbácea perene rizomatosa exótica, por vezes cultivada como ornamental.

Distribuição/localização no Jardim: Viveiros (IX.2011, Observ.!).

6. **Tulipa** Tournefort ex L.

1. **Tulipa orphanidea** Boissier & Heldr.

= *Tulipa sylvestris* L. var. *orphanidea* (Boissier & Heldr.) Regel

Tulipa bithynica Grisebach ex Baker

Tulipa hageri Heldreich

Tulipa thracica Davidov

Tulipa hellespontica Degen

Tulipa hayattii O. Schwarz

Tulipa whittallii A.D. Hall

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Tulipa, túlipa, tulipa bitínica, tulipa da Bitínia, tulipa da Trácia, tulipa de Hager, tulipa de Whittall, tulipa helespôntica, tulipa orfanídea, tulipa trácica.

Endemismo da Região Mediterrânica oriental, dos Balcãs, Grécia e Turquia, de floração vernal ou primaveril, própria de locais cultivados ou solos pedregosos (MARAIS, 1984a: 306; GREY-WILSON & MATTHEWS, 1980: 29; MATTHEWS & GREY-WILSON, 1986: 181); Planta ornamental herbácea perene bulbosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Fria (TAVARES & ALVES, 2002).

2. **Tulipa linifolia** Regel

Tulipa batalinii Regel

Tulipa maximowiczii Regel

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Tulipa, túlipa, tulipa de folhas de linho, tulipa linifólia.

Endemismo eurasiático, da Ásia central: Afeganistão, Norte do Irão, e Uzbequistão: Bukhara (MATTHEWS & GREY-WILSON, 1986: 183; HUXLEY & al., 1999d: 534; IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa exótica, por vezes cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. **Tulipa tarda** Stapf

Tulipa dasystemon auct.

Tulipa urumiensis Stapf

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Tulipa, túlipa, tulipa tarda, tulipa urumiense.

Endemismo asiático, da Ásia central, de floração vernal ou primaveril (MATTHEWS & GREY-WILSON, 1986: 182; HUXLEY & al., 1999d: 536; ROSA, 2000: 186); Planta ornamental herbácea perene bulbosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

4. **Tulipa sylvestris** L. subsp. **australis** (Link) Pampanini

= *Tulipa australis* Link [basion.]

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Tulipa, túlipa, tulipa amarela, tulipa brava, tulipa flava, tulipa flavescence, tulipa lútea, tulipa lutescente, tulipa rubrescente, tulipa selvagem, tulipa silvestre.

Endemismo eurasiático e norte-africano, de floração vernal ou primaveril, em prados de montanha e locais rochosos, ocasionalmente também em charnecas e sob o coberto de matas xerófilas (GREY-WILSON & MATTHEWS, 1980: 29; MATTHEWS & GREY-WILSON, 1986: 181; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: 54; HUXLEY & al., 1999d: 536); Planta ornamental herbácea perene bulbosa, espontânea e pouco comum em

Portugal (PORTO & al., 2014ag); no Barrocal algarvio, uma região de natureza calcária, esta espécie surge de forma muito abundante (PINTO GOMES, 1998: 293); no Jardim Botânico, existiram exemplares provenientes da Serra de Leomil (BA), V.2010.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002; III.2011, Observ.!).

5. *Tulipa* sp.

Geófito. Origem: Desconhecida.

Alguns nomes comuns possíveis: Tulipa, túlipa, tulipão.

Planta ornamental herbácea perene bolbosa, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Fria (TAVARES & ALVES, 2002).

CXVIII. MARANTACEAE [22 sp.]²⁷⁰

1. *Calathea* G. Meyer

1. *Calathea argyraea* Körnicke

= *Phyllodes argyraea* (Körnicke) Kuntze

Maranta argyraea hort. ex Körnicke, nom. inval.

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Calátea, calátea argireia, calateia, calateia argireia, filodes, filodes argireia, maranta, maranta argireia, raíz-seta.

Endemismo sul-americano, do Brasil (IPNI), ou de origem desconhecida, segundo outros autores (HUXLEY & al., 1999a: 456); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, em 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Calathea eximia* (K. Koch & C.D. Bouché) Körnicke ex Regel

= *Phrynium eximium* K. Koch & C.D. Bouché [basion.]

= *Maranta eximia* (K. Koch & C.D. Bouché) L. Mathieu ex Körnicke

= *Phyllodes eximia* (K. Koch & C.D. Bouché) Kuntze

Geófito. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Calátea, calátea eminente, calátea excelente, calátea exímia, calátea insigne, calateia, calateia eminente, calateia excelente, calateia exímia, calateia insigne, filodes, filodes eminente, filodes excelente, filodes exímia, filodes insigne, frínio eminente, frínio excelente, frínio exímio, frínio insigne, maranta, maranta eminente, maranta excelente, maranta exímia, maranta insigne.

Endemismo americano, da América central e tropical (HUXLEY & al., 1999a: 457; IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Calathea lancifolia* Boom

= *Goepertia lancifolia* (Boom) Borchsenius & S. Suárez

Calathea insignis auct., non Petersen

Calathea insignis hort. ex W. Bull

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Calátea, calátea de folhas em lança, calátea de folhas lanceoladas, calátea insigne, calátea lancifolia, calateia, calateia de folhas em lança, calateia de folhas lanceoladas, calateia insigne, calateia lancifolia, goepértia, goepértia de folhas lanceoladas, goepértia insigne, goepértia lancifolia.

Endemismo sul-americano, do Brasil (ROSA, 2000: 275); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, por vezes cultivada em Portugal, em estufa ou como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufa das Reproduções (TAVARES & ALVES, 2002).

²⁷⁰ A família *Marantaceae* é uma família de distribuição quase pantropical, ausente da Austrália (SEBERG & al., 2007c: 380-381).

4. ***Calathea louisae*** Gagnepain

= *Goepertia louisae* (Gagnepain) Borchsenius & S. Suárez

Geófito. Origem: América do Sul tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Caetê, caetê roxo, caetê vermelho, calátea, calátea de Luísa, calátea luisiana, calátea luísica, calátea luisina, calátea roxa, calátea vermelha, calateia de Luísa, calateia luisiana, calateia luisina, calateia luísica, calateia roxa, calateia vermelha, goepértia, goepértia de Luísa, goepértia luisiana, goepértia luísica, goepértia luisina.

Endemismo sul-americano, da América do Sul tropical (HUXLEY & al., 1999a: 457) e do Brasil (WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea perene acaule rizomatosa, por vezes cultivada em vaso, como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002; II.2013, Observ.!). Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

5. ***Calathea majestica*** (Linden) H.A. Kennedy

= *Maranta majestica* Linden [basion.]

= *Calathea ornata* (Linden) Körnicke var. *majestica* (Linden) E. Morren

= *Calathea ornata* (Linden) Körnicke var. *majestica* (Linden) Regel

Calathea gigas Gagnepain

Maranta imperialis Burgerstein & O. Abel

= *Calathea imperialis* (Burgerstein & O. Abel) L.H. Bailey & Raffill

Maranta princeps Linden

= *Calathea princeps* (Linden) Regel

= *Phyllodes princeps* (Linden) Kuntze

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Calátea, calátea gigante, calátea imperial, calátea majestática, calátea majéstica, calátea principal, calátea principesca, calátea real, calateia, calateia gigante, calateia imperial, calateia majestática, calateia majéstica, calateia principal, calateia principesca, calateia real, maranta, maranta gigante, maranta imperial, maranta majestática, maranta majéstica, maranta principal, maranta principesca, maranta real, filodes, filodes principal, filodes principesca.

Endemismo da América do Sul tropical: Colômbia, Equador e Guiana (HUXLEY, 1999a: 457; IPNI); Planta ornamental herbácea perene acaule rizomatosa, por vezes cultivada em vaso, como planta de interior, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

6. ***Calathea roseo-picta*** (Linden) Regel

= *Maranta roseo-picta* Linden [basion.]

= *Phyllodes roseo-picta* (Linden) Kuntze

Maranta illustris Linden

= *Calathea illustris* (Linden) N.E. Brown

Maranta wagneri Veitch ex Regel

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Calátea, calátea ilustre, calátea rósea, calateia, calateia ilustre, calateia rósea, filodes, filodes ilustre, filodes rósea, maranta, maranta de Wagner, maranta ilustre, maranta rósea, maranta wagneriana.

Endemismo sul-americano, do NW do Brasil (HUXLEY & al., 1999a: 458); Planta ornamental herbácea perene acaule rizomatosa, por vezes cultivada em vaso, como planta de interior, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

7. ***Calathea zebrina*** (Sims) Lindley

= *Maranta zebrina* Sims [basion.]

= *Endocodon zebrina* (Sims) Rafinesque

= *Goepertia zebrina* (Sims) Nees

= *Phrynium zebrinum* (Sims) Roscoe

= *Phyllodes zebrina* (Sims) Kuntze

Calathea binotii Gentil

Calathea zebrina (Sims) Lindley var. *humilior* Körnicke

Maranta bicolor Vellozo, nom. illeg.

Maranta pulchella Linden ex K. Koch

Phrynium bicolor K. Koch

Phrynium pulchellum Linden ex K. Koch

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Calátea, calátea de zebra, calátea humilde, calátea zebrada, calátea zebrina, calateia, calateia de zebra, calateia humilde, calateia zebrada, calateia zebrina, endocódon, endocódon de zebra, endocódon zebrado, endocódon zebrino, filodes, filodes de zebra, filodes zebrada, filodes zebrina, frínio, frínio belo, frínio bicolor, frínio de zebra, frínio formoso, frínio pulcro, frínio zebrino, goepértia, goepértia de zebra, goepértia zebrada, goepértia zebrina, maranta, maranta bicolor, maranta de zebra, maranta zebrada, maranta zebrina.

Endemismo sul-americano, do Brasil oriental (RATTER, 1984f: 135; HUXLEY & al., 1999a: 458; GRIN); Planta ornamental herbácea perene, por vezes cultivada em vaso, como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, partes I, tropical e II, subtropical e Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002; XII.2011, Observ.!).

2. *Ctenanthe* Eichler

1. *Ctenanthe burle-marxii* H.A. Kennedy var. *obscura* H.A. Kennedy

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Ctenante, ctenante de Burle-Marx, ctenante escura, ctenante obscura.

Endemismo sul-americano, do Brasil: Espírito Santo (HUXLEY & al., 1999a: 774; IPNI; ROSA, 2000: 276); Planta ornamental herbácea perene, por vezes cultivada em vaso, como planta de interior; Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

2. *Ctenanthe lubbersiana* (E. Morren) Eichler ex Petersen

= *Stromante lubbersiana* E. Morren [basion.]

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Ctenante, ctenante de Lubbers, estromante, estromante de Lubbers, stromante, stromante de Lubbers.

Endemismo sul-americano, do Brasil (HUXLEY & al., 1999a: 775); Planta ornamental herbácea perene, por vezes cultivada em vaso, como planta de interior; Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, partes I, tropical e II, subtropical (TAVARES & ALVES, 2002).

3. *Ctenanthe marantifolia* (Vellozo) J.M.A. Braga & H. Gomes

= *Thalia marantifolia* Vellozo

= *Renealmia marantifolia* (Vellozo) D. Dietrich

Maranta pilosa Schauer

= *Ctenanthe pilosa* (Schauer) Eichler

Thalia steudneri K. Koch ex Körnicke

= *Ctenanthe steudneri* (K. Koch ex Körnicke) Eichler

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Ctenante, ctenante de Steudner, ctenante hirsuta, ctenante peluda, ctenante pilosa, ctenante vilosa, maranta, maranta hirsuta, maranta peluda, maranta pilosa, maranta vilosa, reneálmia, tália.

Endemismo americano, da América tropical (IPNI), do Brasil (HUXLEY & al., 1999a: 775; ROSA, 2000: 276); Planta ornamental herbácea perene, por vezes cultivada em vaso, como planta de interior; Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, partes I, tropical e II, subtropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

4. *Ctenanthe setosa* (Roscoe) Eichler

= *Phrynium setosum* Roscoe [basion.]

= *Maranta setosa* (Roscoe) A. Dietrich

= *Myrosma setosa* (Roscoe) Benth

= *Stromanthe setosa* (Roscoe) Gris

= *Thalia setosa* (Roscoe) K. Koch

Maranta secunda Graham

Phrynium hirsutum Körnicke

Phrynium thyrsoiflorum Petersen

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Ctenante, ctenante sedosa, frínio, frínio hirsuto, frínio peludo, frínio sedoso, maranta, maranta sedosa, mirosma, mirosma sedosa, tália, tália sedosa.

Endemismo sul-americano, do SE do Brasil (HUXLEY & al., 1999a: 775; IPNI; Rosa, 2000: 276); Planta ornamental herbácea perene, por vezes cultivada em vaso, como planta de interior; Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte II, subtropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

3. *Maranta* L.

1. *Maranta arundinacea* L.

Geófito. Origem: América tropical e Caraíbas.

Alguns nomes comuns possíveis: Maranta, raiz-seta.

Endemismo da América tropical e das Índias Ocidentais, por vezes cultivado pelos seus rizomas, que armazenam amido (KENNEDY, 2000); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Maranta cristata* Nees & Martius

Calathea kerchoveana Gentil

Maranta bicolor Ker-Gawler

= *Calathea bicolor* (Ker-Gawler) Steudel

= *Goeppertia bicolor* (Ker-Gawler) Nees

= *Thalia bicolor* (Ker-Gawler) K. Koch

Thalia colorata Vellozo

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Calátea, calátea bicolor, calátea de duas cores, calátea de Kerchove, calateia, calateia bicolor, calateia de duas cores, calateia de Kerchove, goepértia, goepértia bicolor, goepértia de duas cores, maranta, maranta bicolor, maranta cristada, maranta de crista, maranta de duas cores, raiz-seta, raiz-seta bicolor, raiz-seta cristada, raiz-seta de duas cores, tália, tália bicolor, tália colorada, tália colorida, tália de duas cores.

Endemismo sul-americano, do Brasil e da Guiana (RATTER, 1984d: 136-137; HUXLEY & al., 1999c: 191; IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, em 1932 e depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Maranta leuconeura* E. Morren '*Erythroneura*'

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Dez mandamentos, maranta, maranta de nervuras rubras, maranta leuconeura, planta dos dez mandamentos, planta-oração, pata de coelho, pé de coelho.

Endemismo sul-americano, do Brasil (RATTER, 1984d: 137; HUXLEY & al., 1999c: 191; MABBERLEY, 2008: 523); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, por vezes cultivada em vasos, como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufa das Reproduções (TAVARES & ALVES, 2002); Estufa Grande, parte I, tropical (2009, Observ.!).

4. *Maranta leuconeura* E. Morren var. *kerchoveana* E. Morren

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Dez mandamentos, maranta, maranta de nervuras rubras, maranta de Kerchove, maranta leuconeura, planta-oração, pata de coelho, pé de coelho, planta dos dez mandamentos.

Endemismo sul-americano, do Brasil (RATTER, 1984d: 137; HUXLEY & al., 1999c: 191; MABBERLEY, 2008: 523); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, por vezes cultivada em vasos, como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufa da *Victoria amazonica* (TAVARES & ALVES, 2002); Estufa Grande, parte I, tropical (2009, Observ.!).

5. **Maranta lietzei** (E. Morren) C.H. Nelson, Sutherland & Fernández Casas

= *Calathea lietzei* E. Morren [basion.]

= *Phyllodes lietzei* (E. Morren) Kuntze

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Calátea, calátea de Lietze, calátea lietzeana, calateia, calateia de Lietze, calateia lietzeana, maranta, maranta de Lietze, maranta lietzeana, filodes, filodes de Lietze, filodes lietzeana, pata de coelho, pé de coelho.

Endemismo sul-americano, do Brasil (RATTER, 1984f: 133; HUXLEY & al., 1999a: 457; GRIN); Planta ornamental herbácea perene, por vezes cultivada em vasos, como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical e Estufa da *Victoria amazonica* (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

4. **Saranthe** (Regel & Körnicke) Eichler

= *Maranta* L. sect. *Saranthe* Regel & Körnicke

[Syn.: *Ctenophrynium* K. Schumann]

1. **Saranthe leptostachya** (Regel & Körnicke) Eichler

= *Maranta leptostachya* Regel & Körnicke [basion.]

= *Phrynium leptostachyum* (Regel & Körnicke) K. Koch

= *Thalia leptostachya* (Regel & Körnicke) K. Koch

Maranta speciosa W. Bull

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Frínio, maranta, sarante, tália.

Endemismo sul-americano, do Brasil (MABBERLEY, 2008: 639; MABBERLEY, 2008: 768; IPNI; WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea perene, por vezes cultivada em vasos, como planta de interior, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. **Stromanthe** Sonder

1. **Stromanthe porteana** Grisebach

= *Maranta porteana* (Grisebach) Körnicke

Maranta affinis Körnicke

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Estromante, estromante porteana, maranta, maranta porteana, stromante, stromante porteana.

Endemismo sul-americano, do Brasil oriental: Bahia (RATTER, 1984e: 137; HUXLEY & al., 1999d: 393; GRIN; IPNI); Planta ornamental herbácea perene, por vezes cultivada em vasos, como planta de interior, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Stromanthe thalia** (Vellozo) J.M.A. Braga

= *Heliconia thalia* Vellozo [basion.]

Stromanthe sanguinea Sonder

= *Maranta sanguinea* (Sonder) Planchon

= *Phrynium sanguineum* (Sonder) Hooker

= *Thalia sanguinea* (Sonder) Lemaire

Thalia spectabilis Lemaire

= *Maranta spectabilis* (Lemaire) Körnicke

= *Stromanthe sanguinea* Sonder f. *spectabilis* (Lemaire) Voss

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Estromante, frínio, helicónia, maranta, stromante, tália.

Endemismo sul-americano, da América do Sul tropical: SE do Brasil (RATTER, 1984e: 137; HUXLEY & al., 1999d: 393; MABBERLEY, 2008: 827; IPNI); Planta ornamental herbácea perene, por vezes cultivada como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII); Estufa Grande, partes I, tropical e II, subtropical (TAVARES & ALVES, 2002; ROSA, 2000).

3. **Stromanthe thalia** (Vellozo) J.M.A. Braga 'Triostar'

Geófito. Origem hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Frínio, helicónia, maranta, stromante, tália.

Planta ornamental herbácea perene de origem hortícola, obtida em 1980, por meio de engenharia genética (ROSA, 2000: 278), por vezes cultivada em Portugal, como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, partes I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002; ROSA, 2000).

6. **Thalia** L.

1. **Thalia dealbata** J. Fraser ex Roscoe

Hidrófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Malacária, maranta, perónia, spirostális, spirostílis, tália.

Endemismo norte-americano, do SE dos Estados Unidos e do México (RATTER, 1984b: 137; HUXLEY & al., 1999d: 451); Planta ornamental herbácea perene aquática, raramente cultivada nas margens de cursos de água, lagos e tanques.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII); Estufa Fria (TAVARES & ALVES, 2002); Mata (LIVRO DE REGISTOS DA MATA).

2. **Thalia geniculata** L.

Thalia divaricata Chapman

Thalia trichocalyx Gagnepain

Thalia welwitschii Ridley

Hidrófito. Origem: América tropical e África tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Bandeira de fogo, raiz-seta, tália, tália de Welwitsch, tália divaricada, tália welwitschiana.

Endemismo da América tropical e da África tropical ocidental (RATTER, 1984: 137; HUXLEY & al., 1999d: 451); Planta ornamental herbácea perene aquática, raramente cultivada nas margens de cursos de água, lagos e tanques, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

CXIX. MELANTHIACEAE [5 sp.]

[Syn.: *Chionographidaceae*, *Heloniadaceae*, *Paridaceae*,
Trilliaceae, *Veratraceae*, *Xerophyllaceae*]²⁷¹

1. **Amianthium** A. Gray

1. **Amianthium muscitoxicum** (Walter) A. Gray

= *Melanthium muscitoxicum* Walter [basion.]

= *Chrosperma muscitoxicum* (Walter) Kuntze

= *Chrysosperma muscitoxicum* (Walter) Kuntze

= *Zigadenus muscitoxicum* (Walter) Regel

Amianthium macrotox Rafinesque

Anthericum subtrigynum Jacquin

Helonias erythrosperma Michaux

Leimanthium pallidum Willdenow

Melanthium laetum Solander

= *Crosperma laeta* (Solander) Rafinesque

= *Endocles laetum* (Solander) Salisbury, nom. inval.

= *Helonias laeta* (Solander) Ker Gawler

= *Leimanthium laetum* (Solander) Willdenow

Melanthium myoctonum J.F. Gmelin

Melanthium phalangioides Desrousseaux

= *Crosperma phalangioides* (Desrousseaux) Rafinesque

Geófito. Origem: América do Norte.

²⁷¹ De acordo com REVEAL & CHASE (2011: 77).

Alguns nomes comuns possíveis: Amiântio, antérico, crisosperma, crosperma, crosperma alegre, crosperma leda, endocles, helónia, helónia alegre, helónia leda, helónias, melântio, melântio alegre, melântio jovial, melântio ledado, leimântio, leimântio alegre, leimântio ledado, leimântio pálido, pena de Santelmo, pena santelma, pena santélmica, pena santelmina, veneno de corvo, veneno de mosca, zigadeno.

Género nonoespecífico; Endemismo norte-americano, dos Estados Unidos, que se pode encontrar a altitudes entre os 0 e os 1500 m (UTECH, 2003: 90); O nome prioritário *Chrosperma* Rafinesque (1825) foi rejeitado, dando assim lugar ao mais recente *Amianthium* A. Gray (1837) (UTECH, *l.c.*); Planta ornamental e venenosa, com propriedades insecticidas (MABBERLEY, 2008: 37), herbácea perene exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Anticlea* Kunth

1. *Anticlea elegans* (Pursh) Rydberg

= *Zigadenus elegans* Pursh [basión.]

Helonias bracteata Sims

= *Gomphostylis bracteata* (Sims) Rafinesque

= *Zigadenus bracteatus* (Sims) Sweet

Melanthium glaucum Nuttall

= *Anticlea glauca* (Nuttall) Kunth

= *Evonyxis glauca* (Nuttall) Rafinesque

= *Leimanthium glaucum* (Nuttall) Schultes & Schultes fil.

= *Zigadenus glaucus* (Nuttall) Nuttall

= *Zigadenus elegans* Pursh subsp. *glaucus* (Nuttall) Hultén

= *Zigadenus elegans* Pursh var. *glaucus* (Nuttall) Preece ex Cronquist

Melanthium hultgrenii Thunberg

Zigadenus alpinus Blankinship

= *Anticlea alpina* (Blankinship) A. Heller

Zigadenus canadensis Baker

Zigadenus chloranthus Richardson

= *Anticlea chlorantha* (Richardson) Rydberg

Zigadenus chloranthus Richardson var. *major* Hooker

Zigadenus coloradensis Rydberg

= *Anticlea coloradensis* (Rydberg) Rydberg

= *Zigadenus elegans* Pursh var. *coloradensis* (Rydberg) M.E. Jones

Zigadenus commutatus Schultes & Schultes fil.

Zigadenus dilatatus Greene

Zigadenus gracilentus Greene

= *Anticlea gracilenta* (Greene) R.R. Gates

Zigadenus longus Greene

= *Anticlea longa* (Greene) A. Heller

Zigadenus mohinorensis Greenman

= *Anticlea mohinorensis* (Greenman) R.R. Gates

Zigadenus speciosus Douglas ex Hooker

Zigadenus speciosus Douglas ex Hooker var. *minor* Greene

Zigadenus washakie A. Nelson

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Antíclea, antíclea coloradense, antíclea do Colorado, antíclea elegante, anticléia, anticléia elegante, evoníxis, evoníxis glauca, gonfostílis, gonfostílis bracteada, helónia, helónia bracteada, helónias, helónias bracteada, leimântio, melântio, melântio de Hultgren, melântio glauco, zigadeno, zigadeno alpino, zigadeno bracteado, zigadeno canadense, zigadeno cloranto, zigadeno coloradense, zigadeno de flores verdes, zigadeno dilatado, zigadeno do Canadá, zigadeno do Colorado, zigadeno elegante, zigadeno glauco, zigadeno longo, zigadeno maior, zigadeno viridifloro.

Endemismo norte-americano ocidental, do Canadá, dos Estados Unidos e do México, onde se pode encontrar dos 0 aos 3600 m de altitude (DROOP, 1986d: 124; SCHWARTZ, 2003: 81; MABBERLEY, 2008: 53); Planta ornamental herbácea perene bulbosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Schoenocaulon* A. Gray

1. *Schoenocaulon officinale* (Schlechtendal & Chamisso) A. Gray ex Benth

- = *Veratrum officinale* Schlechtendal & Chamisso [basion.]
- = *Asagraea officinalis* (Schlechtendal & Chamisso) Lindley
- = *Helonias officinalis* (Schlechtendal & Chamisso) D. Don
- = *Sabadilla officinalis* (Schlechtendal & Chamisso) Standley
- = *Skoinolon officinale* (Schlechtendal & Chamisso) Farwell
- Asagraea caracasana* Ernst
- Sabadilla officinarum* Brandt & Ratzeb., nom illeg.
- Veratrum sabadilla* Retzius
- = *Asagraea sabadilla* (Retzius) A. Lyons
- = *Melanthium sabadilla* (Retzius) Thunberg
- = *Xerophyllum sabadilla* (Retzius) D. Don ex G. Don

Geófito. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Asagreia, asagreia americana, asagreia caracasana, asagreia caracassana, asagreia centro-americana, asagreia cevadilha, asagreia das boticas, asagreia de Caracas, asagreia dos boticários, asagreia oficial, asagreia sabadilha, cevadila, cevadila das boticas, cevadila dos boticários, cevadila oficial, cevadilha, cevadilha das boticas, cevadilha dos boticários, cevadilha oficial, helónias, helónias das boticas, helónias dos boticários, helónias oficial, melântio, melântio cevadila, melântio cevadilha, melântio sabadila, melântio sabadilha, melântio savadilha, sabadila, sabadila das boticas, sabadila dos boticários, sabadila oficial, sabadilha, sabadilha das boticas, sabadilha dos boticários, sabadilha oficial, scoinólon, scoinólon das boticas, scoinólon dos boticários, scoinólon oficial, veratro, veratro cevadilha, veratro sabadilha, xerófilo, xerófilo cevadilha, xerófilo sabadilha.

Endemismo americano, da América tropical, onde se pode encontrar em florestas de carvalhos ou pinheiros e em certos tipos de matos mais ou menos secos, do Sul do México (estado de Chiapas) até à Venezuela e ao Peru, passando pelos diversos países da América Central (MABBERLEY, 2008: 779; GRIN; IPNI; WIKIPEDIA); Planta ornamental, medicinal (em medicina folclórica tradicional e em medicina veterinária) e venenosa, à se atribuem propriedades insecticidas (MABBERLEY, 2008: 779; GRIN), herbácea perene bulbosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. *Veratrum* L.

1. *Veratrum album* L.

Helonias viridis auct.

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Helónia, helónias, veratro, veratro alvo, veratro branco, veratro cândido, veratro de flores brancas, veratro de flores cândidas, veratro verde.

Endemismo das regiões temperadas do Hemisfério Norte, de floração sobretudo estival, próprio de locais húmidos, sobretudo nas montanhas; Elemento Euro-Siberiano (HEYWOOD, 1980f: 16-17; EDMONDSON, 1984: 328-329; DROOP, 1986c: 124; MOSYAKIN & FEDORONCHUK, 1999: 39); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito venenosa, espontânea e muito rara em Portugal, na Serra da Estrela (actualmente ameaçada de extinção).

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ROSA, 2000: Anexo VII; ALMEIDA & al., 2003).

2. *Veratrum californicum* Durand

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Veratro, veratro californiano, veratro californico, veratro da Califórnia.

Endemismo norte-americano ocidental, exclusivo dos Estados Unidos da América (Arizona, Califórnia, Colorado, Idaho, Nevada, Novo México, Oregon, Utah, Washington, Wyoming), onde se pode encontrar em prados nas montanhas (Montanhas Rochosas, Sierra Nevada e outras), dos 1000 aos 3400 m de altitude (DROOP, 1986d: 125; HUXLEY & al., 1999d: 645; GRIN; WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa medicinal e venenosa, que floresce pouco e produz poucas sementes na maioria dos anos, embora ocasionalmente haja anos em que a produção de flores, frutos e sementes é muito abundante e em sincronia (WIKIPEDIA), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

CXX. MUSACEAE [2 sp.]

1. Musa L.

1. Musa acuminata Colla

- Musa acuminata* Colla var. *alasensis* Nasution
Musa acuminata Colla var. *bantamensis* Nasution
Musa acuminata Colla var. *breviformis* Nasution
Musa acuminata Colla var. *longipetiolata* Nasution
Musa acuminata Colla var. *nakaii* Nasution
Musa acuminata Colla var. *violacea* Kurz
Musa briei De Wildeman
Musa cavendishii Lambert
Musa cavendishii Lambert var. *hawaiiensis* N.G. Teodoro
Musa cavendishii Lambert var. *pumila* N.G. Teodoro
= *Musa* × *sapientum* L. var. *pumila* (N.G. Teodoro) Merrill
Musa chinensis Sweet, nom. inval.
Musa javanica Nakai, nom. inval.
Musa minor Nakai, nom. inval.
Musa × *paradisiaca* L. var. *pumila* Blanco, nom. illeg.
Musa × *paradisiaca* L. var. *pumila* G. Forster
Musa rhinocerotis Kurz
Musa rumphiana Kurz
Musa simiarum Miquel
Musa simiarum Kurz
Musa simiarum Kurz var. *violacea* Kurz
Musa sinensis Sagot ex Baker
Musa sundaica Nakai, nom. inval.
Musa zebrina Van Houtte ex Planchon
= *Musa acuminata* Colla var. *zebrina* (Van Houtte ex Planchon) Nasution
Musa zebrina Van Houtte ex Planchon f. *cerifera* Backer
= *Musa acuminata* Colla var. *cerifera* (Backer) Nasution
= *Musa cerifera* (Backer) Nakai
Musa zebrina Van Houtte ex Planchon f. *rutilipes* Backer
= *Musa acuminata* Colla var. *rutilipes* (Backer) Nasution
Fanerófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Árvore bananeira, árvore das bananas, bananeira, bananeira acuminada, bananeira asiática, bananeira chinesa, bananeira da China, bananeira de Briei, bananeira de Cavendish, bananeira de cera, bananeira de Java, bananeira de rinoceronte, bananeira de Rumph, bananeira de Sunda, bananeira de zebra, bananeira do Hawaii, bananeira dos macacos, bananeira dos símios, bananeira havaiana, bananeira javanesa, bananeira javânica, bananeira macacal, bananeira menor, bananeira rinocerônica, bananeira runfiana, bananeira violácea, bananeira zebrina, musa, musa acuminada, musa asiática, musa cerífera, musa chinesa, musa corniculada, musa da China, musa de Briei, musa de Cavendish, musa de cera, musa de Java, musa de rinoceronte, musa de Rumph, musa de Sunda, musa de zebra, musa do Hawaii, musa dos macacos, musa dos símios, musa havaiana, musa javanesa, musa javânica, musa macacal, musa menor, musa rinocerônica, musa runfiana, musa símica, musa simiesca, musa violácea, musa zebrina.

Endemismo da Ásia tropical e da Austrália: Norte de Queensland (ARGENT, 1984: 118; HUXLEY & al., 1999c: 268); Árvore (ou arbusto) ornamental exótica tropical, por vezes cultivada pelos seus frutos comestíveis (bananas), em regiões de clima quente ou em estufas convenientemente aquecidas.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII); Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

2. Musa × paradisiaca L.

- Musa acuminata* Colla × *Musa balbisiana* Colla
Musa × *sapientum* L.

Fanerófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Árvore bananeira, árvore das bananas, bananeira, bananeira do paraíso, bananeira híbrida, bananeira hortícola, bananeira paradisíaca, musa, musa do paraíso, musa híbrida, musa hortícola, musa paradisíaca.

Endemismo da Ásia tropical, de origem híbrida, a partir do cruzamento de *Musa acuminata* Colla × *Musa balbisiana* Colla (ARGENT, 1984: 118; HUXLEY & al., 1999c: 269); Árvore ornamental exótica tropical, muito cultivada pelos seus frutos comestíveis (bananas), em regiões de clima quente ou em estufas convenientemente aquecidas.

Distribuição/localização no Jardim: Recanto Tropical/Terraço das Palmeiras (TAVARES & ALVES, 2002; ROTEIRO DO JARDIM BOTÂNICO, 2009; 2010, Observ.!) Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

CXXI. NARTHECIACEAE [1 sp.]

[Syn.: *Lophiolaceae*]²⁷²

1. *Narthecium* Möhring ex Hudson

1. *Narthecium ossifragum* (L.) Hudson

= *Anthericum ossifragum* L. [basion.]

= *Abama ossifraga* (L.) DC.

= *Phalangium ossifragum* (L.) Muhlenberg ex Steudel

= *Tofieldia ossifraga* (L.) Chaubard

Anthericum palustre Salisbury, nom. illeg.

Narthecium anthericoides Hoppe ex Mertens & W.D.J. Koch

Narthecium palustre Bubani

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Abama, antérico, antérico dos paúis, antérico palustre, asfodelo bastardo, asfodelo dos paúis, asfodelo palustre, falângio, nartécio, nartécio dos paúis, nartécio palustre, ossífrago, ossífrago, quebra-ossos, tofiéldia.

Endemismo eurasiático, exclusivo da Europa ocidental; Planta ornamental herbácea perene, rizomatosa, espontânea e muito rara em Portugal, no Minho: Serra do Gerês (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: 37-38).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

CXXII. ORCHIDACEAE [164 sp.]

[Syn.: *Apostasiaceae*, *Cypripediaceae*, *Limnaceae*,

Liparidaceae, *Neottiaceae*, *Neuwidiaceae*,

Ophrydaceae, *Vanillaceae*]²⁷³

1. *Aceras* R. Brown

1. *Aceras anthropophorum* (L.) Aiton f.

= *Ophrys anthropophora* L. [basion.]

= *Orchis anthropophora* (L.) Allioni

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Áceras, erva do homem enforcado, erva dos homens, erva dos homens pendurados, erva dos macaquinhos pendurados, rapazinhos.

Endemismo europeu e mediterrânico, próprio de solos básicos, calcícola (MOORE, 1980b: 342; RENZ & TAUBENHEIM, 1984a: 506-507; WOODS, 1984a: 165; AEDO, 2005c: 146-148); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, espontânea e pouco comum em Portugal, onde está presente em matos e arrelvados xerofílicos, sobretudo nas regiões calcárias do Centro e Sul (FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 150-151) e, mais raramente, também em Trás-os-Montes e Alto Douro (ARAÚJO & al., 2014be); Identificação verificada por R.B. Fernandes em 1950.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas e Escola Médica (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

²⁷² De acordo com REVEAL & CHASE (2011: 76).

²⁷³ De acordo com REVEAL & CHASE (2011: 78).

2. *Aerangis* Reichenbach fil.

1. *Aerangis kotschyana* (Reichenbach fil.) Schlechter

= *Angraecum kotschyianum* Reichenbach fil. [basion.]

Angraecum grantii Bateman ex Baker

= *Aerangis grantii* (Bateman ex Baker) Schlechter

Angraecum kotschyi Reichenbach fil., nom. illeg.

= *Aerangis kotschyi* (Reichenbach fil.) Reichenbach fil., nom. illeg.

= *Raphidorhynchus kotschyi* (Reichenbach fil.) Finet, nom. illeg.

Angraecum semipedale Rendle

Epífito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Aerângis, aerângis de Grant, aerângis de Kotschy, angreco, angreco de Grant, angreco de Kotschy, angreco semipedal, orquídea de meio pé, orquídea semipedal, rafidorrinco, rafidorrinco de Kotschy.

Endemismo da África Tropical, da Guiné e do Sudão até ao Zaire e África do Sul: Transvaal (CULLEN, 1984j: 255); Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Anacamptis* L.C.M. Richard

1. *Anacamptis pyramidalis* (L.) L.C.M. Richard

= *Orchis pyramidalis* L. [basion.]

= *Aceras pyramidalis* (L.) Reichenbach fil.

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Áceras, áceras piramidal, anacâmpsis, anacâmpsis piramidal, orquídea piramidal, satirião, satirião menor, satirião piramidal, órquis, órquis piramidal.

Endemismo eurasiático e mediterrânico, próprio de matos, prados e clareiras de bosques, de floração primaveril ou vernal e estival (RENN & TAUBENHEIM, 1984i: 511; WOODS, 1984c: 165; AEDO, 2005b: 154; DELFORGE, 2001: 261); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, espontânea e pouco comum em Portugal, onde ocorre sobretudo nas regiões calcárias do Centro e Sul (CLAMOTE & al., 2014o).

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica e Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Anacamptis* sp.

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Anacâmpsis.

Endemismo eurasiático (MABBERLEY, 2008: 40); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

4. *Angraecum* Bory

1. *Angraecum distichum* Lindley

= *Aeranthus disticha* (Lindley) Reichenbach fil.

= *Dolabrifolia disticha* (Lindley) Szlachetko & Romowicz

= *Epidorchis disticha* (Lindley) Kuntze

= *Macroplectrum distichum* (Lindley) Finet

= *Mystacidium distichum* (Lindley) Pfitzer

Angraecum poppendickianum Szlachetko & Olszewski

= *Dolabrifolia poppendickianum* (Szlachetko & Olszewski) Szlachetko & Romowicz

Limodorum imbricatum Swartz

= *Angraecum imbricatum* (Swartz) Schlechter, nom. illeg.

Epífito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Aerantes, aerantes dística, angreco, angreco de Poppendick, angreco dístico, angreco imbricado, dolabrifolia, dolabrifolia dística, epidórquis, epidórquis dística, limodoro, limodoro imbricado, macropectro, macropectro dístico, mistacídio, mistacídio dístico.

Endemismo da África Tropical, da Guiné até ao Uganda e Angola, de floração outonal (CULLEN, 1984i: 254-255); Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Angraecum sesquipedale* Thouars

= *Aeranthus sesquipedalis* (Thouars) Lindley
 = *Angorchis sesquipedalis* (Thouars) Kuntze
 = *Macroplectrum sesquipedale* (Thouars) Pfitzer
 = *Mystacidium sesquipedale* (Thouars) Rolfe

Epífita. Origem: Madagáscar.

Alguns nomes comuns possíveis: Aerantes, aerantes de Darwin, aerantes de Wallace, aerantes sesquipedal, angórquis, angórquis sesquipedal, angreco, angreco da traça prevista, angreco de Darwin, angreco de Wallace, angreco real, angreco sesquipedal, estrela de Belém, macroplecto, macroplecto sesquipedal, mistacídio, mistacídio sesquipedal, orquídea da traça prevista, orquídea de Darwin, orquídea de Natal, orquídea de um pé e meio, orquídea de Wallace, orquídea do Natal, orquídea natalícia, orquídea real, orquídea sesquipedal.

Endemismo do oriente da Ilha de Madagáscar, polinizado pela famosa borboleta ou traça *Xanthopan morgani* (Walker, 1856) [subsp. *praedicta* Rotschild & Jordan, 1903], cujas grandes dimensões da probóscis (20-30 cm) já tinham sido previstas pelo genial biólogo Charles Darwin (e, posteriormente, também por Alfred Russel Wallace), muito antes de o referido insecto haver sido descoberto (CULLEN, 1984i: 254; ROSA, 2000: 153-154; MABBERLEY, 2008: 47; WIKIPEDIA); Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. *Ansellia* Lindley

1. *Ansellia africana* Lindley subsp. *africana*

Ansellia africana Lindley var. *nilotica* Baker
 = *Ansellia gigantea* Reichenbach f. subsp. *nilotica* (Baker) Senghas
 = *Ansellia gigantea* Reichenbach f. var. *nilotica* (Baker) Summerhayes
 = *Ansellia nilotica* (Baker) N.E. Brown

Ansellia confusa N.E. Brown

Ansellia congoensis Rodigas

Ansellia gigantea Reichenbach f.

Ansellia humilis W.Bull

Ansellia nilotica (Baker) N.E. Brown

Cymbidium sandersonii Harvey

Epífita. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Ansélia, ansélia africana, ansélia confusa, ansélia congoense, ansélia congoense, ansélia do Congo, ansélia do Nilo, ansélia gigante, ansélia humilde, ansélia leoparda, ansélia-leopardo, ansélia nilótica, cimbídio, cimbídio de Sanderson, orquídea africana, orquídea confusa, orquídea gigante, orquídea leoparda, orquídea-leopardo.

Endemismo da África Tropical e do Sul, de floração hibernal, hiemal ou invernal (CULLEN, 1984i: 259; HUXLEY & al., 1999a: 187); Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

6. *Arpophyllum* La Llave & Lexarza

1. *Arpophyllum giganteum* Hartweg ex Lindley

Epífita. Origem: América tropical.

Nomes comuns possíveis: Arpófilo, arpófilo espigado, escova de garrafa, harpófilo, harpófilo espigado, orquídea de escova, orquídea escova, orquídea escova de garrafa, orquídea jacinta, orquídea jacinto.

Endemismo americano, da América tropical e Índias Ocidentais: do México até à Costa Rica, Colômbia e Jamaica, de floração predominante vernal ou primaveril (ALEXANDER, 1984f: 179; HUXLEY & al., 1999a: 241); Planta ornamental exótica herbácea perene epifítica ou litofítica, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

2. **Arpophyllum spicatum** La Llave & Lexarza

Arpophyllum squarrosum Lubbers

Epífito. Origem: América do Norte.

Nomes comuns possíveis: Arpófilo, arpófilo espigado, escova de garrafa, harpófilo, harpófilo espigado, orquídea de escova, orquídea escova, orquídea escova de garrafa, orquídea jacinta, orquídea jacinto.

Endemismo da América do Norte tropical: México, de floração predominante vernal ou primaveril (ALEXANDER, 1984f: 179; HUXLEY & al., 1999a: 241); Planta ornamental exótica herbácea perene epifítica ou litofítica, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

7. **Barlia** Parlatore

1. **Barlia robertiana** (Loiseleur-Delongchamps) Greuter

= *Orchis robertiana* Loiseleur-Delongchamps [basion.]

= *Himantoglossum robertianum* (Loiseleur-Delongchamps) Delforge

Orchis longibracteata Biv.

= *Aceras longibracteata* (Biv.) Reichenbach fil.

= *Himantoglossum longibracteatum* (Biv.) Schlechter

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Bárlia, himantoglossos, salepeira grande.

Endemismo das Regiões Mediterrânica, Portugal (MOORE, 1980b: 342-343) e Macaronésica (Ilhas Canárias); Genero monoespecífico (WOODS, 1984b: 165); Elemento Mediterrânico, próprio de locais calcários (RENTZ & TAUBENHEIM, 1984b: 510); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, espontânea e pouco comum em Portugal, onde se pode encontrar sobretudo nas regiões calcárias do Centro e Sul e, mais raramente, em TM (ARAÚJO & al., 2014bf), talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

8. **Bifrenaria** Lindley

1. **Bifrenaria harrissoniae** (Hooker) Reichenbach fil.

= *Dendrobium harrissoniae* Hooker

= *Colax harrissoniae* (Hooker) Lindley ex Sprengel

= *Lycaste harrissoniae* (Hooker) G. Don ex Loudon

= *Maxillaria harrissoniae* (Hooker) Lindley

= *Stanhopea harrissoniae* (Hooker), P.N. Don

Bifrenaria aurea Barbosa Rodrigues

Bifrenaria harrissoniae (Hooker) Reichenbach fil. var. *alba* (Lindley) Kraenzlin

Bifrenaria harrissoniae (Hooker) Reichenbach fil. var. *alba-plena* Pabst

Bifrenaria harrissoniae (Hooker) Reichenbach fil. var. *angustior* (Lindley) Cogn.

Bifrenaria harrissoniae (Hooker) Reichenbach fil. var. *buchananiana* Reichenbach fil.

Bifrenaria harrissoniae (Hooker) Reichenbach fil. var. *flavopurpurea* Hoehne

Bifrenaria harrissoniae (Hooker) Reichenbach fil. var. *glabra* W. Zimm.

Bifrenaria harrissoniae (Hooker) Reichenbach fil. var. *insularis* Hoehne

Bifrenaria harrissoniae (Hooker) Reichenbach fil. var. *minor* Hoehne

Bifrenaria harrissoniae (Hooker) Reichenbach fil. var. *purpurascens* H.J. Veitch

Bifrenaria harrissoniae (Hooker) Reichenbach fil. var. *typica* Hoehne

Bifrenaria tryanthina var. *albescens* Hoehne

Colax grandiflorus Rafinesque

Lycaste citrina B.S. Williams

= *Bifrenaria harrissoniae* (Hooker) Reichenbach fil. var. *citrina* (B.S. Williams) Stein

Lycaste harrissoniae (Hooker) G. Don ex Loudon var. *eburnea* S. Moore

Maxillaria barringtoniae Reichenbach fil.

Maxillaria harrissoniae (Hooker) Lindley var. *alba* Lindley

Maxillaria harrissoniae (Hooker) Lindley var. *angustior* Lindley

Maxillaria harrissoniae (Hooker) Lindley var. *eburnea* S. Moore

= *Bifrenaria harrissoniae* (Hooker) Reichenbach fil. var. *eburnea* (S. Moore) Stein

Maxillaria harrissoniae (Hooker) Lindley var. *grandiflora* Paxton

= *Bifrenaria harrissoniae* (Hooker) Reichenbach fil. var. *grandiflora* (Paxton) Cogn.

Maxillaria pubigera Klotzsch

= *Bifrenaria harrisoniae* (Hooker) Reichenbach fil. var. *pubigera* (Klotzsch) Reichenbach fil.

Maxillaria spathacea Lindley

Geófito. Origem: América Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Bifrenária, bifrenária alva, bifrenária áurea, bifrenária branca, bifrenária cândida, bifrenária da ilha, bifrenária de flores grandes, bifrenária de Harrison, bifrenária de ouro, bifrenária dourada, bifrenária ebúrneia, bifrenária grandiflora, bifrenária insular, bifrenária macranta, bifrenária menor, cólace, cólax, dendróbio, dendróbio de Harrison, dendróbio de ouro, dendróbio dourado, licaste, licaste citrina, licaste de Harrison, licaste de laranja, licaste de limão, licaste de ouro, licaste ebúrneia, maxilária, maxilária de Barrington, maxilária de Harrison, maxilária ebúrneia, stanhópea, stanhópea de Harrison, stanhópea de ouro, stanhópea ebúrneia.

Endemismo da América tropical (MABBERLEY, 2008: 104); Planta ornamental herbácea perene tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, em estufas, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

9. *Bletilla* Reichenbach fil.

1. *Bletilla striata* (Thunberg) Reichenbach fil.

= *Limodorum striatum* Thunberg [basion.]

= *Bletia striata* (Thunberg) Druce

= *Cymbidium striatum* (Thunberg) Swartz

= *Epidendrum striatum* (Thunberg) Thunberg

= *Jimensia striata* (Thunberg) Garay & R.E. Schultes

Bletia gebina Lindley

= *Bletilla gebina* (Lindley) Reichenbach fil.

= *Calanthe gebina* (Lindley) Lindley

Coelogyne elegantula Kraenzlin

= *Bletilla elegantula* (Kraenzlin) Garay & G.A. Romero

Cymbidium hyacinthinum Smith

= *Bletia hyacinthina* (Smith) Aiton

= *Bletilla hyacinthina* (Smith) Reichenbach fil.

= *Limodorum hyacinthinum* (Smith) Donn

Gyas humilis Salisbury

Jimensia nervosa Rafinesque

Polytoma inodora Loureiro ex B.A. Gomes

Sobralia bletioides Brongniart ex Decaisne

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Blétia, bétia estriada, bletila, bletila elegante, bletila estriada, calante, calante gebina, celogine, celogine elegante, cimbídio, cimbídio estriado, epidendro, epidendro estriado, gias, gias humilde, jimênsia, jimênsia estriada, jimênsia nervosa, limodoro, limodoro estriado, polítoma, sobralia.

Endemismo eurasiático, da China e do Japão (ALEXANDER, 1984c: 172); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, terrestre, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

10. *Brassia* R. Brown

1. *Brassia arachnoidea* Barbosa Rodrigues

Epífita. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Brássia, brássia aracnóidea.

Endemismo sul-americano, da América do Sul tropical: Brasil (IPNI); Planta ornamental herbácea perene tuberosa epífita, por vezes cultivada em Portugal como planta de interior, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Brassia verrucosa* Bateman ex Lindley

= *Oncidium verrucosum* (Bateman ex Lindley) Reichenbach fil.

Brassia aristata Lindley

Brassia brachiata Lindley

= *Oncidium brachiatum* (Lindley) Reichenbach fil.

Brassia coryandra E. Morren

Brassia cowanii Lindley

Brassia longiloba DC.

Brassia odontoglossoides Klotzsch & H. Karsten

Epífito. Origem: América Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Brássia, brássia verrucosa, brássia verrugosa, oncídio, oncídio verrucoso, oncídio verrugoso.

Endemismo da América Tropical, do sul do México até à Venezuela (CULLEN, 1984d: 280; IPNI); Planta ornamental herbácea perene tuberosa epífita, raramente cultivada em Portugal, como planta de interior, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. **Brassia** sp.

Epífito. Origem: América Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Brássia.

Endemismo da América Tropical (MABBERLEY, 2008: 119); Planta ornamental herbácea perene tuberosa epífita, raramente cultivada em Portugal, como planta de interior, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

11. × **Brassocattleya** Rolfe

1. × **Brassocattleya 'Déesse Perfection'**

× *Brassocattleya* 'Ferrières' × *Cattleya* 'Lamartine' (ROSA, 2000: 157)

Epífito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Brassocattleya, brassocattleya perfeita, cattleya, cattleya perfeita.

Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, epífita, de origem híbrida hortícola, raramente cultivada em Portugal, como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte II, subtropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

2. × **Brassocattleya 'Imperatrice de Russie'**

Epífito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Brassocattleya, brassocattleya imperial, cattleya, cattleya imperial.

Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, epífita, de origem híbrida hortícola, raramente cultivada em Portugal, como planta de interior, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

12. **Bulbophyllum** Thouars

1. **Bulbophyllum** sp.

Epífito. Origem: Regiões Tropicais.

Alguns nomes comuns possíveis: Bulbofilo, bulbófilo.

Endemismo das regiões tropicais, de origem desconhecida (cf. MABBERLEY, 2008: 127); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, epífita, raramente cultivada em Portugal, como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

13. **Catasetum** Richard

1. **Catasetum cernuum** (Lindley) Reichenbach. fil.

= *Myanthus cernuus* Lindley [basion.]

Catasetum cernuum (Lindley) Reichenbach. fil. var. *revolutum* Cogn.

Catasetum cernuum (Lindley) Reichenbach. fil. var. *typum* Hoehne

Catasetum trifidum Hooker

Catasetum umbrosum Barbosa Rodrigues

= *Catasetum cernuum* (Lindley) Reichenbach. fil. var. *umbrosum* (Barbosa Rodrigues) Cogniaux

Monacanthus viridis Lindley

= *Catasetum viride* (Lindley) Lindley

Epífito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Catasseto, mianto, monacanto.

Endemismo sul-americano, do sul do Brasil, de floração vernal e estival (CULLEN, 1984a: 264); Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (Rosa, 2000: Anexo VII)

14. **Cattleya** Lindley

1. **Cattleya bicolor** Lindley

= *Epidendrum bicolor* (Lindley) Reichenbach fil.

Epífita. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Catleia, catleia bicolor, catleia de duas cores, epidendro, epidendro bicolor, epidendro de duas cores.

Endemismo sul-americano, do sul do Brasil, de floração estival e outonal (ALEXANDER, 1984d: 193); Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Cattleya caulescens** (Lindley) Van den Berg

= *Laelia caulescens* Lindley [basion.]

= *Bletia caulescens* (Lindley) Reichenbach fil.

= *Hoffmannsegella caulescens* (Lindley) H.G. Jones

= *Sophronitis caulescens* (Lindley) Van den Berg & M.W. Chase

Laelia crispilabia A. Richard ex R. Warner

= *Bletia crispilabia* (A. Richard ex R. Warner) Reichenbach fil.

= *Hoffmannsegella crispilabia* (A. Richard ex R. Warner) H.G. Jones

= *Laelia cinnabarina* Bateman ex Lindley var. *crispilabia* (A. Richard ex R. Warner) A.H. Kent

Laelia mantiqueirae Pabst ex Zappi

Epífita. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Blétia, blétia caulescente, blétia crispilábia, blétia de caule, blétia de lábios crespas, hofmanseguela, hofmanseguela caulescente, hofmanseguela crispilábia, hofmanseguela de caule, hofmanseguela de lábios crespas, lélia, lélia de caule, lélia caulescente, lélia crispilábia, lélia de Mantiqueira, sofronítis, sofronítis de caule, sofronítis caulescente.

Endemismo sul-americano, do sul do Brasil: Minas Gerais (IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (Rosa, 2000: Anexo VII).

3. **Cattleya dowiana** Bateman & Reichenbach fil. var. **aurea** (Linden) B.S. Williams & T. Moore

= *Cattleya aurea* Linden [basion.]

Cattleya dowiana Bateman & Reichenbach. fil. var. *chrysotaxa* Sander

= *Cattleya chrysotaxa* (Sander) God.-Leb.

Epífita. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Catleia, catleia áurea, catleia de flores douradas, catleia dourada.

Endemismo americano, da América tropical: Costa Rica (IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. **Cattleya 'Fabia'**

Epífita. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Catleia, catleia fábia.

Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, de origem hortícola, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. **Cattleya gaskelliana** (N.E. Brown) B.S. Williams

= *Cattleya labiata* Lindley var. *gaskelliana* N.E. Brown [basion.]

Cattleya gaskelliana (N.E. Brown) B.S. Williams var. *alba* B.S. Williams

= *Cattleya gaskelliana* (N.E. Brown) B.S. Williams f. *alba* (B.S. Williams) M. Wolff & O. Gruss

Cattleya labiata Lindley var. *gaskelliana* Veitch

Epífita. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Catleia, catleia de Gaskell, catleia gaskelliana.

Endemismo sul-americano, da Venezuela (ALEXANDER, 1984d: 194); Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim. Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

6. **Cattleya grandis** (Lindley & Paxton) A.A. Chadwick

= *Laelia grandis* Lindley & Paxton [basion.]
 = *Blettia grandis* (Lindley & Paxton) Reichenbach fil.
 = *Brasilia grandis* (Lindley & Paxton) Gutfreund
 = *Chironiella grandis* (Lindley & Paxton) Braem
 = *Hadrolaelia grandis* (Lindley & Paxton) Chiron & V.P. Castro
 = *Sophranitis grandis* (Lindley & Paxton) Van den Berg & M.W. Chase
 Epífita. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Brasilélia, brasilélia de flores grandes, brasilélia grande, catleia, catleia de flores grandes, catleia grande, hadrolélia, hadrolélia de flores grandes, hadrolélia grande, lélia, lélia de flores grandes, lélia grande, quironiela, quironiela de flores grandes, quironiela grande.

Endemismo sul-americano, do Brasil, de floração predominantemente primavera ou vernal e estival (ALEXANDER, 1984d: 195; HUXLEY & al., 1999a: 7; IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim. Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

7. **Cattleya guttata** Lindley

Cattleya elatior Lindley
 = *Cattleya guttata* Lindley var. *elatior* (Lindley) Fowlie
 = *Epidendrum elatius* (Lindley) Reichenbach fil.
Cattleya guttata Lindley var. *caerulea* L.C. Menezes
Cattleya guttata Lindley var. *munda* Reichenbach fil.
 = *Cattleya guttata* Lindley f. *munda* (Reichenbach fil.) M. Wolff & O. Gruss
Cattleya guttata Lindley var. *pernambucensis* Rodigas
 = *Cattleya leopoldii* Verschaffelt ex Lemaire subsp. *pernambucensis* (Rodigas) Brieger
Cattleya sphenophora C. Morren
Epidendrum amethystoglossum Reichenbach fil.
 Epífita. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Catleia, catleia ametista, catleia ametístea, catleia ametistina, catleia cerúlea, catleia de flores azuis, catleia de Pernambuco, catleia pernambucana, epidendro, epidendro ametistoglossa, epidendro de garganta ametista, epidendro de Pernambuco, epidendro pernambucano.

Endemismo sul-americano, do Sul do Brasil (ALEXANDER, 1984d: 193; IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim. Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

8. **Cattleya harrisoniana** Bateman ex Lindley

Cattleya brownii Rolfe
Cattleya concolor Drapiez
Cattleya harrisoniae Paxton
 = *Cattleya loddigesii* Lindley var. *harrisoniae* (Paxton) A.H. Kent
Cattleya harrisoniana Bateman ex Lindley var. *alba* Beer
 = *Cattleya harrisoniana* Bateman ex Lindley f. *alba* (Beer) F. Barros & J.A.N. Batista
 = *Cattleya harrisoniana* Bateman ex Lindley f. *alba* (Beer) M. Wolff & O. Gruss
Cattleya harrisonii P.N. Don
Cattleya loddigesii Lindley var. *harrisoniana* Rolfe
Cattleya papeiansiana C. Morren
 Epífita. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Catleia, catleia albiflora, catleia alba, catleia albiflora, catleia alva, catleia branca, catleia cândida, catleia de Brown, catleia de flores brancas, catleia de Harrison, catleia harrisoniana, catleia leucanta.

Endemismo sul-americano, do sul do Brasil (ALEXANDER, 1984d: 192; IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim. Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

9. **Cattleya × hybrida** H.J. Veitch

Cattleya × itatiayae Porto

Cattleya × picta auct.

Epífito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Catleia, catleia de Itatiaya, catleia híbrida, catleia picta, catleia pintada.

Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, de origem hortícola, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

10. **Cattleya intermedia** Graham ex Hooker

= *Epidendrum intermedium* (Graham ex Hooker) Reichenbach fil.

Cattleya amabilis Lindley ex F. Buys.

Cattleya amethystina C. Morren

= *Cattleya intermedia* Graham ex Hooker f. *amethystina* (C. Morren) M. Wolff & O. Gruss

= *Cattleya intermedia* Graham ex Hooker var. *amethystina* (C. Morren) Fowlie

Cattleya aquinii Barbosa Rodrigues

Cattleya gibeziae L. Linden & Rodigas

= *Cattleya intermedia* Graham ex Hooker var. *gibeziae* (L. Linden & Rodigas) L. Linden & Rodigas

Cattleya intermedia Graham var. *angustifolia* Hooker

Cattleya intermedia Graham ex Hooker var. *macrochila* Barbosa Rodrigues

Cattleya intermedia Graham ex Hooker var. *pallida* Lindley

Cattleya intermedia Graham ex Hooker var. *parthenia* Reichenbach fil.

= *Cattleya intermedia* Graham ex Hooker f. *parthenia* (Reichenbach fil.) F. Barros & J.A.N. Batista

= *Cattleya intermedia* Graham ex Hooker f. *parthenia* (Reichenbach fil.) M. Wolff & O. Gruss

Cattleya intermedia Graham ex Hooker var. *punctatissima* Sander

Cattleya intermedia Graham ex Hooker var. *variegata* Hooker

Cattleya lindleyana Reichenbach fil.

= *Bletia lindleyana* (Reichenbach fil.) Reichenbach fil.

= *Laelia lindleyana* (Reichenbach fil.) G. Nicholson

= *Laelia lindleyana* (Reichenbach fil.) H.J. Veitch

Cattleya maritima Lindley

Cattleya ovata Lindley

Epidendrum canaliculatum Vellozo

Epífito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Blétia, blétia de Lindley, catleia, catleia amável, catleia ametista, catleia ametistina, catleia de Lindley, catleia intermédia, catleia marítima, catleia ovada, epidendro, epidendro intermédio, lélia, lélia de Lindley.

Endemismo sul-americano, do sul do Brasil, de floração outonal (ALEXANDER, 1984d: 192); Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, em 1932 e depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

11. **Cattleya jongheana** (Reichenbach fil.) Van den Berg

= *Laelia jongheana* Reichenbach fil. [basion.]

= *Bletia jongheana* (Reichenbach fil.) Reichenbach fil.

= *Hadrolaelia jongheana* (Reichenbach fil.) Chiron & V.P. Castro

= *Sophronitis jongheana* (Reichenbach fil.) Van den Berg & M.W. Chase

Epífito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Blétia, blétia de Jonghe, catleia, catleia de Jonghe, hadrolélia, hadrolélia de Jonghe, lélia, lélia de Jonghe, sofronítis, sofronítis de Jonghe.

Endemismo sul-americano, do SE do Brasil, de floração primaveril ou vernal (ALEXANDER, 1984e: 196; HUXLEY & al. 1999c: 7; IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

12. **Cattleya labiata** Lindley

= *Epidendrum labiatum* (Lindley) Reichenbach fil.

Epífito. Origem: América do Sul.

Catleia, catleia labiada, epidendro, epidendro labiado.

Endemismo sul-americano, do Brasil (ALEXANDER, 1986d: 193-194); Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

13. **Cattleya lobata** Lindley

= *Bletia lobata* (Lindley) Reichenbach fil.

= *Brasilelia lobata* (Lindley) Gutfreund

= *Chironiella lobata* (Lindley) Braem

= *Hadrolaelia lobata* (Lindley) Chiron & V.P. Castro

= *Laelia lobata* (Lindley) A.H. Kent

= *Laelia lobata* (Lindley) Veitch

= *Sophranitis lobata* (Lindley) Van den Berg & M.W. Chase

Laelia boothiana Reichenbach fil.

= *Bletia boothiana* (Reichenbach fil.) Reichenbach fil.

Laelia lobata (Lindley) A.H. Kent var. *alba* Occhioni

Laelia rivieri Carrière

Epífito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Blétia, blétia lobada, brasilélia, brasilélia lobada, catleia, catleia lobada, hadrolélia, hadrolélia lobada, lélia, lélia alba, lélia albiflora, lélia alva, lélia de flores albas, lélia de flores alvas, lélia de flores brancas, lélia de flores cândidas, lélia lobada, quironiela, quironiela lobada, sofronítis, sofronítis lobada.

Endemismo sul-americano, do Brasil, de floração predominantemente primaveril ou vernal (ALEXANDER, 1984e: 195; HUXLEY & al., 1999c: 7); Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

14. **Cattleya mossiae** C. Parker ex Hooker

= *Cattleya labiata* Lindley var. *mossiae* (C. Parker ex Hooker) Lindley

= *Epidendrum labiatum* (Lindley) Reichenbach fil. var. *mossiae* (C. Parker ex Hooker) Reichenbach fil.

Cattleya aliciae Linden

Cattleya carrierei Houlet

Cattleya edithiana R. Warner ex B.S. Williams

Cattleya labiata Lindley var. *reineckiana* Reichenbach fil. ex O'Brien

Cattleya reineckiana (Lindley) Reichenbach fil.

= *Cattleya mossiae* C. Parker ex Hooker var. *reineckiana* (Reichenbach fil. ex O'Brien) M. Wolff & O. Gruss

= *Epidendrum labiatum* (Lindley) Reichenbach fil. var. *reineckianum* (Reichenbach fil. ex O'Brien) Reichenbach fil.

Cattleya wagneri Reichenbach fil.

= *Cattleya mossiae* C. Parker ex Hooker f. *wagneri* (Reichenbach fil.) M. Wolff & O. Gruss

= *Epidendrum labiatum* (Lindley) Reichenbach fil. var. *wagneri* (Reichenbach fil.) Reichenbach fil.

Epífito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Catleia, catleia da Páscoa, catleia de Carrière, catleia de Edith, catleia de Mossia, catleia de Reinecke, catleia de Wagener, catleia labiada, epidendro, epidendro de Reinecke, epidendro da Páscoa, orquídea da Páscoa, orquídea de Mossia.

Endemismo sul-americano, da Venezuela (ALEXANDER, 1984d: 194; HUXLEY & al., 1999a: 544-546); Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

15. *Cattleya pauper* (Vellozo) Stellfeld= *Epidendrum pauper* Vellozo [basion.]*Cattleya forbesii* Lindley= *Epidendrum forbesii* (Lindley) Reichenbach fil.*Cattleya forbesii* Lindley f. *aurea* A. Seidel ex Roeth*Cattleya forbesii* Lindley var. *viridiflora* Horta*Cattleya fulva* Beer*Cattleya isopetala* Beer*Cattleya vestalis* Hoffmannsegg*Maelenia paradoxa* Dumortier

Epífita. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Catleia, catleia áurea, catleia de flores verdes, catleia de Forbes, catleia de pétalas iguais, catleia dourada, catleia fulva, catleia isopétala, catleia pobre, catleia prasinanta, catleia vestal, catleia viridiflora, epidendro, epidendro de Forbes, epidendro pobre, maelénia, melénia.

Endemismo sul-americano, do sul do Brasil, de floração vernal e estival (ALEXANDER, 1984d: 192; IPNI);

Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal.

Estufas, em 1932 e depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

16. *Cattleya perrinii* Lindley= *Amalia perrinii* (Lindley) Heynhold= *Bletia perrinii* (Lindley) Reichenbach fil.= *Brasilelia perrinii* (Lindley) Campacci= *Chironiella perrinii* (Lindley) Braem= *Hadrolaelia perrinii* (Lindley) Chiron & V.P. Castro= *Laelia perrinii* (Lindley) Bateman= *Sophronitis perrinii* (Lindley) Van den Berg & M.W. Chase

Epífita. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Amália, amália de Perrin, blétia, blétia de Perrin, brasilélia, brasilélia de Perrin, hadrolélia, hadrolélia de Perrin, lélia, lélia de Perrin, quironiela, quironiela de Perrin, sofronítis, sofronítis de Perrin.

Endemismo sul-americano, do SE do Brasil, de floração outonal e hibernal ou hiemal (ALEXANDER, 1984e: 195; HUXLEY & al., 1999c: 7; IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, em 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

17. *Cattleya purpurata* (Lindley & Paxton) Van den Berg= *Laelia purpurata* Lindley & Paxton [basion.]= *Bletia purpurata* (Lindley & Paxton) Reichenbach fil., nom. illeg.= *Brasilelia purpurata* (Lindley & Paxton) Campacci= *Chironiella purpurata* (Lindley & Paxton) Braem= *Hadrolaelia purpurata* (Lindley & Paxton) Chiron & V.P. Castro= *Sophronitis purpurata* (Lindley & Paxton) Van den Berg & M.W. Chase*Amalia purpurea* Heynhold, nom. inval.*Bletia purpurata* (Lindley & Paxton) Reichenbach fil. var. *aurorea* Reichenbach fil.*Bletia purpurata* (Lindley & Paxton) Reichenbach fil. var. *pallida* Reichenbach fil.*Cattleya brysiana* Lemaire*Laelia casperiana* Reichenbach fil.= *Bletia casperiana* (Reichenbach fil.) Reichenbach fil.*Laelia purpurata* Lindley & Paxton var. *blenheimense* R. Warner & B.S. Williams*Laelia purpurata* Lindley & Paxton var. *nelisii* Lemaire*Laelia purpurata* Lindley & Paxton var. *praetexta* Reichenbach fil.= *Bletia purpurata* (Lindley & Paxton) Reichenbach fil. var. *praetexta* (Reichenbach fil.) Reichenbach fil.*Laelia purpurata* Lindley & Paxton var. *rosea* Regel*Laelia purpurata* Lindley & Paxton var. *virginalis* L.C. Menezes= *Hadrolaelia purpurata* (Lindley & Paxton) Chiron & V.P. Castro f. *virginalis* (L.C. Menezes) F. Barros e J.A.N. Batista*Laelia russelliana* B.S. Williams= *Laelia purpurata* Lindley & Paxton var. *russelliana* (B.S. Williams) B.S. Williams

Epífita. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Amália, amália de púrpura, amália púrpurea, blétia, blétia casperiana, blétia casperina, blétia de Casper, blétia de púrpura, blétia pálida, blétia purpúrea, brasilélia, brasilélia de púrpura, brasilélia purpúrea, hadrolélia, hadrolélia de púrpura, lélia, lélia casperiana, lélia casperina, lélia de Blenheim, lélia de Casper, lélia de Nelis, lélia de púrpura, lélia de Russell, lélia púrpurea, lélia rosada, lélia rósea, lélia russeliana, lélia russelina, lélia virginal, lélia virgínea, quironiela, quironiela de púrpura, sofronitis, sofronitis de púrpura.

Endemismo sul-americano, do Sul do Brasil, de floração predominantemente primaveril ou vernal e estival (ALEXANDER, 1984e: 195; HUXLEY & al., 1999c: 7); Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, em 1932 e depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

18. **Cattleya tigrina** A. Richard

Cattleya leopoldii Verschaffelt ex Lemaire

= *Cattleya guttata* Lindley var. *leopoldii* (Verschaffelt ex Lemaire) Linden & Reichenbach. fil.

= *Epidendrum elatius* var. *leopoldii* (Verschaffelt ex Lemaire) Reichenbach. fil.

Cattleya guttata Lindley var. *leopardina* L. Linden & Rodigas

Cattleya guttata Lindley var. *purpurea* Cogn.

Cattleya guttata Lindley var. *williamsiana* Reichenbach. fil.

Cattleya leopoldii Verschaffelt ex Lemaire var. *alba* Fowlie

Epidendrum elegans Vellozo

Epífita. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Catleia, catleia das feras, catleia de Leopoldo, catleia de leopardo, catleia de púrpura, catleia de tigre, catleia de Williams, catleia elegante, catleia felina, catleia ferina, catleia leopardina, catleia purpúrea, catleia tigrina, epidendro, epidendro elegante, epidendro labiado.

Endemismo sul-americano, do Brasil, de floração estival (ALEXANDER, 1984d: 193); Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

19. **Cattleya trianae** Linden & Reichenbach fil.

= *Cattleya labiata* Lindley var. *trianae* (Linden & Reichenbach fil.) Regel

= *Epidendrum labiatum* (Lindley) Reichenbach fil. var. *trianae* (Linden & Reichenbach fil.) Reichenbach fil.

Cattleya bogotensis Linden

Cattleya kimballiana L. Linden & Rodigas

Epífita. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Catleia, catleia bogotense, catleia da Colômbia, catleia de Bogotá, catleia colombiana, catleia de Kimball, catleia kimballiana, catleia labiada.

Endemismo sul-americano, da Colômbia (ALEXANDER, 1984d: 194); Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

20. **Cattleya trianae** Linden & Reichenbach fil. 'o Dion'

Epífita. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Catleia, catleia labiada.

Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, de origem hortícola, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

21. **Cattleya velutina** Reichenbach fil.

Cattleya alutacea Barbosa Rodrigues

= *Cattleya velutina* Reichenbach fil. var. *alutacea* (Barbosa Rodrigues) Cogn.

Cattleya alutacea Barbosa Rodrigues var. *velutina* Barbosa Rodrigues

Cattleya fragrans Barbosa Rodrigues

Cattleya tetraploidea Brieger, nom. inval.

Cattleya velutina Reichenbach fil. var. *lietzei* Regel

Cattleya velutina Reichenbach fil. var. *punctata* Regel

Epífita. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Catleia, catleia aveludada, catleia de veludo, catleia velutina.

Endemismo sul-americano, do Sul do Brasil, de floração estival (ALEXANDER, 1984d: 192; IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

22. **Cattleya xanthina** (Lindley) Van den Berg

= *Laelia xanthina* Lindley [basion.]

= *Bletia xanthina* (Lindley) Reichenbach fil.

= *Brasilaelia xanthina* (Lindley) Campacci

= *Chironiella xanthina* (Lindley) Braem

= *Hadrolaelia xanthina* (Lindley) Chiron & V.P. Castro

= *Sophronitis xanthina* (Lindley) Van den Berg & M.W. Chase

Bletia flabellata Reichenbach fil.

Epífita. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Blétia, blétia amarela, blétia flabelada, blétia flava, blétia flavescence, blétia lútea, blétia lutescente, brasilélia, brasilélia amarela, brasilélia amarelada, brasilélia flava, brasilélia flavescence, brasilélia lútea, brasilélia lutescente, brasilélia xantina, catleia, catleia amarela, catleia amarelada, catleia flava, catleia flavescence, catleia lútea, catleia lutescente, catleia xantina, hadrolélia, hadrolélia amarela, hadrolélia amarelada, hadrolélia flava, hadrolélia flavescence, hadrolélia lútea, hadrolélia lutescente, hadrolélia xantina, lélia, lélia amarela, lélia amarelada, lélia flava, lélia flavescence, lélia lútea, lélia lutescente, lélia xantina, quironiela, quironiela amarela, quironiela amarelada, quironiela flava, quironiela flavescence, quironiela lútea, quironiela lutescente, quironiela xantina, sofronítis, sofronítis amarela, sofronítis amarelada, sofronítis flava, sofronítis flavescence, sofronítis lútea, sofronítis lutescente, sofronítis xantina.

Endemismo sul-americano, do Este do Brasil, de floração estival (ALEXANDER, 1984d: 192; HUXLEY & al., 1999c: 8; IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

23. **Cattleya wallisii** (Linden) Rollisson

= *Cattleya wallisii* (Linden) Linden & Reichenbach. fil.

= *Laelia wallisii* Linden [basion.]

Cattleya crocata Reichenbach. fil.

Cattleya eldorado Linden

= *Cattleya labiata* Lindley var. *eldorado* (Linden) A.H. Kent

Cattleya eldorado Linden var. *splendens* Linden & B.S. Williams

Cattleya macnorlandii G. Nicholson

Cattleya trichopiliochila Barbosa Rodrigues

Cattleya virginalis Linden & André

= *Cattleya trichopiliochila* Barbosa Rodrigues var. *virginalis* (Linden & André) Braem

Cattleya virginalis Linden & André var. *rosea* B.S. Williams

Epífita. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Catleia, catleia de Wallis, laélia, laélia de Wallis, lélia, lélia de Wallis.

Endemismo sul-americano, do Sul do Brasil (IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, de origem hortícola, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, em 1932 e depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

24. **Cattleya warneri** T. Moore ex R. Warner

= *Cattleya labiata* Lindley var. *warneri* (T. Moore ex R. Warner) Veitch

Cattleya trilabiata Barbosa Rodrigues

Cattleya warneri T. Moore ex R. Warner var. *amoena* L.C. Menezes

Cattleya warneri T. Moore ex R. Warner var. *caerulea* L.C. Menezes

= *Cattleya warneri* T. Moore ex R. Warner f. *caerulea* (L.C. Menezes) F. Barros & J.A.N. Batista

Cattleya warneri T. Moore ex R. Warner var. *semialba* L.C. Menezes

Epífita. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Catleia, catleia de Warner.

Endemismo sul-americano, do sul do Brasil, de floração estival (ALEXANDER, 1984d: 194; HUXLEY & al., 1999a: 546); Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII)

25. **Cattleya warscewiczii** Reichenbach fil.

= *Cattleya labiata* Lindley var. *warscewiczii* (Reichenbach fil.) A.H. Kent

= *Epidendrum labiatum* (Lindley) Reichenbach fil. var. *warscewiczii* (Reichenbach fil.) Reichenbach fil.

Cattleya gigas Linden

Cattleya gloriosa Carrière

Cattleya imperialis O'Brien

Cattleya labiata Lindley var. *warscewiczii* (Reichenbach f.) A.H. Kent f. *gigas* hort.

Cattleya lindenii auct.

Cattleya sanderiana H. Low

Cattleyopsis guanensis Acuña, nom. inval.

Epífita. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Catleia, catleia de Warscewicz, catleia de Linden, catleia de Sander, catleia gigante, catleia gloriosa, catleiópsis, epidendro, epidendro de Warscewicz, epidendro labiado.

Endemismo sul-americano, da Colômbia (ALEXANDER, 1984d: 194); Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

26. **Cattleya** sp.

Epífita. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Catleia.

Endemismo americano (da América tropical); Planta ornamental exótica herbácea perene epífita, tuberosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII).

15. **Cephalanthera** L.C.M. Richard

1. **Cephalanthera longifolia** (L.) Fritsch

= *Serapias helleborine* L. var. *longifolia* L. [basion.]

Cephalanthera longifolia (L.) Fritsch var. *rosea* M.L. Perko

Cephalanthera xyphophylla Reichenbach fil.

Serapias ensifolia Murray, nom. illeg.

= *Cephalanthera ensifolia* (L.) Murray ex L.C.M. Richard, nom. illeg.

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cefalantera, cefalantera de folhas longas, cefalantera ensifólia, serápias, serápias longuífólia.

Endemismo eurasiático e mediterrânico; Elemento Euro-Siberiano, considerado em risco de extinção na Holanda (WORD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010; FLORON VERSPREIDINGATLAS PLANTEN, 2014), cuja distribuição alcança os Himalaias, própria de bosques e suas orlas e outros locais sombrios, de floração primaveril ou vernal (MOORE, 1980d: 328; RENZ & TAUBENHEIM, 1984a: 460; WOODS, 1984e: 160; MOSYAKIN & FEDORONCHUK, 1999: 39; ALARCÓN & AEDO, 2005: 55-56; DELFORGE, 2006: 42); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, espontânea, dispersa e pouco comum em Portugal ARAÚJO & al., 2014bg), e raramente cultivada entre nós (Identificação verificada por R.B. Fernandes em 1951).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Cephalanthera** sp.

Geófito. Origem: Desconhecida.

Alguns nomes comuns possíveis: Cefalantera.

Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

16. **Coelogyne** Lindley

[Syn.: *Bolborchis* Lindley; *Hologyne* Pfitzer; *Ptychogyne* Pfitzer]

1. **Coelogyne cristata** Lindley

Epífito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Celogine, celogine cristada, celogine de crista.

Endemismo asiático, da Ásia tropical, a Este dos Himalaias, de floração invernal e vernal ou primaveril (ALEXANDER & WOODS, 1984: 182; MABBERLEY, 2008: 200); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas; Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

2. **Coelogyne flaccida** Lindley

= *Pleione flaccida* (Lindley) Kuntze

Coelogyne esquirolii Schlechter

Coelogyne flaccida Lindley var. *longiracemosa* Roeth

Coelogyne lactea H.G. Reichenbach

Epífito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Celogine, celogine de Esquirol, celogine de leite, celogine esquiroliana, celogine flácida, celogine láctea, celogine leitosa, lilimbeimulan, pleione, pleione flácida.

Endemismo asiático, da Ásia oriental, sobretudo tropical (CHEN & CLAYTON, 2009: 323), a Este dos Himalaias, de floração invernal e vernal ou primaveril (ALEXANDER & WOODS, 1984: 181); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa e rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. **Coelogyne mooreana** Rolfe

Coelogyne mooreana Rolfe f. *alba* Roeth & O. Gruss

Coelogyne psestrantha Gagnepain

Epífito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Celogine, celogine alva, celogine branca, celogine cândida, celogine de Moore, celogine psestranta.

Endemismo asiático, da Ásia tropical: Vietnam, região de Annam ou An Nam (IPNI; WIKIPEDIA); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. **Coelogyne tomentosa** Lindley

= *Pleione tomentosa* (Lindley) Kuntze

Coelogyne cymbidioides Ridley, nom. illeg.

Coelogyne densiflora Ridley

Coelogyne massangeana Reichenbach fil.

= *Pleione massangeana* (Reichenbach fil.) Kuntze

Coelogyne tomentosa Lindley var. *cymbidioides* Ridley

Epífito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Celogine, celogine cimbídia, celogine cimbidióide, celogine de flores densas, celogine de Massange, celogine densiflora, celogine massangeana, celogine tomentosa, pleione, pleione massangeana.

Endemismo asiático, da Ásia tropical (Malásia) e da Indonésia, de floração sobretudo vernal e estival (ALEXANDER & WOODS, 1984: 181; IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, epifítica, simpodial (WIKIPEDIA), raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII); Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

17. **Cymbidium** Swartz

[Syn.: *Cyperorchis* Blume; *Iridorchis* Blume (1859), non *Iridorkis* Thouars (1809);

Jensoa Rafinesque; *Liuguishania* Z.J. Liu & J.N. Zhang; *Semiphajus* Gagnepain, p.p.;

Wutongshania Z.J. Liu & J.N. Zhang (LIU, CHEN & CRIBB, 2009b: 260)]

1. **Cymbidium 'Alexette'**

Epífito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Cimbídio.

Planta ornamental herbácea perene, epífita e tuberosa, de origem híbrida hortícola, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002; XII.2011, Observ. I); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

2. **Cymbidium aloifolium** (L.) Swartz

= *Epidendrum aloifolium* L. [basion.]

Aerides borassii Buchanan-Hamilton ex Smith

Cymbidium erectum Wight, nom. illeg.

Cymbidium intermedium H.G. Jones

Cymbidium simulans Rolfe

Epidendrum aloides Curtis

Epidendrum pendulum Roxburgh

= *Cymbidium pendulum* (Roxburgh) Swartz

Epífito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Aerides, cimbídio, cimbídio aloifólio, cimbídio de folhas de aloé, cimbídio erecto, cimbídio intermédio, cimbídio médio, epidendro, epidendro aloifólio, epidendro de folhas de aloé.

Endemismo asiático, da Ásia tropical: Bangladesh, Birmânia, Cambodja, Ceilão, China (Sul), Índia, Indonésia, Laos, Malásia, Nepal, Tailândia e Vietname, em ambientais florestais, rochosos e de orlas de cursos de água, a altitudes que vão dos 100 aos 1100 metros, de floração vernal ou primaveril e estival (HUXLEY & al., 1999a: 801; LIU, CHEN & CRIBB, 2009b: 263; ROSA, 2000: 159; IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, epifítica, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. **Cymbidium 'Gold Mohur'**

Epífito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Cimbídio, cimbídio áureo, cimbídio de ouro, cimbídio dourado.

Planta ornamental herbácea perene, epífita e tuberosa, de origem híbrida hortícola, possivelmente originada a partir de *Cymbidium lowianum* (Reichenbach f.) Reichenbach f. [= *Cymbidium giganteum* (L. f.) Swartz var. *lowianum* Reichenbach f. (basion.)], muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. **Cymbidium iridioides** D. Don

Cymbidium giganteum Wallich ex Lindley, nom. illeg.

Cyperorchis gigantea Schlechter, nom. illeg.

Iridorchis gigantea Blume, nom. illeg.

Limodorum longifolium Buchanan-Hamilton ex Lindley, nom. inval.

Epífito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Cimbídio, cimbídio agigantado, cimbídio gigante, cimbídio grande, cimbídio iridióide, ciperórquis, ciperórquis agigantada, ciperórquis gigante, ciperórquis grande, iridórquis, iridórquis agigantada, iridórquis gigante, iridórquis grande, limodoro, limodoro de folhas longas, limodoro longifólio.

Endemismo eurasiático, dos Himalaias e da Ásia tropical, onde se pode encontrar a altitudes entre os 900 e os 2800 metros, sobre árvores ou sobre rochas em ambientes florestais, em matagais e em penhascos sombrios, de floração estival e outonal (HUXLEY & al., 1999a: 802; LIU, CHEN & CRIBB, 2009b: 266;

IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. *Cymbidium* 'Joan of Arc White Velvet'

Epífito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Cimbídio.

Planta ornamental herbácea perene, epífita e tuberosa, de origem híbrida hortícola, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

5. *Cymbidium lowianum* (Reichenbach fil.) Reichenbach fil.

= *Cymbidium giganteum* (L. f.) Swartz var. *lowianum* Reichenbach fil. [basion.]

= *Cymbidium hookerianum* Reichenbach fil. var. *lowianum* (Reichenbach fil.) Y.S. Wu & S.C. Chen

= *Cyperorchis lowiana* (Reichenbach fil.) Schlechter

Epífito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Cimbídio, ciperórquis.

Endemismo asiático, da Ásia tropical: Burma, China, Tailândia (CULLEN, 1984e: 260; ROSA, 2000: 159);

Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

6. *Cymbidium* × *pauwelsii* J.G. Fowler

Cymbidium × *lawrenceanum* Rolfe

Epífito. Origem: Híbrida.

Alguns nomes comuns possíveis: Cimbídio, cimbídio bastardo, cimbídio de Lawrence, cimbídio de Pauwels, cimbídio híbrido, cimbídio hortícola.

Planta ornamental herbácea tuberosa, de origem híbrida, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

7. *Cymbidium tracyanum* L. Castle

= *Cyperorchis tracyana* (L. Castle) Schlechter

Epífito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Cimbídio, ciperórquis.

Endemismo da Ásia oriental tropical: China, Birmânia, Tailândia, Vietname, que se pode encontrar a altitudes entre os 1200 e os 1900 metros, vivendo sobre troncos e ramos de árvores e arbustos em florestas e locais rochosos húmidos, nas proximidades de linhas de água, florescendo do Outono até ao Verão, durante quase todo o ano (CULLEN, 1984e: 260; HUXLEY & al., 1999a: 802; LIU, CHEN & CRIBB, 2009b: 265-266); Planta ornamental herbácea perene, epífita e tuberosa, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002; XII.2011, Observ.!); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

18. *Cypripedium* L.

1. *Cypripedium* × *chloroneuron* Reichenbach f.

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Cipripédio, cipripédio híbrido, cipripédio hortícola, sapatinho de Vénus, sapatinho venéreo, sapato de Vénus, sapato venéreo.

Planta ornamental herbácea perene, epífita e tuberosa, de origem híbrida hortícola, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Cypripedium parviflorum** Salisbury

- = *Calceolus parviflorus* (Salisbury) Nieuwland
- = *Criosanthes parviflora* (Salisbury) Rafinesque
- = *Cypripedium bulbosum* L. var. *parviflorum* (Salisbury) Farwell
- = *Cypripedium calceolus* L. subsp. *parviflorum* (Salisbury) Hultén
- = *Cypripedium calceolus* L. var. *parviflorum* (Salisbury) Fernald
- = *Cypripedium hirsutum* Miller var. *parviflorum* (Salisbury) Rolfe
- = *Cypripedium luteum* Aiton ex Rafinesque var. *parviflorum* (Salisbury) Rafinesque
- Cypripedium bifidum* Rafinesque
- Cypripedium luteum* Aiton ex Rafinesque
- Cypripedium parviflorum* Salisbury var. *albolabium* Magrath & J.L. Norman

Geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Calcéolo, calcéolo de flores pequenas, calcéolo micranto, calcéolo parvifloro, cipripédio, cipripédio amarelo, cipripédio bifido, cipripédio de flores pequenas, cipripédio fendido, cipripédio flavo, cipripédio lúteo, cipripédio micranto, cipripédio parvifloro, criosantes, criosantes de flores pequenas, criosantes micranta, criosantes parviflora, criossantes, criossantes de flores pequenas, criossantes micranta, criossantes parviflora, flor-mocassim, flor sapatal, flor sapatinha, flor-sapatinho, flor-sapato, sapatinho de Vénus, sapatinho venéreo, sapato de Vénus, sapato venéreo.

Endemismo norte-americano, da América boreal oriental: Canadá e Estados Unidos, de floração vernal ou primaveril e estival (HUXLEY & al., 1999a: 809); Planta ornamental herbácea perene tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Viveiros (REGISTO DAS SEMENTEIRAS, livro n.º 21, 1928).

19. **Dactylorhiza** Necker ex Nevski

1. **Dactylorhiza elata** (Poiret) Soó var. **elata**

- = *Orchis elata* Poiret [basion.]
- Orchis denticulata* Pau, in sched., nom. nud.
- Orchis durandii* Boissier & Reuter
- = *Dactylorhiza durandii* (Boissier & Reuter) M. Laínz
- = *Orchis elata* Poiret subsp. *durandii* (Boissier & Reuter) Soó
- = *Orchis latifolia* L. subsp. *durandii* (Boissier & Reuter) Trabut
- = *Orchis latifolia* L. subsp. *durandii* (Boissier & Reuter) Malagarriga, comb. superfl.
- = *Orchis latifolia* L. var. *durandii* (Boissier & Reuter) Ball
- Orchis incarnata* L. var. *ambigua* J.A. Guimarães
- Orchis latifolia* sensu Brotero, non L., nom. rejic.
- Orchis lusitanica* Steudel
- = *Orchis latifolia* L. subsp. *lusitanica* (Steudel) Gandoger

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Dactilorriza, dactilorriza de Durand, dactilorriza de flores avermelhadas, dactilorriza de flores encarnadas, dactilorriza de flores rubras, dactilorriza de flores vermelhas, dactilorriza de folhas largas, dactilorriza denticulada, dactilorriza lusitana, dactilorriza lusitânica, dactilorriza portuguesa, órquis, órquis de Durand, órquis de flores avermelhadas, órquis de flores encarnadas, órquis de flores rubras, órquis de flores vermelhas, órquis de folhas largas, órquis denticulada, órquis latifolia, órquis lusitana, órquis lusitânica, órquis portuguesa.

Endemismo eurasiático, do SW da Europa e, eventualmente, norte-africano, da Região Mediterrânica ocidental, próprio de lameiros húmidos, turfeiras e locais pantanosos (SOÓ, 1980a: 336; RENZ & TAUBENHEIM, 1984: 546; DELFORGE, 2001: 202-204; DELFORGE, 2006: 218-220; FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 138-139; SÁNCHEZ PEDRAJA, 2005: 105-107), rara em Portugal, onde se pode por vezes encontrar no Norte e Centro (ARAÚJO & al., 2014bh), muito raramente cultivada entre nós, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Dactylorhiza elata** (Poiret) Soó var. **ambigua** (Martrin-Donos) Soó

- = *Orchis ambigua* Martrin-Donos [basion.]
- = *Dactylorhiza elata* (Poiret) Soó subsp. *ambigua* (Martrin-Donos) Kreutz
- = *Orchis elata* Poiret subsp. *ambigua* (Martrin-Donos) Soó
- = *Orchis seaquipedalis* Willdenow var. *ambigua* (Martrin-Donos) Rouy
- Dactylorhiza occitanica* Geniez, Melki, Pain & R. Soca

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Dactilorriza, dactilorriza ambígua, dactilorriza da Provença, dactilorriza do Languedoc, dactilorriza do Sul de França, dactilorriza dúbia, dactilorriza duvidosa, dactilorriza ocitânica, dactilorriza provençal, órquis, órquis ambígua, órquis da Provença, órquis do Languedoc, órquis do Sul de França, órquis dúbia, órquis duvidosa, órquis ocitânica, órquis provençal.

Endemismo da Região Mediterrânica, eurasiático, exclusivamente europeu e gaulês, do vale inferior do Rhône e massiços vizinhos, do Tarn e Hérault no Ocidente até aos Alpes Marítimos no Oriente, frequentemente com exemplares robustos (DELFORGE, 2001: 204; DELFORGE, 2006: 220).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Dactylorhiza incarnata* (L.) Soó

= *Orchis incarnata* L. [basion.]

= *Dactylorchis incarnata* (L.) Vermeulen

= *Orchis latifolia* L. subsp. *incarnata* (L.) Hooker f.

= *Orchis latifolia* L. var. *incarnata* (L.) Cosson & Germain

= *Orchis mixta* Retzius var. *incarnata* (L.) Retzius

Orchis haematodes auct. non Reichenbach, nom. illeg.

Orchis latifolia L., p.p., nom. rejic.

= *Dactylorhiza latifolia* (L.) Soó, p.p., nom. rejic.

Orchis strictifolia Opiz

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Dactilórquis, dactilórquis de flores vermelhas, dactilórquis de flores encarnadas, dactilórquis de folhas estreitas, dactilórquis de folhas largas, dactilórquis encarnada, dactilorriza, dactilorriza de flores vermelhas, dactilorriza de flores encarnadas, dactilorriza de folhas estreitas, dactilorriza de folhas largas, dactilorriza encarnada, órquis, órquis de flores encarnadas, órquis de flores vermelhas, órquis de folhas estreitas, órquis de folhas largas, órquis encarnada.

Endemismo eurasiático, de vasta distribuição, embora pouco comum nos países do Sul (Região Mediterrânica), atingindo o Cáucaso e a Crimeia, próprio de prados húmidos e turfeiras, habitualmente em substratos calcários, de floração predominantemente estival (SOÓ, 1980a: 334; ALEXANDER, 1984g: 168; RENZ & TAUBENHEIM, 1984l: 544; MOSYAKIN & FEDORONCHUK, 1999: 40; SÁNCHEZ PEDRAJA, 2005: 105-107); Planta ornamental herbácea perene tuberosa, outrora existente em Portugal (TM), onde se encontra actualmente talvez extinta (FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 138; SÁNCHEZ PEDRAJA, l.c.), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ROSA, 2000: Anexo VII); Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. *Dactylorhiza maculata* (L.) Soó

= *Orchis maculata* L. [basion.]

= *Dactylorchis maculata* (L.) Vermeulen

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Burdel-palma, dactilórquis, dactilórquis de manchas, dactilórquis maculada, dactilórquis malhada, dactilórquis manchada, dactilorriza, dactilorriza de manchas, dactilorriza maculada, dactilorriza malhada, dactilorriza manchada, dedos citrinos, embrim, erva de galinha, erva dos lameiros, erva dos prados, erva galinha, erva maculada, erva malhada, erva manchada, flor de galinha, flor de galinheta, flor de galinhita, frailes, galinheta, galinhita, gamueto, gamuetu, limbrim, lírio dos lameiros, lírio dos prados, orquídea dos lameiros, orquídea dos prados, orquídea maculada, orquídea malhada, orquídea manchada, orquídea pratense, orquídea selvagem, orquídea silvestre, órquis de manchas, órquis maculada, órquis malhada, órquis manchada, órquis selvagem, órquis silvestre, palma, palma Christi, palma de Cristo, satirião maculado, satirião malhado, satirião manchado.

Endemismo eurasiático, talvez também presente no Norte de África, distribuído desde a Península Ibérica até à Ásia ocidental, possivelmente presente em várias províncias portuguesas (SOÓ, 1980a: 336; AICHELE & al., 1992: 258; SÁNCHEZ PEDRAJA, 2005: 109-110; DELFORGE, 2006: 238; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Planta ornamental herbácea perene tuberosa, espontânea e relativamente comum no Norte e Centro de Portugal (ARAÚJO & al., 2014bi), muito raramente cultivada entre nós, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ROSA, 2000: Anexo VII); Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. *Dactylorhiza sambucina* (L.) Soó

= *Orchis sambucina* L. [basion.]

= *Dactylorchis sambucina* (L.) Vermeulen

= *Orchis incarnata* L. var. *sambucina* (L.) Lapeyrouse ex Bubani

Orchis latifolia L., p.p., nom. rejic.

= *Dactylorhiza latifolia* (L.) Soó, nom. rejic.

Orchis lutea Dulac, nom. illeg.

Orchis sambucina L. var. *zimmermannii* A. Camus

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Dactilórquis, dactilórquis amarela, dactilórquis amarelada, dactilórquis aromática, dactilórquis flava, dactilórquis flavescente, dactilórquis lútea, dactilórquis lutescente, dactilórquis sabugueira, dactilórquis sambucina, dactilorriza, dactilorriza amarela, dactilorriza amarelada, dactilorriza aromática, dactilorriza flava, dactilorriza flavescente, dactilorriza lútea, dactilorriza lutescente, dactilorriza sabugueira, dactilorriza sambucina, erva sabugueira, erva sambucina, orquídea sabugueira, orquídea sambucina, órquis, órquis amarela, órquis amarelada, órquis aromática, órquis flava, órquis flavescente, órquis lútea, órquis lutescente, órquis sambucina, órquis sabugueira, órquis zimmermana, órquis zimmermaniana, órquis zimmermânica.

Endemismo exclusivamente europeu, distribuído da Espanha central até à Crimeia e da Sicília até ao centro da Escandinávia, ausente de Portugal (AICHELE & al., 1992: 258; SÁNCHEZ PEDRAJA, 2005: 96-98; DELFORGE, 2006: 176; IPNI; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Planta ornamental herbácea perene tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ROSA, 2000: Anexo VII); Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

20. *Dendrobium* Swartz

1. *Dendrobium densiflorum* Lindley

= *Callista densiflora* (Lindley) Kuntze

Dendrobium clavatum Roxburgh

Dendrobium schroederi B.S. Williams

Endeisa flava Rafinesque

Epidendrum dumunsuttu Buchanan-Hamilton ex Lindley

Geófito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Calista, calista densiflora, dendróbio, dendróbio clavado, dendróbio densifloro, dendróbio de Schroeder, endeisa, endeisa amarela, endeisa lútea, endeisa lútea, epidendro.

Endemismo da Ásia oriental tropical e da região dos Himalaias, de floração predominantemente primaveril ou vernal (WOODS & CULLEN, 1984: 212-213; HUXLEY & al., 1999b: 35); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Dendrobium infundibulum* Lindley × *Dendrobium dearei* Reichenbach fil.

Geófito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Calista, calista híbrida, dendróbio, dendróbio híbrido.

Endemismo da Ásia oriental tropical: um dos progenitores, *Dendrobium infundibulum* Lindley, provém da Birmânia e da Tailândia, de floração predominantemente primaveril ou vernal e estival (WOODS & CULLEN, 1984: 218; HUXLEY & al., 1999b: 36), enquanto que o outro, *Dendrobium dearei* Reichenbach fil., é proveniente do arquipélago das Ilhas Filipinas (WOODS & CULLEN, 1984: 218; HUXLEY & al., 1999b: 36); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Dendrobium nobile* Lindley

= *Callista nobilis* (Lindley) Kuntze

Dendrobium coerulescens Wallich ex Lindley

Dendrobium lindleyanum Griffith

Dendrobium nobile Lindley var. *alboluteum* Huyen & Averyanov

Dendrobium nobile Lindley var. *formosanum* Reichenbach fil.

= *Dendrobium formosanum* (Reichenbach fil.) Masamune

Dendrobium nobile Lindley var. *nobilius* Reichenbach fil.

= *Dendrobium nobile* Lindley f. *nobilius* (Reichenbach fil.) M. Hiroe

Dendrobium nobile Lindley var. *nobilus* Burbidge

Epífito ou litófito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Calista, calista nobilíssima, calista nobre, chiuchu, dendróbio, dendróbio albolúteo, dendróbio amarelo e branco, dendróbio azulado, dendróbio cerúleo, dendróbio cerulescente, dendróbio chinês, dendróbio da China, dendróbio da Formosa, dendróbio da Índia, dendróbio de Lindley, dendróbio de Taiwan, dendróbio formosano, dendróbio indiano, dendróbio lindleiano, dendróbio nobilíssimo, dendróbio nobre.

Endemismo da Ásia oriental tropical e dos Himalaias: do Nordeste da Índia à China, Laos, Tailândia e Vietname, a altitudes entre os 500 e os 1700 metros, que se pode encontrar em troncos de árvores em florestas de montanha ou sobre rochas em vales entre as montanhas (WOODS & CULLEN, 1984: 215; HUXLEY & al., 1999b: 37; ZHU & al., 2009: 381; IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. *Dendrobium thyrsiflorum* B.S. Williams

= *Callista thyrsiflora* (B.S. Williams) M.A. Clements

Dendrobium galliceanum Linden

Geófito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Calista, calista tirsiflora, dendróbio, dendróbio tirsifloro.

Endemismo da Ásia oriental tropical e da região dos Himalaias: Birmânia, Índia, Nepal e Tailândia, de floração predominantemente primaveril ou vernal e estival (WOODS & CULLEN, 1984; HUXLEY & al., 1999b: 38; IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. *Dendrobium* sp.

Epífito ou geófito. Origem: Desconhecida.

Alguns nomes comuns possíveis: Dendróbio.

Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002).

21. *Encyclia* Hooker

1. *Encyclia* sp.

Epífito. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Enciclia, encíclica.

Endemismo americano, da América tropical (MABBERLEY, 2008: 305); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, epifítica (ALEXANDER, 1984i: 186), raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

22. *Epidendrum* L.

1. *Epidendrum ibaguense* Kunth

Epidendrum radicans Ruíz & Pavón

Epífito. Origem: América Tropical e Caraíbas.

Alguns nomes comuns possíveis: Epidendro, epidendro enraizado, epidendro enraizador, epidendro enraizante, epidendro ibaguense, epidendro radicante.

Endemismo da América tropical (Norte e Sul) e das Índias Ocidentais (CULLEN, 1984k: 186; HUXLEY & al., 1999b: 170); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente talvez extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical, parte II, subtropical e Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

2. **Epidendrum secundum** Jacquin

- = *Amphiglottis secunda* (Jacquin) Salisbury
- = *Amphiglottis secunda* (Jacquin) Britton
- Epidendrum ansiferum* Reichenbach fil. & Warszewicz
- Epidendrum antioquiense* Schlechter
- Epidendrum brachyphyllum* Lindley
- Epidendrum bulkeleyi* A.D. Hawkes
- Epidendrum coroicoense* Schlechter
- Epidendrum corymbosum* Ruíz & Pavón
- Epidendrum corymbosum* Ruíz & Pavón var. *latifolium* Cogniaux
- Epidendrum crassifolium* Lindley var. *albescens* Pabst
- = *Epidendrum secundum* Jacquin f. *albescens* (Pabst) F. Barros
- = *Epidendrum secundum* Jacquin var. *albescens* (Pabst) F. Barros
- Epidendrum cuzcoense* Schlechter
- Epidendrum dolichopus* Schlechter
- Epidendrum elongatum* Jacquin
- Epidendrum ellipticum* Graham var. *flavum* Lindley
- Epidendrum ellipticum* Graham var. *freybergense* F.J. Zimm.
- Epidendrum fimbria* Reichenbach fil.
- Epidendrum fastigiatum* Ruíz & Pavón ex Reichenbach fil. var. *bifidum* Reichenbach fil.
- Epidendrum giroudianum* Reichenbach fil.
- Epidendrum gracilicaule* Reichenbach fil. & Warszewicz
- Epidendrum herzogii* Schlechter
- Epidendrum incisum* Reichenbach fil. & Warszewicz
- Epidendrum inconstans* Ames ex Gleason
- Epidendrum lacerum* Lindley
- = *Amphiglottis lacera* (Lindley) Britton
- Epidendrum longihastatum* Barbosa Rodrigues
- Epidendrum novogranatense* Reichenbach fil. & Warszewicz
- Epidendrum pachyphyllum* Schlechter
- Epidendrum polyschistum* Schlechter
- Epidendrum sulfuratorium* E.H.L. Krause
- Epidendrum tarmense* Schlechter
- Epidendrum tricallosum* Schlechter
- Epidendrum versicolor* Hoehne & Schlechter

Epífito. Origem: América Tropical e Caraíbas.

Alguns nomes comuns possíveis: Anfiglótis, epidendro, epidendro alongado, epidendro amarelado, epidendro amarelo, epidendro bifido, epidendro corimboso, epidendro de Bulkeley, epidendro de Cuzco, epidendro de flores amarelas, epidendro de flores flavas, epidendro de flores lúteas, epidendro de flores sulfúreas, epidendro de folhas grossas, epidendro de folhas largas, epidendro de Freyberg, epidendro de Giroud, epidendro de Herzog, epidendro de Nova Granada, epidendro do Peru, epidendro fimbriado, epidendro flavescente, epidendro flavo, epidendro inciso, epidendro inconstante, epidendro latifólio, epidendro longo, epidendro lutescente, epidendro lúteo, epidendro peruano, epidendro sulfúreo, epidendro tricaloso.

Endemismo da América do Sul tropical e das Índias Ocidentais (Huxley & al., 1999b: 171; IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente talvez extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

23. **Epipactis** Zinn, nom. cons.

[Syn.: *Amesia* A. Nelson & J.F. Macbride;

Arthrochilium (Irmisch) Beck = *Epipactis* Zinn [unranked] *Arthrochilium* Irmisch, non *Arthrochilus* F. Mueller; *Calliphyllon* Bubani; *Helleborine* Miller, nom. rejic.;

Limonia Ehrhart; *Parapactis* W. Zimmermann]

1. **Epipactis helleborine** (L.) Crantz

= *Serapias helleborine* L. [basion.]

= *Epipactis latifolia* (L.) Allioni subsp. *helleborine* (L.) Rivas Goday & Borja, nom. illeg.

- = *Helleborine helleborine* (L.) Druce, nom. inval.
Amesia latifolia (L.) A. Nelson & J.F. Macbride f. *monotropoides* Mousley
 = *Epipactis helleborine* (L.) Crantz f. *monotropoides* (Mousley) Scoggan
Amesia latifolia (L.) A. Nelson & J.F. Macbride f. *variegata* Mousley
Amesia longibracteata Schweinfurth
 = *Epipactis longibracteata* (Schweinfurth) S.Y. Hu, nom. illeg.
Epipactis atroviridis Linton
 = *Epipactis latifolia* (L.) Allioni var. *atroviridis* (Linton) Druce
 = *Helleborine atroviridis* (Linton) F. Hanbury
Epipactis consimilis D. Don
 = *Amesia consimilis* (D. Don) A. Nelson & J.F. Macbride
 = *Serapias consimilis* (D. Don) A.A. Eaton
Epipactis dalhousiae Wight
Epipactis discolor Kraenzlin
 = *Amesia discolor* (Kraenzlin) Hu
Epipactis gutta-sanguinis Arvet-Touvet
Epipactis helleborine (L.) Crantz f. *albifolia* M.R. Lowe
Epipactis helleborine (L.) Crantz var. *castanearum* Gévaudan, Nicole & Anglada
Epipactis helleborine (L.) Crantz var. *chlorantha* Vermeulen
Epipactis helleborine (L.) Crantz var. *densiflora* Vermeulen
Epipactis helleborine (L.) Crantz var. *diversifolia* Vermeulen
Epipactis helleborine (L.) Crantz var. *interrupta* Beck
 = *Epipactis latifolia* (L.) Allioni var. *interrupta* (Beck) M. Schulze
 = *Epipactis viridans* (Crantz) Beck f. *interrupta* (Beck) Zapalowicz
 = *Helleborine latifolia* (L.) Allioni f. *interrupta* (Beck) Graber
Epipactis helleborine (L.) Crantz var. *laxiflora* Vermeulen
Epipactis helleborine (L.) Crantz f. *luteola* P.M. Br.
Epipactis helleborine (L.) Crantz var. *phoenicea* Vermeulen
Epipactis helleborine (L.) Crantz var. *macrophylla* Snarskis
Epipactis helleborine (L.) Crantz subsp. *moratoria* Riechelmann & Zirnsack
 = *Epipactis helleborine* (L.) Crantz var. *moratoria* (Riechelmann & Zirnsack) P. Delforge
Epipactis helleborine (L.) Crantz subsp. *transcaucasica* A.P. Khokhrjakov
Epipactis helleborine (L.) Crantz var. *viridens* A. Gray
Epipactis helleborine (L.) Crantz subsp. *viridis* Soó
Epipactis herbacea Lindley
 = *Epipactis helleborine* (L.) Crantz var. *herbacea* (Lindley) S.N. Mitra
Epipactis intrusa Lindley
 = *Epipactis helleborine* (L.) Crantz var. *intrusa* (Lindley) S.N. Mitra
 = *Epipactis latifolia* (L.) Allioni var. *intrusa* (Lindley) Hooker f.
Epipactis helleborine (L.) Crantz var. *minor* R. Engel
 = *Epipactis helleborine* (L.) Crantz f. *minor* (R. Engel) P. Delforge
 = *Epipactis helleborine* (L.) Crantz var. *minor* (R. Engel) R. Engel
Epipactis kezlinekii Batoušek
Epipactis latifolia (L.) Allioni var. *acutiloba* Huter
 = *Helleborine latifolia* (L.) Allioni f. *acutiloba* (Huter) Graber
Epipactis latifolia (L.) Allioni f. *alba* Webster
 = *Epipactis helleborine* (L.) Crantz f. *alba* (Webster) B. Boivin
Epipactis latifolia (L.) Allioni f. *albiflora* E.G. Camus
Epipactis latifolia (L.) Allioni var. *condensata* E.G. Camus & A. Camus
Epipactis latifolia (L.) Allioni var. *dilatata* Ascherson & Graebner
 = *Epipactis helleborine* (L.) Crantz f. *dilatata* (Ascherson & Graebner) Soó
 = *Helleborine latifolia* (L.) Allioni var. *dilatata* (Ascherson & Graebner) Graber
Epipactis latifolia (L.) Allioni var. *decipiens* E.G. Camus
Epipactis latifolia (L.) Allioni var. *major* Neilreich
Epipactis latifolia (L.) Allioni var. *thomsonii* Hooker f.
 = *Epipactis helleborine* (L.) Crantz var. *thomsonii* (Hooker f.) S.N. Mitra
Epipactis latifolia (L.) Allioni var. *pallens* Gaudin
Epipactis latifolia (L.) Allioni var. *platyphylla* Irmisch
 = *Helleborine latifolia* (L.) Allioni var. *platyphylla* (Irmisch) Briquet
 = *Helleborine latifolia* (L.) Moench subsp. *platyphylla* (Irmisch) Graber

- Epipactis latifolia* (L.) Allioni f. *pseudovarians* Engenstein
 = *Helleborine latifolia* (L.) Allioni f. *pseudovarians* (Engenstein) Soó
Epipactis latifolia (L.) Allioni var. *pycnostachys* K. Koch, nom. nud.
 = *Helleborine latifolia* (L.) Allioni f. *pycnostachys* (K. Koch) Soó
Epipactis latifolia (L.) Allioni var. *pygmaea* W. Zimmermann
 = *Helleborine latifolia* (L.) Allioni f. *pygmaea* (W. Zimmermann) Soó
Epipactis latifolia (L.) Allioni var. *robusta* Podpera
Epipactis latifolia (L.) Allioni f. *variegata* Webster
 = *Epipactis helleborine* (L.) Crantz f. *variegata* (Webster) B. Boivin
Epipactis latifolia (L.) Allioni var. *vulgaris* Cosson & Germain
Epipactis ligulata Handel-Mazzetti
Epipactis macrostachya Lindley
 = *Helleborine macrostachya* (Lindley) Soó
Epipactis magnibracteata C. Schweinfurth
Epipactis micrantha E. Peter, nom. illeg.
Epipactis monticola Schlechter
 = *Amesia monticola* (Schlechter) Hu
Epipactis nephrocordia Schlechter
Epipactis ohwii Fukuyama
 = *Epipactis helleborine* (L.) Crantz subsp. *ohwii* (Fukuyama) H.J. Su
Epipactis ovalis Babington
 = *Epipactis latifolia* (L.) Allioni subsp. *ovalis* (Babington) Nyman
 = *Helleborine ovalis* (Babington) Druce
Epipactis pycnostachys K. Koch
 = *Amesia pycnostachys* (K. Koch) A. Nelson & J.F. Macbride
 = *Helleborine pycnostachys* (K. Koch) Druce
Epipactis squamellosa Schlechter
 = *Amesia squamellosa* (Schlechter) Hu
 = *Helleborine squamellosa* (Schlechter) Soó
Epipactis tenii Schlechter
 = *Amesia tenii* (Schlechter) Hu
 = *Helleborine tenii* (Schlechter) Soó
Epipactis uliginosa Vest
Epipactis viridans (Crantz) Beck var. *brevibracteata* Zapalowicz
 = *Epipactis helleborine* (L.) Crantz f. *brevibracteata* (Zapalowicz) Bordzilowski
 = *Helleborine latifolia* (L.) Allioni f. *brevibracteata* (Zapalowicz) Soó
Epipactis viridans (Crantz) Beck var. *dentata* Zapalowicz
 = *Epipactis helleborine* (L.) Crantz f. *dentata* (Zapalowicz) Soó
 = *Epipactis latifolia* (L.) Allioni var. *dentata* (Zapalowicz) E.G. Camus
 = *Helleborine latifolia* (L.) Allioni f. *dentata* (Zapalowicz) Soó
Epipactis viridans (Crantz) Beck f. *humilis* Zapalowicz
Epipactis viridans (Crantz) Beck var. *lancifolia* Zapalowicz
 = *Epipactis helleborine* (L.) Crantz var. *lancifolia* (Zapalowicz) Bordzilowski
 = *Helleborine latifolia* (L.) Allioni f. *lancifolia* (Zapalowicz) Soó
Epipactis viridans (Crantz) Beck var. *lithuanica* Zapalowicz
Epipactis viridans (Crantz) Beck f. *minor* Zapalowicz
Epipactis viridans (Crantz) Beck var. *montana* Zapalowicz
 = *Epipactis helleborine* (L.) Crantz f. *montana* (Zapalowicz) Bordzilowski
 = *Helleborine latifolia* (L.) Allioni f. *montana* (Zapalowicz) Soó
Epipactis viridans (Crantz) Beck var. *obtusata* Zapalowicz
 = *Epipactis helleborine* (L.) Crantz f. *obtusata* (Zapalowicz) Soó
 = *Helleborine latifolia* (L.) Allioni f. *obtusata* (Zapalowicz) Soó
Epipactis viridans (Crantz) Beck f. *parviflora* Zapalowicz
 = *Epipactis helleborine* (L.) Crantz f. *parviflora* (Zapalowicz) Bordzilowski
 = *Helleborine latifolia* (L.) Allioni f. *parviflora* (Zapalowicz) Soó
Epipactis viridans (Crantz) Beck var. *przemysliensis* Zapalowicz
 = *Epipactis helleborine* (L.) Crantz f. *przemysliensis* (Zapalowicz) Vermeulen
 = *Helleborine latifolia* (L.) Allioni f. *przemysliensis* (Zapalowicz) Soó
Epipactis viridans (Crantz) Beck f. *remota* Zapalowicz
 = *Epipactis helleborine* (L.) Crantz f. *remota* (Zapalowicz) Bordzilowski

Epipactis viridans (Crantz) Beck var. *subrotundifolia* Zapalowicz
Epipactis viridiflora Ruprecht, nom. illeg.
Epipactis voethii Robatsch
Epipactis youngiana A.J. Richards & A.F. Porter
 = *Epipactis helleborine* (L.) Crantz var. *youngiana* (A.J. Richards & A.F. Porter) Kreutz
Epipactis yunnanensis Schlechter
 = *Amesia yunnanensis* (Schlechter) Hu
 = *Helleborine yunnanensis* (Schlechter) Soó
Epipactis zirnsackiana Riechelmann
 = *Epipactis helleborine* (L.) Crantz subsp. *zirnsackiana* (Riechelmann) Riechelmann
Helleborine latifolia (L.) Moench f. *albiflora* Graber
Helleborine latifolia (L.) Moench var. *angustifolia* Druce
Helleborine latifolia (L.) Moench f. *foliosa* Graber, nom. illeg.
Helleborine latifolia (L.) Moench subvar. *paucifolia* Gaille & Graber
Helleborine latifolia (L.) Moench
Helleborine latifolia (L.) Moench
Helleborine latifolia (L.) Moench
Helleborine latifolia (L.) Moench
Helleborine latifolia (L.) Moench
Helleborine rubiginosa Sampaio
Helleborine varians Soó
Serapias helleborine L. var. *latifolia* L. [basion.]
 = *Amesia latifolia* (L.) A. Nelson & J.F. Macbride
 = *Calliphylon latifolium* (L.) Bubani
 = *Cymbidium latifolium* (L.) Swartz
 = *Epipactis helleborine* (L.) Crantz subsp. *latifolia* (L.) Syme
 = *Epipactis helleborine* (L.) Crantz var. *latifolia* (L.) A. Blytt
 = *Epipactis latifolia* (L.) Allioni
 = *Helleborine latifolia* (L.) Moench
 = *Limodorum latifolium* (L.) Kuntze
 = *Serapias latifolia* (L.) Hudson
Serapias nemoralis Salisbury, nom. superfl.

Geófito. Origem: Nativa.

Nomes comuns possíveis: Amésia, amésia monotropóide, califlon, califlon de folhas largas, califlon latifólio, cimbídio, cimbídio de folhas largas, cimbídio latifólio, epipáctis, epipáctis alba, epipáctis albiflora, epipáctis albifolia, epipáctis amarela, epipáctis amarelada, epipáctis angustifolia, epipáctis avermelhada, epipáctis branca, epipáctis cândida, epipáctis cloranta, epipáctis comum, epipáctis condensada, epipáctis da Fenícia, epipáctis da Índia, epipáctis da Lituânia, epipáctis da montanha, epipáctis das montanhas, epipáctis de flores brancas, epipáctis de flores cândidas, epipáctis de flores pequenas, epipáctis de flores verdes, epipáctis de folhas achatadas, epipáctis de folhas albas, epipáctis de folhas brancas, epipáctis de folhas estreitas, epipáctis de folhas largas, epipáctis de folhas ovais, epipáctis de folhas ovóides, epipáctis de folhas planas, , epipáctis de Kezlinek, epipáctis densiflora, epipáctis de Thomson, epipáctis de Voeth, epipáctis de Young, epipáctis de Zirnsack, epipáctis dilatada, epipáctis dos brejos, epipáctis dos pântanos, epipáctis dos paúis, epipáctis esverdeada, epipáctis folhosa, epipáctis heleborine, epipáctis herbácea, epipáctis humilde, epipáctis indiana, epipáctis latifolia, epipáctis laxiflora, epipáctis ligulada, epipáctis lituana, epipáctis lituânica, epipáctis lutéola, epipáctis lutescente, epipáctis maior, epipáctis menor, epipáctis micranta, epipáctis minutiflora, epipáctis montana, epipáctis montanhosa, epipáctis montícola, epipáctis obtusa, epipáctis oval, epipáctis ovóide, epipáctis pálida, epipáctis parviflora, epipáctis platifolia, epipáctis remota, epipáctis robusta, epipáctis serrana, epipáctis uliginosa, epipáctis variável, epipáctis verde, epipáctis viridente, epipáctis viridiflora, epipáctis vulgar, gota de sangue, heleborine, heleborine albiflora, heleborine amarela, heleborine amarelada, heleborine angustifolia, heleborine avermelhada, heleborine cloranta, heleborine da Fenícia, heleborine de flores brancas, heleborine de flores verdes, heleborine de folhas estreitas, heleborine de folhas largas, heleborine densiflora, heleborine dos montes, heleborine fenícia, heleborine folhosa, heleborine latifolia, heleborine laxiflora, heleborine ligulada, heleborine menor, heleborine montícola, heleborine variável, heleborinha, heleborinha amarela, heleborinha amarelada,, heleborinha angustifolia, heleborinha avermelhada, heleborine cloranta, heleborinha da Fenícia, heleborinha de flores verdes, heleborinha de folhas estreitas, heleborinha de folhas largas, heleborinha densiflora, heleborinha dos montes, heleborinha fenícia, heleborinha folhosa, heleborinha laxiflora, heleborinha ligulada, heleborinha menor, heleborinha montanhosa, heleborinha montícola, heleborinha variável, limodoro, limodoro latifólio, serapião, serapião

da floresta, serapião do bosque, serapião dos bosques, serapião florestal, serapião nemoral, serápias, serápias da floresta, serápias do bosque, serápias dos bosques, serápias florestal, serápias nemoral.

Endemismo do Reino Holoártico: Eurásia, América do Norte e Norte de África, onde se pode encontrar em bosques e matos abertos, por vezes também em dunas de areia das costas marítimas, sobretudo em locais frescos e húmidos, em vários tipos de substratos, a altitudes que podem ir do nível do mar até os 3600 m, de floração predominantemente estival (MOORE, 1980e: 327; RENZ & TAUBENHEIM, 1984b: 464-465; WOODS, 1984g: 159; CRESPO, 2005: 29-30; CHEN & al., 2009: 179-180; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010), possivelmente introduzido nos Estados Unidos da América, onde se tem vindo a expandir nos últimos 150 anos (DELFORGE, 2006: 65-66); Planta ornamental e venenosa –as flores destra orquídea produzem uma droga poderosa que intoxica e torna dependentes as vespas quea polinizam, podendo mesmo levar à sua morte (HOLM, 1978, citado por ROSA, 2000: 162)– herbácea perene, tuberosa, espontânea, pouco comum e dispersa em Portugal (FRANCO & al., 2014a), sobretudo nas margens e clareiras de matas e matos (FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 126-127), actualmente extinta no Jardim (Identificação verificada por R.B. Fernandes em 1950).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Epipactis royleana* Lindley

= *Amesia royleana* (Lindley) Hu

= *Arthrochilium royleanum* (Lindley) Szlachetko

= *Cephalanthera royleana* (Lindley) Regel

= *Helleborine royleana* (Lindley) Soó

= *Limodorum royleanum* (Lindley) Kuntze

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Amésia, amésia de Royle, amésia royleana, artroquílio, artroquílio de Royle, artroquílio royleano, cefalantera, cefalantera de Royle, cefalantera royleana, epipáctis, epipáctis de Royle, epipáctis royleana, heleborine, heleborine de Royle, heleborine royleana, limodoro, limodoro, limodoro royleano.

Endemismo eurasiático, da Ásia central: dos Himalaias e outras cadeias montanhosas asiáticas, onde se encontra a altitudes próximas dos 3000 m, de floração estival (WOODS, 1984g: 159; CHEN & al., 2009: 181); Planta ornamental exótica herbácea perene, rizomatosa e tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Epipactis tremolsii* Pau

= *Epipactis helleborine* (L.) Crantz subsp. *tremolsii* (Pau) E. Klein

= *Epipactis atropurpurea* Rafinesque var. *tremolsii* (Pau) Schlechter

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Epipáctis, epipáctis de Trémols, epipáctis latifolia, epipáctis tremolsiana, heleborine, heleborine de Trémols, heleborine tremolsiana, heleborinha, heleborinha de Trémols, heleborinha tremolsiana.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, hispano-gálico-magrebino, também presente na Sardenha, podendo subir até aos 1600 m de altitude (CRESPO, 2005: 34-36; DELFORGE, 2006: 61; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Planta ornamental herbácea perene, rizomatosa, espontânea e pouco comum em Portugal, em substratos não demasiado secos, sobretudo básicos, calcários ou xistosos, em matas, matos ou terrenos incultos, no Centro e Sul e em Trás-os-Montes e Alto Douro (FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 127; CRESPO, *l.c.*; ARAÚJO & al., 2014bj), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

4. *Epipactis* sp.

Geófito. Origem: Desconhecida.

Alguns nomes comuns possíveis: Epipáctis.

Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, de origem desconhecida, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

24. **Eulophia** R. Brown1. **Eulophia bouliawongo** (Reichenbach fil.) J. Raynal= *Galeandra bouliawongo* Reichenbach fil. [basion.]= *Lissochilus bouliawongo* (Reichenbach fil.) Reichenbach fil.*Eulophia oedoplectron* Summerhayes*Lissochilus elatus* Rolfe*Lissochilus giganteus* Welwitsch ex Reichenbach fil.= *Eulophia gigantea* (Welwitsch ex Reichenbach fil.) N.E. Brown*Lissochilus macranthus* Lindley

Geófito. Origem: África tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Eulófia, eulófia agigantada, eulófia de flores grandes, eulófia gigante, eulófia grandiflora, eulófia macranta, galeandra, galeandra agigantada, galeandra de flores grandes, galeandra gigante, galeandra grandiflora, galeandra macranta, lissóquilo, lissóquilo agigantado, lissóquilo alongado, lissóquilo de flores grandes, lissóquilo gigante, lissóquilo grandifloro, lissóquilo macranto.

Endemismo da África tropical (IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Eulophia speciosa** (R. Brown) Bolus= *Lissochilus speciosus* R. Brown [basion.]*Eulophia austrooccidentalis* Sölch*Eulophia coutreziana* Geerinck*Eulophia dispersa* N.E. Brown= *Lissochilus dispersus* (N.E. Brown) Rolfe*Eulophia sapinii* De Wildeman*Eulophia speciosa* (R. Brown) Bolus var. *culveri* Schlechter= *Lissochilus speciosus* R. Brown var. *culveri* (Schlechter) Rolfe*Lissochilus brevisepalus* Rendle= *Eulophia brevisepalus* (Rendle) Summerhayes*Lissochilus calopterus* Reichenbach fil.= *Eulophia caloptera* (Reichenbach fil.) Summerhayes*Lissochilus graniticus* Reichenbach fil.= *Eulophia granitica* (Reichenbach fil.) Cufodontis= *Eulophia granitica* (Reichenbach fil.) Butzin*Lissochilus hereroensis* Kraenzlin*Lissochilus homblei* Rolfe= *Eulophia homblei* (Rolfe) Butzin*Lissochilus leucanthus* Kraenzlin= *Eulophia leucantha* (Kraenzlin) Sölch*Lissochilus rendlei* Rolfe*Lissochilus sapinii* De Wildeman*Lissochilus volkensii* Rolfe= *Eulophia volkensii* (Rolfe) Butzin*Lissochilus wakefieldii* Reichenbach fil. & S. Moore= *Eulophia wakefieldii* (Reichenbach fil. & S. Moore) Summerhayes*Satyrium giganteum* L. f.= *Cymbidium giganteum* (L. f.) Swartz= *Cyrtoptera gigantea* (L. f.) Lindley= *Epidendrum gigante* (L. f.) Poirét= *Limodorum giganteum* (L. f.) Thunberg

Geófito. Origem: África tropical e do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Cimbídio, cimbídio agigantado, cimbídio gigante, cirtóptera, cirtóptera agigantada, cirtóptera gigante, cimbídio granítico, epidendro, epidendro agigantado, epidendro gigante, eulófia, eulófia albiflora, eulófia agigantada, eulófia de Coutrez, eulófia de Culver, eulófia de flores brancas, eulófia de Homble, eulófia de Rendle, eulófia de Wakefield, eulófia dispersa, eulófia gigante, eulófia granítica, eulófia granítica, eulófia leucanta, limodoro, limodoro agigantado, limodoro gigante, lissóquilo, lissóquilo agigantado, lissóquilo albifloro, lissóquilo de flores brancas, lissóquilo de Herero, lissóquilo de Homble, lissóquilo de Rendle, lissóquilo de Wakefield, lissóquilo disperso, lissóquilo gigante,

lissóquilo granítico, lissóquilo granítico, lissóquilo leucanto, satirão, satirão agigantado, satirão gigante, satirão, satirão agigantado, satirão gigante, agigantado, satírio, satírio agigantado, satírio gigante.

Endemismo da África oriental tropical e da África do Sul (HUXLEY & al., 1999b: 240-241; IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

25. *Gennaria* Parlatore

1. *Gennaria diphylla* (Link) Parlatore

= *Satyrium diphyllum* Link [basion.]

= *Coeloglossum diphyllum* (Link) Fiori & Paol.

= *Gymnadenia diphylla* (Link) Link

= *Habenaria diphylla* (Link) T. Durand & Schinz, nom. illeg.

= *Orchis diphylla* (Link) Sampaio

= *Platanthera diphylla* (Link) Reichenbach f.

Coeloglossum cordatum Nyman, nom. superfl.

Digomphotis cordata Rafinesque, nom. superfl.

Habenaria cordata R. Brown ex Sprengel, nom. superfl.

Herminium cordatum Lindley, nom. superfl.

Orchis cordata Willdenow, nom. superfl.

Orchis cordifolia Munby

Peristylus cordatus Lindley, nom. superfl.

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Digonfóti, genária, genária de duas folhas, genária difila, gimnadénia, gimnadénia de duas folhas, gimnadénia difila, habénaria, habénaria de duas folhas, habénaria difila, hermínio, órquis, órquis de duas folhas, órquis difila, peristilo, platantera, platantera de duas folhas, platantera difila, satirão, satirão de duas folhas, satirão difilo, satírio, satírio de duas folhas, satírio difilo.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental (MOORE, 1980c: 330); Género monoespecífico (MABBERLEY, 2008: 354); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, espontânea e pouco comum em Portugal, sobretudo em regiões calcárias costeiras do Sul, onde se encontra dispersa até ao Cabo de São Vicente (Pinto da Silva, 1940: 229; Aedo, 2005d: 75-77; Porto & al., 2014f), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

26. *Genyorchis* Schlechter

1. *Genyorchis pumila* (Swartz) Schlechter

= *Dendrobium pumilum* Swartz [basion.]

= *Bulbophyllum pumilum* (Swartz) Lindley

Bulbophyllum calabarium Rolfe

Bulbophyllum dorotheae Rendle

Bulbophyllum drallei Reichenbach f.

Bulbophyllum elachon J.J. Verm.

Bulbophyllum flavidum Lindley

= *Phyllorchis flavida* (Lindley) Kuntze

= *Phyllorkis flavida* (Lindley) Kuntze, orth. var.

Bulbophyllum flavidum Lindley var. *purpureum* Rolfe

Bulbophyllum gabonis Linden & Reichenbach f.

Bulbophyllum imogeniae K. Ham.

Bulbophyllum leucopogon Kraenzlin

Bulbophyllum moliwense Schlechter

Bulbophyllum nanum de Wild.

Bulbophyllum papillosum Finet

Bulbophyllum pavimentatum Lindley

= *Phyllorkis pavimentata* (Lindley) Kuntze

Bulbophyllum porphyroglossum Kraenzlin

Bulbophyllum recurvum Lindley

= *Phyllorkis recurva* (Lindley) Kuntze

= *Tribrachia recurva* (Lindley) Lindley

Bulbophyllum verecundum Summerh.

Bulbophyllum yangambiense Louis & Mullend. ex Geerinck

Polystachya bulbophylloides Rolfe

Taurostalix herminioistachys Reichenbach f.

= *Bulbophyllum herminioistachys* (Reichenbach f.) Reichenbach f.

= *Phyllorchis herminioistachys* (Reichenbach f.) Kuntze

= *Phyllorkis herminioistachys* (Reichenbach f.) Kuntze, orth. var.

Epífito. Origem: África tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Bulbofilo, bulbofilo africano, bulbofilo anão, bulbofilo de Calabar, bulbofilo do Gabão, bulbofilo gabonês, filórquis, geniórquis, polistáquia, taurostálix.

Endemismo da África tropical (MABBERLEY, 2008: 355); Planta ornamental herbácea perene exótica, bolbosa ou rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

27. *Gongora* Ruíz & Pavón

1. *Gongora nigrata* Lindley

Epífito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Gôngora, gôngora negra.

Endemismo da América do Sul tropical: Guiana (IPNI; MABBERLEY, 2008: 367); Planta ornamental herbácea perene exótica, epífita, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

28. *Guarianthe* Dressler & W.E. Higgins

1. *Guarianthe bowringiana* (J.H. Veitch ex O'Brien) Dressler & W.E. Higgins

= *Cattleya bowringiana* J.H. Veitch ex O'Brien [basion.]

= *Cattleya skinneri* Bateman var. *bowringiana* (J.H. Veitch ex O'Brien) Reichenbach fil.

Cattleya autumnalis O'Brien

Epífito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Cattleia, cattleia de Bowring, cattleia de Outono, cattleia outonal, cattleia serótina, guariente, guariente de Bowring, guariente de Outono, guariente outonal.

Endemismo norte-americano, da América Central: Belize e Guatemala, de floração predominantemente outonal (ALEXANDER, 1984d: 192; MABBERLEY, 2008: 378); Planta ornamental herbácea perene tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

29. *Gymnadenia* R. Brown

1. *Gymnadenia conopsea* (L.) R. Brown

= *Orchis conopsea* L. [basion.]

= *Habenaria conopsea* (L.) Benthams, nom. illeg.

= *Satyrion conopseum* (L.) Wahlenberg

Gymnadenia angustifolia Ilse, nom. illeg.

Gymnadenia anisoloba Petermann

Gymnadenia comigera Reichenbach

= *Gymnadenia conopsea* (L.) R. Brown subsp. *comigera* (Reichenbach) K. Richter

Gymnadenia ibukiensis Makino

Gymnadenia conopsea (L.) R. Brown f. *albiflora* Moldenke

Gymnadenia conopsea (L.) R. Brown f. *albiflora* Y.N. Lee, nom. illeg.

Gymnadenia conopsea (L.) R. Brown var. *albiflora* Zapalowicz

Gymnadenia conopsea (L.) R. Brown var. *alpina* Turczaninov ex Reichenbach fil.

= *Gymnadenia alpina* (Turczaninov ex Reichenbach fil.) Czerepanov

= *Gymnadenia conopsea* (L.) R. Brown race *alpina* (Turczaninov ex Reichenbach fil.) Rouy

Gymnadenia conopsea (L.) R. Brown var. *angustifolia* Ascherson & Graebner

= *Gymnadenia conopsea* (L.) R. Brown var. *angustifolia* (Ascherson & Graebner) Zimmermann

Gymnadenia conopsea (L.) R. Brown var. *bieczensis* Zapalowicz

Gymnadenia conopsea (L.) R. Brown var. *caucasica* Schlechter

Gymnadenia conopsea (L.) R. Brown *clavata* Reichenbach fil.

Gymnadenia conopsea (L.) R. Brown var. *crenulata* Beck

= *Gymnadenia conopsea* (L.) R. Brown f. *crenulata* (Beck) Soó
Gymnadenia conopsea (L.) R. Brown f. *elatior* Zapalowicz
Gymnadenia conopsea (L.) R. Brown var. *friesica* Schlechter
Gymnadenia conopsea (L.) R. Brown f. *gracilis* Zapalowicz
Gymnadenia conopsea (L.) R. Brown var. *lapponica* J.E. Zetterstedt
Gymnadenia conopsea (L.) R. Brown var. *latifolia* Schlechter
Gymnadenia conopsea (L.) R. Brown var. *leucantha* Schur
Gymnadenia conopsea (L.) R. Brown f. *monticola* Schur
Gymnadenia conopsea (L.) R. Brown var. *neglecta* Vöth
Gymnadenia conopsea (L.) R. Brown f. *niphobia* Engensteen
Gymnadenia conopsea (L.) R. Brown var. *platyphylla* Reichenbach fil.
Gymnadenia conopsea (L.) R. Brown var. *praecox* Schönheit
 = *Gymnadenia conopsea* (L.) R. Brown f. *praecox* (Schönheit) Soó
Gymnadenia conopsea (L.) R. Brown var. *ussuriensis* Regel
Gymnadenia conopsea (L.) R. Brown f. *schurii* Soó
Gymnadenia conopsea (L.) R. Brown f. *sublobata* Zapalowicz
Gymnadenia conopsea (L.) R. Brown f. *transsilvanica* Soó
Gymnadenia conopsea (L.) R. Brown var. *trifida* Zapalowicz
 = *Gymnadenia conopsea* (L.) R. Brown f. *trifida* (Zapalowicz) Soó
Gymnadenia conopsea (L.) R. Brown var. *serotina* Schönheit
 = *Gymnadenia conopsea* (L.) R. Brown f. *serotina* (Schönheit) Soó
 = *Gymnadenia conopsea* (L.) R. Brown subsp. *serotina* (Schönheit) Dworschak
Gymnadenia sibirica Turczaninow ex Lindley
 = *Gymnadenia conopsea* (L.) R. Brown var. *sibirica* (Turczaninow ex Lindley) Reichenbach fil.
Gymnadenia splendida Dworschak
Gymnadenia splendida Dworschak subsp. *odorata* Dworschak
Gymnadenia transsilvanica Schur
Gymnadenia vernalis Dworschak
Gymnadenia wahlenbergii Afzelius ex Reichenbach fil.
Habenaria gymnadenia Druce
Orchis conopea Gras
Orchis conopea Gras var. *albiflora* Tinant
Orchis conopea Gras var. *major* Tinant
Orchis cornopica Miller
Orchis ornithis Jacquin
 = *Gymnadenia conopsea* (L.) R. Brown var. *ornithis* (Jacquin) Nyman, nom. superfl.
 = *Gymnadenia ornithis* (Jacquin) Richard
Orchis peloria Foucault ex Poiret
 = *Gymnadenia conopsea* (L.) R. Brown subsp. *peloria* (Foucault ex Poiret) K. Richter
Orchis pseudoconopea Grenier
Orchis pseudoconopea P.E. Parm.
Orchis setacea Gilibert, des. inval.
Orchis suaveolens Salisbury
 = *Gymnadenia pseudoconopea* (P.E. Parm.) Rouy
 Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva de pássaro, erva dos passarinhos, erva dos pássaros, erva pássara, erva passarinha, erva testicular, gimnadénia, gimnadénia aclavada, gimnadénia albiflora, gimnadénia alongada, gimnadénia angustifolia, gimnadénia aromática, gimnadénia caucasiana, gimnadénia caucásica, gimnadénia clavada, gimnadénia conópsea, gimnadénia da Lapónia, gimnadénia da montanha, gimnadénia da Sibéria, gimnadénia da Transilvânia, gimnadénia das montanhas, gimnadénia de flores albas, gimnadénia de flores brancas, gimnadénia de flores cândidas, gimnadénia de folhas achatadas, gimnadénia de folhas chatas, gimnadénia de folhas estreitas, gimnadénia de folhas largas, gimnadénia de folhas planas, gimnadénia de Fries, gimnadénia de Schur, gimnadénia do Cáucaso, gimnadénia dos montes, gimnadénia elegante, gimnadénia esplêndida, gimnadénia esquecida, gimnadénia friesiana, gimnadénia friésica, gimnadénia grácil, gimnadénia lapónica, gimnadénia latifolia, gimnadénia leucanta, gimnadénia longa, gimnadénia montanhosa, gimnadénia montesa, gimnadénia montícola, gimnadénia orófila, gimnadénia orofílica, gimnadénia orófito, gimnadénia orofítica, gimnadénia platífila, gimnadénia precoce, gimnadénia primavera, gimnadénia serótina, gimnadénia siberiana, gimnadénia sibérica, gimnadénia sibírica, gimnadénia tardia, gimnadénia transilvana, gimnadénia transilvânica, gimnadénia trifendida, gimnadénia trifida, gimnadénia verna, gimnadénia vernal, habénária, habénária conópsea, órquis, órquis aromática,

órquis conópea, órquis conópsea, órquis cornópica, órquis de pássaro, órquis dos passarinhos, órquis dos pássaros, órquis pássara, órquis passarinha, órquis pelória, órquis pelórica, órquis pelorinha, satirão, satirão conópseo, satirião, satirião conópseo, satírio, satírio conópseo.

Endemismo eurasiático, das regiões temperadas da Eurásia, de vasta distribuição, montana nas regiões do sul da sua área, com preferência por zonas calcárias mais ou menos húmidas, de floração primaveril ou vernal e estival, muito resistente ao frio, que pode encontrar-se a altitudes entre os 200 e os 4700 metros (!) acima do nível do mar, em florestas, arrelvados e lameiros (WOODS, 1984h: 168; CHEN, GALE & CRIBB, 2009: 133; DELFORGE, 2006: 152; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Planta ornamental herbácea perene tuberosa, muito raramente espontânea –apenas na Serra do Gerês (PORTO, 2014g), em urzais higrófilos montanos da aliança de vegetação arbustiva baixa higrófila *Serratulo seoanei-Ericion ciliaris* (HONRADO, 2003: 203)– e muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

30. *Habenaria* Willdenow

1. *Habenaria* sp.

Geófito. Origem: Desconhecida.

Alguns nomes comuns possíveis: Habenária.

Este género possui entre 600 a 800 espécies, oriundas das regiões tropicais e subtropicais do Velho e do Novo Mundo (Woods, 1984f: 169; Mabberley, 2008: 384); Planta ornamental herbácea perene, rizomatosa e tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

31. *Laelia* Lindley

1. *Laelia anceps* Lindley

Epífito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Laélia, lélia.

Endemismo norte-americano, das Honduras e do México, de floração invernal (ALEXANDER, 1984e: 196; MABBERLEY, 2008: 463); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, epífita, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

2. *Laelia crispa* (Lindley) Reichenbach f.

= *Cattleya crispa* Lindley [basion.]

= *Bletia crispa* (Lindley) Reichenbach f.

= *Brasilaelia crispa* (Lindley) Campacci

= *Chironella crispa* (Lindley) Braem

= *Hadrolaelia crispa* (Lindley) Chiron & V.P. Castro

= *Sophronitis crispa* (Lindley) Van den Berg & M.W. Chase

Cattleya reflexa Parm. ex Reichenbach f.

Epífito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Blétia, blétia crespa, brasilélia, brasilélia crespa, catleia, catleia crespa, hadrolélia, hadrolélia crespa, laélia, lélia, lélia crespa, quironela, quironela crespa, sofronítis, sofronítis crespa.

Endemismo sul-americano, do Brasil, de floração outonal (HUXLEY & al., 1999c: 5); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

3. *Laelia* sp.

Epífito. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Laélia, lélia.

Endemismo americano, da América tropical (MABBERLEY, 2008: 463); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

32. **Ludisia** A. Richard

1. **Ludisia discolor** (Ker Gawler) Lindley

- = *Goodyera discolor* Ker Gawler [basion.]
- = *Gonogona discolor* (Ker Gawler) Link
- = *Haemaria discolor* (Ker Gawler) Lindley
- = *Neottia discolor* (Ker Gawler) Steudel
- = *Orchiodes discolor* (Ker Gawler) Kuntze
- Anoectochilus dawsonianus* H. Low. ex Reichenbach f.
- = *Ludisia dawsoniana* (H. Low. ex Reichenbach f.) Averyanov
- Anoectochilus ordeanus* Jennings
- = *Goodyera ordeana* (Jennings) Boxall ex Naves
- Dicrophyla elegans* Rafinesque, nom. illeg.
- Goodyera ordiana* B.S. Williams
- Goodyera rodigasciana* L. Linden
- Goodyera rubrovenia* B.S. Williams
- = *Haemaria rubrovenia* (B.S. Williams) Reichenbach f. ex Stein
- Haemaria otletae* Rolfe
- = *Ludisia otletae* (Rolfe) Aver.
- Haemaria pauciflora* Gagnepain
- Kuhlhasseltia carrii* Holtum
- Ludisia furetii* Blume
- Ludisia odorata* Blume
- Myoda rufescens* Lindley

Geófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Dicrofila, dicrofila elegante, gonogona, gudiera, gudiera discolor, haemária, haemária discolor, kulasseltia, ludísia, ludísia aromática, ludísia discolor, miota, neótia, neótia discolor, orquídea jóia, orquídea preciosa, orquiodes, orquiodes discolor.

Endemismo da Ásia tropical e da Região Malesiana ocidental; género monoespecífico (HUXLEY & al., 1999c: 128; MABBERLEY, 2008: 504); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, por vezes cultivada em Portugal, sobretudo em vasos, como planta de interior ou de estufa.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical e Estufa das Reproduções (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

33. **Lycaste** Lindley

1. **Lycaste aromatica** (Graham) Lindley

- = *Maxillaria aromatica* Graham [basion.]
- = *Colax aromaticus* (Graham) Sprengel
- = *Selbyana aromatica* (Graham) Archila
- Lycaste aromatica* (Graham) Lindley var. *hartleyorum* Oakeley
- Lycaste aromatica* (Graham) Lindley var. *punctata* Linden
- Lycaste aromatica* (Graham) Lindley var. *retroflexa* Oakeley
- Lycaste aromatica* (Graham) Lindley var. *retusa* Lindley

Epífito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Cófax, cófax aromático, flor de lobo, flor lupina, licaste, licaste aromática, licaste de Hartley, licaste pontuada, licaste punctata, licaste retroflectida, licaste retroflexa, maxilária, maxilária aromática, selbiana, selbiana aromática.

Endemismo norte-americano, da América Central: Guatemala, Honduras e México, de floação primaveril e vernal ou estival (MATTHEWS, 1984c: 227-229; HUXLEY & al., 1999c: 135; IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Lycaste skinneri** (Bateman ex Lindley) Lindley

- = *Maxillaria skinneri* Bateman ex Lindley
- Maxillaria virginalis* Scheidweiler
- = *Lycaste virginalis* (Scheidweiler) Linden
- = *Lycaste skinneri* (Bateman ex Lindley) Lindley f. *virginalis* (Scheidweiler) Christenson
- Lycaste schoenbrunnensis* Umlauf
- Lycaste skinneri* (Bateman ex Lindley) Lindley var. *alba* Dombrain
- = *Lycaste alba* (Dombrain) Cockerell

Epífito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Freira branca, freira selvagem, freira virginal, licaste, licaste alva, licaste branca, licaste de Schoenbrunn, licaste de Skinner, licaste virginal, maxilária, maxilária de Skinner, maxilária virginal, orquídea alba, orquídea alva, orquídea branca, orquídea selvagem, orquídea virginal.

Endemismo norte-americano, do México a Belize (MATTHEWS, 1984c: 230; MABBERLEY, 2008: 506);

Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

34. *Malaxis* Solander ex Swartz

1. *Malaxis* sp.

Geófito. Origem: desconhecida.

Alguns nomes comuns possíveis: Maláxis.

Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, de origem desconhecida, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

35. *Maxillaria* Ruíz & Pavón

1. *Maxillaria ochroleuca* G. Loddiges ex Lindley

= *Ornitidium ochroleucum* (G. Loddiges ex Lindley) Senghas

Epífito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Maxilária, maxilária avermelhado, maxilária ocreleuca, ornitídio, ornitídio avermelhado, ornitídio ocreleuco.

Endemismo sul-americano, do Brasil (MATTHEWS, 1984b: 238; MABBERLEY, 2008: 529); o género *Ornithidium* Salisbury ex R. Brown tende a ser actualmente considerado independente em relação ao género *Maxillaria* Ruíz & Pavón (WIKIPEDIA); Planta ornamental exótica herbácea perene, epifítica, raramente cultivada em Portugal, como planta de interior, em estufas, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Maxillaria robusta* Barbosa Rodrigues

Epífito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Maxilária, maxilária forte, maxilária robusta.

Endemismo sul-americano, do Brasil (IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene, epifítica, muito raramente cultivada em Portugal, como planta de interior, em estufas, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Maxillaria tenuifolia* Lindley

Epífito. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Maxilária, maxilária de folhas ténues, maxilária tenuifolia.

Endemismo norte-americano, do México até à Costa Rica, de floração estival e outonal (MATTHEWS, 1984b: 238); Planta ornamental exótica herbácea perene tuberosa epífita, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

36. *Miltonia* Lindley

1. *Miltonia clowesii* (Lindley) Lindley

= *Odontoglossum clowesii* Lindley [basion.]

= *Brassia clowesii* (Lindley) Lindley

= *Oncidium clowesii* (Lindley) Reichenbach fil.

Miltonia clowesii (Lindley) Lindley var. *lamarcheana* E. Morren

Epífito. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Brássia, brássia de Clowes, miltónia, miltónia de Clowes, miltónia de Lamarche, miltónia lamarcheana, odontoglossos, odontoglossos de Clowes, oncídio, oncídio de Clowes.

Endemismo sul-americano, do Este do Brasil, de floração predominantemente outonal (CULLEN, 1984h: 282; HUXLEY & al. 1999c: 241; IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, epífita, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Miltonia flavescens** (Lindley) Lindley

= *Cyrtorchilum flavescens* Lindley [basion.]

= *Ireneia flavescens* (Lindley) Szlachetko, Mytnik, Górniak & Romowicz

= *Oncidium flavescens* (Lindley) Reichenbach fil.

Cyrtorchilum stellatum Lindley

= *Miltonia flavescens* (Lindley) Lindley var. *stellata* (Lindley) Regel

= *Oncidium flavescens* (Lindley) Reichenbach fil. var. *stellatum* (Lindley) Reichenbach fil.

= *Oncidium stellatum* (Lindley) Beer

Miltonia flavescens (Lindley) Lindley var. *grandiflora* Regel

Miltonia loddigesii Regel

Epífita. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Cirtóquilo, cirtóquilo em estrela, cirtóquilo estelar, cirtóquilo-estrela, cirtóquilo estrelado, cirtóquilo amarelado, cirtóquilo amarelo, cirtóquilo flavescente, cirtóquilo flavo, cirtóquilo lutescente, cirtóquilo lúteo, irénea, irénea amarela, irénea amarelada, irénea flavescente, irénea flava, irénea lutescente, irénea lútea, ireneia, ireneia, ireneia amarela, ireneia amarelada, ireneia flavescente, ireneia flava, ireneia lutescente, ireneia lútea, miltónia, miltónia amarela, miltónia amarelada, miltónia de estrela, miltónia de flores grandes, miltónia de Loddiges, miltónia em estrela, miltónia estelar, miltónia-estrela, miltónia estrelada, miltónia flava, miltónia flavescente, miltónia grandiflora, miltónia lútea, miltónia lutescente, miltónia macranta, oncídio, oncídio amarelado, oncídio amarelo, oncídio de estrela, oncídio em estrela, oncídio estelar, oncídio-estrela, oncídio estrelado, oncídio flavescente, oncídio flavo, oncídio lutescente, oncídio lúteo.

Endemismo sul-americano, da Argentina, Brasil, de floração predominantemente estival e outonal (CULLEN, 1984h: 282; HUXLEY & al. 1999c: 241; IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, epífita, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. **Miltonia regnellii** Reichenbach fil.

= *Oncidium regnellii* (Reichenbach fil.) Reichenbach fil.

Miltonia cereola Lemaire

Miltonia regnellii Reichenbach fil. var. *alba* Tessmer

= *Miltonia regnellii* Reichenbach fil. f. *alba* (Tessmer) Roeth

Miltonia regnellii Reichenbach fil. var. *citrina* Cogniaux

= *Miltonia regnellii* Reichenbach fil. f. *citrina* (Cogniaux) Roeth

= *Miltonia regnellii* Reichenbach fil. f. *purpurea* (Dombrain) M. Wolff & O. Gruss

Miltonia regnellii Reichenbach fil. var. *travassosiana* Cogniaux

= *Miltonia regnellii* Reichenbach fil. f. *travassosiana* (Cogniaux) Roeth

Miltonia regnellii Reichenbach fil. var. *veitchiana* Cogniaux

= *Miltonia regnellii* Reichenbach fil. f. *veitchiana* (Cogniaux) Roeth

Epífita. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Cereola, miltónia, miltónia alba, miltónia albiflora, miltónia alva, miltónia alviflora, miltónia cereola, miltónia cítrica, miltónia citrina, miltónia citriflora, miltónia de flores cítricas, miltónia de flores citrinas, miltónia de Regnell, miltónia de Travassos, miltónia de Veitch, miltónia regnelliana, miltónia travassosa, miltónia travassósia, miltónia travassosiana, miltónia veitchiana, oncídio, oncídio de Regnell, oncídio regnelliano, orquídea de Milton, orquídea de Regnell, orquídea miltoniana, orquídea regnelliana.

Endemismo sul-americano, do Sul do Brasil, de floração predominantemente estival e outonal (CULLEN, 1984h: 281-282; HUXLEY & al. 1999c: 241; IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, epífita, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, em 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. **Miltonia spectabilis** Lindley

= *Oncidium spectabile* (Lindley) Beer

Macrochilus fryanus Knowles & Westcott

Miltonia bicolor Loddiges ex F. Buyss.

Miltonia spectabilis Lindley var. *aspera* Reichenbach fil.

Miltonia spectabilis Lindley var. *bicolor* G. Nicholson

Miltonia spectabilis Lindley var. *lineata* L. Linden & Rodigas

Miltonia spectabilis Lindley var. *porphyroglossa* Reichenbach fil.

Miltonia spectabilis Lindley var. *radians* Reichenbach fil.

Miltonia spectabilis Lindley var. *rosea* auct.

Miltonia spectabilis Lindley var. *virginalis* Lemaire

Epífito. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Miltónia, miltónia bicolor, miltónia das virgens, miltónia de duas cores, miltónia radiante, miltónia rósea, miltónia virginal, miltónia virgínea, miltónia virgínica, oncídio.

Endemismo sul-americano, do Este do Brasil e da Venezuela, de floração predominantemente estival e outonal (CULLEN, 1984h: 281; HUXLEY & al. 1999c: 241; IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, epífita, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. *Miltonia* sp.

Epífito. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Miltónia, orquídea de Milton.

Endemismo americano, da América tropical (CULLEN, 1984h: 280; MABBERLEY, 2008: 547); Planta ornamental exótica herbácea perene, rizomatosa, epífita, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

37. *Neotinea* Reichenbach fil.

1. *Neotinea maculata* (Desfontaines) Stearn

= *Satyrium maculatum* Desfontaines [basion.]

Aceras densiflora Boissier

Aceras intacta Reichenbach fil.

Orchis intacta Link

= *Neotinea intacta* (Link) Reichenbach fil.

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Áceras, órquis, órquis intacta, órquis maculada, órquis manchada, neotínea, neotínea intacta, neotínea maculada, neotínea manchada, satirião, satírio.

Endemismo da Região Mediterrânica e da Europa ocidental; Elemento mediterrânico, cuja distribuição, também algo atlântica, atinge Portugal, a Irlanda e a Ilha de Man (WEBB, 1980e: 337; RENZ & TAUBENHEIM, 1984: 512-513); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, espontânea e pouco comum e dispersa em Portugal (ARAÚJO & al., 2014bk), sobretudo em regiões calcárias (com solos alcalinos), talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

38. *Oeceoclades* Lindley

1. *Oeceoclades maculata* (Lindley) Lindley

= *Angraecum maculatum* Lindley [basion.]

= *Aerobion maculatum* (Lindley) Sprengel

= *Eulophia maculata* (Lindley) Reichenbach f.

= *Eulophidium maculatum* (Lindley) Pfitzer

= *Graphorchis maculata* (Lindley) Kuntze

= *Graphorkis maculata* (Lindley) Kuntze, orth. var.

= *Limodorum maculatum* (Lindley) Loddiges

Angraecum monophyllum A. Richard

= *Eulophia monophylla* (A. Richard) S. Moore

= *Eulophidium monophyllum* (A. Richard) Schlechter

= *Oeceoclades monophylla* (A. Richard) Garay & P. Taylor

Epidendrum connivens Vellozo

Eulophia liedenii N.E. Brown

= *Eulophidium liedenii* (N.E. Brown) De Wildeman

Eulophia mackenii Rolfe ex Hemsley

= *Eulophidium mackenii* (Rolfe ex Hemsley) Schlechter

Eulophidium nyassanum Schlechter

Eulophidium warneckeanum Kraenzlin

Eulophidium maculatum (Lindley) Pfitzer var. *pterocarpum* Hauman

= *Oeceoclades maculata* (Lindley) Lindley var. *pterocarpa* (Hauman) Garay & P. Taylor

Geodorum pictum Link

Geodorum pictum Link & Otto

Geófito. Origem: Regiões tropicais.

Alguns nomes comuns possíveis: Aeróbio, angreco, eceoclades, epidendro, epidendro conivente, eulofídio, eulofídio de Niassa, eulofídio de Warnecke, eulofídio niassano, geódoro, geódoro pintado, oeceoclades.

Endemismo da América e da África tropicais (CULLEN, 1984f: 258); Planta ornamental herbácea perene exótica, subespontânea em certas regiões, podendo mesmo, por vezes, ser invasora (MABBERLEY, 2008: 596), muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

39. *Oncidium* Swartz

1. *Oncidium baueri* Lindley

Epidendrum floridum Vellozo

Oncidium advena Reichenbach fil.

Oncidium bicameratum Reichenbach fil. ex Kraenzlin

Oncidium bolivianum Schlecht.

Oncidium hannelorae Nir

Oncidium hebraicum Reichenbach fil.

Oncidium kappleri Reichenbach fil. ex Lindley

Oncidium multiflorum Soysa

Oncidium peliogramma Linden & Reichenbach fil.

Oncidium pentecostale Reichenbach fil.

Oncidium platyglossum Reichenbach fil. ex Linden

Oncidium schmidtianum Reichenbach fil.

Oncidium wyddleri Reichenbach fil.

Epífito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Epidendro, epidendro florido, oncídio, oncídio boliviano, oncídio da Bolívia, oncídio de Bauer, oncídio de Kappler, oncídio de muitas flores, oncídio hebraico, oncídio multifloro, oncídio pentecostal, oncídio polianto, oncídio de Schmidt, oncídio de Wyddler.

Endemismo da América do Sul tropical: Bolívia, Brasil, Equador e Peru (HUXLEY & al., 1999c: 363); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, epífita, muito raramente cultivada em Portugal, em estufas, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Oncidium crispum* Loddiges ex Lindley

= *Anettea crispa* (Loddiges ex Lindley) Szlachetko & Mytnik

= *Brasilidium crispum* (Loddiges ex Lindley) Campacci

Oncidium imperatoris-maximiliani Reichenbach f.

= *Anettea imperatoris-maximiliani* (Reichenbach f.) Szlachetko & Mytnik

= *Gomesa imperatoris-maximiliani* (Reichenbach f.) M.W. Chase & N.H. Williams

Epífito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Anétea, anétea crespá, anétea do imperador Maximiliano, brasilídio, brasilídio crespá, brasilídio do imperador Maximiliano, epidendro, epidendro crespá, epidendro do imperador Maximiliano, oncídio, oncídio crespá, oncídio do imperador Maximiliano.

Endemismo da América do Sul: Este do Brasil (CULLEN, 1984b: 288; HUXLEY & al., 1999c: 364); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, epífita, muito raramente cultivada em Portugal, em estufas, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas em 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Oncidium divaricatum* Lindley

= *Aurinocidium divaricatum* (Lindley) Romowicz & Szlachetko

= *Grandiphyllum divaricatum* (Lindley) Docha Neto

Oncidium pulvinatum Lindley

= *Aurinocidium pulvinatum* (Lindley) Romowicz & Szlachetko

= *Grandiphyllum pulvinatum* (Lindley) Docha Neto

Oncidium robustissimum Reichenbach f.

= *Aurinocidium robustissimum* (Reichenbach f.) Romowicz & Szlachetko

= *Grandiphyllum robustissimum* (Reichenbach f.) Docha Neto

Oncidium sciurus Scheidweiler

Oncidium sphegiferum Lindley

= *Aurinocidium sphegiferum* (Lindley) Romowicz & Szlachetko

= *Grandiphyllum sphegiferum* (Lindley) Docha Neto

Epífito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Aurinocídio, aurinocídio divaricado, aurinocídio robustíssimo, aurinocídio robusto, grandifilo, grandifilo divaricado, grandifilo robustíssimo, grandifilo robusto, oncídio, oncídio divaricado, oncídio esquilo, oncídio robustíssimo, oncídio robusto.

Endemismo da América do Sul: Este do Brasil (CULLEN, 1984b: 287; HUXLEY & al., 1999c: 364); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, epífita, muito raramente cultivada em Portugal, em estufas, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. ***Oncidium flexuosum*** Loddiges

= *Ampliglossum flexuosum* (Loddiges) Campacci

= *Coppensia flexuosa* (Loddiges) Campacci

= *Gomesa flexuosa* (Loddiges) M.W. Chase & N.H. Williams

Epidendrum lineatum Vellozo

Oncidium haematochrysum Reichenbach f.

Oncidium haematoxanthum Reichenbach f. ex Lindley

Oncidium megalopterum Kraenzlin

= *Gomesa megaloptera* (Kraenzlin) M.W. Chase & N.H. Williams

Epífito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Ampliglosso, ampliglosso flexuoso, copênsia, copênsia flexuosa, epidendro, epidendro flexuoso, gomesa, gomesa flexuosa, oncídio, oncídio flexuoso.

Endemismo da América do Sul: Argentina, SE do Brasil, Paraguai e Uruguai (CULLEN, 1984b: 289; HUXLEY & al., 1999c: 364-365); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, epífita, muito raramente cultivada em Portugal, em estufas, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. ***Oncidium sarcodes*** Lindley

= *Anettea sarcodes* (Lindley) Szlachetko & Mytnik

= *Baptistonia sarcodes* (Lindley) Chiron & V.P. Castro

= *Gomesa sarcodes* (Lindley) M.W. Chase & N.H. Williams

Oncidium rigbyanum Paxton

Epífito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Anétea, baptistónia, gomesa, oncídio, oncídio de Rigby.

Endemismo da América do Sul: Brasil (HUXLEY & al., 1999c: 367); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, epífita, muito raramente cultivada em Portugal, em estufas, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas em 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

6. ***Oncidium varicosum*** Lindley

= *Ampliglossum varicosum* (Lindley) Campacci

= *Coppensia varicosa* (Lindley) Campacci

= *Gomesa varicosa* (Lindley) M.W. Chase & N.H. Williams

Oncidium euxanthinum Reichenbach f.

Oncidium geraense Barbosa Rodrigues

Oncidium lunaeanum auct.

Oncidium rogersii Bateman

Epífito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Ampliglosso, ampliglosso varicoso, copênsia, copênsia varicosa, gomesa, gomesa varicosa, oncídio, oncídio amarelo, oncídio de flores amareladas, oncídio de flores amarelas, oncídio de flores lúteas, oncídio de flores xantinas, oncídio de Minas Gerais, oncídio de Rogers, oncídio euxantino, oncídio lúteo, oncídio varicoso, oncídio xantino.

Endemismo da América do Sul: Brasil, Paraguai e Norte da Argentina (CULLEN, 1984b: 289; HUXLEY & al., 1999c: 368; WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, epífita, muito raramente cultivada em Portugal, em estufas, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

7. **Oncidium** sp.

Epífito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Oncídio.

Endemismo americano, da América tropical (MABBERLEY, 2008: 601); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, epífita, muito raramente cultivada em Portugal, em estufas.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

40. **Ophrys** L.

1. **Ophrys apifera** Hudson

= *Arachnites apifera* (Hudson) Hoffmann

= *Orchis apifera* (Hudson) Salisbury

Ophrys albiflora Spruner ex Boissier

Ophrys apifera Hudson var. *almaracensis* Pérez Chiscano, Durán Oliva & Gil Llano

= *Ophrys apifera* Hudson var. *almaracensis* (Pérez Chiscano, Durán Oliva & Gil Llano) P. Delforge

Ophrys apifera Hudson var. *aurita* (Moggr.) Gremli

= *Ophrys apifera* Hudson f. *aurita* (Moggr.) Soó

Ophrys apifera Hudson var. *basiliensis* S. Schwegler & Matthies

= *Ophrys apifera* Hudson var. *basiliensis* (S. Schwegler & Matthies) P. Delforge

Ophrys apifera Hudson var. *belgarum* Turner Ettl.

= *Ophrys apifera* Hudson var. *belgarum* (Turner Ettl.) P. Delforge

Ophrys apifera Hudson var. *bicolor* E. Nelson

= *Ophrys apifera* Hudson f. *bicolor* (E. Nelson) P.D. Sell

Ophrys apifera Hudson var. *Brownevilabellata* Kreutz, R. Selig & Zelesny

= *Ophrys apifera* Hudson f. *brevilabellata* (Kreutz, R. Selig & Zelesny) P. Delforge

Ophrys apifera Hudson f. *chodatii* Wilczek

Ophrys apifera Hudson var. *cordatitepala* Chodat

Ophrys apifera Hudson var. *curviflora* A. Soulié

= *Ophrys apifera* Hudson f. *curviflora* (A. Soulié) P. Delforge

Ophrys apifera Hudson var. *filitepala* Chodat

Ophrys apifera Hudson var. *flavescens* Rosbach

= *Ophrys apifera* Hudson var. *flavescens* (Rosbach) P.D. Sell

Ophrys apifera Hudson var. *friburgensis* Freyhold

= *Ophrys friburgensis* (Freyhold) Nägeli

= *Ophrys apifera* Hudson subsp. *friburgensis* (Freyhold) P. Fournier

= *Ophrys apifera* Hudson f. *friburgensis* (Freyhold) P. Delforge

Ophrys apifera Hudson var. *fulvofusca* M.P. Grasso & Scrugli

= *Ophrys apifera* Hudson var. *fulvofusca* (M.P. Grasso & Scrugli) P. Delforge

Ophrys apifera Hudson var. *immaculata* Brébisson

= *Ophrys immaculata* (Brébisson) Nägeli

Ophrys apifera Hudson subsp. *jurana* Ruppert

= *Ophrys jurana* (Ruppert) Neuberger

Ophrys apifera Hudson var. *muteliae* Mutel

= *Ophrys apifera* Hudson subsp. *muteliae* (Mutel) K. Richter

Ophrys apifera Hudson var. *olimpiadae* Ugr. ex E.G. Camus

Ophrys apifera Hudson var. *pauciflora* A. Terracciano

Ophrys apifera Hudson var. *speciosa* Nyman

Ophrys apifera Hudson var. *subterrostrunca* Brotero

Ophrys apifera Hudson var. *tilaventina* Nonis & Liverani, nom. inval.

Ophrys aquisgranensis Kaslenbach

Ophrys arachnites Miller

Ophrys asilifera Vayreda

Ophrys austriaca Wiesb. ex Dichtl

= *Ophrys apifera* Hudson subsp. *austriaca* (Wiesb. ex Dichtl) K. Richter

= *Ophrys apifera* Hudson var. *austriaca* (Wiesb. ex Dichtl) Beck

Ophrys bicolor Nägeli, nom. illeg.

Ophrys botteronii Chodat

= *Ophrys apifera* Hudson subsp. *botteronii* (Chodat) Hegi

= *Ophrys apifera* Hudson var. *botteronii* (Chodat) Brand
 = *Ophrys apifera* Hudson f. *botteronii* (Chodat) P.D. Sell
Ophrys chlorantha Hegetschweiler
 = *Ophrys apifera* Hudson var. *chlorantha* (Hegetschweiler) Nyman
 = *Ophrys apifera* Hudson subsp. *chlorantha* (Hegetschweiler) Arcangeli
Ophrys epeiophora Peter
Ophrys integra Saccardo
Ophrys mangifera Tallon
Ophrys oestriifera Marschall von Bieberstein
 = *Ophrys picta* Link var. *oestriifera* (Marschall von Bieberstein) Bory & Chaubard
 = *Ophrys scolopax* Cavanilles subsp. *oestriifera* (Marschall von Bieberstein) Reichenbach f.
 = *Orchis oestriifera* (Marschall von Bieberstein) Marschall von Bieberstein
Ophrys purpurea Tausch
 = *Ophrys apifera* Hudson subsp. *purpurea* (Tausch) Nyman
 = *Ophrys apifera* Hudson var. *purpurea* (Tausch) K. Richter
Ophrys ripaensis Porta
Ophrys rostrata Tenore
Ophrys saraepontana Ruppert
Ophrys trolli Hegetschweiler
 = *Ophrys apifera* Hudson subsp. *trolli* (Hegetschweiler) K. Richter
 = *Ophrys apifera* Hudson subsp. *trolli* (Hegetschweiler) O. Bolòs
 = *Ophrys apifera* Hudson var. *trolli* (Hegetschweiler) Reichenbach f.
 = *Ophrys apifera* Hudson f. *trolli* (Hegetschweiler) P.D. Sell
Orchis holoserica Burmann f.
 = *Ophrys holoserica* (Burmann f.) Greuter
 Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Abelheira, abelhinha, alpivre, aracnites, aracnites abelheira, aracnites apífera, aracnites de abelha, erva-abelha, erva abelheira, erva abelhinha, erva abelhosa, erva abelhuda, erva apífera, erva-aranha, erva araneira, erva das abelhas, erva das aranhas, ófris, ófris abelheira, ófris apífera, ófris austríaca, ófris austro-húngara, ófris belga, ófris bicolor, ófris da Áustria, ófris da Bélgica, ófris das abelhas, ófris das montanhas, ófris das Olimpíadas, ófris de Aquisgrana, ófris de Chodat, ófris de flores amareladas, ófris de flores bicolores, ófris de flores curvas, ófris de flores flavescentes, ófris de flores fuscas, ófris de flores lutescentes, ófris de flores verdes, ófris de Friburgo, ófris dos belgas, ófris friburguesa, ófris jurana, ófris montanhosa, ófris olímpica, orquídea, orquídea abelheira, orquídea abelhistas, orquídea abelhosa, orquídea abelhuda, orquídea araneira, orquídea das abelhas, orquídea das aranhas, orquídea das Olimpíadas, orquídea olímpica.

Endemismo eurasiático e mediterrânico, distribuído desde a Europa Central e do Norte temperada até ao Mediterrâneo e ao Cáucaso, incluindo a Ucrânia (SOÓ, 1980b: 349; MOSYAKIN & FEDORONCHUK, 1999: 43; DELFORGE, 2001: 422-423; DELFORGE, 2006: 447-448; MABBERLEY, 2008: 604), de floração vernal ou primavera e estival (LAMOND & WOODS, 1984a: 163-164; HUXLEY & al., 1999c: 376); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, espontânea e pouco comum em Portugal, no Centro e Sul e em Trás-os-Montes e Alto Douro (ARAÚJO & al., 2014b), sobretudo em regiões calcárias, em pastagens e matos abertos, geralmente em solos alcalinos (FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 162-163); A identificação dos exemplares outrora cultivados no Jardim foi verificada por R.B. Fernandes em 1950; actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Ophrys bombyliflora* Link

Ophrys tabanifera Willdenow
Ophrys distoma Bivona-Bernardi
Ophrys hiulca Mauri
Ophrys canaliculata Viviani
Ophrys labrofossa Brotero
 Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Abelheira, abelhinha, alpivre, erva-abelha, erva abelheira, erva abelhinha, erva abelhosa, erva abelhuda, erva apífera, erva-aranha, erva araneira, erva-bômbis, erva das abelhas, erva das aranhas, flor-abelha, flor abelheira, flor abelhosa, flor abelhuda, flor das abelhas, flor de abelha, flor de bômbis, ófris, ófris abelheira, ófris apífera, ófris das abelhas, orquídea, orquídea abelheira, orquídea abelhosa, orquídea abelhuda, orquídea das abelhas.

Endemismo das regiões Macaronésica: Arquipélago das Ilhas Canárias (ALDASORO & SÁEZ, 2005: 171-173; DELFORGE, 2006: 435) e Mediterrânica (SOÓ, 1980b: 349; HUXLEY & al., 1999c: 376); Elemento mediterrânico descrito por Link a partir de um exemplar proveniente do Algarve: Tavira, 1800 (RENN & TAUBENHEIM, 1984e: 500), de floração hiemal e vernal; Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, conhecida pela sua propagação vegetativa (DELFORGE, 2001: 416; DELFORGE, 2006: 435), espontânea e rara em Portugal, sobretudo em regiões calcárias, no Sul do País (CLAMOTE & al., 2014p), em sítios soalheiros ou de meia sombra, geralmente em solos alcalinos (FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 163), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Ophrys fusca* Link

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva moscarda, erva dos moscardos, erva fusca, erva fusca dos moscardos, erva mosca, erva moscada, erva moscarda, erva moscardina, erva moscardinha, flor de mosca, flor de moscardo, flor fusca, flor mosca, flor moscada, flor moscarda, flor moscardina, flor moscardinha, moscardo fusco, moscardo maior, ófris, ófris de flores fuscas, ófris de mosca, ófris de moscardo, ófris dos moscardos, ófris fusca, ófris moscada, ófris moscarda, orquídea de mosca, orquídea de moscardo, orquídea dos moscardos, orquídea fusca, orquídea moscada, orquídea moscarda.

Endemismo e elemento mediterrânico, descrito por Link a partir de um exemplar proveniente dos arredores de Lisboa (RENN & TAUBENHEIM, 1984e: 480; SOÓ, 1980b: 345; LAMOND & WOODS, 1984a: 163; HUXLEY & al., 1999c: 376; DELFORGE, 2001: 361; DELFORGE, 2006: 378); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, espontânea e pouco comum em Portugal, onde se pode encontrar sobretudo no Centro e Sul e em TM (CARAPETO & al., 2014y), sobretudo em regiões calcárias, em sítios soalheiros ou de meia sombra, sobre solos calcários ou margosos (FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 159; ALDASORO & SÁEZ, 2005), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ROSA, 2000: Anexo VII); Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

4. *Ophrys lutea* Cavanilles subsp. *lutea*

= *Arachnites lutea* (Cavanilles) Todaro

Ophrys vespifera Brotero

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Abelheira, abelhinha, alpivre, erva-abelha, erva abelheira, erva apífera, erva vespa, erva vespeira, erva vesposa, flor de abelha, flor de abelha amarela, flor de vespa, flor de vespa amarela, ófris, ófris amarela, ófris das abelhas, ófris das vespas, ófris lútea, ófris vespa, ófris vespeira, ófris vespífera, orquídea abelheira, orquídea vespeira.

Endemismo da Região Mediterrânica, incluindo Portugal (SOÓ, 1980b: 345; LAMOND & WOODS, 1984a: 163; HUXLEY & al., 1999c: 378; DELFORGE, 2001: 400; DELFORGE, 2006: 421; ALDASORO & SÁEZ, 2005: 180-182; MABBERLEY, 2008: 604); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, espontânea e pouco comum em Portugal, onde se pode encontrar no Centro e Sul (CLAMOTE & al., 2014q), sobretudo em regiões calcárias, em sítios soalheiros ou de meia sombra, em solos calcários ou margosos (FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 158-159), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

5. *Ophrys picta* Link

= *Ophrys scolopax* Cavanilles subsp. *picta* (Link) Kreutz

= *Ophrys scolopax* Cavanilles var. *picta* (Link) Reichenbach f.

= *Ophrys scolopax* Cavanilles f. *picta* (Link) Battandier

Ophrys corniculata Brotero

Ophrys sphegifera vel *Ophrys scolopax* auct.

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva dos passarinhos, erva dos pássaros, erva dos pintores, erva passareira, erva passarinha, erva picta, erva pintada, flor dos passarinhos, flor dos pintores, flor picta, flor pintada, flor piu-piu, ófris, ófris dos passarinhos, ófris dos pássaros, ófris dos pintores, ófris passareira, ófris passarinha, ófris picta, ófris pintada, orquídea dos passarinhos, orquídea dos pássaros, orquídea dos pintores, orquídea passareira, orquídea passarinha, orquídea picta, orquídea pintada.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, localizado e raro (DELFORGE, 2001: 469; DELFORGE, 2006: 490); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, espontânea e pouco comum em Portugal, sobretudo em

regiões calcárias, onde pode ocorrer em sítios soalheiros ou de meia sombra, em solos calcários ou margosos, de natureza alcalina, em arrelvados, campos em pousio, olivais, matos e bosques abertos (DELFORGE, 2001: 469; DELFORGE, 2006: 490; TYTECA, 1997: 247, 335), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

6. ***Ophrys speculum*** Link, nom. cons. prop.

Arachnites speculum (Link) Todaro

Ophrys ciliata Bivona-Bernhardi

= *Ophrys vernixia* Brotero subsp. *ciliata* (Bivona-Bernhardi) Del Prete

Ophrys vernixia auct., non Brotero

Ophrys vernixia Brotero subsp. *orientalis* H.F. Paulus

= *Ophrys ciliata* Bivona-Bernhardi var. *orientalis* (H.F. Paulus) Kreutz

= *Ophrys speculum* Link var. *orientalis* (H.F. Paulus) Kreutz

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Abelheira, alpivre, erva-abelha, erva abelheira, erva apífera, erva-aranha, erva araneira, erva das abelhas, erva das aranhas, erva espelhada, erva-espelho, ófris, ófris abelheira, ófris apífera, ófris ciliada, ófris das abelhas, ófris espelhada, ófris-espelho, ófris quase verníxia, orquídea, orquídea abelha, orquídea abelheira, orquídea ciliada, orquídea das abelhas, orquídea das aranhas, orquídea espelhada, orquídea-espelho.

Endemismo da Região Mediterrânica (DELFORGE, 2006: 432; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, espontânea e pouco comum em Portugal segundo alguns autores, onde se pode encontrar no Centro e Sul (CLAMOTE & al., 2014r), sobretudo em regiões calcárias, em sítios soalheiros ou de meia sombra (FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 157-158), ausente de Portugal segundo outros (TYTECA, 1997; DELFORGE, 2001; DELFORGE, 2006), podendo eventualmente ocorrer sobretudo em regiões calcárias; De acordo com DELFORGE (2006: 432-433) e com FRANCO & ROCHA AFONSO (l.c.), *Ophrys speculum* Link e *Ophrys vernixia* Brotero são duas espécies distintas, pertencentes ao mesmo grupo de espécies próximas. A identificação das plantas cultivadas no Jardim foi verificada por R.B. Fernandes em 1950.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ROSA, 2000: Anexo VII); Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950).

7. ***Ophrys tenthredinifera*** Willdenow var. ***praecox*** Reichenbach fil. ex E.G. Camus

Ophrys tenthredinifera Willdenow subsp. *guimaraesi* D. Tyteca

= *Ophrys tenthredinifera* Willdenow var. *guimaraesi* (D. Tyteca) Kreutz, comb. illeg.

Ophrys tenthredinifera Willdenow subsp. *praecox* D. Tyteca, nom. illeg.

Ophrys tenthredinifera Willdenow f. *praecox* Guimarães

= *Ophrys tenthredinifera* Willdenow subvar. *praecox* (Guimarães) Reichenbach fil. ex E.G. Camus

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Ófris, ófris de Guimarães, ófris tenthredinifera, ófris tenthredinifera de Guimarães, ófris tenthredinifera precoce.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, de distribuição muito restrita (que poderá eventualmente incluir a Península Ibérica e o Magreb) e de floração hiemal ou hibernal e vernal ou primavera, particularmente precoce (DELFORGE, 2001: 418; DELFORGE, 2006: 436-437); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, espontânea e pouco comum em Portugal, sobretudo no Centro e Sul, em regiões calcárias (TYTECA, 1997: 248), raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

8. ***Ophrys tenthredinifera*** Willdenow var. ***tenthredinifera***

= *Arachnites tenthredinifera* (Willdenow) Todaro

Ophrys arachnites Link

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Aracnites, ófris, ófris aracnites, ófris araneira, ófris de aranha, ófris tenthredinifera.

Endemismo da Região Mediterrânica (ocidental, sobretudo) e do Arquipélago das Canárias (DELFORGE, 2001: 417-418; ALDASORO & SÁEZ, 2005: 173-174; DELFORGE, 2006: 436), de floração primavera ou vernal e estival (SOÓ, 1980b: 349; HUXLEY & al., 1999c: 378), que possui um polinizador próprio: *Eucera nigrilabis*, um himenóptero, da família *Anthophoridae* (DELFORGE, 2006: 436); Esta subespécie, própria de regiões calcárias, onde se pode encontrar por vezes em sítios soalheiros a ensombrados, em solos alcalinos

a levemente ácidos (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: 161-162), é a única *Ophrys tenthredinifera* que se encontra a sul do estuário do rio Tejo (TYTECA, 1997: 248-251); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, espontânea e pouco comum em Portugal, onde se pode encontrar no Centro e Sul e, muito raramente, em Trás-os-Montes e Alto Douro (PORTO & al., 2014ah), raramente cultivada entre nós, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

9. *Ophrys vernixia* Brotero

Ophrys speculum Link subsp. *lusitanica* O. Danesch & E. Danesch

= *Ophrys lusitanica* (O. Danesch & E. Danesch) H.F. Paulus & Gack

= *Ophrys vernixia* Brotero subsp. *lusitanica* (O. Danesch & E. Danesch) H. Baumann & Künkele

= *Ophrys ciliata* Bivona-Bernhardi subsp. *lusitanica* (O. Danesch & E. Danesch) H. Baumann, Künkele & R. Lorenz

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Abelheira, abelhinha, alpivire, erva abelha, erva abelheira, erva abelhinha, erva do alpivire, ófris, ófris verníxia.

Endemismo da Região Mediterrânica (WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010), exclusivo do Sul da Península Ibérica, com uma distribuição bastante restrita: Centro Oeste calcário português (BL, E, R), Barrocal algarvio (DELFORGE, 2006: 411; DELFORGE, 2006: 433; ALDASORO & SÁEZ, 2005: 171); Endemismo e elemento mediterrânico, de floração primaveril ou vernal, descrito por Brotero a partir de um exemplar proveniente dos arredores de Coimbra: "*in calcareis circa Conimbricam* (Coimbra) *et alibi*" (RENZ & TAUBENHEIM, 1984e: 479; LAMOND & WOODS, 1984a: 163); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, espontânea e pouco comum em Portugal, sobretudo em regiões calcárias, em sítios soalheiros ou de meia sombra (FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 158).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

10. *Ophrys* sp.

Geófito. Origem: Desconhecida.

Alguns nomes comuns possíveis: Abelheira, abelhinha, alpivire, erva abelha, erva, erva abelheira, erva abelhinha, ófris.

Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, provavelmente espontânea e rara em Portugal (sobretudo em regiões calcárias), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

41. *Orchis* Tournefort ex L.

1. *Orchis coriophora* L. var. *carpetana* Willkomm

= *Anacamptis coriophora* (L.) R.M. Bateman, Pridgeon & M.W. Chase subsp. *carpetana* (Willkomm) Bernardos

= *Orchis coriophora* L. subsp. *carpetana* (Willkomm) K. Richter

Orchis martrinii auct., non Timbal-Lagrange

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva testiculada, erva testicular, órquis, órquis carpetana, órquis das montanhas, órquis dos carpetanos, órquis peninsular.

Endemismo quase exclusivo da Península Ibérica, eventualmente presente na Madeira (DELFORGE, 2001: 287; DELFORGE, 2006: 303); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, pouco comum (cf. PORTO & al., 2014ai) e muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Orchis italica* Poiret

Orchis fusca Jacquin var. *stenoloba* Cosson & Germain

= *Orchis purpurea* Hudson var. *stenoloba* (Cosson & Germain) Willkomm

= *Orchis purpurea* Hudson subsp. *stenoloba* (Cosson & Germain) K. Richter

Orchis italica Poiret f. *albiflora* Nicora ex Fiori & Paoletti

Orchis italica Poiret f. *breviloba* Halácsy

Orchis italica Poiret f. *maculata* Soó

Orchis longicornis L

Orchis longicruris Link

Orchis longicruris Link subsp. *longipenis* Font Quer & P. Palau

Orchis militaris Poiret, nom. illeg.

Orchis tephrosanthos Desfontaines, nom. illeg.

Orchis Welwitschii Reichenbach fil.

Orchis simia sensu Willkomm (1861), non Lamarck (1779)

Orchis undulatifolia Bivona

= *Orchis simia* Lamarck var. *undulatifolia* (Bivona) Webb

= *Orchis tephrosanthos* Desfontaines var. *undulatifolia* (Bivona) Ker Gawler

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva macaca, erva macacal, erva macaqueira, erva macaquinha, erva testiculada, erva testicular, flor dos homenzinhos, flor dos macaquinhos, flor dos macaquinhos dependurados, flor dos rapazinhos, órquis, órquis albiflora, órquis branca, órquis cândida, órquis candidiflora, órquis de flores brancas, órquis de flores maculadas, órquis de flores malhadas, órquis de flores manchadas, órquis de folhas unduladas, órquis de Welwitsch, órquis italiana, órquis itálica, órquis macaca, órquis macacal, órquis mediterrânica, órquis símia, órquis símica, órquis simiesca, órquis tefrossanta, órquis undulatifolia, órquis welwitschia, órquis welwitschiana, órquis welwitschica.

Endemismo exclusivo da Região Mediterrânica, de floração predominantemente hiemal e primaveril ou vernal (AEDO, 2005a: 128-130; DELFORGE, 2006: 340; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010), relativamente comum em Portugal, no Centro e Sul (CLAMOTE & al., 2014s), sobretudo em terrenos de natureza calcária, frequentemente pedregosos e com vegetação bastante aberta, em várias províncias portuguesas, incluindo a Beira Litoral, onde pode ser por vezes frequente ou mesmo localmente abundante (FRANCO & ROCHA AFONSO, 3: 146; AEDO, *l.c.*; BRITES MONTEIRO, 2008: 34), outrora cultivada e talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

3. *Orchis laxiflora* Lamarck

= *Anacamptis laxiflora* (Lamarck) R.M. Bateman, Pridgeon & M.W. Chase = *Herorchis laxiflora* (Lamarck) D. Tyteca & E. Klein, *Orchis ensifolia* Villars = *Orchis laxiflora* Lamarck subsp. *ensifolia* (Villars) Ascherson & Graebner, *Orchis palustris* Jacquin var. *laxiflora* Friderichsthal

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Herórquis, herórquis, herórquis de inflorescências laxas, herórquis laxiflora, órquis, órquis de flores esparsas, órquis de inflorescências laxas, órquis de poucas flores, órquis laxiflora, órquis pauciflora.

Endemismo eurasiático, de distribuição atlântica e mediterrânica, atingindo a Oriente a Anatólia (até Kastamonu), disperso por quase toda a Península Ibérica, próprio de prados, choupais, margens de cursos de água e outras zonas húmidas, em substratos que variam entre o alcalino e o ligeiramente ácido, até uma altitude de 1600 m, de floração primaveril ou vernal (SOÓ, 1980c: 341-342; AEDO, 2005a: 142-144; DELFORGE, 2006: 285; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, espontânea e muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. *Orchis longicornu* Poiret

= *Anacamptis longicornu* (Poiret) R.M. Bateman, Pridgeon & M.W. Chase

= *Anacamptis morio* (L.) R.M. Bateman, Pridgeon & M.W. Chase subsp. *longicornu* (Poiret) H. Kretzschmar, Eccarius & H. Dietrich

= *Herorchis longicornu* (Poiret) D. Tyteca & E. Klein

= *Orchis morio* L. subsp. *longicornu* (Poiret) Kretz

= *Orchis morio* L. var. *longicornu* (Poiret) Knoch

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Anacâmpsis, anacâmpsis cornuda, anacâmpsis de corno longo, anacâmpsis longicorninha, anacâmpsis longicornuda, capuchinho, capuchinho canino, capuchinho de cão, companheiro canino, companheiro da cadela, companheiro de perra, companheiro de perro, companheiro do cão, companheiro do perro, companheiro perruno, erva abelheira, erva abelhinha, erva canina, erva da abelha, erva de cão, erva de perro, erva do cão, erva do cão macho, erva do perro, erva do salepo, erva máscula, erva masculina, erva perrina, erva perrinha, erva perruna, erva salepa, erva salepeira, erva salépica, erva

salepinha, erva testiculada, erva testicular, orquídea cornuda, orquídea de corno longo, orquídea longicorninha, orquídea longicornuda, órquis, órquis cornuda, órquis de corno longo, órquis longicorninha, órquis longicornuda, salepeira, salepo, satirão, satirião, satirião canino, satirião macho, satirião macho de folhas estreitas, satirião maculado, satirião malhado, satirião manchado, testículo canino, testículo de cão, testículo de perro, testículo perrino, testículo perruno.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, nativa na Espanha mas não em Portugal, de floração precoce, hibernal ou hiemal e primavera ou vernal (AEDO, 2005a: 122; DELFORGE, 2006: 288; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, , muito raramente cultivada entre nós, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. *Orchis mascula* (L.) L. subsp. **mascula**

= *Orchis morio* L. var. *mascula* L. [basion.]

= *Androrchis mascula* (L.) D. Tyteca & E. Klein

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Companheiro canino, companheiro da cadela, companheiro de perra, companheiro de perro, companheiro do cão, companheiro do cão fêmea, companheiro do cão feminino, companheiro do cão macho, companheiro do cão masculino, companheiro perrino, companheiro perruno, erva abelheira, erva canina, erva da abelha, erva de cão, erva de perro, erva do cão, erva do cão macho, erva do perro, erva do salepo, erva máscula, erva masculina, erva perrina, erva perrinha, erva perruna, erva salepa, erva salepeira, erva salépica, erva salepinha, erva testiculada, erva testicular, escroto canino, lírio canino, lírio de cão, órquis canina, órquis macho, órquis máscula, órquis masculina, pata-cão, pata de cão, pata de lobo, salepeira, salepeira maior, salepo maior, satirão, satirião, satirião canino, satirião macho, satirião macho de folhas estreitas, satirião maculado, satirião malhado, satirião manchado, testículo canino, testículo de cão, testículo de perro, testículo perrino, testículo perruno.

Endemismo eurasiático, macaronésico e norte-africano, de distribuição atlântico-mediterrânica e floração predominantemente primavera ou vernal (DELFORGE, 2006: 325; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010), que se pode encontrar no seio da classe de vegetação *Festuco-Ononidetea striatae* (RIVAS MARTÍNEZ & al., 2002b: 646); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, espontânea e pouco comum em Portugal, sobretudo em regiões calcárias, onde se encontra dispersa de Norte a Sul (ARAÚJO & al., 2014bn); Identificação verificada por R.B. Fernandes em 1950; talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

6. *Orchis morio* L. subsp. **morio**

= *Anacamptis morio* (L.) R.M. Bateman, Pridgeon & M.W. Chase subsp. *morio*

= *Herorchis morio* (L.) D. Tyteca & E. Klein

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Amor das damas, amor de dama, anacâmtis, capuchinho, capuchinho canino, capuchinho de cão, companheiro canino, companheiro da cadela, companheiro de perra, companheiro de perro, companheiro do cão, companheiro do perro, companheiro perruno, erva abelha, erva abelheira, erva abelhinha, erva canina, erva da abelha, erva de cão, erva de perro, erva do cão, erva do cão macho, erva do perro, erva do salepo, erva máscula, erva masculina, erva perrina, erva perrinha, erva perruna, erva salepa, erva salepeira, erva salepeira ordinária, erva salépica, erva salepinha, erva testiculada, erva testicular, orquídea fatua, fatua, órquis, órquis fatua, pentecosta, salepeira, salepeira ordinária, salepo, salepo ordinário, satirão, satirião, satirião canino, satirião macho, satirião macho de folhas estreitas, satirião maculado, satirião malhado, satirião manchado, serapião angustifólio, serapião de folhas estreitas, testículo canino, testículo canino usual, testículo de cão, testículo de cão usual, testículo de perro, testículo de perro usual, testículo perrino, testículo perruno.

Endemismo eurasiático e mediterrânico, de vasta distribuição: da Península Ibérica e Marrocos até à Noruega, à Rússia central, Anatólia, Cáucaso e Irão, de floração hibernal ou hiemal e primavera ou vernal (Renz & Taubenheim, 1984k: 524-525; Aedo, 2005a: 119-122; Delforge, 2006: 289; World Checklist of Selected Plant Families, 2010); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, espontânea e pouco comum em Portugal, sobretudo nas regiões calcárias do Sul do País (Tyteca, 1998: 349), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ROSA, 2000: Anexo VII).

7. *Orchis provincialis* Balbis ex Lamarck & DC.

= *Androrchis provincialis* (Balbis ex Lamarck & DC.) D. Tyteca & E. Klein

= *Orchis morio* L. var. *provincialis* (Balbis ex Lamarck & DC.) Pollini

Orchis cyrilli Tenore

Orchis leucostachys Grisebach

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Andrórquis, andrórquis da Provença, andrórquis francesa, andrórquis provençal, andrórquis provincial, erva francesa, erva testiculada, erva testicular, orquídea da Provença, orquídea francesa, orquídea provençal, orquídea provincial, órquis, órquis da Provença, órquis francesa, órquis provençal, órquis provincial.

Endemismo eurasiático, e elemento mediterrânico, de distribuição submediterrânica e floração primaveril ou vernal, próprio de locais herbosos em matos e pinhais (RENZ & TAUBENHEIM, 1984k: 530-531; DELFORGE, 2006: 328); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, espontânea e muito rara em Portugal (TYTECA, 1997: 264, 354; ARAÚJO & PESSOA, 2014bo), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

8. *Orchis ustulata* L.

= *Neotinea ustulata* (L.) R.M. Bateman, Pridgeon & M.W. Chase

= *Odontorchis ustulata* (L.) Tyteca & E. Klein

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva das pintas, erva maculada, erva malhada, erva manchada, erva queimada, erva sarapintada, erva testiculada, erva testicular, erva ustulada, neotínea, neotínea de pintas, neotínea maculada, neotínea malhada, neotínea manchada, neotínea queimada, neotínea sarapintada, neotínea ustulada, odontórquis, odontórquis de pintas, odontórquis maculada, odontórquis malhada, odontórquis manchada, odontórquis queimada, odontórquis sarapintada, odontórquis ustulada, orquídea, orquídea maculada, orquídea malhada, orquídea manchada, orquídea queimada, orquídea sarapintada, orquídea ustulada, órquis, órquis dentada, órquis de pintas, órquis maculada, órquis malhada, órquis manchada, órquis queimada, órquis sarapintada, órquis ustulada.

Endemismo eurasiático ou euro-siberiano, muito raro na Região Mediterrânica (DELFORGE, 2006: 345); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, muito raramente espontânea (MONTEIRO in CARVALHO, 2011; ARAÚJO, 2014a) e muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ROSA, 2000: Anexo VII).

42. *Paphiopedilum* Pfitzer**1. *Paphiopedilum callosum* (Reichenbach f.) Stein**

= *Cypripedium callosum* Reichenbach f. [basion.]

= *Cordula callosa* (Reichenbach f.) Rolfe

Cypripedium schmidtianum Kraenzlin

= *Paphiopedilum callosum* (Reichenbach f.) Stein var. *schmidtianum* (Kraenzlin) Pfitzer

Cypripedium crossii C. Morren, nom. inval.

= *Paphiopedilum crossii* (C. Morren) Braem & Senghas, nom. inval.

Paphiopedilum callosum (Reichenbach f.) Stein var. *angustipetalum* Guillaumin

Paphiopedilum viniferum Koopowitz & N. Hasegawa

= *Paphiopedilum crossii* (C. Morren) Braem & Senghas f. *viniferum* (Koopowitz & N. Hasegawa) Braem & Chiron

= *Paphiopedilum crossii* (C. Morren) Braem & Senghas var. *viniferum* (Koopowitz & N. Hasegawa) Cavestro

= *Paphiopedilum crossii* (C. Morren) Braem & Senghas var. *viniferum* (Koopowitz & N. Hasegawa) O. Gruss & M. Wolff

= *Paphiopedilum crossii* (C. Morren) Braem & Senghas var. *viniferum* (Koopowitz & N. Hasegawa) J.H.M. Shaw

Geófito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Cipripédio, cipripédio caloso, cipripédio crossiano, cipripédio de Cross, cipripédio de Schmidt, córdula, córdula calosa, pafiopédilo, pafiopédilo caloso, pafiopédilo crossiano, pafiopédilo de Cross, pafiopédilo de pétalas estreitas, pafiopédilo de vinho, pafiopédilo vínico, pafiopédilo vinífero, pafiopédilo vinoso.

Endemismo da Ásia tropical, de floração vernal ou primaveril e estival (ALEXANDER, 1984h: 156; HUXLEY & al., 1999c: 457; IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Paphiopedilum ciliolare* (Reichenbach f.) Stein

= *Cypripedium ciliolare* Reichenbach f. [basion.]

= *Cordula ciliolare* (Reichenbach f.) Rolfe

= *Paphiopedilum superbiens* (Reichenbach f.) Stein subsp. *ciliolare* (Reichenbach f.) M.W. Wood

Cypripedium ciliolare Reichenbach f. var. *miteauanum* Linden

= *Paphiopedilum ciliolare* (Reichenbach f.) Stein var. *miteauanum* (Linden) Pfitzer

Cypripedium miteauanum L. Linden & Rodigas

Geófito. Origem: Ilhas Filipinas.

Alguns nomes comuns possíveis: Cipripédio, cipripédio ciliado, cipripédio ciliolado, cipripédio de Miteau, córdula, córdula ciliada, córdula ciliolada, pafiopédilo, pafiopédilo ciliado, pafiopédilo ciliolado, pafiopédilo de Miteau, sapatinho de Vénus, sapato de Vénus, sapatinho venéreo, sapato venéreo.

Endemismo do arquipélago das Ilhas Filipinas, de floração predominantemente vernal ou primaveril e estival (ALEXANDER, 1984h: 158; HUXLEY & al., 1999b: 457; IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Paphiopedilum insigne* (Wallich ex Lindley) Pfitzer f. *insigne*

= *Cypripedium insigne* Wallich ex Lindley [basion.]

= *Cordula insignis* (Wallich ex Lindley) Rafinesque

Cypripedium chantinii auct.

Cypripedium maulei auct.

Paphiopedilum macfarlanei F.G. Meyer

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Cipripédio, cipripédio insigne, córdula, córdula insigne, pafiopédilo, pafiopédilo insigne, sapatinho de Vénus, sapato de Vénus, sapatinho venéreo, sapato venéreo.

Endemismo eurasiático, da China (NW da província de Yunnan), do NE da Índia e do E do Nepal: Himalaias, de floração outonal, hiemal ou hibernal e primaveril ou vernal (ALEXANDER, 1984h: 155-156; HUXLEY & al., 1999c: 459; LIU, CHEN & CRIBB, 2009a: 39; WIKIPEDIA); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

4. *Paphiopedilum insigne* (Wallich ex Lindley) f. *sanderæ* (Reichenbach f.) O. Gruss & Roeth

= *Cypripedium insigne* Wallich ex Lindley var. *sanderæ* Reichenbach f.

Cypripedium insigne Wallich ex Lindley var. *sanderianum* Rolfe

= *Paphiopedilum insigne* f. *sanderianum* (Rolfe) O. Gruss & Roeth

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Cipripédio, cipripédio de Sander, cipripédio insigne, córdula, córdula de Sander, córdula insigne, pafiopédilo, pafiopédilo de Sander, pafiopédilo insigne, sapatinho de Vénus, sapato de Vénus, sapatinho venéreo, sapato venéreo.

Endemismo eurasiático, do NE da Índia e do E do Nepal: Himalaias, de floração outonal, hiemal ou hibernal e primaveril ou vernal (ALEXANDER, 1984h: 155-156; HUXLEY & al., 1999c: 459; WIKIPEDIA); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

5. *Paphiopedilum lawrenceanum* (Reichenbach f.) Pfitzer

= *Cypripedium lawrenceanum* Reichenbach f. [basion.]

= *Cordula lawrenceana* (Reichenbach f.) Rolfe

= *Paphiopedilum barbatum* (Lindley) Pfitzer subsp. *lawrenceanum* (Reichenbach f.) M.W. Wood

Cypripedium hyeanum L. Linden & Rodigas

= *Paphiopedilum lawrenceanum* (Reichenbach f.) Pfitzer f. *hyeanum* (L. Linden & Rodigas) O. Gruss & Roeth

= *Paphiopedilum lawrenceanum* (Reichenbach f.) Pfitzer var. *hyeanum* (L. Linden & Rodigas) Braem

Geófito. Origem: Bornéu.

Alguns nomes comuns possíveis: Cipripédio, cipripédio borneano, cipripédio de Bornéu, cipripédio de Lawrence, córdula, córdula borneana, córdula de Bornéu, córdula de Lawrence, pafiopédilo, pafiopédilo borneano, pafiopédilo de Bornéu, pafiopédilo de Lawrence, sapatinho de Vénus, sapatinho de Vénus de Bornéu, sapato de Vénus, sapato de Vénus de Bornéu, sapatinho venéreo, sapatinho venéreo de Bornéu, sapato venéreo, sapato venéreo de Bornéu.

Endemismo do Norte da Ilha de Bornéu: Sabah e Sarawak, de floração predominantemente estival (ALEXANDER, 1984h: 156; HUXLEY, 1999c: 459-461; IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

6. **Paphiopedilum × leeanum** (Reichenbach f.) Kerchove

Paphiopedilum insigne (Wallich ex Lindley) Pfitzer × *Paphiopedilum spicerianum* (Reichenbach f. ex Masters & T. Moore) Pfitzer

Pafiopédilo, pafiopédilo de Lee, pafiopédilo híbrido, pafiopédilo híbrido de Lee, sapatinho de Vénus, sapatinho de Vénus de Lee, sapatinho de Vénus híbrido, sapatinho de Vénus híbrido de Lee, sapatinho venéreo, sapatinho venéreo de Lee, sapatinho venéreo híbrido, sapatinho venéreo híbrido de Lee, sapato de Vénus, sapato de Vénus híbrido, sapato de Vénus híbrido de Lee, sapato venéreo, sapato venéreo híbrido, sapato venéreo híbrido de Lee.

Geófito. Origem: Híbrida.

De acordo com Alexander (1984h: 156), o nome correcto deste híbrido é **P. × leeanum** (Reichenbach) Kerchove; Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, de origem híbrida, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

7. **Paphiopedilum spicerianum** (Reichenbach f. ex Masters & T. Moore) Pfitzer

= *Cypripedium spicerianum* Reichenbach f. ex Masters & T. Moore [basion.]

= *Cordula spiceriana* (Reichenbach f. ex Masters & T. Moore) Rolfe

Paphiopedilum spicerianum (Reichenbach f. ex Masters & T. Moore) Pfitzer f. *burkhardii* O. Gruss & Roeth

Paphiopedilum spicerianum (Reichenbach f. ex Masters & T. Moore) Pfitzer f. *immaculatum* Braem

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Cipripédio, cipripédio de Spicer, cipripédio imaculado, córdula, córdula de Spicer, córdula imaculada, pafiopédilo, pafiopédilo de Spicer, pafiopédilo imaculado, sapatinho de Vénus, sapatinho venéreo, sapato de Vénus, sapato venéreo.

Endemismo eurasiático, do Sul da China (província de Yunnan), do Norte da Birmânia e do Nordeste da Índia (Região dos Himalaias), que se pode encontrar a altitudes entre os 900 e os 1400 metros, em locais rochosos, penhascos e fendas de rochas calcárias, por vezes em florestas ou em taludes com vegetação arbustiva, de floração outonal, hibernal ou hiemal e vernal ou primaveril (ALEXANDER, 1984h: 155; HUXLEY & al., 1999c: 463; RUSSELL, 2008; LIU, CHEN & CRIBB, 2009a: 43; IPNI); a autoria do basiónimo desta espécie (*Cypripedium spicerianum*) deve ser atribuída a Reichenbach f. ex Masters & T. Moore, de acordo com RUSSELL (2008); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte III, temperada (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

8. **Paphiopedilum tonsum** (Reichenbach fil.) Stein

= *Cypripedium tonsum* Reichenbach fil. [basion.]

= *Cordula tonsa* (Reichenbach fil.) Rolfe

Paphiopedilum braemii H. Mohr

= *Paphiopedilum tonsum* (Reichenbach fil.) Stein var. *braemii* (H. Mohr) O. Gruss

Paphiopedilum tonsum (Reichenbach fil.) Stein f. *alboviride* Braem

Geófito. Origem: Indonésia.

Alguns nomes comuns possíveis: Cipripédio, cipripédio tonso, córdula, córdula tonsa, pafiopédilo, pafiopédilo branco-esverdeado, pafiopédilo de Braem, pafiopédilo tonso, sapatinho de Vénus, sapatinho venéreo, sapato de Vénus, sapato venéreo.

Endemismo da Indonésia (do Norte e Centro da Ilha de Samatra), de floração estival, outonal e hiemal (ALEXANDER, 1984h: 157; HUXLEY & al., 1999c: 463; IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

9. **Paphiopedilum villosum** (Lindley) Stein

= *Cypripedium villosum* Lindley [basion.]

= *Cordula villosa* (Lindley) Rolfe

Epífito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Cipripédio, cipripédio piloso, cipripédio pubescente, cipripédio viloso, córdula pilosa, córdula pubescente, córdula vilosa, pafiopédilo, pafiopédilo piloso, pafiopédilo pubescente, pafiopédilo viloso, sapatinho de Vénus, sapatinho venéreo, sapato de Vénus, sapato venéreo.

Endemismo eurasiático, da Ásia Tropical: Sul da China (SE da província de Yunnan), do Nordeste da Índia, da Birmânia, Vietname e Tailândia, que se pode encontrar a altitudes entre os 1100 e os 2000 metros, epífito sobre árvores em florestas abertas ou em locais rochosos e penhascos bastante bastante expostos ao Sol, de floração outonal, hibernal e vernal ou primavera (ALEXANDER, 1984h: 155; HUXLEY & al., 1999c: 463; LIU, CHEN & CRIBB, 2009: 41-42; IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

10. **Paphiopedilum violascens** Schlechter

= *Cordula violascens* (Schlechter) Rolfe

Paphiopedilum bougainvilleanum Schoser

Paphiopedilum violascens Schlechter var. *gautierense* J.J. Smith

Epífito ou geófito. Origem: Nova Guiné.

Alguns nomes comuns possíveis: Córdula, córdula violácea, córdula violascente, córdula violeta, pafiopédilo, pafiopédilo de Bougainville, pafiopédilo de Gautier, pafiopédilo violáceo, pafiopédilo violascente, pafiopédilo violeta, sapatinho de Vénus, sapatinho de Vénus, sapatinho venéreo, sapato de Vénus, sapato venéreo.

Endemismo da Nova Guiné (Norte e Oriente) e ilhas adjacentes (Ilha Manus, no Arquipélago de Bismarck), próximas da costa, de floração predominantemente outonal (ALEXANDER, 1984h: 156; HUXLEY & al., 1999c: 463; IPNI; WIKIPEDIA); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII); Estufa das Reproduções (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

43. **Phaius** Loureiro

[Syn.: *Cyanorchis* Thouars; *Gastorchis* Thouars; *Gastrorchis* Schlechter;

Hecabe Rafinesque; *Limatodis* Blume; *Pachyne* Salisbury;

Pesomeria Lindley; *Tankervillia* Link (WIKIPEDIA)]

1. **Phaius tankervilleae** (Banks ex L'Héritier) Blume

= *Limodorum tankervilleae* Banks ex L'Héritier

= *Bletia tankervilleae* (Banks ex L'Héritier) R. Brown

Calanthe bachmaensis Gagnepain

Dendrobium veratrifolium Roxburgh

= *Phaius veratrifolius* (Roxburgh) Lindley

Limodorum incarvillei Persoon

= *Phaius incarvillei* (Persoon) Kuntze

Limodorum spectabile Salisbury

= *Pachyne spectabilis* (Salisbury) Salisbury

Phaius blumei Lindley

Phaius carronii F. Mueller

Phaius giganteus Hemsley

Phaius grandiflorus Reichenbach f.

Phaius grandifolius Loureiro

Phaius grandifolius Loureiro var. *superbus* van Houtte

= *Phaius tankervilleae* (Banks ex L'Héritier) Blume var. *superbus* (van Houtte) S.Y. Hu

Phaius leucophaeus F. Mueller

Phaius oweniae Sander

Phaius sinensis Rolfe

Tankervillia cantoniensis Link

Geófito. Origem: Regiões Tropicais.

Alguns nomes comuns possíveis: Blétia, blétia de Tankerville, calante, capuz de freira, dendróbio, faio, faio chinês, faio de Blume, faio de Tankerville, freira, freirinha, limodoro, limodoro de Tankerville, paquine, tankervílea, tankervílea cantonesa, tankervílea chinesa.

Endemismo das regiões tropicais e subtropicais asiáticas e da Australásia, distribuído da China central e dos Himalaias até à Austrália (ALEXANDER, 1984j: 176; HUXLEY & al., 1999c: 536; CHEN & al., 2009: 291-292); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical, num vaso (II.2013, Observ.!).

2. *Phaius wallichii* Lindley

Phaius bicolor Lindley

Phaius longicornu Guillaumin

Phaius magniflorus Z.H. Tsi & S.C. Chen

Phaius sanderi Sander

Geófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Faio, faio bicolor, faio de corno longo, faio de duas cores, faio de flores grandes, faio de longo corno, faio de Sander, faio de Wallich, faio grandifloro, faio longicornudo, faio macranto, faio magnifloro, faio sanderiano, faio sanderino, orquídea de Wallich.

Endemismo da Ásia oriental tropical ou subtropical, dos Himalaias e das Índias Orientais (CHEN & al., 2009: 292; IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

44. *Phalaenopsis* Blume

1. *Phalaenopsis amabilis* (L.) Blume

= *Epidendrum amabile* L. [basion.]

= *Cymbidium amabile* (L.) Roxburgh

= *Synadena amabilis* (L.) Rafinesque

Phalaenopsis amabilis (L.) Blume f. *concolor* Baume & Christenson

Phalaenopsis amabilis (L.) Blume var. *fournieri* Cogniaux

Phalaenopsis amabilis (L.) Blume var. *fuscata* Reichenbach fil.

= *Phalaenopsis amabilis* (L.) Blume f. *fuscata* (Reichenbach fil.) O. Gruss & M. Wolff

= *Phalaenopsis grandiflora* Lindley var. *fuscata* (Reichenbach fil.) Burbidge

Phalaenopsis amabilis (L.) Blume var. *rimestadiana* L. Linden

= *Phalaenopsis rimestadiana* (L. Linden) Rolfe

Phalaenopsis amabilis (L.) Blume var. *rimestadiana-alba* auct.

Phalaenopsis elisabethae auct.

Phalaenopsis gloriosa Reichenbach fil.

= *Phalaenopsis aphrodite* Reichenbach fil. var. *gloriosa* (Reichenbach fil.) A.H. Kent

Phalaenopsis grandiflora Lindley

= *Phalaenopsis amabilis* (L.) Blume var. *grandiflora* (Lindley) Bateman

Phalaenopsis grandiflora Lindley var. *aurea* auct.

= *Phalaenopsis amabilis* (L.) Blume var. *aurea* (auct.) Rolfe

Phalaenopsis grandiflora Lindley var. *borneensis* Corning

Phalaenopsis grandiflora Lindley var. *gracillima* Burbidge

Epífito. Origem: Austrália e Índias Orientais.

Alguns nomes comuns possíveis: Cimbídio, cimbídio amável, cimbídio elegante, cimbídio grácil, epidendro, epidendro amável, epidendro elegante, epidendro grácil, falenópsis, falenópsis amável, falenópsis áurea, falenópsis borneana, falenópsis borneense, falenópsis de Bornéu, falenópsis de flores grandes, falenópsis de Fournier, falenópsis de ouro, falenópsis dourada, falenópsis elegante, falenópsis gloriosa, falenópsis grácil, falenópsis gracílisma, falenópsis grandiflora, falenópsis macranta, falenópsis, falenópsis ramificada, falenópsis ramosa, falenópsis rimestadiana, orquídea-borboleta, orquídea-borboleta amável, orquídea-borboleta de flores grandes, de ouro, orquídea-borboleta grandiflora, orquídea-borboleta macranta, sinadena, sinadena amável.

Endemismo australiano e das Índias Orientais, de onde foi já indicado por Osbeck (LINNAEUS, 1753: 953), de floração outonal, hiemal e vernal (MATTHEWS, 1984h: 245; HUXLEY & al., 1999c: 536); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Phalaenopsis** sp.

Epífito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Falenópsis, orquídea-borboleta.

Endemismo da Ásia tropical e Australásia (MABBERLEY, 2008: 653); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

45. **Phragmipedium** Rolfe, nom. cons.

[= *Paphiopedilum* Pfitzer subgen. *Phragmipedium* (Rolfe) V.A. Albert & Börge Pettersson

= *Paphiopedilum* Pfitzer sect. *Phragmipedium* (Rolfe) V.A. Albert & Börge Pettersson]

1. **Phragmipedium caudatum** (Lindley) Rolfe

= *Cypripedium caudatum* Lindley [basion.]

= *Paphiopedilum caudatum* (Lindley) Pfitzer

= *Phragmopedilum caudatum* (Lindley) Pfitzer

= *Selenipedium caudatum* (Lindley) Reichenbach fil. & Warszewicz

Cypripedium warszewiczianum Reichenbach fil.

= *Paphiopedilum warszewiczianum* (Reichenbach fil.) Pfitzer

= *Phragmipedium caudatum* (Lindley) Rolfe var. *warszewiczianum* (Reichenbach fil.) Pfitzer

= *Phragmipedium warszewiczianum* (Reichenbach fil.) Schlechter

= *Phragmipedium warszewiczianum* (Reichenbach fil.) Garay

= *Phragmopedilum warszewiczianum* (Reichenbach fil.) Schlechter

= *Selenipedium warszewiczianum* (Reichenbach fil.) Reichenbach fil. & Warszewicz

Selenipedium caudatum (Lindley) Reichenbach fil. & Warszewicz var. *albertianum* Linden

= *Phragmipedium caudatum* (Lindley) Rolfe f. *albertianum* (Linden) O. Gruss & M. Wolff

Selenipedium caudatum (Lindley) Reichenbach fil. & Warszewicz var. *giganteum* Carrière

Selenipedium caudatum (Lindley) Reichenbach fil. & Warszewicz var. *roseum* L. Linden

Selenipedium caudatum (Lindley) Reichenbach fil. & Warszewicz var. *uropedium* Rolfe

Geófito. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Cipripédio, cipripédio caudado, cipripédio de Warszewicz, fragmipédio, fragmipédio caudado, fragmipédio de Warszewicz, orquídea-chinelo, orquídea-sapato, orquídea-sapatinho, selenipédio, selenipédio caudado, selenipédio de Warszewicz, selenipédio gigante, selenipédio róseo, uropédio.

Endemismo americano, da América tropical, do México ao Equador e Peru, de floração vernal e estival (ALEXANDER, 1984a: 152); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

2. **Phragmipedium × sedenii** (Reichenbach f.) Pfitzer

= *Phragmipedium longifolium* (Warszewicz & Reichenbach f.) Rolfe × *Phragmipedium schlimii* (Linden & Reichenbach f.) Rolfe

Geófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Cipripédio, cipripédio híbrido, fragmipédio, fragmipédio híbrido, orquídea-chinelo, orquídea-sapato, orquídea-sapatinho.

Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, de origem híbrida hortícola (ROSA, 2000: 172), muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

46. **Platanthera** L.C.M. Richard

1. **Platanthera bifolia** (L.) L.C.M. Richard

= *Orchis bifolia* L. [basion.]

Satyrium diphyllum Link

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Órquis, órquis bifólia, órquis bifoliada, órquis de duas folhas, platantera, platantera bifólia, platantera bifoliada, platantera de duas folhas, satirião, satirião bifólio, satirião bifoliado, satirião verde, satírio, satírio bifólio, satírio bifoliado, satírio de duas folhas, satírio verde.

Endemismo eurasiático ou euro-siberiano, de vasta distribuição, embora muito raro em Portugal, que tanto se dá em solos calcários como em solos ácidos (RENZ & TAUBENHEIM, 1984d: 473-474); De acordo com TYTECA (1997: 264), a presença desta espécie entre nós tende a negar que o clima português tenha um carácter puramente mediterrânico; Erva vivaz dos prados, arrelvados e pinhais (MENDONÇA & VASCONCELLOS, 1959: 58); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, espontânea e pouco comum em Portugal (ARAÚJO & al., 2014bm), onde se pode encontrar sobretudo nas regiões graníticas e xistosas do Norte e Centro, particularmente em matas caducifólias da classe *Quercus-Fagetalia*, e matos derivados da destruição destas matas, outrora cultivada e actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ROSA, 2000: Anexo VII); Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

47. *Polystachya* Hooker

1. *Polystachya affinis* Lindley

Polystachya bracteosa Lindley

Epífita. Origem: África tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Polistáquia, polistáquia, polistáquia afim, polistáquia bracteada, polistáquia bracteosa.

Endemismo africano, da África Ocidental tropical, incluindo Angola, a República Centro-Africana, o Uganda e o Zaire, de floração predominantemente estival (CULLEN, 1984m: 257; HUXLEY & al., 1999c: 681); Planta ornamental exótica herbácea perene epifítica, tuberosa, muito raramente cultivada em Portugal, em estufas, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

48. *Rhynchosyle Reichenbach fil.*

[Incluindo *Cymbiglossum* Halbinger; *Lemboglossum* Halbinger]

1. *Rhynchosyle bictoniensis* (Bateman) Soto Arenas & Salazar

= *Cyrtochilum bictoniense* Bateman [basion.]

= *Cymbiglossum bictoniense* (Bateman) Halbinger

= *Lemboglossum bictoniense* (Bateman) Halbinger

= *Odontoglossum bictoniense* (Bateman) Lindley

Odontoglossum bictoniense (Bateman) Lindley var. *splendens* Lemaire

Zygopetalum africanum Hooker

Epífita ou geófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Cimbígloso, cirtóquilo, lembógloso, odontógloso, rincostele, zigopétalo.

Endemismo norte-americano, do México, Guatemala e El Salvador (HUXLEY & al., 1999c: 38; IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical e Estufa das Reproduções (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

49. *Serapias* L.

1. *Serapias cordigera* L.

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva dos galos, erva galinha, erva língua, erva língua cordiforme, erva língua cordígera, erva língua maior, galarós, galinhos, galos, longoeira, serapião, serápias, serápias-coração, serápias cordiforme, serápias cordígera, serápias maior.

Endemismo e elemento predominantemente mediterrânico, descrito a partir de Espanha, Itália e Oriente, de floração predominantemente vernal ou primaveril (LAMOND & WOODS, 1984b: 164; RENZ & TAUBENHEIM, 1984f: 503; SÁEZ & al., 164-165); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, espontânea e pouco comum em Portugal, distribuída por quase todo o País (ALMEIDA & al., 2014aw); Identificação verificada por R.B. Fernandes em 1950.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Serapias lingua* L.

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis:

Única orquídea espontânea no Jardim Botânico; Endemismo e elemento predominantemente mediterrânico, distribuído desde Portugal e Marrocos até à Tunísia e às ilhas do Mar Egeu, de floração predominantemente vernal ou primaveril (LAMOND & WOODS, 1984b: 164; SÁEZ & al., 1963-164); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, espontânea e pouco comum em Portugal, onde se encontra dispersa de Norte a Sul espontânea e pouco comum em Portugal, onde se encontra dispersa de Norte a Sul, um pouco por todo o País (ARAÚJO & al., 2014bq); Identificação verificada por R.B. Fernandes em 1950.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Terraço das Gimnospérmicas, num relvado, onde as suas inflorescências são aparadas juntamente com a relva (V.2009, V.2013, Observ.).

3. *Serapias parviflora* Parlature

= *Serapiastrum parviflorum* (Parlature) A.A. Eaton

= *Serapias laxiflora* Reichenbach f. var. *parviflora* (Parlature) Reichenbach f.

= *Serapias lingua* L. var. *parviflora* (Parlature) Kraenzlin

Serapias columnae Aurnier

Serapias elongata Todaro

Serapias laxiflora Reichenbach f.

Serapias mascaensis H. Kretzschmar, G. Kretzschmar & Kreutz

= *Serapias parviflora* Parlature subsp. *mascaensis* (H. Kretzschmar, G. Kretzschmar & Kreutz) Kreutz

Serapias occultata J. Gay ex Cavalier

= *Serapias parviflora* Parlature subsp. *occultata* (J. Gay ex Cavalier) Maire & Weiller

Serapias occultata J. Gay ex Cavalier f. *albiflora* E.G. Camus

= *Serapias parviflora* Parlature f. *albiflora* (E.G. Camus) Soó

Serapias occultata J. Gay ex Cavalier f. *knochei* E.G. Camus

= *Serapias parviflora* Parlature f. *knochei* (E.G. Camus) Soó

Serapias parviflora Parlature f. *lutescens* Renz

= *Serapias parviflora* Parlature var. *lutescens* (Renz) Kalop.

Serapias parviflora Parlature f. *sulphurea* Lanza & G. Keller

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Serápias, serápias de flores pequenas, serápias micranta, serápias ocuta, serápias parviflora, serapiastro, serapiastro de flores pequenas, serapiastro micranto, serapiastro ocuta, serapiastro parvifloro.

Endemismo e elemento mediterrânico, descrito a partir de exemplares sicilianos, das vizinhanças de Palermo (RENTZ & TAUBENHEIM, 1984f: 505); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, espontânea e pouco comum em Portugal, onde se encontra dispersa de Norte a Sul (ARAÚJO & al., 2014br); Identificação verificada por R.B. Fernandes em 1950.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

50. *Sobralia* Ruíz & Pavón

1. *Sobralia leucoxantha* Reichenbach f.

Geófito. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Sobralia.

Endemismo da América do Norte (e central) tropical (MABBERLEY, 2008: 803), distribuído pela Costa Rica e pelo Panamá, de floração estival e outonal (HUXLEY & al., 1999d: 306; ALEXANDER, 1984k: 178); não convém confundir com a sua congénere de nome muito semelhante *Sobralia xantholeuca* Reichenbach f. (cf. ALEXANDER, 1984k: 178-179); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte II, subtropical e Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

2. ***Sobralia macrantha*** Lindley

Geófito. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Sobralia, sobralia de flores grandes, sobralia grandiflora, sobralia macranta.

Endemismo da América do Norte (e central) tropical, distribuído desde o México até à Costa Rica, conhecido pelas suas flores de grandes dimensões –cerca de 25 cm– e que duram apenas um dia (MABBERLEY, 2008: 803); a sua floração prolonga-se da Primavera até ao Outono (ALEXANDER, 1984k: 178; HUXLEY & al., 1999d: 306); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical, e parte II, subtropical (Tavares & Alves, 2002; Tavares, 2011: 45; XII.2011, Observ.!).; Escola das Monocotiledóneas (Rosa, 2000)

51. ***Spiranthes*** L.C.M. Richard

1. ***Spiranthes aestivalis*** (Poiret) L.C.M. Richard

= *Ophrys aestivalis* Poiret [basion.]

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva entrançada, erva espiral, erva espiral de Verão, erva trança, espirantes, espirantes de Verão, espirantes estival, ófris de Verão, ófris estival, spirantes, spirantes de Verão, spirantes estival, trança de dama.

Endemismo euro-mediterrânico raro e em regressão devido à drenagem e destruição progressiva dos seus habitats (DELFORGE, 2001: 115); Esta orquídea está incluída no Anexo B-IV da directiva Habitats (Decreto-Lei n.º 140/99, de 24.IV.1999); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, de floração estival (LAMOND & WOODS, 1984c: 161) esporádica, espontânea, esporádica e muito rara em Portugal, em locais húmidos e pantanosos, como dunas, juncais, turfeiras, urzais, de Norte a Sul (TELES, 1970: 81; PINTO GOMES, 1989: 83; PATALLO & AEDO, 2005: 72; PORTO & al., 2014aj), outrora cultivada e actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. ***Spiranthes spiralis*** (L.) Chevall.

= *Ophrys spiralis* L. [basion.]

= *Epipactis spiralis* (L.) Crantz

= *Gyrostachys spiralis* (L.) Kuntze

= *Ibidium spirale* (L.) Salisbury

= *Neottia spiralis* (L.) Swartz

= *Serapias spiralis* (L.) Scopoli

Ophrys autumnalis Balb.

= *Gyrostachys autumnalis* (Balb.) Dumortier

= *Neottia autumnalis* (Balbis) Persoon

= *Spiranthes autumnalis* (Balbis) L.C.M. Richard

Spiranthes glauca Rafinesque

Tussacia autumnalis Balbis ex Desvaux, nom. illeg.

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva entrançada, erva espiral, erva espiral de Verão, erva trança, espirantes, espirantes de outono, espirantes espiral, espirantes outonal, girostáquis, ibídio, ófris de outono, ófris espiral, ófris outonal, spirantes, spirantes de outono, spirantes espiral, spirantes outonal, tussácia, tussácia de outono, tussácia espiral, tussácia outonal.

Endemismo eurasiático e norte-africano (RENZ & TAUBENHEIM, 1984c: 472; DELFORGE, 2001: 114); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, de floração estival e outonal (LAMOND & WOODS, 1984c: 160-161), espontânea e pouco comum em Portugal, onde se encontra dispersa de Norte a Sul (ARAÚJO & al., 2014bp), sobretudo em regiões calcárias, em locais mais ou menos secos, podendo mais raramente ocorrer sobre areias; as partes subterrâneas da planta já foram outrora utilizadas como afrodisíaco (PATALLLO & AEDO, 2005: 70).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

52. **Stanhopea** J. Frost ex Hooker

1. **Stanhopea graveolens** Lindley

Stanhopea graveolens Lindley var. *aurata* Lindley

= *Stanhopea aurata* (Lindley) Planchon

Stanhopea graveolens Lindley var. *inodora* Regel

Stanhopea inodora Loddiges ex Lindley

Stanhopea purpusii Schlechter

Epífita. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Estanópea, estanópea aromática, estanópea áurea, estanópea de Purpus, estanópea dourada, estanópea inodora, estanópea perfumada, estanópea purpusiana, stanópea, stanópea aromática, stanópea áurea, stanópea de Purpus, stanópea dourada, stanópea inodora, stanópea perfumada, stanópea purpusiana.

Endemismo da América tropical (MABBERLEY, 2008: 817; IPNI), distribuída do México até Honduras (WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, epífita, muito raramente cultivada em Portugal, em estufas, outrora cultivada e actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas em 1932 (Rosa, 2000: Anexo VII).

2. **Stanhopea insignis** J. Frost ex Hooker

= *Ceratochilus insignis* (J. Frost ex Hooker) Lindley ex G. Don

Stanhopea atropurpurea Loddiges ex Planchon

Stanhopea flava Loddiges ex Beer

Stanhopea graveolens Klotzsch ex Reichenbach fil. var. *major* hort. ex Heynhold

Stanhopea odoratissima Planchon

Epífita. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Estanópea, estanópea amarela, estanópea amarelada, estanópea aromática, estanópea flava, estanópea flavescence, estanópea insigne, estanópea lútea, estanópea lutescente, estanópea maior, estanópea perfumada, stanópea, stanópea amarela, stanópea amarelada, stanópea aromática, stanópea flava, stanópea flavescence, stanópea insigne, stanópea lútea, stanópea lutescente, stanópea maior, stanópea perfumada.

Endemismo sul-americano, do SE do Brasil, de floração outonal (CULLEN, 1984p: 269; IPNI); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, epífita, muito raramente cultivada em Portugal, em estufas, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas em 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. **Stanhopea oculata** (Loddiges) Lindley

= *Ceratochilus oculatus* Loddiges [basion.]

Dendrobium grandiflorum Swartz, nom. illeg.

Epidendrum cornutum Sessé & Mocinho, nom. illeg.

Stanhopea aurantia Loddiges ex P.N. Don,

Stanhopea bucephalus Lindley

Stanhopea cymbiformis Reichenbach fil.

Stanhopea guttata Beer

Stanhopea lindleyi Zuccarini

= *Stanhopea oculata* (Loddiges) Lindley var. *lindleyi* (Zuccarini) Lindley

Stanhopea minor Schlechter

Stanhopea oculata (Loddiges) Lindley var. *barkeriana* Lindley,

Stanhopea oculata (Loddiges) Lindley var. *constricta* Klinge

Stanhopea ornatissima Lemaire

Epífita. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Ceratóquilo, dendróbio, dendróbio de flores grandes, dendróbio grandifloro, dendróbio macranto, epidendro, epidendro cornado, epidendro corneiro, epidendro córneo, epidendro cornuto, epidendro de corno, estanópea, estanópea alaranjada, estanópea de Barker, estanópea de Lindley, estanópea lindleyana, estanópea laranja, estanópea menor, estanópea ornada, estanópea ornamentada, stanópea, stanópea alaranjada, stanópea de Barker, stanópea de Lindley, stanópea laranja, stanópea lindleyana, stanópea menor, stanópea ornada, stanópea ornamentada

Endemismo americano, da América tropical, distribuído desde o Sul do México até à Venezuela e ao Norte do Peru, de floração estival e outonal (Cullen, 1984p: 269; Huxley & al., 1999d: 363; IPNI); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, epífita, muito raramente cultivada em Portugal, em estufas, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

53. **Trichocentrum** Poeppig & Endlicher

1. **Trichocentrum splendidum** (A. Richard ex Duchartre) M.W. Chase & N.H. Williams

= *Oncidium splendidum* A. Richard ex Duchartre [basion.]

= *Lophiaris splendida* (A. Richard ex Duchartre) Christenson

= *Oncidium tigrinum* Lexarza var. *splendidum* (A. Richard ex Duchartre) Hooker f.

Epífita. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Lofiáris, lofiáris esplêndida, lofiáris esplendorosa, oncídio, oncídio esplêndido, oncídio esplendoroso, tricocentro, tricocentro esplêndido, tricocentro esplendoroso.

Endemismo da América do Norte tropical: Guatemala e Honduras, de floração precoce: hiemal e vernal (CULLEN, 1984b: 286; HUXLEY & al., 1999c: 368); o género *Trichocentrum* Poeppig & Endlicher é, por vezes, incluído no mais vasto género *Oncidium* Swartz (que possui cerca de 800 espécies, sendo um dos maiores géneros do Mundo), inteiramente proveniente da América tropical e América do Sul temperada (cf. MABBERLEY, 2008: 601, 868); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, epífita, muito raramente cultivada em Portugal, em estufas, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

54. **Trigonidium** Lindley

1. **Trigonidium macranthum** Barbosa Rodrigues

Epífita. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Trigonídio, trigonídio brasileiro, trigonídio de flores grandes, trigonídio do Brasil, trigonídio grandifloro, trigonídio macranto.

Endemismo da América do Sul tropical: Brasil (IPNI); Planta ornamental herbácea perene, tuberosa, epifítica (MABBERLEY, 2008: 872), muito raramente cultivada em Portugal, em estufas, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

55. **Vanda** Jones ex R. Brown

1. **Vanda tricolor** Lindley

Limodorum suaveolens Reinwardt ex Blume

Vanda suaveolens Blume

Vanda suavis Reichenbach

Vanda tricolor Lindley var. *patersonii* auct.

= *Vanda tricolor* Lindley f. *patersonii* (auct.) M. Hiroe

Vanda tricolor Lindley var. *planilabris* Lindley

= *Vanda tricolor* Lindley f. *planilabris* (Lindley) M. Wolff & O. Gruss

Vanda tricolor Lindley var. *purpurea* Carr

Epífita. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Limodoro, limodoro aromático, vanda, vanda aromática, vanda de aroma suave, vanda perfumada, vanda purpúrea, vanda suave.

Endemismo da Ásia oriental tropical: Indonésia: Java; Laos; de floração hiemal (CULLEN, 1984g: 250; HUXLEY & al., 1999d: 600; IPNI); Planta ornamental herbácea perene, epífita e tuberosa, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002; XII.2011, II.2013, Observ.!); Escola das Monocotiledóneas (Rosa, 2000); Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

56. **Vanilla** Miller

1. **Vanilla planifolia** Jackson

Myrobroma fragrans Salisbury

Vanilla fragrans Ames

Vanilla mexicana auct.

Epífita. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Baunilha, baunilha aromática, baunilha de folhas planas, mirobroma, mirobroma aromática, mirobroma fragrante, vanila, vanila aromática, vanila de folhas planas, vanila fragrante.

Endemismo americano, da América tropical e das Caraíbas (ALEXANDER, 1984b: 172; MABBERLEY, 2008: 891); Planta ornamental e alimentar –fonte da famosa essência de baunilha, já usada pelos antigos Aztecas para aromatizar o cacau (ALEXANDER, 1984b: 172; MABBERLEY, 2008: 891)– herbácea perene, epífita e tuberosa, raramente cultivada em Portugal, em estufas, como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002; TAVARES, 2011: 45; XII.2011, Observ.!); Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000); Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

57. *Zygopetalum* Hooker

1. *Zygopetalum crinitum* Loddiges

Zygopetalum crepeauxii Carrière

Zygopetalum microtus Hoffmannsegg ex Reichenbach

Zygopetalum pubescens Hoffmannsegg

Zygopetalum stenochilum Loddiges, nom. inval.

= *Eulophia stenochila* (Loddiges) Steudel, nom. inval.

Epífita. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Eulófia, zigopétalo, zigopétalo aveludado, zigopétalo de Crepeaux, zigopétalo peludo, zigopétalo pubescente, zigopétalo viloso.

Endemismo sul-americano, do oriente do Brasil (MATTHEWS, 1984d: 232; HUXLEY & al., 1999d: 742; IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene exótica, tuberosa, epífita, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, em 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Zygopetalum maculatum* (Kunth) Garay

= *Dendrobium maculatum* Kunth [basion.]

= *Broughtonia maculata* (Kunth) Sprengel

= *Maxillaria maculata* (Kunth) Lindley

Eulophia mackaiana Lindley

Zygopetalum bolivianum Schlechter

Zygopetalum intermedium Regel, nom. illeg.

Zygopetalum intermedium Loddiges ex Lindley

Zygopetalum intermedium Loddiges ex Lindley var. *peruvianum* Rolfe

Zygopetalum mackaii Paxton

Zygopetalum mackaii Paxton var. *intermedium* Mutel

Zygopetalum mackayi Hooker

Zygopetalum rivieri Mutel

Zygopetalum velutinum Hoffmannsegg

Epífita. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Broutónia, broutónia maculada, broutónia malhada, broutónia manchada, dendróbio, dendróbio maculado, dendróbio malhado, dendróbio manchado, eulófia, eulófia de Mackay, maxilária, maxilária maculada, maxilária malhada, maxilária manchada, zigopétalo, zigopétalo aveludado, zigopétalo boliviano, zigopétalo da Bolívia, zigopétalo de Mackay, zigopétalo de veludo, zigopétalo intermédio, zigopétalo médio, zigopétalo-veludo, zigopétalo velutino.

Endemismo sul-americano, do Sul do Brasil, Bolívia e Peru (MATTHEWS, 1984d: 232; HUXLEY & al., 1999d: 742; IPNI); Planta ornamental exótica herbácea perene, tuberosa, epífita, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII); Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

3. *Zygopetalum* × *perrenoudii* auct.

Epífita. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Zigopétalo, zigopétalo de Perrenoud.

Planta ornamental herbácea bolbosa epítita aérea, de origem híbrida, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

CXXIII. PANDANACEAE [6 sp.][Syn.: *Freycinetiaceae*]²⁷⁴**1. *Pandanus* Rheede van Draakestein ex Stickman**²⁷⁵**1. *Pandanus houlletti* Carrière**

Fanerófito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Pândano, pândano de Houllett, pandano, pandano de Houllett.

Endemismo da Ásia tropical (IPNI); Planta ornamental arbustiva, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Pandanus livingstonianus* Rendle*Pandanus gasicus* Huynh*Pandanus globulatus* Huynh*Pandanus mosambicus* H. St. John ex Huynh*Pandanus petersii* Warburg*Pandanus semimarginalis* H. St. John ex Huynh

Fanerófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Pândano, pândano de Livingstone, pândano de Moçambique, pândano gásico, pândano moçambicano, pandano, pandano de Livingstone, pandano de Moçambique, pandano gásico, pandano moçambicano.

Endemismo africano (do Congo, Moçambique e Zâmbia); Planta ornamental arbustiva, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002).

3. *Pandanus polycephalus* Lamarck*Jeanneretia littoralis* Gaudichaud-Beaupré= *Pandanus littoralis* (Gaudichaud-Beaupré) Kurz, nom. illeg.*Pandanus aimiriikensis* Martelli*Pandanus aruensis* Martelli*Pandanus brevispathus* Martelli*Pandanus columniformis* Fagerlind*Pandanus humilis* Rumphius ex Miquel, nom. illeg.*Pandanus japensis* Martelli*Pandanus kurzianus* Solms, nom. illeg.*Pandanus macrojeanneretia* Martelli*Pandanus peliliuensis* Kanehira*Souleyetia freycinetioides* Gaudichaud-Beaupré= *Pandanus freycinetioides* (Gaudichaud-Beaupré) Kurz

Fanerófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Jeanerétia, jeanerétia costeira, jeanerétia do litoral, jeanerétia litoral, pândano, pândano colunar, pândano colunifórmio, pândano costeiro, pândano da Malásia, pândano de espata breve, pândano de Kurz, pândano do litoral, pândano humilde, pândano kurziano, pândano litoral, pândano malaio, pândano modesto, pandano, pandano colunar, pandano colunifórmio, pandano costeiro, pandano da Malásia, pandano de espata breve, pandano de Kurz, pandano do litoral, pandano humilde, pandano kurziano, pandano litoral, pandano malaio, pandano modesto, souleiétia, souleiétia freycinetiíde.

Endemismo da Ásia Tropical: Malásia (IPNI); Planta ornamental arbustiva exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

²⁷⁴ De acordo com REVEAL & CHASE (2011: 77) e SEBERG (2007m: 388-389).²⁷⁵ De acordo com o notável pandanólogo Harold St. John (ST. JOHN, 1963; ST. JOHN, 1980), o autor prioritário do género *Pandanus* deve ser considerado o botânico sueco Olaf Stickmann, na sua tese de doutoramento, que foi publicada em 1754, muitos anos antes de o mesmo género ter sido descrito por Parkinson –em 1773– e por Carl von Linné, *filius* (o único filho varão do grande Lineu) em 1781 (ST. JOHN, 1980: 395). Contudo, convém notar que já muito antes de Lineu, de Stickman e de Parkinson, o ilustre botânico holandês Hendrik Adriaan van Rheede tot Drakenstein [1636–1691], em 1679, tinha publicado nomes, descrições e ilustrações pormenorizadas de quatro espécies de *Pandanus* das Índias Ocidentais (ST. JOHN, 1980: 395; WIKIPEDIA); Mais tarde, o famoso botânico alemão Georg Eberhard Rumpf (Rumphius) [1627–1702], na sua obra póstuma *Herbarium Amboinense* (1743), nomeou, descreveu e ilustrou onze espécies, distribuídas por dois géneros, um dos quais denominou *Pandanus* (ST. JOHN, *l.c.*; WIKIPEDIA).

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. **Pandanus tectorius** Solander ex Parkinson²⁷⁶

- Pandanus absonus* H. St. John
Pandanus adscendens H. St. John
Pandanus aequor H. St. John
Pandanus aitutakiensis H. St. John
Pandanus aikiakiensis H. St. John
Pandanus amplexus H. St. John
Pandanus angulatus H. St. John
Pandanus angulosus H. St. John
Pandanus anisos H. St. John
Pandanus aoraiensis H. St. John
Pandanus apionops H. St. John
Pandanus arapepe H. St. John
Pandanus asauensis H. St. John
Pandanus ater H. St. John
Pandanus baptistii hort. ex Misonne
Pandanus bassus H. St. John
Pandanus bathys H. St. John
Pandanus bergmanii H. St. John
Pandanus bicurvatus H. St. John
Pandanus blakei H. St. John
Pandanus boraboraensis H. St. John
Pandanus bothreus H. St. John
Pandanus bowenensis H. St. John
Pandanus brachypodus H. St. John
Pandanus brownii H. St. John
Pandanus cacuminatus H. St. John
Pandanus carolinensis Martelli
Pandanus chamissonis Gaudichaud-Beaupré
= *Pandanus tectorius* Solander ex Parkinson var. *chamissonis* (Gaudichaud-Beaupré) Martelli
Pandanus charancanus Kanehira
Pandanus christophersenii H. St. John
Pandanus citraceus H. St. John
Pandanus collatus H. St. John
Pandanus complanatus H. St. John
Pandanus coronatus Martelli
Pandanus coronatus Martelli f. *minor* Martelli
Pandanus crassiaculeatus H. St. John
Pandanus crassus H. St. John
Pandanus cylindricus Kanehira
Pandanus cylindricus Kanehira var. *sinnau* Kanehira
Pandanus cymatilis H. St. John
Pandanus decorus K. Koch
Pandanus dicherus H. St. John
Pandanus dilatatus Kanehira
Pandanus discolor auct.
Pandanus distinctus Martelli
Pandanus divaricatus H. St. John
Pandanus divergens Kanehira
Pandanus dotyi H. St. John
Pandanus douglasii Gaudichaud-Beaupré
= *Pandanus tectorius* Solander ex Parkinson var. *douglasii* (Gaudichaud-Beaupré) Martelli
Pandanus drakei H. St. John
Pandanus drolletianus Martelli
= *Pandanus tectorius* Parkinson var. *drolletianus* (Martelli) B.C. Stone

²⁷⁶ Este binómio também tem sido atribuído a Parkinson, como *Pandanus tectorius* Parkinson ex Herr Z, sendo Herr Z (o senhor Z) um alemão anónimo (ST. JOHN, 1972; ST. JOHN, 1980), que outros autores consideram ser o botânico e médico de Braunschweig Johann Philipp Du Roi [1741-1785] (IPNI).

Pandanus duriocarpoides Kanehira
Pandanus duriocarpus Martelli
Pandanus edwinii H. St. John
Pandanus elevatus H. St. John
Pandanus enchabiensis Kanehira
Pandanus erythrophloeus Kanehira
Pandanus extralittoralis H. St. John
Pandanus eyesyes Kanehira
Pandanus fahina H. St. John
Pandanus faramaa H. St. John
Pandanus fascicularis Lamarck
Pandanus fatuhivensis H. St. John
Pandanus feruliferus H. St. John
Pandanus filiciatilis H. St. John
Pandanus fischerianus Martelli
Pandanus fischerianus Martelli f. *bryanii* B.C. Stone
Pandanus fischerianus Martelli var. *bryanii* B.C. Stone
Pandanus fischerianus Martelli f. *compressus* B.C. Stone
Pandanus fragrans Gaudichaud-Beaupré
Pandanus futunaensis H. St. John
Pandanus gambierensis H. St. John
Pandanus glomerosus H. St. John
Pandanus grantii H. St. John
Pandanus guamensis Martelli
Pandanus haapaiensis H. St. John
Pandanus heronensis H. St. John
= *Pandanus tectorius* Solander ex Parkinson var. *heronensis* (H. St. John) B.C. Stone
Pandanus hivaoaensis H. St. John
Pandanus horneinsularum H. St. John
Pandanus hosinoi Kanehira
Pandanus hosokawae Kanehira
Pandanus houmaensis H. St. John
Pandanus hubbardii H. St. John
Pandanus inarmatus H. St. John
Pandanus inermis Roxburgh
Pandanus inflexus H. St. John
Pandanus infundibiliformis H. St. John
Pandanus insularis Kanehira
Pandanus intralaevis H. St. John
Pandanus januitensis Kanehira
Pandanus kafu Martelli
Pandanus kamptos H. St. John
Pandanus koidzumii Hosokawa
Pandanus korrensis Kanehira
Pandanus kraussii H. St. John
Pandanus kusaiensis Kanehira
Pandanus laculatus H. St. John
Pandanus laevis Loureiro
= *Corypha laevis* (Loureiro) A. Chevallier
Pandanus laevis Kunth, nom. illeg.
Pandanus lakatwa Kanehira
Pandanus lambasaensis H. St. John
Pandanus laticanaliculatus Kanehira
Pandanus laticanaliculatus Kanehira var. *edulis* Kanehira
Pandanus lauensis H. St. John
Pandanus licinus H. St. John
Pandanus limitaris H. St. John
Pandanus longifolius H.L. Wendlan, nom. inval.
Pandanus macfarlanei Martelli
Pandanus macrocephalus Kanehira

Pandanus makateaensis Kanehira
Pandanus malatensis Blanco
Pandanus mangarevaensis H. St. John
Pandanus mariaensis H. St. John
Pandanus marquesasensis H. St. John
Pandanus matukuensis H. St. John
Pandanus mbalawa H. St. John
Pandanus meetiaensis H. St. John
Pandanus mei F. Brown
Pandanus mendanensis Martelli
Pandanus menne Kanehira
Pandanus menziesii Gaudichaud-Beaupré
= *Pandanus tectorius* Solander ex Parkinson var. *menziesii* (Gaudichaud-Beaupré) Martelli
Pandanus metius H. St. John
Pandanus minysocephalus H. St. John
Pandanus mooreaensis H. St. John
Pandanus moschatus Rumphius ex Voigt
Pandanus moschatus Miquel, nom. illeg.
Pandanus motuensis H. St. John
Pandanus nandiensis H. St. John
Pandanus notialis H. St. John
Pandanus oblatiapicalis H. St. John
Pandanus oblaticonvexus H. St. John
Pandanus obliquus Kanehira
Pandanus odontoides Hosokawa
Pandanus odoratissimus auct., non L. fil.
Pandanus odoratissimus var. *laevigatus* Martelli
= *Pandanus tectorius* Solander ex Parkinson var. *laevigatus* (Martelli) B.C. Stone
Pandanus odoratissimus f. *major* Martelli
Pandanus odoratissimus var. *oahuensis* Martelli
= *Pandanus tectorius* Solander ex Parkinson var. *oahuensis* (Martelli) B.C. Stone
Pandanus odoratissimus var. *parksii* Martelli
= *Pandanus tectorius* Solander ex Parkinson var. *parksii* (Martelli) J.W. Moore
= *Pandanus parksii* (Martelli) H. St. John
Pandanus odoratissimus var. *pyriformis* Martelli
= *Pandanus pyriformis* (Martelli) H. St. John
Pandanus odoratissimus var. *setchellii* Martelli
= *Pandanus tectorius* Solander ex Parkinson var. *setchellii* (Martelli) B.C. Stone
Pandanus odoratissimus var. *spurius* Willdenow
= *Pandanus spurius* (Willdenow) Miquel
Pandanus odoratissimus var. *suvaensis* Martelli
= *Pandanus suvaensis* (Martelli) H. St. John
Pandanus okamotoi Kanehira
Pandanus onoilauensis H. St. John
Pandanus orarius H. St. John
Pandanus otemanensis H. St. John
Pandanus ovalauensis H. St. John
Pandanus pachys H. St. John
Pandanus palkilensis H. St. John
Pandanus palmyraensis H. St. John
Pandanus pansus H. St. John
Pandanus paogo H. St. John
Pandanus papeariensis H. St. John
Pandanus papenooensis H. St. John
Pandanus parhamii H. St. John
Pandanus patulior H. St. John
Pandanus pedunculatus R. Brown
= *Pandanus tectorius* Solander ex Parkinson var. *pedunculatus* (R. Brown) Domin
Pandanus pedunculatus R. Brown var. *insularis* B.C. Stone
Pandanus pedunculatus R. Brown var. *malagunensis* B.C. Stone

Pandanus pedunculatus R. Brown var. *rendovensis* B.C. Stone
Pandanus planus H. St. John
Pandanus politus Martelli
Pandanus ponapensis Martelli
Pandanus prismaticus Martelli
Pandanus prolixus H. St. John
Pandanus pseudomenne Hosokawa
Pandanus pulposus (Warburg) Martelli var. *cooperii* Martelli
 = *Pandanus cooperii* (Martelli) H. St. John
 = *Pandanus fischerianus* Martelli var. *cooperii* (Martelli) B.C. Stone
Pandanus pusillus H. St. John
Pandanus radiatus H. St. John
Pandanus raiateaensis H. St. John
Pandanus raivavaensis H. St. John
Pandanus raroiaensis H. St. John
Pandanus rectangulatus Kanehira
Pandanus remotus H. St. John
Pandanus repens Miquel
Pandanus rhizophorensis H. St. John
Pandanus rhombocarpus Kanehira
Pandanus rikiteaensis H. St. John
Pandanus rimataraensis H. St. John
Pandanus rockii Martelli
Pandanus rotensis Hosokawa
Pandanus rotundatus Kanehira
Pandanus rurutuensis H. St. John
Pandanus sabotan Blanco
Pandanus saipanensis Kanehira
Pandanus saltuarius H. St. John
Pandanus samak Hasskarl
 = *Pandanus tectorius* Solander ex Parkinson var. *samak* (Hasskarl) Warburg
Pandanus sanderi Sander
 = *Pandanus tectorius* Solander ex Parkinson var. *sanderi* (Sander) B.C. Stone
Pandanus seruaensis H. St. John
Pandanus sinuosus H. St. John
Pandanus sinuvadosus H. St. John
Pandanus smithii H. St. John
Pandanus spurius (Willdenow) Miquel var. *weteringii* Martelli
Pandanus stradbroomensis H. St. John
 = *Pandanus tectorius* Solander ex Parkinson var. *stradbroomensis* (H. St. John) B.C. Stone
Pandanus subaequalis H. St. John
Pandanus subhumerosus H. St. John
Pandanus subradiatus H. St. John
Pandanus tahaaensis H. St. John
Pandanus tahitensis Martelli
Pandanus tahitensis Martelli var. *exiguus* J.W. Moore
 = *Pandanus tectorius* Solander ex Parkinson var. *exiguus* (J.W. Moore) B.C. Stone
Pandanus tahitensis Martelli var. *niueana* B.C. Stone
Pandanus takaroaensis H. St. John
Pandanus tamaruensis J.W. Moore
Pandanus tapeinos H. St. John
Pandanus taravaensis H. St. John
Pandanus tectorius Solander ex Parkinson var. *acutus* Kanehira
Pandanus tectorius Solander ex Parkinson var. *angaurensis* Kanehira
Pandanus tectorius Solander ex Parkinson var. *australianus* Martelli
Pandanus tectorius Solander ex Parkinson var. *brongniartii* Martelli
Pandanus tectorius Solander ex Parkinson var. *cocosensis* B.C. Stone
Pandanus tectorius Solander ex Parkinson f. *convexus* B.C. Stone
Pandanus tectorius Solander ex Parkinson var. *fatyanion* Kanehira
 = *Pandanus fatyanion* (Kanehira) Hosokawa

Pandanus tectorius Solander ex Parkinson var. *ferreus* Y. Kimura
Pandanus tectorius Solander ex Parkinson var. *fragrans* Martelli
Pandanus tectorius Solander ex Parkinson var. *incrassatus* B.C. Stone
Pandanus tectorius Solander ex Parkinson var. *javanicus* Martelli
Pandanus tectorius Solander ex Parkinson var. *jonesii* F. Brown
= *Pandanus jonesii* (F. Brown) H. St. John
Pandanus tectorius Solander ex Parkinson var. *laevis* Warburg
= *Pandanus tectorius* Solander ex Parkinson f. *laevis* (Warburg) Masamoto
Pandanus tectorius Solander ex Parkinson var. *microcephalus* Martelli
Pandanus tectorius Solander ex Parkinson var. *novocaledonicus* Martelli
Pandanus tectorius Solander ex Parkinson var. *novoguineensis* Martelli
Pandanus tectorius Solander ex Parkinson var. *ongor* Kanehira
Pandanus tectorius Solander ex Parkinson var. *philippinensis* Martelli
Pandanus tectorius Solander ex Parkinson var. *pulposus* Warburg
= *Pandanus pulposus* (Warburg) Martelli
Pandanus tectorius Solander ex Parkinson var. *spiralis* Martelli
Pandanus tectorius Solander ex Parkinson var. *sumbavensis* Martelli
Pandanus tectorius Solander ex Parkinson var. *suringaensis* Martelli
Pandanus tectorius Solander ex Parkinson var. *sandvicensis* Warburg
Pandanus tectorius Solander ex Parkinson var. *savaiensis* Martelli
= *Pandanus odoratissimus* var. *savaiensis* (Martelli) Martelli
= *Pandanus savaiensis* (Martelli) H. St. John
Pandanus tectorius Solander ex Parkinson var. *sinensis* Warburg
= *Pandanus odoratissimus* L. fil. var. *sinensis* (Warburg) Kanehira
= *Pandanus sinensis* (Warburg) Martelli
Pandanus tectorius Solander ex Parkinson var. *taepa* F. Brown
= *Pandanus taepa* (F. Brown) H. St. John
Pandanus tectorius Solander ex Parkinson var. *timorensis* Martelli
Pandanus tectorius Solander ex Parkinson var. *uapensis* F. Brown
Pandanus tectorius Solander ex Parkinson var. *zollingeri* Martelli
Pandanus temehaniensis J.W. Moore
Pandanus terrireginae H. St. John
Pandanus tessellatus Martelli
Pandanus tikeiensis H. St. John
Pandanus tima H. St. John
Pandanus timoensis H. St. John
Pandanus tolotomensis Glassman
Pandanus tomilensis Kanehira
Pandanus tongaensis H. St. John
Pandanus trapaneus H. St. John
Pandanus tritosphaericus H. St. John
Pandanus trukensis Kanehira
Pandanus tubuaiensis Martelli
= *Pandanus tectorius* Solander ex Parkinson var. *tubuaiensis* (Martelli) B.C. Stone
Pandanus tupaiensis H. St. John
Pandanus uea H. St. John
Pandanus utiyamae Kanehira
Pandanus vahitahiensis H. St. John
Pandanus vandra H. St. John
Pandanus vangeertii auct.
Pandanus variegatus Miquel
Pandanus veitchii Masters & T. Moore
Pandanus virginialis H. St. John
Pandanus viridinsularis H. St. John
Pandanus viri H. St. John
Pandanus volkensii Kanehira
Pandanus yorkensis H. St. John
= *Pandanus tectorius* Solander ex Parkinson var. *yorkensis* (H. St. John) B.C. Stone
Pandanus yunckeri H. St. John
Fanerófito. Origem: Ásia tropical, Australásia e Ilhas do Pacífico.

Alguns nomes comuns possíveis: Árvore hala, bácu, bacua, binu, bob, bobe, cafu, choi, choy, cucuvalu, deipo, deipu, épo, fach, far, fala, falahola, hala, kafu, kipa, kukuvalu, laufala, louacau, louakau, muduqueia, mueng, mweng, ongor, pandanas, pândano, pândano amplexo, pândano angulado, pândano anguloso, pândano aplanado, pândano aromático, pândano arredondado, pândano austral, pândano australiano, pândano bergmaniano, pândano bergmânico, pândano bicurvado, pândano bicurvo, pândano blakeano, pândano boraborano, pândano boraborense, pândano browniano, pândano cabeçudo, pândano cafu, pândano cilindráceo, pândano cilíndrico, pândano citráceo, pândano citrino, pândano colado, pândano comestível, pândano complanado, pândano cooperiano, pândano corado, pândano crasso, pândano curvado, pândano curvo, pândano da Ilha de Horn, pândano da Indonésia, pândano da Nova Caledónia, pândano da Nova Guiné, pândano das Filipinas, pândano das ilhas, pândano das Ilhas Filipinas, pândano da Ilhas Marquesas, pândano das ilhas verdes, pândano de Bergman, pândano de Blake, pândano de Bora-Bora, pândano de Brongniart, pândano de Brown, pândano de Bryan, pândano de cabeça grande, pândano de cabeça pequena, pândano de Chamisso, pândano de Christophersen, pândano de Cocos, pândano de Cooper, pândano decorado, pândano de coroa, pândano decoroso, pândano de Douglas, pândano de Doty, pândano de Drake, pândano de Drollet, pândano de Edwin, pândano de Fischer, pândano de folhas longas, pândano de Futuna, pândano de Grant, pândano de Guam, pândano de Hosokawa, pândano de Hubbard, pândano de Java, pândano de Jones, pândano de Koidzumi, pândano de Krauss, pândano de MacFarlane, pândano de Menzies, pândano de Okamoto, pândano de Palmyra, pândano de Parks, pândano de polpa, pândano de Rock, pândano de Sander, pândano desarmado, pândano de Setchell, pândano de Smith, pândano de Timor, pândano de Tonga, pândano de Veitch, pândano de Wetering, pândano de York, pândano de Yuncker, pândano de Zollinger, pândano dilatado, pândano distante, pândano divaricado, pândano divergente, pândano do Tahiti, pândano elevado, pândano engrossado, pândano espiral, pândano espiralado, pândano exíguo, pândano férreo, pândano filipinense, pândano filipinês, pândano filipino, pândano fragrante, pândano gordo, pândano guamense, pândano guamês, pândano humilde, pândano inerte, pândano insular, pândano iorquino, pândano javanês, pândano javânico, pândano jonesiano, pândano jonésico, pândano kafu, pândano kraussiano, pândano macrocéfalo, pândano menor, pândano microcéfalo, pândano moscado, pândano mosqueado, pândano oblíquo, pândano odontóide, pândano odorado, pândano odorífero, pândano ongor, pândano pedunculado, pândano pequeno, pândano piriforme, pândano plano, pândano polido, pândano polposo, pândano prismático, pândano recurvado, pândano remoto, pândano retangular, pândano de Rock, pândano sanderiano, pândano sandérico, pândano sanderino, pândano sinau, pândano sinuoso, pandano tahitiano, pandano tahitiense, pandano timorense, pandano tonguês, pandano tritosférico, pandano vacuano, pandano variegado, pandano veitchiano, pandano virginal, pandano virgínico, pandano, pandano amplexo, pandano angulado, pandano anguloso, pandano aplanado, pandano aromático, pandano arredondado, pandano austral, pandano australiano, pandano bergmaniano, pandano bergmânico, pandano bicurvado, pandano bicurvo, pandano blakeano, pandano boraborano, pandano boraborense, pandano browniano, pandano cabeçudo, pandano cafu, pandano cilindráceo, pandano cilíndrico, pandano citráceo, pandano citrino, pandano colado, pandano comestível, pandano complanado, pandano cooperiano, pandano corado, pandano crasso, pandano curvado, pandano curvo, pandano da Ilha de Horn, pandano da Indonésia, pandano da Nova Caledónia, pandano da Nova Guiné, pandano das Filipinas, pandano das ilhas, pandano das Ilhas Filipinas, pandano das Ilhas Marquesas, pandano das ilhas verdes, pandano de Bergman, pandano de Blake, pandano de Bora-Bora, pandano de Brongniart, pandano de Brown, pandano de Bryan, pandano de cabeça grande, pandano de cabeça pequena, pandano de Chamisso, pandano de Christophersen, pandano de Cocos, pandano de Cooper, pandano decorado, pandano de coroa, pandano decoroso, pandano de Doty, pandano de Douglas, pandano de Drake, pandano de Drollet, pandano de Edwin, pandano de Fischer, pandano de folhas longas, pandano de Futuna, pandano de Grant, pandano de Guam, pandano de Hosokawa, pandano de Hubbard, pandano de Java, pandano de Jones, pandano de Koidzumi, pandano de Krauss, pandano de MacFarlane, pandano de Menzies, pandano de Okamoto, pandano de Palmyra, pandano de Parks, pandano de polpa, pandano de Rock, pandano de Sander, pandano de Smith, pandano desarmado, pandano de Setchell, pandano de Tonga, pandano de Veitch, pandano de Wetering, pandano de York, pandano de Yuncker, pandano de Zollinger, pandano dilatado, pandano distante, pandano divaricado, pandano divergente, pandano do Tahiti, pandano de Timor, pandano elevado, pandano engrossado, pandano espiral, pandano espiralado, pandano exíguo, pandano férreo, pandano filipinense, pandano filipinês, pandano filipino, pandano fragrante, pandano gordo, pandano guamense, pandano guamês, pandano humilde, pandano indonésio, pandano inerte, pandano insular, pandano iorquino, pandano javanês, pandano javânico, pandano jonesiano, pandano jonésico, pandano kafu, pandano kraussiano, pandano macrocéfalo, pandano menor, pandano microcéfalo, pandano moscado, pandano mosqueado, pandano oblíquo, pandano odontóide, pandano odorado, pandano odorífero, pandano ongor, pandano pedunculado, pandano pequeno, pandano piriforme, pandano plano, pandano polido, pandano polposo, pandano prismático, pandano recurvado, pandano remoto, pandano retangular, pandano sanderiano, pandano sandérico, pandano sanderino, pandano sinau, pandano sinuoso, pandano

tahitiano, pandano tahitiense, pandano timorense, pandano tonguês, pandano tritosférico, pandano vacuano, pandano variegado, pandano veitchiano, pandano virginal, pandano virgínico, pândanus, pandânus, pandanus, pinheiro abanado, pinheiro-ananás, pinheiro ananásado, pinheiro ananaseiro, pinheiro ananásico, pinheiro bananeiro, pinheiro banânico, pinheiro bananoso, pinheiro das sebes, pinheiro de ananases, pinheiro de cobertura, pinheiro de cobrir telhados, pinheiro dos telhados, pu-hala, tecaina, tekaina, vâcu, vacua, vacuá, vacuê, vadra, voivoi.

Endemismo da Ásia tropical e subtropical, da Australásia (Austrália, Filipinas, Indonésia, Nova Caledónia, Nova Guiné, etc.) e das Ilhas do Pacífico (Micronésia, Polinésia, etc.), muito cultivada e de vasta distribuição tropical e subtropical, que se pode encontrar sobretudo em costas marítimas e praias arenosas, de elevada variabilidade intraespecífica²⁷⁷ e crescimento bastante rápido (THOMSON & al., 2006; GRIN; SUN & DEFILIPPS, 2010b: 129; Wikipedia), desde o nível do mar até uma altitude de mais de 600 metros, requerendo para se desenvolver uma elevada pluviosidade: entre 1500 e 4000 mm de precipitação por ano (embora possa também suportar períodos de seca); pode crescer nos mais diversos tipos de solo: areias quartzíticas, areias coralinas, turfa, calcário ou basalto, em solos básicos ou com alguma acidez (de pH entre 6 e 10), sendo tolerante à elevada salinidade e aos ventos fortes marítimos; prefere a luz directa do Sol, mas também pode crescer com até 50 % de sombra; tanto se propaga por semente como vegetativamente (WIKIPEDIA); Planta ornamental, aromática e medicinal arbórea ou arbustiva dióica (as flores masculinas são pequenas e aromáticas, de vida curta –só duram um dia–, formando cachos ou racemos, enquanto que as flores femininas se agrupam formando uma estrutura complexa que se assemelha a um ananás), também usada para formar sebes vivas ornamentais (THOMSON & al., 2006; MABBERLEY, 2008: 626; SEBERG, 2007m: 388-389), cujos frutos elipsóides, ovóides, globosos ou subglobosos são comestíveis, cozinhados ou crus, tendo assim grande utilidade cultural e prática; as fibras do fruto também são utilizadas como fio dental; as folhas são usadas para fazer cestos, saias, telhados, e para revestir canoas, podendo ser também usadas em medicina folclórica ou tradicional (THOMSON & al., 2006; WIKIPEDIA), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. *Pandanus thomensis* Henriques

Fanerófito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Pândano, pândano de São Tomé, pândano santomense, pândano tomente, pandano, pandano de São Tomé, pandano santomense, pandano tomente.

Endemismo da África tropical: Arquipélago de São Tomé e Príncipe: Ilha de São Tomé (HENRIQUES, 1887b: 206-207; IPNI); Árvore ornamental de copa ramosa, de 8 a 15 metros de altura (HENRIQUES, *l.c.*), muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002).

6. *Pandanus utilis* Bory

Marquartia globosa Hasskarl

= *Hasskarlia globosa* (Hasskarl) Walpers

Pandanus distichus auct.

Pandanus elegantissimus auct.

Pandanus flabelliformis Carrière

Pandanus maritimus Thouars

Pandanus nudus Thouars

Pandanus odoratissimus Jacquin, nom. illeg.

Pandanus sativus Thouars, nom. illeg.

Pandanus vacqua Carmich. ex Balfour fil., nom. inval.

Vinsonia consanguinea Gaudichaud-Beaupré ex Balfour fil.

Vinsonia macrostigma Gaudichaud-Beaupré ex Balfour fil., nom. inval.

Vinsonia media Gaudichaud-Beaupré ex Balfour fil.

Vinsonia propinqua Gaudichaud-Beaupré ex Balfour fil.

Vinsonia propinqua Gaudichaud-Beaupré

Vinsonia stephanocarpa Gaudichaud-Beaupré

= *Pandanus utilis* Bory var. *stephanocarpa* (Gaudichaud-Beaupré) Brongniart

Vinsonia striata Gaudichaud-Beaupré ex Balfour fil., nom. inval.

Vinsonia thouarsii Gaudichaud-Beaupré ex Balfour fil., nom. inval.

Vinsonia utilis Gaudichaud-Beaupré

²⁷⁷ Numerosas variedades foram descritas, muitas delas pelo ilustre pandanólogo norte-americano, natural de Pittsburgh, Pennsylvania, Harold St. John [1892-1991] (THOMSON & al., 2006: 2; WIKIPEDIA).

Fanerófito. Origem: Madagáscar.

Alguns nomes comuns possíveis: Hasskária, hasskária, marquária, marquária, pândano, pândano aromático, pândano de estigmas grandes, pândano dístico, pândano elegante, pândano elegantíssimo, pândano estriado, pândano globoso, pândano marítimo, pândano nu, pândano odorado, pândano odorífero, pândano sativo, pândano útil, pandano, pandano aromático, pandano de estigmas grandes, pandano dístico, pandano elegante, pandano elegantíssimo, pandano estriado, pandano globoso, pandano marítimo, pandano nu, pandano odorado, pandano odorífero, pandano sativo, pandano útil, vinsónia, vinsónia de estigmas grandes, vinsónia de Thouars, vinsónia estriada, vinsónia macrostigma, vinsónia média, vinsónia útil.

Endemismo de Madagáscar (IPNI; MABBERLEY, 1997: 524; MABBERLEY, 2008: 626; SUN & DEFILIPPS, 2010a: 128; SUN & DEFILIPPS, 2010b: 128-129), possivelmente da Ilha Mauritius (CULLEN, 1984o: 113) e das Ilhas Mascarenhas; Planta ornamental arbustiva, cujas folhas são muito usadas na confecção de tapetes (MABBERLEY, 2008: 626), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, Corpo Central (HENRIQUES, 1876: 51).

CXXIV. PHILESIACEAE [1 sp.]

[Syn.: *Lapageriaceae*]²⁷⁸

1. *Philesia* Commerson ex Jussieu

1. *Philesia magellanica* J. Gmelin

Fanerófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Filésia, filésia chilena, filésia de Magalhães, filésia do Chile, filésia magalhânica, filésia magelânica.

Endemismo sul-americano, exclusivo do sul do Chile; Género monoespecífico (MABBERLEY, 2008: 655); Planta ornamental arbustiva exótica, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

CXXV. POACEAE [= GRAMINEAE] [248 sp.]

[Syn.: *Aegilopaceae*, *Agrostidaceae*, *Alopecuraceae*, *Andropogonaceae*, *Anomochloaceae*, *Anthoxanthaceae*, *Arundinaceae*, *Asperellaceae*, *Avenaceae*, *Bambusaceae*, *Bromaceae*, *Cenchraceae*, *Chaeturaeae*, *Chloridaceae*, *Coleanthaceae*, *Cynodontaceae*, *Cynosuraceae*, *Echinariaceae*, *Ehrhartaceae*, *Eragrostidaceae*, *Festucaceae*, *Glyceriaceae*, *Holcaceae*, *Hordeaceae*, *Laguraceae*, *Lepturaceae*, *Loliaceae*, *Melicaceae*, *Miliaceae*, *Nardaceae*, *Olyraceae*, *Ophiuraceae*, *Oryzaceae*, *Panicaceae*, *Pappophoraceae*, *Parianaceae*, *Paspalaceae*, *Phalaridaceae*, *Pharaceae*, *Phleaceae*, *Saccharaceae*, *Sesleriaceae*, *Spartinaceae*, *Stipaceae*, *Streptochaetaceae*, *Triticaceae*, *Zeaceae*, *Zoysiaceae*]²⁷⁹

1. *Achnatherum* P. Beauvois

[*Lasiagrostis* Link]

1. *Achnatherum splendens* (Trinius) Nevski

= *Stipa splendens* Trinius [basion.]

= *Lasiagrostis splendens* (Trinius) Kunth

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Acnátero, estipa, lasiagróstis, stipa.

Endemismo eurasiático (TUTIN, 1980y: 252); Planta ornamental exótica herbácea perene, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

²⁷⁸ De acordo com REVEAL & CHASE (2011: 77).

²⁷⁹ De acordo com REVEAL & CHASE (2011: 81-82).

2. *Aegilops* L.

1. *Aegilops crassa* Boissier subsp. **crassa**

- = *Gastropyrum crassum* (Boissier) Á. Löve
- = *Triticum crassum* (Boissier) Aitchison & Hemsley
- Aegilops crassa* Boissier var. *brunnea* Popova
- Aegilops crassa* Boissier var. *flavescens* Popova
- Aegilops crassa* Boissier var. *fuliginosa* Popova
- = *Aegilops crassa* Boissier f. *fuliginosa* (Popova) K. Hammer
- Aegilops crassa* Boissier var. *glumiaristata* Eig
- = *Gastropyrum glumiaristatum* (Eig) Á. Löve & P.E. McGuire
- Aegilops crassa* Boissier var. *lutescens* Popova
- Aegilops crassa* Boissier f. *macrathera* Boissier
- = *Aegilops crassa* Boissier subsp. *macrathera* (Boissier) Zhukovsky
- = *Triticum crassum* (Boissier) Aitchison & Hemsley var. *macratherum* (Boissier)
- Aegilops crassa* Boissier var. *fuliginosa* Popova
- Aegilops crassa* Boissier var. *rubiginosa* Popova
- = *Aegilops crassa* Boissier f. *rubiginosa* (Popova) K. Hammer
- Aegilops crassa* Boissier subsp. *trivialis* Zhukovsky
- = *Aegilops trivialis* (Zhukovsky) Migush. & Khak.
- Aegilops platyathera* Jaubert & Spach
- = *Aegilops mutica* Boissier var. *platyathera* (Jaubert & Spach) Cosson
- = *Triticum platyatherum* (Jaubert & Spach) C. Yen & J.L. Yang

Terófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Trigo de perdiz, trigo de perdiz gordo, trigo perdigão, trigo perdigoso, trigo perdigoto, trigo perdigueiro, trigo perdízico, trigordo.

Elemento Irano-Turânico, endémico da Região Mediterrânica oriental e da Ásia ocidental e central (DAVIS, 1985b: 238); Planta ornamental herbácea anual, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Aegilops geniculata* Roth

- Aegilops ovata* auct., non L.
- Aegilops ovata* auct., non L. subsp. *atlantica* Eig
- Aegilops ovata* auct., non L. subsp. *gibberosa* Zhukovsky
- = *Aegilops geniculata* Roth subsp. *gibberosa* (Zhukovsky) Hammer
- Aegilops vagans* Jordan & Fourreau
- = *Triticum vagans* (Jordan & Fourreau) Greuter

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Grão áspero, rompe-saco, rompe-sacos, trigueira, trigueiro, triguinho, triguilho, trigo áspero, trigo atlântico, trigo bravo, trigo bravo, trigo de cama vermelha, trigo de cana vermelha, trigo de mouro, trigo dos montes, trigo dos mouros, trigo montesinho, trigo mourisco, trigo de perdiz, trigo de perdiz ovado, trigo perdigão, trigo perdigoso, trigo perdigoto, trigo perdigueiro, trigo perdízico, trigo selvagem, trigo silvestre.

Endemismo eurasiático, mediterrânico e macaronésico (Ilhas Canárias), incluindo as ilhas do Sul do Mar Egeu (VALDÉS & SCHOLZ, 2009; CHILTON, 2013e: 25), de floração vernal ou primaveril (ORTEGA, 1991d: 192); Elemento mediterrânico, que também se encontra na Crimeia (DAVIS, 1985d: 245); Planta ornamental herbácea anual, espontânea e relativamente comum em Portugal, onde se encontra sobretudo no Centro e Sul e em Trás-os-Montes e Alto Douro (ALMEIDA & al., 2014ax), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

3. *Aegilops longissima* Schweinfurth & Muschler

- = *Sitopsis longissima* (Schweinfurth & Muschler) Á. Löve
- = *Triticum longissimum* (Schweinfurth & Muschler) Bowden

Terófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Sitópsis, sitópsis longuíssima, trigo, trigo de perdiz, trigo de perdiz longuíssimo, trigo longuíssimo, trigo perdigão, trigo perdigoso, trigo perdigoto, trigo perdigueiro, trigo perdízico, trítico, trítico longuíssimo.

Endemismo do SE da Região Mediterrânica: Egipto, Israel, Jordânia, Líbano e Síria (VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental exótica herbácea anual, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. *Aegilops speltoides* Tausch

= *Triticum speltoides* (Tausch) Godron

Terófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Trigo bravo asiático, trigo bravo do Levante, trigo bravo levantino, trigo bravo do Médio Oriente, trigo bravo oriental, trigo de perdiz do Levante, trigo de perdiz do Médio Oriente, trigo de perdiz levantino, trigo de perdiz oriental, trigo perdigão, trigo perdigoso, trigo perdigoto, trigo perdigueiro, trigo perdízico.

Endemismo eurasiático, do SW da Ásia: Irão, Iraque e Síria (DAVIS, 1985b: 235-236); Planta ornamental exótica herbácea anual, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

5. *Aegilops triuncialis* L. subsp. *triuncialis*

= *Aegilopodes triuncialis* (L.) Á. Löve

= *Triticum triunciale* (L.) Raspail

Aegilops squarrosa L.

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Rompe-saco, rompe-sacos, triguinho, triguilho, trigo de perdiz, trigo dos mouros, trigo mourisco, trigo mourisco pinchudo, trigo perdigão, trigo perdigoso, trigo perdigoto, trigo perdigueiro, trigo perdízico, zaraguelhas, zaraguelhe, zariguelhe, zariguelhes.

Endemismo euro-mediterrânico, da Região Mediterrânica e do SW da Ásia, subnitrófilo e indiferente edáfico, de distribuição sobretudo ruderal e viária (TUTIN & HUMPHRIES, 1980: 201; DAVIS, 1985b: 241-242; ORTEGA, 1991d: 193; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental exótica herbácea anual, espontânea e pouco comum em Portugal, onde se encontra sobretudo no Centro e Sul e em Trás-os-Montes e Alto Douro (ALMEIDA & al., 2014a), raramente cultivada entre nós, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

3. *Agrostis* L.

1. *Agrostis curtisii* Kerguelen

Agrostis setacea Curtis, non Villars [nom. subst.]

= *Trichodium setaceum* (Curtis) Roemer & Schultes

Agrostis rupestris Allioni var. *setacea* Poiret

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agróstis, agróstis cespitosa, agróstis curtisiana, agróstis de Curtis, agróstis setácea, erva cespitosa, erva-sapa, famanco, pelo de bode, pelo de cabra, pelo de lobo, pelo de raposa, tricódio, tricódio curtisiano, tricódio de Curtis.

Endemismo eurasiático e norte-africano, de carácter Euro-Siberiano (TORMO, 1991: 142-144; VALDÉS & al., 2006: 404), da Grã-Bretanha e da Europa ocidental atlântica até Marrocos; Espécie própria da Europa Atlântica, que caracteriza a Superprovíncia Atlântica da Região Euro-Siberiana; também se encontra na Região Mediterrânica ocidental (MAIRE, 1953: 119; ROMERO GARCÍA & al., 1988: 72); Planta ornamental herbácea perene, espontânea e comum em Portugal, particularmente no Norte e Centro (ALMEIDA & al., 2014), formando prados abertos e de pequeno porte, favorecidos sobretudo pelo pastoreio, também frequente em urzais (MEIRELES, 2010: 247).

Distribuição/localização no Jardim: Num vaso à entrada da Mata (II.2013, Observ.!).

2. *Agrostis gigantea* Roth subsp. *gigantea*

= *Agrostis alba* L. subsp. *gigantea* (Roth) V. Jirásek

= *Agrostis stolonifera* L. subsp. *gigantea* (Roth) Maire & Weiller

Agrostis graniticola Klovov

Agrostis nigra With.

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Agróstis, agróstis dos granitos, agróstis dos prados, agróstis negra, agróstis pratense.

Endemismo eurasiático (TUTIN, 1980s: 234; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Elemento Euro-Siberiano (DOĞAN, 1985i: 351); Planta ornamental exótica herbácea perene, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (Rosa, 2000: Anexo VII).

4. *Airopsis* Desvaux

1. *Airopsis tenella* (Cavanilles) Ascherson & Graebner

= *Milium tenellum* Cavanilles [basion.]

Aira globosa Thore

= *Airopsis globosa* (Thore) Desvaux

Sphaerella pumila Bubani, nom. superfl.

Alguns nomes comuns possíveis: Aira, aira globosa, airinha, airinha globosa, airópsis, airópsis, globosa, erva das bolinhas, erva das esferas, erva esférica, erva globosa, esferela, esferinha, mílio, mílio globoso, milhinho, milhinho globoso.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, de floração primaveril ou vernal (TUTIN, 1980z: 228; DEVESA, 1991s: 129); Género monoespecífico (MABBERLEY, 1997: 19); Planta ornamental herbácea anual, que se pode encontrar em comunidades de plantas anuais desenvolvidas em solos oligotróficos de textura arenosa, em clareiras de matos, particularmente da aliança *Tuberarion guttatae* (DEVESA, l.c.; RIVAS-MARTÍNEZ & al., 2002b: 563; TUTIN, l.c.), espontânea e rara em Portugal, onde existe sobretudo dispersa no Centro e Sul (PORTO & al., 2014ak), outrora cultivada e actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950).

5. *Alopecurus* L.

1. *Alopecurus arundinaceus* Poiret

= *Alopecurus pratensis* L. subsp. *arundinaceus* (Poiret) Husnot

Alopecurus brachystachyus sec. auct. lusit.

Alopecurus castellanus Boissier & Reuter

Alopecurus liouvilleanus Braun-Blanquet

Alopecurus muticus Kar. & Kir.

Alopecurus nigricans Hornemann

= *Alopecurus pratensis* L. subsp. *nigricans* (Hornemann) Hartmann

Alopecurus pratensis L. subsp. *brachystachys* Trab.

Alopecurus pratensis L. subsp. *ventricosus* Thellung

Alopecurus salvatoris Loscos

Alopecurus ventricosus Persoon

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alopécuro, alopécuro anegrado, alopécuro barrigudo, alopécuro castelano, alopécuro castelhano, alopécuro dos campos, alopécuro dos prados, alopécuro de Castela, alopécuro dos roedores, alopécuro escuro, alopécuro ventricosus, cauda de raposa, cauda de zorra, erva de raposa, erva de zorra, erva raposeira, escova de raposa, escovilha de raposa, escovinha de raposa, escova de zorra, escovilha de zorra, escovinha de zorra.

Endemismo eurasiático e norte-africano, da Eurásia temperada, de floração predominantemente primaveril ou vernal (DEVESA, 1991m: 174; HUXLEY & al., 1999a: 133; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Elemento euro-siberiano (DOĞAN, 1985g: 376-377); Proto-hemicriptófito rizomatoso ou estolhoso, que se pode encontrar em arrelvados húmidos, inundados ou salinos (CLARKE, 1980b: 241; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 175-176), nas valas e depressões do interior dos lameiros de regadio (AGUIAR, 2000: 151); Planta ornamental e pratense herbácea perene espontânea em Portugal, onde se pode encontrar dispersa de Norte a Sul (PEREIRA & al., 2014c), actualmente extinta no Jardim (Identificação verificada por R.B. Fernandes em 1953).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

2. ***Alopecurus myosuroides* Hudson var. *myosuroides***

Alopecurus agrestis L.

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alopécuro, alopécuro dos campos, alopécuro dos prados, alopécuro dos ratos, alopécuro dos roedores, cauda de raposa, cauda de rato, escova de raposa, escovilha de raposa, escovinha de raposa, escova de rato, escovilha de rato, escovinha de rato, rabo de rato.

Endemismo eurasiático, mediterrânico e macaronésico (VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Elemento euro-siberiano (DOĞAN, 1985g: 383-384); Planta ornamental herbácea anual, espontânea e rara em Portugal (cf. ALMEIDA, 2014az), própria de locais cultivados ou perturbados, podendo também ocorrer em lameiros (CLARKE, 1980b: 241; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 177-178), actualmente extinta no Jardim (Identificação verificada por R.B. Fernandes em 1959).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ALVES, 1988; ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII).

3. ***Alopecurus pratensis* L. subsp. *pratensis***

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alopécuro, alopécuro dos campos, alopécuro dos prados, alopécuro pratense, cauda de raposa, escova de raposa, rabo de raposa, cauda de zorra, escova de zorra, escovilha de raposa, escovinha de raposa, rabo de zorra.

Endemismo eurasiático, norte-africano e macaronésico (Açores), introduzido na América do Norte, de floração predominantemente estival (CLARKE, 1980b: 241; ROYAL BOTANIC GARDENS, KEW, 1984a: 49-50; DOĞAN, 1985g: 376; HUXLEY & al., 1999a: 133; VALDÉS & SCHOLZ, 2009; PROBATOVA & al., 2013c); Planta ornamental e pratense herbácea perene exótica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim (Identificação verificada por R.B. Fernandes, em 1959).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

6. ***Ammophila* Host**

1. ***Ammophila arenaria* (L.) Link subsp. *arundinacea* H. Lindberg fil.**

Ammophila arundinacea Host

Psamma australis Mabilie

= *Ammophila arenaria* (L.) Link var. *australis* (Mabilie) Hayek

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Amófila, amófila das areias, amófila dos areais, amófila arundinácea, amófila arundina estorno, estorno das areias, estorno das dunas, estorno dos areais, psama, psama austral, psama das areias, psama do sul, psama dos areais.

Endemismo das regiões mediterrânica e macaronésica (TUTIN, 1980ab: 236; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental herbácea perene, espontânea e comum em Portugal, nas dunas arenosas das zonas costeiras (CARAPETO & al., 2014z), raramente cultivada, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

7. ***Ampelodesmos* Link**

1. ***Ampelodesmos mauritanica* (Poiret) T. Durand & Schinz**

= *Arundo mauritanica* Poiret [basion.]

Arundo tenax Vahl

= *Ampelodesmos tenax* (Vahl) Link

= *Donax tenax* (Vahl) P. Beauvois

Arundo ampelodesmos Cyrillo

= *Ampelodesmos ampelodesmos* (Cyrillo) Kerguelen, nom. inval.

Arundo festuroides Desfontaines

Alguns nomes comuns possíveis: Ampelodesmo, ampelodesmo da Mauritània, ampelodesmo do Mediterrâneo, ampelodesmo do Norte de África, ampelodesmo mediterrânico, ampelodesmo tenax, arundo, arundo ampelodésmico, arundo ampelodesmo, arundo festucóide, arundo tenax.

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental (TUTIN, 1980aa: 252; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); esta espécie geofítica foi “cultivada em Portugal continental em jardins, tendendo a tornar-se subespontânea em

sítios rochosos e incultos, calcários” (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 196-197); como planta adventícia ou naturalizada (PINTO DA SILVA, 1963: 405), foi herborizada pela primeira vez em Portugal em 1952, em Cascais (VASCONCELLOS & FRANCO, 1958: 237-238), tendo vindo a tornar-se um hemiagriófito (PINTO DA SILVA, 1971: 300).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

8. *Andropogon* L.

1. *Andropogon virginicus* L.

Hemicriptófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Andropógon, andropógon americano, andropógon da Virgínia, andropógon norte-americano, andropógon virginiano, andropógon virgínico, junça das vassouras.

Endemismo americano, da América do Norte, Caraíbas e Norte da América do Sul, actualmente naturalizado em muitas outras regiões (GRIN; IPNI); Planta ornamental herbácea perene, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

9. *Anthoxanthum* L.

1. *Anthoxanthum amarum* Brotero

Gramen cuspidatum odoratum pratense Grisley, *Vir. Lus.* n. 613 (BROTERO, 1800: 4)

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alesta, amargoso, antoxanto, antoxanto amargo, antoxanto amargoso, antoxanto aromático, balesta, erva amarga, erva amargosa, erva aromática, erva balesta, erva campeã, erva de cheiro, erva de Nossa Senhora, erva de São Vicente, erva lesta, erva santa, feno amarelo, feno amargo, feno amargoso, feno aromático, feno cheiroso, feno de cheiro, feno de cheiro amargo, feno de cheiro amargoso, grama, grama amargosa, grama aromática, grama de cheiro, flor de flores, flor florida, lesta, lesta, lestra, lestras.

Endemismo exclusivo da Península Ibérica (TUTIN, 1980t: 230) e do Cáucaso: Geórgia e países vizinhos caucasianos, onde poderá talvez ser subespontâneo (VALDÉS & SCHOLZ, 2009), pode encontrar-se em prados vivazes e comunidades de megafórbias em clareiras de bosques (HONRADO, 2003: 169); Planta ornamental e pratense herbácea perene, espontânea e pouco comum em Portugal, própria de sítios frescos como bosques caducifólios, matos higrófilos, arrelvados e margens e vizinhanças de linhas de água, distribuída sobretudo pelo Norte e Centro do País (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 146; LOURENÇO & al., 2014z), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Anthoxanthum odoratum* L.

= *Xanthoanthos odoratum* (L.) St-Lager

Anthoxanthum villosum Dumortier

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alesta, amargoso, antoxanto, antoxanto aromático, antoxanto peludo, antoxanto piloso, antoxanto santo, antoxanto viloso, balesta, erva aromática, erva balesta, erva campeã, erva de cheiro, erva de Nossa Senhora, erva de São Vicente, erva lesta, erva mariana, erva santa, erva vicentina, feno amarelo, feno amargo, feno amargoso, feno aromático, feno cheiroso, feno de cheiro, feno de cheiro comum, feno de cheiro ordinário, feno de cheiro vulgar, grama, grama aromática, grama de cheiro, flor de flores, flor florida, lesta, pelo de cabra, xantonanto.

Endemismo eurasiático, mediterrânico e macaronésico: distribuído pelos arquipélagos dos Açores, Canárias e Madeira, de floração primaveril ou vernal (TUTIN, 1980t: 230; DEVESA, 1991: 170-172; HUXLEY & al., 1999a: 190; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Elemento euro-siberiano (DOĞAN, 1985f: 371); Planta ornamental e pratense herbácea perene, espontânea e pouco comum em Portugal (ALMEIDA & al., 2014ba), actualmente talvez extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002); Escola Médica (ALMEIDA & al., 2003; TAVARES & al., 2009; MATOS, 2014).

10. *Apera* Adanson1. *Apera spica-venti* (L.) P. Beauvois= *Agrostis spica-venti* L. [basion.]

Terófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Agróstis, agróstis do vento, ápera, binquedo do vento, capim do vento, capim penasco, capim penasco do vento, capim penasco sedoso, espiga do vento, erva do vento, erva do vento comum, erva do vento vulgar.

Endemismo eurasiático, já naturalizado na América do Norte e noutras regiões (TUTIN, 1980ac: 172; HUBBARD, 1992: 289; GRIN; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Género tri-específico (MABBERLEY, 2008: 54); Planta ornamental e pratense herbácea anual, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

11. *Arrhenatherum* P. Beauvois1. *Arrhenatherum elatius* (L.) P. Beauvois ex J. Presl & C. Presl subsp. *bulbosum* (Willdenow) Schübler & Martens= *Avena bulbosa* Willdenow [basion.]= *Arrhenatherum bulbosum* (Willdenow) C. Presl= *Arrhenatherum elatius* (L.) P. Beauvois ex J. Presl & C. Presl var. *bulbosum* (Willdenow) Spenner= *Holcus bulbosus* (Willdenow) Schrader*Arrhenatherum elatius* (L.) P. Beauvois ex J. Presl & C. Presl var. *nodosum* Parlatore= *Arrhenatherum elatius* (L.) P. Beauvois ex J. Presl & C. Presl subsp. *nodosum* (Parlatore) Arcangeli*Avena precatoria* Thuillier= *Arrhenatherum elatius* (L.) P. Beauvois ex J. Presl & C. Presl var. *precatoria* (Thuillier) Brév.

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Arrenátero, arrenátero bolboso, arrenátero nodoso, arrenátero tuberoso, aveia, aveia bolbosa, aveia brava, aveia brava bolbosa, aveia brava nodosa, aveia brava tuberosa, aveia nodosa, aveia tuberosa, branco, branco bolboso, branco nodoso, branco tuberoso, balanquinho, balanquinho bolboso, balanquinho nodoso, balanquinho tuberoso, erva dos nós, erva nodosa, erva nozelha, erva nozelha bolbosa, erva nozelha nodosa, erva nozelha tuberosa, erva tuberosa, holco, holco bolboso, holco nodoso, holco tuberoso.

Endemismo das regiões euro-mediterrânica e macaronésica (VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental e pratense herbácea perene, espontânea e comum em Portugal, sobretudo no Norte e Centro (ALMEIDA & al., 2014bb), que pode encontrar-se em prados vivazes meso-higrófilos (lameiros), e também em diversos tipos de bosques, matagais e comunidades de megafórbias, sempre em solos profundos e relativamente frescos (HONRADO, 2003: 169), actualmente talvez extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

12. *Arthraxon* P. Beauvois1. *Arthraxon hispidus* (Thunberg) Makino var. *hispidus*= *Phalaris hispida* Thunberg [basion.]= *Digitaria hispida* (Thunberg) Sprengel= *Lasiolytrium hispidum* (Thunberg) Steudel*Alectoridia quartiniana* A. Richard= *Arthraxon quartinianus* (A. Richard) Nash= *Arthraxon ciliaris* P. Beauvois subsp. *quartinianus* (A. Richard) Hackel= *Arthraxon ciliaris* P. Beauvois var. *quartinianus* (A. Richard) E.G. Camus & A. Camus*Arthraxon ciliaris* P. Beauvois= *Arthraxon hispidus* Humboldt & Bonpland ex Willdenow var. *ciliaris* (P. Beauvois) Koidzumi*Arthraxon ciliaris* P. Beauvois var. *centrasiaticus* Ohwi*Arthraxon ciliaris* P. Beauvois var. *cryptatherus* Hackel= *Arthraxon cryptatherus* (Hackel) Koidzumi= *Arthraxon hispidus* Humboldt & Bonpland ex Willdenow var. *cryptatherus* (Hackel) Honda*Arthraxon ciliaris* P. Beauvois var. *hookeri* Hackel= *Arthraxon hookeri* (Hackel) Henrard*Arthraxon okamotoi* Ohwi*Arthraxon pauciflorus* Honda*Arthraxon pauciflorus* Honda var. *muticus* Honda

= *Arthraxon hispidus* Humboldt & Bonpland ex Willdenow var. *muticus* (Honda) Ohwi
Batratherum micans Nees
 = *Andropogon micans* (Nees) Steudel
 = *Arthraxon micans* (Nees) Franch.
 = *Arthraxon cuspidatus* Hochstetter ex A. Richard var. *micans* (Nees) Hackel
Arthraxon ciliaris P. Beauvois subsp. *submuticus* (Nees ex Steudel) Hackel
 = *Batratherum submuticum* (Nees ex Steudel) Nees ex Steudel
Pleuroplitis langsдорffii Trinius
 = *Arthraxon langsдорffii* (Trinius) Hochstetter ex Roshevitz
 = *Arthraxon ciliaris* P. Beauvois subsp. *langsдорffii* (Trinius) Hackel
 = *Arthraxon hispidus* Humboldt & Bonpland ex Willdenow var. *langsдорffii* (Trinius) Backh.
Pleuroplitis langsдорffii Trinius var. *chinensis* Regel
Psilopogon schimperi Hochstetter
 Terófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Alectorídia, artráxon, artráxon hispido, batrátero, batrátero submítico, digitária, digitária hispida, jincau, lasiolítrio, lasiolítrio hispido, pleuroplítis, pleuroplítis de Langsdorff, psilopógon, psilopógon de Schimper.

Endemismo eurasiático; Planta ornamental e medicinal (MABBERLEY, 2008: 70) herbácea anual exótica de vasta distribuição, muito polimórfica, subcosmopolita, espalhada pelas regiões temperadas quentes, subtropicais e tropicais, excluindo as Américas (CHEN & PHILLIPS, 2006e: 619), por vezes cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII).

13. *Arundo* L.

1. *Arundo donax* L.

= *Donax donax* (L.) Ascherson & Graebner, nom. inval.

Arundo sativa Lamarck

= *Donax sativa* (Lamarck) C. Presl

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: *Arundo*, cana, cana comum, cana vieira, cana vulgar.

Endemismo eurasiático e da Região Malesiana, actualmente de distribuição cosmopolita ou subcosmopolita (GRIN); trata-se de um arqueófito (PINTO DA SILVA, 1971: 298), utilizado pelo Homem há vários milhares de anos (MABBERLEY, 2008: 71), provavelmente introduzido pelo interesse das canas, já referido por BROTERO (1804a: 104) e por HACKEL (1880: 12) e por HENRIQUES (99, 1905: 99) como uma planta cultivada ou subespontânea em todo o País, nas margens dos rios (SAMPAIO, 1910: 55; SAMPAIO, 1947: 66) e noutros lugares húmidos, talvez espontânea no sul (COUTINHO, 1913: 83; COUTINHO, 1939: 97; MENDONÇA & VASCONCELLOS, 1955-1956: 35), extensivamente cultivada para abrigo e para o fabrico de cestos e outros objectos; largamente naturalizada em valas e na margem dos rios (TUTIN, 1980ad: 253); Encontra-se por exemplo no Paúl de Arzila (PAIVA & al., 1993: 39) e é frequente na Serra de Sintra (PINTO DA SILVA & al., 1989: 236, 1989) e no DL: Área Metropolitana do Porto (HONRADO & al. in ANDRESEN & al., 2004); é um geófito “Muito comum nas proximidades de linhas de água e frequentemente utilizada em sebes e para segurança de taludes. Cultivada por todo o País, excepto nas grandes altitudes” (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 198), sendo na actualidade uma espécie muito comum e uma “invasora transformadora” em Portugal (PORTELA-PEREIRA in FLORA-ON: FLORA DE PORTUGAL INTERACTIVA, 2014; PORTELA-PEREIRA & al., 2014e).

Distribuição/localização no Jardim: Disseminada na Mata; Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

14. *Austrostipa* S.W.L. Jacobs & J. Everett

1. *Austrostipa tenuifolia* (Sieber ex Steudel) S.W.L. Jacobs & J. Everett

= *Stipa tenuifolia* Sieber ex Steudel [basion.]

Stipa eriopus Benth

Stipa incurva Hughes

Stipa leptophylla Hughes

Stipa scabra var. *occidentalis* Benth

Stipa scabra var. *pubescens* Benth

Hemicriptófito. Origem: Austrália.

Alguns nomes comuns possíveis: *Austrostipa*, cabelos de anjo, estipa, estipa austral, estipa australiana, stipa, stipa austral, estipa australiana.

Endemismo australiano (MABBERLEY, 2008: 82); o género *Austrostipa* S.W.L. Jacobs & J. Everett é actualmente considerado independente do género *Stipa* L. (JACOBS & EVERETT, 1996; MABBERLEY, *l.c.*); Planta ornamental herbácea perene exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (TAVARES & ALVES, 2002).

15. *Avena* L.

1. *Avena abyssinica* Hochstetter

Terófito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Aveia, aveia abissínica, aveia africana, aveia árabe, aveia arábica, aveia da Abássia, aveia da Abissínia, aveia da Arábia, aveia da Etiópia, aveia do Iémen, aveia etíope, aveia etiópica, aveia iemenica, aveia iemenita.

Endemismo africano, da África tropical (Eritreia e Etiópia ou Abissínia) e da Península Arábica: Iémen (GRIN; IPNI; WIKIPEDIA); Planta ornamental, cereal, “*crop wild relative*”, medicinal (GRIN) e pratense herbácea anual exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Avena barbata* Pott ex Link subsp. *barbata*

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Aveia, aveia barbada, aveia brava, aveia espontânea, aveia selvagem, aveia silvestre, aveinha, balanco, balanco bravo, rabo de gato.

Endemismo eurasiático e norte-africano; Elemento mediterrânico, próprio de sítios secos, ruderais e arvenses (ROCHA AFONSO, 1980: 206; DOĞAN, 1985e: 307); Planta ornamental, pratense e ruderal herbácea anual, espontânea e muito comum em Portugal (ALMEIDA & al., 2014bc; PORTELA-PEREIRA & al., 2014y), também espontânea e comum no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Disseminada no Jardim e na Mata (VI.2010, Observ.!).

3. *Avena byzantina* K. Koch

= *Avena sativa* L. subsp. *byzantina* (K. Koch) Romero Zarco

= *Avena sterilis* L. subsp. *byzantina* (K. Koch) Thellung

Terófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Aveia, aveia amarela, aveia bizantina, aveia comum, aveia constantinopolitana, aveia cultivada, aveia ds Turquia, aveia de Bizâncio, aveia de Constantinopla, aveia de Istambul, aveia do Mediterrâneo, aveia istambulina, aveia mediterrânica, aveião, aveia rubra, aveia turca, aveia vermelha, aveia vulgar, avena, guiri, oto, oto-mugi.

Endemismo eurasiático e norte-africano, cultivado como cereal, sobretudo em solos secos ou salinos (ROCHA AFONSO, 1980: 207-208; DOĞAN, 1985e: 307); Planta alimentar, subespontânea em Portugal em sítios secos, frequentemente cultivada em Portugal continental, sobretudo no Centro, Algarve e Terra Quente (ROCHA AFONSO, 1998: 109), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII).

4. *Avena byzantina* K. Koch "Apler"

Terófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Aveia, aveia bizantina, aveia constantinopolitana, aveia de Bizâncio, aveia de Constantinopla, aveia de Istambul, aveia híbrida, aveia hortícola, aveia istambulina, aveião.

Planta ornamental e alimentar herbácea anual, de origem híbrida hortícola, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

5. *Avena sativa* L. subsp. *sativa*

= *Avena fatua* L. subsp. *sativa* (L.) Thellung

= *Avena fatua* L. var. *sativa* (L.) Hausskn.

Avena orientalis Schreber

= *Avena sativa* L. subsp. *orientalis* (Schreber) Werner

Avena nodipilosa Malzev

Avena sativa L. var. *ligulata* Vavilov ex Mordv.

Terófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Aveia, aveia das searas, aveia de comer, aveia doméstica, aveia do levante, aveia do oriente, aveia levantina, aveia oriental, aveia semeada.

Endemismo eurasiático e mediterrânico, introduzido na América do Norte (DOĞAN, 1985e: 307); Planta ornamental e alimentar, cultivada como cereal (aveia) na maior parte da Europa (ROCHA AFONSO, 1980: 207), cultivada e subspontânea em quase todo o país (HACKEL, 1880: 19; HENRIQUES, 1905: 82).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002); Escola Médica (ROSA, 2000: Anexo VII; ALMEIDA & al., 2003).

5. ***Avena sterilis* L. subsp. *ludoviciana* (Durieu) Nyman**

= *Avena ludoviciana* Durieu [basion.]

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Aveia, aveia estéril, aveia ludoviciana.

Endemismo eurasiático e mediterrânico (DOĞAN, 1985e: 306); Planta ornamental herbácea anual, espontânea e pouco comum em Portugal continental (ROCHA AFONSO, 1998: 110).

Distribuição/localização no Jardim: Disseminada nos Viveiros (A.C. MATOS, comunicação pessoal; V.2012, Observ.).

6. ***Avena strigosa* Schreber**

Avena strigosa Schreber var. *sesquialtera* (Brotero) Hackel

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Aveia, aveia negra, aveinha.

Endemismo eurasiático e mediterrânico, possivelmente originado a partir da espécie ibérica e mediterrânica *Avena longiglumis* Durieu (ROCHA AFONSO, 1980: 203; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Pode encontrar-se como infestante em searas de centeio, trigo e aveia, sendo por vezes localmente cultivada em solos pobres, no NW, na Terra Fria e na Terra Quente (ROCHA AFONSO, 1998: 107); Planta alimentar, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII).

16. ***Avenula* (Dumortier) Dumortier**

= *Trisetum* Persoon sect. *Avenula* Dumortier [basion.]

[Syn.: *Avenastrum* Opiz; *Homalotrichon* Banfi & al., nom. illeg.; *Neoholubia* Tzvelev, nom. illeg.]

1. ***Avenula lodunensis* (Delastre) Kerguelen subsp. *albinervis* (Boissier) D. Rivera & M.A. Carreras**

= *Avena albinervis* Boissier [basion.]

= *Avenochloa albinervis* (Boissier) Holub

= *Avenula albinervis* (Boissier) Láinz

= *Avenula sulcata* (Boissier) Dumortier subsp. *albinervis* (Boissier) Rivas Martínez

= *Helictotrichon albinerve* (Boissier) Henrard

Avenochloa albinervis (Boissier) Holub subsp. *occidentalis* Gervais

= *Avenula occidentalis* (Gervais) J. Holub

= *Avenula sulcata* (Gay ex Boissier) Dumort. subsp. *occidentalis* (Gervais) Romero Zarco

= *Helictotrichon occidentale* (Gervais) Röser

Avenula occidentalis (Gervais) J. Holub subsp. *stenophylla* Franco

= *Avenula hackelii* (Henriques) J. Holub subsp. *stenophylla* (Franco) Franco

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Aveinha, aveia angustifolia, aveia de folhas estreitas, aveia estenófila, aveia ocidental, aveia pequena, avenocloa, avénula, avénula ocidental.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, ibero-marroquino, próprio de pinhais e outros sítios secos (HOLUB, 1980c: 213; SILVEIRA, 2001: 264; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental e ruderal herbácea perene, estolonífera, espontânea e relativamente comum em Portugal (ALMEIDA & al., 2014bd), por exemplo na áreas da Serra de Sintra (PINTO DA SILVA & al., 1989: 229) e da Serra do Açor, no Centro de Portugal (SILVEIRA, 2001: 264; SILVEIRA, 2007: 208).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950).

17. **Bambusa** Schreber1. **Bambusa bambos** (L.) Voss

- = *Arundo bambos* L. [basion.]
- = *Arundarbor bambos* (L.) Kuntze
- = *Bambos bambos* (L.) W.F. Wright, nom. inval.
- Arundo agrestis* Loureiro
- = *Arundarbor agrestis* (Loureiro) Kuntze
- = *Bambusa agrestis* (Loureiro) Poiret
- Arundo arborea* Miller
- Arundo bambu* Loureiro
- Arundo excelsa* Salisbury, nom. illeg.
- Bambos arundinacea* Retzius
- = *Arundarbor arundinacea* (Retzius) Kuntze
- Bambos arundo* J.F. Gmelin
- Bambos quinqueflora* Stokes, nom. illeg.
- Bambusa arundinacea* Retzius
- = *Arundarbor arundinacea* (Retzius) Kuntze
- = *Nastus arundinaceus* (Retzius) Smith
- Bambusa arundinacea* Willdenow
- Bambusa arundinacea* var. *gigantea* Bahadur
- Bambusa arundo* Wight ex Steudel, nom. inval.
- Bambusa bambusa* Huth, nom. inval.
- Bambusa neesiana* Arnott ex Munro, nom. inval.
- Bambusa orientalis* Nees
- = *Arundarbor orientalis* (Nees) Kuntze
- = *Bambusa arundinacea* var. *orientalis* (Nees) Gamble
- = *Ischurochloa arundinacea* var. *orientalis* (Nees) Buse
- Bambusa spinosa* Roxburgh
- Bambusa spinosa* Roxburgh ex Buch.-Hamilton
- = *Arundarbor spinosa* (Roxburgh ex Buch.-Hamilton) Kuntze
- = *Arundo spinosa* (Roxburgh ex Buch.-Hamilton) Oken
- = *Bambusa arundinacea* var. *spinosa* (Roxburgh ex Buch.-Hamilton) E.G. Camus
- = *Bambusa bambos* (L.) Voss var. *spinosa* (Roxburgh ex Buch.-Hamilton) S.S. Jain & Biswas
- = *Ischurochloa spinosa* (Roxburgh ex Buch.-Hamilton) Buse

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Arundárbor, arundo arbóreo, árvore-bambu, bambu, bambu comum, bambu de Nees, bambu gigante, bambusa, bambusa arundinácea, bambusa comum, bambusa de Nees, bambusa gigante, nastro, nastro arundináceo.

Endemismo da Ásia oriental tropical e subtropical; um indivíduo desta espécie atingiu 37 m em Travancore (Sul da Índia), chegando em Kew a crescer 91 cm num só dia! (MABBERLEY, 2008: 90); Planta ornamental lenhosa exótica (THE PLANT LIST), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Onde? (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Bambusa vulgaris** Schrader ex Wendland

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Arundárbor, arundo arbóreo, árvore-bambu, bambu, bambu comum, bambu vulgar, bambusa, bambusa comum, bambusa vulgar.

Endemismo da Ásia oriental (MABBERLEY, 2008: 89-90); Planta ornamental lenhosa exótica, cujos rebentos são às vezes usados na alimentação e os caules utilizados em práticas religiosas no Oriente (MABBERLEY, 2008: 90), por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

18. *Beckmannia* Host

1. *Beckmannia eruciformis* (L.) Host

- = *Phalaris eruciformis* L. [basion.]
 - = *Bruchmannia eruciformis* (L.) Nuttall
 - = *Paspalum eruciforme* (L.) Sprengel
 - Beckmannia eruciformis* (L.) Host subsp. *borealis* Tzvelev
 - = *Beckmannia borealis* (Tzvelev) Prob.
 - Beckmannia eruciformis* (L.) Host var. *uniflorus* Scribner
 - Beckmannia eruroides* P. Beauvois, nom. illeg.
 - = *Phleum eruroides* (P. Beauvois) Raspail, nom. illeg.
 - Cynosurus eruciformis* Solander ex Aiton
 - Panicum cruciformis* Smith
 - = *Beckmannia cruciformis* (Smith) Sennen
 - Paspalum aristatum* Moench, nom. illeg.
 - Ioackima phalaroides* Tenore, orth. var.
 - Joaquimia phalaroides* Tenore ex Roemer & Schultes
- Terófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Becmânia, becmânia boreal, becmânia do Norte, brucmânia, erva de Beckmann, erva de Bruchmann, fálaris, féo, fléum, ioaquima, ioaquímia, joaquima, joaquímia, pânico, pânico crucífero, pânico cruciforme, pânico em forma de cruz, páspalo, páspalo arestado, páspalo aristado, páspalo de arestas.

Endemismo eurasiático, de vasta distribuição, que ocorre sobretudo em águas pouco profundas, locais húmidos e planos (DOĞAN, 1985j: 388; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental e pratense herbácea perene exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Beckmannia syzigachne* (Steudel) Fernald

- = *Panicum syzigachne* Steudel [basion.]
- = *Beckmannia eruciformis* (L.) Host subsp. *syzigachne* (Steudel) Breitung
- Beckmannia eruciformis* (L.) Host var. *baicalensis* Kuzn.
- = *Beckmannia eruciformis* (L.) Host subsp. *baicalensis* (Kuzn.) T. Koyama & Kawano
- = *Beckmannia baicalensis* (Kuzn.) Hultén
- = *Beckmannia syzigachne* (Steudel) Fernald subsp. *baicalensis* (Kuzn.) Hultén,
- Beckmannia syzigachne* (Steudel) Fernald var. *eriantha* Kitag.
- Beckmannia syzigachne* (Steudel) Fernald var. *hirsutiflora* Roshev.
- = *Beckmannia syzigachne* (Steudel) Fernald subsp. *hirsutiflora* (Roshev.) Tzvelev
- = *Beckmannia hirsutiflora* (Roshev.) Prob.

Terófito. Origem: Holoárctica.

Alguns nomes comuns possíveis: Becmânia, erva de Beckmann, pânico, sizigacne.

Endemismo holoárctico, próprio de sítios húmidos e frios, incluindo a Sibéria oriental (TUTIN, 1980m: 171; KRIVENKO & al., 2013b: 1077; PROBATOVA & al., 2013d); Género di-específico (MABBERLEY, 2008: 96); Planta ornamental herbácea pratense exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

19. *Bothriochloa* Kuntze

1. *Bothriochloa ischaemum* (L.) Keng

- = *Andropogon ischaemum* L.
 - = *Amphilophis ischaemum* (L.) Nash
 - = *Dichanthium ischaemum* (L.) Roberty
- Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Andropógon, anfilófis, botriocloa, dicântio, isquemo.

Endemismo eurasiático e norte-africano, actualmente subcosmopolita (CHEN & PHILLIPS, 2006: 608; WIKIPEDIA); Planta ornamental e pratense herbácea perene, espontânea e rara em Portugal, onde se pode encontrar em sítios secos (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 236), talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

20. **Bouteloua** Lagasca1. **Bouteloua curtipendula** (Michaux) Torrey

- = *Chloris curtipendula* Michaux [basion.]
- = *Andropogon curtipendulus* (Michaux) Steudel, nom. inval.
- = *Atheropogon curtipendulus* (Michaux) E. Fournier
- = *Cynodon curtipendulus* (Michaux) Raspail
- = *Dinebra curtipendula* (Michaux) P. Beauvois
- = *Eutriana curtipendula* (Michaux) Trinius
- = *Heterostega curtipendula* (Michaux) Von Schweinitz ex Hooker f., nom. inval.
- = *Melica curtipendula* (Michaux) Steudel, nom. inval.
- Aristida minuta* Poit. ex Roemer & Schultes, nom. inval.
- Atheropogon acuminatus* E. Fournier
- = *Bouteloua acuminata* (E. Fournier) Griffiths
- Atheropogon affinis* (Hooker f.) E. Fournier
- Atheropogon apludoides* Willdenow
- Bouteloua curtipendula* (Michaux) Torrey var. *aristosa* A. Gray
- Bouteloua curtipendula* (Michaux) Torrey f. *vivipara* Beetle
- Bouteloua meliciformis* Roemer & Schultes, nom. inval.
- Bouteloua meliciformis* Brouss. ex Hornemann
- Bouteloua melicoides* P. Beauvois
- Bouteloua pendula* Lag.
- Bouteloua racemosa* Lag.
- Cynosurus secundus* Pursh
- = *Aristida secunda* (Pursh) Roemer & Schultes, nom. inval.
- = *Chloris secunda* (Pursh) Eaton
- = *Dinebra secunda* (Pursh) Roemer & Schultes
- Dinebra melicoides* P. Beauvois, nom. inval.
- Erucaria glabra* Cerv.
- Eutriana affinis* Hooker f.
- Eutriana gracilis* Hooker f., nom. illeg.

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Andropógon, aristida, ateropógon, butelua, clóris, dinebra, eutriana, heterostega, mélica.

Endemismo norte-americano, próprio de prados naturais (MABBERLEY, 2008: 116); Planta ornamental herbácea pratense exótica perene, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

21. **Brachypodium** P. Beauvois

[Syn.: *Trachynia* Link]

1. **Brachypodium distachyon** (L.) P. Beauvois

- = *Bromus distachyos* L. [basion.]
- = *Festuca distachya* (L.) Roth
- = *Festuca distachya* (L.) Roth
- Zerna distachya* Panzer ex Jackson
- Festuca ciliata* Gouan
- = *Triticum ciliatum* (Gouan) Cavanilles
- = *Trachynia distachya* (L.) Link

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Braquipódio, braquipódio anual, braquipódio de duas espigas, braquipódio distáquio, brominho, brominho de duas espigas, brominho distáquio, bromo, bromo anual, bromo distáquio, festuca, festuca de duas espigas, festuca distáquia, traquínia, traquínia de duas espigas, traquínia distáquia, zerna, zerna de duas espigas, zerna distáquia.

Endemismo eurasiático, norte-africano e macaronésico, actualmente naturalizado noutras partes do Mundo (GRIN; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental e ruderal herbácea anual, espontânea e muito comum em Portugal, sobretudo no Centro e Sul, reaparecendo em Trás-os-Montes e Alto Douro, na Terra Quente, podendo encontrar-se habitualmente em sítios secos e descampados (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 87; PORTO & al., 2014a).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Espontânea no Jardim e na Mata (VI.2010, Observ.!).

2. *Brachypodium sylvaticum* (Hudson) P. Beauvois

- = *Festuca sylvatica* Hudson [basion.]
- = *Agropyron sylvaticum* (Hudson) Chevallier
- = *Brachypodium pinnatum* (L.) P. Beauvois var. *sylvaticum* (Hudson) Saint-Yves
- = *Brevipodium sylvaticum* (Hudson) Á. Löve & D. Löve
- = *Bromus sylvaticus* (Hudson) Pollich
- = *Triticum sylvaticum* (Hudson) Moench
- Brachypodium barbinode* Opiz ex Berchtold & Seidl
- Brachypodium* × *cugnacii* Camus
- Brachypodium firmifolium* Lindberg
- Brachypodium formosanum* Hayata
- Brachypodium glaucovirens* (Murbeck) Sagorski f. *intermedium* Degen
- Brachypodium gracile* (Weigel) P. Beauvois var. *pubescens* Petermann
- = *Brachypodium pubescens* (Petermann) Mussajev
- = *Brachypodium sylvaticum* (Hudson) P. Beauvois subsp. *pubescens* (Petermann) Tzvelev
- Brachypodium hayatatum* Honda
- Brachypodium kelungense* Honda
- Brachypodium laxum* Opiz ex Berchtold & Seidl
- Brachypodium sylvaticum* (Hudson) P. Beauvois f. *microstachyum* Sennen, nom. nud. in sched.
- Brachypodium sylvaticum* (Hudson) P. Beauvois var. *balcanicum* Kitanov
- Brachypodium sylvaticum* (Hudson) P. Beauvois subsp. *eu-sylvaticum* Litardière
- Brachypodium sylvaticum* (Hudson) P. Beauvois var. *glabratum* Czechtz
- Brachypodium sylvaticum* (Hudson) P. Beauvois subvar. *glabrescens* Cosson & Germain
- Brachypodium sylvaticum* (Hudson) P. Beauvois var. *glabrescens* Smith
- Brachypodium sylvaticum* (Hudson) P. Beauvois var. *glabrum* Lejeune & Courtois (1829)
- Brachypodium sylvaticum* (Hudson) P. Beauvois var. *glabrum* Ducommun (1869), nom. illeg., non Lejeune & Courtois (1829)
- Brachypodium sylvaticum* (Hudson) P. Beauvois var. *glaucovirens* Murbeck
- = *Brachypodium glaucovirens* (Murbeck) Sagorski
- = *Brachypodium pinnatum* (L.) P. Beauvois var. *glaucovirens* (Murbeck) Brand
- = *Brachypodium sylvaticum* (Hudson) P. Beauvois var. *glaucovirens* (Murbeck) Stojanoff & Stefanoff
- Brachypodium sylvaticum* (Hudson) P. Beauvois f. *majus* Lange ex Junge
- Brachypodium sylvaticum* (Hudson) P. Beauvois var. *multiflorum* Willkomm
- Brachypodium sylvaticum* (Hudson) P. Beauvois var. *pilosum* Post
- Brachypodium sylvaticum* (Hudson) P. Beauvois var. *prorepens* Ascherson & Graebner
- Brachypodium sylvaticum* (Hudson) P. Beauvois var. *pubescens* S.F. Gray (1821)
- Brachypodium sylvaticum* (Hudson) P. Beauvois var. *pubescens* Smith (1872), nom. illeg., non S.F. Gray (1821)
- Brachypodium sylvaticum* (Hudson) P. Beauvois var. *scabrum* Spenner
- Brachypodium sylvaticum* (Hudson) P. Beauvois var. *typicum* Beck
- Brachypodium sylvaticum* (Hudson) P. Beauvois var. *villosum* Lejeune & Courtois, nom. illeg., non Spenner
- = *Brachypodium sylvaticum* (Hudson) P. Beauvois f. *villosum* (Lejeune & Courtois) Hayek
- = *Brachypodium sylvaticum* (Hudson) P. Beauvois subsp. *eu-sylvaticum* Litardière subvar. *villosum* (Lejeune & Courtois) Litardière
- Brachypodium sylvaticum* (Hudson) P. Beauvois var. *vulgare* Spenner
- Bromus dumosus* Villars, nom. illeg. superfl.
- = *Brachypodium sylvaticum* (Hudson) P. Beauvois var. *dumosum* (Villars) Beck
- = *Brevipodium sylvaticum* (Hudson) Löve & Löve var. *dumosum* (Villars) P. Silva & Teles
- Bromus gracilis* Leysser
- Bromus gracilis* Weigel
- = *Brachypodium gracile* (Weigel) P. Beauvois
- = *Brachypodium pinnatum* (L.) P. Beauvois proles *gracile* (Weigel) Ascherson & Graebner, non Leysser
- = *Brachypodium pinnatum* (L.) P. Beauvois subsp. *gracile* (Weigel) Soó, non Leysser
- = *Brachypodium pinnatum* (L.) P. Beauvois var. *glabrum* (Host) Pospichal f. *gracile* (Weigel) Pospichal, non Leysser

= *Brachypodium pinnatum* (L.) P. Beauvois var. *glabrum* (Host) Pospichal subvar. *gracile* (Weigel) Saint-Yves, non Leysser
 = *Brachypodium pinnatum* (L.) P. Beauvois var. *rupestre* (Host) Pospichal f. *gracile* (Weigel) Pospichal, non Leysser

= *Brachypodium sylvaticum* (Hudson) P. Beauvois var. *gracile* (Weigel) Dumortier

= *Festuca gracilis* (Weigel) Moench

= *Triticum gracile* (Weigel) Brotero

Triticum teretifolium Wibel, nom. illeg. superfl.

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agropíron, agropíron da floresta, agropíron do bosque, agropíron dos bosques, agropíron florestal, agropíron selvagem, agropíron silvático, braquipódio, braquipódio balcânico, braquipódio da floresta, braquipódio da Formosa, braquipódio da Manchúria, braquipódio de Cugnac, braquipódio de Hayata, braquipódio de Kelung, braquipódio de muitas flores, braquipódio do bosque, braquipódio dos Balcãs, braquipódio dos bosques, braquipódio escabro, braquipódio esverdeado, braquipódio florestal, braquipódio formoso, braquipódio glabrescente, braquipódio glabro, braquipódio glauco, braquipódio intermédio, braquipódio lampinho, braquipódio lampo, braquipódio laxo, braquipódio manchu, braquipódio manchuriano, braquipódio médio, braquipódio multifloro, braquipódio piloso, braquipódio polianto, braquipódio pubescente, braquipódio selvagem, braquipódio silvático, braquipódio típico, braquipódio verde, braquipódio viloso, brevipódio, brevipódio da floresta, brevipódio do bosque, brevipódio dos bosques, brevipódio florestal, brevipódio selvagem, brevipódio silvático, brevipódio típico, bromo, bromo da floresta, bromo do bosque, bromo elegante, bromo falso, bromo florestal, bromo formoso, bromo grácil, festuca, festuca da floresta, festuca do bosque, festuca dos bosques, festuca florestal, festuca grácil, festuca selvagem, festuca silvática, lastão, lastão da floresta, lastão do bosque, lastão dos bosques, lastão florestal, pseudobromo, trítico, trigo da floresta, trigo do bosque, trigo elegante, trigo florestal, trigo formoso, trigo grácil, trigo selvagem, trigo silvático.

Endemismo eurasiático, norte-africano e macaronésico (presente nos três arquipélagos dos Açores, Canárias e Madeira), incluindo a Anatólia e o Cáucaso, que atinge os Himalaias, a Ásia oriental, do Sul e os arquipélagos do Japão e das Ilhas Filipinas, considerado invasor na América do Norte, próprio de bosques e outros locais mais ou menos frescos e sombrios, de floração vernal, estival e outonal; Elemento euro-siberiano (SMITH, 1980b: 189; DAVIS, 1985c: 201; TALAVERA, 1987d: 371; RUIZ, 1991d: 206-208; SCHIPMANN, 1991: 162-171; CHEN & PHILLIPS, 2006d: 368-369; VALDÉS & SCHOLZ, 2009; PROBATOVA & al., 2013d); Planta ornamental herbácea perene pratense e florestal, espontânea e comum em Portugal continental (PORTELA-PEREIRA & al., 2014z).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (Rosa, 2000).

3. *Brachypodium* sp.

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Braquipódio.

Planta ornamental herbácea pratense e ruderal comum em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospermas, num relvado (XI.2011, Observ.!).

22. *Briza* L.

1. *Briza maxima* L.

Briza major L. ex Kunth

Briza monspessulana Gouan

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Bole-bole, bole-bole de Mompilher, bole-bole maior, briza, briza de Mompilher, briza maior, briza máxima.

Endemismo eurasiático, do Sul da Europa e das regiões Mediterrânica e Macaronésica (TUTIN, 1980g: 173; DAVIS, 1985a: 517; DEVESA, 1991c: 76-77); Planta ornamental, pratense e ruderal herbácea anual muito comum em Portugal (ALMEIDA & al., 2014be).

Distribuição/localização no Jardim: Disseminada no Jardim e na Mata (V.2012, Observ.!).

2. *Briza media* L.

Briza australis Prokudin

Briza intermedia Sampaio

Briza pauciflora Schur

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Bole-bole, bole-bole intermédio, bole-bole médio, briza, briza austral, briza do sul, briza intermédia, briza média.

Endemismo eurasiático e canariense (VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Elemento Euro-Siberiano (DEVESA, 1991c: 76), próprio de bosques caducifólios, locais húmidos, pantanosos e rochosos (DAVIS, 1985a: 516-517); Planta ornamental e pratense herbácea perene, espontânea e pouco comum ou rara em Portugal (AGUIAR & al., 2014b).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ALVES, 1991; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Escola Médica (ALMEIDA & al., 2003; TAVARES & al., 2009; MATOS, 2014).

3. *Briza minor* L.

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Bole-bole, bole-bole menor, briza, briza menor.

Endemismo eurasiático, macaronésico e mediterrânico (DAVIS, 1985a: 518; DEVESA, 1991c: 77); Planta ornamental, pratense e ruderal, anual, própria de habitats abertos (TUTIN, 1980g: 173), espontânea e comum em Portugal (LOURENÇO & al., 2014aa).

Distribuição/localização no Jardim: Disseminada no Jardim e na Mata (IV.2010, Observ.!: IV.2013, Observ.!).

4. *Briza subaristata* Lamarck

= *Chascolytrum subaristatum* (Lamarck) Desvaux

Briza auriculata Trevir.

Briza erecta var. *parviflora* Döll

Briza nutans Lindley ex Steudel

Briza sellowii Nees ex Steudel

Briza triloba Nees

= *Calotheca triloba* (Nees) Kunth

= *Chascolytrum trilobum* (Nees) Nees

= *Chascolytrum trilobum* (Nees) É. Desvaux

Briza triloba Nees var. *alpha* Nees

Briza triloba Nees var. *beta* Nees

Briza triloba Nees var. *grandiflora* Döll

Briza triloba Nees var. *interrupta* Hackel

= *Briza subaristata* Lamarck var. *interrupta* (Hackel) Roseng., B.R. Arrill. & Izag.

Briza triloba Nees f. *pumila* Hackel ex Kneuck.

Briza triloba Nees var. *typica* Parodi

Briza triloba Nees f. *violascens* Hackel

Briza violascens Steudel

Bromus brizoides Willdenow ex Steudel, nom. inval.

Bromus rotundatus Kunth

= *Briza rotundata* (Kunth) Steudel

= *Calotheca rotundata* (Kunth) Roemer & Schultes

= *Calotheca rotundata* (Kunth) Steudel

= *Chascolytrum rotundatum* (Kunth) Kunth

Calotheca microstachya J. Presl

= *Briza microstachya* (J. Presl) Steudel

Calotheca poiformis Sprengel

Calotheca reniformis J. Presl

= *Briza reniformis* (J. Presl) Steudel

Calotheca stricta Hooker & Arnott

= *Briza stricta* (Hooker & Arnott) Steudel

= *Chascolytrum strictum* (Hooker & Arnott) É. Desvaux

Chascolytrum coarctatum Philippi

Chascolytrum nutans Lindley & Nees

Festuca commersonii Sprengel

Terófito. Origem: Regiões Tropicais.

Alguns nomes comuns possíveis: Briza, briza argentina, briza da Argentina, briza de flores grandes, briza de Sellow, briza grandiflora, briza macranta, briza redonda violácea, briza sul-americana.

Planta ornamental herbácea perene, de vasta distribuição em diversas regiões tropicais e subtropicais, de origem sul-americana, na região da Argentina (IPNI), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII).

23. **Bromus** L.[Syn.: *Anisantha* K. Koch; *Boissiera* Hochstetter ex Steudel;*Bromopsis* (Dumortier) P. Fourreau; *Forasaccus* Bubani;*Genea* (Dumortier) Dumortier = *Bromus* L. sect. *Genea* Dumortier;*Libertia* Lejeune; *Serrafalcus* Parlatores; *Zerna* Panzer]1. **Bromus bromoideus** (Lejeune) Crépin= *Calotheca bromoidea* Lejeune [basion.]= *Bromus bromoideus* (Lejeune) Druce= *Bromus secalinus* L. var. *Brownomoideus* (Lejeune) Lloret= *Michelaria bromoidea* (Lejeune) Dumortier*Bromus arduennensis* Dumortier, nom. inval.*Libertia arduennensis* Lejeune, nom. illeg.= *Bromus arduennensis* (Lejeune) Dumortier ex Kunth, nom. illeg.= *Michelaria arduennensis* (Lejeune) Dumortier, nom. illeg.= *Serrafalcus arduennensis* (Lejeune) Crépin, nom. inval.*Bromus auriculatus* Raspail, nom. illeg.= *Bromus grossus* Desfontaines ex DC. f. *arduennensis* (Lejeune) Tournay= *Bromus multiflorus* var. *arduennensis* (Lejeune) Reichenbach*Bromus platystachys* Desfontaines, nom. illeg.*Bromus triaristatus* Loiseleur= *Bromus velutinus* Schrader var. *triaristatus* (Loiseleur) Mutel*Libertia arundinacea* Roth

Terófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Bromo, bromo auriculado, bromo aveludado, bromo bromóide, bromo das Ardenas, bromo de três arestas, bromo de veludo, bromo orelhudo, bromo veludoso, bromo triaristado, caloteca bromóide, caloteca das Ardenas, libértia, libértia arundinácea, libértia das Ardenas, michelária, michelária bromóide, michelária das Ardenas, serrafalco, serrafalco das Ardenas.

Endemismo eurasiático, exclusivamente europeu, da França e da Bélgica, outrora existente sobretudo em searas de *Triticum spelta*; actualmente encontra-se extinto na Natureza, sobrevivendo apenas cultivado em jardins botânicos (SMITH, 1980: 186; VALDÉS & SCHOLZ, 2009; WIKIPEDIA); Planta ornamental, pratense e ruderal, herbácea anual muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Bromus catharticus** Vahl= *Ceratochloa cathartica* (Vahl) Henrard= *Ceratochloa cathartica* (Vahl) Herter*Ceratochloa festucoides* P. Beauvois*Bromus angustatus* Pilger*Bromus bolivianus* Renvoize*Bromus bolivianus* Hackel ex Buchtien*Bromus brongniartii* Kunth*Bromus mathewsii* Steudel*Bromus mucronatus* Willdenow ex Steudel, nom. inval.*Bromus oregonus* Nuttall ex Hooker f.*Bromus preslii* Kunth*Bromus schraderi* Kunth, nom. illeg.*Bromus schraderi* Kunth var. *lasiophyllus* Goiran= *Bromus willdenowii* Kunth var. *lasiophyllus* (Goiran) Beetle= *Ceratochloa unioides* (Willdenow) P. Beauvois var. *lasiophylla* (Goiran) Fiori*Bromus schraderi* Kunth var. *leiophyllus* Goiran*Bromus strictus* Brongniart, nom. illeg.*Bromus unioides* Kunth= *Ceratochloa unioides* (Kunth) P. Beauvois= *Schedonorus unioides* (Kunth) Romer & Schultes= *Serrafalcus unioides* (Kunth) Sampaio= *Tragus unioides* (Kunth) B.D. Jackson, nom. inval.

= *Zerna unioloides* (Kunth) Lindman
Bromus unioloides Kunth f. *chasmogamus* Hackel
Bromus unioloides Kunth f. *cleistogamus* Hackel
Bromus unioloides Kunth f. *effusus* Kloos
Bromus unioloides Kunth f. *glabrescens* Kloos
Bromus unioloides Kunth var. *glaucescens* Nees
Bromus unioloides Kunth var. *glandiflorus* Kloos
Bromus unioloides Kunth f. *lanatus* Kloos
Bromus unioloides Kunth var. *lanceolatus* Kloos
Bromus unioloides Kunth var. *major* A. Zobel
Bromus unioloides Kunth var. *micranthus* Spegazzini
Bromus unioloides Kunth var. *montanus* Hackel
Bromus unioloides Kunth var. *multiflorus* Aellen & Thellung ex Kloos
Bromus unioloides Kunth f. *oliveus* Aellen ex Kloos
Bromus unioloides Kunth var. *parviflorus* Kloos
Bromus unioloides Kunth f. *pictus* Kloos
Bromus unioloides Kunth f. *pseudoparviflorus* Kloos
Bromus unioloides Kunth var. *pubiflorus* Kloos
Bromus unioloides Kunth f. *sanjuaninus* Hieron.
Bromus willdenowii auct. var., non Kunth
Bromus willdenowii Kunth
 = *Ceratochloa willdenowii* (Kunth) K.A. Weber
Bromus willdenowii Kunth var. *schraderi* Hein
Ceratochloa australis Sprengel ex Steudel
Ceratochloa breviaristata Hooker
 = *Bromus breviaristatus* (Hooker) Thurb.
 = *Forasaccus breviaristatus* (Hooker) Lunell
Ceratochloa festucoides P. Beauvois
Ceratochloa haenkeana J. Presl
 = *Bromus haenkeanus* (J. Presl) Kunth
 = *Bromus unioloides* Kunth var. *haenkeanus* (J. Presl) Shear
 = *Bromus willdenowii* Kunth var. *haenkeanus* (J. Presl) Shear
Ceratochloa pendula Schrader
Ceratochloa secunda J. Presl
Ceratochloa simplex Nees
Ceratochloa simplex Nees ex Steudel
Ceratochloa submutica Steudel
Ceratochloa unioloides (Willdenow) P. Beauvois var. *humilis* Nees
Festuca quitensis Sprengel, nom. illeg.
Festuca unioloides Willdenow
 Terófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Bromo, bromo austral, bromo boliviano, bromo catártico, bromo da Bolívia, bromo de Brongniart, bromo de flores grandes, bromo de flores pequenas, bromo de Matthews, bromo de mucrão, bromo de muitas flores, bromo de Presl, bromo de Schrader, bromo de Willdenow, bromo dos montes, bromo do Sul, bromo grandifloro, bromo macranto, bromo maior, bromo micranto, bromo montano, bromo mucronado, bromo multifloro, bromo parvifloro, bromo picto, bromo pintado, bromo pintalgado, bromo sul-americano, ceratocloa, ceratocloa austral, ceratocloa catártica, ceratocloa de Haenke, ceratocloa de Willdenow, ceratocloa festucóide, ceratocloa segunda, ceratocloa sul-americana, ceratocloa uniolóide, esquadonoro, esquadonoro uniolóide, festuca, festuca de Quito, festuca quitense, festuca sul-americana, festuca uniolóide, forassaco, serra falco, serra falco sul-americano, trago, trago uniolóide, zerna, zerna uniolóide.

Endemismo sul-americano, ocasionalmente cultivado como forragem e localmente naturalizado (SMITH, 1980a: 189), descrito a partir de Lima, no Peru (LIU, ZHU & AMMANN, 2006: 385-386; MABBERLEY, 2008: 123; IPNI), tendo já sido encontrado por exemplo na Serra de Sintra (PINTO DA SILVA & al., 1989: 227, 1989); Planta ornamental e forraginosa anual exótica, por vezes cultivada e já naturalizada ou subespontânea e bastante comum em Portugal (CARAÇA & al., 2014b), por exemplo no Jardim Botânico de Coimbra, onde terá sido originalmente introduzida como planta forrageira ou ornamental, por Adolpho Moller, em 1867 (cf. HACKEL, 1880: 28).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Disseminada no Jardim e na Mata (ALMEIDA, 2005b; IV.2010, Observ.!).

3. *Bromus diandrus* Roth

- = *Anisantha diandra* (Roth) Tutin
- = *Anisantha diandra* (Roth) Tutin ex Tzvelev
- = *Bromus madritensis* L. var. *diandrus* (Roth) Hooker f.
- = *Bromus sterilis* L. f. *diandrus* (Roth) Kuntze
- = *Bromus diandrus* Roth f. *glaber* (Willkomm) Soó
- Bromus diandrus* Roth subsp. *macrantherus* Hackel
- = *Bromus diandrus* Roth var. *macrantherus* (Hackel) Alcaraz, Garre & Sánchez-Gómez
- Bromus gussonei* Parlatore
- = *Anisantha gussonei* (Parlatore) Nevski
- = *Bromus maximus* Desfontaines subsp. *gussonei* (Parlatore) Arcangeli
- = *Bromus maximus* Desfontaines subsp. *gussonei* (Parlatore) Douin
- = *Bromus maximus* Desfontaines var. *gussonei* (Parlatore) Parlatore
- = *Bromus rigens* L. subsp. *gussonei* (Parlatore) Coutinho
- = *Bromus rigidus* Roth subsp. *gussonei* (Parlatore) Maire
- = *Bromus rigidus* Roth var. *gussonei* (Parlatore) Cosson & Durieu
- = *Bromus villosus* Scopoli subsp. *gussonei* (Parlatore) Holmberg
- = *Bromus villosus* Scopoli var. *gussonei* (Parlatore) Ascherson & Graebner
- = *Zerna gussonei* (Parlatore) Grossheim
- Bromus gussonii* Parlatore
- = *Anisantha gussonii* (Parlatore) Nevski
- = *Bromus gussonii* Parlatore var. *propendens* (Jordan)
- = *Bromus rigens* L. var. *gussonii* (Parlatore) T. Durand & Schinz
- = *Bromus rigidus* Roth subsp. *gussonii* (Parlatore) Maire
- Bromus macrantherus* Hackel
- = *Bromus rigens* L. var. *macrantherus* (Hackel) A. Fernandes, J.G. Garcia & R. Fernandes
- Bromus macrantherus* Hackel ex Henriques
- = *Anisantha macrantherus* (Hackel ex Henriques) P. Silva
- Bromus maximus* Desfontaines var. *glaber* Willkomm
- Bromus murorum* Bernhardt ex Roemer & Schultes, nom. inval.
- Bromus propendens* Jordan, nom. illeg.
- = *Bromus diandrus* Roth f. *propendens* (Jordan) Alcaraz, Garre & Sánchez-Gómez
- Bromus propendens* Jordan ex Nyman
- = *Bromus diandrus* Roth f. *propendens* (Jordan ex Nyman) Soó
- = *Bromus gussonii* Parlatore var. *propendens* (Jordan) Fouill.
- Bromus pallens* Cavanilles
- Bromus pilosus* Dieter
- = *Bromus diandrus* Roth f. *pilosus* (Dieter) Soó
- = *Bromus maximus* Desfontaines subsp. *pilosus* (Dieter) K. Richter
- = *Bromus maximus* Desfontaines var. *pilosus* (Dieter) Richter
- Bromus rigens* sensu auct. lusit.

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Anisanta, anisanta de anteras grandes, anisanta de grandes anteras, anisanta de Gussone, anisanta gussoneana, anisanta macrantera, barba de macho, barba macha, bromo, bromo de anteras grandes, bromo de grandes anteras, bromo de Gussone, bromo dos muros, bromo glabrescente, bromo glabro, bromo grande, bromo gussoneano, bromo hirsuto, bromo macrantero, bromo maior, bromo máximo, bromo mural, bromo pálido, bromo peludo, bromo piloso, bromo pubescente, bromo pubérulo, bromo viloso, colajaca, erva dos muros, erva espigada, erva espigueira, erva loba, erva mura, erva mural, erva murina, erva muros, espigão, espiguilhas, espiguinhas, estripa-saco, fura-cap, fura-saco, galfis, galfiz, goloso, goroso, gorozo, saruga, pão de lobo, pão dos lobos, pão dos muros, pão lupim, pão lupino, pão mural, pão murino, sarugão, seruca, seruçã, seruga, serugão, zaraguela, zaraguelha, zareguela, zareguelha, zariguela, zariguella, zerna de Gussone, zerna gussoneana.

Endemismo da Região Euro-Mediterrânica e Macaronésica: arquipélagos dos Açores, Canárias e Madeira, indiferente edáfico e frequente em prados (SMITH, 1980a: 183; TALAVERA, 1987c: 367; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta herbácea anual pratense e ruderal, espontânea e muito comum em Portugal (ALMEIDA & al., 2014bf).

Distribuição/localização no Jardim: Disseminada no Jardim e na Mata (IV.2010, Observ.!).

4. *Bromus erectus* Hudson

- = *Bromopsis erecta* (Hudson) Fourreau
- = *Festuca erecta* (Hudson) Wallroth
- = *Festuca erecta* (Hudson) Hegetschweiler & Heer
- = *Forasaccus erectus* (Hudson) Bubani
- = *Schedonorus erectus* (Hudson) Gaudichaud ex Roemer & Schultes
- = *Zerna erecta* (Hudson) Panzer
- Bromopsis aspera* Fourreau, nom. inval.
- Bromus angustifolius* Hornemann, nom. illeg.
- Bromus angustifolius* Schrank
- = *Bromus condensatus* Hackel var. *angustifolius* (Schrank) Beck
- Bromus agrestis* Allioni
- Bromus arvensis* Lamarck, nom. illeg.
- Bromus asper* L. f.
- = *Festuca aspera* (L. f.) Mérat
- = *Festuca aspera* (L. f.) Mertens & Koch
- Bromus asper* Pallas ex Marschall von Bieberstein, nom. inval.
- Bromus bertolae* Colla
- Bromus caprearum* Hackel, nom. inval.
- Bromus caprinus* A. Kerner ex Hackel
- = *Bromopsis caprina* (A. Kerner ex Hackel) Banfi & N.G. Passal.
- = *Bromus erectus* Hudson var. *caprinus* (A. Kerner ex Hackel) Fiori
- Bromus collinus* Philippi
- Bromus condensatus* Hackel var. *australis* Grisebach
- = *Bromus condensata* (Hackel) Holub subsp. *australis* (Grisebach) Holub
- Bromus dolichostachys* Philippi
- Bromus erectus* Hudson var. *anisophyllus* K. Koch
- Bromus erectus* Hudson subsp. *australis* Grisebach ex Jávorka
- Bromus erectus* Hudson var. *australis* Grisebach ex Jávorka
- Bromus erectus* Hudson var. *borbasii* Hackel ex Borbás
- Bromus erectus* Hudson var. *contractus* Regel
- Bromus erectus* Hudson var. *depauperatus* Ascherson & Graebner
- Bromus erectus* Hudson var. *dissolutus* Beck
- Bromus erectus* Hudson var. *falax* Beck
- Bromus erectus* Hudson var. *fasciculatus* Ascherson & Graebner
- Bromus erectus* Hudson var. *flaccidus* Podpera
- Bromus erectus* Hudson var. *glaber* Heuff.
- Bromus erectus* Hudson var. *glabra* Petermann
- Bromus erectus* Hudson var. *glabratus* Maire
- Bromus erectus* Hudson var. *glabrescens* Arechav.
- Bromus erectus* Hudson var. *glabriflorus* Borbás
- = *Bromus glabriflorus* (Borbás) Degen
- Bromus erectus* Hudson var. *hercegovianus* Beck
- Bromus erectus* Hudson var. *hirsutus* Link
- Bromus erectus* Hudson var. *longiaristatus* Kuntze
- Bromus erectus* Hudson var. *longispicatus* Maire
- Bromus erectus* Hudson var. *longispiculatus* Maire
- Bromus erectus* Hudson var. *macrostachys* Godron
- Bromus erectus* Hudson var. *microtrichus* Borbás
- = *Bromus condensatus* Hackel subsp. *microtrichus* (Borbás) Poldini & Oriolo
- = *Bromus condensatus* Hackel var. *microtrichus* (Borbás) Hayek
- = *Bromus microtrichus* (Borbás) Degen
- Bromus erectus* Hudson subsp. *permixtus* H. Lindberg
- = *Bromopsis permixta* (H. Lindberg) Holub
- = *Bromus permixtus* (H. Lindberg) H. Lindberg
- = *Zerna permixta* (H. Lindberg) Holub
- Bromus erectus* Hudson var. *planifolius* Ascherson & Graebner
- Bromus erectus* Hudson var. *pomoensis* Teyber ex Ginzb.
- = *Bromus condensatus* Hackel var. *pomoensis* (Teyber ex Ginzb.) Hayek

- Bromus erectus* Hudson var. *pseudoverticillatus* Röhl.
Bromus erectus Hudson var. *puberulus* Beck
Bromus erectus Hudson var. *pubescens* Delastre
Bromus erectus Hudson var. *pubiflorus* Borbás
= *Bromus pubiflorus* (Borbás) Degen
Bromus erectus Hudson var. *pycnotricha* Borbás
Bromus erectus Hudson var. *pygmaeus* Ascherson & Graebner
Bromus erectus Hudson var. *racemiferus* Borbás
= *Bromus racemiferus* (Borbás) Degen
Bromus erectus Hudson var. *reptans* Borbás ex Jávorka
Bromus erectus Hudson var. *rohlena* Podpera
Bromus erectus Hudson var. *roxolanicus* Zapalowicz
Bromus erectus Hudson var. *subvillosus* Grün
Bromus erectus Hudson var. *trachystachys* Grün
Bromus erectus Hudson var. *trichanthus* C.A. Meyer
Bromus erectus Hudson var. *tricolor* Hackel
Bromus erectus Hudson var. *velutinus* Gunn
Bromus erectus Hudson var. *vernalis* Pančić
Bromus erectus Hudson f. *viviparus* Ugolini
Bromus glaucus Sprengel ex Hornemann
= *Bromus erectus* Hudson var. *glaucus* (Sprengel ex Hornemann) Link
Bromus hackelii sensu Borbás
Bromus heterophyllus Klokov
Bromus longiflorus Willdenow ex Sprengel
= *Bromopsis erecta* (Hudson) Fourreau subsp. *longiflora* (Willdenow ex Sprengel) Dostál
= *Bromus erectus* Hudson var. *longiflorus* (Willdenow ex Sprengel) Brand ex Koch
= *Bromus erectus* Hudson var. *longiflorus* (Willdenow ex Sprengel) Parlato
Bromus macounii Vasey
Bromus microchaetus Font Quer
= *Bromopsis microchaeta* (Font Quer) Holub
= *Bromus erectus* Hudson subsp. *microchaetus* (Font Quer) Maire & Weiller
= *Zerna microchaeta* (Font Quer) Holub
Bromus montanus P. Gaerner, B. Meyer & Scherbius, nom. inval.
Bromus odoratus Gouan
Bromus pauciflorus Schumacher, nom. inval.
Bromus perennis Villars
Bromus pratensis Lamarck
= *Serrafalcus pratensis* (Lamarck) Wilmott
Bromus pseudoarvensis Koeler
Bromus stenophyllus Link
= *Bromus erectus* Hudson var. *stenophyllus* (Link) Fiori
Bromus suberectus Fries
Bromus transsilvanicus Steudel
= *Bromopsis erecta* (Hudson) Fourreau subsp. *transsilvanica* (Steudel) H. Scholz & Valdés
= *Bromopsis transsilvanica* (Steudel) Holub
= *Bromus erectus* Hudson subsp. *transsilvanicus* (Steudel) Ascherson & Graebner
= *Bromus erectus* Hudson var. *transsilvanicus* (Steudel) Beck
= *Bromus erectus* Hudson var. *transsilvanicus* (Steudel) Fiori
= *Zerna transsilvanica* (Steudel) Holub
Bromus transsilvanicus Steudel f. *cilifer* Ascherson & Graebner
= *Bromus erectus* Hudson var. *cilifer* (Ascherson & Graebner) Beck
Bromus variegatus auct.
Festuca drymeja (L. f.) Mertens & Koch var. *fagetina* Schur
= *Festuca fagetina* (Schur) Schur
Festuca hirta Seenus
Schedonorus laxus Fries
Zerna angustifolia Besser
Zerna erecta Gray
Zerna erecta Gray subsp. *alexeeenkoi* Tzvelev
= *Bromopsis alexeeenkoi* (Tzvelev) Czerep.

= *Bromopsis erecta* (Hudson) Fourreau subsp. *alexeeenkoi* (Tzvelev) Tzvelev
Zerna erecta Gray subsp. *gordjaginii* Tzvelev
= *Bromopsis erecta* (Hudson) Fourreau subsp. *gordjaginii* (Tzvelev) Tzvelev
= *Bromopsis gordjaginii* (Tzvelev) Galushko
Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Bromo, bromo aromático, bromo áspero, bromo aveludado, bromo caprino, bromo contraído, bromo da Primavera, bromo da Transilvânia, bromo das cabras, bromo das montanhas, bromo das serras, bromo de cheiro, bromo de flores glabras, bromo de flores longas, bromo de flores hirsutas, bromo de flores peludas, bromo de flores pubescentes, bromo de flores vilosas, bromo depauperado, bromo de folhas planas, bromo de Hackel, bromo de três cores, bromo de veludo, bromo de Wildt, bromo direito, bromo dos faiais, bromo dos lameiros, bromo dos prados, bromo erecto, bromo festucáceo, bromo festucóide, bromo flácido, bromo glabrescente, bromo glabro, bromo hirsuto, bromo montano, bromo odorífero, bromo perene, bromo perfumado, bromo planifólio, bromo pratense, bromo primavera, bromo pubérulo, bromo pubescente, bromo serrano, bromo transilvânico, bromo tricanto, bromo tricolor, bromo vernal, bromo vertical, bromo viloso, bromo vivaz, bromópsis, bromópsis áspera, bromópsis caprina, bromópsis de cabra, esquadonoro, esquadonoro laxo, festuca, festuca dos faiais, festuca erecta, festuca hirta, forassaco, forassaco erecto, serrafalco, serrafalco dos prados, serrafalco pratense, zerna, zerna angustifolia, zerna da Transilvânia, zerna de folhas estreitas, zerna transilvânica, ziliqueimai. Endemismo eurasiático e norte-africano, próprio de solos bem drenados, em prados e lameiros, nos vales e nas margens dos rios, podendo, no planalto tibetano, atingir os 4600 m de altitude, frequentemente em locais calcários, actualmente também introduzido e naturalizado na América do Norte (SMITH, 1980a: 185; SMITH, 1985a: 300; LIU & al., 2006: 374; VALDÉS & SCHOLZ, 2009; WIKIPEDIA); Planta ornamental e forraginosa herbácea perene pratense, espontânea e pouco frequente em Portugal, em prados, taludes secos e margens de caminhos, descampados ou sob o coberto de bosques caducifólios (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 77-78), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. *Bromus hordeaceus* L. subsp. *hordeaceus*

= *Bromus mollis* L. subsp. *hordeaceus* (L.) Hiitonen
= *Bromus mollis* L. var. *hordeaceus* (L.) Fries
= *Bromus secalinus* L. var. *hordeaceus* (L.) L.
= *Bromus secalinus* L. var. *hordeaceus* (L.) Hudson
= *Bromus segetalis* A. Braun ex Nyman var. *hordeaceus* (L.) Döll
= *Serrafalcus hordeaceus* (L.) Grenier & Godron
Bromus arenarius Thom.-DeSmith, nom. illeg.
Bromus atticus Steudel ex Nyman, nom. inval.
Bromus baumgartenii Steudel
Bromus braunii Sennen & Mauricio, nom. inval.
Bromus compactus Steudel
Bromus confertus Boreau, nom. illeg.
Bromus coytaei Curtis
Bromus demissus Porta
Bromus ferronii Mabilie
= *Serrafalcus ferronii* (Mabilie) Rouy
Bromus glomeratus Tausch, nom. illeg.
= *Bromus hordeaceus* L. var. *glomeratus* (Tausch) Ascherson, Schweinfurth & Muschler
Bromus hordeaceus L. var. *glabratus* Lindgr. ex Lindman
Bromus hordeaceus L. f. *leiostachys* Cosson
Bromus hordeaceus L. var. *palustris* Petr.
= *Bromus mollis* L. var. *palustris* (Petr.) Podpera
Bromus hordeaceus L. var. *robustus* Zapalowicz
Bromus hordeaceus L. f. *villosus* Pampanini
Bromus intermedius Gussone subsp. *divaricatus* Bonnier & Layens
Bromus × *jansenii* A. Camus
Bromus javorkae Péntzes
Bromus megapotamicus Sprengel
Bromus molliformis J. Lloyd
= *Bromus hordeaceus* L. subsp. *molliformis* (J. Lloyd) Maire & Weiller
= *Bromus hordeaceus* L. var. *molliformis* (J. Lloyd) Halácsy

- = *Bromus mollis* L. subsp. *molliformis* (J. Lloyd) Loret & Barrandon
- = *Serrafalcus molliformis* (J. Lloyd) F.W. Schultz
- Bromus mollis* L.
- = *Avena mollis* (L.) R.A. Salisbury
- = *Bromus hordeaceus* L. subsp. *mollis* (L.) Hylander
- = *Bromus hordeaceus* L. subsp. *mollis* (L.) Maire
- = *Bromus hordeaceus* L. subsp. *mollis* (L.) Maire & Weiller
- = *Bromus hordeaceus* L. var. *mollis* (L.) Fiori
- = *Forasaccus mollis* (L.) Bubani
- = *Serrafalcus mollis* (L.) Parlato
- Bromus mollis* L. subsp. *affinis* Dumortier
- = *Bromus affinis* (Dumortier) B.D. Jackson
- Bromus mollis* L. var. *compactus* Brébisson
- = *Bromus hordeaceus* L. var. *compactus* (Brébisson) B. de Lesdain
- Bromus mollis* L. var. *confertus* G. Meyer
- Bromus mollis* L. var. *congestus* Schlechtendal
- Bromus mollis* L. var. *conglomeratus* Persoon
- = *Bromus hordeaceus* L. var. *conglomeratus* (Persoon) Druce
- Bromus mollis* L. var. *contractus* Lange
- = *Bromus mollis* L. f. *contractus* (Lange) Todor
- = *Bromus hordeaceus* L. var. *contractus* (Lange) Ascherson & Graebner
- Bromus mollis* L. var. *effusus* Schur
- Bromus mollis* L. var. *fallax* Rohlena
- Bromus mollis* L. var. *glabriusculus* Schur
- Bromus mollis* L. var. *latiglumis* Jansen & Wacht.
- Bromus mollis* L. var. *laxiflorus* Spenner
- Bromus mollis* L. var. *leiostachys* Hiitonen
- Bromus mollis* L. var. *jansenii* Péntzes
- Bromus mollis* L. var. *major* Battandier & Trabut
- Bromus mollis* L. var. *multiflorus* Delastre
- Bromus mollis* L. var. *ovalis* Parn.
- = *Bromus hordeaceus* L. var. *ovalis* (Parn.) Druce
- Bromus mollis* L. var. *ovatus* Parn.
- Bromus mollis* L. var. *patens* Neilreich
- Bromus mollis* L. var. *pratensis* Parn.
- Bromus mollis* L. var. *procerus* Schlechtendal
- Bromus mollis* L. var. *pumilus* Wahlenberg
- Bromus mollis* L. var. *pygmaeus* Lange
- Bromus mollis* L. var. *ramosus* Ball
- Bromus mollis* L. var. *rarus* Petermann
- Bromus mollis* L. var. *thyrsiformis* Jansen & Wacht.
- Bromus mutabilis* F.W. Schultz var. *hordeaceus* F.W. Schultz
- Bromus nanus* Weigel
- = *Bromus hordeaceus* L. var. *nanus* (Weigel) Ascherson & Graebner
- = *Bromus mollis* L. f. *nanus* (Weigel) Todor
- = *Bromus mollis* L. var. *nanus* (Weigel) Lilj.
- = *Bromus mollis* L. var. *nanus* (Weigel) Ascherson & Graebner
- Bromus simplicissimus* Cesati, nom. inval.
- = *Bromus hordeaceus* L. var. *simplicissimus* (Cesati) Ascherson & Graebner
- Bromus thominii* Arduino ex Nyman
- = *Serrafalcus mollis* (L.) Parlato subsp. *thominii* (Arduino ex Nyman) Maire
- = *Serrafalcus thominii* (Arduino ex Nyman) Stapf
- Bromus tunetanus* Hackel ex Trabut
- Bromus velutinus* H.C. Watson, nom. illeg.
- Serrafalcus mollis* (L.) Parlato var. *contractus* Lange
- Serrafalcus pauciflorus* Lojacono, nom. inval.
- Serrafalcus rigens* Sampaio
- Serrafalcus siculus* Lojacono
- Serrafalcus tinei* Lojacono
- Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Aveia mole, bromo, bromo anão, bromo arenário, bromo ático, bromo aveludado, bromo cevadense, bromo cevadino, bromo cevado, bromo compacto, bromo comum, bromo contraído, bromo da Ática, bromo das areias, bromo da Tunísia, bromo de Baumgarten, bromo de Braun, bromo de Ferroni, bromo de Jansen, bromo de Jávorka, bromo de muitas flores, bromo de Túnis, bromo de veludo, bromo dos areais, bromo dos grandes rios, bromo dos pântanos, bromo dos paúis, bromo dos ribeiros, bromo dos rios, bromo doce, bromo ferroniano, bromo hordeáceo, bromo megapotâmico, bromo mole, bromo multifloro, bromo nano, bromo ovado, bromo oval, bromo palustre, bromo patente, bromo pequeno, bromo pigmeu, bromo piloso, bromo polianto, bromo pratense, bromo ramoso, bromo raro, bromo robusto, bromo suave, bromo tirsiforme, bromo tunetano, bromo veludino, bromo velutino, bromo viloso, bromo vulgar, forassaco, forassaco mole, mauquemai, serrafalco, serrafalco contraído, serrafalco da Sicília, serrafalco de Ferroni, serrafalco de poucas flores, serrafalco de Tineo, serrafalco ferroniano, serrafalco mole, serrafalco oliganto, serrafalco paucifloro, serrafalco siciliano, serrafalco século, serrafalco tineano.

Endemismo eurasiático, macaronésico (arquipélagos dos Açores, Canárias e Madeira) e norte-africano, actualmente naturalizado na América do Norte e na Austrália, com uma distribuição muito vasta nas regiões temperadas (LIU & al., 2006: 383-384; MABBERLEY, 2008: 123), vulgar em Portugal continental, em campos, lameiros, margens de caminhos e de estradas e em diversos locais ruderalizados ou com vegetação herbácea (SMITH, 1985: 278-279; RUIZ, 1991c: 214; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 79); Planta herbácea anual pratense e ruderal, espontânea e muito comum em Portugal (ALMEIDA & al., 2014bg).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1991; ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002); Junto à Mata, sobre um muro calcáreo (VII.2013, Observ.)

6. *Bromus hordeaceus* L. subsp. *molliformis* (Billot) Maire & Weiller

= *Bromus molliformis* Billot [basion.]

Serrafalcus lloydianus Grenier & Godron

= *Bromus lloydianus* (Grenier & Godron) Nyman

= *Bromus mollis* L. var. *lloydianus* (Grenier & Godron) Trabut

Terófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Bromo, bromo cevadense, bromo cevadino, bromo cevado, bromo da Gália, bromo de França, bromo de Lloyd, bromo doce, bromo francês, bromo gálico, bromo gaulês, bromo hordeáceo, bromo loidiano, bromo suave, serrafalco, serrafalco de Lloyd, serrafalco loidiano.

Endemismo eurasiático e macaronésico; Elemento mediterrânico, que se também se pode encontrar casualmente naturalizado na Alemanha, próprio das zonas costeiras, sobretudo no Sul da Europa e no Norte de África (SMITH, 1980a: 187; SMITH, 1985a: 279; VALDÉS & SCHOLZ, 2009; SEYBOLD, 2009: 758; CHILTON, 2013c: 37); Planta herbácea anual ornamental, pratense e ruderal, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII).

7. *Bromus madritensis* L.

= *Anisantha madritensis* (L.) Nevski

= *Bromus sterilis* L. var. *madritensis* (L.) Kuntze

= *Festuca madritensis* (L.) Desfontaines

= *Genea madritensis* (L.) Dumortier

= *Zerna madritensis* (L.) Panzer

= *Zerna madritensis* (L.) Panzer ex B.D. Jackson

= *Zerna madritensis* (L.) Gray

Bromus arenaceus Pourret

= *Forasaccus arenaceus* (Pourret) Bubani

Bromus asperimus Tenore, nom. inval.

Bromus darderi Sennen

Bromus decipiens Cavanilles

Bromus diandrus Curtis, nom. illeg.

= *Forasaccus diandrus* (Curtis) Bubani, nom. inval.

Bromus digitatus Poiret ex P. Beauvois, nom. inval.

Bromus dilatatus Lamarck

Bromus fischeri de Cugnac & A. Camus

Bromus gynandrus Roth

Bromus madritensis L. var. *ambiguus* Cosson & Durieu
Bromus madritensis L. var. *ciliatus* Gussone
 = *Anisantha madritensis* (L.) Nevski var. *ciliatus* (Gussone) Tzvelev
Bromus madritensis L. var. *curtisii* Babington ex Syme
Bromus madritensis L. var. *glabriculum* Maire & Weiller
Bromus madritensis L. var. *monandrus* Gussone
Bromus madritensis L. f. *persterilis* Cugnac & A.G. Camus
Bromus madritensis L. var. *pubiculum* Maire & Weiller
Bromus madritensis L. var. *purpureus* Lojacono
Bromus madritensis L. var. *victorinii* Maire
Bromus madritensis L. var. *villiglumis* Maire & Weiller
Bromus madritensis L. var. *villosissimus* Maire & Weiller
Bromus matritensis L. ex Roemer & Schultes, orth. var.
Bromus matritensis L., orth. var.
 = *Festuca matritensis* (L.) Desfontaines, orth. var.
Bromus matritensis L. var. *delilei* Boissier
Bromus matritensis L. var. *victorinei* Maire
Bromus maximus Roth, nom. illeg.
Bromus multispicatus Roemer & Schultes, nom. illeg.
Bromus muralis Hudson
Bromus myrthensis Lojacono
Bromus polystachyus DC.
 = *Bromus rubens* L. var. *polystachyus* (DC.) Mutel
Bromus rochelianus Opiz
Bromus scaberrimus Tenore
Bromus varius Brotero
Bromus villosus Forsskål
 Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Anisanta, anisanta ciliada, anisanta de Madrid, anisanta madridense, anisanta madritense, anisanta pilosa, anisanta vilosa, balisco, balhisco, basoloa, bromo áspero, bromo ciliado, bromo curtisiano, bromo de Curtis, bromo de Delile, bromo de Madrid, bromo de Rochel, bromo de várias espigas, bromo de Victorino, bromo dilatado, bromo do Diabo, bromo dos muros, bromo escabro, bromo ginandro, bromo hermafrodita, bromo hirsuto, bromo madridense, bromo madritense, bromo maior, bromo máximo, bromo mural, bromo pilosíssimo, bromo piloso, bromo purpúreo, bromo vilosíssimo, bromo viloso, espadana, espadana de burro, espiga, espiga de burro, espigadela, espigadela de burro, espigadelha, espigadelha de burro, espiguiilha, espiguiilha de burro, espiguiilhas, espiguiilhas de burro, festuca, festuca de burro, festuca de Madrid, festuca madridense, festuca madritense, forassaco, de Madrid, festuca madridense, festuca madritense, fura-capá, fura-capá de burro, fura-capá menor, fura-saco, fura-saco de burro, fura-saco menor, graminea, graminea de Madrid, graminea madridense, graminea madritense, génea, génea de Madrid, génea madridense, génea madritense, madequemaí, rompe-saco, trigo do Diabo, zerna, zerna de Madrid, zerna madridense, zerna madritense.

Endemismo da Regiões Mediterrânica e Macaronésica: arquipélagos dos Açores (onde terá sido introduzido), Canárias e Madeira, actualmente quase subcosmopolita, em prados e taludes secos, margens de caminhos e de estradas (ROYAL BOTANIC GARDENS, 1984: 45; TALAVERA, 1987c: 365; LIU & al., 2006: 380-381; IPNI); Planta ornamental e ruderal herbácea anual, espontânea e comum em Portugal (ALMEIDA & al., 2014bh).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

8. *Bromus rigidus* Roth

= *Anisantha diandra* (Roth) Tutin ex Tzvelev subsp. *rigida* (Roth) Tzvelev
 = *Anisantha diandra* (Roth) Tutin ex Tzvelev var. *rigida* (Roth) Spalton
 = *Anisantha rigida* (Roth) Hylander
 = *Bromus diandrus* Roth subsp. *rigidus* (Roth) M. Laínz
 = *Bromus diandrus* Roth subsp. *rigidus* (Roth) O. de Bolòs, R.M. Masalles & J. Vigo
 = *Bromus diandrus* Roth var. *rigidus* (Roth) F. Sales
 = *Bromus gussonii* Parlatores var. *rigidus* (Roth) H. Lindberg
 = *Bromus matritensis* L. var. *rigidus* (Roth) Babington ex Syme
 = *Bromus rubens* L. var. *rigidus* (Roth) Mutel
 = *Bromus sterilis* L. var. *rigidus* (Roth) Kuntze
 = *Bromus villosus* Forsskål subsp. *rigidus* (Roth) Maire

= *Bromus villosus* Forsskål var. *rigidus* (Roth) Ascherson & Graebner
 = *Genea rigida* (Roth) Dumortier
Bromus ambigens Jordan
 = *Bromus rigidus* Roth subsp. *ambigens* (Jordan) Pignatti
 = *Bromus rigidus* Roth var. *ambigens* (Jordan) Maire & Weiller
 = *Bromus villosus* Forsskål var. *ambigens* (Jordan) Ascherson & Graebner
Bromus ambigens Jordan ex Nyman
Bromus asperipes Jordan
 = *Bromus rigidus* Roth f. *asperipes* (Jordan) Maire & Weiller
Bromus boraei Jordan
Bromus hispanicus Rivas Ponce
Bromus indicus Steudel, nom. inval.
Bromus madritensis Cavanilles ex Kunth, nom. inval.
Bromus matritensis Cavanilles
Bromus maximus Desfontaines
 = *Bromus diandrus* Roth subsp. *maximus* (Desfontaines) Soó
 = *Bromus matritensis* L. var. *maximus* (Desfontaines) St.-Amans
 = *Bromus rigens* L. subsp. *maximus* (Desfontaines) Coutinho
 = *Bromus rigidus* Roth subsp. *maximus* (Desfontaines) Rothmaler & Pinto da Silva
 = *Bromus sterilis* L. var. *maximus* (Desfontaines) Kuntze
 = *Bromus villosus* Forsskål subsp. *maximus* (Desfontaines) Rothmaler & Pinto da Silva
 = *Bromus villosus* Forsskål var. *maximus* (Desfontaines) Ascherson & Graebner
 = *Forasaccus maximus* (Desfontaines) Bubani
 = *Genea maxima* (Desfontaines) Dumortier
Bromus maximus Desfontaines subsp. *macrantherus* Hackel
 = *Bromus maximus* Desfontaines var. *macrantherus* (Hackel) Hackel
 = *Bromus rigidus* Roth var. *macrantherus* (Hackel) Maire & Weiller ex M. Laínz
Bromus maximus Desfontaines var. *minor* Boissier
Bromus megalanthus Keng
Bromus nitidus E.D. Clarke
Bromus rigens sec. auct. lusit.
Bromus rigidus Roth var. *gracilis* Cugnac
Bromus rubens Host, nom. illeg.
Bromus villosus Forsskål
 Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Anisanta, anisanta diandra, barba de macho, barba macha, bromo, bromo das vassouras, bromo de flores grandes, bromo de Madrid, bromo diandro, bromo duro, bromo madridense, bromo madritense, bromo maior, bromo máximo, bromo megalanto, bromo nítido, bromo rígido, bromo rijo, escanha-cavalos, estripa-saco, estripa-sangue, forassaco, forassaco maior, forassaco máximo, fura-saco, galfis, galfiz, galpiz, génea, génea maior, génea máxima, goloso, goroso, larreolao, rompe-saco, trapa-saco, zaraguelhas, zaraguelhes.

Endemismo das Regiões Euro-Mediterrânica e Macaronésica (arquipélagos dos Açores, Canárias e Madeira), actualmente também introduzido na América e na Austrália, relativamente frequente por exemplo em lugares húmidos como margens de rios e ribeiros e em prados em areais litorais (SMITH, 1980a: 183; TALAVERA, 1987c: 368; MABBERLEY, 2008: 123; LIU & al., 2006: 380; VALDÉS & SCHOLZ, 2009; IPNI); Planta ornamental e ruderal herbácea anual, espontânea e comum em Portugal, sobretudo no Centro e Sul (CARAÇA & al., 2014c).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

9. *Bromus tectorum* L. subsp. *tectorum*

= *Anisantha tectorum* (L.) Nevski
 = *Genea tectorum* (L.) Dumortier
 = *Schedonorus tectorum* (L.) Fries
 = *Zerna tectorum* (L.) Lindman
 = *Zerna tectorum* (L.) Panzer
Bromus mairei Hackel ex Handel-Mazzetti
 = *Zerna mairei* (Hackel ex Handel-Mazzetti) Henrard
Bromus mairei Sennen & Mauricio, nom. illeg.
Bromus nutans St.-Lag.
Bromus scabriflorus Opiz

Bromus setaceus Buckley

Festuca tectorum Jess.

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Brominho, brominho de Maire, brominho dos muros, brominho dos tectos, brominho dos telhados, bromo, bromo de Maire, bromo dos muros, bromo dos tectos, bromo dos telhados, bromo nutante, bromo pendente, espigão, espigão dos muros, espigão dos tectos, espigão dos telhados, esquadonoro, festuca, festuca anual, festuca anual dos telhados, festuca dos telhados, fura-capas, fura-capas dos telhados, génea, génea dos muros, génea dos tectos, génea dos telhados, hanquemaí, saruga, seruca, seruga, xadrês pendente, zerna, zerna de Maire, zerna dos muros, zerna dos tectos, zerna dos telhados.

Endemismo eurasiático, norte-africano e macaronésico (Ilhas Canárias), actualmente subcosmopolita, pois também foi introduzido na América e na Austrália; na Ásia central, pode encontrar-se até uma altitude de 4200 m; frequente na Península Ibérica e em Portugal, em diversos tipos de habitats, sobretudo em sítios secos como searas, pousios e matos xerófilos (RUIZ, 1991c: 222-223; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 76; LIU & al., 2006: 379; MABBERLEY, 2008: 123); Planta ornamental, arvense e ruderal herbácea anual, espontânea e comum em Portugal (ALMEIDA & al., 2014bi), actualmente talvez extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (Alves, 1991; ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

10. *Bromus tytholepis* (Nevski) Nevski

= *Zerna tytholepis* Nevski [basion.]

= *Bromopsis tytholepis* (Nevski) Holub

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Bromo, bromo asiático, bromo da Ásia central, bromo perene, bromo vivaz, bromópsis, bromópsis asiática, bromópsis da Ásia central, bromópsis perene, bromópsis vivaz, zerna, zerna asiática, zerna da Ásia central, zerna perene, zerna vivaz.

Endemismo eurasiático, da Ásia central: Cazaquistão, China, Quirguistão e Tajiquistão, próprio de taludes rochosos secos (LIU & al., 2006: 377); Planta ornamental herbácea perene, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

24. *Buchloe* Engelman

1. *Buchloe dactyloides* (Nuttall) Engelman

= *Sesleria dactyloides* Nuttall [basion.]

= *Bouteloua dactyloides* (Nuttall) J.T. Columbus

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Bucloe, bucloe dactilóide, bucloe digitada, bucloe digital, butelua, butelua dactilóide, butelua digitada, butelua digital, capim, capim dactilóide, capim de búfalo, capim digitado, capim digital, erva-búfala, erva-búfala dactilóide, erva-búfala digitada, erva-búfala digital, erva bufalinho, erva-búfalo, erva de búfalo, erva dos búfalos, selséria, selséria dactilóide, selséria digitada, selséria digital.

Endemismo norte-americano, do Canadá, Estados Unidos e México; Género monoespecífico (MABBERLEY, 2008: 126; GRIN; IPNI); Planta ornamental herbácea perene exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

25. *Calamagrostis* Adanson

1. *Calamagrostis arundinacea* (L.) Roth

= *Agrostis arundinacea* L. [basion.]

= *Deyeuxia arundinacea* (L.) P. Beauvois

Arundo sylvatica Schrader

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Arundo, arundo selvagem, arundo silvático, arundo silvestre, calamagrostis, deieuxia.

Endemismo eurasiático, das regiões temperadas da Eurásia, desde a Península Ibérica (Norte de Espanha e de Portugal) até à Sibéria oriental, incluindo a Anatólia e os Balcãs, em pântanos e outros locais húmidos

ou encharcados (CLARKE, 1980a: 237; GRIN; MABBERLEY, 2008: 135; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Elemento Euro-Siberiano, próprio de taludes de montanha, por exemplo em florestas de pinheiros, a altitudes que podem atingir os 2500 m (DOĞAN, 1985I: 344); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, espontânea e muito rara em Portugal (cf. ALMEIDA, 2014a), onde se encontra exclusivamente na Serra do Gerês, em sítios húmidos em matas caducifólias (CLARKE, 1980a: 239; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 170), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim. Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Calamagrostis canescens* (Weber) Roth

= *Arundo canescens* Weber [basion.]

Calamagrostis lanceolata Roth

Calamagrostis lithuanica Besser

Arundo halleri Willdenow

= *Calamagrostis halleri* (Willdenow) Brand

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Agróstis, agróstis canescente, agróstis de Haller, agróstis esbranquiçada, arundo, arundo canescente, arundo de Haller, arundo esbranquiçado, calamagróstis, calamagróstis canescente, calamagróstis da Lituânia, calamagróstis de Haller, calamagróstis esbranquiçada, calamagróstis lanceolada, calamagróstis lituana.

Endemismo eurasiático, das regiões temperadas da Eurásia, desde a Península Ibérica (Norte de Espanha) até à Sibéria oriental, incluindo a Anatólia e os Balcãs, em pântanos e outros locais húmidos ou encharcados; Elemento Euro-Siberiano (CLARKE, 1980a: 237; DOĞAN, 1985I: 342; GRIN; MABBERLEY, 2008: 135; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental herbácea perene, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950).

3. *Calamagrostis epigejos* (L.) Roth

= *Arundo epigejos* L. [basion.]

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Arundo, calamagróstis.

Endemismo eurasiático; Elemento Euro-Siberiano, por vezes também presente na Região Mediterrânica, próprio de prados húmidos, taludes de montanha e florestas de pinheiros, a altitudes que podem ultrapassar os 3000 m (CLARKE, 1980a: 237; DOĞAN, 1985I: 342-343; VALDÉS & SCHOLZ, 2009; CHILTON, 2013d: 32); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

26. *Catapodium* Link

1. *Catapodium marimum* (L.) C.E. Hubbard

= *Festuca marina* L. [basion.]

= *Desmazeria marina* (L.) Druce

Catapodium borgesii H. Scholz

Catapodium syrticum Barratte & Murbeck

= *Catapodium loliaceum* (Hudson) Link subsp. *syrticum* (Barratte & Murbeck) Murbeck

= *Catapodium marimum* (L.) C.E. Hubbard subsp. *syrticum* (Barratte & Murbeck) H. Scholz

= *Desmazeria loliacea* (Hudson) Nyman subsp. *syrtica* (Barratte & Murbeck) E.A. Durand & Barratte

= *Desmazeria marina* (L.) Druce var. *syrtica* (Barratte & Murbeck) Pilger

Desmazeria balearica Willkomm

= *Catapodium balearicum* (Willkomm) H. Scholz

= *Catapodium loliaceum* (Hudson) Link var. *balearicum* (Willkomm) Font Quer

= *Catapodium marimum* (L.) C.E. Hubbard var. *balearicum* (Willkomm) O. Bolòs & Vigo

Desmazeria triticea J. Presl ex Willkomm, nom. inval.

Festuca rotboellioides Kunth

Festuca tenoreana Steudel

Poa loliacea Hudson

= *Brachypodium loliaceum* (Hudson) P. Beauvois

= *Bromus loliaceus* (Hudson) Tenore

= *Catapodium loliaceum* (Hudson) Link
 = *Desmazeria loliacea* (Hudson) Nyman
 = *Sclerochloa loliacea* (Hudson) J. Woods
 = *Scleropoa loliacea* (Hudson) Godron
 = *Triticum loliaceum* (Hudson) Smith
Triticum maritimum With., nom. illeg.
Triticum rotboella DC.
 = *Brachypodium rotboella* (DC.) P. Beauvois
 = *Festuca rotboella* (DC.) Raspail

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Braquipódio, braquipódio de Rotboell, braquipódio marino, catapódio, catapódio marino, desmazéria marina, desmazéria marinha, festuca, festuca costeira, festuca de Rotboell, festuca de Tenore, festuca do mar, festuca marina, festuca marinha, festuca tenoreana, poa loliácea.

Endemismo da Região Mediterrânica, da Europa ocidental e da Macaronésia; Planta ornamental e ruderal anual, espontânea e rara em Portugal (GOMES & al., 2014a), exclusiva de incultos litorais, arribas e areias marítimas (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 44), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Catapodium rigidum* (L.) C.E. Hubbard

= *Poa rigida* L. [basion.]
 = *Desmazeria rigida* (L.) Tutin
 = *Glyceria rigida* (L.) Smith
 = *Sclerochloa rigida* (L.) Link
 = *Scleropoa rigida* (L.) Grisebach
 = *Synaphe rigida* (L.) Dulac

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Catapódio, catapódio rígido, desmazéria, desmazéria rígida, erva rígida, escleropoa, escleropoa rígida, glicéria, glicéria rígida, grama, grama anual, grama apertada, sclerocloa, sclerocloa rígida, scleropoa, scleropoa rígida, sinafe, sinafe rígida.

Endemismo eurasiático, mediterrânico e macaronésico (DEVESA, 1991b: 61-62), da Região Mediterrânica e da Ásia ocidental até ao Irão (STACE, 1985a: 462-463); Planta ornamental e ruderal anual, espontânea e comum em Portugal (cf. ALMEIDA & al., 2014a).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Disseminada no Jardim e na Mata (cf. ALMEIDA & MATOS, 2007: 137-138); Comum (VI.2010, Observ.!).

3. *Catapodium siculum* (Jacquin) Link

= *Cynosurus siculus* Jacquin [basion.]
 = *Desmazeria sicula* (Jacquin) Dumortier

Terófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Catapódio, catapódio da Sicília, catapódio siciliano, catapódio sículo, cinosuro, cinosuro da Sicília, cinosuro siciliano, cinosuro sículo, desmazéria, desmazéria da Sicília, desmazéria siciliana, desmazéria sícula.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, de distribuição esteno-mediterrânica (PIGNATTI, 1982c: 503; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental anual, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1988; ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII).

27. *Celtica* F.M. Vázquez & E.M. Barkworth

1. *Celtica gigantea* (Link) F.M. Vázquez & E.M. Barkworth

= *Stipa gigantea* Link [basion.]
 = *Macrochloa gigantea* (Link) Hackel
Stipa arenaria Brotero
 = *Macrochloa arenaria* (Brotero) Kunth

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Baracejo, bracejo, céltica, céltica das serras, céltica gigante, céltica serrana, erva céltica, erva das serras, erva gigante, erva serrana, estipa, estipa arenária, estipa das serras,

estipa gigante, estipa serrana, garacejo, gracejo, macrocloa, macrocloa arenária, macrocloa das serras, macrocloa gigante, macrocloa, stipa, stipa arenária, stipa das serras, stipa gigante, stipa serrana.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, ibero-marroquino (VIERA & VÁZQUEZ, 1991: 237; MARTINOVSKÝ, 1980: 252), presente e muito frequente nas Serras Beira-Durienses, sobretudo acima dos 700 m), formando por vezes vastos estipais, em locais rochosos e mais ou menos secos (ALMEIDA, 2009); os rebentos jovens desta gramínea tão comum são por vezes consumidos crus por algumas populações transmontanas, como suplemento alimentar e vitamínico, recebendo os curiosos nomes vernáculos de “bercegos”, “pipotes” ou “vercegos” (CARVALHO, 2009); Planta ornamental herbácea perene cespitosa de grande porte, frequente em quase todo o País (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 195; ALMEIDA & al., 2014bk), talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1991; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

28. *Cenchrus* L.

1. *Cenchrus ciliaris* L.

= *Pennisetum ciliare* (L.) Link

Cenchrus glaucus C.R. Mudaliar & Sundararaj

Pennisetum cenchroides Richard

Pennisetum incomptum Nees

Hemicriptófito. Origem: Regiões Tropicais.

Alguns nomes comuns possíveis: Cencro, cencro azul, cencro azulado, cencro ciliado, cencro esverdeado, cencro glauco, cencro hirsuto, cencro piloso, cencro pubescente, cencro viloso, erva cauda de raposa, erva bufel, erva cauda de raposa africana, pasto, pasto bufel, penisseto, penisseto cencróide, penisseto ciliado, sacate, sacate bufel, zacate, zacate bufel.

Planta ornamental herbácea perene exótica, de distribuição actualmente muito vasta, subcosmopolita e, por vezes, invasora, em diversas regiões temperadas, subtropicais e tropicais (CLAYTON, 1980e: 264; VALDÉS & SCHOLZ, 2009; GRIN; WIKIPEDIA), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Cenchrus incertus* M.A. Curtis

Hemicriptófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis:

Endemismo americano, da América tropical e temperada-quente (CLAYTON, 1980e: 264); Planta ornamental herbácea perene exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1991; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Escola Médica (ALMEIDA & al., 2003).

3. *Cenchrus tribuloides* L.

Terófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis:

Endemismo americano, distribuído desde o NE dos Estados Unidos da América até ao Brasil (GRIN, USDA); Planta ornamental herbácea anual exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950).

29. *Chaetopogon* Janchen

[Syn.: *Chaeturus* Link, non Willdenow]

1. *Chaetopogon fasciculatus* (Link) Hayek

= *Chaeturus fasciculatus* Link [basion]

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Quetopógon, queturo.

Endemismo da Região Mediterrânica (TUTIN, 1980a: 239); Planta ornamental e ruderal anual, espontânea e pouco comum em Portugal, em pastagens oligotróficas sobre solos arenosos com certa humidade (DEVESA, 1991f: 158), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII).

30. *Chasmantium* Link

1. *Chasmantium latifolium* (Michaux) H.O. Yates

= *Uniola latifolia* Michaux [basion.]

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Aveia costeira, aveia da floresta, aveia dos bosques, aveia dos ribeiros, aveia dos rios, aveia marítima, casmântio, casmântio de folhas largas, casmântio latifólio, uníola, uníola de folhas largas, uníola latifolia.

Endemismo norte-americano, da América do Norte oriental: Estados Unidos da América (vários estados) e México: Nuevo León (MABBERLEY, 2008: 176; GRIN; WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea perene exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

31. *Chimonobambusa* Makino

1. *Chimonobambusa quadrangularis* (Franceschi) Makino

= *Bambusa quadrangularis* Franceschi [basion.]

= *Arundinaria quadrangularis* (Franceschi) Makino

= *Phyllostachys quadrangularis* (Franceschi) Rendle

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Arundinária, arundinária quadrangular, bambu, bambu quadrado, bambu quadrangular, bambusa, bambusa quadrangular, filostáquis, filostáquis quadrangular, quimonobambusa, quimonobambusa quadrangular.

Endemismo eurasiático, da Ásia oriental: China e Japão, com caules quadrangulares e um ciclo de floração de mais de 100 anos (MABBERLEY, 2008: 179); Planta ornamental exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000); Estufa Fria (TAVARES & ALVES, 2002).

32. *Chloris* Swartz

1. *Chloris barbata* (L.) Swartz

Andropogon barbatus L., nom. ileg.

Chloris barbata (L.) Swartz var. *divaricata* Kuntze

Chloris inflata Link

Chloris longifolia Steudel

Chloris paraguayensis Steudel

Chloris rufescens Steudel

Chloris virgata Swartz

Terófito. Origem: Subcosmopolita.

Alguns nomes comuns possíveis: Andropógon, andropógon barbado, andropógon de barba, clóris, clóris avermelhada, clóris barbada, clóris de barba, clóris de folhas compridas, clóris de folhas longas, clóris de topo purpúreo, clóris divaricada, clóris do Paraguai, clóris inchada, clóris inflada, clóris longuifolia, clóris magrebina, clóris norte-africana, clóris paraguaiana, clóris paraguaica, clóris paraguaiense, clóris purpúrea, clóris rufa, clóris rufescente, clóris sul-americana, erva dedeira, erva dedeira gigante, erva dilatada, erva dilatada dos moinhos, erva dos moinhos, erva moinheira, erva molineira.

Planta ornamental e ruderal exótica anual, de origem mal conhecida, pantropical e subcosmopolita, que poderia ser talvez vir a ser potencialmente invasora entre nós, pois encontra-se largamente naturalizada nas regiões tropicais e subtropicais (MAIRE, 1953: 204-206, GRIN), sendo espontânea no Norte de África: Argélia e Marrocos (MAIRE, l.c.; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. ***Chloris submutica* Kunth**

= *Eustachys submutica* (Kunth) Roemer & Schultes

Agrostomia mutica Cervantes

Chloris imberbis Desfontaines, nom. illeg.

Chloris inermis Trinius, nom. illeg.

Chloris polystachya Lagasca

= *Eustachys polystachya* (Lagasca) Kunth

Chloris pratensis Lessing ex Steudel

Chloris subbiflora Steudel

Phacellaria panicea Willdenow ex Steudel

Hemicriptófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Agrostómia, agrostómia mítica, clóris, clóris americana, clóris de várias espigas, clóris dos prados, clóris imberbe, clóris inerme, clóris lampinha, clóris polistáquia, clóris pratense, clóris sem espinhos, clóris submítica, facelária, facelária panicea.

Endemismo da América tropical e subtropical: do Sul dos Estados Unidos (Novo México e Texas) até à Colômbia e Equador (CLAYTON & al., 2006–; GRIN); Planta ornamental exótica perene cespitosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1991).

33. **Coix L.**

1. ***Coix lacrima-jobi* L.**

Terófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Coix, lágrima de Job, erva dos rosários.

Endemismo da Ásia oriental tropical (MABBERLEY, 2008: 201; TUTIN, 1980d: 267); Planta ornamental exótica anual, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ALVES, 1991; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Escola Médica (MATOS, 2014).

34. ***Cortaderia* Stapf**

1. ***Cortaderia selloana* (Schultes & Schultes fil.) Ascherson & Graebner**

= *Arundo selloana* Schultes & Schultes fil. [basion.]

Gynerium argenteum Nees

= *Cortaderia argentea* (Nees) Stapf

Geófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Arundo, arundo seloana, cortadéria, cortadéria seloana, erva das Pampas, erva pampa, erva pampinha, ginério, ginério prateado, penachões, penachos, superpenachos.

Endemismo sul-americano, da América do Sul temperada: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai (BAYTOP, 1985b: 564); Epecófito ruderal, introduzido como planta ornamental, cultivada e naturalizada no Oeste da Europa (TUTIN, 1980j: 253), frequentemente cultivada como ornamental e já subespontânea e por vezes invasora em Portugal, de Norte a Sul, embora sobretudo nas zonas próximas do litoral (ALMEIDA, 2000c: 289-290; LOURENÇO & al., 2014ad).

Distribuição/localização no Jardim: Escolas de Sistemática; Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

35. ***Corynephorus* P. Beauvois, nom. cons.**

Syn.: *Weingaertneria* Bernhardt

1. ***Corynephorus canescens* (L.) P. Beauvois**

= *Aira canescens* L. [basion.]

= *Avena canescens* (L.) Weber

= *Weingaertneria canescens* (L.) Bernhardt

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Aira, avena, barba de bode, barba de chibo, corinéforo, erva pinhoneira, veingartnéria, weingartnéria.

Endemismo eurasiático e mediterrânico, exclusivamente europeu e marroquino (DEVESA, 1991t: 130-132; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta calcífuga, com preferência por solos predominantemente arenosos (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 151-152), que se costuma encontrar em solos graníticos de textura

grosseira, sujeitos a intensa erosão laminar, com um horizonte superior diferencialmente enriquecido em areia grossa, saibro e cascalho (AGUIAR, 2000: 158), relativamente comum em Portugal, sobretudo no Centro e Sul (CARAPETO & al., 2014ac); outrora cultivada e actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

36. *Crypsis* Aiton, nom. conserv.

1. ***Crypsis alopecuroides*** (Piller & Mitterpacher von Mittelburg) Schrader
 = *Phleum alopecuroides* Piller & Mitterpacher von Mittelburg [basion.]
 = *Heleochloa alopecuroides* (Piller & Mitterpacher von Mittelburg) Host ex Roemer
Alopecurus fulvus Forsskål ex Steudel, nom. inval.
Alopecurus geniculatus Sibthorp ex Steudel, nom. inval.
Vilfa brachystachys J. Presl
 = *Agrostis brachystachys* (J. Presl) Schultes & Schultes fil.
 = *Crypsis alopecuroides* (Piller & Mitterpacher von Mittelburg) Schrader subsp. *brachystachys* (J. Presl) Trabut
 = *Heleochloa brachystachys* (J. Presl) K. Richter
Crypsis aegyptiaca Tausch
Crypsis alopecuroides Gussone ex Schultes & Schultes fil.
Crypsis alopecuroides (Piller & Mitterpacher von Mittelburg) Schrader var. *celakovskyi* Rohlena
 = *Heleochloa alopecuroides* (Piller & Mitterpacher von Mittelburg) Host ex Roemer var. *celakovskyi* (Rohlena) Soó
Crypsis geniculata Roemer & Schultes
Crypsis macrostachya Brotero
Crypsis nigricans Gussone
 = *Crypsis alopecuroides* (Piller & Mitterpacher von Mittelburg) Schrader var. *nigricans* (Gussone) Cosson
 = *Heleochloa alopecuroides* (Piller & Mitterpacher von Mittelburg) Host ex Roemer var. *nigricans* (Gussone) Soó
Crypsis phalaroides M. von Bieberstein
Crypsis schoenoides Hochstetter ex Steudel
Crypsis sicula Jan
 = *Crypsis alopecuroides* (Piller & Mitterpacher von Mittelburg) Schrader var. *sicula* (Jan) Ascherson & Graebner
Heleochloa alopecuroides (Piller & Mitterpacher von Mittelburg) Host ex Roemer f. *subvaginata* Hackel
Phalaris explicata Link
 = *Chilochloa explicata* (Link) Roemer & Schultes
 = *Crypsis explicata* (Link) F. Hermann
 = *Heleochloa explicata* (Link) Hackel ex Fritsch
Phalaris geniculata Smith
 Terófito. Origem: Nativa.
 Alguns nomes comuns possíveis: Alopécuro, alopécuro fulvo, cauda de raposa, crípsis, crípsis alopecuróide, crípsis da Sicília, crípsis de espigas grandes, crípsis do Egipto, crípsis egípcia, crípsis falaróide, crípsis fulva, crípsis siciliana, crípsis sícula, crípsis ténue, crípsis tenuíssima, erva alopécura, erva de raposa, erva raposeira, erva raposeta, erva raposinha, escova de raposa, escovilha de raposa, escovinha de raposa, fálaris, fléum, heleocloa, quilocloa.
 Endemismo eurasiático e norte-africano (VALDÉS & SCHOLZ, 2009; GRIN), já naturalizado nos Estados Unidos (GRIN); Planta ornamental herbácea anual, cespitosa, própria de sítios arenosos e húmidos como margens de rios, sendo em Portugal continental frequente sobretudo nas margens arenosas do baixo Tejo (TUTIN, 1980e: 258; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 210-211), espontânea e pouco comum em Portugal, actualmente extinta no Jardim.
 Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1991).
2. ***Crypsis schoenoides*** (L.) Lamarck
 = *Phleum schoenoides* L. [basion.]
 = *Heleochloa schoenoides* (L.) Host ex Roemer
 Terófito. Origem: Nativa.
 Alguns nomes comuns possíveis: Alopécuro, cauda de raposa, crípsis, erva alopécura, erva de raposa, erva raposeira, erva raposeta, erva raposinha, escova de raposa, escovilha de raposa, escovinha de raposa, fléum, heleocloa.

Endemismo eurasiático e mediterrânico, que também ocorre em Madagáscar e, como planta introduzida, na América do Norte (KIT TAN, 1985a: 585; VIERA, 1991: 266-268); Planta ornamental e ruderal herbácea anual, própria de sítios húmidos (TUTIN, 1980e: 258), espontânea e pouco comum em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

37. *Cymbopogon* Sprengel

1. *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf

= *Andropogon citratus* DC. [basion.]

Andropogon cerifer Hackel, *Andropogon ceriferus* Hackel

= *Andropogon nardus* L. subsp. *ceriferus* (Hackel) Hackel

= *Andropogon nardus* L. var. *ceriferus* (Hackel) Hackel

Andropogon citriodorus Desfontaines, nom. inval.

Andropogon fragrans C. Cordemoy

Andropogon roxburghii Nees ex Steudel

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Andropógon, andropógon aromático, andropógon cerífero, andropógon cítrico, andropógon citrino, andropógon de cheiro, andropógon de limão, andropógon de Roxburgh, andropógon-limão, andropógon limónico, cana, cana aromática, cana cidra, cana cidrosa, cana citrina, cana cítrica, cana citrosa, cana de cidra, cana de cheiro, cana de citrino, cana de limão, cana-limão, cana limónica, capim, capim cidreiro, capim cidró, capim cítrico, capim citrino, capim citroso, capim de santo, capim santo, chá cítrico, chá citrino, chá de cidra, chá de cidrão, chá de citrão, chá de citrino, chá de limão, chá de príncipe, chá principal, chá-príncipe, chá príncipesco, cimbopógon, cimbopógon cítrico, cimbopógon de limão, cimbopógon-limão, cimbopógon limónico, citroneira, citronela, erva capim, erva capinada, erva capineira, erva capinosa, erva cidra, erva cidreira, erva cidrosa, erva de capim, erva de cidra, erva do capim, erva dos perfumes, erva dos sabões, erva lima, erva-limão, erva limónica, erva limonosa, erva patchuli, erva perfumada, erva saboeira, erva saponária, falso patchuli, nardo, nardo aromático, nardo citrino, nardo cítrico, nardo de cheiro, nardo de limão, nardo de Roxburgh, nardo-limão, nardo limónico, nardo saboeiro, nardo saponário, pasto, pasto cítrico, pasto citrino, pasto de limão, pasto limão, pasto limónico, patchuli falso, sontol, verba luísa.

Endemismo provavelmente asiático, do Sul da Índia e da Ilha de Ceilão, com aroma de limão (HUXLEY & al., 1999a: 803; MABBERLEY, 2008: 245); Planta ornamental, aromática e medicinal herbácea perene, rica em óleos essenciais que são muito utilizados nas indústrias dos perfumes e dos sabões (ABBAS & EL-SAEID, 2012: 97), por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII); Escola Médica (TAVARES & al., 2009; MATOS, 2014).

38. *Cynodon* L.C.M. Richard, nom. conserv.

1. *Cynodon dactylon* (L.) Persoon

= *Panicum dactylon* L. [basion.]

= *Capriola dactylon* (L.) Kuntze

= *Milium dactylon* (L.) Moench

= *Paspalum dactylon* (L.) Lamarck

Cynodon glabratus Steudel

Dactylon officinale Villars

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agrama, agramão, agraminha, brama, bramão, canária, canhota, cerrenha, céspede, cínodon, coca, dente canino, dente de cão, dente de perro, engrama, engrame, engramão, erva arvense, erva canária, erva canina, erva daninha, erva da Páscoa, erva das culturas, erva de cão, erva de galinha, erva de galo, erva de perro, erva dedeira, erva digitada, erva digital, erva dos campos, erva dos cultivos, erva dos dedos, erva galinácea, erva galinha, erva grama, erva grameira, erva invasiva, erva invasora, erva pascal, erva pascalina, erva perruna, erva ruderal, escalracho, esgalracho, esquilracho, gambre, grama, grama branca, grama canária, grama cândida, grama canina, grama comum, grama comum das areias, grama comum das boticas, grama comum dos boticários, grama das boticas, grama dedeira, grama de galinha, grama de cão, grama de perro, grama digitada, grama digital, grama dos boticários, grama esbranquiçada, grama fino, grama nodosa, grama oficial, grama ordinária, grama vulgar, gramão, gramão branco, gramão cândido, gramão comum, gramão dedeiro, gramão digitado, gramão digital, gramão

esbranquiçado, gramão fino, gramão nodoso, gramão oficinal, gramão ordinário, gramão vulgar, graminha, graminha comum, graminha vulgar, graminheira, gramo, gromão, má erva, mala erva, pânico, pânico digitado, pânico digital, pânico dedeiro, pânico oficinal, pascoeira, pascoeriras, pascoinha, pascoinhas, pata de frango, pata de galinha, pata de galo, pata galinha, pé de galinha, pé de galo, pé galinha, rengo, riçada, serpolia, serpolha.

Endemismo eurasiático, norte-africano e macaronésico (VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta de distribuição actualmente cosmopolita ornamental, pratense, ruderal e medicinal (CLAUDINO & al., 2001: 42; GONZÁLEZ & al., 2010: 349), muito comum em Portugal (PORTELA-PEREIRA & al., 2014b), por vezes considerada invasora ou erva daninha em campos cultivados; Planta herbácea perene, estolhosa e rizomatosa, própria de locais secos, como margens de caminhos, sítios cultivados e incultos e locais ruderalizados (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 213).

39. *Cynosurus* L.

1. *Cynosurus cristatus* L.

= *Phleum cristatum* (L.) Scopoli

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cauda canina, cauda de cão, cinosuro, erva-burra, erva canina, erva de cão, rabo de cão, rabo de cão empanachado.

Endemismo eurasiático e macaronésico (DEVESA, 1991i: 69-70); Elemento euro-siberiano, muito apreciado para pastagens e relvados (MILL, 1985c: 512-513; TUTIN, 1980g: 171; ROMERO, 2011a: 321); Planta ornamental e forraginosa, espontânea e comum em Portugal, em lameiros de montanha, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ALVES, 1991; ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Cynosurus echinatus* L.

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cauda canina, cauda de cão, cinosuro, erva canina, erva de cão, rabo de cão.

Endemismo eurasiático e macaronésico; Elemento mediterrânico (MILL, 1985c: 513-514; DEVESA, 1991i: 70-72), de distribuição também atlântica (ROMERO, 2011a: 321); Planta herbácea pratense, ornamental e ruderal, própria de campos cultivados e locais abertos e secos (TUTIN, 1980g: 70-72), muito comum em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

3. *Cynosurus polybracteatus* Poiret

= *Cynosurus cristatus* L. subsp. *polybracteatus* (Poiret) Trabut

= *Cynosurus cristatus* L. var. *polybracteatus* (Poiret) Trabut

Cynosurus crista-galli Munby

Cynosurus multibracteatus Roemer & Schultes, nom. illeg.

Terófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Cauda canina, cauda canina de crista de galo, cauda de cão, cauda de cão de crista de galo, cinosuro, cinosuro de crista de galo, cinosuro de muitas brácteas, cinosuro de várias brácteas, cinosuro multibracteado, cinosuro polibracteado, crista de galo, erva canina, erva canina de crista de galo, erva de cão, erva de cão de crista de galo, rabo de cão, de crista de galo.

Endemismo da Região Mediterrânica, exclusivamente norte-africano: Argélia e Tunísia (CLAYTON & al., 2006; VALDÉS & SCHOLZ, 2009; MAIRE, 1955: 51-53); Elemento mediterrânico; Planta herbácea anual pratense e ornamental e ruderal, própria de clareiras de bosques, arrelvados algo húmidos e zonas irrigadas até os 2000 m de altitude, vicariante da espécie eurasiática pratense *Cynosurus cristatus* L. (MAIRE, l.c.), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

40. *Dactylis* L.

1. *Dactylis glomerata* L. subsp. *hispanica* (Roth) Nyman

= *Dactylis hispanica* Roth [basion.]

= *Dactylis glomerata* L. var. *hispanica* (Roth) Koch

Dactylis cylindracea Brotero

Terófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: *Dáctilis*, erva dactilóide, erva das moitas, erva digital, erva dos matos, erva dos montes, erva dos unheiros, erva panasca, erva panascal, erva panascosa, erva *panasqueira*, erva trigalinha, erva trigueira, erva trigueirinha, erva trigosa, lastão, panasco, panasco de folha estreita, pata de galinha, pata de galo, pé de galinha, pé de galo, trigalinha, trigueira, trigueira brava, trigueira bravia, trigueira selvagem, trigueira silvestre, trigueiras.

Endemismo eurasiático, mediterrânico e macaronésico (DEVESA, 1991u: 68; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental, pratense e ruderal herbácea perene muito comum em Portugal, onde se pode encontrar sobretudo no Centro e Sul, assim como em Trás-os-Montes e na bacia do rio Douro ou Região Duriense (CARAPETO & al., 2014ad), que pode surgir por exemplo enleada “no meio das moitas almofadadas” (GOMES PEDRO, 1991: 108).

Distribuição/localização no Jardim: Disseminada no Jardim e na Mata (VI.2010, Observ.!).

41. *Danthonia* DC., nom. conserv.

1. *Danthonia decumbens* (L.) DC.

= *Festuca decumbens* L. [basion.]

= *Sieglingia decumbens* (L.) Bernhardt

= *Triodia decumbens* (L.) P. Beauvois

Avena compacta Boissier & Heldreich

Danthonia decumbens (L.) DC. var. *breviglumis* Willkomm

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Aveia compacta, aveia de espigas compactas, dantónia, dantónia decumbente, siglínguia, siglínguia decumbente, trigo de água, triguilho de água, triódia, triódia decumbente.

Endemismo eurasiático, mediterrânico e macaronésico: arquipélagos dos Açores e da Madeira, introduzida noutras partes do Globo (DEVESA, 1987b: 418; ORTEGA, 1991e: 243; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta herbácea anual pratense e ornamental, semi-arrosetada, cespitosa (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 200), que se pode encontrar em locais húmidos como cervunais (ordem *Nardetalia strictae*, da classe de vegetação *Nardetea*), juncais, lameiros e turfeiras, espontânea e pouco comum em Portugal (ALMEIDA & al., 2014bv), onde se encontra sobretudo nas regiões montanhosas, outrora cultivada e talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

42. *Deschampsia* P. Beauvois

1. *Deschampsia cespitosa* (L.) P. Beauvois

= *Aira cespitosa* L. [basion.]

= *Agrostis cespitosa* (L.) Salisbury

= *Avena cespitosa* (L.) O. Kuntze

= *Campella cespitosa* (L.) Link

= *Podianapus cespitosus* (L.) Dulac

Deschampsia austrobohemica Deyl

= *Deschampsia cespitosa* (L.) P. Beauvois subsp. *austrobohemica* (Deyl) Conert

Deschampsia cespitosa (L.) P. Beauvois subsp. *alpicola* Chrtek & V. Jirásek

Deschampsia cespitosa (L.) P. Beauvois subsp. *gaudinii* K. Richter

= *Deschampsia gaudinii* (K. Richter) Landolt

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Aira, aira cespitosa, agróstis cespitosa, aveia cespitosa, campela, campela cespitosa, dechâmpsia, dechâmpsia cespitosa, podianapo, podianapo cespitoso.

Endemismo holoárctico e australásico (também se pode encontrar na Nova Zelândia e na Tasmânia), de muito vasta distribuição, que na região Mediterrânica se pode encontrar sobretudo em montanhas (CLARKE, 1980a: 225; DOĞAN, 1985d: 334-335; DEVESA, 1991j: 111-112; Valdés & Scholz, 2009); Planta ornamental e pratense herbácea perene, espontânea e pouco comum em Portugal, onde se pode encontrar sobretudo no Norte e Centro (ALMEIDA & AGUIAR, 2014bw), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

43. **Digitaria** Heister ex Haller1. **Digitaria sanguinalis** (L.) Scopoli= *Panicum sanguinale* L. [basion.]

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Digitária, erva deda, erva dedeira, erva digitada, milhã deda, milhã dedeira, milhã digitada.

Planta de muito vasta distribuição mundial: holoártica e naturalizada noutros locais (SCHOLZ, 1985c: 594), ornamental e ruderal, espontânea e muito comum em Portugal (ALMEIDA & al., 2014bu), em sítios húmidos herbosos, em arrozais e em terrenos cultivados, por vezes infestante (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 225).

Distribuição/localização no Jardim: Disseminada no Jardim e na Mata; comum (cf. J.D. ALMEIDA & A.C. MATOS, 2007: 137-138; X.2010, Observ.!).

44. **Dinebra** Jacquin1. **Dinebra retroflexa** (Vahl) Panzer= *Cynosurus retroflexus* Vahl [basion.]*Cynosurus coromandelianus* Rottler ex Hooker fil., nom. inval.*Cynosurus paniculatus* Roxburgh ex Hooker fil., nom. inval.*Dactylis madraspatensis* Roxburgh ex Hooker fil., nom. inval.*Dactylis paspaloides* Willdenow, nom. illeg.*Dinebra aegyptiaca* Delile, nom. illeg.*Dinebra arabica* Jacquin= *Leptochloa arabica* (Jacquin) Kunth*Dinebra brevifolia* Steudel= *Dinebra retroflexa* (Vahl) Panzer var. *brevifolia* (Steudel) T. Durand & Schinz*Dinebra paspaloides* P. Beauvois, nom. illeg.*Eleusine calycina* Roxburgh= *Leptochloa calycina* (Roxburgh) Kunth*Leptochloa coromandeliana* Steudel

Terófito. Origem: Regiões tropicais.

Alguns nomes comuns possíveis: Cauda canina, cauda canina coromandeliana, cauda canina coromandélica, cauda canina da Nova Zelândia, cauda canina de Coromandel, cauda canina do Egipto, cauda canina neozelandesa, cauda canina retroflexa, cauda de cão, cauda de cão retroflexa, cinosuro, cinosuro egípcio, cinosuro em panícula, cinosuro paniculado, cinosuro retroflexo, dátilis, dátilis coromandeliana, dátilis coromandélica, dátilis de Coromandel, dátilis madraspatense, dátilis paspalóide, dinebra, dinebra arábica, dinebra brevifolia, dinebra coromandeliana, dinebra coromandélica, dinebra da Arábia, dinebra da Nova Zelândia, dinebra de Coromandel, dinebra egípcia, dinebra do Egipto, dinebra egípcia, dinebra neozelandesa, dinebra paspalóide, dinebra retroflexa, eleusine, eleusine calicina, leptocloa, leptocloa calicina, leptocloa coromandeliana, leptocloa coromandélica, leptocloa da Nova Zelândia, leptocloa de Coromandel, leptocloa do Egipto, leptocloa egípcia.

Planta ornamental de muito vasta distribuição geográfica (CLAYTON & al., 2006), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

45. **Echinaria** Desfontaines1. **Echinaria capitata** (L.) Desfontaines= *Cenchrus capitatus* L. [basion.]= *Panicastrella capitata* (L.) Moench*Echinaria pumila* Willkomm= *Echinaria capitata* (L.) Desfontaines var. *pumila* (Willkomm) Willkomm

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cabecinha estrelada, cabecinha pinchuda, cencro, cencro capitado, cencro estrelado, desdenhosa, equinária, equinária capitada, equinária em estrela, equinária estrelada, erva de cabecinha, erva do Diabo, erva em estrela, erva estrelada, grama anual, grama em estrela, grama estrelada, panicastrela, panicastrela capitada, panicastrela estrelada.

Endemismo eurasiático e norte-africano, da Região Mediterrânica e do SW da Ásia e Sul da Europa, em ambientes abertos, sobretudo de natureza calcárea (TUTIN, 1980q: 177-178; DEVESA, 1991k: 81-82; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental anual espontânea e muito rara em Portugal, em sítios secos, incultos, taludes e lugares pedregosos, no Sul e na Terra Quente (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 65-66), talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII); Escola Médica (V.2001, Observ.!: ALMEIDA & al., 2003).

46. *Echinochloa* P. Beauvois

1. *Echinochloa crus-galli* (L.) P. Beauvois

= *Panicum crus-galli* L. [basion.]

= *Milium crus-galli* (L.) Moench

= *Oplismenus crus-galli* (L.) Dumortier

= *Orthopogon crus-galli* (L.) Sprengel

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Equinocloa, oplísmeno, ortopógon, pânico.

Planta de distribuição paleotropical, cuja distribuição inclui também a região do Cáucaso, originalmente descrita da Europa, actualmente subcosmopolita, naturalizada nas regiões temperadas e quentes de todo o Mundo (SCHOLZ, 1985b: 591; ROMERO, 2011d: 391; PROBATOVA & al., 2013); Planta ornamental e ruderal, espontânea e comum em Portugal (LOURENÇO & al., 2014ac).

Distribuição/localização no Jardim: Espontânea no Jardim e na Mata, embora pouco comum (VIII.1998, Observ.!).

47. *Ehrharta* Thunberg

1. *Ehrharta erecta* Lamarck

Terófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Erarta, erarta erecta.

Endemismo sul-africano (MABBERLEY, 2008: 298); Planta ornamental e ruderal anual, subespontânea e pouco comum em Portugal, proveniente de cultura abandonada no Jardim Botânico de Coimbra (PINTO DA SILVA, 1971: 299), primeiramente referida como planta subespontânea em Portugal por José Gonçalves Garcia (GARCIA, 1946: 422), embora frequente em Coimbra, talvez até mesmo potencialmente invasora (cf. ALMEIDA, 2014b).

Distribuição/localização no Jardim: Muito comum no Jardim e na Mata (ALMEIDA, 2005b; ALMEIDA & MATOS, 2007: 137-138).

48. *Eleusine* Gaertner

1. *Eleusine coracana* (L.) Gaertner

= *Cynosurus coracanus* L. [basion.]

Eleusine cerealis Ehrenberg ex Sweet

Eleusine cerealis Salisbury, nom. illeg.

Terófito. Origem: Regiões Tropicais.

Alguns nomes comuns possíveis: Cinosuro, cinosuro coracano, eleusine, eleusine cereal, eleusine coracana, sorgo africano, sorgo indiano, sorgo negro, sorgo preto.

Endemismo das regiões tropicais do Velho Mundo (HUXLEY & al., 1999: 149; ROSA, 2000: 239); Planta alimentar e ornamental anual exótica tropical, por vezes cultivada como cereal (CHEN & PHILLIPS, 2006a: 481), talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1991; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Escola Médica (ALMEIDA & al., 2003).

2. *Eleusine indica* (L.) Gaertner

= *Cynosurus indicus* L. [basion.]

Terófito. Origem: Regiões Tropicais.

Alguns nomes comuns possíveis: Cinosuro, cinosuro da Índia, cinosuro de arame, cinosuro indiano, cinosuro índico, eleusine eleusineda Índia, eleusine indiana, eleusine índica, erva-arame, erva de arame, erva de galinha, erva de galo, erva dos galináceos, erva galinácea, erva galinha, erva galinheira, erva pé-de-galinha, erva pé-de-galo, pé-de-galinha, pé-de-galo.

Endemismo das regiões tropicais do Velho Mundo (HUXLEY & al., 1999: 149; ROSA, 2000: 240); Planta ornamental forraginosa e medicinal (CHEN & PHILLIPS, 2006: 481), herbácea anual, subespontânea e pouco comum em Portugal, onde foi assinalada pela primeira vez em 1965, em Guimarães, em calçadas (PINTO DA SILVA, 1968: 6), potencialmente invasora.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1991; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Escola Médica (ALMEIDA & al., 2003).

49. *Elymus* L.

[Syn.: *Clinelymus* (Grisebach) Nevski; *Roegneria* Koch]

1. *Elymus caninus* (L.) L.

= *Triticum caninum* L. [basion.]

= *Agropyron caninum* (L.) P. Beauvois

= *Brachypodium caninum* (L.) Lindman

= *Goulardia canina* (L.) Husnot

= *Roegneria canina* (L.) Nevski

Agropyron donianum F.B. White

= *Roegneria doniana* (F.B. White) Melderis

Roegneria behmii Melderis

Triticum biflorum Brign.

= *Agropyron biflorum* (Brign.) Schultes

= *Agropyron caninum* (L.) P. Beauvois subsp. *biflorum* (Brign.) Arcangeli

Triticum rupestre Link

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agropíron, agropíron canino, agropíron de cão, agropíron doniano, braquipódio, braquipódio canino, braquipódio de cão, grama, grama canina, grama de cão, gulárdia, gulárdia canina, gulárdia de cão, roegnéria, roegnéria canina, roegnéria de Behm, roegnéria de cão, roegnéria doniana, grama dos cães, trigo canino, trigo das rochas, trigo de cão, trigo rupestre, trigo rupícola. Endemismo eurasiático; elemento euro-siberiano (MELDERIS, 1985a: 209; ORTEGA, 1991c: 187; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental anual espontânea e rara em Portugal, no Norte e Centro, geralmente em sítios frescos ou sombrios, preferentemente de montanha (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 89)

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Elymus virginicus* L.

= *Terrellia virginica* (L.) Lunell

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Centeio selvagem, centeio selvagem da Virgínia, élimo, élimo da Virgínia, élimo virginiano, élimo virgínico, terrélia, terrélia da Virgínia, terrélia virginiana, terrélia virgínica.

Endemismo norte-americano, dos Estados Unidos e do Canadá (HUXLEY & al., 1999: 154; GRIN; IPNI); Planta ornamental e forraginosa herbácea perene rizomatosa exótica, muito apreciada pelo gado (WIKIPEDIA), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

50. *Elytrigia* Desvaux

1. *Elytrigia juncea* (L.) Nevski

= *Triticum junceum* L. [basion.]

= *Agropyron junceum* (L.) P. Beauvois

= *Thinopyrum junceum* (L.) Á. Löve

Agropyron junceum (L.) P. Beauvois subsp. *mediterraneum* Simonet

= *Elitrygia mediterranea* (Simonet) Prokudin

Elymus multinodus Gould

Triticum farctum Viviani

= *Elytrigia farcta* (Viviani) Holub

= *Agropyron farctum* (Viviani) Rothmaler

= *Elymus farctus* (Viviani) Runemark ex Melderis

Thinopyrum runemarkii Á. Löve

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agropíron, agropíron mediterrânico, barba de abade, élimo, elitrígia, feno das areias, fenosa, grama, grama canina, grama costeira, grama de boi, grama de cão, grama do litoral, grama do mar, grama dos bois, grama dos cães, grama marinha, grama marítima, tinopírum, tinopírum de Runemark, trigo canino, trigo de cão, trigo de junco, trigo júnceo, trigo juncoso.

Endemismo das Regiões Euro-Mediterrânica e Macaronésica (HUXLEY & al., 1999a; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, espontânea e comum em Portugal, nas dunas costeiras e areais marítimos ou em arribas junto do mar (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 93).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Elytrigia repens* (L.) Nevski subsp. **repens**

= *Triticum repens* L. [basión.]

= *Agropyron repens* (L.) P. Beauvois

= *Elymus repens* (L.) Gould

Agropyron caesium J. Presl & C. Presl

= *Agropyron repens* (L.) P. Beauvois subsp. *caesium* (J. Presl & C. Presl) Rothmaler

= *Elymus caesius* (J. Presl & C. Presl) G.H. Loos

= *Elytrigia repens* (L.) Nevski subsp. *caesia* (J. Presl & C. Presl) Dostál

Agropyron caldesii Goiran

Agropyron maroccanum Sennen

Triticum littoreum Schumacher

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agropíron, agropíron de Marrocos, agropíron marroquino, barba de abade, élimo, elitrígia, feno das areias, grama, grama costeira, grama das areias, grama do litoral, grama do mar, grama marinha, grama marítima, trigo costeiro, trigo do mar, trigo litoral, trigo litóreo, trigo marinho, trigo marítimo.

Endemismo eurasiático e das regiões Macaronésica e Mediterrânica, de floração vernal e estival e vasta distribuição geográfica (MELDERIS, 1985a: 220-221; ORTEGA, 1991d: 187-188), próprio de terras cultivadas e de locais abandonados e degradados (MELDERIS, 1980a: 196); Planta ornamental e medicinal (LAUNERT, 1989: 222-223) herbácea perene rizomatosa, espontânea e pouco comum em Portugal, em terrenos incultos e como infestante persistente das terras cultivadas (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 91), talvez actualmente extinta no Jardim.

Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII); Escola Médica (ROSA, 2000: Anexo VII).

51. *Eragrostis* N.M. Wolf

1. *Eragrostis barrelieri* Daveau

Eragrostis pooides sec. auct. mad. (Valdés & Scholz, 2009)

Terófito. Origem: Regiões Tropicais.

Alguns nomes comuns possíveis: Eragróstis, eragróstis de Barrelier, erva amórica, erva amorosa, erva do amor, erva do amor de Barrelier.

Endemismo eurasiático, africano, mediterrânico e macaronésico, actualmente cosmopolita ou subcosmopolita (VIERA, 1991d: 260; VALDÉS & SCHOLZ, 2009; GRIN); Planta ornamental herbácea anual, eventualmente espontânea (VALDÉS & SCHOLZ, 2009) e rara em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1991; ROSA, 2000); Escolas de Sistemática e Escola Médica (TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Eragrostis curvula* (Schrader) Nees

= *Poa curvula* Schrader [basión.]

Eragrostis capillifolia Nees

Eragrostis chloromelas Steudel

Eragrostis curvula (Schrader) Nees var. *conferta* Stapf

Eragrostis curvula (Schrader) Nees var. *decolorans* Stapf

Eragrostis curvula (Schrader) Nees var. *valida* Stapf

Eragrostis huillensis Rendle

Eragrostis jeffreysii Hackel

Eragrostis lehmanniana var. *ampla* Stapf

Eragrostis poa Stapf
Eragrostis procerior Rendle
Eragrostis pubiculmis Jedwabn.
Eragrostis robusta Stent
Eragrostis subulata Nees
Eragrostis thunbergiana Steudel
Eragrostis thunbergiana Steudel var. *atrata* Schweinfurth
 = *Eragrostis curvula* (Schrader) Nees var. *atrata* (Schweinfurth) Cufodontis
Eragrostis valida Stent, nom. illeg.
Poa atrovirens Nees, nom. illeg.
Poa capensis Steudel
Poa filiformis Thunberg
 = *Eragrostis filiformis* (Thunberg) Nees, nom. illeg.
 Hemicriptófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Eragróstis, eragróstis capense, eragróstis capilar, eragróstis capilifolia, eragróstis curva, eragróstis curvada, eragróstis cúrvula, eragróstis de folhas capilares, eragróstis de Jeffreys, eragróstis de Thunberg, eragróstis do Cabo, eragróstis encurvada, eragróstis filiforme, eragróstis robusta, eragróstis thunberguiana, poa, poa curva, poa curvada, poa cúrvula, poa encurvada, poa filiforme.
 Endemismo sul-africano, da África do Sul: Província do Cabo (VIERA, 1991d: 258; IPNI); Planta rizomatosa subespontânea em Portugal continental; epécófito (VERLOOVE & SÁNCHEZ GULLÓN, 2012: 11), ruderal e arvense, que se pode encontrar em “Pastagens permanentes em solos arenosos e em taludes” (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 208), raramente cultivada e talvez actualmente extinta no Jardim.
 Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1991).

3. ***Eragrostis pilosa* (L.) P. Beauvois**

= *Poa pilosa* L. [basion.]
Eragrostis gracilis Velenovský
Poa verticillata Cavanilles
 = *Eragrostis verticillata* (Cavanilles) Roemer & Schultes
 Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Barba de alemão, barba de índio, barbicha de alemão, barbicha de índio, capim, capim-barba, capim barbado, capim barbicha de alemão, capim barbicha de índio, capim de barba, capim de barbicha, capim de orvalho, capim mimoso, capim orvalhado, capim-orvalho, capim panasco, capim panascoso, eragróstis, eragróstis elegante, eragróstis grácil, eragróstis pilosa, eragróstis vilosa, erva amórica, erva amorosa, erva barba, erva barbicha, erva de barba, erva de barbicha, erva do amor, erva do amor hirsuta, erva do amor peluda, erva do amor pilosa, erva do amor pubérula, erva do amor pubescente, erva do amor vilosa, panasco, poa pilosa, poa vilosa.

Endemismo eurasiático e africano, do Velho Mundo, actualmente cosmopolita ou subcosmopolita (VIERA, 1991d: 258; MABBERLEY, 2008: 311; VALDÉS & SCHOLZ, 2009; GRIN); Planta ornamental e ruderal herbácea anual, espontânea e rara em Portugal (ALMEIDA & PORTELA-PEREIRA, 2014bs), onde se pode encontrar em “Terras cultivadas e outros terrenos remexidos, geralmente arenosos”, dispersa de Norte a Sul (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 206-207).

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (VIII.1999, Observ.!).

52. ***Festuca* L.**

1. ***Festuca arundinacea* Schreber sensu lato**

= *Bromus arundinaceus* (Schreber) Roth
 = *Festuca elatior* L. subsp. *arundinacea* (Schreber) Čelakovský
 = *Festuca elatior* L. subsp. *arundinacea* (Schreber) Hackel
 = *Festuca elatior* L. var. *arundinacea* (Schreber) Wimmer
 = *Lolium arundinaceum* (Schreber) Darbyshire
 = *Schedonorus arundinaceus* (Schreber) Dumortier, nom. illeg.
Aira oryzetorum Sprengel
Avena secunda Salisbury, nom. illeg.
Bromus decolorans Reichenbach
 = *Festuca arundinacea* Schreber var. *decolorans* (Reichenbach) Mertens & Koch
 = *Festuca decolorans* (Reichenbach) Mertens & Koch ex Kunth
Bromus elatus Gueldenstein ex Ledebour
Bromus littoreus Retzius

- = *Festuca arundinacea* Schreber var. *littorea* (Retzius) Lilj.
- = *Festuca littorea* (Retzius) Lilj.
- = *Schedonorus littoreus* (Retzius) Tzvelev
- Bucetum elatius* (L.) Parnell var. *variegatum* Parnell
- Festuca articulata* De Notaris ex Parlatores, nom. inval.
- Festuca arundinacea* Schreber var. *aristata* Regel
- Festuca arundinacea* Schreber var. *baltica* Ascherson & Graebner
- = *Festuca arundinacea* Schreber f. *baltica* (Ascherson & Graebner) Beldie
- Festuca arundinacea* Schreber var. *glaucescens* Boissier
- = *Festuca elatior* L. var. *glaucescens* (Boissier) Hackel
- Festuca arundinacea* Schreber var. *obtusiflora* Schur
- = *Festuca arundinacea* Schreber f. *obtusiflora* (Schur) Beldie
- Festuca arundinacea* Schreber var. *podperae* Soó
- Festuca caerulescens* Tenore, nom. illeg.
- Festuca cretica* Hackel ex Nyman
- Festuca descolorans* Mertens & W.D.J. Koch
- Festuca elatior* L., nom. utique rejic.
- = *Bromus elatior* (L.) Koeler
- = *Bucetum elatius* (L.) Parnell
- = *Gnomonia elatior* (L.) Lunell
- = *Poa elatior* (L.) Moench
- = *Schedonorus elatior* (L.) P. Beauvois, nom. rejic.
- = *Tragus elatior* (L.) Panzer
- Festuca elatior* L. var. *aspera* Mutel
- = *Festuca arundinacea* Schreber var. *aspera* (Mutel) Ascherson & Graebner
- Festuca elatior* L. var. *atlantigena* St.-Yves
- = *Festuca arundinacea* Schreber var. *atlantigena* (St.-Yves) Auquier
- = *Festuca fenas* Lagasca var. *atlantigena* (St.-Yves) Cebolla & Rivas Ponce
- Festuca elatior* L. var. *cirtensis* St.-Yves
- = *Festuca arundinacea* Schreber subsp. *cirtensis* (St.-Yves) Gamisans
- Festuca elatior* L. var. *elbursiana* Vetter
- Festuca elatior* L. var. *letourneuxii* St.-Yves
- = *Festuca arundinacea* Schreber var. *letourneuxii* (St.-Yves) Torrec. & Catalán
- Festuca elatior* L. var. *minutiflora* (St.-Yves) Litardière
- Festuca elatior* L. var. *mutica* Chevallier
- Festuca elatior* L. f. *pseudomairei* Litardière & Maire
- = *Festuca elatior* L. f. *pseudomairei* (Litardière & Maire) Auquier
- Festuca elatior* L. var. *uechtritziana* Hackel
- Festuca fenas* Lagasca
- = *Festuca arundinacea* Schreber var. *fenas* (Lagasca) Arcangeli
- = *Festuca elatior* L. var. *fenas* (Lagasca) Hackel
- = *Poa fenas* (Lagasca) Steudel
- Festuca interrupta* Desfontaines
- = *Brachypodium interruptum* (Desfontaines) Roemer & Schultes
- = *Festuca arundinacea* Schreber subsp. *interrupta* (Desfontaines) Tzvelev
- = *Festuca arundinacea* Schreber var. *interrupta* (Desfontaines) Cosson & Durieu
- = *Festuca elatior* L. var. *interrupta* (Desfontaines) Coutinho
- = *Schedonorus interruptus* (Desfontaines) Tzvelev
- Festuca laxa* Gaudin
- Festuca loliacea* Lamarck, nom. illeg.
- = *Tragus loliaceus* (Lamarck) Panzer ex B.D. Jackson
- Festuca oryzetorum* Pollini
- Festuca pauneroi* Cebolla, López Rodríguez & Rivas Ponce
- Festuca pseudololiacea* Hackel, nom. inval.
- Festuca pseudololiacea* Fries
- = *Festuca elatior* L. var. *pseudololiacea* (Fries) Fries ex Ascherson
- Festuca regeliana* Pavlov
- Festuca regeliai* Pavlov, nom. inval.
- Festuca simplex* Boissier & Balansa
- Festuca tenax* Link, nom. inval.

Festuca uechtritziana Wiesbaur

= *Festuca arundinacea* Schreber subsp. *uechtritziana* (Wiesbaur) Hegi

= *Festuca arundinacea* Schreber var. *uechtritziana* (Wiesbaur) Beck

= *Schedonorus uechtritzianus* (Wiesbaur) Holub

Festuca uechtritziana Wiesb. var. *aristata* Podpera

Lolium festuca Raspail

Poa curvata Koeler

Poa kunthii Lindman

Poa phoenix Scopoli

= *Festuca phoenix* (Scopoli) Villars

= *Schedonorus phoenix* (Scopoli) Holub

Poa remota Kunth, nom. illeg.

Poa tenax Link, nom. illeg.

Tragus elatior Panzer ex B.D. Jackson

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Aira dos arrozais, aveia dos arrozais, aveia secundária, aveia segunda, braquipódio, braquipódio alto, braquipódio elevado, braquipódio interrompido, bromo, bromo alto, bromo arundináceo, bromo arundino, bromo costeiro, bromo descolorido, bromo descorado, bromo dos arrozais, bromo elevado, bromo litoral, bromo litóreo, bromo marítimo, bromo perene, buceto, buceto alto, buceto arundináceo, buceto arundino, buceto elevado, erva dos gnomos, erva gnoma, erva gnominha, erva gnomóide, erva gnomosa, esquadonoro, esquadonoro alto, esquadonoro arundináceo, esquadonoro arundino, esquadonoro elevado, festuca, festuca alta, festuca aristada, festuca articulada, festuca arundina, festuca arundinácea, festuca áspera, festuca atlântica, festuca azul, festuca azulada, festuca azul-celeste, festuca báltica, festuca celeste, festuca cerúlea, festuca córsica, festuca costeira, festuca cretense, festuca crética, festuca da Córsega, festuca da costa atlântica, festuca de Creta, festuca de flores pequenas, festuca de Paunero, festuca de Podpera, festuca de Regel, festuca descolorida, festuca descorada, festuca de Uechtritz, festuca do Atlântico, festuca do Báltico, festuca dos arrozais, festuca dura, festuca elbursiana, festuca elevada, festuca glaucescente, festuca interrompida, festuca interrupta, festuca laxa, festuca loliácea, festuca lolióide, festuca marítima, festuca mediterrânica, festuca micranta, festuca minutiflora, festuca mítica, festuca parviflora, festuca paunerana, festuca pauneriana, festuca regueliana, festuca resistente, festuca simples, festuca tenaz, gnomónia, gnomónia alta, gnomónia articulada, gnomónia arundina, gnomónia arundinácea, gnomónia elevada, lólio, lólio alto, lólio arundináceo, lólio arundino, lólio elevado, poa, poa alta, poa curva, poa curvada, poa de Kunth, poa dos pântanos, poa dos paúis, poa dura, poa elevada, poa fena, poa fénix, poa fenicóide, poa fenóide, poa kunthiana, poa remota, poa resistente, poa tenaz, poa uliginosa, squedonoro, squedonoro alto, squedonoro arundináceo, squedonoro arundino, squedonoro elevado, trago, trago alto, trago elevado.

Endemismo eurasiático, mediterrânico e macaronésico (arquipélagos dos Açores e das Canárias), que se pode encontrar em ervaçais, em vales, sob o coberto de arbustos e ao longo de orlas florestais, assim como nas margens dos rios e ao longo das costas marítimas, a altitudes até aos 1200 m (MARKGRAF-DANNENBERG, 1980: 132; LU & al., 2006: 233); Planta ornamental, forraginosa e pratense herbácea perene, espontânea em Portugal, por vezes cultivada como planta forrageira (MUÑOZ, 1991: 34), talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Festuca elegans* Boissier

Festuca merinoi Pau

= *Festuca elegans* Boissier subsp. *merinoi* (Pau) Fuente & Ortúñez

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Festuca, festuca elegante, festuca das montanhas, festuca montana.

Endemismo da Região Mediterrânica, Ibero-Magrebino (Portugal, Espanha e Marrocos), na Europa exclusivo da Península Ibérica, próprio de matos e bosques de montanha (MARKGRAF-DANNENBERG, 1980: 134); Esta gramínea, incluída no Anexo B-II da directiva Habitats (MINISTÉRIO DO AMBIENTE, Decreto-Lei n.º 140/99, de 24.IV.1999), para além de endemismo ibero-norte-africano (MUÑOZ, 1991: 38; FOGGI & MÜLLER, 2009), também já tem sido indicada como exclusivamente ibérico, segundo outros autores (por ex. ICN, 2006a); RAMOS LOPES & CARVALHO (1990) consideram que esta gramínea pascícola está em perigo de extinção; Planta ornamental herbácea perene cespitosa e rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Festuca nigrescens* Lamarck sensu lato

- = *Festuca duriuscula* L. var. *nigrescens* (Lamarck) Boissier
- = *Festuca fallax* Thullier var. *nigrescens* (Lamarck) Beck
- = *Festuca fallax* Thullier f. *nigrescens* (Lamarck) Hayek
- = *Festuca heterophylla* Lamarck var. *nigrescens* (Lamarck) Grisebach
- = *Festuca rubra* L. f. *nigrescens* (Lamarck) Beck
- = *Festuca rubra* L. subvar. *nigrescens* (Lamarck) Hackel ex Belli
- = *Festuca rubra* L. var. *nigrescens* (Lamarck) Lamarck
- = *Schedonorus nigrescens* (Lamarck) P. Beauvois
- Festuca amethystea* Pourret ex Nyman, nom. inval.
- Festuca denudata* Dumortier
- Festuca heterophylla* Lamarck var. *alpina* Godron
- Festuca heterophylla* Lamarck var. *alpina* Grenier & Godron, nom. superfl.
- Festuca pseudorubra* Schur
- Festuca rubra* L. subsp. *commutata* Gaudin
- = *Festuca rubra* L. var. *commutata* (Gaudin) Ducommun
- Festuca rubra* L. subsp. *fallax* sensu Markgraf-Dannenberg in Tutin & al. (1980), non *Festuca rubra* L. subsp. *fallax* (Thullier) Nyman (1882)
- Festuca rubra* L. subsp. *microphylla* St. Yves
- = *Festuca microphylla* (St. Yves) Patzke
- = *Festuca nigrescens* Lamarck subsp. *microphylla* (St. Yves) Markgraf-Dannenberg
- = *Festuca rubra* L. subsp. *microphylla* (St. Yves) O. Bolòs & Vigo
- Festuca rubra* L. subsp. *cespitosa* Hackel
- Festuca rubra* L. f. *heterophylla* Nyárády
- = *Festuca rubra* L. var. *heterophylla* (Nyárády) Soó
- Festuca versicolor* J. Presl ex Kunth, nom. inval.
- Festuca violacea* Seringe ex Gaudin subsp. *major* Hackel
- Festuca violacea* Seringe ex Gaudin f. *pubescens* Vetter
- Festuca violacea* Seringe ex Gaudin var. *pubescens* Ascherson & Graebner

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Festuca, festuca alpina, festuca anegrada, festuca avermelhada, festuca cespitosa, festuca de folhas diferentes, festuca de folhas pequenas, festuca desnuda, festuca dos Alpes, festuca enegrecida, festuca heterófila, festuca maior, festuca micrófila, festuca negra, festuca negrescente, festuca nigrescente, festuca nua, festuca parvifolia, festuca violácea, festuca violeta.

Endemismo eurasiático, exclusivamente europeu, embora já introduzido noutras regiões do Reino Holoárctico, próprio de arrelvados de montanha, como cervunais ou prados mesófilos, a altitudes até aos 2400 metros (MARKGRAF-DANNENBERG, 1980: 140; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 24; FOGGI & MÜLLER, 2009; DEvesa & al., 2014: 225-226); Planta ornamental, forraginosa e pratense herbácea perene, densamente cespitosa, espontânea e pouco comum em Portugal, nas montanhas do NW (FRANCO & ROCHA AFONSO, l.c.), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1988; ALVES, 1991).

4. *Festuca ovina* L. sensu lato

- = *Gnomonia ovina* (L.) Lunell
- Avena ovina* Salisbury
- Bromus ovinus* Scopoli
- Festuca agrestis* Wulfen ex Steudel, nom. inval.
- Festuca amethystina* L. var. *asperrima* Hackel ex Beal
- Festuca baumgarteniana* Schur, nom. inval.
- Festuca capillaris* Wulfen, nom. illeg.
- Festuca curvifolia* Lagasca ex Lange
- = *Festuca indigesta* Boissier subsp. *curvifolia* (Lagasca ex Lange) Rivas Martínez, Fuente & Ortúñez
- Festuca diffusa* V.N. Vassil., nom. illeg.
- Festuca duriuscula* L. var. *alpina* Wimmer
- = *Festuca ovina* L. var. *alpina* (Wimmer) Godron
- Festuca eskia* Lejeune, nom. illeg.
- Festuca filifolia* Link
- Festuca glauca* Villars var. *hallerioides* Schur

Festuca glauca Villars var. *scabrifolia* Hackel ex Rohlena
Festuca glaucantha Blocki
Festuca guestphalica Boenn. ex Reichenbach
Festuca hallerioides Schur, nom. inval.
Festuca heterophylla Wahlenberg, nom. illeg.
Festuca multiflora Suter, nom. illeg.
Festuca lasiantha Schur, nom. inval.
Festuca leucantha Schur
Festuca livida Schur, nom. inval.
Festuca mariettana E.B. Alexeev
Festuca multiflora Suter, nom. illeg.
Festuca nigra Gilibert
Festuca oligosantha Schur
Festuca ovina L. f. *aculeolata* Soó
Festuca ovina L. var. *angustifolia* Parnell
Festuca ovina L. subsp. *bigoudenensis* Kerguelen & Plonka
Festuca ovina L. subsp. *calligera* Piper
= *Festuca calligera* (Piper) Rydberg
Festuca ovina L. var. *calligera* Piper
Festuca ovina L. var. *centroapenninica* Markgraf-Dannenberg
= *Festuca centroapenninica* (Markgraf-Dannenberg) Foggi, F. Conti & Pignatti
Festuca ovina L. var. *chiisanensis* Ohwi
= *Festuca chiisanensis* (Ohwi) E.B. Alexeev
Festuca ovina L. var. *chosenica* Ohwi
Festuca ovina L. var. *elata* Drobow
= *Festuca ovina* L. subsp. *elata* (Drobow) Tzvelev
Festuca ovina L. f. *exilior* St.-Yves
Festuca ovina L. f. *firmuloides* St.-Yves
= *Festuca glauca* var. *firmuloides* (St.-Yves) Bidault
Festuca ovina L. var. *fissa* Vetter
Festuca ovina L. var. *fontqueriana* St.-Yves
= *Festuca fontqueriana* (St.-Yves) Romo
Festuca ovina L. var. *glaucofirmula* St.-Yves
Festuca ovina L. var. *glaucoidea* Vetter
= *Festuca glaucoidea* (Vetter) E.B. Alexeev
Festuca ovina L. var. *glaucoides* St.-Yves
Festuca ovina L. var. *jumpeiana* Ohwi
= *Festuca jumpeiana* (Ohwi) Kitagawa
Festuca ovina L. var. *juncifolia* Vetter
Festuca ovina L. subsp. *kandavanica* Vetter
Festuca ovina L. var. *kandavanica* Vetter
Festuca ovina L. var. *koreanoalpina* Ohwi
Festuca ovina L. var. *littoralis* Tzvelev
= *Festuca ovina* L. subsp. *littoralis* (Tzvelev) E.B. Alexeev
Festuca ovina L. var. *livida* Schur
Festuca ovina L. var. *malzevii* Litvinov
= *Festuca malzevii* (Litvinov) Reverd.
Festuca ovina L. var. *malzewii* Litvinov, orth. var.
= *Festuca malzewii* (Litvinov) Reverd.
Festuca ovina L. var. *marchandii* Litardière
Festuca ovina L. var. *maroccana* St.-Yves
Festuca ovina L. var. *maskerensis* Litardière
= *Festuca maskerensis* (Litardière) Romo
Festuca ovina L. var. *nipponica* Ohwi
= *Festuca ovina* L. subsp. *nipponica* (Ohwi) E.B. Alexeev
Festuca ovina L. var. *nitida* Beldie
Festuca ovina L. var. *paniciana* Hackel
Festuca ovina L. var. *pubiculmis* Ohwi
Festuca ovina L. var. *ruprechtii* Boissier
= *Festuca laevis* (Thunberg) Sprengel var. *ruprechtii* (Boissier) Fedtschenko

= *Festuca ovina* L. subsp. *ruprechtii* (Boissier) Tzvelev
 = *Festuca ruprechtii* (Boissier) V.I. Kreczetowicz & Bobrov
Festuca ovina L. var. *ruscinonensis* Litardière
Festuca ovina L. var. *senneniana* Litardière
Festuca ovina L. f. *submucronata* Soó
Festuca ovina L. var. *sulcifera* Ohwi
Festuca ovina L. subsp. *sytschuanica* E.B. Alexeev
Festuca ovina L. var. *tateyamensis* Ohwi
Festuca ovina L. var. *vulgaris* W.D.J. Koch
 = *Festuca vulgaris* (W.D.J. Koch) Hayek
Festuca ovina L. var. *vylzaniae* Vylzan ex E.B. Alexeev
Festuca ovina L. var. *weilleri* Litardière
 = *Festuca weilleri* (Litardière) Romo
Festuca ovina L. var. *yarochenkoi* St.-Yves
 = *Festuca yarochenkoi* (St.-Yves) E.B. Alexeev
Festuca pauciflora Schleicher, nom. inval.
Festuca pietrosii Zapalowicz
Festuca pratensis Honckeny, nom. illeg.
Festuca pumila Willkomm, nom. inval.
Festuca sauvagei Romo
Festuca sciaphila Schur
Festuca sphagnicola B. Keller
 = *Festuca ovina* L. subsp. *sphagnicola* (B. Keller) Tzvelev
Festuca trachyphylla (Hackel) Krajina f. *firmulacea* Markgraf-Dannenberg
Festuca valesiaca Schleicher ex Gaudin var. *lasiantha* Schur
Festuca verguinii Sennen
Festuca vorobievii Prob.
Poa setacea Koeler, nom. illeg.

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Aveia carneira, aveia das ovelhas, aveia dos carneiros, aveia ovelheira, aveia ovina, barceia, braceia, bromo, das ovelhas, aveia dos carneiros, bromo ovelheiro, bromo ovino, canhota, canhotilha, canota, canotilha, erva carneira, erva das ovelhas, erva do feno, erva do gado, erva dos carneiros, erva dos gnomos, erva fanal, erva fena, erva fenal, erva gnoma, erva gnominha, erva gnomóide, erva gnomosa, erva ovelheira, erva ovina, escovilha, escovilha das ovelhas, escovilha do gado, escovilha dos carneiros, escovilha ovelheira, escovilha ovina, fanal, fenal, festuca, festuca agreste, festuca alpina, festuca áspera, festuca aspérrima, festuca capilar, festuca carneira, festuca ciáfila, festuca comum, festuca coreana, festuca coreica, festuca costeira, festuca curvifólia, festuca da Coreia, festuca da costa, festuca das montanhas, festuca da sombra, festuca das turfeiras, festuca da Transilvânia, festuca de Baumgarten, festuca de flores glaucas, festuca de folhas ásperas, festuca de folhas curvas, festuca de folhas de junco, festuca de folhas escabras, festuca de folhas estreitas, festuca de folhas filiformes, festuca de Fontquer, festuca de Marchand, festuca de Marrocos, festuca de muitas flores, festuca de poucas flores, festuca de Ruprecht, festuca de Sauvage, festuca de Sennen, festuca de Verguin, festuca de Vorobiev, festuca de Vylzan, festuca de Weiller, festuca difusa, festuca do gado, festuca do Japão, festuca do litoral, festuca do mercador, festuca dos Alpes, festuca dos esfagnos, festuca dos lameiros, festuca dos prados, festuca dura, festuca duriúscula, festuca elegante, festuca escabrifólia, festuca esciáfila, festuca escura, festuca esfagnícola, festuca filifólia, festuca filiforme, festuca fontquerana, festuca fontqueriana, festuca glauca, festuca glaucanta, festuca japonesa, festuca japónica, festuca juncifólia, festuca juncóide, festuca leucanta, festuca litoral, festuca lívida, festuca magrebina, festuca marroquina, festuca montana, festuca multiflora, festuca negra, festuca nipónica, festuca nítida, festuca norte-africana, festuca ovelheira, festuca ovelhosa, festuca ovina, festuca pauciflora, festuca polianta, festuca pratense, festuca seneniana, festuca serrana, festuca transilvana, festuca vulgar, gnomónia, gnomónia alpina, gnomónia carneira, gnomónia das ovelhas, gnomónia dos carneiros, gnomónia ovelheira, gnomónia ovina, laborinho, leborinho, lèburinho, leburinho, listó, pão de carneiros, pão de cordeiros, poa, poa setácea.

Endemismo da Região Holoárctica, muito resistente ao frio, à seca e à acção do gado (HUBBARD, 1992: 129), nativa na Madeira mas não em Portugal continental (COSTA & al., 2004: 192; FOGGI & MÜLLER, 2009); Planta ornamental, forraginosa e pratense herbácea perene, por vezes cultivada em Portugal, pelo seu interesse para a alimentação do gado (ovino, por exemplo –daí o nome da espécie), talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. *Festuca petraea* Guthnick ex Seubert

Hemicriptófito. Origem: Açores.

Alguns nomes comuns possíveis: Bracel, bracel açoriano, bracel açórico, bracel da rocha, bracel das pedras, bracel das rochas, bracel dos penedos, bracel pétreo, bracejo, bracejo açoriano, bracejo açórico, bracejo da rocha, bracejo das pedras, bracejo das rochas, bracejo dos Açores, bracejo dos penedos, bracejo pétreo, bracês, bracês das rochas, bracês pétreo, braceu, braceu açoriano, braceu açórico, braceu da rocha, braceu das pedras, braceu das rochas, braceu dos penedos, braceu pétreo, feno, feno da rocha, feno das pedras, feno dos penedos, feno pétreo, festuca, festuca açoriana, festuca açórica, festuca das pedras, festuca das rochas, festuca dos Açores, festuca dos penedos, festuca pétrea.

Endemismo exclusivamente açórico, onde ocorre nas nove ilhas, em locais rochosos, sobretudo costeiros, junto ao mar, geralmente abaixo dos 150 m ou 200 m de altitude (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 22-23; SJÖGREN, 2001: 40; ELIAS & SILVA, 2008; JORGE & al., 2011; WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea perene cespitosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1991; ALVES, 1992; ALVES, 1993).

6. *Festuca richardsonii* Hooker

= *Festuca rubra* L. subsp. *richardsonii* (Hooker) Hultén

Festuca cryophila V.I. Kreczetowicz & Bobrov

Festuca rubra L. f. *arctica* Hackel

= *Festuca rubra* L. subsp. *arctica* (Hackel) Govoruchin

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Festuca, festuca ártica, festuca avermelhada, festuca de Richardson, festuca do Ártico, festuca rubra, festuca vermelha.

Endemismo da Região Holoártica, muito resistente ao frio, originalmente herborizado por Sir John Richardson (o lectótipo é conservado em Kew), que se pode encontrar na Europa ártica e subártica (MARKGRAF-DANNENBERG, 1980: 141; FOGGI & MÜLLER, 2009; IPNI); Planta ornamental herbácea perene cespitosa e rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

7. *Festuca rubra* L. sensu lato

= *Festuca duriuscula* L. var. *rubra* (L.) Alph. Wood

= *Festuca ovina* L. subsp. *rubra* (L.) Hooker fil.

= *Festuca ovina* L. var. *rubra* (L.) Smith

= *Gramen rubrum* (L.) E.H.L. Krause

Avena dura Salisbury

Bromus glaucus Sprengel, nom. illeg.

Bromus secundus J. Presl

Festuca alpestris Wulfen, nom. illeg.

Festuca alpigena Wulfen, nom. inval.

Festuca ammobia Pavlick

Festuca arenaria Retzius, nom. illeg.

Festuca arenaria Osbeck

= *Festuca rubra* L. subsp. *arenaria* (Osbeck) Aresch.

= *Festuca rubra* L. subsp. *arenaria* (Osbeck) O. Schwarz

= *Festuca rubra* L. subsp. *arenaria* (Osbeck) Syme

= *Festuca rubra* L. var. *arenaria* (Osbeck) Fries

Festuca askelofiana Schultes

Festuca atlantigena (Litardière) Romo

Festuca acuta V.I. Kreczetowicz & Bobrov

Festuca aurasiaca Trabut

Festuca baicalensis (Grisebach) V.I. Kreczetowicz & Bobrov

Festuca balearica Zuccagni

Festuca baltica Homann ex Mertens & W.D.J. Koch

Festuca briquetii St.-Yves

Festuca cambrica Hudson

= *Festuca rubra* L. var. *cambrica* (Hudson) Smith

Festuca cryophila V.I. Kreczetowicz & Bobrov

- = *Festuca richardsonii* Hooker subsp. *cryophila* (V.I. Kreczetowicz & Bobrov) Á. Löve & Löve
- = *Festuca rubra* L. subsp. *cryophila* (V.I. Kreczetowicz & Bobrov) Hultén
- = *Festuca rubra* L. var. *cryophila* (V.I. Kreczetowicz & Bobrov) Reverd.
- Festuca dumetorum* L.
- = *Festuca duriuscula* L. var. *dumetorum* (L.) Hudson
- = *Festuca rubra* L. subsp. *dumetorum* (L.) Hackel
- = *Schedonorus dumetorum* (L.) P. Beauvois
- Festuca dumetorum* Hegetschweiler, nom. illeg.
- Festuca dumetorum* L. f. *planifolia* (Hackel) Druce
- = *Festuca juncifolia* St.-Amans subsp. *planifolia* (Hackel) Druce
- = *Festuca planifolia* (Hackel) Fritsch
- Festuca duriuscula* L.
- = *Festuca ovina* L. subsp. *duriuscula* (L.) Kozłowska
- = *Festuca ovina* L. var. *duriuscula* (L.) W.D.J. Koch
- = *Festuca ovina* L. var. *duriuscula* (L.) Hackel
- = *Festuca rubra* L. subsp. *duriuscula* (L.) Syme
- Festuca duriuscula* L. var. *rubra* Parnell
- Festuca duriuscula* Duthie
- Festuca duriuscula* O.F. Müller, nom. illeg.
- Festuca egena* V.I. Kreczetowicz & Bobrov
- Festuca eriantha* Honda
- Festuca fallace* f. *longifolia* Zapater
- Festuca fallax* Thullier
- = *Festuca rubra* L. subsp. *fallax* (Thullier) Nyman
- = *Festuca rubra* L. var. *fallax* (Thullier) Hackel
- Festuca fallax* Thuillier f. *longifolia* Zapalowicz
- Festuca halleri* Puccin., nom. illeg.
- Festuca helgolandica* Patzke
- Festuca glabra* Lightfoot
- Festuca glauca* Planellas ex Willkomm & Lange, nom. inval.
- Festuca glaucescens* Hegetschweiler, nom. illeg.
- Festuca inopoda* Schur
- Festuca kirelowii* Steudel
- Festuca kitaibeliana* Schultes, nom. illeg.
- Festuca laevis* (Hackel) Trabut ex Battandier & Trabut
- = *Festuca ovina* L. var. *laevis* Hackel
- Festuca longifolia* Hegetschweiler
- Festuca michiganica* E.B. Alexeev
- Festuca musashiensis* Honda
- Festuca nankotaizanensis* Ohwi
- Festuca niitakensis* (Ohwi) Ohwi
- Festuca oregona* Vasey
- = *Poa setifolia* var. *oregona* (Vasey) Vasey
- Festuca ovina* L. var. *psammophila* Kozłowska
- Festuca pallidiuscula* Gandoger
- Festuca paucispicula* Fuente & Sánchez Mata
- Festuca paucispiculata* Howarth ex St.-Yves, nom. inval.
- Festuca pluriflora* D.M. Chang, nom. illeg.
- Festuca polonica* Zapalowicz
- Festuca poliantha* Haller fil. ex Steudel, nom. inval.
- Festuca pratensis* Schreber, nom. illeg.
- Festuca pseudonemorum* Schur, nom. inval.
- Festuca pseudorubra* Schur
- Festuca pseudorubra* Schur var. *subhomophylla* Schur
- Festuca pubescens* Willdenow
- Festuca repens* Knapp
- Festuca repens* Hegetschweiler, nom. illeg.
- Festuca rubra* L. var. *alaica* Drobow
- Festuca rubra* L. f. *arctica* Hackel
- Festuca rubra* L. subsp. *arctica* (Hackel) Govor.

- Festuca rubra* L. var. *arenicola* E.B. Alexeev
Festuca rubra L. var. *atlantigena* Litardière
Festuca rubra L. var. *baicalensis* Grisebach
 = *Festuca rubra* L. subsp. *baicalensis* (Grisebach) Tzvelev
Festuca rubra L. var. *barbata* Hackel
Festuca rubra L. var. *clarkei* Stapf
 = *Festuca rubra* L. subsp. *clarkei* (Stapf) St.-Yves
 = *Festuca clarkei* (Stapf) B.S. Sun
Festuca rubra L. var. *commutata* Gaudin
Festuca rubra L. subsp. *corcovadensis* St.-Yves
Festuca rubra L. subsp. *daghestanica* Tzvelev
 = *Festuca daghestanica* (Tzvelev) E.B. Alexeev
Festuca rubra L. f. *grandiflora* (Hackel) Beldie
Festuca rubra L. subsp. *densiuscula* Hackel ex Piper
 = *Festuca densiuscula* (Hackel ex Piper) E.B. Alexeev
 = *Festuca rubra* L. var. *densiuscula* (Hackel ex Piper) Hitchcock
Festuca rubra L. var. *densiuscula* Piper
Festuca rubra L. var. *duriuscula* Gaudin
Festuca rubra L. subsp. *fontquerii* Litardière
 = *Festuca fontquerii* (Litardière) Romo, nom. illeg.
Festuca rubra L. var. *fraterculae* RaSmith
 = *Festuca richardsonii* Hooker subsp. *fraterculae* (RaSmith) Á. Löve & Löve
 = *Festuca rubra* L. subsp. *fraterculae* (RaSmith) Á. Löve & Löve
Festuca rubra L. f. *glabra* Auquier
Festuca rubra L. f. *glabrata* Hultén
Festuca rubra L. subsp. *glabripicula* St.-Yves & Litardière
Festuca rubra L. subsp. *glaucodea* Piper
Festuca rubra L. var. *hondoensis* Ohwi
Festuca rubra L. subsp. *kitaibeliana* Piper
Festuca rubra L. var. *lanuginosa* Mertens & W.D.J. Koch
 = *Festuca lanuginosa* (Mertens & W.D.J. Koch) Scheele
 = *Festuca rubra* L. subsp. *lanuginosa* (Mertens & W.D.J. Koch) Piper
Festuca rubra L. subsp. *limosa* E.B. Alexeev
Festuca rubra L. var. *litoralis* G. Meyer
 = *Festuca rubra* L. subsp. *litoralis* (G. Meyer) Auquier
Festuca rubra L. var. *litoralis* Vasey ex Beal, nom. illeg.
Festuca rubra L. var. *mediana* Pavlick
 = *Festuca rubra* L. subsp. *mediana* (Pavlick) Pavlick
Festuca rubra L. var. *megastachya* Gaudin
 = *Festuca rubra* L. f. *megastachya* (Gaudin) Holmboe
 = *Festuca rubra* L. subsp. *megastachya* (Gaudin) Piper
Festuca rubra L. var. *megastachys* Gaudin
 = *Festuca rubra* L. f. *megastachys* (Gaudin) Holmboe
Festuca rubra L. var. *musakiensis* (Honda) Ohwi
Festuca rubra L. var. *mutica* Holmboe
Festuca rubra L. var. *nankotaizanensis* Ohwi
Festuca rubra L. var. *niitakensis* Ohwi
Festuca rubra L. var. *pacifica* Honda
Festuca rubra L. var. *paludicola* Komarov
Festuca rubra L. var. *pauciflora* Scribner
Festuca rubra L. var. *planifolia* Hackel
Festuca rubra L. subsp. *pluriflora* N.R. Cui
Festuca rubra L. subsp. *pseudorivularis* Markgraf-Dannenberg
Festuca rubra L. f. *pseudovivipara* Pavlick
 = *Festuca pseudovivipara* (Pavlick) Pavlick
Festuca rubra L. f. *psilolemma* Pavlick
Festuca rubra L. var. *radnensis* Soó
Festuca rubra L. subsp. *scabrescens* Hackel ex Trabut
 = *Festuca rubra* L. var. *scabrescens* (Hackel ex Trabut) St.-Yves
 = *Festuca scabrescens* (Hackel ex Trabut) Battandier & Trabut

= *Festuca trichophylla* (Ducros ex Gaudin) K. Richter subsp. *scabrescens* (Hackel ex Trabut) Catalán & Stace

Festuca rubra L. subsp. *scotica* S. Cunningham ex Al-Bermani

Festuca rubra L. var. *squarrosa* Fries & Hartmann

= *Festuca rubra* L. f. *squarrosa* (Fries & Hartmann) Holmboe

Festuca rubra L. var. *stapfiana* St.-Yves

Festuca rubra L. subsp. *subheterophylla* Nyárády

= *Festuca heterophylla* Lamarck var. *subheterophylla* (Nyárády) Soó

= *Festuca rubra* L. f. *subheterophylla* (Nyárády) Beldie

Festuca rubra L. subsp. *thessalica* Markgraf-Dannenberg

Festuca rubra L. var. *yvesiana* Litardière & Maire

= *Festuca rubra* L. subsp. *yvesiana* (Litardière & Maire) O. Bolòs & Vigo

= *Festuca yvesiana* (Litardière & Maire) Romo

Festuca salina G. Natho & G. Stohr

Festuca salina Kerner ex Hackel

= *Festuca pseudovina* var. *salina* (Kerner ex Hackel) Soó

Festuca septiflora Honckeny

Festuca siracusana Jan ex Steudel, nom. inval.

Festuca steineri Patzke

Festuca subcontorta Gandoger

Festuca unifaria Dumortier

Festuca vallicola Rydberg

= *Festuca rubra* L. subsp. *vallicola* (Rydberg) Pavlick

Festuca vaudensis Rouy

Festuca villiflora Steudel

Festuca viridis Panzer ex Schultes

Festuca waldsteinii Degen

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Esquedonor, festuca, festuca alpestre, festuca alpina, festuca ártica, festuca arenária, festuca avenácea, festuca avermelhada, festuca baicalense, festuca balear, festuca báltica, festuca barbada, festuca briquética, festuca briquetina, festuca câmbrica, festuca costeira, festuca da costa, festuca da Escócia, festuca daguestânica, festuca da Helvécia, festuca das areias, festuca das Baleares, festuca das salinas, festuca da Sicília, festuca da Suíça, festuca das turfeiras, festuca da Tessália, festuca de Briquet, festuca de Cambridge, festuca de Câmbría, festuca de Cambrígia, festuca de Clark, festuca de flores grandes, festuca de flores hirsutas, festuca de flores pilosas, festuca de flores vilosas, festuca de folhas diversas, festuca de folhas longas, festuca de folhas planas, festuca de Haller, festuca de Helgolândia, festuca de Heligolândia, festuca de junco, festuca de Kitaibel, festuca de lâ, festuca de lebre, festuca de limo, festuca de muitas flores, festuca densa, festuca densiúscula, festuca de poucas flores, festuca de sete flores, festuca de Siracusa, festuca de Steiner, festuca de St.-Yves, festuca de Stapf, festuca de Waldstein, festuca de Yves, festuca diversifolia, festuca do Ártico, festuca do Báltico, festuca do Daguestão, festuca do frio, festuca do litoral, festuca do Michigan, festuca do Pacífico, festuca dos Alpes, festuca dos areais, festuca dos lameiros, festuca dos matos, festuca dos pântanos, festuca dos paúis, festuca dos prados, festuca dos salgados, festuca dos salgadiços, festuca dos vales, festuca dura, festuca duriúscula, festuca encarnada, festuca escabra, festuca escabrescente, festuca escabrosa, festuca escocesa, festuca escócica, festuca esverdeada, festuca eurasiática, festuca glabra, festuca glabrescente, festuca glauca, festuca glaucescente, festuca grandiflora, festuca haleriana, festuca helgolândica, festuca heligolândica, festuca helvética, festuca heptanta, festuca holártica, festuca holoártica, festuca ivesiana, festuca juncifolia, festuca juncóide, festuca juncosa, festuca kitaibeliana, festuca lanuginosa, festuca leburinha, festuca leburinha, festuca leporina, festuca leve, festuca limosa, festuca litoral, festuca litórea, festuca longifolia, festuca longuifolia, festuca mediana, festuca michigânica, festuca multiflora, festuca nemoral, festuca norte-americana, festuca pacífica, festuca pálida, festuca paludícola, festuca paludosa, festuca pauciflora, festuca pilosa, festuca planifolia, festuca pluriflora, festuca polianta, festuca pratense, festuca psamófila, festuca pseudonemoral, festuca pubescente, festuca roxa, festuca rubra, festuca rubrescente, festuca salina, festuca septiflora, festuca siberiana, festuca siciliana, festuca sícula, festuca siracusana, festuca stapfiana, festuca steineriana, festuca subcontorcida, festuca subcontorta, festuca suíça, festuca tessálica, festuca valícola, festuca vaudense, festuca verde, festuca vermelha, festuca vilosa, gespete, gespeto, grâmen, grâmen avermelhado, grâmen rubro, grâmen vermelho, gramínea avermelhada, gramínea rubra, gramínea vermelha, laborinho, leborinho, leburinho, leburinho, listó, pão carneirinho, pão carneiro, pão cordeirinho, pão cordeiro, pão de carneiros, pão de cordeiros, squedonor.

Endemismo eurasiático e norte-africano (FOGGI & MÜLLER, 2009), actualmente cosmopolita (WIKIPEDIA); Planta ornamental, forraginosa e pratense perene cespitosa ou rizomatosa, própria de sítios húmidos, por vezes em altitudes elevadas, em solos siliciosos ou neutros (TELES, 1970; WIKIPEDIA), espontânea e pouco comum em Portugal (SILVEIRA & ALMEIDA, 2014), também por vezes cultivada, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1991; ALVES, 1992; ALVES, 1993; ROSA, 2000; Rosa, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

8. ***Festuca valesiaca* Schleicher ex Gaudin subsp. *sulcata* (Hackel) Schinz & R. Keller**

= *Festuca ovina* L. var. *sulcata* Hackel [basion.]

= *Festuca ovina* L. subsp. *sulcata* (Hackel) Hackel

= *Festuca stricta* Host subsp. *sulcata* (Hackel) Pils

= *Festuca sulcata* (Hackel) Nyman

= *Festuca sulcata* (Hackel) Beck

Festuca rupicola Heuffel

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Festuca, festuca alpina, festuca rupestre, festuca rupícola, festuca sulcada. Endemismo eurasiático, extra-ibérico, próprio de prados alpinos, taludes gramíneos de montanha, fendas de rochas e estepes alpinas, em regiões montanhosas, a altitudes dos 1800 até aos 4500 m (LU & al., 2006: 240-241; FOGGI & MÜLLER, 2009), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII).

9. ***Festuca valesiaca* Schleicher ex Gaudin subsp. *valesiaca***

= *Festuca duriuscula* L. var. *valesiaca* (Schleicher ex Gaudin) Čelakovský

= *Festuca ovina* L. subsp. *valesiaca* (Schleicher ex Gaudin) Kozłowska

= *Festuca ovina* L. var. *valesiaca* (Schleicher ex Gaudin) Link

= *Festuca ovina* L. var. *valesiaca* (Schleicher ex Gaudin) W.D.J. Koch

Festuca craiovensis Buia & A. Nyárády

= *Festuca valesiaca* Schleicher ex Gaudin f. *craiovensis* (Buia & A. Nyárády) Beldie

= *Festuca valesiaca* Schleicher ex Gaudin subsp. *craiovensis* (Buia & A. Nyárády) Beldie

Festuca duriuscula L. subsp. *parviflora* Hackel

Festuca duriuscula L. var. *parviflora* Hackel

= *Festuca valesiaca* Schleicher ex Gaudin subsp. *parviflora* (Hackel) R. Tracey

Festuca duriuscula L. var. *tenuis* Hackel

= *Festuca valesiaca* Schleicher ex Gaudin var. *tenuis* (Hackel) Krajina

Festuca kirghisorum Kaschenko, nom. inval.

Festuca meredisensis A. Nyárády

Festuca rupicola Heuffel subsp. *kirghisorum* Tzvelev

= *Festuca kirghisorum* (Tzvelev) E.B. Alexeev

= *Festuca valesiaca* Schleicher ex Gaudin subsp. *kirghisorum* (Tzvelev) Tzvelev

Festuca squamulosa Ovcz. & Shibkova

Festuca sulcata (Hackel) Beck f. *subrupicola* Nyárády

= *Festuca meredisensis* A. Nyárády f. *subrupicola* (Nyárády) Soó

Festuca valesiaca Schleicher ex Gaudin f. *banatica* Degen

= *Festuca valesiaca* Schleicher ex Gaudin var. *banatica* (Degen) Beldie

Festuca valesiaca Schleicher ex Gaudin f. *krajinae* Soó

Sesleria valesiaca P. Beauvois ex Steudel, nom. inval.

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Festuca, festuca alpina, festuca banática, festuca da Helvécia, festuca da Krajina, festuca da montanha, festuca da Quirguízia, festuca das montanhas, festuca das rochas, festuca da Suíça, festuca de flores pequenas, festuca de Krajina, festuca de Valais, festuca do Banato, festuca dos Alpes, festuca dos quirguizes, festuca dos vales, festuca helvética, festuca minutiflora, festuca parviflora, festuca rupestre, festuca rupícola, festuca subrupícola, festuca suíça, festuca valesiaca, festuca valesiana, selséria, selséria valesiaca, selséria valesiana.

Endemismo eurasiático, que se encontra sobretudo em estepes e arrelvados subalpinos, taludes gramíneos e margens de estradas e caminhos, em regiões montanhosas, a altitudes dos 400 até aos 3700 m (MARKGRAF-DANNENBERG, 1980: 152; MARKGRAF-DANNENBERG, 1985: 432; LU & al., 2006: 240; FOGGI & Müller, 2009); O tipo foi herborizado em Branson, no cantão suíço de Valais, por Gaudin (MARKGRAF-

DANNENBERG, *l.c.*); Planta ornamental herbácea perene cespitosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

53. *Hainardia* Greuter

1. *Hainardia cylindrica* (Willdenow) Greuter

= *Rottboelia cylindrica* Willdenow [basion.]

= *Monerma cylindrica* (Willdenow) Coss. & Dur.

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Hainárdia, monerma, rotboélia.

Endemismo das Regiões Eurasiática, Mediterrânica e Macaronésica, próprio de solos salinos ou gipsáceos (TUTIN, 1980p: 244; RUIZ, 1991a: 78); Planta ornamental e ruderal herbácea anual, espontânea e pouco comum em Portugal (cf. ALMEIDA, 2014e).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

54. *Helictochloa* Romero Zarco

1. *Helictochloa planiculmis* (Schrader) Romero Zarco

= *Avena planiculmis* Schrader [basion.]

= *Avenastrum planiculme* (Schrader) Opiz

= *Avenochloa planiculmis* (Schrader) Holub

= *Avenula planiculmis* (Schrader) W. Sauer & Chmelitschek

= *Helictotrichon planiculme* (Schrader) Pilger

= *Heuffelia planiculmis* (Schrader) Schur

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Aveia, aveia pequena, aveinha, avena, avenastro, avenocloa, avénula, helictocloa, helictotrícon.

Endemismo eurasiático, exclusivo da Europa central e oriental e da Anatólia (DOĞAN, 1985: 312-313; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental herbácea perene exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (Matos, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

55. *Helictotrichon* Besser

1. *Helictotrichon sempervirens* (Villars) Pilger

= *Avena sempervirens* Villars [basion.]

= *Avenula sempervirens* (Villars) Dumortier

Avena fallax Roemer & Schultes

Avena notarisii Parlato

= *Avena sempervirens* Villars subsp. *notarisii* (Parlato) Nyman

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Aveia, aveia alpina, aveia brava, aveia das rochas, aveia de Notaris, aveia dos Alpes, aveia sempreverde, avénula avénula alpina, avénula dos Alpes, avénula avénula sempreverde, helictotrícon, helictotrícon alpino, helictotrícon das rochas, helictotrícon dos Alpes, helictotrícon sempreverde.

Endemismo exclusivamente europeu, alpino e calcícola, que ocorre apenas na França e na Itália, próprio de locais rochosos e pastagens pedregosas calcárias (HOLUB, 1980a: 209; PIGNATTI, 1982c: 551; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental e ruderal herbácea perene cespitosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (Matos, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

56. *Hesperostipa* (M.K. Elias) Barkworth

= *Stipa* L. sect. *Hesperostipa* M.K. Elias [basion.]

1. *Hesperostipa spartea* (Trinius) Barkworth

= *Stipa spartea* Trinius [basion.]

Stipa lobata Swallen

= *Achnatherum lobatum* (Swallen) Barkworth

Stipa robusta Duthie

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Acnátero, estipa, hesperostipa, stipa, stipa robusta.

Endemismo norte-americano, das Montanhas Rochosas dos Estados Unidos (IPNI; MABBERLEY, 2008: 403); Planta ornamental herbácea perene, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

57. *Holcus* L.

1. *Holcus annuus* Salzmänn ex C.A. Meyer subsp. *setiglumis* (Boissier & Reuter) M. Sequeira & Castroviejo

= *Holcus setiglumis* Boissier & Reuter [basion.]

Holcus annuus Cosson & Durieu

Holcus annuus Salzmänn, nom. nud.

Holcus lanatus L. raça *annuus* Salzmänn ex Sampaio, nom. inval.

Holcus notarisii Nyman

= *Holcus lanatus* L. var. *notarisii* (Nyman) Ascherson & P. Graebner

Holcus setiger De Notaris & Parlatores (1848), nom. illeg., non Nees (1832)

= *Holcus lanatus* L. var. *setiger* (De Notaris & Parlatores) Fiori

Holcus setosus Trinius

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Holco, holco anual, holco ânuo, holco de Notaris, holco de vida breve, holco de vida curta, holco notarísio, holco sedoso, holco setígero, holquinho.

Endemismo da Região Mediterrânica: Argélia, Espanha, Itália, Grécia, Marrocos, Portugal, Tunísia; Elemento Mediterrânico, de floração primaveril ou vernal (TUTIN, 1980u: 230-231; DOĞAN, 1985n: 340-341; ROMERO ZARCO, 1987d: 332; DEVESA, 1991d: 137-138; MENEZES DE SEQUEIRA, 2003; MENEZES DE SEQUEIRA & CASTROVIEJO, 2006: 236; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental herbácea anual, muito raramente cultivada em Portugal, onde ocorre espontânea no Sul (PEREIRA & al., 2014d), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ALVES, 1988; ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Holcus gyanus* Boissier

Aira sicula Sprengel

Hierochloe parviflora C. Presl

Holcus durieus Steudel

Holcus tenuis Trinius

Holcus tenuis Gay ex Lacaita

Alguns nomes comuns possíveis: Aira, aira siciliana, aira sícula, hierocloe, hierocloe micrantha, hierocloe minutiflora, hierocloe parviflora, holco, holco anual, holco ânuo, holco de Durieu, holco de vida breve, holco de vida curta, holco diminuto, holco gaiano, holco minuto, holco pequeno, holco ténue, holquinho.

Endemismo orófito da Região Mediterrânica ocidental, exclusivo da Península Ibérica, próprio de terrenos pobres, frequentemente pedregosos ou rochosos, em altitude; em Portugal pode encontrar-se habitualmente em prados terofíticos primaveris de solos periodicamente encharcados, no seio das alianças *Cicendion* e *Thero-Airion* (TUTIN, 1980u: 231; SERRA & CARVALHO, 1989: 57; DEVESA, 1991d: 139; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 150-151; JANSEN & MENEZES DE SEQUEIRA, 1999; AGUIAR, 2000: 275; JANSEN, 2002; HONRADO, 2003: 175; VALDÉS & SCHOLZ, 2009; JANSEN, 2011: 106-108); Planta ornamental herbácea anual de pequeno porte, espontânea, rara (SILVA & ALMEIDA, 2014g) e muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1988; ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Holcus lanatus* L. subsp. *lanatus*

= *Avena lanata* (L.) Koeler

= *Avena lanata* (L.) Cavanilles

= *Ginnania lanata* (L.) F.T. Hubbard

= *Notholcus lanatus* (L.) Nash

= *Notholcus lanatus* (L.) Nash ex Hitchcock

Aira holcus-lanatus Villars, nom. illeg.

Avena pallida Salisbury, nom. illeg.
Ginnania pubescens Bubani, nom. illeg.
Holcus aestivalis Jordan & Fourreau
Holcus argenteus C. Agardh ex Roemer & Schultes
Holcus glaucus Willkomm
 = *Holcus lanatus* L. subsp. *glaucus* (Willkomm) Rivas Martínez
Holcus intermedius Krockner
Holcus lanatus L. var. *albovirens* Junge, nom. inval.
Holcus lanatus L. subvar. *altissimus* Cosson
 = *Holcus lanatus* L. var. *altissimus* (Cosson) Maire
Holcus lanatus L. var. *soboliferus* DuRoi
Holcus lanatus L. f. *viviparus* Cheshm.
Holcus muticus Kunze
Holcus oriolis Sennen & Gonzalo

Alguns nomes comuns possíveis: Aveia lanada, aveia lanar, aveia lanuda, aveia lãzuda, aveia pálida, beluza, belúzea, erva beleza, erva beluza, erva belúzea, erva fena, erva fenosa, erva galhopita, erva galhupita, erva galopita, erva galupita, erva grossa, erva lanada, erva lanar, erva lanuda, erva lãzuda, erva macergueira, erva mansa, erva mola, erva molar, erva mole, erva serôdia, erva tardia, erva triga, erva trigalinha, erva trigarinha, erva trigosa, erva trigueira, erva triguinha, feno, feno alvo, feno branco, feno branco de Santo Ildefonso, feno cândido, feno cândido de Santo Ildefonso, feno galhopito, feno galhupito, feno galopito, feno galupito, feno ildefonsino, feno trigo, feno trigoso, feno trigueiro, feno triguinho, galhopita, galhupita, galopita, galupita, ginânia, ginânia hirsuta, ginânia lanada, ginânia lanar, ginânia lanuda, ginânia lãzuda, ginânia pilosa, ginânia pubescente, ginânia pubérula, ginânia vilosa, holco, holco alto, holco altíssimo, holco argentado, holco argênteo, holco argentino, holco azulado, holco de Oriol, holco de prata, holco de verão, holco dos lameiros, holco dos prados, holco estival, holco galhopito, holco galhupito, holco galopito, holco galupito, holco glaucescente, holco glauco, holco ildefonsino, holco intermédio, holco lanado, holco lanar, holco lanudo, holco lãzudo, holco mútico, holco piloso, holco prateado, holco pratense, holco pubescente, holco pubérulo, holco sobolífero, holco trigo, holco trigoso, holco trigueiro, holco triguinho, holco vivíparo, notolco, notolco lanado, notolco lanar, notolco lanudo, notolco lãzudo, pata branca, patita branca, trigalinha, trigarinha, trigueira, trigueirinha, triguinha.

Endemismo eurasiático, norte-africano e macaronésico, já invasor na América do Norte, na Austrália, Ilhas Hawaii e Ilhas Mascarenhas e naturalizado noutras ilhas e regiões; Elemento Euro-Siberiano, próprio de prados sobre solos húmidos da classe *Molinio-Arrhenatheretea*, embora também possa aparecer como planta arvense e ruderal em campos de cultura e incultos, caminhos e suas margens, abundante em quase todo o Portugal continental, de floração primaveril ou vernal e estival (TUTIN, 1980u: 230; MYRE, 1983: 18; DOĞAN, 1985n: 340; ROMERO ZARCO, 1987d: 331; DEVESA, 1991d: 135-136; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 148-149; MABBERLEY, 2008: 410; VALDÉS & SCHOLZ, 2009; IPNI); Planta herbácea pratense e ruderal, espontânea e comum em Portugal, de Norte a Sul (ALMEIDA & al., 2014bt).

Distribuição/localização no Jardim: Disseminada no Jardim e na Mata (Ficheiro dos Colectores de Sementes; VI.2010, Observ.!).

4. *Holcus mollis* L. subsp. *mollis*

= *Aira mollis* (L.) Schreber
 = *Avena mollis* (L.) Koeler, nom. illeg.
 = *Ginnania mollis* (L.) Bubani
 = *Notholcus mollis* (L.) Hitchcock
Aira holcus-mollis Villars, nom. illeg.
Avena sylvatica Salisbury, nom. illeg.
Holcus densus Petermann
Holcus longiaristatus Saint-Lager
Holcus mollis L. var. *biaristatus* Parnell
Holcus mollis L. var. *parviflorus* Parnell
Holcus mollis L. var. *triflorus* Trabut
 = *Holcus mollis* L. subsp. *triflorus* (Trabut) Trabut
 = *Holcus triflorus* (Trabut) Trabut
Holcus reuteri Boissier
 = *Holcus mollis* L. subsp. *reuteri* (Boissier) Tutin

Alguns nomes comuns possíveis: Aira molar, aira mole, erva do leite, erva leiteira, erva leitoa, erva leitosa, erva temporã, espiga vã, espiguilha, espiguinha, feno, feno alvo, feno branco, feno brando, flocos de prado, flocos do prado, ginânia, ginânia, holco de Reuter, holco dos bosques, holco dos carvalhais, holco florestal,

holco micranto, holco minutifloro, holco mole, holco parvifloro, holco perene, holco reuteriano, holco trifloro, notolco, notolco molar, notolco mole.

Endemismo eurasiático, norte-africano e macaronésico, próprio dos prados dos sub-bosques e das orlas de carvalhais, soutos, amiais, etc., particularmente no seio da aliança *Origanion*, mas também lameiros, margens de cursos de água ou paúis, quase sempre em solos ácidos, com comportamento habitualmente calcífugo (TUTIN, 1980u: 231; ROMERO ZARCO, 1987d: 332; DEVESA, 1991d: 138-139; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 149-150; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); constitui um complexo poliplóide descendente de *Holcus lanatus* L., que na Europa se cruza dando origem a clones vegetativos triplóides estéreis (MABBERLEY, 2008: 410); Planta herbácea florestal e pratense perene, estolhosa ou rizomatosa, espontânea e comum em Portugal (PORTELA-PEREIRA & al., 2014ae), em diversos tipos de *habitat*, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Espontânea no Quadrado Central (A.C. MATOS, com. pess.; Ficheiro dos Colectores de Sementes).

58. *Hordelymus* (Jessen) Jessen

= *Hordeum* L. subgen. *Hordelymus* Jessen [basion.]

1. *Hordelymus europaeus* (L.) Jessen

= *Elymus europaeus* L. [basion.]

= *Cuviera europaea* (L.) Koeler

= *Hordeum europaeum* (L.) Allioni

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Cevada perene, cuviera, cuviera europeia, élimo, élimo europeu, hórdeo, hórdeo perene, hordélimo, hordélimo europeu.

Endemismo eurasiático e norte-africano; elemento euro-siberiano (MELDERIS, 1985b: 269); Planta ornamental herbácea perene exótica, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

59. *Hordeum* L.

1. *Hordeum jubatum* L.

= *Critesion jubatum* (L.) Nevski

Critesion geniculatum Rafinesque

Elymus jubatus Link

Hordeum adscendens Kunth

= *Critesion adscendens* (Kunth) Á. Löve

Hordeum caespitosum Scribner ex Pammel

= *Hordeum jubatum* L. var. *caespitosum* (Scribner ex Pammel) Hitchcock

Hordeum jubatum L. subsp. *intermedium* Bowden

Hordeum jubatum L. var. *normale* Kuntze

Hordeum jubatum L. var. *pampeanum* Hauman

= *Hordeum pampeanum* (Hauman) Herter

Hordeum jubatum L. var. *tomentellum* Nevski

Hemicriptófito. Origem: Eurásia e América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Cevada cespitosa, cevada de juba, cevada jubada, cevada perene, cevada rabo de esquilo, critésio, critésio jubado, critésion, critésion jubado, élimo, élimo jubado, hórdeo, hórdeo jubado.

Endemismo eurasiático e norte-americano (HUMPHRIES, 1980b: 205); Planta ornamental herbácea perene exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ALVES, 1988; ALVES, 1991; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2012).

2. *Hordeum murinum* L.

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cevada brava, cevada dos ratos, cevada murina, cevada selvagem, cevada silvestre, hórdeo, hórdeo dos ratos, hórdeo murino.

Endemismo eurasiático, da Europa (HUMPHRIES, 1980b: 204-205; MELDERIS, 1985c: 265); Planta ornamental e ruderal anual, espontânea e muito comum em Portugal, em quase todo o País (ALMEIDA & al., 2014bx).

Distribuição/localização no Jardim: Jardim, Mata e Viveiros (VI.2010, Observ.!).

3. ***Hordeum secalinum*** Schreber

Hordeum pratense Hudson

Hordeum nodosum auct., non L.

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cevada brava, cevada secalina, hórdeo, hórdeo bravo, hórdeo centenar, hórdeo centeno, hórdeo dos prados, hórdeo nodoso, hórdeo pratense, hórdeo secalino.

Endemismo eurasiático, macaronésico e norte-africano (ORTEGA, 1991a: 200-201), próprio de prados (HUMPHRIES, 1980b: 205); Planta ornamental e ruderal anual, espontânea e comum em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

4. ***Hordeum vulgare*** L. subsp. **vulgare**

Hordeum hexastichon L.

Hordeum sativum Persoon

Terófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Cevada, cevada comum, cevada cultivada, cevada semeada, cevada vulgar, hórdeo, hórdeo comum, hórdeo cultivado, hórdeo vulgar, hórdeo semeado.

Planta ornamental, alimentar e ruderal herbácea anual, por vezes cultivada em Portugal, pelo seu grande interesse económico (cevada), cultivada em grande parte do Mundo como cereal, por vezes também escapada de cultura (MELDERIS, 1985c: 268).

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ROSA, 2000: Anexo VII); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

60. ***Hyparrhenia*** N.J. Andersson ex E. Fournier

1. ***Hyparrhenia hirta*** (L.) Stapf

= *Andropogon hirtus* L. [basion.]

= *Cymbopogon hirtus* (L.) Nees ex Baker

= *Cymbopogon hirtus* (L.) Thomson

= *Heteropogon hirtus* (L.) N.J. Andersson ex Schweinfurth

= *Sorghum hirtum* (L.) Kuntze

= *Trachypogon hirtus* (L.) Nees

Andropogon ambiguus Gennari, nom. illeg.

Andropogon collinus Lojacono

Andropogon pogotrichus Steudel

= *Hyparrhenia pogotricha* (Steudel) N.J. Andersson

Andropogon pubescens Visiani

Hyparrhenia hirta (L.) Stapf subsp. *villosa* Pignatti

= *Cymbopogon hirtus* (L.) Thomson subsp. *villosus* (Pignatti) Pignatti

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Andropógon, andropógon hirta, cimbopógon, cimbopógon hirta, erva de Coolatai, erva do monte, erva dos tapetes, fenassa, feno de cuco, feno do monte, grama, grama de Coolatai, grama do monte, grama dos tapetes, heteropógon, heteropógon hirta, hiparrénia, hiparrénia hirta, lastão, pajameca, sorgo hirta, traquipógon, traquipógon hirta, trigueira.

Planta ornamental, forraginosa, também utilizada na confecção de cestos e tapetes, pratense e ruderal herbácea perene rizomatosa, de vasta distribuição mundial, actualmente subcosmopolita e já naturalizada na Austrália oriental: Nova Gales do Sul (RUIZ, 1991g: 298; GRIN; VALDÉS & SCHOLZ, 2009; NEW SOUTH WALES FLORA ONLINE, 2014; WIKIPEDIA), espontânea e rara em Portugal, onde ocorre sobretudo no Barrocal algarvio (Ag), no Barlavento e no Sotavento, em solos mais ou menos profundos (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 237); pode encontrar-se também espontânea em alguns locais do Centro e Sul de Portugal (CARAPETO & al., 2014ae).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. ***Hyparrhenia sinaica*** (Delile) Llauro ex G. López

= *Andropogon sinaicus* Delile [basion.]

Andropogon hirtus L. var. *longearistatus* Willkomm

= *Hyparrhenia hirta* (L.) Stapf var. *longearistata* (Willkomm) Rothmaler & P. Silva

Heteropogon pubescens N.J. Andersson

= *Andropogon hirtum* L. subsp. *pubescens* (Andersson) K. Richter

- = *Cymbopogon pubescens* (N.J. Andersson) Fritsch
- = *Hyparrhenia pubescens* (N.J. Andersson) Chiovenda
- = *Hyparrhenia pubescens* (N.J. Andersson) R. Malagarriga
- = *Hyparrhenia hirta* (L.) Stapf subsp. *pubescens* (N.J. Andersson) Paunero
- = *Hyparrhenia hirta* (L.) Stapf var. *pubescens* (N.J. Andersson) Ravi
- = *Hyparrhenia hirta* (L.) Stapf f. *pubescens* (N.J. Andersson) Maire & Weiller
- = *Trachypogon pubescens* (N.J. Andersson) Fourreau

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Andropógon, andropógon pubescente, andropógon sinaico, cimbopógon, cimbopógon pubescente, cimbopógon sinaico, fenassa, feno de cuco, feno do monte, heteropógon, heteropógon pubescente, heteropógon hirto, hiparrénia, hiparrénia pubescente, hiparrénia sinaica, lastão, pajameca, sorgo pubescente, traquipógon, traquipógon pubescente, traquipógon sinaico, trigueira.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental e central e da Macaronésia (VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental, pratense e ruderal herbácea perene rizomatosa, espontânea e comum em Portugal, sobretudo no Centro e Sul, excepto nas zonas de maior altitude (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 237-238) e no Algarve e no sul do Alentejo (PORTO & al., 2014an)

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (A.C. MATOS, comunicação pessoal; FICHEIRO DOS COLECTORES DE SEMENTES); Talhão 10 da Mata/Costeira/Escola das Monocotiledóneas (V.2011, Observ.!).

61. *Hystrix* Moench

1. *Hystrix patula* Moench

- = *Gymnostichum patulum* (Moench) Lunell
- Asprella echidnea* Rafinesque, nom. illeg.
- Asprella major* Fresenius
- = *Gymnostichum majus* (Fresen) Heynhold
- Elymus hystrix* L., nom. subst.
- = *Asperella hystrix* (L.) Humboldt
- = *Asprella hystrix* (L.) Link
- = *Gymnostichum hystrix* (L.) Schreber
- = *Hordeum hystrix* (L.) Schenk, nom. illeg.
- = *Hystrix hystrix* (L.) Millsp., nom. inval.
- = *Zeocriton hystrix* (L.) P. Beauvois
- Asperella hystrix* (L.) Humboldt var. *bigeloviana* Fernald
- = *Elymus hystrix* L. f. *bigeloviana* (Fernald) Dore
- = *Elymus hystrix* L. var. *bigeloviana* (Fernald) MohlenBrown
- = *Elymus hystrix* L. var. *bigeloviana* (Fernald) Bowden
- = *Hystrix bigeloviana* (Fernald) Carpenter
- = *Hystrix patula* Moench f. *bigeloviana* (Fernald) Gleason
- = *Hystrix patula* Moench var. *bigeloviana* (Fernald) Deam
- Elymus pseudohystrix* Schultes, nom. illeg.
- Hystrix elymoides* Mackenzie & Bush, nom. illeg.

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Asperela, asperela maior, asprela, asprela maior, élimo, erva-escova, erva escova de garrafa, erva-lava-garrafas, escova de garrafa, gimnóstico, gimnóstico maior, hístrice, hístrix, zeócrito, zeocríton.

Endemismo norte-americano, do Canadá e dos Estados Unidos (IPNI; GRASSBASE; MABBERLEY, 2008: 426); Planta ornamental herbácea perene, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

62. *Imperata* Cyrillo

1. *Imperata cylindrica* (L.) Raeuschel var. *cylindrica*

- = *Lagurus cylindricus* L. [basion.]
- = *Saccharum cylindricum* (L.) Lamarck
- Saccharum laguroides* Pourret
- = *Imperata laguroides* (Pourret) Roux

Imperata arundinacea Cyrillo

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Carriço, carrisso, cauda de coelho, cauda de lebre, cisca, gisca, imperata, imperata cilíndrica, imperata laguróide, laguro, laguro cilíndrico, rabo de coelho, rabo de lebre, sangoneira, sisca, xisca, zula, zulha.

Planta subcosmopolita, de muito vasta distribuição mundial: Mediterrânica, eurasiática, tropical e subtropical (CLAYTON, 1980c: 264-265; MILL, 1985e: 603-604; RUIZ, 1991b: 300; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, pouco comum em Portugal, por exemplo no leito das cheias dos rios (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 234-235) e esporádica na Extremadura espanhola em solos húmidos com encharcamento temporário e regatos (RUIZ, l.c.), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

63. **Indocalamus** Nakai

1. **Indocalamus tessellatus** (Munro) Keng f.

= *Bambusa tessellata* Munro [basion.]

= *Sasa tessellata* (Munro) Makino & Shibata

= *Sasamorpha tessellata* (Munro) Koidzumi

Pseudosasa longivaginata H.R. Zhao & Y.L. Yang

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Bambusa, indocalamo, pseudosasa, sasa, ruozu.

Endemismo eurasiático, exclusivo do Japão e da China: províncias de Hunan e Zhejiang, onde se pode encontrar em florestas abertas em taludes de montanha, a altitudes entre os 300 e os 1400 m (HUXLEY & al., 1999b: 654; WANG & STAPLETON, 2006b: 141); esta espécie foi originalmente descrita no Reino Unido, a partir de amostras vindas da China para embalar chá!; o seu ciclo de floração dura pelo menos 115 anos (MABBERLEY, 2008: 430).

Distribuição/localização no Jardim: Onde? (ROSA, 2000: Anexo VII).

64. **Jarava** Ruíz & Pavón

1. **Jarava plumosa** (Sprengel) S.W.L. Jacobs & J. Everett

= *Calamagrostis plumosa* Sprengel [basion.]

Arundo plumosa Schultes & Schultes f.

Stipa delilei Steudel

Stipa papposa Nees, nom. illeg.

= *Achnatherum papposum* (Nees) Barkworth, nom. illeg.

Stipa papposa Nees f. *major* Spegazzini

Stipa papposa Nees f. *minor* Spegazzini

Stipa tenuiflora Philippi

Hemicriptófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Estipa, estipa paposa, jarava, jarava paposa, jarava plumosa, stipa, stipa paposa.

Endemismo sul-americano, da Argentina, Brasil, Chile e Uruguai (MABBERLEY, 2008: 442; GRIN); Planta ornamental herbácea perene, que pode por vezes escapar da cultura (GARDNER, JESSOP & SYMON, 1996), muito raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1988).

65. **Koeleria** Persoon

1. **Koeleria eriostachya** Pančić

= *Koeleria pyramidata* (Lamarck) P. Beauvois subsp. *eriostachya* (Pančić) R. Schinz & Keller

Koeleria albofii Domin

Koeleria albobii Domin

= *Koeleria eriostachya* Pančić subsp. *albobii* (Domin) Domin

Koeleria carniolica A. Kerner

= *Koeleria eriostachya* Pančić var. *carniolica* (Kerner) Domin

Koeleria eriostachya Pančić subsp. *caucasica* Trinius ex Domin

= *Koeleria albobii* Domin subsp. *caucasica* (Trinius ex Domin) Tzvelev

= *Koeleria albobii* Domin var. *caucasica* (Trinius ex Domin) Tzvelev

= *Koeleria caucasica* (Trinius ex Domin) B. Fedtschenko

Koeleria eriostachya Pančić f. *denudata* Domin
 = *Koeleria albobii* Domin var. *denudata* (Domin) Tzvelev
Koeleria eriostachya Pančić subsp. *fominii* Domin
 = *Koeleria albobii* Domin subsp. *fominii* (Domin) Tzvelev
 = *Koeleria albobii* Domin var. *fominii* (Domin) Tzvelev
 = *Koeleria fominii* (Domin) Gontscharov
Koeleria eriostachya Pančić f. *glabriculumis* Domin
 = *Koeleria albobii* Domin var. *glabriculumis* (Domin) Tzvelev
Koeleria cristata (L.) Persoon var. *hirsuta* Grisebach ex Trautvetter
Koeleria gracilis Persoon var. *buschiana* Domin
 = *Koeleria albobii* Domin var. *buschiana* (Domin) Tzvelev
 = *Koeleria buschiana* (Domin) Gontscharov
Koeleria eriostachya Pančić subsp. *schroeterana* Domin
 = *Koeleria schroeterana* (Domin) Prain
Koeleria eriostachya Pančić subsp. *schroeteriana* Domin
 = *Koeleria schroeteriana* (Domin) Ujhelyi
Koeleria schroeteriana (Domin) Prain var. *glabriglumis* Ujhelyi
Koeleria splendens C. Presl var. *albanica* Domin
 = *Koeleria tuzsonii* Ujhelyi var. *albanica* (Domin) Ujhelyi
Koeleria tuzsonii Ujhelyi
 Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Coeléria, coeléria buschiana, coeléria carniólica, coeléria caucasiana, coeléria caucásica, coeléria comum, coeléria da Carníola, coeléria da Pérsia, coeléria da Turquia, coeléria de Busch, coeléria de flores pilosas, coeléria de Fomin, coeléria de Schroeter, coeléria de Tuzson, coeléria do Cáucaso, coeléria fominiana, coeléria hirsuta, coeléria irânica, coeléria laxa, coeléria pérsica, coeléria schroeterana, coeléria turca, erva coelha, erva coelheira, erva coelhinha, erva dactilóide, erva fleóide, koeléria, koeléria anómala, koeléria aristada, koeléria buschiana, koeléria carniólica, koeléria caucasiana, koeléria caucásica, koeléria ciliada, koeléria comum, koeléria cristada, koeléria da Carníola, koeléria da Pérsia, koeléria da Turquia, koeléria de Busch, koeléria de flores pilosas, koeléria de Fomin, koeléria de Schroeter, koeléria de Tuzson, koeléria do Cáucaso, koeléria do Irão, koeléria fominiana, koeléria irânica, koeléria pérsica, koeléria schroeterana.

Endemismo eurasiático, da Europa Central, Itália, antiga Jugoslávia, Bulgária, Cáucaso e Irão, usualmente calcícola, própria de prados de montanha (alpinos e subalpinos), mais ou menos secos, podendo atingir uma altitude de 2500 m, de floração predominantemente estival (HUMPHRIES, 1980c: 219-220; DOĞAN, 1985m: 331-332); Planta ornamental herbácea perene cespitosa e rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (Rosa, 2000: Anexo VII).

66. *Lagurus* L.

1. *Lagurus ovatus* L.

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cauda de cão, cauda de cão ovada, cauda de cão ovóide, cauda de coelho, cauda de coelho ovada, cauda de coelho ovóide, cauda de lebre, cauda de lebre ovada, cauda de lebre ovóide, cauda encoelhada, escova, escova coelha, escova de cão, escova de coelho, escova de lebre, escova encoelhada, escova lagura, escova lebrada, laguro, laguro coelhado, laguro coelhoso, laguro encoelhado, laguro lebrado, laguro ovado, laguro ovóide, moixos, pêlo de coelho, pêlo de lebre, rabo de cão, rabo de coelho, rabo de lebre.

Endemismo eurasiático, norte-africano e macaronésico (presente nos arquipélagos dos Açores, das Canárias e da Madeira); Género monoespecífico; Elemento mediterrânico, estendendo-se contudo até à Grã-Bretanha e à Transcáspia, actualmente introduzido na América, Sul de África e Austrália (em zonas de clima de características aproximadamente mediterrânicas), próprio de areais marítimos e de sítios secos e entulhosos, por vezes mais interiores, sobretudo em solos caliosos ou margosos (COSTE, 1937c: 575; TUTIN, 1980o: 225; DOĞAN, 1985h: 357-358; ROMERO ZARCO, 1987c: 346; DEVESA, 1991q: 156; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 134; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental e ruderal herbácea anual, espontânea e comum em Portugal, sobretudo no litoral (ARAÚJO & al., 2014bs), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

67. **Lamarckia** Moench

1. **Lamarckia aurea** (L.) Moench

= *Cynosurus aureus* L. [basion.]

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cinosuro anual, cinosuro áureo, cinosuro dourado, erva de Lamarck, erva de ouro, erva dourada, lamárckia, lamárckia áurea, lamárckia dourada.

Endemismo da Eurásia e das regiões Mediterrânica e Macaronésica, próprio de *habitats* abertos (TUTIN, 1980n: 172; ROMERO, 2011b: 321); Género monoespecífico; Elemento mediterrânico (MILL, 1985d: 515); Planta ornamental e ruderal herbácea anual, espontânea e comum em Portugal, sobretudo no Centro e Sul (cf. ALMEIDA & al, 2014bl).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1989; ALVES, 1991); também raramente espontânea no Jardim e na Mata.

68. **Leymus** Hochstetter

1. **Leymus arenarius** (L.) Hochstetter

= *Elymus arenarius* L. [basion.]

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Élimo, élimo arenário, élimo da areia, élimo do mar, erva áspera, erva-lima, erva-lime, erva-limo, gatunha, laicauchu, leimo, leimo arenário, leimo da areia, leimo do mar, lime da areia, lime do mar, limo do mar, rompe-gibão, rompe-saco, unha de gato.

Endemismo eurasiático, exclusivamente europeu, de distribuição predominantemente atlântica (VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, cujas sementes são comestíveis, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. **Leymus racemosus** (Lamarck) Tzvelev

= *Elymus racemosus* Lamarck

Elymus giganteus Vahl

Geófito. Origem: Eurásia.

Endemismo eurasiático (VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Alguns nomes comuns possíveis: Élimo, élimo gigante, élimo racemoso, erva áspera, leimo, leimo gigante, leimo racemoso.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

69. **Linkagrostis** Romero García, Blanca & Morales Torres

1. **Linkagrostis juressi** (Link) Romero García, Blanca & Morales Torres

= *Agrostis juressi* Link [basion.]

Terófito ou hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agróstis, agróstis do Gerês, agróstis geresiana, agróstis geresina, linkagróstis, linkagróstis do Gerês, linkagróstis geresiana, linkagróstis geresina.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, exclusivamente ibero-marroquino (VALDÉS & SCHOLZ, 2009); o género *Linkagrostis* Romero García, Blanca & Morales Torres é considerado por vários autores como sendo sinónimo do muito mais vasto género *Agrostis* L. (MABBERLEY, 2008: 493; GRIN; FLORA-ON, 2014; WIKIPEDIA); Planta ornamental herbácea perene, espontânea e muito rara em Portugal (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 162-163; PORTO, 2014am), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950).

70. **Lolium** L.

1. **Lolium perenne** L.

= *Festuca perennis* (L.) Columbus & J.P. Smith

Hordeum compressum Boissier & Orphanides, nom. inval.

Lolium aechicum Rouville

Lolium agreste Roemer & Schultes, nom. inval.
Lolium brasilianum Nees
 = *Lolium perenne* L. var. *brasilianum* (Nees) Kuntze
Lolium canadense Bernhardt ex Rouville, nom. inval.
Lolium cecicum Opiz
Lolium compressum Boissier & Orphanides, nom. inval.
Lolium cristatum Persoon ex B.D. Jackson
Lolium felix Rouville, nom. illeg.
Lolium glumosum Planellas
Lolium gmelinii Honckeny
Lolium halleri C.C. Gmelin
Lolium jechelianum Opiz
Lolium latum Roth ex Steudel, nom. inval.
Lolium marschallii Steven
 = *Lolium perenne* L. var. *marschallii* (Steven) Trautvetter
Lolium montevidense Rouville, nom. inval.
Lolium multiflorum Lamarck subsp. *ramosum* Gussone ex Arcangeli
Lolium multiflorum Lamarck var. *ramosum* Gussone
Lolium perenne L. var. *aristulatum* Schur
 = *Lolium perenne* L. f. *aristulatum* (Schur) Terrell
Lolium perenne L. var. *compressum* Sibthorp
Lolium perenne L. var. *cristatum* Persoon
Lolium perenne L. f. *microstachyum* R. Uechtritz
Lolium perenne L. var. *ramosum* Schumacher
Lolium pseudoitalicum Schur, nom. ital.
Lolium repens Honckeny
Lolium strictum C. Presl var. *compressum* Boissier
 = *Lolium rigidum* Gaudin var. *compressum* (Boissier) Boissier
Lolium tenue L.
 = *Lolium perenne* L. var. *tenue* (L.) Hudson
Lolium trabutii Hochreutiner
 = *Lolium perenne* L. var. *trabutii* (Hochreutiner) Dobignard
Lolium vulgare Host
 Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Azevém, azevém perene, azevém vivaz, erva febra, erva febra perene, erva febra vivaz, erva galega, erva galega perene, hórdeo, hórdeo comprimido, joio, joio comprimido, joio comprimido, joio perene, joio vivaz, lólio, lólio boémico, lólio boémio, lólio brasileiro, lólio brasileiro, lólio brasílico, lólio brasílico, lólio canadense, lólio canadiano, lólio checo, lólio comprimido, lólio comum, lólio cristado, lólio da Boémia, lólio da Chéquia, lólio de Bieberstein, lólio de crista, lólio de Gmelin, lólio de Haller, lólio de Marschall, lólio de Montevidéu, lólio de pequena espiga, lólio de Trabut, lólio do Canadá, lólio do Brasil, lólio feliz, lólio glumoso, lólio gmeliniano, lólio halleriano, lólio microstáquio, lólio montevidense, lólio perene, lólio ramificado, lólio ramoso, lólio trabutiano, lólio vivaz, lólio vulgar.

Endemismo eurasiático, da Eurásia temperada (MILL, 1985g: 446-447; IPNI); Planta ornamental e forraginosa herbácea perene, de ecologia variada, que se pode encontrar em solos graníticos, xistosos ou calcários, desde sítios húmidos como lameiros e margens de cursos de água a locais secos como terrenos incultos e margens de caminhos, espontânea e comum em Portugal (LOURENÇO & al., 2014ab), considerada como muito boa erva forrageira e também cultivada como tal, por exemplo em prados permanentes (HUMPHRIES, 1980d: 154; MILL, 1985g: 446-447; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 30).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Lolium rigidum* Gaudin

= *Lolium multiflorum* Lamarck var. *rigidum* (Gaudin) Trabut
 = *Lolium perenne* L. subsp. *rigidum* (Gaudin) Á. Löve & D. Löve
 = *Lolium perenne* L. var. *rigidum* (Gaudin) Cosson & Durieu
Arthrochortus loliaceus Lowe
Festuca aleppica Hochstetter ex Steudel
Lolium arenarium Rouville
Lolium crassiculme Rechinger f.

Lolium cylindricum K. Koch
Lolium durum K. Koch
Lolium flagellare Spruner ex Boissier, nom. inval.
Lolium humile Rouy
Lolium husnotii Sennen, nom. inval.
Lolium lepturoides Boissier, nom. illeg.
= *Lolium rigidum* Gaudin var. *lepturoides* (Boissier) Fiori & Paoletti
Lolium lowei Menezes
Lolium macilentum Delastre
Lolium multiflorum Lamarck var. *muticum* DC.
Lolium parabolicae Sennen
Lolium rigidum Gaudin var. *aristatum* Hackel
Lolium rigidum Gaudin var. *corsicum* Briquet
Lolium rigidum Gaudin var. *duthiei* Hooker f.
Lolium rigidum Gaudin var. *glabrum* Grossheim
Lolium rigidum Gaudin var. *negevense* Feinbrun
Lolium rigidum Gaudin var. *perenne* Grossheim
Lolium rigidum Gaudin var. *rotboellioides* Heldreich & Boissier
Lolium rigidum Gaudin var. *subteres* Maire & Weiller
Lolium rigidum Gaudin var. *transiens* Burolet
Lolium strictum C. Presl
= *Monerma stricta* (C. Presl) J. Presl ex Steudel, nom. inval.
Lolium strictum C. Presl var. *maritimum* Godron
= *Lolium rigidum* Gaudin var. *maritimum* (Godron) Briquet
Lolium strictum C. Presl var. *tenue* Godron
= *Lolium rigidum* Gaudin var. *tenue* (Godron) T. Durand & Schinz
Lolium strictum Decker ex Steudel, nom. inval.
Lolium subulatum Visiani
= *Lolium temulentum* L. var. *subulatum* (Visiani) Husnot
Lolium suffultum Sieber ex Huter, nom. inval.
Lolium temulentum L. var. *oliganthum* Godron
= *Lolium rigidum* Gaudin var. *oliganthum* (Godron) Maire & Weiller
Lolium teres H. Lindberg
= *Lolium rigidum* Gaudin var. *teres* (H. Lindberg) Maire
Rotboellia loliacea Bory & Chaubard
= *Crypturus loliaceus* (Bory & Chaubard) Link
= *Lolium loliaceum* (Bory & Chaubard) Handel-Mazzetti
= *Lolium rigidum* Gaudin var. *liaceum* (Bory & Chaubard) Halácsy
Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Artrocorto, artrocorto loliáceo, azevém, azevém duro, azevém rígido, cripturo, cripturo loliáceo, erva febra, erva febra dura, erva febra rígida, festuca alépica, festuca de Alepo, joio, joio duro, joio rígido, lólio, lólio anual, lólio ânuo, lólio arenário, lólio cilíndrico, lólio córsico, lólio corso, lólio costeiro, lólio da Córsega, lólio das areias, lólio de Duthie, lólio de Husnot, lólio do Negev, lólio do litoral, lólio duro, lólio estrito, lólio flagelado, lólio flagelar, lólio glabro, lólio humilde, lólio lepturóide, lólio litoral, lólio macilento, lólio marítimo, lólio modesto, lólio mútico, lólio não arestado, lólio não aristado, lólio negevense, lólio oliganto, lólio paucifloro, lólio rígido, lólio tênue, monerma, rotbólia.

Endemismo eurasiático, da Eurásia temperada: Região Mediterrânica, Afeganistão, Cachemira, Crimeia, Iraque, Irão e Transcaucásia, actualmente também introduzida e naturalizada na Austrália, na Macaronésia, África do Sul e Américas do Norte e do Sul (MILL, 1985g: 449-450; IPNI); Planta ornamental, forraginosa e ruderal herbácea anual, de ecologia variada, nitrófila ou subnitrófila, que se pode encontrar em terrenos incultos, areias litorais, arrelvados e outras ervagens, montes rochosos, prados, vinhedos e outras terras cultivadas, espontânea e comum em Portugal (HUMPHRIES, 1980d: 154; MILL, 1985g: 449-450; MALATO BELIZ, 1990: 78; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 32; ALMEIDA & al., 2014bm).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ALVES, 1988; ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Lolium temulentum* L. var. *temulentum*

= *Craepalia temulenta* (L.) Schrank
= *Festuca temulenta* (L.) J.P. Smith & Columbus
Bromus temulentus Bernhardt

Lolium aegyptiacum Bellardi ex Rouville, nom. inval.
Lolium album Steudel, nom. inval.
Lolium annuum Lamarck
Lolium arvense Withering
 = *Lolium temulentum* L. f. *arvense* (Withering) Junge
 = *Lolium temulentum* L. subsp. *arvense* (Withering) Tzvelev
 = *Lolium temulentum* L. var. *arvense* (Withering) Lilj.
Lolium asperum Roth
Lolium asperum Roth ex Kunth, nom. inval.
Lolium berteronianum Steudel
Lolium cuneatum Nevski
 = *Lolium temulentum* L. subsp. *cuneatum* (Nevski) Tzvelev
Lolium decipiens Dumortier
Lolium giganteum Roemer & Schultes, nom. inval.
Lolium gracile Dumortier
Lolium gracile Hegetschweiler, nom. illeg.
Lolium gussonei Nyman, nom. inval.
Lolium infelix Rouville
Lolium longiglume Saint-Lager, nom. inval.
Lolium lucidum Dumortier
Lolium maximum Willdenow
Lolium maximum Gussone, nom. illeg.
Lolium pseudolinicola Gennari
Lolium remotum Schrank f. *asperum* Anghel & Beldie
Lolium robustum Reichenbach
Lolium speciosum Steven ex M. Bieberstein
 = *Lolium temulentum* L. subsp. *speciosum* (Steven ex M. Bieberstein) Arcangeli
 = *Lolium temulentum* L. var. *speciosum* (Steven ex M. Bieberstein) Koch
Lolium temulentum L. var. *leptochaeton* A. Braun
Lolium temulentum L. var. *macrochaeton* A. Braun
 = *Lolium temulentum* L. f. *macrochaeton* (A. Braun) Junge
Lolium temulentum L. var. *muticum* Boissier
 = *Lolium temulentum* L. f. *muticum* (Boissier) Rechinger f.
Lolium temulentum L. var. *semiglabrum* Litvinov
Lolium triticoides Janka
 Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Azevém, azevém temulento, azevém temulino, bromo temulento, crepália, crepália temulenta, erva febra, erva febra temulenta, erva febra temulina, joio, joio agigantado, joio, joio alvo, joio anual, joio ânuo, joio arvense, joio áspero, joio belo, joio cândido, joio elegante, joio especioso, joio formoso, joio forte, joio gigante, joio pulcro, joio semiglabro, joio temulento, joio temulino, joio trigoso, joio triticóide, lólio, lólio agigantado, lólio alho, lólio alho, lólio anual, lólio ânuo, lólio arvense, lólio áspero, lólio belo, lólio branco, lólio cândido, lólio de glumas longas, lólio de Gussone, lólio do Egipto, lólio egípcio, lólio elegante, lólio especioso, lólio formoso, lólio forte, lólio gigante, lólio grácil, lólio gussoneano, lólio longiglume, lólio maior, lólio máximo, lólio místico, lólio pulcro, lólio robusto, lólio semiglabro, lólio temulento, lólio temulino, lólio trigoso, lólio triticóide.

Endemismo do Velho Mundo: eurasiático, africano e mediterrânico, que ocorre em zonas temperadas, tropicais e subtropicais (MILL, 1985g: 448-449; IPNI); Planta ornamental, arvense ruderal herbácea anual, espontânea e pouco comum em Portugal, onde ocorre sobretudo no Sul (PORTO & al., 2014an), outrora uma infestante “muito comum das searas, actualmente menos frequente devido à aplicação de herbicidas, aparece também em incultos e clareiras de matas” (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 32), descrita da Europa por Lineu, em linhares e searas de cevada “*in Europae agris inter Hordeum, Linum*”, as suas cariopses costumam sofrer uma infecção causada por um fungo tipo cravagem que produz uma toxina altamente venenosa denominada temulina (MILL, 1985g: 448-449); aparecia também frequentemente em searas de aveia (*Avena* sp.) mas agora surge apenas como uma planta casual ruderal na maior parte da Europa (HUMPHRIES, 1980d: 154), talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ROSA, 2000: Anexo VII; Almeida & al., 2003); Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

71. **Lophochloa** Reichenbach

1. **Lophochloa pubescens** (Lamarck) H. Scholz

= *Phalaris pubescens* Lamarck [basion.]

= *Koeleria pubescens* (Lamarck) P. Beauvois

= *Rostraria pubescens* (Lamarck) Trinius

Koeleria villosa Persoon

= *Koeleria pubescens* (Lamarck) P. Beauvois subsp. *villosa* (Persoon) Trabut

Terófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Fálaris pubescente, koeléria pubescente, lofocloa, lofocloa pubescente, rostrária pubescente.

Endemismo da Região Mediterrânica (VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental herbácea anual, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1988; ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII).

72. **Lygeum** L.

1. **Lygeum spartum** L.

Hemicriptófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Albardina, albardine, erva esparta, erva espartina, erva espartinha, erva-esparto, esparto, esparto, lígeo, lígeo esparto.

Endemismo da Região Mediterrânica; Género mono-específico (ROSA, 2000: 247; MABBERLEY, 2008: 507; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental e de interesse económico, utilizada para a confecção de tapetes e de outros objectos de artesanato (ROSA, *l.c.*; MABBERLEY, *l.c.*), herbácea anual, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

73. **Macrochloa** Kunth

1. **Macrochloa tenacissima** (L.) Kunth

= *Stipa tenacissima* L. [basion.]

Stipa kelibiae Moraldo & al.

Hemicriptófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Alfa, aríça, ariza, atocha, atochão, erva esparta, erva esparteira, erva-esparto, esparteira, esparto, esparto comum, esparto fino, esparto ordinário, esparto verde, estipa, macrocloa.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental: Península Ibérica e Norte de África (ROSA, 2000: 263; VALDÉS & SCHOLZ, 2009), espontânea no Sul de Portugal, onde se encontra aparentemente de forma exclusiva no Algarve (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 194; CARAPETO & al., 2014aa); Planta ornamental e ruderal herbácea vivaz, outrora cultivada e actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

74. **Melica** L.

1. **Melica altissima** L.

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Mélica, mélica alta, mélica altíssima.

Endemismo eurasiático, próprio de bosques, matos e suas orlas, matos, taludes rochosos de rochas ígneas e margens de ribeiros (TUTIN, 1980h: 178; DAVIS, 1985d: 530-531); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, própria de solos pobres, por vezes cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Melica altissima** L. '**Atropurpurea**'

Hemicriptófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Mélica, mélica alta, mélica altíssima, mélica atropurpúrea

Variedade de origem hortícola de um endemismo eurasiático (cf. espécie anterior); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, própria de solos áridos e pobres, por vezes cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

3. **Melica ciliata** L. subsp. **ciliata**

Melica balansae Boissier

Melica ciliata L. var. *tomentella* Boissier

Melica flavescens Simonkai

Melica micrantha Boissier & Hohenacker

Melica nebrodensis Parlature

= *Melica ciliata* L. var. *nebrodensis* Parlature

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Mélica, mélica amarela, mélica amarelada, mélica balansana, mélica ciliada, mélica de Balansa, mélica flava, mélica flavescence, mélica hirsuta, mélica micranta, mélica minutiflora, mélica nebrodense, mélica lútea, mélica lutescente, mélica parviflora, mélica pilosa, mélica pubérula, mélica pubescente, mélica tomentela, mélica tomentosa, mélica vilosa.

Endemismo eurasiático e mediterrânico, raro no Norte de África (Tunísia), distribuído até ao Médio Oriente: Mesopotâmia e SE da Anatólia; surge também na Europa central, oriental (Balcãs, Ucrânia) e do Norte: Estónia e Finlândia (TUTIN, 1980h: 179; DAVIS, 1985d: 532; HEMPEL, 2009); na Turquia pode encontrar-se em diversos ecossistemas (estepes e prados, gargantas e taludes rochosos, margens secas de rios e ribeiros, pinhais, etc.) e sobre uma diversidade considerável de substratos: calcário, gesso, lava, rochas serpentínicas, etc., a altitudes que podem variar entre os 400 e os 2800 m acima do nível do mar (DAVIS, *l.c.*); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, própria de solos pobres, por vezes cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. **Melica ciliata** L. subsp. **magnolii** (Grenier & Godron) Husnot

= *Melica magnolii* Grenier & Godron [basion.]

= *Melica ciliata* L. raça *magnolii* (Grenier & Godron) Sampaio

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Mélica, mélica ciliada, mélica de Magnol, mélica hirsuta, mélica magnólia, mélica magnoliana, mélica magnólica, mélica pilosa, mélica pubérula, mélica pubescente, mélica vilosa.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, incluindo Portugal; Elemento mediterrânico, descrito a partir de várias localidades no Sul de França e Auvergne (TUTIN, 1980h: 179; DAVIS, 1985d: 532-533); Planta herbácea perene, comum em Portugal continental, sobretudo no Centro e Sul (GOMES PEDRO, 1991: 108; ALMEIDA & al., 2014bn).

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (1999, Observ.!); Planta ruderal, comum nos caminhos e suas margens, no Jardim e na Mata (VI.2010, Observ.!).

5. **Melica minuta** L.

Melica arrecta Kunze

= *Melica minuta* L. subsp. *arrecta* (Kunze) Breistroffer

Melica cyrenaica Viviani

Melica major Smith

= *Melica ramosa* Villars subsp. *major* (Smith) W. Hempel

Melica pyramidalis Lamarck

Melica ramosa Villars

Melica saxatilis Smith

= *Melica minuta* L. var. *saxatile* (Smith) Cosson

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Mélica, mélica cirenaica, mélica da Cirenaica, mélica da Líbia, mélica das rochas, mélica dos rochedos, mélica dos penedos, mélica minuta, mélica pequena, mélica piramidal, mélica ramificada, mélica ramosa, mélica rupestre, mélica rupícola, mélica saxátil.

Endemismo da Região Mediterrânica, Portugal e arquipélago das Ilhas Canárias, próprio de sítios rochosos e secos; Elemento mediterrânico (TUTIN, 1980h: 178; DAVIS, 1985d: 530; CARRASCO, 1991b: 180-182; HEMPEL, 2009); Planta ornamental e ruderal herbácea perene, pouco comum em Portugal (PORTO & al., 2014ao), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

6. **Melica minuta** L. subsp. **latifolia** (Cosson) Hempel

= *Melica minuta* L. var. *latifolia* Cosson [basion.]

Melica arrecta auct., non Kunze

Melica major auct., non Smith

Melica pyramidalis Roemer & Schultes, non Lamarck

Melica sorrentini Lojacono

Melica teneriffae H. Christ

Hemicriptófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Mélica, mélica canária, mélica canarina, mélica canarina, mélica das Canárias, mélica de folhas largas, mélica de Sorrento, mélica de Tenerife, mélica em pirâmide, mélica grande, mélica latifolia, mélica maior, mélica piramidal, mélica sorrentina.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental e central e da Macaronésia: arquipélago das Ilhas Canárias (Gran Canaria e Tenerife), próprio de sítios rochosos e secos (TUTIN, 1980h: 178; HEMPEL, 2009); *Melica teneriffae* H. Christ já tem sido também considerada como um endemismo exclusivo das Ilhas Canárias (CHILTON, 2013c: 38; CHILTON, 2013f: 34); Planta ornamental herbácea perene, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

7. **Melica picta** K. Koch

= *Melica nutans* L. subsp. *picta* (K. Koch) K. Richter

= *Melica nutans* L. var. *picta* (K. Koch) Grisebach

Melica picta K. Koch f. *pilosa* Papp

Melica viridiflora Czernajew, nom. inval.

Hemicriptófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Mélica, mélica de flores nutantes, mélica de flores verdes, mélica dos pintores, mélica hirsuta, mélica nutante, mélica picta, mélica pilosa, mélica pintada, mélica pubérula, mélica pubescente, mélica vilosa, mélica viridiflora.

Endemismo estritamente eurasiático e elemento euro-siberiano, semelhante e próximo de *Melica nutans* L. (TUTIN, 1980h: 178; DAVIS, 1985d: 529; HEMPEL, 2009; GRIN); Planta ornamental herbácea perene, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

8. **Melica transsilvanica** Schur subsp. **transsilvanica**

= *Melica ciliata* L. subsp. *transsilvanica* (Schur) Husnot

Melica caricina d'Urville

Melica transsilvanica Schur subsp. *klokovii* Tzvelev

Alguns nomes comuns possíveis: Mélica, mélica carícea, mélica caricina, mélica da Transilvânia, mélica de Klovov, mélica klokoviana, mélica transilvana, mélica transilvânica.

Endemismo exclusivamente eurasiático e quase exclusivamente europeu, presente na Europa, na Anatólia e no Cáucaso, próprio de encostas, matos secos e orlas de bosques, sobretudo em regiões costeiras (TUTIN, 1980h: 179; DAVIS, 1985d: 533; HEMPEL, 2009); Planta ornamental herbácea perene, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

75. **Micropyrum** (Gaudin) Link= *Triticum* L. Sect. *Micropyrum* Gaudin [basion.]1. **Micropyrum tenellum** (L.) Link= *Triticum tenellum* L. [basion.]= *Brachypodium tenellum* (L.) P. Beauvois= *Catapodium tenellum* (L.) Battandier & Trabut= *Desmazeria tenella* (L.) Franco & Vasconcellos*Triticum lachenalii* C.C. Gmelin= *Nardurus lachenalii* (C.C. Gmelin) Godron*Nardurus halleri* Fiori

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Braquipódio, catapódio, catapódio centenar, catapódio de pardal, catapódio de pássaro, catapódio do centeio, catapódio pardaliano, catapódio pardalino, catapódio passarino, desmazéria, desmazéria centenar, desmazéria de pardal, desmazéria de pássaro, desmazéria pardaliana, desmazéria pardalina, desmazéria pardalítica, desmazéria passarina, desmazéria passarítica, joio, joio do centeio, joio centenar, joio de pardal, joio de passarinho, joio de pássaro, joio do centeio, joio pardalino, joio passarino, micrópiro, centenar, micrópiro de pardal, micrópiro de passarinho, micrópiro de pássaro, micrópiro pardaliano, micrópiro pardalino, micrópiro pardalítico, micrópiro passarino, micrópiro passarítico, narduro, narduro centenar, narduro de Haller, narduro de Lachenal, narduro de pardal, narduro de pássaro, narduro halleriano, narduro pardaliano, narduro pardalino, narduro pardalítico, narduro passarino, narduro passarítico, trítico, trigo centenar, trigo de Lachenal, trigo de pardal, trigo de passarinho, trigo de pássaro, trigo dos pardais, trigo dos pássaros, trigo pardaliano, trigo pardalino, trigo pardalítico, trigo passarino, trigo passarítico.

Endemismo euromediterrânico e macaronésico, distribuído do Arquipélago da Madeira até à Anatólia; Elemento mediterrânico, característico da Região Mediterrânica, próprio de prados, searas, matas, matos e locais incultos, frequentemente rochosos e secos, , por vezes também como planta serpentinícola, podendo encontrar-se na Europa ocidental até uma latitude de cerca de 49° N (STACE, 1980c: 157; STACE, 1985c: 459; DEVESA, 1987c: 291; DEVESA, 1991p: 60; SEQUEIRA & PINTO DA SILVA, 1992: 184; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 43; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental e ruderal herbácea anual, comum em Portugal (ALMEIDA & al., 2014bo), podendo ocorrer comumente em prados terofíticos e em biótopos rupícolas, da aliança de vegetação terofita *Thero-Airion* e da ordem (igualmente constituída por vegetação anual de reduzido porte) *Helianthemetalia guttati* (HONRADO, 2003: 177).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Planta ruderal, comum nos caminhos e suas margens (VI.2010, Observ.).

76. **Microstegium** Nees[Syn.: *Ischnochloa* J.D. Hooker]1. **Microstegium vimineum** (Trinius) A. Camus= *Andropogon vimineum* Trinius [basion.]= *Eulalia viminea* (Trinius) Kuntze= *Pollinia viminea* (Trinius) Merrill*Arthraxon lanceolatus* Miquel*Arthraxon nodosus* Komarov= *Microstegium nodosum* (Komarov) Tzvelev= *Microstegium vimineum* (Trinius) A. Camus subsp. *nodosum* (Komarov) Tzvelev*Eulalia viminea* (Trinius) Kuntze var. *variabilis* Kuntze*Microstegium aristulatum* Robyns & Tornay*Microstegium dilatatum* Koidzumi*Microstegium reticulatum* B.S. Sun ex H. Peng & X. Yang*Microstegium willdenowianum* Nees ex Steudel= *Microstegium vimineum* (Trinius) A. Camus f. *willdenowianum* (Nees ex Steudel) Osada= *Microstegium vimineum* (Trinius) A. Camus var. *willdenowianum* (Nees ex Steudel) Sur= *Pollinia imberbis* Nees ex Steudel var. *willdenowiana* (Nees ex Steudel) Hackel= *Pollinia willdenowiana* (Nees ex Steudel) Benthham*Pollinia cantonensis* Rendle= *Eulalia cantonensis* (Rendle) Hitchcock

= *Microstegium cantonense* (Rendle) A. Camus
Pollinia debile Balansa
 = *Microstegium debile* (Balansa) A. Camus
Pollinia debilis Balansa
Pollinia dilatata Koidzumi, nom. inval.
Pollinia imberbis Nees ex Steudel
 = *Eulalia viminea* (Trinius) Kuntze var. *imberbis* (Nees ex Steudel) Kuntze
 = *Microstegium imberbe* (Nees ex Steudel) Tzvelev
 = *Microstegium vimineum* (Trinius) A. Camus var. *imberbe* (Nees ex Steudel) Honda
Pollinia imberbis Nees ex Steudel f. *glabriflora* Nakai
Pollinia japonica Miquel var. *monostachya* Franchet & Savatier
 = *Microstegium vimineum* (Trinius) A. Camus var. *monostachyum* (Franchet & Savatier) Nakai
Pollinia japonica Miquel var. *polystachya* Franchet & Savatier
 = *Microstegium vimineum* (Trinius) A. Camus f. *polystachyum* (Franchet & Savatier) T. Koyama
 = *Microstegium vimineum* (Trinius) A. Camus var. *polystachyum* (Franchet & Savatier) Ohwi
 Terófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Andropógon, andropógon de flores glabras, andropógon glabrifloro, andropógon nodoso, andropógon vimíneo, artráxon, artráxon lanceolado, artráxon nodoso, artráxon variável, erva anual variável, erva de Pollini, erva polínia, erva variável, eulália, eulália cantonesa, eulália china, eulália chinesa, eulália da China, eulália de Cantão, eulália imberbe, eulália sem barba, eulália variável, eulália vimínea, microstégia, microstégio, microstégio arestado, microstégio aristado, microstégio aristulado, microstégio cantonês, microstégio chino, microstégio chinês, microstégio da China, microstégio de Cantão, microstégio débil, microstégio de flores glabras, microstégio de Willdenow, microstégio em rede, microstégio enfraquecido, microstégio enredado, microstégio fraco, microstégio glabrifloro, microstégio reticulado, microstégio reticular, microstégio variável, microstégio willdenowiano, polínia, polínia cantonesa, polínia china, polínia chinesa, polínia da China, polínia de Cantão, polínia débil, polínia de flores glabras, polínia dilatada, polínia do Japão, polínia enfraquecida, polínia fraca, polínia glabra, polínia glabrescente, polínia glabriflora, polínia humilde, polínia imberbe, polínia japonesa, polínia japónica, polínia nipónica, polínia sem barba, polínia variável.

Endemismo eurasiático, que se pode encontrar em grande parte da Ásia temperada e tropical, desde a Federação Russa e a China até ao Irão e às Filipinas, actualmente introduzido e naturalizado na América e noutras regiões do Mundo, próprio de orlas de florestas e arrelvados húmidos, de floração estival e outonal (CHEN & PHILLIPS, 2006c: 595-596); Planta ornamental e pratense herbácea anual, de aparência bastante variável, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

77. *Milium* L.

1. *Milium effusum* L.

= *Decandolia effusa* (L.) T. Bastard
 = *Melica effusa* (L.) Salisbury
 = *Miliarium effusum* (L.) Moench
 = *Paspalum effusum* (L.) Raspail
Agrostis effusa Lamarck
Alopecurus effusus Link ex Kunth, nom. inval.
Milium adscendens Roxburgh, nom. inval.
Milium confertum L.
 = *Milium effusum* L. subsp. *confertum* (L.) K. Richter
Milium dubium Jacquemoud ex Hooker fil., nom. inval.
Milium effusum L. subsp. *alpicola* Chrtek
 = *Milium effusum* L. var. *alpicola* (Chrtek) Soó
Milium effusum L. var. *cisatlanticum* Fernald
Milium effusum L. var. *coloratum* Roshev.
Milium effusum L. var. *elatius* W.D.J. Koch
Milium effusum L. var. *latifrons* Podpera
Milium effusum L. var. *variegatum* Ducommun
Milium nepalense Nees, nom. inval.
Milium transsilvanicum Schur
Milium transsilvanicum Schur var. *lerchenfeldianum* Schur
 = *Milium effusum* L. f. *lerchenfeldianum* (Schur) Morariu

Milium willdenowii Lojacono

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Agróstis, agróstis difusa, agróstis efusa, agróstis espalhada, estendida, agróstis extensa, agróstis vasta, alopecuro, alopecuro difuso, alopecuro efuso, alopecuro espalhado, alopecuro estendido, alopecuro extenso, alopecuro vasto, arenisca, decandólia, decandólia difusa, decandólia efusa, decandólia espalhada, decandólia estendida, decandólia extensa, decandólia vasta, mélica, mélica difusa, mélica efusa, mélica espalhada, mélica estendida, mélica extensa, mélica vasta, milhete, milhete alpestre, milhete alpícola, milhete alpino, milhete ascendente, milhete cisatlântico, milhete colorido, milhete compacto, milhete conferto, milhete da Transilvânia, milhete denso, milhete de Lerchenfeld, milhete de Willdenow, milhete difuso, milhete do bosque, milhete do Nepal, milhete dos Alpes, milhete dúvida, milhete duvidoso, milhete efuso, milhete espalhado, milhete estendido, milhete extenso, milhete lerchenfeldiano, milhete nepalense, milhete nepalês, milhete selvagem, milhete silvestre, milhete transilvânico, milhete transilvano, milhete vasto, milhete willdenowiano, milho alpestre, milho alpícola, milho alpino, milho ascendente, milho bravo, milho cisatlântico, milho colorido, milho compacto, milho conferto, milho da Transilvânia, milho de Willdenow, milho do bosque, milho dos Alpes, milho dúvida, milho duvidoso, milho lerchenfeldiano, milho selvagem, milho silvestre, milho transilvânico, milho transilvano, milho willdenowiano, miliário, miliário ascendente, miliário bravo, miliário difuso, miliário do bosque, miliário efuso, miliário espalhado, miliário estendido, miliário extenso, miliário selvagem, miliário silvestre, miliário vasto, mílio, mílio alpestre, mílio alpícola, mílio alpino, mílio ascendente, mílio bravo, mílio cisatlântico, mílio colorido, mílio compacto, mílio conferto, mílio da Transilvânia, mílio de Lerchenfeld, mílio de Willdenow, mílio denso, mílio difuso, mílio do bosque, mílio do Nepal, mílio dos Alpes, mílio dúvida, mílio duvidoso, mílio efuso, mílio espalhado, mílio estendido, mílio extenso, mílio lerchenfeldiano, mílio nepalense, mílio nepalês, mílio selvagem, mílio silvestre, mílio transilvânico, mílio vasto, mílio willdenowiano, páspalo, páspalo ascendente, páspalo da Transilvânia, páspalo de Lerchenfeld, páspalo difuso, páspalo do bosque, páspalo dúvida, páspalo duvidoso, páspalo efuso, páspalo espalhado, páspalo estendido, páspalo extenso, páspalo lerchenfeldiano, páspalo selvagem, páspalo silvestre, páspalo transilvano, páspalo transilvânico, sucau, sucauchu.

Endemismo do Hemisfério Norte, das regiões boreais temperadas, eurasiático e norte-americano, próprio de bosques (pinhais, por exemplo) e matos, sobretudo em locais húmidos e sombrios de natureza básica ou alcalina, podendo encontrar-se até os 3500 m de altitude; Elemento Euro-Siberiano (TUTIN, 1980v: 245-246; DOĞAN, 1985o: 361; RUIZ, 1991e: 160; IPNI; WU & PHILLIPS, 2006: 311; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental e forrageira herbácea perene, brevemente rizomatosa, cujos caules são também usados em tecelagem (TUTIN, 1980v: 245; WU & PHILLIPS, 2006: 311), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII).

78. *Miscanthus* Andersson[Syn.: *Diandranthus* L. Liu; *Imperata* Cyrillo subgen. *Triarrhena* Maximowicz= *Triarrhena* (Maximowicz) Nakai; *Rubimons* B.S. Sun]1. *Miscanthus sinensis* Andersson*Eulalia japonica* Trinius*Miscanthus condensatus* Hackel= *Miscanthus sinensis* Andersson var. *condensatus* (Hackel) Makino= *Xiphagrostis condensatus* (Hackel) W. Wight*Miscanthus boninensis* Nakai ex Honda*Miscanthus purpurascens* Andersson= *Miscanthus sinensis* Andersson var. *purpurascens* (Andersson) Matsumoto*Miscanthus sinensis* Andersson var. *formosanus* Hackel*Miscanthus sinensis* Andersson f. *glaber* Honda*Miscanthus sinensis* Andersson f. *gracillimus* Hitchcock*Miscanthus sinensis* Andersson var. *variegatus* Beal*Miscanthus sinensis* Andersson var. *zebrinus* Beal*Saccharum japonicum* Thunberg

Geófito ou hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Eulália, eulália da China, eulália do Japão, eulália japonesa, eulália japónica, eulália nipónica, miscanto, miscanto chinês, miscanto condensado, miscanto da China, miscanto da Formosa, miscanto do Japão, miscanto elegante, miscanto formosano, miscanto formoso, miscanto

grácil, miscanto japonês, miscanto japonico, miscanto nipónico, miscanto oriental, miscanto purpurascens, miscanto purpúreo, miscanto purpurino, miscanto sínico, miscanto zebrado, miscanto zebrino, sácaro da China, sácaro do Japão, sácaro japonês, sácaro japonico, sácaro nipónico, xifagróstis, xifagróstis condensada.

Endemismo eurasiático, exclusivo da Ásia oriental: China, Coreia e Japão, Indonésia, Filipinas, Rússia, etc. (CHEN & RENVOIZE, 2006a: 582; GRIN), que já se naturalizou na América do Norte e na Nova Zelândia (GRIN), muito raramente cultivada em Portugal, embora aparentemente já se encontre subspontânea também no arquipélago dos Açores (WIKIPEDIA), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim:

79. *Molineriella* Rouy

[Syn.: *Molineria* Parlato, non Colla]

1. *Molineriella laevis* (Brotero) Rouy

= *Aira laevis* Brotero [basion.]

= *Aiopsis laevis* (Brotero) P. Fournier

= *Deschampsia laevis* (Brotero) Schultes

= *Molineria laevis* (Brotero) Hackel

= *Periballia laevis* (Brotero) Ascherson & Graebner

Aira elegans Willdenow ex Gaudin, nom. illeg.

Aira glabrata Brotero

= *Trisetum glabratum* (Brotero) Schultes

Aira lendigera Lagasca

= *Aiopsis lendigera* (Lagasca) P. Fournier

= *Molineria lendigera* (Lagasca) Hackel

= *Salmasia lendigera* (Lagasca) Bubani

Aira lensaei Loiseleur-DeLongchamps

= *Aira capillaris* var. *lensaei* (Loiseleur-DeLongchamps) Cosson & Durand

= *Aira caryophylla* L. var. *lensaei* (Loiseleur-DeLongchamps) T. Durand & Schinz

Aira pulchella Willdenow

= *Deschampsia pulchella* (Willdenow) Trinius

Avena elegans Ascherson, nom. inval.

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Aira, aira bela, aira capilar, aira elegante, aira fina, aira formosa, aira glabra, aira lampa, aira lampinha, aira leve, aira pulcra, aira pulquela, airinha, airinha glabra, airinha lampa, airinha leve, airópsis, airópsis glabra, airópsis lampa, airópsis lampinha, airópsis leve, aveia elegante, aveinha, aveinha elegante, erva peneira, erva peneirinha, erva peribálinha, molinéria, molinéria glabra, molinéria lampinha, molinéria leve, molineriela, molineriela glabra, molineriela lampinha, molineriela leve, peneirinha, peribália, peribália glabra, peribália lampinha, peribália leve, peribálinha, salmária, triseto, triseto glabro, triseto lampinho, triseto lampo.

Endemismo ibero-magrebino (eventualmente presente também na Península da Crimeia, o que constituiria uma disjunção notável), de floração sobretudo primaveril ou vernal, comum em sítios secos e descampados, preferencialmente em solos ácidos (HENRIQUES, 1905: 69; MAIRE, 1952: 358; TUTIN, 1980w: 228; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 142; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental e pratense herbácea anual, espontânea e muito raramente cultivada em Portugal, muito comum nas Serras Beira-Durienses (SAMPAIO, 1936: 6; MENDONÇA & VASCONCELLOS, 1956: 27; FRANCO, 1958: 198-201; UTAD, 2005; RIBEIRO, 2006: 113; ALMEIDA, 2009: 572-573), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ALVES, 1991).

80. *Muhlenbergia* Schreber

[Syn.: *Epicampes* J. Presl]

1. *Muhlenbergia mexicana* (L.) Trinius

= *Agrostis mexicana* L. [basion.]

= *Cinna mexicana* (L.) P. Beauvois

= *Podosemum mexicanum* (L.) Link

= *Trichochloa mexicana* (L.) Trinius

= *Vilfa mexicana* (L.) P. Beauvois

Agrostis filiformis Willdenow, nom. illeg.
 = *Agrostis lateriflora* Michaux var. *filiformis* (Willdenow) Torrey
 = *Cinna filiformis* (Willdenow) Link
 = *Muhlenbergia ambigua* Torrey var. *filiformis* (Willdenow) Farwell
 = *Muhlenbergia mexicana* (L.) Trinius var. *filiformis* (Willdenow) Scribner
 = *Trichochloa filiformis* (Willdenow) Torrey, nom. inval.
Agrostis foliosa hort. ex Roemer & Schultes
 = *Muhlenbergia foliosa* (hort. ex Roemer & Schultes) Trinius
 = *Podosemum foliosum* (hort. ex Roemer & Schultes) Link
 = *Trichochloa foliosa* (hort. ex Roemer & Schultes) Trinius
Agrostis lateriflora Michaux
 = *Cinna lateriflora* (Michaux) Kunth
 = *Muhlenbergia lateriflora* (Michaux) Trinius
 = *Vilfa lateriflora* (Michaux) P. Beauvois
Agrostis ramosissima Sinclair
Cinna arundinacea Retzius ex Steudel, nom. inval.
Muhlenbergia ambigua Torrey
 = *Muhlenbergia foliosa* (hort. ex Roemer & Schultes) Trinius f. *ambigua* (Torrey) Fernald
 = *Muhlenbergia foliosa* (hort. ex Roemer & Schultes) Trinius var. *ambigua* (Torrey) Scribner
 = *Muhlenbergia foliosa* (hort. ex Roemer & Schultes) Trinius subsp. *ambigua* (Torrey) Scribner
 = *Muhlenbergia mexicana* (L.) Trinius f. *ambigua* (Torrey) Wiegand
Muhlenbergia mexicana (L.) Trinius var. *purpurea* Alph. Wood
Muhlenbergia polystachya Mackenzie & Bush
Muhlenbergia sylvatica var. *setiglumis* S. Watson
 = *Muhlenbergia foliosa* (hort. ex Roemer & Schultes) Trinius var. *setiglumis* (S. Watson) Scribner
 = *Muhlenbergia foliosa* (hort. ex Roemer & Schultes) Trinius subsp. *setiglumis* (S. Watson) Scribner
 = *Muhlenbergia mexicana* (L.) Trinius f. *setiglumis* (S. Watson) Fernald
 = *Muhlenbergia setiglumis* (S. Watson) A. Nelson & J.F. Macbride
Podosemum gymnostylum Nees
 = *Agrostis gymnostyla* (Nees) Steudel
 = *Muhlenbergia gymnostylum* (Nees) Nees
Polypogon canadensis E. Fournier, nom. illeg.
 Geófito. Origem: América do Norte.
 Alguns nomes comuns possíveis: Agróstis, agróstis do México, agróstis filiforme, agróstis folhosa, agróstis mexicana, agróstis ramosa, agróstis ramosíssima, cina, cina arundina, cina arundinácea, cina mexicana, mulembérquia, mulembérquia ambígua, mulembérquia de muitas espigas, mulembérquia de várias espigas, mulembérquia do México, mulembérquia espigada, mulembérquia espigosa, mulembérquia mexicana, mulembérquia polistáquia, mulembérquia purpúrea, podossemo, podossemo filiforme, podossemo folhoso, polipógon, polipógon canadense, polipógon do Canadá, tricocloa, tricocloa filiforme, tricocloa folhosa, tricocloa mexicana, vilfa, vilfa mexicana.
 Endemismo americano, da América do Norte (sub)tropical e temperada: Canadá e Estados Unidos (MABBERLEY, 2008: 561; GRIN; IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim (Identificação verificada por R.B. Fernandes em 1952); apesar do seu nome específico, esta espécie, própria de locais húmidos ou mesmo encharcados, como prados, valas de drenagem e outras zonas húmidas, não se encontra actualmente no México (WIKIPEDIA).
 Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

81. *Nardus* L.

1. *Nardus stricta* L.

= *Natschia stricta* (L.) Bubani
 Hemicriptófito. Origem: Nativa.
 Alguns nomes comuns possíveis: Cervum, erva cervum, erva dos cervunais, erva narda, erva nardinha, nardinho, nardo, natchia.
 Endemismo eurasiático e norte-africano; Género monoespecífico (MABBERLEY, 2008: 572); Elemento euro-siberiano, calcífugo, das montanhas (MILL, 1985a: 540-541; CARRASCO, 1991a: 248-250); Este hemicriptófito semi-arrosetado, relativamente comum em Portugal (ALMEIDA & al., 2014bp), ocorre em solos ácidos, arenosos ou turfosos, preferencialmente em sítios elevados, constituindo arrelvados densos

que são os chamados cervunais (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 203); Planta outrora cultivada e actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

82. *Nassella* Desvaux

1. *Nassella cernua* (Stebbins & Á. Löve) Barkworth

= *Stipa cernua* Stebbins & Á. Löve [basion.]

= *Stipa pulchra* Hitchc. var. *cernua* (Stebbins & Á. Löve) Beetle & Tofsrud

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Estipa, nassela, stipa.

Endemismo norte-americano, dos Estados Unidos e do México (GRIN); o género *Nassella* Desvaux é actualmente considerado independente do género *Stipa* L. (JACOBS & EVERETT, 1996; MABBERLEY, 2008: 572); Planta ornamental herbácea perene exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Nassella mucronata* (Kunth) R.W. Pohl

= *Stipa mucronata* Kunth [basion.]

Stipa setigera J. Presl

Hemicriptófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Estipa, estipa setígera, nassela, stipa, stipa setígera.

Endemismo sul-americano; Planta ornamental herbácea perene, herborizada pela primeira vez em Portugal em 1945, introduzida provavelmente através de sementes vindas juntamente com trigos importados da Argentina (GARCIA, 1946: 423-424), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ALVES, 1988; ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Nassella pulchra* (Hitchcock) Barkworth

= *Stipa pulchra* Hitchcock [basion.]

Hemicriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Estipa, estipa bela, estipa formosa, estipa pulcra, estipa venusta, nassela, nassela bela, nassela formosa, nassela pulcra, nassela venusta, stipa, stipa bela, stipa formosa, stipa pulcra, stipa venusta.

Endemismo norte-americano, da Califórnia (IPNI; MABBERLEY, 2008: 572); Planta ornamental herbácea perene, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

83. *Neoschischkinia* Tzvelev

1. *Neoschischkinia nebulosa* (Boissier & Reuter) Tzvelev

= *Agrostis nebulosa* Boissier & Reuter [basion.]

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agróstis, agróstis nebulosa, algarabias, algaravias, escova, escovinha, escovilha, feno, neochichkínia, polvilho.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, exclusivamente ibero-marroquino, de espontaneidade discutível em Marrocos (VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental herbácea anual, espontânea e muito rara em Portugal, no Algarve, em solo argiloso de base calcária (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 164-165), raramente cultivada e actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000).

84. *Oplismenus* P. Beauvois

1. *Oplismenus hirtellus* (L.) R. Brown

= *Panicum hirtellum* L. [basion.]

= *Hippagrostis hirtella* (L.) Kuntze

= *Orthopogon hirtellus* (L.) R. Brown

= *Setaria hirtella* (L.) Schultes
Hekaterosachne elatior Steudel
Milium undulatifolium Moench, nom. illeg.
Oplismenus africanus P. Beauvois
Oplismenus aristulatus Burcham
Oplismenus barbifolius Hochstetter
Oplismenus borhidi Catasús
Oplismenus brasiliensis Raddi
Orthopogon imbecillis R. Brown
= *Oplismenus imbecillis* (R. Brown) Roemer & Schultes
= *Panicum imbecille* (R. Brown) Trinius
Panicum velutinum G. Meyer
Hemicriptófito. Origem: América tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Agróstis, agróstis, agróstis cavalari, agróstis cavalina, agróstis cavalinha, agróstis cavalona, agróstis de cavalo, erva cesteira, erva de cesto, erva dos cestos, hecaterossacne, hipagróstis, mília, mília de folhas onduladas, mília undulatifólio, oplismeno, oplismeno aristado, oplismeno aristulado, oplismeno brasileiro, oplismeno do Brasil, oplismeno sul-americano, ortopógon, ortopógon hirta, ortopógon hirtelo, ortopógon hírtulo, pânico, pânico aveludado, pânico de veludo, pânico hirta, pânico hirtelo, pânico hírtulo, pânico veludoso, pânico velutino, setária, setária hirta, setária hirtela, setária hírtula.

Endemismo americano, onde se encontra sobretudo na América tropical (MABBERLEY, 2008: 604; USDA/NCRS; WIKIPEDIA); Planta ornamental exótica herbácea perene, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas em 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

85. *Oryza* L.

1. *Oryza sativa* L.

Terófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Arroz, arroz comestível, arroz de comer, arroz comum, arroz cultivado, arroz semeado, oriza, oriza sativa.

Endemismo eurasiático, do SE da Ásia (ROSA, 2000: 249); Planta alimentar e ornamental exótica herbácea anual, extremamente cultivada pelas suas espigas e pelos seus grãos, de extraordinário interesse alimentar e económico, constituindo a base da alimentação de grande parte das populações humanas (ROSA, 2000: 249-251; WIKIPEDIA).

Distribuição/localização no Jardim: Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002); E.G. II, subtropical (II.2013, Observ.!).

86. *Panicum* L.

1. *Panicum capillare* L.

Terófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva das bruxas, erva de bruxa, pânico, paniço, pânico capilar, paniço capilar, pânico fino, paniço fino.

Endemismo norte-americano (SCHOLZ, 1985a: 588; STACE, 1997: 910); Planta ornamental e ruderal herbácea anual, pouco comum e raramente invasora em Portugal (PINTO DA SILVA & RAINHA, 1964: 178-179).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ALVES, 1991); Na Alameda Central, planta ruderal (23.VIII.2001, Herb.!: ALMEIDA, 2005b); Escola Médica (TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Panicum miliaceum* L.

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Ji, milho alho, milho miúdo, milho pânico, milho paniço, pânico, paniço, pânico milhoso, paniço milhoso, pânico miliáceo, paniço miliáceo, pânico miúdo, paniço miúdo.

Endemismo eurasiático, da Ásia Central (SCHOLZ, 1985a: 589; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 220), cultivado em parte do Mundo, sobretudo em regiões montanhosas (CHEN & RENVOIZE, 2006); Planta ornamental, alimentar, forraginosa e ruderal herbácea anual; Entre nós, “Esta espécie foi outrora muito cultivada em Portugal continental quer para aproveitamento do grão (milho-miúdo) quer ainda para uso da palha seca na confecção de vassouras. A sua cultura tornou-se actualmente bastante rara, aparecendo, no

entanto, aqui e ali plantas desta gramínea como casuais ou já com aspecto de subespontaneidade” (FRANCO & ROCHA AFONSO, *l.c.*).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

3. ***Panicum nervatum*** (Franchet) Stapf

= *Isachne nervata* Franchet [basion.]

Panicum baumannii K. Schumann

Panicum fulgens Stapf

Panicum subrepandum Rendle

Hemicriptófito. Origem: África tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva paniça, isacne, isacne enervada, isacne nervada, isacne nervosa, pânico, pânico brilhante, pânico de Baumann, pânico enervado, pânico esplendoroso, pânico fulgente, pânico fúlgido, pânico nervado, pânico nervoso, pânico refulgente, paniço, paniço brilhante, paniço de Baumann, paniço enervado, paniço esplendoroso, paniço fulgente, paniço fúlgido, paniço nervado, paniço nervoso, paniço refulgente.

Endemismo africano, da África tropical: da África ocidental até ao Sudão e a sul até Angola e o Zimbabwe (CLAYTON, 1989); Planta ornamental e ruderal herbácea perene, própria de ervaçais arborizados e de encostas montanhosas abertas, por vezes em altitude, em solos arenosos ou pedregosos (CLAYTON, *l.c.*), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. ***Panicum prionitis*** Nees

= *Coleataenia prionitis* (Nees) Soreng

= *Sorengia prionitis* (Nees) Zuloaga & Morrone

Coleataenia gynerioides Grisebach

= *Panicum prionitis* Nees subsp. *gynerioides* (Grisebach) Roseng. & al.

Hemicriptófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Capim, capim de Santa Fé, capim pânico, capim paniço, coleaténia, coleaténia de Santa Fé, erva de Santa Fé, palha, palha brava, palha de Santa Fé, palha silvestre, pânico, pânico de Santa Fé, paniço, paniço de Santa Fé, sorêngia, sorêngia de Santa Fé, sorênguia, sorênguia de Santa Fé.

Endemismo sul-americano, do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai (GRIN; IPNI); Planta ornamental e ruderal herbácea perene, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (TAVARES & ALVES, 2002; ALMEIDA & al., 2003).

5. ***Panicum repens*** L.

Panicum arenarium Brotero

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alcarache, canhota, ervão, escalracho, escalracho da areia, escalracho das areias, galracho, gramão, pânico, pânico arenário, pânico da areia, pânico das areias, pânico perene, pânico repente, pânico repentino, pânico rizomatoso, paniço, rengro.

Planta de distribuição subcosmopolita, própria de sítios arenosos e húmidos, sobretudo junto ao mar (CLAYTON, 1980b: 261; SCHOLZ, 1985a: 588-589; VIERA, 1991b: 274); Planta ornamental e ruderal herbácea perene rizomatosa, espontânea e pouco comum em Portugal, podendo mesmo tornar-se invasora em certos locais.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

5. ***Panicum virgatum*** L.

= *Chasea virgata* (L.) Nieuwland

= *Millium virgatum* (L.) Lunell

Eatonia purpurascens Rafinesque

Ichnanthus glaber Link ex Steudel, nom. inval.

Navicularia glabra Raddi

= *Ichnanthus glabrus* (Raddi) Hitchcock

Panicum buchingeri E. Fournier

Panicum buchingeri E. Fournier ex Hemsley

Panicum coloratum Kunth

Panicum cynotis Trinius
 = *Ichnanthus cynotis* (Trinius) Döll
Panicum giganteum Scheele
Panicum glaberrimum Steudel
Panicum ichnanthoides E. Fournier
Panicum naviculare Nees
 = *Echinolaena navicularis* (Nees) Kunth, nom. illeg.
Panicum kunthii E. Fournier, nom. illeg.
Panicum kunthii E. Fournier ex Hemsley
Panicum pruinatum Bernh. ex Trinius, nom. inval.
Panicum purinatum Bernh. ex Trinius
Panicum virgatum L. var. *breviramosum* Nash
Panicum virgatum L. var. *confertum* Vasey
Panicum virgatum L. var. *cubense* Grisebach
 = *Panicum virgatum* L. subsp. *cubense* (Grisebach) Borhidi
Panicum virgatum L. var. *diffusum* Vasey
Panicum virgatum L. var. *elongatum* Vasey
 = *Millium virgatum* (L.) Lunell var. *elongatum* (Vasey) Lunell
Panicum virgatum L. var. *glauciphyllum* Cassidy
Panicum virgatum L. var. *obtusum* Alph. Wood
Panicum virgatum L. var. *scortum* H.P. Linder
Panicum virgatum L. var. *spissum* H.P. Linder
Panicum virgatum L. var. *thyrsiforme* H.P. Linder
 Hemícriptófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Chásea, chásea, chásea, cinótis, eatónia, equinolena, equinolena navicular, erva de Chase, icnanto, icnanto glabro, naviculária, naviculária glabra, pânico, pânico americano, pânico colorido, pânico cubano, pânico de Buchinger, pânico de cor, pânico de Cuba, pânico de pruína, pânico espesso, pânico gigante, pânico glabro, pânico glaberrimo, pânico navicular, pânico pruinoso, pânico tirsiforme, pânico virgado, pânico virgem.

Endemismo norte-americano, distribuído desde os 55 ° N no Canadá até ao México e ao Panamá (GRIN; WIKIPEDIA); Planta ornamental e pratense herbácea perene, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

87. *Parapholis* C.E. Hubbard

1. *Parapholis incurva* (L.) C.E. Hubbard

= *Aegilops incurva* L. [basion.]
 = *Lepidurus incurvus* (L.) Janch.
 = *Lepturus incurvus* (L.) Druce
 = *Pholiurus incurvus* (L.) Schinz & Thellung
Aegilops incurvata L.
 = *Lepturus incurvatus* (L.) Trinius
 = *Ophiurus incurvatus* (L.) Beauvois
 = *Pholiurus incurvatus* (L.) A.S. Hitchcock
 = *Pholiurus incurvus* (L.) Schinz & Thellung subsp. *incurvatus* (L.) Maire
 = *Rottboelia incurvata* (L.) L. fil.

Avena carmelii Boissier

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Aveia curva, foliúro, foliúro curvo, lepiduro, lepiduro curvo, lepturo, lepturo curvo, ofiúro, ofiúro, curvo, parafólis, parafólis curva.

Endemismo eurasiático e norte-africano, da Região Mediterrânica e da Europa ocidental, que vive sobretudo a baixa altitude, em zonas costeiras, em prados terofíticos halófilos (TUTIN, 1980k: 243; KIT TAN, 1985c: 520; ROMERO, 2011c: 366); Planta ornamental e ruderal herbácea anual, espontânea e rara em Portugal (cf. PORTO & GOMES, 2014ap), muito raramente cultivada, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ALVES, 1988; ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Parapholis strigosa** (Dumortier) C.E. Hubbard

= *Lepturus strigosus* Dumortier [basion.]

= *Lepiurus strigosus* Dumortier, orth. var.

Lepturus filiformis auct., non (Roth) Trinius

Lepturus incurvatus (L.) Trinius var. *vulgatus* Ascherson & Graebner

= *Lepturus incurvatus* (L.) Trinius var. *vulgatus* (Ascherson & Graebner) Rouy

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Aveia curva, aveia estrigosa, lepiúro, lepiúro curvo, lepiúro estrigoso, lepturo, lepturo curvo, lepturo estrigoso, parafólis, parafólis estrigosa.

Endemismo exclusivo da Europa Ocidental, das grandes ilhas do Mediterrâneo –Sardenha e Sicília– e do Norte de África: Líbia (VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental e ruderal herbácea anual, espontânea e pouco comum em Portugal, que ocorre em areias litorais, salgadiços e sapais (TUTIN, 1980k: 243; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 180-181), muito raramente cultivada, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII).

88. **Paspalum** L.

1. **Paspalum distichum** L.

= *Digitaria disticha* (L.) Fiori & Paolletti

= *Milium distichum* (L.) Muhlenberg

Digitaria paspalodes Michaux

= *Anastrophus paspalodes* (Michaux) Nash

= *Milium paspalodes* (Michaux) Elliott

= *Paspalum distichum* L. subsp. *paspalodes* (Michaux) Thellung

= *Paspalum distichum* L. var. *paspalodes* (Michaux) Thellung

= *Paspalum paspalodes* (Michaux) Scribner

Panicum fernandezianum Colla

Panicum paspaliforme J. Presl

Panicum polyrrhizum J. Presl

Paspalum berterioanum Balbis ex Colla

Paspalum bracteatum Dufour ex Kunth, nom. inval.

Paspalum chepica Steudel

Paspalum digitaria Poiret

= *Panicum digitaria* (Poiret) Latirr.

= *Paspalum distichum* L. var. *digitaria* (Poiret) Hackel

Paspalum distichum L. var. *indutum* Shinnars

Paspalum distichum L. var. *longirepens* Domin

Paspalum distichum L. var. *microstachyum* Domin

Paspalum elliottii S. Watson, nom. illeg.

Paspalum fernandezianum Colla

Paspalum glaucifolium Berter ex Colla, nom. inval.

Paspalum michauxianum Kunth, nom. illeg.

Paspalum oajacense Hemsley

Paspalum oaxacense Steudel

= *Dimorphostachys oaxacense* (Steudel) E. Fournier ex Hemsley

Paspalum paspaliforme J. Presl

Paspalum paucispicatum Vasey

Paspalum polyrrhizum J. Presl

Paspalum schaffneri Grisebach ex E. Fournier

Paspalum vaginatum Swartz var. *pubescens* Döll

Hemicriptófito. Origem: Regiões Tropicais.

Alguns nomes comuns possíveis: Alcanache, anástrofo, anástrofo paspalóide, capim, capim-aramé, capim de arame, capim bravo, digitária, digitária paspalóide, dimorfostáquis, dimorfostáquis de Oaxaca, erva branca, erva colorida, erva da eternidade, erva da praia, erva deda, erva dedeira, erva de Joanópolis, erva de Mercer, erva de nó, erva de Thompson, erva digitária, erva joanopolita, erva joanopolitana, grama, grama alba, grama braba, grama branca, grama brava, grama colorida, grama da eternidade, grama da praia, grama de Joanópolis, grama de nó, grama dicotómica, grama dística, grama divergente, grama doce, grama joanopolita, grama joanopolitana, grama paspalina, grama rasteira, grama rasteira da praia, gramão,

gramilha, gramilha branca, gramilha paspalina, graminha, graminha branca, graminha paspalina, graminhão, milhete, milhete costeiro, milhete da beira mar, milhete da praia, mílio, mílio dicotómico, mílio dístico, mílio divergente, mílio paspalóide, pânico, pânico ciliado, pânico da eternidade, pânico dedal, pânico digital, pânico paspálico, pânico paspaliforme, pânico paspalino, pânico páspalo, pânico paspalóide, pânico polirrizo, pânico pubérulo, pânico pubescente, pânico veloso, pânico viloso, páspalo, páspalo ciliado, páspalo ciliar, páspalo da eternidade, páspalo de Elliott, páspalo de Michaux, páspalo de poucas espigas, páspalo de Schaffner, páspalo dicotómico, páspalo dístico, páspalo divergente, páspalo pouco espigado, páspalo piloso, páspalo polirrizo, páspalo pubérulo, páspalo pubescente, páspalo veloso, páspalo viloso.

Erva de distribuição pantropical, de origem americana, neotropical (GRIN), também nativa ou naturalizada por exemplo no Líbano e na Síria, naturalizada no Sul da Europa, Chipre, Egipto e Paquistão (Scholz, 1985d: 596; Valdés & Scholz, 2009) e em grande parte do Mundo (GRIN); Planta ornamental e ruderal herbácea perene, usada como alimento por diversas espécies de aves (Wikipedia), comum e por vezes invasora em Portugal: “é freqüente nas margens dos cursos de água e nas regadeiras que por vezes invade com longos estolhos” (PINTO DA SILVA, 1940: 8), sendo “dotada de elevado poder de expansão e ocupação que a tornam numa planta daninha difícil de dominar” (PINTO DA SILVA & RAINHA, 1948: 81-82), sempre em sítios habitualmente húmidos e pouco afectados pelas geadas, que não tolera (MARCHANTE & al., 2014: 122).

Distribuição/localização no Jardim: Pouco comum em relvados, no Jardim e na Mata (ALMEIDA, 2005b).

2. *Paspalum urvillei* Steudel

Paspalum dilatatum Poiret var. *parviflorum* Döll

Paspalum griseum Hackel ex Loefgren

Paspalum griseum Hackel ex Corrêa, nom. inval.

Paspalum larranagae Arechavaleta

Paspalum ovatum Nees ex Trinius var. *parviflorum* Nees

Paspalum vaseyanum Scribner

Paspalum velutinum Trinius ex Nees, nom. inval.

Paspalum virgatum L. var. *parviflorum* Döll

Paspalum virgatum L. var. *pubiflorum* Vasey

Hemicriptófito. Origem: América do Sul.

Alguns nomes comuns possíveis: Capim, capim aveludado, capim de Urville, capim paspalino, capim paspalino de Urville, capim páspalo, capim páspalo de Urville, capim urvileano, capim urvileno, páspalo, páspalo aveludado, páspalo cinzento, páspalo de flores pequenas, páspalo de Larranaga, páspalo de Urville, páspalo de Vasey, páspalo micranto, páspalo minutifloro, páspalo parvifloro, páspalo griseo, páspalo urvileano, páspalo urvileno.

Endemismo sul-americano; Planta ornamental e ruderal herbácea vivaz, proto-hemicriptófitica, hemiagriófitica, por vezes invasora em Portugal, onde foi introduzida como forragem, no início do século XX (PINTO DA SILVA, 1940: 8; PINTO DA SILVA, 1971: 300); tem sido cultivada e achada subespontânea na Beira Litoral –sendo invasora por exemplo no Paúl de Arzila (PAIVA & al., 1993: 40)–, nas margens húmidas dos campos e pastagens, em arrozais e noutros sítios húmidos (PINTO DA SILVA & RAINHA, 1952: 7; CLAYTON, 1980: 263; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 227).

Distribuição/localização no Jardim: Casual em relvados e outros sítios ruderais (cf. SIMÕES DA SILVA, 1994).

89. *Pennisetum* L.C.M. Richard

[Syn.: *Gymnotrix* P. Beauvois]

1. *Pennisetum glaucum* (L.) R. Brown

= *Panicum glaucum* L. [basion.]

= *Chamaeraphis glauca* (L.) Kuntze

= *Chaetochloa glauca* (L.) Scribner

= *Ixophorus glaucus* (L.) Nash

= *Setaria glauca* (L.) P. Beauvois

= *Setariopsis glauca* (L.) Sampaio

Alopecurus typhoides Burmann fil.

= *Penicillaria typhoidea* (Burmann fil.) Schlechtendal

= *Pennisetum typhoides* (Burmann fil.) Stapf & C.E. Hubbard

Cenchrus paniceus B. Heyne ex Wallich, nom. inval.

Cenchrus pycnostachyus Steudel, nom. inval.

Holcus paniciformis Roxburgh ex Hooker fil.
Holcus racemosus Forsskål
 = *Andropogon racemosus* (Forsskål) Poiret ex Steudel, nom. inval.
Holcus spicatus L.
 = *Cenchrus spicatus* (L.) Cavanilles
 = *Panicum spicatum* (L.) Roxburgh
 = *Pennisetum americanum* (L.) Leeke subsp. *spicatum* (L.) Maire & Weiller
 = *Penicillaria spicata* (L.) Willdenow
 = *Pennisetum spicatum* (L.) Körnicke
Panicum alopecuroides J. Koenig ex Trinius, nom. inval.
Panicum americanum L.
 = *Pennisetum americanum* (L.) Leeke
 = *Cenchrus americanus* (L.) Morrone
Panicum coeruleum Miller
Panicum compressus Balbis ex Steudel, nom. inval.
Panicum holcoides Trinius, nom. inval.
Panicum indicum Miller
Panicum involucrellum Roxburgh
 = *Penicillaria involucrellum* (Roxburgh) Schultes
Panicum lutescens Weigel, nom. illeg.
 = *Chaetochloa lutescens* (Weigel) Stuntz, nom. illeg.
 = *Setaria lutescens* (Weigel) F.T. Hubbard, nom. illeg.
Panicum sericeum Aiton
 = *Setaria sericea* (Aiton) P. Beauvois
Penicillaria alopecuroides A. Braun, nom. inval.
Penicillaria arabica A. Braun
Penicillaria ciliata Willdenow
Penicillaria deflexa Andersson ex A. Braun
 = *Pennisetum nigritarum* (Schlechtendal) T. Durand & Schinz var. *deflexum* (Andersson ex A. Braun) T. Durand & Schinz
Penicillaria elongata Schrader ex Schlechtendal, nom. inval.
Penicillaria macrostachya Klotzsch, nom. illeg.
 = *Pennisetum nigritarum* (Schlechtendal) T. Durand & Schinz var. *macrostachyum* (Klotzsch) T. Durand & Schinz
 = *Pennisetum spicatum* (L.) Körnicke var. *macrostachyum* (A. Braun) K. Schumann
Penicillaria mossambicensis Müller Berol.
Penicillaria nigritarum Schlechtendal
 = *Pennisetum nigritarum* (Schlechtendal) T. Durand & Schinz
Penicillaria plukenetii Link
 = *Pennisetum plukenetii* (Link) T. Durand & Schinz
 = *Pennisetum typhoideum* Richard var. *plukenetii* (Link) Rendle
Penicillaria roxburghii Müller Berol.
Penicillaria willdenowii Klotzsch ex A. Braun & C.D. Bouché
Pennisetum albicauda Stapf & C.E. Hubbard
Pennisetum ancylochaete Stapf & C.E. Hubbard
Pennisetum aureum Link
Pennisetum cereale Trinius
Pennisetum cinereum Stapf & C.E. Hubbard
Pennisetum gambiense Stapf & C.E. Hubbard
Pennisetum gibbosum Stapf & C.E. Hubbard
Pennisetum giganteum Tenore ex Steudel, nom. inval.
Pennisetum indicum A. Braun, nom. inval.
Pennisetum leonis Stapf & C.E. Hubbard
Pennisetum linnaei Kunth
Pennisetum maiwa Stapf & C.E. Hubbard
Pennisetum malacochaete Stapf & C.E. Hubbard
Pennisetum megastachyum Steudel
Pennisetum pycnostachyum Stapf & C.E. Hubbard
Pennisetum solitarium Stokes
Pennisetum spicatum (L.) Körnicke var. *echinurus* K. Schumann

= *Pennisetum typhoideum* Richard var. *echinurus* (K. Schumann) Rendle

Pennisetum spicatum (L.) Körnicke var. *longipedunculatum* K. Schumann

Pennisetum spicatum (L.) Körnicke subsp. *willdenowii* K. Schumann

Pennisetum typhoideum Richard

= *Pennisetum americanum* (L.) Leeke subsp. *typhoideum* (Richard) Maire & Weiller

Phleum africanum Loureiro

Setaria rufa Chevallier, nom. illeg.

Hemicriptófito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Alopécuro, alopecuro, andropógon, andropógon racemoso, babala, bajira, bajra, bajri, biltug, cencro, cencro africano, cencro americano, cencro da América, erva gigante, erva sedosa, erva setária, erva setária azulada, erva setária glauca, erva seteira, fléum, fléum africano, gero, guero, holco, holco cereal, holco de espigas, holco espigado, holco paníceo, holco paniciforme, holco panicóide, holco racemoso, iugo, iugu, ixóforo, ixóforo azulado, ixóforo glaucescente, ixóforo glauco, lebelebele, mexoeira, milhafricano, milhete, milhete cavalino, milhete cereal, milhete cerúleo, milhete cinzento, milhete da Índia, milhete das candeias, milhete de cavalo, milhete de cauda de gato, milhete de cinza, milhete de gato, milhete de pérola, milhete equino, milhete felino, milhete gambiano, milhete gambiense, milhete gâmbio, milhete giboso, milhete gigante, milhete indiano, milhete leonino, milhete perlado, milhete perlófero, milhete perolino, milheto, milhinho, milho africano, milho de África, milho de cauda de gato, milho de gato, milho, milho de pérola, milho pequeno, milho perlado, milho perlífero, nioloti, pânico, pânico alopecuróide, pânico azulado, pânico cereal, pânico cerúleo, pânico da Índia, pânico de espigas, pânico espigado, pânico espigoso, pânico glaucescente, pânico glauco, pânico indiano, pânico índico, pânico raposado, pânico raposeiro, penicilária, penicilária alongada, penicilária arábica, penicilária ciliada, penicilária de Arábia, penicilária de espigas grandes, penicilária deflexa, penicilária de Moçambique, penicilária de Plukenet, penicilária de Roxburgh, penicilária de Willdenow, penicilária hirsuta, penicilária macrostáquia, penicilária moçambicana, penicilária mossambicense, penicilária pilosa, penicilária plukenética, penicilária solitária, penicilária vilosa, penicilária willdenowiana, penisseto, penisseto azul, penisseto azulado, penisseto áureo, penisseto cereal, penisseto cerúleo, penisseto cinzento, penisseto da Índia, penisseto de cauda, penisseto de cauda branca, penisseto de cinza, penisseto de escovas, penisseto de espigas, penisseto de espigas grandes, penisseto de grandes espigas, penisseto de Lineu, penisseto de ouro, penisseto de Plukenet, penisseto dos leões, penisseto dourado, penisseto escoveiro, penisseto espigado, penisseto espigoso, penisseto espigueiro, penisseto gambiano, penisseto gambiense, penisseto gâmbio, penisseto giboso, penisseto gigante, penisseto indiano, penisseto índico, penisseto leão, penisseto leónico, penisseto leonoso, penisseto lineano, penisseto plukenético, penisseto solitário, quetocloa, quetocloa amarela, quetocloa amarelada, quetocloa flava, quetocloa flavescente, quetocloa glauca, quetocloa glaucescente, quetocloa lútea, quetocloa lutescente, saije, sajalo, sajalu, setária, setária azulada, setária glauca, setária glaucescente, yugu.

Endemismo africano, possivelmente originário da África Tropical: região árida do Sahel, onde terá sido originalmente domesticado, há mais de 4000 anos; trata-se de uma planta bem adaptada a solos com baixa fertilidade, afectados pela seca e por temperaturas elevadas, podendo igualmente prosperar em solos com elevada salinidade ou pH baixo (Wikipedia); é considerado o sexto cereal mais importante do Mundo –a sua actual área de cultura é superior a 260000 km², a nível mundial–, sendo particularmente cultivado na Índia e em parte da África, embora grande parte do seu vasto potencial esteja ainda por explorar; trata-se de uma cultura de subsistência, que produz cerca de 600 kg por hectare (National Research Council, 1996; Wikipedia); Planta alimentar –também usada na confecção de cerveja (Mabberley, 2008: 643)–, ornamental e forraginosa herbácea perene, muito cultivada em diversas regiões temperadas, tropicais e subtropicais da África, Eurásia e América do Norte (GRIN; Wikipedia), raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Pennisetum macrourum* Trinius

= *Cenchrus macrourus* (Trinius) Morrone

Gymnotrix caudata Schrader

= *Cenchrus caudatus* (Schrader) Kuntze

Panicum asperum Link, nom. illeg.

Pennisetum angolense Rendle

Pennisetum angolense Rendle var. *laxispicatum* Rendle

Pennisetum asperum Schultes

Pennisetum davyi Stapf & C.E. Hubbard

Pennisetum exile Stapf & C.E. Hubbard

Pennisetum franchetianum Stapf & C.E. Hubbard
Pennisetum giganteum A. Richard
 = *Gymnotrix gigantea* (A. Richard) Walpers
Pennisetum giganteum A. Richard var. *minus* Leeke
Pennisetum giganteum A. Richard var. *trinervum* Pilger
Pennisetum glaucocladum Stapf & C.E. Hubbard ex Stent & J.M. Rattray
Pennisetum haareri Stapf & C.E. Hubbard
Pennisetum kisantuense Vanderyst
Pennisetum macropogon Stapf & C.E. Hubbard ex Stent & J.M. Rattray
Pennisetum natalense Stapf
Pennisetum quartinianum A. Richard
 = *Gymnotrix quartiniana* (A. Richard) Walpers
Pennisetum riparioides A. Richard
 = *Gymnotrix riparioides* (A. Richard) Walpers
Pennisetum scaettae Robyns
Pennisetum stenorrhachis Stapf & C.E. Hubbard
Pennisetum stolzii Mez
Pennisetum tenue Mez
Pennisetum togoense Mez
Pennisetum validum Mez
Perotis latifolia Ecklon ex Steudel, nom. inval.

Hemicriptófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Cencro, cencro caudado, cencro de cauda, cencro de escova, cencro escovado, cencro gigante, erva das escovas, erva de escova, erva escova, erva escoveira, erva escovinha, erva penisseta, erva penissética, gimnótrix, gimnótrix caudada, gimnótrix de cauda, gimnótrix de escova, gimnótrix escovada, gimnótrix gigante, pânico, pânico áspero, penisseto, penisseto angolano, penisseto angolês, penisseto de Davy, penisseto de Haarer, penisseto de Natal, penisseto de Martin, penisseto de Scaetta, penisseto de Stolz, penisseto do Togo, penisseto menor, penisseto natalense, penisseto natalício, penisseto natalino, penisseto martiniano, penisseto ripário, penisseto ripícola, penisseto stoltziano, penisseto sul-africano, penisseto ténue, penisseto togoês, penisseto toguês, penisseto trinervado, penisseto trinervio, penisseto válido, penisseto verdadeiro, penisseto vero, perótis, perótis de folhas largas, perótis latifolia.

Endemismo sul-africano, da África do Sul, actualmente considerado invasor na Austrália e na Nova Zelândia (Mabberley, 2008: 643; IPNI; GRIN); Planta ornamental e ruderal herbácea perene, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Pennisetum orientale* L.C.M. Richard

= *Cenchrus orientalis* (L.C.M. Richard) Willdenow ex Kunth, nom. inval.
 = *Cenchrus orientalis* (L.C.M. Richard) Morrone
 = *Panicum orientale* (L.C.M. Richard) Willdenow
 = *Pennisetum setaceum* (Forsskål) Chiovenda subsp. *orientale* (L.C.M. Richard) Maire
 = *Pennisetum setaceum* (Forsskål) Chiovenda var. *orientale* (L.C.M. Richard) Maire
Alopecurus hordeiformis Willdenow ex Steudel, nom. inval.

Pennisetum fasciculatum Trinius
 = *Pennisetum orientale* L.C.M. Richard var. *fasciculatum* (Trinius) Leeke
Pennisetum griffithii Munro ex Hooker fil.

Pennisetum persicum Boissier & Buhse
Pennisetum phalariforme Steudel

Pennisetum sinaicum Decaisne

Pennisetum tenue Fig. & De Notaris

Pennisetum triflorum Nees ex Steudel

= *Pennisetum orientale* L.C.M. Richard var. *triflorum* (Nees ex Steudel) Stapf

Pennisetum variable Fig. & De Notaris

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Alopécuro, alopécuro do oriente, alopécuro oriental, cauda de raposa, cauda de zorra, cencro, cencro do Oriente, cencro oriental, erva da fonte, erva da fonte branca, erva da fonte variável, erva das escovas, erva de escova, erva escova, erva escoveira, erva escovinha, erva fontana, erva fontana branca, erva fontana variável, erva penisseta, erva penissética, penisseto, penisseto da Pérsia, penisseto de Griffith, penisseto de raposa, penisseto de três flores, penisseto de zorra, penisseto do Irão,

peniseto do Levante, peniseto do Oriente, peniseto falariforme, peniseto falaróide, peniseto fasciculado, peniseto iraniano, peniseto irânico, peniseto levântico, peniseto levantino, peniseto oriental, peniseto pérsico, peniseto raposinho, peniseto raposino, peniseto trifloro, peniseto variável, peniseto zorrático, rabo de raposa, rabo de zorra.

Endemismo eurasiático e norte-africano (GRIN; IPNI; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Elemento Irano-Turânico, que se distribui do Norte de África, Mediterrâneo oriental, Anatólia e Arábia até ao Norte da Índia, Nepal e Paquistão; esta espécie foi descrita do Oriente, com base em *Cenchrus orientalis* Willdenow, inédito (SCHOLZ, 1985f: 601; CHEN & PHILLIPS, 2006: 551); Planta ornamental e ruderal herbácea perene, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002; IX.2011, Observ.!), Subespontânea no Quadrado Central (X.2012, Observ.!).

4. *Pennisetum purpureum* Schumacher

= *Cenchrus purpureus* (Schumacher) Morrone

Pennisetum bentharii Schumacher

Hemicriptófito. Origem: África tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Capim, capim de Napier, capim de elefante, capim dos elefantes, capim dos paquidermes, capim elefante, capim elefântico, capim elefantino, capim napier, capim napiê, capim napiê de elefante, capim napiê elefântico, capim napiê elefantino, capim paquidérmico, cencro, cencro paquidérmico, cencro peniseto, cencro penissético, cencro plumáceo, cencro plumoso, cencro purpurado, cencro purpurascente, cencro purpúreo, cencro purpurino, cencro purpurinho, erva capim, erva capina, erva capinada, erva capineira, erva capinha, erva das escovas, erva de capim, erva de escova, erva de escovar, erva de Merker, erva de Napier, erva dos elefantes, erva dos paquidermes, erva do Uganda, erva ugandesa, erva elefante, erva elefântica, erva elefantina, erva escova, erva escoval, erva escoveira, erva escovinha, erva escovosa, erva napiê, erva napier, erva paquidérmica, erva penisseta, erva penissética, erva plumácea, erva plumosa, erva purpurada, erva purpurascente, erva purpúrea, erva purpurina, erva purpurinha, pasto de elefante, pasto de Napier, pasto dos elefantes, pasto dos paquidermes, pasto elefante, pasto elefântico, pasto elefantino, pasto paquidérmico, peniseto, peniseto avermelhado, peniseto bentâmico, peniseto bentâmico, peniseto de Bentham, peniseto de Merker, peniseto de Napier, peniseto de elefante, peniseto de púrpura, peniseto dos elefantes, peniseto dos paquidermes, peniseto do Uganda, peniseto elefântico, peniseto elefantino, peniseto encarnado, peniseto paquidérmico, peniseto purpurado, peniseto purpurascente, peniseto purpúreo, peniseto purpurino, peniseto rubrescente, peniseto rubro, peniseto ugandês, peniseto vermelho.

Endemismo africano, da África tropical, actualmente naturalizado em quase todas as regiões tropicais e subtropicais, por vezes com carácter invasor, sobretudo no SE dos Estados Unidos da América e no Haewaii (MABBERLEY, 2008: 643; GRIN); Planta ornamental, forraginosa e ruderal herbácea perene, estolonífera, que raramente se reproduz por sementes mas antes se multiplica vegetativamente, produzindo uma elevada quantidade de biomassa –cerca de 40 toneladas por hectare por ano– e, mesmo assim, tem uma baixa exigência de água e de nutrientes (WIKIPEDIA); por vezes cultivada para controlo da erosão, para melhorar a fertilidade dos solos, no controle biológico de pestes (ajudando a afastar os insectos), como ornamental e como forragem e alimento para o gado, sendo também considerada uma “*crop wild relative*” (GRIN; WIKIPEDIA), talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. *Pennisetum setaceum* (Forsskål) Chiovenda

= *Phalaris setacea* Forsskål [basion.]

= *Cenchrus setaceus* (Forsskål) Morrone

Cenchrus asperifolius Desfontaines

Pennisetum cupreum Hitchcock, nom. inval.

Pennisetum erythraeum Chiovenda

Pennisetum macrostachyon Fresenius

Pennisetum macrostachyum Fresenius, nom. illeg.

Pennisetum numidicum Paris, nom. inval.

Pennisetum orientale L.C.M. Richard var. *altissimum* Chiovenda

Pennisetum orientale L.C.M. Richard subsp. *parisii* Trabut

= *Pennisetum orientale* L.C.M. Richard var. *parisii* (Trabut) Leeke

= *Pennisetum parisii* (Trabut) Trabut

= *Pennisetum setaceum* (Forsskål) Chiovenda var. *parisii* (Trabut) Maire

Pennisetum phalaroides Schultes, nom. illeg.

Penissetum rueppelianum hort. ex Mez

Penissetum ruppellii Steudel

Penissetum ruppellii Steudel var. *depauperatum* Schweinfurth

Pennisetum scoparium Chiovenda

Pennisetum spectabile Fig. & De Notaris

Pennisetum tiberiadis Boissier

Hemicriptófito. Origem: África Tropical e do Norte e Arábia.

Alguns nomes comuns possíveis: Alopecuro, alopécuro, cauda de raposa, cauda de zorra, cencro, cencro asperifólio, cencro de folhas ásperas, cencro setáceo, erva da fonte, erva da fonte carmim, erva da fonte tenra, erva das fontes, erva das escovas, erva de escova, erva escova, erva escovinha, erva fontana, erva fontanária, erva fonte, erva penisseta, erva penissética, escova de raposa, escova de zorra, fálaris, fálaris sedosa, fálaris setácea, penisseto, penisseto altíssimo, penisseto alto, penisseto asperifólio, penisseto avermelhado, penisseto ciprino, penisseto cíprio, penisseto cúpreo, penisseto cuprino, penisseto cuproso, penisseto da Numídia, penisseto de cobre, penisseto de escovas, penisseto de escovas, penisseto de escovas grandes, penisseto de espigas grandes, de folhas ásperas, penisseto de Paris, penisseto depauperado, penisseto de Ruppell, penisseto empobrecido, penisseto encarnado, penisseto escopário, penisseto escovado, penisseto escoveiro, penisseto escovoso, penisseto falaróide, penisseto numídico, penisseto parisiense, penisseto parisino, penisseto-rosa, penisseto rosado, penisseto rosé, penisseto róseo, penisseto rubrescente, penisseto rubro, penisseto rupeliano, penisseto rupélico, penisseto rupelino, penisseto sedoso, penisseto setáceo, penissetum, rabo de raposa, rabo de zorra.

Endemismo eurasiático, norte-africano e paleotropical, distribuído de Marrocos e da Arábia até à Zâmbia e ao Zimbabwe, actualmente considerado naturalizado ou mesmo invasor na África do Sul, na Austrália, na Nova Zelândia, no Oeste dos Estados Unidos da América, nas Ilhas Hawaii, Fidji, Nova Caledónia, arquipélago da Micronésia, Sardenha, Sicília, Tenerife (MABBERLEY, 2008: 643; GRIN; Wikipedia); epecófito ruderal, provavelmente introduzido como ornamental, que cresce “rapidamente e produz muitas sementes dispersas pelo ar. Ocorre em margens de estradas e caminhos e em zonas” sobretudo perturbadas, sendo “mais agressiva em habitats abertos e secos”, em Portugal, disperso no Algarve (MARCHANTE & al., 2014: 124; GRIN).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

6. *Pennisetum villosum* R. Brown ex Fresenius

= *Cenchrus villosus* (R. Brown ex Fresenius) Kuntze, nom. illeg.

Cenchrus longisetus M.C. Johnston

Pennisetum angustifolium E. de Vilmorin, nom. inval.

Pennisetum villosum R. Brown ex Fresen var. *humile* Hochstetter ex A. Richard

Hemicriptófito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Alopecuro, alopécuro, cauda de raposa, cauda de zorra, cencro, cencro cabeludo, cencro hirsuto, cencro peludo, cencro piloso, cencro sedoso, cencro setáceo, cencro veloso, cencro viloso, erva das escovas, erva de escova, erva escova, erva escovinha, erva penisseta, erva penissética, erva plumácea, erva plumosa, erva sedosa, escova de raposa, escova de zorra, penisseto, penisseto angustifólio, penisseto cabeludo, penisseto ciliado, penisseto comum, penisseto de folhas estreitas, penisseto de raposa, penisseto de zorra, penisseto hirsuto, penisseto humilde, penisseto peludo, penisseto piloso, penisseto raposeiro, penisseto veloso, penisseto viloso, penisseto vulgar, plumas de seda, plumas sedosas, rabo de raposa, rabo de zorra.

Endemismo africano, da África tropical e do Norte, actualmente considerado invasor na África do Sul (MABBERLEY, 2008: 643; IPNI; GRIN); epecófito, introduzido como ornamental, já subespontâneo e por vezes invasor em Portugal continental (FERNANDES, 1955: 20; MARTINS, 1973: 178; PINTO DA SILVA & PINTO DA SILVA, 1976b: 168; CLAYTON, 1980f: 264; PINTO DA SILVA & al., 1991: 238), sobretudo em terrenos incultos (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 233; MARCHANTE & al., 2014: 125); Planta ornamental e ruderal herbácea perene, na actualidade ainda presente no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (Matos, 1950; Rosa, 2000; Tavares & Alves, 2002; IX.2011, Observ.!); Subespontânea no Quadrado Central (X.2012, Observ.!) (MATOS, 1950; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002; IX.2011, Observ.!); Subespontânea no Quadrado Central (X.2012, Observ.!).

90. *Periballia* Trinius1. *Periballia involucrata* (Cavanilles) Janka= *Aira involucrata* Cavanilles [basion.]= *Molineria involucrata* (Cavanilles) K. Richter*Periballia hispanica* Trinius, nom. illeg.

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Aira, aira involucrada, erva peneira, erva peneira involucrada, erva-peneirinha, erva peneirinha involucrada, molinéria, molinéria involucrada, peneirinha, peneirinha involucrada, peribália, peribália involucrada.

Género monoespecífico; Endemismo da Região Mediterrânica ocidental, exclusivo da Península Ibérica, onde vive predominantemente em zonas montanhosas (DEVESA, 1991o. 118-120; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 143; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental anual cespitosa, menos vezes unicaule, que pode ocorrer em sítios secos em solos ácidos, geralmente arenosos, arrelvados terofíticos fugazes não nitrófilos supra-mediterrânicos, próprios de clareiras de urzais mesofílicos, normalmente sobre granitos; também em taludes e orlas de bosques (AGUIAR, 2000: 157); espontânea e pouco comum em Portugal, onde se encontra sobretudo no Norte e Centro (ALMEIDA & al., 2014bq), outrora cultivada e actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII).

91. *Phalaris* L.[Syn.: *Digraphis* Trinius; *Typhoides* Moench]1. *Phalaris aquatica* L.*Phalaris altissima* Menezes*Phalaris bulbosa* auct., non L.*Phalaris bulbosa* Tenore, nom. illeg.*Phalaris elongata* Braun-Blanquet*Phalaris nodosa* L., nom. illeg.*Phalaris nodosa* L. var. *minor* Lojacono*Phalaris stenoptera* Hackel= *Phalaris tuberosa* L. var. *stenoptera* (Hackel) Hitchcock*Phalaris* × *trabutiana* Maire, nom. inval.*Phalaris tuberosa* L.*Phalaris tuberosa* L. var. *alata* Battandier & Trabut= *Phalaris bulbosa* var. *alata* (Battandier & Trabut) Maire & Weiller*Phalaris tuberosa* L. var. *clausonis* Maire & Trabut= *Phalaris bulbosa* var. *clausonis* (Maire & Trabut) Maire & Weiller*Phalaris bulbosa* var. *hirtiglumis* Battandier & Trabut, nom. inval.= *Phalaris hirtiglumis* (Battandier & Trabut) Baldini= *Phalaris tuberosa* L. var. *hirtiglumis* (Battandier & Trabut) Trabut

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alpista, alpista alada, alpista alongada, alpista aquática, alpista bolbosa, alpista bulbosa, alpista de água, alpista de Harding, alpista tuberosa, alpiste, alpiste alada, alpiste alongada, alpiste aquática, alpiste bolbosa, alpiste bulbosa, alpiste de água, alpiste de Harding, alpiste tuberosa, alpístea, alpístea aquática, alpístea de água, alpistre, alpistre alada, alpistre alongada, alpistre aquática, alpistre de água, alpistre de Harding, capim, capim doce, capim doce alado, capim doce alongado, capim doce aquático, cauda de cavaleiro, cauda de cavalo, cauda de cordeirinho, cauda de cordeiro, erva alpista, erva alpístea, erva cavala, erva cavalgar, erva cavalinha, erva cordeira, erva cordeirinha, erva de cavaleiro, erva de cavalo, erva de cordeirinho, erva de cordeiro, erva de Harding, erva morulheira, erva trigueira, escaiola, escova cavalgar, escova cavalina, escova cavalinha, escova cavalona, escova cordeirinha, escova de cavaleiro, escova de cavalo, escova de cordeirinho, escova de cordeiro, fálaris, fálaris alada, fálaris alongada, fálaris alta, fálaris altíssima, fálaris aquática, fálaris bolbosa, fálaris bulbosa, fálaris clausoniana, fálaris clausónica, fálaris clausonina, fálaris de água, fálaris de Clauson, fálaris de Trabut, fálaris nodosa, fálaris trabutiana, fálaris trabutina, fálaris tuberosa, morulheira, trigueira, trigueira cavalgar, trigueira cavalina, trigueira cavalinha, trigueira de cavaleiro, trigueira de cavalo.

Endemismo eurasiático, macaronésico e mediterrânico, já naturalizado na Grã-Bretanha e no Arquipélago dos Açores (VALDÉS & SCHOLZ, 2009), assim como na África do Sul, na América do Norte, na Austrália e

na Nova Zelândia, podendo mesmo tornar-se invasora, em carvalhais, chaparraais, habitats ripícolas e em prados, por exemplo na Califórnia, onde afecta as gramíneas nativas (GRIN; WIKIPEDIA); Planta ornamental, forrageira e ruderal herbácea perene, (por vezes) bulbosa ou tuberosa na base (BAYTOP, 1985c: 368-369), por vezes considerada venenosa (GRIN), espontânea e pouco comum em Portugal e na Espanha, de floração primaveril ou vernal e estival (CARRASCO, 1991c: 166-168); Trata-se de um proto-hemicriptófito curtamente rizomatoso que se pode encontrar em Portugal continental em “Searas, terras cultivadas, clareiras de matas, margens de caminhos e de cursos de água, geralmente em solos profundos” (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 184; TUTIN, 1980x: 244); Planta ornamental espontânea e raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Phalaris arundinacea* L. subsp. *arundinacea*

= *Baldingera arundinacea* (L.) Dumortier

= *Digraphis arundinacea* (L.) Trinius

= *Phalaroides arundinacea* (L.) Rauschert

= *Typhoides arundinacea* (L.) Moench

Helófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alpista, alpístea, baldínguera, caniço, caniço de máculas, caniço de malhas, caniço de manchas, caniço falaróide, caniço maculado, caniço malhado, caniço manchado, cinta, digráfis, erva alpista, erva alpístea, erva alpesteia, erva alpesteira, erva arundina, erva arundinácea, erva baldinguera, erva cinta, erva cintada, erva dos arroios, erva dos regatos, erva dos ribeiros, erva falaróide, erva tifóide, erva triga, erva triguera, erva trigueira, fálaris, fálaris arundina, fálaris falaróide, falaróide, tifóide, triguera, trigueira.

Endemismo eurasiático, macaronésico e norte-africano (Tutin, 1980x: 244; Valdés & Scholz, 2009); Planta ornamental rizomatosa robusta com rizomas muito compridos, própria de sítios encharcados, águas paradas e margens de cursos de água (Franco & Rocha Afonso, 1998: 183-184), espontânea e raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Phalaris brachystachys* Link

= *Phalaris canariensis* L. subsp. *brachystachys* (Link) Pospichal

= *Phalaris canariensis* L. var. *brachystachys* (Link) Fedtschenko

Phalaris canariensis sec. Brotero (1804), non L. (1753)

Phalaris quadrivalvis Lagasca

Phalaris truncata sec. auct. lusit.

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alpista, alpista brava, alpista selvagem, alpista truncada, alpístea, alpístea brava, alpístea selvagem, alpístea truncada, alpestilho, alpestinha, cauda de cordeirinho, cauda de cordeiro, coelhinhos, coelhitos, conejitos, conejos, escova de cordeirinho, escova de cordeiro, fálaris, fálaris de espigas largas, fálaris quadrivalvar, fálaris quadrivalve, fálaris truncada.

Endemismo eurasiático, macaronésico e mediterrânico (VALDÉS & SCHOLZ, 2009); o tipo desta espécie, que é um elemento mediterrânico e foi descrita originalmente por Link, em 1806, é português: “*inter segetes, locisque incultis spontanea*” (BAYTOP, 1985c: 368); Planta ornamental e ruderal herbácea anual, geralmente cespitosa, própria de margens de estradas e de campos, terras cultivadas e incultas, incluindo eucaliptais (BAYTOP, *l.c.*; TUTIN, 1980x: 245; CARRASCO, 1991c: 165; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 185-186), espontânea e relativamente comum em Portugal, raramente cultivada e talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1988; ALVES, 1991).

4. *Phalaris canariensis* L.

Phalaris ovata Moench

Terófito. Origem: Macaronésia.

Alguns nomes comuns possíveis: Alpista, alpista canariense, alpista das Canárias, alpista dos canários, alpista dos pardais, alpista dos passarinhos, alpista dos pássaros, alpista ovada, alpeste, alpeste bravo, alpeste bravo, alpeste dos canários, alpeste dos pardais, alpeste dos passarinhos, alpeste dos pássaros, alpeste passareiro, alpeste silvestre, alpístea, alpístea ovada, alpesteia, alpesteira, alpestre, alpestreira, cauda de cordeirinho, cauda de cordeiro, cordeirinha, erva alpista, erva alpista ovada, erva alpístea, erva alpístea

ovada, erva canária, erva canária ovada, erva canariense, erva canariense ovada, erva canarina, erva canarina ovada, erva canarinha, erva canarinha ovada, erva cordeira, erva cordeirinha, erva de cordeiro, erva dos coelinhos, erva dos cordeirinhos, erva dos cordeiros, erva dos ratinhos, erva dos ratos, erva dos canários, erva dos piupius, erva escaiola, erva esciola, erva piupiu, erva ratinha, erva trigalinha, erva trigueira, escaiola, esciola, escova cordeirinha, escova de cordeirinho, escova de cordeiro, fálaris, fálaris canariense, fálaris canarina, fálaris canarinha, fálaris das Canárias, fálaris dos canários, grama canária, grama das Canárias, grama dos canários, grão das Canárias, grão dos canários, sanguinhol, trigalinha, trigueira, trigueirinha, triguera.

Endemismo eurasiático, macaronésico (dos arquipélagos dos Açores, Canária e Madeira) e mediterrânico, sendo também cultivada esporadicamente (CARRASCO, 1991c: 164), nativo das Ilhas Canárias e do NW de África (TUTIN, 1980x: 244; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental, forraginosa e ruderal herbácea anual, por vezes cultivada em Portugal (HACKEL, 1880: 7), em pequena escala, e muito rara fora das culturas (HENRIQUES, 1905: 18), às vezes subespontânea (SAMPAIO, 1909: 48; SAMPAIO, 1947: 58; COUTINHO, 1939: 79; PINTO DA SILVA & al., 1989: 234), podendo encontrar-se em “Pousios e incultos, naturalizada, “sobretudo no Ribatejo, devido às cariopses, pequenas e amareladas, usadas na alimentação de pássaros em gaiola” (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 185).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ALVES, 1988; ALVES, 1991; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Escola Médica (ALMEIDA & al., 2003; V.2007, Observação!).

5. *Phalaris coerulescens* Desfontaines subsp. *coerulescens*

= *Phalaris bulbosa* Cavanilles var. *coerulescens* (Desfontaines) Knoch

= *Phalaris paradoxa* L. var. *coerulescens* (Desfontaines) Paunero

Phalaris aquatica sec. auct. lusit.

Phalaris aquatica var. *macrostachya* Mutel

Phalaris aquatica var. *macrostachys* Mutel

Phalaris bulbosa Cavanilles (1791), non L. (1753) nec L. (1759)

Phalaris bulbosa Cavanilles var. *nervosa* Willkomm

Phalaris coerulescens Desfontaines var. *concolor* Lojacq

Phalaris coerulescens Desfontaines subsp. *lusitanica* Rocha Afonso & Franco

Phalaris coerulescens Desfontaines var. *maior* De Notaris

Phalaris coerulescens Desfontaines var. *major* De Notaris

Phalaris coerulescens Desfontaines var. *ovata* Parlato

Phalaris coerulescens Desfontaines var. *tenuis* Ascherson & Graebner

Phalaris coerulescens Desfontaines var. *villosula* De Notaris ex Parlato

Phalaris commutata Roemer & Schultes

Phalaris tuberosa Link, nom. illeg.

Phalaris variegata Sprengel

Phalaris villosula De Notaris ex Parlato, nom. inval.

Phleum alatum Host

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alpista, alpista aveludada, alpista azul, alpista azulada, alpista caval, alpista cavalina, alpista cavaluna, alpista cerúlea, alpista cerulescente, alpista de cavalo, alpista ténue, erva alpista, erva alpista aveludada, erva alpista caval, erva alpista cavalina, erva alpista cavaluna, erva alpista cerúlea, erva alpista cerulescente, erva alpista de cavalo, erva alpista ténue, erva alpístea, erva alpístea aveludada, erva alpístea cerúlea, erva alpístea cerulescente, erva alpístea de cavalo, escaiola, escaiola azul, escaiola azulada, escaiola caval, escaiola cavalina, escaiola cavaluna, escaiola cerúlea, escaiola cerulescente, escaiola ténue, fálaris, fálaris aveludada, fálaris azul, fálaris azulada, fálaris caval, fálaris cavalina, fálaris cavaluna, fálaris cerúlea, fálaris cerulescente, fálaris ciliada, fálaris concolor, fálaris de cavalo, fálaris de espigas grandes, fálaris de Portugal, fálaris enervada, fálaris lusitana, fálaris lusitânica, fálaris macrostáquia, fálaris maior, fálaris nervosa, fálaris ovada, fálaris pilosa, fálaris portuguesa, fálaris ténue, fálaris tuberosa, fálaris vilosa, fléolo, fléolo alado, fléum, fléum alado, triguera, triguera caval, triguera cavalina, triguera cavaluna, triguera de cavalo, trigueira, trigueira caval, trigueira cavalina, trigueira cavaluna, trigueira de cavalo, trigueirinha, trigueirinha caval, trigueirinha cavalina, trigueirinha cavaluna, trigueirinha de cavalo.

Endemismo exclusivo das Regiões Mediterrânica e Macaronésica; Elemento mediterrânico (BAYTOP, 1985c: 369-370; VALDÉS & SCHOLZ, 2009; IPNI); Planta ornamental e ruderal herbácea perene, espontânea e pouco comum em Portugal, onde se encontra em sítios “preferencialmente húmidos como prados, terras cultivadas e margens de cursos de água” (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 187), também em margens de

campos e de caminhos, como planta ruderal (TUTIN, 1980x: 245; CARRASCO, 1991c: 168), talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1988; ALVES, 1991; ROSA, 2000).

6. *Phalaris minor* Retzius

= *Phalaris arundinacea* L. subsp. *bulbosa* var. *minor* (Retzius) Paunero

Phalaris mauritii Sennen

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alpista, alpista anual, alpista brava, alpista menor, alpista pequena, coelhinha, coelinhos, erva alpista, erva alpista menor, erva coelha, erva coelheira, erva coelhinha, erva coelhosa, erva coelhuda, erva dos coelinhos, erva alpista, erva alpista anual, erva alpista menor, erva alpista pequena, erva alpístea, erva alpístea menor, erva alpístea pequena, cauda de cordeirinho, cauda de cordeiro, erva dos coelinhos, erva dos ratinhos, erva dos ratos, escova de coelhinho, escova de coelho, escova de cordeirinho, escova de cordeiro, fálaris, fálaris dos coelinhos, fálaris dos ratinhos, fálaris menor, fálaris pequena, ratinhos.

Endemismo eurasiático, macaronésico e mediterrânico, já naturalizado na Grã-Bretanha e no Arquipélago dos Açores (VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Elemento mediterrânico, distribuído desde a Europa ocidental e Região Mediterrânica até à Ásia Central e à Índia (TUTIN, 1980x: 244-245; BAYTOP, 1985c: 369), de floração hiberna ou hiemal, primavera ou vernal e estival (CARRASCO, 1991c: 165-166); Planta ornamental, forrageira e ruderal herbácea anual, geralmente cespitosa, raramente bienal, que se pode encontrar em “Terras cultivadas e incultos, encontrando-se também em terrenos húmidos e mesmo em sapais” (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 184-185).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1988; ALVES, 1991).

7. *Phalaris paradoxa* L.

Phalaris praemorsa Lamarck, nom. illeg.

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alpista, alpista-baunilha, alpista dos pássaros, alpista dos passarinhos, alpista paradoxal, fálaris, fálaris paradoxal.

Endemismo das regiões Euro-Mediterrânica, Caucásica e Macaronésica (TALAVERA, 1987a: 354-355; CARRASCO, 1991c: 169; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Elemento Mediterrânico (BAYTOP, 1985c: 370); Planta ornamental e ruderal herbácea anual, espontânea e pouco comum em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1988; ALVES, 1991; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

92. *Phleum* L.

1. *Phleum bertolonii* DC.

= *Phleum pratense* L. subsp. *bertolonii* (DC.) Bornmüller

= *Phleum pratense* L. var. *bertolonii* (DC.) G. Beck

= *Phleum pratense* L. var. *bertolonii* (DC.) Woods

Phleum pratense L. var. *abbreviatum* Boissier

= *Phleum abbreviatum* (Boissier) Rivas Martínez, A. Asensi, Molero Mesa & F. Valle

= *Phleum brachystachyum* (Salis) Gamisans, A.T. Romero & C. Morales subsp. *abbreviatum* (Boissier) Gamisans, A.T. Romero & C. Morales

= *Phleum pratense* L. subsp. *abbreviatum* (Boissier) J. Molero Mesa & Pérez Raya

Phleum castelnavii Sennen, nom. inval.

Phleum hubbardii D. Kovats

= *Phleum pratense* L. subsp. *hubbardii* (D. Kovats) Soó

Phleum intermedium Jordan

Phleum pratense L. var. *nodosum* Boissier

Phleum serotinum Jordan

= *Phleum pratense* L. subsp. *serotinum* (Jordan) Berher

= *Phleum pratense* L. var. *serotinum* (Jordan) St.-Lager

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Fléolo, fléolo bertoloniano, fléolo de Bertoloni, fléolo de Hubbard, fléolo dos prados, fléolo intermédio, fléolo pratense, fléolo serotino, fléolo tardio, fléum, fléum bertoloniano,

fléum de Bertoloni, fléum de Hubbard, fléum dos prados, fléum intermédio, fléum pratense, fléum serótino, fléum tardio.

Endemismo eurasiático, das regiões Mediterrânica e Irano-Turânica, que pode encontrar-se em solos arenosos, em margens de estradas e caminhos e em campos (HUMPHRIES, 1980e: 240; DOĞAN, 1985p: 391; DEVESA, 1991r: 176-178); Planta ornamental, ruderal e forraginosa herbácea perene pratense, cespitosa, espontânea e pouco comum em Portugal, em bosques e matos, sobretudo no Norte e Centro (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 173; AGUIAR, 2000; PORTO & al., 2014j), de floração primaveril ou vernal, estival e outonal, actualmente extinta no Jardim (Identificação verificada por R.B. Fernandes, em 1955).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950).

2. *Phleum pratense* L. subsp. **pratense**

= *Phleum nodosum* var. *pratense* (L.) St.-Amans

= *Plantinia pratensis* (L.) Bubani

= *Stelephurus pratensis* (L.) Lunell

Phleum alpinum L. subsp. *trabutii* Litardière & Maire

= *Phleum bertolonii* DC. subsp. *trabutii* (Litardière & Maire) Kerguélen

= *Phleum pratense* L. subsp. *trabutii* (Litardière & Maire) Kerguélen

= *Phleum trabutii* (Litardière & Maire) Rivas Martínez, A. Asensi, Molero Mesa & F. Valle

Phleum bulbosum Gouan

= *Achnodonton bulbosum* (Gouan) J. Woods

Phleum deckeri Roemer ex Trinius

Phleum fallax Janka

= *Phleum pratense* L. f. *fallax* (Janka) Serb. & E.L. Nyárády

= *Phleum pratense* L. var. *fallax* (Janka) C. von Klinggräff

Phleum intermedium Jordan

Phleum maximum Pryor, nom. inval.

Phleum microstachyum Ruiz ex Nyman

= *Phleum pratense* L. subsp. *microstachyum* (Ruiz ex Nyman) Malagarriga

Phleum nodosum auct., non L.

Phleum nodosum L.

= *Phleum pratense* L. subsp. *nodosum* (L.) Arcangeli

= *Phleum pratense* L. subsp. *nodosum* (L.) Dumortier

= *Phleum pratense* L. var. *nodosum* (L.) Hudson

= *Phleum pratense* L. var. *nodosum* (L.) Schrader

Phleum parnassicum Boissier, nom. nud.

Phleum parnassicum Boissier & Heldreich ex Nyman

Phleum pratense L. var. *brachystachyum* Salis

= *Phleum brachystachyum* (Salis) Gamisans, A.T. Romero & C. Morales

= *Phleum pratense* L. subsp. *brachystachyum* (Salis) Gamisans

Phleum pratense L. f. *bracteatum* Ascherson & Graebner

Phleum pratense L. var. *elongatum* Schur

= *Phleum pratense* L. f. *elongatum* (Schur) Serb. & E.L. Nyárády

Phleum pratense L. var. *longiciliatum* Parnell

Phleum pratense L. var. *viviparum* Gray

= *Phleum pratense* L. f. *viviparum* Gray) Louis-Marie

Phleum pratense L. var. *vulgare* Čelakovský, nom. inval.

= *Phleum pratense* L. subsp. *vulgare* (Čelakovský) Ascherson & Graebner

= *Phleum pratense* L. subsp. *vulgare* (Čelakovský) Hylander

= *Phleum vulgare* (Čelakovský) Ascherson & Graebner

= *Phleum vulgare* (Čelakovský) Chase & Niles, nom. inval.

Phleum praecox Jordan

Phleum roshevitzii Pavlov

= *Phleum pratense* L. subsp. *roshevitzii* (Pavlov) Tzvelev

Phleum stoloniferum Host

= *Phleum pratense* L. var. *stoloniferum* (Host) Serb. & E.L. Nyárády

Phleum tuberosum Panzer ex Trinius, nom. inval.

Phleum villosum Opiz

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Acnodônton, acnodônton bolboso, acnodônton bulboso, acnodônton de gato, acnodônton felino, capim, capim alongado, capim bolboso, capim bulboso, capim de gato, capim de

Roshevitz, capim de timóteo, capim falaz, capim felino, capim fleóide, capim fléolo, capim nodoso, capim precoce, capim timóteo, capim tuberculado, capim tuberoso, capim vivíparo, cauda de gato, cauda de rato, erva de Timóteo, erva de Timothy Hansen, erva fléola, erva fleóide, erva timótea, escova de gato, escova de gato dos lameiros, escova de gato dos prados, escova de rato, estelefuro, estelefuro dos lameiros, estelefuro dos prados, estelefuro estolonífero, estelefuro pratense, fléolo, fléolo alongado, fléolo braquistáquio, fléolo ciliado, fléolo de Decker, fléolo de espigas grandes, fléolo de espigas pequenas, fléolo de Roshevitz, fléolo de Trabut, fléolo dos prados, fléolo estolonífero, fléolo falaz, fléolo forrageiro, fléolo maior, fléolo máximo, fléolo microstáquio, fléolo nodoso, fléolo piloso, fléolo pratense, fléolo precoce, fléolo pubescente, fléolo trabutiano, fléolo tuberculado, fléolo tuberoso, fléolo viloso, fléolo vivíparo, fléum, fléum alongado, fléum braquistáquio, fléum ciliado, fléum de Decker, fléum de espigas grandes, fléum de espigas pequenas, fléum de Roshevitz, fléum de Trabut, fléum dos prados, fléum estolonífero, fléum falaz, fléum forrageiro, fléum maior, fléum máximo, fléum microstáquio, fléum nodoso, fléum piloso, fléum pratense, fléum precoce, fléum pubescente, fléum trabutiano, fléum tuberculado, fléum tuberoso, fléum viloso, fléum vivíparo, plantínia, plantínia dos prados, plantínia dos lameiros, plantínia pratense, timosi, timoti, timucau.

Endemismo eurasiático e norte-africano, distribuído por uma vasta área na Eurásia, da Anatólia até à Índia, China e Sibéria oriental, já naturalizado na Austrália, Nova Zelândia, Américas do Norte e do Sul e Caraíbas: Índias Ocidentais; Elemento Euro-Siberiano (DOĞAN, 1985p: 390-391; GRIN; IPNI; MABBERLEY, 2008: 656; PROBATOVA & al., 2013g); Planta ornamental, medicinal (CLAUDINO & al., 2001: 47) e forraginosa herbácea perene pratense, que pode causar a febre dos fenos, já citada como invasora no NW dos Estados Unidos, onde terá sido introduzida por Timothy Hansen em 1720 (GRIN; MABBERLEY, *l.c.*), muito rara em Portugal continental, onde apenas se encontrou em TM, na Terra Fria (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 172-173; AGUIAR, 2000; PORTO & al., 2014j), por vezes cultivada como planta forrageira (HUMPHRIES, 1980e: 240), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Phleum subulatum* (Savi) Ascherson & Graebner subsp. **subulatum**

= *Phalaris subulata* Savi [basion.]

Phalaris cylindrica DC.

Phalaris sativa Persoon, nom. illeg.

Phalaris tenuis Host

= *Achnodonton tenue* (Host) P. Beauvois

= *Phleum pratense* L. var. *tenue* (Host) Litardière

= *Phleum tenue* (Host) Schrader

Phleum bellardii J.F. Gmelin

= *Achnodon bellardii* (J.F. Gmelin) Link

= *Achnodonton bellardii* (J.F. Gmelin) Willdenow

= *Phalaris bellardii* (J.F. Gmelin) Willdenow

Phleum mesopotamiae Roemer & Schultes, nom. inval.

Phleum tenue (Host) Schrader var. *ciliatum* Boissier

= *Phleum subulatum* (Savi) Ascherson & Graebner subsp. *ciliatum* (Boissier) Humphries

= *Phleum subulatum* (Savi) Ascherson & Graebner var. *ciliatum* (Boissier) Halácsy

Plantinia cylindracea Bubani, nom. illeg.

Hemicriptófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Acnódon, acnódon belardiano, acnódon de Bellardi, acnodônton, acnodônton belardiano, acnodônton de Bellardi, acnodônton ténue, fálaris, fálaris belardiana, fálaris cilíndrica, fálaris cultivada, fálaris de Bellardi, fálaris semeada, fálaris ténue, fléolo, fléolo belardiano, fléolo ciliado, fléolo cilíndrico, fléolo da Mesopotâmia, fléolo da terra de entre os rios, fléolo de Bellardi, fléolo de entre os rios, fléolo dos prados, fléolo ténue, fléum, fléum belardiano, fléum ciliado, fléum cilíndrico, fléum da Mesopotâmia, fléum da terra de entre os rios, fléum de Bellardi, fléum de entre os rios, fléum dos prados, fléum ténue, plantínia, plantínia cilíndrica, plantínia cilíndrica.

Endemismo eurasiático e mediterrânico, também presente na Arábia, na Crimeia, no Norte do Iraque e no Paquistão (DOĞAN, 1985p: 392-393; GRIN; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta herbácea anual, própria de ervaçais e bosques em zonas costeiras ou em prados e taludes calcários de montanha, a altitudes geralmente inferiores a 1000 m (HUMPHRIES, 1980e: 241; DOĞAN, *l.c.*), raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim (Identificação verificada por R.B. Fernandes, em 1955).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

93. **Phragmites** Adanson1. **Phragmites australis** (Cavanilles) Steudel

= *Arundo australis* Cavanilles [basion.]

Arundo phragmites L. [nom. subst.]

Phragmites communis Trinius

Phragmites gigantea J. Gay

Phragmites loscosii Willkomm

Phragmites pumila Willkomm

Phragmites vulgaris Sampaio

Helófito ou hidrófito (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 199). Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Arundo, arundo austral, arundo do sul, arundo fragmites, arundo fragmítico, cana, cana austral, cana do sul, canas, canha, canhas, canheta, caniço, caniço austral, caniço comum, caniço das vassouras, caniço de água, caniço dos ribeiros, caniço do sul, caniço vulgar, carriço, carriço bastardo, carriço comum, carriço das vassouras, carriço de água, carriço dos ribeiros, fragmites, fragmites austral, fragmites comum, fragmites de Loscos, fragmites do sul, fragmites gigante, fragmites vulgar.

Endemismo eurasiático, norte-africano e macaronésico (VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Elemento Euro-Siberiano, da Eurásia temperada, que se estende até aos Trópicos, inclusivamente da América do Sul: Peru (HARDION & al., 2013: 1075), de propagação rápida, formando grandes colónias em locais pantanosos ou húmidos (BAYTOP, 1984a: 563; TUTIN, 1980i: 253); Planta herbácea perene espontânea e relativamente comum em Portugal (PORTELA-PEREIRA & al., 2014aa).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

94. **Phyllostachys** Siebold & Zuccarini1. **Phyllostachys aurea** Carrière ex Rivière & C. Rivière

= *Phyllostachys bambusoides* Siebold & Zuccarini var. *aurea* (Carrière ex Rivière & C. Rivière) Makino

= *Phyllostachys reticulata* (Ruprecht) K. Koch var. *aurea* (Carrière ex Rivière & C. Rivière) Makino

Phyllostachys formosana Hayata

Phyllostachys breviligula W.T. Lin & Z.M. Wu

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Bambu, bambu áureo, bambu de ouro, bambu dourado, bambusa, bambusa áurea, bambusa de ouro, bambusa dourada, filostáquis, filostáquis áureo, filostáquis de ouro, filostáquis dourado.

Endemismo da Ásia oriental: SE da China (FRANCO, 1980a: 125; MCCLINTOCK, 1984a: 57; WANG & STAPLETON, 2006a: 168); Planta ornamental arbórea, por vezes utilizada para a confecção de bengalas, cabos de sombrinhas e canas de pesca (WANG & STAPLETON, l.c.), raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Mata: Bambusal = Talhão 9 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. **Phyllostachys nigra** (Loddiges ex Lindley) Munro f. **punctata** (Bean) Makino

= *Phyllostachys nigra* (Loddiges ex Lindley) Munro var. *punctata* Bean [basion.]

Phyllostachys nigra (Loddiges ex Lindley) Munro 'Punctata'

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Bambu, bambu negro, bambusa, bambusa negra, filostáquis, filostáquis negro, zizu.

Endemismo da Ásia oriental: China (FRANCO, 1980a: 125; MCCLINTOCK, 1984a: 57-58; WANG & STAPLETON, 2006a: 175); Planta ornamental arbórea muito cultivada em Portugal e em grande parte do Mundo, pela sua grande utilidade e pelo valor ornamental; Reproduz-se vegetativamente e tem crescimento rápido; Espécie monocárpica (só floresce uma vez na vida).

Distribuição/localização no Jardim: Mata: Bambusal = Talhão 9 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

3. **Phyllostachys reticulata** (Ruprecht) K. Koch

= *Bambusa reticulata* Rupr. [basion.]

Bambusa castillonii Marliac ex Carrière

= *Phyllostachys bambusoides* Siebold & Zuccarini var. *castillonii* (Marliac ex Carrière) Makino

= *Phyllostachys bambusoides* Siebold & Zuccarini f. *castillonii* (Marliac ex Carrière) T.P. Yi

= *Phyllostachys castillonii* (Marliac ex Carrière) Mitford

= *Phyllostachys nigra* (Loddiges ex Lindley) Munro var. *castillonii* (Marliac ex Carrière) Bean

= *Phyllostachys quilioi* Rivière & C. Rivière var. *castillonii* (Marliac ex Carrière) J. Houz.

= *Phyllostachys reticulata* (Ruprecht) K. Koch var. *castillonii* (Marliac ex Carrière) Makino

Phyllostachys bambusoides Siebold & Zuccarini

Phyllostachys lithophila Hayata

Phyllostachys megastachya Steudel

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Bambu, bambu reticulado, bambusa, bambusa reticulada, filostáquis, filostáquis reticulado, zizu.

Endemismo da Ásia oriental: China (FRANCO, 1980a: 125; MCCLINTOCK, 1984a: 57); Planta ornamental arbórea muito cultivada em Portugal e em grande parte do Mundo, pela sua grande utilidade (é muito importante como fonte de madeira, na Ásia oriental) e pelo valor ornamental; Reproduz-se vegetativamente e tem crescimento rápido, podendo atingir uma altura de 25 metros; Espécie monocárpica (só floresce uma vez na vida), completando-se o seu ciclo em cerca de 120 anos (MABBERLEY, 2008: 661).

Distribuição/localização no Jardim: Mata: Bambusal = Talhão 9 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002; TAVARES, 2011: 54; XII.2011, Observ.!); Escolas de Sistemática; Escola Garcia de Orta (XI.2011, Observ.!).

4. **Phyllostachys viridiglaucescens** (Carrière) Rivière & C. Rivière

= *Bambusa viridiglaucescens* Carrière [basion.]

Phyllostachys altiligulata G.G. Tang & Y.L. Xu

Phyllostachys nigrivagina T.H. Wen

Phyllostachys viridiglaucescens (Carrière) Rivière & C. Rivière f. *hinkulii* V.N. Vassil.

= *Phyllostachys viridiglaucescens* (Carrière) Rivière & C. Rivière var. *hinkulii* (V.N. Vassil.) A.H. Lawson

Bambu, bambu chinês, bambu comestível, bambu da China, bambusa, bambusa chinesa, bambusa, bambusa comestível, fenluzu, filostáquis, filostáquis chinês, filostáquis da China, filostáquis comestível.

Endemismo eurasiático, exclusivamente chinês (províncias de Fujian, Jiangsu, Jiangxi e Zhejiang), cujos rebentos são usados na alimentação humana e considerados deliciosos (WANG & STAPLETON, 2006a: 176; GRIN); Planta ornamental arbórea raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Onde? (ROSA, 2000: Anexo VII).

95. **Piptatherum** P. Beauvois

1. **Piptatherum miliaceum** (L.) Cosson

= *Agrostis miliacea* L. [basion.]

= *Oryzopsis miliacea* (L.) Bentham & Hooker ex Ascherson & Schweinfurth

Milium multiflorum Cavanilles

= *Oryzopsis multiflora* (Cavanilles) Druce

= *Piptatherum multiflorum* (Cavanilles) P. Beauvois

Oryzopsis pauciflora Béguinot & Vacc.

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agróstis, agróstis miliácea, erva prima, erva-pau, erva trigueira, milho multifloro, milho polianto, orizópsis, orizópsis miliácea, paníço, paníço negro, pasto, piptatero, piptatero miliáceo, talha-dente, trigueira.

Endemismo das regiões Mediterrânica e Macaronésica: arquipélagos dos Açores, Canárias e Madeira e SW da Ásia (TUTIN, 1980c: 246; ROYAL BOTANIC GARDENS, KEW, 1984a: 54; VIERA, 1991c: 240; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental, ruderal e pratense herbácea vivaz, espontânea e comum em Portugal (PORTELA-PEREIRA & al., 2014ab), sobretudo em locais calcários ruderais e mais ou menos secos, como, por exemplo, muros velhos.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Planta ruderal comum em sítios secos como por ex. canteiros e muros calcários, no Jardim e na Mata (IV.2010, Observ.!).

2. *Piptatherum paradoxum* (L.) P. Beauvois= *Agrostis paradoxa* L. [basion.]= *Milium paradoxum* (L.) L.= *Oryzopsis paradoxa* (L.) Nuttall

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agróstis, agróstis paradoxa, erva prima, erva trigueira, orizópsis, orizópsis paradoxa, milho paradoxo, paníço, paníço negro, pasto, piptatero, talha-dente, trigueira.

Endemismo da Região Mediterrânica ocidental (TUTIN, 1980c: 246; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental e ruderal herbácea, espontânea e rara em Portugal, onde ocorre na Terra Quente, em solos arenosos ou pedregosos, sobretudo do leito das cheias de cursos de água (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 190-191), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

96. *Pleioblastus* Nakai**1. *Pleioblastus fortunei* (Van Houtte) Nakai**= *Bambusa fortunei* Van Houtte [basion.]= *Arundinaria fortunei* (Van Houtte) Rivière & C. Rivière= *Arundinaria variabilis* Makino ex Vilmorin var. *fortunei* (Van Houtte) J. Houzeau= *Sasa fortunei* (Van Houtte) Fiori*Bambusa picta* Siebold & Zuccarini ex Munro*Bambusa pygmaea* Miquel= *Nipponocalamus pygmaeus* (Miquel) Nakai= *Pleioblastus pygmaeus* (Miquel) Nakai= *Sasa pygmaea* (Miquel) Rehder*Bambusa variegata* Siebold ex Miquel= *Sasa variegata* (Siebold ex Miquel) E.G. Camus

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Arundinária, arundinária variável, arundinária variegada, bambu, bambu estriado, bambu japonês, bambu nipónico, bambu pequeno, bambu pigmeu, bambu pintado, bambu variegado, bambusa, bambusa estriada, bambusa japonesa, bambusa nipónica, bambusa pequena, bambusa pigmeia, bambusa pintada, bambusa variegada, feibaizu, minibambu, niponocálamo, niponocálamo pequeno, niponocálamo pigmeu, pleioblasto, pleioblasto pequeno, pleioblasto pigmeu, sasa, sasa pequena, sasa pigmeia, sasa variegada.

Endemismo eurasiático, exclusivo da Ásia oriental: Japão (ZHU & STAPLETON, 2006: 126); Planta ornamental arbórea raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Onde? (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Pleioblastus viridistriatus* (Regel) Makino= *Bambusa viridistriata* Regel [basion.]= *Arundinaria viridistriata* (Regel) Makino ex Nakai= *Bambusa viridistriata* Regel= *Sasa viridistriata* (Regel) Fiori= *Sasaella viridistriata* (Regel) Nakai*Arundinaria auricoma* Mitford= *Pleioblastus auricomus* (Mitford) D.C. McClintock= *Pseudosasa auricoma* (Mitford) Bergmans= *Sasa auricoma* (Mitford) E.G. Camus*Pleioblastus viridistriatus* (Regel) Makino f. *chrysophylla* Makino= *Arundinaria viridistriata* (Regel) Makino ex Nakai f. *chrysophylla* (Makino) Nemoto

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Arundinária, arundinária estriada de verde, bambu estriado, bambu estriado de verde, bambu estriado de verde e amarelo, bambu listado, bambu listado de verde e amarelo, camuro, camuro-zasa, pleioblasto, kamuro-zasa, pseudo-sasa, sasa, sasaella, zasa.

Endemismo da Ásia oriental (MABBERLEY, 2008: 679; ALDÉN & al., 2009; GRIN); Planta ornamental arbustiva rizomatosa exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (TAVARES & ALVES, 2002).

97. **Poa L.**

1. **Poa annua L.**

= *Ochlopoa annua* (L.) Scholz

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Oclopoa, oclopoa ânua, oclopoa anual, poa, poa ânua, poa anual, poa terofítica.

Endemismo eurasiático, actualmente cosmopolita ou subcosmopolita (VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental e ruderal herbácea anual, própria de locais perturbados (EDMONDSON, 1980: 161), espontânea e muito comum em Portugal (ALMEIDA & al., 2014br), uma das plantas ruderais mais comuns do mundo, actualmente cosmopolita (MABBERLEY, 2008: 683), que ocorre preferencialmente em sítios húmidos (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 49), podendo encontrar-se comumente em diversos tipos de comunidades nitrófilas, principalmente em biótopos submetidos a pisoteio regular (HONRADO, 2003: 178).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (TAVARES & ALVES, 2002); Planta ruderal, nos caminhos e suas margens (IV.2010, Observ.!).

2. **Poa pratensis L.**

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Poa, poa dos prados, poa pratense, poa perene.

Endemismo eurasiático, mediterrânico e macaronésico (RUIZ, 1991f: 25; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental herbácea perene pratense rizomatosa, disseminada por quase toda a Europa (EDMONDSON, 1980: 162), espontânea e comum em Portugal, sobretudo em locais húmidos (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 50-51; AGUIAR & al., 2014c).

Distribuição/localização no Jardim: Planta de arrelvados ou ruderal, nos caminhos e suas margens, no Jardim e na Mata (A.C. MATOS, comunicação pessoal; IV.2011; IV.2013, Observ.!).

3. **Poa trivialis L. subsp. trivialis**

Hemicriptófito ou caméfito herbáceo. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis Erva febra brava, cabelo de cão, cabelo de cão bravo, cabelo de cão silvestre, cabelo de cão de colmo-rugoso, poa comum, poa trivial, poa usual, poa vulgar.

Endemismo eurasiático, mediterrânico e macaronésico (RUIZ, 1991f: 30-32; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Hemicriptófito semi-arrosetado ou caméfito herbáceo, estolhoso (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 50); Planta ornamental herbácea perene pratense, rara no Sul da Europa (EDMONDSON, 1980: 161), espontânea e comum em Portugal (cf. FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 50; PORTELA-PEREIRA & al., 2014ac).

Distribuição/localização no Jardim: Planta de arrelvados ou ruderal, nos caminhos e suas margens, mais comum na Mata (IV.2011, Observ.!).

98. **Polypogon Desfontaines**

1. **Polypogon maritimus Willdenow subsp. maritimus**

= *Alopecurus maritimus* (Willdenow) Poiret

= *Polypogon monspeliensis* (L.) Desfontaines var. *maritimus* (Willdenow) Cosson & Durieu

= *Santia maritima* (Willdenow) Fior.-Mazz.

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alopécuro, alopécuro marítimo, polipógon, polipógon marítimo, sântia, sântia marítima.

Endemismo eurasiático (distribuído até à Ásia oriental), macaronésico e mediterrânico; Elemento Euro-Siberiano (DOĞAN, 1985b: 356; DEVESA, 1991h: 152; ROSA, 2000: 257); Planta herbácea anual ruderal, espontânea e relativamente comum em Portugal (CANHA & al., 2014).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. **Polypogon monspeliensis (L.) Desfontaines**

= *Alopecurus monspeliensis* L. [basion.]

= *Alopecurus aristatus* Gouan var. *monspeliensis* (L.) Hudson

= *Phleum monspeliense* (L.) Koeler

= *Santia monspeliense* (L.) Parlatore

Alopecurus paniceus L.

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alopécuro, alopécuro de Mompilher, alopécuro de Montpellier, alopécuro paníceo, fléum, fléum de Mompilher, fléum de Montpellier, polipógon, polipógon de Mompilher, polipógon de Montpellier, sântia, sântia de Mompilher, sântia de Montpellier.

Endemismo eurasiático e mediterrânico, actualmente subcosmopolita (COSTE, 1937c: 575; TUTIN, 1980j: 235-236; DOĞAN, 1985b: 356-357; DEVESA, 1991h: 151-152; ROSA, 2000: 257); Planta herbácea anual ruderal, espontânea e comum em Portugal (PORTELA-PEREIRA & al., 2014ad).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Planta ruderal, rara nos caminhos e suas margens (V.2010, Observ.!).

3. **Polypogon viridis** (Gouan) Breistroffer

= *Agrostis viridis* Gouan [basion.]

Agrostis verticillata Villars

Agrostis semiverticillata Forsskål

= *Polypogon semiverticillatus* (Forsskål) Hylander

Agrostis koelerioides Romo

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Agróstis, agróstis verde, polipógon, polipógon verde.

Endemismo das Regiões Mediterrânica e Macaronésica e da Ásia ocidental até ao Paquistão, actualmente subcosmopolita (DEVESA, 1991h: 154); Elemento Euro-Siberiano (DOĞAN, 1985b: 355); Planta ornamental herbácea perene pratense, espontânea e comum em Portugal (CARAPETO & al., 2015ab).

Distribuição/localização no Jardim: Planta ruderal, comum nos caminhos do Jardim e nas suas margens (VI.2010, Observ.!).

99. **Pseudarrhenatherum** Rouy

1. **Pseudarrhenatherum longifolium** (Thore) Rouy

= *Avena longifolia* Thore [basion.]

= *Arrhenatherum longifolium* (Thore) Dulac

Avena thorei Duby

= *Arrhenatherum thorei* (Duby) Desmoulins

Hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Arrenátero, arrenátero de folhas longas, arrenátero longuifólio, pseudarrenátero, pseudarrenátero de folhas longas, pseudarrenátero longuifólio.

Endemismo eurasiático e europeu, quase exclusivamente ibero-gálico, calcífugo (HOLUB, 1980b: 217; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 123), que foi também encontrado numa estação no Norte de Marrocos (Rif Ocidental), entre Ceuta e Tetuan (MAIRE, 1953: 313; RÖSER, 2006: 142), assim como na região de Algeciras (ROMERO ZARCO, 1987a: 312); Planta ornamental e forraginosa herbácea perene pratense, espontânea e comum em Portugal, em bosques e matos, sobretudo no Norte e Centro (ALMEIDA & al., 2014bk), actualmente extinta no Jardim.

Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

100. **Psilurus** Trinius

1. **Psilurus incurvus** (Gouan) Schinz & Thell.

= *Nardus incurva* Gouan [basion.]

Nardus aristata L.

= *Psilurus aristatus* (L.) Duval-Jouve

Psilurus narduroides Trinius

Rottboelia monandra Cavanilles

= *Monerma monandra* (Cavanilles) P. Beauvois

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cauda de porco, cauda porcina, cauda torcida, escova de porco, escova porcina, escova torcida, escovilha de porco, escovilha porcina, escovilha torcida, escovinha de porco, escovinha porcina, escovinha torcida, monerma, nardo, nardo curvo, psiluro, psiluro curvo, rabinho de porco, rabo de porco.

Endemismo da Região Mediterrânica e da Ásia ocidental até ao Paquistão, próprio de habitats abertos, secos; Género monoespecífico (STACE, 1985b: 469-470; TUTIN, 1980b: 173; DEVESA, 1987a: 293-294; DEVESA, 1991g: 62-64); Planta ornamental e ruderal herbácea anual, espontânea e pouco comum em Portugal (PORTO & al., 2014am), talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

101. **Puccinellia** Parlature

[Syn.: *Atropis* Ruprecht]

1. **Puccinellia maritima** (Hudson) Parlature

- = *Poa maritima* Hudson [basion.]
- = *Atropis maritima* (Hudson) Rupr.
- = *Glyceria maritima* (Hudson) Wahlenb.
- = *Phippsia maritima* (Hudson) Á. Löve
- Glyceria foucaudii* (Hackel) Coste

Helófito ou hemicriptófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Átropis, átropis marítima, fípsia, fípsia marítima, glicéria, glicéria costeira, glicéria de Foucaud, glicéria do mar, glicéria dos salgadiços, poa costeira, poa dos sapais, glicéria marítima, poa marítima, poa do mar, poa dos salgadiços, poa dos sapais.

Endemismo eurasiático, macaronésico e mediterrânico, própria de pântanos salgados (salgadiços ou sapais) nas regiões costeiras (HUGHES & HALLIDAY, 1980: 168; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 54-55; VALDÉS & SCHOLZ, 2009; ROSA, 2000: 257); Planta ornamental herbácea perene, espontânea e pouco comum em Portugal, nas zonas costeiras.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

102. **Rostraria** Trinius

[Syn.: *Aegilina* Schultes]

1. **Rostraria cristata** (L.) Tzvelev

- = *Festuca cristata* L. [basion.]
- = *Bromus cristatus* (L.) Sprengel
- = *Koeleria cristata* (L.) Bertoloni
- = *Lophochloa cristata* (L.) Hylander
- = *Trisetaria cristata* (L.) Kerguélen
- = *Trisetum cristatum* (L.) Potztl
- Aira elongata* Salzmann ex Steudel, nom. inval.
- Aira glauca* Rochel, nom. illeg.
- Alopecurus ciliatus* Allioni
- Avena panicea* Roemer & Schultes
- Bromus alopecuroides* Lagasca, nom. illeg.
- Bromus cultus* Steudel
- Bromus poiformis* Forsskål
- Bromus trivialis* Savi
- = *Koeleria trivialis* (Savi) Bubani
- Dactylis pungens* Hornemann, nom. inval.
- Dactylis spicata* Brotero ex Sprengel
- Festuca dactyloides* Roth, nom. illeg.
- Festuca glaucescens* Roth
- Festuca gerardii* Villars
- = *Koeleria gerardii* (Villars) Shinnars, nom. illeg.
- = *Schedonorus gerardii* (Villars) P. Beauvois
- Festuca phleoides* Villars, nom. illeg.
- = *Aira phleoides* (Villars) Steudel, nom. illeg.
- = *Brachypodium phleoides* (Villars) P. Beauvois, nom. illeg.
- = *Bromus phleoides* (Villars) J.F. Gmelin, nom. illeg.
- = *Koeleria phleoides* (Villars) Persoon, nom. illeg.
- = *Lophochloa phleoides* (Villars) Reichenbach, nom. illeg.
- = *Poa phleoides* (Villars) Lamarck, nom. illeg.
- = *Rostraria phleoides* (Villars) Holub
- = *Trisetaria phleoides* (Villars) Nevski, nom. illeg.
- = *Trisetum phleoides* (Villars) Trinius, nom. illeg.
- Koeleria aegyptiaca* Steudel
- Koeleria anomala* Maire
- Koeleria aristata* Salzmann ex Ball, nom. inval.

Koeleria avenacea P. Beauvois, nom. inval.
Koeleria biseta Steudel, nom. illeg.
 = *Koeleria phleoides* (Villars) Persoon var. *biseta* (Steudel) Domin
Koeleria brachystachya DC.
 = *Koeleria phleoides* (Villars) Persoon var. *brachystachya* (DC.) Ascherson & Graebner
 = *Rostraria brachystachya* (DC.) Holub
Koeleria campestris Philippi
Koeleria dactyloides Sprengel
Koeleria feldmannii Sennen & Mauricio
Koeleria figarei de Notaris
Koeleria hirta Steudel ex Trinius, nom. inval.
Koeleria laxa Link
Koeleria phleoides (Villars) Persoon var. *glabriflora* Trautvetter
 = *Rostraria cristata* (L.) Tzvelev subsp. *glabriflora* (Trautvetter) Tzvelev
 = *Rostraria cristata* (L.) Tzvelev var. *glabriflora* (Trautvetter) Dogan
 = *Rostraria glabriflora* (Trautvetter) Czerep.
Koeleria phleoides (Villars) Persoon var. *persica* Domin
Koeleria phleoides (Villars) Persoon var. *pseudolobulata* Degen & Domin
 = *Lophochloa cristata* (L.) Hylander var. *pseudolobulata* (Degen & Domin) Täckh.
Koeleria phleoides (Villars) Persoon var. *subcapitata* Kuntze
 = *Rostraria cristata* (L.) Tzvelev subsp. *subcapitata* (Kuntze) Mosul.
 = *Rostraria cristata* (L.) Tzvelev var. *subcapitata* (Kuntze) Tzvelev
Koeleria phleoides (Villars) Persoon var. *submutica* Ball
Koeleria phleoides (Villars) Persoon var. *vivipara* Trautvetter
 = *Lophochloa cristata* (L.) Hylander var. *vivipara* (Trautvetter) Täckh.
Koeleria recurviflora Braun-Branquet & Wilczek
 = *Koeleria phleoides* (Villars) Persoon var. *recurviflora* (Braun-Branquet & Wiczek) Litardière
 = *Rostraria recurviflora* (Braun-Branquet & Wiczek) Holub
Koeleria trapezuntina K. Koch
Koeleria tuberculosa Lojacono-Pojero
Ktenosachne tenerrima Steudel
Leptochloa phleoides Willkomm & Lange, nom. inval.
Lophochloa paradoxa Scheele
 = *Koeleria paradoxa* (Scheele) Steudel
Lophochloa phleoides (Villars) Reichenbach var. *trichantha* Nábelek
Panicum astracanicum Steudel, nom. inval.
Poa typhoides Willkomm & Lange, nom. inval.
Rostraria cristata (L.) Tzvelev var. *pubiglumis* Tzvelev
Rostraria pubescens Trinius, nom. illeg.
Trisetum smyrnaceum Trinius
Wilhelmsia caucasica K. Koch
 Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Aira, aira alongada, aira ciliada, aira cristada, aira fleóide, aira glauca, alopécuro, alopécuro ciliado, aveia, aveia anual, aveia ciliada, aveia fleóide, aveia pequena, braquipódio, braquipódio ciliado, braquipódio cristado, braquipódio fleóide, brominho, brominho ciliado, brominho comum, brominho cristado, brominho fleóide, brominho trivial, brominho vulgar, bromo, bromo alopecuróide, bromo ciliado, bromo comum, bromo cristado, bromo culto, bromo cultivado, bromo fleóide, bromo poiforme, bromo trivial, bromo vulgar, coeléria, coeléria aristada, coeléria anómala, coeléria caucasiana, coeléria caucásica, coeléria comum, coeléria da Pérsia, coeléria da Turquia, coeléria de flores pilosas, coeléria de Gerard, coeléria de Trebizonda, coeléria do Cáucaso, coeléria do Egipto, coeléria egípcia, coeléria fleóide, coeléria hirta, coeléria irânica, coeléria laxa, coeléria trapezuntina, coeléria trivial, coeléria turca, coeléria vulgar, ctenossacne, dáctilis, dáctilis espigada, dáctilis picante, dáctilis pungente, erva coelha, erva coelheira, erva coelhinha, erva dactilóide, erva fleóide, erva poiforme, esquedonor, esquedonor de Gerard, festuca, festuca anual, festuca cristada, festuca dactilóide, festuca da Pérsia, festuca de Gerard, festuca fleóide, festuca glauca, festuca glaucescente, festuca pequena, festuca pérsica, festuquinha, festuquinha anual, koeléria, koeléria anómala, koeléria aristada, koeléria caucasiana, koeléria caucásica, koeléria ciliada, koeléria comum, koeléria cristada, koeléria da Pérsia, koeléria da Turquia, koeléria de flores pilosas, koeléria de Gerard, koeléria de Trebizonda, koeléria do Cáucaso, koeléria do Egipto, koeléria egípcia, koeléria fleóide, koeléria hirta, koeléria irânica, koeléria laxa, koeléria trapezuntina, koeléria trivial, koeléria turca, koeléria vulgar, leptocloa, leptocloa fleóide, lofocloa, lofocloa

ciliada, lofocloa cristada, minifestuca, pânico, pânico astracânico, pânico de Astracã, poa, poa fleóide, poinha, rostrária, rostrária caucasiana, rostrária caucásica, rostrária ciliada, rostrária comum, rostrária cristada, rostrária da Pérsia, rostrária de flores glabras, rostrária do Cáucaso, rostrária do Egipto, rostrária egípcia, rostrária fleóide, rostrária glabriflora, rostrária irânica, rostrária pérsica, rostrária pubescente, rostrária vilosa, rostrária vulgar, trissetária, trissetária anual, trissetária ciliada, trissetária cristada, trissetária fleóide, triseto, triseto anual, triseto ciliado, triseto cristado, triseto de Esmirna, triseto de flores pequenas, triseto minutifloro, triseto parvifloro, vilélmsia, vilélmsia caucásica, vilélmsia do Cáucaso.

Pequena erva anual arvense, ruderal e viária de distribuição subcosmopolita: eurasiásica, norte-africana, macaronésica, naturalizada na América do Norte (ROMERO ZARCO, 1987b: 321; MABBERLEY, 2008: 749; VALDÉS & SCHOLZ, 2009; ROMERO, 2011e: 337; PROBATOVA & al., 2013b: 1081), frequente na Região Mediterrânica (JONSELL, 1980b: 220; DEVESA, 1991n: 106-107), que foi descrita a partir de Portugal (DOĞAN, 1985k: 328), onde ocorre como planta ruderal e arvense (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 129). Distribuição/localização no Jardim: Planta ruderal, comum nos caminhos e nas suas margens, no Jardim e na Mata (IV.2010, Observ.).

103. *Rytidosperma* Steudel

1. *Rytidosperma duttonianum* (Cashmore) Connor & Edgar

= *Danthonia duttoniana* Cashmore [basion.]

= *Austrodanthonia duttoniana* (Cashmore) H.P. Linder

= *Notodanthonia duttoniana* (Cashmore) Veldkamp

Hemicriptófito. Origem: Austrália.

Alguns nomes comuns possíveis: Austrodantónia, austrodantónia austral, austrodantónia australiana, austrodantónia de Dutton, austrodantónia duttoniana, dantónia, dantónia austral, dantónia australiana, dantónia de Dutton, dantónia duttoniana, notodantónia, notodantónia austral, notodantónia australiana, notodantónia de Dutton, notodantónia duttoniana, ritidosperma, ritidosperma austral, ritidosperma australiana, ritidosperma de Dutton, ritidosperma duttoniana.

Endemismo australiano, dos estados de Nova Gales do Sul, Sul da Austrália e Victória (GRIN; IPNI); Planta ornamental, forraginosa e pratense herbácea perene, cespitosa (CLAYTON & al., 2006), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Rytidosperma richardsonii* (Cashmore) Connor & Edgar

= *Danthonia richardsonii* Cashmore [basion.]

= *Austrodanthonia richardsonii* (Cashmore) H.P. Linder

= *Notodanthonia richardsonii* (Cashmore) Veldkamp

Hemicriptófito. Origem: Austrália.

Alguns nomes comuns possíveis: Austrodantónia, austrodantónia austral, austrodantónia australiana, austrodantónia de Richardson, austrodantónia richardsoniana, austrodantónia victoriana, dantónia austral, dantónia australiana, dantónia, dantónia de Dutton, dantónia richardsoniana, dantónia victoriana, erva de wallaby, notodantónia, notodantónia austral, notodantónia australiana, notodantónia de Richardson, notodantónia richardsoniana, notodantónia victoriana, ritidosperma, ritidosperma austral, ritidosperma australiana, ritidosperma de Richardson, ritidosperma richardsoniana, ritidosperma victoriana.

Endemismo australiano, dos estados de Nova Gales do Sul, Queensland, Sul da Austrália e Victória, a altitudes entre os 0 e os 500 m, de floração vernal ou primaveril e estival (ROMAND-MONNIER, 2013; IPNI); Planta ornamental, forraginosa e pratense herbácea ruderal, perene, cespitosa (CLAYTON & al., 2006; GRIN), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

104. *Saccharum* L.

1. *Saccharum officinarum* L.

Geófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Cana, cana açúcarada, cana açucareira, cana açucarina, cana do açúcar, cana doce, cana nobre, cana sacarina, chuncora, sácara, satangsusu, satokibi, shunkora.

Endemismo da Ásia Tropical, de origem híbrida complexa (MABBERLEY, 2008: 757-758), actualmente naturalizado nos Estados Unidos da América (GRIN; WIKIPEDIA); Planta ornamental, medicinal

(MABBERLEY, *l.c.*; GRIN), e de grande interesse económico, perene rizomatosa, de crescimento rápido, actualmente muito cultivada nas diversas regiões tropicais, sobretudo para a produção do açúcar e do álcool, entre vários outros produtos de uso industrial ou até folclórico (MABBERLEY, *l.c.*; GRIN; WIKIPEDIA).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (Rosa, 2000; Tavares & Alves, 2002); Estufa Grande, parte 1, tropical; Jardineta 1 e Viveiros (Tavares & Alves, 2002; Tavares, 2011: 44; XII.2011, Observ.!).

105. *Sasa* Makino & Shibata

1. *Sasa veitchii* (Carrière) Rehder

= *Bambusa veitchii* Carrière [basion.]

= *Arundinaria veitchii* (Carrière) N.E. Brown

Fanerófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Bambu, bambu de kuma, bambu de Veitch, bambu do Japão, bambu japonês, bambu japonico, bambu nipónico, bambu veitchiano, bambusa, bambusa de Veitch, sasa, kumazasa, sasa de Veitch, sasa do Japão, sasa japonesa, sasa japónica, sasa nipónica, zasa, zasa de Veitch, yakibazasa.

Endemismo da Ásia oriental temperada, exclusivo do Arquipélago do Japão, eboa possa actualmente encontrar-se naturalizado noutras regiões do Mundo (MABBERLEY, 2008: 770-771; GRIN); Planta ornamental arbustiva ou arbórea graminóide, de dimensões relativamente pequenas e vida longa, por vezes cultivada como ornamental em Portugal

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

106. *Scolochloa* Link

1. *Scolochloa festucacea* (Willdenow) Link

= *Arundo festucacea* Willdenow [basion.]

= *Festuca festucacea* (Willdenow) Hitchcock

Donax borealis Trinius

= *Festuca borealis* (Trinius) Mertens & Koch ex Röhling

Schenodorus arundinaceus Roemer & Schultes (1817), non (Schreber) Dumortier (1824), nom. cons.

= *Fluminia arundinacea* (Roemer & Schultes) Fries

= *Grapphephorum arundinaceus* (Roemer & Schultes) Ascherson

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Arundo, arundo boreal, arundo do Norte, dónax, dónax boreal, dónax do Norte, escolocloa, escolocloa arundinácea, esquenodoro, festuca, festuca arundinácea, festuca boreal, flumínia, flumínia arundinácea, graféforo, graféforo arundináceo, scolocloa, scolocloa arundinácea, scolocloa festucácea.

Endemismo da Região Holoárctica, das zonas temperadas do Hemisfério Norte (WU & PHILLIPS, 2006c: 244; MABBERLEY, 2008: 783; USDA); Planta ornamental e forraginosa herbácea perene rizomatosa pratense, muito raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

107. *Secale* L.

1. *Secale cereale* L. var. *cereale*

= *Triticum cereale* (L.) Salisbury

Terófito ou hemicriptófito bienal. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Centeio, centeno.

Endemismo eurasiático, derivado de *Secale strictum* (C. Presl) C. Presl, táxon a partir do qual foram seleccionados no Oriente da Turquia formas de frutos grandes e sistema radicular extraordinariamente desenvolvido e de crescimento muito rápido (MABBERLEY, 2008: 785); Planta ornamental, ruderal e sobretudo alimentar herbácea anual, muito usada para a confecção de broa e pão (de centeio ou misto), e também por vezes no fabrico de diversas bebidas alcoólicas: cerveja, gin, vodka e whisky (MABBERLEY, *l.c.*), também usada como combustível (GONZÁLEZ & al., 2013: 186), muito frequentemente cultivada em Portugal, sobretudo no Norte e Centro, particularmente em zonas montanhosas, assim como em quase toda

a Europa, embiora sobretudo no NE (HEATHCOTE, 1980: 203-204), por vezes escapado de cultura, entre os 0 e os 1800 m de altitude (KIT TAN, 1985d: 258-259), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

2. ***Secale strictum*** (C. Presl) C. Presl

= *Triticum strictum* C. Presl [basion.]

Secale dalmaticum Vis.

Secale montanum Gussone

Secale rhodopaeum Delip.

= *Secale montanum* Gussone subsp. *rhodopaeum* (Delip.) Kožuharov

Terófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Centeio estrito, centeio da Dalmácia, centeio das montanhas, centeio montano, trigo da Dalmácia, trigo das montanhas, trigo estrito, trigo montano.

Endemismo eurasiático e norte-africano; esta espécie, própria de estepes não aráveis, calcários, serpentinas, declives vulcânicos, margens de estradas, searas e outras terras cultivadas, sítios rochosos e montanhosos secos, a altitudes entre os 800 e os 3050 m (KIT TAN, 1985d: 256-257; HEATHCOTE, 1980: 203), tem sido considerada o ancestral mais provável do complexo do centeio: *Secale cereale* L. (ZOHARY, 1971; KIT TAN, *l.c.*); Planta ornamental e ruderal herbácea anual, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ALVES, 1988; ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII).

108. ***Sesleria*** Scopoli

1. ***Sesleria autumnalis*** (Scopoli) F.W. Schultz

= *Phleum autumnale* Scopoli [basion.]

Sesleria argentea (Savi) Savi

Sesleria cylindrica DC.

Sesleria elongata Host

Hemicriptófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Fléum, selséria, selséria alongada, selséria argentea, selséria cilíndrica, selséria prateada.

Endemismo da Região Mediterrânica (VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental herbácea vivaz, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. ***Sesleria caerulea*** (L.) Ard.

Cynosurus caeruleus L. [basion.]

= *Diptychum caeruleum* (L.) Dulac

Aira varia Jacquin

= *Sesleria caerulea* (L.) Arduino subsp. *varia* (Jacquin) Hayek

= *Sesleria varia* (Jacquin) von Wettstein

Alopecurus varius Steudel, nom. inval.

Cynosurus rupestris Wulfen ex Steudel, nom. inval.

Cynosurus sesleria Schrank, nom. illeg.

Sesleria albicans Schultes

Sesleria arduinii Desfontaines ex Steudel, nom. inval.

Sesleria barcensis Simonkai

Sesleria barcensis Simonkai var. *subscabrida* Simonkai

= *Sesleria uliginosa* Opiz var. *subscabrida* (Simonkai) Gergely & Beldie

Sesleria calcaria Persoon

= *Sesleria caerulea* (L.) Arduino subsp. *calcaria* (Persoon) Hegi

Sesleria caerulea (L.) Arduino f. *chloantha* Waisb.

= *Sesleria uliginosa* Opiz f. *chloantha* (Waisb.) Soó

Sesleria caerulea (L.) Arduino f. *cylindrica* Waisb.

= *Sesleria uliginosa* Opiz f. *cylindrica* (Waisb.) Soó

Sesleria caerulea (L.) Arduino f. *micrantha* Waisb.

= *Sesleria uliginosa* Opiz f. *micrantha* (Waisb.) Soó

Sesleria caerulea (L.) Arduino f. *remotiflora* Waisb.

= *Sesleria uliginosa* Opiz f. *remotiflora* (Waisb.) Soó

Sesleria deyliana Á. Löve & D. Löve

Sesleria cristata Clairv.

Sesleria uliginosa Opiz

= *Sesleria caerulea* (L.) Arduino subsp. *uliginosa* (Opiz) Hegi

= *Sesleria caerulea* (L.) Arduino var. *uliginosa* (Opiz) Čelakovský

Sesleria uliginosa Opiz var. *neifficii* Deyl

Sesleria uliginosa Opiz var. *rohlena* Deyl

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Aira, cauda de cão, cinosuro, cinosuro azul, díptico, díptico azul, sosléria, sosléria azul.

Endemismo eurasiático, exclusivamente europeu (VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental herbácea perene exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

109. *Setaria* P. Beauvois

1. *Setaria italica* (L.) P. Beauvois

= *Panicum italicum* L. [basion.]

= *Chamaeraphis italica* (L.) Kuntze

= *Chaetochloa italica* (L.) Scribner

= *Ixophorus italicus* (L.) Nash

= *Panicum viride* L. subsp. *italicum* (L.) Ascherson & Graebner

= *Pennisetum italicum* (L.) R. Brown

= *Setaria viridis* (L.) P. Beauvois subsp. *italica* (L.) Briquet

= *Setariopsis italica* (L.) Sampaio

Panicum chinense Trinius

Panicum germanicum Miller

= *Chaetochloa germanica* (Miller) Smyth

= *Chaetochloa italica* (L.) Scribner var. *germanica* (Miller) Scribner

= *Chamaeraphis italica* (L.) Kuntze var. *germanica* (Miller) Kuntze

= *Pennisetum germanicum* (Miller) Baumg.

= *Setaria germanica* (Miller) P. Beauvois

Terófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Liang, liang chinês, liang da China, milho chinês, milho da China, milho miúdo, milho miúdo de Itália, milho miúdo dos italianos, milho miúdo italiano, milho painço, milho painço de Itália, milho painço dos italianos, milho painço italiano, milho pânico, milho panço, milho rabo de raposa, pânico chinês, pânico da China, pânico germânico, pânico italiano, pânico de Itália, pânico itálico, pânico painço, pânico rabo de raposa, penisseto da Alemanha, penisseto de Itália, penisseto germânico, penisseto italiano, penisseto itálico, rabo de raposa, setária, setária da Alemanha, setária de Itália, setária germânica, setária italiana, setária itálica, setária rabo de raposa, setariópsis, setariópsis de Itália, setariópsis italiana, setariópsis itálica.

Endemismo eurasiático e norte-africano, de origem incerta, talvez oriundo da China (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 232), tradicionalmente cultivada como forragem e alimento para pássaros (SCHOLZ, 1985e: 598); Planta ornamental, alimentar e forraginosa herbácea anual exótica, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Setaria parviflora* (Poiret) Kerguélen

= *Cenchrus parviflorus* Poiret [basion.]

Panicum geniculatum Poiret

= *Chaetochloa geniculata* (Poiret) Millsp. & Chase

Panicum pallidifusum Schumacher

= *Setaria glauca* (L.) P. Beauvois var. *pallidifusum* (Schumacher) T. Koyama

= *Setaria pallidifusca* (Schumacher) Stapf & C.E. Hubbard

Panicum rubiginosum Steudel

Setaria gracilis Kunth

Hemicriptófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Cencro, centro de flores pequenas, cencro parvifloro, quetocloa, setária, setária de flores pequenas, setária elegante, setária grácil, setária micranta, setária parviflora.

Endemismo norte-americano (CLAYTON, 1980a: 263); Planta ornamental herbácea perene exótica; é um hemiagriófita (PINTO DA SILVA, 1971: 300), de introdução accidental, herborizado em Portugal desde 1961: “No nosso país já se encontra bastante difundida pelo norte da Beira Litoral. Supomos que a introdução desta Gramínea em Portugal não deve ser muito recente e que é provável que se encontre espalhada por outras regiões” (PAIVA, 1961: 19-22); Também se encontra no Douro Litoral (PINTO DA SILVA & TELES, 1964: 179; HONRADO & al. in ANDRESEN & al., 2004), no Minho (RAINHA, 1968: 5), podendo considerar-se uma invasora das mais agressivas, aumentando mais e mais a sua área (PINTO DA SILVA, l.c.)

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

3. *Setaria verticillata* (L.) P. Beauvois

= *Panicum verticillatum* L. [basion.]

= *Chaetochloa verticillata* (L.) Scribner

= *Chamaeraphis verticillata* (L.) Porter

= *Chamaeraphis italica* (L.) Kuntze var. *verticillata* (L.) Kuntze

= *Pennisetum verticillatum* (L.) R. Brown

Chaetochloa brevispica Scribner & Merrill

= *Setaria brevispica* (Scribner & Merrill) K. Schumann

Panicum asperum Lamarck

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Pânico, pânico áspero, penisseto, penisseto verticilado, quetocloa, quetocloa verticilada, setária, setária áspera, setária verticilada.

Endemismo da Região Holoártica: Eurásia, América do Norte e Região Mediterrânica (SCHOLZ, 1985e: 598-599; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta herbácea anual ruderal, espontânea e comum em Portugal (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 231).

Distribuição/localização no Jardim: Planta ruderal, nos caminhos e suas margens (cf. ALMEIDA & MATOS, 2007: 137-138).

4. *Setaria viridis* (L.) P. Beauvois

= *Panicum viride* L. [basion.]

= *Setaria italica* (L.) P. Beauvois subsp. *viridis* (L.) Thellung

= *Setariopsis viridis* (L.) Sampaio

Setaria viridis (L.) P. Beauvois var. *purpurascens* Petermann

Panicum viridescens Steudel

Setaria weinmannii Roemer & Schultes

= *Setaria viridis* (L.) P. Beauvois var. *weinmannii* (Roemer & Schultes) Heynhold

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Pânico, pânico verde, setária, setária verde.

Endemismo das regiões temperadas e subtropicais do Velho Mundo ou Afro-Eurásia (SCHOLZ, 1985e: 597-598); Planta herbácea anual ruderal, espontânea e comum em Portugal (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 231-232).

Distribuição/localização no Jardim: Terraço das Gimnospermicas; Planta ruderal, nos caminhos e suas margens e nos relvados (XI.2011, Observ.!).

110. *Sorghum* Moench

1. *Sorghum bicolor* (L.) Moench

= *Holcus bicolor* L. [basion.]

= *Andropogon bicolor* (L.) Roxburgh

= *Milium bicolor* (L.) Cavanilles

Andropogon bessi Kunth

Andropogon compactus Brotero

Andropogon dulcis Burmann f.

Andropogon caffrorum (Thunberg) Kunth

= *Holcus sorghum* L. var. *caffrorum* (Thunberg) L.H. Bailey

Andropogon rubens Kunth

Andropogon saccharatus Kunth

Andropogon sorghum (L.) Brotero var. *abyssinicum* Hackel

Andropogon sorghum (L.) Brotero var. *albofuscus* Koen.

Andropogon sorghum (L.) Brotero var. *ankolib* Hackel

Andropogon sorghum (L.) Brotero var. *nitidus* Chiovenda
Andropogon sorghum (L.) Brotero var. *obovatus* Hackel
Andropogon sorghum (L.) Brotero f. *pallidus* Chiovenda
Andropogon sorghum (L.) Brotero var. *pulcher* G.T. Benson & Subba Rao
Andropogon sorghum (L.) Brotero var. *rufescens* Hackel
Andropogon sorghum (L.) Brotero subsp. *sativus* Hackel
Andropogon sorghum (L.) Brotero var. *sativus* Hackel
Andropogon sorghum (L.) Brotero var. *schenkii* Körnicke
Andropogon sorghum (L.) Brotero var. *schimperi* Hackel
Andropogon sorghum (L.) Brotero var. *splendidus* Hackel
Andropogon sorghum (L.) Brotero var. *subglobosus* Hackel
Andropogon sorghum (L.) Brotero var. *submuticus* Hackel
Andropogon sorghum (L.) Brotero var. *technicus* Körnicke
= *Holcus saccharatus* L. var. *technicus* (Körnicke) Farwell
= *Sorghum technicum* (Körnicke) Roshevitz
Andropogon subglabrescens Steudel
= *Andropogon sorghum* (L.) Brotero var. *subglabrescens* (Steudel) Hackel
Andropogon truchmenorum Walpers
= *Andropogon sorghum* (L.) Brotero var. *truchmenorum* (Walpers) Körnicke & Wern.
Andropogon usorum Steudel
Andropogon vulgaris Raspail
Holcus albus Steudel, nom. inval.
Holcus arduinii J.F. Gmelin
= *Sorghum arduinii* (J.F. Gmelin) J. Jacquin
Holcus cafer Arduino
Holcus cernuus Arduino
= *Sorghum cernuum* (Arduino) Host
Holcus compactus Lamarck
= *Milium compactus* (Lamarck) Cavanilles
Holcus dochna Forsskål
= *Andropogon dochna* (Forsskål) auct.
Holcus dora Mieg
Holcus duna J.F. Gmelin
Holcus durra Forsskål
= *Holcus sorghum* L. var. *durra* (Forsskål) L.H. Bailey
Holcus ferrugineus Schrader ex Roemer & Schultes
Holcus niger Arduino
= *Andropogon niger* (Arduino) Kunth
Holcus nigerrimus Arduino
Holcus nigricans Steudel
Holcus pyramidalis Steudel
Holcus rubens Gaertner
Holcus saccharatus L.
= *Andropogon saccharatus* (L.) Raspail
= *Andropogon sorghum* (L.) Brotero var. *saccharatus* (L.) Alefeld
= *Sorghum saccharatus* (L.) Moench
Holcus sorghum L.
= *Andropogon sorghum* (L.) Brotero
= *Milium sorghum* (L.) Cavanilles
= *Rhaphis sorghum* (L.) Roberty
Holcus sorghum Brotero
Milium maximum Cavanilles
Milium nigricans Ruiz & Pavón
= *Andropogon nigricans* (Ruiz & Pavón) Poirét
Milium sorgo Garsault
Panicum caffrorum Retzius
= *Holcus caffrorum* (Retzius) Thunberg
Panicum frumentaceum Salisbury, nom. illeg.
Sorghum nervosum Besser ex Schultes
Sorghum vulgare Persoon, nom illeg. superfl.

= *Andropogon vulgare* (Persoon) Balansa

Hemicriptófito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Andropógon, andropógon bicolor, andropógon rubro, andropógon sorgo, andropógon vermelho, holco, holco bicolor, holco compacto, holco sorgo, milho, milho africano, milho bicolor, milho compacto, milho da Guiné, milho grande, milho máximo, milho pânico, milho sorgo, mílio, mílio bicolor, mílio compacto, milho guineano, milho guineense, mílio máximo, mílio sorgo, pânico, pânico milho, ráfis, ráfis-sorgo, sorgo, sorgo açucarado, sorgo bicolor, sorgo compacto, sorgo máximo, sorgo rubro, sorgo vermelho.

Endemismo africano, da África tropical (MABBERLEY, 2008: 808); Planta herbácea anual ornamental, alimentar e forraginosa anual exótica tropical, de colmos robustos e de porte elevado, por vezes cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ALVES, 1991; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002); Escola Médica (MATOS, 2014).

2. *Sorghum halepense* (L.) Persoon

= *Holcus halepensis* L. [basion.]

= *Andropogon halepense* (L.) Brotero

= *Andropogon sorghum* (L.) Brotero subsp. *halepense* (L.) Hackel

Hemicriptófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Andropógon, caniço, erva do gado, holco, milho asinino, milho ásino, milho bravo, milho burro, milho de asno, milho de burro, milho de jumento, milho selvagem, milho silvestre, milho zaburro, sorgo, sorgo bravo, sorgo selvagem, sorgo silvestre, sorgo zaburro, zaburro.

Endemismo da Região Mediterrânica, embora ocorra actualmente em grande parte do Mundo, incluindo a Índia e a Austrália, onde provavelmente não será nativo (MILL, 1985b: 607-608); Planta ornamental e ruderal herbácea vivaz, subespontânea em Portugal, potencialmente invasora.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Subespontânea nos Viveiros e nas suas vizinhanças (VII.2010, Observ.!: TAVARES & ALVES, 2002).

111. *Sporobolus* R. Brown

1. *Sporobolus africanus* (Poiret) Robyns & Tournay

= *Agrostis africana* Poiret [basion.]

= *Vilfa africana* (Poiret) P. Beauvois

Agrostis capensis Willdenow, nom. illeg.

Agrostis spicata Thunberg, nom. illeg.

Panicum caudatum Thunberg, nom. illeg.

Sporobolus batesii A. Chevall.

Sporobolus indicus (L.) R. Brown var. *capensis* Engler

= *Sporobolus capensis* (Engler) Kunth

Sporobolus indicus (L.) R. Brown var. *cinereoviridis* Baaijens

Sporobolus linearis Mez

Vilfa capensis P. Beauvois, nom. illeg.

Vilfa dianthera Steudel

Hemicriptófito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Agróstis, agróstis africana, agróstis capense, agróstis de África, agróstis de espiga, agróstis do Cabo, agróstis espigada, esporóbolo, esporóbolo africano, esporóbolo de Bates, esporóbolo de espiga, esporóbolo espigado, esporóbolo linear, mambila, pagame, pânico capense, pânico caudado, pânico de cauda, vilfa, vilfa africana, vilfa capense, vilfa de duas anteras, vilfa dianthera, vilfa do Cabo.

Endemismo da África tropical, ocidental, oriental e do Sul (GRIN; IPNI); Planta ornamental, aromática, forraginosa e medicinal, por vezes usada como antídoto para picadas e mordeduras venenosas e também como material para construção, herbácea vivaz (BURKILL, 1985); Planta ornamental exótica herbácea vivaz, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Sporobolus fertilis* (Steudel) Clayton= *Agrostis fertilis* Steudel [basion.]*Sporobolus elongatus* R. Brown var. *purpureosuffusus* Ohwi= *Sporobolus fertilis* (Steudel) Clayton var. *purpureosuffusus* (Ohwi) P.C. Keng & X.S. Shen= *Sporobolus indicus* (L.) R. Brown subsp. *purpureosuffusus* (Ohwi) T. Koyama= *Sporobolus indicus* (L.) R. Brown var. *purpureosuffusus* (Ohwi) T. Koyama

Hemicriptófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Agróstis, agróstis alongada, agróstis fértil, esporóbulo, esporóbulo alongado, esporóbulo fértil.

Endemismo da Ásia tropical e Região Malesiana (WU & PHILLIPS, 2006a: 483-484); Planta ornamental e forrageira herbácea vivaz, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

3. *Sporobolus indicus* (L.) R. Brown= *Agrostis indica* L. [basion.]*Axonopus poiretii* Roemer & Schultes= *Sporobolus poiretii* (Roemer & Schultes) Hitchcock

Hemicriptófito. Origem: Regiões Tropicais.

Alguns nomes comuns possíveis: Agróstis, agróstis da Índia, agróstis índia, agróstis indiana, agróstis índica, esporóbulo, esporóbulo da Índia, esporóbulo indiano, esporóbulo índico, esporóbulo índio.

Planta ornamental e ruderal herbácea vivaz, de origem tropical, subespontânea em Portugal, potencialmente invasora, de floração tardia: estival e outonal; epecófito ruderal (PINTO DA SILVA, 1971: 300), de introdução accidental, assinalado em Portugal desde 1944, provavelmente introduzido com a lâ, ou com as sementes com que foi realizado o arrelvamento de um campo de golfe, pois “Vive numa mancha siliciosa, num local envolvido por pinhais” (PINTO DA SILVA, 1946: 6-7); Parece estar a difundir-se bastante, pois tem sido também encontrado noutras províncias, em taludes de estradas, em terrenos incultos nas margens de rios, ou entre as pedras das calçadas (PINTO DA SILVA & RAINHA, 1956a: 11; NOGUEIRA, 1967: 40, 1967; PINTO DA SILVA, TELES & RAINHA, 1968: 5-6), naturalizado em bermas de estradas e outros lugares ruderais (HANSEN, 1980: 258), em “Arrelvados, margens de caminhos, fendas de calçadas e sítios ruderalizados” (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 209).

Distribuição/localização no Jardim: comum em arrelvados, por exemplo no Terraço das Gimnospérmicas (ALMEIDA, 2005b; X.2012, Observ.!). Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

112. *Stenotaphrum* Trinius**1. *Stenotaphrum secundatum* (Walter) O. Kuntze**= *Ischaemum secundatum* Walter [basion.]*Stenotaphrum americanum* Schrank

Geófito. Origem: Regiões Tropicais.

Alguns nomes comuns possíveis: Estenotafro, estenotafro de Santo Agostinho, grama, grama costeira, grama da costa, grama de búfalo, grama de jardim, grama de relvado, grama de Santo Agostinho, grama do litoral, grama inglesa, grama italiana, gramão, isquemio, pasto, pasto de Santo Agostinho, relva, relva de Santo Agostinho, relva litoral, relva do litoral, stenotafro, stenotafro de Santo Agostinho.

Planta de vasta distribuição tropical e subtropical; introduzida como ornamental, para arrelvar canteiros, no início do século XX (SAMPAIO, 1935: 219), tornou-se subespontânea nalgumas localidades do Minho (SAMPAIO, l.c.; SAMPAIO, 1947: 55), revelando ser “dotada de elevado poder de expansão e ocupação que a tornam numa planta daninha difícil de dominar” (PINTO DA SILVA & RAINHA, 1948: 81-82), subespontânea em várias províncias (FERNANDES, 1955: 20; PINTO DA SILVA, 1957: 8; PINTO DA SILVA & SILVA, 1964: 180, 1964; PINTO DA SILVA & al., 1989: 237), naturalizada em regiões costeiras (CLAYTON, 1980g: 263, 1980), “Bastante cultivada para arrelvados, aparece subespontânea em vários pontos do País, em sítios húmidos por vezes salgados” (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 228).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Comum em relvados, por ex. junto ao Tanque de Luís Carriso (ALMEIDA, 2005b).

113. *Stipa* L.

1. *Stipa bungeana* Trinius

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Estipa, estipa asiática, estipa bungana, estipa bungeana, estipa chinesa, estipa de Bunge.

Endemismo eurasiático, sobretudo de planaltos e montanhas, podendo encontrar-se a altitudes entre os 500 e os 4000 m, em áreas áridas e semi-húmidas da China (CHEN & al., 2006; CHENG & al., 2010: 6733);

Planta ornamental herbácea perene, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Stipa capensis* Thunberg

Stipa tortilis Desfontaines

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Estipa, estipa capense, estipa do Cabo.

Endemismo da Região Mediterrânica, que também se pode encontrar em Portugal (MARTINOVSKÝ, 1980: 250-251); Planta ornamental e ruderal herbácea anual ou bienal, espontânea e pouco comum em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1988; ROSA, 2000: Anexo VII); Junto ao Recanto Tropical/Terraço das Palmeiras (18.VI.2009, Herb.; Observ.!).

3. *Stipa capillata* L.

Stipa capillata L. var. *ulopogon* Ascherson & Graebner

Stipa erecta Trinius

Stipa juncea Lamarck, nom. illeg.

Stipa lagascae Gussone, nom. illeg.

Stipa thessala Haussknecht

Stipa ucranica Steudel, nom. inval.

Stipa ucranensis Lamarck

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Estipa, estipa capilada, estipa direita, estipa erecta, estipa ucraniana, estipa ucranica, stipa, stipa ucraniana.

Endemismo eurasiático e norte-africano (COSTE, 1937c: 576; ROSA, 2000); Planta ornamental herbácea perene, muito raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

4. *Stipa pennata* L. subsp. *pennata*

Stipa aperta Janka ex L.F. Čelakovský

Stipa danubialis Dihoru & Roman

Stipa disjuncta Klokov

Stipa graniticola Klokov

Stipa joannis L.F. Čelakovský

= *Stipa pennata* L. [α] *joannis* (L.F. Čelakovský) Beck

= *Stipa pennata* L. [A] *joannis* (L.F. Čelakovský) Ascherson & Graebner

= *Stipa pennata* L. subsp. *joannis* (L.F. Čelakovský) Pacz.

= *Stipa pennata* L. subsp. *joannis* (L.F. Čelakovský) Hylander, comb. superfl.

Stipa joannis L.F. Čelakovský subsp. *balcanica* Martinovský

= *Stipa balcanica* (Martinovský) Kožuharov

Stipa leiophylla P.A. Smirnow

= *Stipa pennata* L. subsp. *leiophylla* (P.A. Smirnow) Tzvelev

Stipa pennata L. [c] *aperta* Ascherson & Graebner

Stipa pennata L. [III] *mollis* Czernajew ex Ascherson & Graebner

= *Stipa pulcherrima* C. Koch var. *mollis* (Czernajew ex Ascherson & Graebner) B. Fedtschenko

Stipa styriaca Martinovský

Stipa styriaca Martinovský var. *melzeri* Martinovský

= *Stipa melzeri* (Martinovský) Klokov

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Erva em pena, erva penada, erva pluma, erva plumeta, erva pluminha, erva plumita, estipa, estipa aberta, estipa balcânica, estipa bela, estipa belíssima, estipa centro-europeia,

estipa da Estíria, estipa danúbia, estipa danubial, estipa danubiana, estipa danúbica, estipa do Danúbio, estipa da Ucrânia, estipa de Melzer, estipa disjunta, estipa do Danúbio, estipa dos Balcãs, estipa dos granitos, estipa em pena, estipa estiríaca, estipa formosa, estipa granítica, estipa joânica, estipa melzeriana, estipa melzérica, estipa melzerina, estipa penada, estipa plumada, estipa plumosa, estipa pulcra, estipa pulquérrima, estipa ucranica, estipa ucraniana, estipa vienense, estipa vienesa, plumeta, pluminha, plumita.

Endemismo eurasiático, ausente da Península Ibérica, próprio de taludes secos e pedregosos, pastagens e prados de montanha, estepes e clareiras de florestais abertas, altitudes que podem variar entre os 100 e os 4000 m (COSTE, 1937c: 576; GONZALO & al., 2013: 360-363); Planta ornamental herbácea perene cespitosa, actualmente talvez extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

114. *Taeniatherum* Nevski

1. *Taeniatherum caput-medusae* (L.) Nevski var. *caput-medusae*

= *Elymus caput-Medusae* L.

= *Cuviera caput-medusae* (L.) Koeler

= *Hordelymus caput-Medusae* (L.) Pignatti

= *Hordeum caput-Medusae* (L.) Cosson & Durieu

= *Leptothrix caput-Medusae* (L.) Dumortier

= *Taeniatherum crinitum* (Schreber) Nevski var. *caput-Medusae* (L.) Wipff

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Cabeça de medusa, cuviera, élimo, erva despenteada, hordélimo, hórdeo, hórdeo-élimo, leptótrix, teniátero.

Endemismo eurasiático, macaronésico e norte-africano (ORTEGA, 1991b: 201-202); Género monoespecífico, embora bastante complexo e variável (MELDERIS, 1985d: 269-271; MABBERLEY, 2008: 838); Em Trás-os-Montes (TM) é possível encontrar-se uma variedade diferente: *Taeniatherum caput-medusae* (L.) Nevski var. *asper* (Simonkai) A. Pujadas [= *Cuviera caput-medusae* (L.) Koeler var. *aspera* Simonkai (basion.)] (PUJADAS SALVÀ, 2013b: 259-261); Planta ornamental herbácea anual, espontânea e pouco comum em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII).

115. *Tragus* Haller

1. *Tragus racemosus* (L.) Allioni

= *Cenchrus racemosus* L. [basion.]

= *Lappago racemosus* (L.) Willdenow

= *Názia racemosa* (L.) Kuntze

Terófito. Origem: Região Mediterrânica

Alguns nomes comuns possíveis: Cencro, cencro racemoso, cerretes, escanhagatos, grama emaranhada, lapago, lapago racemoso, názia, názia racemosa, trago, trago racemoso.

Endemismo eurasiático e africano, bem distribuído pelas regiões Mediterrânica e Macaronésica, já mnaturalizado no Novo Mundo (MABBERLEY, 2008: 866; VALDÉS & SCHOLZ, 2009; GRIN); Planta ornamental herbácea anual, muito raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

116. *Tripidium* H. Scholz

1. *Tripidium strictum* (Host) H. Scholz

= *Andropogon strictus* Host [basion.]

= *Erianthus strictus* (Host) Bluff & al.

= *Ripidium strictum* (Host) Trinius

= *Saccharum strictum* (Host) Sprengel

Erianthus appressus Jávorka, nom. illeg.

= *Saccharum appressum* (Jávorka) Kitaibel ex Sprengel, nom. illeg.

Erianthus hostii Grisebach

Erianthus orientalis K. Koch

Erianthus strictus Baldwin

= *Saccharum strictum* (Baldwin) Nuttall

Erianthus strictus Bluff & Fingerh.

Pollinia dura Trinius

= *Andropogon durus* (Trinius) Steudel

Saccharum adpressum Kitaibel ex Reichenbach

Saccharum baldwinii Sprengel, nom. illeg.

Saccharum baldwinii Roberty

Hemicriptófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Andropógon, andropógon duro, erianto, erianto de Host, polínia, polínia dura, ripídio, açúcar, tripídio.

Endemismo eurasiático e mediterrânico, distribuído desde a Itália e a Europa Central -Áustria, Hungria-, até ao Iraque, próprio de areias encharcadas, florestas e margens pedregosas de ribeiros, de floração predominantemente vernal e estival (MILL, 1985f: 605; CLAYTON, 1980d: 265); Planta ornamental herbácea perene cespitosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

117. *Tripsacum* L.

1. *Tripsacum dactyloides* (L.) L.

= *Coix dactyloides* L. [basion.]

= *Dactylodes dactyloides* (L.) Kuntze

Coix angulata Miller

Ischaemum glabrum Walter

Tripsacum bravum J.R. Gray

Tripsacum monostachyum Willdenow

Terófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Coix, dactilodes, erva gama, grama, grama gama, isquemo, relva, tripsaco, tripsaco bravo.

Endemismo norte-americano, da América central (MABBERLEY, 2008: 874); Planta ornamental herbácea perene exótica, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

118. *Trisetaria* Forsskål

1. *Trisetaria ovata* (Cavanilles) Paunero

= *Bromus ovatus* Cavanilles [basion.]

= *Trichaeta ovata* (Cavanilles) Beauvois

= *Trisetum ovatum* (Cavanilles) Persoon

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Bromo, bromo ovado, bromo ovóide, triqueta, triqueta ovada, triqueta ovóide, trissetária, trissetária ovada, trissetária ovóide, trisseto, trisseto ovado, trisseto ovóide.

Endemismo orófito ibérico (JONSELL, 1980a: 224; DEVESA, 1991e: 104; MONTOUTO GONZÁLEZ, 2002: 164); Planta ornamental e ruderal herbácea anual, espontânea e pouco comum em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Trisetaria panicea* (Lamarck) Paunero

= *Avena panicea* Lamarck [basion.]

= *Trisetum paniceum* (Lamarck) Persoon

= *Koeleria panicea* (Lamarck) Domin

Dactylis caudata Brotero

Trisetum lusitanicum Persoon

Trisetaria panicea (Lamarck) Paunero var. *binervata* Paunero

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Aveia panícea, avena panícea, dátilis, dátilis caudada, dátilis de cauda, koeléria panícea, trissetária, trissetária panícea, trisseto, trisseto de Portugal, trisseto lusitano, trisseto paníceo, trisseto português.

Endemismo das Regiões Mediterrânica e Macaronésica (JONSELL, 1980a: 224; DEVESA, 1991e: 102-104); Planta ornamental herbácea anual, espontânea e frequente no Sul de Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII).

119. *Trisetum* Persoon

1. *Trisetum rigidum* (M. Bieberstein) Roemer & Schultes

= *Avena rigida* M. Bieberstein [basion.]

Avena daenensis Boissier

= *Trisetum daenense* (Boissier) Balansa

Terófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Aveia rígida, trissetária, trissetária rígida, trisseto, trisseto rígido.

Endemismo eurasiático (JONSELL, 1980a: 221); Elemento Irano-Turânico (DOĞAN, 1985c: 321); Planta ornamental herbácea perene exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950).

120. *Triticum* L.

1. *Triticum aestivum* L.

= *Triticum sativum* Lamarck var. *aestivum* (L.) Alph. Wood, nom. illeg.

= *Triticum vulgare* Villars var. *aestivum* (L.) Spenner, nom. illeg.

= *Zeia vulgaris* Lunell var. *aestiva* (L.) Lunell, nom. illeg.

Triticum sativum Lamarck

Triticum vulgare Villars, nom. illeg. superfl.

Terófito. Origem: Hortícola.

Alguns nomes comuns possíveis: Trigo, trigo comestível, trigo comum, trigo cultivado, trigo de comer, trigo de pão, trigo de Verão, trigo estival, trigo mole, trigo semeado, trigo vulgar.

Endemismo eurasiático, de origem híbrida hortícola, através de selecção, poliploidia e hibridação (KIT TAN, 1985b: 253-254); Planta alimentar e ornamental herbácea anual exótica, de extraordinária importância económica pelo seu grande impacto na alimentação humana, muitíssimo cultivada em Portugal e em grande parte da Europa e do Mundo (HUMPHRIES, 1980a: 203; KIT TAN, *l.c.*).

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ROSA, 2000: Anexo VII); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Triticum dicoccon* Schrank

= *Gigachilon polonicum* (L.) Seidl ex Á. Löve subsp. *dicoccon* (Schrank) Á. Löve

= *Triticum aestivum* L. var. *dicoccon* (Schrank) Fiori

Triticum dicoccon Schrank subsp. *asiaticum* Vavilov

Triticum dicoccon Schrank f. *volgense* Flaksberger

= *Triticum volgense* (Flaksberger) Nevski

Triticum farrum Bayle-Bar.

= *Triticum dicoccon* Schrank var. *farrum* (Bayle-Bar.) Flaksberger

Triticum spelta L. var. *dicoccon* Schrank, nom. inval.

Triticum vulgare Villars subsp. *dicoccon* Körnicke

Terófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Émer, emervete, farro, gigaquilon, trigo, trigo branco, trigo de dois grãos, trigo dicoco, trigo do Volga, trigo farro, trigo volguense.

Endemismo eurasiático e norte-africano (KIT TAN, 1985b: 251); Planta alimentar e ornamental herbácea anual exótica, de alguma importância económica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

3. *Triticum durum* Desfontaines

= *Triticum aestivum* L. var. *durum* (Desfontaines) Thell.

= *Triticum aestivum* L. var. *durum* (Desfontaines) Fiori

= *Triticum turgidum* L. subsp. *durum* (Desfontaines) Husnot

= *Triticum turgidum* L. group *durum* (Desfontaines) Bowden

Triticum durum Desfontaines subsp. *caucasicum* V. Dorof

Triticum siculum Roemer & Schultes

Terófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Trigo, trigo caucásico, trigo da Sicília, trigo do Cáucaso, trigo duro, trigo siciliano, trigo sículo.

Endemismo eurasiático e norte-africano, largamente cultivado como cereal (trigo duro), cuja cariopse é extremamente dura, para a posterior confecção de macaroni, semolina, spaghetti e outros produtos similares (BAILEY, 1949: 146; HUMPHRIES, 1980a: 202; KIT TAN, 1985b: 251); Planta alimentar e ornamental herbácea anual exótica, de grande importância económica, por vezes cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

4. *Triticum monococcum* L.

= *Chritodium monococcum* (L.) Á. Löve

= *Nivieria monococcum* (L.) Seringe

= *Triticum aestivum* L. var. *monococcum* (L.) L.H. Bailey

= *Triticum sativum* Lamarck var. *monococcum* (L.) Vilmorin

Triticum monococcum L. var. *eu-monococcum* Hayek

Triticum pubescens Bieb.

Triticum vulgare Villars var. *bidens* Alefeld

Terófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Critódio, critódio de um só grão, critódio monococo, nivieria, nivieria de um só grão, nivieria monococa, nivieria, trigo, trigo bidentado, trigo bidente, trigo de dois dentes, trigo de um grão, trigo de um só grão, trigo monococo, trigo peludo, trigo piloso, trigo pubescente, trigo viloso.

Endemismo da Região Mediterrânica (eurasiático e norte-africano), raramente cultivado como cereal: "einkorn" (BAILEY, 1949: 145; HUMPHRIES, 1980a: 202; KIT TAN, 1985b: 249); Planta alimentar e ornamental herbácea anual exótica, de alguma importância económica, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

5. *Triticum polonicum* L.

= *Deina polonica* (L.) Alefeld

= *Gigachilon polonicum* (L.) Seidl ex Á. Löve, nom illeg.

= *Triticum aestivum* L. var. *polonicum* (L.) L.H. Bailey

= *Triticum turgidum* L. subsp. *polonicum* (L.) Thell.

= *Triticum turgidum* L. convar. *polonicum* (L.) Mackey

= *Triticum turgidum* L. var. *polonicum* (L.) Yan ex P.C. Kuo

Triticum petropavlovskyi Udachin & Migushova

Triticum polonicum L. var. *tibeticum* Udachin

Terófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Deina, gigaquilon, trigo, trigo da Polónia, trigo da Rússia, trigo dos mouros, trigo gigante, trigo mourisco, trigo mouro, trigo polaco, trigo polonês, trigo polónico, trigo russo.

Endemismo eurasiático e mediterrânico; o nome específico "*polonicum*" resulta de um equívoco de Lineu, que terá confundido a Galícia da Península Ibérica (Galiza) com a Galícia da Polónia/Europa Central e Oriental (HUMPHRIES, 1980a: 202-203); Planta alimentar –sem interesse para a panificação (Bailey, 1949: 146; KIT TAN, 1985b: 252)– e ornamental herbácea anual exótica, de alguma importância económica (CHEN & ZHU, 2006a: 2006b: 443), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

6. *Triticum spelta* L.

= *Triticum aestivum* L. subsp. *spelta* (L.) Thell.

= *Triticum aestivum* L. var. *spelta* (L.) L.H. Bailey

= *Zeia spelta* (L.) Lunell

Triticum spelta L. var. *arduini* (Mazzuc.) Körnicke

Triticum speltoides Flaksberger, nom. inval.

Triticum zeia Host

Spelta vulgaris Seringe

Terófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Espelta, espelta comum, espelta vulgar, trigo, trigo espelta, trigo spelta, trigo de Arduino, spelta, zeia, zeia espelta.

Endemismo eurasiático; Planta alimentar e ornamental herbácea anual exótica, de alguma importância económica, cultivada como cereal em larga escala (VALDÉS & SCHOLZ, 2009), sobretudo em zonas montanhosas da Europa (HUMPHRIES, 1980a: 203), raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

7. **Triticum timopheevii** (Zhuk.) Zhuk. var. **timopheevii**

= *Triticum dicoccon* Schrank var. *timopheevii* Zhuk. [basion.]

= *Gigachilon timopheevii* (Zhuk.) Á. Löve

= *Triticum turgidum* L. subsp. *timopheevii* (Zhuk.) Á. Löve & D. Löve

Terófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Gigaquílton, gigaquílton de Timopheev, trigo, trigo de Timopheev.

Endemismo eurasiático, da Região Mediterrânica oriental e da Transcaucásia (KIT TAN, 1985b: 249-250; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta alimentar e ornamental herbácea anual exótica, de limitada importância económica, cultivada por vezes como fonte de alimento para as aves de capoeira (KIT TAN, *l.c.*), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

121. **Ventenata** Koeler

1. **Ventenata dubia** (Leers.) Cosson

= *Avena dubia* Leers [basion.]

Avena fertilis Allioni

Avena tenuis Moench, nom. illeg.

= *Festuca tenuis* (Moench) Raspail

Avena triaristata Villars

Ventenata avenacea Koeler

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Aveia dúbia, aveia fértil, aveia duvidosa, aveia ventenata, avena, avena dúbia, avena fértil, festuca, festuca dúbia, festuca duvidosa, festuca tênue, ventenata dúbia, ventenata duvidosa.

Endemismo da Região Euro-Mediterrânica, próprio de sítios secos (TUTIN, 1980r: 217; VALDÉS & SCHOLZ, 2009); Planta ornamental herbácea anual, uma das plantas mais raras de Portugal, onde só ocorre em sítios secos em solos básicos, no NE ultrabásico (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 125-126), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII; MATOS, 1950).

122. **Vulpia** C.C. Gmelin

[Syn.: *Zerna* Panzer]

O número de espécies do género *Vulpia* depende do tratamento que se dê às espécies do grupo **V. bromoides-muralis-myuros** (TORMO, 1991a: 46). Este autor, nas *Gramineas de Extremadura (l.c.)* preferiu considerar estas três entidades com estatuto infra-específico dentro da mesma espécie: **V. myuros** (L.) C.C. Gmelin, de acordo com DEVESA (1987b: 277-289), na *Flora Vascular de Andalucía Occidental*. Pelo contrário, STACE & COTTON na *Flora Europaea* (1980: 154-156) e STACE na *Flora of Turkey* (1985d: 451-458) consideram a existência de três espécies independentes: **V. bromoides** (L.) S.F. Gray (*V. sciuroides* (Roth) C.C. Gmelin, *V. dertonensis* (All.) Gola), **V. muralis** (Kunth) Nees (*V. broteri* Boiss. & Reut., *V. dertonensis* var. *broteri* (Boiss. & Reut.) Hegi, *V. sciuroides* var. *longearistata* Willk., *V. dertonensis* var. *longearistata* (Willk.) Aznav.) e **V. myuros** (L.) C.C. Gmelin. STACE (1985b: 454) adverte, contudo, que a determinação de *V. bromoides*, *V. muralis* e *V. myuros* pode ser difícil, estabelecendo *V. muralis* uma ligação entre os caracteres de *V. bromoides* e *V. myuros*. Também PIGNATTI (1982c: 477-478) e FRANCO & ROCHA AFONSO (1998: 38-41) consideram estes três *taxa* como espécies distintas.

1. **Vulpia bromoides** (L.) S.F. Gray

= *Festuca bromoides* L. [basion.]

Vulpia myuros (L.) C.C. Gmelin subsp. *sciuroides* (Roth) Rouy var. *sciuroides*

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Festuca, festuca anual, festuca bromóide, festuca ciuróide, vúlpia, vúlpia bromóide, vúlpia ciuróide.

Planta ornamental e ruderal herbácea anual, espontânea e comum em Portugal, sobretudo em locais mais ou menos secos (cf. ALMEIDA & al., 2014ah).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1988; ALVES, 1991).

2. **Vulpia geniculata** (L.) Link

= *Bromus geniculatus* L. [basion.]

= *Festuca geniculata* (L.) Willdenow

= *Loretia geniculata* (L.) Duval-Jouve

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Bromo, festuca, festuca anual, lorétia, vúlpia.

Planta anual herbácea espontânea, ruderal, comum em Portugal, sobretudo no Centro e Sul, em locais mais ou menos secos (cf. PEREIRA & al., 2014a).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ALVES, 1988; ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII).

3. **Vulpia muralis** (Kunth) Nees var. **muralis**

= *Festuca muralis* Kunth [basion.]

Vulpia broteri Boissier & Reuter

= *Vulpia dertonensis* var. *broteri* (Boissier & Reuter) Hegi

Vulpia sciuroides var. *longearistata* Willkomm

= *Vulpia dertonensis* var. *longearistata* (Willkomm) Aznavour

= *Vulpia myuros* subsp. *longearistata* (Willkomm) Hayek

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Festuca, festuca anual, vúlpia.

Planta anual herbácea espontânea, ruderal, comum em Portugal, sobretudo em locais mais ou menos secos (cf. ALMEIDA & al., 2014ai).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (MATOS, 1950; ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII).

4. **Vulpia myuros** (L.) C.C. Gmelin subsp. **myuros**

= *Festuca myuros* L. [basion.]

Terófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Festuca, festuca anual, vúlpia.

Planta anual herbácea espontânea, ruderal, comum em Portugal, sobretudo em locais mais ou menos secos (cf. ALMEIDA & al., 2014aj).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1988; ALVES, 1991; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

123. **Zea** L.

1. **Zea mays** L. subsp. **mays**

Terófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Maís, milho, milho americano, zeia, zeia.

Endemismo americano, de história genética controversa, originário da América central, do México à Nicarágua; juntamente com o arroz e o trigo, é um dos três cereais mais cultivados nas regiões tropicais e quentes (MABBERLEY, 2008: 921); não sendo conhecido no estado selvagem, o milho terá sido domesticado há cerca de 7000 anos (RYVES & al, 1996: 105); Planta alimentar, medicinal (LAUNERT, 1989: 256; CLAUDINO, 2001: 45; EBRAHIMZADEH & al., 2008b; EBRAHIMZADEH & al., 2009b) e ornamental herbácea anual exótica, de grande importância económica pelo uso dos seus grãos para a alimentação animal e humana, muito cultivada em Portugal, onde já se encontra mais ou menos naturalizada (ALMEIDA & FREITAS, 2012), assim como nas Ilhas Britânicas (RYVES & al, *l.c.*); o milho terá sido introduzido em Portugal “no primeiro quartel do século XVI e já em 1533 havia suplantado nos mercados, como cereal panificável, o centeio, a cevada e o milho-miúdo, mau grado as proibições a que a sua cultura foi de início sujeita” [!] (COUTINHO, 1917, citado por BETTENCOURT & GUSMÃO, 1982: 244); o pão de milho é a broa, o pão do Norte, também tão importante nos Açores, pois era já em 1884 «A base da alimentação dos camponeses micaelenses é o pão de milho e a couve» (COSTA, 1960, citando FRANCISCO ARRUDA FURTADO, citado por BETTENCOURT & GUSMÃO, *l.c.*).

Distribuição/localização no Jardim: Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

2. **Zea mays** L. subsp. **mexicana** (Schrader) Iltis

= *Euchlaena mexicana* Schrader [basion.]

= *Zea mexicana* (Schrader) Kuntze

Terófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Maís, milho, milho americano, milho mexicano, zeia, zeia mexicana, zeia, zeia mexicana.

Endemismo norte-americano (da América central: México); Planta alimentar e ornamental exótica, cultivada pelas suas espigas.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ALMEIDA & al., 2003); Terraço de Júlio Henriques (VIII.2011, Observ.!).

124. **Zuloagaea** Bess

1. **Zuloagaea bulbosa** (Kunth) Bess

= *Panicum bulbosum* Kunth [basion.]

= *Panicum maximum* Jacquin var. *bulbosum* (Kunth) Vasey

Panicum altissimum Broussonet, nom. inval.

Panicum avenaceum Kunth

= *Panicum bulbosum* Kunth var. *avenaceum* (Kunth) Beal

Panicum bulbosum Kunth var. *minus* Vasey

Panicum confusum Trinius ex Steudel, nom. inval.

Panicum gongylodes Jacquin

= *Panicum maximum* Jacquin var. *gongylodes* (Jacquin) Döll

= *Panicum polygamum* Swartz var. *gongylodes* (Jacquin) E. Fournier

Panicum nodosum Willdenow ex Steudel, nom. inval.

Panicum paucifolium Swallen

Panicum sciaphilum E. Fournier

= *Panicum bulbosum* Kunth subsp. *sciaphilum* (E. Fournier) Hitchcock & Chase

Geófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Pânico, pânico altíssimo, pânico alto, pânico bolboso, pânico bulboso, pânico confuso, pânico esciáfilo, pânico esciófilo, pânico menor, pânico nodoso, paniço, paniço altíssimo, paniço alto, paniço bolboso, paniço bulboso, paniço confuso, paniço esciáfilo, paniço esciófilo, paniço menor, paniço nodoso, zuloágua, zuloágua bulbosa.

Endemismo da América tropical e subtropical, distribuído do Arizona (Estados Unidos) até ao Norte da América do Sul; Género monoespecífico (MABBERLEY, 2008: 925); Planta ornamental e ruderal herbácea perene, raramente cultivada em Portugal; Foi herborizado, em 1884 e 1885, em Leça de Palmeira (PINTO DA SILVA, 1957: 7-8), tendo provavelmente na actualidade já desaparecido de Portugal (PINTO DA SILVA, 1971: 301), actualmente extinto no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000: Anexo VII).

CXXVI. PONTEDERIACEAE [2 sp.]

[Syn.: *Heterantheraceae*]²⁸⁰

1. Eichhornia Kunth

1. *Eichhornia crassipes* (C.F.P. Martius) Solms-Laubach

= *Pontederia crassipes* C.F.P. Martius [basion.]

Eichhornia speciosa Kunth

Hidrófito. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Eichórnia, jacinto de água.

Endemismo sul-americano, do Brasil (WEBB, 1980f: 85-86; NELSON, 1986a: 332); Planta ornamental aquática exótica, que se pode tornar uma invasora potencialmente perigosa; tendo sido introduzida como ornamental, foi assinalada pela primeira vez como naturalizada em Portugal continental em 1940, logo começando a sua expansão subsequente (VASCONCELLOS, 1940: 9-10; PINTO DA SILVA, 1959: 226; MALATO-BELIZ & GUERRA, 1972: 2-3; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1981: 2; PINTO DA SILVA, 1991: 81; FRANCO, 1994a: 126).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Cultivada num tanque na Escola Médica (TAVARES & ALVES, 2002; ALMEIDA & al., 2003); Num tanque da Estufa Grande (Queirós, 1982: 56).

2. Pontederia L.

1. *Pontederia cordata* L.

Hidrófito. Origem: América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Pontedéria, pontedéria cordada.

Endemismo norte-americano, de floração estival (VALENTINE, 1980a: 85; NELSON, 1986b: 332); Planta ornamental aquática exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Escola Médica, num tanque (TAVARES & ALVES, 2002) e Escolas de Sistemática (TAVARES & ALVES, 2002; ALMEIDA & al., 2003; X.2010, Observ.!).

CXXVII. POTAMOGETONACEAE [2 sp.]

[Syn.: *Zannichelliaceae*]²⁸¹

1. Potamogeton L.

1. *Potamogeton crispus* L.

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Celga aquática, colher, colher de água, colher de folha enrolada, espiga de água, espiga de água enrolada, pimenta de água, potamogeto, postas, potamogeto encaracolado, potamogéton, potamogéton cresco.

Endemismo eurasiático, de distribuição sobretudo europeia (ROSA, 2000); Planta ornamental aquática espontânea e rara em Portugal (PORTO & al., 2014y).

Distribuição/localização no Jardim: Cultivada num tanque na Escola Médica (ROSA, 2000; ALMEIDA & al., 2003).

2. *Potamogeton natans* L.

Hidrófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Celga aquática, colher, colher de água, colher de folha larga, espiga de água, espiga de água de folha larga, pimenta de água, potamogeto, potamogeto de folha larga, potamogeto nadante, potamogéton, potamogéton nadante.

Endemismo da Região Holoártica (ROSA, 2000); Planta ornamental aquática espontânea e rara em Portugal (SCHWARZER & al., 2014).

Distribuição/localização no Jardim: Cultivada num tanque na Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

²⁸⁰ De acordo com REVEAL & CHASE (2011: 80).

²⁸¹ De acordo com REVEAL & CHASE (2011: 76).

CXXVIII. SMILACACEAE [5 sp.]

1. *Smilax* L.1. *Smilax aspera* L. subsp. *aspera**Smilax goetzeana* Engler*Smilax inermis* Jord., nom. illeg.*Smilax intricatissima* Jord.*Smilax longipes* Gand.*Smilax maculata* Roxburgh ex D. Don*Smilax mauritanica* Poiret*Smilax mauritanica* Poiret var. *verpertilionis* Boiss= *Smilax mauritanica* Poiret subsp. *verpertilionis* (Boissier) K. Richter*Smilax nigra* Willdenow*Smilax oxicarpa* Jord.

Fanerófito escandente. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Alagacão, alagação, alegre-campo, alegre-cão, alsaparrilha, salsaparrilha, smífax, recama.

Endemismo eurasiático e africano, distribuído pela Região Mediterrânica e também Etiópia, Himalaias e Ceilão (DAVIS, 1984a: 71-72); Planta ornamental trepadeira lenhosa perene rizomatosa e espinhosa, de floração estival e outonal (ALEXANDER, 1986c: 270), espontânea e comum em Portugal, sobretudo no Centro e Sul (PORTELA-PEREIRA & al., 2014j).

Distribuição/localização no Jardim: Espontânea em sebes, no Jardim e na Mata, sendo um dos constituintes naturais das matas de *Quercus faginea* subsp. *broteroi* e outras espécies de carvalhos e suas orlas próprias de Coimbra e das regiões vizinhas (I.2011, Observ.); Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Escola Médica (ALMEIDA & al., 2003).2. *Smilax china* L.*Coprosmanthus japonicus* Kunth*Smilax china* L. f. *obtusa* H. Léveillé*Smilax pteropus* Miquel*Smilax taiheiensis* Hayata= *Smilax china* L. var. *taiheiensis* (Hayata) Koyama

Fanerófito escandente. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Coprosmento, coprosmento chinês, coprosmento da China, coprosmento japonês, salsaparrilha, salsaparrilha chinesa, salsaparrilha da China, smífax, smífax chinesa, smífax da China, recama, recama chinesa, recama da China.

Endemismo eurasiático, da Ásia oriental: China, Birmânia, Filipinas, Tailândia e Vietnam (CHEN & KOYAMA, 2000); Planta ornamental trepadeira lenhosa perene rizomatosa e espinhosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Smilax utilis* C.H. Wright

Fanerófito escandente. Origem: Ilhas Salomão.

Alguns nomes comuns possíveis: Recama, recama útil, salsaparrilha, salsaparrilha útil, smífax, smífax útil.

Endemismo da Região da Oceânia: Ilhas Salomão (IPNI); Planta ornamental trepadeira exótica lenhosa perene rizomatosa e espinhosa, actualmente extinta no Jardim

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. *Smilax regelii* Killip & Morton*Smilax grandiflora* Regel*Smilax officinalis* F. Hanb. & Flueck*Smilax ornata* Hooker f.*Smilax saluberrima* Gilg

Fanerófito escandente. Origem: América.

Alguns nomes comuns possíveis: Recama, recama útil, salsaparrilha, salsaparrilha americana, salsaparrilha de Honduras, salsaparrilha de Regel, salsaparrilha hondurenha, smífax, smífax americana, smífax de Honduras, smífax hondurenha, smífax de flores grandes, smífax de Regel, smífax grandiflora, smífax macranta.

Endemismo americano, da América tropical; Planta ornamental trepadeira exótica lenhosa perene rizomatosa e espinhosa, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. **Smilax** sp.

Fanerófito escandente. Origem: Desconhecida.

Alguns nomes comuns possíveis: Recama, salsaparrilha, smílix.

Planta ornamental trepadeira exótica lenhosa perene rizomatosa e espinhosa, actualmente possivelmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (MATOS, 1950; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Recanto Tropical Inferior e Quadrado Central (TAVARES & ALVES, 2002).

CXXIX. STRELITZIACEAE [4 sp.]

1. **Strelitzia** Banks ex Aiton

1. **Strelitzia alba** (L. f.) Skeels

= *Heliconia alba* L. f. [basion.]

Heliconia augusta Salisbury

Strelitzia augusta Thunberg

= *Strelitzia alba* (L. f.) Skeels subsp. *augusta* (Thunberg) Maire & Weiller

Strelitzia augusta D. Dietrich

Fanerófito. Origem. Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Ave do paraíso, estrelícia, estrelícia augusta, helicónia, helicónia alva, helicónia augusta.

Endemismo do Sul de África; Planta ornamental lenhosa (MABBERLEY, 2008: 825) exótica, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, Corpo Central (HENRIQUES, 1876: 51); Recanto Tropical/Terraço das Palmeiras; Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. **Strelitzia nicolai** Regel & Körnicke

Fanerófito. Origem. Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Ave do paraíso, estrelícia.

Endemismo do Sul de África; Planta ornamental lenhosa (MABBERLEY, 2008: 825) exótica, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Recanto Tropical Inferior (TAVARES & ALVES, 2002; I.2011, Observ.!).

3. **Strelitzia reginae** Banks ex Aiton

Fanerófito. Origem. Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Ave do paraíso, ave do paraíso da rainha, ave do paraíso real, estrelícia, estrelícia arbórea, estrelícia arbustiva, estrelícia da rainha, estrelícia real.

Endemismo sul-africano, de floração hibernal ou hiemal e vernal ou primaveril (HUXLEY & al., 1999d: 387); Planta ornamental lenhosa (MABBERLEY, 2008: 825) exótica, frequentemente cultivada em Portugal; no Jardim Botânico de Coimbra, foi muito afectada pela grande vaga de frio de Inverno de 1890 (HENRIQUES, 1891: 133).

Distribuição/localização no Jardim: Recanto Tropical/Terraço das Palmeiras (TAVARES & ALVES, 2002; X.2010, Observ.!); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Junto ao Tanque de Luís Carrisso (TAVARES & ALVES, 2002).

4. **Strelitzia** × **kewensis** Skan var. **junceae** (Ker-Gawler) H.E. Moore

Strelitzia alba (L.) Skeels × *Strelitzia reginae* Banks ex Aiton

Fanerófito. Origem. Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Ave do paraíso, ave do paraíso híbrida, estrelícia, estrelícia híbrida.

Endemismo do Sul de África; Planta ornamental lenhosa (MABBERLEY, 2008: 825) exótica, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Recanto Tropical/Terraço das Palmeiras (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

CXXX. TECOPHILAEACEAE [3 sp.]

[Syn.: *Androsynaceae*, *Conantheraceae*, *Cyanastraceae*,
Cyanellaceae, *Walleriaceae*]²⁸²²⁸³

1. Cyanella L.

1. Cyanella alba L. f.

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Cianela, cianela alva, cianela branca, cianela cândida.

Endemismo sul-africano (MABBERLEY, 2008: 241); Planta ornamental exótica perene, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. Cyanella lutea L. f.

Cyanella lineata Burchell

Cyanella odoratissima Lindley

Cyanella racemosa Schinz

Cyanella rosea Ecklon ex Baker

Ixia hexandra Schrank

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Cianela, cianela alva, cianela aromática, cianela de cheiro, cianela lútea, cianela odorífera, cianela racemosa, íxia, íxia hexandra.

Endemismo sul-africano (MABBERLEY, 2008: 241); Planta ornamental exótica perene, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. Cyanella orchidiformis Jacquin

Trigella orchidiformis Salisbury

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Cianela, trigela, triguela.

Endemismo sul-africano (MABBERLEY, 2008: 241); Planta ornamental exótica perene, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

CXXXI. TOFIELDIACEAE [2 sp.]

1. Tofieldia Hudson

1. Tofieldia coccinea Richardson subsp. coccinea

Tofieldia fauriei H. Léveillé & Vaniot

Tofieldia fusca Miyabe & Kudô

Tofieldia nutans Willdenow

Tofieldia taquetii H. Léveillé & Vaniot

Geófito. Origem: Eurásia e América do Norte.

Alguns nomes comuns possíveis: Tofiéldia, tofiéldia fusca, tofiéldia nutante.

Endemismo da Região Holoárctica, da Rússia até à América do Norte (CHEN & al., 2000); Planta ornamental perene rizomatosa exótica muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. Tofieldia sp.

Geófito. Origem: Desconhecida.

Alguns nomes comuns possíveis: Tofiéldia.

²⁸² De acordo com REVEAL & CHASE (2011: 78).

²⁸³ TAKHTAKJAN (2009: 657) considera as *Cyanastraceae* como uma família independente das *Tecophilaeaceae*, bastante isolada e monogenérica, incluindo apenas o género *Cyanastrum* Oliver, tri-específico e exclusivamente endémico da África tropical (MABBERLEY, 2008: 240). MABBERLEY (2008: 448), contudo, considera o género monoespecífico *Kabuyea* Brummitt como independente do género *Cyanastrum* Oliver.

Planta ornamental perene rizomatosa exótica muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

CXXXII. TYPHACEAE [2 sp.]

[Syn.: *Sparganiaceae*]²⁸⁴

1. *Typha* L.

1. *Typha latifolia* L.

Helófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Tabua, tabua larga, tabua latifolia, tifa, tifa larga, tifa latifolia.

Planta ornamental aquática herbácea perene autóctone e pouco comum em Portugal (ARAÚJO & al., 2014ak).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Recanto Tropical Inferior (TAVARES & ALVES, 2002).

1. *Typha* sp.

Helófito. Origem: Desconhecida.

Alguns nomes comuns possíveis: Tabua, tifa.

Planta ornamental aquática herbácea perene, possivelmente autóctone.

Distribuição/localização no Jardim: Cultivada num tanque na Escola Médica (X.2010, Observ.!); Viveiros, num tanque com *Cyperus papyrus* L. (IX.2011, Observ.).

CXXXIII. XANTHORRHOACEAE [96 sp.]

[Syn.: *Aloaceae*, *Asphodelaceae*, *Dianellaceae*, *Geitonoplesiaceae*, *Hemerocallidaceae*, *Johnsoniaceae*, *Phormiaceae*]²⁸⁵

1. *Aloe* L.

1. *Aloe arborescens* Miller subsp. *arborescens*

= *Catevala arborescens* (Miller) Medikus

Aloe arborea Medikus

Aloe arborescens Miller var. *milleri* A. Berger

Aloe arborescens Miller var. *pachythyrsa* A. Berger

Aloe arborescens Miller var. *viridifolia* A. Berger

Aloe frutescens Salm-Dyck

= *Aloe arborescens* Miller var. *frutescens* (Salm-Dyck) Link

Aloe fruticosa Lamarck

Aloe fulgens Todaro

Aloe natalensis J.M. Wood & M.S. Evans

= *Aloe arborescens* Miller var. *natalensis* (J.M. Wood & M.S. Evans) A. Berger

Aloe perfoliata L. var. η L.

Aloe sigmoidea Baker

Fanerófito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé arbóreo, aloé arborescente, aloé arbustivo, aloé candelabro, aloé de Miller, aloé-espada, aloé espadeiro, aloé-lâmina, aloé laminar, aloé lenhoso, azebra, babosa, balsameira, catevala, erva babosa, foguetes de Natal, foguetes do Natal, iposo, planta-polvo, planta-tocha, plantocha, pulpos, sabila, xitretre, vela, zabila, zebra, zebrinha.

Endemismo africano, do Sul de África: África do Sul, Malawi, Moçambique e Zimbabwe, de floração precoce (CULLEN, 1986m: 161; ROSA, 2000: 103); Planta ornamental, usada em sebes e supostamente medicinal (ROSA, *l.c.*) arbustiva suculenta exótica, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII); Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; INDEX SEMINUM 2009, 2010); Também cultivada em vasos, na Mata (TAVARES & ALVES, 2002).

²⁸⁴ De acordo com REVEAL & CHASE (2011: 81).

²⁸⁵ De acordo com REVEAL & CHASE (2011: 78-79).

2. **Aloe aristata** Haworth

Aloe aristata Haworth var. *leiophylla* Baker

Aloe aristata Haworth var. *parvifolia* Baker

Aloe ellenbergeri Guillaumin

Aloe longiaristata Schultes & Schultes fil.

Hemicriptófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé aristado, aloé de Ellenberger, lecalana, planta-tocha, serelei, sereleli, umatitibala (GRACE & al., 2011: 15-16).

Endemismo sul-africano, da África do Sul, de floração estival (CULLEN, 1986m: 158; IPNI); Planta ornamental, raramente cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. **Aloe brevifolia** Miller var. **depressa** (Haworth) Baker

= *Aloe depressa* Haworth [basion.]

Aloe serra DC.

= *Aloe brevifolia* Miller var. *serra* (DC.) A. Berger

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé brevifólio, aloé de folhas breves, aloé depresso, aloé deprimido.

Endemismo sul-africano, da África do Sul (CULLEN, 1986m: 159; IPNI); Planta ornamental, raramente cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. **Aloe bulbicaulis** Christian

Aloe trothae A. Berger

Caméfito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé bulbicaule, aloé de Trotha.

Endemismo africano, da África tropical (IPNI; GRACE & al., 2011: 26); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. **Aloe camperi** Schweinfurth

Aloe albopicta A. Berger

Aloe eru A. Berger

Aloe eru A. Berger var. *cornuta* A. Berger

Caméfito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé pintado de branco.

Endemismo africano, da África Tropical: Etiópia, de floração vernal (CULLEN, 1986m: 160; IPNI); Planta ornamental arbustiva suculenta exótica, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

6. **Aloe candelabrum** A. Berger

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé candelabro, inkalane.

Endemismo sul-africano, da África do Sul: Natal (CULLEN, 1986m: 161); Planta ornamental arbustiva suculenta exótica, por vezes cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

7. **Aloe ciliaris** Haworth var. **ciliaris**

Aloe ciliaris Haworth var. *flanaganii* Schönland

Fanerófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé ciliado, aloé trepador, ikalene, intezezi, sábila (GRACE & al., 2011: 36-37).

Endemismo sul-africano, da África do Sul: Província do Cabo (CULLEN, 1986m: 160; ROSA, 2000: 103; GRIN); Planta ornamental arbustiva suculenta exótica, de floração hiberna (CULLEN, l.c.), por vezes cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

8. *Aloe ferox* Miller

= *Aloe perfoliata* L. var. *ferox* (Miller) Aiton

= *Busipho ferox* (Miller) Salisbury, nom. inval.

= *Pachidendron ferox* (Miller) Haworth

Aloe galpinii Baker

Aloe muricata Haworth

Aloe pseudoferox Salm-Dyck

= *Pachidendron pseudoferox* (Salm-Dyck) Haworth

Aloe subferox Sprengel

Aloe supralaevis Haworth

= *Pachidendron supralaeve* (Haworth) Haworth

Aloe supralaevis Haworth var. *erythrocarpa* Baker

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé candelabro, aloé capense, aloé do Cabo, aloé espinhoso, aloé feroz, aloé horrendo, aloé horrído, aloé muricado, aloé subferoz, aloé supraleve, busifo, bussifo, bussifo feroz, paquidendro, paquidendro feroz, paquidendro leve, paquidendro pseudoferoz, paquidendro subferoz, paquidendro supraleve.

Endemismo sul-africano, da África do Sul: Província do Cabo (CULLEN, 1986m: 161; ROSA, 2000: 103); Planta ornamental e medicinal (ROSA, l.c.) arbustiva suculenta exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (TAVARES & al., 2009); Escola das Monocotiledóneas e Jardimeta 2 (TAVARES & ALVES, 2002).

9. *Aloe ferox* Miller × *Aloe speciosa* Baker

Aloe supralaevis Haworth × *Aloe speciosa* Baker

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé africano, aloé belo, aloé de origem híbrida, aloé híbrido, aloé sul-africano.

Endemismo sul-africano, da África do Sul (ambos os progenitores são endémicos da África do Sul); Planta ornamental subarbustiva suculenta exótica, de origem híbrida, muito raramente cultivada em Portugal, raramente cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

10. *Aloe gracilis* Haworth

= *Aloiampelos gracilis* (Haworth) Klopper & Gideon F. Smith

Aloe laxiflora Haworth

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé africano, aloé belo, aloé de flores laxas, aloé grácil, aloé laxifloro, aloé sul-africano.

Endemismo sul-africano, da África do Sul (IPNI); Planta ornamental suculenta exótica perene, raramente cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

11. *Aloe grandidentata* Salm-Dyck

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé de grandes dentes, aloé grandidentado, aloé macrodonto.

Endemismo sul-africano, da África do Sul, de floração estival (CULLEN, 1986m: 159); Planta ornamental subarbustiva suculenta exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

12. ***Aloe greatheadii*** Schönland

Aloe pallidiflora A. Berger

Aloe termetophila De Wildeman

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé das térmitas, aloé de cabeça grande, aloé de Greathead, aloé dos termiteiros, godzongo, gweravana, icena, inhlaba, kizima-bupia, ruvati.

Endemismo sul-africano, da África do Sul (GRACE & al., 2011: 66-67); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

13. ***Aloe humilis*** (L.) Miller

= *Aloe perfoliata* L. var. *humilis* L. [basion.]

= *Catevala humilis* (L.) Medikus

Aloe acuminata Haworth

= *Aloe humilis* (L.) Miller var. *acuminata* (Haworth) Baker

Aloe acuminata Haworth var. *major* Salm-Dyck

Aloe echinata Willdenow

= *Aloe humilis* (L.) Miller var. *echinata* Willdenow

Aloe humilis (L.) Miller var. *echinata* Willdenow subvar. *minor* Salm-Dyck

= *Aloe humilis* (L.) Miller var. *incurva* Haworth subvar. *minor* (Salm-Dyck) A. Berger

Aloe humilis Ker Gawler, nom. illeg.

Aloe humilis (L.) Miller var. *candollei* Baker

Aloe humilis (L.) Miller var. *incurva* Haworth

Aloe humilis (L.) Miller var. *macilenta* Baker

= *Aloe macilenta* (Baker) G. Nicholson

Aloe humilis (L.) Miller var. *suberecta* (Aiton) Baker subvar. *semiguttata* Haworth

Aloe perfoliata L. var. *suberecta* Aiton

= *Aloe humilis* (L.) Miller var. *suberecta* (Aiton) Baker

= *Aloe suberecta* (Aiton) Haworth

Aloe suberecta (Aiton) Haworth var. *acuminata* Haworth

Aloe suberecta (Aiton) Haworth var. *semiguttata* Haworth

Aloe subtuberculata Haworth

= *Aloe humilis* (L.) Miller var. *subtuberculata* (Haworth) Baker

Aloe tuberculata Haworth

Aloe verruscospinosa Allioni

Hemicriptófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé diminuto, aloé humilde, aloé menor, aloé modesto, aloé pequeno, aloé reduzido, aloé subtuberculado, aloé tuberculado, aloé verrucoso, catevala, catevala humilde.

Endemismo sul-africano, da África do Sul: Província do Cabo (CULLEN, 1986m: 159; GRIN); Planta ornamental acaule de floração vernal (CULLEN, l.c.), muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim:

14. ***Aloe cf. jucunda*** Reynolds

Caméfito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé da Somália, aloé jucundo, aloé somali.

Endemismo africano, da África Tropical: Somália (IPNI); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: 104).

15. ***Aloe lateritia*** Engler var. ***lateritia***

Aloe amaniensis A. Berger

Aloe boehmii Engler,

Aloe campylosiphon A. Berger

Caméfito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé amaniense, aloé de Boehm, echuchuku, esuguroi, harguessa, ibugubugu, ingarigari, jolonji, kidata, kigagi, kigaka, kikaka, kikakalumbamba, kiluma, kirumi, kisimando, kisimanleo, kitembo, kitori, liperege, lissigiri, mukumi, ogara, olkos, subiri, tangaratuet, tolkos (GRACE & al., 2011: 86).

Endemismo africano, da África Tropical oriental: Abissínia, Tanzânia (IPNI; GRACE, 2011: 86); Planta ornamental e comestível subarborescente suculenta exótica, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

16. ***Aloe littoralis* Baker**

Aloe rubrolutea Schinz

Aloe schinzii Baker

Fanerófito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé costeiro, aloé de flores amarelas e vermelhas, aloé de flores vermelhas e amarelas, aloé de Schinz, aloé do litoral, aloé litoral, aloé rubrolúteo.

Endemismo africano, da África Tropical (IPNI); Planta ornamental arbustiva suculenta exótica, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

17. ***Aloe macrocarpa* Todaro subsp. *macrocarpa***

Aloe borziana A. Terracciano

Aloe edulis A. Chevallier ex Hutch. & Dalziel

Aloe macrocarpa Todaro var. *major* A. Berger

Caméfito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé comestível, aloé de Borzi, aloé de frutos grandes, aloé maior.

Endemismo africano, da África Tropical: Abissínia (IPNI); Planta ornamental e comestível subarborescente suculenta exótica, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII); Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

18. ***Aloe maculata* Allioni**

Aloe commutata Tod.

Aloe commutata Tod. var. *bicolor* (Baker) A. Berger

Aloe disticha Miller, nom. illeg.

Aloe gasterioides Baker

Aloe grahamii Schönland

Aloe grandidentata Tod., nom. illeg.

Aloe leptophylla N.E. Brown ex Baker

Aloe leptophylla N.E. Brown ex Baker var. *stenophylla* Baker

Aloe macracantha Baker

Aloe maculosa Lamarck

Aloe obscura Miller

= *Aloe perfoliata* L. var. *obscura* (Miller) Aiton

= *Aloe saponaria* (Aiton) Haworth var. *obscura* (Miller) Haworth

Aloe perfoliata L. var. *saponaria* Aiton

= *Aloe saponaria* (Aiton) Haworth

Aloe picta Thunberg

Aloe picta Thunberg var. *major* Willdenow

Aloe saponaria (Aiton) Haworth var. *brachyphylla* Baker

Aloe saponaria (Aiton) Haworth var. *flicksburgensis* Reynolds

= *Aloe maculata* Allioni var. *flicksburgensis* (Reynolds) Dandy

Aloe saponaria (Aiton) Haworth var. *latifolia* Haworth

= *Aloe latifolia* (Haworth) Haworth

Aloe spuria A. Berger

Aloe trichotoma Colla

Aloe tricolor Baker, nom. illeg.

Aloe umbellata DC.

Caméfito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé do sabão, aloé malhado, aloé malhado de branco, aloé-sabão, aloé saboeiro, aloé bicolor, aloé tricolor, atzavara, balsameira, balsamera, balsemera, curalotodo, curatudo, icena, lecala, panaceia, panaceia universal, pitazabila, tati, zabila.

Endemismo africano, de floração estival (CULLEN, 1986m: 159); Planta ornamental exótica tropical, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII); Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002); Cultivada em vasos (INDEX SEMINUM 2009, 2010).

19. *Aloe palmiformis* Baker

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé angolano, aloé de Angola, aloé de palma, aloé palmado, aloé palmatiforme, aloé palmiforme, okandole.

Endemismo africano, de Angola (IPNI); Planta ornamental subarbustiva exótica tropical, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

20. *Aloe percrassa* Todaro

Aloe abyssinica var. *percrassa* (Todaro) Baker, nom. illeg.

Aloe bakeri Hooker f. ex Baker, nom. illeg.

Aloe oligospila Baker

Aloe schimperi Todaro

Caméfito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé abissínio, aloé africano, aloé da Abissínia, aloé da Etiópia, aloé da Eritreia, aloé da Somália, aloé de Baker, aloé de folhas gordas, aloé de pouco pêlo, aloé de Schimper, aloé eritreu, aloé etíope, aloé etiópico, aloé somali, aloé subglabro, arret, daar, iret, zaber.

Endemismo africano, da África tropical oriental: Abissínia, Eritreia, Somália (GRACE & al., 1986m: 118); Planta ornamental exótica tropical, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

21. *Aloe perfoliata* L.

Aloe albispina Haworth

= *Aloe mitriformis* Miller var. *albispina* (Haworth) A. Berger

Aloe commelinii Willdenow

= *Aloe mitriformis* Miller var. *commelinii* (Willdenow) Baker

Aloe flavispina Haworth

= *Aloe mitriformis* Miller var. *flavispina* (Haworth) Baker

Aloe mitraeformis Willdenow, nom. illeg.

Aloe mitraeformis Salm-Dyck

Aloe mitraeformis DC., nom. illeg.

Aloe mitriformis Miller, nom. illeg.

= *Aloe perfoliata* L. var. *mitriformis* (Miller) Aiton

Aloe mitriformis Miller var. *angustior* Lamarek

Aloe mitriformis Miller var. *elatior* Haworth

Aloe mitriformis Miller var. *humilior* Haworth

Aloe mitriformis Miller var. *pachyphylla* Baker

Aloe mitriformis Miller var. *spinosior* Haworth

Aloe parvispina Schönland

Aloe spinulosa Salm-Dyck

= *Aloe mitriformis* Miller var. *spinulosa* (Salm-Dyck) Baker

Aloe xanthacantha Salm-Dyck, nom. illeg.

Aloe xanthacantha Willdenow

= *Aloe mitriformis* Miller var. *xanthacantha* (Willdenow) Baker

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé de Commelin, aloé de espinhos, aloé de espinhos amarelos, aloé de espinhos brancos, aloé de espinhos pequenos, aloé de folhas grossas, aloé de mitra, aloé espinhoso, aloé mitra, aloé mitriforme, aloé perfolhado, aloé perfoliado.

Endemismo sul-africano, da Província do Cabo (CULLEN, 1986m: 160); Planta ornamental subarbustiva suculenta exótica de floração estival, por vezes cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

22. ***Aloe plicatilis* (L.) Miller**

= *Aloe disticha* L. var. *plicatilis* L. [basion.]

= *Rhipidodendrum plicatile* (L.) Haworth

Aloe flabelliformis Salisbury, nom. illeg.

Aloe lingua Thunberg

= *Gasteria lingua* (Thunberg) A. Berger

Aloe linguaeformis L. f., nom. illeg.

Aloe plicatilis (L.) Miller var. *major* Salm-Dyck

Aloe tripetala Medikus

Kumara disticha Medikus

= *Rhipidodendrum distichum* (Medikus) Willdenow

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé de flabelo, aloé de três pétalas, aloé dístico, aloé flabeliforme, aloé francês, aloé-leque, aloé-língua, aloé tripétalo, kumara, kumara dística, ripidodendro, ripidodendro dístico.

Endemismo sul-africano, da Província do Cabo (CULLEN, 1986m: 162; ROSA, 2000: 104); Planta ornamental arbustiva suculenta exótica, por vezes cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & al., 2002).

23. ***Aloe* × *principis* (Haworth) Stearn**

= *Pachidendron principis* Haworth [basion.]

Aloe arborescens Miller × *Aloe ferox* Miller

Aloe × *caesia* Salm-dyck

Aloe × *salm-dyckiana* Schultes & Schultes fil.

Aloe × *salm-dyckiana* Schultes & Schultes fil.

Caméfito. Origem: Híbrida.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé de Salm-Dyck, aloé de príncipe, aloé do príncipe, aloé híbrido, aloé-príncipe, paquidendro, paquidendro príncipe, paquidêndron.

Planta ornamental subarbustiva suculenta exótica de origem híbrida natural entre *Aloe arborescens* Miller e *Aloe ferox* Miller (CULLEN, 1986m: 161), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

24. ***Aloe reitzii* Reynolds**

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé de Reitz, aloé reitziano.

Endemismo sul-africano, da África do Sul: Transvaal (ROSA, 2000: 104); Planta ornamental subarbustiva suculenta exótica, por vezes cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

25. ***Aloe* × *runcinata* A. Berger**

Aloe maculata Allioni × *Aloe ferox* Miller

Aloe obscura A. Berger ex Schönland, nom. illeg.

Caméfito. Origem: Híbrida.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé híbrido, aloé obscuro.

Planta ornamental subarbustiva suculenta exótica de origem híbrida natural entre *Aloe maculata* Allioni e *Aloe ferox* Miller (GRACE & al, 2011: 135), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

26. ***Aloe* × *schimperi* Aloe × *schimperi* Todaro**

Aloe maculata Allioni × *Aloe striata* Haworth

Aloe × *paxii* A. Terracciano

Caméfito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé de Pax, aloé de Schimper, aloé híbrido, aloé paxiano, aloé schimperiano.

Planta ornamental subarborescente suculenta exótica de origem híbrida natural entre *Aloe maculata* Allioni e *Aloe striata* Haworth (GRACE & al., 2011: 138), actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

27. ***Aloe squarrosa*** Baker ex Balfour f.

Aloe concinna Baker, nom. illeg.

Aloe zanzibarica Milne-Redhead

Caméfito. Origem: Socotorá.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé concino, aloé de Socotorá, aloé de Socotra, aloé de Zanzibar, aloé elegante, aloé escurro.

Endemismo da Ilha de Socotra ou Socotorá, Yémen (ROSA, 2000: 104); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, muito raramente cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

28. ***Aloe straussii*** A. Berger

Caméfito. Origem: África Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé de Strauss.

Endemismo africano, da África Tropical oriental (IPNI); Nome cuja aplicação exacta é desconhecida (GRACE & al., 2011: 172); Planta ornamental e comestível subarborescente suculenta exótica, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

29. ***Aloe striata*** Haworth

Aloe albocincta Haworth

Aloe hanburiana Naudin

Aloe paniculata Jacquin

Aloe rhodocincta Baker

= *Aloe striata* Haworth var. *rhodocincta* (Baker) Trel.

Aloe striata Haworth var. *oligospila* Baker

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé de Hanbury, aloé estriado, aloé listado, aloé paniculado.

Endemismo sul-africano, da África do Sul, de floração primaveril ou vernal (CULLEN, 1986m: 159); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, por vezes cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

30. ***Aloe striatula*** Haworth var. ***striatula***

Aloe aurantiaca Baker

Aloe cascadiensis Kuntze

Aloe macowanii Baker

Aloe subinermis Lemaire

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé alaranjado, aloé da cascata, aloé de flores alaranjadas, aloé de Macowan, aloé estriado, aloé subinermis.

Endemismo sul-africano, da África do Sul (Cullen, 1986m: 160); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, por vezes cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

31. ***Aloe succotrina*** Weston

Aloe perfoliata L. var. *purpurascens* Aiton

= *Aloe purpurascens* (Aiton) Haworth

= *Aloe socotrina* DC. var. *purpurascens* (Aiton) Ker Gawler

Aloe sinuata Thunberg

Aloe soccotrina Schultes & Schultes fil.

Aloe soccotrina Garsault

Aloe socotrina DC.

Aloe succotrina Lamarck

= *Aloe perfoliata* L. var. *succotrina* (Lamarck) Aiton

Aloe succotrina Lamarck var. *saxigena* A. Berger

Aloe vera Miller, nom. illeg.

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé africano, aloé capense, aloé de Socotorá, aloé de púrpura, aloé de Socotrá, aloé do Cabo, aloé purpurado, aloé purpurascense, aloé purpúreo, aloé purpurino, aloé sinuado, aloé socotrina, aloé sul-africano, aloé vero, aloé verdadeiro.

Endemismo sul-africano, da África do Sul: Província do Cabo (CULLEN, 1986m: 160; WIKIPEDIA); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica de floração hiberna (CULLEN, l.c.), por vezes cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ROSA, 2000: Anexo VII).

32. *Aloe tenuior* Haworth

= *Aloiampelos tenuior* (Haworth) Klopper & Gideon F. Smith

Aloe tenuior Haworth var. *decidua* Reynolds

Aloe tenuior Haworth var. *densiflora* Reynolds

Aloe tenuior Haworth var. *glaucescens* ZahlBrown

Aloe tenuior Haworth var. *rubriflora* Reynolds

Aloe tenuior Haworth var. *viridifolia* van Jarsv.

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé de flores vermelhas, aloé de folhas verdes, aloé das sebes, empofu, ikalana, inhlaba, intelezi (GRACE & al., 2011: 152).

Endemismo africano, da África do Sul, de floração hiberna (CULLEN, 1986m: 160; IPNI); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, por vezes cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

33. *Aloe thompsoniae* Groenew.

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé de Thompson, aloé do Transvaal.

Endemismo sul-africano, do Transvaal (ROSA, 2000: 104; GRACE & al., 2011: 152); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, muito raramente cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & al., 2002).

34. *Aloe variegata* L.

Aloe ausana Dinter

Aloe punctata Haworth

Aloe variegata L. var. *haworthii* A. Berger

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé de peito de perdiz, aloé-tigre, aloé de tigre, aloé tigrino, aloé variado, aloé variegado, batobaxa, degori.

Endemismo sul-africano e namibiano (GRACE & AL., 2011: 159; ROSA, 2000: 104); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, por vezes cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & al., 2002).

35. *Aloe vera* (L.) Burmann fil.

= *Aloe perfoliata* L. var. *vera* L. [basion.]

Aloe barbadensis Miller

= *Aloe perfoliata* L. var. *barbadensis* (Miller) Aiton

Aloe barbadensis Miller var. *chinensis* Haworth

Aloe chinensis Steudel ex Baker

= *Aloe vera* L. var. *chinensis* (Steudel ex Baker) Baker

Aloe elongata Murray

Aloe flava Persoon

Aloe indica Royle

Aloe lanzae Todaro

= *Aloe vara* L. var. *lanzae* (Todaro) Baker

Aloe maculata Forsskål, nom. illeg.

Aloe rubescens DC.

Aloe sabila Karw. ex Steudel

Aloe variegata Forsskål, nom. illeg.

Aloe vulgaris Lamarck

Caméfito. Origem: África e Arábia.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé chinês, aloé comum, aloé da China, aloé das boticas, aloé de Barbados, aloé dos boticários, aloé medicinal, aloé oficial, aloé verdadeiro, aloé vero, aloé vulgar, alóia, azebre, azebre vegetal, babosa, cacto dos aflitos, caraguatá, catalai, erva babante, erva babosa, erva curadora, erva curante, erva da baba, erva de baba, loto do deserto, planta dos milagres, planta milagreira, planta milagrosa, planta que cura, sabila, saporila, sávila, tobaxa, zabila, závila.

Endemismo da Península Arábica, do NE de África e das Ilhas Canárias, de floração hiberna e vernal (WEBB, 1980h: 20; CULLEN, 1986m: 160); Planta ornamental exótica, por vezes cultivada em Portugal e raramente naturalizada em escarpas e arribas marítimas, no Baixo Alentejo litoral (COUTINHO, 1896: 77-78; SAMPAIO, 1910: 88; WEBB, 1980h: 20; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: 45-46).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002); Escola Médica (TAVARES & al., 2009; MATOS, 2014).

36. **Aloe zebrina** Baker

Aloe bamangwatensis Schönland

Aloe baumii Engler & Gilg.

Aloe constricta Baker

Aloe lugardiana Baker

Aloe platyphylla Baker

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé de Baum, aloé de folhas achatadas, aloé de folhas planas, aloé de Lugard, aloé de zebra, aloé de zebro, aloé zebrado, aloé zebrino, aloé zebrudo, bico de papagaio, canembe, ecundo, ekundu, garganta de perdiz, iandala, mantombo, noro, nuru, uru.

Endemismo do Sul de África: África do Sul, Angola, Moçambique, Namíbia e outras nações vizinhas (CULLEN, 1986m: 159); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, por vezes cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

37. **Aloe** sp.

Caméfito. Origem: Desconhecida.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé.

Planta ornamental exótica suculenta, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & al., 2002).

2. **Anemarrhena** Bunge

1. **Anemarrhena asphodeloides** Bunge

Terauchia anemarrhenifolia Nakai

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Anemarrhena, teráuchia, teráuquia, zimo, zimu, zimushu.

Género monoespecífico, por vezes considerado como pertencente à famílias *Anemarrhenaceae* ou *Anthericaceae* (MABBERLEY, 2008: 45); Endemismo eurasiático, da China, Coreia, Japão e Mongólia (HUXLEY & al., 1999a: 168; CHEN & TURLAND, 2000b); Planta ornamental e medicinal exótica perene rizomatosa, por vezes cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & al., 2002).

3. *Arthropodium* R. Brown

1. *Arthropodium cirrhatum* (G. Forster) R. Brown

= *Anthericum cirrhatum* G. Forster [basion.]

Anthericum latifolium Banks & Solander ex Kunth, nom. inval.

Geófito. Origem: Nova Zelândia.

Alguns nomes comuns possíveis: Antérico, antérico austral, antérico cirrado, antérico da Austrália, antérico da Nova Zelândia, antérico das rochas, artropódio, artropódio cirrado, artropódio das rochas, lílio aromático, lílio-baunilha, lílio de baunilha, lílio de renga, lílio-renga, lílio da Nova Zelândia, lílio da rocha, lílio das rochas, lílio das rochas da Nova Zelândia, lírio aromático, lírio-baunilha, lírio de baunilha, lírio de renga, lírio-renga, lírio da Nova Zelândia, lírio da rocha, lírio das rochas, lírio das rochas da Nova Zelândia, maicaica, maikaika, rengarenga, renga-renga, rengarenga.

Endemismo neozelandês (CULLEN, 1986q: 132-133; HUXLEY & al., 1999a: 246; MABBERLEY, 2008: 70; IPNI); Planta ornamental, alimentar e medicinal (WIKIPEDIA) herbácea perene rizomatosa exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Arthropodium minus* R. Brown

= *Anthericum minus* (R. Brown) Steudel

= *Arthropodium paniculatum* var. *minus* (R. Brown) C. Moore & Betcher

Dichopogon humilis Kunth

Geófito. Origem: Austrália.

Alguns nomes comuns possíveis: Antérico, antérico austral, antérico australiano, antérico da Austrália, antérico menor, artropódio, artropódio menor, dicopógon, dicopógon humilde, dicopógon menor, lílio, lílio da Austrália, lílio-baunilha, lílio de baunilha, lílio menor, lírio, lírio da Austrália, lírio-baunilha, lírio de baunilha, lírio menor.

Endemismo australiano (CULLEN, 1986q: 133; HUXLEY & al., 1999a: 246); Planta ornamental e alimentar (MABBERLEY, 2008: 70; WIKIPEDIA) herbácea perene rizomatosa e tuberculosa exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

4. *Asphodeline* L.

1. *Asphodeline liburnica* (Scopoli) Reichenbach

= *Asphodelus liburnicus* Scopoli [basion.]

= *Dorydium liburnicum* (Scopoli) Salisbury

Asphodelus capillaris DC.

= *Asphodeline capillaris* (DC.) Endlicher

Asphodelus creticus Lamarck

= *Asphodeline cretica* (Lamarck) Endlicher

= *Dorydium creticum* (Lamarck) Salisbury

Asphodelus serotinus Sibthorp ex J. Jacquin

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Asfodeline, asfodeline cretense, asfodeline crética, asfodeline da Libúrnica, asfodeline de Creta, asfodeline libúrnica, asfódelo, asfódelo cretense, asfódelo crético, asfódelo da Libúrnica, asfódelo de Creta, asfódelo libúrnico, dorídio, dorídio cretense, dorídio crético, dorídio da Libúrnica, dorídio de Creta, dorídio libúrnico, lança dos reis.

Endemismo eurasiático, da Região Mediterrânica, próprio de locais rochosos e povoados por formações arbustivas; Elemento Mediterrânico, de floração predominantemente estival (WEBB, 1980m: 18; MATTHEWS & TUZLACI, 1984: 91; MATTHEWS, 1986: 128; HUXLEY & al., 1999a: 128); Planta ornamental exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1991; ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & al., 2002); Escola Médica (ALMEIDA & al., 2003).

2. *Asphodeline lutea* (L.) Reichenbach

= *Asphodelus luteus* L. [basion.]

= *Dorydium luteum* (L.) Salisbury

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Asfodeline, asfodeline amarela, asfodeline flava, asfodeline flavescente, asfodeline lútea, asfódelo, asfódelo amarelo, asfódelo flavescente, asfódelo flavo, asfódelo lúteo, dorídio, dorídio amarelo, dorídio flavescente, dorídio flavo, dorídio lúteo, lança dos reis.

Endemismo da Região Mediterrânica, próprio de cascalheiras calcárias, sítios pedregosos, matos, prados secos e clareiras de bosques, de floração predominantemente vernal e estival (WEBB, 1980m: 17; MATTHEWS & TUZLACI, 1984: 89; MATTHEWS, 1986l: 128; HUXLEY & al., 1999a: 128); Planta ornamental perene exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002); Viveiros (REGISTO DAS SEMENTEIRAS, livro n.º 21, 1928); Escola Médica (ALMEIDA & al., 2003).

5. *Asphodelus* L.

1. *Asphodelus aestivus* Brotero

= *Asphodelus microcarpus* var. *aestivus* (Brotero) Coutinho

Asphodelus aestivus Brotero var. *genuinus* Maire

Asphodelus microcarpus sensu J. Gay, p.p., non Viviani

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Abrótea, abrótea de frutos pequenos, abrótea de verão, abrótea estival, abrótea microcarpa, asfódelo, asfódelo de frutos pequenos, asfódelo de verão, asfódelo estival, asfódelo microcarpo, asfodelo, asfodelo de frutos pequenos, asfodelo de verão, asfodelo microcarpo, gamão, gamão de frutos pequenos, gamão de verão, gamão estival, gamão microcarpo, gamoa, gamoa de frutos pequenos, gamoa de verão, gamoa estival, gamoa microcarpa.

Endemismo das regiões Mediterrânica e Macaronésica: do Arquipélago das Ilhas Canárias e da Península Ibérica e do Norte de África até à Turquia, em Portugal próprio de charnecas, terrenos incultos e sítios arenosos ou rochosos, de floração predominantemente vernal e estival (RICHARDSON & SMYTHIES, 1980: 17; MATTHEWS, 1986k: 128; FRANCO & ROCHA AFONSO, 1994: 41); Este elemento mediterrânico (MATTHEWS, 1984e: 86) é considerado por alguns autores como exclusivamente endémico do SW da Península Ibérica (DÍAZ LIFANTE & VALDÉS, 1996: 74-79; DÍAZ LIFANTE, 2013); Planta ornamental, também de interesse apícola (VIEIRA & BRANCO, 1996: 123), herbácea perene rizomatosa e tuberculosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Asphodelus albus* Miller

Asphodelus delphinensis Grenier & Godron

Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Abrótea, abrótea alva, abrótea branca, abrótea cândida, asfódelo, asfódelo alvo, asfódelo branco, asfódelo asfódelo cândido, asfodelo, asfodelo alvo, asfodelo branco, asfodelo cândido, gamão, gamão alvo, gamão branco, gamão cândido, gamoa, gamoa alva, gamoa branca, gamoa cândida.

Endemismo exclusivo das regiões Macaronésica e Mediterrânica e Europa central, de floração predominantemente vernal e estival (RICHARDSON & SMYTHIES, 1980: MATTHEWS, 1986k: 128; HUXLEY & al., 1999a: 259; MABBERLEY, 2008: 74); Planta ornamental perene exótica, também usada como combustível (GONZÁLEZ & al., 2013: 186), cujas quatro subespécies existem na Península Ibérica mas não em Portugal (DÍAZ LIFANTE, 2013), muito raramente cultivada entre nós, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Asphodelus cerasiferus* J. Gay

= *Asphodelus albus* Miller subsp. *cerasiferus* (J. Gay) Rouy

= *Asphodelus ramosus* L. subsp. *cerasiferus* (J. Gay) Baker

= *Asphodelus ramosus* L. var. *cerasiferus* (J. Gay) Fiori

Asphodelus albus Miller var. *ramosus* Grenier & Godron

Asphodelus australis Jordan & Fourreau

Asphodelus cerasiferus J. Gay f. *comosus* Ascherson & Graebner

= *Asphodelus albus* Miller var. *comosus* (Ascherson & Graebner) Rouy
Asphodelus cerasiferus J. Gay var. *marianus* Pau
Asphodelus chambeironii Jordan
Asphodelus comosus Jordan, nom. illeg.
Asphodelus corsicus Jordan
= *Asphodelus albus* Miller var. *corsicus* (Jordan) Rouy
= *Asphodelus ramosus* L. var. *corsicus* (Jordan) Nyman
Asphodelus glaucescens Jordan
= *Asphodelus albus* Miller var. *glaucescens* (Jordan) Rouy
= *Asphodelus cerasiferus* J. Gay f. *glaucescens* (Jordan) Ascherson & Graebner
Asphodelus grandiflorus Jordan & Fourreau
= *Asphodelus albus* Miller var. *grandiflorus* (Jordan & Fourreau) Rouy
Asphodelus procerus Jordan & Fourreau
Asphodelus proterophyllus Jordan
= *Asphodelus albus* Miller var. *proterophyllus* (Jordan) Rouy
Asphodelus repens Pomel
Asphodelus rouxii Jordan
= *Asphodelus albus* Miller var. *rouxii* (Jordan) Rouy
= *Asphodelus cerasiferus* J. Gay f. *rouxii* (Jordan) Ascherson & Graebner
Asphodelus validus Jordan
= *Asphodelus albus* Miller var. *validus* (Jordan) Rouy
= *Asphodelus cerasiferus* J. Gay f. *validus* (Jordan) Ascherson & Graebner
= *Asphodelus ramosus* L. var. *validus* (Jordan) Nyman
Asphodelus virgatus Jordan
= *Asphodelus albus* Miller var. *virgatus* (Jordan) Rouy
= *Asphodelus cerasiferus* J. Gay f. *virgatus* (Jordan) Ascherson & Graebner
Geófito. Origem: Região Mediterrânica.

Alguns nomes comuns possíveis: Abrótea, abrótea cerejeira, abrótea corsa, abrótea da Córsega, abrótea de Chambeiron, abrótea de flores grandes, abrótea ginjeira, asfódelo, asfódelo cerejeiro, asfódelo corso, asfódelo da Córsega, asfódelo de Chambeiron, asfódelo de flores grandes, asfódelo de Roux, asfódelo ginjeiro, asfódelo mariano, asfódelo válido, asfodelo, asfodelo cerejeiro, asfodelo corso, asfodelo da Córsega, asfodelo ginjeiro, asfodelo mariano, gamão, gamão cerejeiro, gamão corso, gamão da Córsega, gamão de Chambeiron, gamão de flores grandes, gamão de Roux, gamão ginjeiro, gamão mariano, gamoa, gamoa cerejeira, gamoa corsa, gamoa da Córsega, gamoa de flores grandes, gamoa ginjeira, gamoa mariana.

Endemismo exclusivo da Região Mediterrânica ocidental (DÍAZ LIFANTE & VALDÉS, 1994; DÍAZ LIFANTE & VALDÉS, 1996: 109-112; IPNI; DÍAZ LIFANTE, 2013); Planta ornamental alóctone, embora espontânea na Península Ibérica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. *Asphodelus fistulosus* L.

= *Ophioprason fistulosum* (L.) Salisbury, nom. inval.

= *Verinea fistulosa* (L.) Pomel

Asphodeloides ramosa Moench, nom. illeg.

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Abrótea, abrótea fistulosa, asfódelo, asfódelo fistuloso, asfodelo, asfodelo fistuloso, asfodeloides, gamão, gamão fistuloso, lírio selvagem, lírio silvestre, ofioprasso, ofioprasso fistuloso, ofioprásion, ofioprásion fistuloso, verínea, verínea fistulosa.

Endemismo eurasiático, macaronésico e mediterrânico, distribuído desde a região da Macaronésia (Arquipélago das Ilhas Canárias), Marrocos e a Península Ibérica até à Índia, de floração predominantemente estival, naturalizado em vários outros locais: nas Américas, Austrália, nova Zelândia, etc. (MATTHEWS, 1986k: 128; DÍAZ LIFANTE & VALDÉS, 1996: 140; HUXLEY & al., 1999a: 259; DÍAZ LIFANTE, 2013); Planta ornamental autóctone, espontânea no Sul de Portugal, talvez espontânea ou possivelmente subespontânea no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1991; ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002); Viveiros, junto às estufas (IV.2009, Observ.!).

5. *Asphodelus lusitanicus* Coutinho

Asphodelus occidentalis Coutinho, nom. illeg., non Jordan, syn. subst.

Asphodelus ramosus sensu Brotero, non *Asphodelus ramosus* L.

Asphodelus morisianus sensu Sampaio, non Parlatore, p.p.

= *Asphodelus albus* Miller raça (subsp.) *morsianus* (Sampaio) Sampaio

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Abroita, abroitão, abróitea, abróitega, abrótea, abrótea de Portugal, abrótea lusitânica, abrótea lusitana, abrótea portuguesa, abrótega, aguço ardente, asfódelo, asfódelo de Portugal, asfódelo lusitano, asfódelo lusitânico, asfodelo, asfodelo de Portugal, asfodelo lusitano, asfodelo lusitânico, asfodelo português, breca, gamão, gamão de Portugal, gamão lusitânico, gamão lusitano, gamão português, gamoeira, gamões, gamoneira, gamonito, mórtegas, nunu.

Endemismo eurasiático, da Região Euro-Siberiana atlântica, exclusivo do W da Península Ibérica, de floração predominantemente vernal e estival (DÍAZ LIFANTE & VALDÉS, 1996: 66; DÍAZ LIFANTE, 2013); Planta ornamental autóctone, espontânea em Portugal e no NO da Península Ibérica (DÍAZ LIFANTE & VALDÉS, *l.c.*); Planta ornamental e medicinal (BORGES & ALMEIDA, 1996: 149) herbácea perene rizomatosa e tuberculosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

6. *Asphodelus ramosus* L.

Asphodelus microcarpus sensu Willkomm

Geófito. Origem: Nativa.

Alguns nomes comuns possíveis: Abrótea, abrótea ramosa, asfódelo, asfodelo, asfodelo de frutos pequenos, asfodelo microcarpo, asfodelo ramificado, asfodelo ramoso, gamão, gamão ramoso, gamoa, gamoa ramosa.

Endemismo exclusivo das regiões Macaronésica e Mediterrânica, espontâneo no Sul de Portugal, da Estremadura ao Algarve, de floração predominantemente estival (RICHARDSON & SMYTHIES, 1980: 17; DÍAZ LIFANTE & VALDÉS, 1996: 49-50; HUXLEY & al., 1999a: 259; MABBERLEY, 2008: 74; DÍAZ LIFANTE, 2013); Planta ornamental rizomatosa perene, espontânea e raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ALVES, 1991; ROSA, 2000: Anexo VII).

7. *Asphodelus* sp.

Geófito. Origem: Desconhecida.

Alguns nomes comuns possíveis: Abrótea, asfódelo, asfodelo, gamão, gamoa.

Endemismo eurasiático e mediterrânico (MABBERLEY, 2008: 74); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa e tuberculosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

6. *Bulbine* Wolf

1. *Bulbine alooides* (L.) Willdenow

= *Anthericum alooides* L. [basion.]

= *Phalangium alooides* (L.) Kuntze

Anthericum aloifolium Salisbury, nom. illeg.

Bulbine acaulis L.

Bulbine macrophylla Salm-Dyck

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Antérico, bulbine, falângio, falso aloé.

Endemismo sul-africano, de floração primaveril ou vernal (CULLEN, 1986c: 131; HUXLEY & al., 1999a: 413; IPNI); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Bulbine annua** (L.) Wild.

= *Anthericum annuum* L. [basion.]

= *Phalangium annuum* (L.) Kuntze

Terófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Antérico, antérico anual, antérico terofítico, bulbine, bulbine anual, bulbine terofítica, falângio anual, falângio terofítico.

Endemismo sul-africano, da Província do Cabo: Camps Bay (HUXLEY & al., 1999a: 413; IPNI); Planta ornamental anual exótica, por vezes cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. **Bulbine semibarbata** (R. Brown) Haworth

= *Anthericum semibarbatum* R. Brown [basion.]

= *Amaryllis semibarbata* (R. Brown) Steudel

= *Bulbinopsis semibarbata* (R. Brown) Borzi

= *Phalangium semibarbatum* (R. Brown) Kuntze

Bulbine floribunda Schrader ex Benth

Triglochin racemosa Endlicher

Geófito. Origem: Austrália.

Alguns nomes comuns possíveis: Amarílis, antérico, bulbine, bulbinópsis, falângio.

Endemismo australiano, de floração primaveril ou vernal e estival (CULLEN, 1986c: 131; HUXLEY & al., 1999a: 414); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & al., 2002); Escola Médica (ALVES, 1991; ALMEIDA & al., 2003).

7. **Bulbinella** Kunth

1. **Bulbinella nutans** (Thunberg) T. Durand & Schinz

= *Anthericum nutans* Thunberg [basion.]

= *Bulbine nutans* (Thunberg) Sprengel

Anthericum setosum Willdenow ex Schultes & Schultes fil.

= *Bulbinella setosa* (Willdenow ex Schultes & Schultes fil.) T. Durand & Schinz

Bulbinella robusta Kunth, nom. illeg.

Ornitogalum parviflorum Licht. ex Kunth

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Antérico, antérico nutante, antérico robusto, antérico sedoso, bulbine nutante, bulbine robusta, bulbine sedosa, bulbinela, bulbinela nutante, bulbinela robusta, bulbinela sedosa, cauda de gato, cauda felina, escova de gato, escova felina, ornitógalo, ornitógalo de flores pequenas, ornitógalo micranto, ornitógalo parvifloro, rabo de gato.

Endemismo sul-africano (IPNI); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

8. **Dianella** Lamarck

1. **Dianella caerulea** Sims

Geófito. Origem: Austrália.

Endemismo australiano, do estado de Nova Gales do Sul ou New South Wales, de floração estival (HAMLET & MATTHEWS, 1986: 127; HUXLEY & al., 1999b: 50; MABBERLEY, 2008: 266; IPNI); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, foi uma das seis primeiras plantas australianas introduzidas no Reino Unido, em 1771 (MABBERLEY, 2008: 266); muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Dianella ensifolia** (L.) Redouté

= *Dracaena ensifolia* L. [basion.]

= *Cordyline ensifolia* (L.) Planchon

Dianella ensifolia (L.) Redouté f. *albiflora* Tang S. Liu & S.S. Ying

Dianella ensifolia (L.) Redouté

Dianella flabellata Hallier f.

Dianella humilis Loddiges ex Steudel

Dianella ledermannii K. Krause

Dianella mauritiana Blume

Dianella montana Blume

Dianella monticola K. Krause

Dianella nemorosa Lamarck, nom. illeg.

Dianella nemorosa Lamarck f. *racemulifera* Schlitter

= *Dianella ensifolia* (L.) Redouté f. *racemulifera* (Schlitter) Tang S. Liu & S.S. Ying

Geófito. Origem: Ásia tropical, Madagáscar e Oceânia.

Cordiline, dianela, dianela das montanhas, dianela dos montes, dianela dos pântanos, dianela dos paúis, dianela flabelada, dianela flabelar, dianela humilde, dianela montana, dianela nemorosa, dianela serrana, dracena.

Planta de vasta distribuição tropical e subtropical, na Ásia, Madagáscar, Filipinas, Indonésia, Austrália e ilhas do Pacífico, de floração estival (HAMLET & MATTHEWS, 1986: 127; HUXLEY & al., 1999b: 50; CHEN & TAMURA, 2000a: 161); Planta perene rizomatosa exótica ornamental, aromática, medicinal, venenosa e vermífuga, usada por vezes como veneno para ratos (MABBERLEY, 2008: 266), muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

9. **Eremurus** Marschall von Bieberstein

[Syn.: *Henningia* Karelin & Kirilov]

1. **Eremurus altaicus** (Pallas) Steven

= *Asphodelus altaicus* Pallas [basion.]

Asphodelus sibiricus Sievers

Eremurus altaicus (Pallas) Steven var. *asperulus* Regel

Eremurus spectabilis Ledebour, nom. illeg.

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Asfódelo, asfódelo altaico, asfódelo da Sibéria, asfódelo siberiano, cauda de raposa, cauda de zorra, eremuro, eremuro altaico, eremuro da Sibéria, eremuro siberiano, lírio cauda de raposa, lírio cauda de raposa altaico, lírio escova de raposa, lírio escova de raposa altaico.

Endemismo eurasiático, da Ásia central, onde ocorre em diversas repúblicas (Cazaquistão, China, Mongólia, Quirguízia, Rússia, Tajiquistão e Uzbequistão), em taludes rochosos, terrenos arenosos e mais ou menos desérticos e cascalheiras, a altitudes entre os 1300 e os 2200 m, de floração predominantemente vernal e estival (MATTHEWS, 1986m: 129; HUXLEY & al., 1999b: 182; CHEN & TURLAND, 2000a: 159; IPNI); Planta ornamental exótica perene rizomatosa de montanha, muito raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Eremurus himalaicus** Baker

= *Henningia himalaica* (Baker) A.P. Khokhrjakov

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Candeia do deserto do Afeganistão, candeia do deserto dos Himalaias, candelabro do deserto, cauda de raposa, cauda de zorra, eremuro, eremuro afegão, eremuro do Afeganistão, eremuro do deserto, eremuro dos Himalaias, lírio candelabro do Afeganistão, lírio candelabro do deserto, henínguia, henínguia do Afeganistão, henínguia dos Himalaias, lírio candelabro dos Himalaias, lírio cauda de raposa, lírio escova de raposa, lírio escova de raposa afegão, lírio escova de raposa do Afeganistão, lírio escovador, lírio rabo de raposa.

Endemismo eurasiático, da Ásia central: Região dos Himalaias, de floração predominantemente vernal e estival (MATTHEWS, 1986m: 130; HUXLEY & al., 1999b: 182; IPNI); Planta ornamental exótica perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & al., 2002).

3. **Eremurus robustus** (Regel) Regel

= *Henningia robusta* Regel [basion.]

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Cauda de raposa, cauda de zorra, eremuro, eremuro robusto, henínguia, henínguia robusta, lírio cauda de raposa, lírio escova de raposa.

Endemismo eurasiático, da Ásia central, de floração predominantemente estival, por vezes cultivado em jardins (MATTHEWS, 1986m: 130; HUXLEY & al., 1999b: 182; IPNI; WIKIPEDIA); Planta ornamental exótica perene rizomatosa de montanha, raramente cultivada em Portugal, talvez actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

10. **Gasteria** Duval

1. **Gasteria acinacifolia** (J. Jacquin) Haworth

= *Aloe acinacifolia* J. Jacquin [basion.]

Aloe acinacifolia J. Jacquin var. *minor* Salm-Dyck

Gasteria candicans Haworth

= *Aloe candicans* (Haworth) Schultes & Schultes fil.

Gasteria ensifolia Haworth

= *Gasteria acinacifolia* (J. Jacquin) Haworth var. *ensifolia* (Haworth) Baker

= *Aloe ensifolia* (Haworth) Schultes & Schultes fil.

Gasteria fuscopunctata Baker

Gasteria inexpectata von Poellnitz

Gasteria huttoniae N.E. Brown

Gasteria linita Haworth

Gasteria lutzii von Poellnitz

Gasteria nitens Haworth

= *Aloe nitens* (Haworth) Schultes & Schultes fil.

= *Gasteria acinacifolia* (J. Jacquin) Haworth var. *nitens* (Haworth) Baker

Gasteria pluripunctata Haworth

= *Aloe pluripunctata* (Haworth) Schultes & Schultes fil.

= *Gasteria acinacifolia* (J. Jacquin) Haworth var. *pluripunctata* (Haworth) Baker

Gasteria venusta Haworth

= *Aloe venusta* (Haworth) Schultes & Schultes fil.

= *Gasteria acinacifolia* (J. Jacquin) Haworth var. *venusta* (Haworth) Baker

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé belo, aloé de pontos escuros, aloé de Lutz, aloé esbranquiçado, aloé formoso, aloé inesperado, aloé lutziano, aloé multipontuado, aloé pontuado, aloé pluripontuado, aloé pulcro, aloé pulquérrimo, aloé venusto, gastéria, gastéria bela, gastéria de Hutton, gastéria de Lutz, gastéria de pontos escuros, gastéria de vários pontos, gastéria esbranquiçada, gastéria formosa, gastéria inesperada, gastéria lutziana, gastéria multipontuada, gastéria pontuada, gastéria pluripontuada, gastéria pulcra, gastéria pulquérrima, gastéria venusta.

Endemismo sul-africano, da África do Sul: Província do Cabo, de floração estival (MATTHEWS, 1986d: 156; HUXLEY & al., 1999b: 368; IPNI); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, raramente cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Gasteria brachyphylla** (Salm-Dyck) van Jaarsveld subsp. **brachyphylla**

= *Aloe brachyphylla* Salm-Dyck [basion.]

Aloe pseudonigricans Salm-Dyck

Gasteria angustiarum von Poellnitz

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, gastéria.

Endemismo sul-africano, da Província do Cabo: Karroo (HUXLEY & al., 1999: 368; ROSA, 2000: 108); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, raramente cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

3. *Gasteria brevifolia* Haworth

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé de folhas breves, aloé de folhas curtas, gastéria, gastéria de folhas breves, gastéria de folhas curtas.

Endemismo sul-africano, da Província do Cabo, de floração estival (MATTHEWS, 1986d: 155; ROSA, 2000: 108); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, raramente cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002); Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. *Gasteria carinata* (Miller) Duval var. *carinata*

= *Aloe carinata* Miller [basion.]

Aloe angulata Willdenow

= *Gasteria angulata* (Willdenow) Haworth, nom. illeg.

= *Gasteria carinata* (Miller) Duval var. *angulata* (Willdenow) Baker

Aloe angulata Willdenow var. *truncata* Willdenow

= *Gasteria angulata* (Willdenow) Haworth var. *truncata* (Willdenow) A. Berger

Aloe carinata Ker Gawler

Aloe carinata Ker Gawler var. *subglabra* Haworth

Aloe excavata Willdenow

= *Gasteria excavata* (Willdenow) Haworth

Aloe laevis Salm-Dyck

= *Gasteria laevis* (Salm-Dyck) Haworth

Aloe lingua Thunberg var. *angulata* Haworth

Aloe lingua Thunberg var. *multifaria* Haworth

Aloe linguiformis DC., nom. illeg.

Aloe pseudoangulata Salm-Dyck

Aloe pusilla Schultes & Schultes fil.

Aloe subcarinata Salm-Dyck

= *Gasteria subcarinata* (Salm-Dyck) Haworth

Aloe sulcata Salm-Dyck

= *Gasteria sulcata* (Salm-Dyck) Haworth

Aloe tristicha Medikus

Aloe undata Schultes & Schultes fil.

Gasteria bijliae von Poellnitz

Gasteria carinata (Miller) Duval var. *falcata* A. Berger

Gasteria carinata (Miller) Duval var. *latifolia* A. Berger

Gasteria glabra Haworth

= *Aloe glabra* (Haworth) Salm-Dyck

= *Gasteria carinata* (Miller) Duval var. *glabra* (Haworth) van Jaarsveld

Gasteria humilis von Poellnitz

Gasteria laetepunctata Haworth

= *Aloe laetepunctata* (Haworth) Schultes & Schultes fil.

Gasteria pallescens Baker

Gasteria parva Haworth

= *Gasteria carinata* (Miller) Duval var. *parva* (Haworth) Baker

Gasteria parvifolia Baker

Gasteria patentissima von Poellnitz

Gasteria porphyrophylla Baker

Gasteria schweickerdtiana von Poellnitz

Gasteria strigata Haworth

= *Gasteria carinata* (Miller) Duval var. *strigata* (Haworth) Baker

Gasteria trigona (Salm-Dyck) Haworth var. *kewensis* A. Berger

Gasteria undata Haworth

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé angulado, aloé anguloso, aloé carenado, aloé carinado, aloé glabro, aloé humilde, aloé leve, aloé linguiforme, aloé pequeno, aloé subcarenado, aloé subcarinado, aloé subglabro, aloé sulcado, aloé truncado, gastéria, gastéria carenada, gastéria carinada, gastéria de folhas em

foice, gastéria de folhas falcadas, gastéria de folhas falciformes, gastéria de folhas largas, gastéria de folhas pequenas, gastéria de folhas purpurascentes, gastéria de folhas purpúreas, gastéria de Schweickerdt, gastéria falcada, gastéria falciforme, gastéria glabra, gastéria glabrescente, gastéria humilde, gastéria lampa, gastéria lampinha, gastéria latifolia, gastéria leve, gastéria palescente, gastéria pálida, gastéria parvifolia, gastéria patente, gastéria pequena, gastéria subcarenada, gastéria subcarinada, gastéria subglabra, gastéria sulcada, gastéria truncada.

Endemismo sul-africano, da Província do Cabo, de floração estival (MATTHEWS, 1986d: 156; ROSA, 2000: 108; IPNI); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, raramente cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000); Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

5. **Gasteria carinata** (Miller) Duval var. **retusa** van Jaarsveld

= *Gasteria retusa* (van Jaarsveld) van Jaarsveld

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, gastéria.

Endemismo sul-africano, da Província do Cabo (ROSA, 2000: 108); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, raramente cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

6. **Gasteria carinata** (Miller) Duval var. **verrucosa** (Miller) van Jaarsveld

= *Aloe verrucosa* Miller [basion.]

= *Gasteria verrucosa* (Miller) Duval

= *Gasteria verrucosa* (Miller) Haworth

Aloe acuminata Lamarck

Aloe intermedia Haworth

Aloe repens Schultes & Schultes f.

Aloe scaberrima Salm-Dyck

Aloe subverrucosa Salm-Dyck

= *Gasteria subverrucosa* (Salm-Dyck) Haworth

Gasteria radulosa Baker

Gasteria repens Haworth

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé intermédio, aloé verrugoso, gastéria, gastéria intermédia, gastéria verrugosa.

Endemismo sul-africano, da Província do Cabo (MATTHEWS, 1986d: 155; ROSA, 2000: 108; IPNI); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, raramente cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000); Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

7. **Gasteria disticha** (L.) Haworth

= *Aloe disticha* L. [basion.]

= *Ptyas disticha* (L.) Salisbury, nom. inval.

Aloe nigricans Haworth

= *Gasteria nigricans* (Haworth) Duval

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé dístico, aloé língua, gastéria, gastéria de folhas em língua, gastéria de folhas obtusas, gastéria dística, gastéria língua, ptias.

Endemismo sul-africano, da África do Sul, da Província do Cabo (Karoo), de floração primaveril ou vernal (MATTHEWS, 1986d: 155; HUXLEY & al., 1999b: 369; IPNI); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, por vezes cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002); Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII; IX.2011, Observ.!).

8. **Gasteria × margaritifera** A. Berger

= × *Gastrolea margaritifera* (A. Berger) Uitewaal

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé híbrido, aloé hortícola, gastéria, gastéria das margaridas, gastéria híbrida, gastéria hortícola, gastéria margaritifera, gastrólea, gastrólea das margaridas, gastrólea híbrida, gastrólea hortícola, gastrólea margaritifera.

Planta ornamental subarborescente suculenta exótica de origem híbrida, por vezes cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

9. **Gasteria nitida** (Salm-Dyck) Haworth

= *Aloe nitida* Salm-Dyck [basion.]

= *Haworthia nitida* (Salm-Dyck) Loudon

Aloe acinacifolia J. Jacquin var. *angustifolia* Salm-Dyck

Aloe acinacifolia J. Jacquin var. *laetevirens* Salm-Dyck

Aloe elongata Salm-Dyck, nom. illeg.

Aloe nitida Salm-Dyck var. *grandipunctata* Salm-Dyck

= *Gasteria nitida* (Salm-Dyck) Haworth var. *grandipunctata* (Salm-Dyck) A. Berger

Aloe nitida Salm-Dyck var. *major* Salm-Dyck

Aloe nitida Salm-Dyck var. *minor* Salm-Dyck

Aloe nitida Salm-Dyck var. *obtusa* Salm-Dyck

= *Aloe obtusa* (Salm-Dyck) Schultes & Schultes fil.

= *Gasteria obtusa* (Salm-Dyck) Haworth

Aloe nitida Salm-Dyck var. *parvipunctata* Salm-Dyck

= *Gasteria nitida* (Salm-Dyck) Haworth var. *parvipunctata* (Salm-Dyck) A. Berger

Aloe trigona Salm-Dyck

= *Gasteria trigona* (Salm-Dyck) Haworth

Gasteria beckeri Schönland

Gasteria decipiens Haworth

= *Aloe decipiens* (Haworth) Schultes & Schultes fil.

Gasteria stayneri von Poellnitz

Haworthia nigricans Haworth

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé alongado, aloé angustifólio, aloé de Becker, aloé decipiente, aloé de folhas estreitas, aloé de pontos grandes, aloé de pontos pequenos, aloé de Stayner, aloé maior, aloé menor, aloé nítido, aloé obtuso, aloé pontuado, aloé triangular, aloé trigonal, gastéria, gastéria alongada, gastéria angustifólia, gastéria de Becker, gastéria decipiente, gastéria de folhas estreitas, gastéria de pontos grandes, gastéria de pontos pequenos, gastéria de Stayner, gastéria maior, gastéria menor, gastéria nítida, gastéria obtusa, gastéria pontuada, gastéria triangular, gastéria trigonal.

Endemismo sul-africano, da África do Sul: Província do Cabo, de floração estival (MATTHEWS, 1986d: 156; HUXLEY & al., 1999b: 369; IPNI); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, raramente cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

10. **Gasteria obliqua** (Aiton) Duval

= *Aloe maculata* Thunberg var. *obliqua* Aiton [basion.]

= *Aloe obliqua* (Aiton) Haworth, nom. illeg.

Aloe boureana Schultes & Schultes fil.

Aloe dictyodes Schultes & Schultes fil.

Aloe guttata Salm-Dyck

Aloe lingua Ker Gawler, nom. illeg.

= *Gasteria lingua* (Ker Gawler) A. Berger, nom. illeg.

Aloe maculata Thunberg, nom. illeg.

Aloe marmorata Steudel

= *Gasteria marmorata* (Steudel) Baker

Aloe nigricans Haworth var. *fasciata* Salm-Dyck

= *Gasteria fasciata* (Salm-Dyck) Haworth

= *Gasteria nigricans* Haworth var. *fasciata* (Salm-Dyck) Haworth
Aloe planifolia Baker, nom. illeg.
 = *Gasteria planifolia* (Baker) Baker
Aloe vittata Schultes & Schultes fil.
Aloe zeyheri Salm-Dyck
 = *Gasteria zeyheri* (Salm-Dyck) Baker
Gasteria bicolor Haworth
 = *Aloe bicolor* (Haworth) Schultes & Schultes fil.
Gasteria biformis von Poellnitz
Gasteria caespitosa von Poellnitz
Gasteria chamaegigas von Poellnitz
Gasteria colubrina von Poellnitz
Gasteria formosa Haworth
 = *Aloe formosa* (Haworth) Schultes & Schultes fil.
Gasteria herreana von Poellnitz
Gasteria kirsteana von Poellnitz
Gasteria liliputana von Poellnitz
 = *Gasteria bicolor* Haworth var. *liliputana* (von Poellnitz) van Jaarsveld
Gasteria loerensis von Poellnitz
Gasteria longiana von Poellnitz
Gasteria longibracteata von Poellnitz
Gasteria maculata Haworth
Gasteria maculata Haworth var. *dregeana* A. Berger
Gasteria maculata Haworth var. *fallax* Haworth
 = *Gasteria bicolor* Haworth var. *fallax* (Haworth) van Jaarsveld
Gasteria multiplex von Poellnitz
Gasteria picta Haworth
Gasteria retata Haworth
Gasteria salmdyckiana von Poellnitz
Gasteria spiralis Baker
Gasteria spiralis Baker var. *tortulata* Baker
Gasteria variolosa Baker
 Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé anegrado, aloé bicolor, aloé biforme, aloé cespitoso, aloé de duas cores, aloé de duas formas, aloé de folhas planas, aloé de Liliput, aloé de Long, aloé de mármore, aloé de Salm-Dyck, aloé de Zeyher, aloé enganador, aloé escuro, aloé espiral, aloé falaz, aloé formoso, aloé liliputano, aloé língua, aloé maculado, aloé malhado, aloé manchado, aloé marmorado, aloé marmóreo, aloé oblíquo, aloé pintado, aloé planifólio, aloé pulcro, aloé variolado, aloé varioloso, aloé venusto, gastéria, gastéria bicolor, gastéria biforme, gastéria cespitosa, gastéria de duas cores, gastéria de duas formas, gastéria de folhas planas, gastéria de Liliput, gastéria de Long, gastéria de mármore, gastéria de Salm-Dyck, gastéria de Zeyher, gastéria enganadora, gastéria espiral, gastéria falaz, gastéria formosa, gastéria liliputana, gastéria língua, gastéria maculada, gastéria malhada, gastéria manchada, gastéria marmorada, gastéria marmórea, gastéria oblíqua, gastéria picta, gastéria pintada, gastéria planifólia, gastéria pulcra, gastéria variolada, gastéria variolosa, gastéria venusta.

Endemismo sul-africano, da África do Sul: Província do Cabo, de floração estival (MATTHEWS, 1986d: 155; HUXLEY & al., 1999b: 369; IPNI); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, raramente cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

11. *Geitonoplesium* Cunningham ex R. Brown²⁸⁶

1. *Geitonoplesium cymosum* (R. Brown) R. Brown

= *Luzuriaga cymosa* R. Brown [basion.]

Geófito escandente. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Geitonoplésio, lírio trepador, luzuriaga.

Género monoespecífico, endémico da Ásia tropical até às Ilhas Fiji, incluindo as Ilhas Filipinas e a Austrália (YEO, 1986i: 268; MABBERLEY, 2008: 353); Planta ornamental perene rizomatosa exótica

²⁸⁶ TAKHTAJAN (2009: 638-641) inclui o género *Geitonoplesium* Cunningham ex R. Brown dentro da família *Luzuriagaceae*, pertencente à ordem *Alstroemiales*.

trepadora, raramente cultivada em Portugal, já (raramente) escapada de cultura no Jardim Botânico de Coimbra.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & al., 2002); Escola Médica, Jardimeta 2 e Recanto Tropical (INDEX SEMINUM 2009, 2010).

12. *Haworthia* Duval

1. *Haworthia attenuata* (Haworth) Haworth var. ***attenuata***

= *Aloe attenuata* Haworth [basion.]
 = *Apicra attenuata* (Haworth) Willdenow
 = *Catevala attenuata* (Haworth) Kuntze
 = *Haworthia pumila* (L.) Duval var. *attenuata* (Haworth) Halda
Haworthia attenuata (Haworth) Haworth var. *argyrostigma* (Baker) Berger
Haworthia attenuata (Haworth) Haworth var. *britteniana* von Poellnitz
 = *Haworthia attenuata* (Haworth) Haworth var. *britteniana* (von Poellnitz) M.B. Bayer
Haworthia attenuata (Haworth) Haworth f. *clariperla* (Haworth) M.B. Bayer
 = *Haworthia attenuata* (Haworth) Haworth var. *clariperla* (Haworth) M.B. Bayer
Haworthia attenuata (Haworth) Haworth var. *deltoidea* Farden
Haworthia attenuata (Haworth) Haworth var. *linearis* Farden
Haworthia attenuata (Haworth) Haworth var. *minissima* Farden
Haworthia attenuata (Haworth) Haworth var. *odonoghueana* Farden
Haworthia attenuata (Haworth) Haworth var. *uitewaaliana* Farden
Haworthia fasciata (Willdenow) Haworth var. *caespitosa* Berger
 = *Haworthia attenuata* (Haworth) Haworth var. *caespitosa* (Berger) Farden
 Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé atenuado, apicra, apicra atenuada, catevala, catevala atenuada, haworthia, haworthia atenuada.

Endemismo sul-africano (MATTHEWS, 1986c: 151; IPNI); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, raramente cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Haworthia attenuata* (Haworth) Haworth var. ***radula*** (Jacquin) M.B. Bayer

= *Aloe radula* Jacquin [basion.]
 = *Apicra radula* (Jacquin) Willdenow
 = *Catevala radula* (Jacquin) Kuntze
 = *Haworthia pumila* (L.) Duval var. *radula* (Jacquin) Halda
 = *Haworthia radula* (Jacquin) Haworth
Aloe radula Jacquin var. *major* Salm-Dyck
Aloe radula Jacquin var. *minor* Salm-Dyck
Aloe rugosa Salm-Dyck
 = *Catevala rugosa* (Salm-Dyck) Kuntze
 = *Haworthia rugosa* (Salm-Dyck) Baker
Aloe rugosa Salm-Dyck var. *perviridis* Salm-Dyck
 = *Haworthia rugosa* (Salm-Dyck) Baker var. *perviridis* (Salm-Dyck) A. Berger
Aloe subulata Salm-Dyck
 = *Catevala subulata* (Salm-Dyck) Kuntze
 = *Haworthia subulata* (Salm-Dyck) Baker
Haworthia radula (Jacquin) Haworth var. *laevior* Haworth
 Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé maior, aloé menor, aloé-rádula, aloé radulado, aloé raduloso, aloé rugoso, aloé subulado, apicra, apicra maior, apicra menor, apicra-rádula, apicra radulada, apicra radulosa, apicra rugosa, catevala, catevala-rádula, catevala radulada, catevala radulosa, catevala rugosa, catevala subulada, haworthia, haworthia atenuada, haworthia-rádula, haworthia radulada, haworthia radulosa, haworthia rugosa, haworthia subulada, rádula.

Endemismo sul-africano, da África do Sul: Província do Cabo, de floração estival (MATTHEWS, 1986c: 152; HUXLEY & al., 1999b: 497-498; IPNI); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, raramente cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII); Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. **Haworthia coarctata** Haworth

= *Aloe coarctata* (Haworth) Schultes & Schultes fil.
 = *Catevala coarctata* (Haworth) Kuntze
 = *Haworthia reinwardtii* (Salm-Dyck) Haworth subsp. *coarctata* (Haworth) Halda
 = *Haworthia reinwardtii* (Salm-Dyck) Haworth var. *coarctata* (Haworth) Halda
Haworthia chalwinii Marloth & Berger
Haworthia fulva G.G. Smith
Haworthia greenii Baker
Haworthia musculina G.G. Smith
Haworthia reinwardtii (Salm-Dyck) Haworth var. *conspicua* von Poellnitz
Haworthia reinwardtii (Salm-Dyck) Haworth var. *fallax* von Poellnitz
Haworthia reinwardtii (Salm-Dyck) Haworth var. *commiteesensis* G.G. Smith

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé coarctado, catevala, catevala coarctada, haworthia, haworthia coarctada.

Endemismo sul-africano (MATTHEWS, 1986c: 150); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, por vezes cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000); Viveiros (TAVARES & ALVES, 2002); Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII; IX.2011, Observ.!).

4. **Haworthia emelyae** von Poellnitz

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Haworthia.

Endemismo sul-africano, da África do Sul: Província do Cabo (MATTHEWS, 1986c: 150; HUXLEY & al., 1999b: 496); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, por vezes cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (IX.2011, Observ.!).

5. **Haworthia fasciata** (Willdenow) Haworth

= *Apicra fasciata* Willdenow [basion.]
 = *Aloe fasciata* (Willdenow) Salm-Dyck ex Schultes & Schultes fil.
 = *Catevala fasciata* (Willdenow) Kuntze
 = *Haworthia pumila* (L.) Duval subsp. *fasciata* (Willdenow) Halda
Aloe fasciata (Willdenow) Salm-Dyck var. *major* Salm-Dyck
 = *Haworthia fasciata* (Willdenow) Haworth var. *major* (Salm-Dyck) Haworth
Aloe subfasciata Salm-Dyck ex Schultes & Schultes fil.
 = *Catevala subfasciata* (Salm-Dyck ex Schultes & Schultes fil.) Kuntze
 = *Haworthia subfasciata* (Salm-Dyck ex Schultes & Schultes fil.) Baker
Haworthia browniana von Poellnitz
 = *Haworthia fasciata* (Willdenow) Haworth f. *browniana* (von Poellnitz) M.B. Bayer
 = *Haworthia fasciata* (Willdenow) Haworth var. *browniana* (von Poellnitz) C.L. Scott
Haworthia fasciata (Willdenow) Haworth f. *ovatolanceolata* von Poellnitz
Haworthia fasciata (Willdenow) Haworth f. *sparsa* von Poellnitz
Haworthia fasciata (Willdenow) Haworth var. *subconfluens* von Poellnitz
 = *Haworthia fasciata* (Willdenow) Haworth f. *subconfluens* (von Poellnitz) von Poellnitz
Haworthia fasciata (Willdenow) Haworth f. *vanstaadensis* von Poellnitz
Haworthia fasciata (Willdenow) Haworth f. *variabilis* von Poellnitz

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé de feixe, aloé enfeixado, aloé maior, apicra, apicra de feixe, apicra enfeixada, catevala, catevala de feixe, catevala enfeixada, catevala maior, haworthia, haworthia browniana, haworthia de Brown, haworthia de feixe, haworthia de forma variável, haworthia de Vanstaad, haworthia enfeixada, haworthia esparsa, haworthia maior, haworthia ovoidolanceolada, haworthia variável.

Endemismo sul-africano, da África do Sul: Província do Cabo, de floração estival (MATTHEWS, 1986c: 151; HUXLEY & al., 1999b: 496; IPNI); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, frequentemente cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

6. *Haworthia glauca* Baker var. *glauca*

= *Catevala glauca* (Baker) Kuntze

= *Haworthia reinwardtii* (Salm-Dyck) Haworth subsp. *glauca* (Baker) Halda

= *Haworthia reinwardtii* (Salm-Dyck) Haworth var. *glauca* (Baker) Halda

Haworthia carrissoi Resende

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Catevala, haworthia, haworthia de Carrisso.

Endemismo sul-africano, de floração estival (MATTHEWS, 1986c: 151; IPNI); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, por vezes cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Tipo (de *Haworthia Carrissoi* Resende) cultivado actualmente no Jardim Botânico de Coimbra (RESENDE, 1942: 161-162).

7. *Haworthia glauca* Baker var. *herrei* (von Poellnitz) M.B. Bayer

= *Haworthia herrei* von Poellnitz [basion.]

= *Haworthia reinwardtii* (Salm-Dyck) Haworth var. *herrei* (von Poellnitz) Halda

Haworthia armstrongii von Poellnitz

= *Haworthia glauca* Baker f. *armstrongii* (von Poellnitz) M.B. Bayer

Haworthia eilyae von Poellnitz

Haworthia eilyae von Poellnitz var. *poellnitziana* Resende

Haworthia eilyae von Poellnitz var. *zantneriana* Resende

Haworthia herrei von Poellnitz var. *depauperata* Resende

Haworthia herrei von Poellnitz var. *poellnitzii* Resende

Haworthia herrei von Poellnitz × *Haworthia jacobseniana* von Poellnitz

Haworthia jacobseniana von Poellnitz

= *Haworthia glauca* Baker f. *jacobseniana* (von Poellnitz) Pilbeam

Haworthia jonesii von Poellnitz

= *Haworthia glauca* Baker f. *jonesii* (von Poellnitz) Pilbeam

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Haworthia de Armstrong, haworthia de Eilya, haworthia de Herre, haworthia de Jacobsen, haworthia de Jones, haworthia depauperada, haworthia de Poellnitz, haworthia de von Poellnitz, haworthia de Zantner, haworthia empobrecida, haworthia jacobseniana, haworthia jonesiana, haworthia poellnitziana, haworthia vonpoellnitziana, haworthia zantneriana.

Endemismo sul-africano, da África do Sul: Província do Cabo, de floração estival (MATTHEWS, 1986c: 152; HUXLEY & al., 1999b: 497-498; IPNI); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, raramente cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

8. *Haworthia henriquesii* Resende

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Haworthia, haworthia de Henriques.

Endemismo sul-africano, que RESENDE (1942: 160-161) descobriu no Jardim Botânico de Berlin-Dahlem (RESENDE, l.c.); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, muito raramente cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Tipo cultivado actualmente no Jardim Botânico de Coimbra (RESENDE, 1942: 160-161).

9. *Haworthia pumila* (L.) Duval

= *Aloe pumila* L. [basion.]

= *Aloe arachnoides* Thunberg var. *pumila* (L.) Aiton

Aloe granata Salm-Dyck, nom. illeg.

Aloe papillosa Salm-Dyck

Aloe pumila L. var. *margaritifera* L.

= *Aloe margaritifera* (L.) Burmann f.

= *Apicra margaritifera* (L.) Willdenow

= *Catevala margaritifera* (L.) Kuntze

= *Haworthia margaritifera* (L.) Haworth

Aloe semimargaritifera Salm-Dyck

= *Haworthia semimargaritifera* (Salm-Dyck) Haworth
 = *Haworthia margaritifera* (L.) Haworth var. *semimargaritifera* (Salm-Dyck) Baker
 = *Tulista margaritifera* (L.) Rafinesque
Aloe semimargaritifera Salm-Dyck var. *major* Salm-Dyck
 = *Haworthia margaritifera* (L.) Haworth var. *major* (Salm-Dyck) Haworth
 = *Haworthia semimargaritifera* Salm-Dyck var. *major* (Salm-Dyck) Haworth
Aloe semimargaritifera Salm-Dyck var. *minor* Salm-Dyck
Aloe semimargaritifera Salm-Dyck var. *multipapillosa* Salm-Dyck
Aloe subalbicans Salm-Dyck
 = *Haworthia margaritifera* (L.) Haworth var. *subalbicans* (Salm-Dyck) A. Berger
Aloe subalbicans Salm-Dyck var. *acuminata* Salm-Dyck
Aloe subalbicans Salm-Dyck var. *laevior* Salm-Dyck
 = *Haworthia margaritifera* (L.) Haworth var. *laevior* (Salm-Dyck) Uitewaal
Haworthia corallina Baker
Haworthia semiglabrata Haworth
 = *Aloe semiglabrata* (Haworth) Schultes & Schultes fil.
 = *Catevala semiglabrata* (Haworth) Kuntze
Haworthia semimargaritifera Salm-Dyck var. *multiperla* Haworth
 Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé acuminado, aloé albo, aloé alvo, aloé branco, aloé cândido, aloé das margaridas, aloé esbranquiçado, aloé-granada, aloé maior, aloé margaritáceo, aloé margaritifero, aloé menor, aloé multipapiloso, aloé multiperlado, aloé papilado, aloé papiloso, aloé subacuminado, apicra, apicra das margaridas, apicra margaritácea, apicra margaritifera, catevala, catevala das margaridas, catevala margaritácea, catevala margaritifera, catevala multiperlada, haworthia, haworthia coral, haworthia coralina, haworthia de coral, haworthia glabrescente, haworthia multiperlada, haworthia semiglabra, tulista, tulista das margaridas, tulista margaritácea, tulista margaritifera, tulista multiperlada.

Endemismo sul-africano, da África do Sul: província do Cabo, de floração estival (MATTHEWS, 1986c: 152; HUXLEY & al., 1999b: 496; IPNI); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, por vezes cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII); Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

10. ***Haworthia reinwardtii*** (Salm-Dyck) Haworth

= *Aloe reinwardtii* Salm-Dyck [basion.]
 = *Catevala reinwardtii* (Salm-Dyck) Kuntze
Haworthia reinwardtii (Salm-Dyck) Haworth var. *major* Baker
Haworthia reinwardtii (Salm-Dyck) Haworth var. *archibaldiae* von Poellnitz
Haworthia reinwardtii (Salm-Dyck) Haworth var. *pulchra* von Poellnitz
Haworthia reinwardtii (Salm-Dyck) Haworth var. *peddiensis* G.G. Smith
 Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé de Reinwardt, catevala, catevala de Reinwardt, haworthia, haworthia de Reinwardt.

Endemismo sul-africano, de floração estival (MATTHEWS, 1986c: 151); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, por vezes cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII; IX.2011, Observ.!).

11. ***Haworthia retusa*** (L.) Duval

= *Aloe retusa* L. [basion.]
 = *Apicra retusa* (L.) Willdenow
 = *Catevala retusa* (L.) Medikus
Haworthia fouchei von Poellnitz
Haworthia geraldii C.L. Scott
Haworthia longibracteata G.G. Smith
Haworthia retusa (L.) Duval var. *multilineata* G.G. Smith
 Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Aloé, aloé retusa, apicra, apicra retusa, catevala, catevala retusa, haworthia, haworthia de Fouche, haworthia de Gerald, haworthia retusa.

Endemismo sul-africano, de floração vernal (MATTHEWS, 1986c: 147); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, raramente cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000); Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII; IX.2011, Observ.!).

12. **Haworthia × sampaiana** (Resende) Resende

Haworthia coarctata Haworth var. *sampaiana* Resende

Haworthia × broteriana Resende

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Haworthia, haworthia de Sampaio.

Endemismo sul-africano, que RESENDE (1942: 159-160) descobriu no Jardim Botânico de Munique (RESENDE, l.c.); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, muito raramente cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Tipo cultivado actualmente no Jardim Botânico de Coimbra (RESENDE, 1942: 160-161); Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas (ROSA, 2000: Anexo VII).

13. **Haworthia venosa** (Lamarck) Haworth subsp. **tesselata** (Haworth) M.B. Bayer

= *Haworthia tesselata* Haworth [basion.]

Haworthia tesselata Haworth var. *luisieri* Resende & von Poellnitz

Caméfito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Haworthia, haworthia de Luisier.

Endemismo sul-africano (IPNI; ROSA, 2000: 110); Planta ornamental subarborescente suculenta exótica, raramente cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000).

13. **Hemerocallis** L.

1. **Hemerocallis citrina** Baroni

Hemerocallis altissima Stout

Hemerocallis coreana Nakai

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Hemerocális, hemerocális alta, hemerocális altíssima, hemerocális chinesa, hemerocális citrina, hemerocális coreana, hemerocális da China, hemerocális da Coreia, hemerocális de limão.

Endemismo eurasiático, da Ásia oriental: China e Coreia (CAMPBELL & CULLEN, 1986: 143; CHEN & NOGUCHI, 2000: 162); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, por vezes cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. **Hemerocallis dumortieri** C. Morren

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Hemerocális, hemerocális de Dumortier.

Endemismo eurasiático, da Ásia oriental: China (?), Coreia, Japão e Rússia: oriente da Sibéria (CAMPBELL & CULLEN, 1986: 142; CHEN & NOGUCHI, 2000: 163-164); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, por vezes cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. **Hemerocallis fulva** (L.) L. var. **fulva**

= *Hemerocallis lilioasphodelus* L. var. *fulva* L.

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Hemerocális, hemerocális fulva, xuancao, xuancau.

Endemismo eurasiático, da Ásia oriental: China e Coreia, de floração estival, já naturalizada em diversos países europeus, sobretudo da Europa central, em prados húmidos, margens de rios e *habitats* abertos rochosos, provavelmente apenas através de indivíduos estéreis triplóides (CAMPBELL & CULLEN, 1986: 143; CHEN & NOGUCHI, 2000: 162-163); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, por vezes cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. *Hemerocallis lilioasphodelus* L.

Hemerocallis lilioasphodelus L. var. *flava* L.

= *Hemerocallis flava* (L.) L.

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Hemerocális, hemerocális amarela, hemerocális flava, lílioasfódelo, lílioasfodelo.

Endemismo eurasiático, da Europa (Eslovénia, Itália) e da Ásia oriental: China, Coreia, Japão, Mongólia e Rússia (WEBB, 1980j: 19; CAMPBELL & CULLEN, 1986: 143; CHEN & NOGUCHI, 2000: 162; MABBERLEY, 2008: 399); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, de floração vernal ou primaveril, por vezes cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. *Hemerocallis minor* Miller

= *Hemerocallis flava* (L.) L. var. *minor* (Miller) M. Hotta

Hemerocallis graminea Andrews

Hemerocallis graminifolia Schlechtendal

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Hemerocális, hemerocális de folhas de gramínea, hemerocális gramínea, hemerocális graminifólia, hemerocális menor, hemerocális pequena.

Endemismo eurasiático, da Ásia oriental: China, Coreia, Japão, Mongólia e Rússia: Sibéria (CAMPBELL & CULLEN, 1986: 143; CHEN & NOGUCHI, 2000: 162); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, por vezes cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

6. *Hemerocallis thunbergii* Baker

Hemerocallis serotina Focke

Hemerocallis vespertina H. Hara

= *Hemerocallis citrina* Baroni var. *vespertina* (H. Hara) M. Hotta

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Hemerocális, hemerocális da tarde, hemerocális de Thunberg, hemerocális serótina, hemerocális tardia, hemerocális thunberguiana, hemerocális vespertina.

Endemismo eurasiático, da Ásia oriental: China, Coreia e Japão, de floração estival (CAMPBELL & CULLEN, 1986: 143; IPNI; THE PLANT LIST); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, por vezes cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

14. *Kniphofia* Moench

1. *Kniphofia citrina* Baker

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Knipófia, knipófia alaranjada, knipófia citrina, knipófia cor de laranja, knipófia de laranja, knipófia de limão, knipófia laranjada, knipófia laranjina, knipófia limónica, knipófia orangina.

Endemismo sul-africano (IPNI; ROSA, 2000: 110); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, por vezes cultivada em Portugal, sobretudo como planta decorativa de exterior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

2. *Kniphofia ensifolia* Baker subsp. *ensifolia*

Kniphofia ensifolia Baker var. *albiflora* E.A. Bruce

Kniphofia rivularis A. Berger

Kniphofia tuckii Baker

= *Tritoma tuckii* (Baker) Skeels

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Knipófia, knipófia albiflora, knipófia das linhas de água, knipófia das ribeiras, knipófia de flores albas, knipófia de flores brancas, knipófia de flores cândidas, knipófia de Tuck, knipófia dos ribeiros, knipófia rivular, tritoma, tritoma de Tuck.

Endemismo sul-africano, da África do Sul, de floração estival (DROOP, 1986a: 145; IPNI); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, raramente cultivada em Portugal, sobretudo como planta decorativa de exterior, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Kniphofia praecox* Baker

= *Kniphofia uvaria* (L.) Oken var. *praecox* (Baker) A. Berger

Kniphofia bruceae Codd × *Kniphofia uvaria* (L.) Oken ou *Kniphofia linearifolia* Baker

Kniphofia praecox Baker var. *nobilis* Baker

Geófito. Origem: África tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Knipófia, knipófia híbrida, knipófia hortícola, knipófia nobre, knipófia precoce.

Endemismo africano, de origem possivelmente híbrida, de floração predominantemente estival e outonal (Huxley & al., 1999b: 741-743); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, por vezes cultivada em Portugal, sobretudo como planta decorativa de exterior, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. *Kniphofia pumila* (Aiton) Kunth

Aletris pumila Aiton [basion.]

= *Tritoma pumila* (Aiton) Ker Gawler

= *Tritomanthe pumila* (Aiton) Link

= *Veltheimia pumila* (Aiton) Willdenow

Kniphofia carinata C.H. Wright

Kniphofia comosa Hochstetter

Kniphofia infundibularis Baker

Kniphofia leichtlinii Baker

= *Tritoma leichtlinii* (Baker) Carrière

Kniphofia leichtlinii Baker var. *distachya* Baker

Kniphofia micrantha Chiovenda ex Chiarugi

Tritoma maroccana May

Veltheimia abyssinica DC.

= *Kniphofia abyssinica* (DC.) Schweinfurth

Geófito. Origem: África tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Alétris, alétris anã, alétris baixa, alétris pequena, knipófia, abissínica, knipófia anã, knipófia baixa, knipófia carenada, knipófia carinada, knipófia caudada, knipófia comosa, knipófia da Abissínia, knipófia da Etiópia, knipófia de cauda, knipófia de escova, knipófia de espiga, knipófia de flores pequenas, knipófia escovada, knipófia espigada, knipófia etíope, knipófia etiópica, knipófia infundibular, knipófia micranta, knipófia minutiflora, knipófia parviflora, knipófia pequena, tritoma, tritoma anã, tritoma baixa, tritoma de Leichtlin, tritoma de Marrocos, tritoma marroquina, tritoma pequena, tritomante, tritomante anã, tritomante baixa, tritomante de Leichtlin, tritomante pequena, veltéimia, veltéimia abissínica, veltéimia anã, veltéimia baixa, veltéimia da Abissínia, veltéimia da Etiópia, veltéimia etíope, veltéimia etiópica, veltéimia pequena.

Endemismo africano, da África central e oriental; Etiópia, Sudão, Uganda e Zaire, de floração estival (DROOP, 1986a: 145; IPNI); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, por vezes cultivada em Portugal, sobretudo como planta decorativa de exterior, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

5. *Kniphofia sarmentosa* (Andrews) Kunth

= *Aletris sarmentosa* Andrews [basion.]

= *Tritoma sarmentosa* (Andrews) Skeels

= *Veltheimia sarmentosa* (Andrews) Willdenow

Veltheimia media Donn, nom. illeg.

= *Kniphofia media* (Donn) Endlicher, nom. illeg.

= *Tritoma media* (Donn) Ker Gawler, nom. illeg.

= *Tritomanthe media* (Donn) Link, nom. illeg.

Veltheimia repens Ker Gawler

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Alétris, alétris sarmentosa, knipófia, knipófia sarmentosa, tritoma, tritomante, tritomante média, tritoma sarmentosa, veltéimia, veltéimia média, veltéimia sarmentosa.

Endemismo sul-africano, da África do Sul (IPNI; ROSA, 2000: 111); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, por vezes cultivada em Portugal, sobretudo como planta decorativa de exterior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

6. **Kniphofia triangularis** Kunth subsp. **triangularis**

Kniphofia macowanii Baker

Kniphofia nelsonii Masters

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Knipófia, knipófia de Macowan, knipófia de Nelson, knipófia triangular.

Endemismo sul-africano, da África do Sul e do Lesotho, de floração estival (DROOP, 1986a: 145); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, por vezes cultivada em Portugal, sobretudo como planta decorativa de exterior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

7. **Kniphofia uvaria** (L.) Oken

= *Aloe uvaria* L. [basion.]

= *Aletris uvaria* (L.) L.

= *Kniphofia uvaria* (L.) Hooker

= *Kniphofia uvaria* (L.) T. Durand & Schinz

= *Triclissa uvaria* (L.) Salisbury

= *Tritoma uvaria* (L.) Ker Gawler

= *Tritomanthe uvaria* (L.) Link

= *Tritomium uvaria* (L.) Link

= *Veltheimia uvaria* (L.) Willdenow

Aloe longifolia Lamarck

Aloe rigida Salisbury, nom. illeg.

Kniphofia alooides Moench

Kniphofia bachmannii Baker

Kniphofia occidentalis A. Berger

Kniphofia odorata Heynhold, nom. illeg.

Kniphofia uvaria (L.) Oken var. *glaucescens* G. Nicholson

Kniphofia uvaria (L.) Oken var. *serotina* Baker

Tritoma burchellii Sweet ex Lindley

= *Kniphofia burchellii* (Sweet ex Lindley) Kunth

Tritoma canari Carrière

Tritoma glauca H. Vilm.

Tritoma nobilis Guillon

= *Kniphofia uvaria* (L.) Oken var. *nobilis* (Guillon) Baker

Tritoma recurva H. Vilm.

Tritoma saundersii Carrière

Veltheimia speciosa Roth

Geófito. Origem: Sul de África.

Alguns nomes comuns possíveis: Alétris, alétris das uvas, alétris uveira, aloé, aloé de folhas longas, aloé rígido, knipófia, knipófia aromática, knipófia das uvas, knipófia de Bachmann, knipófia de Burchell, knipófia de fogo, knipófia flamejante, knipófia ocidental, knipófia serótina, knipófia tardia, knipófia tricolor, knipófia uvária, knipófia uveira, lílio de fogo, lílio flamejante, lílio-tocha, lílio tricolor, lílio vermelho de fogo, lílio vermelho-fogo, lírio de fogo, lírio flamejante, lírio-tocha, lírio tricolor, lírio vermelho de fogo, lírio vermelho-fogo, triclissa, tritoma, tritoma curva, tritoma de Burchell, tritoma de Saunders, tritoma glauca, tritoma nobre, tritomante, tritomante das uvas, tritomante uveira, tritómio, veltéimia, uvária, uveira.

Endemismo sul-africano, da Província do Cabo (DROOP, 1986a: 145; WIKIPEDIA); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, por vezes cultivada em Portugal, como planta decorativa de exterior ou de interior; terá sido a primeira espécie deste género cultivada na Europa tendo dado posteriormente origem a

muitos híbridos e cultivares (BIANCHINI, 1974; HUXLEY, 1992, citados por ROSA, 2000: 111) e terá sido também uma das primeiras plantas capenses introduzidas na Europa (MABBERLEY, 2008: 455), podendo já actualmente ser algo invasora no sul da Austrália e da Califórnia, em, regiões de características mediterrânicas (WIKIPEDIA).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; ROSA, 2000: Anexo VII; TAVARES & ALVES, 2002).

15. **Phormium** Forster & Forster fil.

1. **Phormium tenax** Forster & Forster fil.

Geófito. Origem: Nova Zelândia.

Alguns nomes comuns possíveis: Fórmio, fórmio tenaz.

Endemismo da Nova Zelândia e da Ilha de Norfolk (WEBB, 1980d: 19; COUPER, 1986b: 290); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, por vezes cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & al., 2002).

CXXXIV. ZINGIBERACEAE [20 sp.]

[Syn.: *Alpinaceae*, *Amomaceae*, *Curcumaceae*]²⁸⁷

«In the lab, curcumin blocks cells from multiplying and kills a range of cancer cells, including colon, breast, prostate and melanoma cells.»

(CARTER, 2008: 616: “Curry Coumpound Fights Cancer in the Clinic”)

1. **Aframomum** K. Schumann

1. **Aframomum daniellii** (Hooker fil.) K. Schumann

= *Amomum daniellii* Hooker fil. [basion.]

= *Cardamomum daniellii* (Hooker fil.) Kuntze

Amomum afzelii Hooker fil.

Amomum angustifolium T. Hanb., nom. illeg.

Geófito. Origem: África tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Aframomo, aframomo de Daniellii, amomo, amomo angustifólio, amomo de Afzel, amomo de Danielli, amomo de folhas estreitas, cardamomo, cardamomo de Danielli.

Endemismo africano da África tropical e ilhas próximas (MABBERLEY, 2008: 18); Planta ornamental, alimentar e aromática (ADEGOKE & al., 1998) herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Atrás da Estufa Grande (V.2013, Observ.!).

2. **Alpinia** Roxburgh [nom. cons.]

[*Albina* Giseke, nom. rej.; *Buekia* Giseke, nom. rej.; *Zerumbet* J.C. Wendland, nom. rej.]

1. **Alpinia calcarata** Roscoe

= *Languas calcarata* (Roscoe) Merrill

Geófito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Alpínia, alpínia esporoad, lântguas, lântguas esporoad.

Endemismo da Ásia tropical: China (província de Guangdong), Índia, Myanmar e Sri Lanka, em florestas, de floração outonal (HUXLEY & al., 1999a: 139; WU & LARSEN, 2000: 333); Planta ornamental herbácea perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

²⁸⁷ De acordo com REVEAL & CHASE (2011: 81).

2. **Alpinia japonica** (Thunberg) Miquel

= *Globba japonica* Thunberg [basion.]

= *Languas japonica* (Thunberg) Sasaki

Alpinia agiokuensis Hayata

= *Languas agiokuensis* (Hayata) Sasaki

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Alpínia, alpínia do Japão, alpínia japonesa, alpínia japónica, alpínia nipónica, globa, globa do Japão, globa japonesa, globa japónica, globa nipónica, lãguas, lãguas do Japão, lãguas japónica, lãguas nipónica.

Endemismo asiático, da China e do Japão (HUXLEY & al., 1999a: 139; WU & LARSEN, 2000: 341); Planta ornamental e medicinal (WU & LARSEN, l.c.) perene rizomatosa exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & al., 2002).

3. **Alpinia nutans** (L.) Roscoe

= *Globba nutans* L. [basion.]

Alpinia molucana Gagnepain

Globba sylvestris Rumphius ex Dumont-Courset

Geófito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis:

Endemismo asiático, do SE da Ásia (WIKIPEDIA) e Índias Orientais (IPNI; THE PLANT LIST); Planta ornamental, aromática (com aroma a cardamomo) e medicinal (WIKIPEDIA) perene rizomatosa exótica, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 (ROSA, 2000: Anexo VII).

4. **Alpinia zerumbet** (Persoon) B.L. Burt & R.M. Smith

= *Costus zerumbet* Persoon [basion.]

Alpinia cristata Griff.

Alpinia fimbriata Gagnepain

Alpinia fluviatilis Hayata

Alpinia nutans Andrews

= *Amomum nutans* (Andrews) Schultes

= *Catimbium nutans* (Andrews) Jussieu ex Lestib.

Alpinia schumanniana Valetton

= *Languas schumanniana* (Valetton) Sasaki

Languas speciosa Merrill

Renealmia nutans Andrews

Renealmia spectabilis Rusby

Zerumbet speciosum J.C. Wendland

= *Alpinia speciosa* (Wendland) Schumann

= *Catimbium speciosum* (J.C. Wendland) Holttum

= *Languas speciosa* (J.C. Wendland) Small

Geófito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Alpínia, alpínia cristada, alpínia de Schumann, alpínia dos ribeiros, alpínia dos rios, alpínia fimbriada, alpínia fluvial, alpínia nutante, amomo, amomo nutante, catímbio, catímbio nutante, costo, costo zerumbete, lãguas, lãguas de Schumann, reneálmia, zerumbete.

Endemismo eurasiático, da Ásia oriental tropical e subtropical, de floração vernal ou primaveril ou estival (SMITH, 1984c: 139; WU & LARSEN, 2000: 336); Planta ornamental, aromática (com aroma a cardamomo) e medicinal (WIKIPEDIA) perene rizomatosa exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Fria (TAVARES & ALVES, 2002; VII.2010, Observ.); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

3. **Curcuma** L.

1. **Curcuma longa** L.

Amomum curcuma Jacquin

Curcuma brog Valetton

Curcuma domestica Valetton

Curcuma euchroma Valetton

Curcuma ochrorhiza Valetton

Curcuma purpurascens Blume

Curcuma soloensis Valetton

Curcuma tinctoria Guibourt

Kua domestica Medikus, nom. illeg.

Stissera curcuma Giseke

Stissera curcuma Raeuschell

Geófito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Amomo, amomo-curcuma, brog, cua, cua de casa, cua doméstica, curcuma, curcuma brog, curcuma das boticas, curcuma de boa cor, curcuma de casa, curcuma de tinta, curcuma doméstica, curcuma dos boticários, curcuma eucroma, curcuma oficinal, curcuma púrpura, curcuma purpurascense, curcuma purpúrea, curcuma tinta, curcuma tinctória, curcuma tintórea, curcuma tintorial, curcuma tinctória, kua, kua de casa, kua doméstica, stíssera, stíssera curcuma, turmérico, turmérico comercial, turmérico das boticas, turmérico de casa, turmérico do comércio, turmérico doméstico, turmérico dos boticários, turmérico oficinal, turmérico tintóreo, turmérico tintorial, turmérico tinctório.

Endemismo eurasiático, da Ásia oriental tropical e subtropical, de origem exacta desconhecida (SMITH, 1984d: 127; WU & LARSEN, 2000: 361); na Ásia Tropical tem sido muito cultivada como especiaria –um dos constituintes do caril (CARTER, 2008: 616-617; WIKIPEDIA)– e pelas suas notáveis propriedades medicinais, podendo ser, por exemplo, um potente anti-inflamatório, antioxidante e antiproliferativo, sobretudo se usada em conjunto com pimenta negra (HÄNSEL, 1997; MEHTA & al., 1997; SHOBA & al., 1998; WU & LARSEN, *l.c.*; CHENG & al., 2001; AGGARWAL & al., 2005; GAO & al., 2005; CARTER, *l.c.*; PROENÇA DA CUNHA & al., 2010: 266; SERVAN-SCHREIBER, 2011: 180); os curcuminóides podem também ter um efeito importante na limpeza ou eliminação de moléculas de óxido nítrico (NO) (SREEJAYAN & RAO, 1997); Planta perene rizomatosa exótica ornamental, condimentar (especiaria) e medicinal, muito raramente cultivada em Portugal, sobretudo como planta de interior, em estufas, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

2. *Curcuma zedoaria* (Christmann) Roscoe

= *Amomum zedoaria* Christmann [basion.]

Amomum latifolium Lamarck

Amomum latifolium Salisbury

Amomum zerumbet J. König, nom. illeg.

Costus luteus Blanco

= *Roscoeia lutea* (Blanco) Hasskarl, nom. illeg.

Costus nigricans Blanco

Curcuma officinalis Salisbury

Curcuma pallida Loureiro

Curcuma speciosa Link

Curcuma zerumbet Roxburgh

Erndlia subpersonata Giseke

Erndlia zerumbet Giseke

Roscoeia nigrociliata Hasskarl

Geófito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Amomo, amomo zedoária, amomo zerumbete, cachoor, camincau, costo, costo amarelo, costo flavescense, costo flavo, costo lúteo, costo lutescente, costo negro, costo nigrescente, curcuma, curcuma das boticas, curcuma das oficinas, curcuma dos boticários, curcuma especial, curcuma especiosa, curcuma oficinal, curcuma pálida, curcuma zedoária, curcuma zerumbete, érndlia, keturi, palua, roscoeia, roscoeia amarela, roscoeia de cílios negros, roscoeia de pelos negros, reroscoeia flavescense, roscoeia flava, roscoeia lutescente, roscoeia lútea, roscoeia nigrociliada, zedoária, zerumbete.

Endemismo eurasiático, das florestas húmidas da Ásia oriental tropical e subtropical, de origem exacta desconhecida (SMITH, 1984d: 127); Planta perene rizomatosa exótica aromática, ornamental, condimentar (especiaria) e medicinal, cujos rizomas são usados na preparação de pó e pastas de caril, ou consumidos frescos ou na forma de pickles (WIKIPEDIA); o óleo essencial produzido a partir dos rizomas secos desta planta também se tem utilizado em perfumaria e na confecção de sabão, entre outros usos (WIKIPEDIA), muito raramente cultivada em Portugal, sobretudo como planta de interior, em estufas, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola Médica (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. **Curcuma** sp.

Geófito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Açafrão da Índia, açafrão das Índias, curcuma.

Endemismo eurasiático, da Ásia tropical (MABBERLEY, 2008: 239); Planta ornamental exótica, possivelmente condimentar (especiaria) ou medicinal, muito raramente cultivada em Portugal, como planta de interior, em estufas.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa Grande, parte I, tropical (TAVARES & ALVES, 2002).

4. **Elettaria** Maton

1. **Elettaria cardamomum** (L.) Maton

= *Amomum cardamomum* L. [basion.]

= *Alpinia cardamomum* (L.) Roxburgh

= *Matonia cardamomum* (L.) Stephenson & J.M. Churchill

Amomum ensal Raeusch.

Amomum racemosum Lamarck

Amomum repens Sonn.

Amomum uncinatum Stokes

Cardamomum malabaricum Pritz.

Cardamomum officinale Salisbury

Cardamomum verum Oken

Zingiber minus Gaertner

= *Cardamomum minus* (Gaertner) Kuntze

Geófito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Cardamomo, cardamomo de Ceilão, cardamomo do Malabar, cardamomo menor, cardamomo verdadeiro, cardamomo vero, eletária, gengibre menor.

Endemismo da Ásia tropical: Índia (MABBERLEY, 2008: 302); Planta ornamental perene rizomatosa exótica tropical, raramente cultivada em Portugal como planta de interior.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufa Grande, parte III, temperada e Estufa Fria (TAVARES & ALVES, 2002).

5. **Etlingera** Giseke

1. **Etlingera elatior** (Jack) R.M. Smith

= *Alpinia elatior* Jack [basion.]

= *Nicolaia elatior* (Jack) Horan.

Phaeomeria imperialis Lindley

= *Hornstedtia imperialis* (Lindley) Ridl.

Alpinia magnifica Roscoe

= *Bojeria magnifica* (Roscoe) Rafinesque

= *Cardamomum magnificum* (Roscoe) Kuntze

= *Nicolaia magnifica* (Roscoe) K. Schumann ex Valetton

Diracodes javanica Blume

Geófito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Alpinia, alpinia magnífica, bojéria, bojéria magnífica, cardamomo, cardamomo magnífico, diracodes, diracodes de Java, feoméria, feoméria imperial, flor de cera das Filipinas, flor de porcelana, gengibre-archote, hornstédia, hornstédia imperial, nicolaia, nicolaia magnífica, rosa de porcelana.

Endemismo da Ásia tropical: Região Malesiana (MABBERLEY, 2008: 320); Planta ornamental perene rizomatosa exótica tropical, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufa Grande, parte I (TAVARES & ALVES, 2002); Estufa da *Victoria amazonica* (IX.2011, Observ.!).

6. *Globba* L.

1. *Globba bulbifera* Roxburgh

Geófito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Globa, globa bulbífera.

Planta ornamental exótica tropical, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (INDEX SEMINUM, 2009, 2010).

2. *Globba marantina* L.

Geófito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Globa, globa marantina.

Endemismo da Ásia oriental, de floração outonal (SMITH, 1984a: 122; MABBERLEY, 2008: 320); Planta ornamental, aromática e alimentar (MABBERLEY, *l.c.*) perene rizomatosa exótica tropical, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Estufa das Reproduções (TAVARES & ALVES, 2002); Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000).

7. *Hedychium* J.G. König

1. *Hedychium coccineum* Buchanan-Hamilton ex Smith

= *Gandasulium coccineum* (Buchanan-Hamilton ex Smith) Kuntze

Hedychium angustifolium Roxburgh

= *Gandasulium angustifolium* (Roxburgh) Kuntze

= *Hedychium coccineum* Buchanan-Hamilton ex Smith var. *angustifolium* (Roxburgh) Baker

Hedychium aurantiacum Roscoe

Hedychium carneum Roscoe

= *Hedychium coccineum* Buchanan-Hamilton ex Smith var. *carneum* (Roscoe) Baker

Hedychium coccineum Buchanan-Hamilton ex Smith var. *roscoei* Wallich ex Baker

Hedychium longifolium Roscoe

= *Hedychium coccineum* Buchanan-Hamilton ex Smith var. *longifolium* (Roscoe) Baker

Hedychium roscoei Wallich ex Roscoe

Hedychium squarrosum Buchanan-Hamilton ex Wallich

= *Hedychium coccineum* Buchanan-Hamilton ex Smith var. *squarrosum* (Buchanan-Hamilton ex Wallich) Baker

Geófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Conteira, conteira angustifólia, conteira cárnea, conteira de folhas estreitas, conteira de folhas longas, gandassúlio, gandassúlio angustifólio, gandassúlio cárneo, gandassúlio de folhas estreitas, gandassúlio de folhas longas, hedíquio, hedíquio alaranjado, hedíquio angustifólio, hedíquio aurantiaco, hedíquio cárneo, hedíquio de folhas estreitas, hedíquio de folhas longas, hedíquio roscoano, hedíquio de Roscoe.

Endemismo eurasiático, da Ásia tropical e montanhosa do Sul (cordilheira dos Himalaias), próprio de ambientes florestais, por vezes cultivado como ornamental, de floração predominantemente outonal (SMITH, 1984b: 125; HUXLEY & al., 1999b: 518; WU & LARSEN, 2000: 374; IPNI); Planta ornamental perene rizomatosa exótica tropical, raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000).

2. *Hedychium coronarium* J. König

= *Gandasulium coronarium* (J. König) Kuntze

Amomum filiforme Hunter ex Ridl.

Hedychium chrysoleucum Hooker

= *Hedychium coronarium* J. König var. *chrysoleucum* (Hooker) Baker

Hedychium coronarium J. König var. *baimao* Z.Y. Zhu

Hedychium gandasulium Buchanan-Hamilton ex Wallich

Hedychium maximum Roscoe

= *Hedychium coronarium* J. König var. *maximum* (Roscoe) Eichler

Hedychium lingulatum Hasskarl

= *Gandasulium lingulatum* (Hasskarl) Kuntze

Hedychium prophetae Buchanan-Hamilton ex Wallich

Hedychium spicatum Loddiges, nom. illeg.

Hedychium sulphureum Wallich, nom. inval.

Kaempferia hedychium Lamarck, nom. illeg.

Geófito. Origem: Ásia Tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Amomo, amomo filiforme, conteira, conteira-borboleta, conteira branca, conteira coronária, conteira do brejo, conteira dos pântanos, conteira dos paúis, conteira em espiga, conteira espigada, conteira grande, conteira máxima, conteira paludosa, conteira palustre, conteira sulfúrea, gandassúlio, gandassúlio coronário, gandassúlio dos brejos, gandassúlio dos pântanos, gandassúlio dos paúis, gandassúlio paludoso, gandassúlio palustre, gengibre branco, hedíquio, hedíquio-borboleta, hedíquio branco, hedíquio coronário, hedíquio de borboleta, hedíquio de folhas douradas, hedíquio de grinalda, hedíquio em espiga, hedíquio espigado, hedíquio grande, hedíquio máximo, hedíquio sulfúreo, flor de grinalda, lílio-borboleta, lílio de grinalda, lílio do brejo, lílio dos paúis, lílio paludoso, lílio palustre, lírio-borboleta, lírio de grinalda, lírio do brejo, lírio dos pântanos, lírio dos paúis, lírio paludoso, lírio palustre.

Endemismo da Ásia oriental, Indonésia e Austrália, de floração vernal ou primaveril, naturalizado em diversas regiões tropicais e subtropicais (SMITH, 1984b: 125; MABBERLEY, 2008: 394-395); Planta ornamental, aromática e medicinal (WU & LARSEN, 2000) perene rizomatosa exótica tropical, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

3. *Hedychium gardnerianum* Ker Gawler

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Conteira, conteira comum, conteira de Gardner, conteira do Diabo, conteira gardnerana, conteira gardneriana, conteira invasiva, conteira invasora, conteira vulgar, gengibre de Gardner, gengibre de Kahili, hedíquio, hedíquio comum, hedíquio de Gardner, hedíquio gardnerano, hedíquio gardneriano, hedíquio vulgar, roca da velha.

Endemismo da Ásia oriental: Himalaias e Norte da Índia, de floração estival e outonal (SMITH, 1984b: 125; 518); Planta ornamental exótica, extensivamente naturalizada e já invasora e abundante em todas as ilhas dos Açores, em sítios húmidos, terrenos cultivados, descampados, encostas de montanhas ou fundos de ravinas, tornando impossível a regeneração das florestas nativas nos locais invadidos (WEBB, 1980: 324; SJÖGREN, 2001: 176-177; FRANCO & ROCHA AFONSO, 2003: 119-120).

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000); Estufa Grande; Estufa Fria (TAVARES & ALVES, 2002; TAVARES, 2011).

4. *Hedychium greenii* W.W. Smith

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Conteira, conteira de Greene, hedíquio, hedíquio de Greene.

Endemismo da Ásia oriental: Himalaias: Butão (SMITH, 1984b: 125; HUXLEY & al., 1999: 518); Planta ornamental exótica tropical, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Viveiros (VII.2010, Observ.!).

5. *Hedychium tenellum* (K. Schumann) R.M. Smith

= *Brachychilum tenellum* K. Schumann [basion.]

Geófito. Origem: Indonésia.

Alguns nomes comuns possíveis: Hedíquio, hedíquio da Indonésia, hedíquio das Molucas, hedíquio malucano, hedíquio molucano, hedíquio tenelo, hedíquio tenro.

Endemismo das Ilhas Molucas (IPNI); Planta ornamental exótica tropical, muito raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

8. *Kaempferia* L.

1. *Kaempferia* sp.

Geófito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Galanga, kaempféria.

Endemismo da Ásia oriental (MABBERLEY, 2008: 448); Planta ornamental e aromática exótica tropical perene rizomatosa, muito raramente cultivada em Portugal, actualmente extinta no Jardim.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000: Anexo VII).

9. **Roscoea** Smith

1. **Roscoea capitata** Smith

Geófito. Origem: Eurásia.

Alguns nomes comuns possíveis: Roscoeia, roscoeia cabeçuda, roscoeia capitada.

Endemismo eurasiático, da Ásia oriental: Himalaias (ROSA, 2000: 285; MABBERLEY, 2008: 748); Planta ornamental perene rizomatosa exótica, raramente cultivada em Portugal.

Distribuição/localização no Jardim: Escola das Monocotiledóneas = Talhão 10 da Mata (ROSA, 2000; TAVARES & ALVES, 2002).

10. **Zingiber** Boehmer

1. **Zingiber officinale** Roscoe

Geófito. Origem: Ásia tropical.

Alguns nomes comuns possíveis: Gengibre, gengibre das boticas, gengibre dos boticários, gengibre officinal, injíver.

Endemismo da Ásia tropical, provavelmente proveniente da Índia; cultigene estéril com 50 cultivares na Índia (MABBERLEY, 2008: 923); Planta ornamental, medicinal e alimentar exótica perene rizomatosa, de grande importância económica (MABBERLEY, l.c.), muito raramente cultivada em Portugal,

Distribuição/localização no Jardim: Estufas, depois de 1932 e Escola Médica (ROSA, 2000. Anexo VII).

10. Conclusões

Concluimos que no Jardim Botânico de Coimbra existem ou já existiram ao longo do tempo mais de **5700** espécies de plantas vasculares.

As **Compostas** ou **Asteráceas** (*Compositae* ou *Asteraceae*) estão particularmente bem representadas na flora do Jardim Botânico de Coimbra, sendo a maior família, com **489** espécies (quase **8,5 %** do total de espécies que existem ou existiram no Jardim!), o que não surpreende, pois trata-se da maior família a nível português, europeu, mediterrânico e mundial em número de espécies –cerca de 23600, distribuídas por cerca de 1590 géneros, 17 tribos e 3 subfamílias: *Asteroideae*, *Barnadesioideae* e *Cichorioideae* (MABBERLEY, 2008: 207-211)– ou cerca de 25000, distribuídas por cerca de 1600 géneros (HIND, 2007: 46) –o que torna as **Asteráceas** ou **Compostas**, sem dúvida nenhuma, a **maior família de Dicotiledóneas** (HIND, *l.c.*). Em relação às Orquidáceas, existem algumas dúvidas se terão mais ou menos espécies que as Compostas. Alguns autores consideram as Orquidáceas a maior família de Angiospérmicas, com um total de cerca de 25000 espécies reconhecidas (CHASE & al., 2003; PILLON & CHASE, 2007), embora apontem também a possibilidade de haver um exagero taxonómico e um enviesamento geopolítico que podem levar a um aumento artificial do número de espécies de Orquidáceas (PILLON & CHASE, *l.c.*). Outros autores, contudo, continuam a apontar as Compostas ou Asteráceas como a maior família de Angiospérmicas – por exemplo, MABBERLEY (1997: 174-178), que indica a existência de 22750 espécies, distribuídas por um total de 1528 géneros, e MABBERLEY (2008: 207-211), que considera um incremento (ao longo de onze anos: 1997–2008) de 850 espécies (+ 3,7 % do anterior número total) e de 62 géneros (+ 4,1 %).

Nas Compostas existem muitas microespécies – por exemplo nos géneros *Hieracium* L., com cerca de 1000 microespécies; *Pilosella* Vaillant; e *Taraxacum* Weber ex Wiggers, com muitas centenas de microespécies (MABBERLEY, 2008). As microespécies são por definição raras e estritamente endémicas, merecendo assim prioridade em termos de conservação; desta forma, grupos de grande dificuldade taxonómica tendem a incluir mais espécies ameaçadas ou em perigo (PILGRIM & al., 2004; PILLON & CHASE, 2006).

Muitas espécies de Compostas possuem interesse económico –alimentar, medicinal ou ornamental, sobretudo– e também interesse apícola (LAUNERT, 1989; BORGES & ALMEIDA, 1996; BRANCO, 2000; CARVALHO, 2005; etc.). Entre estas espécies com interesse alimentar e medicinal, podemos citar, como exemplos, as seguintes: *Achillea millefolium* L. –uma composta medicinal (LAUNERT, 1989: 192-193) bastante comum nas nossas montanhas mais elevadas do Norte e Centro (ALMEIDA & al., 2014i); *Achillea moschata* Wulfen (LAUNERT, *l.c.*); *Antennaria dioica* (L.) Gaertner [= *Gnaphalium dioicum* L. (basiónimo), conhecida como “pé de gato” (*cat’s foot*)], o medicinal *Arctium Lappa* L. (Launert, 1989:); *Arnica montana* L. subsp. *atlantica* A. Bolòs, uma afamada planta medicinal, endémica exclusiva da Europa ocidental, Ibero-Gállica (GREUTER, 2008), com numerosas possibilidades de uso, como se pode concluir a partir dos seus imaginativos e variados nomes vernáculos, e também pela consulta da bibliografia (LAUNERT, 1989: 210-211; BORGES & ALMEIDA, 1996: 149; LYSS & al., 1997: 951; KLAAS & al., 2002: 385; MERFORT, 2003; ALMEIDA & al., 2003: 11-12; PROENÇA DA CUNHA & al., 2010: 221, 412-413), considerada vulnerável em Portugal, onde é pouco comum (cf. ASDAL & al., 2005; ARAÚJO & al., 2014m); *Artemisia Absinthium* L. (o conhecido absinto, cujo uso em bebidas alcoólicas terá sido proibido por lei, devido à sua elevada perniciosidade [LAUNERT, 1989: 196]); *Artemisia vulgaris* L.; *Bellis perennis* L. (uma “margarida” ou “bonina” bastante comum em Portugal); *Calendula officinalis* L., outra conhecida planta medicinal (LAUNERT, 1989: 210-211); *Carlina acaulis* L.; *Centaurea benedicta* (L.) L. [= *Cnicus benedictus* L. (basiónimo)] –o relativamente comum “cardo bento” ou “centáurea bendita” (Porto)–; *Centaurea montana* L.²⁸⁸; *Chamaemelum nobile* (L.) Allioni [= *Anthemis nobilis* L. (basiónimo), “camomila” ou “camomila dourada”, outra planta medicinal e ruderal bastante comum entre nós (ALMEIDA & al., 2014ae)]; *Cichorium intybus* L. –a tão comum e ruderal chicória silvestre (CLAMOTE & al., 2014k)–; *Cirsium arvense* (L.) Scopoli [= *Serratula arvense* L. (basiónimo)]; o comum *Cirsium vulgare* (Savi) Tenore [= *Carduus vulgaris* Savi (basiónimo)]; a rara centáurea *Cyanus segetum* Hill [= *Centaurea cyanus* L. (syn. subst.)]; *Cynara cardunculus* L. (o cardo do coalho ou cardo coalheiro, que é tão útil no fabrico do queijo); *Cynara humilis* L.; *Cynara scolymus* L. [a famosa alcachofra, que para além de alimentar, possui conhecidas propriedades medicinais (cf. por exemplo BUNDY & al., 2004; GEBHARD & FAUSEL, 1997; PROENÇA DA CUNHA & al., 2010)]; *Erigeron canadensis* L. [= *Conyza canadensis* (L.) Cronquist –uma planta ruderal herbácea anual, com propriedades invasoras, subespontânea e tão comum entre nós, em locais de natureza ruderal (ALMEIDA & al., 2014ae)–]; *Eupatorium cannabinum* L. –outra planta espontânea em Portugal e tão comum entre nós (LOURENÇO & al., 2014r)–; *Galinsoga parviflora* Cavanilles, também frequente entre

²⁸⁸ O género *Centaurea* L. é um dos maiores géneros de Compostas a nível mundial, que se distribui sobretudo na Eurásia e na Região Mediterrânica (embora haja já diversas espécies naturalizadas em várias partes do Globo), com um número total de cerca de 250 a 650 espécies (MABBERLEY, 1997: 138; SUSANNA & GARCIA in KUBITZKI, 2007: 146; MABBERLEY, 2008: 164-165; DEVEA & al., 2014a).

nós (ARAÚJO & al., 2014ag); *Hypochaeris radicata* L. –outra planta ruderal tão comum entre nós (ALMEIDA & al., 2014an)–; *Inula Helenium* L.; *Jacobaea vulgaris* Gaertner [Syn.: *Senecio Jacobaea* L.], também comum em Portugal (ARAÚJO & al., 2014ah); *Lactuca sativa* L. (a tão apreciada e saborosa alface), *Lactuca serriola* L. [Syn. *Lactuca scariola* L.] –uma alface silvestre frequente em Lu (LOURENÇO & al., 2014l)–; *Lactuca virosa* L. –outra alface silvestre relativamente comum em Lu (LOURENÇO & al., 2014s); *Lapsana communis* L. subsp. *communis* –outra planta ruderal bastante comum entre nós (ALMEIDA & al., 2014am)–; *Leucanthemum vulgare* (Vaillant) Lamarck [Syn.: *Chrysanthemum leucanthemum* L.]; a medicinal *Matricaria chamomilla* L. (LAUNERT, 1989: 192-194; BORGES & ALMEIDA, 1996: 151; CLAUDINO & al., 2001: 36); *Matricaria discoidea* DC. [Syn.: *Chamomilla suaveolens* (Pursh) Rydberg (= *Santolina suaveolens* Pursh), uma camomila medicinal subespontânea frequente entre nós como planta ruderal própria de solos pisoteados e compactados, algo húmidos, com elevados níveis de azoto assimilável (AGUIAR, 2000: 119)]; *Onopordum acanthium* L. (um cardo de grande porte, relativamente comum no interior Norte e Centro de Portugal, ornamental, medicinal e comestível em jovem [LAUNERT, 1989: 200]); *Petasites hybridus* (L.) Gaertner [= *Tussilago hybrida* L. (basiônimo)]; o bem conhecido “alecrim das paredes” ou “fagnálon das rochas” *Phagnalon saxatile* (L.) Cassini [= *Gnaphalium saxatile* L. (basiônimo)], relativamente comum em Portugal (ARAÚJO & al., 2014) e espontâneo no Jardim, em muros e paredes de calcário; *Pilosella officinarum* Vaillant [= *Hieracium pilosella* L. (syn. subst.)]; *Senecio vulgaris* L.; *Silybum marianum* (L.) Gaertner [= *Carduus marianus* L. (basiônimo)] –o bem conhecido Cardo Mariano ou de Santa Maria, bastante comum em Portugal (CLAMOTE & al., 2014i), e que quase sempre se encontra em ambientes nitrificados e alterados pela acção humana (MORALES & al., 2011: 160)–; *Solidago virgaurea* L. –uma planta ornamental e medicinal comum nas nossas serras mais elevadas de natureza siliciosa (Araújo & al., 2014af)–; *Tanacetum parthenium* (L.) Schultz Bipontinus [= *Matricaria parthenium* L. (basiônimo) = *Chrysanthemum Parthenium* (L.) Bernhardt]; *Tanacetum vulgare* L., o comum e ruderal *Taraxacum officinale* Weber *sensu lato*; *Tragopogon pratensis* L.; *Tussilago farfara* L., outra planta medicinal (cf. LAUNERT, 1989: 184-210; MABBERLEY, 2008).

Para além das espécies alimentares e medicinais já referidas acima, várias outras têm grande interesse como “*crop wild relatives*” ou como plantas ornamentais, nomeadamente as pertencentes aos seguintes géneros: *Achillea* L., *Arnica* L., *Artemisia* L., *Aster* L., *Calendula* L., *Centaurea* L., *Chamaemelum* Miller, *Chrysanthemum* L., *Cichorium* L., *Cirsium* Miller, *Cynara* L., *Eupatorium* L., *Galinsoga* Ruiz & Pavón, *Helichrysum* Miller, *Hieracium* L., *Lactuca* L., *Lapsana* L., *Leucanthemum* Miller, *Matricaria* L. [Syn.: *Chamomilla* S.F. Gray], *Onopordum* L., *Petasites* Gaertner, *Pilosella* Vaillant, *Rhaponticum* Vaillant [Syn.: *Leuzea* DC.], *Santolina* L., *Scorzonera* L., *Senecio* L., *Serratula* L., *Silybum* Vaillant, *Sonchus* L., *Tanacetum* L., *Taraxacum* Weber ex Wiggers e *Tragopogon* L. (LAUNERT, 1989: 184-210; ASDAL & al., 2005; MAGOS BREHM & al., 2008: 790-791).

Outro uso popular curioso de ervas da família das Compostas é para o fabrico de escovas, entre as quais podeos indicar como exemplos as seguintes espécies: *Artemisia campestris* L., *Centaurea nigra* L., *Chondrilla juncea* L., *Crupina* sp., *Mantisalca salmantica* (L.) Briquet & Cavillier [= *Centaurea salmantica* L. (basiônimo)] (MORALES & al., 2011: 204).

Outras Compostas ainda se encontram ou se encontraram espontâneas e/ou cultivadas no Jardim Botânico de Coimbra, como os seguintes exemplos: *Galactites tomentosus* Moench [Syn.: *Centaurea Galactites* L. = *Lupsia Galactites* (L.) Kuntze], uma planta ornamental e ruderal herbácea anual, espontânea e comum em Portugal (CLAMOTE & al., 2014j); *Laphangium luteoalbum* (L.) Tzvelev [= *Gnaphalium luteoalbum* L. (basiônimo) = *Helichrysum luteoalbum* (L.) Reichenbach = *Pseugnaphalium luteoalbum* (L.) Hilliard & B.L. Burtt], uma planta ruderal anual, espontânea e muito comum em Portugal (LOURENÇO & al., 2014q); *Sonchus asper* L. –outra espécie ruderal herbácea anual, espontânea e comum em Portugal (LOURENÇO & al., 2014p)–; *Sonchus oleraceus* L. –outra espécie ruderal espontânea e tão comum em Portugal (PORTELA-PEREIRA & al., 2014n).

Acerca da grande família das Compostas, vale a pena citar MABBERLEY (1997: 178; 2008: 211): Com a progressiva destruição pelo Homem da vegetação nativa espontânea, estas plantas agressivas e tóxicas –de fraca utilidade para o Homem, na sua vasta maioria– herdarão o Mundo (!). Realmente, vários autores têm citado as Compostas ou Asteráceas como uma das famílias mais ricas em eficiência invasiva e em número de espécies exóticas naturalizadas e invasoras. Assim, em 37 espécies consideradas mais invasoras em Portugal continental por ALMEIDA & FREITAS (2003), 13 são Compostas (35 %)! Das 937 espécies de plantas alóctones naturalizadas em Espanha 95 são Compostas –mais de 10 %– (SANZ ELORZA & al., 2004: 301). De modo semelhante, na República Checa, um país da Europa Central particularmente bem estudado do ponto de vista das plantas alóctones, as Compostas são particularmente abundantes e perigosas, com 35 neófitos naturalizados –de longe a maior família neofítica–, mais de metade dos quais (18 espécies) são invasores! (PYSEK & al., 2003: 129-130).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) diversas outras famílias que foram noutros tempos, e por vários autores, consideradas como independentes, correspondendo muitas delas às tribos actualmente consideradas como válidas: *Ambrosiaceae*, *Anthemidaceae*, *Aposeridaceae*, *Arctotidaceae*, *Artemisiaceae*, *Athanasiaaceae*,

Calendulaceae, *Carduaceae*, *Carlinaceae*, *Centaureaceae*, *Cichoriaceae*, *Cnicaceae*, *Cynaraceae*, *Echinopaceae*, *Eupatoriaceae*, *Gnaphaliaceae*, *Grindeliaceae*, *Heleniaceae*, *Helianthaceae*, *Inulaceae*, *Ivaceae*, *Lactucaceae*, *Madiaceae*, *Matricariaceae*, *Mutisiaceae*, *Nassauviaceae*, *Picridaceae*, *Santolinaceae*, *Senecionaceae*, *Serratulaceae*, *Tanacetaceae*, *Tussilagaceae*, *Vernoniaceae*, *Xanthiaceae* e *Xeranthemaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 111-112).

As **Leguminosas** ou **Fabáceas** (*Leguminosae* ou *Fabaceae*), incluindo as tradicionais **Cesalpiniáceas** (*Caesalpiniaceae*), **Mimosáceas** (*Mimosaceae*) e o enorme grupo das **Papilionáceas** (*Papilionaceae*) – segundo a sua definição actual (APG III, 2009) –, estão de igual forma muito bem representadas no Jardim Botânico de Coimbra, sendo a segunda maior entre todas as famílias, com **412** espécies (mais de **7,1 %** do total de espécies que existem ou existiram no Jardim!), não só cultivadas mas também muitas delas espontâneas em Portugal e na Região Mediterrânica (anafes, astrágalos, carquejas, coronilas, ervilhacas, ervilhas, feijoeiros, giestas, grão de bico, lentilhas, luzernas, tojos, trevos e muitas outras, sobretudo pertencentes aos géneros: *Astragalus* L., *Cicer* L., *Coronilla* L., *Cytisus* Desfontaines, *Genista* L., *Lathyrus* L., *Lens* Miller, *Lotus* L., *Medicago* L., *Melilotus* Miller, *Phaseolus* L., *Pisum* L., *Spartium* L., *Trifolium* L., *Vicia* L., *Ulex* L.) e até algumas subespontâneas (*Acacia dealbata* Link, *Cercis siliquastrum* L., *Gleditsia triacanthos* L., *Robinia pseudoacacia* L. e *Securigera securidaca* (L.) Degen & Dörfler [= *Coronilla securidaca* L. (basión.)], por exemplo), podendo mesmo por vezes ser gravemente invasoras como no caso da referida *Acacia dealbata* Link e de algumas outras espécies do mesmo género. Também têm sido cultivadas no jardim muitas leguminosas exóticas ornamentais, pertencentes aos géneros mais diversos: *Bauhinia* L., *Cassia* L., *Chamaecrista* Moench, *Colutea* L., *Crotalaria* L., *Senna* Miller, etc. Vários autores têm realçado o carácter invasor de diversas espécies de leguminosas em todo o Mundo (HUGHES & STYLES, 1989; CRONK & FULLER, 1995; PAYNTER & al., 2003; HORN & al., 2014).

O grande número de Leguminosas existente no Jardim não surpreende, tendo em conta a extraordinária importância económica desta família, que inclui numerosas espécies alimentares –de enorme importância na alimentação humana e dos vários tipos de gado–, forrageiras e ornamentais, nas regiões temperadas e também nas regiões tropicais. Constituem, sem dúvida nenhuma, a segunda maior família de plantas no Jardim Botânico de Coimbra, só sendo superada em número de espécies pela família das Compostas ou Asteráceas (*Compositae* ou *Asteraceae*) –que é também a maior família botânica, a nível mundial.

As Leguminosas, com cerca de 19500 espécies (MABBERLEY, 2008: 474), distribuídas por 751 géneros, constituem a terceira maior família de Angiospérmicas (LPWG, 2013; MABBERLEY, l.c.). Muitas espécies de leguminosas possuem nódulos nas raízes que contêm bactérias fixadoras de azoto ou nitrogénio (N), de uma grande importância ecológica e para a vida em geral, pois a fixação do azoto pelas plantas é uma actividade absolutamente necessária para a existência de vida civilizada no Planeta. A família das Leguminosas divide-se em três subfamílias: **Caesalpinióideae** [ou *Caesalpiniaceae*, se for considerada como família independente] – com cerca de 171 géneros e 2250 espécies (LPWG, 2013: 219)–; **Mimosóideae** [ou *Mimosaceae*, como família] –uma subfamília pantropical, com cerca de 83 géneros e 3271 espécies (LPWG, 2013: 222); e **Papilionóideae** = **Faboídeae** [*Papilionaceae* ou *Fabaceae* sensu stricto] –de longe a maior família de leguminosas, com cerca de 478 géneros e 13800 espécies, distribuídas por 28 tribos (LPWG, 2013: 224). Das **Cesalpinióideas** [*Caesalpiniaceae*], **25 a 30 %** possuem nódulos radicais com bactérias fixadoras de nitrogénio; das **Mimosóideas** [*Mimosaceae*], **60 a 70 %** têm os referidos nódulos; das **Papilionóideas** ou **Faboídeas** –de longe a subfamília de leguminosas mais importante e mais abundante em Portugal, na Europa e na Região Mediterrânica (as Cesalpinióideas e as Mimosóideas são subfamílias de distribuição predominantemente tropical)– cerca de **95 %** possuem os preciosos nódulos com bactérias fixadoras de nitrogénio ou azoto, um elemento indispensável para a formação dos aminoácidos e das proteínas (MABBERLEY, 2008: 474).

Entre as leguminosas, para além das espécies que são directamente cultivadas para a alimentação humana ou do gado, várias outras têm grande interesse como “*crop wild relatives*”, nomeadamente as pertencentes aos seguintes géneros: *Anthyllis* L., *Hedysarum* L., *Agrostis* L., *Lathyrus* L., *Lotus* L., *Lupinus* L., *Medicago* L., *Melilotus* Miller, *Onobrychis* Miller, *Ornithopus* L., *Pisum* L., *Scorpiurus* L., *Trifolium* L. e *Vicia* L. (MAGOS BREHM, 2008: 347).

As Leguminosas ou Fabáceas incluem muitas espécies que possuem interesse apícola (BRANCO, 2000: 82) ou ornamental, ou são plantas medicinais (LAUNERT, 1989; BORGES & ALMEIDA, 1996; ALMEIDA & TAVARES, 2003; TAVARES & al., 2009; PROENÇA DA CUNHA & al., 2010), e/ou venenosas (BECKER, 1984; LAUNERT, 1989: 60-65), entre as quais podemos citar as seguintes: *Abrus precatorius* L., *Anthyllis vulneraria* L. sensu lato, *Colutea arborescens* L., *Cytisus scoparius* (L.) Link [= *Spartium scoparium* L. (basiónimo) = *Sarothamnus scoparius* (L.) W.D.J. Koch, um arbusto espontâneo e relativamente comum em Portugal (LOURENÇO & al., 2014)], *Genista tinctoria* L., *Melilotus officinalis* (L.) Pallas [= *Trifolium officinale* L. (basiónimo)], *Glycyrrhiza glabra* L. [o alcaçuz, uma planta herbácea perene, espontânea e tão rara em Portugal (PORTELA-PEREIRA, 2014)], a tão comum e tão útil carqueja, um endemismo ibérico [*Pterospartum*

tridentatum (L.) Willkomm = *Genista tridentata* L. (basiónimo) = *Genistella tridentata* (L.) Sampaio = *Chamaespartium tridentatum* (L.) P. Gibbs] (TALAVERA, 1999: 136), o feijoeiro *Phaseolus vulgaris* L., *Securigera varia* (L.) [= *Coronilla varia* L. (basiónimo)], uma planta herbácea que se encontra muito raramente subespontânea em Portugal (ALMEIDA, 2010a: 199-200)], *Trifolium angustifolium* L. (cf. BORGES & ALMEIDA, 1996: 152); *Trifolium incarnatum* L. (cf. PROENÇA DA CUNHA & al., 2010), *Trifolium pratense* L. e *Trifolium repens* L. –que são trevos tão frequentes em Portugal (ARAÚJO & al., 2014g; ALMEIDA & al., 2014e; LOURENÇO & al., 2014b).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) diversas outras famílias que foram outrora consideradas: *Acaciaceae*, *Aspalathaceae*, *Astragalaceae*, *Bauhiniaceae*, *Caesalpiniaceae*, *Cassiaceae*, *Ciceraceae*, *Coronillaceae*, *Cytisaceae*, *Dalbergiaceae*, *Daleaceae*, *Detariaceae*, *Galedupaceae*, *Geoffroaceae*, *Hedysaraceae*, *Inocarpaceae*, *Lathyraceae*, *Lotaceae*, *Papilionaceae*, *Phaseolaceae*, *Robiniaceae*, *Sophoraceae*, *Swartziaceae*, *Tamarindaceae*, *Trifoliaceae* e *Viciaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 86-87).

As **Labiadas** ou **Lamiáceas** (*Lamiaceae* ou *Labiatae*) têm estado também muito bem representadas no Jardim Botânico de Coimbra, com **216** espécies (cerca de **3,7 %** do total de espécies que existem ou existiram no Jardim!)– sobretudo como plantas cultivadas– o que se compreende perfeitamente tendo em conta a grande abundância de espécies ornamentais, de interesse apícola (BRANCO, 2000: 82), medicinais (GONZÁLEZ & al., 2010; SERVAN-SCHREIBER, 2011; DERAKHSHANI & al., 2012; VOGL & al., 2013), aromáticas e condimentares que existe no seio desta família, particularmente presente nas regiões temperadas. A *Micromeria juliana* (L.) Benth [= *Satureja juliana* L. (basiónimo)] é uma labiada subespontânea rara em Portugal, que se pode encontrar facilmente no Jardim assim como na colina da Universidade (antigo paço real e castelo), naturalizada sobretudo em muros de natureza calcária.

De entre as muito numerosas espécies de plantas medicinais (e também por vezes alimentares, condimentares e aromáticas) que são ou têm sido cultivadas no Jardim Botânico de Coimbra –sobretudo na Escola Médica (cf. LAUNERT, 1989: 154-172; MORALES VALVERDE, 1986; SALGUEIRO, 1994; BORGES & ALMEIDA, 1996; ALMEIDA & TAVARES, 1997; FALEIRO & al., 2003; STAHL-BISKUP & SÁEZ, 2002; ALMEIDA & al., 2003; PINA-VAZ & al., 2004; FALEIRO & al., 2003; BRUMMIT, 2007a; FIGUEIREDO & al., 2008; VÁZQUEZ, 2008; TAVARES & al., 2009; BRANCO, 2010; GONZÁLEZ & al., 2010; MORALES, 2010f; DERAKHSHANI & al., 2012; VAVERKOVÁ & al., 2012; VOGL & al., 2013)–, podemos citar as seguintes: *Ajuga reptans* L. –uma planta medicinal espontânea e pouco comum em Portugal (ARAÚJO & LOURENÇO, 2014av)–, *Galeopsis segetum* Necker, *Glechoma hederacea* L. –uma planta ornamental, medicinal, condimentar e comestível (LAUNERT, 1989: 168-169) herbácea, própria de bosques caducifólios e suas orlas, rara em Portugal, onde ocorre sobretudo nas montanhas (SILVA & al., 2014a)–, *Hyssopus officinalis* L., *Lamium album* L., *Lavandula angustifolia* Miller, *Leonurus cardiaca* L., *Lycopus europaeus* L. –uma erva própria dos sítios húmidos e que é moderadamente comum em Portugal (PORTELA-PEREIRA & al., 2014g)–, *Marrubium vulgare* L. –o marroio, um subarbusto comum entre nós, sobretudo em locais ruderais secos do interior ou do sul (cf. PORTO & al., 2014r)–, *Melissa officinalis* L. –a “erva cidreira” ou “melissa”, também por vezes espontânea ou subespontânea na Mata do Jardim ou Cerca de São Bento, e que é relativamente comum em Portugal (LOURENÇO & al., 2014j)–, *Mentha aquatica* L., *Mentha × piperita* L., *Mentha pulegium* L. [poejo ou poejos, uma planta espontânea e comum em Portugal (PORTELA-PEREIRA & al., 2014h), com propriedades medicinais (LAUNERT, 1989: 154-157; BORGES & ALMEIDA, 1996: 152; ALMEIDA & al., 2003: 26; CLAUDINO & al., 2001: 46-47; GONZÁLEZ & al., 2010: 348) e de interesse apícola (BRANCO, 2000: 82)]; *Nepeta cataria* L., a medicinal e aromática (LAUNERT, 1989: 166-167; ALMEIDA & al., 2003: 27; TAVARES & al., 2009: 87) erva dos gatos, menta dos gatos ou nêveda dos gatos, supostamente muito apreciada pelos felinos; o aromático e medicinal orégão *Origanum vulgare* L. (LAUNERT, 1989: 158-159; ALMEIDA & al., 2003; SALGUEIRO & al., 2003: 871; TAVARES & al., 2009; GONZÁLEZ & al., 2010: 348; OCAÑA-FUENTES & al., 2010: 1568; SHEN & al., 2010: 7119) subsp. *virens* (Hoffmannsegg & Link) Bonnier & Layens [= *Origanum virens* Hoffmannsegg & Link (basiónimo)], outra planta espontânea e bastante comum em Portugal, sobretudo em sítios mais ou menos secos, muitas vezes de natureza calcária, particularmente no Centro e Sul do País (ARAÚJO & al., 2014t); *Prunella vulgaris* L. –outra planta espontânea e comum em Portugal (PORTELA-PEREIRA & al., 2014f)–, que possui propriedades medicinais (ALMEIDA & al., 2003: 28; TAVARES & al., 2009: 175; HUANG & al., 2009; ZDARILOVA & al., 2009; VOGL & al., 2013)–; *Rosmarinus officinalis* L. –um arbusto aromático e medicinal (LAUNERT, 1989: 170-171; BORGES & ALMEIDA, 1996: 149; CLAUDINO & al., 2001: 33; ALMEIDA & al., 2003; TAVARES & al., 2009; GONZÁLEZ & al., 2010: 348; DERAKHSHANI & al., 2012; etc.) tão comum entre nós, sobretudo em matos de natureza calcária (PORTO & al., 2014o), mas também frequentemente cultivado–; *Salvia officinalis* L. [uma conhecida planta medicinal (LAUNERT, 1989; BORGES & VALENTE, 1996; BARICEVIC & al., 2001; DI PAOLA & al., 2009; BRANCO, 2010; QNAIS ESAM & al., 2010: 1149; SÁEZ, 2010; DERAKHSHANI & al., 2012; RODRIGUES & al., 2012; VOGL & al., 2013)], o endemismo exclusivamente ibérico e pouco comum entre nós *Salvia sclareoides* Brotero (BRANCO, 2010; SÁEZ, 2010; WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES, 2010; RAUTER & al., 2012; JORGE & al., 2014); *Satureja montana* L.; *Scutellaria*

galericulata L. –uma planta espontânea e pouco comum entre nós (ARAÚJO & ALMEIDA, 2014)–; *Stachys officinalis* (L.) Treviranus [= *Betonica officinalis* L. (basiônimo)] –espontâneo e pouco comum em Portugal, onde se encontra por exemplo em lameiros (TELES, 1970: 81; PORTO & al., 2014q)–; *Teucrium chamaedrys* L. – uma planta medicinal (ALMEIDA & al., 2003; TAVARES & al., 2009) subarbusciva, anã e rasteira, espontânea e muito rara em Portugal (ARAÚJO & al., 2014s), onde ocorre sobretudo nas fendas de afloramentos rochosos de natureza calcária; a bela planta ornamental, aromática e medicinal (MIGUEL & al., 2003: 397; SALGUEIRO & al., 2004: 572; FIGUEIREDO & al., 2008: 3120) *Thymbra capitata* (L.) Cavanilles [= *Satureja capitata* L. (basiônimo) = *Thymus capitatus* (L.) Hoffmanns. & Link = *Coridothymus capitatus* (L.) Reichenbach fil.], uma espécie de distribuição circum-mediterrânica, predominantemente calcícola, muito usada para o aproveitamento do seu óleo essencial, rico em fenóis (MORALES, 2010g: 349); o endemismo exclusivo do SW da Península Ibérica, próprio das areias das dunas semifixas litorais (MORALES, 2010f: 372-374), pouco comum em Portugal (CARAPETO & al., 2014i); a comum (PORTO & al., 2014s), ornamental, medicinal e aromática (GARCÍA-VALLEJO, 1984: 201; FALEIRO & al., 1999: 45; MIGUEL & al., 1999: 59; MIGUEL & al., 2003: 397; FALEIRO & al., 2003; ALMEIDA & al., 2003; PINA-VAZ & al., 2004: 73; TAVARES & al., 2009; GONZÁLEZ & al., 2010: 348; BLANCO SALAS & al., 2012: 29-30) planta subarbusciva chamada “bela luz” ou “vela luz”²⁸⁹, endêmica exclusiva da Península Ibérica (JALAS, 1972: 175; BLANCO SALAS & al., l.c.) *Thymus mastichina* (L.) L. subsp. *mastichina* [= *Satureja mastichina* L. (basiônimo); o medicinal (PINTO & al., 2006: 1367; TAVARES & al., 2009) *Thymus pulegioides* L., espontâneo e raro em Portugal, onde só se encontra no Norte de Trás-os-Montes (ARAÚJO & al., 2014aa), sendo muito pontual em prados xero-mesofíticos montanos pertencentes à ordem *Agrostietalia castellanae* (HONRADO, 2003: 188); e ainda *Thymus serpyllum* L. –o asserpão ou serpão, uma erva aromática, condimentar e medicinal tão apreciada pelo seu sabor agradável (LAUNERT, 1989: 158-159; ALMEIDA & al., 2003: 30; TAVARES & al., 2009: 128) e *Thymus vulgaris* L., outra planta medicinal (SENATORE, 1996; HUDAIB & al., 2002; Stahl-Biskup & Sáez, 2002; Pina-Vaz & al., 2004: 77; Pinto & al., 2006: 1368; Tavares & al., 2009) subarbusciva, que já tem sido cultivada no Jardim.

Esta importante família pode dividir-se em seis subfamílias: *Ajugoideae*, *Lamioideae*, *Nepetoideae*, *Prostantheroideae*, *Scutellariodeae* e *Viticoideae*; inclui grandes géneros como por exemplo: *Clerodendrum* L., com cerca de 500 espécies; *Hyptis* Jacquin, com cerca de 280 espécies (MABBERLEY, 2008: 426); *Leucas* R. Brown (MABBERLEY, 2008: 485), com cerca de 100 espécies; *Phlomis* Tournefort ex L., com cerca de 100 espécies; *Plectranthus* L'Héritier, com cerca de 300 espécies; *Salvia* Tournefort ex L., com cerca de 900 espécies; *Scutellaria* L., com 360 espécies; *Sideritis* Tournefort ex L., com cerca de 140 espécies; *Stachys* L., com cerca de 300 espécies; *Teucrium* Tournefort ex L., com cerca de 250 sp.; *Thymus* Tournefort ex L., com cerca de 220 espécies; *Vitex* Tournefort ex L., que outrora fazia parte da família vizinha das Verbenáceas, com cerca de 250 sp. (BRUMMITT, 2007a: 179-181).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram noutros tempos, e por vários autores, consideradas como independentes: *Aegiphilaceae*, *Ajugaceae*, *Chloanthaceae*, *Glechomaceae*, *Melissaceae*, *Melittidaceae*, *Menthaceae*, *Monardaceae*, *Nepetaceae*, *Salazariaceae*, *Salviaceae*, *Saturejaceae*, *Scutellariaceae*, *Siphonanthaceae*, *Stachydaceae*, *Symphoremataceae* e *Vitaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 109).

As **Umbelíferas** ou **Apiáceas** (*Umbelliferae* ou *Apiaceae*), que foram possivelmente a primeira família a ser reconhecida e estudada cientificamente (HEYWOOD, 2007: 35), são uma das famílias mais bem representadas no Jardim Botânico, com **215** espécies (cerca de **3,7 %** do total de espécies que existem ou existiram no Jardim!)– a grande representação desta família tão distintiva dever-se-á sobretudo ao grande interesse económico desta família, que inclui diversas espécies alimentares: cenoura: *Daucus carota* L. subsp. *carota*, que é tão comum em Portugal como planta ruderal (ALMEIDA & al., 2014ad); coentros: *Coriandrum sativum* L. – uma planta aromática e condimentar usada como especiaria há milhares de anos (SAUL & al., 2014), também medicinal (LAUNERT, 1989: 92-93; BORGES & ALMEIDA, 1996: 150), por vezes subespontânea em Portugal (MARIZ, 1896: 203; TUTIN, 1968c: 328; FRANCO, 1971: 512)–; a salsa: *Petroselinum crispum* (Miller) Fuss [= *Apium petroselinum* L., *Apium crispum* Miller, *Petroselinum hortense* auct.], muito cultivada e por vezes também subespontânea em Portugal (MARIZ, 1896: 254; COUTINHO, 1913: 445; TUTIN, 1968b: 352; FRANCO, 1971: 528; ALMEIDA, 1999), de onde já fora referida por GRISLEY (1661: 121) e BROTERO (1804: 463); a comestível (pelo menos pelos equídeos) salsa dos cavalos ou ápio cavalor: *Smyrniolum olusatrum* L., frequente entre nós (PORTO & al., 2014v) e usada tradicionalmente como planta medicinal, condimentar e verdura, já indicada como tal pelos ilustres Dioscórides e Columela (MORALES & al., 2011: 160), etc.; aromáticas: aniz: *Pimpinella anisum* L., cominhos: *Cuminum cyminum* L. –outra planta aromática e condimentar usada como

²⁸⁹ A bela-luz deve o seu interessante nome vernáculo à sua utilização tradicional pelas comunidades rurais de Trás-os-Montes e Beira Alta na iluminação: as suas flores secas flutuando num copo com azeite podem acender-se com um fósforo, “permanecendo como uma vela, para alumiar, durante a noite a Sagrada Família que, numa caixa de madeira, visitava temporariamente as diversas casas da aldeia” (NETO, 2007: 172).

especiaria há milhares de anos (SAUL & al., 2014)–, funcho: *Foeniculum vulgare* Miller²⁹⁰, uma planta ruderal, medicinal (cf. BORGES & ALMEIDA, 1996: 151; GONZÁLEZ & al., 2010: 346) e aromática, tão frequente em Portugal (CLAMOTE & al., 2014h), sobretudo em sítios quentes e mais ou menos secos, de natureza mediterrânica, também espontânea no Jardim; e medicinais (numerosas espécies e géneros); e venenosas: cicuta ou cónio: *Conium maculatum* L.; “embude”, “prego do Diabo”, “rabaças” ou “timbó”: *Oenanthe crocata* L. –espontânea e tão comum em Portugal, sobretudo em sítios húmidos, incluindo bosques e galerias ripícolas (ALMEIDA, 2009; PORTELA-PEREIRA, 2013; PORTELA-PEREIRA & al., 2014m)–, etc.; assim como também algumas espécies com interesse apícola: *Daucus carota* L. e *Foeniculum vulgare* Miller (BRANCO, 2000: 81), assim como várias espécies endémicas exclusivas da Península Ibérica (endemismos ibéricos): *Angelica major* Lagasca, *Angelica pachycarpa* Lange, *Conopodium majus* (Gouan) Loret subsp. *marizianum* (Sampaio) López Udias & G. Mateo [= *Conopodium marizianum* Sampaio (basiónimo)], *Conopodium subcarneum* (Boissier & Reuter) Boissier & Reuter [= *Bunium subcarneum* Boissier & Reuter (basiónimo)], *Daucus carota* L. subsp. *halophilus* (Brotero) A. Pujadas [= *Daucus halophilus* Brotero (basiónimo)] –um endemismo exclusivamente lusitano!–, *Distichoselinum tenuifolium* (Lag.) García Martín & Silvestre [= *Thapsia tenuifolia* Lagasca (basiónimo)], *Eryngium duriaei* J. Gay ex Boissier subsp. *duriaei*, *Eryngium duriaei* J. Gay ex Boissier subsp. *juresianum* (M. Laínz) M. Laínz [= *Eryngium duriaeanum* J. Gay subsp. *juresianum* M. Laínz (basiónimo)], *Ferula communis* L. subsp. *catalaunica* (Pau ex C. Vicioso) Sánchez Cuxart & Bernal [= *Ferula communis* L. var. *catalaunica* Pau ex C. Vicioso (basiónimo)], *Ferulago capillaris* (Link ex Sprengel) Coutinho [= *Ferula capillaris* Link ex Sprengel (basiónimo)], *Laserpitium eliasii* Sennen & Pau subsp. *thalictrifolium* (Sampaio) P. Montserrat [= *Laserpitium thalictrifolium* Sampaio (basiónimo)], *Seseli montanum* L. subsp. *peixotoanum* (Sampaio) M. Laínz [= *Seseli peixotoanum* Sampaio (basiónimo)], *Thapsia minor* Hoffmannsegg & Link (cf. TAVARES & al., 2012); ou da Região Mediterrânica (numerosas espécies). Esta família (Umbelíferas ou Apiáceas) integra poucas espécies invasoras entre nós, mas vale a pena mencionar a seguinte, tão abundante e perene na região do Baixo Mondego: *Eryngium pandanifolium* Chamisso & Schlechter, de onde é conhecida como subespontânea já desde o final do século XIX, perto da Figueira da Foz, invadindo as valas dos campos (GARCIA, 1946: 425-426).

Entre as suas diversas espécies venenosas e, por vezes, com algumas propriedades medicinais, habitualmente ricas em alcalóides, podemos citar brevemente as seguintes: *Aethusa cynapium* L. (a “salsa dos tolôs” ou “salsa dos loucos”), *Anethum graveolens* L. –também usada pelo homem há milhares de anos (SAUL & al., 2014)–, *Angelica archangelica* L. subsp. *archangelica*, *Apium graveolens* L., *Chaerophyllum temulum* L. (uma planta espontânea e comum em Portugal), *Cicuta virosa* L., *Conium maculatum* L. (também designado comumente por “cicuta”), *Coriandrum sativum* L. (os afamados e deliciosos coentros, tão utilizados na rica culinária mediterrânica), *Daucus carota* L. (a comum e tão virtuosa cenoura), *Daucus carota* L. subsp. *halophilus* (Brotero) A. Pujadas (endemismo lusitano já referido acima), *Foeniculum vulgare* Miller (o tão comum funcho), etc. (BECKER, 1984; LAUNERT, 1989: 90-108; BORGES & ALMEIDA, 1996; ROOS & al., 1997: 157; ALMEIDA & al., 2003; TAVARES, & al., 2009; GONZÁLEZ & al., 2010; WIKIPEDIA).

Incluem-se actualmente nesta família (como sinónimos) diversas outras famílias que foram noutros tempos consideradas, por diversos autores, como famílias independentes: *Actinotaceae*, *Ammiaceae*, *Angeliceae*, *Bupleuraceae*, *Caucalidaceae*, *Coriandraceae*, *Dauceae*, *Eryngiaceae*, *Ferulaceae*, *Imperatoriaceae*, *Lagoeciaceae*, *Mackinlayaceae*, *Pastinacaceae*, *Pimpinellaceae*, *Saniculaceae*, *Scandicaceae*, *Selinaceae*, *Sileraceae* e *Smyrniaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 113).

As **Brassicáceas** ou **Crucíferas** (*Brassicaceae* ou *Cruciferae*), constituem também uma grande família, com **166** espécies (cerca de **2,8 %** do total de espécies que existem ou existiram no Jardim!), incluindo diversas espécies cultivadas de grande importância económica, assim como plantas aromáticas, medicinais e ornamentais, incluindo também várias plantas espontâneas, incluindo, por exemplo a pequenina e comum *Arabidopsis thaliana* (L.) Heynhold [= *Arabis thaliana* L. (basiónimo) = *Sisymbrium thalianum* (L.) J. Gay] (ALMEIDA & al., 2014x), uma minúscula planta ruderal e arvense, cujo ciclo de vida, particularmente breve, entre outras características favoráveis, a torna ideal para estudos de Genética²⁹¹. Outras Crucíferas espontâneas no Jardim são, entre outras, a medicinal (YUE & al., 2007; VOGL & al., 2013) e ruderal tão comum *Capsella bursa-pastoris* (L.) Medikus [= *Thlaspi bursa-pastoris* L. (basiónimo)] (ALMEIDA & al., 2014j), de distribuição

²⁹⁰ O funcho, *Foeniculum vulgare* Miller, era, na Idade Média, considerado como uma afamada planta medicinal. Terá sido cultivada na Ilha da Madeira no século XV, por ordem do descobridor, capitão donatário e povoador João Gonçalves Zarco, tendo possivelmente sido essa a origem do nome da capital da Ilha e do Arquipélago da Madeira: Funchal, onde o funcho, como espécie de carácter mediterrânico e apetência por meios ruderais que é, se deu muito bem (SARAIVA, 1996).

²⁹¹ A *Arabidopsis thaliana* (L.) Heynhold é uma das plantas não alimentares mais cultivadas no Mundo, pela sua grande utilidade em estudos de Genética: são notáveis as suas pequenas dimensões e a curta duração do seu ciclo de vida, que se completa num mês; o seu genoma (haplóide, número de cromossomas = 5) é o mais pequeno conhecido nas plantas vasculares, com 70 milhões de pares de bases, o que é apenas 50 vezes mais do que nas bactérias e 5 vezes mais do que nas leveduras (MABBERLEY, 2008: 59).

actualmente cosmopolita (MABBERLEY, 2008: 150); as tão comuns plantas ruderais *Cardamine hirsuta* L. (LOURENÇO & al., 2014) e *Hirschfeldia incana* (L.) Lagrèze-Fossat (ARAÚJO & al., 2014n); o vulgar lepidio dos prados e lameiros de montanha, *Lepidium heterophyllum* Benthham, também comum como erva ruderal nas margens de caminhos e de estradas (ALMEIDA & al., 2014ac); o pouco comum *Lepidium virginicum* L., proveniente da América do Norte e entre nós pouco frequente, embora naturalizado na cidade de Coimbra e nas suas vizinhanças (CARAPETO & al., 2014k); a pequena planta ornamental *Lobularia maritima* (L.) Desv. subsp. *maritima* [= *Clypeola maritima* L. (basiónimo) = *Alyssum maritimum* (L.) Lamarck = *Koniga maritima* (L.) R. Brown], por vezes naturalizada e também sobretudo espontânea em Portugal (FERNANDES, 1993b: 197-198; CLAMOTE & al., 2014f); o tão comum (ALMEIDA & al., 2014k), comestível (LAUNERT, 1989: 28-29) e de interesse apícola (BRANCO, 2000: 82) saramago *Raphanus raphanistrum* L.; ou ainda as pouco comuns mostardas silvestres: *Sinapis alba* L. subsp. *mairei* (H. Lindberg) Maire [= *Sinapis mairei* H. Lindberg (basiónimo)] (CLAMOTE & al., 2014) e *Sinapis arvensis* L. (PORTELA-PEREIRA & ALMEIDA, 2014l) –que é um endemismo eurasiático e norte-africano (MARHOLD, 2011d) e actualmente considerado uma planta invasora no Ocidente dos Estados Unidos (DITOMASO & al., 2013)–, ou o conhecido *Rapistrum rugosum* (L.) Allioni [= *Myagrum rugosum* L. (basiónimo)] outra planta ruderal herbácea espontânea e frequente em Portugal (PORTO & al., 2014x).

As Crucíferas ou Brassicáceas são uma família cosmopolita, constituída por cerca de 321 a 365 géneros e cerca de 3350-3400 espécies, a nível mundial (MABBERLEY, 1997: 194; CULHAM, 2007c: 68; MABBERLEY, 2008: 231; WIKIPEDIA).

Esta importante família possui também diversas espécies medicinais como, por exemplo, as seguintes, que têm sido cultivadas ou ocorrido espontâneas no Jardim Botânico de Coimbra: *Armoracia rusticana* P. Gaertner, B. Meyer & Scherbius [= *Cochlearia armoracia* L., syn. subst.]; as couves e afins: *Brassica* sp. pl.; a já citada acima “bolsa de pastor”, *Capsella bursa-pastoris* (L.) Medikus; a rara *Cochlearia officinalis* L.; *Lepidium sativum* L., outra planta pouco comum entre nós (cf. ALMEIDA, 2014d); o afamado agrião, comestível e saladas e considerado aperitivo e diurético –*Nasturtium officinale* R. Brown [Syn.: *Sisymbrium nasturtium-aquaticum* L. = *Rorippa nasturtium-aquaticum* (L.) Hayek], bastante frequente entre nós (LOURENÇO & al., 2014e)–; o tão comum (LOURENÇO & al., 2014o) *Sisymbrium officinale* (L.) Scopoli [= *Erysimum officinale* L. (basiónimo)]; etc. (BECKER, 1984; LAUNERT, 1989; BORGES & ALMEIDA, 1996; ALMEIDA & al., 2003; TAVARES, & al., 2009; GONZÁLEZ & al., 2010; WIKIPEDIA).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) diversas outras famílias que foram noutros tempos consideradas independentes, por diversos autores: *Arabidaceae*, *Drabaceae*, *Erysimaceae*, *Isatidaceae*, *Raphanaceae*, *Schizopetalaceae*, *Sisymbriaceae*, *Stanleyaceae* e *Thlaspiaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 97-98).

As **Cariofiláceas** (*Caryophyllaceae*) constituem outra grande família, com **128** espécies no Jardim Botânico, tratando-se sobretudo de plantas herbáceas cultivadas nas Escolas de Sistemática, actualmente extintas no Jardim na sua larga maioria. As Cariofiláceas são uma família muito bem representada na Eurásia e na Região Mediterrânica, incluindo numerosas plantas ornamentais e até medicinais. Algumas espécies ruderais e arvenses são espontâneas e comuns no Jardim Botânico como, por exemplo, as bem conhecidas espécies anuais *Arenaria leptoclados* (Reichenbach) Gussone [= *Arenaria serpyllifolia* L. var. *leptoclados* Reichenbach (basiónimo)], uma espécie de distribuição euromediterrânica pouco abundante em Portugal (cf. LÓPEZ GONZÁLEZ, 1990a: 220-221; ARAÚJO & al., 2014r); *Cerastium glomeratum* Thuillier [uma das plantas mais comuns em Portugal (LOURENÇO & al., 2014h)], *Silene gallica* L. –outra planta anual ruderal tão comum entre nós (ALMEIDA & al., 2014r)–, *Stellaria media* (L.) Villars [= *Alsine media* L. (basiónimo), outra das plantas ruderais mais comuns em Portugal (ARAÚJO & al., 2014p)] e *Polycarpon tetraphyllum* (L.) L. subsp. *tetraphyllum* [= *Mollugo tetraphylla* L. (basiónimo)] –outra espécie ruderal particularmente comum em Portugal (LOURENÇO & al., 2014h). Também foram já cultivada no Jardim as plantas arvenses anuais *Petrorhagia nanteuillii* (Burnat) P.W. Ball & Heywood [= *Dianthus nanteuillii* Burnat (basiónimo)], uma planta anual espontânea e comum em Portugal (ALMEIDA & al., 2014s); *Vaccaria hispanica* (Miller) Rauschert var. *hispanica* [= *Saponaria hispanica* Miller (basiónimo)], outra planta arvense actualmente cada vez mais rara em Portugal, sobretudo devido à acção destrutiva dos herbicidas (VILLAR, 1990a: 420; PORTO, 2014; CARVALHO, 2014); e *Agrostemma githago* L., outra planta arvense anual das searas e campos cultivados –provavelmente um arqueófito de introdução remota (já referida por GRISLEY, *Virid. Lusit.* n. 917 & 818, 1661; e por BROTERO, *Fl. Lusit.* 2: 220, 1804) e de origem mediterrânica oriental (FRANCO, 1971: 139; CHATER, 1993a: 190; SALES & PAIVA, 1990: 304)–, outrora bastante comum, mas que se vai tornando mais rarefeita entre nós (ALMEIDA & al., 2014q).

Trata-se de uma família praticamente cosmopolita, distribuída desde as Regiões Árticas até à grande ilha gelada da Antárctida, em todas as regiões temperadas e também nas montanhas elevadas dos Trópicos, sendo particularmente bem represada na Região Mediterrânica – por exemplo através dos grandes géneros muito ornamentais *Arenaria* L., *Dianthus* L. (os “cravos” e “cravinas”, com cerca de 300 espécies) e *Silene* L. –que é formado por cerca de 700 espécies! (MABBERLEY, 2008: 796)– (CULLEN & CULHAM, 2007: 89). Esta família

inclui ainda algumas ervas ruderais subcosmopolitas muito comuns, sobretudo pertencentes aos géneros *Cerastium* L. e *Stellaria* L. (CULLEN & CULHAM, l.c.).

Uma das duas únicas espécies de plantas espontâneas que existem no grande continente gelado da Antárctida (cuja área é de cerca de 14 milhões de km² [WIKIPEDIA]) é a cariofilácea *Colobanthus quitensis* (Kunth) Bartling [= *Sagina quitensis* Kunth (basiónimo)] (SNEDDON, 1999: 195; PARNIKOZA & al., 2011: 381; WIKIPEDIA)²⁹².

As Cariofiláceas, da ordem *Caryophyllales*, são uma grande família, com cerca de 86 géneros e 2200 espécies, distribuídas pelas seguintes três subfamílias: *Alsinoideae* ou *Minuartioideae*; *Illecebroideae* ou *Paronychioideae*; e *Caryophylloideae* (MABBERLEY, 1997: 130-131; MABBERLEY, 2008: 156; TAKHTAJAN, 2009: 141-142; WIKIPEDIA).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) diversas outras famílias que foram noutros tempos consideradas independentes: *Alsinoaceae*, *Cerastiaceae*, *Corrigiolaceae*, *Dianthaceae*, *Herniarianaceae*, *Illecebraceae*, *Lychnidaceae*, *Minuartiaceae*, *Ortegaceae*, *Paronychiaceae*, *Polycarpaeaceae*, *Sabulinaceae*, *Saginaceae*, *Scleranthaceae*, *Silenaceae*, *Spergulaceae* e *Stellariaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 100; SAMPAIO, 1947: 336-364).

As **Rosáceas** (*Rosaceae*), com **125** espécies, são também uma das principais famílias presentes no Jardim Botânico de Coimbra. Incluem uma grande quantidade (e qualidade) de “crop wild relatives” ou parentes selvagens de espécies cultivadas, algumas das quais de grande interesse económico. São particularmente notáveis, pela sua utilidade e cultivo para fins alimentares e medicinais os géneros *Agrimonia* L. –*Agrimonia eupatoria* L. é uma conhecida planta medicinal, com propriedades anti-oxidantes (LAUNERT, 1989: 72-73; BORGES & ALMEIDA, 1996: 149; CORREIA & al., 2007; YOON & al., 2012; VOGL & al., 2013); *Cydonia* Miller [os marmeleiros, que produzem os medicinais e saborosos marmelos (LAUNERT, 1989: 80-81; MELO & al., 2013: 335)]; *Eriobotrya* Lindley e *Mespilus* L. (nespereiras), *Fragaria* L. (os morangueiros cultivados ou silvestres, deliciosos e medicinais), *Prunus* L. (que incluem os abrunheiros, ameixeiras, amendoeiras, cerejeiras, gínjeiras, damasqueiros, pessegueiros), *Malus* Miller –maceiras ou macieiras, bem conhecidas pelas propriedades alimentares e medicinais dos seus frutos (LAUNERT, 1989: 78-79; AEDO & al., 1998: 440; GERHAUSER, 2008: 1608; MELO & al., 2013: 335)–, *Pyrus* L. (pereiras, igualmente de precioso valor alimentar) e *Rubus* L. (amoras, framboesas e silvas ou silveiras). Outros géneros têm grande importância pelas suas numerosas espécies ornamentais: *Rosa* L. –rosas ou roseiras, incluindo a medicinal *Rosa canina* L., cujos frutos são também usados na confecção de compotas, licores e outros produtos alimentares (LAUNERT, 1989: 74-75; ALMEIDA & al., 2003; TAVARES & al., 2009; LATTANZIO & al., 2011: 880; SAABY & al., 2011: 195)–; os tão ornamentais *Cotoneaster* Medikus; *Crataegus* L. (pilriteiros ou pirliteiros) [já se cultivou no Jardim, por exemplo *Crataegus azarolus* L., um endemismo da Região Mediterrânica –próprio de encostas e montanhas secas na Ilha de Creta (FRANCO, 1968b: 77), e que se encontra cultivado²⁹³, naturalizado ou silvestre em diversas províncias espanholas, proveniente de antigos cultivos (MUÑOZ GARMENDIA & al., 1998: 405-407)– e uma planta ornamental arbustiva, raramente cultivada em Portugal, onde se encontrou possivelmente subespontânea – um único indivíduo frutífero num carvalhal em Torres Novas (Jorge CAPELO in Facebook, 31.VIII.2014)]; *Geum* L. –incluindo por exemplo o medicinal *Geum urbanum* L. (TUNÓN & al., 1995: 61); *Kerria* DC., *Photinia* Lindley e *Physocarpus* (Cambessèdes) Maximowicz –outros géneros tradicionalmente muito usados como ornamentais entre nós–; *Potentilla* L. –incluindo por exemplo a medicinal *Potentilla erecta* (L.) Raeuschel [= *Tormentilla erecta* L. (basiónimo)] (TUNÓN & al., 1995); as tão ornamentais e usadas em sebes *Spiraea* L. *sp. pl.*, etc. Entre os *Rubus*, *Rubus ulmifolius* Schott, uma das espécies mais vulgares da Europa, é, de muito longe, a silva mais comum e espalhada em Portugal, bastante apreciada pelas saborosas amoras que produz. Outra silva importante, muitas vezes cultivada, é a ornamental, alimentar e medicinal framboesa ou framboeseira *Rubus idaeus* L., cujas folhas e frutos são ricos em substâncias antioxidantes (NIKOLOVA & al., 2011: 46; MELO & al., 2013: 335). A deliciosa e medicinal *Fragaria vesca* L. [= *Potentilla vesca* (L.) Scopoli] (JACKSON, 1923; LAUNERT, 1989: 70-71; BORGES & ALMEIDA, 1996: 151; ALMEIDA & al., 2003: 37; NORDFJELL, 2010: 186) –o morangueiro silvestre, muito apreciado pelos seus frutos²⁹⁴–, é também espontânea no Jardim Botânico de Coimbra, em arrelvados frescos.

²⁹² A outra espécie de planta vascular presente na Antárctida é a gramínea *Deschampsia antarctica* Desvaux, que recentemente, devido ao aquecimento que se tem verificado no ainda gelado continente austral, se tem vindo a expandir, alargando assim a sua área de distribuição (PARNIKOZA & al., 2011: 381; WIKIPEDIA).

²⁹³ A rosácea arbustiva ou arbórea de origem mediterrânica *Crataegus azarolus* L. foi antigamente muito cultivada em diversas províncias espanholas, pelos seus frutos comestíveis (acerolas), de sabor algo semelhante aos das maçãs, e também pela sua madeira (MUÑOZ GARMENDIA & al., 1998: 405-407).

²⁹⁴ Já no século XVIII o grande Lineu considerava os morangos silvestres [*Fragaria vesca* L.], que são muito apreciados na Suécia [vale a pena recordar o filme “Morangos silvestres” ou “Smultronstället” (1957) do excelente Ingmar Bergman], como um dos mais potentes e mais saborosos remédios naturais, por exemplo para a prevenção e o alívio da gota (cf. JACKSON, 1923; NORDFJELL, 2010: 186). Citando o ilustre biógrafo de Lineu Benjamin Daydon JACKSON (1923): “In 1746

As Rosáceas, uma das maiores famílias de plantas cultivadas alimentares e ornamentais, e também de interesse apícola e medicinal (LAUNERT, 1989: 66-80; BRANCO, 2000: 83; MABBERLEY, 2008: 747-748; MELO & al., 2013: 335), incluem um total de mais de 3000 espécies (ROWLEY & JURY, 2007: 280-281; MABBERLEY, 2008: 747). Os maiores géneros que constituem as Rosáceas, em número de espécies, serão os seguintes: *Alchemilla* L. (incluindo *Aphanes* L., com um total de mais de 1000 espécies), *Rubus* L. (com 763 espécies presentes na Europa –das quais 738 [ou 96,7 %] são consideradas endemismos exclusivamente europeus [KURTT & al., 2010]), *Prunus* L. (com cerca de 430 espécies, incluindo algumas medicinais e/ou cujos frutos são comestíveis [LAUNERT, 1989: 76; MELO & al., 2013: 335]), *Cotoneaster* Medikus (261 espécies), *Crataegus* L. (cerca de 260 espécies), *Sorbus* L. (cerca de 135 a 260 espécies) e *Rosa* L. (com cerca de 100-150 espécies, inclui, contudo, cerca de 5000 cultivares nomeados que se pensa serem actualmente cultivados), segundo vários autores (ROWLEY & JURY, 2007; MABBERLEY, 2008; WIKIPEDIA).

As Rosáceas são uma família rica em espécies exóticas cultivadas, naturalizadas e até, por vezes, invasoras. Assim, em Portugal temos entre 21 a 28 espécies de Rosáceas exóticas mais ou menos naturalizadas (ALMEIDA, 2005c), enquanto que na República Checa²⁹⁵, as Rosáceas são a segunda maior família de neófitos naturalizados, com 20 espécies, logo a seguir às Compostas, com 35, e antes das Fabáceas ou Leguminosas, com 16 neófitos; das Brassicáceas, com 15 neófitos naturalizados; das Poligonáceas, com 11 neófitos; e das Gramíneas e das Onagráceas, respectivamente com 9 e 8 espécies neofíticas naturalizadas (PYŠEK & al., 2003: Appendix I).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) diversas outras famílias que foram outrora consideradas: *Alchemillaceae*, *Amygdalaceae*, *Cercocarpaceae*, *Chamaemoraceae*, *Coleogynaceae*, *Cydoniaceae*, *Dryadaceae*, *Fragariaceae*, *Lindleyaceae*, *Malaceae*, *Mespilaceae*, *Neilliaceae*, *Potentillaceae*, *Poteriaceae*, *Prunaceae*, *Pyraceae*, *Rhodotypaceae*, *Sanguisorbaceae*, *Sorbaceae*, *Spiraeaceae*, *Tormentillaceae* e *Ulmariaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 87-88).

As **Malváceas** (*Malvaceae*), com **118** espécies, segundo a sua definição actual (APG III, 2009), incluindo todas as antigas **Bombacáceas** (*Bombacaceae*), **Esterculiáceas** (*Sterculiaceae*) e **Tiliáceas** (*Tiliaceae*) são, actualmente –depois de terem sido grandemente ampliadas–, outra das maiores famílias representadas no Jardim Botânico de Coimbra.

Incluem-se também nas **Malváceas** muitas espécies cultivadas como ornamentais –que se encontram, por vezes e nalguns casos, já naturalizadas e subespontâneas entre nós–: *Alcea rosea* L., *Callirhoe involucrata* (Torrey & A. Gray) A. Gray [= *Malva involucrata* Torrey & A. Gray *basion.*], *Hibiscus trionum* L., *Pavonia hastata* Cavanilles, *Sida rhombifolia* L.; e até diversas árvores de arruamento ou jardim: *Brachychiton populneus* (Schott & Endlicher) R. Brown [= *Poecilodermis populnea* Schott & Endlicher, *basion.*], *Ceiba speciosa* (A. St.-Hil.) Ravenna [= *Chorisia speciosa* A. St.-Hil., *basion.*], *Lagunaria patersonia* (Andrews) G. Don [= *Hibiscus patersonia* Andrews, *basion.*], *Tilia* × *vulgaris* Hayne, assim como várias espécies ornamentais pertencentes aos géneros *Abelmoschus* Medikus, *Abutilon* Miller, *Alcea* L., *Althaea* L., *Anoda* Cavanilles, *Brachychiton* Schott & Endlicher, *Corchorus* L., *Dombeya* Cavanilles, *Grewia* L., *Hermannia* L., *Hibiscus* L., *Pavonia* Cavanilles, *Sida* L., *Sidalcea* A. Gray, *Sparrmannia* L. f., *Tilia* L. e *Urena* L., entre outros.

Dentro da família das Malváceas existem também diversas plantas que têm sido tradicionalmente consideradas medicinais –por exemplo como plantas mucilaginosas (PROENÇA DA CUNHA & al., 2010: 238), anti-hipóxicas e/ou anti-oxidantes (EBRAHIMZADEH & al., 2009b; EBRAHIMZADEH & al., 2010)– ou úteis para a alimentação: por exemplo *Althaea officinalis* L., *Cola acuminata* (P. Beauvois) Schott & Endlicher [= *Sterculia acuminata* P. Beauvois, *basion.*], *Malva neglecta* Wallroth, *Malva sylvestris* L. (CLAUDINO, 2001: 44; ALMEIDA & al., 2003; TAVARES & al., 2009; GONZÁLEZ & al., 2010: 349; PIRBALOUTI & al., 2010: 511), *Theobroma cacao* L. [o famoso arbusto do cacau ou cacaueiro, cujos frutos são tão aromáticos, comestíveis e medicinais]; também de interesse apícola, como a *Malva hispanica* L., a já referida acima *Malva sylvestris* L. e ainda várias espécies de tílias, cujas inflorescências ou infrutescências são tão usadas para a preparação de infusões: *Tilia* sp. pl. (VIEIRA & BRANCO, 1996: 122; BRANCO, 2000: 83); e ainda algumas espécies autóctones ou nativas comuns em Coimbra como plantas ruderais como por exemplo *Lavatera cretica* L.²⁹⁶ (a lavatera de Creta) e *Malva hispanica* L. (a malva de Espanha).

and 1750 he was laid aside by angina, which nearly suffocated him, in the latter year being followed by gout. For this ailment he found that wild strawberries were curative and every year afterwards he ate as many as his stomach would bear, to his entire relief from that excruciating disorder.”

²⁹⁵ A República Checa é um país da Europa Central, particularmente rico em flora alóctone ou exótica: 1454 taxa estrangeiros (“*aliens*”) foram nela encontrados, podendo repartir-se em 1104 neófitos e 350 arqueófitos (PYŠEK & al., 2012).

²⁹⁶ A *Lavatera cretica* L. já é referida do Jardim Botânico de Coimbra: “Cerca de S. Bento” por D. Antonio Xavier Pereira Coutinho na sua excelente revisão das Malvaceas de Portugal (COUTINHO, 1893: 123).

As Malváceas, segundo a sua definição actual, são uma das maiores famílias de plantas vasculares, de distribuição cosmopolita e grande importância económica (o algodão, sobretudo: *Gossypium* sp. pl.), com um total de 113 a 115 géneros e cerca de 5000 espécies, distribuídos pelas 9 seguintes subfamílias: *Bombacoideae*, *Brownlowioideae*, *Byttnerioideae*, *Dombeyoideae*, *Grewioideae*, *Helicteroideae*, *Malvoideae*, *Sterculioideae* e *Tilioideae* (CHEEK, 2007: 201-202; MABBERLEY, 2008: 518-519).

Incluem-se nesta família (como sinónimos –actualmente, e em vários casos, como subfamílias) diversas outras famílias que foram noutros tempos consideradas independentes: *Berryaceae*, *Brownlowiaceae*, *Byttneriaceae*, *Chiranthodendraceae*, *Dombeyaceae*, *Durionaceae*, *Grewiaceae*, *Helicteraceae*, *Hermanniaceae*, *Hibiscaceae*, *Lasiopetalaceae*, *Melochiaceae*, *Pentapetalaceae*, *Philippodendraceae*, *Plagianthaceae*, *Sidaceae*, *Sparmanniaceae* e *Theobromataceae* (MABBERLEY, 2008: 518-519; REVEAL & CHASE, 2011: 96).

As **Ranunculáceas** (*Ranunculaceae*), com **119** espécies, constituem outra das maiores famílias tradicionalmente cultivadas no Jardim Botânico de Coimbra. Famosas como plantas ornamentais e venenosas, são uma das famílias mais apreciadas, pela sua grande beleza –já têm sido consideradas exemplos de verdadeira “alta costura” no mundo vegetal! Actualmente já poucas restam nas Escolas de Sistemática –devemos destacar a presença de algumas aquiléguas, tão decorativas (*Aquilegia canadensis* L. e a espontânea *Aquilegia vulgaris* L., [espontânea em Portugal, por exemplo no concelho de Vouzela, nas florestas perto de Vouzela, sendo uma espécie característica do sub-bosque, indicadora de carvalhais e bosques de ribeira em bom estado de conservação (PEREIRA & al., 2013: 94-95)], entre outras) assim como algumas ainda cultivadas na Escola Médica como, por exemplo, *Helleborus foetidus* L., a bem conhecida “herva bêteira” ou “herva dos bêteiros”; *Ficaria verna* Hudson [syn.: *Ranunculus ficaria* L. subsp. *ficaria*; *Ficaria ranunculoides* Roth] ainda há poucos anos se encontrava em vasos, na Mata [2009, Observação!], junto à casinha dos Narcisos.

As Ranunculáceas são uma família cosmopolita, constituída por cerca de 56 a 60 géneros e cerca de 2100 a 2500 espécies, a nível mundial (MABBERLEY, 1997: 605; CULHAM, 2007b: 273; MABBERLEY, 2008: 726; WIKIPEDIA).

Entre os seus géneros com maior número de espécies, podem enumerar-se os seguintes: *Ranunculus* L., com 600 (das quais pelo menos 30 foram outrora cultivadas no Jardim, sobretudo no tempo do Professor Barros Neves [cf. BARROS NEVES, 1944]); *Delphinium* L., com cerca de 320; *Thalictrum* L., com 330; *Clematis* L., um género de lianas, arbustos e ervas, com 323; e *Aconitum* L. –um género conhecido pela notável toxicidade dos seus alcalóides–, com cerca de 300 espécies (MABBERLEY, 1997: 8, 218, 708; MABBERLEY, 2008: 194, 727; WIKIPEDIA).

É uma família famosa pela beleza das suas flores e frutos, e também pela grande toxicidade e propriedades medicinais das suas espécies (outrora bastante usadas na América do Norte, em Medicina Eclética²⁹⁷), ricas em alcalóides, entre as quais podemos citar brevemente as seguintes: *Aconitum napellus* L., *Actaea spicata* L., *Adonis annua* L., *Adonis vernalis* L., *Anemone nemorosa* L., *Aquilegia vulgaris* L., *Caltha palustris* L., *Consolida regalis* S.F. Gray, *Helleborus niger* L., *Hydrastis canadensis* L. [endemismo norte-americano vulgarmente conhecido como a “raiz laranja” ou o “selo de ouro” (WIKIPEDIA)], *Ficaria verna* Hudson [Syn.: *Ranunculus ficaria* L.], *Ranunculus acris* L., *Ranunculus repens* L. e *Trollius europaeus* L. (BECKER, 1984; LAUNERT, 1989: 18-24; WIKIPEDIA).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram noutros tempos, e por vários autores, consideradas como famílias independentes: *Aconitaceae*, *Actaeaceae*, *Anemonaceae*, *Aquilegiaceae*, *Calthaceae*, *Cimicifugaceae*, *Clematidaceae*, *Delphiniaceae*, *Glaucidiaceae*, *Helleboraceae*, *Hydrastidaceae*, *Nigellaceae*, *Thalictraceae* e *Xanthorrhizaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 83).

As **Solanáceas** (*Solanaceae*), com **112** espécies, constituem outra das maiores famílias tradicionalmente cultivadas no Jardim Botânico de Coimbra. Importantes e famosas como plantas comestíveis (podemos citar o “pimentão”, “chili” ou “paprika”: *Capsicum annuum* L.; o tamarilho: *Solanum betaceum* Cavanilles [= *Cyphomandra betacea* (Cavanilles) Sendtner (basion.)]; a beringela: *Solanum melongena* L.; a pera-melão ou pera meloa: *Solanum muricatum* Aiton; o tomateiro: *Solanum lycopersicum* L. [Syn.: *Lycopersicon*

²⁹⁷ Medicina eclética foi uma expressão cunhada pelo grande botânico e físico Constantine Samuel Rafinesque-Schmaltz (1784-1840), francês nascido na Turquia, de ascendência francesa do lado paterno e alemã do lado materno, que para além de ter sido um botânico, historiador, linguista e naturalista extraordinário, viveu na Sicília –onde foi bem sucedido como comerciante– e, mais tarde, entre os nativos norte-americanos, na primeira metade do século XIX, tendo aprendido muito com o seu uso das plantas medicinais (MOSQUIN, 2012; WIKIPEDIA). O termo “eclético” foi escolhido por Rafinesque a partir da palavra grega “*eklego*”, que significa “escolher a partir de” (WIKIPEDIA). Lineu considerou a existência de 1440 géneros, enquanto que Rafinesque criou cerca de 2700 (!). Destes, apenas cerca de 50 a 60 são hoje admitidos como válidos, mas se o princípio da prioridade se aplicasse na prática com rigor –em vez dos actualmente tão comuns “*nomina conservanda*”– os géneros de Rafinesque válidos seriam pelo menos 160 (MOSQUIN, 2012: 7). A nível específico, a produtividade de Rafinesque foi ainda mais extraordinária: 6700 espécies –das quais hoje em dia apenas se aceitam um pouco menos de 300–, enquanto que o grande Lineu produziu quase 9000 binómios específicos (MOSQUIN, l.c.).

lycopersicum (L.) Karsten ex Farwell, actualmente considerado *nom. rej.*; *Lycopersicon esculentum* Miller]; e a batateira: *Solanum tuberosum* L.), medicinais, ornamentais (*Cestrum parqui* L'Héritier e *Petunia × hybrida* (Hooker) Vilmorin, por exemplo) e venenosas (por exemplo *Datura stramonium* L., entre muitas outras), são uma das famílias mais apreciadas, sobretudo pela sua grande utilidade na alimentação animal e humana. Actualmente não restam muitas nas Escolas de Sistemática –podemos no entanto destacar a presença de algumas espécies cultivadas (*Capsicum annuum* L., entre outras), espontâneas –por exemplo a “erva-moura” ou “arrebenta-bois”: *Solanum nigrum* L. subsp. *nigrum*, que é tão frequente em Portugal (cf. ARAÚJO & al., 2014aj) –, e até subespontâneas, naturalizadas e, por vezes, invasoras (MARCHANTE & al., 2009): *Cestrum parqui* L'Héritier, *Datura stramonium* L. –uma erva ruderal tão comum em Portugal (ALMEIDA & al., 2014ag)–, a sul-americana *Nicotiana glauca* R.C. Graham [uma planta exótica, outrora cultivada na Jardim, que se encontra naturalizada em vários pontos de Portugal, sobretudo no Centro e Sul (CLAMOTE & al., 2014b)], *Physalis ixocarpa* Brotero ex Hornemann, *Salpichroa origanifolia* (Lamarck) Baillon [= *Physalis origanifolia* Lamarck (basiônimo)], *Solanum chenopodioides* Lamarck, *Solanum Linnaeanum* Hepper & Jaeger [Syn.: *Solanum sodomaeum* L.] e *Solanum mauritianum* Scopoli.

Diversas Solanáceas, ricas em alcalóides, que se considera possuírem propriedades medicinais e também venenosas têm sido habitualmente cultivadas na Escola Médica, como por exemplo *Atropa belladonna* L., *Nicandra physalodes* (L.) Scopoli (= *Atropa physalodes* L. [basion.]), *Hyoscyamus niger* L., *Nicotiana Tabacum* L. (a “erva-santa” ou o famoso tabaco, cujos efeitos perniciosos na saúde humana têm sido tão discutidos e exaustivamente estudados), *Physalis Alkekengi* L. var. *Alkekengi*, entre diversas outras espécies desta vasta família.

As Solanáceas são uma família subcosmopolita constituída por cerca de 91 a 98 géneros e cerca de 2450 a 4000 espécies, a nível mundial, divididas pelas duas subfamílias *Browallioideae* e *Solanoideae* (MABBERLEY, 1997: 668-669; EDMONDS & HEYWOOD, 2007: 305-307; MABBERLEY, 2008: 803-804; WIKIPEDIA). O género *Solanum* L., um dos maiores do mundo, subcosmopolita, com cerca de 1250 a 1700 espécies, contribui com muitas das espécies da família, assim como com a maior parte da sua grande importância económica, pois inclui o tomate ou tomateiro (*Solanum Lycopersicum* L.), a batata ou batateira (*Solanum tuberosum* L.) –a quarta maior cultura do Mundo, depois do trigo, do arroz e do milho, com um valor total [em 1999] superior a 100 biliões de dólares por ano! (MABBERLEY, 1997: 670; MABBERLEY, 2008: 805)–, a beringela ou “aubergine” (*Solanum melongena* L.) (MABBERLEY, 2008: 804-806).

As Solanáceas são uma família famosa pela presença de variados e potentes alcalóides –que são compostos orgânicos nitrogenados que as plantas produzem como metabolitos secundários e que podem ter um efeito intenso nos animais que os consomem, mesmo se tomados em doses pequenas (WIKIPEDIA). Entre as Solanáceas, os alcalóides mais bem conhecidos são os tropanos. Estas substâncias têm sido usadas como venenos, mas também como medicamentos, com diversos objectivos. Os alcalóides mais conhecidos das plantas da família das Solanáceas são a atropina, a escopolamina, a hiosciamina e a nicotina, que se podem encontrar em espécies como *Atropa Belladonna* L. (a beladona), *Brugmansia arborea* (L.) Lagerheim [= *Datura arborea* L. (basiônimo)], *brugmansia*, *datura* arbórea ou trombetas do Diabo], *Datura Stramonium* L. (a datura, estramônio ou figueira do inferno), *Hyoscyamus albus* L. (o hioscímio branco), *Mandragora autumnalis* Bertoloni (a mandrágora de outono), *Nicotiana Tabacum* L. (o tabaco ou erva santa), *Physalis Alkekengi* L. (alquequenje ou fisális), *Solanum Dulcamara* L., a doce-amarga ou solano doce-amargo, relativamente comum em Portugal, onde se encontra sobretudo no Norte e Centro (ARAÚJO & al., 2014ai); e diversas outras (cf. BECKER, 1984; LAUNERT, 1989; TUNÓN & al., 1995: 61; WIKIPEDIA).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram noutros tempos, e por vários autores, consideradas como independentes: *Atropaceae*, *Browalliaceae*, *Cestraceae*, *Daturaceae*, *Duckeodendraceae*, *Goetzeaceae*, *Hyoscyamaceae*, *Lyciaceae*, *Nicotianaceae*, *Nolanaceae*, *Salpiglossidaceae* e *Sclerophylacaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 107-108).

As **Plantagináceas** (*Plantaginaceae*), com **103** espécies (mais de uma centena), segundo a sua definição actual (APG III, 2009), incluindo todas as **Calitricáceas** (*Callitrichaceae*) –representadas no Jardim Botânico de Coimbra pelo género *Callitriche* L.–, todas as **Globuláriáceas** (*Globulariaceae*) –representadas no Jardim Botânico de Coimbra pelo género *Globularia* L.– e muitas das antigas **Escrofuláriáceas** (*Scrophulariaceae*) como, por exemplo, todas as **Antirríneas** (tribo *Antirrhineae*) e todas as **Digitáneas** (tribo *Digitaleae*), incluindo as dedaleiras (género *Digitalis* L.) e as verónicas (género *Veronica* L.), são também uma grande família, tradicionalmente muito bem representada no Jardim Botânico, sobretudo nas Escolas de Sistemática (a larga maioria destas plantas encontra-se actualmente extinta no Jardim). Diversas Plantagináceas podem, contudo, encontrar-se espontâneas ou subespontâneas no Jardim como, por exemplo, *Antirrhinum linkianum* Boissier & Reuter, *Callitriche deflexa* A. Braun ex Hegelm. –uma espécie americana de *Callitriche* exclusivamente terrestre que em Portugal e na Península Ibérica se encontrou somente subespontânea em vasos com com diferentes espécies de *Narcissus* e *Ornithogalum* do Jardim Botânico de Coimbra! (SCHOTSMAN, 1961: 124; FRANCO, 1984: 137; GARCÍA MURILLO, 2010: 512-513)–, *Cymbalaria aequitriloba* (Viviani) A.

Chevallier [= *Antirrhinum aequitribulum* Viviani (basiônimo) = *Linaria aequitribula* (Viviani) Sprengel – planta de origem mediterrânica subspontânea extremamente rara em Portugal (cf. ALMEIDA & FREITAS, 2012: 233)]–, a bela e comumente naturalizada em muros e paredes, em quase todo o País (GÜEMES, 2009a: 211–212; ALMEIDA & al., 2014t) *Cymbalaria muralis* G. Gaertner, B. Meyer & Scherbius [= *Antirrhinum Cymbalaria* L.], *Kickxia spuria* (L.) Dumortier subsp. *integrifolia* (Brotero) R. Fernandes, *Misopates orontium* (L.) Rafinesque, os tão comuns em Portugal: *Plantago coronopus* L. subsp. *coronopus* (ALMEIDA & al., 2014n), *Plantago major* L. (ALMEIDA & al., 2014o), *Plantago lanceolata* L. –este endemismo eurasiático, norte-africano e macaronésico (MARHOLD, 2011o; KOZHEVNIKOVA & KOZHEVNIKOV, 2014a), tem sido considerado um indicador da presença de agricultura nos diagramas polínicos (HJELLE & al., 2006; WIKIPEDIA), já encontrado como invasor em diversos estados dos Estados Unidos (GRIN); *Plantago lanceolata* L. é também uma planta ornamental, forrageira e ruderal herbácea, de interesse apícola (BRANCO, 2000: 83), comestível e medicinal (LAUNERT, 1989: 172–173; MURAI & al., 1995; MARCHESAN & al., 1998; GONZÁLEZ & al., 2010: 349; BEARA & al., 2010; BEARA & al., 2012; WIKIPEDIA), espontânea e muito comum em Portugal (ARAÚJO & al., 2014i), sobretudo em sítios húmidos–; *Veronica anagallis-aquatica* L. [uma planta medicinal (KÜPELI & al., 2005; VOGL & al., 2013) espontânea no Jardim Botânico], *Veronica arvensis* L., *Veronica hederifolia* L., *Veronica peregrina* L., *Veronica persica* Poiret, *Veronica polita* Fries e até a rara *Veronica acinifolia* L.

De entre as diversas plantas medicinais pertencentes a esta família que têm sido cultivadas no Jardim Botânico de Coimbra –por exemplo na Escola Médica (cf. ALMEIDA & TAVARES, 1997; ALMEIDA & al., 2003; LAUNERT, 1989: 148–152, 172–174; TAVARES & al., 2009; ROZEMA & al. 2012)–, podemos citar as seguintes espécies: *Digitalis purpurea* L., *Linaria vulgaris* Miller, *Plantago afra* L., *Plantago arenaria* Waldstein & Kitaibel, *Plantago coronopus* L. subsp. *coronopus*, o já referido *Plantago lanceolata* L. (vernacularmente conhecido como carrajó, corriola, língua de ovelha, plantago, tanchagem, etc.), *Plantago major* L., *Plantago sempervirens* Crantz e *Veronica officinalis* L.

Entre as espécies que pertencem à actual família das Plantagináceas, para além das espécies medicinais já referidas acima, várias outras têm grande interesse como “crop wild relatives” ou como plantas ornamentais, nomeadamente as pertencentes aos seguintes géneros: *Antirrhinum* L., *Digitalis* L. e *Linaria* Miller (MAGOS BREHM, 2008: 347; MAGOS BREHM & al., 2008: 793), incluindo ainda algumas espécies que apresentam interesse apícola, por exemplo as do género *Plantago* L. (BRANCO, 2000: 83).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram noutros tempos, e por vários autores, consideradas como independentes, para além, evidentemente, das já referidas Calitricáceas e Globuláriáceas: *Antirrhinaceae*, *Aragoaceae*, *Chelonaceae*, *Digitalidaceae*, *Ellisiophyllaceae*, *Erinaceae*, *Gratiolaceae*, *Hippuridaceae*, *Linariaceae*, *Litorellaceae*, *Oxycladaceae*, *Psylliaceae*, *Sibthorpiaceae* e *Veronicaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 108–109).

As **Caprifoliáceas** (*Caprifoliaceae*), segundo a sua definição actual (APG III, 2009), incluindo todas as antigas **Dierviláceas** (*Diervillaceae*), **Dipsacáceas** (*Dipsacaceae*) e **Valerianáceas** (*Valerianaceae*), com **95** espécies, são, actualmente, outra das maiores famílias representadas no Jardim Botânico de Coimbra, incluindo muitas espécies cultivadas como ornamentais (géneros *Abelia* R. Brown, *Diervilla* Miller, *Kolkwitzia* Graebner, *Lonicera* L., *Symphoricarpos* Duhamel, *Weigela* Thunberg) e ainda diversas plantas medicinais, como *Valeriana officinalis* L. e ornamentais como *Centranthus ruber* (L.) DC. subsp. *ruber* (= *Valeriana rubra* L. [basion.]), assim como plantas de notável interesse apícola como as madressilvas –*Lonicera* sp. pl.– (BRANCO, 2000: 82), e ainda pequenas plantas ruderais como *Centranthus calcitrapae* (L.) Dufresne (= *Valeriana calcitrapae* L. [basion.]) e *Valerianella* sp. pl.

Convém notar, contudo, que das tradicionais **Caprifoliáceas** foram extraídos dois géneros particularmente importantes pelas suas espécies espontâneas ou cultivadas em Portugal –**Sambucus** Tournefort ex L.²⁹⁸ e **Viburnum** Tournefort ex L.–, tendo sido incorporados na antes pequena família das **Adoxáceas** (*Adoxaceae*) – na qual se incluem actualmente (como sinónimos) as seguintes três famílias que foram noutros tempos consideradas independentes: *Sambucaceae*, *Tinaceae* e *Viburnaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 112)–, de acordo com vários autores muito recentes: BELL & al. (2001: 481, 483), APGII (2003: 434), MABBERLEY (2008: 15) e APGIII (2009).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) diversas outras famílias que foram outrora consideradas como famílias independentes, para além, evidentemente, das já acima referidas Dierviláceas, Dipsacáceas e Valerianáceas: *Linnaeaceae*, *Loniceraceae*, *Morinaceae*, *Scabiosaceae* e *Triplotegiaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 112).

As **Mirtáceas** (*Myrtaceae*), com **88** espécies, são outra das grandes famílias presentes no Jardim Botânico de Coimbra. Incluem algumas importantes “crops” como os famosos eucaliptos (*Eucalyptus* sp. pl.), em Portugal

²⁹⁸ Algumas espécies de *Sambucus* (*S. ebulus* L. e *S. nigra* L.) têm sido utilizadas na confecção de escovas popularmente usadas (MORALES & al., 2011: 204).

tão extensamente cultivados e de tão grande importância económica, pela sua madeira –sobretudo para o fabrico da pasta de papel–, e também de interesse apícola (BRANCO, 2000: 83). Aparentemente, não existem Mirtáceas espontâneas ou subespontâneas no Jardim Botânico, mas podem-se encontrar numerosos exemplares cultivados –alguns de grande porte– desta grande família de plantas lenhosas e de compleição arbórea ou arbustiva (incluindo ainda algumas raras lianas ou fanerófitos escandentes), particularmente espécimes pertencentes aos géneros *Acca* O. Berg., *Callistemon* R. Brown, *Corymbia* K. Hill & L. Johnson, *Eucalyptus* L'Héritier, *Eugenia* L., *Leptospermum* J.R. Forster & G. Forster, *Melaleuca* L., *Metrosideros* Banks ex Gaertner, *Myrtus* L. e *Psidium* L.

Incluem-se actualmente nesta família (como sinónimos) diversas outras famílias que foram noutros tempos consideradas, por diversos autores, como famílias independentes: *Baeckeaceae*, *Chamelauciaceae*, *Eugeniaceae*, *Heteropyxidaceae*, *Kaniaceae*, *Leptospermaceae*, *Melaleucaceae*, *Myrrhiniaceae* e *Psiloxylaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 93-94).

As **Boragináceas** (*Boraginaceae*), com **77** espécies, de acordo com a sua definição actual (APG III, 2009), incluindo todas as antigas **Hidrofiláceas** (*Hydrophyllaceae*), são outra das maiores famílias representadas no Jardim Botânico de Coimbra.

Entre as Boragináceas cultivadas no Jardim Botânico incluem-se diversas espécies cultivadas como ornamentais: *Cynoglossum* sp. pl., *Echium* sp. pl., *Myosotis* sp. pl., *Phacelia* sp. pl. (o género *Phacelia* Jussieu pertencia à família *Hydrophyllaceae*); assim como algumas plantas medicinais (LAUNERT, 1989; BORGES & ALMEIDA, 1996; ARAÚJO & al., 2012; VOGL & al., 2013): *Borago officinalis* L., por exemplo –que poderá talvez ser espontânea no Jardim Botânico de Coimbra–, *Anchusa officinalis* L., *Echium candicans* L. f., *Echium plantagineum* L. (a soagem), *Echium rosulatum* Lange, *Lithospermum officinale* L. e *Symphytum officinale* L.

As Boragináceas são uma família subcosmopolita constituída por cerca de 130 a 150 géneros e cerca de 2300 a 2700 espécies, a nível mundial (CULHAM, 2007: 66-68; MABBERLEY, 2008: 142; WIKIPEDIA).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram noutros tempos, e por vários autores, consideradas como independentes, para além, evidentemente, das já referidas Hidrofiláceas: *Anchusaceae*, *Cerinthaceae*, *Codonaceae*, *Cordiaceae*, *Cynoglossaceae*, *Echiaceae*, *Ehretiaceae*, *Eutocaceae*, *Heliotropiaceae*, *Hoplostigmataceae*, *Lennoaceae*, *Onosmaceae*, *Sagoneaceae* e *Wellstediaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 106-107).

As **Euforbiáceas** (*Euphorbiaceae*), com **70** espécies, são outra das grandes famílias tradicionalmente presentes no Jardim Botânico de Coimbra. Esta família inclui diversas espécies espontâneas: por exemplo as tão comuns plantas ruderais anuais *Euphorbia helioscopia* L., *Euphorbia peplus* L. e *Mercurialis ambigua* L. f.; e subespontâneas (*Acalypha rhomboidea* Rafinesque, *Chamaesyce maculata* (L.) Small = *Euphorbia maculata* L. [basion.], *Chamaesyce nutans* (L.) Small = *Euphorbia nutans* L. [basion.], *Chamaesyce serpens* (Kunth) Small = *Euphorbia serpens* Kunth [basion.], *Euphorbia lathyris* L.) no Jardim, assim como várias outras espécies que são cultivadas como plantas alimentares: *Aleurites moluccana* (L.) Willdenow = *Jatropha moluccana* L. [basion.], *Manihot esculenta* Crantz (mandioca); medicinais –por vezes altamente venenosas como o rícino: *Ricinus communis* L. (MABBERLEY, 2008: 742)–, a *Mercurialis perennis* L., planta venenosa (SCHMEIL & FITSCHEN, 2009: 317) espontânea e rara em Portugal (Lourenço & al., 2014) e elemento euro-siberiano (RADCLIFFE-SMITH, 1982: 570) que ainda em 1997 era cultivada no Jardim; ou ainda como plantas ornamentais: por exemplo o belo arbusto tropical e subtropical que é o rícino (*Ricinus communis* L.), com as suas vistosas folhas e inflorescências avermelhadas e esverdeadas.

As Euforbiáceas são uma das maiores famílias de plantas vasculares, com distribuição cosmopolita e cerca de 229 a 250 géneros e 6300 a 6500 espécies, a nível mundial, já excluindo as Filantáceas (*Phyllanthaceae*), as Picrodendráceas (*Picrodendraceae*) e as Putranjiváceas (*Putranjivaceae*), de acordo com MABBERLEY (2008: 326), HOFFMANN (2007: 144-146) e outros autores (WIKIPEDIA).

O género *Euphorbia* L., um género cosmopolita com cerca de 2000 a 2008 espécies, é um dos maiores géneros do Mundo, talvez apenas ultrapassado pelo gigante género *Astragalus* L. –da família *Fabaceae* (= *Leguminosae*)–, que inclui cerca de 2500 espécies (MABBERLEY, 1997: 272; MABBERLEY, 2008: 77; MABBERLEY, 2008: 325; WIKIPEDIA).

Entre as diversas espécies ornamentais, medicinais e venenosas que fazem parte da família das Euforbiáceas, podemos citar as seguintes: *Croton tiglium* L., *Euphorbia cyparissias* L. (que foram já, em tempos, cultivadas no Jardim Botânico), *Mercurialis annua* L. (BORGES & ALMEIDA, 1996: 150), e o já citado acima *Ricinus communis* L. (BECKER, 1984; LAUNERT, 1989), planta de distribuição predominantemente tropical²⁹⁹ que se

²⁹⁹ Dado o seu carácter africano e tropical, não surpreende que esta planta ornamental arbustiva ou subarbustiva (nomes vernáculos: bafureira, carrapateiro, rícino) tenha sido uma das mais afectadas pela grande vaga de frio que ocorreu no Inverno de 1890 (HENRIQUES, 1891: 133).

encontra localmente naturalizada em Portugal, sobretudo nas proximidades do litoral, sempre a altitudes pouco elevadas (CLAMOTE & al., 2014d).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) diversas outras famílias que foram outrora consideradas: *Acalyphaceae*, *Bertyaceae*, *Cheilosaceae*, *Crotonaceae*, *Hippomanaceae*, *Mercurialaceae*, *Peraceae*, *Ricinaceae*, *Ricinocarpaceae*, *Tithymalaceae*, *Tragiaceae* e *Trewiaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 91).

As **Aizoáceas** (*Aizoaceae*) ou **Ficoidáceas** (*Ficoidaceae*), com **66** espécies, incluindo actualmente as antigas **Mesembriantemáceas** (*Mesembryanthemaceae*), constituem outra das maiores famílias tradicionalmente cultivadas no Jardim Botânico de Coimbra. Famosas como plantas ornamentais e de interior, são uma das famílias mais apreciadas, pela sua grande beleza –constituem também exemplos de verdadeira “alta costura” no reino vegetal! Actualmente já poucas restam nas Escolas de Sistemática, o que é pena, mas ainda se encontram diversas espécies no Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas e nos Viveiros, na orla superior da Mata.

Esta família é de origem predominantemente sul-africana e capense – oriunda dessa região florística de pequena área mas prodigiosamente rica – que possui cerca de 9000 espécies de plantas vasculares, das quais 69 % [= 6210] são endemismos exclusivos desse reino e província florísticos!³⁰⁰ Noutros tempos, as *Mesembryanthemaceae* consideravam-se segregadas das *Aizoaceae* (cf. HEYWOOD & al., 2007: 213-215), mas actualmente as *Mesembryanthemaceae* são usualmente incluídas no seio das *Aizoaceae* (APG II, 2003; APG III, 2009; MABBERLEY, 2008: 23, 540; TAKHTAJAN, 2009: 157).

A *Tetragonia tetragonoides* (Pallas) O. Kuntze [= *Demidovia tetragonoides* Pallas (basiónimo)], o chamado “espinafre da Nova Zelândia” é uma planta hortícola cultivada e já subespontânea entre nós, que se consome por vezes em saladas. Tem sido encontrada naturalizada em Portugal continental desde 1909, nas províncias do litoral, subespontânea em terrenos cultivados arenosos, valados, areias e arribas marítimas, de acordo com vários autores (COUTINHO, 1909: 146; COUTINHO, 1913: 195; COUTINHO, 1939: 235; ROTHMALER & PINTO DA SILVA, 1939: 381; SAMPAIO, 1947: 370; PINTO DA SILVA & RAINHA, 1956: 24; R. FERNANDES, 1956: 125; BARRETO, 1976: 172; TUTIN, 1993a: 137; R. FERNANDES, 1972b: 138; PINTO DA SILVA & al., 1989: 75; GONÇALVES, 1990a: 78).

Outra planta particularmente notável da família das Aizoáceas é o “bálsamo” ou “chorão”: *Carpobrotus edulis* (L.) N.E. Brown [= *Mesembryanthemum edule* L. (basiónimo)], um subarbusto ornamental e invasor, tão frequentemente “cultivado para simular arrelvados ou como fixador de dunas e taludes”³⁰¹ (FRANCO, 1971: 105-106; FERNANDES, 1972: 132; VASCONCELLOS, 1974: 28-29; PINTO DA SILVA & al., 1989: 21). Esta planta perene subarbusativa suculenta de origem sul-africana –que se encontra subespontânea em Portugal continental há mais de cem anos, pois foi assinalada pela primeira vez entre nós em 1913–, é uma das invasoras mais perigosas para a nossa flora nativa e endémica das zonas costeiras; possui também propriedades medicinais ou balsâmicas –daí ser também designada por “bálsamo”– e é considerada comestível: “*edulis*” (COUTINHO, 1913: 196; COUTINHO, 1939: 236; SAMPAIO, 1947: 370; FRANCO, 1971: 106; FERNANDES, 1972c: 132; PINTO DA SILVA, 1972: 298; VASCONCELLOS, 1974: 28-29; GONÇALVES, 1990b: 84; TUTIN & al., 1993: 135; MABBERLEY, 1997: 129; GREUTER, 2002: 23; MABBERLEY, 2008: 154; WIKIPEDIA).

As Aizoáceas são uma família notável de plantas ornamentais, com cerca de 127 ou 128 géneros e 1850 a 1860 espécies, a nível mundial, que se distribuem pelas seguintes quatro ou cinco (consoante os autores) subfamílias: *Aizooideae* [incluindo a antiga família *Tetragoniaceae* (Tetragoniáceas) ou subfamília *Tetragonioideae* (Tetragonióideas)], *Mesembryanthemoideae* [a família *Mesembryanthemaceae* (Mesembriantemáceas), como independente das *Aizoaceae*, tem sido reconhecida por diversos autores (por exemplo CULHAM, 2007f: 27-28; ROWLEY & CULHAM, 2007: 213-215)], *Ruschioideae* e *Sesuvioideae* (MABBERLEY, 1997: 19-20; ROWLEY & CULHAM, l.c.; MABBERLEY, 2008: 284; TAKHTAJAN, 2009: 137-138; WIKIPEDIA).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram noutros tempos, e por vários autores, consideradas como independentes, para além, evidentemente, das já referidas Mesembriantemáceas: *Galeniaceae*, *Mesembryaceae*, *Sesuviaceae* e *Tetragoniaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 101).

As **Apocináceas** (*Apocynaceae*), com **63** espécies, segundo a sua definição actual (ENDRESS & BRUYNS, 2000; ENDRESS & STEVENS, 2001; GOYDER, 2007a: 38-40; MABBERLEY, 2008: 56-57, 72, 648; APG III, 2009), incluindo todas as antigas **Asclepiadáceas** (*Asclepiadaceae*) e **Periplocáceas** (*Periplocaceae*), são, actualmente, outra das grandes famílias representadas no Jardim Botânico de Coimbra.

³⁰⁰ cf. WIKIPEDIA, http://en.wikipedia.org/wiki/Cape_Floristic_Region.

³⁰¹ Esta planta suculenta tem sido também usada para fazer barreiras de protecção contra o fogo, por exemplo na Califórnia, onde os incêndios têm sido tão frequentes e perigosos (WIKIPEDIA); Na Califórnia, famosa pelo seu ameno clima mediterrânico (semelhante ao nosso, e igualmente próprio para a cultura da videira ou vinha, *Vitis vinifera* L.), *Carpobrotus edulis* é considerada uma planta invasora extremamente perigosa (AU, 2000).

As Apocináceas incluem muitas espécies cultivadas como plantas ornamentais, medicinais e venenosas: *Acokanthera oblongifolia* (Hochstetter) Codd [= *Carissa oblongifolia* Hochstetter, *basion.*], *Apocynum androsaemifolium* L., *Apocynum cannabinum* L., *Apocynum venetum* L., *Araujia sericifera* Brotero [uma curiosa trepadeira exótica sul-americana que já se encontra há mais de meio século subespontânea em Portugal (PINTO DA SILVA & RAINHA, 1971: 17)], a espinhosa *Carissa bispinosa* (L.) Desfontaines ex Brennan, *Catharanthus roseus* (L.) G. Don [= *Vinca rosea* L., *basion.*], *Mandevilla suaveolens* Lindley, o tão comum e tão tóxico loendro ou oleandro *Nerium oleander* L., *Thevetia peruviana* (Persoon) K. Schumann [= *Cerbera peruviana* Persoon, a “noz de cobra” ou “chapéu de Napoleão” (!)], *Vinca major* L. [“congossa” ou “pervinca”, uma planta espontânea ou subespontânea e não rara entre nós (MOLLER, 1882: 173; COUTINHO, 1913: 485; COUTINHO, 1939: 577; SAMPAIO, 1947: 456; PINTO DA SILVA & FONTES, 1951: 83; PAIVA, 1962: 46; FRANCO, 1984: 62; ALMEIDA, 2006: 91-92)], *Vinca minor* L. [outra “congossa” ou “pervinca”, uma planta medicinal (BECKER, 1984: 202; LAUNERT, 1989: 136), muito raramente espontânea ou eventualmente assilvestrada em Portugal (COUTINHO, 1913: 485; COUTINHO, 1939: 577; SAMPAIO, 1947: 457; STEARN, 1972: 69; AGUIAR, 2000: 81)].

Muitas outras espécies ornamentais pertencentes aos géneros *Asclepias* L., *Caralluma* R. Brown, *Ceropegia* L., *Gomphocarpus* R. Brown, *Orbea* Haworth e *Stapelia* L. têm sido também cultivadas no Jardim; e surgem ainda as espécies autóctones ou nativas *Vinca difformis* Pourret, *Vincetoxicum hirundinaria* Medikus subsp. *lusitanicum* Markgraf e *Vincetoxicum nigrum* (L.) Moench [= *Asclepias nigra* L. (*basiônimo*)].

As Apocináceas (*Apocynaceae*), incluindo as Asclepiadáceas (*Asclepiadaceae*), são uma das maiores famílias de angiospérmicas, de distribuição pantropical e subtropical, subcosmopolita, com cerca de 380 a 480 géneros e 4700 a 6000 espécies (muitas delas medicinais e tóxicas, incluindo diversos alcalóides), a nível mundial, que se distribuem pelas seguintes subfamílias: *Apocynoideae*, *Asclepiadoideae*, *Periplocoideae*, *Rauvolfioideae* e *Secamonoideae* (MABBERLEY, 1997: 47, 59-60; GOYDER, 2007: 38-40; MABBERLEY, 2007: 56-57; WIKIPEDIA).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram noutros tempos, e por vários autores, consideradas como independentes, para além, evidentemente, das já referidas Asclepiadáceas e Periplocáceas: *Carissaceae*, *Cerberaceae*, *Cynanchaceae*, *Ophioxylaceae*, *Pacouriaceae*, *Plumeriaceae*, *Stapeliaceae*, *Vincaceae* e *Willughbeiaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 105-106; WIKIPEDIA).

As **Amarantáceas** (*Amaranthaceae*), com **60** espécies, incluindo actualmente as antigas **Quenopodiáceas** (*Chenopodiaceae*), são outra família importante tradicionalmente cultivada no Jardim Botânico de Coimbra. Esta família inclui diversas plantas ornamentais (CULHAM, 2007d: 29) – por exemplo *Achyranthes aspera* L., *Amaranthus caudatus* L., *Amaranthus cruentus* L., *Amaranthus tricolor* L., *Celosia argentea* L., *Gomphrena albiflora* Moquin-Tandon e *Gomphrena globosa* L.), assim como algumas espécies comestíveis importantes: a beterraba alimaentar: *Beta vulgaris* L.; o espinafre arbóreo: *Chenopodium giganteum* D. Don; a quinoa: *Chenopodium quinoa* Willdenow; e o espinafre: *Spinacia oleracea* L. Outras têm sido consideradas aromáticas e medicinais: *Chenopodium ambrosioides* L., por exemplo. Algumas plantas desta família podem-se encontrar espontâneas ou subespontâneas no Jardim Botânico de Coimbra, sobretudo como plantas ruderais: *Amaranthus deflexus* L. e *Amaranthus hybridus* L. (plantas ruderais subespontâneas e naturalizadas comumente entre nós) e ainda a autóctone e vulgar (de Lineu) *Chenopodium album* L.

As Amarantáceas (*Amaranthaceae*) são uma família cosmopolita de plantas vasculares, com cerca de 173 a 180 géneros e 2000 a 2600 espécies, a nível mundial, já incluindo as Quenopodiáceas (*Chenopodiaceae*), de acordo com MABBERLEY (2008: 326), HOFFMANN (2007: 144-146), e outros autores (TAKHTAJAN, 2009: 142; WIKIPEDIA). Considera-se actualmente que são formadas pelas seguintes nove subfamílias: *Amaranthoideae*, *Betoideae*, *Camphorosmoideae*, *Chenopodioideae*, *Corispermioideae*, *Gomphrenoideae*, *Polycnemoideae*, *Salicornioideae*, *Salsoloideae* e *Suaedeoideae* (MABBERLEY, 1997: 29, 149; MABBERLEY, 2008: 34; WIKIPEDIA).

Esta família inclui algumas plantas cultivadas importantes como por exemplo a beterraba (*Beta vulgaris* L.) e o espinafre verdadeiro (*Spinacia oleracea* L.), assim como outras espécies que possuem algum interesse alimentar ou medicinal: *Amaranthus* sp. pl., *Atriplex hortensis* L., *Atriplex hastata* L., *Atriplex patula* L., *Chenopodium album* L., *Chenopodium bonus-henricus* L., *Chenopodium quinoa* Willdenow, o endemismo sul-americano *Chenopodium pallidicaule* Aellen, *Cornulaca monacantha* Delile –importante como forragem sobretudo para os camelídeos do Norte de África e da Arábia (MABBERLEY, 1997: 184; CULHAM, 2007e: 97; MABBERLEY, 2008: 218; WIKIPEDIA)–, *Dysphania ambrosioides* (L.) Mosyakin & Clemants [= *Chenopodium ambrosioides* L. (*basiônimo*)], *Dysphania anthelmintica* (L.) Mosyakin & Clemants [= *Chenopodium anthelminticum* L. (*basiônimo*)] (LAUNERT, 1989: 44; CULHAM, 2007e: 97; IPNI; WIKIPEDIA).

Entre os usos populares de algumas espécies desta família –*Bassia scoparia* (L.) Voss subsp. *scoparia* [= *Chenopodium scoparium* L. (*basiônimo*) = *Kochia scoparia* (L.) Schrader] e *Salsola* sp. – inclui-se a confecção de escovas (MORALES & al., 2011: 204).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram noutros tempos consideradas como independentes: *Achyranthaceae*, *Atriplicaceae*, *Betaceae*, *Blitaceae*, *Celosiaceae*, *Deeringiaceae*, *Dysphaniaceae*, *Gomphrenaceae*, *Microteaceae*, *Polycnemaceae*, *Salicorniaceae*, *Salsolaceae* e *Spinaciaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 100-101).

As **Escrofulariáceas** (*Scrophulariaceae*), com **54** espécies, são outra das famílias cultivadas no Jardim Botânico de Coimbra tradicionalmente mais importantes, incluindo na sua circunscrição actual as antigas **Budleiáceas** (*Buddlejaceae*) e **Mioporáceas** (*Myoporaceae*). Conhecidas sobretudo como plantas ornamentais e medicinais, encontram-se, contudo, actualmente muito reduzidas na sua dimensão familiar, pois foram-lhe por exemplo, e entre outras, subtraídas as seguintes tribos: **Antirrhineae** (Antirríneas) –que passaram para as Plantagináceas–; **Calceolariae** (que actualmente constituem a família independente *Calceolariaceae*, constituída pelos géneros *Calceolaria* L. e *Jovellana* Ruiz & Pavón); **Gratiolae**, que passaram para as Plantagináceas; **Linderniae** (que actualmente constituem a família independente *Linderniaceae*, de distribuição sobretudo neotropical); **Mimuleae** (incluindo, entre outros, os géneros *Mazus* Loureiro, *Mimulus* L. e *Leucocarpus* D. Don), que passaram para as anteriormente monotípicas *Phrymaceae*; **Paulowniae** (que actualmente constituem a família independente *Paulowniaceae*, constituída pelos géneros *Brandisia* Hooker fil. & Thomson, *Paulownia* Siebold & Zuccarini e *Wightia* Wallich); e **Rhinantheae** (Rinântes) ou a subfamília **Rhinanthoideae** (Rinantóideas) –que foram transferidas para as vizinhas Orobancáceas–, por razões de ordem filogenética e taxonómica (APG II, 2003; APG III, 2009; BEARDSLEY & OLMSTEAD, 2002; OLMSTEAD, 2005; OLMSTEAD & al., 2001; MABBERLEY, 1997; MABBERLEY, 2008: 784; WIKIPEDIA).

Têm sido uma das famílias mais apreciadas, pela sua grande beleza. Actualmente já não restam muitas espécies de Escrofulariáceas nas Escolas de Sistemática –devemos contudo destacar a presença de algumas espécies ornamentais *Alonsoa meridionalis* (L. f.) Kuntze, *Buddleja Davidii* Franch. e *Myoporum laetum* G. Forster –tão usada na constituição de sebes–, por exemplo) e até medicinais: por exemplo *Scrophularia nodosa* L. e *Verbascum densiflorum* Bertoloni (cf. LAUNERT, 1989: 148-150).

Entre as espécies que pertencem à actual família das Escrofulariáceas, para além das espécies medicinais e ornamentais já referidas acima, várias outras têm grande interesse como “*crop wild relatives*” ou como plantas ornamentais e medicinais, nomeadamente as pertencentes aos seguintes géneros: *Scrophularia* L. e *Verbascum* L. (MAGOS BREHM & al., 2008: 793).

Verbascum levanticum I.K. Ferguson é uma das Escrofulariáceas mais notáveis que existem em Portugal, pois em toda a Europa só se encontra em Coimbra, numa área muito restrita à volta do Aqueduto (quinhentista) de S. Sebastião: naturalizado no Centro de Portugal (FERGUSON, 1972: 209; HUBER-MORATH, 1978: 487), encontrado fugido de cultura nos arredores do Jardim Botânico de Coimbra nos fins do século XIX (MARIZ, 1907: 50; FRANCO, 1984: 214).

As Escrofulariáceas, na sua actual versão (APG II, 2003; APG III, 2009) –consideravelmente reduzida–, são formadas por 54 géneros e cerca de 1800 espécies (MABBERLEY, 2008: 784), menos de um terço dos cerca de 269 a 300 géneros e cerca de 5100 a 5800 espécies que outrora integravam esta família, então inteiramente cosmopolita (BRUMMITT, 2007: 300), e que se distribuíam por três subfamílias: *Rhinanthoideae*, *Scrophularioideae* e *Verbascoideae* (MABBERLEY, 1997: 652).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram noutros tempos, e por vários autores, consideradas como independentes, para além, evidentemente, das já referidas Budleiáceas e Mioporáceas: *Bontiaceae*, *Caprariaceae*, *Hebenstretiaceae*, *Hemimeridaceae*, *Limosellaceae*, *Oftiaceae*, *Selaginaceae* e *Verbasceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 109).

As **Rubiáceas** (*Rubiaceae*), com **54** espécies, são outra das grandes famílias presentes no Jardim Botânico de Coimbra. Incluem algumas importantes “*crops*” – pensemos por ex. no café e nos cafeeiros (*Coffea* sp. pl.), que possuem um grande interesse económico. Algumas Rubiáceas são espontâneas no Jardim Botânico: por exemplo a *Rubia peregrina* L., uma planta trepadeira comum na Mata e comum em Portugal (ARAÚJO & al., 2014j)–, parente da conhecida planta tintorial ou tintureira e medicinal planta perene *Rubia tinctorum* L. (LAUNERT, 1989: 178-179) –que é tradicionalmente cultivada na Escola Médica– e ainda diversas espécies de *Galium*, entre as quais se podem destacar o medicinal *Galium aparine* L. (LAUNERT, 1989: 176; BORGES & ALMEIDA, 1996: 149) –o tão conhecido e vulgar “amor do hortelão” (PORTELA-PEREIRA & al., 2014c)–, e os pequenos e discretos *Galium murale* (L.) Allioni [= *Sherardia muralis* L. (basiónimo), planta ruderal herbácea anual, espontânea e comum em Portugal (ALMEIDA & al., 2014h)] e *Galium parisiense* L. –o igualmente frequente “gálio parisiense”, “gálio parisino”, “gálio luteciano”, “gálio de Lutécia” ou “gálio de Paris” (PORTO & al., 2014l), o pouco comum *Galium mollugo* L. subsp. *mollugo*, indiferente edáfico, próprio de margens de cursos de água, carvalhais, sebes e muros (ORTEGA OLIVENCIA & DEVESA, 2007; PORTELA-PEREIRA & al., 2014), assim como a comum planta ruderal *Sherardia arvensis* L., tão frequente entre nós (ARAÚJO & al. 2014k).

As Rubiáceas, uma família de distribuição predominantemente tropical e subtropical (DAVIS & BRIDSON, 2007: 284), são a quarta maior família de plantas vasculares, com cerca de 563 a 630 géneros e 10200 a 13150 espécies, em todo o Mundo, distribuídas pelas seguintes quatro subfamílias: *Antirheoideae*, *Cinchonoideae*, *Ixoroideae* e *Rubioideae* (MABBERLEY, 1997: 624-626; DAVIS & BRIDSON, l.c.; MABBERLEY, 2008: 750-752; FIGUEIREDO & SMITH, 2010; WIKIPEDIA).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram noutros tempos, e por vários autores, consideradas como independentes: *Aparinaceae*, *Asperulaceae*, *Catesbaeaceae*, *Cephalanthaceae*, *Cinchonaceae*, *Coffeaceae*, *Coutareaceae*, *Dialypetalanthaceae*, *Galiaceae*, *Gardeniaceae*, *Guettardaceae*, *Hameliaceae*, *Hedyotidaceae*, *Henriqueziaceae*, *Houstoniaceae*, *Hydrophylacaceae*, *Lippayaceae*, *Lygodisodeaceae*, *Naucleaceae*, *Nonateliaceae*, *Operculariaceae*, *Pagamaeaceae*, *Psychotriaceae*, *Randiaceae*, *Sabiceaceae*, *Spermacoceaceae* e *Theligonaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 105-106).

As **Papaveráceas** (*Papaveraceae*), com **50** espécies, segundo a sua definição actual (APG III, 2009), incluindo todas as **Fumariáceas** (*Fumariaceae*) –que são actualmente consideradas pela maioria dos autores como a subfamília **Fumarioideae** (MABBERLEY, 2008: 628; APG III, 2009; REVEAL & CHASE, 2011)–, constituem outra das maiores famílias tradicionalmente cultivadas no Jardim Botânico de Coimbra. Bastante afamadas como plantas ornamentais, são outra das famílias mais apreciadas, pela sua grande beleza –tendo já sido consideradas como exemplos de verdadeira “alta costura” no reino das plantas! Actualmente ainda restam algumas nas Escolas de Sistemática –devemos destacar a presença de algumas papoilas (*Eschscholzia californica* Chamisso –a bela papoila da Califórnia, a flor oficial simbólica do Estado da Califórnia (WIKIPEDIA), subespontânea e pouco comum em Portugal (PAIVA, 1986: 425; ALMEIDA & al., 2014f)–, *Papaver rhoeas* L., uma planta ornamental e ruderal espontânea tão frequente em Portugal (ALMEIDA & al., 2014g); e diversas fumárias e outras espécies ruderais espontâneas (*Chelidonium majus* L., *Fumaria capreolata* L., *Fumaria muralis* Sonder ex Koch –uma planta ruderal tão comum em Portugal (ALMEIDA & al., 2014f)–, *Platycapnos spicatus* (L.) Bernhadi [= *Fumaria spicata* L. (basiónimo), um endemismo eurasiático e norte-africano pouco comum em Portugal (ARAÚJO & al., 2014h)], por exemplo); assim como algumas plantas medicinais ainda cultivadas na Escola Médica como por exemplo *Chelidonium majus* L. var. *majus*, *Fumaria officinalis* L., *Papaver rhoeas* L. e *Papaver somniferum* L. subsp. *somniferum*.

As Papaveráceas incluem diversas espécies ornamentais, medicinais e venenosas, entre as quais podemos citar as seguintes: a medicinal e ruderal *Chelidonium majus* L. (LAUNERT, 1989: 26), um elemento euro-siberiano (CULLEN, 1965b: 214), tão frequente em Portugal, sobretudo no Norte e Centro (ARAÚJO, 2014f), espontâneo e comum no Jardim Botânico; a efémera e euro-siberiana medicinal *Corydalis cava* (L.) Schweigger & Körte subsp. *cava* (BECKER, 1984: 76-77; LAUNERT, 1989: 26-27) [= *Fumaria bulbosa* L. var. *cava* L. (basiónimo)], uma planta espontânea e tão rara em Portugal, onde é exclusivamente endémica da prodigiosa Serra de Nogueira ou de Rebordãos (FRANCO, 1971: 190; AGUIAR, 2000; AGUIAR & ALMEIDA, 2014)]; ou a tão comum erva ruderal, ornamental e medicinal *Papaver rhoeas* L., a vistosa papoila brava de flores vermelhas (LAUNERT, 1989: 26-27; ALMEIDA & al., 2014g).

As Papaveráceas são constituídas por cerca de 41 a 44 géneros e cerca de 760-820 espécies, a nível mundial (CULHAM, 2007: 242; MABBERLEY, 2008: 628; WIKIPEDIA).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram noutros tempos, e por vários autores, consideradas como independentes, para além, evidentemente, das já acima referidas Fumariáceas: *Chelidoniaceae*, *Eschscholziaceae*, *Hypecoaceae*, *Platystemonaceae* e *Pteridophyllaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 83).

TAKHTAJAN (2009: xxxviii; 134-136), considera como famílias autónomas, dentro da ordem *Papaverales*, as seguintes: *Fumariaceae*, *Hypecoaceae*, *Papaveraceae* e *Pteridophyllaceae*, incluindo dentro das *Papaveraceae* as subfamílias *Chelidonioideae*, *Eschscholzioideae*, *Papaveroideae* e *Platystemonoideae*.

As **Campanuláceas** (*Campanulaceae*), com **49** espécies, incluindo numerosas espécies cultivadas como ornamentais (*Campanula* sp. pl., sobretudo), constituem outra família importante tradicionalmente cultivada no Jardim Botânico de Coimbra. Famosas como plantas ornamentais, de exterior e de interior, são uma família bastante apreciada, pela beleza das suas flores, habitualmente azuis ou violáceas, que atingem por vezes grandes dimensões. Existem também algumas espécies espontâneas no Jardim, entre as quais não podemos deixar de citar as seguintes: a comum em Portugal (ALMEIDA & al., 2014y) *Jasione montana* L. subsp. *montana* (a “jasione vulgar de Lineu”)³⁰²; o comum (localmente) *Trachelium caeruleum* L. subsp. *caeruleum* (vernacularmente conhecido pelos curiosos nomes “alfinetes”, “disparates” ou “mil-amores” – devido à grande

³⁰² O género *Jasione* L. estabelece a transição entre as Campanuláceas típicas (género *Campanula*) e a família das Compostas, em relação ao mecanismo floral (WILLIS, 1931, cit. por PINTO DA SILVA, 1983). A *Jasione montana* L. é uma planta ornamental herbácea anual ou vivaz, que inclui uma habilidade genética e morfológica considerável (RUBIDO-BARÁ & al., 2010), de distribuição predominantemente atlântica, que ocorre nas “pastagens magras dos pousios próprios dos solos arenosos e ácidos” ou como planta fissurícola em muros e solos pedregosos e esqueléticos (PINTO DA SILVA, 1983)

abundância de estreitas e longas flores tubulosas que constituem as suas inflorescências de floração tardia, tão comuns no Verão e no Outono), mas de ocorrência pouco frequente em Portugal (ALMEIDA & al., 2014z), que surge espontâneo com frequência nos diversos muros e paredes calcários do Jardim; a discreta *Campanula erinus* L., pequena planta anual comum (ALMEIDA & al., 2014aa) que também surge nos interstícios dos muros calcários do Jardim, frequente na Primavera e no Verão; ou ainda a conhecida “rampion”, rapúnzio, rapúnzulo ou campânula rapuncial ou rapuncular: *Campanula Rapunculus* L., outra planta relativamente comum em Portugal (ALMEIDA & al., 2014ab). Também a bela *Campanula lusitanica* L., a campânula de Portugal, campânula lusitana ou campânula portuguesa, uma planta bastante comum entre nós (ARAÚJO & al., 2014ae), já foi outrora cultivada no Jardim.

As **Campanuláceas** são constituídas por cerca de 90 géneros e 2550 espécies, a nível mundial (BRUMMITT, 2007c: 82; WIKIPEDIA).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram noutros tempos, e por vários autores, consideradas como independentes: *Cyananthaceae*, *Cyphiaceae*, *Cyphocarpaceae*, *Dortmannaceae*, *Jasionaceae*, *Lobeliaceae* e *Nemacladaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 111).

As **Oleáceas** (*Oleaceae*), com 46 espécies, são outra das grandes famílias presentes no Jardim Botânico de Coimbra. Incluem algumas importantes “crops” – pensemos por ex. na oliveira [*Olea europaea* L.], essa extraordinária árvore de transcendente importância alimentar, cultural, económica e medicinal (CLAUDINO, 2001: 46; PROENÇA DA CUNHA & al., 2010: 192), em toda a vasta e rica Região Mediterrânica!

É provável que existam Oleáceas espontâneas no Jardim Botânico de Coimbra: o freixo, *Fraxinus angustifolia* Vahl, *Jasminum fruticans* L., *Olea europaea* L. var. *sylvestris* (Miller) Lehr [= *Olea sylvestris* Miller, *basion.*] –o zambujeiro ou oliveira brava– e *Phillyrea latifolia* L., o aderno. Diversas árvores ou arbustos pertencentes à família das Oleáceas são cultivados como ornamentais em Portugal, sobretudo em jardins: diversas espécies pertencentes aos géneros *Fraxinus* L., *Forsythia* Vahl [incluindo, por exemplo, a ornamental e medicinal *Forsythia suspensa* (Thunberg) Vahl [= *Ligustrum suspensum* Thunberg (*basiônimo*)] (ROZEMA & al., 2012)], *Jasminum* L., *Ligustrum* L., *Olea* L., *Osmanthus* Lour., *Phillyrea* L., *Syringa vulgaris* L. (lilás ou lilaseiro) e ainda outras espécies deste e de outros géneros.

As Oleáceas são constituídas por cerca de 24-25 géneros e 600 a 800 espécies, a nível mundial (BRUMMITT & GREEN, 2007: 234-235; MABBERLEY, 2008: 598; WIKIPEDIA).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram noutros tempos, e por vários autores, consideradas como independentes: *Bolivariaceae*, *Forestieraceae*, *Fraxinaceae*, *Jasminaceae*, *Ligustraceae*, *Nyctanthaceae*, *Schreberaceae* e *Syringaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 108).

As **Poligonáceas** (*Polygonaceae*), com 45 espécies, são outra família importante tradicionalmente cultivada no Jardim Botânico de Coimbra. Esta família inclui algumas plantas alimentares, medicinais (LAUNERT, 1989: 112-117; DERAKHSHANI & al., 2012) e ornamentais –por exemplo as ornamentais *Eriogonum* sp. pl., *Muehlenbeckia complexa* (A. Cunningham) Meissner [= *Polygonum complexum* A. Cunningham (*basiônimo*)] e *Muehlenbeckia platyclada* (F. Mueller) Meissner [= *Polygonum platycladum* F. Mueller (*basiônimo*)]. Entre as Poligonáceas que têm sido usadas como plantas alimentares, têm sido cultivadas no Jardim Botânico de Coimbra por exemplo as “azedas”: *Rumex acetosa* L.; e a “corriola bastarda”: *Fallopia convolvulus* (L.) Á. Löve [= *Polygonum convolvulus* L. (*basiônimo*)]. Das plantas medicinais desta família que têm sido cultivadas ou encontradas espontâneas no Jardim Botânico de Coimbra podemos citar as seguintes espécies: a medicinal (LAUNERT, 1989: 114-115) –e tão comum em Portugal (PORTELA-PEREIRA & al., 2014k)– erva pessegueira ou persicária *Persicaria maculosa* S.F. Gray [syn.: *Polygonum persicaria* L., *Persicaria vulgaris* Hill]³⁰³; *Polygonum aviculare* L. –o tão comum (ALMEIDA & al., 2014af) polígono ruderal ou erva dos nós, que é também uma afamada planta medicinal (LAUNERT, 1989: 112-113; TUNÓN & al., 1995: 61; DERAKHSHANI & al., 2012)–, *Rheum officinale* Baillon –o ruibarbo chinês, outra conhecida planta medicinal (TAVARES & al., 2009; PROENÇA DA CUNHA & al., 2010: 313), *Rheum palmatum* L. –outra espécie asiática reconhecida como medicinal, sendo usados as suas raízes e os seus rizomas (LAUNERT, 1989: 256; BAO & GRABOWSKAYA-BORODINA, 2003; PROENÇA DA CUNHA & al., 2010: 313)–, e ainda outras espécies do género *Rheum* L.; *Rumex acetosa* L. subsp. *acetosa* –uma azeda ou erva azeda, como o nome indica, comestível e medicinal (LAUNERT, 1989: 116), bastante comum em Portugal, sobretudo nas províncias do Norte e Centro (muito raramente cultivada em Portugal, que não parece encontrar-se actualmente naturalizada em Portugal ou na Península Ibérica (LÓPEZ GONZÁLEZ, 1990b: 607-609); LOURENÇO & al., 2014g); e ainda outras espécies como por

³⁰³ O género *Persicaria* (L.) Mill. é actualmente considerado independente do género *Polygonum* L. por um grande número de autores (por ex.: HARALDSON, 1978; GREUTER & BURDET, 1989; MABBERLEY, 1997: 543; MABBERLEY, 2008: 649; GALASSO & al., 2009; SÁNCHEZ & al., 2011; VERLOOVE, 2013: 21). Estes dois géneros (*Persicaria* e *Polygonum*) têm vindo aliás a ser considerados como pertencentes a duas tribos diferentes dentro da família *Polygonaceae*: *Persicariae* e *Polygoneae* (RONSE DECRAENE & al., 2000; KIM & DONOGHUE, 2008; SÁNCHEZ & KRON, 2008).

exemplo *Rumex patientia* L., uma espécie hortense raramente cultivada entre nós, que não parece encontrar-se actualmente naturalizada em Portugal ou na Península Ibérica (LÓPEZ GONZÁLEZ, 1990b: 595).

Algumas plantas desta família podem ainda encontrar-se espontâneas ou subespontâneas no Jardim Botânico de Coimbra, sobretudo como plantas ruderais: *Fallopia convolvulus* (L.) Á. Löve, *Persicaria capitata* (Buch.-Hamilton ex D. Don) H. Gross [= *Polygonum capitatum* Buchanan-Hamilton ex D. Don (basiónimo)], *Polygonum aviculare* L., *Polygonum arenastrum* Boreau var. *microspermum* (Jordan ex Boreau) Franco e Rocha Afonso [= *Polygonum microspermum* Jordan ex Boreau (basiónimo)] –outra planta que é relativamente comum em Portugal, podendo encontrar-se sobretudo no Norte e Centro (cf. ALMEIDA & al., 2014a)], e diversas espécies do género *Rumex* L. (plantas vernacularmente conhecidas como azedas ou labacas): *Rumex bucephalophorus* L. subsp. *gallicus* (Steinheil) Rechinger fil. [= *Rumex bucephalophorus* L. var. *gallicus* Steinheil (basiónimo)], *Rumex conglomeratus* Murray e *Rumex pulcher* L. subsp. *woodsii* (De Notaris) Arcangeli [= *Rumex woodsii* De Notaris (basiónimo)].

Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram noutros tempos, e por diversos autores, consideradas como independentes: *Calligonaceae*, *Eriogonaceae*, *Persicariaceae* e *Rumicaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 100).

As **Geraniáceas** (*Geraniaceae*), com **44** espécies, são outra família significativamente representada no Jardim Botânico de Coimbra, tanto através de plantas espontâneas como através de diversas espécies ornamentais e medicinais, pertencentes sobretudo aos géneros *Pelargonium* L'Héritier e *Geranium* L. Entre as Geraniáceas espontâneas no Jardim Botânico podem citar-se as seguintes: *Geranium dissectum* L., *Geranium lucidum* L., *Geranium molle* L., *Geranium purpureum* Villars, *Geranium robertianum* L. –a “erva roberta” ou “erva de São Roberto”, uma afamada planta medicinal (LAUNERT, 1989: 52; BORGES & ALMEIDA, 1996: 152; CLAUDINO & al., 2001: 39), bastante usada em infusões–, *Geranium rotundifolium* L. e *Erodium cicutarium* (L.) L'Héritier subsp. *cuticularium* [= *Geranium cicutarium* L. (basiónimo)] –outra planta por vezes usada como alimentar e medicinal (LAUNERT, l.c.), também provavelmente espontânea no Jardim.

Para além de diversas espécies pertencentes aos géneros *Erodium* L'Héritier e *Geranium* L., têm sido também cultivadas no Jardim diversas espécies herbáceas, subarborescentes ou mesmo arbustivas do género *Pelargonium* L'Héritier (“sardineiras”, por vezes também designadas erroneamente como “malvas”), na sua maioria muito ornamentais e de origem predominantemente sul-africana.

As Geraniáceas são constituídas por cerca de 5 a 11 géneros e 650 a 840 espécies, a nível mundial, entre nos quais os géneros *Geranium* L. e *Pelargonium* L'Héritier (*Pelargonium* é predominantemente sul-africano e capense, com 148 espécies capenses, das quais 79 estritamente endémicas), muito ornamentais, com cerca de 260 espécies e 280 espécies, respectivamente (MABBERLEY, 1997: 298; CULHAM, 2007: 155; MABBERLEY, 2008: 356, 641; WIKIPEDIA).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram outrora, e por diversos autores, consideradas como independentes: *Erodiaceae* e *Hypseocharitaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 93).

As **Crassuláceas** (*Crassulaceae*), com **44** espécies, são outra família importante tradicionalmente cultivada no Jardim Botânico de Coimbra. Esta família inclui numerosas espécies ornamentais, pertencentes a diversos géneros: *Aeonium* Webb & Berthel., *Crassula* L., *Echeveria* DC., *Kalanchoe* Adanson [incluindo *Bryophyllum* Salisbury (cf. MABBERLEY, 2008: 126, 448)], *Sedum* L. e *Sempervivum* L., por exemplo. Também se podem observar no Jardim algumas espécies espontâneas e comuns como plantas ruderais ou epífitas: *Crassula tillaea* Lester-Garland, *Sedum album* L. –conhecido pelas curiosas designações vernáculas “arroz dos muros”, “arroz dos telhados” ou “pinhões de rato”– e *Umbilicus rupestris* (Salisbury) Dandy [*Cotyledon rupestris* Salisbury, basion.; syn.: *Cotyledon umbilicus-veneris* L.], conhecida popularmente como “conchelos”, “copilos”, “sombriões” ou “umbigo de Vénus”. Algumas Crassuláceas exóticas frequentemente cultivadas, podem encontrar-se já subespontâneas como plantas ruderais –em muros e outros locais secos, sobretudo– ou mesmo como plantas epífitas em árvores antigas: *Crassula multicava* Lemaire, a pequena planta subarborescente de aspecto licopodióide *Crassula muscosa* L. [syn.: *Crassula lycopodioides* Lamarck], *Graptopetalum paraguayense* (N.E. Brown) Walther [= *Cotyledon paraguayense* N.E. Brown (basiónimo)], *Kalanchoe delagoensis* Ecklon & Zeyh. [syn.: *Kalanchoe tubiflora* (Harvey) Raymond-Hamet = *Bryophyllum tubiflorum* Harvey (basiónimo)] e *Kalanchoe daigremontiana* R. Hamet & H. Perrier.

As Crassuláceas são uma família subcosmopolita, quase cosmopolita, especialmente diversa no Sul de África, constituída por cerca de 29 a 34 géneros e cerca de 1100 a 1500 espécies, a nível mundial (MABBERLEY, 1997: 190; ROWLEY & CULHAM, 2007: 113-114; MABBERLEY, 2008: 225; WIKIPEDIA). O género *Crassula* L., constituído sobretudo por plantas gordas muito ornamentais, é quase cosmopolita e inclui cerca de 200 espécies, sobretudo capenses e sul-africanas (cerca de 95 espécies), 29 das quais estritamente endémicas (MABBERLEY, 2008: 225). *Sedum* L., com cerca de 534 espécies a nível mundial (MABBERLEY, 2008: 786), é o maior género da família, igualmente muito ornamental.

Plantas como *Sedum acre* L., *Sedum reflexum* L., *Sedum rosea* (L.) Scopoli [= *Rhodiola rosea* L. (basiónimo)], *Sedum rupestre* L. e *Sempervivum tectorum* L. têm sido por vezes utilizadas na alimentação ou como plantas medicinais (LAUNERT, 1989: 80-82; LÁNSKÁ, 1992; MABBERLEY, 2008: 786). Este curioso arqueófito (*Sempervivum tectorum* L., o “ensaio”, “erva de Santa Maria”, “erva do Senhor”, “saio”, “sempreviva”, “sempreviva-maior”, “semprevivo”, “semprenoiva”, “saio” ou “saio-curto”), já referido por VANDELLI (1788: 31), tem aliás sido cultivado como amuleto contra os raios, nos telhados de ardósia e nos quintais, em Trás-os-Montes (concelhos de Vinhais e Bragança), e também no Minho (RAMOS LOPES & PINTO DA SILVA, 1980: 12-13), e “deve ser incluído sem reservas no catálogo da flora portuguesa se não como planta autóctone ao menos como um arqueófito originário das montanhas da Europa ocidental e meridional” (PINTO DA SILVA, & al., 1976: 38).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) várias outras famílias que foram outrora, e por diversos autores, consideradas independentes: *Cotyledonaceae*, *Rhodiolaceae*, *Sedaceae*, *Sempervivaceae* e *Tillaeaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 85).

As **Onagráceas** (*Onagraceae*), outrora também conhecidas como Enoteráceas (*Oenotheraceae*), com **40** espécies, são outra família que tem sido significativamente representada no Jardim Botânico de Coimbra. Entre as Onagráceas cultivadas no Jardim Botânico incluem-se diversas espécies muitas vezes cultivadas como ornamentais: *Clarkia* sp. pl., *Epilobium* sp. pl., *Fuchsia* sp. pl., *Gaura* sp. pl., *Ludwigia* sp. pl., *Oenothera* sp. pl., assim como algumas plantas espontâneas: *Epilobium tetragonum* L. subsp. *tetragonum*; e subespontâneas no Jardim Botânico de Coimbra: *Oenothera rosea* L'Héritier ex Aiton, que se pode encontrar no Jardim nas suas duas formas: a típica, *rosea*, e a forma *albiflora*, mais rara, de flores brancas.

As Onagráceas são constituídas por duas subfamílias (*Ludwigioideae*, monogenérica – constituída apenas pelo género cosmopolita *Ludwigia* L., e *Onagroideae*), por cerca de 18-22 géneros e 656 espécies, a nível mundial (W.L. WAGNER & P.C. HOCH, 2007: 236-237; MABBERLEY, 2008: 601; WIKIPEDIA).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) várias outras famílias que foram noutros tempos, e por diversos autores, consideradas como independentes: *Circaeaceae*, *Epilobiaceae*, *Fuchsiaceae*, *Isnardiaceae*, *Jussiaeaceae*, *Lopezaceae* e *Oenotheraceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 93).

As **Acantáceas** (*Acanthaceae*), com **37** espécies, muito ornamentais, lenhosas e possuindo grandes e vistosas flores na sua maioria, por vezes trepadoras, são outra das grandes famílias cultivadas no Jardim Botânico de Coimbra. A única Acantácea espontânea ou subespontânea no Jardim é o famoso *Acanthus mollis* L., planta muito conhecida em Portugal –possui diversos nomes vernáculos: “acanto”, “acanto comum”, “acanto manso”, “acanto vulgar”, “branca-ursina”, “erva gigante”, “gigante”, “pé-de-urso”– e que se pode encontrar subespontânea sobretudo em locais frescos e sombrios como matas, parques e jardins, perfeitamente naturalizada em Portugal (PAIVA, 2001: 78-80), frequentemente acompanhada pela também esciófila *Tradescantia fluminensis* Vellozo (uma erva alóctone também naturalizada entre nós, pertencente à família das Comelináceas).

As Acantáceas –a primeira família de Angiospérmicas e de Dicotiledóneas, por ordem alfabética– são constituídas por cerca de 212-250 géneros e cerca de 3175 espécies, a nível mundial (BRUMMITT, 2007d: 23; MABBERLEY, 2008: 4; GRIN; WIKIPEDIA).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram noutros tempos, e por vários autores, consideradas como independentes: *Avicenniaceae*, *Justiciaceae*, *Mendonciaceae*, *Meyeniaceae*, *Nelsoniaceae*, *Thunbergiaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 110).

As **Convolvuláceas** (*Convolvulaceae*), com **31** espécies, segundo a sua definição actual (APG III, 2009), incluindo as antigas **Cuscutáceas** (*Cuscutaceae*), têm sido tradicionalmente outra das grandes famílias representadas no Jardim Botânico de Coimbra, incluindo muitas espécies cultivadas como ornamentais (*Calystegia sepium* (L.) R. Brown [= *Convolvulus sepium* L.], *Convolvulus* sp. pl., *Dichondra micrantha* Urban e *Ipomoea* sp. pl. A esta família pertencem também algumas espécies espontâneas ou subespontâneas em Portugal: a conhecida, espontânea e vulgar corriola: *Convolvulus arvensis* L., a bela *Calystegia sepium* (L.) R. Brown, já citada acima, e também a pequena e discreta *Dichondra micrantha* Urban, que já por vezes se encontra naturalizada em Portugal, por entre as pedras de calçadas e jardins (ALMEIDA & FREITAS, 2006: 122). Várias espécies ornamentais pertencentes ao género *Ipomoea* L. (as ipomeias ou “glórias da manhã” [“*morning glory*”]) têm sido cultivadas no Jardim, incluindo as duas seguintes: *Ipomoea indica* (Burm.) Merrill [= *Convolvulus indicus* Burmann.], *Ipomoea purpurea* (L.) Roth [= *Convolvulus purpureus* L.], que já foram encontradas naturalizadas ou subespontâneas em Portugal continental (ALMEIDA & FREITAS, 2006: 123; ALMEIDA & FREITAS, 2012: 233). Esta família inclui diversas *crop wild relatives*.

As Convolvuláceas são constituídas por cerca de 56-60 géneros e 1840 espécies, a nível mundial (STAPLES & BRUMMITT, 2007: 108; WIKIPEDIA).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram noutros tempos, e por vários autores, consideradas como independentes, para além, evidentemente, das já referidas Cuscutáceas: *Cressaceae*, *Dichondraceae*, *Erycibaceae*, *Evolvulaceae*, *Humbertiaceae* e *Poranaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 107).

As **Cactáceas** (*Cactaceae*), com **30** espécies, incluindo todas as espécies de verdadeiros cactos, plantas quase sempre lenhosas arbustivas ou subarbustivas e espinhosas, constituem outra família importante tradicionalmente cultivada no Jardim Botânico de Coimbra. Famosas como plantas ornamentais, de exterior e de interior, são uma das famílias mais apreciadas, pela sua grande beleza e reduzidas necessidades de água. Actualmente ainda restam algumas nas Escolas de Sistemática (*Opuntia* sp. pl., particularmente), e, sobretudo, várias espécies se encontram ainda no chamado Jardim dos Cactos e outras plantas suculentas e também nos vizinhos Viveiros, na orla superior da Mata (plantas pertencentes na sua maioria aos géneros *Cereus* Miller, *Cylindropuntia* (Engelmann) F.M. Knuth, *Echinocereus* Engelmann, *Echinopsis* Zuccarini, *Mammillaria* Haworth, *Opuntia* L., *Pereskia* Miller e *Rhipsalis* Gaertner).

Existe espécies de *Opuntia* cujos frutos (“figos da Índia”) são comestíveis e apreciados, por exemplo nos países da Região Mediterrânica, onde existem diversas espécies de *Opuntia* subespontâneas (BERTHET, 1990: 62-70; SANZ-ELORZA & al., 2004; HONRADO & al. in ANDRESEN & al., 2004;)

As Cactáceas são uma família de distribuição quase exclusivamente americana, da América do Norte, América do Sul e Caraíbas –exceptuando uma espécie pertencente ao género *Rhipsalis* Gaertner (CASTROVIEJO, 1990: 62): *Rhipsalis baccifera* (J.S. Mueller) Stearn [= *Cassytha baccifera* J.S. Mueller (basiónimo)], que também se pode encontrar nas regiões tropicais do continente africano e no Sri Lanka (WIKIPEDIA)– moderadamente grande de Dicotiledóneas, com cerca de 158 géneros (podendo este número variar entre 120 e 200 géneros) e entre 1700 a 2700 espécies, a nível mundial (CASTROVIEJO, l.c.; CULHAM, 2007g: 77-79; MABBERLEY, 2008: 755; WIKIPEDIA).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram noutros tempos, e por vários autores, consideradas como independentes: *Cereaceae*, *Nopaleaceae* e *Opuntiaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 101-102).

As **Ericáceas** (*Ericaceae*), com **29** espécies, segundo a sua definição actual (APG III, 2009), incluindo as antigas **Empetráceas** (*Empetraceae*), **Monotropáceas** [*Monotropaceae* –actualmente a subfamília *Monotropoideae*] e **Piroláceas** [*Pyrolaceae* –actualmente a subfamília *Pyroloideae*], têm sido tradicionalmente outra das grandes famílias representadas no Jardim Botânico de Coimbra, incluindo muitas espécies cultivadas como ornamentais, medicinais – como, por exemplo, a *Caluna vulgaris* (L.) Hull (LAUNERT, 1989: 130-131; TUNÓN & al., 1995: 61; ORHAN & al., 2007: 32), de notável interesse apícola³⁰⁴ (VIEIRA & BRANCO, 1996: 122; BRANCO, 2000: 82), e alimentares –algumas mesmo com considerável importância económica: os afamados medronheiros e mirtilos, respectivamente: *Arbutus unedo* L. –um arbusto muito comum em Portugal (ARAÚJO & al., 2014q), que dá os saborosos medronhos, com os quais se produz uma famosa aguardente³⁰⁵– e *Vaccinium Myrtillus* L. –também medicinais (LAUNERT, 1989: 130-131)– e *Vaccinium uliginosum* L., que é tão raro em Portugal, pois só se encontra, muito localizado, nalguns dos pontos mais elevados da Serra da Estrela, entre os 1849 e os 1956 m (JANSEN & al., 2000: 177-186; ARAÚJO & SILVA, 2014aw).

Para além dos mirtilos, arbustos cujas bagas são actualmente tão populares e usadas na alimentação, são também conhecidas as camarinhas ou camarinheiras, arbustos próprios da orla costeira (CARAPETO & al., 2014g), que produzem as saborosas bagas brancas que são as camarinhas: *Corema album* (L.) D. Don [= *Empetrum album* L. (basiónimo)].

A esta família pertencem também várias espécies espontâneas e muito importantes na flora, vegetação e paisagem (charnecas e urzais ou urgeirais) de Portugal: as tão conhecidas, melíferas, espontâneas e comuns “queirós”, “torgas” e “urzês” ou “urgeiras” (que deram até o nome a famosos escritores e poetas portugueses³⁰⁶) *Calluna vulgaris* (L.) Hull [= *Erica vulgaris* L. (basiónimo), tão comum em Portugal (ARAÚJO & al., 2014o)], *Erica arborea* L., *Erica australis* L. [incluindo a subespécie *aragonensis* (Willkomm) Coutinho = *Erica aragonensis* Willkomm (basiónimo) = *Erica australis* L. var. *aragonensis* (Willkomm) Sampaio], *Erica ciliaris* L., *Erica cinerea* L., *Erica erigena* R. Ross, *Erica lusitanica* Rudolphi, *Erica scoparia* L., *Erica*

³⁰⁴ São famosos os meis obtidos particularmente das flores das urzes (*Calluna vulgaris* (L.) Hull e *Erica* sp. pl.) e dos medronheiros (*Arbutus unedo* L.), por exemplo nas Serras da Arada ou Gralheira, da Peneda-Gerês, do Montemuro, de Montesinho, da Lousã ou da Estrela.

³⁰⁵ Os medronhos (a partir dos quais se produz uma saborosa aguardente no Sul de Portugal: Alentejo e Algarve, sobretudo, por exemplo nas Serras do Caldeirão e de Monchique) dão até o nome a uma conhecida, antiga e prestigiada revista botânica norte-americana, da Costa Ocidental dos Estados Unidos: *Madroño*, publicada pela *California Botanical Society*, desde 1916 até à actualidade (<http://calbotsoc.org/madroño/>).

³⁰⁶ Estamos a pensar particularmente em dois dos grandes escritores e poetas portugueses dos séculos XIX e XX: o diplomata José Maria Eça de QUEIRÓS (1845-1900) e Miguel TORGA [ou o médico Adolfo Rocha] (1907-1995).

tetralix L., *Erica umbellata* Loeffling ex L. e *Rhododendron ponticum* L.³⁰⁷ – um arbusto nativo de grande beleza³⁰⁸ que embora seja actualmente invasor em certas regiões do Norte da Europa, continua a ser raro, ameaçado e protegido por lei em Portugal continental e na Península Ibérica (PINTO DA SILVA, 1983b; GÓMEZ, 1993: 508; IUCN, 2001, cit. por MAGOS BREHM & al., 2008a: 226). Para a protecção deste “representante da nossa flora, de raro interesse científico e invulgar beleza decorativa” (BAETA NEVES, 1964, cit. por DIAS & NOGUEIRA, 1974: 127), foi estabelecida a Reserva Botânica do Cambarinho –criada pelo Decreto 364/71, de 25 de Agosto de 1971–, situada na encosta ocidental da serra do Caramulo, numa estação ecológica de transição entre a zona Atlântica e a zona Mediterrâneo-Atlântica, cujo solo é de origem granítica (PINTO DA SILVA, TELES & ROZEIRA, 1958; DIAS & NOGUEIRA, 1974: 130; PINTO DA SILVA, 1983d; SALES, 1996: 173).

As Ericáceas são uma grande família cosmopolita de Dicotiledóneas, com cerca de 107 a 126 géneros e entre 3700 a 4000 espécies, a nível mundial, que se distribuem por diversas subfamílias: *Ericoideae*, *Monotropoideae*, *Pyroloideae*, *Rhododendroideae* e *Vaccinioidae* (MABBERLEY, 1997: 262-263; BRUMMITT, 2007b: 287; MABBERLEY, 2008: 755; WIKIPEDIA).

Entre os usos populares de algumas espécies desta família: *Calluna*, E arborea –*Bassia scoparia* (L.) Voss subsp. *scoparia* [= *Chenopodium scoparium* L. (basiónimo) = *Kochia scoparia* (L.) Schrader] e *Salsola* sp.– inclui-se a confecção de escovas (MORALES & al., 2011: 204).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram noutros tempos, e por vários autores, consideradas como independentes, para além, evidentemente, das já referidas Empetráceas, Monotropáceas e Piroláceas: *Andromedaceae*, *Arbutaceae*, *Arctostaphyllaceae*, *Azaleaceae*, *Diplarchaceae*, *Epacridaceae*, *Hypopityaceae*, *Ledaceae*, *Menziesiaceae*, *Oxycoccaceae*, *Prionotaceae*, *Rhododendraceae*, *Rhodoraceae*, *Salaxidaceae*, *Stypheliaceae* e *Vacciniaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 104-105).

As **Rutáceas** (*Rutaceae*), com 29 espécies lenhosas, arbóreas ou arbustivas, por vezes espinescentes, incluindo as antigas **Cneoráceas** (*Cneoraceae*) –de acordo com APGII (2003: 428), MABBERLEY (2008: 197, 755) e APGIII (2009)–, são outra família particularmente importante no Jardim Botânico de Coimbra, não pelo seu elevado número de espécies mas pela sua extraordinária importância económica, como ‘*crops*’ ou como ‘*crop wild relatives*’ –parentes silvestres de plantas cultivadas que possuem importância económica. Assim, esta família notável inclui todos os citrinos: cidreiras, laranjeiras e toranjeiras [*Citrus × aurantium* L. = *Citrus maxima* (Burm.) Merrill × *Citrus reticulata* Blanco³⁰⁹], limoeiros [*Citrus × limon* (L.) Osbeck = *Citrus medica* L. var. *limon* L. (basiónimo) = *Citrus × aurantium* L. × *Citrus medica* L.³¹⁰], tangerineiras [*Citrus reticulata* Blanco] e outras árvores afins, assim como algumas plantas medicinais –por exemplo *Ruta graveolens* L. (cf. LAUNERT, 1989: 112)–, tradicionalmente cultivadas na Escola Médica do Jardim Botânico ou nas suas Escolas de Sistemática. Outras espécies são cultivadas como arbustos ou árvores ornamentais: por exemplo *Citrus trifoliata* L. [= *Poncirus trifoliatus* (L.) Rafinesque-Schmaltz], *Cneorum tricoccon* L. [da antiga família das Cneoráceas], *Murraya paniculata* (L.) Jack [= *Chalcas paniculata* L. (basiónimo)], *Phellodendron chinense* C.K. Schneider e *Phellodendron lavalleyi* Dode, *Ptelea trifoliata* L. e *Zanthoxylum armatum* DC.; e outras ainda são plantas subarbustivas espontâneas em Portugal: *Ruta chalepensis* L. e *Ruta montana* (L.) L. [= *Ruta graveolens* L. var. *montana* L. (basiónimo)].

Como já realçámos acima, esta família inclui um número considerável de árvores de grande interesse económico, particularmente as pertencentes ao género *Citrus* L., que inclui várias espécies e híbridos –alguns de notável complexidade taxonómica e nomenclatural– aromáticos, medicinais (*Citrus aurantium* L. subsp. *aurantium*, *Citrus × limon* (L.) Osbeck, *Citrus medica* L., etc.) e muito importantes para a nossa alimentação: as laranjeiras [*Citrus sinensis* (L.) Osbeck = *Citrus aurantium* L. var. *sinensis* L. (basiónimo), “laranjeira chinesa”, “laranjeira comum” ou “laranjeira da China”], tangerineiras [*Citrus reticulata* Blanco], toranjeiras ou

³⁰⁷ Segundo LÓPEZ GONZÁLEZ (1995: 225; 2001a: 1216) o nome correcto deste táxon é *Rhododendron ponticum* L. ou, no caso de ser possível distinguir duas subespécies, *Rhododendron ponticum* L. subsp. *ponticum*, e não *R. ponticum* L. subsp. *baeticum* (Boissier & Reuter) Hand.-Mazz., uma vez que Lineu só terá visto exemplares desta espécie procedentes da província de Cádiz, que lhe foram enviados pelo barão Clas Alströmer, sendo assim a subespécie típica a subespécie ibérica e não a levantina (LÓPEZ GONZÁLEZ, l.c.).

³⁰⁸ Foi até considerado pelos ilustríssimos botânicos Hoffmannsegg & Link e A.R. Pinto da Silva como o mais belo arbusto da flora de Portugal (!), pois PINTO DA SILVA (1991: 73) disse poder decerto considerar-se «a mais bela planta da nossa flora»: *Rhododendrum ponticum* L. [subsp. *baeticum* (Boissier & Reuter) Hand.-Mazz.] e, anteriormente, LINK (*Voyage en Portugal* (trad.), 2: 122, 1803) fôra ainda mais longe: “le beau *Rhododendron ponticum*, le plus charmant arbuste de l’Europe”.

³⁰⁹ De acordo com DIANXIANG & MABBERLEY (2008: 95), as laranjeiras comuns ou cultivadas ou de laranjas doces (incluindo a laranjeira de laranjas azedas e a toranjeira) provêm do cruzamento entre *Citrus maxima* (Burm.) Merrill e *Citrus reticulata* Blanco (tangerineira) e do cruzamento dos híbridos obtidos com os seus progenitores (DIANXIANG & MABBERLEY, 2008: 92-94).

³¹⁰ De acordo com DIANXIANG & MABBERLEY (2008: 92-94), os progenitores do limoeiro –*Citrus × limon* (L.) Osbeck [= *Citrus medica* L. var. *limon* L. (basiónimo)]– são a laranjeira comum ou cultivada e a cidreira: *Citrus × aurantium* L. × *Citrus medica* L.

pomelos [*Citrus maxima* (Burmenn) Merrill = *Aurantium maxinum* Burmann (basiónimo); *Citrus grandis* (L.) Osbeck; *Citrus decumana* auct.] e limoeiros [*Citrus* × *limon* (L.) Osbeck] e ainda os pouco ou raramente cultivados cidrão [*Citrus medica* L.], lima [*Citrus limetta* Risso], laranja azeda [*Citrus aurantium* L. subsp. *aurantium*], mandarinas [*Citrus deliciosa* Tenore] e toranjas [*Citrus* × *paradisi* Macfadyen, o híbrido *Citrus maxima* (Burmenn) Merrill × *Citrus sinensis* (L.) Osbeck, cujos frutos são também conhecidos com os seguintes nomes: “grapefruit”, “jamboa”, “laranja-melancia”, “laranja-romã”, “laranja vermelha”, “pamplemussa”, etc. (WIKIPEDIA)] (FRANCO, 1971: 423-426; LAUNERT, 1989: 254; LÓPEZ GONZÁLEZ, 2001: 1084-1094; MABBERLEY, 2008: 190-192; WIKIPEDIA).

A chamada pimenta de Sichuan ou de Szechuan, uma especiaria comumente utilizada na cozinha asiática, é obtida a partir de duas espécies: *Zanthoxylum bungeanum* Maximowicz e *Zanthoxylum simulans* Hance –que foi outrora cultivada no Jardim Botânico, nas Escolas de Sistemática– (ZHANG & HARTLEY, 2008; WIKIPEDIA). As Rutáceas são uma família cosmopolita moderadamente grande de Dicotiledóneas, com cerca de 158 géneros e entre 1700 a 1900 espécies, a nível mundial (BRUMMITT, 2007b: 287; MABBERLEY, 2008: 755; WIKIPEDIA).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram noutros tempos, e por vários autores, consideradas como independentes para além, evidentemente, das já referidas Cneoráceas: *Amyridaceae*, *Aurantiaceae*, *Boroniaceae*, *Citraceae*, *Dictamnaceae*, *Diosmaceae*, *Diplolaenaceae*, *Flindersiaceae*, *Fraxinellaceae*, *Jamboliferaceae*, *Pilocarpaceae*, *Ptaeroxylaceae*, *Pteleaceae*, *Spatheliaceae* e *Zanthoxyllaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 95).

Entre as tradicionais **Monocotiledóneas** (**Monocotyledoneae**³¹¹ ou **Monocotyledones**³¹² ou ainda a classe **Liliopsida**³¹³, a subclasse **Liliidae**³¹⁴ ou o “clade” **monocots**³¹⁵), há que realçar a sua maior família, a grande família das **Gramíneas** ou **Poáceas** (*Gramineae* ou *Poaceae*), com **249** espécies cultivadas, subespontâneas ou espontâneas no Jardim Botânico de Coimbra.

As Gramíneas ou Poáceas são uma das maiores famílias de Angiospérmicas, com cerca de 800 géneros e entre 11000 a 13000 espécies, a nível mundial, distribuídas por 12 subfamílias e 42 tribos (GONZALO & al., 2013: 344). MABBERLEY (2008: 370-373) reconhecia a existência de 715 géneros e 10550 espécies, distribuídos por 6 subfamílias (*Bambusoideae*, *Pooideae*, *Centothecoideae*, *Arundinoideae*, *Chloridoideae* e *Panicoideae*) e 40 tribos, incluindo a existência de 230 géneros e de mais de 1300 espécies na Austrália, e de 236 géneros e 1373 espécies na América do Norte. Vale a pena notar que na Nova Zelândia existem mais espécies de gramíneas naturalizadas do que nativas (MABBERLEY, 2008: 373), o que mostra bem as fortes qualidades invasivas desta família! Por outro lado, é notável a grande longevidade que podem atingir certos clones de *Festuca*, que podem viver mais de 1000 anos (MABBERLEY, l.c.).

As Poáceas ou Gramíneas são uma família natural e verdadeiramente cosmopolita –uma das duas únicas plantas³¹⁶ que se encontram espontâneas no vasto continente gelado da Antártida é uma gramínea: *Deschampsia antarctica* Desvaux (PARNIKOZA & al., 2011: 381; WIKIPEDIA)– e são, economicamente a família mais importante de plantas, pois fornecem directamente mais de metade das calorias consumidas pelos seres humanos (CLAYTON & SEBERG, 2007: 390; MABBERLEY, l.c.), incluindo numerosas espécies cultivadas de grande importância económica e alimentar, para a alimentação humana e do gado, assim como parentes próximas de plantas cultivadas –as comumente designadas “*crop wild relatives*”. Em número de espécies, a nível mundial, as Gramíneas são a quinta maior família, a seguir às Asteráceas, Orquidáceas, Fabáceas ou Leguminosas e Rubiáceas (MABBERLEY, 1997; MABBERLEY, 2008; WIKIPEDIA).

De entre as gramíneas que têm sido cultivadas no Jardim Botânico de Coimbra que possuem um notável interesse económico podemos citar brevemente as seguintes:

Avena sativa L. –a aveia–, *Hordeum vulgare* L. –a cevada–, *Oryza sativa* L. –o arroz–, *Phalaris canariensis* L. –a alpista dos canários– a *Saccharum officinarum* L. –a cana do açúcar–a, *Secale strictum* (C. Presl) C. Presl [= *Triticum strictum* C. Presl (basiónimo)], *Setaria italica* (L.) P. Beauvois [= *Panicum italicum* L. (basiónimo)] –o milho painço–, *Sorghum bicolor* (L.) Moench [= *Holcus bicolor* L. (basiónimo)] –o sorgo–, o *Triticum aestivum* L. –o tão comumente cultivado e consumido entre nós trigo comum ou trigo mole–, assim como diversas outras espécie do género *Triticum* L. –*crops* e *crop wild relatives* de extraordinária importância alimentar e económica–, *Zea mays* L. subsp. *mays* –o milho comum ou vulgar, tão cultivado e utilizado na alimentação em Portugal–, a *Zea mays* L. subsp. *mexicana* (Schrader) Iltis [= *Euchlaena mexicana* Schrader (basiónimo)] –o milho silvestre. Para além destas espécies, várias outras têm grande interesse como “*crop wild relatives*”, nomeadamente as pertencentes aos seguintes géneros: *Aegilops* L., *Agropyron* Gaertner, *Agrostis* L., *Alopecurus* L., *Anthoxanthum* L., *Arrhenatherum* P. Beauvois, *Avena* L., *Avenula* (Dumortier) Dumortier, *Briza* L., *Bromus* L., *Cynodon* Richard, *Cynosurus* L., *Dactylis* L., *Eragrostis* Wolf, *Festuca* L., *Holcus* L., *Hordeum* L., *Lolium* L., *Nardus* L., *Paspalum* L., *Phalaris* L., *Phleum* L., *Piptatherum* P. Beauvois, *Poa* L., e *Trisetum* Persoon (MAGOS BREHM, 2008: 347; MABBERLEY, 2008).

Diversas espécies de gramíneas têm sido utilizadas como plantas decorativas –por exemplo os bambus: *Bambusa vulgaris* Schrader ex Wendland, *Chimonobambusa quadrangularis* (Franceschi) Makino [= *Bambusa quadrangularis* Franceschi (basiónimo)], *Pleoblastus viridistriatus* (Regel) Makino [= *Bambusa viridistriata* Regel (basiónimo)], *Phyllostachys nigra* (Loddigges ex Lindley) Munro f. *punctata* (Bean) Makino [= *Phyllostachys nigra* (Loddigges ex Lindley) Munro var. *punctata* Bean (basiónimo)], *Phyllostachys reticulata* (Rupr.) K. Koch [= *Bambusa reticulata* Rupr. (basiónimo)]–, e ainda um grande número são consideradas ervas ruderais ou arvenses, muitas vezes de origem exótica, e, em certos casos, demonstrando mesmo capacidades invasoras, como por exemplo as seguintes: *Arundo donax* L. –as conhecidas “canas”, que formam os canaviais, de há séculos subespontâneas e tão comuns em Portugal (PORTELA-PEREIRA & al., 2014e)–, os tão ornamentais “penachos” (inflorescências) da *Cortaderia selloana* (Schultes & Schultes fil.) Ascherson &

³¹¹ A designação *Monocotyledoneae* é usada para este vasto e notável grupo monofilético de plantas nos sistemas dos insignes botânicos de Candolle e Engler (WIKIPEDIA: <http://en.wikipedia.org/Monocotyledon>).

³¹² A designação *Monocotyledones* é utilizada para este vasto e notável grupo monofilético de plantas nos sistemas dos insignes botânicos Bentham & Hooker e Wettstein (WIKIPEDIA, l.c.).

³¹³ Takhtajan e Cronquist, nos seus modernos sistemas de classificação das plantas angiospérmicas, consideram este vasto grupo como a classe *Liliopsida* (WIKIPEDIA, l.c.).

³¹⁴ Dahlgren e Thorne, nos seus recentes sistemas de classificação das plantas angiospérmicas, consideram este vasto grupo como a subclasse *Liliidae* (WIKIPEDIA, l.c.).

³¹⁵ De acordo com os recentíssimos sistemas de classificação filogenéticos APG, APG II e APG III, este grande grupo de plantas angiospérmicas é designado como o “clade monocots” (WIKIPEDIA, l.c.).

³¹⁶ A outra planta espontânea no grande continente gelado austral é a cariofilácea *Colobanthus quitensis* (Kunth) Bartling [= *Sagina quitensis* Kunth (basiónimo)] (PARNIKOZA & al., 2011: 381; WIKIPEDIA).

Graebner [= *Arundo selloana* Schultes & Schultes fil. (basiónimo)], *Bromus catharticus* Vahl, *Ehrharta erecta* Lamarck –esta curiosa gramínea foi primeiramente referida por GARCIA (1946: 422) como planta subespontânea em Portugal–, *Panicum capillare* L., *Paspalum distichum* L. [syn.: *Paspalum paspalodes* (Michaux) Scribner = *Digitaria paspalodes* Michaux (basiónimo)], *Paspalum urvillei* Steudel, o decorativo *Pennisetum villosum* R. Brown ex Fresenius, *Sporobolus indicus* (L.) R. Brown var. *indicus* [= *Agrostis indica* L. (basiónimo)], *Sorghum halepense* (L.) Persoon [= *Holcus halepensis* L. (basiónimo)] e *Stenotaphrum secundatum* (Walter) O. Kuntze [= *Ischaemum secundatum* Walter (basiónimo)].

Muitas outras espécies de gramíneas se podem encontrar espontâneas no Jardim Botânico de Coimbra, entre as quais as seguintes: *Avena barbata* Pott ex Link subsp. *barbata*, *Brachypodium distachyon* (L.) P. Beauvois [= *Bromus distachyos* L. (basiónimo) = *Trachynia distachya* (L.) Link], *Briza maxima* L., *Bromus diandrus* Roth, *Bromus hordeaceus* L. subsp. *hordeaceus*, *Catapodium rigidum* (L.) C.E. Hubbard [= *Poa rigida* L. (basiónimo) = *Desmazeria rigida* (L.) Tutin], *Cynodon dactylon* (L.) Persoon [= *Panicum dactylon* L. (basiónimo)], *Dactylis glomerata* L. subsp. *hispanica* (Roth) Nyman [= *Dactylis hispanica* Roth (basiónimo)], o vulgar “panasco”, *Digitaria sanguinalis* (L.) Scopoli [= *Panicum sanguinale* L. (basiónimo)], *Holcus lanatus* L. subsp. *lanatus* –a “erva-lanar”, tão comum e tão importante nos lameiros da classe *Molinio-Arrhenatheretea*–, *Holcus mollis* L. subsp. *mollis* –a “erva-molar”, tão frequente e tão importante nos carvalhais climácicos das nossas montanhas, por exemplo de *Holco mollis-Quercetum pyrenaicae* Brown-BI., Pinto da Silva & Rozeira 1956 (da ordem *Quercetalia roboris*, que faz parte da classe de vegetação *Quercetum-Fagetum*)–, *Hordeum murinum* L. –a erva ruderal tão comum “cevada dos ratos”–, *Hyparrhenia sinaica* (Delile) Llauro ex G. López [= *Andropogon sinaicus* Delile (basiónimo)], *Lamarckia aurea* (L.) Moench [= *Cynosurus aureus* L. (basiónimo)], *Micropyrum tenellum* (L.) Link [= *Triticum tenellum* L. (basiónimo)], *Melica ciliata* L. subsp. *magnolii* (Grenier & Godron) Husnot [= *Melica magnolii* Grenier & Godron (basiónimo)], *Nardus stricta* L. –o conhecido “nardo” ou “cervum”, que dá os nome aos famosos cervunais, prados ou arrelvados densos que ocorrem em solos ácidos, arenosos ou turfosos, preferencialmente em sítios elevados (FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998: 203) e mais ou menos húmidos–, *Piptatherum miliaceum* (L.) Cosson [= *Agrostis miliacea* L. (basiónimo)] –outra planta ruderal tão comum na cidade de Coimbra–, a tão cosmopolita *Poa annua* L. –uma das plantas ruderais mais comuns do mundo–, a gramínea pratense *Poa trivialis* L. subsp. *trivialis*, as ruderais *Polypogon monspeliensis* (L.) Desfontaines [= *Alopecurus monspeliensis* L. (basiónimo)], *Polypogon viridis* (Gouan) Breistroffer [= *Agrostis viridis* Gouan (basiónimo)], *Rostraria cristata* (L.) Tzevelev [= *Festuca cristata* L. (basiónimo)], *Setaria verticillata* (L.) Beauvois [= *Panicum verticillatum* L. (basiónimo)], *Setaria viridis* (L.) P. Beauvois [= *Panicum viride* L. (basiónimo)] e *Stipa capensis* Thunberg, entre outras.

Existem também algumas gramíneas com propriedades medicinais, como por exemplo: *Anthoxanthus odoratum* L., *Elytrigia repens* (L.) Nevski [= *Triticum repens* L. (basiónimo) = *Agropyron repens* (L.) P. Beauvois = *Elymus repens* (L.) Gould] (LAUNERT, 1989: 222-223); o milho: *Zea mays* L. (LAUNERT, 1989: 256; CLAUDINO, 2001: 45; EBRAHIMZADEH & al., 2008b; EBRAHIMZADEH & al., 2009b) ou o chá príncipe ou erva-limão: *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf [= *Andropogon citratus* DC. (basiónimo)] (ABBAS & EL-SAEID, 2012: 97).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) diversas outras famílias que foram noutros tempos, e por vários autores, consideradas como independentes: *Aegilopaceae*, *Agrostidaceae*, *Alopecuraceae*, *Andropogonaceae*, *Anomochloaceae*, *Anthoxanthaceae*, *Arundinaceae*, *Asperellaceae*, *Avenaceae*, *Bambusaceae*, *Bromaceae*, *Cenchraceae*, *Chaeturaeae*, *Chloridaceae*, *Coleanthaceae*, *Cynodontaceae*, *Cynosuraceae*, *Echinariaceae*, *Ehrhartaceae*, *Eragrostidaceae*, *Festucaceae*, *Glyceriaceae*, *Holcaceae*, *Hordeaceae*, *Laguraceae*, *Lepturaceae*, *Loliaceae*, *Melicaceae*, *Miliaceae*, *Nardaceae*, *Olyraceae*, *Ophiuraceae*, *Oryzaceae*, *Panicaceae*, *Pappophoraceae*, *Parianaceae*, *Paspalaceae*, *Phalaridaceae*, *Pharaceae*, *Phleaceae*, *Saccharaceae*, *Sesleriaceae*, *Spartinaceae*, *Stipaceae*, *Streptochaetaceae*, *Triticaceae*, *Zeaceae*, *Zoysiaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 81-82).

As **Asparagáceas** (*Asparagaceae*), com **192** espécies, segundo a sua definição actual (APG III, 2009), constituem a segunda maior família das Monocotiledóneas [a seguir à Gramíneas, naturalmente] e incluem diversas antigas (ou recentes) famílias de Monocotiledóneas: **Agaváceas** (*Agavaceae*) –actualmente constituindo a subfamília *Agavoideae* (CHASE & al., 2009)–, **Antericáceas** (*Anthericaceae*); **Afilantáceas** (*Aphyllanthaceae*) –actualmente constituindo a subfamília *Aphyllanthoideae* (CHASE & al., 2009), monoespecífica, pois inclui apenas uma única espécie: *Aphyllanthes monspeliensis* L., exclusiva da Região Mediterrânica ocidental (TAKHTAJAN, 2009: 670; RICO, 2013h: 219)–; **Convalariáceas** (*Convallariaceae*) –incluindo as subfamílias *Convallarioideae* e *Ophiopogonoideae* (TAKHTAJAN, 2009: 677)–, **Dracenáceas** (*Dracaenaceae*) –incluindo as monogenéricas **Sansevieriáceas** (*Sansevieriaceae*) (TAKHTAJAN, 2009: 677)–, as numerosas **Hiacintáceas** (*Hyacinthaceae*) –formando actualmente a subfamília *Scilloideae* (CHASE & al., 2009)–; as **Hostáceas** (*Hostaceae*); as **Laxmaniáceas** (*Laxmanniaceae*); as **Lomandráceas** (*Lomandraceae*) –actualmente a subfamília *Lomandroideae* (CHASE & al., 2009)–; e ainda as **Nolináceas** (*Nolinaceae*) e as

nossas conhecidas **Ruscáceas** (*Ruscaceae*) –ambas actualmente constituindo a subfamília **Nolinoideae** (CHASE & al., 2009)–, as **Temidáceas** (*Themidaceae*), entre outras (cf. APG II, 2003; APG III, 2009; MABBERLEY, 2008: 73, 414, 586, 754-755, 853, etc.). SEBERG (2007g: 404), contudo, considera as *Themidaceae* como uma família independente. De igual forma, diversos autores consideram até hoje a família *Hyacinthaceae* como uma família independente, de acordo com APG II (2003) e muitos outros –cf. por exemplo: MANNING & GOLDBLATT (2003); MANNING & al. (2004); MANNING & al. (2011); MANNING & VAN DER MERWE (2002); MARTÍNEZ AZORÍN & al., 2007; MARTÍNEZ AZORÍN & al., 2009; MARTÍNEZ AZORÍN & al., 2011; MARTÍNEZ AZORÍN & al., 2013; MÜLLER-DOBLIES & MÜLLER-DOBLIES, 2010; PFOSSER & SPETA (1999); PFOSSER & al. (2003); PFOSSER & al. (2102); PINTER & al., 2013; SPETA, 1998a; SPETA, 1998b; SUMMERFIELD, 2004; WETSCHNIG & PFOSSER, 2003; WETSCHNIG & al. (2012); WETSCHNIG & al. (2014).

Esta família, integrada por plantas habitualmente muito ornamentais, é outra das grandes famílias cultivadas no Jardim Botânico de Coimbra. Aparentemente, as únicas Asparagáceas espontâneas no Jardim serão: *Ruscus aculeatus* L., uma planta lenhosa comum nos sub-bosques e orlas de carvalhais, e *Leopoldia comosa* (L.) Parlatores [= *Hyacinthus comosus* L. (basiónimo) = *Muscari comosum* (L.) Miller] e talvez eventualmente *Hyacinthoides hispanica* (Miller) Rothmaler [= *Scilla hispanica* Miller (basiónimo)] e *Ornithogalum pyrenaicum* L.

Todas as outras espécies de Asparagáceas do Jardim parecem ser ou ter sido outrora cultivadas, pertencendo sobretudo aos seguintes géneros: *Agave* L., *Albuca* L., *Anthericum* L., *Asparagus* Tournefort ex L., *Aspidistra* Ker Gawler, *Barnardia* Lindley, *Bellevalia* Lapeyrouse, *Beschorneria* Kunth, *Bowiea* Harvey ex Hooker fil., *Brimeura* Salisbury, *Brodiaea* J.E. Smith, *Camassia* Lindley, *Chlorophytum* Ker Gawler, *Convallaria* L., *Cordylina* Commerson ex R. Brown, *Dasyllirion* Zuccarini, *Dipcadi* Medikus, *Dracaena* Vandelli ex L., *Drimia* Jacquin, *Eucomis* L'Héritier, *Eustrephus* R. Brown, *Furcraea* Ventenat, *Hosta* Trattinick, *Hyacinthoides* Heister ex Fabricius, *Hyacinthus* L., *Lachenalia* Jacquin fil. ex Murray, *Leopoldia* Parlatores, *Loncomelos* Rafinesque, *Maianthemum* G. Weber ex Wiggers, *Massonia* Thunberg ex L. fil., *Muscari* Tournefort ex Miller, *Nolina* Michaux, *Ornithogalum* L., *Paradisea* Mazzuc. [incluindo a endémica *Paradisea lusitanica* (Coutinho) Sampaio = *Paradisea liliastrium* (L.) Bertoloni β [var.] *lusitanica* Coutinho [basiónimo)], *Polianthes* L., *Polygonatum* Miller *Puschkinia* Adams, *Ruscus* Tournefort ex L., *Sansevieria* Thunberg, *Scilla* L., *Schizocarpus* J. van der Merwe, *Semele* Kunth, *Stellarioides* Medikus, *Trichopetalum* Lindley, *Trillium* L., *Triteleia* Benthams e *Yucca* L.

As Asparagáceas incluem diversas espécies ornamentais, medicinais e venenosas, entre as quais podemos citar as seguintes: *Asparagus* sp. pl. (incluindo os saborosos espargos), *Convallaria majalis* L. –a discreta e perfumada “Flor do Muguet”³¹⁷ (ANDRESEN, 1977: 35)–; a cebola albarrã, *Drimia maritima* (L.) Stearn [= *Scilla maritima* L. (basiónimo) = *Charybdis maritima* (L.) Speta = *Ornithogalum maritimum* (L.) Lamarck = *Squilla maritima* (L.) Steinheil = *Urginea maritima* (L.) Baker]; a gilbardeira, *Ruscus aculeatus* L. (BECKER, 1984; LAUNERT, 1989; BORGES & ALMEIDA, 1996; GONZÁLEZ, 2010).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram noutros tempos, e por vários autores, consideradas como independentes, para além, evidentemente, das já referidas Afilantáceas, Agaváceas, Antericáceas, Convalariáceas, Dracenáceas, Hiacintáceas, Hostáceas, Laxmaniáceas, Lomandráceas, Nolináceas, Ruscáceas e Temidáceas: *Anemarrhenaceae*, *Aspidistraceae*, *Behniaceae*, *Chlorogalaceae*, *Eriospermaceae*, *Eustrephaceae*, *Herreriaceae*, *Hesperocallidaceae*, *Lachenaliaceae*, *Ophiopogonaceae*, *Ornithogalaceae*, *Peliosanthaceae*, *Polygonataceae*, *Sansevieriaceae*, *Scillaceae*, *Tupistraceae* e *Yuccaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 79).

As **Orquídeas** ou **Orquidáceas** (*Orchidaceae*), actualmente com **164** espécies, quase todas muito ornamentais e muito apreciadas pelos coleccionadores e orquidófilos, são e têm sido sempre outra das grandes famílias cultivadas no Jardim Botânico de Coimbra.

Trata-se de uma família muito característica e bastante isolada taxonomicamente, pois distingue-se das outras por alguns caracteres únicos, incluindo a miniaturização dos óvulos e a microspermia, corpos de sílica e ideoblastos mesofílicos com espessamento helicoidal (TAKHTAJAN, 2009: 649).

De acordo com CHASE & al. (2003), as **Orquídeas são a maior família de Angiospérmicas** (ou plantas com flor) em número de espécies, com um número total de cerca de **25000**. Este número impressionante poderá corresponder a um total de **6 a 11 % do total de espécies de plantas com semente (Spermatophyta = Gymnospermae + Angiospermae)**, dependendo do número de espécies que se considere existir (cf. SCOTLAND & WORTLEY, 2003). Citando UNGRICH (2004), as estimativas apontadas para o **número total de espermatófitas** ou “seed plants” têm variado entre as 250300 espécies (distribuídas por 13271 géneros e 422 famílias) de MABBERLEY (1997) até às **422127** de BRUMMITT (2001), passando por vários outros números

³¹⁷ “Ela nunca se vê, está sempre escondida entre as suas folhas” –disse a Tulipa acerca da Flor do Muguet–, contudo, o seu perfume é muito especial: “Às vezes a brisa da tarde trazia um pouco do teu perfume até ao canteiro onde eu moro. Eu pensava: «É o perfume da Primavera»; mas agora conheci-te e sei que este perfume maravilhoso és tu e não a Primavera” –disse o Nardo à Flor do Muguet (ANDRESEN, 1977: 35).

intermédios: **272000** (distribuídas por 13064 géneros e 425 famílias) de MABBERLEY (2008); 300000 a 320000 (PRANCE & al., 2000); 400000 (GOVAERTS, 2001; BRAMWELL, 2002)³¹⁸. Comparando os dados das duas edições do “Plant-Book” de MABBERLEY, de 1997 e 2008, nesse intervalo de 11 anos houve um incremento considerável no número de espécies: 21700, embora o número de géneros tenha diminuído (em 207 géneros, certamente devido a uma maior concentração a nível genérico), enquanto que o número de famílias reconhecidas se manteve quase constante. Convém no entanto notar que para MABBERLEY (2008), as Orquidáceas são a segunda maior família em número de espécies (a seguir às Compostas), com 22500 espécies distribuídas por um total de 779 géneros, enquanto que na edição anterior de “The Plant-Book”, os números eram 18500 espécies de orquídeas distribuídas por um total de 778 géneros (MABBERLEY, 2008). Com um incremento de 4000 espécies (MABBERLEY, 2008), ou 21,6 % do total de espécies anterior (1997), as Orquidáceas terão sido provavelmente uma das famílias que mais cresceram, com um incremento bastante superior ao do número total de espécies de espermatófitas, que foi de 8,7 % em relação ao total de 1997 (250300). Esta discrepância no incremento do número de espécies de orquídeas (21,6 %) em relação ao incremento do número de espécies total (8,7 %), dá uma ideia clara da actual popularidade das orquídeas, não só entre o público em geral mas também entre os taxonomistas!

Dentro das Orquidáceas várias subfamílias têm sido consideradas: *Apostasioideae*, *Cypripedioideae*, *Epidendroideae* (incluindo as *Vandoideae*), *Neottioideae*, *Orchidoideae* e *Vanilloideae* (SEBERG & al., 2007d: 387; TAKHTAJAN, 2009: 648-649).

Como curiosidade, pode-se dizer que as Orquídeas serão já, muito provavelmente, a maior família (em número de *taxa*) de monocotiledóneas cultivadas no Jardim Botânico de Coimbra, com um grande número de espécies, subespécies, variedades e cultivares diferentes³¹⁹. A partir de 2015, deverá estar disponível, “por um período de 30 anos”, uma grande colecção de orquídeas, pois “vão ficar patentes no Jardim Botânico da Universidade de Coimbra” “mais de mil espécies e variedades distintas de orquídeas”, constituindo uma colecção “composta por dez mil vasos”, passando o Jardim Botânico a albergar possivelmente “uma das maiores colecções de orquídeas da Europa”³²⁰ (DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E IMAGEM. JARDIM BOTÂNICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 2013; MACÁRIO, 2013b). Este enorme interesse pela carismática família das Orquidáceas em particular parece corresponder inteiramente à grande popularidade de que as orquídeas gozam actualmente na Europa, e que até já terá contribuído para a descrição recente –e talvez mesmo quiçá um pouco exagerada– de um vasto número de espécies para o continente europeu (PILLON & CHASE, 2006: 263). Segundo estes autores (*l.c.*), esta “inflação taxonómica” pode constituir um obstáculo sério à conservação da natureza, pois pode facilmente acontecer que a espécies raras e mal definidas seja dada prioridade conservacionista em relação a espécies não consideradas estritamente endémicas (aqui pode sem dificuldade entrar-se no domínio dos critérios políticos de cariz nacionalista – cada país ou região tenderá a querer privilegiar os seus próprios endemismos, mais ou menos exclusivos). A popularidade de que as orquídeas gozam na Europa pode, assim, contribuir para uma inflação do número de espécies, taxa infraespecíficos e híbridos considerados, que poderão receber uma atenção conservacionista que não corresponda a uma verdadeira realidade biológica (PILLON & CHASE, 2006: 265).

Aparentemente, a única orquídea espontânea no Jardim é a discreta e singela *Serapias lingua* L., que se pode observar em floração habitualmente na Primavera (Abril, Maio) nos relvados do lado sul do Terraço das Gimnospermicas³²¹. Todas as outras espécies de Orquidáceas do Jardim parecem ser ou ter sido outrora cultivadas. Entre estas espécies incluem-se diversas espécies nativas, sobretudo pertencentes aos géneros *Ophrys* L. e *Orchis* L., que incluem numerosas espécies de orquídeas espontâneas em Portugal continental,

³¹⁸ Também para o número total de espécies vivas (animais, vegetais e todos os outros grupos de seres vivos) existente no Planeta, as estimativas têm variado enormemente: de 3600000 num dos extremos até o número impressionante de 111700000 (mais de 111 milhões de espécies!) no outro extremo (WILSON, 2000: 1). De todos estes possíveis milhões de espécies existentes, contudo, o número de espécies que foram efectivamente descritas é muito mais baixo: entre 1,5 e 8 milhões (WILSON, *l.c.*). Mesmo para grupos bem conhecidos como os vertebrados, os números são bastante variáveis: estimativas entre o número de espécies de peixes existentes, a nível mundial (incluindo tanto as espécies descritas como as não descritas), oscilam entre 15000 e 40000 (WILSON, *l.c.*).

³¹⁹ Estas novas “mais de mil espécies e variedades distintas de orquídeas” (DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E IMAGEM. JARDIM BOTÂNICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 2013), não poderão de forma alguma vir a ser incluídas neste trabalho, que tem de ser concluído ainda este ano 2014. Convém ainda notar que se trata de uma colecção de carácter aparentemente privado, e à qual não nos foi facultado acesso, sendo portanto a sua presença considerada não relevante para o presente trabalho, e apenas aqui citada a título meramente informativo.

³²⁰ «O protocolo de cedência da colecção [“composta por dez mil vasos”], entre a Casa de Orquídeas Orkidearanta e a Universidade de Coimbra vai celebrar-se na próxima quarta-feira, 13 de Março [de 2013], na Reitoria da Universidade de Coimbra» (DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E IMAGEM. JARDIM BOTÂNICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 2013).

³²¹ Lamentavelmente, as inflorescências desta espécie [*Serapias Lingua* Linnaeus] costumam ser cortadas quando a relva é aparada, por mais que uma vez, na Primavera, sobretudo durante os meses de Abril e Maio, assim se prejudicando gravemente a sua possível reprodução sexual, pois assim se impossibilita a maturação dos seus frutos (cápsulas) e a produção e a disseminação das sementes.

com predominância para as regiões calcárias. Outras espécies nativas em Portugal têm sido cultivada no Jardim: *Aceras anthropophorum* (L.) Aiton f. [= *Orchis anthropophora* (L.) Allioni = *Ophrys anthropophora* L. (basiônimo)], *Anacamptis pyramidalis* (L.) L.C.M. Richard [= *Orchis pyramidalis* L. (basiônimo)], *Barlia robertiana* (Loiseleur-Delongchamps) Greuter [= *Himantoglossum robertianum* (Loiseleur-Delongchamps) Delforge = *Orchis robertiana* Loiseleur-Delongchamps (basiônimo)], *Epipactis tremolsii* Pau, *Neotinea maculata* (Desfontaines) Stearn [= *Satyrium maculatum* Desfontaines (basiônimo)], *Serapias cordigera* L. e *Spiranthes spiralis* (L.) Chevallier [= *Ophrys spiralis* L. (basiônimo); *Spiranthes autumnalis* L.C.M. Richard]. Diversas outras orquídeas exóticas são ou têm sido cultivadas no Jardim Botânico de Coimbra, sobretudo no interior de estufas, como por exemplo a famosa planta epífita “baunilha” –*Vanilla planifolia* Jackson– e também orquídeas pertencentes a vários outros géneros alóctones, como por exemplo: *Angraecum* Bory, *Brassia* R. Brown, *Bifrenaria* Lindley, × *Brassocattleya* Rolfe, *Bulbophyllum* Thouars –seguramente um dos maiores géneros de planta vasculares do Mundo, com um total de cerca de duas mil espécies (epífíticas) a nível mundial, naturalmente distribuídas pelas regiões tropicais do Globo (MABBERLEY, 2008: 127)–, *Cattleya* Lindley, *Coelogyne* Lindley, *Cymbidium* Swartz, *Cypripedium* L., *Dendrobium* Swartz, *Epidendrum* L. –um dos maiores géneros a nível mundial, com cerca de mil espécies nativas da América tropical (MABBERLEY, 2008: 309)–, *Laelia* Lindley, *Ludisia* A. Richard, *Lycaste* Lindley, *Malaxis* Solander ex Swartz, *Maxillaris* Ruiz & Pavón –incluindo um total de cerca de 650 espécies (epífíticas) a nível mundial, distribuídas pela América tropical (MABBERLEY, 2008: 529)–, *Miltonia* Lindley, *Oncidium* Swartz (que possui cerca de 800 espécies, sendo um dos maiores géneros do Mundo, inteiramente proveniente da América tropical e da América do Sul temperada [MABBERLEY, 2008: 601, 868]), *Paphiopedilum* Pfitzer, *Phalaenopsis* Blume, *Phragmipedium* (Pfitzer) Rolfe, *Sobralia* Ruiz & Pavón, *Vanda* Jones ex R. Brown, *Vanilla* Miller e *Zygopetalum* Hooker.

Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram noutros tempos, e por vários autores, consideradas como independentes: *Apostasiaceae*, *Cypripediaceae*, *Limnaceae*, *Liparidaceae*, *Neottiaceae*, *Neuwidiaceae*, *Ophrydaceae* e *Vanillaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 78).

As **Amarilidáceas** (*Amaryllidaceae*), com **142** taxa (espécies, subespécies, variedades e cultivares), segundo a sua definição actual (APG III, 2009), incluindo as antigas **Agapantáceas** (*Agapanthaceae*) –actualmente constituindo a subfamília *Agapanthoideae* (CHASE & al., 2009)–; e **Aliáceas** (*Alliaceae*) –formando actualmente a subfamília *Allioideae* (CHASE & al., 2009)–, são outra família particularmente ornamental, constituindo tradicionalmente a terceira maior das famílias de Monocotiledóneas cultivadas no Jardim Botânico de Coimbra (a seguir às Gramíneas e às Asparagáceas). Esta família deveria chamar-se *Alliaceae*, pois este nome é mais antigo do que *Amaryllidaceae*, no entanto a designação familiar *Amaryllidaceae* foi recentemente conservada em relação ao nome prioritário *Alliaceae* (APG III, 2009: 109). *Allium triquetrum* L., *Nothoscordum gracile* (Dryander ex Aiton) Stearn [= *Allium gracile* Dryander ex Aiton (basiônimo)] e, eventualmente, *Amaryllis belladonna* L. são três espécies alóctones ou exóticas de Amarilidáceas que se encontram por vezes subspontâneas no Jardim Botânico de Coimbra. *Acis autumnalis* (L.) Herbert [= *Leucojum autumnale* L. (basiônimo)] e *Narcissus bulbocodium* L. poderão talvez ser espontâneas na área do Jardim Botânico de Coimbra, mas não nos é actualmente possível garantir que a sua presença é espontânea e não oriunda de cultura. Todas as outras espécies de Amarilidáceas do Jardim parecem ser ou ter sido outrora cultivadas. As Amarilidáceas incluem dois grandes géneros muito ornamentais e de grande interesse económico, tradicionalmente muito cultivados e estudados no Jardim Botânico: *Allium* L., os “alhos” e “cebolas”, de enorme importância na nossa culinária, alimentação e medicina tradicional e actual (cf. LAUNERT, 1989; BORGES & ALMEIDA, 1996: 149; ALMEIDA & al., 2003; PROENÇA DA CUNHA & al. 2010: 192-195), e *Narcissus* L., durante muitos anos intensivamente estudado –por exemplo a nível cromossómico, morfológico e filogenético– pelo ilustre director do Jardim, Professor Abílio Fernandes (19.X.1906-16.X.1994), que foi o primeiro grande especialista português em Citotaxonomia.

Outros géneros que incluem várias espécies tradicionalmente cultivadas no Jardim são os seguintes: *Acis* Salisbury, *Agapanthus* L’Héritier, *Clivia* Lindley, *Crinum* L., *Hippeastrum* Herbert, *Nerine* Herbert, *Scadoxus* Rafinesque e *Tulbaghia* L.

Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram noutros tempos, e por vários autores, consideradas como independentes, para além, evidentemente, das já referidas Agapantáceas e Aliáceas: *Brunsvigiaceae*, *Cepaceae*, *Crinaceae*, *Cyrtanthaceae*, *Galanthaceae*, *Gethyllidaceae*, *Gilliesiaceae*, *Haemanthaceae*, *Leucojaceae*, *Milulaceae*, *Narcissaceae*, *Oporanthaceae*, *Pancratiaceae*, *Strumariaceae*, *Tulbaghiaceae* e *Zephyranthaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 79).

As **Iridáceas** (*Iridaceae*), com **141** espécies, muito ornamentais na sua maioria, são outra das grandes famílias cultivadas no Jardim Botânico de Coimbra, incluindo diversos géneros muito ornamentais, aos quais pertencem muitas espécies –a grande maioria das quais é exótica, embora também existam diversas espécies portuguesas: *Crocus serotinus* Salisbury, *Gladiolus communis* L. subsp. *communis*, *Limniris pseudacorus* (L.) Fuss [= *Iris*

pseudacorus L. (basiónimo)], *Moraea sisyrinchium* (L.) Ker Gawler [= *Iris sisyrinchium* L. (basiónimo) = *Gynandris sisyrinchium* (L.) Parlatores]. Aparentemente, a única Iridácea espontânea no Jardim será a *Romulea ramiflora* Ten. subsp. *ramiflora*. Todas as outras parecem ser ou ter sido outrora cultivadas. Entre as espécies de Iridáceas ornamentais exóticas que têm sido cultivadas no Jardim, podemos, de uma forma mais ou menos genérica, citar as seguintes: *Chamaeiris* sp. pl., *Chasmanthe* sp. pl., *Crocasmia* sp. pl., *Crocus* sp. pl., *Dietes* sp. pl., *Freesia* sp. pl., *Gladiolus* sp. pl., *Hermodactylus tuberosus* (L.) Salisbury [= *Iris tuberosa* L. (basiónimo)], *Iris* sp. pl., *Ixia* sp. pl., *Neomarica glauca* (Seubert ex Klatt) Sprague [= *Cypella glauca* Seubert ex Klatt (basiónimo)], *Romulea* sp. pl., *Sisyrinchium* sp. pl., *Sparaxis* sp. pl., entre as quais as belas e já subespontâneas em Portugal *Sparaxis tricolor* (Schneevogt) Ker-Gawler [= *Ixia tricolor* Schneevogt (basiónimo)] e *Watsonia meriana* (L.) Miller var. *bulbillifera* (J.W. Mathews & L. Bolus) D.A. Cooke [= *Watsonia bulbillifera* J.W. Mathews & L. Bolus (basiónimo)]. Outras plantas desta família tão ornamental têm sido recentemente encontradas naturalizadas ou escapadas de cultura em Portugal, como por exemplo a planta bolbosa sul-africana *Romulea rosea* (L.) Ecklon [= *Ixia rosea* L. (basiónimo)] (ARAÚJO, 2013).

As Iridáceas são uma das maiores famílias de Monocotiledóneas, de distribuição subcosmopolita, com cerca de 70 a 82 géneros e 1800 a 2000 espécies, a nível mundial, podendo dividir-se em quatro subfamílias: *Isophysidoideae*, *Nivenioideae*, *Iridoideae* e *Crocoideae* ou *Ixioidae* (MABBERLEY, 1997: 363-364; MATHEW & SEBERG, 2007: 374-375; MABBERLEY, 2008: 433-434; WIKIPEDIA).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram noutros tempos, e por vários autores, consideradas como independentes: *Crocaceae*, *Galaxiaceae*, *Geosiridaceae*, *Gladiolaceae*, *Isophysidaceae* e *Ixiaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 78).

TAKHTAJAN (2009: 657), contudo, considera as *Geosiridaceae* –uma família monotípica, estritamente endémica de Madagáscar, cuja única representante é a bella *Geosiris aphylla* Baillon, de floração matinal (MABBERLEY, 2008: 355)– como independente das *Iridaceae*, embora proximamente relacionada com elas. De acordo com este autor, as Iridáceas dividem-se em quatro subfamílias: *Iridoideae*, *Isophysidoideae* –uma subfamília monotípica: *Isophysis tasmanica* (Hooker fil.) T. Moore [= *Hewardia tasmanica* Hooker fil. (basiónimo)], exclusivamente endémica da grande ilha australiana da Tasmânia (MABBERLEY, 2008: 437; TAKHTAJAN, 2009: 657)–, *Ixioidae* e *Nivenioideae* (TAKHTAJAN, 2009: 657-658). MATTHEW & SEBERG (2007: 375) também incluem as *Geosiridaceae* como indubitavelmente pertencentes às Iridáceas.

As **Xantorroeáceas** (*Xanthorrhoeaceae*), com 96 espécies, segundo a sua definição actual³²² (APG III, 2009), incluindo as antigas **Aloáceas** [*Aloaceae*]; **Asfodeláceas** (*Asphodelaceae*) –actualmente constituindo a subfamília *Asphodeloideae* (CHASE & al., 2009)–; **Dianeláceas** [*Dianellaceae*] (TAKHTAJAN, 1997, cit. por CHEN & TAMURA, 2000: 161; MABBERLEY, 2008: 266) e **Hemerocalidáceas** [*Hemerocallidaceae*] –formando actualmente a subfamília *Hemerocallidoideae* (CHASE & al., 2009)–; e **Forniáceas** [*Phormiaceae*] (MABBERLEY, 2008: 398), são outra família importante tradicionalmente cultivada no Jardim Botânico de Coimbra. As antigas Asfodeláceas –que também já estiveram inseridas na outrora família gigante das Liliáceas [*Liliaceae sensu lato*] (ENGLER in *Die natürlichen Pflanzenfamilien* 2 (5): 10-91, 1887, citado por KLOPPER & al., 2013: 402)– incluem várias espécies nativas e até comuns em Portugal (*Asphodelus* sp. pl., entre os quais *Asphodelus fistulosus* L., espontâneo ou já subespontâneo no Jardim; e *Simethis mattiazzii* (Vandelli ex L.) Saccardo (= *Anthericum planifolium* Vandelli ex L. [basiónimo]), outra planta que é relativamente comum em Portugal (cf. ALMEIDA & al., 2014ak).

Às Aloáceas (ou Aloáceas) pertencem o grande género *Aloe* L. –com 446 espécies (MABBERLEY, 2008: 31) ou mais ou menos 550 espécies (KLOPPER & al., 2013: 402), a nível mundial–, de notável importância ornamental, em cosmética e em medicina popular. Para além do citado género *Aloe*, e igualmente pertencentes às antigas Aloáceas, são também importantes como ornamentais os géneros sul-africanos *Haworthia* Duval –tão cultivado, com cerca de 60 ou 61 espécies (MABBERLEY, 2008: 393, KLOPPER & al., l.c.)–, *Gasteria* Duval, com 17 espécies (MABBERLEY, 2008: 351) e *Kniphofia* Moench, com 65 espécies da África e da Arábia (MABBERLEY, 2008: 455).

Bulbine Wolf –com entre 50 (MABBERLEY, 2008: 127) a 78 espécies (KLOPPER & al., l.c.)– e *Bulbinella* Kunth –incluindo 22 espécies de plantas sul-africanas (MABBERLEY, l.c.)–, são dois géneros de plantas ornamentais africanas que tradicionalmente fazem parte das Asfodeláceas.

KLOPPER & al. (2013) propuseram a conservação do nome *Asphodelaceae* para designar esta grande família unificada, pois as Asfodeláceas incluem cerca de 12 géneros e 1060 espécies (KLOPPER & al., 2013: 402), ou 14 géneros e cerca de 800 espécies de acordo com MABBERLEY (2008: 74), enquanto que as Hemerocalidáceas apenas possuem 18 géneros e 63 espécies (MABBERLEY, 2008: 398) e as Xantorroeáceas *sensu stricto* constituem uma família monogenérica, formada somente pelo notável género *Xanthorrhoea* Smith (“árvores-ervas”), com 28 a 30 espécies, exclusivamente endémico das grandes ilhas da Austrália e da Tasmânia (SEBERG, 2007a: 406-407; MABBERLEY, 2008: 914; KLOPPER & al., 2013: 403; WIKIPEDIA).

³²² As **Xantorroeáceas** (*Xanthorrhoeaceae*) também já foram consideradas uma família monogenérica, exclusivamente endémica das regiões tropicais e subtropicais da Austrália (SEBERG, 2007a: 406-407).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram noutros tempos, e por vários autores, consideradas como independentes, para além, evidentemente, das já referidas Aloáceas, Asfodeláceas, Dianeláceas, Hemerocalidáceas e Formiáceas: *Geitonoplesiaceae* e *Johnsoniaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 78-79).

As **Aráceas** (*Araceae*), com **82 taxa** (espécies, subespécies, variedades, híbridos e cultivares), segundo a sua definição actual (APG III, 2009; MABBERLEY, 2008), incluindo as antigas **Lemnáceas** (*Lemnaceae*), são uma família que possui um grande número de espécies exóticas tropicais e subtropicais e um certo interesse económico, constituindo outra das maiores famílias dentro das tradicionais Monocotiledóneas cultivadas no Jardim Botânico de Coimbra. De porte habitualmente herbáceo, as espécies desta família são muitíssimo cultivadas como ornamentais em Portugal e no Jardim Botânico, assim como em quase todos os jardins, exceptuando-se os locais mais frios ou a altitudes elevadas. A colecção de Aráceas do Jardim Botânico de Coimbra é tradicionalmente importante e a sua presença continua a ser actualmente muito notável, sobretudo dentro das várias estufas.

Esta família inclui algumas espécies aquáticas, por exemplo a pequena planta espontânea e comum em Portugal *Lemna minor* L. –que antigamente fazia parte das Lemnáceas– e diversas outras espécies como por exemplo a raramente subespontânea entre nós –no Algarve (COUTINHO, 1898: 23)– *Colocasia esculenta* (L.) Schott [= *Arum esculentum* L. (basiónimo)] – a colocásia, inhame ou inhame do Egipto– ou a *Pistia stratiotes* L., outra planta ornamental talvez também já subespontânea em Portugal. Entre as numerosas Aráceas terrestres, podemos citar a sul-africana *Zantedeschia aethiopica* (L.) Sprengel [= *Calla aethiopica* L. (basiónimo)] –o tão comumente cultivado jarro dos jardins–, assim como o belo *Dracunculus vulgaris* Schott [= *Arum dracunculus* L. (*nom. subst.*)], duas espécies também já naturalizadas em Portugal. Espontâneas no Jardim Botânico de Coimbra encontram-se pelo menos duas espécies de Aráceas: *Arum italicum* Miller subsp. *italicum* e o tão comum *Arisarum simorrhinum* Durieu –que dá o nome à conhecida associação de bosques *Arisaro-Quercetum broteroi* Brown-Bl., Pinto da Silva & Rozeira 1956 corr. Rivas-Martínez 1975 [syn.: *Arisaro-Quercetum fagineae* Brown-Bl., Pinto da Silva & Rozeira 1956], pertencente à classe de vegetação *Quercetea ilicis*, de carvalhais e outros bosques sempreverdes ou semidecíduos, matagais e matos da Região Mediterrânica (RIVAS-MARTÍNEZ & al, 2002a).

Como ornamentais, têm sido cultivadas numerosas espécies e cultivares de Aráceas no Jardim Botânico de Coimbra, de entre as quais podemos citar por exemplo a robusta *Monstera deliciosa* Liebmann, diversas espécies dos géneros *Aglonema* Schott, *Epipremnum* Schott, *Philodendron* Schott –um género de lianas epifíticas endémico da América tropical que possui mais de 500 espécies, incluindo o conhecido *Philodendron hederaceum* (Jacquin) Schott [= *Arum hederaceum* Jacquin (basiónimo)], que, de acordo com MABBERLEY (2008: 656), será possivelmente a planta doméstica (de interior) mais comum no Mundo!–; e ainda muitas outras espécies e cultivares de *Anthurium* Schott, um género endémico da América tropical que inclui um total de cerca de 1024 espécies (MABBERLEY, 2008: 52)!

As Aráceas são uma grande família cosmopolita, embora de distribuição predominantemente tropical e subtropical, com cerca de 105 a 110 géneros e entre 3200 a 3700 espécies, distribuídas por 8 subfamílias: *Aroideae*, *Calloideae*, *Gymnostachydoideae*, *Lasioideae*, *Lemnoideae* (as antigas Lemnáceas), *Monsteroideae*, *Orontioideae* e *Pothoideae* (SEBERG, 2007i: 345; MABBERLEY, 2008: 60; WIKIPEDIA).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram noutros tempos, e por vários autores, consideradas como independentes, para além, evidentemente, das já referidas Lemnáceas: *Arisaraceae*, *Caladiaceae*, *Callaceae*, *Colocasiaceae*, *Cryptocorynaceae*, *Dracontiaceae*, *Lasiaceae*, *Monsteraceae*, *Orontiaceae*, *Philodendraceae*, *Pistiaceae*, *Pothaceae* e *Wolffiaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 75).

As **Bromeliáceas** (*Bromeliaceae*), com **51** espécies cultivadas no Jardim Botânico, são outra família tradicionalmente importante de Monocotiledóneas no Jardim. É particularmente conhecido o ananás –*Ananas comosus* (L.) Merrill (= *Bromelia comosa* L. [basiónimo])–, mas existem muitas outras espécies de Bromeliáceas que são cultivadas sobretudo como ornamentais ou como curiosidades, pertencentes aos seguintes géneros: *Acanthostachys* Klotzsch, *Aechmea* Ruiz & Pavón, *Ananas* Miller, *Billbergia* Thunberg, *Bromelia* L., *Cryptanthus* Otto & A. Dietrich, *Deuterocohnia* Mez, *Dyckia* Schultes f., *Fosterella* L.B. Smith, *Neoregelia* L.B. Smith, *Nidularium* Lemaire, *Pitcairnia* L'Héritier, *Puya* Molina, *Quesnelia* Gaudichaud-Beaupré, *Tillandsia* L. e *Vriesea* Lindley.

As Bromeliáceas são uma grande família de Monocotiledóneas própria das regiões tropicais do Novo Mundo, onde se podem encontrar do nível do mar até uma altitude de 4200 metros (quase exclusivamente americanas, pois existe uma única espécie africana: *Pitcairnia feliciana* (A. Chev.) Harms & Mildbr. = *Willrussellia feliciana* A. Chev. [basiónimo]), com cerca de 56 a 59 géneros e entre 2600 a 3170 espécies, distribuídas pelas seguintes três subfamílias: *Bromelioideae*, *Pitcairnioideae* e *Tillandsioideae* (PICKERSGILL & SEBERG, 2007: 353-355; MABBERLEY, 2008: 122-123; WIKIPEDIA).

As Bromeliáceas constituem um grupo bem definido e isolado das outras famílias de Monocotiledóneas, pois, segundo TAKHTAJAN (2009: xiv), incluem-se numa superordem (*Bromeliana*) e numa ordem (*Bromeliales*) inteiramente exclusivas.

As **Palmeiras** ou **Arecáceas** (*Arecaceae* ou *Palmae*), com **52** espécies –família que possui um grande número de espécies exóticas tropicais e subtropicais e um enorme interesse económico³²³– constituem outra das maiores famílias dentro das tradicionais Monocotiledóneas, não só pelo número de espécies cultivadas no Jardim Botânico, mas também e sobretudo pelo número de indivíduos, pelo seu grande porte e pela sua importância na paisagem e nos ambientes do Jardim –assim como em muitíssimos outros jardins e arruamentos portugueses. De porte habitualmente arbóreo, as espécies desta família são muitíssimo cultivadas como ornamentais em Portugal e no Jardim Botânico de Coimbra, assim como em quase todos os jardins, exceptuando-se os locais mais frios ou a altitudes elevadas. A colecção de palmeiras do Jardim Botânico de Coimbra é tradicionalmente uma das mais importantes –e a sua presença continua a ser muito notável, apesar dos ataques de um insecto temível da ordem dos coleópteros e da família dos curculionídeos [*Rhynchophorus ferrugineus* (Olivier, 1790), o “escaravelho das palmeiras”] que levou infelizmente à morte de alguns exemplares de porte arbóreo, particularmente do género *Phoenix*, que é tão cultivado entre nós, assim como do excelente exemplar arbóreo de grande porte da *Jubaea chilensis* (Molina) Baillon [= *Palma chilensis* Molina (basiónimo)]. Convém assinalar que as palmeiras deste género – *Phoenix canariensis* hort. ex Chabaud, particularmente, são já claramente subespontâneas no Jardim Botânico, pois as suas sementes germinam muito bem nos mais diversos locais (arrelvados, canteiros, caminhos e suas margens), existindo uma regeneração natural muito intensa.

As Palmeiras ou Arecáceas, constituem um grupo particularmente bem definido e taxonomicamente isolado das outras famílias de Monocotiledóneas, pois, segundo TAKHTAJAN (2009: xiv) incluem-se numa subclasse (*Arecidae*), numa superordem (*Arecanae*) e numa ordem (*Arecales*) totalmente exclusivas.

Esta grande família, de distribuição pantropical e subtropical, possui apenas algumas espécies próprias das regiões temperadas (de que é um bom exemplo a nossa única palmeira nativa, a austral *Chamaerops humilis* L.) e pode dividir-se em cinco subfamílias distintas: *Calamoideae*, *Nypoideae* (monogenérica, pois apenas é integrada pelo género *Nypa* Steck), *Coryphoideae*, *Ceroxyloideae* e *Arecoideae*, segundo TAKHTAJAN (2009: 694-695). As Palmeiras ou Arecáceas são constituídas por cerca de 190 a 203 géneros e entre 2000 a 2600 espécies (MABBERLEY, 1997: 521; SEBERG, 2007j: 348; MABBERLEY, 2008: 622; WIKIPEDIA).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram noutros tempos, e por vários autores, consideradas como independentes (algumas destas antigas famílias são actualmente consideradas como subfamílias): *Acristaceae*, *Borassaceae*, *Calamaceae*, *Ceroxylaceae*, *Chamaedoreaceae*, *Cocosaceae*, *Coryphaceae*, *Geonomataceae*, *Iriarteaceae*, *Lepidocaryaceae*, *Malortieaceae*, *Manicariaceae*, *Moreniaceae*, *Nypaceae*, *Phoenicaceae*, *Phytelephantaceae*, *Pseudophoenicaceae*, *Rhapidaceae*, *Sabalaceae*, *Sagaceae* e *Synechanthaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 79-80; TAKHTAJAN, 2009: 694).

As **Ciperáceas** (*Cyperaceae*), com **46** espécies cultivadas ou espontâneas (existem pelo menos as seguintes duas espécies nitidamente espontâneas e comuns no Jardim: *Carex divulsa* Stokes subsp. *divulsa* e *Cyperus longus* L.) no Jardim Botânico, não são, de forma alguma, uma das famílias tradicionalmente mais cultivadas no Jardim Botânico, talvez por não serem habitualmente consideradas particularmente ornamentais ou de grande interesse económico. Esta família de Monocotiledóneas é bastante numerosa em Portugal, com mais de 90 espécies entre nós –e mais de 4400 a nível mundial–, embora a sua importância económica seja consideravelmente reduzida, sobretudo quando comparada com a das Gramíneas ou Poáceas (MABBERLEY, 2008: 247-248; WALTERS & al., 1984: 114). No Jardim têm sido cultivadas algumas espécies de Ciperáceas, sobretudo pertencentes aos seguintes géneros: *Carex* L., *Cladium* P. Browne, *Cyperus* L., *Eriophorum* L., *Fimbristylis* Vahl, *Gahnia* Forster & Forster f., *Isolepis* R. Brown e *Scirpoides* Séguier.

Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram noutros tempos, e por vários autores, consideradas como independentes: *Kobresiaceae*, *Mapaniaceae*, *Papyraceae*, *Scirpaceae*, *Scleriaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 81).

As **Comelináceas** (*Commelinaceae*), com **29** taxa cultivados no Jardim Botânico, são outra família tradicionalmente importante (como ornamental) de Monocotiledóneas no Jardim. É particularmente conhecido a “erva da fortuna” –*Tradescantia fluminensis* Vellozo, que surge abundantemente subespontânea no Jardim e na Mata, propagando-se vegetativamente de forma eficaz em ambientes frescos e mais ou menos sombrios–, mas existem muitas outras espécies de Comelináceas que são cultivadas sobretudo como ornamentais ou como curiosidades do mundo vegetal, pertencentes aos seguintes géneros: *Aneilema* R. Brown, *Callisia* Loefling, *Commelina* L., *Cyanotis* D. Don, *Palisota* Reichenbach, *Tinantia* Scheidweiler e *Tradescantia* L.

³²³ A família das Palmeiras (*Arecaceae* ou *Palmae*), inclui de 183 a 189 géneros e cerca de 2450 espécies, distribuídos ao longo de quase todas as regiões tropicais e subtropicais do globo terrestre (MABBERLEY, 2008: 622-624; PEI & al., 2010).

As Comelináceas são uma família pantropical moderadamente grande de Monocotiledóneas, com cerca de 40 géneros e entre 600 a 650 espécies, distribuídas por duas subfamílias: *Cartonematoideae* e *Commelinoideae* (MABBERLEY, 1997: 173; SEBERG, 2007k: 359; MABBERLEY, 2008: 205-206; WIKIPEDIA).

Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram noutros tempos, e por vários autores, consideradas como independentes: *Cartonemataceae*, *Ephemeraceae*, *Tradescantiaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 80).

As **Liliáceas** (no tradicional sentido lato) já foram uma das maiores famílias cultivadas (e até espontâneas: *Ruscus aculeatus* L. [a conhecida “gibaradeira” ou “gilbarbeira” ou “gilbaradeira” ou “rascaço”], por exemplo) no Jardim Botânico de Coimbra.

Na classificação actual, incluem-se também as **Calocortáceas** (*Calochortaceae*), na família das **Liliáceas**, que, em todo o Mundo possui um total de 16 géneros e cerca de 600 espécies, distribuídos ao longo do Hemisfério Norte (MABBERLEY, 2008: 489).

Se considerarmos a classificação adoptada na recentíssima *Flora iberica* volume XX (RICO, QUINTANAR & HERRERO, 2013: 3-9), as Liliáceas ainda são uma grande família, representada por 35 géneros presentes na Península Ibérica e Ilhas Baleares. Contudo, considerando como actual a classificação adoptada pelo *Angiosperm Phylogeny Group* (APG III, 2009), estes 35 géneros que tradicionalmente pertenciam às Liliáceas encontram-se divididos por oito famílias pertencentes a quatro ordens diferentes! (RICO, QUINTANAR & HERRERO, 2013: 5): ordem **Liliales**, com três famílias presentes na Península Ibérica: **Liliaceae** [sensu stricto] (com 6 géneros na *Flora iberica*), **Colchicaceae** (com 4 géneros ibéricos) e **Melanthiaceae** (com 2 géneros ibéricos); ordem **Asparagales**, igualmente representada por três famílias ibéricas: **Asparagaceae** (a maior família, com 16 géneros presentes entre nós), **Amaryllidaceae** (na qual se incluem actualmente os géneros *Allium* Tournefort ex L. e *Nothoscordum* Kunth, outrora pertencentes às *Liliaceae* sensu lato) e **Xanthorrhoeaceae** (com 3 géneros ibéricos, um dos quais apenas naturalizado: *Aloe* Tournefort ex L.); ordem **Dioscoreales**, representada pela família **Nartheciaceae** (na qual se inclui um único género ibérico: *Narthecium* Möhring ex Hudson); e ainda a ordem **Alismatales**, representada na Península Ibérica pela família (outrora também liliácea) **Tofieldiaceae** (com um único género ibérico: *Tofieldia* Huson).

Dos actuais 16 géneros de **Liliáceas sensu stricto**, têm sido cultivados no Jardim Botânico de Coimbra os seguintes seis, incluindo um total de **26** espécies, subespécies, variedades ou híbridos: *Calochortus* Pursh, *Cardiocrinum* (Endlicher) Lindley [= *Lilium* L. e *Cardiocrinum* Endlicher (basion.)], *Fritillaria* Tournefort ex L., *Lilium* Tournefort ex L., *Tricyrtis* Wallich e *Tulipa* Tournefort ex L.). Estes 16 géneros compreendem um total de 600 a 640 espécies, todas elas nativas do Hemisfério Norte, distribuídas por três subfamílias: *Calochortoideae*, *Lilioideae* e *Streptopoideae* (SEBERG, 2007l: 378-379; MABBERLEY, 2008: 489; WIKIPEDIA). Incluem-se nesta família (como sinónimos) algumas outras famílias que foram noutros tempos, e por vários autores, consideradas como independentes, para além, evidentemente, das já acima referidas Calocortáceas: *Compsaceae*, *Erythroniaceae*, *Fritillariaceae*, *Liriaceae*, *Medeolaceae*, *Scoliopaceae*, *Tricyrtidaceae* e *Tulipaceae* (REVEAL & CHASE, 2011: 77).

O seguinte quadro – Tabela III – resume os totais de espécies das principais famílias e outros grupos taxonómicos importantes e numerosos de plantas vasculares, briófitos e outros organismos de natureza vegetal ou fúngica [5973, em 31.XII.2014]:

N.º ordem	Família	Nº géneros	Nº espécies	Total acumulado	% do total
1	Compostas		489	489	8.2 %
2	Leguminosas		414	903	6.9 %
3	Gramíneas		248	1151	4.2 %
4	Labiadas		216	1367	3.6 %
5	Umbelíferas		215	1582	3.6 %
6	Asparagáceas		192	1774	3.2 %
7	Crucíferas		166	1940	2.8 %
8	Orquídeas		164	2104	2.7 %
9	Amarilidáceas		142	2246	2.4 %
10	Iridáceas		141	2387	2.4 %
11	Cariofiláceas		128	2515	2.1 %
12	Rosáceas		125	2640	2.1 %
13	Ranunculáceas		119	2759	2.0 %
14	Malváceas		118	2877	2.0 %
15	Solanáceas		112	2989	1.9 %
16	Plantagináceas		103	3092	1.7 %
17	Xantorroeáceas		97	3189	1.6 %
17	Caprifoliáceas		95	3284	1.6 %
	Fungos (+ Líquenes)		94	3378	1.6 %
19	Mirtáceas		88	3466	1.5 %
20	Aráceas		82	3548	1.4 %
21	Boragináceas		77	3625	1.3 %
	Pteridófitos		74	3699	1.2 %
	Gimnospermicas		71	3770	1.2 %
22	Euforbiáceas		70	3840	1.2 %
23	Apocináceas		63	3903	1.1 %
24	Aizoáceas		62	3965	1.0 %
25	Amarantáceas		60	4025	1.0 %
	Briófitos		59	4084	1.0 %
26	Escrofulariáceas		54	4138	0.9 %
26	Rubiáceas		54	4192	0.9 %
28	Palmeiras		52	4244	0.9 %
29	Bromeliáceas		51	4295	0.9 %
30	Papaveráceas		50	4345	0.8 %
31	Ciperáceas		46	4391	0.8 %
31	Oleáceas		46	4437	0.8 %
33	Poligonáceas		45	4482	0.8 %
34	Geraniáceas		44	4526	0.7 %
35	Crassuláceas		43	4569	0.7 %
36	Onagráceas		40	4609	0.7 %
37	Campanuláceas		39	4648	0.7 %
38	Acantáceas		37	4685	0.6 %
39	Convolvuláceas		31	4716	0.5 %
40	Cactáceas		30	4746	0.5 %
41	Comelináceas		29	4775	0.5 %
41	Rutáceas		29	4804	0.5 %
43	Liliáceas		26	4830	0.4 %

Tabela III – As principais famílias e grupos taxonómicos das plantas presentes (na actualidade ou no passado) no Jardim Botânico da Universidade de Coimbra

A estes **mais de 5700** taxa de plantas vasculares [5734 em 31.XII.2014], podemos juntar ainda um considerável número de espécies (**240**) de outros grupos taxonómicos de vegetais não vasculares (briófitos e algas) ou tradicionalmente considerados como vegetais (fungos e líquenes): **240 “Plantas não vasculares”** ou “Vegetais não vasculares”, como se chamava uma antiga disciplina da licenciatura em Biologia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Encontrámos testemunhos (SANTOS in ACOI, 2014, sobretudo) da existência no Jardim (presente ou pretérita) de **18** espécies de **Cianobactérias** ou **Cianófitas** (da classe *Cyanophyceae*), do império **Prokaryota**, reino **Eubacteria**, sub-reino **Negibacteria** e divisão **Cyanobacteria**;

assim como **3** espécies de **Euglenófitas**, do império **Eukaryota**, reino **Protozoa**, sub-reino **Eozoa**, infra-reino **Euglenozoa**³²⁴, divisão ou *phylum* **Euglenophyta**, classe **Euglenophyceae**;

2 espécies de algas douradas, do império **Eukaryota**, do reino **Chromista**, da divisão **Cryptophyta** e da classe **Cryptophyceae**;

1 espécie de diatomácea da classe **Fragillariophyceae**, pertencente ao mesmo reino **Chromista**; e à mesma divisão **Cryptophyta**;

2 espécies de algas douradas da classe **Aurearenophyceae**^{325,326} [syn.: *Aurophyceae*], do reino **Chromista**³²⁷, e da divisão **Ochrophyta**³²⁸ do reino **Chromista**;

1 espécie de alga dourada, pertencente à classe **Chrysophyceae**, da mesma divisão **Ochrophyta** do reino **Chromista**; e ainda

1 espécie de alga dourada, pertencente à classe **Eustigmatophyceae**, da mesma divisão **Ochrophyta** do reino **Chromista**;

Dentro do vasto reino dos **Fungos (Fungi)**, identificámos ou temos referências bibliográficas (MARQUES, GRANDE & AZUL, 2011a; 2011b; MARQUES, 2012) relativas a pelo menos **75** espécies de **Fungos**, das seguintes três divisões:

Ascomycota [71 espécies], maioritariamente da classe **Agaricomycetes** [70 espécies], e ainda 3 espécies das classes **Tremellomycetes** [2] e **Dacrymycetes** [1];

Basidiomycota [2 espécies], pertencentes a duas classes **Pezizomycetes** [1 espécie] e **Sordariomycetes** [1]; e ainda **Lycogala epidendrum** (L.) Fries, pertencente à classe **Myxomycetes** [1 espécie], da divisão **Myxomycophyta** (os mixomicetes ou fungos gelatinosos), actualmente integrada no reino **Protozoa** ou no reino **Amoebozoa** – este curioso organismo tem sido recentemente considerado como pertencente ao filo **Mycetozoa** e à classe **Myxogastria** (cf. ADL & al., 2012: 436-437; WIKIPEDIA).

Foram também detectadas **19** espécies de **Líquenes**³²⁹ (todos pertencentes à divisão **Ascomycota**, classes **Lecanoromycetes** [18 espécies] e **Arthoniomycetes** [1 espécie]). Os Líquenes são actualmente considerados e classificados como pertencentes ao reino dos Fungos³³⁰ (SÉRGIO & al., 2009: 29; WIKIPEDIA).

³²⁴ O infra-reino EUGLENOZOA é actualmente agrupado com o infra-reino EXCAVATA no seio do subreino EOZOA e do reino PROTOZOA (CAVALIER-SMITH, 2010).

³²⁵ Classe AUROPHYCEAE ou AUREARENOPHYCEAE, segundo GUIRY in ALGAEBASE (2014); Esta classe estará certamente relacionada com as antigas CHRYSOPHYCEAE, do phylum ou divisão CHRYSOPHYTA (as algas douradas, “golden algae” [WHITTAKER, 1969: 154]), às quais também se pode considerar pertencer o género *Tetrachrysis* A.J. Dop (DOP, 1980; NICHOLLS & WUJEK, 2003). Outros autores consideram a classe PHAEOTHAMNIOPHYCEAE Andersen & Bailey in Bailey & al., 1998 (ADL & al., 2012: 456).

³²⁶ Para a classificação das algas (verdes ou de outras colorações), seguimos GUIRY & GUIRY, ALGAEBASE (2014).

³²⁷ O Reino CHROMISTA foi estabelecido por Cavalier-Smith em 1981 como um reino distinto dos reinos PLANTAE e PROTOZOA porque existem provas de que os cloroplastos dos CHROMISTA foram adquiridos secundariamente “by the enslavement of a red algae, itself a member of kingdom Plantae, and their unique membrane topology” (CAVALIER-SMITH, 1981; CAVALIER-SMITH, 2010: 342). Sabe-se actualmente que os cloroplastos tiveram uma origem simbiogenética a partir de cianobactérias, para formar o ancestral comum das plantas verdes (*Viridiplantae*), algas vermelhas (*Rhodophyta*) e algas glaucófitas (*Glaucophyta*), todas pertencentes ao reino PLANTAE (CAVALIER-SMITH, 1998; CAVALIER-SMITH, 2000; MOREIRA & al., 2000; DOUGLAS & al., 2001). Actualmente, o reino CHROMISTA abarca também os antigos protozoários HELIOZOA, assim como os infra-reinos ALVEOLATA e RHIZARIA (CAVALIER-SMITH, 2010; WIKIPEDIA). O reino CHROMISTA é considerado “sister to kingdom Plantae and arguably originated by synergistic double enslavement of green algal and red algal cells” (CAVALIER-SMITH, 2010). O reino **Chromista** é considerado aparentado com o reino das Plantas e ter-se-á originado através de um duplo englobamento sinérgico de células de algas verdes e de algas vermelhas (CAVALIER-SMITH, 2010).

³²⁸ Divisão ou *phylum* OCHROPHYTA, segundo GUIRY in ALGAEBASE (2014), os estramenópilos autotróficos – “*autotrophic Stramenopiles*” – (WIKIPEDIA).

³²⁹ Os Líquenes são classificados com base no fungo que os constitui (o outro co-constituente é uma alga), e que mais contribui para lhes dar a forma, habitualmente um membro da divisão Ascomycota (WIKIPEDIA).

³³⁰ “A identificação e classificação dos líquenes baseia-se sempre na sistemática do fungo” (SÉRGIO & al., 2009: 29).

Já dentro do reino das **Plantas (Plantae, syn.: Viridiplantae** Cavalier-Smith [1981]; *Chlorobiota* Kendrick & Crane [1997], *Chlorobionta* Jeffrey [1982], emend. Bremer [1985]³³¹, *Chloroplastida* Adl & al. [2005]³³²], encontrámos referências relativas a:

59 espécies de algas verdes eucarióticas (actualmente consideradas como pertencentes ao reino das Plantas):

45 da divisão **Chlorophyta**, de algas verdes, pertencentes a três classes:

Chlorophyceae: 31 espécies;

Trebouxiophyceae: 8 espécies; e

Ulvophyceae: 6 espécies;

e

14 da divisão **Charophyta**, pertencentes às três classes seguintes:

Charopsida ou **Charophyceae** (*Chara* sp. pl., **2** espécies);

Coleochaetophyceae: 1 espécie; e

Conjugatophyceae (*Zygnematophyceae*): **11** espécies;

59 espécies de Briófitos³³³ (plantas não vasculares):

2 antocerotópsidas (**Anthoceros punctatus** L. e **Phaeoceros laevis** (L.) Proskauer [= *Anthoceros laevis* L. (basion.)], da divisão **Anthocerotophyta**, classe **Anthocerotopsida**);

23 espécies de **Hepáticas** (pertencentes à divisão **Marchantiophyta**: classes **Jungermanniopsida** [12 espécies] e **Marchantiopsida** [11]); e

34 espécies de **Musgos** (da divisão **Bryophyta**, classes **Bryopsida** [33 espécies] e **Sphagnopsida** [1 espécie, pelo menos]).

Estes **59 taxa** de Briófitos considerados presentes no Jardim Botânico de Coimbra correspondem a cerca de **8,4 %** do total de *taxa* de **Briófitos** que se encontram **presentes em Portugal continental**: 704, de acordo com SÉRGIO & al. (2013). Ainda de acordo com estes autores (*l.c.*), estes **59 taxa** correspondem a cerca de 3,4 % do total de *taxa* presente na Europa (cerca de 1760) e a cerca de 5,4 % do total de *taxa* que se encontram presentes na península Ibérica (cerca de 1083).

Dentro dos **Pteridófitos**, totalizando **74** espécies, encontrámos no Jardim plantas pertencentes a 4 classes diferentes: uma classe pertencente à divisão **Lycopodiophyta**:

Lycopodiopsida, com **5** espécies de *Selaginella* (da família *Selaginellaceae*); e

3 classes que se incluem na divisão **Pteridophyta**:

Equisetopsida, com **2** espécies de *Equisetum* (da família *Equisetaceae*);

Polypodiopsida [syn.: *Filicopsida*], com **66** espécies de fetos, incluindo plantas tão diversas como os fetos aquáticos, os fetos anuais, os fetos perenes ou vivazes (que constituem a larga maioria dos fetos) e os fetos arbóreos]; e

Psilotopsida, com **1** só espécie: *Psilotum nudum* L. (da família *Psilotaceae*), que já se encontra por vezes subespontânea na Estufa Grande e nos Viveiros).

³³¹ De acordo com LEWIS & McCOURT (2004: 1541).

³³² De acordo com a WIKIPEDIA (<http://en.wikipedia.org/wiki/Plant>).

³³³ Os briófitos podem considerar-se actualmente divididos em três subclasses, todas pertencentes à classe *Equisetopsida sensu lato* (que inclui todas as plantas terrestres [*Embryophyta*): *Marchantiidae* Engler (1893), as hepáticas; *Bryidae* Engler (1892), os musgos; e *Anthocerotidae* Engler (1893), os “hornworts” (CHASE & REVEAL, 2009; WIKIPEDIA).

No vasto grupo das **Gimnospérmicas**, com um total de **71** espécies diferentes, encontramos no Jardim plantas pertencentes a 4 classes diferentes:

Cycadopsida, com **6** espécies de cicas e afins– (incluindo as duas famílias *Cycadaceae* e *Zamiaceae*, ambas com três espécies cada uma);

Ginkgoopsida, que inclui **1** única espécie e uma única família (*Ginkgoaceae*, monoespecífica, constituída pela famosa e medicinal *Ginkgo biloba* L., tradicionalmente cultivada no Jardim, com exemplares antigos e de grande porte nas vizinhanças do monumento a Brotero);

Gnetopsida, com apenas **5** espécies distribuídas por duas famílias: *Ephedraceae* (incluindo a única gnetópsida portuguesa autóctone: *Ephedra fragilis* Desfontaines subsp. *fragilis*, que é espontânea em Portugal); e *Welwitschiaceae* (monoespecífica – uma só espécie existente em todo o Mundo), representada pelo curioso arbusto exótico *Welwitschia mirabilis* Hooker f.); e

Pinopsida, a maior classe de gimnospérmicas, que integra as seguintes sete famílias: *Araucariaceae*, *Cephalotaxaceae*, *Cupressaceae*, *Pinaceae*, *Podocarpaceae*, *Taxaceae* e *Taxodiaceae* (com um número total de **59** espécies).

Considerando apenas as Monocotiledóneas³³⁴, o seguinte quadro – Tabela IV – resume os totais de espécies das principais famílias deste vasto grupo de plantas vasculares, muitas das quais têm grande importância como ornamentais, para além do extraordinário valor alimentar e económico de muitas das suas espécies e cultivares [1411 em 31.XII.2014], o que equivale a mais de **23,6 %** (quase um quarto) do número total de *taxa* (**5973**) que inventariámos:

N.ºordem	Família	Nº géneros	Nº espécies	Total acumulado	% do total
1	Gramíneas	124	248	248	17.6 %
2	Asparagáceas	51	192	440	13.6 %
3	Orquídeas	57	164	604	11.6 %
4	Amarilidáceas	27	142	746	10.1 %
5	Iridáceas	25	141	887	10.0 %
6	Xantorroeáceas	15	97	984	6.9 %
..7	Aráceas	25	82	1066	5.8 %
8	Palmeiras	26	52	1118	3.8 %
9	Bromeliáceas	16	51	1169	3.7 %
10	Ciperáceas	12	46	1215	3.3 %
11	Comelináceas	6	29	1244	2.1 %
12	Liliáceas	6	26	1270	1.8 %
13	Marantáceas	6	21	1291	1.5 %
14	Zingiberáceas	10	20	1311	1.5 %
15	Dioscoreaceae	2	12	1323	0.8 %
16	Juncáceas	2	10	1333	0.7 %

Tabela IV – As principais famílias e grupos taxonómicos das monocotiledóneas presentes (na actualidade ou no passado) no Jardim Botânico da Universidade de Coimbra

³³⁴ É curioso notar que as Monocotiledóneas incluem cinco famílias no “top ten” global de famílias com maior número de espécies presentes no Jardim Botânico de Coimbras: *Gramineae* = *Poaceae*, *Asparagaceae*, *Amaryllidaceae*, *Orchidaceae* e *Iridaceae*.

Pareceu-nos interessante preparar ainda um pequeno quadro Tabela V³³⁵ com alguns dados relativos ao número de espécies que se podem encontrar nalguns dos principais e mais conhecidos jardins botânicos³³⁶ da Europa e do Mundo, assim como as suas áreas aproximadas (em hectares)³³⁷ e densidades de espécies em cultura:

Jardim Botânico	País	Nº de <i>taxa</i>	Área (ha)	Densidade: sp./ha
Kew ³³⁸	Inglaterra/UK	30000	121	248
Berlin ³³⁹	Alemanha	22000	43	512
Dublin ³⁴⁰	Irlanda	20000	19.5	1026
Moscovo ³⁴¹	Rússia	16330	361	45
Edinburgh ³⁴²	Escócia/UK	15500	28.3	547
Heidelberg ³⁴³	Alemanha	14000	2	7000
Kiel ³⁴⁴	Alemanha	14000	8	1750
München ³⁴⁵	Alemanha	14000	21.2	660
Copenhague ³⁴⁶	Dinamarca	13000	10	1300
Kiev - Nat. B. G. ³⁴⁷	Ucrânia	13000	120	108
Xishuangbanna ³⁴⁸	China	13000	1125	12
Palermo ³⁴⁹	Itália	12000	10	1200
Jena ³⁵⁰	Alemanha	12000	4.5	2667
Dresden ³⁵¹	Alemanha	10000	3.25	3077
Zagreb ³⁵²	Croácia	10000	5	2000
Tübingen ³⁵³	Alemanha	10000	10	1000
Würzburg ³⁵⁴	Alemanha	10000	9	1111
Nápoles ³⁵⁵	Itália	10000	15	667
Melbourne ³⁵⁶	Austrália	10000	38	263
Zurich ³⁵⁷	Suíça	9000	5.3	1698
Potsdam ³⁵⁸	Alemanha	9000	8.5	1059
Viena ³⁵⁹	Áustria	9000	8	1125
Florença ³⁶⁰	Itália	9000	2.3	3913
Oxford ³⁶¹	Inglaterra/UK	8000	1.8	4444
Bonn ³⁶²	Alemanha	8000	9.5	842

³³⁵ Esta tabela foi iniciada durante o mês de Novembro de 2011.

³³⁶ Os jardins botânicos aqui referidos estão ordenados por ordem decrescente do número de espécies (ou *taxa*) neles cultivados, de acordo com as informações que constam na Internet (Novembro de 2011 – Janeiro de 2013).

³³⁷ 1 hectare = 1 ha = 100 m × 100 m = 10000 m² = 0,01 km².

³³⁸ Fontes: http://en.wikipedia.org/wiki/Royal_Botanic_Gardens_Kew; http://en.wikipedia.org/wiki/Jodrell_Laboratory.

³³⁹ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Botanical_Garden_in_Berlin.

³⁴⁰ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Irish_National_Botanic_Gardens.

³⁴¹ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Moscow_Botanical_Garden_of_Academy_of_Sciences.

³⁴² Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Royal_Botanic_Garden_Edinburgh.

³⁴³ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Botanischer_Garten_Heidelberg.

³⁴⁴ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Botanischer_Garten_der_Christian-Albrechts-Universitat_zu_Kiel.

³⁴⁵ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Botanischer_Garten_M%3BC%3BNchen-Nymphenburg.

³⁴⁶ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/University_of_Copenhagen_Botanical_Garden.

³⁴⁷ Kiev – M.M. Gryshko National Botanic Garden:

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/M.M._Gryshko_National_Botanic_Garden.

³⁴⁸ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Xishuangbanna_Tropical_Botanical_Garden.

³⁴⁹ Fontes: RAIMONDO & al., 1993: 15; RAIMONDO & al., 2009; http://en.wikipedia.org/wiki/Orto_botanico_di_Palermo.

³⁵⁰ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Botanischer_Garten_Jena.

³⁵¹ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Botanischer_Garten_der_Technischen_Universit%C3%A4t_Dresden.

³⁵² Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Zagreb_Botanical_Garden.

³⁵³ Fonte: <http://www.botgarten.uni-tuebingen.de>.

³⁵⁴ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Botanischer_Garten_der_Universit%C3%A4t_WC%3BCrzbzurg.

³⁵⁵ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Botanical_Garden_of_Naples.

³⁵⁶ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Royal_Botanic_Gardens_Melbourne.

³⁵⁷ Fonte: <http://www.bg.uzh.ch/index.html>.

³⁵⁸ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Botanischer_Garten_Potsdam.

³⁵⁹ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Botanical_Garden_of_the_University_of_Vienna.

³⁶⁰ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Orto_Botanico_di_Firenze.

³⁶¹ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Oxford_Botanic_Garden.

³⁶² Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Botanische_G%C3%A4rten_der_Friedrich-Wilhelms-Universit%C3%A4t_Bonn.

Kiev – Fomin B. G. ³⁶³	Ucrânia	8000	22.5	356
British Columbia ³⁶⁴	Canadá	8000	44	182
Tallinn ³⁶⁵	Estónia	7500	123	61
Leipzig ³⁶⁶	Alemanha	7000	3.5	2000
Dunedin ³⁶⁷	Nova Zelândia	6800	28	243
Rio de Janeiro ³⁶⁸	Brasil	6500	54	120
Beijing ³⁶⁹	China	6000	56.4	106
Düsseldorf ³⁷⁰	Alemanha	6000	8	750
Strasbourg ³⁷¹	França	6000	3.5	1714
Buenos Aires ³⁷²	Argentina	5500	7.0	786
Krefeld ³⁷³	Alemanha	5000	3.6	1389
Innsbruck ³⁷⁴	Áustria	5000	2.0	2500
Ajuda ³⁷⁵	Portugal	5000 ³⁷⁶	3.5	1429
Tbilisi ³⁷⁷	Geórgia	4500	161	28
Oldenburg ³⁷⁸	Alemanha	4000	5.2	769
Coimbra ca. 1980	Portugal	3500 ³⁷⁹	13.5	259
Lancker ³⁸⁰	Costa Rica	3000	11	273
Nanjing ³⁸¹	China	3000	186	16
Montpellier ³⁸²	França	2680	4.5	596
Mortola ³⁸³	Itália	2500	18	139
Weinheim ³⁸⁴	Alemanha	2500	2.2	1136
Coimbra ca. 2013	Portugal	2000 ³⁸⁵	13,5	148
Konstanz ³⁸⁶	Alemanha	1400	1,5	933
Schachen ³⁸⁷	Alemanha	1000	1	1000
Hong Kong ³⁸⁸	Hong Kong/China	1000	5,6	179
Monte Faverghera ³⁸⁹	Itália: Alpi Orientali	800	6,25	128

Tabela V – Comparação entre alguns dos principais jardins botânicos relativamente ao número de espécies cultivadas, a respectiva área e a densidade de espécies presentes

³⁶³ Kiev - A.V. Fomin Botanical Garden: Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/A.V._Fomin_Botanical_Garden.

³⁶⁴ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/UBC_Botanical_Garden_and_Centre_for_Plant_Research.

³⁶⁵ Fontes: http://en.wikipedia.org/wiki/Tallinn_Botanic_Garden; SANDER (2001).

³⁶⁶ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Leipzig_Botanical_Garden.

³⁶⁷ Fonte: BGCI Newsletter.pdf [consultado em 27.12.2012].

³⁶⁸ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Jardim_Botanico_do_Rio_de_Janeiro.

³⁶⁹ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Beijing_Botanical_Garden.

³⁷⁰ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Botanischer_Garten_D%C3%BCsseldorf.

³⁷¹ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Jardin_botanique_de_I%27Universit%C3%A9_de_Strasbourg.

³⁷² Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Buenos_Aires_Botanical_Garden.

³⁷³ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Botanischer_Garten_Krefeld.

³⁷⁴ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Innsbruck_University_Botanic_Garden.

³⁷⁵ Fonte: <http://www.isa.utl.pt/home/node/906>.

³⁷⁶ Este número não está actualizado.

³⁷⁷ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Tbilisi_Botanical_Garden.

³⁷⁸ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Botanischer_Garten_Oldenburg.

³⁷⁹ Este número não está actualizado.

³⁸⁰ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Lancker_Botanical_Garden.

³⁸¹ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Nanjing_Botanical_Garden_Men_Sun_Yat-Sen.

³⁸² Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Jardin_des_plantes_de_Montpellier.

³⁸³ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Giardini_Botanici_Hanbury

³⁸⁴ Schau- und Sichtungsgarten Hermannshof.

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Schau-_und_Sichtungsgarten_Hermannshof

³⁸⁵ Fonte: INDEX SEMINUM ET SPORARUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT (2013). Talvez 1500 *taxa* cultivados seja eventualmente um número mais próximo da realidade actual, contudo (em Abril de 2014).

³⁸⁶ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Botanischer_Garten_der_Universit%C3%A4t_Konstanz.

³⁸⁷ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Alpengarten_auf_dem_Schachen.

³⁸⁸ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Hong_Kong_Zoological_and_Botanical_Gardens.

³⁸⁹ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Giardino_botanico_delle_Alpi_Orientali.

Os “cultivated taxa: about 3500”, referidos nos Índices de Sementes mais recentes³⁹⁰ podem parecer surpreendentes para os cerca de 13,5 hectares que constituem a área do Jardim Botânico de Coimbra, mas, de acordo com a excelente enciclopédia on-line *Wikipedia*³⁹¹, no Jardim Botânico da Universidade de Oxford – o jardim botânico mais antigo da Grã-Bretanha e um dos mais antigos do mundo – numa área de apenas 1,8 hectares (ou quatro acres e meio) são actualmente cultivadas mais de 8000 espécies diferentes de plantas, incluindo representantes de mais de 90 % das famílias de plantas vasculares.

Se considerarmos a presença de 3500 taxa de plantas vasculares cultivados numa área de 13,5 hectares = 135 000 m² = 0,135 km², obteríamos, para o Jardim Botânico de Coimbra, uma densidade de 259,26 taxa/hectare = 0,025926 taxa/m² = 25926 taxa/km², enquanto que para o Jardim Botânico da Universidade de Oxford, a densidade é superior a 4444 espécies de plantas/hectare = 0,4444 espécies/m² = 444444 espécies/km²³⁹². O recordista mundial em termos de densidade de espécies cultivadas, será provavelmente o Jardim Botânico da Universidade de Heidelberg, com a extraordinária densidade de 7000 taxa por hectare = 700000 taxa/km²!, o que corresponde ao total de 14000 taxa de plantas concentrados em apenas 2 hectares³⁹³ (=0,02 km²)!

Infelizmente, estes “cultivated taxa: about 3500” do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra poderão eventualmente estar na actualidade reduzidos a um pouco menos de 1500 taxa, pois a larga maioria das espécies outrora presentes nos 150 canteiros das Escolas de Sistemática (incluindo os 30 canteiros da “Escola Médica”) – chegaram a ser cerca de 3000 espécies³⁹⁴ – assim como das numerosas caldeiras da Escola das Monocotiledóneas (correspondente ao Talhão 10 da Mata ou *Arboretum*), e muitas das árvores e arbustos outrora presentes na Mata, já não existe.

O *Index Seminum* mais recente (2013), contudo, indica o número de cerca de 2000 taxa cultivados actualmente (INDEX SEMINUM ET SPORARUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT, 2013). Este número oficial de taxa de plantas presentes no Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, que foi recentemente actualizado, deverá corresponder aproximadamente às plantas que têm sido registadas e cuja localização poderá vir a ser disponibilizada proximamente no *site* do Jardim Botânico de Coimbra: <http://www.uc.pt/jardimbotanico> (SIMÃO & al., 2013: 1412).

Também o número de canteiros constituintes das Escolas de Sistemática se reduziu. Assim, o canteiro n.º 1 (que seria o primeiro da Escola Médica)³⁹⁵ foi substituído por uma sebe de *Ligustrum japonicum* Thunberg (*Oleaceae*), enquanto que os canteiros 122, 124, 126, 128 e 130 foram, por uma qualquer razão prática, pura e simplesmente eliminados.³⁹⁶

Nos diversos livros de registos das Escolas de Sistemática (ANÓNIMO, 1925; LIVRO DE REGISTOS DO JARDIM) não aparecem referências a plantas existentes nos canteiros 130, 131, 132 e 133, que deveriam possivelmente incluir simpétalas como Campanuláceas³⁹⁷ e Compostas.

Os canteiros n.ºs 150 e 151, através dos quais se atingia um número redondo para o conjunto dos canteiros das Escolas de Sistemática (150, pois o canteiro n.º 1 talvez nunca tenha existido), terão sido eliminados –ou talvez antes, renumerados– durante o segundo quartel do século XX, pois em 1925 ainda

³⁹⁰ Fonte: INDEX SEMINUM ET SPORARUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT (2011)

³⁹¹ De acordo com http://en.wikipedia.org/wiki/Oxford_Botanic_Garden, informação consultada em 9 de Outubro de 2011.

³⁹² Se se pudesse manter indefinidamente a densidade de espécies de plantas vasculares cultivadas no Jardim Botânico da Universidade de Oxford (quase uma espécie por cada dois m²), seria teoricamente possível cultivar a totalidade das espécies de plantas superiores que existem no Mundo neste jardim, se a sua área se expandisse até um pouco menos que 1 km².

³⁹³ De acordo com http://en.wikipedia.org/wiki/Botanischer_Garten_Heidelberg, informação consultada em 9 de Novembro de 2011.

³⁹⁴ 150 canteiros a multiplicar por 20 espécies em cada um daria um total de aproximadamente 3000 espécies cultivadas nas Escolas de Sistemática do Jardim Botânico de Coimbra (incluindo os 30 canteiros que constituem ainda actualmente a Escola Médica).

³⁹⁵ A Escola Médica inclui 30 canteiros: do n.º 2 ao n.º 31; os canteiros 30 e 31 são dois conjuntos de três tanques, nos quais são cultivadas diversas plantas aquáticas como por ex. *Eichhornia crassipes* (C. Martius) Solms-Laubach, *Pontederia cordata* L. e *Typha* sp. Depois de ter perdido a sua função original de facilitar o ensino da Botânica aos estudantes de Medicina (após a disciplina de Botânica Médica ter sido extinta, em meados do século XX), a “Escola Médica” passou a ser semelhante (no aspecto e na função) a qualquer das outras “Escolas de Sistemática”.

³⁹⁶ As placas com os seus números foram incorporadas nos canteiros que se lhes opõem.

³⁹⁷ Exceptuando uma referência antiga a uma Campanulácea exótica [*Campanula rapunculoides* L. subsp. *rapunculoides*, cuja identificação foi verificada pela insigne botânica e naturalista Rosette Batarde Fernandes, em 1952] que terá estado outrora presente à cabeceira do canteiro n.º 130 das Escolas de Sistemática, quando este ainda existia (cf. LIVRO DE REGISTOS DO JARDIM).

existiam, encontrando-se totalmente preenchidos com compostas, portuguesas na sua larga maioria (ANÓNIMO, 1925) e no LIVRO DE REGISTOS DO JARDIM, que terá sido iniciado por volta de 1950, estes dois canteiros (150 e 151) já não são incluídos.

Actualmente (finais de Maio de 2014), já não existem 144 canteiros, pois terão sido eliminados pelo menos os últimos doze (do 138 ao 149) das Escolas de Sistemática (Simpétalas) –as respectivas bordaduras de buxo (*Buxus sempervirens* L., *Buxaceae*) foram removidas–, provavelmente para se tornar possível a edificação de alguma estufa ou de qualquer outra estrutura importante para o Jardim³⁹⁸.

Desta forma, os canteiros que constituem as Escolas de Sistemática serão, actualmente –e no máximo–, 132 (em Julho de 2014), antes de começarem as grandes obras e remodelações do Jardim Botânico, em Setembro de 2014.

Nos 30 canteiros que compõem a Escola Médica, cultivavam-se ainda, em 2003, cerca de 260 espécies, na sua maioria conhecidas pelas suas propriedades medicinais (ALMEIDA, MATOS & TAVARES, 2003: 1).

As cerca de cinquenta espécies que constituíam a colecção de eucaliptos (ALMEIDA, MATOS & TAVARES, 2003: 2) já serão actualmente talvez cerca de vinte ou um pouco menos de vinte (A.C. MATOS, comunicação pessoal, 15.XI.2012), pois alguns eucaliptos têm vindo a falecer, sobretudo no decorrer das maiores tempestades de vento que, por vezes, têm afectado o Jardim Botânico e muitos outros pontos da cidade de Coimbra.

Desafortunadamente, também as palmeiras têm vindo a extinguir-se, particularmente as do género *Phoenix* Kaempfert ex L., vitimadas por um enorme escaravelho ou gorgulho exótico de aspecto avermelhado ou ferruginoso [*Rhynchophorus ferrugineus* (Olivier, 1790), o “Escaravelho-das-palmeiras”], que tem provocado a morte de numerosas tamareiras e outras palmeiras, não só na cidade de Coimbra mas um pouco por todo o nosso País³⁹⁹. Infelizmente, também o belíssimo, monumental, robusto e frutífero exemplar de *Jubaea chilensis* (Molina) Baillon [= *Palma chilensis* Molina (basiónimo)], que se encontrava à entrada das Escolas de Sistemática e dos Recantos Tropicais, veio a falecer durante o ano de 2012⁴⁰⁰, vitimado pelo mesmo nefasto coleóptero curculionídeo, *Rhynchophorus ferrugineus* (A.C. MATOS, comunicação pessoal, 15.XI.2012).

Uma parte das espécies de plantas simpétalas, pertencentes a várias famílias, que se encontravam nos canteiros n.ºs 100 a 149, foram sendo substituídas por diversos exemplares ornamentais de *Rhododendron* L. (*Ericaceae*) –notáveis pela sua grande beleza–, pertencentes a vários *taxa*, ao longo dos últimos vinte anos, por iniciativa do Professor Dr José Mesquita, então director do Jardim⁴⁰¹ (A.C. MATOS, comunicação pessoal, 15.XI.2012).

³⁹⁸ Talvez precisamente para a “Edificação de uma nova estufa de investigação” (UNIVERSIDADE DE COIMBRA. JARDIM BOTÂNICO, 2014), citando a informação que consta do *site* oficial do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra (consultado em 27.I.2014): <http://www.uc.pt/jardimbotanico/projetos>.

³⁹⁹ Este temível insecto avermelhado, pertencente à ordem dos coleópteros e à família dos curculionídeos (vulgarmente conhecidos por gorgulhos), o *Rhynchophorus ferrugineus* (Olivier, 1790) ou “Escaravelho-das-palmeiras”, originário da Ásia oriental e da Polinésia, possui grandes dimensões (2-5 cm, tanto no estado adulto como no estado larvar) e tem causado grande destruição nas nossas palmeiras, sobretudo pertencentes ao género *Phoenix* Kaempfert ex L., mas podendo também infelizmente afectar palmeiras pertencentes a muitos outros géneros, de acordo com o excelente folheto informativo publicado pelo MUSEU NACIONAL DE HISTÓRIA NATURAL (<http://www.mnhn.ul.pt/pls/portal/docs/1/332082.pdf>).

⁴⁰⁰ O tronco gigantesco desta palmeira notável e robusta foi cortado em 19 de Abril de 2013, por especialistas.

⁴⁰¹ Esta substituição, que terá ocorrido sobretudo durante o período da direcção do Professor José Firmino Moreira Mesquita (n. 25.IV.1935) –entre 1993 e 2003 (cf. INDEX SEMINUM ET SPORARUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT, 2003)–, terá sido motivada pela grande beleza das suas flores e pelo carácter perene (arbustivo ou subarbustivo) dos rododendros e azáleas (pertencentes à família das Ericáceas), muito mais duráveis –pois podem viver várias dezenas de anos– do que a larga maioria das compostas ou outras plantas simpétalas (A.C. MATOS, com. pessoal). Ao Professor José Firmino Moreira Mesquita, sucedeu na direcção do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra a Professora Helena Maria Oliveira Freitas (n. 24.IX.1962), a partir de 2004 (cf. INDEX SEMINUM ET SPORARUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT, 2004) e até ao final de 2012 (cf. INDEX SEMINUM ET SPORARUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT, 2012).

Em 2014, contudo, já com uma nova direcção⁴⁰², espera-se que o Jardim Botânico de Coimbra, agora independente do Departamento de Ciências da Vida, com o auxílio de um projecto que “foi aprovado em 2010 e financiado no âmbito de uma candidatura ao QREN / Mais Centro – Programa Operacional Regional do Centro e está a ser executado pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra”⁴⁰³⁴⁰⁴, sofra uma quase revolução, incluindo as seguintes modificações:

No que refere às diversas estufas do Jardim:

1) “Reabilitação da estufa grande, um dos edifícios mais antigos da arquitectura de ferro em Portugal (1854), que está dividida em três secções com climas distintos: tropical, subtropical e temperado.”

2) “Reabilitação da estufa fria, construída em 1946, um espaço destinado a uma flora adaptada a ambientes húmidos e sombrios, estando as plantas rodeadas por uma cascata mural e um pequeno riacho.”

3) “Edificação de uma nova estufa de investigação.”

(UNIVERSIDADE DE COIMBRA. JARDIM BOTÂNICO, 2014)⁴⁰⁵;

Relativamente ao “Banco de Sementes” e ao “*Index Seminum*”:

4) “Montagem do laboratório de citometria de fluxo, ferramenta analítica de rendimento elevado que permite a detecção e quantificação simultânea de múltiplas propriedades ópticas de partículas em suspensão.”

5) “Com 140 anos comemorados em 2008⁴⁰⁶, o *Index Seminum* é uma publicação anual cujo principal objectivo é a conservação, divulgação e intercâmbio de sementes da Flora Portuguesa. Sendo o maior do país, possui cerca de 50 % das espécies nativas da Flora Portuguesa, incluindo diversas espécies raras ou ameaçadas. A não existência de condições de frio impede a preservação das sementes por períodos superiores a 2 anos.”

Em relação ao “Gabinete de Ciência *in situ*”:

6) “Criação de um espaço interior onde possa promoção de ciência e workshops de carácter mais aplicado, num contexto logístico favorável a dinâmicas inovadoras.”⁴⁰⁷

7) “Melhoria do equipamento de apoio ao jardim que se encontra visivelmente degradado. Instalação de novos pontos de repouso, sinalização de pontos de interesse e possíveis roteiros de visita, disponibilização de meios de acesso ligada a conhecimento científico.”

(UNIVERSIDADE DE COIMBRA. JARDIM BOTÂNICO, 2014)⁴⁰⁸

⁴⁰² Chefiada a partir de de 1 de Janeiro de 2013, pelo geólogo, museólogo e professor agregado de Coimbra Doutor Paulo Renato Pereira Trincão (cf. INDEX SEMINUM ET SPORARUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT, 2013).

⁴⁰³ De acordo com o que consta no *site* oficial do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra (consultado em 27.I.2014): <http://www.uc.pt/jardimbotanico/projetos>.

⁴⁰⁴ QREN = Quadro de Referência Estratégico Nacional (Fonte: www.qren.pt/np4/home).

⁴⁰⁵ Continuando a citar a informação que consta do *site* oficial do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra (consultado em 27.I.2014): <http://www.uc.pt/jardimbotanico/projetos>.

⁴⁰⁶ Cf. INDEX SEMINUM ET SPORARUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT. 2008. [1868 – 2008].

⁴⁰⁷ A propósito da “promoção de ciência e workshops de carácter mais aplicado” vale a pena evidentemente citar aqui a inauguração da “Sala de cultura científica Jorge Paiva”, que foi inaugurada publicamente no Jardim Botânico de Coimbra em 4 de Dezembro de 2013, na presença do insigne botânico e naturalista assim tão justamente homenageado, pouco depois do seu octogésimo aniversário natalício (o Professor e Investigador Principal Jorge Américo Rodrigues de Paiva nasceu em Angola em 1933).

⁴⁰⁸ Continuamos ainda a citar a informação que consta do *site* oficial do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra (consultado em 27.I.2014): <http://www.uc.pt/jardimbotanico/projetos>.

Concluimos este trabalho com os nossos mais sinceros votos de que todos estes melhoramentos sejam levados a bom termo –e o Jardim Botânico possa ressurgir renovado, como a famosa ave mítica Fénix (assim como as palmeiras do género *Phoenix*, que tão consumidas têm sido por um nefasto coleóptero da família dos curculionídeos)!–, de forma a preservar-se a preciosa flora espontânea, cultivada e exótica do Jardim –tão antiga e tão rica!–, tornando-se assim possível a recuperação de pelo menos uma parte do esplendor e do prestígio de que já desfrutou outrora este Jardim tão cheio de história e de plantas raras –e ainda tão espantosamente rico em biodiversidade, como esperamos ter conseguido demonstrar neste trabalho!

Coimbra, 31 de Dezembro de 2014

João Domingues de Almeida

11. Referências bibliográficas

- ABBAS, S.M. & H.M. EL-SAEID. 2012. Effects of some growth regulators on oil yield, growth and hormonal content of lemon grass (*Cymbopogon citrates*). *Botanica Serbica* 36 (2): 97-101.
- ABOAL, M., M. ÁLVAREZ COBELAS, J. CAMBRA & L. ECTOR. 2003. Floristic list of non-marine diatoms (*Bacillariophyceae*) of Iberian Peninsula, Balearic Islands and Canary Islands. Updated taxonomy and bibliography. *Diat. Monogr.* 4: 1-639.
- ACOI. [M.F. SANTOS]. [2014]. *Coimbra Collection of Algae*. <http://acoi.ci.uc.pt>. [Acedido em Junho, Julho, Agosto, Setembro e Outubro de 2014]
- ADEGOKE, G.O., L. JAGAN MOHAN RAO & N.B. SHANKARACHARYA. 1998. A comparison of the essential oils of *Aframomum daniellii* (Hook. f.) K. Schum. and *Amomum subulatum* Roxb. *Flavour and Fragrance Journal* 13 (5): 349-352.
- ADL, S.M., A.G.B. SIMPSON, M.A. FARMER, R.A. ANDERSEN, O.R. ANDERSON, J.R. BARTA, S.S. BOWSER, G. BRUGEROLLE, R.A. FENSOME, S. FREDERICQ, T.Y. JAMES, S. KARPOV, P. KUGRENS, J. KRUG, C.E. LANE, L.A. LEWIS, J. LODGE, D.H. LYNN, D.G. MANN, R. MCCOURT, L. MENDOZA, Ø. MOESTRUP, S.E. MOZLEY-STANDRIDGE, T.A. NERAD, C.A. SHEARER, A.V. SMIRNOV, F.W. SPIEGEL & M.F.J.R. TAYLOR. 2005. The New Higher Level Classification of the Eukaryots. *The Journal of Eukaryotic Microbiology* 52 (5): 399-451.
- ADL, S.M., A.G.B. SIMPSON, C.E. LANE, J. LUKEŠ, D. BASS, S.S. BOWSER, M.W. BROWN, F. BURKI, M. DUNTHORN, V. HAMPL, A. HEISS, M. HOPPENRATH, E. LARA, L. LE GALL, D.H. LYNN, H. MCMANUS, E.A.D. MITCHELL, S.E. MOZLEY-STANDRIDGE, L.W. PARFREY, J. PAWLOWSKI, S. RUECKERT, L. SHADWICK, C.L. SCHOCH, A. SMIRNOV & F.W. SPIEGEL. 2012. The Revised Classification of the Eukaryots. *The Journal of Eukaryotic Microbiology* 59 (5): 429-493.
- AEDO, C. 2005a. *Orchis* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); C. AEDO & A. HERRERO (eds), *Flora iberica* XXI: 114-146.
- AEDO, C. 2005b. *Anacamptis* Rich. In CASTROVIEJO, S. (coord.); C. AEDO & A. HERRERO (eds), *Flora iberica* XXI: 153-156.
- AEDO, C. 2005c. *Aceras* R. Br. In CASTROVIEJO, S. (coord.); C. AEDO & A. HERRERO (eds), *Flora iberica* XXI: 146-148.
- AEDO, C. 2005d. *Gennaria* Parl. In CASTROVIEJO, S. (coord.); C. AEDO & A. HERRERO (eds), *Flora iberica* XXI: 75-77.
- AEDO, C. 2009. *Geranium*. In: AEDO, C., B. ESTÉBANEZ & C. NAVARRO (ed.); with contributions from E. VON RAAB-STRAUBE & G. PAROLLY. 2009. *Geraniaceae*. In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*. <http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Geranium&PRefFk=740000> [Acedido 2010–2013].
- AEDO, C. 2012. *Narcissus* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds), *Flora Iberica*. XX. 56 p. Síntese genérica disponibilizada em www.floraiberica.es [acedida em 20.XI.2012].
- AEDO, C. 2013a. *Allium* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds), *Flora Iberica*. XX. 54 p. Síntese genérica disponibilizada em www.floraiberica.es [acedida em 23.VI.2013].
- AEDO, C. 2013b. *Nothoscordum* Kunth [nom. cons.]. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds), *Flora Iberica*. XX. 3 p. Síntese genérica disponibilizada em www.floraiberica.es [acedida em 24.VI.2013].

- AEDO, C. 2013c. *Allium* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds), *Flora Iberica*. XX: 220-273.
- AEDO, C. 2013d. *Nothoscordum* Kunth [nom. cons.]. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds), *Flora Iberica*. XX: 273-276.
- AEDO, C. 2013e. *Narcissus* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds), *Flora Iberica*. XX: 340-397.
- AEDO, C., B. ESTÉBANEZ & C. NAVARRO; with contributions from E. VON RAAB-STRAUBE & G. PAROLLY. 2009a. *Geraniaceae*. In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*. <http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameId=22682&PTrRefFk=740000> [Acedido 2010–2013].
- AEDO, C., F. MUÑOZ GARMENDIA & C. NAVARRO. 1998. *Malus* Mill. In CASTROVIEJO, S. (coord.); F. MUÑOZ GARMENDIA & C. NAVARRO (eds), *Flora iberica* VI: 438-442.
- AELLEN, P. 1967a. *Chenopodium* L. In DAVIS, P.H. (ed.), *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 2: 300-305.
- AELLEN, P. 1967b. *Amaranthus* L. In DAVIS, P.H. (ed.), *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 2: 340-344.
- AESCHIMANN, D., K. LAUBER, D.M. MOSER & J.-P. THEURILLAT. 2004. *Flora Alpina*. 3 vol.: 1. Lycopodiaceae–Apiaceae. 1159 p.; 2. Gentianaceae–Orchidaceae. 1188 p.; 3. Register. 323 p. Haupt Verlag. Bern, Stuttgart, Wien.
- AGGARWAL, B.B., S. SHISHODIA, Y. TAKADA & al. 2005. Curcumin suppresses the paclitaxel-induced nuclear factor-kappa B pathway in breast cancer cells and inhibits lung metastasis of human breast cancer in nude mice. *Clinical Cancer Research* 11 (20): 7490-7498.
- AGHABABIAN, M. 2011. *Paeoniaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*. <http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameId=94211&PTrRefFk=7500000> [Acedido 2011–2013].
- AGHABABIAN, M. & M. LIDÉN. 2011. *Papaveraceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*. <http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameId=93298&PTrRefFk=7200000> [Acedido 2011–2013].
- AGUIAR, C.F.G. 2000. *Flora e vegetação da Serra de Nogueira e do Parque Natural de Montesinho*. Documento provisório. Dissertação de doutoramento em Engenharia Agronómica. Lisboa. 661 p.
- AGUIAR, C. 2009e. Os sabugueiros (*Adoxaceae*). In *Das plantas e das pessoas. Um blogue de e para naturalistas que amam as plantas*. Quinta-Feira, 4 de Junho de 2009. <http://plantas-e-pessoas.blogspot.com/2009/06/os-sabugueiros-adoxaceae.html> [Acedido em 4 de Setembro de 2014].
- AGUIAR, C. & J.D. ALMEIDA. 2014a. *Corydalis cava* (L.) Schweigger & Körte subsp. *cava* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCorydalis+cava+subsp.+cava>. Consulta realizada em 29/05/2014.
- AGUIAR, C., J.D. ALMEIDA, A. SILVA, C.T. GOMES & M. PEIXOTO. 2014b. *Briza media* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wBriza+media>. Consulta realizada em 30/12/2014.

- AGUIAR, C., P. ALVES & J.D. ALMEIDA. 2014c. *Poa pratensis* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPoa+pratensis>. Consulta realizada em 30/12/2014.
- AGUIAR, C., J.D. ALMEIDA & M.D. ESPÍRITO SANTO. 2009. Notas do Herbário (LISFA): Fasc. XXIX. *Novarum Flora Lusitana Commentarii – In memoriam A. R. Pinto da Silva (1912-1992). Genista scorpius* (L.) DC., uma fabácea arbustiva nova para a flora de Portugal. *Silva Lusitana* 17 (2): 245-246.
- AGUIAR, C., CAPELO, J. & F. CATRY. 2007. Distribuição dos pinhais em Portugal. In SANDE SILVA, J. (Coord. Ed.), Pinhais e eucaliptais, A floresta cultivada. *Árvores e Florestas de Portugal* IV: 89-104. Jornal Público/Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento/Liga para a Protecção da Natureza. Lisboa. 283 p.
- AGUIAR, C. & A.M. CARVALHO. 1995. Flora leonesa das serras de Nogueira e Montesinho. *Anuário da Sociedade Broteriana* 60: 1-11 (1994).
- AGUIAR, C. & A. CARVALHO. 2003a. *De Novarum Flora Lusitana Commentarii – I: 2. Allium oleraceum* L. – uma liliácea esquecida da flora de Portugal. *Silva Lusitana* 11 (2): 228.
- AGUIAR, C. & A.M. CARVALHO. 2003b. *Viburnum opulus* L. – um novo arbusto indígena da flora indígena de Portugal. *Silva Lusitana* 11 (2): 229.
- AGUIAR, C., A. CARVALHO, N. MARCOS & A. SOUTINHO. 1999. Quatro *taxa* e dois *nototaxa* novos para a flora vascular de Portugal na área do Parque Natural de Montesinho e Serra de Nogueira. – Resumo. *V Jornadas de Taxonomia Botânica. Livro de Resumos*: 35.
- AGUIAR, C., M. PORTO, M. JACINTO & J.D. ALMEIDA. 2014a. *Cynosurus cristatus* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCynosurus+cristatus>. Consulta realizada em 17/01/2014.
- AGUIAR, C., E. PORTELA-PEREIRA, J.D. ALMEIDA, A. CARAPETO, U. SCHWARZER, C.T. GOMES, C.P. CRUZ, M. PORTO & al. 2014b. *Sanguisorba minor* Scop. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wSanguisorba+minor>. Consulta realizada em 15/11/2014.
- AGUIAR, C., P.V. ARAÚJO, J.D. ALMEIDA & F. CLAMOTE. 2014c. *Anthericum liliago* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wAnthericum+liliago>. Consulta realizada em 2/12/2014.
- AICHELE, D., R. AICHELE, H.W. SCHWEGLER & A. SCHWEGLER. 1992. *Hamlyn Guide Wild Flowers of Britain and Europe*. Hamlyn. 400 p.
- AISHAN, H., M. BABA, N. IWASAKI, H. KUANG & T. OKUYAMA. 2010. The constituents of *Urtica cannabina* used in Uighur medicine. *Pharm. Biol.* 2010 May; 48 (5): 577-583.
- ALARCÓN, M.L. & C. AEDO. 2005. *Cephalanthera* Rich. In CASTROVIEJO, S. (coord.); C. AEDO & A. HERRERO (eds), *Flora iberica* XXI: 153-156.
- ALBUQUERQUE, J.P.M. 1945. Zonas fitoclimáticas e regiões naturais do Continente Português. *Boletim da Sociedade Broteriana*, sér. 2, 36 (2): 569-591.
- ALBUQUERQUE, S. 2011. *Ephedra viridis*. In: IUCN 2013. IUCN Red List of Threatened Species. Version 2013.2. <www.iucnredlist.org>. Downloaded on 30 January 2014.
- ALDASORO, J. & L. SÁEZ. 2005. *Ophrys* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); C. AEDO & A. HERRERO (eds), *Flora iberica* XXI: 165-195.
- ALDASORO, J., L. SÁEZ & C. NAVARRO. 2009. *Erodium*. In: AEDO, C., B. ESTÉBANEZ & C. NAVARRO (ed.); with contributions from E. VON RAAB-STRAUBE & G. PAROLLY. *Geraniaceae*. In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.

<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NamCache=Erodium&PTRefFk=740000> [Acedido 2010–2013].

- ALEXANDER, J.C.M. 1984a. *Phragmipedium* (Pfitzer) Rolfe. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 152-153.
- ALEXANDER, J.C.M. 1984b. *Vanilla* Miller. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 172.
- ALEXANDER, J.C.M. 1984c. *Bletilla* Reichenbach. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 172.
- ALEXANDER, J.C.M. 1984d. *Cattleya* Lindley. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 191-194.
- ALEXANDER, J.C.M. 1984e. *Laelia* Lindley. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 194-196.
- ALEXANDER, J.C.M. 1984f. *Arpophyllum* Llave & Lexarza. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 179.
- ALEXANDER, J.C.M. 1984g. *Dactylorhiza* Nevski. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 167-168.
- ALEXANDER, J.C.M. 1984h. *Paphiopedilum* Pfitzer. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 153-159.
- ALEXANDER, J.C.M. 1984i. *Encyclia* Aiton. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 186-190.
- ALEXANDER, J.C.M. 1984j. *Phaius* Loureiro. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 176.
- ALEXANDER, J.C.M. 1984k. *Sobralia* Ruiz & Pavon. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 178-179.
- ALEXANDER, J.C.M. 1986a. *Haemanthus* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 313-315.
- ALEXANDER, J.C.M. 1986b. *Hymenocallis* Salisbury. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 323-325.
- ALEXANDER, J.C.M. 1986c. *Smilax* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 269-271.

- ALEXANDER, J.C.M. 1986d. *Melasphaerula* Ker Gawler. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 386-387.
- ALEXANDER, J.C.M. 1986e. *Sisyrinchium* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 373-376.
- ALEXANDER, J.C.M. 1986f. *Hosta* Trattinick. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 134-142.
- ALEXANDER, J.C.M. 1986g. *Aristea* Aiton. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 376-377.
- ALEXANDER, J.C.M. 1986h. *Scadoxus* Rafinesque. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 315-316.
- ALEXANDER, J.C.M. & D.A. WEBB. 1986. *Libertia* Sprengel. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 372-373.
- ALEXANDER, J.C.M. & P.J.B. WOODS. 1984. *Coelogyne* Lindley. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 179-182.
- ALGAEBASE. 2014. M.D. GUIRY & G.M. GUIRY (eds). World-wide electronic publication, National University of Ireland, Galway. <http://www.algaebase.org>. [Acedido de Maio a Setembro de 2014]
- ALIEV, G., H.H. PALACIOS, A.E. LIPSITT, K. FISCHBACH, B.T. LAMB, M.E. OBRENOVICH, L. MORALES, E. GASIMOV & V. BRAGIN. 2009. Nitric Oxid as an initiator of brain lesions during the development of Alzheimer disease. *Neurotox. Res.* 16: 293-305.
- ALMEIDA, J.D. 1994 (iné.). *Sobre a taxonomia de três espécies do agregado de Medicago littoralis Rohde ex Loisel.* Relatório de estágio científico na área de Sistemática e Morfologia Botânicas. Departamento de Botânica. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- ALMEIDA, J.D. 1999a. *Aristolochia sempervirens* (Aristolochiaceae), naturalized in Portugal. *Anales Jard. Bot. Madrid* 57 (1): 159.
- ALMEIDA, J.D. 1999b. *Flora exótica subespontânea de Portugal continental (plantas vasculares)*. 2ª edição. Catálogo das plantas vasculares exóticas que ocorrem subespontâneas em Portugal continental e compilação de informações sobre estas plantas. Dissertação de Mestrado em Ecologia apresentada na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Coimbra. 153 p.
- ALMEIDA, J.D. 2000a. *Macfadyena unguis-cati* (Bignoniaceae), new for Europe. *Anales Jard. Bot. Madrid* 58 (1): 190.
- ALMEIDA, J.D. 2000b. Tres arbustos portugueses olvidados. *Anales Jard. Bot. Madrid* 58 (1): 194-195.
- ALMEIDA, J.D. 2000c. Quatro espécies exóticas novas para a Flora de Portugal. Notas do Herbário da Estação Florestal Nacional. XVI. *Silva Lusitana* 7 (2): 289-290 (1999).
- ALMEIDA, J.D. 2002. Adiciones corológicas a *Flora iberica* IV: *Cruciferae* (38 provincias portuguesas no referenciadas). *Stud. bot. (Salamanca)* 20: 163-166 (2001).
- ALMEIDA, J.D. 2004. *Pteris vittata* (Pteridaceae), naturalized in Portugal. *Stud. bot. (Salamanca)* 22: 63-64 (2003).

- ALMEIDA, J.D. 2005a. *Maclura pomifera* (Raf.) C.K. Schneider (*Moraceae*), naturalized in Portugal (New for the *Flora iberica* area). *Stud. bot. (Salamanca)* 23: 107 (2004).
- ALMEIDA, J.D. 2005b. *Lista de plantas vasculares subespontâneas, casuais ou invasoras no Jardim Botânico da Universidade de Coimbra*. Documento electrónico inédito.
- ALMEIDA, J.D. 2005c. *Flora exótica subespontânea de Portugal continental (plantas vasculares)*. Catálogo das plantas vasculares exóticas que ocorrem subespontâneas em Portugal continental e compilação de informações sobre estas plantas. 3.^a Edição. Coimbra. Universidade de Coimbra.
- ALMEIDA, J.D. 2006. Sobre a distribuição de *Vinca major* L. (*Apocynaceae*) em Portugal continental. *Stud. bot. (Salamanca)* 24: 91-92 (2005).
- ALMEIDA, J.D. 2009. *Flora e Vegetação das Serras Beira-Durienses. (Serras e planaltos de Arada/Freita/São Macário/Arestal, Caramulo, Chavães, Montemuro/Leomil/Nave/Lapa, Penedono/Trancoso, Senhora do Monte, Senhora do Viso e outras serras menores, de altitude superior a 700 m, situadas entre os rios Douro e Mondego)*. Dissertação de doutoramento. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Volume I. 889 p. + Vol. II (Fotografias da Flora, Vegetação e Paisagem + Apêndices I e II).
- ALMEIDA, J.D. 2010a. Algumas novidades para a flora de Portugal continental. *Stud. bot. (Salamanca)* 27: 197-201.
- ALMEIDA, J.D. 2010b. Flora of the Beira-Duriense mountains (Portugal). In GARBARI, F. & G. BEDINI (eds), Proceedings of the XII OPTIMA Meeting, Pisa, 10-16 September 2007. *Boccone* 23: 317-336 [2009].
- ALMEIDA, J.D. 2012. *Flora exótica subespontânea de Portugal continental (plantas vasculares)*. Catálogo das plantas vasculares exóticas que ocorrem subespontâneas em Portugal continental e compilação de informações sobre estas plantas. 3.^a Edição. Coimbra. ISBN: 978-989-20-5057-7.
- ALMEIDA, J.D. 2014a. *Calamagrostis arundinacea* (L.) Roth – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCalamagrostis+arundinacea>. Consulta realizada em 18/01/2014.
- ALMEIDA, J.D. 2014b. *Ehrharta erecta* Lam. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wEhrharta+erecta>. Consulta realizada em 20/07/2014.
- ALMEIDA, J.D. 2014c. *Erigeron acris* L. subsp. *acris* – mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wErigeron+acris+subsp.+acris>. Consulta realizada em 22/10/2014.
- ALMEIDA, J.D. 2014d. *Lepidium sativum* L. – mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wLepidium+sativum>. Consulta realizada em 10/12/2014.
- ALMEIDA, J.D. 2014e. *Hainardia cylindrica* (Willd.) Greuter – mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wHainardia+cylindrica>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ALMEIDA, J.D. & H. FREITAS. 2003. Acerca de algumas plantas vasculares invasoras em Portugal continental. *Stud. bot. (Salamanca)* 21: 27-35 (2002).
- ALMEIDA, J.D. & H. FREITAS. 2006. Exotic flora of continental Portugal – a reassessment. *Bot. Complutensis* 30: 117-130.
- ALMEIDA, J.D. & H. FREITAS. 2012. Exotic flora of continental Portugal – a new assessment. *Boccone* 24: 231-237.

- ALMEIDA, J.D. & A.C. MATOS. 2007. *Acalypha rhomboidea* Raf. (Euphorbiaceae), naturalized in Portugal (New for Europe). *Stud. bot. (Salamanca)* 25: 137-138 (2006).
- ALMEIDA, J.D., A.C. MATOS & A.C. TAVARES. 2003. *Catálogo de plantas aromáticas e medicinais. Catálogo da Escola Médica do Jardim Botânico de Coimbra (1997-2001)*. Jardim Botânico de Coimbra. Departamento de Botânica. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade de Coimbra. Portugal. 53 p.
- ALMEIDA, J.D., M. PORTO, A. CARAPETO, C. AGUIAR, A.J. PEREIRA & V. SILVA. 2014a. *Catapodium rigidum* (L.) Dony subsp. *rigidum* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCatapodium+rigidum+rigidum>. Consulta realizada em 23/01/2014.
- ALMEIDA, J.D., A. SILVA, M. PEIXOTO, U. SCHWARZER, M. PORTO & C. AGUIAR. 2014b. *Juncus squarrosus* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wJuncus+squarrosus>. Consulta realizada em 25/01/2014.
- ALMEIDA, J.D., P.V. ARAÚJO, A. SILVA, C. AGUIAR & J. LOURENÇO. 2014c. *Lilium martagon* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wLilium+martagon>. Consulta realizada em 19/02/2014.
- ALMEIDA, J.D. 2014d. *Eschscholzia californica* Cham. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wEschscholzia+californica>. Consulta realizada em 29/05/2014.
- ALMEIDA, J.D., J. LOURENÇO, P.V. ARAÚJO, C. AGUIAR, F. CLAMOTE, P. SILVEIRA, A. SILVA, A. CARAPETO, & al. 2014e. *Trifolium pratense* L. subsp. *pratense* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wTrifolium+pratense+subsp.+pratense>. Consulta realizada em 29/10/2014.
- ALMEIDA, J.D., P.V. ARAÚJO & F. CLAMOTE. 2014f. *Eschscholzia californica* Cham. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wEschscholzia+californica>. Consulta realizada em 30/10/2014.
- ALMEIDA, J.D., E. PORTELA-PEREIRA, A. SILVA, P. SILVEIRA, P. ALVES, C.T. GOMES & A. CARAPETO. 2014f. *Fumaria muralis* Sond. ex Koch – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wFumaria+muralis>. Consulta realizada em 30/10/2014.
- ALMEIDA, J.D., F. CLAMOTE, P.V. ARAÚJO, M. PORTO, A.J. PEREIRA, M. PEIXOTO, E. PORTELA-PEREIRA, P. CARDOSO & al. 2014g. *Papaver rhoeas* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPapaver+rhoeas>. Consulta realizada em 30/10/2014.
- ALMEIDA, J.D., M. PORTO, A.J. PEREIRA, P.V. ARAÚJO, P. SILVEIRA, A. CARAPETO & A. FRANCISCO. 2014h. *Galium murale* (L.) All. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wGalium+murale>. Consulta realizada em 13/11/2014.
- ALMEIDA, J.D., P.V. ARAÚJO, F. CLAMOTE, J. LOURENÇO, A. SILVA, S. RIBEIRO, C. AGUIAR, A. CARAPETO & al. 2014i. *Achillea millefolium* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wAchillea+millefolium>. Consulta realizada em 15/11/2014.
- ALMEIDA, J.D., J. LOURENÇO, M. PORTO, P.V. ARAÚJO, F. CLAMOTE, A.J. PEREIRA, P. CARDOSO, A. SILVA & al. 2014j. *Capsella bursa-pastoris* (L.) Medik. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCapsella+bursa-pastoris>. Consulta realizada em 15/11/2014.
- ALMEIDA, J.D., J. LOURENÇO, P.V. ARAÚJO, M. PORTO, A. CARAPETO, A.J. PEREIRA, F. CLAMOTE, A. SILVA & al. 2014k. *Raphanus raphanistrum* L. subsp. *raphanistrum*. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wRaphanus+raphanistrum+subsp.+raphanistrum>. Consulta realizada em 16/11/2014.

- ALMEIDA, J.D., P. SILVEIRA, A. SILVA, C. AGUIAR, M. PORTO, V. SILVA. 2014l. *Agrostis curtisii* Kerguelén. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wAgrostis+curtisii>. Consulta realizada em 16/11/2014.
- ALMEIDA, J.D., J. LOURENÇO, R. CARAÇA, A.J. PEREIRA, P. CANHA, P. SILVEIRA, C.T. GOMES, C.P. CRUZ & al. 2014m. *Juncus bufonius* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wJuncus+bufonius>. Consulta realizada em 17/11/2014.
- ALMEIDA, J.D., J. LOURENÇO, F. CLAMOTE, P.V. ARAÚJO, M. PORTO, A. CARAPETO, A.J. PEREIRA, P. CANHA & al. 2014n. *Plantago coronopus* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPlantago+coronopus>. Consulta realizada em 17/11/2014.
- ALMEIDA, J.D., P.V. ARAÚJO, J. LOURENÇO, F. CLAMOTE, M. PORTO, A. CARAPETO, C. AGUIAR, A. SILVA, & al. 2014o. *Plantago major* L. subsp. *intermedia* (DC.) Arcang. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPlantago+major+subsp.+intermedia>. Consulta realizada em 17/11/2014.
- ALMEIDA, J.D., M. PORTO, J. LOURENÇO, P.V. ARAÚJO, F. CLAMOTE, A.J. PEREIRA, P. CARDOSO, A. SILVA & al. 2014p. *Capsella bursa-pastoris* (L.) Medik. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCapsella+bursa-pastoris>. Consulta realizada em 15/11/2014.
- ALMEIDA, J.D., F. CLAMOTE, P.V. ARAÚJO, M. PORTO, A. SILVA, A.J. PEREIRA, M. PORTO, E. PORTELA-PEREIRA. 2014q. *Agrostemma githago* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wAgrostemma+githago>. Consulta realizada em 15/11/2014.
- ALMEIDA, J.D., P.V. ARAÚJO, F. CLAMOTE, J. LOURENÇO, A.J. PEREIRA, A. CARAPETO, M. PORTO, C.T. GOMES, & al. 2014r. *Silene gallica* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wSilene+gallica>. Consulta realizada em 24/11/2014.
- ALMEIDA, J.D., F. CLAMOTE, P.V. ARAÚJO, M. PORTO, A. CARAPETO, J. LOURENÇO, C. AGUIAR, A.J. PEREIRA, & al. 2014s. *Petrorhagia nanteuilii* (Burnat) P.W. Ball & Heywood – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPetrorhagia+nanteuilii>. Consulta realizada em 24/11/2014.
- ALMEIDA, J.D., P.V. ARAÚJO, F. CLAMOTE, J. LOURENÇO, A. CARAPETO, C. AGUIAR, P. CARDOSO, A. SILVA, & al. 2014t. *Cymbalaria muralis* G. Gaertn., B. Meyer & Scherb. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCymbalaria+muralis>. Consulta realizada em 6/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., P.V. ARAÚJO, F. CLAMOTE, M. PORTO, P. SILVEIRA, J. LOURENÇO, A. SILVA, C. AGUIAR, & al. 2014u. *Polygala vulgaris* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPolygala+vulgaris>. Consulta realizada em 7/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., J. LOURENÇO, P.V. ARAÚJO, F. CLAMOTE, M. PORTO, A. SILVA, P. SILVEIRA, C. AGUIAR, & al. 2014v. *Hypericum linariifolium* Vahl – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wHypericum+linariifolium>. Consulta realizada em 9/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., F. CLAMOTE, J. LOURENÇO, P.V. ARAÚJO, E. PORTELA-PEREIRA, C. AGUIAR, A. CARAPETO, P. SILVEIRA, & al. 2014w. *Hypericum perforatum* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wHypericum+perforatum>. Consulta realizada em 9/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., M. PORTO, P.V. ARAÚJO, J. LOURENÇO, P. SILVEIRA, A. CARAPETO, C. AGUIAR & J. FARMINHÃO. 2014x. *Arabidopsis thaliana* (L.) Heynh. var. *thaliana* – Mapa de distribuição. Flora-On:

- Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wArabidopsis+thaliana+var.+thaliana>. Consulta realizada em 18/11/2014.
- ALMEIDA, J.D., A. CARAPETO, P. SILVEIRA, C. AGUIAR & A.J. PEREIRA. 2014y. *Jasione montana* L. var. *montana* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wJasione+montana+var.+montana>. Consulta realizada em 9/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., J. LOURENÇO, F. CLAMOTE, P.V. ARAÚJO, A.J. PEREIRA. 2014z. *Trachelium caeruleum* L. subsp. *caeruleum* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wTrachelium+caeruleum+subsp.+caeruleum>. Consulta realizada em 18/11/2014.
- ALMEIDA, J.D., M. PORTO, P.V. ARAÚJO, F. CLAMOTE, A. CARAPETO, A.J. PEREIRA, P. CARDOSO, A. SILVA, & al. 2014aa. *Campanula erinus* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCampanula+erinus>. Consulta realizada em 18/11/2014.
- ALMEIDA, J.D., M. PORTO, F. CLAMOTE, P.V. ARAÚJO, A.J. PEREIRA, A. CARAPETO, R. CARAÇA, N. GUIOMAR, & al. 2014ab. *Campanula rapunculus* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCampanula+rapunculus>. Consulta realizada em 9/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., P.V. ARAÚJO, J. LOURENÇO, F. CLAMOTE, P. SILVEIRA, E. PORTELA-PEREIRA, S. RIBEIRO, A. SILVA, & al. 2014ac. *Lepidium heterophyllum* Benth. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wLepidium+heterophyllum>. Consulta realizada em 9/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., J. LOURENÇO, E. PORTELA-PEREIRA, F. CLAMOTE, C. AGUIAR, P.V. ARAÚJO, M. PORTO, A. SILVA, & al. 2014ad. *Daucus carota* L. subsp. *carota* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wDaucus+carota+subsp.+carota>. Consulta realizada em 11/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., F. CLAMOTE, J. LOURENÇO, C. AGUIAR, M. PORTO, P. ALVES & P.V. ARAÚJO. 2014ae. *Chamomilla suaveolens* (Pursh) Rydb. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wChamomilla+suaveolens>. Consulta realizada em 18/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., C. AGUIAR, E. PORTELA-PEREIRA, A. SILVA, P. CARDOSO, P. ALVES, P. SILVEIRA & C.T. GOMES. 2014af. *Conyza canadensis* (L.) Cronquist – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wConyza+canadensis>. Consulta realizada em 18/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., P.V. ARAÚJO, F. CLAMOTE, C. AGUIAR, R. CARAÇA, J. LOURENÇO, E. PORTELA-PEREIRA, P. SILVEIRA, & al. 2014ag. *Polygonum aviculare* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPolygonum+aviculare>. Consulta realizada em 18/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., P.V. ARAÚJO, J. LOURENÇO, F. CLAMOTE, E. PORTELA-PEREIRA, R. CARAÇA, C. AGUIAR, E. MARABUTO & al. 2014ah. *Datura stramonium* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wDatura+stramonium>. Consulta realizada em 14/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., C. AGUIAR, S. RIBEIRO, E. PORTELA-PEREIRA & C.T. GOMES. 2014ai. *Vulpia bromoides* (L.) S.F. Gray – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wVulpia+bromoides>. Consulta realizada em 19/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., A.J. PEREIRA, P. CANHA, P. SILVEIRA, M. PORTO, S. RIBEIRO, C.T. GOMES, E. PORTELA-PEREIRA, & al. 2014aj. *Vulpia muralis* (Kunth) Nees – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wVulpia+muralis>. Consulta realizada em 19/12/2014.

- ALMEIDA, J.D., C. AGUIAR, P. CANHA, M. PORTO, R. CARAÇA, P. CARDOSO, C.P. CRUZ & P. SILVEIRA. 2014aj. *Vulpia myuros* (L.) C.C. Gmel. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wVulpia+myuros>. Consulta realizada em 19/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., P.V. ARAÚJO, J. LOURENÇO, A. CARAPETO, F. CLAMOTE, M. PORTO, A.J. PEREIRA, P. SILVEIRA, & al. 2014ak. *Simethis mattiazzii* (Vand.) Sacc. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wSimethis+mattiazzii>. Consulta realizada em 20/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., C. AGUIAR, P. ALVES, P. SILVEIRA & E. PORTELA-PEREIRA. 2014al. *Polygonum arenastrum* Boreau – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPolygonum+arenastrum>. Consulta realizada em 14/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., J. LOURENÇO, P.V. ARAÚJO, E. PORTELA-PEREIRA, F. CLAMOTE, C. AGUIAR, A. CARAPETO, M. PORTO, & al. 2014am. *Lapsana communis* L. subsp. *communis* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wLapsana+communis+subsp.+communis>. Consulta realizada em 19/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., J. LOURENÇO, F. CLAMOTE, M. PORTO, P.V. ARAÚJO, A. SILVA, S. RIBEIRO, A. CARAPETO, & al. 2014an. *Hypochaeris radicata* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wHypochaeris+radicata>. Consulta realizada em 19/12/2014.
- ALMEIDA, J.D. & P.V. ARAÚJO. 2014ao. *Allium oleraceum* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wAllium+oleraceum>. Consulta realizada em 22/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., F. CLAMOTE, J. LOURENÇO, P. SILVEIRA, S. RIBEIRO, P.V. ARAÚJO, A. CARAPETO, A. SILVA, & al. 2014ap. *Allium sphaerocephalon* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wAllium+sphaerocephalon>. Consulta realizada em 23/12/2014.
- ALMEIDA, J.D. 2014aq. *Narcissus pseudonarcissus* L. subsp. *confusus* (Pugsley) A. Fern. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wNarcissus+pseudonarcissus+subsp.+confusus>. Consulta realizada em 23/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., A. CARAPETO, P. SILVEIRA, A. SILVA, E. MARABUTO & A.J. PEREIRA. 2014ar. *Narcissus triandrus* L. subsp. *pallidulus* (Graells) Rivas Goday – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wNarcissus+triandrus+subsp.+pallidulus>. Consulta realizada em 24/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., J. LOURENÇO, R. CARAÇA, C.T. GOMES, P. SILVEIRA, U. SCHWARZER & C. AGUIAR. 2014as. *Lemna minor* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wLemna+minor>. Consulta realizada em 24/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., P. SILVEIRA, C. AGUIAR, A. SILVA, P. ALVES, U. SCHWARZER & P.V. ARAÚJO. 2014at. *Carex binervis* Sm. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCarex+binervis>. Consulta realizada em 26/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., P. SILVEIRA, C. AGUIAR, A. SILVA & A. CARAPETO. 2014au. *Carex distachya* Desf. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCarex+distachya>. Consulta realizada em 27/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., E. PORTELA-PEREIRA, P. SILVEIRA, S. RIBEIRO, C. AGUIAR, A. SILVA & U. SCHWARZER. 2014av. *Carex laevigata* Sm. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCarex+laevigata>. Consulta realizada em 26/12/2014.

- ALMEIDA, J.D., A. CARAPETO, P.V. ARAÚJO, J. FARMINHÃO, A. SILVA, M. PORTO, A.J. PEREIRA, J. LOURENÇO, & al. 2014aw. *Serapias cordigera* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wSerapias+cordigera>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., A. CARAPETO, F. CLAMOTE, C. AGUIAR, M. PORTO, A.J. PEREIRA, R. CARAÇA, S. RIBEIRO, & al. 2014ax. *Agrostis geniculata* Roth – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wAgrostis+geniculata>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., C. AGUIAR, R. CARAÇA, A. CARAPETO & M. PORTO. 2014ay. *Agrostis triuncialis* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wAgrostis+triuncialis>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ALMEIDA, J.D. 2014az. *Alopecurus myosuroides* Huds. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wAlopecurus+myosuroides>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., C. AGUIAR, A. SILVA, S. RIBEIRO, A. CARAPETO, P. ALVES & J. LOURENÇO. 2014ba. *Anthoxanthum odoratum* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wAnthoxanthum+odoratum>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., C. AGUIAR, A. SILVA, P. SILVEIRA, E. PORTELA-PEREIRA, S. RIBEIRO & P. ALVES. 2014bb. *Arrhenatherum elatius* (L.) J. Presl & C. Presl – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wArrhenatherum+elatius>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., E. PORTELA-PEREIRA, J. LOURENÇO, R. CARAÇA, A.J. PEREIRA, C. AGUIAR, M. PORTO, S. RIBEIRO, & al. 2014bc. *Avena barbata* Link – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wAvena+barbata>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., M. PORTO, C. AGUIAR, A. SILVA, J. LOURENÇO, V. SILVA, A.J. PEREIRA, & J.L. VITORINO. 2014bd. *Avenula sulcata* (Boissier) Dumort – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wAvenula+sulcata>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., M. PORTO, J. LOURENÇO, F. CLAMOTE, A.J. PEREIRA, A. CARAPETO, P.V. ARAÚJO, E. PORTELA-PEREIRA, & al. 2014be. *Briza maxima* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wBriza+maxima>. Consulta realizada em 30/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., E. PORTELA-PEREIRA, R. CARAÇA, M. PORTO, C. AGUIAR, A. SILVA, A.J. PEREIRA, C.T. GOMES, & al. 2014bf. *Bromus diandrus* Roth – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wBromus+diandrus>. Consulta realizada em 30/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., J. LOURENÇO, S. RIBEIRO, A.J. PEREIRA, R. CARAÇA, C. AGUIAR, M. PORTO, F. CLAMOTE, & al. 2014bg. *Bromus hordeaceus* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wBromus+hordeaceus>. Consulta realizada em 30/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., A.J. PEREIRA, E. PORTELA-PEREIRA, C. AGUIAR, F. CLAMOTE, M. PORTO, S. RIBEIRO, P. ALVES, & al. 2014bh. *Bromus madritensis* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wBromus+madritensis>. Consulta realizada em 30/12/2014.

- ALMEIDA, J.D., J. LOURENÇO, C. AGUIAR, M. PORTO, A. SILVA & C.T. GOMES. 2014bi. *Bromus tectorum* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wBromus+tectorum>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., J. LOURENÇO, P. SILVEIRA, M. JACINTO & M. PORTO. 2014bj. *Pseudarrhenatherum longifolium* (Thore) Rouy – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPseudarrhenatherum+longifolium>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., M. PORTO, A. CARAPETO, A.J. PEREIRA, F. CLAMOTE, A. SILVA, E. PORTELA-PEREIRA, U. SCHWARZER, & al. 2014bk. *Stipa gigantea* Link – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wStipa+gigantea>. Consulta realizada em 30/10/2014.
- ALMEIDA, J.D., A.J. PEREIRA, F. CLAMOTE, M. PORTO, A. CARAPETO, P. CARDOSO, P.V. ARAÚJO, C.T. GOMES, & al. 2014bl. *Lamarckia aurea* (L.) Moench – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wLamarckia+aurea>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., E. PORTELA-PEREIRA, C. AGUIAR, A.J. PEREIRA, M. PORTO, F. CLAMOTE, P. CARDOSO, C.T. GOMES, & al. 2014bm. *Lolium rigidum* Gaudin subsp. *rigidum* *Lamarckia aurea* (L.) Moench – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wLolium+rigidum+subsp.+rigidum>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., E. PORTELA-PEREIRA, M. PORTO, P. SILVEIRA, A.J. PEREIRA, R. CARAÇA, C. AGUIAR, A. CARAPETO, & al. 2014bn. *Melica ciliata* L. subsp. *magnolii* (Gren. & Godr.) Husn. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wMelica+ciliata+subsp.+magnolii>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., A. SILVA, M. PORTO, P. SILVEIRA, C. AGUIAR, A.J. PEREIRA, E. PORTELA-PEREIRA & R. CARAÇA. 2014bo. *Micropyrum tenellum* (L.) Link – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wMicropyrum+tenellum>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., A. SILVA, M. PORTO, C. AGUIAR, A. CARAPETO, S. RIBEIRO, P. SILVEIRA, P. PEREIRA, & al. 2014bp. *Nardus stricta* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wNardus+stricta>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., M. PORTO, P. SILVEIRA, C. AGUIAR & A. SILVA. 2014bq. *Periballia involucrata* (Cav.) Janka – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPeriballia+involucrata>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., C. AGUIAR, E. PORTELA-PEREIRA, R. CARAÇA, A. SILVA, M. PORTO, P. SILVEIRA, J. LOURENÇO, & al. 2014br. *Poa annua* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPoa+annua>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ALMEIDA, J.D. & E. PORTELA-PEREIRA. 2014bs. *Eragrostis pilosa* (L.) P. Beauv. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wEragrostis+pilosa>. Consulta realizada em 30/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., C. AGUIAR & A. CARAPETO. 2014bt. *Holcus lanatus* L. subsp. *lanatus* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wHolcus+lanatus+subsp.+lanatus>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., J. LOURENÇO, E. PORTELA-PEREIRA, C. AGUIAR, P. SILVEIRA, A. SILVA, P. ALVES, F. CLAMOTE, & al. 2014bu. *Digitaria sanguinalis* (L.) Scop. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wDigitaria+sanguinalis>. Consulta realizada em 31/12/2014.

- ALMEIDA, J.D., M. PORTO, P. SILVEIRA, S. RIBEIRO, P. ALVES, C. AGUIAR, A. SILVA, A.J. PEREIRA, & al. 2014bv. *Danthonia decumbens* (L.) DC. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wDanthonia+decumbens>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ALMEIDA, J.D. & C. AGUIAR. 2014bw. *Deschampsia cespitosa* (L.) P. Beauv. subsp. *cespitosa* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wDeschampsia+cespitosa+subsp.+cespitosa>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ALMEIDA, J.D., E. PORTELA-PEREIRA, J. LOURENÇO, R. CARAÇA, A.J. PEREIRA, C. AGUIAR, P. CARDOSO, F. CLAMOTE, & al. 2014bx. *Hordeum murinum* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wHordeum+murinum>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ALMEIDA, J.D. & A.C. TAVARES. 1997. A Escola Médica do Jardim Botânico de Coimbra. *Anuário da Sociedade Broteriana* 62 (1996): 3-19.
- ALMEIDA COSTA, J. & A. SAMPAIO E MELO (com a colaboração de um grupo de colaboradores especializados). 1984. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 6.^a edição. Porto Editora, Lda. 1808 p.
- ALMEIDA DA SILVA, R.M. & A.L. CRESPI. 2013. *Scilla* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds). *Flora Iberica*. Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. XX: 145-156.
- ALROY, J. 2002. How many named species are valid? *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 99 (6): 3706-3711 (Mar. 2002).
- AL-SHEHBAB, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors). 2009. *Flora of China* vol. 25. *Orchidaceae*. [Online 11/04/2009]
- AL-SHEHBAB, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors). 2010. *Flora of China* vol. 23. *Acoraceae–Cyperaceae*. [Online 09/06/2010]
- AL-SHEHBAB, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors). 2011. *Flora of China* vol. 19. *Cucurbitaceae–Berberidaceae*.
- AL-SHEHBAB, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors). 2011. *Flora of China* vol. 20–21. *Asteraceae*. [Online 12/11/2011]
- AL-SHEHBAB, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors). 2010. *Flora of China* vol. 23. *Acoraceae – Cyperaceae*.
- ALVES, J.M. (Coord.) 1999. *Cartografia da Vegetação Natural e Semnatural do Território Continental Português*. Estudos de Biologia e Conservação da Natureza. N.º 29. ICN – Instituto da Conservação da Natureza. Ministério do Ambiente. Lisboa. 56 p.

- ALVES, J. 2010. *Jardins Botânicos, Zoológicos, e Parques Naturais na Conservação de Recursos Naturais*. Comunicação à Academia das Ciências. 24 de Novembro de 2010. http://www.acad-ciencias.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=1703.
- ALVES, M.C. 1988. Registo das Sementeiras. Instituto Botânico da Universidade de Coimbra (iniciado em Dezembro de 1988). [Incluindo a Escola das Monocotiledóneas, as Escolas de Sistemática e os Viveiros]. 12 p.
- ALVES, M.C. 1989. Registo das Sementeiras. Instituto Botânico da Universidade de Coimbra (iniciado em Março de 1989). [Incluindo a Escola das Monocotiledóneas, as Escolas de Sistemática, a Escola Médica e os Viveiros]. 23 p.
- ALVES, M.C. 1990. Registo das Sementeiras. Instituto Botânico da Universidade de Coimbra (iniciado na Primavera de 1990). [Incluindo a Escola das Monocotiledóneas, as Escolas de Sistemática, a Escola Médica, as Estufas e os Viveiros]. 29 p.
- ALVES, M.C. 1991. Registo das Sementeiras. Instituto Botânico da Universidade de Coimbra (iniciado na Primavera de 1991). [Incluindo a Escola das Monocotiledóneas, as Escolas de Sistemática, a Escola Médica e os Viveiros]. 29 p.
- ALVES, M.C. & A.C. MATOS. 1992. Registo das Sementeiras. Instituto Botânico da Universidade de Coimbra (iniciado na Primavera de 1992). [Incluindo a Escola das Monocotiledóneas, as Escolas de Sistemática, a Escola Médica e os Viveiros]. 20 p.
- ALVES, M.C. 1993. Registo das Sementeiras. Instituto Botânico da Universidade de Coimbra (iniciado na Primavera de 1993). [Incluindo a Escola das Monocotiledóneas, as Escolas de Sistemática, a Escola Médica e os Viveiros]. 9 p.
- ALVES, M.C. 1994. Registo das Sementeiras. Instituto Botânico da Universidade de Coimbra (iniciado em Fevereiro 1994). [Incluindo as Escolas de Sistemática e os Viveiros]. 10 p.
- ALVES, P., J. HONRADO & F. BARRETO CALDAS. 2001. *Neófitos com carácter infestante no Superdistrito Miniense Litoral – Impacto sobre a Vegetação autóctone*. Póster. 2.º Congresso Nacional de Conservação da Natureza (ICN). Lisboa.
- ALZIAR, G. 1984. Sur quelques plantes naturalisées de la Côte d’Azur. *Biocosme Méditerranéen* Nice 1: 57-69.
- AMARAL FRAZÃO, A.C. 1981. *Novo dicionário corográfico de Portugal (Continente e ilhas adjacentes)*. Revisto, aumentado e actualizado por A.A. DINIS CABRAL. Editorial Domingos Barreira, Porto. 1042 p.
- AMICH, F. & A. AMADO. 2003. *Linum austriacum* L. – uma novidade florística para Portugal na margem direita do canhão do rio Douro Internacional. *Silva Lusitana* 11 (2): 233.
- AMIGOS DO BOTÂNICO. 2014. Segunda-feira, 30 de Junho de 2014: *Adeus e Obrigado Senhor Orlando: O último jardineiro do Jardim Botânico?* <http://amigosdodobotanico.blogspot.pt/2014/06/adeus-e-obrigado-senhor-orlando-o.html>. [Acedido em 1 de Julho de 2014]
- ANAGNOSTIDIS, K. 2001. Nomenclatural changes in cyanoprokariotic order Oscillatoriales. *Preslia* 73: 359-375.
- ANASTASIU, P. & D. MEMEDEM. 2012. *Conyza sumatrensis*: a new alien plant in Romania. *Botanica Serbica* 36 (1): 37-40.
- ANDRÉS, C. 2012a. *Fraxinus* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); S. TALAVERA, C. ANDRÉS, M. ARISTA, M.P. FERNÁNDEZ PIEDRA, M.J. GALLEGU, P.L. ORTIZ, C. ROMERO ZARCO, F.J. SALGUEIRO, S. SILVESTRE & A. QUINTANAR (eds), *Flora Iberica*. XI: 143-151.
- ANDRÉS, C. 2012b. *Syringa* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); S. TALAVERA, C. ANDRÉS, M. ARISTA, M.P. FERNÁNDEZ PIEDRA, M.J. GALLEGU, P.L. ORTIZ, C. ROMERO ZARCO, F.J. SALGUEIRO, S. SILVESTRE & A. QUINTANAR (eds), *Flora Iberica*. XI: 151-154.

- ANDRÉS, C. 2012c. *Ligustrum* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); S. TALAVERA, C. ANDRÉS, M. ARISTA, M.P. FERNÁNDEZ PIEDRA, M.J. GALLEGU, P.L. ORTIZ, C. ROMERO ZARCO, F.J. SALGUEIRO, S. SILVESTRE & A. QUINTANAR (eds), *Flora Iberica*. XI: 154-158.
- ANDRÉS, C. 2012d. *Jasminum* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); S. TALAVERA, C. ANDRÉS, M. ARISTA, M.P. FERNÁNDEZ PIEDRA, M.J. GALLEGU, P.L. ORTIZ, C. ROMERO ZARCO, F.J. SALGUEIRO, S. SILVESTRE & A. QUINTANAR (eds), *Flora Iberica*. XI: 159-162.
- ANDRÉS RODRÍGUEZ, J., B. LLAMAS FRADE, A. TERRÓN ALFONSO, J.A. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, O. GARCÍA PRIETO, E. ARROJO MARTÍN & T. PÉREZ JARAUTA. 1992. Guía de hongos de la Península Ibérica. 2.^a Edición. Celarayn Editorial. 580 p.
- ANDRESEN, S. de MELLO BREYNER. 1977. O Rapaz de Bronze. 8.^a edição. Copyright © 1977 by Moraes Editores. 8.^a edição. Dezembro de 1983. Moraes Editores. Lisboa – Portugal. 39 p.
- ANDRESEN, T. (Coord.); A. GONÇALVES, A. SANTIAGO, A. SÉNECA, C. SOARES, C. VIEIRA, D. ALMEIDA, E. SILVA, F. BARRETO CALDAS, H. HESPAHOL, J. BENTO, J. HONRADO, J. TORRES, J.A. GONÇALVES, J.C. BRITO, L. GUEDES DE CARVALHO, M.J. AMADO PEREIRA, M.J. CURADO, M. AFONSO, N. FERRAND DE ALMEIDA, P. ALEXANDRINO, P. ALVES, P. FARINHA MARQUES & V. SILVA. 2004. *Estrutura Ecológica da Área Metropolitana do Porto*. ICETA – Instituto das Ciências e Tecnologias Agrárias e Agro-alimentares. Porto, 2004. 249 p.
- ANMIN, L. & C. JEFFREY. 2011a. *Ecballium* A. Richard in Bory, Dict. Class. Hist. Nat. 6: 19. 1824, nom. cons. In AL-SHEHBAZ, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors), *Flora of China* 19: 30.
- ANMIN, L. & C. JEFFREY. 2011b. *Luffa* Miller, Gard. Dict. Abr., ed. 4, [806]. 1754. In AL-SHEHBAZ, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors), *Flora of China* 19: 34–35.
- ANMIN, L. & C. JEFFREY. 2011c. *Cyclanthera* Schrader, Index Sem. Hort. Acad. Goett. 1831: 2. 1831. In AL-SHEHBAZ, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors), *Flora of China* 19: 46.
- ANMIN, L. & C. JEFFREY. 2011d. *Cucumis* Linnaeus, Sp. Pl. 2: 1011. 1753. In AL-SHEHBAZ, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors), *Flora of China* 19: 48–50.
- ANMIN, L. & C. JEFFREY. 2011e. *Lagenaria* Seringe, Mém. Soc. Phys. Genève 3 (1): 25, t. 2. 1825. In AL-SHEHBAZ, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors), *Flora of China* 19: 53.
- ANMIN, L. & C. JEFFREY. 2011f. *Benincasa* Savi, Bibliot. Ital. Giorn. Lett. 9: 158. 1818. In AL-SHEHBAZ, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors), *Flora of China* 19: 54–55.

- ANÓNIMO. (Sem data I). *Escola Sistemática*. II. *Archichlamideae* [*Piperaceae–Leguminosae*]. 1.^a parte. [Canteiros] 32 a 69. [Manuscrito a lápis]. 44 p.
- ANÓNIMO. (Sem data II). *Escola Sistemática*. *Gamopetalas*. 2.^a parte [*Campanulaceae–Compositae*]. [Canteiros] 130 a 151. [Manuscrito a lápis]. 32 p.
- ANÓNIMO. (1925a). *Escola Sistemática*. II. *Archichlamideae*. 1.^a parte [*Piperaceae–Leguminosae*]. [Canteiros] 32 a 69. [Manuscrito a lápis]. Fevereiro, 1925. 50 p.
- ANÓNIMO. (1925b). *Escola Sistemática*. III. *Archichlamideae*. 2.^a parte [*Cactaceae–Malvaceae*]. [Canteiros] 70 a 99. [Manuscrito a lápis]. Fevereiro, 1925. 42 p.
- ANÓNIMO. (1925c). *Escola Sistemática*. IV. *Metachlamideae*. 1.^a parte [*Ericaceae–Dipsacaceae*]. [Canteiros] 100 a 129. [Manuscrito a lápis]. Janeiro, 1925. 48 p.
- ANÓNIMO. (1925d). *Escola Sistemática*. V. *Metachlamideae*. 2.^a parte [*Campanulaceae–Compositae*]. [Canteiros] 130 a 151. [Manuscrito a lápis]. Janeiro, 1925. 32 p.
- ANTÓN-GARRIDO, P., S. ROMO & M.J. VILLENA. 2014. Diatom species composition and indices for determining the ecological status of coastal Mediterranean Spanish lakes. *Anales del Jardín Botánico de Madrid* 70 (2): 122-135 (julio-diciembre 2013). doi: 10.3989/ajbm.2373.
- ANUÁRIO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA. 1988. *Anuário da Universidade de Coimbra*. [Referente aos anos] 1984–1985. Edição do Serviço de Documentação e Publicações da Universidade de Coimbra. 710 p.
- APG II. 2003. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG II. The Angiosperm Phylogeny Group. *Botanical Journal of the Linnean Society*, 2003, 141: 399-436.
- APG III. 2009. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG III. The Angiosperm Phylogeny Group. *Botanical Journal of the Linnean Society*, 2009, 161: 105-121.
- APNI. [2010–2014]. *Australian Plant Name Index* (APNI). An Australian Government Initiative. Maintained by the Australian National Botanic Gardens as part of its larger IBIS database, in collaboration with the Centre for Australian National Biodiversity Research and the Australian Biological Resources Study. <http://www.anbg.gov.au/apni/>. [Acedido em 2010 – 2014].
- ARAÚJO, L.U., P.G. REIS, L.C.O. BARBOSA, D.A. SAÚDE-GUIMARÃES, A. GRABE-GUIMARÃES, V.C.F. MOSQUEIRA, C.M. CARNEIRO, N.M. SILVA-BARCELLOS. 2012. *In vivo* wound healing effects of *Symphytum officinale* L. leaves extract in different topical formulations. *Pharmazie* 67: 355-360.
- ARAÚJO, P.V. 2004. "A minha casuarina". In Blog *Dias com Árvores*, 15.09.2004, <http://dias-com-arvores.blogspot.com/2004/09/minha-casuarina.html>. [*Casuarina equisetifolia* L.: Acedido em 31 de Outubro de 2014]
- ARAÚJO, P.V. 2013. "Cor de rosa quando foge". In Blog *Dias com Árvores*, 13.05.2013, <http://dias-com-arvores.blogspot.com/2013/05/cor-de-rosa-quando-foge.html>. [*Romulea rosea* (L.) Eckl.: Acedido em 31 de Outubro de 2014]
- ARAÚJO, P.V. 2014a. *Orchis ustulata* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wOrchis+ustulata>. Consulta realizada em 15/04/2014.
- ARAÚJO, P.V. & J.D. ALMEIDA. 2014. *Scutellaria galericulata* L. – mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wScutellaria+galericulata>. Consulta realizada em 28/11/2014.
- ARAÚJO, P.V., J. LOURENÇO, A. SILVA, J.D. ALMEIDA, P. SILVEIRA, R. CARAÇA, A. CARAPETO, C. AGUIAR & al. 2014. *Erigeron karvinskianus* DC. – mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva,

- Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wErigeron+karvinskianus>. Consulta realizada em 20/10/2014.
- ARAÚJO, P.V., M. PORTO, J. LOURENÇO, A. CARAPETO, F. CLAMOTE, J.D. ALMEIDA, A.J. PEREIRA, C. AGUIAR & al. 2014a. *Anogramma leptophylla* (L.) Link – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wAnogramma+leptophylla>. Consulta realizada em 18/01/2014.
- ARAÚJO, P.V., J. LOURENÇO, M. PORTO, J.D. ALMEIDA, A.J. PEREIRA, A. SILVA, J. FARMINHÃO, A. CARAPETO & al. 2014b. *Polypodium cambricum* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPolypodium+cambricum>. Consulta realizada em 12/01/2014.
- ARAÚJO, P.V., J.D. ALMEIDA & A. CARAPETO. 2014c. *Polypodium interjectum* Shivas – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPolypodium+interjectum>. Consulta realizada em 16/01/2014.
- ARAÚJO, P.V., M. PORTO, J. LOURENÇO, A. CARAPETO, F. CLAMOTE, J.D. ALMEIDA, A.J. PEREIRA, C. AGUIAR & al. 2014d. *Merendera montana* (L.) Link – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wMerendera+montana>. Consulta realizada em 16/03/2014.
- ARAÚJO, P.V., J. LOURENÇO, M. PORTO, A. CARAPETO, J.D. ALMEIDA, R. CARAÇA, F. CLAMOTE, U. SCHWARZER & al. 2014e. *Osmunda regalis* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wOsmunda+regalis>. Consulta realizada em 8/01/2014.
- ARAÚJO, P.V., J. LOURENÇO, J.D. ALMEIDA, F. CLAMOTE, M. PORTO, A. SILVA, A. CARAPETO, M. PEIXOTO & al. 2014f. *Chelidonium majus* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wChelidonium+majus>. Consulta realizada em 29/05/2014.
- ARAÚJO, P.V., A. CARAPETO, J.D. ALMEIDA, C. AGUIAR, M. PORTO, J. FARMINHÃO & E. PORTELA-PEREIRA. 2014g. *Trifolium incarnatum* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wTrifolium+incarnatum>. Consulta realizada em 29/10/2014.
- ARAÚJO, P.V., J.D. ALMEIDA, M. PORTO, A. CARAPETO & C.T. GOMES. 2014h. *Platycapnos spicata* (L.) Bernh. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPlatycapnos+spicata>. Consulta realizada em 30/10/2014.
- ARAÚJO, P.V., J. LOURENÇO, J.D. ALMEIDA, F. CLAMOTE, E. PORTELA-PEREIRA, A. CARAPETO, A. SILVA, M. PORTO & al. 2014i. *Plantago lanceolata* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPlantago+lanceolata>. Consulta realizada em 4/11/2014.
- ARAÚJO, P.V., A. CARAPETO, M. PORTO, J.D. ALMEIDA, E. PORTELA-PEREIRA, F. CLAMOTE, A.J. PEREIRA, J. LOURENÇO & al. 2014j. *Rubia peregrina* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wRubia+peregrina>. Consulta realizada em 13/11/2014.
- ARAÚJO, P.V., J.D. ALMEIDA, F. CLAMOTE, M. PORTO, J. LOURENÇO, A.J. PEREIRA, A. CARAPETO, J. FARMINHÃO & al. 2014k. *Sherardia arvensis* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wSherardia+arvensis>. Consulta realizada em 13/11/2014.
- ARAÚJO, P.V., M. PORTO, C. AGUIAR & J.D. ALMEIDA. 2014l. *Galium glaucum* L. subsp. *australe* Franco – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wGalium+glaucum+subsp.+australe>. Consulta realizada em 13/11/2014.

- ARAÚJO, P.V., J.D. ALMEIDA, J. LOURENÇO, A. CARAPETO, P. ALVES, A. SILVA, M. JACINTO, P. LUCAS & al. 2014m. *Arnica montana* L. subsp. *atlantica* A. Bolòs – mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wArnica+montana+subsp.+atlantica>. Consulta realizada em 15/11/2014.
- ARAÚJO, P.V., J.D. ALMEIDA, F. CLAMOTE, E. PORTELA-PEREIRA, M. PORTO, J. LOURENÇO, A. CARAPETO, C. AGUIAR & al. 2014n. *Hirschfeldia incana* (L.) Lagr.-Foss. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wHirschfeldia+incana>. Consulta realizada em 16/11/2014.
- ARAÚJO, P.V., J. LOURENÇO, A. CARAPETO, M. PORTO, J.D. ALMEIDA, A.J. PEREIRA, F. CLAMOTE, M. PEIXOTO & al. 2014o. *Calluna vulgaris* (L.) Hull – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCalluna+vulgaris>. Consulta realizada em 22/11/2014.
- ARAÚJO, P.V., J. LOURENÇO, J.D. ALMEIDA, F. CLAMOTE, M. PORTO, R. CARAÇA, A. SILVA, E. PORTELA-PEREIRA & al. 2014p. *Stellaria media* (L.) Vill. – mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wStellaria+media>. Consulta realizada em 24/10/2014.
- ARAÚJO, P.V., A. CARAPETO, M. PORTO, F. CLAMOTE, J. LOURENÇO, J.D. ALMEIDA, A.J. PEREIRA, E. PORTELA-PEREIRA & al. 2014q. *Arbutus unedo* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wArbutus+unedo>. Consulta realizada em 25/11/2014.
- ARAÚJO, P.V., M. PORTO, J.D. ALMEIDA & C. AGUIAR. 2014r. *Arenaria leptoclados* (Rchb.) Guss. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wArenaria+leptoclados>. Consulta realizada em 24/11/2014.
- ARAÚJO, P.V., P. CARDOSO, J.D. ALMEIDA, F. CLAMOTE & M. PORTO. 2014s. *Teucrium chamaedrys* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wTeucrium+chamaedrys>. Consulta realizada em 28/11/2014.
- ARAÚJO, P.V., J.D. ALMEIDA, A. CARAPETO, F. CLAMOTE, J. LOURENÇO, M. PORTO, A.J. PEREIRA, M. PEIXOTO P. CARDOSO, F. SILVA, & al. 2014t. *Origanum vulgare* L. subsp. *virens* (Hoffmanns. & Link) Bonnier & Layens – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wOriganum+vulgare+subsp.+virens>. Consulta realizada em 28/11/2014.
- ARAÚJO, P.V., E. PORTELA-PEREIRA, J. LOURENÇO, J.D. ALMEIDA, M. PORTO, F. CLAMOTE, A. CARAPETO, R. CARAÇA, & al. 2014u. *Teucrium scorodonia* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wTeucrium+scorodonia>. Consulta realizada em 28/11/2014.
- ARAÚJO, P.V., M. PORTO, J. LOURENÇO, A. SILVA, J.D. ALMEIDA, F. CLAMOTE, A.J. PEREIRA, C. FRANCO, & al. 2014v. *Polygonatum odoratum* (Mill.) Druce – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPolygonatum+odoratum>. Consulta realizada em 6/01/2014.
- ARAÚJO, P.V., J.D. ALMEIDA, J. LOURENÇO, A. SILVA, A. CARAPETO, J. FARMINHÃO & E. MARABUTO. 2014x. *Paradisea lusitanica* (Cout.) Samp. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wParadisea+lusitanica>. Consulta realizada em 3/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., M. PORTO, A. CARAPETO, J. LOURENÇO, J.D. ALMEIDA, F. CLAMOTE, A.J. PEREIRA, R. CARAÇA & al. 2014y. *Ruscus aculeatus* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wRuscus+aculeatus>. Consulta realizada em 6/01/2014.

- ARAÚJO, P.V., J. LOURENÇO, J.D. ALMEIDA, M. PORTO, A.J. PEREIRA, A. CARAPETO, P. SILVEIRA, P. BEJA, & al. 2014z. *Thymus caespititius* Brot. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wThymus+caespititius>. Consulta realizada em 4/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., J. LOURENÇO, E. MARABUTO, C. AGUIAR & J.D. ALMEIDA. 2014aa. *Thymus pulegioides* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wThymus+pulegioides>. Consulta realizada em 5/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., M. PORTO, C. AGUIAR, J.D. ALMEIDA, A.J. PEREIRA, F. CLAMOTE, M. PEIXOTO, A. CARAPETO, & al. 2014ab. *Helleborus foetidus* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wHelleborus+foetidus>. Consulta realizada em 7/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., A. CARAPETO, F. CLAMOTE, A.J. PEREIRA, J.D. ALMEIDA, M. PORTO, C.T. GOMES & J. LOURENÇO. 2014ac. *Silene niceensis* All. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wSilene+niceensis>. Consulta realizada em 8/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., J. LOURENÇO, E. PORTELA-PEREIRA, F. CLAMOTE, A. SILVA, J.D. ALMEIDA, P. SILVEIRA, R. CARAÇA, & al., & al. 2014ad. *Hypericum androsaemum* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wHypericum+androsaemum>. Consulta realizada em 9/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., J.D. ALMEIDA, F. CLAMOTE, J. LOURENÇO, M. PORTO, A.J. PEREIRA, R. CARAÇA, A. CARAPETO, & al. 2014ae. *Campanula lusitanica* L. subsp. *lusitanica* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCampanula+lusitanica+subsp.+lusitanica>. Consulta realizada em 9/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., J.D. ALMEIDA, M. PORTO, A. CARAPETO, A. SILVA, P. SILVEIRA, J. LOURENÇO & A.J. PEREIRA. 2014af. *Solidago virgaurea* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wSolidago+virgaurea>. Consulta realizada em 14/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., J. LOURENÇO, J.D. ALMEIDA, E. PORTELA-PEREIRA, F. CLAMOTE, C. AGUIAR, P. SILVEIRA, A. SILVA & al. 2014ag. *Galinsoga parviflora* Cav. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wGalinsoga+parviflora>. Consulta realizada em 18/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., F. CLAMOTE, M. PORTO, J. LOURENÇO, E. PORTELA-PEREIRA, J.D. ALMEIDA, A.J. PEREIRA, P. SILVEIRA, & al. 2014ah. *Senecio jacobaea* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wSenecio+jacobaea>. Consulta realizada em 18/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., J. LOURENÇO, E. PORTELA-PEREIRA, F. CLAMOTE, C. AGUIAR, R. CARAÇA, J.D. ALMEIDA, U. SCHWARZER, & al. 2014ai. *Solanum dulcamara* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wSolanum+dulcamara>. Consulta realizada em 14/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., J. LOURENÇO, J.D. ALMEIDA, F. CLAMOTE, E. PORTELA-PEREIRA, A. CARAPETO, A. SILVA, C. AGUIAR, & al. 2014aj. *Solanum nigrum* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wSolanum+nigrum>. Consulta realizada em 14/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., J.D. ALMEIDA, C. AGUIAR, P. SILVEIRA, A. CARAPETO & E. PORTELA-PEREIRA. 2014ak. *Typha latifolia* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wTypha+latifolia>. Consulta realizada em 20/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., A. CARAPETO, M. PORTO, F. CLAMOTE, J.D. ALMEIDA, A.J. PEREIRA, E. MARABUTO, P. SILVEIRA, & al. 2014al. *Phagnalon saxatile* (L.) Cassini – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de

- Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wTypha+latifolia>. Consulta realizada em 19/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., J. LOURENÇO, C. SILVA, A. CARAPETO, L. LOPES, M. PORTO, J.D. ALMEIDA, F. CLAMOTE, & al. 2014am. *Davallia canariensis* (L.) Sm. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wDavallia+canariensis>. Consulta realizada em 21/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., J.D. ALMEIDA, J. LOURENÇO, E. PORTELA-PEREIRA, F. CLAMOTE, A. CARAPETO, M. PORTO, A. SILVA, & al. 2014an. *Pteridium aquilinum* (L.) Kuhn subsp. *aquilinum* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPteridium+aquilinum+subsp.+aquilinum>. Consulta realizada em 21/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., J. LOURENÇO, J.D. ALMEIDA, E. PORTELA-PEREIRA, P. SILVEIRA, R. CARAÇA, A. SILVA, A. CARAPETO, M. PORTO, & al. 2014ao. *Polystichum setiferum* (Forssk.) Moore ex Woyнар – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPolystichum+setiferum>. Consulta realizada em 21/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., A. CARAPETO, M. PORTO, J. LOURENÇO, C. AGUIAR, M. PEIXOTO, J.D. ALMEIDA, E. MARABUTO, & al. 2014ap. *Juniperus oxycedrus* L. subsp. *oxycedrus* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wJuniperus+oxycedrus+subsp.+oxycedrus>. Consulta realizada em 22/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., J. LOURENÇO, E. PORTELA-PEREIRA, J.D. ALMEIDA, S. RIBEIRO, A. SILVA, P. CANHA, U. SCHWARZER, & al. 2014aq. *Polystichum setiferum* (Forssk.) Moore ex Woyнар – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPolystichum+setiferum>. Consulta realizada em 21/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., J. LOURENÇO, E. PORTELA-PEREIRA, J.D. ALMEIDA, S. RIBEIRO, A. SILVA, P. CANHA, U. SCHWARZER, & al. 2014ar. *Alisma plantago-aquatica* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wAlisma+plantago-aquatica>. Consulta realizada em 22/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., E. PORTELA-PEREIRA & J. LOURENÇO. 2014as. *Baldellia repens* (Lam.) Ooststr. ex Lawalr. subsp. *cavanillesii* (J.A. Molina & al.) Talavera – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wBaldellia+repens+subsp.+cavanillesii>. Consulta realizada em 21/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., F. CLAMOTE, C.T. GOMES, J.D. ALMEIDA, R. CARAÇA, A. CARAPETO, P. BEJA, C. AGUIAR, & al. 2014at. *Allium ampeloprasum* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wAllium+ampeloprasum>. Consulta realizada em 22/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., F. CLAMOTE, M. PORTO, C.T. GOMES, P. SILVEIRA, J.D. ALMEIDA & A. CARAPETO. 2014au. *Allium neapolitanum* Cirillo – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wAllium+neapolitanum>. Consulta realizada em 22/12/2014.
- ARAÚJO, P.V. & J. LOURENÇO. 2014av. *Ajuga reptans* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wAjuga+reptans>. Consulta realizada em 28/11/2014.
- ARAÚJO, P.V. & A. SILVA. 2014aw. *Vaccinium uliginosum* L. – mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wVaccinium+uliginosum>. Consulta realizada em 25/11/2014.
- ARAÚJO, P.V., A. CARAPETO, M. PORTO, J.D. ALMEIDA, J. LOURENÇO, C.T. GOMES, M. PEIXOTO, A.J. PEREIRA, & al. 2014ax. *Narcissus bulbocodium* L. subsp. *bulbocodium* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wNarcissus+bulbocodium+subsp.+bulbocodium>. Consulta realizada em 23/12/2014.

- ARAÚJO, P.V., P. PEREIRA, M. PEIXOTO, A. CARAPETO, J.D. ALMEIDA & J. LOURENÇO. 2014ay. *Narcissus cyclamineus* DC. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wNarcissus+cyclamineus>. Consulta realizada em 23/12/2014.
- ARAÚJO, P.V. & J. LOURENÇO. 2014az. *Narcissus pseudonarcissus* L. subsp. *nobilis* (Haw.) A. Fern. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wNarcissus+pseudonarcissus+subsp.+nobilis>. Consulta realizada em 23/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., J. LOURENÇO, F. CLAMOTE, J.D. ALMEIDA, M. PORTO, A. CARAPETO, A.J. PEREIRA, A. SILVA, & al. 2014ba. *Arum italicum* Mill. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wArum+italicum>. Consulta realizada em 24/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., J.D. ALMEIDA, U. SCHWARZER & J. LOURENÇO. 2014bb. *Hyacinthoides non-scripta* (L.) Chouard – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wHyacinthoides+non-scripta>. Consulta realizada em 26/12/2014.
- ARAÚJO, P.V. 2014bc. *Carex caryophyllea* Latourr. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCarex+caryophyllea>. Consulta realizada em 28/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., J.D. ALMEIDA, F. CLAMOTE, J. LOURENÇO, A. CARAPETO, P. SILVEIRA, M. PORTO, A. SILVA, & al. 2014bd. *Romulea bulbocodium* (L.) Sebast. & Mauri – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wRomulea+bulbocodium>. Consulta realizada em 30/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., F. CLAMOTE, J. FARMINHÃO, A. CARAPETO, J.D. ALMEIDA, M. PORTO, A.J. PEREIRA, P. CARDOSO, & al. 2014be. *Aceras anthropophorum* (L.) W.T. Aiton – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wAceras+anthropophorum>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., F. CLAMOTE, M. PORTO, J.D. ALMEIDA, A. CARAPETO, A.J. PEREIRA, J. RODRIGUES, J. FARMINHÃO, & al. 2014bf. *Barlia robertiana* (Loisel.) Greuter – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wBarlia+robertiana>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., J. LOURENÇO, C. FRANCO, M. JACINTO, C. AGUIAR, J.D. ALMEIDA, S. RIBEIRO & H.N. ALVES. 2014bh. *Dactylorhiza elata* (Poiret) Soó – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wDactylorhiza+elata>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., J.D. ALMEIDA, J. LOURENÇO, A. CARAPETO, A. SILVA, M. PORTO, C. AGUIAR, C. FRANCO, & al. 2014bi. *Dactylorhiza maculata* (L.) Soó – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wDactylorhiza+maculata>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., J. FARMINHÃO, J.D. ALMEIDA, C. FRANCO, A.J. PEREIRA, C. AGUIAR, V. JACINTO, P. CANHA, & al. 2014bj. *Epipactis tremolsii* Pau – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wEpipactis+tremolsii>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., M. PORTO, J. LOURENÇO, A. CARAPETO, J.D. ALMEIDA, C. FRANCO, F. CLAMOTE, A.J. PEREIRA, & al. 2014bk. *Neotinea maculata* (Desf.) Stearn – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wNeotinea+maculata>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., A. CARAPETO, F. CLAMOTE, M. PORTO, J. FARMINHÃO, E. MARABUTO, P. CARDOSO, A.J. PEREIRA, & al. 2014bl. *Ophrys apifera* Huds. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal

- Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wOphrys+apifera>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., J.D. ALMEIDA & J. PESSOA. 2014bm. *Platanthera bifolia* (L.) L. Rich. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPlatanthera+bifolia>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., J.D. ALMEIDA, F. CLAMOTE, M. PORTO, P. SILVEIRA, A. SILVA, J. LOURENÇO, A.J. PEREIRA, & al.. 2014bn. *Orchis mascula* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wOrchis+mascula>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ARAÚJO, P.V. & J. PESSOA. 2014bo. *Orchis provincialis* Balb. ex Lam. & DC. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wOrchis+provincialis>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., M. PORTO, F. CLAMOTE, A. CARAPETO, J.D. ALMEIDA, V. JACINTO, A.J. PEREIRA, E. MARABUTO, & al. 2014bp. *Spiranthes spiralis* (L.) Chevall. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wSpiranthes+spiralis>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., J. LOURENÇO, M. PORTO, C.T. GOMES, J. PESSOA, J. FARMINHÃO, U. SCHWARZER, A.J. PEREIRA, & al. 2014bq. *Serapias lingua* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wSerapias+lingua>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., F. CLAMOTE, A. CARAPETO, M. PORTO, J. FARMINHÃO, A.J. PEREIRA, E. MARABUTO, C. FRANCO, & al. 2014br. *Serapias parviflora* Parl. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wSerapias+parviflora>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ARAÚJO, P.V., A. CARAPETO, M. PORTO, F. CLAMOTE, J.D. ALMEIDA, J. LOURENÇO, A.J. PEREIRA, P. CARDOSO, & al. 2014bs. *Lagurus ovatus* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wLagurus+ovatus>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- ARGENT, G. 1984. *Musa* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 130-136.
- ARISTA, M & P.L. ORTIZ. 2012. *Periploca* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); S. TALAVERA, C. ANDRÉS, M. ARISTA, M.P. FERNÁNDEZ PIEDRA, M.J. GALLEGU, P.L. ORTIZ, C. ROMERO ZARCO, F.J. SALGUEIRO, S. SILVESTRE & A. QUINTANAR (eds), *Flora Iberica* XI: 130-133.
- ARTHUR, A. 2013. *Iris macrophylla*; Long-tubed Iris. In *CalPhotos*. http://calphotos.berkeley.edu/cgi/img_query?enlarge=0000+0000+0413+4207.
- ASDAL, Å., J. LABOKAS, K. OLSSON, J. RADUŠIENĖ & K.W. BLADH. 2005. Ecotypic exploration and characterization trials to promote conservation of *Arnica montana* L. in Northern Europe. *Crop Wild Relative Case Study* 1. PGR Forum. European Crop Wild Relative Diversity Assessment and Conservation Forum. 2 p.
- ATLAS CLIMÁTICO IBÉRICO, 2011. Atlas Climático Ibérico. Temperatura del aire y precipitación (1971-2000) / Atlas Climático Ibérico. Temperatura do ar e precipitação (1971-2000) / Iberian Climate Atlas. Air temperature and precipitation (1971-2000). Catálogo General de publicaciones oficiales: <http://www.060.es>. Edita: Agencia Estatal de Meteorología. Ministerio de Medio Ambiente y Medio Rural y Marino © & Instituto de Meteorología de Portugal ©.
- AU, L. 2000. *Carpobrotus edulis* in Coastal California Plant Communities. *Restoration and Reclamation Review. Student On-Line Journal*. Vol., No. 1 (Fall 2000). Department of Horticultural Science. University of Minnesota, St. Paul, MN.

- <http://conservancy.umn.edu/bitstream/59508/1/6.1.Au.pdf>. [Acedido em 25 de Maio de 2014]
- AZEVEDO, CORREIA DE. S/data. 1974?. 1975?. *Arte Monumental Portuguesa*. Relação e Descrição de todos os Monumentos Nacionais e Imóveis de Interesse Público e Concelhio, segundo o arrolamento da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. 1.º Volume. 160 p.
- AZEVEDO GOMES, M. DE. 1957. A importância das precipitações devidas ao nevoeiro em regiões costeiras arborizadas (estudo de clima local realizado no parque da Pena – Serra de Sintra). *Publ. 23º Congr. Luso-Esp. Progr. Ci.* 5: 5-16.
- AZUL, A.M. 2010. *Cogumelos do Paul da Madriz*. Imprensa da Universidade de Coimbra. 137 p.
- BAILEY, L.H. 1949. *Manual of Cultivated Plants*. Most comonly grown in the continental United States and Canada. By L.H. BAILEY and the Staff of the Bailey Hortorium at Cornell University. Revised Edition. Completely Restudied. The MacMillan Company. New York. 1116 p.
- BAKER, J.J.W. & G.E. ALLEN. 1975. *Estudo da Biologia*. 2 volumes ilustrados. Tradução de E.E. KIRSCHNER. Título original: *The Study of Biology*. 4.ª reimpressão 1984. Editora Edgard Blücher Ltda. São Paulo. 760 p.
- BALDAUF, S.L. 1999. A search for the origins of animals and fungi: comparing and combining molecular data. *American Naturalist* 154: S178-S188.
- BALDAUF, S.L. & W.F. DOLITTLE. 1996. Origin and evolution of the slime molds (Mycetozoa). *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America* 94 (22): 12007-12012.
- BALDAUF, S.L. & J.D. PALMER. 1993. Animals and fungi are each other's closest relatives: congruent evidence from multiple proteins. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America* 90: 11558-11562.
- BALDAUF, S.L., A.J. ROGER, I. WENK-SIEFERT & W.F. DOLITTLE. 2000. A kingdom-level phylogeny of eukaryotes based on on combined protein data. *Science* 290: 972-977.
- BAO, B. & A.E. GRABOWSKAYA-BORODINA. 2003. *Rheum* Linnaeus, Sp. Pl. 1: 371. 1753. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China* 5: 341-350.
- BARDAT, J., F. BIORET, M. BOTINEAU, V. BOULLET, R. DELPECH, J.-M. GÉHU, J. HAURY, A. LACOSTE, J.-C. RAMEAU, J.-M. ROYER, G. ROUX & A. TOUFFET. 2001. *Prodrome des Végétations de France* // Version 01-2 [14 décembre 2001] // 1. Texto em pdf. 143 p.
- BARDGETT, R.D. & W. VAN DER PUTTEN. 2014. Belowground diversity and ecosystem functioning. Review. *Nature* 515: 505-511 (27 November 2014). doi:10.1038/nature13855.
- BARICEVIC, D., S. SOSA, R. DELLA LOGIA, A. TUBARO, B. SIMONOVSKA, A. KRASNA & A. ZUPANCIC. 2001. Topical anti-inflammatory activity of *Salvia officinalis* L. leaves: the relevance of ursolic acid. *Journal of Ethnopharmacology* 75: 125-132.
- BARKWORTH, M.E., K.M. CAPELS, A. LONG, L.K. ANDERTON & M.B. PIEP. 2003. *Flora of North America north of Mexico*, volume 23. *Poaceae*, part 1.
- BARKWORTH, M.E., K.M. CAPELS, A. LONG & M.B. PIEP. 2007. *Flora of North America north of Mexico*, volume 24. *Poaceae*, part 2.
- BARNES, P.G. 1986. *Urginea* Steinhil. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 220-221.
- BARRA LÁZARO, A. 2000. Dos nuevas variedades de *Narcissus triandrus* L. (*Amaryllidaceae*). *Anales Jard. Bot. Madrid* 58 (1): 184-186.

- BARRENO, E., M. HERRERA-CAMPOS, F.J. GARCÍA-BREJO, F. GASULLA & J. REIG-ARMIÑANA. 2008. Non-photosynthetic bacteria associated to cortical structures on *Ramalina* and *Usnea* thalli from Mexico. [WWW document]. URL <http://192.104.39.110/archive/IAL6abstracts.pdf>. Asilomar, Pacific Grove, CA, USA Abstracts IAL 6 – ABLIS Joint Meeting: 5.
- BARRETO, R.R. DANTAS. 1976. *Tetragonia tetragonoides* (Pallas) O. Kuntze. *Agronomia Lusitana* 38: 172.
- BARRETO CALDAS, F. 2011. *Armeria pseudarmeria*. In: IUCN 2013. IUCN Red List of Threatened Species. Version 2013.2. <www.iucnredlist.org>. Downloaded on 14 May 2014.
- BARROS NEVES, J. 1944. *Contribuição para o estudo cário-sistemático das espécies portuguesas do género Ranunculus L.* Dissertação para Doutoramento em Ciências Biológicas na Universidade de Coimbra. 202 p. + IV Est.
- BARROS NEVES, J. 1945. Sur l'origine de *Ranunculus dichotomiflorus* Lag. *Boletim da Sociedade Broteriana*, sér. 2, 19 (2): 729-737.
- BARROS NEVES, J. 1962. Dados cariológicos sobre algumas espécies africanas de *Ornithogalum* L. *Boletim da Sociedade Broteriana*, sér. 2, 36: 151-174.
- BARROS NEVES, J. 1980. Prof. Doutor Abílio Fernandes. *Boletim da Sociedade Broteriana*, sér. 2, 53: VII-LXVIII (1979-1980).
- BASE DE DADOS DA BIODIVERSIDADE DOS AÇORES. © 2008 Universidade dos Açores. www.azoresbioportal.angra.uac.pt/
- BAYTOP, A. 1985a. *Phragmites* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 562-563.
- BAYTOP, A. 1985b. *Cortaderia* Stapf. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 564.
- BAYTOP, A. 1985c. *Phalaris* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 366-370.
- BEARA, I.N., M.M. LESJAK, D.Z. ORCIC, N.D. SIMIN, D.D. CETOJEVIC-SIMIN, B.N. Bozin & N.M. MIMICA-DUKIC. 2012. Comparative analysis of phenolic profile, antioxidant, anti-inflammatory activity and cytotoxic activity of two closely-related Plantain species: *Plantago altissima* L. and *Plantago lanceolata* L. *LWT—Food Science and Technology* 47: 64-70.
- BEARA, I.N., D.Z. ORCIC, M.M. LESJAK, N.M. MIMICA-DUKIC, B.A. PEKOVIC & M.R. POPOVIC. 2010. Liquid chromatography/tandem mass spectrometry study of anti-inflammatory activity of Plantain (*Plantago* L.) species. *Journal of Pharmaceutical and Biomedical Analysis* 52: 701-706.
- BEARDSLEY, P.M. & R.G. OLMSTEAD. 2002. Redefining Phrymaceae: the placement of *Mimulus*, tribe Mimuleae, and *Phryma*. *American Journal of Botany*, 89 (7): 1093-1102.
- BECKER, G. 1984. *Plantes toxiques*. Illustrations de Z. BERGER. Cinquième tirage 1990. Gründ, Paris. 224 p.
- BEDINI, G. 2007. *L'Orto Botanico di Pisa. Pianta, Storia, Personaggi, Ruoli./The Botanic Garden of Pisa. Plants, History, People, Roles*. Presentazione di/Presented by Fabio Garbari. Studi Pisani. Cultura e Società 16. Edizioni Plus. Pisa University Press. 160 p.
- BELL, C.D., E.J. EDWARDS, KIM, S.-T. & M.J. DONOGHUE. 2001. Dipsacales Phylogeny based on chloroplast DNA sequences. *Harvard Papers in Botany* 6 (2): 481-499.
- BENEDÍ, C. 2000. *Anthyllis* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); S. TALAVERA, C. AEDO, S. CASTROVIEJO, A. HERRERO, C. ROMERO ZARCO, F.J. SALGUEIRO & M. VELAYOS (eds), *Flora iberica* VII (II): 829-863.

- BERJANO, R., M. TALAVERA, F.J. JIMÉNEZ & S. TALAVERA. 2014a. *Urospermum picroides* (L.) F.W. Schmidt. In MARHOLD, K. (ed.). IAPT/IOPB chromosome data 17. *Taxon* 63 (5): 1149. October 2014.
- BERJANO, R., M. TALAVERA, F.J. JIMÉNEZ & S. TALAVERA. 2014b. *Crepis taraxicifolia* Thuil. In MARHOLD, K. (ed.). IAPT/IOPB chromosome data 17. *Taxon* 63 (5): 1149. October 2014.
- BERNARDOS, S., A. AMADO, C. AGUIAR, C. SANTOS, J. FERNÁNDEZ-DIEZ, A. GONZÁLEZ-TALAVÁN & F. AMICH. 2006. Conservation status of the threatened Iberian Peninsula narrow endemic *Antirrhinum lopesianum* Rothm. (Scrophulariaceae). *Plant Biosystems*, 140 (1): 2-9 (March 2006).
- BERTHET, P. 1990. *Opuntia* Miller. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍN, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds.), *Flora Iberica* 2: 62-70.
- BETTENCOURT, E. & L. GUSMÃO. 1982. Colheita de germoplasma de milho nos Açores. I — S. Miguel e Terceira. *Agronomia Lusitana* 41 (3-4): 241-258.
- BGCI. *Botanic Gardens Conservation International Newsletter*. BGCI Newsletter.pdf [Consultado em 27 de Dezembro de 2012].
- BILZ, M., S.P. KELL, N. MAXTED & R.V. LANSDOWN. 2011. European Red List of Vascular Plants. IUCN Global Species Program/IUCN Regional Office for Europe/IUCN Species Survival Commission. Published by the European Commission. Luxembourg: Publications Office of the European Union. 132 p.
- BLANCA, G. 2011a. Araceae. In BLANCA, G., B. CABEZUDO, M. CUETO, C. MORALES TORRES & C. SALAZAR (eds), *Flora Vascular de Andalucía Oriental* (2.^a Edición corregida y aumentada), vol. I: 111-118.
- BLANCA, G., B. CABEZUDO, M. CUETO, C. MORALES TORRES & C. SALAZAR (eds). 2011. *Flora Vascular de Andalucía Oriental* (2.^a Edición corregida y aumentada). Universidades de Almería, Granada, Jaén y Málaga, Granada. 1754 p.
- BLANCHARD, J.W. 1990. *Narcissus*. A guide to wild daffodils. Alpine Garden Society. 203 p.
- BLANCO SALAS, J., T. RUIZ TÉLLEZ, F.M. VÁZQUEZ PARDO, M.Á. CASES CAPDEVILLA, M.J. PÉREZ ALONSO & C. GERASINI RODRÍGUEZ. 2012. Influencia del estado fenológico en la actividad antioxidante del aceite esencial de *Thymus mastichina* (L.) L. / Influence of phenological stage on the antioxidant activity of essential oil of *Thymus mastichina* (L.) L. *Folia Botanica Extremadurensis* 6: 29-37.
- BOHLIN, K. 1897. Die Algen der Ersten Regnell'schen Expedition. I. Protococcoideen. *Bihang til Kongliga Svenska Vetenskaps Akademiens Handlingar* 23: 3-47.
- BOLÒS, O. DE & J. VIGO. 1984. *Flora dels Països Catalans*. I (Introducció. Licopodiàcies – Capparàcies). Editorial Barcino. Barcelona. 736 p.
- BOLÒS, O. DE & J. VIGO. 1990. *Flora dels Països Catalans*. II (Crucíferes – Amarantàcies). Editorial Barcino. Barcelona. 921 p.
- BOLÒS, O. DE & J. VIGO. 1995. *Flora dels Països Catalans*. III (Pirolàcies – Compostes). Editorial Barcino. Barcelona. 1230 p.
- BOLÒS, O. DE & J. VIGO. 2001. *Flora dels Països Catalans*. IV (Monocotiledònies). Editorial Barcino. Barcelona. 750 p.
- BORCHIellini, C., N. BOURY-ESNAULT, J. VACELET & Y. LE PARCO. 1998: "Phylogenetic analysis of the Hsp70 sequences reveals the monophyly of Metazoa and specific phylogenetic relationships between animals and fungi. *Molecular Biology and Evolution* 15: 647-655.
- BORGES, A.E.L. & V.C.V. DE ALMEIDA. 1996. As Plantas Medicinais e Condimentares. *Análise das Potencialidades de uma Região Alentejana (Concelhos de Reguengos de Monsaraz, Mourão, Moura, Serpa, Barrancos, Alandroal e Mértola)*. *Silva Lusitana* Número especial (Áreas Degradadas): 143-169 (incluindo 8 fotos a cores).

- BORGES DE FIGUEIREDO, A.C. 1886. *Coimbra Antiga e Moderna*. Edição original pela Typographia e Lithographia de Adolpho, Modesto & C.^a. MDCCCLXXXVI. Edição Fac-similada. Almedina, 1996.
- BORGES DE MACEDO, G.F. & M.H.L. ALMEIDA TIAGO. 1985. *Flores do Parque Nacional*. Parque Nacional da Peneda-Gerês. Braga. 84 p.
- BORZATTI DE LOEWENSTERN, A. & F. GARBARI. 2003. *Bellevialia dubia* subsp. *dubia* (Hyacinthaceae), an endemic unt for the Sicilian flora. *Boccone* 16 (2): 543-548.
- BOS, J.J. & J. CULLEN. 1986. *Dracaena* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 285-287.
- BRACH, A.R. 2012. *Anthony's Keys. Rosaceae. Cotoneaster*. http://www.efloras.org/browse.aspx?flora_id=1130 [acedido em 27.IV.2012].
- BRACH, A.R. & H. SONG. 2006. eFloras: New directions for online floras exemplified by the Flora of China Project. *Taxon* 55 (1) February 2006: 188-192.
- BRAMWELL, D. 2002. How many plant species are there? *Plant Talk* 28: 32-34.
- BRANCO, I.M.M.H. 2010. Estudo dos extractos biologicamente activos de *Salvia sclareoides* Brot. e de *Asteriscus vogelii* (Webb.) Walp. e pesquisa dos seus princípios activos. Tese de doutoramento. Química (Química Orgânica), Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa.
- BRANCO, M.R. 2000. A Apicultura nos Ecossistemas Florestais Mediterrânicos. *Silva Lusitana* 8 (1): 75-89.
- BRAUN-BLANQUET, J. 1979. *Fitosociología. Bases para el estudio de las comunidades vegetales*. Traducido por J. LALUCAT JO. Revisado por J. ORIOL DE BOLÒS CAPDEVILLA. H. Blume Ediciones. Madrid. 820 p.
- BRÄUTIGAM, S. & W. GREUTER. 2007-2009. *Pilosella*. – In GREUTER, W. & E. VON RAAB-STRAUBE (eds): *Compositae. Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*. <http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Pilosella&PTRefFk=7000000> [Acedido 2010–2013].
- BRICKELL, C.D. 1980a. *Colchicum* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 21-25.
- BRICKELL, C.D. 1984a. *Colchicum* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 329-351.
- BRICKELL, C.D. 1984b. *Merendera* Ramond. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 351-354.
- BRICKELL, C.D. 1986a. *Colchicum* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 162-168.
- BRICKELL, C.D. 1986b. *Merendera* Ramond. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 168-169.
- BRITES, J. S/data. *Jardim Botânico de Coimbra: Contraponto entre a Arte e a Ciência / Coimbra Botanical Garden: Counterpoint between Art and Science*. Pág. 31-69. Texto disponível na Internet: http://www.artez.pt/textos/transnatural/joana_brites.pdf. [Acedido em 22 de Junho de 2014]
- BRITES MONTEIRO, J.A.. 2008. *Guia das orquídeas silvestres da Beira Litoral*. Edição do Autor. Coimbra. 80 p.

- BROADY, P.A. & M. INGERFELD. 1993. Three new species and a new record chaetophoracean (Chlorophyta) algae from terrestrial habitats in Antarctica. *European journal of Phycology* 28: 25-31, 9 figs.
- BROTERO, F. AVELLAR. 1800. *Phytographia Lusitaniae selectior, seu novarum et aliarum minus cognitarum stirpium, quae in Lusitania sponte veniunt, descriptiones*. Fascic. I. Typographia domus chalcographicae, typoplasticae, ac litterariae ad Arcum Caeci. Olissipone.
- BROTERO, F. AVELLAR. 1804a. *Flora Lusitanica, seu Plantarum quae in Lusitania vel sponte crescunt, vel frequentius coluntur, ex Florum praesertim Sexubus systematice distributarum, Synopsis*. Pars I. Typographia Regia, Olissipone.
- BROTERO, F. AVELLAR. 1804b. *Flora Lusitanica, seu Plantarum quae in Lusitania vel sponte crescunt, vel frequentius coluntur, ex Florum praesertim Sexubus systematice distributarum, Synopsis*. Pars II. Typographia Regia, Olissipone.
- BROTERO, F. AVELLAR. 1807. *Relatório* dirigido ao magnífico Reitor da Universidade de Coimbra, em 5 de Março de 1807 [acerca do que é o Jardim e quais são os seus principais objectivos]. <http://www.facebook.com/JardimBotanicoUC> [acedido em 10.III.2013].
- BROTERO, F. AVELLAR. 1816. *Phytographia Lusitaniae selectior, seu novarum, rariorum, et aliarum minus cognitarum stirpium, quae in Lusitania sponte veniunt, ejusdemque florum spectant, descriptiones iconibus illustratae*. Tom. I. Typographia Regia, Olissipone.
- BROTERO, F. AVELLAR. 1827. *Phytographia Lusitaniae selectior, seu novarum, rariorum, et aliarum minus cognitarum stirpium, quae in Lusitania sponte veniunt, ejusdemque florum spectant, descriptiones iconibus illustratae*. Tom. II. Typographia Regia, Olissipone.
- BROWICZ, K. 1978a. *Periploca* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by J.R. EDMONDSON, R.R. MILL & B.S. PARRIS. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 6: 164-165.
- BROWICZ, K. 1978b. *Vincetoxicum* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by J.R. EDMONDSON, R.R. MILL & B.S. PARRIS. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 6: 164-165.
- BRUMMITT, N., S.P. BACHMAN & J. MOAT. 2008. Applications of the IUCN Red List: towards a global barometer for plant diversity. *Endangered Species Research* 6: 127-135. Printed December 2008. Published online November 17, 2008
- BRUMMITT, N. & S.P. BACHMAN. 2010. *Plants Under Pressure – a Global Assessment*. The first report of the IUCN Sampled Red List Index for Plants. Royal Botanic Gardens Kew, London, UK, the Natural History Museum, London, UK, and the International Union for the Conservation of Nature, Gland, Switzerland.
- BRUMMIT, R.K. 2001. *World Geographical Scheme for recording Plant Distribution*, ed. 2. Hunt Institute for Botanical Documentation, Pittsburgh.
- BRUMMIT, R.K. 2007a. *Lamiaceae (Labiatae)* (Mint family). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 179-181.
- BRUMMIT, R.K. 2007b. *Rutaceae* (Rue and citrus family). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 287-288.
- BRUMMIT, R.K. 2007c. *Campanulaceae* (Bellflower and Lobelia family). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 82-84.
- BRUMMIT, R.K. 2007d. *Boraginaceae* (Borage and forget-me-not family). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 66-68.
- BRUMMITT, R.K. & P.S. GREEN. 2007. *Oleaceae* (Olive family). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 234-235.

- BRUYNS, P.V., M. OLIVEIRA-NETO, G.F. MELO-DE-PINNA & C. KLAK. 2014. Phylogenetic relationships in the Didiereaceae with special reference to subfamily Portulacarioideae. *Taxon* 63 (5): 1053-1064. Publication date: 1 October 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.12705/635.36>.
- BUIRA, T. & J. CALVO. 2011. *Watsonia* Mill. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds), *Flora Iberica*. XX. Síntese genérica disponibilizada em www.floraiberica.es. 3 p.
http://www.floraiberica.es/floraiberica/texto/imprenta/tomoXX/20_185_13_Watsonia.pdf13/05/2011.
[Acedido em 06.IX.2013].
- BUIRA, T. & J. CALVO. 2013. *Watsonia* Mill. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds), *Flora Iberica* XX: 476-478.
- BUNTING, G.S. 1984. *Philodendron* Schott. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 91-94.
- BURKILL, H.M. 1985. *The useful plants of west tropical Africa*. Volume 2.
- CABRAL, J.P. & E. FOLHADELA. 2006. *Uma (terceira) exposição. Botânica. Gonçalo Sampaio*. [Catálogo]. Departamento de Botânica. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Jardim Botânico da Universidade do Porto. http://www.fc.up.pt/pessoas/jpcabral/index_files/GS_brochura.pdf.
- CABRAL, J.P. 2009. *Gonçalo Sampaio. Vida e obra – Pensamento e acção*. Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso. Póvoa de Lanhoso, Junho de 2009. 277 p.
- CAISOVÁ, L. & M. GABKA. 2009. Charophytes (Characeae, Charophyta) in the Czech Republic: taxonomy, autecology and distribution. *Fottea* 9 (1): 1-43.
- CALFLORA. 2013. Information on California plants for education, research and conservation, based on data contributed by dozens of public and private institutions and individuals, including the Consortium of Calif. Herbaria. [web application]. 2013. Berkeley, California: The Calflora Database [a non-profit organization]. Available: <http://www.calflora.org/> [Accessed: Nov 06, 2013].
- CALFLORA. 2014. Information on California plants for education, research and conservation, based on data contributed by dozens of public and private institutions and individuals, including the Consortium of Calif. Herbaria. [web application]. 2014. Berkeley, California: The Calflora Database [a non-profit organization]. Available: <http://www.calflora.org/> [Accessed: Jan 29, 2014].
- CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA. S/data. *Colégio de S. Bento*. Câmara Municipal de Coimbra. Gabinete para o Centro Histórico. 4 p. [PDF acedido em 5 de Junho de 2014]
- CAMARASA, J.M. 1980. *A Ecologia*. Com entrevista a Heinz Ellenberg. Tradução de Cintra Ferreira, A.M. Neves & Irineu Garcia. Biblioteca Salvat de Grandes Temes. Salvat Editora do Brasil, S.A. Rio de Janeiro, Lisboa, Barcelona, Lausanne. 143 p.
- CAMPBELL, E. 1986a. *Crinum* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 309-311.
- CAMPBELL, E. 1986b. *Zephyranthes* Herbert. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 294.
- CAMPBELL, E. 1986c. *Lachenalia* Murray. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 226-228.

- CAMPBELL, E. 1986d. *Watsonia* Miller. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 384-385.
- CAMPBELL, E. 1986e. *Babiana* Ker Gawler. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 385-386.
- CAMPBELL, E. 1986f. *Cyrtanthus* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 300-301.
- CAMPBELL, E. 1986g. *Liriope* Loureiro. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 266-267.
- CAMPBELL, E. & J. CULLEN. 1986. *Hemerocallis* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 142-143.
- CANHA, P., M. PORTO, S. RIBEIRO, C.T. GOMES, E. PORTELA-PEREIRA, J.L. VITORINO, P. SILVEIRA, C. AGUIAR, & al. 2014. *Polypogon maritimus* Willd. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPolypogon+maritimus>. Consulta realizada em 30/12/2014.
- CAO, W. & J. MA. 2006. (1712) Proposal to conserve the name *Elaeodendron fortunei* against *Euonymus hederaceus* Champ. ex Benth. (*Celastraceae*). *Taxon* 55 (1): 233. (February 2006).
- CARAÇA, R., M. PORTO, J.D. ALMEIDA, A.J. PEREIRA, J. LOURENÇO, P. CARDOSO, M. PEIXOTO, C. AGUIAR & al. 2014a. *Cynosurus echinatus* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCynosurus+echinatus>. Consulta realizada em 17/01/2014.
- CARAÇA, R., J.D. ALMEIDA, E. PORTELA-PEREIRA, C. AGUIAR, P.V. ARAÚJO. 2014b. *Bromus catharticus* Vahl – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wBromus+catharticus>. Consulta realizada em 30/12/2014.
- CARAÇA, R., E. PORTELA-PEREIRA, J.D. ALMEIDA, M. PORTO, C.T. GOMES, A.J. PEREIRA, A. CARAPETO & V. SILVA. 2014c. *Bromus rigidus* Roth – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wBromus+rigidus>. Consulta realizada em 30/12/2014.
- CARAPETO, A., F. CLAMOTE, M. PORTO, C.T. GOMES, A.J. PEREIRA, J.D. ALMEIDA, B. OTTWAY, P. CARDOSO & al. 2014a. *Gynandris sisyrrinchium* (L.) Parl. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wGynandris+sisyrrinchium>. Consulta realizada em 22/01/2014.
- CARAPETO, A., M. PORTO, P.V. ARAÚJO, F. CLAMOTE, A.J. PEREIRA, P. CARDOSO, J.D. ALMEIDA, E. MARABUTO & al. 2014b. *Urginea maritima* (L.) Baker – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wUrginea+maritima>. Consulta realizada em 6/01/2014.
- CARAPETO, A., B. OTTWAY, A.J. PEREIRA, F. CLAMOTE, U. SCHWARZER, M. PORTO, V. JACINTO, J. FARMINHÃO & al. 2014c. *Chamaerops humilis* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wChamaerops+humilis>. Consulta realizada em 3/02/2014.
- CARAPETO, A., P.V. ARAÚJO, J.D. ALMEIDA, J. LOURENÇO, F. CLAMOTE, M. PORTO, A. SILVA, M. PEIXOTO & al. 2014d. *Pinus pinaster* Aiton – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPinus+pinaster>. Consulta realizada em 3/02/2014.

- CARAPETO, A., J.D. ALMEIDA, F. CLAMOTE, J. LOURENÇO, M. PORTO, P.V. ARAÚJO, U. SCHWARZER, P. CARDOSO & al. 2014e. *Pinus pinea* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPinus+pineae>. Consulta realizada em 3/02/2014.
- CARAPETO, A., V. JACINTO, J.D. ALMEIDA, P.V. ARAÚJO, A.J. PEREIRA, M. PORTO, C. PEREIRA, F. CLAMOTE & al. 2014f. *Colchicum lusitanum* Brot. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wColchicum+lusitanum>. Consulta realizada em 16/03/2014.
- CARAPETO, A., P.V. ARAÚJO, M. PORTO, F. CLAMOTE, A.J. PEREIRA, C.T. GOMES, U. SCHWARZER, H. ENGELS & al. 2014g. *Corema album* (L.) D. Don – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCorema+album>. Consulta realizada em 25/11/2014.
- CARAPETO, A., F. CLAMOTE, J.D. ALMEIDA, A.J. PEREIRA, U. SCHWARZER, M. PORTO, E. MARABUTO & C. AGUIAR. 2014h. *Thymbra capitata* (L.) Cav. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wThymbra+capitata>. Consulta realizada em 7/12/2014.
- CARAPETO, A., F. CLAMOTE, J.D. ALMEIDA, A.J. PEREIRA, M. PORTO, C. AGUIAR & C.T. GOMES. 2014i. *Thymus carnosus* Boiss. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wThymus+carnosus>. Consulta realizada em 7/12/2014.
- CARAPETO, A., M. PORTO, F. CLAMOTE, A.J. PEREIRA, P.V. ARAÚJO, J.D. ALMEIDA, U. SCHWARZER, P. CARDOSO, & al. 2014j. *Pistacia lentiscus* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPistacia+lentiscus>. Consulta realizada em 8/12/2014.
- CARAPETO, A., J.D. ALMEIDA & M. PORTO. 2014k. *Lepidium virginicum* L. – mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wLepidium+virginicum>. Consulta realizada em 10/12/2014.
- CARAPETO, A., F. CLAMOTE, M. PORTO, J. FARMINHÃO, V. JACINTO, J.D. ALMEIDA, P. CARDOSO, S. CHOZAS, & al. 2014l. *Leucojum trichophyllum* Schousb. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wLeucojum+trichophyllum>. Consulta realizada em 22/12/2014.
- CARAPETO, A., M. PORTO, P.V. ARAÚJO, A.J. PEREIRA, S. CHOZAS, M. JACINTO, C.T. GOMES, J.D. ALMEIDA, & al. 2014m. *Narcissus calcicola* Mendonça – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wNarcissus+calcicola>. Consulta realizada em 23/12/2014.
- CARAPETO, A., C.T. GOMES, A.J. PEREIRA, V. JACINTO, J.D. ALMEIDA & E. MARABUTO. 2014n. *Narcissus gaditanus* Boiss. & Reut. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wNarcissus+gaditanus>. Consulta realizada em 23/12/2014.
- CARAPETO, A., A.J. PEREIRA, C.T. GOMES, M. PORTO, P.V. ARAÚJO, E. MARABUTO, J.D. ALMEIDA, A. CLEMENTE & al. 2014o. *Narcissus gaditanus* Boiss. & Reut. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wNarcissus+gaditanus>. Consulta realizada em 23/12/2014.
- CARAPETO, A. 2014p. *Narcissus papyraceus* Ker Gawl. subsp. *panizzianus* (Parl.) Arcang. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wNarcissus+papyraceus+subsp.+panizzianus>. Consulta realizada em 23/12/2014.
- CARAPETO, A., J.D. ALMEIDA & E. PORTELA-PEREIRA. 2014q. *Narcissus papyraceus* Ker Gawl. subsp. *papyraceus* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de

- Botânica. <http://www.flora-on.pt#wNarcissus+papyraceus+subsp.+papyraceus>. Consulta realizada em 23/12/2014.
- CARAPETO, A., J. LOURENÇO & P.V. ARAÚJO. 2014r. *Narcissus pseudonarcissus* L. subsp. *portensis* (Pugsley) A. Fern. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wNarcissus+pseudonarcissus+subsp.+portensis>. Consulta realizada em 23/12/2014.
- CARAPETO, A., P.V. ARAÚJO & F. CLAMOTE. 2014s. *Narcissus tazetta* L. subsp. *tazetta* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wNarcissus+tazetta+subsp.+tazetta>. Consulta realizada em 23/12/2014.
- CARAPETO, A., C.T. GOMES & A.J. PEREIRA. 2014t. *Narcissus willkommii* (Samp.) A. Fern. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wNarcissus+willkommii>. Consulta realizada em 23/12/2014.
- CARAPETO, A., F. CLAMOTE, P.V. ARAÚJO, M. PORTO, J.D. ALMEIDA, C.T. GOMES, J. LOURENÇO, U. SCHWARZER, & al. 2014u. *Pancratium maritimum* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPancratium+maritimum>. Consulta realizada em 23/12/2014.
- CARAPETO, A. & E. PORTELA-PEREIRA. 2014v. *Cyperus rotundus* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCyperus+rotundus>. Consulta realizada em 29/12/2014.
- CARAPETO, A. & U. SCHWARZER. 2014w. *Crocus serotinus* Salisb. subsp. *serotinus* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCrocus+serotinus+subsp.+serotinus>. Consulta realizada em 30/12/2014.
- CARAPETO, A., C.T. GOMES, P.V. ARAÚJO & J.D. ALMEIDA. 2014x. *Romulea ramiflora* Ten. subsp. *ramiflora* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wRomulea+ramiflora+subsp.+ramiflora>. Consulta realizada em 30/12/2014.
- CARAPETO, A., F. CLAMOTE, P.V. ARAÚJO, A.J. PEREIRA, E. MARABUTO, A. FRANCISCO, C. FRANCO, J. FARMINHÃO, & al. 2014y. *Ophrys fusca* Link – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wOphrys+fusca>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- CARAPETO, A., M. PORTO, L. LOPES, J. LOURENÇO, C.T. GOMES, P.V. ARAÚJO, U. SCHWARZER, J.D. ALMEIDA, & al. 2014z. *Ammophila arenaria* (L.) Link subsp. *arundinacea* H. Lindb. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wAmmophila+arenaria+subsp.+arundinacea>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- CARAPETO, A., U. SCHWARZER & A.J. PEREIRA. 2014aa. *Stipa tenacissima* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wStipa+tenacissima>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- CARAPETO, A., J.D. ALMEIDA, E. PORTELA-PEREIRA & M. PORTO. 2014ab. *Polypogon viridis* (Gouan) Breistr. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPolypogon+viridis>. Consulta realizada em 29/12/2014.
- CARAPETO, A., J.D. ALMEIDA, M. PORTO, A. SILVA & A.J. PEREIRA. 2014ac. *Corynephorus canescens* (L.) P. Beauv. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCorynephorus+canescens>. Consulta realizada em 29/12/2014.
- CARAPETO, A., J.D. ALMEIDA, C. AGUIAR, P. SILVEIRA, R. CARAÇA, C.T. GOMES F. CLAMOTE, M. PORTO, & al. 2014ad. *Dactylis glomerata* L. subsp. *hispanica* (Roth) Nyman – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wDactylis+glomerata+subsp.+hispanica>. Consulta realizada em 31/12/2014.

- CARAPETO, A., C.T. GOMES, U. SCHWARZER, P. CARDOSO, A.J. PEREIRA & P. SILVEIRA. 2014ae. *Hyparrhenia hirta* (L.) Stapf – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wHyparrhenia+hirta>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- CARDIEL, J.M. 2011. *Hermodactylus* Mill. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds), *Flora Iberica*. XX. 3 p. Síntese genérica disponibilizada em www.floraiberica.es [accedida em 07.X.2013].
- CARDIEL, J.M. 2013a. *Ixia* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds), *Flora Iberica*. XX: 473-476.
- CARDIEL, J.M. 2013b. *Hermodactylus* Mill. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds), *Flora Iberica*. XX: 441-444.
- CARDIEL, J.M. 2013c. *Romulea* Maratti. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds), *Flora Iberica*. XX: 465-473.
- CARDOSO ALVES, M. 1997. *Anotações*. In LIVRO DE REGISTOS DO JARDIM, Manuscrito sem data (Séc. XX: 1950–). Livro de Registo das Plantas Cultivadas no Jardim. Secção de Sementes do Jardim Botânico de Coimbra. Universidade de Coimbra.
- CARNEIRO, M.M., M. D'ALPUIM, M.E. ROCHA & M.A. VACAS DE CARVALHO. 1998. Delimitação e Caracterização de Regiões de Proveniência de *Pinus pinea* L. em Portugal. *Silva Lusitana* 6 (2): 129-160.
- CARNEIRO, M., P. LOBO, H. SOUSA, I. CARRASQUINHO, I. CORREIA & A. AGUIAR. 2001. Estudos de Base para a Delimitação de Regiões de Proveniência de Pinheiro Bravo. *Silva Lusitana* 9 (1): 35-46.
- CARRASCO, J.P. 1991a. *Nardus* L., *Sp. Pl.* 53 (1753). In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Extremadura*: 248-250.
- CARRASCO, J.P. 1991b. *Melica* L., *Sp. Pl.* 66 (1753) [*Gen. Pl.*, ed. 5: 31, 1754]. In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Extremadura*: 178-183.
- CARRASCO, J.P. 1991c. *Phalaris* L., *Sp. Pl.* 54 (1753) [*Gen. Pl.*, ed. 5: 29, 1754]. In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Extremadura*: 162-169.
- CARRETERO, J.L. 1990a. *Achyranthes* L. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍNIZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* II: 555-556.
- CARTER, A. 2008. Curry Compound Fights Cancer in the Clinic. News. *JNCI – Journal of the National Cancer Institute* 100 (9): 616-617. May 7, 2008.
- CARUSO, G., D. UZUNOV, C. CANGALE & L. PIGNOTTI. 2012. Distribution of the genus *Ephedra* (Ephedraceae) in Calabria (S Italy). *Botanica Serbica* 36 (1): 15-21.
- CARVALHO, A.M. PINTO. 2005. *Etnobotánica del Parque Natural de Montesinho. Plantas, tradición y saber popular en un territorio del nordeste de Portugal*. Tesis doctoral. Directores: Ramón Morales Valverde; Manuel Pardo de Santayana. Tutor: Helios Sanz Ollero. Universidad Autónoma de Madrid. Facultad de Ciencias – Departamento de Biología. Madrid. IX + 456 p.
- CARVALHO, A.M. 2009. Plantas silvestres comestíveis: idiosincrasia de pastores, brincadeira de crianças ou suplemento alimentar... In *Das plantas e das pessoas. Um blogue de e para naturalistas que amam as plantas*. Sábado, 25 de Abril de 2009. http://plantas-e-pessoas.blogspot.com/2009/04/plantas-silvestres-comestiveis_25.html.
- CARVALHO, M. 2011. Douro branco ou tinto. In P.V. ARAÚJO & M. CARVALHO, Blog *Dias com Árvores*. <http://dias-com-arvores.blogspot.com/2011/07/douro-branco-ou-tinto.html>.
- CARVALHO, M. 2011. "Flor Ásia Douro". In Blog *Dias com Árvores*, 17.11.2011, <http://dias-com-arvores.blogspot.com/2011/11/flor-asia-douro.html>.

- CARVALHO, M. 2014. "Ficaram as vacas". In Blog *Dias com Árvores*, 8.11.2014, <http://dias-com-arvores.blogspot.com/2014/11/ficaram+as+vacas.html>.
- CARVALHO, M.L. SERPA. 1993. Comércio de *Narcissus* Autóctones. In *Seminário Técnico Conservação da Natureza na Serra da Estrela*: 75-84. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza. Parque Natural da Serra da Estrela. Manteigas (1992).
- CARVALHO, S. ALMEIDA DE. 2013. *Jacobaea through the eyes of spectroscopy. Identifying plant interactions with the (a)biotic environment by chemical variation effects on spectral reflectance patterns*. Thesis submitted in fulfilment of the requirements for the degree of doctor at Wageningen University by the authority of the Rector Magnificus Prof. Dr M.J. Kropff, in the presence of the Thesis Committee appointed by the Academic Board to be defended in public on Monday 14 October 2013 at p.m. in the Aula. PhD thesis, Wageningen University, Wageningen, NL (2013). With references, with summaries in Dutch and English. 180 p.
- CARVALHO, S., M. MACEL, M. SCHLERF, F. EGHBALI MOGHADDAM, P.P.J. MULDER, A.K. SKIDMORE & W.H. VAN DER PUTTEN. 2013a. Changes in plants defence chemistry (pyrrolizidine alkaloids) revealed through high-resolution spectroscopy. *Journal of Photogrammetry and Remote Sensing*. 80 (0): 51-60.
- CARVALHO, S., M. SCHLERF, W.H. VAN DER PUTTEN & A.K. SKIDMORE. 2013b. Hyperspectral reflectance of leaves and flowers of an outbreak species discriminates season and successional stage of vegetation. *International Journal of Applied Earth Observation and Geoinformation* 24 (0): 32-41.
- CASANO, L.M., E.M. DEL CAMPO, F.J. GARCÍA-BREJO, J. REIG-ARMIÑANA, F. GASULLA, A. DEL HOYO, A. GUÉRA & E. BARRENO. 2011. Two *Trebouxia* algae with different physiological performances are ever-present in lichen thalli of *Ramalina farinacea*. Coexistence versus Competition? *Environmental Microbiology* (2011) 13 (3): 806-818.
- CASASAYAS I FORNELL, T. 1989. La flora al·lòctona de Catalunya / Exotic flora of Catalunya. Tesis doctoral. Facultat de Biologia. Universidad de Barcelona / PhD Thesis. Faculty of Biology. Barcelona University.
- CASTRO, A. 1985. Domingos Vandelli. In COSTA PEREIRA, J. (Coord.), *Dicionário Ilustrado da História de Portugal*. Vol. II: 313. Publicações Alfa.
- CASTROVIEJO, S. 1986. *Psilotum* Swartz. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍNIZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* I: 30-31.
- CASTROVIEJO, S. (ed.). 1990. XLVI. *Cactaceae*. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍNIZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds.), *Flora Iberica* II: 62.
- CASTROVIEJO, S. 2007a. *Cyperus* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); S. CASTROVIEJO, M. LUCEÑO, A. GALÁN, P. JIMÉNEZ MEJÍAS, F. CABEZAS & L. MEDINA (eds), *Flora Iberica* XVIII: 8-27.
- CASTROVIEJO, S. 2007b. *Scirpoides* Ség. In CASTROVIEJO, S. (coord.); S. CASTROVIEJO, M. LUCEÑO, A. GALÁN, P. JIMÉNEZ MEJÍAS, F. CABEZAS & L. MEDINA (eds), *Flora Iberica* XVIII: 60-62.
- CASTROVIEJO, S. 2007c. *Fuirena* Rottb. In CASTROVIEJO, S. (coord.); S. CASTROVIEJO, M. LUCEÑO, A. GALÁN, P. JIMÉNEZ MEJÍAS, F. CABEZAS & L. MEDINA (eds), *Flora Iberica* XVIII: 92-94.
- CASTROVIEJO, S. 2007d. *Cladium* P. Browne. In CASTROVIEJO, S. (coord.); S. CASTROVIEJO, M. LUCEÑO, A. GALÁN, P. JIMÉNEZ MEJÍAS, F. CABEZAS & L. MEDINA (eds), *Flora Iberica* XVIII: 102-104.
- CASTROVIEJO, S. 2009a. *Zygophyllaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*. <http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Zygophyllaceae&PTRefFk=7400000> [Acedido em 2013].
- CASTROVIEJO, S. 2009b. Prólogo (a la primera edición) [Madrid, mayo de 2009]. In BLANCA, G., B. CABEZUDO, M. CUETO, C. MORALES TORRES & C. SALAZAR (eds). 2011. *Flora Vascular de Andalucía*

- Oriental* (2.^a Edición corregida y aumentada). Universidades de Almería, Granada, Jaén y Málaga, Granada.
- CASTROVIEJO, S., J.J. ALDASORO & M. ALARCÓN; with contributions from R. HAND. 2010. *Campanulaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*. <http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameId=15312&PTRefFk=7400000> [Acedido 2010–2013].
- CASTROVIEJO, S. & al. (eds). 1986 –. *Flora iberica*. Plantas vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Real Jardín Botánico, C.S.I.C. Madrid.
- CASTROVIEJO, S., M. LAÍNIZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds). 1986. *Flora Iberica*. Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. I. *Lycopodiaceae – Papaveraceae*. Real Jardín Botánico, C.S.I.C. Madrid.
- CASTROVIEJO, S., M. LAÍNIZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds). 1990. *Flora Iberica*. Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. II. *Platanaceae – Plumbaginaceae (partim)*. Real Jardín Botánico, C.S.I.C. Madrid.
- CASTROVIEJO, S., C. AEDO, S. CIRUJANO, M. LAÍNIZ, P. MONTSERRAT, R. MORALES, F. MUÑOZ GARMENDIA, C. NAVARRO, J. PAIVA & C. SORIANO (eds). 1993a. *Flora Iberica*. Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. III. *Plumbaginaceae (partim) – Capparaceae*. Real Jardín Botánico, C.S.I.C. Madrid.
- CASTROVIEJO, S., C. AEDO, C. GÓMEZ CAMPO, M. LAÍNIZ, P. MONTSERRAT, R. MORALES, F. MUÑOZ GARMENDIA, G. NIETO FELINER, E. RICO, S. TALAVERA & L. VILLAR (eds). 1993b. *Flora Iberica*. Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. IV. *Cruciferae – Monotropaceae*. Real Jardín Botánico, C.S.I.C. Madrid.
- CASTROVIEJO, S., C. AEDO, M. LAÍNIZ, R. MORALES, F. MUÑOZ GARMENDIA, G. NIETO FELINER & J. PAIVA (eds). 1997. *Flora Iberica*. Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. V. *Ebenaceae – Saxifragaceae*. Real Jardín Botánico, C.S.I.C. Madrid.
- CASTROVIEJO, S., C. AEDO, C. BENEDÍ, M. LAÍNIZ, F. MUÑOZ GARMENDIA, G. NIETO FELINER & J. PAIVA (eds). 1997. *Flora Iberica*. Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. VIII. *Haloragaceae – Euphorbiaceae*. Real Jardín Botánico, C.S.I.C. Madrid.
- CASTROVIEJO, S. (coord.); F. MUÑOZ GARMENDIA & C. NAVARRO (eds). 1998. *Flora Iberica*. Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. VI. *Rosaceae*. Real Jardín Botánico, C.S.I.C. Madrid.
- CASTROVIEJO, S. (coord.); S. TALAVERA, C. AEDO, S. CASTROVIEJO, C. ROMERO ZARCO, L. SÁEZ, F.J. SALGUEIRO & M. VELAYOS (eds). 1999. *Flora Iberica*. Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. VII. Tomo I. *Leguminosae (partim)*. Real Jardín Botánico, C.S.I.C. Madrid.
- CASTROVIEJO, S. (coord.); S. TALAVERA, C. AEDO, S. CASTROVIEJO, C. ROMERO ZARCO, L. SÁEZ, F.J. SALGUEIRO & M. VELAYOS (eds). 2000. *Flora Iberica*. Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. VII. Tomo II. *Leguminosae (partim)*. Real Jardín Botánico, C.S.I.C. Madrid.
- CASTROVIEJO, S. (coord.); G. NIETO FELINER, S.L. JURY & A. HERRERO (eds). 2003. *Flora Iberica*. Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. X. *Araliaceae – Umbelliferae*. Real Jardín Botánico, C.S.I.C. Madrid.
- CASTROVIEJO, S. (coord.); C. AEDO & A. HERRERO (eds). 2005. *Flora Iberica*. Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. XXI. *Smilacaceae – Orchidaceae*. Real Jardín Botánico, C.S.I.C. Madrid.
- CASTROVIEJO, S. (coord.); J.A. DEVESA, R. GONZALO & A. HERRERO (eds). 2007. *Flora Iberica*: Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. XV. *Rubiaceae – Dipsacaceae*. Real Jardín Botánico, C.S.I.C. Madrid.

- CASTROVIEJO, S. (coord.); S. CASTROVIEJO, M. LUCEÑO, A. GALÁN, P. JIMÉNEZ MEJÍAS, F. CABEZAS & L. MEDINA (eds). 2007. *Flora Iberica*. Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. XVIII. *Cyperaceae – Pontederiaceae*. Real Jardín Botánico, C.S.I.C. Madrid.
- CASTROVIEJO, S. (coord.); C. BENEDÍ, E. RICO, J. GÜEMES & A. HERRERO (eds). 2009. *Flora Iberica*. Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. XIII. *Plantaginaceae – Scrophulariaceae*. Real Jardín Botánico, C.S.I.C. Madrid.
- CASTROVIEJO, S. (coord.); R. MORALES, A. QUINTANAR, F. CABEZAS, A.J. PUJADAS & S. CIRUJANO (eds). 2010. *Flora iberica*. Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. XII. *Verbenaceae – Labiatae – Callitrichaceae*. Real Jardín Botánico, C.S.I.C. Madrid.
- CASTROVIEJO, S. (coord.); S. TALAVERA, M.J. GALLEG0, C. ROMERO ZARCO & A. HERRERO (eds). 2010. *Flora Iberica*: Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. XVII. *Butomaceae – Juncaceae*. Real Jardín Botánico, C.S.I.C. Madrid.
- CASTROVIEJO, S. (coord.); S. TALAVERA, C. ANDRÉS, M. ARISTA, M.P. FERNÁNDEZ PIEDRA, M.J. GALLEG0, P.L. ORTIZ, C. ROMERO ZARCO, F.J. SALGUEIRO, S. SILVESTRE & A. QUINTANAR (eds). 2012. *Flora Iberica*. Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. XI. *Gentianaceae – Boraginaceae*. Real Jardín Botánico, C.S.I.C. Madrid.
- CASTROVIEJO, S. (coord.); S. TALAVERA, C. ANDRÉS, M. ARISTA, M.P. FERNÁNDEZ PIEDRA, E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds), 2013. *Flora Iberica*: Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. XX. *Liliaceae – Agavaceae*. Real Jardín Botánico, C.S.I.C. Madrid.
- CASTROVIEJO, S. (coord.); J.A. DEVESA, A. QUINTANAR & M.Á. GARCÍA (eds), 2014. *Flora Iberica*: Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. XVI(I). *Compositae* (partim). Real Jardín Botánico, C.S.I.C. Madrid.
- CASTROVIEJO, S. (coord.); F. MUÑOZ GARMENDIA & C. NAVARRO (eds). 2015. *Flora Iberica*. Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. IX. *Rhamnaceae – Polygalaceae*. Real Jardín Botánico, C.S.I.C. Madrid.
- CASTROVIEJO, S. & H. PASCUAL. 1999. *Lupinus* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); S. TALAVERA, C. AEDO, S. CASTROVIEJO, C. ROMERO ZARCO, L. SÁEZ, F.J. SALGUEIRO & M. VELAYOS (eds), *Flora iberica* VII (I): 251-260.
- CATARINO, F.M. & A.I. CORREIA. 1993. As populações de *Taxus Baccata* (teixo) na Serra da Estrela. In *Seminário Técnico Conservação da Natureza na Serra da Estrela*: 9-13. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza. Parque Natural da Serra da Estrela. Manteigas (1992).
- CAVALIER-SMITH, T. 1981. Eukaryotic kingdoms: seven or nine? *BioSystems* 14: 461-481.
- CAVALIER-SMITH, T. 1998. A revised six-kingdom system of life. *Biological Reviews* 73 (3): 203-206. August 1998. Article first published online: 11 January 2007. DOI: 10.1111/j.1469-185X.1998.tb0030.x.
- CAVALIER-SMITH, T. 2000. Membrane heredity and early chloroplast evolution. *Trends Plant Sci.* 5: 174-182.
- CAVALIER-SMITH, T. 2004. Only six kingdoms of life. *Proc. R. Soc. Lond. B* (2004) 271: 1251-1262. DOI 10.1098/rspb.2004.2705.
- CAVALIER-SMITH, T. 2009. Megaphylogeny, cell body plans, adaptive zones: causes and timing of eukaryote basal radiations. *Journal of Eukaryotic Microbiology* 56: 26-33. (doi:10.1111/j.1550-7408.2008.00373.x)
- CAVALIER-SMITH, T. 2010. Kingdoms Protozoa and Chromista and the eozoan root of the eukaryotic tree. *Biology Letters* 6 (3): 342-345. June 2010. (doi:10.1098/rsbl.2009.0948)
- CAVALIER-SMITH, T., M.T.E. ALLSOPP & E.E. CHAO. 1994. Chimeric conundra: Are nucleomorphs and chromists monophyletic or polyphyletic? *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America* 91: 11368-11372.

- CAVALIER-SMITH, T. & E.E. CHAO. 1995. The opalozoan *Apusomonas* is related to the common ancestor of animals, fungi, and choanoflagellates. *Proc. R. Soc. Lond. B*, 261: 1-9.
- CHAMBERLAIN, D.F. 1969a. *Anagyris* L. In DAVIS, P.H. (ed.); 1969. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 3: 12-14.
- CHAMBERLAIN, D.F. 1969b. *Colutea* L. In DAVIS, P.H. (ed.); 1969. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 3: 42-44.
- CHAMBERLAIN, D.F. 1969c. *Coronilla* L. In DAVIS, P.H. (ed.); 1969. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 3: 538-544.
- CHAMBERLAIN, D.F. & V.A. MATTHEWS. 1969. *Astragalus* L. In DAVIS, P.H. (ed.); 1969. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 3: 49-254.
- CHAMBERLAIN, D.F. & H. PEŞMEN. 1972. *Agrimonia* L. In DAVIS, P.H. (ed.); 1969. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 4: 74-75.
- CHAMBERLAIN, D.F. & P.H. RAVEN. 1972. *Epilobium* L. In DAVIS, P.H. (ed.); 1972. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 4: 183-196.
- CHASE, M.W. 2004. Monocot relationships: an overview. *American Journal of Botany* 91 (10): 1645-1655.
- CHASE, M.W., K.M. CAMERON, R.L. BARRETT & V. FREUDENSTEIN. 2003. DNA data and Orchidaceae systematics: a new phylogenetic classification. In K.W. DIXON, S.P. KELL, R.L. BARRETT & P.J. CRIBB (eds), *Orchid conservation*: 69-89. Natural History Publications, Kota Kinabalu, Sabah.
- CHASE, M.W. & J.L. REVEAL. 2009. A phylogenetic classification of the land plants to accompany APG III. *Botanical Journal of the Linnean Society* 161: 122-127.
- CHASE, M.W., J.L. REVEAL & M.F. FAY. 2009. A subfamilial classification for the expanded asparagalean families Amaryllidaceae, Asparagaceae and Xanthorrhoeaceae. *Botanical Journal of the Linnean Society* 161 (2): 132-136.
- CHATER, A.O. 1980a. *Carex* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 290-323.
- CHATER, A.O. 1980b. *Hermodactylus* Miller. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 87.
- CHATER, A.O. 1993a. *Agrostemma* L. In TUTIN, T.G., N.A. BURGESS, A.O. CHATER, J.R. EDMONDSON, V.H. HEYWOOD, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea*. *Flora Europaea*, Ed. 2, volume I: 190.
- CHEEK, M.R. 2007. Malvaceae (Cotton, mallows, and hollyhocks). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 201-202.
- CHEN, S.-L., D.-Z. LI, G. ZHU, Z. WU, S.-L. LU, L. LIU, Z.-P. WANG, B.-X. SU, Z.-D. ZHU, N. XIA, L.-Z. JIA, Z. GUO, W. CHEN, X. CHEN, G. YANG, S.M. PHILLIPS, C. STAPLETON, R.J. SORENG, S.G. AIKEN, N.N. TZVELEV, P.M. PETERSON, S.A. RENVOIZE, M.V. OLONOVA & K. AMMAN. 2006. *Poaceae* (R. Brown) Barnhart. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 22.
- CHEN, S.-L. & S.M. PHILLIPS. 2006a. *Bothriochloa* Kuntze, Revis. Gen. Pl. 2: 762. 1891. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 22: 607-609.
- CHEN, S.-L. & S.M. PHILLIPS. 2006b. *Eleusine* Gaertner, Fruct. Sem. Pl. 1: 7. 1788. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 22: 481-482.

- CHEN, S.-L. & S.M. PHILLIPS. 2006c. *Microstegium* Nees in Lindley, Nat. Syst. Bot., ed. 2, 447. 1836. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 22: 593-598.
- CHEN, S.-L. & S.M. PHILLIPS. 2006d. *Poaceae* Tribe *Brachypodieae*. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 22: 368-369.
- CHEN, S.-L. & S.M. PHILLIPS. 2006e. *Arthraxon* P. Beauvois, Ess. Agrostogr. 111. 1812. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 22: 616-621.
- CHEN, S.-L. & S.A. RENVOIZE. 2006. *Panicum* Linnaeus, Sp. Pl. 1: 55. 1753. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 22: 504-510.
- CHEN, S.-L. & S.A. RENVOIZE. 2006a. *Miscanthus* Andersson, Öfvers. Kongl. Vetensk.-Akad. Förh. 12: 65. 1855. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 22: 581-583.
- CHEN, S.-L. & G. ZHU. 2006a. 15. *Poaceae* Tribe *Triticeae*. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 22.
- CHEN, S.-L. & G. ZHU. 2006b. 15. *Triticum* Linnaeus, Sp. Pl. 1: 85. 1753. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 22: 442-444.
- CHEN, X. & D.E. BOUFFORD. 2000. *Hosta* Trattinick, Arch. Gewächsk. 1: 55. 1812, nom. cons. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 24: 204-205.
- CHEN, X. & D. CLAYTON. 2009. *Coelogyne* Lindley, Coll. Bot. ad t. 33. 1821 [*“Caelogyne”*]; Gen. Sp. Orchid. Pl. 39. 1830. In AL-SHEHBAB, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors). *Flora of China* vol. 25: 315-325.
- CHEN, X., S.W. GALE & P.J. CRIBB. 2009. *Gymnadenia* R. Brown in W. T. Aiton, Hortus Kew., ed. 2, 5: 191. 1813. In AL-SHEHBAB, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors). *Flora of China* vol. 25: 133-135.
- CHEN, X. & T. KOYAMA. 2000. *Smilax* Linnaeus, Sp. Pl. 2: 1028. 1753. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 24: 96-115.
- CHEN, X., Y.-B. LUO, P.J. CRIBB & S.W. GALE. 2009. *Epipactis* Zinn, Cat. Pl. Hort. Gott. 85. 1757, nom. cons., not Séguier (1754). In AL-SHEHBAB, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors). *Flora of China* vol. 25: 179-183.
- CHEN, X. & J. NOGUCHI. 2000. *Hemerocallis* Linnaeus, Sp. Pl. 1: 324. 1753. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 24: 161-165.
- CHEN, X., L. SONG-YUN, J. XU, D.E. BOUFFORD, M.G. GILBERT, R.V. KAMELIN, S. KAWANO, T. KOYAMA, E.V. MORDAK, J. NOGUCHI, V.G. SOUKUP, H. TAKAHASHI, K.G. TAMANIAN, M.N. TAMURA & N.J. TURLAND. 2000. 15. *Liliaceae* A. L. Jussieu. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 24: 73-263.
- CHEN, X. & H. TAKAHASHI. 2006. *Tricyrtis* Wallich, Tent. Fl. Nepal. 61. 1826 [nom. cons.]. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 24: 151-153.
- CHEN, X. & M.N. TAMURA. 2000a. *Dianella* Lamarck, Encycl. 2: 276. 1786. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 24: 161.

- CHEN, X. & M.N. TAMURA. 2000b. *Liriope* Loureiro, Fl. Cochinch. 1: 190, 200. 1790. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 24: 250-251.
- CHEN, X. & N.J. TURLAND. 2000a. *Eremurus* Marschall von Bieberstein, Fl. Taur.-Caucas. 3: 269. 1819. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 24: 159-160.
- CHEN, X. & N.J. TURLAND. 2000b. *Anemarrhena* Bunge, Mém. Acad. Imp. Sci. St.-Pétersbourg Divers Savans 2: 140. 1833. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 24: 207-208.
- CHEN, X., P.J. CRIBB & A. BELL. 2009. *Phaius* Loureiro, Fl. Cochinch. 2: 517, 529, 1790. In AL-SHEHBAB, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors), *Flora of China*, vol. 25: 290-292.
- CHEN, Z. & W. JUN. 2007. *Parthenocissus* Planchon in A. Candolle & C. Candolle, Monogr. Phan. 5: 447. 1887, nom. cons. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 12: 173-177.
- CHENG, C.H. HSU, J.K. LIN & al. 2001. Phase I critical trial of curcumin, a chemopreventive agent, in patients with high-risk of pre-malignant lesions. *Anticancer Research* 21 (4B): 2895-2900.
- CHENG JIE, HU TIAN-MING, CHENG JI-MIN & WU GAO-LIN. 2010. Distribution of biomass and diversity of *Stipa bungeana* community to climatic factors in the Loess Plateau of northwestern China. Full Length Research Paper. *African Journal of Biotechnology* 9 (40): 6733-6739, 4 October 2010.
- CHIARUGI, A. 1953. Le date di fondazione dei primi Orti Botanici del mondo: Pisa (estate 1543); Padova (7 Luglio 1545); Firenze (1 Dicembre 1545). – *Nuovo Giornale Botanico Italiano* 60: 785-839.
- CHILTON, L. 2013a. Plant List for the Balearic Islands. Mallorca, Menorca and Ibiza. This plant list individually printed by Lance Chilton in November 2013. Marengo. 1st edition 2011, slightly updated 2012-13. 48 p.
- CHILTON, L. 2013b. Plant List for the Peloponnisos area of mainland Greece. This plant list individually printed by Lance Chilton in November 2013. Marengo 2013. 1st edition 2010, slightly updated 2011-13. 64 p.
- CHILTON, L. 2013c. Plant List for the Canary Island of Tenerife. This plant list individually printed by Lance Chilton in November 2013. Marengo. 2nd edition 1994, slightly revised 1995-2013. 42 p.
- CHILTON, L. 2013d. Plant List for the Greek North Aegean Island of Thasos. This plant list individually printed by Lance Chilton in November 2013. A Marengo Publication 2013. 1st edition 1999, revised 2000-2013. 36 p.
- CHILTON, L. 2013e. Plant List for Karpathos. Plant species recorded for the southern Aegean Greek island of Karpathos. This plant list individually printed by Lance Chilton in November 2013. A Marengo Publication 2013. 1st edition 1995, slightly revised 1997-2013. 30 p.
- CHILTON, L. 2013f. Plant List for Gran Canaria. Plant species recorded for the Canary Island of Gran Canaria. This plant list individually printed by Lance Chilton in November 2013. A Marengo Publication 2013. 2nd edition 1995, slightly revised 1998-2013. 38 p.
- CHODAT, R. 1897. Algues pélagiques nouvelles. *Bulletin de l'Herbier Boissier* 5: 119-120.
- CHRISTENHUSZ, M. & E. VON RAAB-STRAUB. 2013. *Polypodiopsida*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*. <http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Polypodiopsida&PTRefFk=7500000> [Acedido em 2013–2014].
- CHRISTENHUSZ, M., X.-C. ZHANG & H. SCHNEIDER. 2011. A linear sequence of extant families and genera of lycophytes and ferns. *Phytotaxa* 19: 7-54.

- CHRTEK, J. & B. KŘÍSA. 1980. *Luzula* DC. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 111-116.
- CIRUJANO, S. (ed.); CIRUJANO, S., J. CAMBRA, P.M. SÁNCHEZ CASTILLO, A. MECO & N. FLOR ARNAU. 2008. *Flora ibérica. Algas continentales. Carófitos (Characeae)*. Real Jardín Botánico, CSIC [Consejo Superior de Investigaciones Científicas]. Madrid, 2008. 133 p.
- CLAMOTE, F., J.D. ALMEIDA, C. AGUIAR & A. SILVA. 2014a. *Galium verum* L. subsp. *verum* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wGalium+verum+subsp.+verum>. Consulta realizada em 13/11/2014.
- CLAMOTE, F., B. OTTWAY, J.D. ALMEIDA, E. PORTELA-PEREIRA, P. CANHA, V. SILVA, E. MARABUTO, A.J. PEREIRA & al. 2014b. *Nicotiana glauca* Graham – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wNicotiana+glauca>. Consulta realizada em 13/11/2014.
- CLAMOTE, F., P.V. ARAÚJO, J.D. ALMEIDA, A.J. PEREIRA, P. SILVEIRA, M. PORTO, C. AGUIAR, C. FRANCO, & al. 2014c. *Polygala microphylla* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPolygala+microphylla>. Consulta realizada em 7/12/2014.
- CLAMOTE, F., A. CARAPETO, J.D. ALMEIDA, E. PORTELA-PEREIRA, V. SILVA, P. CARDOSO, E. MARABUTO, P.V. ARAÚJO, & al. 2014d. *Ricinus communis* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wRicinus+communis>. Consulta realizada em 7/12/2014.
- CLAMOTE, F., J.D. ALMEIDA, P.V. ARAÚJO, M. PORTO, J. LOURENÇO, A. CARAPETO, A.J. PEREIRA, P. CARDOSO, & al. 2014e. *Linum bienne* Mill. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wLinum+biennae>. Consulta realizada em 9/12/2014.
- CLAMOTE, F., A. CARAPETO, M. PORTO, P.V. ARAÚJO, J.D. ALMEIDA, C.T. GOMES, U. SCHWARZER, A.J. PEREIRA, & al. 2014f. *Lobularia maritima* (L.) Desv. subsp. *maritima* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wLobularia+maritima+subsp.+maritima>. Consulta realizada em 9/12/2014.
- CLAMOTE, F., A. CARAPETO, J. LOURENÇO, J.D. ALMEIDA, E. PORTELA-PEREIRA, A.J. PEREIRA, P.V. ARAÚJO, P. CARDOSO, & al. 2014g. *Sinapis alba* L. subsp. *mairei* (H. Lindb.) Maire – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wSinapis+alba+subsp.+mairei>. Consulta realizada em 9/12/2014.
- CLAMOTE, F., M. PORTO, P.V. ARAÚJO, J.D. ALMEIDA, J. LOURENÇO, E. PORTELA-PEREIRA, A. CARAPETO, R. CARAÇA, & al. 2014h. *Foeniculum vulgare* Mill. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wFoeniculum+vulgare>. Consulta realizada em 11/12/2014.
- CLAMOTE, F., M. PORTO, P.V. ARAÚJO, J.D. ALMEIDA, A. CARAPETO, R. CARAÇA, A. SILVA, A.J. PEREIRA, & al. 2014i. *Silybum marianum* (L.) Gaertner – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wSilybum+marianum>. Consulta realizada em 14/12/2014.
- CLAMOTE, F., J.D. ALMEIDA, P.V. ARAÚJO, M. PORTO, J. LOURENÇO, A. CARAPETO, A.J. PEREIRA, E. PORTELA-PEREIRA, & al. 2014j. *Galactites tomentosus* Moench – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wGalactites+tomentosus>. Consulta realizada em 14/12/2014.
- CLAMOTE, F., E. PORTELA-PEREIRA, P.V. ARAÚJO, J.D. ALMEIDA, M. PORTO, A.J. PEREIRA, C.T. GOMES, J. LOURENÇO, & al. 2014k. *Cichorium intybus* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal

- Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCichorium+intybus>. Consulta realizada em 18/12/2014.
- CLAMOTE, F., E. PORTELA-PEREIRA, J.D. ALMEIDA, P.V. ARAÚJO, J. LOURENÇO, A. CARAPETO, C. AGUIAR, V. JACINTO, & al. 2014l. *Lactuca serriola* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wLactuca+serriola>. Consulta realizada em 18/12/2014.
- CLAMOTE, F., P.V. ARAÚJO, J.D. ALMEIDA, M. PORTO, A.J. PEREIRA, A. CARAPETO, V. SILVA, C.T. GOMES, & al. 2014m. *Narcissus bulbocodium* L. subsp. *obesus* (Salisb.) Maire – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wNarcissus+bulbocodium+subsp.+obesus>. Consulta realizada em 23/12/2014.
- CLAMOTE, F., J.D. ALMEIDA, E. PORTELA-PEREIRA & P.V. ARAÚJO. 2014n. *Zantedeschia aethiopica* (L.) Spreng. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wZantedeschia+aethiopica>. Consulta realizada em 24/12/2014.
- CLAMOTE, F., A. CARAPETO, P.V. ARAÚJO, J.D. ALMEIDA, U. SCHWARZER, J. FARMINHÃO, B. OTTWAY, L. BRÁS, & al. 2014o. *Anacamptis pyramidalis* (L.) L. Rich. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wAnacamptis+pyramidalis>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- CLAMOTE, F., A. CARAPETO, P.V. ARAÚJO, M. PORTO, U. SCHWARZER, J. FARMINHÃO, A. FRANCISCO, B. OTTWAY, J. PESSOA, & al. 2014p. *Ophrys bombyliflora* Link – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wOphrys+bombyliflora>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- CLAMOTE, F., A. CARAPETO, A.J. PEREIRA, U. SCHWARZER, P.V. ARAÚJO, M. PORTO, E. MARABUTO, B. OTTWAY, J. PESSOA, & al. 2014q. *Ophrys lutea* Cav. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wOphrys+lutea>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- CLAMOTE, F., A. CARAPETO, P.V. ARAÚJO, M. PORTO, U. SCHWARZER, A. FRANCISCO, J. FARMINHÃO, V. JACINTO, & al. 2014r. *Ophrys speculum* Link – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wOphrys+speculum>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- CLAMOTE, F., P.V. ARAÚJO, A. CARAPETO, M. PORTO, E. MARABUTO, B. OTTWAY, J. FARMINHÃO, J. PESSOA, & al. 2014s. *Orchis italica* Poir. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wOrchis+italica>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- CLARKE, C.B.E. 1980a. *Deschampsia* P. Beauv. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 225-227.
- CLARKE, C.B.E. 1980b. *Alopecurus* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 241-243.
- CLARKE, G.C.S. 1980a. *Calamagrostis* Adanson. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 236-239.
- CLAUDINO, C.F.C., H.M.A. RAMOS & F.C. PINA. 2001. Plantas medicinais do Concelho de Fronteira. Notas etnobotânicas. *Caderno Cultural da Câmara Municipal de Fronteira*, 3: 31-51.
- CLAYTON, W.D. 1980a. *Setaria* Beauv. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds.), *Flora Europaea* 5: 263-264.
- CLAYTON, W.D. 1980b. *Panicum* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds.), *Flora Europaea* 5: 261.

- CLAYTON, W.D. 1980c. *Imperata* Cyr. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds.), *Flora Europaea* 5: 264-265.
- CLAYTON, W.D. 1980d. *Saccharum* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds.), *Flora Europaea* 5: 265.
- CLAYTON, W.D. 1980e. *Cenchrus* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds.), *Flora Europaea* 5: 264.
- CLAYTON, W.D. 1980f. *Pennisetum* L.C.M. Richard. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds.), *Flora Europaea* 5: 264.
- CLAYTON, W.D. 1980g. *Stenotaphrum* Trin. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds.), *Flora Europaea* 5: 263.
- CLAYTON, W.D. 1989. In LAUNERT, E & G.V. POPE, *Flora Zambesiaca. Gramineae* 10 (3). *Panicaceae, Isachneae* and *Arundinelleae*. Flora Zambesiaca Managing Committee.
- CLAYTON, W.D., K.T. HARMAN & H. WILLIAMSON. 2006. *World Grass Species – Synonymy database*. The Board of Trustees, Royal Botanic Gardens, Kew.
- CLAYTON, W.D., M. VORONTSOVA, K.T. HARMAN & H. WILLIAMSON. *GrassBase – The Online World Grass Flora*. © Copyright The Board of Trustees, Royal Botanic Gardens, Kew. 2006 onwards.
- CLAYTON, W.D. & O. SEBERG. 2007. *Poaceae (Gramineae)* (Grass family). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 390-395.
- COHN, F. 1872. Über parasitische Algen. *Beitr. Biol. Pflanzen* 1 (1): 87-106.
- COMELLES, M. 1984. El gènere *Nitella* (*Charophyceae*) a Espanya. *Butll. Inst. Cat. Hist. Nat.*, 51 (*Sec. Bot.* 5): 41-49.
- COODE, M.J.E. 1965. *Fumana* Spach. In DAVIS, P.H. (ed.); *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 1: 517-522.
- COODE, M.J.E. & J. CULLEN. 1965. *Goldbachia* DC. In DAVIS, P.H. (ed.); *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 1: 479.
- COPELAND, H.F. 1938. The kingdoms of organisms. *Quarterly Review of Biology* 13: 383-420.
- CORNEJO, F. & J. JANOVEC. 2010. *Seeds of Amazonian Plants*. Princeton University Press. Princeton and Oxford. xxviii + 155 p. + 3 Plates.
- CORREIA, A. 1960. *Registo Geral das Plantas do Jardim e da Mata* (Manuscrito), pelo Sr Augusto Correia, Jardineiro Chefe do Jardim Botânico de Coimbra.
- CORREIA, H.S., A. GONZÁLEZ-PARAMAS, M.T. AMARAL, C. SANTOS-BUELGA & M.T. BATISTA. 2006. Polyphenolic profile characterization of *Agrimonia eupatoria* L. by HPLC with different detection devices. *Biomedical Chromatography* 20: 88-94.
- CORREIA, H.S., M.T. BATISTA & T.C.P. DINIS. 2007. The activity of an extract and fraction of *Agrimonia eupatoria* L. against reactive species. *BioFactors* 29: 91-104.
- COSTA, J.C., J. CAPELO, R. JARDIM & M. SEQUEIRA. 2004. Catálogo florístico do Arquipélago da Madeira. Compilação crítica. *Quercetea* 6: 187-200 [Setembro de 2004].
- COSTA, J.C., C. NETO, C. AGUIAR, J. CAPELO, M.D. ESPÍRITO SANTO, J. HONRADO, C. PINTO-GOMES, T. MONTEIRO-HENRIQUES, M. SEQUEIRA, M. LOUSÃ; Other collaborators: M.C. LOPES, P. ARSÉNIO, R. JARDIM, P. ALVES, J. CASTRO ANTUNES, M. DIAS PEREIRA, V. SILVA, S. RIBEIRO, N. GASPAR, H.N. ALVES, C. MEIRELES, R. CARAÇA, E. PORTELA PEREIRA, M. MARTINS, P. BINGRE, C. VILA-VIÇOSA, P.

- MENDES, R. QUINTO CANAS, R. PAIVA FERREIRA, A. BELLU, J. DOMINGUES DE ALMEIDA, A. CAPERTA, M. GERALDES, D. ALMEIDA, F. GUTIERRES, J. ROSA PINTO, S. MESQUITA. 2012. Vascular Plant Communities in Portugal (Continental, The Azores and Madeira). *Global Geobotany* 2: 1-180. León.
- COSTA LOBO, F.M. 1883. Papilionaceas das visinhanças de Coimbra, colhidas por F.M. da Costa Lobo, alumno de Botanica em 1883. *Boletim da Sociedade Broteriana* 1: 124-128.
- COSTA LOBO, M.L. 1995. Alta de Coimbra. Critérios para o seu futuro. In GAAC – Grupo de Arqueologia e Arte do Centro (Ed.), *Alta de Coimbra. Que futuro para o passado?* Actas do 2.º Encontro sobre a Alta de Coimbra, realizado em 22 e 23 de Outubro de 1994: 211-224.
- COSTA LOBO, M.L. & J.G. SIMÕES JÚNIOR (org.). 2012. *Urbanismo de colina. Uma tradição luso-brasileira*. Coleção AcadeMack 14. Editora da Universidade Presbiteriana Mackenzie. IST Press, Editora do Instituto Superior Técnico. 458 p.
- COSTA PEREIRA, J. 1985. Félix de Avelar Brotero. In COSTA PEREIRA, J. (Coord.), *Dicionário Ilustrado da História de Portugal*. Vol. I: 82. Publicações Alfa.
- COSTA RAMALHO, M. 1936. *Coimbra. Roteiro Ilustrado*. Com um Prefácio – Evocação do Professor Doutor A. da Rocha Brito. Edição do “Guia de Portugal Artístico”. Lisboa. 132 p.
- COSTE, H. 1937a. *Flore Descriptive et Illustrée de de la France, de la Corse et des contrés limitrophes*. Par L’abbé H. Coste. Avec une introduction sur la flore et la végétation de la France par Ch. Flahault. Tome I. Second Tirage. Librairie des Sciences et des Arts. Paris. 416 p.
- COSTE, H. 1937b. *Flore Descriptive et Illustrée de de la France, de la Corse et des contrés limitrophes*. Par L’abbé H. Coste. Avec une introduction sur la flore et la végétation de la France par Ch. Flahault. Tome I. Second Tirage. Librairie des Sciences et des Arts. Paris. 627 p.
- COSTE, H. 1937c. *Flore Descriptive et Illustrée de de la France, de la Corse et des contrés limitrophes*. Par L’abbé H. Coste. Avec une introduction sur la flore et la végétation de la France par Ch. Flahault. Tome III. Second Tirage. Librairie des Sciences et des Arts. Paris. 807 p.
- COUPER, C.J. 1986a. *Sansevieria* Thunberg. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 287-289.
- COUPER, C.J. 1986b. *Phormium* Forster & Foster. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 290.
- COUPER, C.J. 1986c. *Dasylyrion* Zuccarini. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 284-285.
- COUPER, C.J. 1986d. *Doryanthes* Correa. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 283.
- COUPER, C.J. 1986e. *Furcraea* Ventenat. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 277-278.
- COUPER, C.J. 1986f. *Beaucarnea* Lamarck. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 284.
- COUPER, C.J. 1986g. *Polianthes* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 282-283.

- COUPER, C.J. 1986h. *Beschorneria* Kunth. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 276-277.
- COUPER, C.J. & J. CULLEN. 1986. *Agave* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 278-282.
- COUTINHO, A.X. PEREIRA. 1890. *As Juncáceas de Portugal*. Dissertação apresentada ao conselho da Escola Polytechnica de Lisboa, no concurso para o provimento do lugar de lente substituto da 9.^a cadeira. Imprensa da Universidade. Coimbra. 69 p.
- COUTINHO, A.X. PEREIRA. 1893. As Malvaceas de Portugal. *Boletim da Sociedade Broteriana* 11: 101-131.
- COUTINHO, A.X. PEREIRA. 1896. As Liliaceas de Portugal. Contribuições para o estudo da flora portugueza. *Boletim da Sociedade Broteriana* 13: 71-129.
- COUTINHO, A.X. PEREIRA. 1895. *Hypericineae*, DC. Contribuições para o estudo da flora portugueza. *Boletim da Sociedade Broteriana* 12: 16-31.
- COUTINHO, A.X. PEREIRA. 1898. Contribuições para o estudo das Monocotyledoneas portuguezas. *Boletim da Sociedade Broteriana* 15: 6-74.
- COUTINHO, A.X. PEREIRA. 1909. Nota acerca de algumas plantas novas, raras ou criticas, da flora portugueza. *Boletim da Sociedade Broteriana* 24: 136-149 (1908-1909).
- COUTINHO, A.X. PEREIRA. 1913. *Flora de Portugal (plantas vasculares) disposta em chaves dichotomicas*. Aillaud, Alves & C^{ia}. Lisboa.
- COUTINHO, A.X. PEREIRA. 1939. *Flora de Portugal (plantas vasculares) disposta em chaves dicotómicas*, ed. 2, dirigida pelo Dr. Ruy Telles Palhinha. Bertrand (Irmãos) Ltd. Lisboa.
- CRANE, P. 2007. Foreword. In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 5.
- CRESPO, M.B. 2005. *Epipactis* Zinn [nom. cons.]. In CASTROVIEJO, S. (coord.); C. AEDO & A. HERRERO (eds), *Flora iberica* XXI: 22-54.
- CRESPO, M.B. 2011. *Iris* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds), *Flora Iberica*. XX. 10 p. Síntese genérica disponibilizada em www.floraiberica.es [acedida em 07.X.2013].
- CRETANFLORA.COM. 2014. *Muscari spreitzenhoferi*. http://www.cretanflora.com/muscari_spreitzenhoferi.html [acedido em 30.X.2014].
- CRONK, Q.C.B. & J.L. FULLER. 1995. *Plant Invaders*. Chapman and Hall, London.
- CRONQUIST, A. 1976. *Conyza* Less. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* IV: 120.
- CUBAS, P. 1999. *Ulex* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); S. TALAVERA, C. AEDO, S. CASTROVIEJO, C. ROMERO ZARCO, L. SÁEZ, F.J. SALGUEIRO & M. VELAYOS (eds), *Flora iberica* VII (I): 212-239.
- CULHAM, A. 2007a. *Papaveraceae* (Poppy, fumitory, bleeding heart). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 241-243.
- CULHAM, A. 2007b. *Ranunculaceae* (Buttercup, monkshood, cohosh, columbine). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 273-276.

- CULHAM, A. 2007c. *Brassicaceae (Cruciferae)* (Cabbage, mustard, rapeseed, turnip and woad). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 68-71.
- CULHAM, A. 2007d. *Amaranthaceae* (Amaranth, celosias, and cockscombs). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 28-29.
- CULHAM, A. 2007e. *Chenopodiaceae* (Goose foot, sugar beet, beetroot, and spinach). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 96-97.
- CULHAM, A. 2007f. *Aizoaceae* (Carpet weed and New Zealand spinach). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 27-28.
- CULHAM, A. 2007g. *Cactaceae* (Cactus family). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 77-79.
- CULLEN, J. 1965a. *Aquilegia* L. In DAVIS, P.H. (ed.); *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 1: 199.
- CULLEN, J. 1965b. *Chelidonium* L. In DAVIS, P.H. (ed.); *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 1: 213-214.
- CULLEN, J. 1965c. *Fibigia* Medik. In DAVIS, P.H. (ed.); *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 1: 356-358.
- CULLEN, J. 1967. *Rumex* L. In DAVIS, P.H. (ed.), *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 2: 281-293.
- CULLEN, J. 1968. *Anthyllis* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* II: 177-182.
- CULLEN, J. 1984a. *Catasetum* Richard. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 262-265.
- CULLEN, J. 1984b. *Oncidium* Swartz. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 282-290.
- CULLEN, J. 1984c. *Ornithogalum* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 227-245.
- CULLEN, J. 1984d. *Brassia* Lindley. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 279-280.
- CULLEN, J. 1984e. *Cymbidium* Swartz. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 259-261.
- CULLEN, J. 1984f. *Oeceoclades* Lindley. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 258.
- CULLEN, J. 1984g. *Vanda* R. Brown. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 249-251.
- CULLEN, J. 1984h. *Miltonia* Lindley. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 280-282.

- CULLEN, J. 1984i. *Angraecum* Bory. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 254-255.
- CULLEN, J. 1984j. *Aerangis* Reichenbach. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 255-256.
- CULLEN, J. 1984k. *Epidendrum* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 185-186.
- CULLEN, J. 1984l. *Ansellia* Lindley. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 259.
- CULLEN, J. 1984m. *Polystachya* de Jussieu. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 257.
- CULLEN, J. 1984n. *Pitcairnia* L'Héritier. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 13.
- CULLEN, J. 1984o. *Pandanus* Parkinson. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 113.
- CULLEN, J. 1984p. *Stanhopea* Hooker. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 268-269.
- CULLEN, J. 1986a. *Hippeastrum* Herbert. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 297-300.
- CULLEN, J. 1986b. *Amaryllis* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 300.
- CULLEN, J. 1986c. *Bulbine* Wolf. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 130-131.
- CULLEN, J. 1986d. *Sprekelia* Heister. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 295.
- CULLEN, J. 1986e. *Narcissus* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 301-309.
- CULLEN, J. 1986f. *Ixiolirion* (Fischer) Herbert. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 293-294.
- CULLEN, J. 1986g. *Asparagus* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 260-263.

- CULLEN, J. 1986h. *Cordyline* R. Brown. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 289-290.
- CULLEN, J. 1986i. *Crocasmia* Planchon. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 386.
- CULLEN, J. 1986j. *Nartheceum* Hudson. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 121-122.
- CULLEN, J. 1986k. *Hypoxis* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 327.
- CULLEN, J. 1986l. *Rhodohypoxis* Nel. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 328.
- CULLEN, J. 1986m. *Aloe* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 156-162.
- CULLEN, J. 1986n. *Yucca* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 273-276.
- CULLEN, J. 1986o. *Tritonia* Ker Gawler. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 387.
- CULLEN, J. 1986p. *Bowiea* J.D. Hooker. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 162.
- CULLEN, J. 1986q. *Arthropodium* R. Brown. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 132-133.
- CULLEN, J. 1986r. *Anomalesia* N.E. Brown. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 392.
- CULLEN, J. 1986s. *Nerine* Ker Gawler. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 311-313.
- CULLEN, J. 1986t. *Freesia* Klatt. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 381-382.
- CULLEN, J. 1986u. *Anomatheca* Ker. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 383-384.
- CULLEN, J. 1986v. *Ixia* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 380-381.

- CULLEN, J. 1986w. *Ornithogalum* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 216-218.
- CULLEN, J. 1995a. *Lotus* Linnaeus. In CULLEN, J., J.C.M. ALEXANDER, A. BRADY, C.D. BRICKELL, P.S. GREEN, V.H. HEYWOOD, P.-M. JÖRGENSEN, S.L. JURY, S.G. KNEES, A.C. LESLIE, V.A. MATTHEWS, N.K.B. ROBSON, S.M. WALTERS, D.O. WIJNANDS & P.F. YEO (eds). 1995. *The European Garden Flora*. IV: 515-516.
- CULLEN, J., J.C.M. ALEXANDER, A. BRADY, C.D. BRICKELL, P.S. GREEN, V.H. HEYWOOD, P.-M. JÖRGENSEN, S.L. JURY, S.G. KNEES, A.C. LESLIE, V.A. MATTHEWS, N.K.B. ROBSON, S.M. WALTERS, D.O. WIJNANDS & P.F. YEO (eds). 1995. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume IV. *Dilleniaceae to Leguminosae*. [Angiospermae – Dicotyledons 2: *Dilleniaceae*, *Paeoniaceae*, *Eucryphiaceae*, *Actinidiaceae*, *Ochnaceae*, *Dipterocarpaceae*, *Theaceae*, *Caryocaraceae*, *Marcgraviaceae*, *Guttiferae*, *Sarraceniacae*, *Nepenthaceae*, *Droseraceae*, *Papaveraceae*, *Capparidaceae*, *Cruciferae*, *Resedaceae*, *Moringaceae*, *Platanaceae*, *Hamamelidaceae*, *Crassulaceae*, *Cephalotaceae*, *Saxifragaceae*, *Cunoniaceae*, *Pittosporaceae*, *Byblidaceae*, *Roridulaceae*, *Bruniaceae*, *Rosaceae*, *Chrysobalanaceae*, *Leguminosae*, *Krameriaceae*]. Sponsored by The Royal Botanic Garden, Edinburgh; The Royal Horticultural Society; The Stanley Smith Horticultural Trust, Cambridge. Cambridge University Press. 602 p.
- CULLEN, J., J.C.M. ALEXANDER, C.D. BRICKELL, J.R. EDMONDSON, P.S. GREEN, V.H. HEYWOOD, P.-M. JÖRGENSEN, S.L. JURY, S.G. KNEES, V.A. MATTHEWS, H.S. MAXWELL, D.M. MILLER, E.C. NELSON, N.K.B. ROBSON, S.M. WALTERS & P.F. YEO (eds). 1997. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume V. *Limnanthaceae to Oleaceae*. [Angiospermae – Dicotyledons (Part III): *Limnanthaceae*, *Oxalidaceae*, *Geraniaceae*, *Tropaeolaceae*, *Zygophyllaceae*, *Linaceae*, *Erythroxylaceae*, *Euphorbiaceae*, *Daphniphyllaceae*, *Rutaceae*, *Cneoraceae*, *Simaroubaceae*, *Burseraceae*, *Meliaceae*, *Malpighiaceae*, *Polygalaceae*, *Coriariaceae*, *Anacardiaceae*, *Aceraceae*, *Sapindaceae*, *Hippocastanaceae*, *Sabiaceae*, *Melanthaceae*, *Balsaminaceae*, *Cyrtillaceae*, *Aquifoliaceae*, *Corynocarpaceae*, *Celastraceae*, *Staphyleaceae*, *Stackhousiaceae*, *Buxaceae*, *Icacinales*, *Rhamnaceae*, *Vitaceae*, *Leeaceae*, *Elaeocarpaceae*, *Tiliaceae*, *Malvaceae*, *Bombacaceae*, *Sterculiaceae*, *Thymelaeaceae*, *Elaeagnaceae*, *Flacourtiaceae*, *Violaceae*, *Stachyridaceae*, *Turneraceae*, *Passifloraceae*, *Cistaceae*, *Bixaceae*, *Tamaricaceae*, *Frankeniaceae*, *Elatinaceae*, *Caricaceae*, *Loasaceae*, *Datiscaceae*, *Begoniaceae*, *Cucurbitaceae*, *Lythraceae*, *Trapaceae*, *Myrtaceae*, *Punicaceae*, *Lecythidaceae*, *Melastomataceae*, *Rhizophoraceae*, *Combretaceae*, *Onagraceae*, *Haloragaceae*, *Hippuridaceae*, *Alangiaceae*, *Nyssaceae*, *Davidiaceae*, *Cornaceae*, *Garryaceae*, *Araliaceae*, *Umbelliferae*, *Diapensiaceae*, *Clethraceae*, *Pyrolaceae*, *Ericaceae*, *Empetraceae*, *Epacridaceae*, *Theophrastaceae*, *Myrsinaceae*, *Primulaceae*, *Plumbaginaceae*, *Sapotaceae*, *Ebenaceae*, *Styracaceae*, *Symplocaceae*, *Oleaceae*]. Sponsored by The Royal Botanic Garden, Edinburgh; The Royal Horticultural Society; The Stanley Smith Horticultural Trust, Cambridge. Cambridge University Press. 646 p.
- CULLEN, J., J.C.M. ALEXANDER, C.D. BRICKELL, J.R. EDMONDSON, P.S. GREEN, V.H. HEYWOOD, P.-M. JÖRGENSEN, S.L. JURY, S.G. KNEES, H.S. MAXWELL, D.M. MILLER, N.K.B. ROBSON, S.M. WALTERS & P.F. YEO (eds). 2000. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume VI. *Loganiaceae to Compositae*. [Angiospermae – Dicotyledons (Part IV): *Loganiaceae*, *Desfontainiaceae*, *Gentianaceae*, *Menyanthaceae*, *Apocynaceae*, *Asclepiadaceae*, *Rubiaceae*, *Polemoniaceae*, *Fouquieriaceae*, *Convolvulaceae*, *Hydrophyllaceae*, *Boraginaceae*, *Verbenaceae*, *Callitrichaceae*, *Labiatae*, *Nolanaceae*, *Solanaceae*, *Buddlejaceae*, *Scrophulariaceae*, *Globulariaceae*, *Bignoniaceae*, *Acanthaceae*, *Pedaliaceae*, *Martyniaceae*, *Gesneriaceae*, *Orobanchaceae*, *Lentibulariaceae*, *Myoporaceae*, *Plantaginaceae*, *Caprifoliaceae*, *Adoxaceae*, *Valerianaceae*, *Dipsacaceae*, *Campanulaceae*, *Goodeniaceae*, *Brunoniaceae*, *Stylidiaceae*, *Compositae*]. Sponsored by The Royal Botanic Garden, Edinburgh; The Royal Horticultural Society; The Stanley Smith Horticultural Trust, Cambridge. Cambridge University Press. 756 p.

- CULLEN, J., S.G. KNEES, & H.S. CUBBEY (eds), assisted by J.M.H. SHAW, P. HARROLD, L. BANFIELD, A. LAPORTE-BISQUIT, M.F. GARDNER, S. NEALE, G.D. ROWLEY, N. ZANTOUT & C.D. BRICKELL. 2011. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume V. Second edition. *Boraginaceae to Compositae*. [Angiospermae – Dicotyledons: *Boraginaceae*, *Verbenaceae*, *Callitrichaceae*, *Labiatae*, *Nolanaceae*, *Solanaceae*, *Buddlejaceae*, *Scrophulariaceae*, *Globulariaceae*, *Bignoniaceae*, *Acanthaceae*, *Pedaliaceae*, *Martyniaceae*, *Gesneriaceae*, *Lentibulariaceae*, *Myoporaceae*, *Plantaginaceae*, *Caprifoliaceae*, *Adoxaceae*, *Valerianaceae*, *Dipsacaceae*, *Morinaceae*, *Campanulaceae*, *Goodeniaceae*, *Brunoniaceae*, *Stylidiaceae*, *Compositae* (Asteraceae)]. Sponsored by The Stanley Smith (UK) Horticultural Trust, The Royal Botanic Garden Edinburgh and Cambridge University Botanic Garden. Cambridge. Cambridge University Press. 640 p.
- CURTIS, B.A., G. TANIFUJI, F. BURKI, A. GRUBER, M. IRIMIA, S. MARUYAMA, M.C. ARIAS, S.G. BALL, G.H. GILE, Y. HIRAKAWA, J.F. HOPKINS, A. KUO, S.A. RENSING, J. SCHMUTZ, A. SYMEONIDI, M. ELIAS, R.J.M. EVELEIGH, E.K. HERMAN, M.J. KLUTE, T. NAKAYAMA, M. OBORNIK, A. REYES-PRIETO, E.V. ARMBRUST, S.J. AVES, R.G. BEIKO, P. COUTINHO, J.B. DACKS, D.G. DURNFORD, N.M. FAST, B.R. GREEN, C.J. GRISDALE, F. HEMPEL, B. HENRISSAT, M.P. HÖPPNER, K.-I. ISHIDA, E. KIM, L. KOŘENÝ, Y. LIU, S.-B. MALIK, U.G. MAIER, D. MCROSE, T. MOCK, J.A.D. NEILSON, N.T. ONODERA, A.M. POOLE, E.J. PRITHAM, T.A. RICHARDS, G. ROCAP, S.W. ROY, C. SARAI, S. SCHAACK, S. SHIRATU, C.H. SLAMOVITS, D.F. SPENCER, S. SUZUKI, A.Z. WORDEN, S. ZAUNER, K. BARRY, C. BELL, A.K. BHARTI, J.A. CROW, J. GRIMWOOD, R. KRAMER, E. LINDQUIST, S. LUCAS, A. SALAMOV, G.I. MCFADDEN, C.H. LANE, P.J. KEELING, M.W. GRAY, I.V. GRIGORIEV, & J.M. ARCHIBALD. 2012. Algal genomes reveal evolutionary mosaicism and the fate of nucleomorphs. Article. *Nature* 492: 59-65 (6 December 2012). doi:10.1038/nature11681.
- CVIJAN, M. & S. FUŽINATO. 2012. *Cylindrospermopsis raciborskii* (Cyanoprokariota) – potential invasive and toxic species in Serbia. *Botanica Serbica* 36 (1): 3-8.
- CWRIS PGR FORUM. 2003–2005. *Crop Wild Relative Information System*. CWRIS: The PGR Forum Crop Wild Relative Information System. DRAFT. Global Strategy for Crop Wild Relative Conservation and use. Conserving Europe's plant genetic resources for use now and in the future. Copyright © University of Birmingham 2003–2005. All rights reserved. The University of Birmingham hosts and administers this web site on behalf of the European Crop Wild Relative diversity assessment and conservation forum (PGR Forum). Site last updated 04 February 2008. Site created and managed by: SHELAGH KELL. <http://www.pgrforum.org>. [Acedido em 2010–2013].
- DALBY, P.W. 1968. *Malva* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* II: 249-251.
- DANIN, A. 1976. On three adventive species of *Conyza* (Compositae) in Greece. *Candollea* 31: 107-109.
- DANDY, J.E. 1980. *Elodea* Michx. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 4-5.
- DAVIDSE, G., M. SOUSA SÁNCHEZ & A.O. CHATER. 1994. *Alismataceae* a *Cyperaceae*. 6: i-xvi, 1-543. In G. DAVIDSE, M. SOUSA SÁNCHEZ & A.O. CHATER (eds), *Flora Mesoamericana*. Universidad Nacional Autónoma de México, México, D.F.
- DAVIS, A.P. & D.M. BRIDSON. 2007. *Rubiaceae* (Coffee or madder family). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 284-286.
- DAVIS, P.H. (ed.); assisted by J. CULLEN & M.J.E. COODE. 1965. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 1. Edinburgh University Press. Edinburgh. 567 p.
- DAVIS, P.H. (ed.); assisted by J. CULLEN & M.J.E. COODE. 1967. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 2. Edinburgh University Press. Edinburgh. 581 p.
- DAVIS, P.H. (ed.); assisted by D.F. CHAMBERLAIN & V.A. MATTHEWS. 1969. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 3. Edinburgh University Press. Edinburgh. 628 p.

- DAVIS, P.H. (ed.); assisted by D.F. CHAMBERLAIN & V.A. MATTHEWS. 1972. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 4. Edinburgh University Press. Edinburgh. 657 p.
- DAVIS, P.H. (ed.); assisted by V.A. MATTHEWS, F.K. KUPICHA & B.S. PARRIS. 1975. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 5. Edinburgh University Press. Edinburgh. 890 p.
- DAVIS, P.H. (ed.); assisted by J.R. EDMONDSON, R.R. MILL & B.S. PARRIS. 1978. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 6. Edinburgh University Press. Edinburgh. 825 p.
- DAVIS, P.H. (ed.); assisted by J.R. EDMONDSON, R.R. MILL & K. TAN. 1982. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 7. Edinburgh University Press. Edinburgh. 947 p.
- DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. 1984. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8. Edinburgh University Press. Edinburgh. 632 p.
- DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. 1985. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9. Edinburgh University Press. Edinburgh. 724 p.
- DAVIS, P.H. 1965a. *Delphinium* L. In DAVIS, P.H. (ed.); *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 1: 108-119.
- DAVIS, P.H. 1965b. *Ranunculus* L. [Subgen. *Batrachium* by C.D.K. COOK]. In DAVIS, P.H. (ed.), *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 1: 146-197.
- DAVIS, P.H. 1967a. *Linum* L. In DAVIS, P.H. (ed.), *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 2: 425-450.
- DAVIS, P.H. 1967b. *Geranium* L. In DAVIS, P.H. (ed.); *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 2: 453-474.
- DAVIS, P.H. 1984a. *Smilax* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 70-72.
- DAVIS, P.H. 1984b. *Asparagus* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 75-81.
- DAVIS, P.H. 1984c. *Ruscus* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 72-74.
- DAVIS, P.H. 1985a. *Brisa* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 516-518.
- DAVIS, P.H. 1985b. *Aegilops* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 233-245.
- DAVIS, P.H. 1985c. *Brachypodium* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 200-203.
- DAVIS, P.H. 1985d. *Melica* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 527-535.
- DAVIS, P.H. & D.M. HENDERSON. 1984. *Lilium* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 279-284.
- DAVIS, P.H. & A. OTENG-YEBOAH. 1985a. *Cyperus* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 34-41.
- DAVIS, P.H. & A. OTENG-YEBOAH. 1985b. *Eriophorum* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 67-68.

- DAVIS, P.H. & D.C. STUART. 1980. *Muscari* Miller. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 69-70.
- DAVIS, P.H. & D.C. STUART. 1984. *Muscari* Miller. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 245-263.
- DAVIS, P.H. & F. YALTIRIK. *Rhamnus* L. In DAVIS, P.H. (ed.), *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 2: 526-541.
- DEEPAK, M. & S.S. HANDA. 2000. Anti-inflammatory activity and chemical composition of extracts of *Verbena officinalis*. *Phytotherapy Research* 14: 463-465.
- DELFORGE, P. 2001. *Guide des Orchidées d'Europe, d'Afrique du Nord et du Proche-Orient*. 2^e édition, entièrement revue et corrigée. Delachaux et Niestlé. Lausanne & Paris. 592 p.
- DELFORGE, P. 2006. *Orchids of Europe, North Africa and the Middle East*. 3rd edition (revised and enlarged). Edited by Simon Harrap. A & C Black. London. 642 p.
- DEMOLY, J.-P. & P. MONTSERRAT. 1993. *Cistus* L. In CASTROVIEJO, S., C. AEDO, S. CIRUJANO, M. LAÍNIZ, P. MONTSERRAT, R. MORALES, F. MUÑOZ GARMENDIA, C. NAVARRO, J. PAIVA & C. SORIANO (eds), *Flora iberica* III: 319-337.
- DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E IMAGEM. JARDIM BOTÂNICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA. 2013. *O Jardim Botânico da Universidade de Coimbra vai ter uma das maiores colecções de orquídeas da Europa*. Comunicação recebida por correio electrónico em 12 de Março de 2013. Email: infobotanico@uc.pt.
- DERAKHSHANI, A. HASSANI, A. PIRZAD, R. ABDOLLAH & M. DALKANI. 2012. Evaluation of phenolic content and antioxidant capacity in some medicinal herbs cultivated in Iran. *Botanica Serbica* 36 (2): 117-122.
- DEVESA, J.A. 1987a. *Psilurus* Trin., *Fund. Agrost.* 73, 93 (1822). In VALDÉS, B, S. TALAVERA & E. FERNÁNDEZ-GALIANO (eds). *Flora Vascular de Andalucía Occidental* 3: 293-294.
- DEVESA, J.A. 1987b. *Danthonia* DC. in Lam. & DC., *Fl. Fr.* ed., 3, 3: 32 (1805), nom. cons. In VALDÉS, B, S. TALAVERA & E. FERNÁNDEZ-GALIANO (eds). *Flora Vascular de Andalucía Occidental* 3: 418.
- DEVESA, J.A. 1987c. *Micropyrum* (Gaudin) Link, *Linnaea* 17: 397 (1843). In VALDÉS, B, S. TALAVERA & E. FERNÁNDEZ-GALIANO (eds). *Flora Vascular de Andalucía Occidental* 3: 290-291.
- DEVESA, J.A. (ed.). 1991a. *Las Gramíneas de Estremadura*. Serie Monografías Botánicas. Servicio de Publicaciones – UNEX. 358 p.
- DEVESA, J.A. 1991b. *Desmazeria* Dumort., *Comment. Bot.* 26 (1882). In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Estremadura*: 61-62.
- DEVESA, J.A. 1991c. *Briza* L., *Sp. Pl.* 70 (1753) [*Gen. Pl.* ed. 5: 32, 1754]. In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Estremadura*: 74-77.
- DEVESA, J.A. 1991d. *Holcus* L., *Sp. Pl.* 1047 (1753) [*Gen. Pl.* ed. 5: 469, 1754]. In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Estremadura*: 134-139.
- DEVESA, J.A. 1991e. *Trisetaria* Forsskål, *Fl. Aegypt.* 60, 27 (1775). In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Estremadura*: 100-104.
- DEVESA, J.A. 1991f. *Chaetopogon* Janchen, *Eur. Gatt. Farn.* ed 2: 33 (1933). In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Estremadura*: 156-158.
- DEVESA, J.A. 1991g. *Psilurus* Trin., *Fund. Agrost.* 73, 93 (1822). In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Estremadura*: 62-65.

- DEVESA, J.A. 1991h. *Polypogon* Desf., *Fl. Atl.* 1: 76 (1798). In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Estremadura*: 150-154.
- DEVESA, J.A. 1991i. *Cynosurus* L., *Sp. Pl.*: 72 (1753) [*Gen. Pl.* ed. 5: 33, 1754]. In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Estremadura*: 68-72.
- DEVESA, J.A. 1991j. *Deschampsia* P. Beauv., *Agrost.* 91, 160 (1812). In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Estremadura*: 110-114.
- DEVESA, J.A. 1991k. *Echinaria* Desf., *Fl. Atl.* 2: 385 (1799), *nom. cons.* In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Estremadura*: 81-83.
- DEVESA, J.A. 1991l. *Anthoxanthum* L., *Sp. Pl.* 28 (1753) [*Gen. Pl.* ed. 5: 17, 1754]. In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Estremadura*: 169-173.
- DEVESA, J.A. 1991m. *Alopecurus* L., *Sp. Pl.* 60 (1753) [*Gen. Pl.* ed. 5: 30, 1754]. In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Estremadura*: 173-175.
- DEVESA, J.A. 1991n. *Rostraria* Trin., *Fund. Agrost.* 149 (1822). In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Estremadura*: 105-107.
- DEVESA, J.A. 1991o. *Periballia* Trin., *Fund. Agrost.* 133 (1822). In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Estremadura*: 118-120.
- DEVESA, J.A. 1991p. *Micropyrum* (Gaudin) Link, *Linnaea* 17: 397 (1843). In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Estremadura*: 58-61.
- DEVESA, J.A. 1991q. *Lagurus* L., *Sp. Pl.* 81 (1753) [*Gen. Pl.* ed. 5: 34, 1754]. In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Estremadura*: 154-156.
- DEVESA, J.A. 1991r. *Phleum* L., *Sp. Pl.* 59 (1753) [*Gen. Pl.* ed. 5: 29, 1754]. In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Estremadura*: 176-179.
- DEVESA, J.A. 1991s. *Airopsis* Desv., *Jour. Bot. Rédigé* 1: 200 (1809). In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Estremadura*: 129.
- DEVESA, J.A. 1991t. *Corynephorus* Beauv., *Agrost.* 90 (1812), *nom. cons.* In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Estremadura*: 130-134.
- DEVESA, J.A. 1991u. *Dactylis* L., *Sp. Pl.* 71 (1753) [*Gen. Pl.* ed. 5: 32, 1754]. In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Estremadura*: 64-68.
- DEVESA, J.A. 2007a. *Cruciata* Mill. In CASTROVIEJO, S. (coord.); J.A. DEVESA, R. GONZALO & A. HERRERO (eds), *Flora iberica* XV: 20-25.
- DEVESA, J.A. 2007b. *Crucianella* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); J.A. DEVESA, R. GONZALO & A. HERRERO (eds), *Flora iberica* XV: 30-36.
- DEVESA, J.A., P. CATALÁN, J. MÜLLER, C. CEBOLLA & E. ORTÚÑEZ. 2013. Checklist de *Festuca* L. (*Poaceae*) en la Península Ibérica. *Lagascalia* 33: 183-274.
- DEVESA, J.A., E. LÓPEZ, I. ARNELAS, G. BLANCA, V.N. SUÁREZ-SANTIAGO, V.R. INVERNÓN & A. MUÑOZ. 2014a. 29. *Centaurea* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); C. BENEDÍ, S. CASTROVIEJO, J.A. DEVESA, E. RICO & S. TALAVERA (eds), 2014. *Flora Iberica: Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares*. Vol. XVI(I). *Compositae* (partim). Real Jardín Botánico, C.S.I.C. Madrid. <http://www.floraiberica.es/>. [Acedido em 3 de Junho de 2014]
- DEYL, M. 1980. *Sesleria* Scop. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 173-176.

- DIAS, M.H. PEREIRA & G.B. DE SÁ NOGUEIRA. 1974. Notas sobre *Rhododendron ponticum* L. ssp. *baeticum* (Boiss. & Reut.) Handel-Mazzetti no concelho de Vouzela. *Boletim da Sociedade Broteriana*, Sér. 2, 47 (Supl.): 125-132. 1973-74.
- DIAS, P. 1983. *Coimbra. Arte e História. Os monumentos*. Coleção Paisagem-Arte — 3. Paisagem Editora. Porto. 220 p.
- DIAS, P. 2002. *Coimbra. Guia para uma visita*. 2.^a edição (1.^a edição, 1977). © G. C. –Gráfica de Coimbra, Lda. Coimbra. 168 p.
- DÍAZ LIFANTE, Z. 2012a. *Schenkia* Griseb. In CASTROVIEJO, S. (coord.); S. TALAVERA, C. ANDRÉS, M. ARISTA, M.P. FERNÁNDEZ PIEDRA, M.J. GALLEGU, P.L. ORTIZ, C. ROMERO ZARCO, F.J. SALGUEIRO, S. SILVESTRE & A. QUINTANAR (eds), *Flora Iberica*. XI: 81-86.
- DÍAZ LIFANTE, Z. 2013. *Asphodelus* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds), *Flora Iberica*. XX. Síntese genérica disponibilizada em www.floraiberica.es. 33 p.
http://www.floraiberica.es/texto/imprenta/tomoXX/20_183_00_Asphodelus_5e.pdf.
13/06/2013. [Acedido em 05.IX.2013].
- DÍAZ LIFANTE, Z. & B. VALDÉS. 1994. *Asphodelus cerasiferus* J. Gay y *Asphodelus villarsii* Verlot (*Asphodelaceae*): caracterización y tipificación. *Acta Botanica Malacitana* 19: 77-88.
- DÍAZ LIFANTE, Z. & B. VALDÉS. 1996. Revisión del género *Asphodelus* L. (*Asphodelaceae*) en el Mediterráneo Occidental. *Boissiera* 52.
- DIETRICH, W. 1997. *Oenothera* L. In CASTROVIEJO, S., C. AEDO, C. BENEDÍ, M. LAÍN, F. MUÑOZ GARMENDIA, G. NIETO FELINER & J. PAIVA (eds). 1997. *Flora Iberica*. Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. VIII: 90-100.
- DI PAOLA, R., E. ESPOSITO, E. MAZZON, L. RICCARDI, R. CAMINITI, R. DAL TOSO, G. PRESSI & S. CUZZOCREA. 2009. Teupolioside, a phenylpropanoid glycosides of *Ajuga reptans*, biotechnologically produced by IRBN22 plant cell line, exerts beneficial effects on a rodent model of colitis. *Biochemical Pharmacology* 77: 845–857.
- DIRECTORATE OF CULTURE AND CULTURAL AND NATURAL HERITAGE. 2002. Convention on the conservation of European wildlife and natural habitats / Convention relative à la vie sauvage et du milieu naturel de l'Europe. Appendices to the Convention / Annexes à la Convention. Document prepared by the Directorate of Culture and Cultural and Natural Heritage / Document établi par la Direction de la Culture et du Patrimoine culturel et naturel. Valid from 1 March 2002 / Valable à compter du 1er Mars 2002. Council of Europe / Conseil de l'Europe. Strasbourg, 1 March 2002. T-PVS (2002) 4. 29 p.
- DÍ TOMASO, J.M., G.B. KYSER & al. 2013. *Weed Control in Natural Areas in the Western United States*. Weed Research and Information Center. University of California. 544 p.
- DODIN, S., A. LEMAY, H. JACQUES, F. LÉGARÉ, J. FOREST, B. MÂSSE. 2005. The Effects of Flaxseed Dietary Supplement on Lipid Profile, Bone Mineral Density, and Symptoms in Menopausal Women: A Randomized, Double-Blind, Wheat Germ Placebo-Controlled Clinical Trial. *The Journal of Clinical Endocrinology & Metabolism* 90 (3): 1390-1397.
- DOĞAN, M. 1985a. *Helictotrichon* Besser ex Schultes & Schultes f. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 308-313.
- DOĞAN, M. 1985b. *Polypogon* Desf. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 354-357.
- DOĞAN, M. 1985c. *Trisetum* Pers. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 321-323.

- DOĞAN, M. 1985d. *Deschampsia* P. Beauv. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 333-335.
- DOĞAN, M. 1985e. *Avena* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 302-307.
- DOĞAN, M. 1985f. *Anthoxanthum* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 371-372.
- DOĞAN, M. 1985g. *Alopecurus* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 373-386.
- DOĞAN, M. 1985h. *Lagurus* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 357-358.
- DOĞAN, M. 1985i. *Agrostis* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 348-354.
- DOĞAN, M. 1985j. *Beckmannia* Host. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 387-388.
- DOĞAN, M. 1985k. *Rostraria* Trin. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 326-329.
- DOĞAN, M. 1985l. *Calamagrostis* Adanson. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 341-344.
- DOĞAN, M. 1985m. *Koeleria* Pers. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 329-333.
- DOĞAN, M. 1985n. *Holcus* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 339-341.
- DOĞAN, M. 1985o. *Milium* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 361-363.
- DOĞAN, M. 1985p. *Phleum* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 388-397.
- DOMINA, G. 2011. *Plumbaginaceae* – In *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Plumbaginaceae&PTRefFk=7500000>
 [Acedido em 2011–2015].
- DOMINA, G. & E. VON RAAB-STRAUBE. 2010. *Orobanchaceae* – In *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameId=26329&PTRefFk=7500000> [Acedido em 2011–2015].
- DOP, A.J. 1980. The genera *Phaeothamnion* Lagerheim, *Tetrachrysis* gen. nov. and *Sphaeridiothrix* Pascher & Vlk (Chrysophyceae). *Act. Bot. Neerl.* 29: 65-86.
- DOUGLAS, S., S. ZAUNER, M. FRAUNHOLZ, M. BEATON, S. PENNY, L.-T. DENG, X. WU, M. REITH, T. CAVALIER-SMITH & U.-G. MAIER. 2001. The highly reduced genome of an enslaved algal nucleus. *Letters to Nature. Nature* 410: 1091-1096 (26 April 2001). doi:10.1038/35074092.
- DROOP, S.J.M. 1986a. *Kniphofia* Moench. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 144-146.

- DROOP, S.J.M. 1986b. *Calochortus* Pursh. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 171-176.
- DROOP, S.J.M. 1986c. *Veratrum* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 124-125.
- DROOP, S.J.M. 1986d. *Zigadenus* Michaux. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 123-124.
- DROOP, S.J.M. 1986e. *Brodiaea* J.E. Smith. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 247-248.
- DROOP, S.J.M. 1986f. *Triteleia* Lindley. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 248-249.
- DUARTE, M.C.R. DE LIMA & J.M. DA SILVA ALVES. 1989. *A vegetação natural de Casal do Rei (Parque Natural da Serra da Estrela)*. Coleção Natureza e Paisagem n.º 7. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza. Lisboa. 76 p.
- DŽAMIĆ, AM., M.D. SOKOVIĆ, M.S. RISTIĆ, M. NOVAKOVIĆ, S. GRUJIĆ-JOVANOVIĆ, V. TEŠEVIĆ & P.D. MARIN. 2010. Antifungal and antioxidant activity of *Mentha longifolia* (L.) Hudson (Lamiaceae) essential oil. *Botanica Serbica* 34 (1): 57-61.
- EBERT, I., J. GREILHUBER & F. SPETA. 1997. Chromosome banding and genome size differentiation in *Prospero* (Hyacinthaceae) diploids. *Plant Systematics and Evolution* 203: 143-177.
- EBRAHIMZADEH, M.A., F. POURMORAD & A.R. BEKHRADNIA. 2008. Iron chelating activity, phenol and flavonoid content of some medicinal plants from Iran. Full Length Research Paper. *African Journal of Biotechnology* 7 (18): 3188-3192, 17 September, 2008.
- EBRAHIMZADEH, M.A., F. POURMORAD & S. AFEZI. 2008b. Antioxidant activities of Iranian Corn Silk. *Turkish Journal of Biology* 32: 43-49.
- EBRAHIMZADEH, M.A., S.F. NABAVI & S.M. NABAVI. 2009. Correlation between the in vitro chelating activity and poly phenol and flavonoid contents of some medicinal plants. *Pak. J. Biol. Sci.* 12 (12): 934-938.
- EBRAHIMZADEH, M.A., S.F. NABAVI & S.M. NABAVI. 2009b. Antihemolytic and antioxidant activities of *Hibiscus esculentus* leaves. *Pharmacology online* 2. 1097-1105.
- EBRAHIMZADEH, M.A., S.F. NABAVI, S.M. NABAVI, & F. POURMORAD. 2010. Nitric oxide radical scavenging potential of some Elburz medicine plants. Full Length Research Paper. *African Journal of Biotechnology* 9 (40): 5212-5217, 9 August, 2010.
- EBRAHIMZADEH, M.A., S.F. NABAVI, S.M. NABAVI & B. ESLAMI. 2010b. Antihypoxic and antioxidant activity of *Hibiscus esculentus* seeds. *Grasas y Aceites* 61 (1): 30-36. doi:10.3989/gya.053809.
- EDMONDS, J.M. & V.H. HEYWOOD. 2007. *Solanaceae* (Potato family). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 305-307.
- EDMONDSON, J.R. 1980. *Poa* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 159-167.
- EDMONDSON, J.R. 1982a. *Globularia* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by J.R. EDMONDSON, R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 7: 27-31.

- EDMONDSON, J.R. 1982b. *Lallemantia* Fisch. & C.A. Mey. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by J.R. EDMONDSON, R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 7: 291-293.
- EDMONDSON, J.R. 1984a. *Veratrum* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 328-329.
- EDMONDSON, J.R. 1984b. *Urginea* Steinh. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 213.
- EDMONDSON, J.R. 1984c. *Puschkinia* Adams. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 226-227.
- EHRENDORFER, F. & E. SCHÖNBECK-TEMESY. 1982a. *Asperula* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by J.R. EDMONDSON, R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 7: 734-767.
- EHRENDORFER, F. & E. SCHÖNBECK-TEMESY. 1982b. *Galium* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by J.R. EDMONDSON, R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 7: 767-849.
- EHRENDORFER, F. & E. SCHÖNBECK-TEMESY. 1982c. *Vallantia* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by J.R. EDMONDSON, R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 7: 855-856.
- EHRENDORFER, F. & E. SCHÖNBECK-TEMESY. 1982d. *Rubia* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by J.R. EDMONDSON, R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 7: 857-861.
- EFLORAS. 2010. Published on the Internet <http://www.efloras.org> [accessed 2010]. Missouri Botanical Garden, St Louis, MO & Harvard University Herbaria, Cambridge, MA.
- ELIAS, R.B. & L. SILVA. 2008. *Festuca petraea* Guthn. ex Seub. In Base de dados da biodiversidade dos Açores. Plantas vasculares.
<http://www.azoresbioportal.angra.uac.pt/listagens.php?lang=pt&sstr=4&id=F00990>.
[Acedido em 29 de Dezembro de 2013].
- EMADZADE, K., C. LEHNEBACH, P. LOCKHART & E. HÖRANDL. 2010. A molecular phylogeny, morphology and classification of genera of *Ranunculeae* (*Ranunculaceae*). *Taxon* 59: 809-828.
- ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. [S/data]. <http://www.britannica.com> [Acedido em III.2013].
- ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. 2013. (Facts matter). Topic about *Sisyrinchium bermudiana*.
<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/546766/Sisyrinchium-bermudiana>. [Acedido em III.2013].
- ENDRESS, M.E. & P.V. BRUYNS. 2000. A revised classification of the Apocynaceae s.l. *Bot. Rev.* 66: 1-56.
- ENDRESS, M.E. & P.F. STEVENS. 2001. The Renaissance of Apocynaceae s.l.: Recent Advances in Systematics, Phylogeny, and Evolution [Introduction]. *Annals of the Missouri Botanical Garden* 88 (4): 517-522.
- ENTWISTLE, T.J. & R.A. ANDERSEN. 1990. A re-examination of *Tetrasporopsis* (Chrysophyceae) and the description of *Dermatochrysis* gen. nov. (Chrysophyceae): a monostromatic alga lacking cell walls. *Phycologia* 29: 263-274.
- ESPÍRITO SANTO, M.D. 1982. Contribuições para o conhecimento da flora portuguesa. *Boletim da Sociedade Broteriana*, Série 2, LV: 147-155 (1981-1982).
- EURO+MED PLANTBASE. 2011-2013. *The information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/>. [Acedido em 2011–2013].
- FALEIRO, M.L., M.G. MIGUEL, C.A.C. GUERRERO & J.M.C. BRITO. 1999. Antimicrobial activity of essential oils of *Rosmarinus officinalis* L., *Thymus mastichina* (L.) L. ssp. *mastichina* and *Thymus albicans* Hoffmanns. & Link. *Acta Hort.* 501: 45-48.

- FALEIRO, M.L., M.G. MIGUEL., F. LADEIRO, F. VENÂNCIO, R. TAVARES, J.C. BRITO, A.C. FIGUEIREDO, J.G. BARROSO & L.G. PEDRO. 2003. . Antimicrobial activity of essential oils isolated from Portuguese endemic species of *Thymus*. *Lett. Appl. Microbiol.* 36: 35-40.
- FERGUSON, I.K. 1972. *Verbascum* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* III: 205-216.
- FERNANDES, A. 1931. Estudos nos cromossomas das Liliáceas e Amarilidáceas. *Boletim da Sociedade Broteriana*, Série 2, VII: 3-110.
- FERNANDES, A. 1933. Note sur les chromosomes de *Pancreaticum maritimum* L. *Boletim da Sociedade Broteriana*, Série 2, VIII: 168-175.
- FERNANDES, A. 1934. Nouvelles études caryologiques sur le genre *Narcissus* L. *Boletim da Sociedade Broteriana*, Série 2, VIII: 168-175.
- FERNANDES, A. 1935. Les satellites chez *Narcissus reflexus* Brot. et *Narcissus triandrus* L. I. Les satellites des métaphases somatiques. *Boletim da Sociedade Broteriana*, Série 2, X: 240-277.
- FERNANDES, A. 1936. *Narcisos de Portugal*. Separata do Anuário da Sociedade Broteriana, Ano II — Vol. II. 20 p.
- FERNANDES, A. 1937a. Sur l'origine du *Narcissus dubius* Gouan. *Boletim da Sociedade Broteriana*, Série 2, XII: 93-118.
- FERNANDES, A. 1937b. Le problème de *Narcissus tazetta* L. I. Les formes à 22 chromosomes somatiques. *Boletim da Sociedade Broteriana*, Série 2, XII: 159-219.
- FERNANDES, A. 1939. Sur la caryo-systematique du groupe *Jonquilla* du genre *Narcissus* L. *Boletim da Sociedade Broteriana*, Série 2, XII: 487-544.
- FERNANDES, A. 1941. *Morfologia e biologia das plantas carnívoras*. Separata do Anuário da Sociedade Broteriana, anos VI e VII. 130 p.
- FERNANDES, A. 1945. Felix de Avellar Brotero e a sua obra. Alocução proferida na sessão solene realizada na Sala dos Capelos da Universidade durante as comemorações do II centenário do nascimento de Brotero (Coimbra, 25 de Novembro de 1944). *Boletim da Sociedade Broteriana*, sér. 2, 36 (1): liii-lxxlvi.
- FERNANDES, A. 1946. Sobre a origem de *Narcissus Johnstonii* Pugsley. *Anales del Jardín Botánico de Madrid* VI: 145-158.
- FERNANDES, A. 1949. Le problème de l'hétérochromatinisation chez *Narcissus bulbocodium* L. *Boletim da Sociedade Broteriana*, Série 2, XXIII: 5-88.
- FERNANDES, A. 1951. Sur la phylogénie des espèces du genre *Narcissus* L. *Boletim da Sociedade Broteriana*, Série 2, XXV: 113-194 + 2 planches.
- FERNANDES, A. 1953. Sobre a distribuição geográfica de *Narcissus cyclamineus* DC. e *N. calcicola* Mendonça. *Anuário da Sociedade Broteriana* XIX: 17-39.
- FERNANDES, A. 1955. Progrès récents dans l'étude de la flore vasculaire du Portugal. *Anuário da Sociedade Broteriana* 21: 5-24.
- FERNANDES, A. 1969. Contribution à la connaissance cytotaxinomique des Spermatophytes du Portugal. Introduction, matériel et techniques. *Boletim da Sociedade Broteriana*, Série 2, XLIII: 29-39.
- FERNANDES, A. 1975. L'évolution chez le genre *Narcissus* L. *Anales del Jardín Botánico de Madrid* 32 (2): 843-972

- FERNANDES, A. 1987a. *Evocação da vida e obra do Prof. Doutor Luís Wittnich Carrisso no centenário do seu nascimento*. Conferência proferida, a convite da Câmara Municipal da Figueira da Foz, no auditório do Museu Santos Rocha, no dia 14 de Fevereiro de 1986. Impressora Económica, Lda. Figueira da Foz. 64 p.
- FERNANDES, A. 1987b. História da Botânica em Portugal até finais do século XIX. Separata do II volume de *História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal*. II: 851-916. Publicações Comemorativas do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa.
- FERNANDES, A. 1988. Sur le rôle de la triploïdie dans l'évolution chez la section *Bulbocodii* DC. du genre *Narcissus* L. *Boletim da Sociedade Broteriana*, Série 2, LX: 273-322 (1987).
- FERNANDES, A. 1989. *Abílio Fernandes. Curriculum vitae*. Professor aposentado de Botânica da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Coimbra, Outubro de 1989. 40 p.
- FERNANDES, A. & M.T. LEITÃO. 1986. Resposta à Investigadora Margarida Queirós sobre o estudo cariológico das *Lamiaceae* de Portugal. Separata do *Boletim da Sociedade Broteriana* (2.^a série) LIX: 305-319 + 4 Docs [Estampas]. Dezembro de 1986.
- FERNANDES, A. & M. QUEIRÓS. 1969. Contribution à la connaissance cytotaxinomique des Spermatophytes du Portugal. *Boletim da Sociedade Broteriana* (2.^a série) XLIII:
- FERNANDES, A. & M. QUEIRÓS. 1978. Contribution à la connaissance cytotaxinomique des Spermatophytes du Portugal. Leguminosae. *Boletim da Sociedade Broteriana* (2.^a série) LII:
- FERNANDES, F.M. & L. MENDONÇA CARVALHO. 2003. *Portugal Botânico de A a Z. Plantas Portuguesas e Exóticas*. Lidel – Edições Técnicas, Lda. Lisboa. 362 p.
- FERNANDES, R. 1945. Sobre a cariologia de *Narcissus canariensis* (Herb.) Burb. *Boletim da Sociedade Broteriana*, sér. 2, 36 (2): 597-605.
- FERNANDES, R.B. 1954. Notas sobre a flora de Portugal V. *Boletim da Sociedade Broteriana*, Sér. 2, 28: 131-176.
- FERNANDES, R.B. 1956. Notas sobre a flora de Portugal VI. *Boletim da Sociedade Broteriana*, Sér. 2, 30: 121-139.
- FERNANDES, R.B. 1957. Notas sobre a flora de Portugal VII. *Boletim da Sociedade Broteriana*, Sér. 2, 31: 183-217.
- FERNANDES, R.B. 1960. Duas espécies americanas novas para a flora de Portugal. *Anuário da Sociedade Broteriana* 26: 31-44, 8 fig., 3 est.
- FERNANDES, R.B. 1965. Duas variedades novas de *Centaureum spicatum* (L.) Fritsch. *Anuário da Sociedade Broteriana* 31: 15-28 + IX Est.
- FERNANDES, R.B. 1968. *Lavatera* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* II: 251-253.
- FERNANDES, R.B. 1972a. *Aizoaceae*. *Anuário da Sociedade Broteriana* 38: 123-126.
- FERNANDES, R.B. 1972b. *Tetragoniaceae*. *Anuário da Sociedade Broteriana* 38: 137-138.
- FERNANDES, R.B. 1972c. *Mesembrianthemaceae*. *Anuário da Sociedade Broteriana* 38: 127-136.
- FERNANDES, R. BATARDA. 1972b. Vocabulário de termos botânicos. *Anuário da Sociedade Broteriana* 38: 181-292.
- FERNANDES, R. BATARDA. 1988. *Resposta à réplica de Margarida Queirós ao artigo «Acerca do nome vulgar de Ginkgo biloba L. et quibusdam rebus»*. Coimbra, 1988. Edição da autora. Tip. Alcobacense, Limitada. Alcobaca. 27 p.

- FERNANDES, R. BATARDA. 1990. A Botânica na Heráldica das famílias portuguesas. *Anuário da Sociedade Broteriana* 56: 19-57.
- FERNANDES, R. BATARDA. 1991. *Curriculum vitae* de Rosette Mercedes Saraiva Batarda. Carreira escolar. 30 p. + anexos.
- FERNANDES, R.B. 1993. *Lavatera* L. In CASTROVIEJO, S., C. AEDO, S. CIRUJANO, M. LAÍN, P. MONTSERRAT, R. MORALES, F. MUÑOZ GARMENDIA, C. NAVARRO, J. PAIVA & C. SORIANO (eds), *Flora iberica* III: 232-243.
- FERNANDES, R.B. 1993b. *Lobularia* Desv. In CASTROVIEJO, S., C. AEDO, C. GÓMEZ CAMPO, M. LAÍN, P. MONTSERRAT, R. MORALES, F. MUÑOZ GARMENDIA, G. NIETO FELINER, E. RICO, S. TALAVERA & L. VILLAR (eds), *Flora Iberica* 4: 196-200.
- FERNÁNDEZ-CARVAJAL, M.C. 1987. *Juncus* L., *Sp. Pl.* 325 (1753) [*Gen. Pl.*, ed. 5: 152, 1754]. In VALDÉS, B., S. TALAVERA & E. FERNÁNDEZ-GALIANO (eds). *Flora Vascular de Andalucía Occidental* 3: 213-228.
- FERNÁNDEZ PIEDRA, M.P. & S. TALAVERA. 2009. *Luzula* DC. In CASTROVIEJO, S. & al. (eds), *Flora iberica* XVII. <http://www.rjb.csic.es/floraiberica/>, [XII.2009]. 38 p.
- FERNÁNDEZ PIEDRA, M. & S. TALAVERA. 2010. *Luzula* DC. [nom. cons.]. In CASTROVIEJO, S. (Coord.); S. TALAVERA, M.J. GALLEGO, C. ROMERO ZARCO & A. HERRERO (eds), *Flora iberica* XVII: 187-224.
- FERRER-GALLEGO, P.P. 2013. Los tipos nomenclaturales de *Scilla autumnalis* L. y *Urginea maritima* (L.) Baker (*Liliaceae*). *Lagascalia* 33: 37-42.
- FIDALGO, J.P. PEREIRA. 1994. A distribuição da flora vascular na área do Parque Natural da Serra da Estrela acima dos 1600 metros de altitude. In *II Seminário Técnico Conservação da Natureza na Serra da Estrela. Comunicações*: 103-114. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza. Parque Natural da Serra da Estrela. Guarda. Maio de 1994.
- FIGUEIREDO, A.C., J.G. BARROSO, L.G. PEDRO, L. SALGUEIRO, M.G. MIGUEL & M.L. FALEIRO. 2008. Portuguese *Thymra* and *Thymus* species volatiles: chemical composition and biological activities. *Current Pharmaceutical Design* 14: 3120-3140.
- FIGUEIREDO, E. & G.F. SMITH. 2010. The colonial legacy in African plant taxonomy. Commentary. *S. Afr. J. Sci.* 106 (3/4): 1-4. <http://www.sajs.za>. [Acedido em 26 de Janeiro de 2013]
- DEFILIPPS, RA. 1980a. *Polygonatum* Miller. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 70-71.
- DEFILIPPS, RA. 1980b. *Cyperus* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 284-288.
- DEFILIPPS, RA. 1980c. *Scirpus* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 277-280.
- DEFILIPPS, RA. 1980d. *Fimbristylis* Vahl. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 284.
- FINOT, V.L., J.A. BARRERA, C. MARTICORENA & G. ROJAS. 2011. *Systematic Diversity of the Family Poaceae (Gramineae) in Chile, The Dynamical Processes of Biodiversity – Case Studies of Evolution and Spatial Distribution*, PhD. Oscar Grillo (Ed.). Available from: <http://www.intechopen.com/books/the-dynamical-processes-of-biodiversity-case-studies-of-evolution-and-spatial-distribution-systematic-diversity-of-the-family-poaceae-gramineae-in-chile>. [Acedido em 17 de Maio de 2014].
- FLAGG, R.O., G.L. SMITH & S. FLORY. 2003. *Zephyranthes* Herbert, Appendix. 36. 1821. [name conserved]. In FLORA OF NORTH AMERICA EDITORIAL COMMITTEE (eds). *Flora of North America North of Mexico*. vol. 26: 298. [Online 6/1/2003].

- FLORA OF NORTH AMERICA EDITORIAL COMMITTEE (eds). 1993+. *Flora of North America North of Mexico*. 15+ vols. Vol. I, 1993; vol. 2, 1993; vol. 3, 1997; vol. 4, 2003; vol. 5, 2005; vol. 7, 2010; vol. 8, 2009; vol. 19, 2006; vol. 20, 2006; vol. 21, 2006; vol. 22, 2000; vol. 23, 2002; vol. 24, 2007; vol. 25, 2003; vol. 26, 2002; vol. 27, 2007. New York and Oxford. [Acedido em 2011–2014].
- FLORA OF PAKISTAN. *Flora of Pakistan*. Publicada na Internet: <http://www.tropicos.org/Project/Pakistan>. [Acedido em 2011–2014].
- FLORA OF ZIMBABWE. *Flora of Zimbabwe*. Publicada na Internet: <http://www.zimbabweflora.co.zw/>. [Acedido em 2011–2014].
- FLORA-ON: FLORA DE PORTUGAL INTERACTIVA. 2014. Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt>. Consulta efectuada em 31/12/2014.
- FLORON. VERSPREIDINGATLAS PLANTEN. 2014. *Cephalanthera longifolia* (L.) Fritsch. In FLORON. Verspreidingatlas Planten. <http://www.verspreidingatlas.nl/0920>. [Acedido em 14.V.2014].
- FODEN, W. & L. POTTER. 2010. *Isolepis prolifera*. In: IUCN 2013. IUCN Red List of Threatened Species. Version 2013.1. www.iucnredlist.org. Downloaded on 24 October 2013. <http://www.iucnredlist.org/details/185403/0>.
- FOGGI, B. & J. MÜLLER. 2009. *Festuca*. In VALDÉS, B. & H. SCHOLZ (ed.); with contributions from E. VON RAAB-STRAUBE & G. PAROLLY.: *Poaceae*. In *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*. <http://www.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Festuca&PTRefFk=7100000> [Acedido 2010–2013].
- FORTE, P., A. MATOS & T. VASCONCELOS. 2011. Gestão das plantas invasoras – planos de prevenção, controle, condicionamento, XI Simpósio da Associação Ibero-Macaronésica de Jardins Botânicos, Horta (Faial, Açores), 15-19 de Junho de 2011.
- FOROUZANI, M., M. ASKARI & M.A. EBRAHIMZADEH. 2013. Evaluation of three methods for the extraction of antioxidants from *Cucumis melo* L. fruit and leaves. *International Journal of Forest, Soil and Erosion* 3 (3): 95-99.
- FRANCO, C. & C.T. GOMES. 2014. *Narcissus fernandesii* Pedro – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wNarcissus+fernandesii>. Consulta realizada em 23/12/2014.
- FRANCO, C., A. SILVA, J. PESSOA, C.P. CRUZ, P.V. ARAÚJO & J.D. ALMEIDA. 2014a. *Epipactis helleborine* (L.) Crantz subsp. *helleborine* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wEpipactis+helleborine+subsp.+helleborine>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- FRANCO, J. DO AMARAL. 1951. Notas sobre a flora lenhosa do Buçaco. *Boletim da Sociedade Broteriana*, Sér. 2, 25: 197-248.
- FRANCO, J. DO AMARAL. 1958. O Carvalho Negral (Subsídios para o seu estudo botânico-florestal). *Anais Inst. Sup. Agronomia* 22: 77-237 (1955-1958).
- FRANCO, J. DO AMARAL. 1968. *Acacia* Miller. In TUTIN, T.G. & al. (eds.), *Flora Europaea* 2: 84-85.
- FRANCO, J. DO AMARAL. 1968b. *Crataegus* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* 2: 73-77.
- FRANCO, J. DO AMARAL. 1971. *Nova Flora de Portugal (Continente e Açores)*. I. *Lycopodiaceae-Umbelliferae*. Sociedade Astória, Lda. Lisboa. XXIV + 648 p.

- FRANCO, J. DO AMARAL. 1980a. *Phyllostachys* Siebold & Zucc. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 125.
- FRANCO, J. DO AMARAL. 1980b. *Phoenix* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 268.
- FRANCO, J. DO AMARAL. 1980c. *Chamaerops* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 267.
- FRANCO, J. DO AMARAL. 1981. Nova *Agave* subespontânea em Portugal. *Bol Soc. Brot.*, Sér. 2, 53 (2): 1397-1405.
- FRANCO, J. DO AMARAL. 1984. *Nova Flora de Portugal (Continente e Açores)*. II. *Clethraceae-Compositae*. Sociedade Astória, Lda. Lisboa. XXVII + 660 p. + 2 mapas.
- FRANCO, J. DO AMARAL. 1986a. *Tetraclinis* Masters. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍNIZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* I: 179-180.
- FRANCO, J. DO AMARAL. 1986b. *Juniperus* L. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍNIZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* I: 181-188.
- FRANCO, J. DO AMARAL. 1986c. *Taxus* L. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍNIZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* I: 189-190.
- FRANCO, J. DO AMARAL. 1986d. *Pinus* L. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍNIZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* I: 168-174.
- FRANCO, J. DO AMARAL. 1986e. *Ephedra* L. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍNIZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* I: 191-195.
- FRANCO, J. DO AMARAL. 1990. *Quercus* L. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍNIZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* II: 15-36.
- FRANCO, J. DO AMARAL. 1994a. *Pontederiaceae*. In FRANCO, J.A. & M.L. ROCHA AFONSO, *Nova Flora de Portugal (Continente e Açores)* 3 (1): 125-126.
- FRANCO, J. DO AMARAL. 1994b. *Iridaceae*. In FRANCO, J.A. & M.L. ROCHA AFONSO, *Nova Flora de Portugal (Continente e Açores)* 3 (1): 126-151.
- FRANCO, J. DO AMARAL & M.L. ROCHA AFONSO. 1971. Divisão: Pteridophyta. In Franco, J. DO AMARAL, *Nova Flora de Portugal (Continente e Açores)*. I: 1-35.
- FRANCO, J. DO AMARAL & M.L. ROCHA AFONSO. 1981. Distribuição em Portugal das principais infestantes. *Actas do III Simpósio Nacional de Herbologia*. Separata. 22 p.
- FRANCO, J. DO AMARAL & M.L. ROCHA AFONSO. 1982. *Distribuição de Pteridófitos e Gimnospermicas em Portugal*. Coleção Parques Naturais n.º 14. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico. Lisboa. 328 p. + 9 mapas.
- FRANCO, J. DO AMARAL & M.L. ROCHA AFONSO. 1994. *Nova Flora de Portugal (Continente e Açores)* III (I). *Alismataceae-Iridaceae*. Escolar Editora. Lisboa. XIII + 181 p. + 2 mapas.
- FRANCO, J. DO AMARAL & M.L. ROCHA AFONSO. 1995. Espécies da sect. *Polygonum* do gén. *Polygonum* L. existentes em Portugal. *Studia botanica* 14: 153-175.
- FRANCO, J. DO AMARAL & M.L. ROCHA AFONSO. 1998. *Nova Flora de Portugal (Continente e Açores)*. III (II). *Gramineae*. Escolar Editora. Lisboa. IX + 283 p + 2 mapas.
- FRANCO, J. DO AMARAL & M.L. ROCHA AFONSO. 2003. *Nova Flora de Portugal (Continente e Açores)*. III (III). *Juncaceae-Orchidaceae*. Escolar Editora. Lisboa. XIII + 187 p. + 2 mapas.

- FRANCO MÚGICA, F., GARCÍA ANTÓN, MALDONADO RUIZ, C. MORLA JUARISTI & H. SAINZ OLLERO. 2001. Evolución de la vegetación en el sector septentrional del macizo de Ayllón (Sistema Central). Análisis polínico de la turbera de Pelagallinas. *Anales Jard. Bot. Madrid* 59(1): 113-124.
- FRATUS, T., con contributi di Francesco Maria RAIMONDO e Giuseppe BARBERA. 2012. *Il bosco di Palermo. Itinerari alla scoperta dei maggiori alberi esotici d'Europa*. Meridiana, Firenze. (ISBN 978-88-6007-217-7). 127 p. + colour photographs.
- FREY, W., J.P. FRAHM, E. FISCHER & W. LOBIN. 2006. *The Liverworts, Mosses and Ferns of Europe*. Harley Books. 512 p.
- FRITSCH, F.E. 1949. Contributions to our knowledge of British Algae. *Hydrobiologia* 1: 115-125.
- FU, L., Y. YU & H. RIEDL. 1999. *Ephedraceae* Dumortier. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 4: 97-101.
- GAGO, M.M. 2009. *The emergence of Genetics in Portugal: J. A. Serra at the crossroads of politics and biological communities (1936-1952)*. Dissertação orientada pela Professora Ana Simões, da Secção Autónoma de Filosofia e História das Ciências da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Mestrado em História e Filosofia das Ciências. Universidade de Lisboa. Faculdade de Ciências. Secção Autónoma de Filosofia e História das Ciências. 133 p.
- GALÁN, A. 2007a. *Lemna* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); CASTROVIEJO, S., M. LUCEÑO, A. GALÁN, P. JIMÉNEZ MEJÍAS, F. CABEZAS & L. MEDINA (eds), *Flora iberica* XVIII: 312-315.
- GALÁN, A. & S. CASTROVIEJO. 2007a. *Arum* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); CASTROVIEJO, S., M. LUCEÑO, A. GALÁN, P. JIMÉNEZ MEJÍAS, F. CABEZAS & L. MEDINA (eds), *Flora iberica* XVIII: 283-293.
- GALÁN, A. & S. CASTROVIEJO. 2007b. *Biarum* Schott. In CASTROVIEJO, S. (coord.); CASTROVIEJO, S., M. LUCEÑO, A. GALÁN, P. JIMÉNEZ MEJÍAS, F. CABEZAS & L. MEDINA (eds), *Flora iberica* XVIII: 296-303.
- GALÁN, A. & S. CASTROVIEJO. 2007c. *Phoenix* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); CASTROVIEJO, S., M. LUCEÑO, A. GALÁN, P. JIMÉNEZ MEJÍAS, F. CABEZAS & L. MEDINA (eds), *Flora iberica* XVIII: 275-279.
- GALÁN, A. & S. CASTROVIEJO. 2007d. *Chamaerops* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); CASTROVIEJO, S., M. LUCEÑO, A. GALÁN, P. JIMÉNEZ MEJÍAS, F. CABEZAS & L. MEDINA (eds), *Flora iberica* XVIII: 273-275.
- GALÁN, A. & S. CASTROVIEJO. 2007e. *Washingtonia* H. Wendl. [nom. cons.]. In CASTROVIEJO, S. (coord.); CASTROVIEJO, S., M. LUCEÑO, A. GALÁN, P. JIMÉNEZ MEJÍAS, F. CABEZAS & L. MEDINA (eds), *Flora iberica* XVIII: 279-281.
- GALÁN CELA, P. & GAMARRA, R. 2002. Check list of the Iberian and Balearic Orchids 1. *Aceras* R. Br. – *Nigritella* Rich. *Anales Jard. Bot. Madrid* 59 (2): 187-208.
- GALASSO, G., E. BANFI, F. DE MATTIA, F. GRASSI, S. SGORBATI & M. LABRA. 2009. Molecular phylogeny of *Polygonum* L. s.l. (*Polygonoideae*, *Polygonaceae*), focusing on European taxa: preliminary results and systematic considerations based on rbcL plastidial sequence data. *Atti Soc. It. Sci. Nat. Museo Civ. Stor. Nat. Milano* 150: 113-148.
- GALEN SMITH, S. 2002. *Schoenoplectus* (Reichenbach) Palla, Vehr. K.K. Zool.-Bot. Ges. Wien. 38 (Sitzungber.): 49. 1888. In FLORA OF NORTH AMERICA EDITORIAL COMMITTEE (eds), 1993+. *Flora of North America North of Mexico*. Vol. 23: 44.
- GALIANO, E.F. 1987a. 129. *Arecaceae* (Palmae). In VALDÉS, B, S. TALAVERA & E. FERNÁNDEZ-GALIANO (eds). *Flora Vascular de Andalucía Occidental* 3: 205.
- GALLEGO, M.J. 1987a. *Scirpus* L., *Sp. Pl.* 47 (1753) [*Gen. Pl.*, ed. 5: 26, 1754]. In VALDÉS, B, S. TALAVERA & E. FERNÁNDEZ-GALIANO (eds). *Flora Vascular de Andalucía Occidental* 3: 229-235.

- GALLEGO, M.J. 1993. *Xolantha* Raf. In CASTROVIEJO, S., C. AEDO, S. CIRUJANO, M. LAÍN, P. MONTSERRAT, R. MORALES, F. MUÑOZ GARMENDIA, C. NAVARRO, J. PAIVA & C. SORIANO (eds), *Flora iberica* III: 351-365.
- GALLEGO, M.J. 2012. *Withania* Pauquy. In CASTROVIEJO, S. (coord.); S. TALAVERA, C. ANDRÉS, M. ARISTA, M.P. FERNÁNDEZ PIEDRA, M.J. GALLEGO, P.L. ORTIZ, C. ROMERO ZARCO, F.J. SALGUEIRO, S. SILVESTRE & A. QUINTANAR (eds), *Flora Iberica*. XI: 200-204.
- GALLEGO, M.T., M.J. CANO & J. GUERRA. 2004. A taxonomic study of *Syntrichia laevipila* (Pottiaceae, Musci) complex. *Botanical Journal of the Linnean Society*, 2004, 145: 219-230.
- GAO, X., D. DEEB, H. JIANG, Y.B. LIU, S.A. DULCHAVSKY & S.C. GAUTAM. 2005. Curcumin differentially sensitizes malignant glioma cells to TRAIL/Apo2L-mediated apoptosis through activation of procaspases and release of cytochrome c from mitochondria. *Journal of Experimental Therapeutics and Oncology* 5 (1): 39-48.
- GARBARI, F. 1968. Sul rango tassonomico di *Leopoldia* Parl., *Muscarimia* Kostel., *Muscari* Mill. *Giorn. Bot. Ital.* 101 (1967): 300-301.
- GARBARI, F. 1969. Nuove osservazioni citologiche sui genere *Muscari* e *Leopoldia*. *Giorn. Bot. Ital.* 103: 1-9.
- GARBARI, F. & W. GREUTER. 1970. On the taxonomy and typification of *Muscari* Miller (Liliaceae) and allied genera, and on the typification of generic names. *Taxon* 19 (3): 329-335.
- GARCIA, J.G. 1946. Algunas novedades para a flora ibérica. *Anales Jard. Bot. Madrid* 6 (2): 421-438.
- GARCÍA MURILLO, P. 2010. *Callitriche* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); R. MORALES, A. QUINTANAR, F. CABEZAS, A.J. PUJADAS & S. CIRUJANO (eds), *Flora iberica* XII: 497-513.
- GARCÍA-VALLEJO, M.C., D. GARCÍA, & F. MUÑOZ. 1984. Avance de un estudio sobre las esencias de *Thymus mastichina* L. español (majorana de España). *An. INIA/Ser. Florestal* 8: 201-208.
- GARDNER, J., J.P. JESSOP & D.E. SYMON. 1996. The escape of *Stipa papposa*. *J. Adelaide Bot. Gard.* 17: 173-176.
- GENESIS. 1972. *Watcher of the Skies*. In *Foxtrot*. Virgin Records Ltd.
- GERHAUSER, C. 2008. Cancer Chemopreventive Potential of Apples, Apple Juice, and Apple Components. *Planta Med* 74 (13): 1608-1624.
- GHOLAMI, S.H., B. RAHIMI-ESBOEI, M.A. EBRAHIMZEDAH & M. POURHAJIBAGHER. 2013. In vitro effects of *Sambucus ebulus* on scolices of Hydatid cysts. *European Review for Medical and Pharmacological Sciences* 17 (13): 1760-1765.
- GILSON, P.R., V. SU, C.H. SLAMOVITS, M.E. REITH, P.J. KEELING & G.I. MCFADDEN. 2006. Complete nucleotide sequence of the chlorarachniophyte nucleomorph: Nature's smallest nucleus. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America* 103 (25): 9566-9571 (June 20, 2006). © 2006 by The National Academy of Sciences of the USA. www.pnas.org/cgi/doi/10.1073/pnas.0600707103. [Acedido em 4 de Outubro de 2014]
- GIRÁLDEZ, X. 2013. *Ruscus* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. Rico, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds). *Flora Iberica*. Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. XX: 120-124.
- GOLDBLATT, P. 1969. The genus *Sparaxis*. *J. S. African Bot.* 35: 219-252.
- GOLDBLATT, P. 1992. Phylogenetic analysis of the South African genus *Sparaxis* (including *Synnotia*) (*Iridaceae-Ixiodeae*), with two new species and a review of the genus. *Ann. Missouri Bot. Gard.* 79: 143-159.

- GOLDBLATT, P. 2003. *Flora of North America north of Mexico*, volume 26: 403-405. *Iridaceae*, 13. *Sparaxis* Ker Gawler, Ann. Bot. (König & Sims). 1: 225. 1804.
- GOLDBLATT, P. 2011. A New Name for *Papaver pseudo-orientale* (Papaveraceae). *Novon* 21 (2): 182 [27 Jun 2011].
- GOMES, C.T., M. PORTO & V. SILVA. 2014a. *Catapodium marinum* (L.) C.E. Hubb. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCatapodium+marinum>. Consulta realizada em 23/01/2014.
- GOMES PEDRO, J. 1947. Uma nova espécie de *Narcissus* L. *Boletim da Sociedade Broteriana*, Sér. 2, 21: 59-68 + 3 Tab.
- GOMES PEDRO, J. 1983. Novidades florísticas da Península de Setúbal. *Revista de Biologia* 12: 425-434.
- GOMES PEDRO, J. 1991. *Vegetação e Flora da Arrábida*. Coleção Natureza e Paisagem n.º 10. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza. Lisboa. 132 p.
- GÓMEZ, D. 1993. *Rhododendron* L. In CASTROVIEJO, S., C. AEDO, C. GÓMEZ CAMPO, M. LAÍNIZ, P. MONTERRAT, R. MORALES, F. MUÑOZ GARMENDIA, G. NIETO FELINER, E. RICO, S. TALAVERA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* IV: 508-510.
- GÓMEZ MERCADO, F. 2011. Vegetación y flora de la Sierra de Cazorla. *Guineana* 17: 1-481. Leioa.
- GÓMIZ GARCÍA, F. 2001. *Flora Selecta Marroquí*. 351 p.
- GONÇALVES, M.L. 1990a. *Tetragonia* L. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍNIZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora Iberica* 2: 76-78.
- GONÇALVES, M.L. 1990b. *Carpobrotus* L. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍNIZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora Iberica* 2: 76-78.
- GONÇALVES DA CUNHA, A. 1942. *Contribuição para o estudo dos carófitos portugueses*. Lisboa.
- GONÇALVES DA CUNHA, A. 1943a. Additions à la flore Charologique du Portugal. II. *Bol. Soc. Port. Ci. Nat.*, 14 (19): 87-91.
- GONÇALVES DA CUNHA, A. 1943b. Additions à la flore Charologique du Portugal. III. *Bol. Soc. Port. Ci. Nat.*, 14 (29): 139-141.
- GONZÁLEZ, J.A., M. GARCÍA-BARRIUSO & F. AMICH. 2010. Ethnobotanical study of medicinal plants traditionally used in the Arribes del Duero, western Spain. *Journal of Ethnopharmacology* 131 (2010): 343-355. doi:10.1016/j.jep.2010.07.022.
- GONZÁLEZ, J.A., M. GARCÍA-BARRIUSO, R. RAMÍREZ-RODRÍGUEZ, S. BERNARDOS & F. AMICH. 2013. Plants used as fuel in the Arribes del Duero Natural Park (Salamanca-Zamora, Spain). *Botanica Complutensis* 37: 181-190. http://dx.doi.org/10.5209/rev_BOCM.2013.v37.42279. [Acedido em 9 de Outubro de 2014]
- GONZÁLEZ MARTÍNEZ, X.I. 2014. Nuevos datos sobre xenoflora en el término municipal de Ribeira (A Coruña) / New data on xenoflora in the municipality of Ribeira (A Coruña). *Nova Acta Científica Compostelana (Biología)*, 21: 65-76 (2014). ISSN 1130-9717.
- GONZALO, R., C. AEDO & M.Á. GARCÍA. 2013. Taxonomic Revision of the Eurasian *Stipa* Subsections *Stipa* and *Tirsa* (Poaceae). *Systematic Botany* 38 (2): 344-378. Published By: The American Society of Plant Taxonomists. URL: <http://www.bioone.org/doi/full/10.1600/036364413X666615>.
- GOOGLE. <http://www.google.pt>. [acedido 2010–2013–2015].
- GOULD S.B., R.F. WALLER & G.I. MCFADDEN. 2008. Plastid evolution. *Annu. Rev. Plant Biol.* 59: 491-517.

- GOVAERTS, R. 2001. How many species of seed plants are there? *Taxon* 50: 1085-1090.
- GOYDER, D.J. 2007a. Apocynaceae (Oleander and milkweed family). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 38-40.
- GRACE, O.M., R.R. KLOPPER, E. FIGUEIREDO & G.F. SMITH. 2011. *The Aloe names book*. *Strelitzia* vol. 28. SANBI – South Africa National Biodiversity Institute. Pretoria, 2011. 236 p.
- GRAU, J. & L. KLINGENBERG. 1993. *Biscutella* L. In CASTROVIEJO, S., C. AEDO, C. GÓMEZ CAMPO, M. LAÍNZ, P. MONTSERRAT, R. MORALES, F. MUÑOZ GARMENDIA, G. NIETO FELINER, E. RICO, S. TALAVERA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* IV: 293-311.
- GRAY, M.W. 1992. The endosymbiont hypothesis revisited. *Int. Rev. Cytol.* 141: 233-247.
- GREGOR, J.W. 1933. The ecotype concept in relation to the registration of crop plants. *Ann. appl. Biol.* 20: 205-219.
- GREUTER, W. 2002. Notices of publications. In *OPTIMA Newsletter / Informateur OPTIMA*. No. 36: 1-48, April 2002.
- GREUTER, W. 2013. Notices of publications. In *OPTIMA Newsletter*. No. 41 (1-2): 1-11 (1-27). July 2013.
- GREUTER, W. 2006–2009. *Compositae (pro parte majore)*. In GREUTER, W. & E. VON RAAB-STRAUBE (eds): *Compositae. Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*. <http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameId=14103&PTRefFk=7000000> [Acedido em 2010–2014].
- GREUTER, W., H.M. BURDET, W.G. CHALONER, V. DEMOULIN, R. GROLLE, D.L. HAWKSWORTH, D.H. NICOLSON, P.C. SILVA, F.A. STAFLEU, E.G. VOSS & J. MCNEILL (eds). 1988. *International Code of Botanical Nomenclature: Adopted by the Fourteenth International Botanical Congress, Berlin, July–August 1987*. Regnum Vegetabile 118. Königstein: Koeltz Scientific Books.
- GREUTER, W., F.R. BARRIE, H.M. BURDET, W.G. CHALONER, V. DEMOULIN, D.L. HAWKSWORTH, P.M. JØRGENSEN, D.H. NICOLSON, P.C. SILVA, P. TREHANE & J. MCNEILL (eds). 1994. *International Code of Botanical Nomenclature (Tokyo Code): Adopted by the Fifteenth International Botanical Congress, Yokohama, August–September 1993*. Regnum Vegetabile 131. Königstein: Koeltz Scientific Books.
- GREUTER, W., J. MCNEILL, F.R. BARRIE, H.M. BURDET, V. DEMOULIN, T.S. FILGUEIRAS, D.H. NICOLSON, P.C. SILVA, J.E. SKOG, P. TREHANE, N.J. TURLAND & D.L. HAWKSWORTH (eds). 2000. *International Code of Botanical Nomenclature (Saint Louis Code) adopted by the Sixteenth International Congress St Louis, Missouri, July–August 1999*. Regnum Vegetabile 138: 1-474. Königstein: Koeltz Scientific Books.
- GREUTER, W., H.M. BURDET & G. LONG (eds). 1984. *Med-Checklist*. A critical inventory of vascular plants of the circum-mediterranean countries. 1. *Pteridophyta* (ed. 2.). *Gymnospermae. Dicotyledones (Acanthaceae-Cneoraceae)*. Conservatoire et Jardin botaniques, Ville de Genève. Med-Checklist Trust of OPTIMA, Genève. c + 330 p.
- GREUTER, W., H.M. BURDET & G. LONG (eds). 1986. *Med-Checklist*. A critical inventory of vascular plants of the circum-mediterranean countries. 3. *Dicotyledones (Convolvulaceae-Labiatae)*. Conservatoire et Jardin botaniques, Ville de Genève. Med-Checklist Trust of OPTIMA, Genève. cxxix + 395 p.
- GREUTER, W., H.M. BURDET & G. LONG (eds). 1989. *Med-Checklist*. A critical inventory of vascular plants of the circum-mediterranean countries. 4. *Dicotyledones (Lauraceae-Rhamnaceae)*. Conservatoire et Jardin botaniques, Ville de Genève. Med-Checklist Trust of OPTIMA, Genève. cxxix + 458 p.
- GREUTER, W., H.M. BURDET & G. LONG (eds). 1984–1989. *Med-Checklist*. A critical inventory of vascular plants of the circum-mediterranean countries. <http://ww2.bgbm.org/mcl/>.

- GREUTER, W. & E. VON RAAB-STRAUBE (eds). 2008. *Med-Checklist*. A critical inventory of vascular plants of the circum-mediterranean countries. 2. *Dicotyledones (Compositae)*. Palermo, Genève & Berlin. cclxxxvii + 798 p.
- GREUTER, W., V. STIER & H.H. HILGER. 2014. (2280) Proposal to conserve the name *Omphalodes verna* against *Omphalodes omphaloides* (*Boraginaceae*). *Taxon* 63 (2): 435-436.
- GREY-WILSON, C. & V.A. MATTHEWS. 1980. *Tulipa* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 28-31.
- GRIFFITHS, D.J. 1970. The pyrenoid. *Bot. Rev.* 36 (1): 29-58.
- GRIN. Germplasm Resources Information Network. GRIN Taxonomy for Plants. United States Department of Agriculture. Agriculture Research Service, Beltsville Area. <http://www.ars-grin.gov/>.
- GRISLEY, G. 1661. *Viridarium lusitanum, in quo arborum fruticum et herbarum differentiae onomasti insertae, quas ager Ulyssiponensis ultra citaque Tagum ad trigesimum usque lapidem profert collectae per Gabrielem Grisley, chymiatrum et botanicum*. Antonius Craesbeeck, Ulissipone.
- GROVES, J. & G.R. BULLOCK-WEBSTER. 1920. *The British Charophyta*. Volume I. *Nitelleae*. With introduction, plates and text-figures. London. Printed for the Ray Society. London.
- GROVES, J. & G.R. BULLOCK-WEBSTER. 1924. *The British Charophyta*. Volume II. *Chareae*. With introduction, plates and text-figures. London. Printed for the Ray Society. London.
- GRUBE, M., M. CARDINALE, J. VIEIRA DE CASTRO JR, H. MÜLLER and G. BERG. 2009. Species-specific structural and functional diversity of bacterial communities in lichen symbioses. *The ISME Journal* (2009) 3: 1105-1115. doi:10.1038/ismej.2009.63; published online 25 June 2009.
- GÜEMES, J. 2009. *Antirrhinum* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); C. BENEDÍ, E. RICO, J. GÜEMES & A. HERRERO (eds), *Flora iberica* XIII: 134-166.
- GÜEMES, J. 2009a. *Cymbalaria* Hill. In CASTROVIEJO, S. (coord.); C. BENEDÍ, E. RICO, J. GÜEMES & A. HERRERO (eds), *Flora iberica* XIII: 210-215.
- GÜEMES, J. 2013a. *Lilium* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds), *Flora Iberica*. XX: 10-15.
- GÜEMES, J. 2013b. *Fritillaria* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds), *Flora Iberica*. XX: 15-22.
- GUILLÉN, A. & E. RICO. 1998. *Potentilla* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); F. MUÑOZ GARMENDIA & C. NAVARRO (eds), *Flora iberica* VI: 96-140.
- GUIMARÃES, J. DE ASCENSÃO. 1887. Orchideographia portugueza. *Boletim da Sociedade Broteriana* V: 17-84.
- GUIRY, M. 2014. In M.D. GUIRY & G.M. GUIRY. AlgaeBase. World-wide electronic publication, National University of Ireland, Galway. <http://www.algaebase.org/>; serched on 30 May 2014. [Acedido em 30 de Maio de 2014]
- GUIRY, M.D. 2014b. In M.D. GUIRY & G.M. GUIRY. AlgaeBase. World-wide electronic publication, National University of Ireland, Galway. <http://www.algaebase.org/>; serched on 16 June 2014. [Acedido em 16 de Junho de 2014]
- GUIRY, M.D. & G.M. GUIRY. 2010. AlgaeBase. World-wide electronic publication, National University of Ireland, Galway. <http://www.algaebase.org/>; accessed on 13 October 2010. [Acedido em 28 de Maio de 2014]
- HACKEL, E. 1880. *Catalogue Raisonné des Graminées du Portugal*. Coimbra. 34 p.

- HAECKEL, E.H.P.A. 1866. *Generelle Morphologie der Organismen*. Allgemeine Grundzüge der organischen Formen-Wissenschaft, mechanische Begründet durch die von Charles Darwin reformirte Descendenz-Theorie. Volume I. Allgemeine Anatomie der Organismen. 32 + 574 p. Volume II: Allgemeine Entwicklungsgeschichte der Organismen. 140 + 462 p. Georg Reimer. Berlin.
- HAGEN, J.B. 2012. Five Kingdoms, More or Less: Robert Whittaker and the Broad Classification of Organisms. *BioScience* 62 (1): 67-74. (January 2012). doi:10.1525/bio.2012.62.1.11.
- HAMILTON, A.P. 1980. *Gladiolus* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 101-102.
- HAMLET, E.H. & V.A. MATTHEWS. 1986. *Dianella* Lamarck. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 127.
- HAND, R. 2011. *Apiaceae*. – In *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameId=106829&PTRefFk=7500000> [Acedido 2011–2013].
- HÄNSEL, W. 1997. Die Gelbwurzel – *Curcuma domestica* Val., *Curcuma xanthorrhiza* Roxb. Portrait zweier Arzneiplanzen. *Zeitschrift für Phytotherapie* 18: 297-306.
- HANSEN, A. 1980. *Sporobolus* R. Br. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 257-258.
- HARALDSON, K. 1978. Anatomy and taxonomy in Polygonaceae subfam. Polygonoideae Meisn. emend. Jaretsky. *Symbolae Botanicae Upsalienses* 22: 1-95.
- HARDION, L., R. VERLAQUE, A. FRIEDLENDER, B. ZEHZAD & B. VILA. 2013. *Phragmites australis* (Cav.) Trin. ex Steud. In MARHOLD, K. (ed.). IAPT/IOPB chromosome data 15. *Taxon* 62 (5): 1075. October 2013.
- HARLEY, R.M. 1972. *Mentha* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* III: 183-186.
- HEATHCOTE, S.A. 1980. *Secale* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 203-204.
- HÉBANT, C. 1977. *The conducting tissues of bryophytes*. J. Cramer. Vaduz, Liechtenstein.
- HEDGE, I.C. 1965. *Aethionema* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by J. CULLEN & M.J.E. COODE. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 1: 314-330.
- HEMPEL, W. 2009. *Melica*. In: VALDÉS, B & H. SCHOLZ; with contributions from E. VON RAAB-STRAUBE & G. PAROLLY. 2009. *Poaceae (pro parte majore)*. In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Melica&PTRefFk=7100000>. [Acedido em V.2013; III.2014]
- HENG, L. & P.C. BOYCE. 2010a. *Epipremnum* Schott, Bonplandia (Hannover) 5: 45. 1857. In AL-SHEHBAZ, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors). 2010. *Flora of China* 23: 22–23.
- HENG, L. & P.C. BOYCE. 2010b. *Aglaonema* Schott, Wiener Z. Kunst 1829: 892. 1829. In AL-SHEHBAZ, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors). 2010. *Flora of China* 23: 22–23.

- HENG, L., Z. GUANGHUA & J. BOGNER. 2010. Acoraceae. In AL-SHEHBAB, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors), *Flora of China* vol. 23: 1-2.
- HENG, L., Z. GUANGHUA & J. MURATA. 2010. *Arisaema* Martius, Flora 14: 459. 1831. In AL-SHEHBAB, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors). 2010. *Flora of China* 23: 43–69.
- HENG, L. & W.L.A. HETTERSCHEID. 2010. *Amorphophallus* Blume ex Decaisne, Nouv. Ann. Mus. Hist. Nat. 3: 366. 1834, nom. cons. In AL-SHEHBAB, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors). 2010. *Flora of China* 23: 23–33.
- HENRIQUES, J.A. 1876. *O Jardim Botânico da Universidade de Coimbra*. Coimbra. Imprensa da Universidade. 54 p.
- HENRIQUES, J.A. 1885. Apontamentos para o estudo da flora transmontana. Vegetação da serra do Marão. *Boletim da Sociedade Broteriana* 3: 38-47 (1884).
- HENRIQUES, J.A. 1886a. Uma excursão botânica na serra do Caramulo. *Boletim da Sociedade Broteriana* 4: 113-123.
- HENRIQUES, J.A. 1886b. Flora lusitânica exsiccata. *Boletim da Sociedade Broteriana* 4: 124-128.
- HENRIQUES, J.A. 1886c. Hepáticas colhidas em Portugal. *Boletim da Sociedade Broteriana* 4: 234-149.
- HENRIQUES, J.A. 1887. Amaryllideas de Portugal. Contribuição para o estudo da flora portuguesa. *Boletim da Sociedade Broteriana* 5: 159-174.
- HENRIQUES, J.A. 1887b. Catalogo da Flora da Ilha de S. Thomé. Contribuições para o estudo da Flora d’Africa. *Boletim da Sociedade Broteriana* 5: 196-232.
- HENRIQUES, J.A. 1888. Additamento ao catalogo das Amaryllideas de Portugal. *Boletim da Sociedade Broteriana* 6: 45-47.
- HENRIQUES, J.A. 1889. Exploração em Portugal por Tournefort. *Boletim da Sociedade Broteriana* 7: 191-262.
- HENRIQUES, J.A. 1889b. Os musgos. Catalogo dos musgos encontrados em Portugal. *Boletim da Sociedade Broteriana* 7: 181-223.
- HENRIQUES, J.A. 1891. Notas phaenologicas. I. Observações dos phenomenos periodicos dos vegetaes feitas no Jardim Botanico de Coimbra [Altitude 89 m] nos annos de 1889–1891. II. O inverno de 1890 e a vegetação em Coimbra. *Boletim da Sociedade Broteriana* 9: 129-134.
- HENRIQUES, J.A. 1899. O Jardim Botanico da Universidade de Coimbra no anno lectivo de 1898-1899. *Boletim da Sociedade Broteriana* 16: 226-227.
- HENRIQUES, J.A. 1901. De Macieira até Castro Daire. *Boletim da Sociedade Broteriana* 18: 163-172.
- HENRIQUES, J.A. 1905. Subsídio para o conhecimento da flora portuguesa. Gramineas (*Gramineae*). *Boletim da Sociedade Broteriana* 20: II-XV; 1-183.
- HEYWOOD, V.H. (ed.). 1978. *Flowering Plant Families of the World*. Mayflower Books. New York.

- HEYWOOD, V.H. 1980a. *Hyacinthoides* Medicus (*Endymion* Dumort.). In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds.), *Flora Europaea* 5: 43-44.
- HEYWOOD, V.H. 1980b. *Dipcadi* Medicus. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds.), *Flora Europaea* V: 46.
- HEYWOOD, V.H. 1980c. *Tamus* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds.), *Flora Europaea* V: 85.
- HEYWOOD, V.H. 1980d. *Bellevalia* Lapeyr. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds.), *Flora Europaea* V: 44-45.
- HEYWOOD, V.H. 1980e. *Brimeura* Salisbury In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds.), *Flora Europaea* V: 44.
- HEYWOOD, V.H. 1980f. *Veratrum* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds.), *Flora Europaea* V: 16-17.
- HEYWOOD, V.H. 2007. *Preface*. In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 7.
- HEYWOOD, V.H. 2007a. *Apiaceae* (*Umbelliferae*) (Carrot family). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 35-38.
- HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG. 2007. *Flowering Plant Families of the World*. Royal Botanic Gardens, Kew. 424 p.
- HEYWOOD, V.H. & A. REGUEIRO. 1980. *Hyacinthus* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds.), *Flora Europaea* V: 44.
- HEYWOOD, V.H. & I.B.K. RICHARDSON. 1972. *Acanthus* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds.), *Flora Europaea* 3: 283-284.
- HIERMANN, A. & M. WRITZEL. 1998. Antiphlogistic glycopeptide from the roots of *Symphytum officinale*. *Pharmaceutical and Pharmacological Letters* 8: 154-157.
- HIND, D.J.N. 2007. *Asteraceae* (*Compositae*) (Sunflower family). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 45-52.
- HJELLE, K.L., A.K. HUFTHAMMER & K.A. BERGSEVIK. 2006. Hesitant hunters: a review of the introduction of agriculture in western Norway. *Environmental Archaeology* 11 (2): 147-170. doi: 10.1179/174963106x123188.
- HOFFMANN, P. 2007. *Euphorbiaceae* (Spurge family). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 144-146.
- HOLUB, J. 1980a. *Helictotrichon* Besser. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds.), *Flora Europaea* V: 208-210.
- HOLUB, J. 1980b. *Pseudarrhenatherum* Rouy. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds.), *Flora Europaea* V: 217.
- HOLUB, J. 1980c. *Avenula* (Dumort.) Dumort. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds.), *Flora Europaea* V: 210-216.
- HONG, D. & R.A. DEFILIPPS. 2000. *Commelinaceae*. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 24: 19-39.
- HONNEGER, R. 1991. Fungal evolution: symbiosis and morphogenesis. In MARGULIS, L. & R. FESTER (eds), *Symbiosis as a Source of Evolutionary Innovation*: 319-340. Cambridge, MA, USA: The MIT Press.

- HONRADO, J.J. 2003. *Flora e vegetação do Parque Nacional da Peneda-Gerês*. Dissertação de candidatura ao grau de Doutor em Biologia apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Departamento de Botânica. Porto, Junho de 2003. 745 p.
- HONRADO, J.J., F. BARRETO CALDAS, Í. PULGAR & S. ORTIZ NÚÑEZ. 2002. Aspectos geobotânicos do Parque Nacional da Peneda-Gerês. *Quercetea* 3: 65-80 (2001). ALFA, Lisboa. Portugal.
- HONRADO, J., Â. LOMBA, P. ALVES, J. TORRES, A. SÉNECA, C. VIEIRA, H. HESPAÑHOL & F. BARRETO CALDAS. Anexo B. – Flora. In ANDRESEN, T. (Coord.); A. GONÇALVES, A. SANTIAGO, A. SÉNECA, C. SOARES, C. VIEIRA, D. ALMEIDA, E. SILVA, F. BARRETO CALDAS, H. HESPAÑHOL, J. BENTO, J. HONRADO, J. TORRES, J.A. GONÇALVES, J.C. BRITO, L. GUEDES DE CARVALHO, M.J. AMADO PEREIRA, M.J. CURADO, M. AFONSO, N. FERRAND DE ALMEIDA, P. ALEXANDRINO, P. ALVES, P. FARINHA MARQUES & V. SILVA. 2004. *Estrutura Ecológica da Área Metropolitana do Porto*. ICETA – Instituto das Ciências e Tecnologias Agrárias e Agro-alimentares. Porto, 2004. 249 p.
- HORN, K., I.M. PARKER, W. MALEK, S. RODRÍGUEZ-ECHEVERRÍA & M.A. PARKER. 2014. Disparate origins of *Bradyrhizobium* symbionts for invasive populations of *Cytisus scoparius* (Leguminosae) in North America. Research Article. *FEMS Microbiol. Ecol.* (2014): 1-10. © Federation of European Microbiological Societies. Published by John Wiley & Sons Ltd.
- HUBBARD, C.E. 1992. *Grasses. A guide to their Structure, Identification, Uses and Distribution in the British Isles*. Third Edition. Revised by J.C.E. HUBBARD. With illustrations mainly by Joan SAMPSON. Penguin Books. 476 p.
- HUBER-MORATH, A. 1975. *Achillea* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by V.A. MATTHEWS, F.K. KUPICHA & B.S. PARRIS. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 5: 224-252.
- HUBER-MORATH, A. 1978. *Verbascum* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by J.R. EDMONDSON, R.R. MILL & B.S. PARRIS. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 6: 461-603.
- HUBER-MORATH, A. 1982. *Phlomis* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by J.R. EDMONDSON, R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 7: 102-126.
- HUDAIB, M., E. SPERONI, A. DI PIETRA & V. CAVRINI. 2002. GC/MS evaluation of thyme (*Thymus vulgaris* L.) oil composition and variations during the vegetative cycle. *J. Pharm. Biomed. Anal.* 29: 691-700.
- HUGHES, C.E., B.T. STYLES. 1989. Benefits and risks of woody legume introductions. *Syst. Bot. Monogr.* 29: 505-531.
- HUGHES, W.E. & G. HALLIDAY. 1980. *Puccinellia* Parl. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 167-169.
- HUMPHRIES, C.J. 1980a. *Triticum* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 202-203.
- HUMPHRIES, C.J. 1980b. *Hordeum* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 204-205.
- HUMPHRIES, C.J. 1980c. *Koeleria* Pers. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 218-220.
- HUMPHRIES, C.J. 1980d. *Lolium* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 153-154.
- HUMPHRIES, C.J. 1980e. *Phleum* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 239-241.
- HUMPHRIES, C.J., J.R. PRESS & D.A. SUTTON. 1981. *The Hamlyn Guide to Trees of Britain and Europe*. Hamlyn.

- HUMPHRIES, C.J., J.R. PRESS & D.A. SUTTON. 1996. *Árvores de Portugal e Europa*. Edição Portuguesa da obra “Country life Guide to Trees of Britain and Europe” por The Hamlyn Publishing Group Company (1992). FAPAS, Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens e Câmara Municipal do Porto.
- HUNT, D.R. 1984a. *Commelina* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). 1984. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 26.
- HUNT, D.R. 1984b. *Tinantia* Scheidweiler. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). 1984. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 26-27.
- HUNT, D.R. 1984c. *Callisia* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). 1984. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 28-29.
- HUNT, D.R. 1984d. *Cyanotis* D. Don. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). 1984. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 28.
- HUNT, D.R. 1984e. *Tradescantia* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). 1984. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 30-31.
- HUXLEY, A. (Editor-in-Chief), M. GRIFFITHS (Editor) & M. LEVY (Managing Editor). 1999a. *The New Royal Horticulture Society Dictionary of Gardening*. Four volumes. 1: A to C. 815 p.
- HUXLEY, A. (Editor-in-Chief), M. GRIFFITHS (Editor) & M. LEVY (Managing Editor). 1999b. *The New Royal Horticulture Society Dictionary of Gardening*. Four volumes. 2: D to J. 747 p.
- HUXLEY, A. (Editor-in-Chief), M. GRIFFITHS (Editor) & M. LEVY (Managing Editor). 1999c. *The New Royal Horticulture Society Dictionary of Gardening*. Four volumes. 3: K to Q. 790 p.
- HUXLEY, A. (Editor-in-Chief), M. GRIFFITHS (Editor) & M. LEVY (Managing Editor). 1999d. *The New Royal Horticulture Society Dictionary of Gardening*. Four volumes. Volume 4: R to Z. 888 p.
- ICN. 2006a. Plano Sectorial da Rede Natura 2000. Flora. Instituto da Conservação da Natureza. Janeiro 2006. http://www.icn.pt/psrn2000/caracterizacao_valores_naturais/flora/Festuca%20elegans.pdf.
- ICN. 2006b. Plano Sectorial da Rede Natura 2000. Flora. Instituto da Conservação da Natureza. Janeiro 2006. http://www.icn.pt/psrn2000/caracterizacao_valores_naturais/flora/Woodwardia%20radicans.pdf.
- ICN. 2006c. Plano Sectorial da Rede Natura 2000. Flora. Instituto da Conservação da Natureza. Janeiro 2006. http://www.icn.pt/psrn2000/caracterizacao_valores_naturais/flora/Narcissus%20cyclamineus.pdf.
- ICN. 2006d. Plano Sectorial da Rede Natura 2000. Flora. Instituto da Conservação da Natureza. Janeiro 2006. http://www.icn.pt/psrn2000/caracterizacao_valores_naturais/flora/Narcissus%20asturiensis.pdf.
- ICNB. (S/data). Plano Sectorial da Rede Natura 2000. Habitats naturais. 3140. Águas oligo-mesotróficas calcárias com vegetação bëntica de *Chara* spp. Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade. 4 p. <http://www.icnf.pt/portal/naturalclas/rn2000/resource/rn-plan-set/hab/hab-3140>. [Acedido em 8 de Maio de 2014].

- ICNB. (S/data)b. Plano Sectorial da Rede Natura 2000. Flora. Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade. *Armeria pseudarmeria*. Cravo-romano.
<http://www.icnf.pt/portal/naturclas/rn2000/resource/rn-plan-set/flora/a-pseudarmeria/view>.
 [Acedido em 14 de Maio de 2014].
- IETSWAART, J.H. 1982. *Origanum* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by J.R. EDMONDSON, R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 7: 297-313.
- ILDIS. 2010. *Fabaceae* Lindl. ILDIS World Database of Legumes. (copyright © ILDIS) International Legume Database and Information Service.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameId=22682&PTRefFk=740000> [Acedido 2010–2013].
- INDEX NOMINUM ALGARUM. 1996–. *Index Nominum Algarum*, University Herbarium, University of California, Berkeley. Compiled by Paul SILVA. Available online at <http://ucjeps.berkeley.edu/CPD/>.
 [Acedido em Maio e Junho de 2014]
- INDEX SEMINUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT. 1959. Instituto Botânico da Universidade de Coimbra. Portugal.
- INDEX SEMINUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT. 1991. [*Butia eriospatha* (Mart.) Becc. (BRASIL) in *Horto Botanico*]. *Horto Botanico*. Departamento de Botânica. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade de Coimbra [1290 – 1990]. 26 p.
- INDEX SEMINUM ET SPORARUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT. 1992. *Hortus Botanicus*. Departamento de Botânica. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade de Coimbra. Portugal. 32 p.
- INDEX SEMINUM ET SPORARUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT. 1999. *Hortus Botanicus*. Departamento de Botânica. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade de Coimbra. Portugal. 44 p.
- INDEX SEMINUM ET SPORARUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT. 2002. *Hortus Botanicus*. Departamento de Botânica. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade de Coimbra. Portugal. 52 p.
- INDEX SEMINUM ET SPORARUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT. 2003. Departamento de Botânica. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade de Coimbra. Portugal. 48 p.
- INDEX SEMINUM ET SPORARUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT. 2004. Departamento de Botânica. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade de Coimbra. Portugal. 56 p.
- INDEX SEMINUM ET SPORARUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT. 2008. [1868 – 2008]. *Hortus Botanicus*. Departamento de Botânica. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade de Coimbra. Portugal. 52 p.
- INDEX SEMINUM ET SPORARUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT. 2009. *Hortus Botanicus*. Departamento de Botânica. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade de Coimbra. Portugal. 52 p.
- INDEX SEMINUM ET SPORARUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT. 2010. *Hortus Botanicus*. Departamento de Botânica. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade de Coimbra. Portugal. 52 p.
- INDEX SEMINUM ET SPORARUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT. 2011. *Hortus Botanicus*. Universidade de Coimbra. Portugal. 52 p.

- INDEX SEMINUM ET SPORARUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT. 2012. *Hortus Botanicus*. Universidade de Coimbra. Portugal. 48 p.
- INDEX SEMINUM ET SPORARUM QUAE HORTUS BOTANICUS CONIMBRIGENSIS PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT. 2013. *Hortus Botanicus*. Universidade de Coimbra. Portugal. 44 p.
- INDEX SEMINUM PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT. MMIII. [2003]. 13. Banco de Sementes [da Secção de Fitoecologia e Herbologia] do Departamento de Protecção de Plantas e de Fitoecologia do Instituto Superior de Agronomia. 8 p.
- INDEX SEMINUM QUÆ HORTUS BOTANICUS UNIVERSITATIS PORTUCALENSIS POR MUTUA COMMUTATIONE OFFERT. 2005. *Hortus Botanicus Universitatis Portucalensis*. Porto. 20 p.
- INDEX SEMINUM QUAE STATIO AGRONOMICA NATIONALIS LUSITANIAE PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT. 1995. *Complentur quinquaginta anni postquam in lucem primum producta est INDEX SEMINUM QUAE STATIO AGRONOMICA NATIONALIS LUSITANIAE PRO MUTUA COMMUTATIONE OFFERT, anno milesimo nongentesimo tricesimo nono ab A. R. PINTO DA SILVA instituta et ab ipso constanter diutius quadraginta annis edita*. Estação Agronómica Nacional. Oeiras, Portugal.
- INDICES SEMINUM. 2003. *Indices Seminum* 2003, 22 fascículos, incluindo uma introdução. Asociación Ibero-Macaronésica de Jardines Botánicos. Edita: Real Jardín Botánico Juan Carlos I. ISSN: 1134-3482.
- INFANTE, M. 2000. Las hepáticas y antocerotas (*Marchantiophyta* y *Anthocerotophyta*) en la Comunidad Autónoma del País Vasco. *Guineana* 6: 1-345.
- IK. *Index Kewensis*. In IPNI, “*The International Plant Names Index*”. <http://ipni.org>.
- IPNI. *The International Plant Names Index*. © Copyright 2004 International Plant Names Index. <http://ipni.org>. [Acedido 2009-2015]
- ISA. INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA. Lisboa. <http://www.isa.utl.pt/home/node/906>. [Acedido em 2013].
- ITIS. *Integrated Taxonomic Information System*. Smithsonian Institution. Washington, DC. <http://www.itis.gov/>. [Acedido em 2010–2015]
- IVANOVA, T., C. GUSSEV, Y. BOSSEVA & T. STOEVA. 2011. *In vitro* conservation of micro-propagated *Ruscus aculeatus* (Liliaceae) plants. *Botanica Serbica* 35 (1): 61-66.
- JACKSON, B. DAYDON. 1923. *Linnaeus (Afterwards Carl von Linné)*. Adapted and revised from the Linnaeus biography in Swedish by THEODOR MAGNUS FRIES. H.F. & G. Witherby, London.
- JACOBS, S.W.L. & J. EVERETT. 1996. *Austrostipa*, a new genus, and new names for Australasian species formerly included in *Stipa* (Gramineae). *Telopea* 6 (4): 579-595. 1 July 1996. dx.doi.org/10.7751/telepea19963026.
- JAFARI, A. & A.A. MAASSOUMI. 2011. Synopsis of *Leopoldia*, *Muscari* and *Pseudomuscari* (Hyacinthaceae) in Iran, with *Leopoldia ghouschtchiensis* sp. nova. *Ann. Bot. Fennici* 48: 396-400. Helsinki 31 October 2011.
- JAIN, S.K. 1975. Genetic reserves. In FRANKEL, O.H. & J.G. HAWKES (eds). *Crop Genetic Resources for Today and Tomorrow*: 279-396. Cambridge University Press, Cambridge, UK.
- JALAS, J. 1972. *Thymus* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* III: 172-182.
- JANSEN, J. 1997. A survey of habitats and species occurring in the Parque Natural da Serra da Estrela. Final report for the NATURA 2000 project. Working document version.pdf 136 p. [Acedido em 17.X.2013].
- JANSEN, J. 2001. *In memoriam* Victor Westhoff (1916-2001). Notas do Herbário da Estação Florestal Nacional (LISFA): Fasc. XIII. *Silva Lusitana* 9 (1): 123-124.

- JANSEN, J. 2002. *Guia geobotânico da Serra da Estrela*. [Geobotanical guide of the Serra da Estrela]. Tradução e revisão de A.L.S.H. COELHO & J. HONRADO. Parque Natural da Serra da Estrela. Instituto da Conservação da Natureza. Lisboa. 276 p.
- JANSEN, J. 2011. *Managing Natura 2000 in a changing world. The example of the Serra da Estrela (Portugal)*. PhD thesis, Radboud University Nijmegen. 284 p.
- JANSEN, J. & M. MENEZES DE SEQUEIRA. 1999. The vegetation of shallow waters and seasonally inundated habitats (*Littorelletea* and *Isoëto-Nanojuncetea*) in the higher parts of the Serra da Estrela, Portugal. *Mitteilungen des Badischen Landesvereins für Naturkunde und Naturschutz*, N.F. 17 (2): 449-462.
- JANSEN, J., H.C.M. DEN NIJS & J.A.R. PAIVA. 2000. Some notes on *Vaccinium uliginosum* L. subsp. *gaultherioides* (Bigelow) Young, a new species to the flora of Portugal. *Portug. Acta Biologica* 19: 177-186.
- JARDIM, R. & D. FRANCISCO. 2000. Flora endémica da Madeira. Múchia Publicações. 342 p.
- JEANMONOD, D. & J. GAMISANS. 2007. *Flora Corsica*. Édisud. 921 + CXXIV p.
- JERMY, A.C. 1980a. *Eriophorum* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 280-281.
- JIMÉNEZ-MEJÍAS, P. & M. LUCEÑO. 2011. *Cyperaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*. <http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Cyperaceae&PTRefFk=7400000> [Acedido 2011–2013].
- JIMÉNEZ-MEJÍAS, P. & M. LUCEÑO. 2007. *Eleocharis* R. Br. In CASTROVIEJO, S. (coord.); CASTROVIEJO, S., M. LUCEÑO, A. GALÁN, P. JIMÉNEZ MEJÍAS, F. CABEZAS & L. MEDINA (eds), *Flora iberica* XVIII: 75-91.
- JONSELL, B. 1980a. *Trisetum* Pers. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 220-224.
- JONSELL, B. 1980b. *Lophochloa* Reichenb. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 220.
- JORGE, A., J. LOUREIRO & S. CASTRO. 2014. Flower biology and breeding system of *Salvia sclareoides* Brot. (Lamiaceae). *Plant Syst. Evol.* (2014). Published online: 11 November 2014. DOI 10.1007/s00606-014-1169-7.
- JORGE, J.C., M. MOURA, A.I. NETO, R. GABRIEL, J.P. CONSTÂNCIA & L. SILVA. 2011. *Catálogo da Exposição À Descoberta da História Botânica dos Açores*. © 2011, CIBIO Açores – Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos, Departamento de Biologia, Universidade dos Açores. ISBN 978-989-97865-0-9. 72 p.
- JOVET-AST, S. 1986. Les *Riccia* de la région méditerranéenne. *Cryptog. Bryol. Lichénol.* 7 (Supp.): 287-431.
- JURY, S.L. 2002a. *Selaginellaceae*. In VALDÉS, B., M. REJDALI, A. ACHHAL EL KADMIRI, S.L. JURY & J.M. MONTSERRAT (eds). 2002. *Catalogue des Plantes Vasculaires du Nord du Maroc, incluant des clés d'identification / Checklist of Vascular Plants of N Morocco with identification keys*. Volume I: 59.
- JURY, S.L. 2002b. *Equisetaceae*. In VALDÉS, B., M. REJDALI, A. ACHHAL EL KADMIRI, S.L. JURY & J.M. MONTSERRAT (eds). 2002. *Catalogue des Plantes Vasculaires du Nord du Maroc, incluant des clés d'identification / Checklist of Vascular Plants of N Morocco with identification keys*. Volume I: 60.
- JURY, S.L. 2002c. *Osmundaceae*. In VALDÉS, B., M. REJDALI, A. ACHHAL EL KADMIRI, S.L. JURY & J.M. MONTSERRAT (eds). 2002. *Catalogue des Plantes Vasculaires du Nord du Maroc, incluant des clés d'identification / Checklist of Vascular Plants of N Morocco with identification keys*. Volume I: 61.

- JURY, S.L. 2003a. *Torilis* Adans. In CASTROVIEJO, S. (coord.); G. NIETO FELINER, S.L. JURY & A. HERRERO (eds), *Flora iberica* X: 84-92.
- JURY, S.L. 2003b. *Physospermum* Cusson ex Juss. In CASTROVIEJO, S. (coord.); G. NIETO FELINER, S.L. JURY & A. HERRERO (eds), *Flora iberica* X: 146-148.
- JURY, S. 2009a. *Adoxaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Adoxaceae&PTRefFk=7500000>
 [Acedido 2011–2013].
- JURY, S. 2009b. *Begoniaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameId=47247&PTRefFk=7500000> [Acedido em 2013].
- JURY, S. 2009c. *Casuarinaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Casuarinaceae&PTRefFk=7500000>
 [Acedido 2011–2013].
- JURY, S. 2009d. *Cneoraceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameId=18413&PTRefFk=7500000> [Acedido em 2013].
- JURY, S. 2009e. *Cynomoriaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Cynomoriaceae&PTRefFk=7500000>
 [Acedido em 2013].
- JURY, S. 2009f. *Datisceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameId=19036&PTRefFk=7500000> [Acedido em 2013].
- JURY, S. 2009g. *Droseraceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Droseraceae&PTRefFk=7500000>
 [Acedido em 2013].
- JURY, S. 2009h. *Gesneriaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Gesneriaceae&PTRefFk=7500000>
 [Acedido em 2013].
- JURY, S. 2009i. *Hamamelidaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameId=100259&PTRefFk=7500000> [Acedido em 2013].
- JURY, S. 2009j. *Magnoliaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameId=25283&PTRefFk=7500000> [Acedido em 2013].
- JURY, S. 2009k. *Meliaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameId=25962&PTRefFk=7500000> [Acedido em 2013].

- JURY, S. 2009l. *Menispermaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameId=106829&PTrRefFk=7500000> [Acedido em 2013].
- JURY, S. 2009m. *Pedaliaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Pedaliaceae&PTrRefFk=7500000> [Acedido em 2013].
- JURY, S. 2009n. *Simaroubaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameId=34520&PTrRefFk=7500000> [Acedido em 2013].
- JURY, S.L. 2013. Lichens collected during the fifth “Iter Mediterraneum” in Morocco, 8-27 June, 1992. *Bocconea* 26: 145-149.
- KADEREIT, J.W. (ed.). 2004. *The Families and Genera of Vascular Plants*. VII. *Flowering plants. Dicotyledons: Lamiales, (except Acanthaceae, including Avicenniaceae)*. Berlin: Springer-Verlag. 60 fig. + ix + 478 p.
- KEELING, P.J. 2004. Diversity and evolutionary history of plastids and their hosts. *American Journal of Botany* 91 (10): 1481-1493.
- KELL, S.P., N. MAXTED, B.V. FORD-LLOYD, C. HILTON-TAYLOR, C. POLLOCK & W. STRAHM. 2004. *Crop Wild Relatives: A Vital Resource for a Sustainable Future*. Poster presentation given at the IUCN World Conservation Congress, Bangkok, Thailand, November 2004. Available at: http://www.pgrforum.org/Documents/Poster_presentations/WCC_2004.pdf. [Acedido em III.2006].
- KENNEDY, H. 2000. *Marantaceae* Petersen in Engler & Prantl, Arrowroot or Prayer-plant Family, maranta. In *FLORA OF NORTH AMERICA EDITORIAL COMMITTEE (eds). Flora of North America North of Mexico*. vol. 22. [Online 6/1/2003] [Acedido em 15 de Abril de 2014].
- KIM, S.-T. & M.J. DONOGHUE. 2008. Molecular phylogeny of *Persicaria* (Persicariae, Polygonaceae). *Systematic Botany* 33 (1): 77-86.
- KING, C.J. 1986a. *Camassia* Lindley. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 215-216.
- KING, C.J. 1986b. *Massonia* Houttuyn. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 229-230.
- KING, C.J. 1986c. *Agapanthus* L'Héritier. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 230-232.
- KING, C.J. 1986d. *Tulbaghia* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 232-233.
- KING, C.J. 1986e. *Dioscorea* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 330-331.

- KING, C.J. 1986f. *Eucomis* L'Héritier. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 218-219.
- KING, C.J. 1986g. *Galtonia* Decaisne. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 229.
- KING, C.J. 1997a. *Limnanthes* R. Brown. In CULLEN, J., J.C.M. ALEXANDER, C.D. BRICKELL, J.R. EDMONDSON, P.S. GREEN, V.H. HEYWOOD, P.-M. JÖRGENSEN, S.L. JURY, S.G. KNEES, V.A. MATTHEWS, H.S. MAXWELL, D.M. MILLER, E.C. NELSON, N.K.B. ROBSON, S.M. WALTERS & P.F. YEO (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume V: 17.
- KIRSCHNER, J., H. BALSLEV, A. ČEŠKA, J. COFFEY SWAB, E. EDGAR, K. GARCIA-HERRAN, L. HÄMET-AHTI, Z. KAPLAN, L.J. NOVARA, V.S. NOVIKOV & A. WILTON. 2002. *Juncaceae 1: Rostkovia to Luzula*. In ORCHARD, A.E., J. BLEYERVEEN, A.J.G. WILSON & B. KULCHMAYR (eds), *Species plantarum: Flora of the World*. Part 6: 1-237. Compiled by Jan KIRSCHNER. Australian Biological Resources Study, Canberra.
- KIRSCHNER, J., J. ŠTEPÁNEK & W. GREUTER. 2007-2009. *Taraxacum* – In GREUTER, W. & E. VON RAAB-STRAUBE (eds): *Compositae. Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Taraxacum&PTRefFk=7700000>
 [Acedido 2010–2013].
- KIT TAN. 1982a. *Daphne* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by J.R. EDMONDSON, R.R. MILL & K. TAN., *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 7: 521-526.
- KIT TAN. 1982b. *Thymelaea* L. DAVIS, P.H. (ed.); assisted by J.R. EDMONDSON, R.R. MILL & K. TAN. 1982. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 7: 527-531.
- KIT TAN. 1984a. *Tamus* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 552-554.
- KIT TAN. 1984b. *Commelina* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 554-555.
- KIT TAN. 1985a. *Crypsis* Aiton, nom. conserv. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 582-587.
- KIT TAN. 1985b. *Triticum* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 245-255.
- KIT TAN. 1985c. *Parapholis* C.E. Hubbard. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 519-522.
- KIT TAN. 1985d. *Secale* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 255-260.
- KIT TAN. 1985e. *Isolepis* R. Br. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 54-55.
- KIT TAN. 1985f. *Scirpus* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 61-62.
- KIT TAN. 1985g. *Fimbristylis* Vahl. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 45-47.
- KIT TAN & A. OTENG-YEBOAH. 1985a. *Schoenoplectus* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 55-61.

- KIT TAN & A. OTENG-YEBOAH. 1985b. *Scirpoides* Séguier. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 64-66.
- KIT TAN & A. OTENG-YEBOAH. 1985c. *Fuirena* Rottb. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 66-67.
- KLAAS, C.A., G. WAGNER, S. LAUFER, S. SOSA, R. DELLA LOGIA, U. BOMME, H.L. PAHL & I. MERFORT. 2002. Studies on the anti-inflammatory activity of phytopharmaceuticals prepared from *Arnica* flowers. *Planta Med.* 68 (5): 385-391.
- KLOPPER, R.R., G.F. SMITH & A.E. VAN WYK. 2013. (2129) Proposal to conserve the family name *Asphodeaceae* (Spermatophyta: Magnoliidae: Asparagales). *Taxon* 62 (2): 402-403. April 2013.
- KNEES, S.G. 1986a. *Chlorophytum* Ker Gawler. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 132.
- KNEES, S.G. 1986b. *Aspidistra* Ker Gawler. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 250-251.
- KNEES, S.G. & P.G. BARNES. 1986. *Scilla* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 211-213.
- KOLLMANN, P. 1984. *Allium* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & KIT TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 98-211.
- KOMÁREK, J. & K. ANAGNOSTIDIS. 1999. Cyanoprokaryota: 1. Teil/1st Part: Chroococcales. I. In Ettl, H, G. GÄRTNER, H. HEYNIG & D. MOLLENHAUER (eds), *Süßwasserflora von Mitteleuropa. Begründet von A. Pascher*. Vol. 19/1. Spektrum, Akademischer Verlag. Heidelberg & Berlin. 548 p.
- KOMÁREK, J. & K. ANAGNOSTIDIS. 2005. Cyanoprokaryota: 2. Teil/2nd Part: Oscillatoriales. II. In BÜDEL, B, L. KRIENITZ, G. GÄRTNER & M. SCHAGERL (eds), *Süßwasserflora von Mitteleuropa*. Vol. 19/2. Elsevier Spektrum Akademischer Verlag. München. 759 p.
- KOMÁREK, J. & T. HAUER. 2013. CyanoDB.cz – On-line database of cyanobacterial genera. – Word-wide electronic publication, Univ. of South Bohemia & Inst. of Botany AS CR, <http://www.cyanodb.cz>
- KOMESAROFF, P.A., C.V. BLACK, V. CABLE & K. SUDHIR. 2001. Effects of wild yam extract on menopausal symptoms, lipids and sex hormones in healthy menopausal women. *Climacteric* 4 (2): 144-150.
- KOROBKOV, A.A., V.V. KOTSERUBA, N.S. PROBATOVA, A.V. SHATOKHINA & E. RUDYKA. 2013. *Allium senescens* L. In MARHOLD, K. (ed.). IAPT/IOPB chromosome data 15. *Taxon* 62 (5): 1075. October 2013.
- KOUWETS, F.A.C. 1999. A check-list of desmids (Chlorophyta, Zygnemaphyceae) of France. *Patrimoines Naturels* 41: 1-148.
- KOZHEVNIKOVA, Z.V. & A.E. KOZHEVNIKOV. 2014a. *Plantago lanceolata* L. In MARHOLD, K. (ed.). IAPT/IOPB chromosome data 17. *Taxon* 63 (5): E19. October 2014.
- KOZHEVNIKOVA, Z.V. & A.E. KOZHEVNIKOV. 2014b. *Allium senescens* L. In MARHOLD, K. (ed.). IAPT/IOPB chromosome data 17. *Taxon* 63 (5): 1152. October 2014.
- KRENN, L., B. KOPP, F. SPETA & W. KUBELKA. 2001. Chemotaxonomische Untersuchung der Gattung *Charybdis* Speta (Urgineoideae, Hyacinthaceae). *Stapfia* 75: 101-118 + insert.

- KRIENITZ, L., C. BOCK, H. NOZAKI & M. WOLF., 2011. SSU rRNA gene phylogeny of morphospecies affiliated to the bioassay alga “*Selenastrum capricornutum*” recovered the polyphyletic origin of crescent-shaped Chlorophyta. *Journal of Phycology* 47 (4): 880-893.
- KŘÍSA, B. 1985. *Encyclopédie des plantes à fleurs*. Gründ, Paris. 352 p.
- KRISTIANSEN, J. & H.R. PREISIG. 2001. Encyclopedia of Chrysophyte Genera. *Bibliotheca Phycologica* 110: 1-260.
- KRIVENKO, D.A., S.G. KAZANOVSKY, A.V. VERKHOZINA, O.D. CHERNOVA, O.S. DYMSHAKOVA & A.L. TURSKAYA. 2013a. *Tetraclinis articulata* (Vahl) Mast. In MARHOLD, K. (ed.). IAPT/IOPB chromosome data 15. *Taxon* 62 (5): 1077. October 2013.
- KRIVENKO, D.A., S.G. KAZANOVSKY, A.V. VERKHOZINA, O.D. CHERNOVA, O.S. DYMSHAKOVA & A.L. TURSKAYA. 2013b. *Beckmannia syzigachne* (Steud.) Fernald. In MARHOLD, K. (ed.). IAPT/IOPB chromosome data 15. *Taxon* 62 (5): 1077. October 2013.
- KUBITZKI, K., K.U. KRAMER & P.S. GREEN (eds). 1990. *The Families and Genera of Vascular Plants. I. Pteridophytes and Gymnosperms*. Springer-Verlag: Berlin-Heidelberg-New York-London-Paris-Tokyo-Hong Kong. 216 fig. + xii + 404 p.
- KUBITZKI, K., J.G. ROHWER & V. BITTRICH (eds). 1993. *The Families and Genera of Vascular Plants. II. Flowering plants. Dicotyledons- Magnoliid, Hamamelid and Caryophyllid*. Berlin, Springer-Verlag. 141 fig. + x + 653 p.
- KUBITZKI, K. (ed.). 1998. *The Families and Genera of Vascular Plants. III. Flowering plants. Monocotyledons: Lillanae (Except Orchidaceae)*. Berlin, Heidelberg, New York: Springer-Verlag. 123 fig. + 478 p.
- KUBITZKI, K. (ed.). 1998. *The Families and Genera of Vascular Plants. IV. Flowering plants. Monocotyledons: Alismatanae and Commelinanae (Except Gramineae)*. Berlin, Heidelberg, New York: Springer-Verlag. 126 fig. + 511 p.
- KUBITZKI, K. & C. BAYER (eds). 2002. *The Families and Genera of Vascular Plants. V. Flowering plants. Dicotyledons: Malvales, Capparales and Non-betalain Caryophyllales*. Berlin: Springer-Verlag. 95 fig. + 420 p.
- KUBITZKI, K. (ed.). 2004. *The Families and Genera of Vascular Plants. VI. Flowering plants. Dicotyledons: Celastrales, Oxalidales, Rosales, Cornales, Ericales*. Berlin: Springer-Verlag. 137 fig. + xi + 489 p.
- KUBITZKI, K. (ed.). 2006. *The Families and Genera of Vascular Plants. VIII. Flowering plants. Dicotyledons: Eudicots: Asterales*. Berlin: Springer-Verlag. 131 fig. + xi + 635 p.
- KUBITZKI, K. (ed.). 2006. *The Families and Genera of Vascular Plants. IX. Flowering plants. Dicotyledons: Eudicots: Berberidopsidales, Buxales, Crossosomatales, Fabales p.p., Geraniales, Gunnerales, Myrtales p.p., Proteales, Saxifragales, Vitales, Zygophyllales, Dilleniaceae [family not included in any order], Huaceae [family not included in any order], Picramniaceae [family not included in any order], Sabiaceae [family not included in any order]*. Berlin: Springer-Verlag. 174 fig. + xi + 509 p.
- KUBITZKI, K. (ed.). 2013. *The Families and Genera of Vascular Plants. XI. Flowering plants. Dicotyledons: Eudicots: Malpighiales*. Berlin: Springer-Verlag. 73 fig. + x + 331 p.
- KÜPELI, E., U.S. HARPUT, M. VAREL, E. YESILADA & I. SARACOGLU. 2005. Bioassay-guided isolation of iridoid glucosides with antinociceptive and anti-inflammatory activities from *Veronica anagallis-aquatica* L. *Journal of Ethnopharmacology* 102: 170-176.
- KURTOO, A. 2009. *Rosaceae (pro parte majore)*. In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*. <http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Rosaceae&PTRefFk=7300000> [Acedido em 2010–2013].

- KURTTTO, A. & H.E. WEBER. 2009. *Rubus*. In: KURTTTO, A. (ed.): *Rosaceae. Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*. <http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameId=29133&PTRefFk=7300000> [Acedido em 2010–2013].
- KURTTTO, A. & H.E. WEBER, R. LAMPINEN & A. SENNIKOV (eds). 2010. *Atlas Florae Europaeae*. Distribution of vascular plants in Europe. 15. *Rosaceae (Rubus)*. — The Committee for Mapping the Flora of Europe & Societas Biologica Fennica Vanamo. Helsinki. 362 p.
- KÜTZING, F.T. 1849. *Species algarum*. Lipsiae [Leipzig]. F.A. Brockhaus. vi + 922 p.
- LAMOND, J. & P.J.B. WOODS. 1984a. *Ophrys* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). 1984. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 162-164.
- LACK, H.W. 2000. Karl Heinz Rechinger – a life for botany. *Flora Mediterranea* 10: 11-64.
- LAMOND, J. & P.J.B. WOODS. 1984b. *Serapias* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). 1984. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 164-165.
- LAMOND, J. & P.J.B. WOODS. 1984c. *Spiranthes* Richard. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). 1984. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 160-161.
- LÁNSKÁ, D. 1992. *Plantes sauvages comestibles*. Illustrations de P. ŽILÁK. Adaptation française de D. DOPPIA. Deuxième tirage 1999. Gründ, Paris. 224 p.
- LAROUSSE. 1998. *Le Petit Larousse Illustré*. 1998. En couleurs. 87000 articles; 3800 illustrations; 289 cartes. Édition entièrement nouvelle. © Larousse – Bordas 1997. 1788 p.
- LAUNDON, J.R. 1985. *Desmococcus olivaceus* – the name of the common subaerial green alga. *Taxon* 34: 671-672.
- LAUNERT, E. 1989. *The Hamlyn Guide to Edible and Medicinal Plants of Britain and Northern Europe*. Illustrated by Roger GORRINGE and Ann DAVIES. The Hamlyn Publishing Group Limited. London, Hong Kong. 290 p.
- LAVANIA, U.C. 2005. Editorial – Pharming plant genetic resources. *Plant Gent Resour* 3 (2): 81-82.
- LEBLEBICI, E. 1978. *Lysimachia* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by J.R. EDMONDSON, R.R. MILL & B.S. PARRIS. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 6: 135-138.
- LEEUWAARDEN, W. VAN & P.F. QUEIROZ. 2003. Estudos de Arqueobotânica no sítio da Ponta da Vigia (Torres Vedras). *Rev. Portug. Arqueologia* 6 (1): 79-81.
- LEITÃO FILHO, H. DE FREITAS. 1974. Contribuição ao estudo taxonómico do género *Phaseolus* L. no Brasil. *Bragantia. Revista Científica do Instituto Agronômico do Estado de São Paulo*. Vol. 33: 55-63. Campinas, junho de 1974.
- LEITÃO, M.T., M.F. SANTOS, C. SÉRGIO, J. ORMONDE & G.M. CARVALHO. 1996. Plantas criptogâmicas na atmosfera de Coimbra, Portugal. *Anales del Jardín Botánico de Madrid* 54: 30-36.
- LERESCHE, L. & E. LEVIER. 1880. *Deux excursions botaniques dans le nord de l’Espagne et le Portugal en 1878 et 1879*. Imprim. George Bridel, Lausanne.

- LESLIE, A. 1986a. *Hyacinthoides* Medikus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 214.
- LESLIE, A. 1986b. *Clivia* Lindley. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 316-317.
- LESLIE, A. 1986c. *Convallaria* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 250.
- LEVIER, E. 1880. Mousses récoltées en 1878 en Espagne et en Portugal. In LERESCHE, L. & E. LEVIER, *Deux excursions botaniques dans le nord de l'Espagne et le Portugal en 1878 et 1879*: 164-178.
- LEVIER, E. 1894. *Riccia Henriquesii*. *Bull. Herb. Boissier* 2 (11): 649-650.
- LEWIS, J. 1986a. *Cephalotaxus* Siebold & Zuccarini. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 73-74.
- LEWIS, J. 1986b. *Ginkgo* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 107.
- LEWIS, J. 1986c. *Taxodium* Richard. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 77.
- LEWIS, L.A. & R.M. MCCOURT. 2004. Green algae and the origin of land plants. *American Journal of Botany* 91 (10): 1535-1556. <http://www.amjbot.org/content/91/10/1535full.pdf+html>. [Acedido em 29 de Maio de 2014]
- LI, B. & A.J.M. LEEUWENBERG. 1996. *Loganiaceae* R. Br. ex C. Martius. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 15: 320-338.
- LI, H. & J. BOGNER. 2010a. *Pinellia* Tenore, Atti Sez. Soc. Reale Borbon. 4: 69. 1839, nom. cons. In AL-SHEHBAZ, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I. PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors), *Flora of China* 23: 39-43.
- LI, X.-W. & I.C. HEDGE. 1994. *Lamiaceae* Lindl. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 17: 50-299.
- LIANG, S. & M.N. TAMURA. 2000a. *Lilium* Linnaeus, Sp. Pl. 1: 302. 1753. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 24: 135-149.
- LIANG, S. & M.N. TAMURA. 2000b. *Aspidistra* Ker Gawler, Bot. Reg. 8: t. 628. 1822. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 24: 240-250.
- LIANG, S. & M.N. TAMURA. 2000c. *Rohdea* Roth, Nov. Pl. Sp. 197. 1821. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 24: 239.
- LIANG, S. & M.N. TAMURA. 2000d. *Cardiocrinum* (Endlicher) Lindley, Veg. Kingd. 205. 1846. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 24: 134-135.
- LIAÑO, J.M. & F. MUNÓZ GARMENDIA. 1990. Apéndice IV. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍN, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds). *Flora Iberica*. Plantas

- Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. II. *Platanaceae* – *Plumbaginaceae* (partim). Real Jardín Botánico, C.S.I.C. Madrid.
- LIDÉN, M. 2011. *Fumarioideae* (excl. *Hypocoum*). – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameId=93299&PTRefFk=7500000> [Acedido 2011–2013].
- LIGUO, F., L. NAN & R.R. MILL. 1999a. *Pinaceae*. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 4: 11–52.
- LIGUO, F., L. NAN & R.R. MILL. 1999b. *Cephalotaxaceae*. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 4: 85–88.
- LIGUO, F., L. YONG & R.R. MILL. 1999. *Podocarpaceae*. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 4: 78–84.
- LIGUO, F., Y. YONGFU & A. FARJON. 1999. *Cupressaceae*. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 4: 62–77.
- LIGUO, F., Y. YONGFU & R.R. MILL. 1999. *Taxodiaceae*. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 4: 54–61.
- LINNAEUS, C. 1753. *Species plantarum, exhibentes plantas rite cognitatas, ad genera relatas, cum differentiis specificis, nominibus trivialibus, synonymis selectis, locis natalibus, secundum systema sexuale digestas*. Tomus I + II. Holmiae. Impensis Laurentii Salvii. 1200 p. + Indices.
- LISTA DE CACTOS E PLANTAS GORDAS. Manuscrito sem data. (Séc. XX: c. 1950–).
- LIU, Z., X. CHEN & P.J. CRIBB. 2009a. *Paphiopedilum* Pfitzer, Morph. Stud. Orchideenbl. 11. 1886, nom. cons. In AL-SHEHBAZ, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors). *Flora of China* vol. 25: 33–44.
- LIU, Z., X. CHEN & P.J. CRIBB. 2009b. *Cymbidium* Swartz, Nova Acta Regiae Soc. Sci. Upsal., ser. 2, 6: 70. 1799. In AL-SHEHBAZ, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors). *Flora of China* vol. 25: 260–280.
- LIU, L., G. ZHU & K.H. AMMANN. 2006. *Bromus* Linnaeus, Sp. Pl. 1: 76. 1753. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 22: 371–386.
- [Livro de] REGISTO DAS PLANTAS DE ESTUFA. Manuscrito sem data. (Séc. XX: c. 1950–).
- LIVRO DE REGISTOS DO JARDIM. Manuscrito sem data (Séc. XX: 1950–). Livro de Registo das Plantas Cultivadas no Jardim. Secção de Sementes do Jardim Botânico de Coimbra. Universidade de Coimbra.
- LIVRO DE REGISTOS DA MATA. Manuscrito sem data (Séc. XX: 1950–). Livro de Registo das Plantas Cultivadas na Mata. Secção de Sementes do Jardim Botânico de Coimbra. Universidade de Coimbra.
- LOPES, L.G. MARTINS PEREIRA. 2012. *Flora e Vegetação da Mata Climácica do Buçaco*. Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção de Grau de Mestre em Biologia Aplicada, ramo Ecologia, Biodiversidade e Gestão de Ecossistemas, realizada sob orientação científica da Mestre Rosa Maria Ferreira Pinho e do Professor Doutor Paulo Cardoso da Silveira, Universidade de Aveiro. Universidade de Aveiro, Departamento de Biologia. Aveiro, 2012. 153 p.
- LOPES, M.H. RAMOS & A.R. PINTO DA SILVA. 1980. *Sempervivum tectorum* L. *Agron. Lusit.* 42: 12–13.

- LOPES, M.J. 2008. Algas ao microscópio parecem papel de parede e pavões. *Público*. Segunda-Feira, 17 Novembro 2008 – 00:00. <http://www.publico.pt/temas/jornal/algas-ao-microscopio-parecem-papel-de-parede-e-pavoes-284468>. [Acedido em 15 de Setembro de 2014]
- LÓPEZ GONZÁLEZ, G. 1990a. *Arenaria* L. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍNZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* II: 172-224.
- LÓPEZ GONZÁLEZ, G. 1990b. *Rumex* L. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍNZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* II: 595-634.
- LÓPEZ GONZÁLEZ, G. 1993a. *Helianthemum* Mill. In CASTROVIEJO, S., C. AEDO, S. CIRUJANO, M. LAÍNZ, P. MONTSERRAT, R. MORALES, F. MUÑOZ GARMENDIA, C. NAVARRO, J. PAIVA & C. SORIANO (eds), *Flora iberica* III: 392-421.
- LÓPEZ GONZÁLEZ, G. 1995. ¿*Rhododendron ponticum* o *R. ponticum* subsp. *baeticum*? (Ericaceae). *Anales Jard. Bot. Madrid* 52 (2): 224-225.
- LÓPEZ GONZÁLEZ, G. 2001. *Los árboles y arbustos de la Península Ibérica e Islas Baleares*. Especies silvestres y las principales cultivadas. 2 tomos. Ediciones Mundi-Prensa. Madrid, Barcelona, México. 1727 p.
- LÓPEZ GONZÁLEZ, G. 2002. *Guía de los árboles y arbustos de la Península Ibérica y Baleares*. Especies silvestres y las cultivadas más comunes. Ediciones Mundi-Prensa. Madrid, Barcelona, México. 894 p.
- LOURENÇO, J., C. AGUIAR, P.V. ARAÚJO, A. CARAPETO, A. SILVA, A.J. PEREIRA, M. PORTO, C.T. GOMES & al. 2014a. *Cytisus scoparius* (L.) Link subsp. *scoparius* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCytisus+scoparius+subsp.+scoparius>. Consulta realizada em 29/10/2014.
- LOURENÇO, J., J.D. ALMEIDA, P.V. ARAÚJO, F. CLAMOTE, C. AGUIAR, S. RIBEIRO, R. CARAÇA, E. PORTELA-PEREIRA & al. 2014b. *Trifolium repens* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wTrifolium+repens>. Consulta realizada em 29/10/2014.
- LOURENÇO, J., E. PORTELA-PEREIRA, F. CLAMOTE, J.D. ALMEIDA, P.V. ARAÚJO, R. CARAÇA, P. SILVEIRA, M. PORTO & al. 2014c. *Melissa officinalis* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wMelissa+officinalis>. Consulta realizada em 4/11/2014.
- LOURENÇO, J., P.V. ARAÚJO, C. AGUIAR, H. ENGELS & J.D. ALMEIDA. 2014d. *Melilotus albus* Medik. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wMelilotus+albus>. Consulta realizada em 4/11/2014.
- LOURENÇO, J., P.V. ARAÚJO, E. PORTELA-PEREIRA, R. CARAÇA, F. CLAMOTE, J.D. ALMEIDA, A. CARAPETO, U. SCHWARZER & al. 2014e. *Rorippa narturtium-aquaticum* (L.) Hayek – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wRorippa+narturtium-aquaticum>. Consulta realizada em 15/11/2014.
- LOURENÇO, J., P.V. ARAÚJO, C. AGUIAR, E. PORTELA-PEREIRA, P. SILVEIRA, F. CLAMOTE, J.D. ALMEIDA, L. LOPES & al. 2014f. *Corylus avellana* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCorylus+avellana>. Consulta realizada em 22/11/2014.
- LOURENÇO, J., J.D. ALMEIDA, P.V. ARAÚJO, F. CLAMOTE, E. PORTELA-PEREIRA, A. SILVA, P. SILVEIRA, S. RIBEIRO & al. 2014g. *Rumex acetosa* L. subsp. *acetosa* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wRumex+acetosa+subsp.+acetosa>. Consulta realizada em 23/11/2014.
- LOURENÇO, J., J.D. ALMEIDA, P.V. ARAÚJO, A.J. PEREIRA, M. PORTO, F. CLAMOTE, P. SILVEIRA, R. CARAÇA & al. 2014h. *Cerastium glomeratum* Thuill. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal

- Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCerastium+glomeratum>. Consulta realizada em 23/11/2014.
- LOURENÇO, J., E. PORTELA-PEREIRA, P.V. ARAÚJO, P. CARDOSO, J.D. ALMEIDA, C. AGUIAR, A.J. PEREIRA, F. CLAMOTE, & al. 2014i. *Polycarpon tetraphyllum* (L.) L. subsp. *tetraphyllum* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPolycarpon+tetraphyllum+subsp.+tetraphyllum>. Consulta realizada em 24/11/2014.
- LOURENÇO, J., E. PORTELA-PEREIRA, F. CLAMOTE, J.D. ALMEIDA, P.V. ARAÚJO, R. CARAÇA, P. SILVEIRA, M. PORTO, & al. 2014j. *Melissa officinalis* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wMelissa+officinalis>. Consulta realizada em 28/11/2014.
- LOURENÇO, J., M. PORTO & J. FARMINHÃO. 2014k. *Mercurialis perennis* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wMercurialis+perennis>. Consulta realizada em 7/12/2014.
- LOURENÇO, J., J.D. ALMEIDA, P.V. ARAÚJO, F. CLAMOTE, M. PORTO, P. CANHA, A.J. PEREIRA, P. SILVEIRA, & al. 2014l. *Hypericum humifusum* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wHypericum+humifusum>. Consulta realizada em 9/12/2014.
- LOURENÇO, J., P.V. ARAÚJO, P. SILVEIRA, C. AGUIAR, J.D. ALMEIDA & A. SILVA. 2014m. *Hypericum pulchrum* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wHypericum+pulchrum>. Consulta realizada em 9/12/2014.
- LOURENÇO, J., J.D. ALMEIDA, P.V. ARAÚJO, M. PORTO, A. CARAPETO, P. SILVEIRA, A.J. PEREIRA, F. CLAMOTE, & al. 2014n. *Cardamine hirsuta* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCardamine+hirsuta>. Consulta realizada em 18/11/2014.
- LOURENÇO, J., J.D. ALMEIDA, F. CLAMOTE, P.V. ARAÚJO, C. AGUIAR, A. CARAPETO, P. SILVEIRA, R. CARAÇA, & al. 2014o. *Sisymbrium officinale* (L.) Scop. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wSisymbrium+officinale>. Consulta realizada em 10/12/2014.
- LOURENÇO, J., E. PORTELA-PEREIRA, F. CLAMOTE, M. PORTO, J.D. ALMEIDA, P.V. ARAÚJO, H. ENGELS, C. AGUIAR, & al. 2014p. *Sonchus asper* (L.) Hill – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wSonchus+asper>. Consulta realizada em 28/11/2014.
- LOURENÇO, J., J.D. ALMEIDA, A. CARAPETO, F. CLAMOTE, P.V. ARAÚJO, E. PORTELA-PEREIRA, P. SILVEIRA, S. RIBEIRO, & al. 2014q. *Pseudognaphalium luteo-album* (L.) Hilliard & B.L. Burt – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wSisymbrium+officinale>. Consulta realizada em 10/12/2014.
- LOURENÇO, J., P.V. ARAÚJO, J.D. ALMEIDA, E. PORTELA-PEREIRA, M. PORTO, P. SILVEIRA, A. SILVA, M. PEIXOTO, & al. 2014r. *Eupatorium cannabinum* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wEupatorium+cannabinum>. Consulta realizada em 18/12/2014.
- LOURENÇO, J., F. CLAMOTE, M. PORTO, J.D. ALMEIDA, A. SILVA, C. AGUIAR, E. PORTELA-PEREIRA, P. SILVEIRA, & al. 2014s. *Lactuca virosa* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wLactuca+virosa>. Consulta realizada em 18/12/2014.
- LOURENÇO, J., P.V. ARAÚJO, A. CARAPETO, F. CLAMOTE, J.D. ALMEIDA, M. PORTO, A. FREITAS & J. FARMINHÃO. 2014t. *Allium triquetrum* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wAllium+triquetrum>. Consulta realizada em 22/12/2014.

- LOURENÇO, J., J.D. ALMEIDA, M. PEIXOTO, P.V. ARAÚJO, P. CARDOSO & F. CLAMOTE. 2014u. *Narcissus triandrus* L. subsp. *triandrus* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wNarcissus+triandrus+subsp.+triandrus>. Consulta realizada em 23/12/2014.
- LOURENÇO, J., E. PORTELA-PEREIRA, U. SCHWARZER, C.T. GOMES, M. PORTO & J.D. ALMEIDA. 2014v. *Lemna gibba* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wLemna+gibba>. Consulta realizada em 25/12/2014.
- LOURENÇO, J. & H. ENGELS. 2014w. *Carex arenaria* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCarex+arenaria>. Consulta realizada em 26/12/2014.
- LOURENÇO, J. 2014x. *Carex punctata* Huds. var. *punctata* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCarex+punctata+var.+punctata>. Consulta realizada em 27/12/2014.
- LOURENÇO, J. 2014y. *Romulea columnae* Sebast. & Mauri subsp. *columnae* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wRomulea+columnae+subsp.+columnae>. Consulta realizada em 30/12/2014.
- LOURENÇO, J., J.D. ALMEIDA, M. PORTO, & C. AGUIAR. 2014z. *Anthoxanthum amarum* Brot. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wAnthoxanthum+amarum>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- LOURENÇO, J., A.J. PEREIRA, J.D. ALMEIDA, M. PORTO, P. CANHA, E. PORTELA-PEREIRA, R. CARAÇA, A. CARAPETO, & al. 2014aa. *Briza minor* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wBriza+minor>. Consulta realizada em 30/12/2014.
- LOURENÇO, J., J.D. ALMEIDA, C. AGUIAR, P. SILVEIRA, A. SILVA, A. CARAPETO, V. SILVA & P. ALVES. 2014ab. *Lolium perenne* L., – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wLolium+perenne>. Consulta realizada em 30/12/2014.
- LOURENÇO, J., E. PORTELA-PEREIRA, J.D. ALMEIDA, C. AGUIAR, P. SILVEIRA, R. CARAÇA, P. ALVES & V. SILVA. 2014ac. *Echinochloa crus-galli* (L.) P. Beauv. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wEchinochloa+crus-galli>. Consulta realizada em 30/12/2014.
- LOURENÇO, J., A. CARAPETO, M. PORTO, F. CLAMOTE, P.V. ARAÚJO, J.D. ALMEIDA, E. PORTELA-PEREIRA, A. SILVA & al. 2014ad. *Cortaderia selloana* (Schult. & Schult. f.) Asch. & Graebn. *Echinochloa crus-galli* (L.) P. Beauv. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wEchinochloa+crus-galli>. Consulta realizada em 30/12/2014.
- LOVELOCK, J. 2007. *A vingança de Gaia. Porque está a Terra a retaliar – e como ainda podemos salvar a Humanidade*. Título original: *The revenge of Gaia – Why the Earth is Fighting Back – and How We Can Still Save Humanity*. © James Lovelock, 2006. Gradiva – Publicações, L.^{da}. 1.^a edição: Março de 2007. 244 p.
- LOVETT, J., C.N. PAGE & T.C. WHITMORE. 1986a. *Araucaria* Jussieu. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 72-73.
- LU, S., X. CHEN & S.G. AIKEN. 2006. *Festuca* Linnaeus, Sp. Pl. 1: 73. 1753. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 22: 225-242.
- LUCEÑO, M. 1994. Monografía del género *Carex* en la Península Ibérica e Islas Baleares. *Ruizia* 14: 1-139.

- LUCEÑO, M., S. CASTROVIEJO & P. JIMÉNEZ MEJÍAS. 2007. CLXXIII. *Cyperaceae*. In CASTROVIEJO, S. (coord.); CASTROVIEJO, S., M. LUCEÑO, A. GALÁN, P. JIMÉNEZ MEJÍAS, F. CABEZAS & L. MEDINA (eds), *Flora iberica* XVIII: 3-8.
- LUCEÑO, M. & M. ESCUDERO. 2007. *Fimbristylis* Vahl [nom. cons.]. In CASTROVIEJO, S. (coord.); CASTROVIEJO, S., M. LUCEÑO, A. GALÁN, P. JIMÉNEZ MEJÍAS, F. CABEZAS & L. MEDINA (eds), *Flora iberica* XVIII: 94-97.
- LUCEÑO, M., M. ESCUDERO & P. JIMÉNEZ MEJÍAS. 2007. *Carex* L. (M. LUCEÑO & M. ESCUDERO [Sect. *Spirostachyae*]; M. LUCEÑO & P. JIMÉNEZ MEJÍAS [Sects. *Ceratocystis* y *Phacocystis*]). In CASTROVIEJO, S. (coord.); CASTROVIEJO, S., M. LUCEÑO, A. GALÁN, P. JIMÉNEZ MEJÍAS, F. CABEZAS & L. MEDINA (eds), *Flora iberica* XVIII: 109-250.
- LUCEÑO, M. & E. NARBONA. 2007. *Isolepis* R. Br. In CASTROVIEJO, S. (coord.); CASTROVIEJO, S., M. LUCEÑO, A. GALÁN, P. JIMÉNEZ MEJÍAS, F. CABEZAS & L. MEDINA (eds), *Flora iberica* XVIII: 62-67.
- LUISIER, A. 1902. Apontamentos sobre a flora da região de Setubal. Catalogo das plantas vasculares dos arredores de Setubal e da serra d'Arrabida. *Boletim da Sociedade Broteriana* 19: 172-274.
- LUNKAI, D., L. SONGYUN, Z. SHUREN, T. YANCHENG, T. KOYAMA & G.C. TUCKER. 2003. *Carex* Linnaeus, Sp. Pl. 2: 972. 1753. In AL-SHEHBAB, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors). 2010. *Flora of China* vol. 23: 285-461.
- LYSS, G., T.J. SCHMIDT, I. MERFORT & H.L. PAHL. 1997. Helenalin, an anti-inflammatory sesquiterpene lactone from Arnica, selectively inhibits transcription factor NF-kappa B. *Biol. Chem.* 378 (9): 951-961.
- MABBERLEY, D.J. 1997. *The Plant-Book*. A portable dictionary of the vascular plants. Second edition, completely revised, with almost 2500 additional new entries. Cambridge University Press. xvi + 858 p.
- MABBERLEY, D.J. 2002. *Potentilla* and *Fragaria* (Rosaceae) reunited. *Telopea* 9 (4): 793-801. http://www.rbgsyd.nsw.gov.au/___data/assets/pdf_file/0019/72802/Tel9Mab793.pdf
- MABBERLEY, D.J. 2008. *Mabberley's Plant-Book*. A portable dictionary of plants, their classification and uses. Third edition, completely revised, with over 1650 additional new entries. Cambridge University Press. xviii + 1021 p.
- MACÁRIO, E. 2013a. Coimbra vai ter um jardim botânico “para viver”. essencial/entrevista. Jardim Botânico passa para a tutela da Universidade de Coimbra. *Diário as beiras*. Sábado/Domingo 23/24.nov.2013. 23-11-2013. edição n.º 6108: 4-5.
- MACÁRIO, E. 2013b. 10 mil orquídeas para ver. *Diário as beiras*. Sábado/Domingo 23/24.nov.2013. 23-11-2013. edição n.º 6108: 5.
- MACHADO GUIMARÃES, A.L. 1918. *Catálogo Descritivo de Briologia Portuguesa*. Edição e propriedade do Gabinete de Botânica da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Composto e impresso na Imprensa de Manuel Lucas Torres. Lisboa. 143 p.
- MACHADO GUIMARÃES, A.L. 1925. Sinopse das Briófitas de Portugal. Primeira Parte. Hepáticas. *Boletim da Sociedade Broteriana*, série 2, III: 5-87.
- MACHADO GUIMARÃES, A.L. 1928. Sinopse das Briófitas de Portugal. Segunda Parte. Musgos. *Boletim da Sociedade Broteriana*, série 2, V: 104-237.
- MACHADO GUIMARÃES, A.L. 1930. Sinopse das Briófitas de Portugal. Segunda Parte. Musgos (Continuação). *Boletim da Sociedade Broteriana*, série 2, VI: 180-265.

- MACHADO GUIMARÃES, A.L. 1932. Sinopse das Briófitas de Portugal. Segunda Parte. Musgos (Continuação). *Boletim da Sociedade Broteriana*, série 2, VII: 169-328.
- MACHADO GUIMARÃES, A.L. 1933. Sinopse das Briófitas de Portugal. Segunda Parte. Musgos (Índice Alfabético, Addenda et Corrigenda). *Boletim da Sociedade Broteriana*, série 2, VIII: 116-139.
- MADISON, M.T. & P.F. YEO. 1984. *Caladium* Ventenat. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 99.
- MAGOS BREHM, J. 2008. *Conservation of wild genetic resources in Portugal*. A thesis submitted to the University of Birmingham for the degree of Doctor of Philosophy. School of Biosciences. The University of Birmingham. September 2008.
- MAGOS BREHM, J., M. MITCHELL, N. MAXTED, B.V. FORD-LLOYD & M.A. MARTINS-LOUÇÃO. 2008a. [Chapter] 13. IUCN Red Listing of Crop Wild Relatives: is a National Approach as Difficult as Some Think? In MAXTED, N., B.V. FORD-LLOYD, S.P. KELL, J.M. IRIONDO, M.E. DULLOO & J. TUROK (eds), *Crop Wild Relative Conservation and Use*: 211-242. CAB International 2008. 682 p.
- MAGOS BREHM, J., N. MAXTED, B.V. FORD-LLOYD & M.A. MARTINS-LOUÇÃO. 2008b. National inventories of crop wild relatives and wild harvested plants: case-study for Portugal. *Genet Resour Crop Evol* (2008) 55: 779-796. Published online: 19 October 2007.
- MAGOS BREHM, J., N. MAXTED, M.A. MARTINS-LOUÇÃO & B.V. FORD-LLOYD. 2010. New approaches for establishing conservation priorities for socio-economically important plant species. *Biodivers. Conserv.* 19: 2715-2740.
- MAIRE, R. 1952. *Flore de l'Afrique du Nord (Maroc, Algérie, Tunisie, Tripolitaine, Cyrenaïque et Sahara)*. Par R. MAIRE, publiée par les soins de M. GUINOCHET & L. FAUREL. Préface de L. EMBERGER. Avec la collaboration de M. WEILLER. I. Pteridophyta. Gymnospermae. Monocotyledonae: Pandanales, Fluviales, Glumiflorae (Gramineae: sf. Panicoideae; sf. Bambusoideae). Paul Lechevalier, Éditeur. Paris (VI^e). 366 p.
- MAIRE, R. 1953. *Flore de l'Afrique du Nord (Maroc, Algérie, Tunisie, Tripolitaine, Cyrenaïque et Sahara)*. Par R. MAIRE, publiée par les soins de M. GUINOCHET & L. FAUREL. Avec la collaboration de M. WEILLER. II. Monocotyledonae: Glumiflorae (Gramineae: sf. Pooideae p. p.). Paul Lechevalier, Éditeur. Paris (VI^e). 374 p.
- MAIRE, R. 1955. *Flore de l'Afrique du Nord (Maroc, Algérie, Tunisie, Tripolitaine, Cyrenaïque et Sahara)*. Par R. MAIRE, publiée par les soins de M. GUINOCHET & L. FAUREL. Avec la collaboration de M. WEILLER. III. Monocotyledonae: Glumiflorae (Gramineae: sf. Pooideae p. p.). Paul Lechevalier, Éditeur. Paris (VI^e). 399 p.
- MAIRE, R. 1957. *Flore de l'Afrique du Nord (Maroc, Algérie, Tunisie, Tripolitaine, Cyrenaïque et Sahara)*. Par R. MAIRE, publiée par les soins de M. GUINOCHET. IV. Monocotyledonae: Glumiflorae: Cyperaceae, Principes, Spathiflorae, Commelinales. Éditions Paul Lechevalier. Paris (VI^e). 333 p.
- MAIRE, R. 1958. *Flore de l'Afrique du Nord (Maroc, Algérie, Tunisie, Tripolitaine, Cyrenaïque et Sahara)*. Par R. MAIRE, publiée par les soins de M. GUINOCHET et P. QUÉZEL. V. Monocotyledonae: Liliales: Liliaceae. Éditions Paul Lechevalier. Paris (VI^e). 307 p.
- MAIRE, R. 1959. *Flore de l'Afrique du Nord (Maroc, Algérie, Tunisie, Tripolitaine, Cyrenaïque et Sahara)*. Par R. MAIRE, publiée par les soins de P. QUÉZEL. VI. Monocotyledonae: Liliales: Amarillidaceae, Dioscoreaceae, Iridaceae; Scitaminales; Gynandrales. Supplément aux tomes I à VI par P. QUÉZEL. Éditions Paul Lechevalier. Paris (VI^e). 397 p.
- MAIRE, R. 1961. *Flore de l'Afrique du Nord (Maroc, Algérie, Tunisie, Tripolitaine, Cyrenaïque et Sahara)*. Par R. MAIRE, publiée par les soins de P. QUÉZEL. VII. Clé générale – Archichlamydeae: Casuarinales, Piperales, Salicales, Juglandales, Fagales, Urticales, Proteales, Santalales, Aristolochiales, Polygonales. Éditions Paul Lechevalier. Paris (VI^e). 329 p.

- MAIRE, R. 1962. *Flore de l'Afrique du Nord (Maroc, Algérie, Tunisie, Tripolitaine, Cyrenaïque et Sahara)*. Par R. MAIRE, publiée par les soins de P. QUÉZEL. VIII. Dicotyledonae: Archichlamydeae: Centrospermales: Chenopodiaceae, Amaranthaceae, Nyctaginaceae, Phytolaccaceae, Thelygonaceae, Aizoaceae, Portulacaceae, Basellaceae. Éditions Paul Lechevalier. Paris (VI^e). 303 p.
- MAIRE, R. 1963. *Flore de l'Afrique du Nord (Maroc, Algérie, Tunisie, Tripolitaine, Cyrenaïque et Sahara)*. Par R. MAIRE, publiée par les soins de P. QUÉZEL. IX. Dicotyledonae: Archichlamydeae: Centrospermales: Caryophyllaceae, sf. Paronychioideae et Alsinoideae. Éditions Paul Lechevalier. Paris (VI^e). 300 p.
- MAIRE, R. 1963. *Flore de l'Afrique du Nord (Maroc, Algérie, Tunisie, Tripolitaine, Cyrenaïque et Sahara)*. Par R. MAIRE, publiée par les soins de P. QUÉZEL. X. Dicotyledonae: Archichlamydeae: Centrospermales: Caryophyllaceae, sf. Silenoideae. Éditions Paul Lechevalier. Paris (VI^e). 336 p.
- MAIRE, R. 1964. *Flore de l'Afrique du Nord (Maroc, Algérie, Tunisie, Tripolitaine, Cyrenaïque et Sahara)*. Par R. MAIRE, publiée par les soins de P. QUÉZEL. XI. Dicotyledonae: Ranales; Rhoedales: Papaveraceae, sf. Papaveroideae, Hypecoideae. Éditions Paul Lechevalier. Paris (VI^e). 335 p.
- MAIRE, R. 1965. *Flore de l'Afrique du Nord (Maroc, Algérie, Tunisie, Tripolitaine, Cyrenaïque et Sahara)*. Par R. MAIRE, publiée par les soins de P. QUÉZEL. XII. Dicotyledonae: Rhoedales: Papaveraceae, sf. Fumarioideae p. p.; Capparidaceae, Cruciferae p. p. Éditions Paul Lechevalier. Paris (VI^e). 407 p.
- MAIRE, R. 1967. *Flore de l'Afrique du Nord (Maroc, Algérie, Tunisie, Tripolitaine, Cyrenaïque et Sahara)*. Par R. MAIRE, publiée par les soins de P. QUÉZEL. XIII. Dicotyledonae: Rhoedales: Cruciferae p. p. Éditions Paul Lechevalier. Paris (VI^e). 365 p.
- MAIRE, R. 1977. *Flore de l'Afrique du Nord (Maroc, Algérie, Tunisie, Tripolitaine, Cyrenaïque et Sahara)*. Par R. MAIRE, publiée par les soins de P. QUÉZEL. XIV. Dicotyledonae: Rhoedales: Cruciferae fin, Resedaceae; Sarraceniales: Droseraceae; Rosales: Crassulaceae. Éditions Paul Lechevalier. Paris. 398 p.
- MALATO-BELIZ, J. 1980. Notas de florística. XI. *Boletim da Sociedade Broteriana*, Sér. 2, 53: 477-491.
- MALATO BELIZ, J. 1986. O Barrocal Algarvio. Flora e Vegetação da Amendoeira (Loulé). Colecção Parques Naturais n.º 17. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza. Lisboa. 51 p. + XX Estampas.
- MALATO BELIZ, J. 1990. *A Serra de Portel. Flora e Vegetação*. Colecção Natureza e Paisagem n.º 8. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza. Lisboa. 88 p.
- MALATO-BELIZ, J. & J.P. ABREU. 1954. Notas de florística. IV. *Mem. Soc. Brot.* 10: 11-27.
- MALATO-BELIZ, J. & J.A. GUERRA. 1972. Notas de florística. IX. *Melhoramento* 24: 1-27.
- MALIK, K.A. & A. GHAFOR. S/data. *Strobilanthes* Blume. In FLORA OF PAKISTAN. <http://www.tropicos.org/Project/Pakistan>. [Acedido em 8.V.2013].
- MANNING, J.C. & P. GOLDBLATT. 2003. Hyacinthaceae. In GERMISHUIZEN, G. & N.L. MEYER (eds), Plants of Southern Africa: An annotated checklist. *Strelitzia* 14: 1054-1071. National Botanical Institute, Pretoria.
- MANNING, J.C. & P. GOLDBLATT & M.F. FAY. 2004. A revised generic synopsis of Hyacinthaceae in Sub-Saharan Africa, based on molecular evidence, including new combinations and the new tribe Pseudoprosperaeae. *Edinburgh Journal of Botany* 60: 533-568. Available at: <http://dx.doi.org/10.1017/s0960428603000404>.
- MANNING, J.C. & P. GOLDBLATT & R. SAUNDERS. 2011. *Massonia bifolia*. Hyacinthaceae. *Curtis's Botanical Magazine* 28: t. 721. Available at: <http://dx.doi.org/10.1111/j01467-8748.2011.01759.x>.
- MANNING, J.C. & A.M. VAN DER MERWE. 2002. Systematics of the genus *Daubenya* (Hyacinthaceae: Massonieae). *Bothalia* 32: 133-150.

- MARAIS, W. 1980a. *Romulea* Maratti. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 99-100.
- MARAIS, W. 1984a. *Tulipa* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 302-311.
- MARAIS, W. 1984b. *Romulea* Maratti. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 438-441.
- MARCHANTE, E., H. FREITAS & H. MARCHANTE. 2009. *Guia Prático para a Identificação de Plantas Invasoras de Portugal Continental*. Imprensa da Universidade de Coimbra (Coimbra University Press). 186 p.
- MARCHANTE, H., M. MORAIS, H. FREITAS & E. MARCHANTE. 2014. *Guia Prático para a Identificação de Plantas Invasoras de Portugal*. Imprensa da Universidade de Coimbra (Coimbra University Press). 210 p.
- MARCHESAN, M., D.H. PAPER, S. HOSE & G. FRANZ. 1998. Investigation of the anti-inflammatory activity of liquid extracts of *Plantago lanceolata* L. *Phytotherapy Research* 12: S33-S34.
- MARCOS SAMANIEGO, N. & PAIVA. 1993. *Capparis* L. In CASTROVIEJO, S., C. AEDO, S. CIRUJANO, M. LAÍN, P. MONTSERRAT, R. MORALES, F. MUÑOZ GARMENDIA, C. NAVARRO, J. PAIVA & C. SORIANO (eds.), *Flora Iberica* 3: 518-521.
- MARHOLD, K. 2011a. *Acanthaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Acanthaceae&PRefFk=7200000>
[Acedido 2011–2013].
- MARHOLD, K. 2011b. *Apocynaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Apocynaceae&PRefFk=7200000>
[Acedido 2011–2013].
- MARHOLD, K. 2011c. *Asclepiadaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Asclepiadaceae&PRefFk=7200000>
[Acedido 2011–2013].
- MARHOLD, K. 2011d. *Brassicaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameId=14691&PRefFk=7200000> [Acedido 2011–2013].
- MARHOLD, K. 2011e. *Caryophyllaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Caryophyllaceae&PRefFk=7200000>
[Acedido 2011–2013].
- MARHOLD, K. 2011f. *Clusiaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Hypericaceae&PRefFk=7200000>
[Acedido 2011–2013].
- MARHOLD, K. 2011g. *Crassulaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameId=18091&PRefFk=7200000> [Acedido 2011–2013].
- MARHOLD, K. 2011h. *Gentianaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.

- <http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameId=22961&PTrRefFk=7200000> [Acedido 2011–2013].
- MARHOLD, K. 2011i. *Globulariaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameId=25211&PTrRefFk=7200000> [Acedido 2011–2013].
- MARHOLD, K. 2011j. *Grossulariaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Grossulariaceae&PTrRefFk=7200000> [Acedido 2011–2013].
- MARHOLD, K. 2011k. *Hydrangeaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Hydrangeaceae&PTrRefFk=7200000> [Acedido 2011–2013].
- MARHOLD, K. 2011l. *Menyanthaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Menyanthaceae&PTrRefFk=7200000> [Acedido 2011–2013].
- MARHOLD, K. 2011m. *Myrsinaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Myrsinaceae&PTrRefFk=7200000> [Acedido em 2013].
- MARHOLD, K. 2011n. *Pittosporaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Pittosporaceae&PTrRefFk=7200000> [Acedido 2011–2013].
- MARHOLD, K. 2011o. *Plantaginaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Plantaginaceae&PTrRefFk=7200000> [Acedido 2011–2013].
- MARHOLD, K. 2011p. *Platanaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Platanaceae&PTrRefFk=7200000> [Acedido em 2013].
- MARHOLD, K. 2011q. *Primulaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Primulaceae&PTrRefFk=7200000> [Acedido 2011–2013].
- MARHOLD, K. 2011r. *Rubiaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Rubiaceae&PTrRefFk=7200000> [Acedido 2011–2013].
- MARHOLD, K. 2011s. *Saxifragaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameId=31303&PTrRefFk=7200000> [Acedido 2011–2013].
- MARHOLD, K. 2011t. *Scrophulariaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.

<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Scrophulariaceae&PTRefFk=7200000>
[Acedido 2011–2013].

- MARIZ, J. DE. 1884. Subsídios para o estudo da Flora Portuguesa. Papilionaceae L. *Boletim da Sociedade Broteriana* II: 59-123.
- MARIZ, J. DE. 1885. Subsídios para o estudo da Flora Portuguesa. Cruciferae L. *Boletim da Sociedade Broteriana* III: 72-105.
- MARIZ, J. DE. 1886. Subsídios para o estudo da Flora Portuguesa. Ranunculaceae Juss. *Boletim da Sociedade Broteriana* IV: 81-112.
- MARIZ, J. DE. 1887. Subsídios para o estudo da Flora Portuguesa. *Ordo Caryophyllinarum*. *Boletim da Sociedade Broteriana* V: 85-123.
- MARIZ, J. DE. 1888. Subsídios para o estudo da Flora Portuguesa. *Ordo Succulentarum*. Ficoideae DC.; Crassulaceae DC.; Paronychiaceae St. Hil.; Mollugineae Bss.; Portulacaceae Juss. *Boletim da Sociedade Broteriana* VI: 16-44.
- MARIZ, J. DE. 1890a. Subsídios para o estudo da Flora Portuguesa. *Ordo Gruinalium*. Oxalideae DC.; Geraniaceae DC.; Lineae DC. *Boletim da Sociedade Broteriana* VIII: 159-172.
- MARIZ, J. DE. 1890b. *Flora lusitânica exsiccata. Centuriae IX et X. Boletim da Sociedade Broteriana* VIII: 141-158.
- MARIZ, J. DE. 1890c. Lista geral das espécies distribuídas pela Sociedade Broteriana nos primeiros dez annos decorridos (1880–1889). *Boletim da Sociedade Broteriana* VIII: 141-158
- MARIZ, J. DE. 1891-1892a. Subsídios para o estudo da Flora Portuguesa. Compositae L. *Boletim da Sociedade Broteriana*, IX: 144-243.
- MARIZ, J. DE. 1891-1892b. *Flora lusitânica exsiccata. Centuriae XI. Boletim da Sociedade Broteriana* IX: 245-253.
- MARIZ, J. DE. 1892a. As Compostas de Portugal. Subsídios para o estudo da Flora Portuguesa. Compositae L. *Boletim da Sociedade Broteriana* X: 196-253.
- MARIZ, J. DE. 1892b. Sociedade Broteriana – Espécies distribuídas. *Boletim da Sociedade Broteriana* XI: 9-19.
- MARIZ, J. DE. 1892c. *Flora lusitânica exsiccata. Centuria XII. Boletim da Sociedade Broteriana* XI: 186-195.
- MARIZ, J. DE. 1893a. As Compostas de Portugal. Subsídios para o estudo da Flora Portuguesa. Compositae L. *Boletim da Sociedade Broteriana* XI: 132-209.
- MARIZ, J. DE. 1893b. *Flora lusitânica exsiccata. Centuria XIII. Boletim da Sociedade Broteriana* XI: 91-100.
- MARIZ, J. DE. 1894. Subsídios para o estudo da Flora Portuguesa. As Compostas de Portugal. (Extracto do *Boletim da Sociedade Broteriana*, IX, X, XI). Coimbra. Imprensa da Universidade. 238 p.
- MARIZ, J. DE. 1896a. Subsídios para o estudo da Flora Portuguesa. As Umbellíferas. *Boletim da Sociedade Broteriana* XII: 171-256 (1895).
- MARIZ, J. DE. 1896b. Sociedade Broteriana – Espécies distribuídas. 1896. *Boletim da Sociedade Broteriana* XIV: 55-66.
- MARIZ, J. DE. 1897. Subsídios para o estudo da Flora Portuguesa. Chenopodiaceas e Amarantaceas de Portugal. *Boletim da Sociedade Broteriana* XIV: 175-208.

- MARIZ, J. DE. 1898. Subsidios para o estudo da Flora Portuguesa. Valerianeas, Dipsaceas e Ambrosiaceas de Portugal. *Boletim da Sociedade Broteriana* XV: 175-205.
- MARIZ, J. DE. 1899. Subsidios para o estudo da Flora Portuguesa. Primulaceas e Gencianaceas. *Boletim da Sociedade Broteriana* XVI: 159-195.
- MARIZ, J. DE. 1900. Subsidios para o estudo da Flora Portuguesa. Convolvulaceas, Cuscutaceas e Solanaceas. *Boletim da Sociedade Broteriana* XVII: 159-195.
- MARIZ, J. DE. 1901. Subsidios para o estudo da Flora Portuguesa. Caprifoliaceas, Vacciniaceas e Ericineas. *Boletim da Sociedade Broteriana* XVIII: 80-125.
- MARIZ, J. DE. 1902. Sociedade Broteriana – Especies distribuidas. *Boletim da Sociedade Broteriana* XIX: 141-152.
- MARIZ, J. DE. 1903a. Subsidios para o estudo da Flora Portuguesa. Suplemento ás Crassulaceas. *Boletim da Sociedade Broteriana* XX: 184-199.
- MARIZ, J. DE. 1903b. Sociedade Broteriana – Especies distribuidas. 1902. *Boletim da Sociedade Broteriana* XX: 141-151.
- MARIZ, J. DE. 1907. Subsidios para o estudo da Flora Portuguesa. As Verbasceas. *Boletim da Sociedade Broteriana* 23: 23-50.
- MARKGRAF, F. 1964. *Ephedra* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds). 1964. *Flora Europaea*. Vol. 1: 40.
- MARKGRAF, F. (edition 1) Revised by H. FREYTAG & M. MAYER-STOLTE (edition 2). 1993. *Ephedra* L. In TUTIN, T.G., N.A. BURGESS, A.O. CHATER, J.R. EDMONDSON, V.H. HEYWOOD, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea*. *Flora Europaea*, Ed. 2, volume I: 49.
- MARKGRAF-DANNENBERG, I. 1980. *Festuca* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 125-153.
- MARKGRAF-DANNENBERG, I. 1985. *Festuca* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 400-442.
- MARQUES, M.B.S. 2012. *Diversidade e Ecologia dos Macrofungos do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra*. Mestrado em Ecologia, Ambiente e Território. Departamento de Ecologia. Orientador: Professor João Paulo Cabral, Professor Associado, Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. 62 + xxxv p.
- MARQUES, M., N.F. GRANDE & A.M. AZUL. 2011a. *Cogumelos! Workshop de Micologia*. Jardim Botânico da Universidade de Coimbra. 19 de Novembro de 2011. Jardim Botânico da Universidade de Coimbra/Universidade de Coimbra/Centro de Ecologia Funcional. *Cogumelos! Workshop de Micologia* – 1.pdf.
- MARQUES, M., N.F. GRANDE & A.M. AZUL. 2011b. *Cogumelos! Workshop de Micologia*. Jardim Botânico da Universidade de Coimbra. 19 de Novembro de 2011. Jardim Botânico da Universidade de Coimbra/Universidade de Coimbra/Centro de Ecologia Funcional. *Cogumelos! Workshop de Micologia* – programa.pdf.
- MARTELLO, G.V. 2006. Alcune desmidee della zona di Caldenave e della val d’Inferno – Massiccio montuoso dei Lagorai (Trento). *Informatore Botanico Italiano* 38 (2): 513-536.
- MARTÍN-BRAVO, S. 2011. *Resedaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*. <http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameId=27981&PTRefFk=7200000> [Acedido 2011–2013].

- MARTÍN BRAVO, S. & M. LUCEÑO. 2007. *Scirpus* L. [nom. cons.]. In CASTROVIEJO, S. (coord.); CASTROVIEJO, S., M. LUCEÑO, A. GALÁN, P. JIMÉNEZ MEJÍAS, F. CABEZAS & L. MEDINA (eds), *Flora iberica* XVIII: 34-36.
- MARTINELLI, G., C. MAGALHÃES VIEIRA, M. GONZALEZ, P. LEITMAN, A. PIRATININGA, A. FERREIRA DA COSTA & R. CAMPOSTRINI FORZZA. 2008. Bromeliáceas da Mata Atlântica brasileira: Lista de espécies, distribuição e conservação. *Rodriguésia* 59 (1): 209-258.
- MARTÍNEZ AZORÍN, M., M.B. CRESPO & A. JUAN. 2007. Taxonomic revision of *Ornithogalum* subgen. *Cathissa* (Salisb.) Baker (Hyacinthaceae). *Anales de Jardín Botánico de Madrid* 64 (1): 7-25.
- MARTÍNEZ AZORÍN, M., M.B. CRESPO & A. JUAN. 2009. Taxonomic revision of *Ornithogalum* subg. *Beryllis* (Hyacinthaceae). *Belgian Journal of Botany* 142: 140-162.
- MARTÍNEZ AZORÍN, M., M.B. CRESPO, A. JUAN & M.F. FAY. 2011. Molecular phylogenetics of subfamily Ornithogaloideae (Hyacinthaceae) based on nuclear and plastid DNA regions, including a new taxonomic arrangement. *Annals of Botany (London)* 107: 1-37. Available at: <http://dx.doi.org/10.1093/aob/mcq207>.
- MARTÍNEZ AZORÍN, M., M.B. CRESPO & A. JUAN. 2013. *Ornithogalum* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); S. TALAVERA, C. ANDRÉS, M. ARISTA, M.P. FERNÁNDEZ PIEDRA, E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds), *Flora Iberica*. XX: 188-207.
- MARTÍNEZ AZORÍN, M., M. PINTER, M.B. CRESPO, M. PFOSSER & W. WETSCHNIG. 2013. *Massonia mimetica* (Hyacinthaceae, Hyacinthoideae), a new remarkable species from South Africa. *Stapfia* 99: 187-197.
- MARTINOVSKÝ, J.O. 1980. *Stipa* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds.), *Flora Europaea* 5: 247-252.
- MARTINS, J.M. 1973. *Pennisetum villosum* R. Br. *Agronomia Lusitana* 35: 178.
- MARTIUS, C.F.P. VON (Ed.). 1840-1906. *Flora brasiliensis*. Monachii.
- MATEO SANZ, G. 1990. *Catálogo florístico de la provincia de Teruel*. Instituto de Estudios Turolenses. Excma. Diputación Provincial de Teruel. 548 p.
- MATHEW, B.F. 1980. *Crocus* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 92-99.
- MATHEW, B. 1984a. *Sternbergia* Waldst. & Kit. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 360-364.
- MATHEW, B. 1984b. *Iris* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 382-410.
- MATHEW, B. 1984c. *Crocus* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 413-437.
- MATHEW, B. 1986a. *Crocus* L. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 361-369.
- MATHEW, B. 1996. *A review of Allium sect. Allium*. B. MATHEW. With advice from W.T. STEARN (Kew), N. ÖZHATAY (Istanbul) & J. COWLEY (Kew), and including Chromosome counts by N. ÖZHATAY (Istanbul) & M.A.T. Johnson (R.B.G. Kew); Biochemical studies by J.B. HARBORNE & C.A. WILLIAMS (Reading Univ.); Notes on leaf anatomy by M. GREGORY (R.B.G. Kew). Funded by the The International Board for Plant Genetic Resources. I.B.P.G.R. © The Trustees of the Royal Botanic Gardens, Kew. 176 p.
- MATHEW, B. & J.C.M. ALEXANDER. 1986. *Sternbergia* Waldstein & Kitaibel. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 295-296.

- MATHEW, B.F. & O. SEBERG. 2007. *Iridaceae* (Iris family). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 374-375.
- MATOS, J. 1950. “*Escolas Sistemáticas*” (Manuscrito). Livro de registos das plantas cultivadas nas diversas Escolas de Sistemática do Jardim Botânico de Coimbra (149 Canteiros), pelo Sr Júlio de Matos.
- MATOS, A.C. 2002. “*Árvores e arbustos mais raros que há na Mata do Botânico*” (Manuscrito). 2 p.
- MATOS, A.C. 2014. “*Lista de Plantas que foram postas na Escola Médica nos últimos 6 anos*” (Manuscrito). 4 p.
- MATOS, A.C. 2014b. A Primavera vista pelo coletor Arménio Matos, do Jardim Botânico. *Trólei* 42 (Ano VI): 1. 11 de Maio de 2014. SDPU. Coimbra.
- MATOS, O.C. 2000. Uso de substâncias naturais de origem vegetal com actividade biológica na protecção das culturas agrícolas. *Agronomia Lusitana* 48 (Suplemento 2): 1-44.
- MATOS, O.C., J. BAETA, M.J. SILVA & C.P.P. RICARDO. 1999. Sensitivity of *Fusarium* strains to *Chelidonium majus* L. extracts. *Journal of Ethnopharmacology* 66: 151-158.
- MATTHEWS, V.A. 1980a. *Lilium* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 34-35.
- MATTHEWS, V.A. 1984b. *Maxillaria* Ruiz & Pavón. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). 1984. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 236-240.
- MATTHEWS, V.A. 1984c. *Lycaste* Lindley. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). 1984. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 227-231.
- MATTHEWS, V.A. 1984d. *Zygopetalum* Hooker. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). 1984. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 232.
- MATTHEWS, V.A. 1984e. *Asphodelus* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 85-86.
- MATTHEWS, V.A. 1984f. *Eremurus* Waldst. & Kit. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 86-87.
- MATTHEWS, V.A. 1984g. *Anthericum* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 97-98.
- MATTHEWS, V.A. 1984h. *Phalaenopsis* Blume. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). 1984. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 244-248.
- MATTHEWS, V.A. 1986a. *Anthericum* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 131.
- MATTHEWS, V.A. 1986b. *Gloriosa* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 169-170.

- MATTHEWS, V.A. 1986c. *Haworthia* Duval. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 146-153.
- MATTHEWS, V.A. 1986d. *Gasteria* Duval. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 154-156.
- MATTHEWS, V.A. 1986e. *Uvularia* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 125.
- MATTHEWS, V.A. 1986f. *Polygonatum* Miller. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 254-256.
- MATTHEWS, V.A. 1986g. *Dietes* Klatt. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 357-358.
- MATTHEWS, V.A. 1986h. *Homeria* Ventenat. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 361.
- MATTHEWS, V.A. 1986i. *Moraea* Miller. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 355-357.
- MATTHEWS, V.A. 1986j. *Tacca* Forster & Forster. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 329.
- MATTHEWS, V.A. 1986k. *Asphodelus* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 127-128.
- MATTHEWS, V.A. 1986l. *Asphodeline* Reichenbach. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 128.
- MATTHEWS, V.A. 1986m. *Eremurus* Bieberstein. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 129-130.
- MATTHEWS, V.A. 1986n. *Paradisea* Mazzucato. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 128-129.
- MATTHEWS, V.A. 1986o. *Alstroemeria* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 208-210.
- MATTHEWS, V.A. 1986p. *Caloscordum* Herbert. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 246.
- MATTHEWS, V.A. 1986q. *Lilium* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 193-206.

- MATTHEWS, V.A. 1986r. *Cardiocrinum* (Endlicher) Lindley. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 208.
- MATTHEWS, V.A. 1986s. *Neomarica* Sprague. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 358-359.
- MATTHEWS, V.A. & C. GREY-WILSON. 1986. *Tulipa* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 179-187.
- MATTHEWS, V.A. & B. MATHEW. 1986a. *Iris* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 334-354.
- MATTHEWS, V.A. & B. MATHEW. 1986b. *Pardanthopsis* Lenz. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 354.
- MATTHEWS, V.A. & B. MATHEW. 1986c. *Belamcanda* Adanson. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 373.
- MATTHEWS, V.A. & E. TUZLACI. 1984. *Asphodeline* Reichb. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 88-97.
- MATUTINOVIC, S. FILIPI. 2014. Open Access in Botany. *Botanica Serbica* 38 (1): 191-195.
- MAXTED, N., S.P. KELL, B.V. FORD-LLOYD, M.E. DULLOO & A. TOLEDO. 2012. Toward the systematic conservation of global crop wild relative diversity. *Crop Sciences* 52: 774-785.
- MAXTED, N., S.P. KELL & J. MAGOS BREHM. 2014. Crop Wild Relatives and Climate Change. In M. JACKSON, B. FORD-LLOYD & M. PARRY (eds), *Plant genetic Resources and Climate Change*. © CAB International 2014.
- MCCINTOCK, D.C. 1984a. *Phyllostachys* Siebold & Zuccarini. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 56-58.
- MCNEILL, J. 1980a. *Urginea* Steinh. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 40-41.
- MCNEILL, J. 1980b. *Scilla* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 41-43.
- MCNEILL, J. 2014. Holotype specimens and type citations: General issues. *Taxon* – 24 Sep 2014: 2 p. Published online ahead of inclusion in print and online issues: 24 Sep 2014. © International Association for Plant taxonomy (IAPT) 2014.
- MCNEILL, J., F.R. BARRIE, H.M. BURDET, V. DEMOULIN, D.L. HAWKSWORTH, K. MARHOLD, D.H. NICOLSON, J. PRADO, P.C. SILVA, J.E. SKOG, J.H. WIERSEMA & N.J. TURLAND (eds). 2006. *International Code of Botanical Nomenclature (Vienna Code): Adopted by the Seventeenth International Congress Vienna, Austria, July 2005*. Regnum Vegetabile 146. Ruggell, Liechtenstein: Gantner. <http://www.iapt-taxon.org/icbn/main.htm>.
- MCNEILL, J., F.R. BARRIE, W.R. BUCK, V. DEMOULIN, W. GREUTER, D.L. HAWKSWORTH, P.S. HERENDEEN, S. KNAPP, K. MARHOLD, J. PRADO, W.F. PRUD'HOMME VAN REINE, G.F. SMITH, J.H. WIERSEMA & N.J.

- TURLAND (eds). 2012. *International Code of Nomenclature for algae, fungi and plants (Melbourne Code): Adopted by the Eighteenth International Congress Melbourne, Australia, July 2011*. Regnum Vegetabile 154. Königstein: Koeltz Scientific Books. <http://www.iapt-taxon.org/nomen/main.php>.
- MEHTA, K., P. PANTAZIS, T. MCQUEEN, & B.B. AGGARWAL. 1997. Antiproliferative effect of curcumin (diferuloylthane) against human breast tumour cell lines. *Anticancer Drugs* 8 (5): 470-481.
- MEIKLE, R.D. 1977. *Flora of Cyprus*. Volume One. Published by The Bentham-Moxon Trust. Royal Botanic Gardens Kew. 832 p.
- MEIKLE, R.D. 1985. *Flora of Cyprus*. Volume Two. Published by The Bentham-Moxon Trust. Royal Botanic Gardens Kew. pp. 833-1968.
- MEIKLE, R.D. 1984. *Chionodoxa* Boiss. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 224-226.
- MEILLEUR, B.A. & T. HODGKIN. 2004. *In situ* conservation of crop wild relatives: status and trends. *Biodiversity and Conservation* 13: 663-684.
- MEIRELES, C.I.R. 2010. Flora e vegetação da Serra da Estrela –aproximação fitossociológica da vertente meridional. Dissertação de candidatura ao grau de Doutor em Geobotânica apresentada à Universidade de Jaén. Jaén, 2010. xix + 397 p. + 2 anexos [4 + 18 p.].
- MELDERIS, A. 1980a. *Elymus* L. (*Roegneria* Koch, *Elytrigia* Desv., *Clinelymus* (Griseb.) Nevski). In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds.), *Flora Europaea* 5: 192-198.
- MELDERIS, A. 1985a. *Elymus* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. 1985. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 206-227.
- MELDERIS, A. 1985b. *Hordelymus* (Jessen) Jessen. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. 1985. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 269.
- MELDERIS, A. 1985c. *Hordeum* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. 1985. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 269-271.
- MELDERIS, A. 1985d. *Taeniatherum* Nevski. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. 1985. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 269-271.
- MELO, A., L. NUNES & C. COSTA. 2013. Flora Aromática e Medicinal da Ecopista do Dão. In BENTO, J., J. LOUSADA & M.S. PATRÍCIO (eds), 7º Congresso Florestal Nacional “Florestas – Conhecimento e Inovação”. Sociedade Portuguesa de Ciências Florestais. Vila Real e Bragança, 5 a 8 de Junho de 2013. Artigos / Comunicações: 330-341.
- MENDONÇA, F.A. & J. de CARVALHO E VASCONCELLOS. 1956. Estudo Fitogeográfico da Região Duriense. II [*Gymnospermae*, *Angiospermae-Monocotyledoneae* até ao fim das Gramíneas]. Separata dos *Anais Inst. Vinho Porto* 16: 60 p. (1955-56).
- MENDONÇA, F.A. & J. de CARVALHO E VASCONCELLOS. 1959. Estudo Fitogeográfico da Região Duriense. III [*Monocotyledoneae*, desde as Ciperáceas às Orquídeas; *Dicotyledoneae-Archichlamideae*, desde Salicáceas a Cariofiláceas]. Separata dos *Anais Inst. Vinho Porto* 17: 132 p. (1958).
- MENDONÇA, F.A. & J. de CARVALHO E VASCONCELLOS. 1960. Estudo Fitogeográfico da Região Duriense. IV [*Dicotyledoneae-Archichlamideae*, desde Ninféáceas a Leguminosas inclusivè]. Separata dos *Anais Inst. Vinho Porto* 18: 144 p.
- MENDONÇA, F.A. & J. de CARVALHO E VASCONCELLOS. 1962. Estudo Fitogeográfico da Região Duriense. V [*Dicotyledoneae-Archichlamideae*, desde Geraniáceas a Cornáceas; *Sympetalae*, desde Ericáceas a Convolvuláceas]. Separata dos *Anais Inst. Vinho Porto* 19: 141 p. (1961-1962).

- MENDONÇA, F.A. & J. de CARVALHO E VASCONCELLOS. 1964. Estudo Fitogeográfico da Região Duriense. VI. *Dicotyledoneae–Sympetalae* [desde Boragináceas a Compostas] (Continuação e conclusão). Com a colaboração de J. DO AMARAL FRANCO. *Anais Inst. Vinho Porto* 20: 143-326 (1963-1964).
- MENEZES DE SEQUEIRA, M.P.S. 2003. Estudo biossistemático do Género *Holcus* L. (*Poaceae*). Tese apresentada à Universidade da Madeira para a obtenção do Grau de Doutor. 528 p.
- MENEZES DE SEQUEIRA, M. & S. CASTROVIEJO. 2006. 9. Novedades nomenclaturales en el género *Holcus* (*Poaceae*). *Nomenclatural novelties in the genus Holcus (Poaceae)*. *Acta Botanica Malacitana* 31: 234-238.
- MERFORT, I. 2003. Arnica: new insights on the molecular mode of action of a traditional medicinal plant. *Forsch. Komplementarmed. Klass Naturheilkd.* 10 (Suppl. 1): 45-48.
- MERXMÜLLER, H., A. SCHREIBER & P.F. YEO. 1976. *Aster* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds.), *Flora Europaea* 4: 112-116.
- MESQUITA RODRIGUES, J.E. 1945. Sobre a localização da méiose no ciclo de vida das *Characeae*. Comunicação apresentada nas comemorações do II centenário do nascimento de Brotero (Coimbra, 23-26 de Novembro de 1944). *Boletim da Sociedade Broteriana*, sér. 2, 36 (2): 609-613.
- MESQUITA RODRIGUES, J.E. 1954. Notas sobre a cariologia de *Cistus Palhinhae* Ingram, *C. crispus* L., *Plantago maritima* L. e *Campanula Vidalii* Watson. *Boletim da Sociedade Broteriana* (Série 2), XXVIII: 117-129.
- MIGUEL, M.G., C. GUERRERO, H. RODRIGUES, J. BRITO, F. VENÂNCIO, R. TAVARES, A. MARTINS & F. DUARTE. 1999. Study of the substrate and fertilization effects on the production of essential oils by *Thymus mastichina* (L.) L. ssp. and *Thymus albicans* Hoffmanns. & Link. *Acta Hort.* 500: 59-63.
- MIGUEL, M.G., C.A.C. GUERRERO, J.M.C. BRITO, F. VENÂNCIO, R. TAVARES, A. MARTINS & F. DUARTE. 2003. Effect of essential volatile oil isolated from *Thymus albicans*, *Th. mastichina*, *Th. carnosus* and *Thymbra capitata* in sunflower oil. *Nahrung* 46: 397-402.
- MILL, R.R. 1982a. *Lavandula* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by J.R. EDMONDSON, R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 7: 76-78.
- MILL, R.R. 1982b. *Prasium* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by J.R. EDMONDSON, R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 7: 78.
- MILL, R.R. 1982c. *Lamium* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by J.R. EDMONDSON, R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 7: 126-148.
- MILL, R.R. 1984a. *Leucojum* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 364-365.
- MILL, R.R. 1984b. *Hermodactylus* Miller. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 411.
- MILL, R.R. 1984c. *Ixiolirion* Fischer ex Herbert. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 373-374.
- MILL, R.R. 1984d. *Polygonatum* Miller. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 81-84.
- MILL, R.R. 1984e. *Gynandris* Parl. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 411-412.
- MILL, R.R. 1984f. *Narcissus* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 374-380.

- MILL, R.R. 1984g. *Arum* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 43-55.
- MILL, R.R. 1984h. *Biarum* Schott. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 55-59.
- MILL, R.R. 1985a. *Nardus* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 540-541.
- MILL, R.R. 1985b. *Sorghum* Moench. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 606-610.
- MILL, R.R. 1985c. *Cynosurus* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 512-515.
- MILL, R.R. 1985d. *Lamarckia* Moench. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 515.
- MILL, R.R. 1985e. *Imperata* Cyr. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 603-604.
- MILL, R.R. 1985f. *Saccharum* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 604-605.
- MILL, R.R. 1985g. *Lolium* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 445-451.
- MINISTÉRIO DO AMBIENTE. 1999. Decreto-Lei n.º 140/99, de 24 de Abril de 1999 (incluindo os Anexos A (I-III), B (I-V) e C). *Diário da República — I Série-A*: 2183-2212.
- MIRANDA LOPES, J.M. 1933. A flora do concelho de Vimioso e arredores (4.^a Lista). *Boletim da Sociedade Broteriana*, Sér. 2, VIII: 176-189.
- MIRANDA, M. 2006. Grupo alemão interessado em comprar baga de sabugueiro do Vale do Varosa. *Público, Local (Centro)*. Terça-Feira, 31 Outubro 2006: 53.
- MOLLER, A.F. 1882. *Catalogo das Plantas Medicinaes*.
- MOLLER, A.F. 1902 [1901]. Observações phaenologicas feitas em Coimbra em 1901. *Boletim da Sociedade Broteriana* 18: 173-177.
- MOLLER, A.F. 1905. Observações phaenologicas feitas no Jardim Botanico de Coimbra no anno de 1903. *Boletim da Sociedade Broteriana* 20: 207-208.
- MONTEIRO, J.A. BRITES. 2008. *Guia das orquídeas silvestres da Beira Litoral*. Edição do Autor. Coimbra. 80 p.
- MONTOUTO GONZÁLEZ, O. 2002. La flora vascular rara, endémica y amenazada del Parque Natural de Peñalara y su entorno. II Contribución al conocimiento de su estado de conservación en el Sector laguna de Peñalara-Sistema Lagunar de Claveles. *Terceras Jornadas Científicas del parque Natural de Peñalara y del Valle de El Páucar*: 149-165. Consejería de medio ambiente de la Comunidad de Madrid.
- MONTSERRAT-RECORDER, P. 1964. El género *Luzula* en España. *Anales Inst. Bot. Cavanilles* 21: 407-541.
- MONTSERRAT, P. & J. FERNÁNDEZ CASAS. 1990. *Petrocoptis* A. Braun ex Endl. In CASTROVIEJO, S. & al. (eds), *Flora Iberica* II: 304-312.
- MOORE, D.M. 1980a. *Aceras* R. Br. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds.), *Flora Europaea* 5: 342.

- MOORE, D.M. 1980b. *Barlia* Parl. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds.), *Flora Europaea* 5: 342-343.
- MOORE, D.M. 1980c. *Gennaria* Parl. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds.), *Flora Europaea* 5: 330.
- MOORE, D.M. 1980d. *Cephalanthera* L. C. M. Richard. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds.), *Flora Europaea* 5: 328-329.
- MOORE, D.M. 1980e. *Epipactis* Zinn (*Helleborine* Miller). In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds.), *Flora Europaea* 5: 326-328.
- MOORE, J.A. 1986. *Charophytes of Great Britain and Ireland*. B.S.B.I. Handbook No. 5. Illustrated by Margaret TEBBS. Distribution maps prepared by Dorothy GREEN. ii + 140 p. + 26 figs + 17 maps. Botanical Society of the British Isles. London.
- MORALES VALVERDE, R. 1986. Taxonomía de los géneros *Thymus* (excluida la sección *Serpyllum*) y *Thymbra* en la Península Ibérica. *Ruizia* 3: 1-324.
- MORALES, R. 1998. *Filipendula* Mill. In CASTROVIEJO, S. (coord.); F. MUÑOZ GARMENDIA & C. NAVARRO (eds), *Flora iberica* VI: 71-75.
- MORALES, R. 2004. Catálogo de las plantas vasculares de la Comunidad de Madrid (España). *Botanica Complutensis* 27: 31-70 (2003).
- MORALES, R. 2010a. *Origanum* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); R. MORALES, A. QUINTANAR, F. CABEZAS, A.J. PUJADAS & S. CIRUJANO (eds), *Flora iberica* XII: 410-414.
- MORALES, R. 2010b. *Micromeria* Benth. In CASTROVIEJO, S. (coord.); R. MORALES, A. QUINTANAR, F. CABEZAS, A.J. PUJADAS & S. CIRUJANO (eds), *Flora iberica* XII: 423-430.
- MORALES, R. 2010c. *Prunella* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); R. MORALES, A. QUINTANAR, F. CABEZAS, A.J. PUJADAS & S. CIRUJANO (eds), *Flora iberica* XII: 445-451.
- MORALES, R. 2010d. *Dracocephalum* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); R. MORALES, A. QUINTANAR, F. CABEZAS, A.J. PUJADAS & S. CIRUJANO (eds), *Flora iberica* XII: 479-481.
- MORALES, R. 2010e. *Sideritis* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); R. MORALES, A. QUINTANAR, F. CABEZAS, A.J. PUJADAS & S. CIRUJANO (eds), *Flora iberica* XII: 234-288.
- MORALES, R. 2010f. *Thymus* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); R. MORALES, A. QUINTANAR, F. CABEZAS, A.J. PUJADAS & S. CIRUJANO (eds), *Flora iberica* XII: 349-409.
- MORALES, R. 2010g. *Thymbra* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); R. MORALES, A. QUINTANAR, F. CABEZAS, A.J. PUJADAS & S. CIRUJANO (eds), *Flora iberica* XII: 347-349.
- MORALES, R., G. LÓPEZ GONZÁLEZ & P. SÁNCHEZ GÓMEZ. 2010. *Satureja* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); R. MORALES, A. QUINTANAR, F. CABEZAS, A.J. PUJADAS & S. CIRUJANO (eds), *Flora iberica* XII: 414-421.
- MORALES, R., TARDÍO, L. ACEITUNO, M. MOLINA & M. PARDO DE SANTAYANA. 2011. Biodiversidad y Etnobotánica en España / Biodiversity and Ethnobotany in Spain. *Memorias R. Soc. Esp. Hist. Nat.*, 2ª ép. 9, 2011.
- MORDAK, E.V. 1984. *Scilla* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 214-224.
- MOREIRA, D., H. LE GUYADER & H. PHILIPPE. 2000. The origin of red algae: implications for the evolution of chloroplasts. *Nature* 405: 69-72 (2000).

- MORENO, A. 1948. *Dicionário Complementar da Língua Portuguesa (ortoépico, ortográfico e etimológico) com um Glossário de Arcaísmos uma Lista das principais locuções estrangeiras aplicáveis em português*. 5.^a edição melhorada e em rigorosa harmonia com as Bases do Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro de 1945. Editora Educação Nacional de Adolfo Machado. Porto. Grandes Oficinas Gráficas «Minerva» de Gaspar Pinto de Sousa, Sucrs, Ltd.^a – Vila Nova de Famalicão. 1415 p.
- MORENO, M. 1993. *Iberis* L. In CASTROVIEJO, S., C. AEDO, C. GÓMEZ CAMPO, M. LAÍNZ, P. MONTSERRAT, R. MORALES, F. MUÑOZ GARMENDIA, G. NIETO FELINER, E. RICO, S. TALAVERA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* IV: 271-293.
- MOSQUIN, D. 2012. Constantine Rafinesque, A Flawed Genius. *Arnoldia* 70 (1): 2-10. (July 2012). <http://arnoldia.arboretum.harvard.edu/pdf/articles/2012-70-1-constantine-rafinesque-a-flawed-genius.pdf>. [Acedido em 28.V.2014]
- MOSYAKIN, S.L. & M.M. FEDORONCHUK. 1999. *Vascular plants of Ukraine. A nomenclatural checklist*. National Academy of Sciences of Ukraine / M. G. Kholodny Institute of Botany. Kiev. xxiii + 34 p.
- MOTA, M. 2014. A produtividade dos cientistas. Debate Ciência em Portugal. In *Público*, Quinta, 13 Março 2014: 54.
- MÜLLER-DOBLIES, U. & D. MÜLLER-DOBLIES. 2010. De Liliifloris Notulae 8. Two new *Massonia* species (Hyacinthaceae) from South Africa. *Feddes Repertorium* 121: 127-132. Available at: <http://dx.doi.org/10.1002/fedr.201000022>.
- MÜHLSTEINOVÁ, R., J.R. JOHANSEN, N. PIETRASIAK, M.P. MARTIN, K. OSORIO-SANTOS & S.D. WARREN. 2014. Polyphasic characterization of *Trichocoleus desertorum* sp. nov. (Pseudanabaenales, Cyanobacteria) from desert soils and phylogenetic placement of the genus *Trichocoleus*. *Phytotaxa* 163 (5): 241-261.
- MUÑOZ, A. 1991. *Festuca* L., *Sp. Pl.* 73 (1753) [*Gen. Pl.* ed. 5: 33, 1754] In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Extremadura*: 33-41.
- MUÑOZ GARMENDIA, F. 1986. *Polypodium* L. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍNZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* I: 40-43.
- MUÑOZ GARMENDIA, F., M. MARTÍNEZ PASTOR & M. LAÍNZ. 1993. Apéndice IV. Diccionario de los restrictivos específicos e infraespecíficos considerados correctos, así como de alguna denominación subgenérica y seccional. In CASTROVIEJO, S., C. AEDO, C. GÓMEZ CAMPO, M. LAÍNZ, P. MONTSERRAT, R. MORALES, F. MUÑOZ GARMENDIA, G. NIETO FELINER, E. RICO, S. TALAVERA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* IV: 659-678.
- MUÑOZ GARMENDIA, F., P. MONTSERRAT, M. LAÍNZ & J.J. ALDASORO. 1993. *Viola* L. In CASTROVIEJO, S., C. AEDO, S. CIRUJANO, M. LAÍNZ, P. MONTSERRAT, R. MORALES, F. MUÑOZ GARMENDIA, C. NAVARRO, J. PAIVA & C. SORIANO (eds), *Flora iberica* III: 276-317.
- MUÑOZ GARMENDIA, F., C. NAVARRO & C. AEDO. 1998. *Crataegus* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); F. MUÑOZ GARMENDIA & C. NAVARRO (eds.), *Flora Iberica* VI: 404-414.
- MUÑOZ RODRÍGUEZ, A., J.A. DEVESA & S. TALAVERA. 2000. *Trifolium* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); S. TALAVERA, C. AEDO, S. CASTROVIEJO, A. HERRERO, C. ROMERO ZARCO, F.J. SALGUEIRO & M. VELAYOS (eds), *Flora iberica* VII (II): 647-719.
- MURAI, M., Y. TAMAYAMA, S. NISHIBE. 1995. Phenylethanoids in the herb of *Plantago lanceolata* and inhibitory effect on arachidonic acid-induced mouse ear edema. *Planta Medica* 61: 479-480.
- MUSEU NACIONAL DE HISTÓRIA NATURAL. 2011. *A Praga das Palmeiras – Folheto informativo*. Museu Nacional de História Natural. Universidade de Lisboa. <http://www.mnhn.ul.pt/pls/portal/docs/1/332082.PDF>.

- MYCOBANK. 2014. Database Copyright © 2014 MycoBank in English. Software Copyright © 1999-2014 BioAware SA/NV. - Release: 2014/06/06. Powered by BioloMICS Net. <http://www.mycobank.org/> [Acedido em Junho, Julho, Agosto e Setembro de 2014]
- MYRE, M. 1983. *Relatório do reconhecimento florístico e fitossociológico da Reserva Paisagística de Almada*. Coleção Parques Naturais n.º 12. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza. Lisboa. 88 p.
- NABAVI, S.M., M.A. EBRAHIMZADEH, S.F. NABAVI & F. BAHRAMIAN. 2009. In vitro antioxidant activity of *Phytolacca americana* berries. *Pharmacology online* 1: 81-88.
- NARDI, E. 2011. *Aristolochiaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*. <http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameId=2434&PTRefFk=7500000> [Acedido 2011–2013].
- NATH, A.K. & J.A. MADRI. 2006. The roles of nitric oxid in murine cardiovascular development. *Dev. Biol.* 292: 25-33.
- NATIONAL RESEARCH COUNCIL. 1996. *Lost Crops of Africa: Volume I: Grains*. Washington, D.C.: The National Academies Press.
- NAVARRO, C. & F. MUÑOZ GARMENDIA. 1998. *Sanguisorba* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); F. MUÑOZ GARMENDIA & C. NAVARRO (eds), *Flora iberica* VI: 375-388.
- NCBI. NATIONAL CENTER FOR BIOTECHNOLOGY INFORMATION. U.S. National Library of Medicine (<http://ncbi.nlm.nih.gov/>). [Acedido em Maio e Junho de 2014]
- NECKER, N.J.D. 1783. *Traité sur la mycologie ou discours historique sur les champignons en general, dans lequel on demontre leur veritable origine et leur génération: d’ou dependent les effets pernecieux et funestes de ceux que l’on mange avec les moyens de les éviter*. Mattias Fontaine. Mannheim.
- NELSON, E.C. 1986a. *Eichhornia* Kunth. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume I: 331.
- NELSON, E.C. 1986b. *Pontederia* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume I: 332.
- NELSON, E.C. 1986c. *Cycas* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume I: 70.
- NELSON, E.C. 1986d. *Encephalartos* Lindley. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume I: 71.
- NETO, C. 2007. A vegetação arbustiva portuguesa. In SANDE SILVA, J. (Coord. Ed.), *Do castanheiro ao teixo, As outras espécies florestais. Árvores e Florestas de Portugal* V: 143-178. Jornal Público/Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento/Liga para a Protecção da Natureza. Lisboa. 217 p.
- NEVES, C.M. BAETA. 1964 (cit. por DIAS & NOGUEIRA 1974: 127). Uma preciosidade botânica a proteger, a loendreira ou adelfeira (*Rhododendron ponticum* ssp. *baeticum*). *Gazeta das Aldeias* 2512: 99-101.

- NEW SOUTH WALES FLORA ONLINE. [2012–2014]. *New South Wales Flora Online. A comprehensive botanical treatment in an electronic format*. <http://plantnet.rbgsyd.nsw.gov.au/floraonline.htm>. [Acedida em 2012–2014]
- NEW WORLD BIBLE TRANSLATION COMMITTEE. 1967. *Tradução do Nôvo Mundo das Escrituras Sagradas*. Tradução da versão inglesa de 1961 mediante consulta constante ao antigo texto hebraico, aramaico e grego. Edição Brasileira. 1428 p. + 8 est. + 2 mapas.
- NICHOLLS, K.H. & D.E. WUJEK. 2003. Chrysophycean Algae. In WEHR, J.D. & R.G. SHEATH (eds), *Freshwater Algae of North America*: 471-510. San Diego Academic Press. San Diego.
- NICOLSON, D.H. 1984a. *Aglaonema* Schott. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 94-96.
- NIETO FELINER, G. 1990. *Armeria* Willd. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍNIZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* II: 642-721.
- NIETO FELINER, G. (ed.). 1997. XCIII. *Thymelaeaceae*. In CASTROVIEJO, S., C. AEDO, C. BENEDÍ, M. LAÍNIZ, F. MUÑOZ GARMENDIA, G. NIETO FELINER & J. PAIVA (eds). *Flora Iberica* VIII: 32-33.
- NIKOLOVA, M., L. EVSTATIEVA & T.D. NGUYEN. 2011. Screening of plant extracts for antioxidant properties. *Botanica Serbica* 35 (1): 43-48.
- NILSSON, Ö. 1985. *Carex* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 73-158.
- NOGUEIRA, I. 1967. Contribuição para o conhecimento das Plantas Vasculares de Portugal – I. *Anuário da Sociedade Broteriana* 33: 39-49.
- NOGUEIRA, I. 1986. *Pteris* L. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍNIZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* I: 57-59.
- NOGUEIRA, I. & M.T. ALMEIDA. 1972. Contribuições para o conhecimento das Plantas Vasculares de Portugal - III. *Bol. Soc. Port. Ciênc. Nat.* 14: 45-52.
- NOGUEIRA, I., F. MUÑOZ GARMENDIA & C. NAVARRO. 1993. *Halimium* (Dunal) Spach. In CASTROVIEJO, S., C. AEDO, S. CIRUJANO, M. LAÍNIZ, P. MONTSERRAT, R. MORALES, F. MUÑOZ GARMENDIA, C. NAVARRO, J. PAIVA & C. SORIANO (eds), *Flora iberica* III: 337-351.
- NOGUEIRA, I. & PAIVA. 1993. *Hibiscus* L. In CASTROVIEJO, S., C. AEDO, S. CIRUJANO, M. LAÍNIZ, P. MONTSERRAT, R. MORALES, F. MUÑOZ GARMENDIA, C. NAVARRO, J. PAIVA & C. SORIANO (eds), *Flora Iberica* 3: 196-199.
- NOGUEIRA, T., F. DUARTE, F. VENÂNCIO, R. TAVARES, M. LOUSÃ, C. BICCHI & P. RUBIOLO. 1998. Aspectos Quimiotaxonómicos do Género *Hypericum* L. em Portugal. *Silva Lusitana* 6 (1): 55-61.
- NORDFJELL, U. 2010. *Fourteen Gardens*. Photographs by JERRY HARPUR. Frances Lincoln Limited. 202 p.
- NUNES, M. 2005. *Estátuas de Coimbra*. GAAC – Grupo de Arqueologia e Arte do Centro. Coimbra. 229 p.
- NYMAN, C.F. 1878-1890. *Conspectus florae europaeae* (...). 2 volumes. Orebro.
- OCAÑA-FUENTES, F.J., E. ARRANZ-GUTIÉRREZ, F.J. SENORANS & G. REGLERO. 2010. Supercritical fluid extraction of oregano (*Origanum vulgare*) essential oils: anti-inflammatory properties based on cytokine response on THP – 1 macrophages. *Food and Chemical Technology* 48: 1568-1575.
- OH, S.-H. 2004. (1619) Proposal to conserve the name *Physocarpus opulifolius* (L.) Maxim. against *Physocarpus opulifolius* Raf. (*Rosaceae*). *Taxon* 53 (1): 212-213. (February 2004).

- OLLERTON, J., R. WINFREE & S. TARRANT. 2011. How many flower plants are pollinated by animals? *Oikos* 120: 321-326. © 2011 The Authors. *Oikos*. © 2011 Nordic Society *Oikos*.
- OLMSTEAD, R.G. 2005. A Synoptical Classification of the Lamiales. Version 2.0 (in progress). Updated: 13 December, 2005.
<http://depts.washington.edu/phylo/classifications/Lamiales.vers.2.pdf>.
- OLMSTEAD, R.G., C.W. DE PAMPILIS, A.D. WOLFE, N.D. YOUNG, W.J. ELISONS & P. REEVES. 2001. Disintegration of the Scrophulariaceae. *American Journal of Botany*, 88: 348-361.
- ORHAN, I., E. Kuepeli, S. Terzioglu & E. Yesilada. 2007. Bioassay-guided isolation of kaempferol-3-O- β -D-galactoside with anti-inflammatory and antinociceptive activity from the aerial part of *Calluna vulgaris* L. *Journal of Ethnopharmacology* 114: 32-37.
- ORMONDE, J. 1986a. *Phyllitis* Hill. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍNIZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* I: 105-107.
- ORMONDE, J. 1986b. *Woodwardia* Sm. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍNIZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* I: 153-154.
- ORMONDE, J. 1986c. *Ceterach* Willd. [nom. cons.]. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍNIZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* I: 107-109.
- ORQUIDÁRIO CUIABÁ. 2013. O website das orquídeas. <http://www.orquidariocuiaba.com.br>. [Acedido em 2013].
- ORTEGA, A. 1991a. *Hordeum* L., *Sp. Pl.*: 84 (1753) [*Gen. Pl.* ed. 5: 37, 1754]. In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Extremadura*: 194-201.
- ORTEGA, A. 1991b. *Taeniatherum* Nevski, *Acta Univ. As. Med., ser. 8b (Bot.)* 17: 38 (1934). In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Extremadura*: 194-201.
- ORTEGA, A. 1991c. *Elymus* L., *Sp. Pl.*: 83 (1753) [*Gen. Pl.* ed. 5: 36, 1754]. In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Extremadura*: 186-189.
- ORTEGA, A. 1991d. *Aegilops* L., *Sp. Pl.*: 1050 (1753) [*Gen. Pl.* ed. 5: 479, 1754]. In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Extremadura*: 188-194.
- ORTEGA, A. 1991e. *Danthonia* DC. in Lam. & DC., *Fl. Fr.* ed., 3, 3: 32 (1805), nom. cons. In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Extremadura*: 242-243.
- ORTEGA OLIVENCIA, A. 2009. *Scrophularia* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); C. BENEDÍ, E. RICO, J. GÜEMES & A. HERRERO (eds), *Flora iberica* XIII: 134-166.
- ORTEGA OLIVENCIA, A. & J.A. DEVESA. 2007. *Galium* L. [nom. cons.]. In CASTROVIEJO, S. (coord.); J.A. DEVESA, R. GONZALO & A. HERRERO (eds), *Flora iberica* XV: 56-162.
- OUDSHOORN, W. 1976. *O Livro dos Cactos*. Editorial Presença, Portugal. Livraria Martins Fontes, Brasil. 112 p.
- OWEN, R. 1858. Paleontology. In TRAIL, T.S. (ed.), *Encyclopedia Britannica*, volume 17: 91-176. 8th edition. A. & C. Black. Edinburgh.
- PACIFIC BULB SOCIETY. 2013. *Hexaglottis*. www.pacificbulbsociety.org/pbswiki/index.php/Hexaglottis. [Acedido em 4.VII.2013].
- PACIFIC BULB SOCIETY. 2013. *Sparaxis*. www.pacificbulbsociety.org/pbswiki/index.php/Schizocarphus. Page last modified on July 13, 2012, at 06:43 AM. [Acedido em 11.VIII.2013].

- PACIFIC BULB SOCIETY. 2013. *Sparaxis*. www.pacificbulbsociety.org/pbswiki/index.php/Sparaxis. Page last modified on February 19, 2013, at 02:45 PM. [Acedido em 8.V.2013].
- PACIFIC BULB SOCIETY WIKI. www.pacificbulbsociety.org/ [Acedido em III/IV.2013].
- PAGE, C.N. & F.M. BENNELL. 1986a. *Adiantum* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 20-23.
- PAGE, C.N. & F.M. BENNELL. 1986b. *Asplenium* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 43-46.
- PAGE, C.N. & F.M. BENNELL. 1986c. *Ceterach* Lamarck & de Candolle. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 46.
- PAGE, C.N. & F.M. BENNELL. 1986d. *Phyllitis* Ludwig. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 46.
- PAGE, C.N. & F.M. BENNELL. 1986e. *Woodwardia* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 20-23.
- PAHLEVANI, A. & V. MOZAFFARIAN. 2011. *Euphorbia iranshahri* (Euphorbiaceae), a new endemic species from Iran. *Adansonia*, sér. 3, 33 (1): 93-99.
- PAIVA, J. 1961. Subsídios para o conhecimento da flora portuguesa – I. *Anuário da Sociedade Broteriana* 27: 17-31.
- PAIVA, J. 1962. Subsídios para o conhecimento da flora portuguesa – II. *Anuário da Sociedade Broteriana* 28: 35-47.
- PAIVA, J.A.R. 1981. Jardins Botânicos. Sua origem e importância. Separata de *Munda* vol. 2: 35-43.
- PAIVA, J. 1986a. *Davallia* Sm. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍNIZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* I: 148-149.
- PAIVA, J. 1986b. *Salvinia* Séguier. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍNIZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* I: 158-159.
- PAIVA, J. 1986c. *Salvinia* Séguier. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍNIZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* I: 158-159.
- PAIVA, J. 1986d. *Eschscholzia* Cham. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍNIZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* I: 425-426.
- PAIVA, J. 1999. *Acacia* Mill. In CASTROVIEJO, S. (coord.); S. TALAVERA, C. AEDO, S. CASTROVIEJO, C. ROMERO ZARCO, L. SÁEZ, F.J. SALGUEIRO & M. VELAYOS (eds), *Flora iberica* VII (I): 11-25.
- PAIVA, J. 2000a. A relevância da fitodiversidade no Montemuro. In *Actas do Colóquio Montemuro, a última rota da transumância*: 139-151. Instituto Superior Politécnico de Viseu. 18 de Junho de 1999. Associação de Defesa do Património Arouquense & Escola Superior Agrária de Viseu. Arouca.
- PAIVA, J. 2001a. *Acanthus* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); J. PAIVA, F. SALES, I.C. HEDGE, C. AEDO, J.J. ALDASORO, S. CASTROVIEJO, A. HERRERO & M. VELAYOS (eds), *Flora iberica* XIV: 78-80.
- PAIVA, J. 2001b. *Utricularia* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); J. PAIVA, F. SALES, I.C. HEDGE, C. AEDO, J.J. ALDASORO, S. CASTROVIEJO, A. HERRERO & M. VELAYOS (eds), *Flora iberica* XIV: 96-103.

- PAIVA, J. S/data. *A relevante dendrodiversidade do Jardim Botânico*. Texto impresso policopiado. 3 p. [2001, 2002?]
- PAIVA, J. & M.P. CARREIRO. 1997. Árvores das ruas de Coimbra - I. Mimosa [*Acacia dealbata* Link]. In *Jornal de Coimbra*, 29 de Outubro de 1997: 30-31.
- PAIVA, J. & I. NOGUEIRA. 1993a. *Gossypium* L. In CASTROVIEJO, S. & al. (eds.), *Flora Iberica* 3: 191-193.
- PAIVA, J. & I. NOGUEIRA. 1993b. *Modiola* Moench. In CASTROVIEJO, S. & al. (eds.), *Flora Iberica* 3: 204-205.
- PAIVA, J. & I. NOGUEIRA. 1993c. *Althaea* L. In CASTROVIEJO, S. & al. (eds.), *Flora Iberica* 3: 228-232.
- PAIVA, J., M.C. SILVA LOPEZ, N. MARCOS SAMANIEGO & P.I.A.A. CRUZ. 1993. *A Flora e a Vegetação da Reserva Natural do Paul de Arzila*. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza. Lisboa.
- PALHINHA, R.T. 1945. Félix de Avelar Brotero o Mestre. Alocução proferida na sessão solene realizada na Sala dos Capelos da Universidade durante as comemorações do II centenário do nascimento de Brotero (Coimbra, 25 de Novembro de 1944). *Boletim da Sociedade Broteriana*, sér. 2, 36 (1): ix-xvii.
- PALMER, J.D. 2003. The symbiotic birth and spread of the plastids: how many times and whodunnit? *J. Phycol.* 39: 4-11.
- PARENT, G.H. 1980. Le genre *Sisyrinchium* L. (*Iridaceae*) en Europe: un Bilan Provisoire. *Lejeunia* 99: 1-40.
- PARNIKOZA, I., I. KOZERETSKA & V. KUNAKH. 2011. Vascular plants of the Maritime Antarctic: Origin and Adaptation. *American Journal of Plant Sciences*, 2011 (2): 381-395.
- PARRIS, B.S. 1978. *Convolvulus* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by J.R. EDMONDSON, R.R. MILL & B.S. PARRIS. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 6: 198-219.
- PASSOS DE CARVALHO, J., M.I. MAIA & A.J. CONTENTE. 1998. Floração, polinização e frutificação da alfarrobeira. *Agronomia Lusitana* 46 (Suplemento 1): 1-70.
- PASTOR, J. & B. VALDÉS. 1983. Revisión del género *Allium* (*Liliaceae*) en la Península Ibérica e Islas Baleares. Publicaciones de la Universidad de Sevilla. Anales de Universidade Hispalense. Sevilla. 180 p.
- PATALLO, J. & C. AEDO. 2005. *Spiranthes* Rich [nom. cons.]. In CASTROVIEJO, S. (coord.); C. AEDO & A. HERRERO (eds), *Flora iberica* XXI: 69-72.
- PATON, A.J., N. BRUMMITT, R. GOVAERTS, K. HARMAN, S. HINCHCLIFFE, B. ALLKIN, E.N. LUGHADHA. 2008. Towards Target 1 of the Global Strategy for Plant Conservation: a working list of all known plant species — progress and prospects. *Taxon* 57 (2): 602-611. May 2008.
- PATRÍCIO, M.S., A.C. GONÇALVES & J.S. DAVID. 1998. Intercepção Horizontal do Nevoeiro pela Vegetação. *Silva Lusitana* 6 (2): 247-256.
- PAVAN, M. 1977. Situação Ecológica do Mundo. O impacto das actividades humanas. *Natureza e Paisagem* 3: 11-19. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico. Junho de 1977.
- PAYNTER, Q., S.M. CSURHES, T.A. HEARD, J. IRESON, M.H. JULIEN, J. LLOYD, W.M. LONSDALE, W.A. PALMER, A.W. SHEPPARD & R.D. VAN KLINKEN. 2003. Worth the risk? Introduction of legumes can cause more harm than good: an Australian perspective. *Aust. Syst. Bot.* 16: 81-88.
- PEDROL, J. 1990. *Einadia* Rafin. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍNIZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* II: 500.

- PEDROL, J. 1997. *Thymelaea* Mill. [nom. cons.]. In CASTROVIEJO, S., C. AEDO, C. BENEDÍ, M. LAÍNIZ, F. MUÑOZ GARMENDIA, G. NIETO FELINER, & J. PAIVA (eds), *Flora iberica* VIII: 42-69.
- PEDROL, J. 2009. *Plantago* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); C. BENEDÍ, E. RICO, J. GÜEMES & A. HERRERO (eds), *Flora iberica* XIII: 4-38.
- PEDROL, J. 2011. *Thymelaeaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameId=100322&PTrRefFk=7400000> [Acedido 2011–2013].
- PEDROL, J. 2013a. *Asparagus* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. Rico, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds). *Flora Iberica*. XX. 10 p. Síntese genérica disponibilizada em www.floraiberica.es [acedida em 20.VI.2013].
- PEDROL, J. 2013b. *Asparagus* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. Rico, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds). *Flora Iberica*. Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. XX: 111-120.
- PEI, S., S. CHEN, L. GUO, J. DRANSFIELD & A. HENDERSON. 2010. 20. Arecaceae (Palmae). In AL-SHEHBAZ, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUA, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors), *Flora of China* vol. 23. *Acoraceae–Cyperaceae*.
- PEÑA-CHOCARRO, J. 1997a. *Firmiana* Marsili. In CULLEN, J., J.C.M. ALEXANDER, C.D. BRICKELL, J.R. EDMONDSON, P.S. GREEN, V.H. HEYWOOD, P.-M. JÖRGENSEN, S.L. JURY, S.G. KNEES, V.A. MATTHEWS, H.S. MAXWELL, D.M. MILLER, E.C. NELSON, N.K.B. ROBSON, S.M. WALTERS & P.F. YEO (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume V: 232.
- PEÑA-CHOCARRO, J. 1997b. *Brachychiton* Schott & Endlicher. In CULLEN, J., J.C.M. ALEXANDER, C.D. BRICKELL, J.R. EDMONDSON, P.S. GREEN, V.H. HEYWOOD, P.-M. JÖRGENSEN, S.L. JURY, S.G. KNEES, V.A. MATTHEWS, H.S. MAXWELL, D.M. MILLER, E.C. NELSON, N.K.B. ROBSON, S.M. WALTERS & P.F. YEO (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume V: 232-233.
- PEREIRA, A.J., M. PORTO, J.D. ALMEIDA, R. CARAÇA, S. RIBEIRO, C.P. CRUZ, E. PORTELA-PEREIRA, P. CARDOSO, & al. 2014a. *Vulpia geniculata* (L.) Link – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wVulpia+geniculata>. Consulta realizada em 19/12/2014.
- PEREIRA, A.J., M. PORTO, C.T. GOMES, J.D. ALMEIDA, A. CARAPETO & P.V. ARAÚJO. 2014b. *Biarum arundanum* Boiss. & Reut. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wBiarum+arundanum>. Consulta realizada em 24/12/2014.
- PEREIRA, A.J., J.D. ALMEIDA, M. PORTO, C. AGUIAR & J. LOURENÇO. 2014c. *Alopecurus arundinaceus* Poir. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wAlopecurus+arundinaceus>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- PEREIRA, A.J., M. PORTO & S. RIBEIRO. 2014d. *Holcus annuus* C.A. Mey. subsp. *setiglumis* (Boiss. & Reut.) M. Seq. & Castrov. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wHolcus+annuus+subsp.+setiglumis>. Consulta realizada em 21/12/2014.
- PEREIRA, C.L. 1932. Flora da Bacia do Minho. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto* 17 (3): 129-239.
- PEREIRA, M.C.M.D. 2009. A Flora e Vegetação da Serra de Monfurado (Alto Alentejo-Portugal). *Guineana* 15: 1-316. Leioa. 316 p.

- PEREIRA, J.L., L.H. ZANINI BRANCO & O. NECCHI JUNIOR. 2011. *Ecballocystis pulvinata* Bohlin (Hormotilaceae, Chlorophyta): morfologia externa e ocorrência em ambientes lóticos da região Sudeste do Brasil. *Hoehnea* 38 (4): 521-526, 2 tab., 2 fig., 2011.
- PEREIRA, P. (Coord. e textos); M. PEIXOTO (inventariação florística); J. COSME & R. MARTINS (fotografia); Â. LOPES (ilustração científica); R. LADEIRA, L. ALCOFORADO, C. OLIVEIRA, R. REBELO, S. SERRA & T. TAVARES (coordenação e apoio técnico do município de Vouzela); C. NABAIS, H. TEIXEIRA, J. RAIMUNDO, J. ABRANTES, J.P. ANDRADE & A. PEREIRA COUTINHO (datação das árvores, inventariação e taxonomia) & al. 2013. *Património Natural – árvores e florestas do concelho de Vouzela*. Município de Vouzela. Junho de 2013. 176 p.
- PÉREZ-CHISCANO, J.L. 1996. Aportaciones al conocimiento de *Urginea maritima* (L.) Baker (*Liliaceae*). *Anales Jard. Bot. Madrid* 54: 392-398.
- PESSOA, F. 1977. O Parque Natural da Madeira e o ordenamento biofísico do território. *Natureza e Paisagem* 3: 33-42. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico. Junho de 1977.
- PFOSSER, M. & F. SPETA. 1999. Phylogenetics of *Hyacinthaceae* based on plastid DNA sequences. *Annals of the Missouri Botanical Garden* 86: 852-875.
- PFOSSER, M. & F. SPETA. 2001. Bufadienolide und DNA-Sequenzen: über Zusammenhalt und Aufteilung der Urgineoideae (*Hyacinthaceae*). *Stappia* 75: 177-250.
- PFOSSER, M., W. WETSCHNIG, S. UNGAR & G. PRENNER. 2003. Phylogenetic relationships among genera of Massonieae (*Hyacinthaceae*) inferred from plastid DNA and seed morphology. *Journal of Plant Research* 116: 115-132.
- PFOSSER, M., W. KNIRSCH, M. PINTER, S.S. ALI, S. DUTTA & W. WETSCHNIG. 2012. Phylogenetic relationships of Malagasy *Hyacinthaceae*. *Plant Ecology and Evolution* 145: 65-72.
- PHILCOX, D. 1984a. *Vriesea* Lindley. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). 1984. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 15-16.
- PHILCOX, D. 1984b. *Cryptanthus* Otto & Dietrich. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). 1984. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 18.
- PHILCOX, D. 1984c. *Aechmea* Ruiz & Pavon. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). 1984. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 20-23.
- PHILCOX, D. 1984d. *Billbergia* Thunberg. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). 1984. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 23-25.
- PHILCOX, D. 1984e. *Ananas* Thunberg. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). 1984. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 25.
- PHILCOX, D. 1984f. *Nidularium* Lemaire. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). 1984. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 18-19.

- PHILCOX, D. 1984g. *Quesnelia* Gaudichaud. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). 1984. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 23.
- PHILLIPS, R. (assisted by S. GRANT; Section editors: M. RIX, P. BARNES, A. EDDY & J.R. LAUNDON). 1980. *Grasses, Ferns, Mosses & Lichens of Great Britain and Ireland*. Pan Books Ltd., London. 192 p.
- PHILLIPS, R. 1981. *Mushrooms and other Fungi of Great Britain and Europe*. Pan Books.
- PHILLIPS, R. & M. RIX (edited by B. MATTHEW). 1989. *Bulbs*. A Pan Original. The Pan Garden Plants Series. Pan Books. Printed and bound in Great Britain by Springbourne Press Ltd., Basildon, Essex. 256 p.
- PICHI-SERMOLLI, R.E.G., L. ESPAÑA & A.E. SALVO. 1988. El valor biogeográfico de la pteridoflora ibérica. *Lazaroa* 10: 187-205 (1987-88).
- PICKERSGILL, B. & O. SEBERG. 2007. Bromeliaceae (Pineapple and bromeliad family). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 353-355.
- PIETROBOM, M.R. & I. CARNEIRO LEÃO BARROS. 2001. Pteridoflora de la Mata do Estado, Municipalidade de São Vicente Férrer, Pernambuco, Brasil: *Davalliaceae*, *Blechnaceae*, *Lycopodiaceae* y *Selaginellaceae*. *Boletim da Sociedade Broteriana*, série 2, LXX: 49-69.
- PIGNATTI, S. 1982a. *Flora d'Italia*. Vol. 1. Introduzione, *Pteridophyta-Leguminosae*. Edagricole, Bologna. 790 p.
- PIGNATTI, S. 1982b. *Flora d'Italia*. Vol. 2. *Oxalidaceae-Campanulaceae*. Edagricole, Bologna. 732 p.
- PIGNATTI, S. 1982c. *Flora d'Italia*. Vol. 3. *Compositae-Monocotyledoneae*. Edagricole, Bologna. 780 p.
- PIIRAINEN, M. 2009. *Salicornia*. – In: UOTILA, P. (ed.). *Chenopodiaceae. Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*. <http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Salicornia&PTRefFk=7300000> [Acedido em 2013].
- PILGRIM, E.S., M.J. CRAWLEY & K. DOLPHIN. 2004. Patterns of rarity in the native British flora. *Biological Conservation* 120: 161-170.
- PILLON, Y. & M.W. CHASE. 2007. Taxonomic Exaggeration and Its Effects on Orchid Conservation. Research Note. *Conservation Biology* 21 (1): 263-265.
- PINA-VAZ, C, A. GONÇALVES RODRIGUES, E. PINTO, S. COSTA DE OLIVEIRA, C. TAVARES, L. SALGUEIRO, C. CAVALEIRO, M.J. GONÇALVES & J. MARTÍNEZ DE OLIVEIRA. 2004. Antifungal activity of *Thymus* oils and their major compounds. *Journal of the European Academy of Dermatology and Venereology* 18 (1): 73-78.
- PINHEIRO DE CARVALHO, M.Â.A., M. HORJALES, I.C. VALE LUCAS, M. DE LAS NIEVES REDONDO, T.M.M. DOS SANTOS, A. BLANCO & J.A. PAIVA. 2001. Determination of genome size by flow cytometry in *Semele* from the Island of Madeira. *Boletim da Sociedade Broteriana*, série 2, LXX: 5-15.
- PINO PÉREZ, J.J., D. RIAL POUSA, S. ÁLVAREZ GRAÑA, F.J. SILVA-PANDO, J.L. CAMAÑO PORTELA & R. PINO PÉREZ. 2010. Contribución a la flora alóctona de Galicia. *Boletín Avriense XXXVIII-XXXIX*: 385-402. http://www.big.org/Publicaciones/Contribucion_Flora_Aloctona_Galicia_BolAur2010.pdf. [Acedido em 30 de Maio de 2014]
- PINTER, M., A. BRUDERMANN, M.B. CRESPO, G. DEUTSCH, M. MARTÍNEZ-AZORÍN, U. MÜLLER-DOBLIES, D. MÜLLER-DOBLIES & W. WETSCHNIG. 2013. *Massonia citrina* (Hyacinthaceae, Hyacinthoideae) — a new species from the Western Cape Province (South Africa). *Phytotaxa* 112: 50-56. Available online at <http://dx.doi.org/10.11646/phytotaxa.112.2.3>.

- PINTO, E., C. PINA-VAZ, L. SALGUEIRO, M.J. GONÇALVES, C. CAVALEIRO, S. COSTA DE OLIVEIRA, A. PALMEIRA, A. RODRIGUES & J. MARTÍNEZ DE OLIVEIRA. 2006. Antifungal activity of *Thymus pulegioides* on *Candida*, *Aspergillus* and dermatophyte species. *Journal of Medical Microbiology* 55: 1367-1373. DOI 10.1099/jmm.0.46443-0.
- PINTO DA SILVA, A.R. 1940. O género *Paspalum* em Portugal. *Agronomia Lusitana* 2: 5-23.
- PINTO DA SILVA, A.R. 1940. Notas soltas sobre a flora portuguesa. *Agronomia Lusitana* 2: 225-231.
- PINTO DA SILVA, A.R.. 1946. *Sporobolus Poiretii* (Roem. et Schult.) Hitchc. (1932). *Agronomia Lusitana* 8 (1): 6-7.
- PINTO DA SILVA, A.R. 1948. *Cyperus alternifolius* L., *Cyperus Kalli* (Forsk.) Murb. e *Cyperus Eragrostis* Lam. *Agronomia Lusitana* 10 (1): 90-93.
- PINTO DA SILVA, A.R. 1956. *Tradescantia fluminensis* Vell. *Agronomia Lusitana* 18 (1): 19.
- PINTO DA SILVA, A.R. 1957. *Stenotaphrum secundatum* (Walt.) Kuntze. *Agronomia Lusitana* 19 (1): 8.
- PINTO DA SILVA, A.R. 1959. *Eichhornia crassipes* (Mart.) Solms. *Agron. Lusit.* 21 (3): 226.
- PINTO DA SILVA, A.R. 1963. L'étude de la flore vasculaire du Portugal Continental et des Açores les dernières années (1955-1961). *Webbia* 18: 394-412.
- PINTO DA SILVA, A.R. 1968. *Eleusine indica* (L.) Gärtn. *Agron. Lusit.* 30 (1): 6.
- PINTO DA SILVA, A.R. 1971. Les plantes synanthropiques au Portugal continental et aux Açores. *Boissiera* 19: 297-303.
- PINTO DA SILVA, A.R. 1973. *Furcraea foetida* (L.) Haw. *Agronomia Lusitana* 35: 183.
- PINTO DA SILVA, A.R. 1983a. Plantas em perigo. Azereiro. *Prunus lusitanica* L. *Boletim da Comissão Nacional do Ambiente*, Ano V, N.º 4 – Anexo. Secretaria de Estado do Ordenamento Físico, Recursos Hídricos e ambiente. Comissão Nacional do Ambiente.
- PINTO DA SILVA, A.R. 1983b. Plantas em perigo. Loendreira ou adelfeira. *Rhododendron ponticum* L. subsp. *baeticum* (Boissier & Reuter) Handel-Mazzetti. *Boletim da Comissão Nacional do Ambiente*, Ano V, n.º 5 e 6 – Anexo II. Secretaria de Estado do Ordenamento Físico, Recursos Hídricos e ambiente. Comissão Nacional do Ambiente.
- PINTO DA SILVA, A.R. 1991. Algumas características da flora de Portugal. *Ciência e Natureza (L.P.N.)* 1: 73-92.
- PINTO DA SILVA, A.R., J.J.A.H. DE BACELAR, F.M. CATARINO, A.I.D. CORREIA, A.S.C. ESCUDEIRO, M.G. LEITÃO SERRA & C.M.A. RODRIGUES. 1991. A flora da Serra de Sintra. Catálogo. Separata da *Portug. Acta Biol. (B)* 15: 5-258 (1989).
- PINTO DA SILVA, A.R. & F.C. FONTES. 1951. Plantas raras e plantas novas para o Algarve. *Agronomia Lusitana* 13 (1): 77-87.
- PINTO DA SILVA, A.R. & F.C. FONTES. 1952. *Ixia paniculata* Delaroché. *Agronomia Lusitana* 14 (1): 9.
- PINTO DA SILVA, A.R. & M. MYRE. 1947. *Menyanthes trifoliata* L. *Agronomia Lusitana* 9 (1): 26.
- PINTO DA SILVA, A.R. & Q.G. PINTO DA SILVA. 1976. *Cyperus Eragrostis* Lam. *Agronomia Lusitana* 38: 169-170.
- PINTO DA SILVA, A.R. & Q.G. PINTO DA SILVA. 1976b. *Pennisetum villosum* R. BR. *Agronomia Lusitana* 38: 168.

- PINTO DA SILVA, A.R. & B.V. RAINHA. 1948. *Stenotaphrum secundatum* (Walt.) Kuntze. *Agronomia Lusitana* 10 (1): 81-82
- PINTO DA SILVA, A.R. & B.V. RAINHA. 1952. *Paspalum Urvillei* Steud. *Agronomia Lusitana* 14 (1): 7.
- PINTO DA SILVA, A.R. & B.V. RAINHA. 1956. *Tetragonia tetragonoides* (Pall.) O. Ktze. *Agronomia Lusitana* 18 (1): 24.
- PINTO DA SILVA, A.R. & B.V. RAINHA. 1956a. *Sporobolus Poiretii* (Roem. & Schult.) Hitchc. *Agronomia Lusitana* 18 (1): 11.
- PINTO DA SILVA, A.R. & B.V. RAINHA. 1964. *Panicum capillare* L. *Agronomia Lusitana* 26 (3): 178-179.
- PINTO DA SILVA, A.R. & B.V. RAINHA. 1971. *Araujia sericifera* Brot. *Agronomia Lusitana* 33 (1): 17.
- PINTO DA SILVA, A.R., B.V. RAINHA & M. SILVA. 1959. *Nothoscordum inodorum* (Ait.) Nichols. *Agronomia Lusitana* 21 (3): 226.
- PINTO DA SILVA, A.R., B.V. RAINHA & M. SILVA. 1964. *Cyperus alternifolius* L. *Agronomia Lusitana* 26 (3): 182.
- PINTO DA SILVA, A.R. & M. SILVA. 1964. *Stenotaphrum secundatum* (Walt.) Kuntze. *Agronomia Lusitana* 26 (3): 180.
- PINTO DA SILVA, A.R. & M. SILVA. 1976. *Cyperus involucratus* Rottb. *Agron. Lusit.* 38: 170-171.
- PINTO DA SILVA, A.R. & L.G. SOBRINHO. 1950. Flora vascular da Serra do Gerês. *Agronomia Lusitana* 12 (2): 233-380.
- PINTO DA SILVA, A.R. & A.N. TELES. 1964. *Setaria geniculata* (Lam.) P. Beauv. *Agronomia Lusitana* 26 (3): 179.
- PINTO DA SILVA, A.R. & A.N. TELES. 1986. *A Flora e a Vegetação da Serra da Estrela* (2.^a edição). Colecção Parques Naturais n.º 7. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza. Lisboa. 52 p.
- PINTO DA SILVA, A.R., A.N. TELES & B.V. RAINHA. 1968. *Sporobolus indicus* (L.) R. Br. *Agronomia Lusitana* 30 (1): 5-6.
- PINTO DA SILVA, A.R., A.N. TELES & M.H. RAMOS LOPES. 1976. *Sempervivum tectorum* L. *Agron. Lusit.* 38: 174-179.
- PINTO DA SILVA, A.R., A.N. TELES & A. ROZEIRA. 1958. First account of the limestone flora and vegetation of North-Western Portugal. Their climatic and ecological significance. *Boletim da Sociedade Broteriana* Sér. 2, XXXII: 267-296.
- PINTO GOMES, C.J. 1989. *A Serra da Maroá. Flora e vegetação*. Trabalho de fim de curso. Universidade de Évora. Curso de Engenharia Biofísica. Évora. 155 p.
- PINTO GOMES, C.J. 1998. Estudo fitossociológico do Barrocal algarvio (Tavira-Portimão). Dissertação apresentada à Universidade de Évora para a obtenção do grau de doutor no ramo de Ciências do Ambiente, especialidade em Ecologia Vegetal (Fitossociologia). Universidade de Évora. Departamento de Ecologia. Évora. 678 p.
- PINTO-GOMES, C.J. & R. PAIVA-FERREIRA. 2005. *Flora e Vegetação do Barrocal Algarvio (Tavira-Portimão)*. Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve. 354 p.
- PIRBALOUTI, A.G., S. AZIZI, A. KOOHPAYEH & B. HAMED. 2010. Wound healing activity of *Malva sylvestris* and *Punica granatum* in alloxan-induced diabetic rats. *Acta Poloniae Pharmaceutica* 67: 511-516.

- PIRES, D.R. VICTÓRIA & al. (eds). 1963. *Index seminum quae Statio Agronomica Nationalis Lusitaniae pro mutua commutatione offert*.
- PIRES, J.C. 2003. *Triteleia* Douglas ex Lindley, Sp. Pl. 1: 302. 1753; Gen. Pl. ed. 5, 143. 1754. In FLORA OF NORTH AMERICA EDITORIAL COMMITTEE (eds). *Flora of North America North of Mexico*. vol. 26: 338-345. [Online 6/1/2003] [Acedido em 25.II.2014].
- PIRES DE LIMA, A. 1945. Brotero e a sua lição. Alocução proferida na sessão solene realizada na Sala dos Capelos da Universidade durante as comemorações do II centenário do nascimento de Brotero (Coimbra, 25 de Novembro de 1944). *Boletim da Sociedade Broteriana*, sér. 2, 36 (1): xix-xl.
- POLÓNIA, A.R., A.S. TAVARES, D. MENDES, H. NEPOUCENO ALVES, J. ALVES MOREIRA, J. HONRADO, P. ALVES, I. ROCHA, F. BARRETO CALDAS, H. COUTO & A. LOURENÇO. 2008. *Valorização do património Natural das Terras do Sousa. Relatório final – Ano I*. Porto, 2008. Ader-Sousa. Associação de Desenvolvimento Rural das Terras do Sousa. 332 p.
- PORTELA-PEREIRA, E. 2013. *Análise Geobotânica dos Bosques e Galerias Ripícolas da Bacia Hidrográfica do Tejo em Portugal*. Tese orientada pelo Doutor Carlos Neto, Doutor José Carlos Costa e Doutor Jorge Capelo, especialmente elaborada para a obtenção do grau de doutor em Geografia Física. Instituto de Geografia e Ordenamento do Território – Universidade de Lisboa. IGOT-UL, Lisboa, 437 p. [+ A284 p.].
- PORTELA-PEREIRA, E. 2014a. *Glycyrrhiza glabra* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wGlycyrrhiza+glabra>. Consulta realizada em 29/10/2014.
- PORTELA-PEREIRA, E., R. CARAÇA, J.D. ALMEIDA, C. AGUIAR, A. CARAPETO, P. CANHA, S. RIBEIRO, M. PORTO & al. 2014b. *Cynodon dactylon* (L.) Pers. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCynodon+dactylon>. Consulta realizada em 4/11/2014.
- PORTELA-PEREIRA, E., P.V. ARAÚJO, J. LOURENÇO, J.D. ALMEIDA, R. CARAÇA, F. CLAMOTE, M. PORTO, M. PEIXOTO & al. 2014c. *Galium aparine* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wGalium+aparine>. Consulta realizada em 13/11/2014.
- PORTELA-PEREIRA, E., S. RIBEIRO, J.D. ALMEIDA, M. PORTO, C. AGUIAR, A. SILVA, P. SILVEIRA & P. ALVES. 2014d. *Galium mollugo* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wGalium+mollugo>. Consulta realizada em 14/11/2014.
- PORTELA-PEREIRA, E., F. CLAMOTE, A. CARAPETO, J. LOURENÇO, R. CARAÇA, J.D. ALMEIDA, M. PORTO, P.V. ARAÚJO & al. 2014e. *Arundo donax* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wArundo+donax>. Consulta realizada em 16/11/2014.
- PORTELA-PEREIRA, E., P.V. ARAÚJO, J. LOURENÇO, J.D. ALMEIDA, F. CLAMOTE, A. CARAPETO, J. FARMINHÃO, R. CARAÇA, & al. 2014f. *Prunella vulgaris* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPrunella+vulgaris>. Consulta realizada em 28/11/2014.
- PORTELA-PEREIRA, E., P.V. ARAÚJO, J. LOURENÇO, R. CARAÇA, F. CLAMOTE, M. PORTO, A. CARAPETO, C. AGUIAR, & al. 2014g. *Lycopus europaeus* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wLycopus+europaeus>. Consulta realizada em 28/11/2014.
- PORTELA-PEREIRA, E., M. PORTO, J. LOURENÇO, P.V. ARAÚJO, R. CARAÇA, A. CARAPETO, J.D. ALMEIDA, P. CANHA, & al. 2014h. *Mentha pulegium* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wMentha+pulegium>. Consulta realizada em 28/11/2014.

- PORTELA-PEREIRA, E., J.D. ALMEIDA, P.V. ARAÚJO, J. LOURENÇO, F. CLAMOTE, M. PORTO, C. AGUIAR, M. PEIXOTO, & al. 2014i. *Parietaria judaica* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wParietaria+judaica>. Consulta realizada em 6/12/2014.
- PORTELA-PEREIRA, E., M. PORTO, A. CARAPETO, F. CLAMOTE, P.V. ARAÚJO, J.D. ALMEIDA, A.J. PEREIRA, U. SCHWARZER, & al. 2014j. *Smilax aspera* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wSmilax+aspera>. Consulta realizada em 9/12/2014.
- PORTELA-PEREIRA, E., J. LOURENÇO, J.D. ALMEIDA, P.V. ARAÚJO, R. CARAÇA, F. CLAMOTE, S. RIBEIRO, C. AGUIAR, & al. 2014k. *Polygonum persicaria* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPolygonum+persicaria>. Consulta realizada em 8/12/2014.
- PORTELA-PEREIRA, E. & J.D. ALMEIDA. 2014l. *Sinapis arvensis* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wSinapis+arvensis>. Consulta realizada em 11/12/2014.
- PORTELA-PEREIRA, E., P.V. ARAÚJO, J. LOURENÇO, R. CARAÇA, J.D. ALMEIDA, F. CLAMOTE, A. CARAPETO, S. RIBEIRO, & al. 2014m. *Oenanthe crocata* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wOenanthe+crocata>. Consulta realizada em 11/12/2014.
- PORTELA-PEREIRA, E., F. CLAMOTE, J. LOURENÇO, J.D. ALMEIDA, P.V. ARAÚJO, M. PORTO, A.J. PEREIRA, R. CARAÇA, & al. 2014n. *Sonchus oleraceus* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wSonchus+oleraceus>. Consulta realizada em 14/12/2014.
- PORTELA-PEREIRA, E., M. PORTO, J. LOURENÇO & J.D. ALMEIDA. 2014o. *Nothoscordum gracile* (Aiton) Stearn – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wNothoscordum+gracile>. Consulta realizada em 24/12/2014.
- PORTELA-PEREIRA, E., J. LOURENÇO, M. PORTO, C. AGUIAR, A. CARAPETO, R. CARAÇA, J.D. ALMEIDA, P.V. ARAÚJO & V. SILVA. 2014p. *Carex cuprina* (I. Sándor ex Heuff.) Nendtv. ex A. Kern. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCarex+cuprina>. Consulta realizada em 26/12/2014.
- PORTELA-PEREIRA, E., J.D. ALMEIDA, A.J. PEREIRA, A. CARAPETO, S. RIBEIRO & U. SCHWARZER. 2014q. *Carex divisa* Huds. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCarex+divisa>. Consulta realizada em 27/12/2014.
- PORTELA-PEREIRA, E., M. PORTO, J.D. ALMEIDA, C. AGUIAR, P. SILVEIRA, P.V. ARAÚJO & F. CLAMOTE. 2014r. *Carex divulsa* Stokes subsp. *divulsa* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCarex+divulsa+subsp.+divulsa>. Consulta realizada em 27/12/2014.
- PORTELA-PEREIRA, E., A. CARAPETO, J. LOURENÇO, R. CARAÇA, U. SCHWARZER, P. SILVEIRA, J.D. ALMEIDA & M. PORTO. 2014s. *Carex pendula* Huds. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCarex+pendula>. Consulta realizada em 27/12/2014.
- PORTELA-PEREIRA, E., M. PORTO, A. CARAPETO, C.T. GOMES & J.D. ALMEIDA. 2014t. *Carex hispida* Willd. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCarex+hispida>. Consulta realizada em 27/12/2014.
- PORTELA-PEREIRA, E., J. LOURENÇO, M. PORTO, R. CARAÇA & A.J. PEREIRA. 2014u. *Carex paniculata* L. subsp. *lusitanica* (Schkuhr ex Willd.) Maire – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCarex+paniculata+subsp.+lusitanica>. Consulta realizada em 28/12/2014.

- PORTELA-PEREIRA, E., R. CARAÇA, P.V. ARAÚJO, P. SILVEIRA, J.D. ALMEIDA, A. SILVA & C. AGUIAR. 2014v. *Carex elata* All. subsp. *reuteriana* (Boiss.) Luceño & Aedo – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCarex+elata+subsp.+reuteriana>. Consulta realizada em 27/12/2014.
- PORTELA-PEREIRA, E., R. CARAÇA, S. RIBEIRO, J. LOURENÇO, J.D. ALMEIDA, A. CARAPETO, U. SCHWARZER, P. SILVEIRA, & al. 2014w. *Cyperus longus* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCyperus+longus>. Consulta realizada em 27/12/2014.
- PORTELA-PEREIRA, E., J. LOURENÇO, R. CARAÇA, P.V. ARAÚJO, F. CLAMOTE, S. RIBEIRO, A. CARAPETO, V. SILVA, & al. 2014x. *Cyperus eragrostis* Lam. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCyperus+eragrostis>. Consulta realizada em 27/12/2014.
- PORTELA-PEREIRA, E., S. RIBEIRO, A. CARAPETO, M. PORTO, A.J. PEREIRA, P. SILVEIRA & P. CARDOSO. 2014y. *Avena barbata* Link subsp. *barbata* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wAvena+barbata+subsp.+barbata>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- PORTELA-PEREIRA, E., R. CARAÇA, J.D. ALMEIDA, M. PORTO, U. SCHWARZER, P. V. SILVEIRA, A. SILVA, C. AGUIAR, & al. 2014z. *Brachypodium sylvaticum* (Huds.) P. Beauv. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wBrachypodium+sylvaticum>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- PORTELA-PEREIRA, E., A. CARAPETO, F. CLAMOTE, U. SCHWARZER, J. LOURENÇO, P.V. ARAÚJO, M. PORTO, L. LOPES & al. 2014aa. *Phragmites australis* (Cav.) Trin. ex Steud. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPhragmites+australis>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- PORTELA-PEREIRA, E., M. PORTO, J.D. ALMEIDA, R. CARAÇA, A. CARAPETO, P. CARDOSO, P. SILVEIRA & C. AGUIAR. 2014ab. *Piptatherum miliaceum* (L.) Coss. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPiptatherum+miliaceum>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- PORTELA-PEREIRA, E., R. CARAÇA, S. RIBEIRO, C. AGUIAR, P. SILVEIRA, J.D. ALMEIDA, M. PORTO, A.J. PEREIRA, & al. 2014ac. *Poa trivialis* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPoa+trivialis>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- PORTELA-PEREIRA, E., R. CARAÇA, S. RIBEIRO, J.D. ALMEIDA & C.T. GOMES. 2014ad. *Polypogon monspeliensis* (L.) Desf. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPolypogon+monspeliensis>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- PORTELA-PEREIRA, E., J.D. ALMEIDA, C. AGUIAR, A. SILVA, S. RIBEIRO, P. SILVEIRA & P. ALVES. 2014ae. *Holcus mollis* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wHolcus+mollis>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- PORTO, M. 2014. *Vaccaria hispanica* (Mill.) Rauschert var. *hispanica* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wVaccaria+hispanica+var.+hispanica>. Consulta realizada em 25/11/2014.
- PORTO, M., J. LOURENÇO, J.D. ALMEIDA, P.V. ARAÚJO, A. CARAPETO, A.J. PEREIRA, R. CARAÇA, F. CLAMOTE & al. 2014a. *Tamus communis* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wTamus+communis>. Consulta realizada em 1/02/2014.

- PORTO, M., P.V. ARAÚJO, A. CARAPETO, F. CLAMOTE, J.D. ALMEIDA, J. LOURENÇO, A. SILVA, A.J. PEREIRA & al. 2014b. *Leucojum autumnale* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wLeucojum+autumnale>. Consulta realizada em 1/02/2014.
- PORTO, M., A. CARAPETO, P.V. ARAÚJO, F. CLAMOTE, J. LOURENÇO, J.D. ALMEIDA, A. SILVA, C.T. GOMES & al. 2014c. *Scilla autumnalis* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wScilla+autumnalis>. Consulta realizada em 1/02/2014.
- PORTO, M., B. OTTWAY, A. CARAPETO, P.V. ARAÚJO, U. SCHWARZER, F. CLAMOTE, J.D. ALMEIDA, J. LOURENÇO & al. 2014d. *Adiantum capillus-veneris* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wAdiantum+capillus-veneris>. Consulta realizada em 2/02/2014.
- PORTO, M., A. CARAPETO, P.V. ARAÚJO, R. CARAÇA, J.D. ALMEIDA, A.J. PEREIRA, C.P. CRUZ, N. GUIOMAR & al. 2014e. *Selaginella denticulata* (L.) Spring – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wSelaginella+denticulata>. Consulta realizada em 2/02/2014.
- PORTO, M., F. CLAMOTE, J. FARMINHÃO, C.T. GOMES, A. CARAPETO, J. RODRIGUES, J.D. ALMEIDA & V. SILVA. 2014f. *Gennaria diphylla* (Link) Parl. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wGennaria+diphylla>. Consulta realizada em 6/01/2014.
- PORTO, M. 2014g. *Gymnadenia conopsea* (L.) R. Br. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wGymnadenia+conopsea>. Consulta realizada em 14/02/2014.
- PORTO, M. & J. LOURENÇO. 2014h. *Ornithogalum arabicum* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wOrnithogalum+arabicum>. Consulta realizada em 2/02/2014.
- PORTO, M., C. AGUIAR, J.D. ALMEIDA & A.J. PEREIRA. 2014i. *Phleum pratense* L. subsp. *bertolonii* (DC.) Bornm. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wTamus+communis>. Consulta realizada em 11/08/2014.
- PORTO, M., C. AGUIAR, J.D. ALMEIDA & A.J. PEREIRA. 2014j. *Phleum pratense* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wTamus+communis>. Consulta realizada em 11/08/2014.
- PORTO, M., J.D. ALMEIDA, F. CLAMOTE, C. AGUIAR, A. CARAPETO, U. SCHWARZER, P.V. ARAÚJO & E. PORTELA-PEREIRA. 2014k. *Sambucus ebulus* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wSambucus+ebulus>. Consulta realizada em 10/11/2014.
- PORTO, M., A.J. PEREIRA, P.V. ARAÚJO, J.D. ALMEIDA, C. AGUIAR, P. SILVEIRA, A. CARAPETO & V. SILVA. 2014l. *Galium parisiense* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wGalium+parisiense>. Consulta realizada em 13/11/2014.
- PORTO, M., J.D. ALMEIDA, A.J. PEREIRA, F. CLAMOTE, C.T. GOMES, P.V. ARAÚJO & A. CARAPETO. 2014m. *Galium verrucosum* Huds. subsp. *verrucosum* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wGalium+verrucosum+subsp.+verrucosum>. Consulta realizada em 13/11/2014.
- PORTO, M., A. CARAPETO & J.D. ALMEIDA. 2014n. *Galium tricornerutum* Dandy – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wGalium+tricornerutum>. Consulta realizada em 13/11/2014.
- PORTO, M., A. CARAPETO, F. CLAMOTE, A.J. PEREIRA, P.V. ARAÚJO, J.D. ALMEIDA, E. MARABUTO, C. AGUIAR & al. 2014o. *Rosmarinus officinalis* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva,

- Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wRosmarinus+officinalis>. Consulta realizada em 22/11/2014.
- PORTO, M., A.J. PEREIRA, A. CARAPETO, P.V. ARAÚJO, J.D. ALMEIDA, V. JACINTO. 2014p. *Cosentinia vellea* (Aiton) Tod. subsp. *vellea* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCosentinia+vellea+subsp.+vellea>. Consulta realizada em 24/11/2014.
- PORTO, M., F. CLAMOTE, U. SCHWARZER, P.V. ARAÚJO, P. SILVEIRA, J.D. ALMEIDA, M. JACINTO, V. SILVA, & al. 2014q. *Stachys officinalis* (L.) R. Trevis. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wStachys+officinalis>. Consulta realizada em 22/11/2014.
- PORTO, M., F. CLAMOTE, J.D. ALMEIDA, E. MARABUTO, A. CARAPETO, P.V. ARAÚJO, J. LOURENÇO, A.J. PEREIRA, & al. 2014r. *Marrubium vulgare* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wMarrubium+vulgare>. Consulta realizada em 28/11/2014.
- PORTO, M., A. CARAPETO, J.D. ALMEIDA, P.V. ARAÚJO, F. CLAMOTE, A.J. PEREIRA, J. LOURENÇO, A. SILVA, & al. 2014s. *Thymus mastichina* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wThymus+mastichina>. Consulta realizada em 28/11/2014.
- PORTO, M., A. SILVA, J.D. ALMEIDA, P.V. ARAÚJO, F. CLAMOTE, J. LOURENÇO, C. AGUIAR, A. CARAPETO, & al. 2014t. *Ornithogalum pyrenaicum* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wOrnithogalum+pyrenaicum>. Consulta realizada em 6/01/2014.
- PORTO, M., J.D. ALMEIDA, F. CLAMOTE, P.V. ARAÚJO, A.J. PEREIRA, A. CARAPETO & V. SILVA. 2014u. *Polygala monspeliaca* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPolygala+monspeliaca>. Consulta realizada em 7/12/2014.
- PORTO, M., J.D. ALMEIDA & P.V. ARAÚJO. 2014v. *Petroselinum segetum* (L.) W.D.J. Koch – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPetroselinum+segetum>. Consulta realizada em 11/12/2014.
- PORTO, M., F. CLAMOTE, A. CARAPETO, P.V. ARAÚJO, J.D. ALMEIDA, E. PORTELA-PEREIRA, A.J. PEREIRA, E. MARABUTO, & al. 2014v. *Smyrniololus L.* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wSmyrniololus>. Consulta realizada em 11/12/2014.
- PORTO, M., J.D. ALMEIDA, P.V. ARAÚJO, F. CLAMOTE, A. CARAPETO, J. LOURENÇO, A. SILVA & C. COSTA. 2014w. *Cnicus benedictus* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCnicus+benedictus>. Consulta realizada em 11/12/2014.
- PORTO, M., J.D. ALMEIDA, F. CLAMOTE, A.J. PEREIRA, A. CARAPETO, H. ENGELS, P. CARDOSO & C. AGUIAR. 2014x. *Rapistrum rugosum* (L.) All. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wRapistrum+rugosum>. Consulta realizada em 18/11/2014.
- PORTO, M., A.J. PEREIRA & P.V. ARAÚJO. 2014y. *Potamogeton crispus* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPotamogeton+crispus>. Consulta realizada em 20/12/2014.
- PORTO, M. & A.J. PEREIRA. 2014z. *Allium nigrum* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wAllium+nigrum>. Consulta realizada em 22/12/2014.

- PORTO, M., A. SILVA & P.V. ARAÚJO. 2014aa. *Allium victorialis* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wAllium+victorialis>. Consulta realizada em 22/12/2014.
- PORTO, M., P.V. ARAÚJO, A. CARAPETO, A.J. PEREIRA, J.D. ALMEIDA, F. CLAMOTE, E. PORTELA-PEREIRA, J. LOURENÇO, & al. 2014ab. *Arisarum simorrhinum* Durieu – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wArisarum+simorrhinum>. Consulta realizada em 24/12/2014.
- PORTO, M., P.V. ARAÚJO, J.D. ALMEIDA, F. CLAMOTE, A. CARAPETO, A.J. PEREIRA, A. SILVA, J. LOURENÇO, & al. 2014ac. *Hyacinthoides hispanica* (Mill.) Rothm. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wHyacinthoides+hispanica>. Consulta realizada em 26/12/2014.
- PORTO, M., J. FARMINHÃO, P. CANHA, F. CLAMOTE, A. CARAPETO, U. SCHWARZER, A. CLEMENTE, P. CARDOSO, & al. 2014ad. *Hyacinthoides vicentina* (Hoffmanns. & Link) Rothm. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wHyacinthoides+vicentina>. Consulta realizada em 26/12/2014.
- PORTO, M., J.D. ALMEIDA & J. FARMINHÃO. 2014ae. *Carex extensa* Gooden. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCarex+extensa>. Consulta realizada em 27/12/2014.
- PORTO, M. & V. SILVA. 2014af. *Cyperus fuscus* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCyperus+fuscus>. Consulta realizada em 27/12/2014.
- PORTO, M., F. CLAMOTE, A. CARAPETO, V. JACINTO, J.D. ALMEIDA, P.V. ARAÚJO, A.J. PEREIRA, U. SCHWARZER, & al. 2014ag. *Tulipa sylvestris* L. subsp. *australis* (Link) Pamp. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wTulipa+sylvestris+subsp.+australis>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- PORTO, M., P.V. ARAÚJO, A.J. PEREIRA, F. CLAMOTE, J. FARMINHÃO, J.D. ALMEIDA, E. MARABUTO, V. JACINTO, & al. 2014ah. *Ophrys tenthredinifera* Willd. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wOphrys+tenthredinifera>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- PORTO, M., A. CARAPETO, J. FARMINHÃO, J.D. ALMEIDA, P.V. ARAÚJO, A.J. PEREIRA, F. CLAMOTE, E. MARABUTO, & al. 2014ai. *Orchis coriophora* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wOrchis+coriophora>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- PORTO, M., A.J. PEREIRA, P.V. ARAÚJO, C. FRANCO, A. CARAPETO & V. JACINTO. 2014aj. *Spiranthes aestivalis* (Poir.) Rich. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wSpiranthes+aestivalis>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- PORTO, M., A.J. PEREIRA, J.D. ALMEIDA & C.P. CRUZ. 2014ak. *Aiopsis tenella* (Cav.) Asch. & Graebn. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wAiopsis+tenella>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- PORTO, M., A.J. PEREIRA, A. CARAPETO, J.D. ALMEIDA, R. CARAÇA, C. AGUIAR, U. SCHWARZER, P. CARDOSO, & al. 2014al. *Brachypodium distachyon* (L.) P. Beauv. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wBrachypodium+distachyon>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- PORTO, M. 2014am. *Agrostis juressi* Link – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wAgrostis+juressi>. Consulta realizada em 31/12/2014.

- PORTO, M., A.J. PEREIRA, J.D. ALMEIDA & E. PORTELA-PEREIRA. 2014an. *Lolium temulentum* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wLolium+temulentum>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- PORTO, M., A.J. PEREIRA, J.D. ALMEIDA & A. CARAPETO. 2014am. *Psilurus incurvus* (Gouan) Schinz & Thell. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPsilurus+incurvus>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- PORTO, M., J.D. ALMEIDA, A.J. PEREIRA, A. FRANCISCO, & P. CARDOSO. 2014an. *Hyparrhenia sinaica* (Delile) Llauro ex G. López – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wHyparrhenia+sinaica>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- PORTO, M., A.J. PEREIRA, J.D. ALMEIDA, A. CARAPETO, E. PORTELA-PEREIRA, P. SILVEIRA, F. CLAMOTE & A. FRANCISCO. 2014ao. *Melica minuta* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wMelica+minuta>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- PORTO, M. & C.T. GOMES. 2014ap. *Parapholis incurva* (L.) C.E. Hubb. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wParapholis+incurva>. Consulta realizada em 31/12/2014.
- PRADA, C. 1986a. *Equisetum* L. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍN, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* I: 21-29.
- PRANCE, G.T., H. BEENTJE, H. DRANSFIELD & R. JOHNS. 2000. The tropical flora remains undercollected. *Ann. Missouri Bot. Gard.* 87: 67-71.
- PRASAD, K. 2009. Flaxseed and cardiovascular health. *Journal of Cardiovascular Pharmacology* 54: 369-377.
- PRESCOTT-ALLEN, R. & C. PRESCOTT-ALLEN. 1983. *Genes from the Wild: Using Wild Genetic Resources for Food and Raw Materials*. Earthscan Publications, London. 112 p.
- PRIME, C.T. & D.A. WEBB. 1980. *Dracunculus* Miller. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* 5: 272.
- PRITCHARD, N.M. 1978. *Gentiana* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by J.R. EDMONDSON, R.R. MILL & B.S. PARRIS. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 6: 183-190.
- PROBATOVA, N.S., V.Y. BARKALOV, E.G. RUDYKA, E.A. CHUBAR, D.Y. TZYRENOVA & V.P. SELEDETS. 2013a. *Allium senescens* L. In MARHOLD, K. (ed.). IAPT/IOPB chromosome data 15. *Taxon* 62 (5): 1079. October 2013.
- PROBATOVA, N.S., S.G. KAZANOVSKY, E.G. RUDYKA, A.A. GNUTIKOV & A.V. VERKHOZINA. 2013b. *Koeleria cristata*. In MARHOLD, K. (ed.). IAPT/IOPB chromosome data 15. *Taxon* 62 (5): 1080. October 2013.
- PROBATOVA, N.S., S.G. KAZANOVSKY, E.G. RUDYKA, A.A. GNUTIKOV & A.V. VERKHOZINA. 2013c. *Alopecurus pratensis*. In MARHOLD, K. (ed.). IAPT/IOPB chromosome data 15. *Taxon* 62 (5): E23. October 2013.
- PROBATOVA, N.S., S.G. KAZANOVSKY, E.G. RUDYKA, A.A. GNUTIKOV & A.V. VERKHOZINA. 2013d. *Beckmannia syzigachne*. In MARHOLD, K. (ed.). IAPT/IOPB chromosome data 15. *Taxon* 62 (5): E24. October 2013.
- PROBATOVA, N.S., S.G. KAZANOVSKY, E.G. RUDYKA, A.A. GNUTIKOV & A.V. VERKHOZINA. 2013e. *Brachypodium sylvaticum*. In MARHOLD, K. (ed.). IAPT/IOPB chromosome data 15. *Taxon* 62 (5): E25. October 2013.

- PROBATOVA, N.S., S.G. KAZANOVSKY, E.G. RUDYKA, A.A. GNUTIKOV & A.V. VERKHOZINA. 2013f. *Echinochloa crus-galli*. In MARHOLD, K. (ed.). IAPT/IOPB chromosome data 15. *Taxon* 62 (5): E25. October 2013.
- PROBATOVA, N.S., S.G. KAZANOVSKY, E.G. RUDYKA, A.A. GNUTIKOV & A.V. VERKHOZINA. 2013g. *Phleum pratense* L. In MARHOLD, K. (ed.). IAPT/IOPB chromosome data 15. *Taxon* 62 (5): E25. October 2013.
- PROBATOVA, N.S., S.G. KAZANOVSKY & E.G. RUDYKA. 2014a. *Cichorium intybus* L. In MARHOLD, K. (ed.). IAPT/IOPB chromosome data 17. *Taxon* 63 (5): E23. October 2014.
- PROCTOR, M.C.F. & Z. TUBA. 2002. Poikilohydry and homoihydry: antithesis or spectrum of possibilities? *Tansley review no. 141*. © *New Phytologist* (2002) 156: 327-349. www.new.phytologist.com.
- PROENÇA DA CUNHA, A., F. TEIXEIRA, A. PEREIRA DA SILVA & O. RODRIGUES ROQUE. 2010. *Plantas na Terapêutica – Farmacologia e Ensaíos Clínicos*, 2.^a Edição. Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Educação e Bolsas. 480 p.
- PUJADAS SALVÀ, A.J. 2013a. El género *Erigeron* L. (Asteraceae) en la Flora Iberica. In *Notulae Flora Iberica. Acta Botanica Malacitana* 38: 241-253.
- PUJADAS SALVÀ, A.J. 2013b. Nueva combinación nomenclatural en género *Taeniatherum* Nevski (Poaceae). In *Notulae Flora Iberica. Acta Botanica Malacitana* 38: 259-261.
- PUJADAS SALVÀ, A.J. & L. PLAZA. 2010. *Phyla* Lour. In CASTROVIEJO, S. (coord.); R. MORALES, A. QUINTANAR, F. CABEZAS, A.J. PUJADAS & S. CIRUJANO (eds), *Flora iberica* XII: 9-13.
- PYŠEK, P., J. SÁDLO & B. MANDÁK. 2003. Alien flora of the Czech Republic, its composition, structure and history. In L.E. CHILD, J.H. BROCK, G. BRUNDU, K. PRACH, P. PYŠEK, P.M. WADE & E. WILLIAMSON (eds), *Plant Invasions: Ecological Threats and Management Solutions*: 113-130. © 2003 Backhuys Publishers, Leiden, The Netherlands.
- QINER, Y., F.R. BARRIE & C.D. BELL. 2011. *Diervillaceae*. In AL-SHEHBAB, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I. PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors), *Flora of China* 19: 615.
- QNAIS ESAM, Y., M. ABU-DIEYEH, A. ABDULLA FUAD & S. ABDALLA SHTAYWY. 2010. The antinociceptive and anti-inflammatory effects of *Salvia officinalis* leaf aqueous and butanol extracts. *Pharmaceutical Biology* 48: 1149-1156.
- QREN, 2007-2013. *Quadro de Referência Estratégico Nacional*. www.qren.pt/np4/home. [Acedido em 07.02.2014].
- QUEIRÓS, M. 1972. Contribuição ao conhecimento citotaxonómico das *Spermatophyta* em Portugal. VII. *Umbelliferae*. *Anuário da Sociedade Broteriana*, Vol. XXXVIII: 293-314.
- QUEIRÓS, M. 1982. O Jardim Botânico de Coimbra. Centro de Cultura. *Anuário da Sociedade Broteriana* XLVIII: 51-61.
- QUEIRÓS, M. 1988. Catálogo dos taxa referidos na série “Contribuição ao conhecimento citotaxonómico das *Spermatophyta* em Portugal.” I – [...]. I – Gramineae. *Lagascalia* 15 (1): 79-88 (1988).
- QUEIRÓS, M. 1997. Estudos cromossómicos em *Pteridophyta* de Portugal, III. *Collectanea Botanica (Barcelona)* 23: 73-77.
- QUINTANILHA, A. 1980. Evocando o Passado. Separata do *Boletim da Sociedade Broteriana*, 2.^a Série, Vol. LIII: LXXV-LXXXIX. Dezembro de 1980.

- RADCLIFFE-SMITH, A. 1982. *Mercurialis* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by J.R. EDMONDSON, R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 7: 569-570.
- RAHIMI-ESBOEI, B., M.A. EBRAHIMZEDAH, S.H. GHOLAMI & V. FALAH-OMRANI. 2013. Antigiardial activity of *Sambucus ebulus*. *European Review for Medical and Pharmacological Sciences* 17 (15): 2047-2050.
- RAIMONDO, F.M., P. MAZZOLA & A. DI MARTINO. 1993. *L'Orto Botanico di Palermo. The Palermo Botanical Garden*. Coordinamento scientifico / Scientific co-ordination: Francesco Maria RAIMONDO; Foto di / Photographs: Franco Barbagallo; Grafica di / Artwork production: Sergio MAMMINA; Traduzione inglese / English translation: Gay MARKS. Editrice Arbor. 268 p.
- RAIMONDO, F.M., P. MAZZOLA & A. DI MARTINO. 2009. *Guide to the Palermo Botanical Garden. Tropical flora in the heart of the Mediterranean*. Scientific co-ordination: Francesco Maria RAIMONDO; Photographs: Franco Barbagallo; English translation: Gay MARKS. Edizioni Arbor. 138 p.
- RAINHA, B.V. 1946. *Coriaria myrtifolia* L. *Agronomia Lusitana* 8 (1): 14.
- RAINHA, B.V. 1960. *Aster squamatus* (Spreng.) Hieron. *Agronomia Lusitana* 22 (1): 30.
- RAINHA, B.V. 1961. *Nothoscordum inodorum* (Ait.) Nichols. *Agronomia Lusitana*. 23 (1): 21.
- RAINHA, B.V. 1964. *Nothoscordum inodorum* (Ait.) Nichols. *Agronomia Lusitana* 26 (3): 183.
- RAINHA, B.V. 1968. *Setaria geniculata* (Lam.) P. Beauv. *Agronomia Lusitana* 30 (1): 5.
- RAINHA, B.V. & M. SILVA. 1973. *Boussingaultia cordifolia* Ten. *Agronomia Lusitana* 35 (3): 186.
- RAMOS LOPES, M.H. & A.R. PINTO DA SILVA. 1980. *Sempervivum tectorum* L. *Agronomia Lusitana* 42: 12-13.
- RAMOS LOPES, M.H. & M.L.S. CARVALHO. 1990. *Lista de espécies botânicas a proteger em Portugal continental*. Relatório interno. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, Lisboa.
- RANDALL, C., H. RANDALL, F. DOBBS, C. HUTTON & H. SANDERS. 2000. Randomized controlled trial of nettle sting for treatment of base-of-thumb pain. *J. R. Soc. Med.* 93 (6): 305-309.
- RATTER, J.A. 1984a. *Canna* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 129-130.
- RATTER, J.A. 1984b. *Thalia* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 137.
- RATTER, J.A. 1984c. *Ctenanthe* Eichler. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 136.
- RATTER, J.A. 1984d. *Maranta* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 136-137.
- RATTER, J.A. 1984e. *Stromanthe* Sonder. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 136-137.
- RATTER, J.A. 1984f. *Calathea* Meyer. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. II: 130-136.

- RAUNKIÆR, C. 1934. *The Life Forms of Plants and Statistical Plant Geography, being the collected papers of C. Raunkiær*. Oxford University Press, Oxford. Reprinted 1978 (ed. by Frank N. Egerton), Ayer Co Pub., in the “History of Ecology Series”.
- RAUNKIÆR, C. 1937. *Plant life forms*. Translated by H. GILBERT-CARTER. Clarendon Press. Oxford.
- RAUTER, A.P., C. DIAS, I. BRANCO, N.R. NENG, J.M. NOGUEIRA, M. GOULART, F.V.M. SILVA, J. JUSTINO, C. TREVITT & J.P. WALTHO. 2012. Non-toxic *Salvia sclareoides* Brot. extracts as a source of functional food ingredients: phenolic profile, antioxidant activity and prion binding properties. *Food Chem.* 132: 1930-1935.
- REALPALMTREES.COM. S/data. <http://realpalmtrees.com/palm-blog/k-o/kentia-palm-houea-forsteriana/>. [Acedido em 9.V.2013].
- RECHINGER, K.H. (ed.). 1963–. *Flora Iranica: Flora des iranischen Hochlandes und der umrahmenden Gebirge*. Graz, Austria (in progress).
- REGISTO DAS SEMEITEIRAS. Livro n.º 21. 1928. Instituto Botanico da Universidade de Coimbra (iniciado em Dezembro de 1927). 41 p.
- REGISTO DAS SEMEITEIRAS. Livro n.º 22. 1929. Instituto Botanico da Universidade de Coimbra (iniciado em Dezembro de 1928). 52 p.
- REGISTO DAS SEMEITEIRAS. Livro n.º 23. 1931. Instituto Botanico da Universidade de Coimbra (iniciado em Dezembro de 1930). 50 p.
- REGISTO DAS SEMEITEIRAS. Livro n.º 24. 1933. Instituto Botanico da Universidade de Coimbra (iniciado em Fevereiro de 1933). 50 p.
- O'REILLY, P. & S. PARKER. 2008. *Wildflowers in the Algarve*. An introductory guide. © First Nature 2008. 68 p.
- RENOBALES, G. 2012. *Gentiana* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); S. TALAVERA, C. ANDRÉS, M. ARISTA, M.P. FERNÁNDEZ PIEDRA, M.J. GALLEGO, P.L. ORTIZ, C. ROMERO ZARCO, F.J. SALGUEIRO, S. SILVESTRE & A. QUINTANAR (eds), *Flora Iberica* XI: 5-35.
- RENZ, J. & G. TAUBENHEIM. 1984a. *Cephalanthera* L.C.M. Richard. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 457-462.
- RENZ, J. & G. TAUBENHEIM. 1984b. *Epipactis* Zinn. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 462-469.
- RENZ, J. & G. TAUBENHEIM. 1984c. *Spiranthes* L.C.M. Richard. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 471-472.
- RENZ, J. & G. TAUBENHEIM. 1984d. *Platanthera* L.C.M. Richard. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 473-475.
- RENZ, J. & G. TAUBENHEIM. 1984e. *Ophrys* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 476-501.
- RENZ, J. & G. TAUBENHEIM. 1984f. *Serapias* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 502-506.
- RENZ, J. & G. TAUBENHEIM. 1984g. *Aceras* R. Br. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 506-507.
- RENZ, J. & G. TAUBENHEIM. 1984h. *Barlia* Parl. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 509-510.

- RENZ, J. & G. TAUBENHEIM. 1984i. *Anacamptis* L.C.M. Richard. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 510-512.
- RENZ, J. & G. TAUBENHEIM. 1984j. *Neotinea* R. Br. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 512-513.
- RENZ, J. & G. TAUBENHEIM. 1984k. *Orchis* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 516-535.
- RENZ, J. & G. TAUBENHEIM. 1984l. *Dactylorhiza* Necker ex Nevski. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 535-551.
- RESENDE, F. 1942. Suculentas Africanas. I. Três espécies novas de *Haworthia* Duval – Secção IV, *Coarctatae* Berger. *Boletim da Sociedade Broteriana*, série 2, 15: 159-162. “1941”.
- REVEAL, J.L. & M.W. CHASE. 2011. APG III: Bibliographical Information and Synonymy of Magnoliidae. *Phytotaxa* 19: 71-134.
- RIBEIRO, A. 1918 (Reedições em 1960, 1983). *A Via Sinuosa. Romance*. Livraria Bertrand. 347 p.
- RIBEIRO, A. 1951. *Geografia Sentimental (História, Paisagem, Folclore)*. Livraria Bertrand.
- RIBEIRO, J.A. 2003. Património florístico duriense. Plantas bravias comestíveis ou condimentares e fruteiras silvestres. *Douro* 16: 71-105.
- RIBEIRO, P.M.C. 2006. *Caracterização da Flora Vascular e do Padrão da Dinâmica da Paisagem na Serra do Caramulo. Análise do Estado de Conservação de Taxa Prioritários*. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Biologia, especialidade de Ecologia. Universidade de Coimbra.
- RIBEIRO, P.M. & J. PAIVA. 2005. Sobre quatro taxa pouco frequentes da flora portuguesa. *Botanica Complutensis* 29: 31-34.
- RIBEIRO DE MENESES, F. 2014. *Salazar – Uma Biografia Política*. Edição original publicada nos Estados Unidos da América por Enigma Books, Nova Iorque. Título original: Salazar. A Political Biography. © 2009, Filipe Ribeiro de Meneses. © 2009, Publicações D. Quixote. Tradução de Teresa Casal. Publicações D. Quixote & Expresso. Volume I. 144 p.
- RICHARDSON, I.B.K. & B.E. SMYTHIES. 1980. *Asphodelus* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 17.
- RICO, E. 2013a. *Urginea* Steinh. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds). *Flora Iberica*. XX. Síntese genérica disponibilizada em www.floraiberica.es. 7 p.
http://www.floraiberica.es/texto/imprenta/tomoXX/20_183_00_Urginea_4e.pdf. 21/01/2013. [Acedido em 07.IX.2013].
- RICO, E. 2013b. *Colchicum* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds). *Flora Iberica*. XX. Síntese genérica disponibilizada em www.floraiberica.es. 9 p.
http://www.floraiberica.es/texto/imprenta/tomoXX/20_183_00_Colchicum_4e.pdf. [Acedido em 23.XI.2013].
- RICO, E. 2013c. *Bulbocodium* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds). *Flora Iberica*. XX. Síntese genérica disponibilizada em www.floraiberica.es. 4 p.
http://www.floraiberica.es/texto/imprenta/tomoXX/20_183_00_Bulbocodium_4e.pdf. [Acedido em 23.XI.2013].

- RICO, E. 2013d. *Urginea* Steinh. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds). *Flora Iberica* XX: 210-217.
- RICO, E. 2013e. *Colchicum* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds). *Flora Iberica*. XX: 85-93.
- RICO, E. 2013f. *Bulbocodium* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds). *Flora Iberica*. XX: 93-96.
- RICO, E. 2013g. *Merendera* Ramond. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds). *Flora Iberica*. XX: 97-102.
- RICO, E. 2013h. *Aphyllanthes* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds). *Flora Iberica* XX: 217-219.
- RICO, E., A. QUINTANAR & A. HERRERO (eds). 2013. CLXXXIII. LILIACEAE [nom. cons.]. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds). *Flora Iberica*. Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. XX: 3-9.
- RIEHMANN, K., B. BEHNKE & K. SCHULZE-OSTHOFF. 1999. Plant extracts from stinging nettle (*Urtica dioica*), an antirheumatic remedy, inhibit the proinflammatory transcription factor NF-kappaB. *FEBS Lett.* 442 (1): 89-94.
- RINO, J. ALMEIDA. 1967. Subsídios para o conhecimento das algas de água doce de Portugal. I. *Anuário da Sociedade Broteriana* XXXIII: 11-27.
- RINO, J. ALMEIDA & M.F. SANTOS. 1968. Subsídios para o conhecimento das algas de água doce de Portugal. III. *Anuário da Sociedade Broteriana* XXXIV: 19-41 + VII Estampas.
- RINO, J. ALMEIDA. 1969. Subsídios para o conhecimento das algas de água doce de Portugal. IV. *Anuário da Sociedade Broteriana* XXXV: 41-72 + IX Estampas.
- ŘÍHA, J. & R. ŠUBÍK. 1987. *Encyclopédie des cactus*. Gründ, Paris. 352 p.
- RIX, E.M. 1986a. *Chionodoxa* Boissier. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 214-215.
- RIX, E.M. 1986b. *Romulea* Maratti. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 370-372.
- RIX, E.M. 1986c. *Puschkinia* Adams. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 221.
- RIVAS-MARTÍNEZ, S. 2005. *Avances en Geobotánica*. Discurso de Apertura del Curso Académico de la Real Academia Nacional de Farmacia del año 2005. 128 p.
- RIVAS-MARTÍNEZ, S., T.E. DÍAZ, F. FERNÁNDEZ-GONZÁLEZ, J. IZCO, J. LOIDI, M. LOUSĂ & A. PENAS. 2002a. Vascular plant communities of Spain and Portugal. Addenda to the syntaxonomical checklist of 2001. *Itinera Geobotanica* 15 (1): 5-432.
- RIVAS-MARTÍNEZ, S., T.E. DÍAZ, F. FERNÁNDEZ-GONZÁLEZ, J. IZCO, J. LOIDI, M. LOUSĂ & A. PENAS. 2002b. Vascular plant communities of Spain and Portugal. Addenda to the syntaxonomical checklist of 2001. Part II. *Itinera Geobotanica* 15 (2): 433-922.
- RIVAS-MARTÍNEZ, S., F. FERNÁNDEZ-GONZÁLEZ, J. LOIDI, M. LOUSĂ & A. PENAS. 2001. Syntaxonomical checklist of vascular plant communities of Spain and Portugal to association level. *Itinera Geobotanica* 14: 5-341.

- RIVAS-MARTÍNEZ, S. & J. PIZARRO. 1989. In S. RIVAS-MARTÍNEZ (ed.), *De Plantis Carpetanis Notulae Systematicae*, IV. 8. *Carex acuta* L. subsp. *reuteriana* (Boiss.) Rivas-Martínez & Pizarro, *comb. nova*. *Fontqueria* 24: 13.
- RIVERA, D., C. OBÓN, F. ALCARAZ, T. EGEA, E. CARREÑO, E. LAGUNA, A. SANTOS & W. WILDPRET. 2013. (2238) Proposal to conserve *Phoenix canariensis* against *P. cycadifolia* (Arecaceae). *Taxon* 62 (6): 1337-1338. December 2013.
- RIX, E.M. 1980a. *Fritillaria* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 3-3.
- RIX, E.M. 1986a. *Fritillaria* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 187-193.
- ROBLEDO MIRAS, A. 1991. Orquídeas españolas. Introducción a su conocimiento y guía para su identificación. *Revista Quercus (España)*. Caderno n.º 59: 4-17. Janeiro de 1991.
- ROBSON, N.K.B. 1967. *Hypericum* L. In DAVIS, P.H. (ed.), *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 2: 355-401.
- ROBSON, N.K.B. 1968. *Hypericum* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* 2: 261-269.
- ROCHA AFONSO, M.L. 1980. *Avena* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 206-208.
- ROCHA AFONSO, M.L. 1990a. *Fagus* L. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍN, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* II: 10-11.
- ROCHA AFONSO, M.L. 1990b. *Castanea* Miller. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍN, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* II: 11-15.
- ROCHA AFONSO, M.L. 1990c. *Corylus* L. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍN, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* II: 46-49.
- ROCHA AFONSO, M.L. 1990. *Casuarina* L. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍN, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds). 1990. *Flora Iberica*. Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. Vol. II: 50-52.
- ROCHA AFONSO, M.L. 1998. *Avena* L. In FRANCO, J.A. & M.L. ROCHA AFONSO, *Nova Flora de Portugal (Continente e Açores)* 3 (2): 104-110.
- RODRIGUES, M.A. 1990. *A Universidade de Coimbra e os seus Reitores. Para uma História da Instituição*. Obra publicada com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian e do Stifterverband für die Deutsche Wissenschaft. Arquivo da Universidade de Coimbra. Coimbra. 607 p.
- RODRIGUES, M.A. (Dir.); A.F.M. DE QUEIRÓS, A.C.G. RODRIGUES, A.M.A.L. BANDEIRA, J.M.S. DE CARVALHO, J.S. RAMOS, M.F.M.A. RODRIGUES, P.J.F.P. DOS REIS (Collab.). 1992. *Memoria Professorvm Vniversitatis Conimbrigensis. 1772-1937*. Vol. II. Arquivo da Universidade de Coimbra. Coimbra. 433 p.
- RODRIGUES, M.R.A., L.K.S. KANAZAWA, T.L.M. DAS NEVES, C. FRANCIELLE DA SILVA, H. HORST, M.G. PIZZOLATTI, A.R.S. SANTOS, C.H. BAGGIO & M.F.D.P. WERNER. 2012. Antinociceptive and anti-inflammatory potential of extract and isolated compounds from the leaves of *Salvia officinalis* in mice. *Journal of Ethnopharmacology* 139: 519-526.
- ROMAND-MONNIER, F. 2013. *Rytidosperma richardsonii*. In: IUCN 2013. IUCN Red List of Threatened Species. Version 2013.2. www.iucnredlist.org. Downloaded on 16 December 2013. <http://www.iucnredlist.org/details/44393230/0>.

- ROMERO, A.T. 2011a. *Cynosurus* L. In BLANCA, G., B. CABEZUDO, M. CUETO, C. MORALES TORRES & C. SALAZAR (eds), *Flora Vascular de Andalucía Oriental*: 320-321.
- ROMERO, A.T. 2011b. *Lamarckia* Moench. In BLANCA, G., B. CABEZUDO, M. CUETO, C. MORALES TORRES & C. SALAZAR (eds), *Flora Vascular de Andalucía Oriental*: 321.
- ROMERO, A.T. 2011c. *Parapholis* C. E. Hubb. In BLANCA, G., B. CABEZUDO, M. CUETO, C. MORALES TORRES & C. SALAZAR (eds), *Flora Vascular de Andalucía Oriental*: 365-366..
- ROMERO, A.T. 2011d. *Echinochloa* P. Beauv. In BLANCA, G., B. CABEZUDO, M. CUETO, C. MORALES TORRES & C. SALAZAR (eds), *Flora Vascular de Andalucía Oriental*: 391.
- ROMERO, A.T. 2011e. *Rostraria* Trin. = *Lophochloa* Rchb. In BLANCA, G., B. CABEZUDO, M. CUETO, C. MORALES TORRES & C. SALAZAR (eds), *Flora Vascular de Andalucía Oriental*: 337-338.
- ROMERO, A.T., G. BLANCA LÓPEZ & C. MORALES TORRES. 1988. Revisión del género *Agrostis* L. (*Poaceae*) en la Península Ibérica. *Ruizia* 7: 1-160.
- ROMERO, T. 2011. *Paradisea* Mazzuc. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds), *Flora Iberica*. XX. Síntese genérica disponibilizada em www.floraiberica.es. 4 p.
http://www.floraiberica.es/texto/imprenta/tomoXX/20_183_00_Paradisea.pdf.
13/05/2011. [Acedido em 05.IX.2013].
- ROMERO, T. 2013a. *Paradisea* Mazzuc. In CASTROVIEJO, S. (coord.); S. TALAVERA, C. ANDRÉS, M. ARISTA, M.P. FERNÁNDEZ PIEDRA, E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds), *Flora Iberica*. XX: 171-184.
- ROMERO, T. 2013b. *Bellevalia* Lapeyr. [nom. cons.]. In CASTROVIEJO, S. (coord.); S. TALAVERA, C. ANDRÉS, M. ARISTA, M.P. FERNÁNDEZ PIEDRA, E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds), *Flora Iberica*. XX: 184-187.
- ROMERO ZARCO, C. 1987a. *Pseudarrhenatherum* Rouy, *Bull. Soc. Bot. Fr.* 68: 401 (1921). In VALDÉS, B, S. TALAVERA & E. FERNÁNDEZ-GALIANO (eds). *Flora Vascular de Andalucía Occidental* 3: 312.
- ROMERO ZARCO, C. 1987b. *Rostraria* Trin., *Fund. Agrost.* 149 (1822). In VALDÉS, B, S. TALAVERA & E. FERNÁNDEZ-GALIANO (eds). *Flora Vascular de Andalucía Occidental* 3: 320-322.
- ROMERO ZARCO, C. 1987c. *Lagurus* L., *Sp. Pl.* 81 (1753) [*Gen. Pl.* ed. 5: 34, 1754]. In VALDÉS, B, S. TALAVERA & E. FERNÁNDEZ-GALIANO (eds). *Flora Vascular de Andalucía Occidental* 3: 345-346.
- ROMERO ZARCO, C. 1987d. *Holcus* L., *Sp. Pl.* 1047 (1753) [*Gen. Pl.* ed. 5: 469, 1754]. In VALDÉS, B, S. TALAVERA & E. FERNÁNDEZ-GALIANO (eds). *Flora Vascular de Andalucía Occidental* 3: 331-333.
- ROMERO ZARCO, C. 2008. *Juncus* L. In CASTROVIEJO, S. & al. (eds), *Flora iberica* XVII. <http://www.rjb.csic.es/floraiberica/>, [2008].
- ROMERO ZARCO, C. 2010. *Juncus* L. In CASTROVIEJO, S. (Coord.); S. TALAVERA, M.J. GALLEGO, C. ROMERO ZARCO & A. HERRERO (eds), *Flora iberica* XVII: 123-187.
- RÓMULO DE CARVALHO. 1987. A História Natural em Portugal no século XVIII. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Biblioteca Breve, n.º 112. Bertrand Editora. 123 p.
- RONSE DECRAENE, L.P. & E.F. SMETS. 1993. Dédoublement revisited: towards a renewed interpretation of the androecium of the Magnoliophytina. *Botanical Journal of the Linnean Society* 113 (2): 103-124. October 1993.

- RONSE DECRAENE, L.P., S.-P. HONG & E.F. SMETS. 2000. Systematic significance of fruit morphology and anatomy in tribes *Persicarieae* and *Polygoneae* (Polygonaceae). *Botanical Journal of the Linnean Society* 134: 301-337.
- ROOS, G., J. WAIBLINGER, S. ZSCHOCKE, J.H. LIU, I. KLAIBER, W. KRAUS & R. BAUER. 1997. Isolation, identification, and screening for COX-1 and 5-LO-inhibition of coumarins from *Angelica archangelica*. *Pharmaceutical and Pharmacological Letters* 7: 157-160.
- ROS, R.M., V. MAZIMPAKA, U. ABOU-SALAMA, M. ALEFFI, T.L. BLOCKEEL, M. BRUGUÉS, M.J. CANO, R.M. CROS, M.G. DIA, G.M. DIRKSE, W. EL-SAADAWI, A. ERDAĞ, A. GANEVA, J.M. GONZÁLEZ-MANCEBO, I. HERRNSTADT, K. KHALIL, H. KÜRSCHNER, E. LANFRANCO, A. LOSADA-LIMA, M.S. REFAI, S. RODRÍGUEZ-NÚÑEZ, M. SABOVLEVIĆ, C. SÉRGIO, H. SHABBARA, M. SIM-SIM, L. SÖDERSTRÖM. 2007. Hepatics and Anthocerotes of the Mediterranean, an annotated checklist. *Cryptogamie, Bryologie*, 2007, 28 (4): 351-437.
- ROS, R.M., V. MAZIMPAKA, U. ABOU-SALAMA, M. ALEFFI, T.L. BLOCKEEL, M. BRUGUÉS, R.M. CROS, M.G. DIA, G.M. DIRKSE, I. DRAPER, W. EL-SAADAWI, A. ERDAĞ, A. GANEVA, R. GABRIEL, J.M. GONZÁLEZ-MANCEBO, C. GRANGER, I. HERRNSTADT, V. HUGONNOT, K. KHALIL, H. KÜRSCHNER, A. LOSADA-LIMA, L. LUÍS, S. MIFSUD, M. PRIVITERA, M. PUGLISI, M. SABOVLEVIĆ, C. SÉRGIO, H.M. SHABBARA, M. SIM-SIM, A. SOTIAUX, R. TACCHI, A. VANDERPOORTEN & O. WERNER. 2013. Mosses of the Mediterranean, an annotated checklist. *Cryptogamie, Bryologie*, 2013, 34 (2): 99-283.
- ROS, R.M., J. MUÑOZ, O. WERNER & S. RAMS. 2008. New typifications and synonyms in *Tortula* sect. *Pottia* (*Pottiaceae*, *Musci*). *Taxon* 57 (1) February 2008: 279-288.
- ROSA, P.J.N. 2000. *Projecto de recuperação da Escola das Monocotiledóneas do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra*. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra para a obtenção do grau de Mestre em Biologia Vegetal. 2 volumes: Volume I: Texto; Volume II: Anexos. Departamento de Botânica. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. 306 p. + VII (+ II) Anexos (1 p. + 4 p. + 32 p. + 5 p. + 18 p. + 15 p. + 5 p. + 167 p. + 17 p.).
- RÖSER, M. 2006. 108. Notes on the distribution and taxonomy of some Iberian and Maghrebian perennial *Aveneae* [Genera *Helictotrichon* Besser, *Pseudarrhenatherum* Rouy, *Arrhenatherum* P. Beauv., *Avenula* (Dumort.) Dumort.]. In *Notas taxonómicas y corológicas para la flora de la Península Ibérica y el Magreb*. *Notas* 108-125. *Lagascalia* 26: 140-147.
- ROSCHEK, B., JR., R.C. FINK, M. MCMICHAEL, R.S. ALBERTE. 2009. Nettle extract (*Urtica dioica*) affects key receptors and enzymes associated with allergic rhinitis. *Phytotherapy Research* 23: 920-926.
- ROSSA, W. 1995. A cidade portuguesa. In PEREIRA, P. (Dir.). *História da arte portuguesa*. Vol. 1: 233-323. Círculo de Leitores. Lisboa.
- ROSTANSKI, K. 1991. The representatives of the genus *Oenothera* L. in Portugal. *Boletim da Sociedade Broteriana*, Série 2, LXIV: 5-33.
- ROTHMALER, W. & A.R. PINTO DA SILVA. 1939. *Florae Lusitaniae Emendationes II*. *Agronomia Lusitana* 1 (4): 373-393.
- ROWLEY, G.D. & A. CULHAM. 2007. *Mesmbryanthemaceae* (Ice plants, living stones, vygies and mesembs). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 213-215.
- ROYAL BOTANIC GARDENS, KEW. 1984a. XX. Gramineae (Poaceae). Group A (Herbaceous grasses). In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II. Monocotyledons (Part II): 31-55.
- ROYAL BOTANIC GARDENS, KEW. 1984b. XXI. Palmae (Arecaceae). In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M.

- ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II. Monocotyledons (Part II): 65-75.
- ROZEIRA, A. 1944. A flora da província de Trás-os-Montes e Alto Douro. *Mem. Soc. Brot.* 3: 7-203.
- ROZEMA, E., A.G. ATANASOV, N. FAKHRUDIN, J. SINGHUBER, U. NAMDUANG, E.H. HEISS, G. REZNICEK, C.W. HUCK, G.K. BONN, V.M. DIRSCH & B. KOPP. 2012. Selected extracts of chinese herbal medicines: their effect on NF-kappaB, PPARalpha and PPARgamma and the respective bioactive compounds. *Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine* vol. 2012, Article ID 983023.
- RUBIDO-BARÁ, M., M. HORJALES & C. VILLAYERDE. 2010. Dos novas subespécies del género *Jasione* L. (Campanulaceae) en el Noroeste de la Península Ibérica. *Nova Acta Científica Compostelana (Biología)*, 19: 21-31.
- RUIZ, T. 1991a. *Hainardia* Greuter, *Boissiera* 13: 178 (1967). In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Estremadura*: 77-78.
- RUIZ, T. 1991b. *Imperata* Cyr., *P. Rar. Neap.* 2: 26 (1792). In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Estremadura*: 298-301.
- RUIZ, T. 1991c. *Bromus* L., *Sp. Pl.* 76 (1753) [*Gen. Pl.* ed. 5: 33 (1754)]. In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Estremadura*: 211-224.
- RUIZ, T. 1991d. *Brachypodium* Beauv., *Agrost.* 100, 155 (1812). In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Estremadura*: 202-210.
- RUIZ, T. 1991e. *Milium* L., *Sp. Pl.* 61 (1753) [*Gen. Pl.* ed. 5: 30 (1754)]. In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Estremadura*: 202-210.
- RUIZ, T. 1991f. *Poa* L., *Sp. Pl.* 67 (1753) [*Gen. Pl.* ed. 5: 31 (1754)]. In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Estremadura*: 23-33.
- RUIZ, T. 1991g. *Hyparrhenia* N.J. Andersson ex E. Fourn., *Mex. Pl.* 2: 51, 67 (1886). In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Estremadura*: 297-298.
- RUSSELL, G. 2008. *Paphiopedilum spicerianum*: unravelling some of the mystery. *The McAllen International Orchid Society Journal* 9 (4): 2-11. April 2008.
- RYVES, T.B., E.J. CLEMENT & M.C. FOSTER. 1996. *Alien Grasses of the British Isles*. With guidance on nomenclature by D.H. KENT and illustrations by G.M.S. EASY. Botanical Society of the British Isles. London. 181 p.
- SAABY, L., A.K. JAGER, L. MOESBY, E.W. HANSEN & S.B. CHRISTENSEN. 2011. Isolation of immunomodulatory triterpene acids from a standardized rose hip powder (*Rosa canina* L.). *Phytotherapy Research* 25: 195-201.
- SACCARDO, P.A. 1893. Florula mycologica Lusitanica sistens contributionem decimam ad eandem floram nec non conspectum fungorum omnium in Lusitania hucusque observatorum. *Boletim da Sociedade Broteriana* XI: 9-29.
- SACCARDO, P.A. 1903. Florae mycologicae lusitanicae. Contributio duodecima. *Boletim da Sociedade Broteriana* XIX: 156-171.
- SÁEZ, L. 2010. *Salvia* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); R. MORALES, A. QUINTANAR, F. CABEZAS, A.J. PUJADAS & S. CIRUJANO (eds). 2010. *Flora iberica*. Vol. XII: 298-326.
- SÁEZ, L. 2013. *Brimeura* Salisb. In CASTROVIEJO, S. (coord.); E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds). *Flora Iberica*. XX. 7 p. Síntese genérica disponibilizada em www.floraiberica.es [accedida em 6.VII.2013].

- SÁEZ, L., M.P. QUIJADA, M.L. ALARCÓN & J. ALDASORO. 2005. *Serapias* L. [nom. cons.] In CASTROVIEJO, S. (coord.); C. AEDO & A. HERRERO (eds), *Flora iberica* XXI: 156-165.
- SALES, F. 1996. *Rhododendron ponticum* – phylogeography, taxonomy and nomenclature. *Proceedings of the IVth Plant Life of South-West Asia symposium*, Izmir: 167-194.
- SALES, M.F. & J. PAIVA. 1990. *Agrostemma* L. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍNIZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds). 1990. *Flora Iberica* Vol. II. 2: 302-304.
- SALGUEIRO, L.M.R.P. 1994. *Os tomilhos portugueses e os seus óleos essenciais*. Vol. I. Dissertação apresentada à Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra, para prestação de provas de doutoramento, na área de Farmacognosia e Fitoquímica. Universidade de Coimbra. Faculdade de Farmácia. 311 p.
- SALGUEIRO, L.R., C. CAVALEIRO, E. PINTO & al. 2003. Chemical composition and antifungal activity of the essential oil of *Origanum virens* on *Candida* species. *Planta medica* 69: 871-874.
- SALGUEIRO, L.R., E. PINTO, M.J. GONÇALVES, C. PINA-VAZ, C. CAVALEIRO, A. GONÇALVES RODRIGUES, A. Palmeira, C. TAVARES, S. COSTA DE OLIVEIRA, C. & J. MARTÍNEZ DE OLIVEIRA. 2004. Chemical composition and antifungal activity of the essential oil of *Thymbra capitata*. *Planta medica* 70 (6): 572-575.
- SALVO, Á.E. & P. OTERMIN. 1986. *Diplazium* Sw. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍNIZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* I: 125-127.
- SAMPAIO, G. 1901. Plantas novas para a flora de Portugal (continuação). *Annaes Sci. Nat. (Porto)* 7: 7-14 & 111-121 (1900).
- SAMPAIO, G. 1905. Contribuições para o estudo da flora portuguesa. *Epilobiaceae*. *Boletim da Sociedade Broteriana* XXI: 182-208.
- SAMPAIO, G. 1906. Notas criticas sobre a flora portuguesa. *Annaes Sci. Nat. (Porto)* 10: 5-78.
- SAMPAIO, G. 1909-1914. *Manual da Flora Portuguesa*. Gabinete de Botânica da Faculdade de Ciências do Porto.
- SAMPAIO, G. 1931. Apontamentos sobre alguns géneros de plantas. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto* 17 (1): 43-51.
- SAMPAIO, G. 1932. Adições e correcções à flora portuguesa. *Boletim da Sociedade Broteriana*, Sér. 2, 7: 111-168 (1931).
- SAMPAIO, G. 1936. Flora vascular de Trancoso. *Anais Fac. Ciências Porto* 20 (3): 129-154; 20 (4): 209-223. Também como Separata. 40 p.
- SAMPAIO, G. 1947. *Flora Portuguesa*. 2ª edição, dirigida por A. PIRES DE LIMA. Imprensa Moderna, Lda. Porto. xlv + 792 p. + XIII estampas.
- SANBI. 2013. PlantZAfrica.com. © South Africa National Biodiversity Institute. Biodiversity for Life. PlantZAfrica.com/plantij/hypoxihemero.htm. [Acedido em 13 de Abril de 2013]
- SANBI. 2014. PlantZAfrica.com. © South Africa National Biodiversity Institute. Biodiversity for Life. PlantZAfrica.com/plantnop/pelargzonale.htm. [Acedido em 13 de Novembro de 2014]
- SANDLER, H. 2001. The Tallinn Botanical Garden in Estonia – 40 years old. *Journal of Botanic Gardens Conservation International*. *BGjournal* 3 (7) – February 2001. <http://www.bgci.org/worldwide/article/201/>. [consultado em 11 de Junho de 2014].

- SÁNCHEZ, A. & K.A. KRON. 2008. Phylogenetics of Polygonaceae with an Emphasis on the Evolution of Eriogonoideae. *Systematic Botany* 33 (1): 87-96.
- SÁNCHEZ, A., T.M. SCHUSTER, J.M. BURKE & K.A. KRON. 2011. Taxonomy of Polygonoideae (Polygonaceae): a new tribal classification. *Taxon* 60: 151-160.
- SÁNCHEZ PEDRAJA, Ó. 2005. *Dactylorhiza* Neck. ex Nevski. In CASTROVIEJO, S. (coord.); C. AEDO & A. HERRERO (eds), *Flora iberica* XXI: 94-111.
- SANTOLLALA FRAGERO, F. 1999. *Guía de los Árboles de la Península Ibérica y Baleares*. 116 especies autóctonas (...). Fotografías: Francisco Santollala Fragero. Dibujos: Fernando González-Iglesias Sitges. Primera edición en lengua española 1992. Reimpresión 1996. Reimpresión 1999. Blume. 240 p.
- SANTOS, M.F. 1970. Contribuições para o conhecimento das algas de água doce de Portugal. I. *Anuário da Sociedade Broteriana* XXXVI: 87-105.
- SANTOS, M.F., R. LEITE & L.M.A. SANTOS. 2001. O género *Phacus* Dujardin. Espécies novas para Portugal. Resumos do 2.º Encontro Nacional de Ficologia. *Boletim da Sociedade Broteriana*, Sér. 2, LXX: 112.
- SANZ-ELORZA, M., E.D. DANA SÁNCHEZ & E. SOBRINO VESPERINAS. 2004. *Atlas de las Plantas Alóctonas Invasoras en España*. Ministerio de Medio Ambiente. Secretaría General para el Territorio y la Biodiversidad. Dirección General para la Bioiversidad. Madrid. 386 p.
- SARAIVA, J.H. 1996. *As moradias do Capitão*. Horizontes da Memória. RTP 2. [Programa televisivo retransmitido no canal RTP Memória em 5 de Junho de 2014]
- SARAIVA, J.H. 1998. *Há tanto, tanto em Vouzela*. Horizontes da Memória. RTP 2. [Programa televisivo retransmitido no canal RTP Memória em 25 de Fevereiro de 2013]
- SAUL, H., M. MADELLA, A. FISCHER, A. GLYKOU, S. HARTZ & O.E. CRAIG. 2013. Phytoliths in Pottery Reveal the Use of Spice in European Prehistoric Cuisine. *PLoS ONE* 8 (8): e70583. Published August 21, 2013. DOI: 101371/journal.pone.0070583.
- SCHILDE, C. & P. SCHAAP. 2013. Chapter 1. The Amoebozoa. In EICHINGER, L. & F. Rivero (eds), *Dictyostelium discoideum* Protocols, Methods in Molecular Biology 983, DOI 10.1007/978-1-62703-302-2_1, © Springer Science + Business Media, LLC 2013. 15 p.
- SCHIPMANN, U. 1991. Revision der Europäischen Arten der Gattung *Brachypodium* Palisot de Beauvois (*Poaceae*). *Boissiera* 45: 1-250.
- SCHMEIL, O. & J. FITSCHEN. 2009. *Flora von Deutschland und angrenzender Länder*. Ein buch zum Bestimmen der wildwachsenden und häufig kultivierten Gefäßpflanzen. 94., unverändert Auflage. Von Sigmund SEYBOLD. Quelle & Meyer Verlag Wiebelsheim. 866 p.
- SCHMID, R. 2014. A primer to botanical info and publications available on USDA websites. In SCHMID, R. (ed.), Reviews and notices. *Taxon* 63 (1): 223-224.
- SCHOEN, D.J. & A.H.D. BROWN. 1993. Conservation of allelic richness in wild crop relatives is aided by assessment of genetic markers. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America* 90 (22): 10623-10627.
- SCHOLZ, H. 1985a. *Panicum* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 588-590.
- SCHOLZ, H. 1985b. *Echinochloa* P. Beauv. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 590-592.
- SCHOLZ, H. 1985c. *Digitaria* Heister ex Haller. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 593-595.

- SCHOLZ, H. 1985d. *Paspalum* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 595-597.
- SCHOLZ, H. 1985e. *Setaria* P. Beauv., nom. conserv. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 597-600.
- SCHOLZ, H. 1985f. *Pennisetum* L.C.M. Richard. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 601.
- SCHÖNFELDER, I. & P. SCHÖNFELDER. 1990. *Collins Photoguide to the Wildflowers of the Mediterranean*. Translated from the german by C.J. KING. William Collins Sons & Co Ltd. London.
- SCHWAIGER, S., I. ZELLER, P. POELZELBAUER, S. FROTSCHNIG, G. LAUFER, B. MESSNER, V. PIERI, H. STUPPNER & D. BERNHARD. 2011. Identification and pharmacological characterization of the anti-inflammatory principal of the leaves of the dwarf elder (*Sambucus ebulus* L.). *Journal of Ethnopharmacology* 133: 704-709.
- SCHWARTZ, F.C. 2003. *Zigadenus* Michaux, Fl. Bor.-Amer. 1: 213, plate 22. 1803. In FLORA OF NORTH AMERICA EDITORIAL COMMITTEE (eds). 1993+. *Flora of North America North of Mexico*. Vol. 23, 2002. Online Date 6/1/2003.
- SCHWARZER, U., J.D. ALMEIDA, P.V. ARAÚJO & C.T. GOMES. 2014. *Potamogeton natans* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wPotamogeton+natans>. Consulta realizada em 19/01/2014.
- SCHWARZER, U., M. PORTO, A. CARAPETO, C. AGUIAR, J. CAMEJO, J.D. ALMEIDA & P. CARDOSO. 2014b. *Ephedra fragilis* Desf. subsp. *fragilis* – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wEphedra+fragilis+subsp.+fragilis>. Consulta realizada em 21/12/2014.
- SCHWARZER, U., J.D. ALMEIDA, A.J. PEREIRA, H. ENGELS, J. LOURENÇO & M. PORTO. 2014c. *Cladium mariscus* (L.) Pohl – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCladium+mariscus>. Consulta realizada em 27/12/2014.
- SCOTLAND, R.W. & A.H. WORTLEY. 2003. How many species of seed plants are there? *Taxon* 52 (1): 101-104.
- SEBERG, O. 2007a. Xanthorrhoeaceae (Grass tree family). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 406-407.
- SEBERG, O. 2007b. Luzuriagaceae. In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 380.
- SEBERG, O. & S.R.C. 2007c. Marantaceae (Prayer-plant family). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 380-381.
- SEBERG, O. & P.F.H. 2007d. Orchidaceae (Orchid family). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 384-388.
- SEBERG, O. 2007e. Ixioliriaceae. In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 375-376.
- SEBERG, O. 2007g. Doryanthaceae. In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 366.
- SEBERG, O. 2007h. Themidaceae. In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 404.
- SEBERG, O. 2007i. Araceae (Aroids and duckweeds). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 345-348.

- SEBERG, O. 2007j. Arecaceae (Palmae) (Palm family). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 348-350.
- SEBERG, O. 2007k. Commelinaceae (Spiderwort family). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 359-360.
- SEBERG, O. 2007l. Liliaceae (Lily family). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 378-379.
- SEBERG, O. 2007m. Pandanaceae (Screwpine family). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 388-389.
- SELL, P.D. 1975. *Lapsana* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by V.A. MATTHEWS, F.K. KUPICHA & B.S. PARRIS, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 5: 785-787.
- SENATORE, F. 1996. Influence of harvesting time on yield and composition of the essential oil of thyme (*Thymus vulgaris* L.) growing wild in Campania (southern Italy). *J. Agric. Food Chem.* 44: 1327-1332.
- SENNIKOV, A. 2009. *Cotoneaster*. – In: KURTTÖ, A. (ed.): Rosaceae. *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*. <http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameId=29401&PTRefFk=7300000> [Acedido 2010–2013].
- SEQUEIRA, E. MENEZES de & A. R. PINTO DA SILVA. 1992. Ecology of serpentinized areas of north-east Portugal. In: *The ecology of areas with serpentized rocks. A world view*. A. Roberts & J. Proctor (eds.). Kluwer Academic Publishers. Netherlands: 169-197.
- SÉRGIO, C. 1966. Contribuição para o conhecimento da flora briológica de Portugal. I. *Anuário da Sociedade Broteriana* XXXII: 9-32.
- SÉRGIO, C. 1967. Contribuições para o conhecimento da flora briológica de Portugal. II. *Portugaliae Acta Biol., Série B, Sistemática* 9: 146-167.
- SÉRGIO, C. 1969. Contribuições para o conhecimento da flora briológica de Portugal. III. *Anuário da Sociedade Broteriana* XXXV: 9-40.
- SÉRGIO, C. 1971. Contribuições para o conhecimento da flora briológica de Portugal. IV. *Anuário da Sociedade Broteriana* XXXVII: 63-85.
- SÉRGIO, C., C. CASAS, M. BRUGUÉS & R.M. CROS. 1994. *Lista Vermelha dos Briófitos da Península Ibérica/Red List of Bryophytes of the Iberian Peninsula*. Instituto de Conservação da Natureza & Museu, Laboratório e Jardim Botânico, Universidade de Lisboa. 45 p.
- SÉRGIO, C. & S. CARVALHO. 2003. Annotated Catalogue of Portuguese Bryophytes/Catálogo comentado dos Briófitos portugueses. *Portugaliae Acta Biol.* 21: 5-230. Lisboa.
- SÉRGIO, C., P. CARVALHO & C. GARCIA. 2009. *Guia de Campo dos Briófitos e Líquenes das Florestas Portuguesas*. Jardim Botânico. Museu Nacional de História Natural. Universidade de Lisboa. 120 p.
- SÉRGIO, C., C. GARCIA, M. BRUGUÉS & R. CROS. 2009b. Primeiros dados sobre a brioflora da Serra do Alvão e áreas adjacentes. In [1. *Novarum Flora Lusitana Commentarii. In memoriam A.R. Pinto da Silva (1912 – 1992)*. Notas do Herbário (LISFA): Fasc. XXVIII. *Silva Lusitana* 17 (1): 109-122.
- SÉRGIO, C., C.A. GARCIA, M. SIM-SIM, C. VIEIRA, H. HESPAHOL & S. STOW. 2013. *Atlas e Livro Vermelho dos Briófitos Ameaçados de Portugal (Atlas and Red Data Book of Threatened Bryophytes of Portugal)*. MUHNAC. Documenta. Lisboa. 464 p.
- SÉRGIO, C. & E.J. MENDES. 1971. Notas sobre a distribuição em Portugal de três espécies do género *Riccia* L. *Anuário da Sociedade Broteriana* XXXVII: 47-57.

- SERRA, M.G. LEITÃO & M.L. SERPA CARVALHO. 1989. *A flora e a vegetação do Parque Nacional da Peneda-Gerês*. Contribuição para o Plano de Ordenamento desta Área Protegida. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza. Lisboa. 78 p.
- SERVAN-SCHREIBER, D. 2011. *Anticancer. A new way of life*. This revised edition published 2011. Text copyright © David Servan-Schreiber, 2007, 2011. Illustrations by Sylvie Dessert. Michael Joseph. An imprint of Penguin Books. 328 p.
- SEYBOLD, S. 2009. *Schmeil – Fitschen. Flora von Deutschland und angrenzender Länder*. Ein buch zum Bestimmen der wildwachsenden und häufig kultivierten Gefäßpflanzen. 94., unveränderte Auflage. Quelle & Meyer Verlag Wiebelsheim. 866 p.
- SHALCHIAN-TABRIZI, M.A. MINGE, M. ESPELUNDE, R. ORR, T. RUDEN, K.S. JACOBSEN & T. CAVALIER-SMITH. 2008. Multigene phylogeny of Choanozoa. *PLoS ONE* 3, e2098. (doi:10.1371/journal.pone.0002098)
- SHEN, D., M.-H. PAN, Q.-L. WU, C.-H. PARK, H.R. JULIANI, C.-T. HO & J.E. SIMON. 2010. LC-MS method for the simultaneous quantitation of the anti-inflammatory constituents in oregano (*Origanum* species). *Journal of Agricultural and Food Chemistry* 58: 7119-7125.
- SHEPHERD, L.D., L.R. PERRIE, B.S. PARRIS & P.J. BROWNSEY. 2007. A molecular phylogeny for the New Zealand Blechnaceae ferns from analyses of chloroplast *trnL-trnF* DNA sequences. *New Zealand Journal of Botany* 45: 67-80.
- SHOBA, G., D. JOY, T. JOSEPH, M. MAJEED, R. RAJENDRAN & P.S. Srinivas. 1998. Influence of piperine on the pharmacokinetics of curcumin in animals and human volunteers. *Planta Medica* 64 (4): 353-356.
- SHOKRZADEH, M., S.S. SAEEDI SARAVI. 2010. The chemistry, pharmacology and clinical properties of *Sambucus ebulus*: a review. *Journal of Medicinal Plants Research* 4: 95-103.
- SILVA, A., P. SILVEIRA & J.D. ALMEIDA. 2014a. *Glechoma hederacea* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wLilium+martagon>. Consulta realizada em 28/11/2014.
- SILVA, A., M. PORTO, A. CARAPETO, J.D. ALMEIDA, F. CLAMOTE & P.V. ARAÚJO. 2014b. *Narcissus rupicola* Dufour – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wNarcissus+rupicola>. Consulta realizada em 23/12/2014.
- SILVA, A., P. SILVEIRA, P.V. ARAÚJO, A. CARAPETO, P. PEREIRA, J.D. ALMEIDA, C. AGUIAR, M. PEIXOTO, & al. 2014c. *Narcissus asturiensis* (Jord.) Pugsley – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wNarcissus+asturiensis>. Consulta realizada em 23/12/2014.
- SILVA, A., A.J. PEREIRA, P.V. ARAÚJO, M. PEIXOTO, M. PORTO, S. MALVEIRO, J.D. ALMEIDA & A. CARAPETO. 2014d. *Narcissus scaberulus* Henriq. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wNarcissus+scaberulus>. Consulta realizada em 3/03/2014.
- SILVA, A. 2014e. *Carex nigra* (L.) Reichard – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCarex+nigra>. Consulta realizada em 27/12/2014.
- SILVA, A., P. SILVEIRA & J. LOURENÇO. 2014f. *Carex remota* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wCarex+remota>. Consulta realizada em 27/12/2014.
- SILVA, A. & J.D. ALMEIDA. 2014g. *Holcus gayanus* Boiss. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wHolcus+gayanus>. Consulta realizada em 27/12/2014.

- SILVA, L.P., J.A. RAMOS, J.M. OLESEN, A. TRAVESET & R.H. HELENO. 2014. Flower visitation by birds in Europe. *Oikos* 000: 001-007. © 2014 The Authors. *Oikos*. © 2014 Nordic Society *Oikos*.
- SILVA, L. 2008. *Polypodium azoricum* (Vasc.) R. Fern. In Base de dados da Biodiversidade dos Açores. © 2008 Universidade dos Açores.
www.azoresbioportal.angra.uac.pt/listagens.php?lang=pt&sstr=4&id=F00062. [Acedido em 9.II.2013]
- SILVA, M. 1947a. *Lilium candidum* L. *Agronomia Lusitana* 9 (1): 12-14.
- SILVA, M. 1947b. *Cryophytum crystallinum* (L.) N.E. Br. *Agronomia Lusitana* 9 (1): 18.
- SILVA, P. (Comp.). 1996–. *Index Nominum Algarum*, University Herbarium, University of California, Berkeley. Compiled by Paul SILVA. Available online at <http://ucjeps.berkeley.edu/CPD/>. [Acedido em Maio e Junho de 2014]
- SILVA PANDO, F.J. 2008. Las plantas endémicas e subendémicas de Galicia. *Bol. BIGA* 3: 9-150. [Documento en línea, creado el 22 de noviembre de 2008]. Disponible desde Internet en: <http://www.biga.org>.
- SILVEIRA, P.C. 2001. Contribuição para o conhecimento da flora vascular da serra do Açor e respectiva interpretação fitogeográfica. Departamento de Botânica. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade de Coimbra. 437 p.
- SILVEIRA, P.C. 2007. A flora da Serra do Açor (Portugal). *Guineana* 13: 1-333. Leioa, outubro 2007.
- SILVEIRA, P.C. & J.D. ALMEIDA. 2001. *Trifolium vesiculosum* (Leguminosae), in Portugal. *Anales Jard. Bot. Madrid* 59 (1): 157.
- SILVEIRA, P.C. & J.D. ALMEIDA. 2014. *Festuca rubra* L. – Mapa de distribuição. Flora-On: Flora de Portugal Interactiva, Sociedade Portuguesa de Botânica. <http://www.flora-on.pt#wFestuca+rubra>. Consulta realizada em 30/12/2014.
- SILVESTRE, S. 1987a. *Eleocharis* R. Br., *Prodr.* 224 (1810). In VALDÉS, B, S. TALAVERA & E. FERNÁNDEZ-GALIANO (eds). *Flora Vascular de Andalucía Occidental* 3: 235-236.
- SILVESTRE, S. 1987b. *Fimbristylis* Vahl, *Enum. Pl.* 2: 285 (1805-1806), nom. cons. In VALDÉS, B, S. TALAVERA & E. FERNÁNDEZ-GALIANO (eds). *Flora Vascular de Andalucía Occidental* 3: 237.
- SILVESTRE, S. 2012. *Dichondra* J.R. Forst. & G. Forst. In CASTROVIEJO, S. (coord.); S. TALAVERA, C. ANDRÉS, M. ARISTA, M.P. FERNÁNDEZ PIEDRA, M.J. GALLEGU, P.L. ORTIZ, C. ROMERO ZARCO, F.J. SALGUEIRO, S. SILVESTRE & A. QUINTANAR (eds), *Flora Iberica* XI: 289-292.
- SILVESTRE, S. & P. MONTSERRAT. 1998. *Rosa* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); F. MUÑOZ GARMENDIA & C. NAVARRO (eds), *Flora iberica* VI: 143-195.
- SIMÃO, H., J.A. SÁ MARQUES & H. FREITAS. 2013. The contribution of a spring water source to the water needs of the botanical gardens of the University of Coimbra. *Water Science and Technology: Water Supply* 13.5: 1410-1418.
- SIMON, B.K. & Y. ALFONSO. (2012–). *AusGrass2* [Australian Grasses 2]. <http://ausgrass2.myspecies.info/>.
- SINGH, S., V. NAIR, Y.K. GUPTA. 2012. Linseed oil: an investigation of its antiarthritic activity in experimental models. *Phytotherapy Research* 26: 246-252.
- SIQUEIRA, M.V.B.M. 2009. Inhame (*Dioscorea* spp): uma cultura ainda negligenciada. *Horticultura Brasileira* 27 (2): S4075-S4090. (Suplemento – CD Rom), agosto 2009.
- SJÖGREN, E. 2001. *Plants and Flowers of the Azores / Pflanzen und Blumen der Azoren / Plantas e Flores dos Açores*. 191 p.

- SKINNER, M.W. 2003a. *Lilium* Linnaeus, Sp. Pl. 1: 302. 1753; Gen. Pl. ed. 5, 143. 1754. In FLORA OF NORTH AMERICA EDITORIAL COMMITTEE (eds). *Flora of North America North of Mexico*. vol. 26: 172-197. [Online 6/1/2003] [Acedido em 23.II.2014].
- SMITH, A.J.E. 2008. *The Moss Flora of Britain and Ireland*. Second Edition. Cambridge University Press. Cambridge, New York, Melbourne, Madrid, Cape Town, Singapore, Sao Paulo, Delhi. 1012 p.
- SMITH, G. & E. FIGUEIREDO. 2007. Naturalized species of *Agave* L. (Agavaceae) on the southeastern coast of Portugal. *Haseltonia* 13: 52-60, Dec. 2007.
- SMITH, G.F. & M.M. WOLFSON. 2004. Mainstreaming biodiversity: the role of taxonomy in bioregional planning activities in South Africa. *Taxon* 53 (2): 467-468.
- SMITH, G.M. 1913. *Tetrademus*, a new four-celled coenobitic alga. *Bulletin of the Torrey Botanical Club* 40: 75-87, 1 pl.
- SMITH, P.M. 1980a. *Bromus* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 182-189.
- SMITH, P.M. 1980b. *Brachypodium* Beauv. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 189-190.
- SMITH, P.M. 1985a. *Bromus* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 272-301.
- SMITH, R.M. 1984a. *Globba* L. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 122.
- SMITH, R.M. 1984b. *Hedychium* Koenig. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 124-125.
- SMITH, R.M. 1984c. *Alpinia* Roxburgh. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 128-129.
- SMITH, R.M. 1984d. *Curcuma* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 127.
- SNEDDON, B.V. 1999. The taxonomy and breeding system of *Colobanthus squarrosus* (Caryophyllaceae). *New Zealand Journal of Botany*, 1999, Vol. 37: 195-204.
- SNOGERUP, S. 1980a. *Juncus* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 102-111.
- SNOGERUP, S. 1985. *Luzula* DC. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. 1985. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 26-32.
- SOARES DE ALBERGARIA, I. 2005. *Parques e Jardins dos Açores. Azores Parks and Gardens*. Argumentum. Lisboa. 242 p.
- SOBRINHO, L.G. & L. CÚMANO. 1989. O *Styrax officinale* L. em Portugal. *Portug. Acta Biol. (B)* 15: 459-468.

- SONGYUN, L., G.C. TUCKER & T. KOYAMA. 2010. *Schoenoplectus* (Reichenbach) Palla, Vehr. K.K. Zool.-Bot. Ges. Wien. 38 (Sitzungber.): 49. 1888. In: In AL-SHEHBAB, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I. PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors). 2010. *Flora of China* vol. 23: 181-188.
- SOÓ, R. DE. 1980a. *Dactylorhiza* Necker ex Nevski. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 333-337.
- SOÓ, R. DE. 1980b. *Ophrys* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 333-337.
- SOÓ, R. DE. 1980c. *Orchis* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 333-337.
- SOUSA DIAS, M.R., M.T. LUCAS & M.C. LOPES. 1982. *Fungi Lusitaniae* XXIX. *Agronomia Lusitana* 41 (3-4): 175-192.
- SPAULDING, S. 2013. *Ulnaria*. In *Diatoms of the United States*. Retrieved October 05, 2014, from <http://westerndiatoms.colorado.edu/taxa/genus/ulnaria>.
- SPECIES FUNGORUM. 2011. <http://www.speciesfungorum.org/>.
- SPETA, F. 1982. Die Gattungen *Scilla* L. s. str. and *Prospero* Salisb. im Pannonischen Raum. *Veröff. Int. Clusius-Forschungsges.* Güssing 5: 1-19.
- SPETA, F. 1998a. *Hyacinthaceae*. In KUBITZKI, K. (ed.), *The families and genera of vascular plants. Flowering plants – Monocotyledons: Alismatanae and Commelinanae (Except Gramineae)*. IV: 261-285. Berlin, Heidelberg, New York: Springer-Verlag. 511 p.
- SPETA, F. 1998b. Systematische Analyse der Gattung *Scilla* L. s.l. (Hyacinthaceae). *Phyton (Horn)* 38: 1-141.
- SPETA, F. 2000. Beitrag zur Kenntnis der Gattung *Prospero* Salisb. (Hyacinthaceae) auf der griechischen Insel Kreta. *Linzer Biol. Beitr.* 32: 1323-1326.
- SREEJAYAN, N & M.N.A. RAO. 1997. Nitric oxide scavenging by curcuminoids. *J. Pharm. Pharmacol.* 49: 105-107.
- STACE, C.A. 1972. *Convolvulus* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* III: 79-82.
- STACE, C.A. 1985a. *Catapodium* Link. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 461-465.
- STACE, C.A. 1985b. *Psilurus* Trin. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 469-470.
- STACE, C.A. 1985c. *Micropyrum* Link. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 9: 459.
- STACE, C.A. 1985d. *Vulpia* C.C. Gmelin. In DAVIS, P.H. (ed.), *Flora of Turkey and the East Aegean Islands* 9: 451-458.
- STACE, C.A. 1997. *New Flora of the British Isles*. Second edition (Reprinted 2001). Cambridge University Press. 1130 p.
- STACE, C.A. & R. COTTON. 1980. *Vulpia* C.C. Gmelin. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 154-156.

- STAHL-BISKUP, E. & F. SÁEZ. 2002. *Thyme – the Genus Thymus*. Taylor & Francis. London.
- STAFLEU, F.A., C.E.B. BONNER, R. MCVAUGH, R.D. MEIKLE, R.C. ROLLINS, R. ROSS, J.M. SCHOPF, G.M. SCHULZE, R. DE VILMORIN, & E.G. VOSS (eds). 1972. *International Code of Botanical Nomenclature, adopted by the Eleventh International Botanical Congress, Seattle, August 1969*. Regnum Vegetabile 82. Königstein: Koeltz Scientific Books.
- STAFLEU, F.A., V. DEMOULIN, W. GREUTER, P. HIEPKO, I. LINCZEWSKI, R. MCVAUGH, R.D. MEIKLE, R.C. ROLLINS, R. ROSS, J.M. SCHOPF & E.G. VOSS (eds). 1978. *International Code of Botanical Nomenclature, adopted by the Twelfth International Botanical Congress, Leningrad, July 1975*. Regnum Vegetabile 97. Königstein: Koeltz Scientific Books.
- STAPLES, G.W. & R.K. BRUMMITT. 2007. *Convolvulaceae* (Morning Glories and Bindweeds). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMITT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 108-110.
- STEARNS, W.T. 1972. *Vinca* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* 3: 69.
- STEARNS, W.T. 1980a. *Nartheceum* Hudson. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 16.
- STEARNS, W.T. 1980b. *Allium* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 49-69.
- STEARNS, W.T. 1980c. *Nothoscordum* Kunth. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 69-70.
- STEARNS, W.T. & E. CAMPBELL. 1986. *Allium* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 233-246.
- STEBBINS, G.L. 1974. *Flowering Plants – Evolution above the species level*. Belknap Press. 480 p.
- STECHMANN, A. & T. CAVALIER-SMITH. 2002. Rooting the Eukaryote Tree by Using a Derived Gene Fusion. *Science* 5 July 2002: Vol. 297 no. 5578: 89-91. DOI: 10.1126/science.1071196.
- STEINKAMP, E.T., J. WRIGHT & S.L. BALDAUF. 2006. The Protistan Origins of Animals and Fungi. *Molecular Biology and Evolution* 23 (1): 93-106. 2006. doi:10.1093/molbev/msj011. Advance electronic publication September 8, 2005.
- STEYN, E.M.A. & G.F. SMITH. 1999. *Welwitschiaceae*. In ORCHARD, A.E., H.S. Thompson & A.J.G. WILSON (eds), *Species plantarum: Flora of the World*. Part 3: 1-8. Australian Biological Resources Study, Canberra.
- ST. JOHN, H. 1963. The Proposal (93) to conserve *Pandanus* L.f. *Taxon* 12: 201–204.
- ST. JOHN, H. 1972. The scientific names in the German edition of Parkinson's plants of use for food, medicine, etc., in Otaheite. *Linn. Soc., Biol. J.* 4 (4): 305–310.
- ST. JOHN, H. 1980. Revision of the Genus *Pandanus* Stickman. Part 42. *Pandanus tectorius* Parkins. ex Z and *Pandanus odoratissimus* L.f. *Pacific Science* (1979), vol. 33 (4): 395-401. © 1980 by The University Press of Hawaii.
- STOTLER, R.D., D.C. CARGILL, J. BRAY JR & B. CRANDALL-STOTLER. 2005. (1692-1693) Proposals to conserve the names *Fossombronia caespitiformis* and *Jungermannia angulosa* with conserved types (Marchantiophyta: Fossombroniaceae). *Taxon* 54 (2) May, 2005: 546-548.
- STRAT, D. 2009. The natural and anthropogenic landforms as habitats for endemic plant species *Convolvulus persicus* L. *Egyptian Journal of Environmental Change* 1 (1): 60-65. Special Issue: 1st Symposium on Living with Landscapes. www.envegypt.com/EJEC/upload/35.pdf [7.IX.2012].

- STUART, D.C. 1986a. *Muscari* Miller. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 224-226.
- SUÁREZ-SANTIAGO V.N. & G. BLANCA. 2013a. *Muscari* Mill. In CASTROVIEJO, S. (coord.); S. TALAVERA, C. ANDRÉS, M. ARISTA, M.P. FERNÁNDEZ PIEDRA, E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds), *Flora Iberica*. XX. 14 p. Síntese genérica disponibilizada em www.floraiberica.es [accedida em 30.VI.2013].
- SUÁREZ-SANTIAGO V.N. & G. BLANCA. 2013b. *Muscari* Mill. In CASTROVIEJO, S. (coord.); S. TALAVERA, C. ANDRÉS, M. ARISTA, M.P. FERNÁNDEZ PIEDRA, E. RICO, M.B. CRESPO, A. QUINTANAR, A. HERRERO & C. AEDO (eds), *Flora Iberica*. XX: 171-184.
- SUKHORUKOV, A.P. 2012. Taxonomic notes on *Dysphania* and *Atriplex* (*Chenopodiaceae*). *Willdenowia* 42: 169-180.
- SUKOPP, H. 2002. On the early history of urban ecology in Europe. Počátky výzkumu ekologie evropských měst. *Preslia, Praha*, 74: 373-393.
- SUMMERFIELD, A. 2004. A Synopsis of the biosystematic study of the seven minor genera of the Hyacinthaceae. *Bulbs Bulletin of the International Bulb Society* 6: 24-36.
- SUN, K. & R.A. DEFILIPPS. 2010a. *Pandanaceae*. In AL-SHEHBAZ, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors). *Flora of China* vol. 23: 127-130.
- SUN, K. & R.A. DEFILIPPS. 2010b. *Pandanus* Parkinson, J. Voy. South Seas, 46. 1773. In AL-SHEHBAZ, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors). *Flora of China* vol. 23: 128-130.
- SUTTON, D.A. 1988. *A revision of the tribe Antirrhineae*. British Museum (Natural History). Oxford University Press. London & Oxford, 1988. 575 p.
- SVIRČEV, Z., J. SIMEUNOVIĆ, G. SUBAKOV-SIMIĆ, S. KRSTIĆ & M. VIDOVIĆ.. 2007. Freshwater Cyanobacterial Blooms and Cyanotoxin Production in Serbia in the Past 25 Years. *Geographica Pannonica* 11: 32-38.
- SWEARINGEN, J., B. SLATTERY, K. RESHETILOFF & S. ZWICKER. 2010. *Plant Invaders of Mid-Atlantic Natural Areas*, 4th ed. Revised & Updated – with More Species and Expanded control Guidance. National Park Service and U.S. Fish and Wildlife Service. Washington, DC. 168 p.
- TABORDA DE MORAIS, A.A. 1936. Notas sobre a flora portuguesa. *Boletim da Sociedade Broteriana*, Sér. 2, 11: 153-168.
- TAIT, A.W. 1886. *Notes on the Narcissi of Portugal*. Porto.
- TAKHTAJAN, A. 2009. *Flowering Plants*. Second Edition. © Springer Science + Business Media B.V. xlv + 871 p.
- TALAVERA, S. 1987a. *Phalaris* L. In VALDÉS, B, S. TALAVERA & E. FERNÁNDEZ-GALIANO (eds), *Flora Vascular de Andalucía Occidental*, 3: 351-355.
- TALAVERA, S. 1987b. *Araceae*. In VALDÉS, B, S. TALAVERA & E. FERNÁNDEZ-GALIANO (eds), *Flora Vascular de Andalucía Occidental*, 3: 206-210.
- TALAVERA, S. 1987c. *Bromus* L., *Sp. Pl.* 76 (1753) [*Gen. Pl.*, ed. 5: 33, 1754]. In VALDÉS, B, S. TALAVERA & E. FERNÁNDEZ-GALIANO (eds), *Flora Vascular de Andalucía Occidental*, 3: 360-369.

- TALAVERA, S. 1987d. *Brachypodium* Beauv., *Agrost.* 100 (1753) [*Gen. Pl.*, ed. 5: 33, 1754]. In VALDÉS, B, S. TALAVERA & E. FERNÁNDEZ-GALIANO (eds), *Flora Vascular de Andalucía Occidental*, 3: 369-372.
- TALAVERA, S. 1990. *Silene* L. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍN, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* II: 313-406.
- TALAVERA, S. 1999. *Pterospartum* (Spach) K. Koch. In CASTROVIEJO, S. (coord.); S. TALAVERA, C. AEDO, S. CASTROVIEJO, C. ROMERO ZARCO, L. SÁEZ, F.J. SALGUEIRO & M. VELAYOS (eds), *Flora iberica* VII (I): 133-137.
- TALAVERA, S. 2010. *Triglochin* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); S. TALAVERA, M.J. GALLEGO, C. ROMERO ZARCO & A. HERRERO (eds), *Flora Iberica: Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares*. Vol. XVII: 44-51.
- TAN, K. 1984a. *Chamaerops* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 40.
- TAN, K. 1984b. *Phoenix* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 38-39.
- TAN, K. & J.R. EDMONDSON. 1984. *Gladiolus* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 441-450.
- TAO, C. & C.M. TAYLOR. 2011. *Gardenia* J. Ellis, *Philos. Trans.* 51: 935. 1761, nom. cons., not colden (1756). In AL-SHEHBAB, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENG, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors), *Flora of China* 19: 141-144.
- TAVARES, A.C.P. 1998. Registo das Sementeiras. Instituto Botânico da Universidade de Coimbra (iniciado em Outubro de 1994). [Incluindo as Escolas de Sistemática, a Escola Médica e os Viveiros]. 3 p.
- TAVARES, A.C.P. 2011. *À Descoberta do Mundo das Plantas: Um roteiro do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra*. Fonte da Palavra, Lda. 63 p. + 19 est.
- TAVARES DOS SANTOS, A.C.P. 2012. *Conservação in vitro e ex situ e valorização de endemismos ibéricos das Apiaceae portuguesas*. Tese de Doutoramento em Biologia, especialidade de Fisiologia, apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, sob a orientação do Professor Doutor Jorge Manuel Pataca Leal Canhoto e da Professora Doutora Lígia Maria Ribeiro Pires Salgueiro da Silva Couto. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade de Coimbra. Coimbra. xlii + 267 p.
- TAVARES, A.C. 2013. *A alga que queria ser flor / Die Alge, die Blume sein wollte*. Ilustração: J. BARATA / Illustrationen durch J. BARATA. Übersetzung A.C. CRUZ E SILVA. Imprensa da Universidade de Coimbra / Coimbra University Press.
- TAVARES, A.C.P., M.R. ZUZARTE & L.R. SALGUEIRO. 2009. *Plantas Aromáticas e Medicinais. Escola Médica do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra*. Imprensa da Universidade de Coimbra / Coimbra University Press. 229 p.
- TAVARES, A.C.P. & M.C. ALVES. 2002. *Inventário Florístico do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra* [1997-2002, base de dados em *Microsoft Excel*]. In: Registo de Actividades. TAVARES, A.C. – SIADAP 2012, Departamento de Ciências da Vida/Jardim Botânico – Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- TAVARES, A.C., L. SALGUEIRO, J. CANHOTO & J. PAIVA. 2012. Iberian endemic *Apiaceae*: a reassessment for conservation purposes in Portugal. *Apiaceae* endémicas ibéricas: una reevaluación de las propuestas de conservación en Portugal. *Stud. bot.* 29 (2010): 13-37.

- TAVARES, A.O. 1999. Condicionantes físicas do planeamento. Análise da susceptibilidade no espaço do concelho de Coimbra. Tese de Doutoramento. Universidade de Coimbra. Coimbra
- TELES, A.N. 1970. Os lameiros de montanha do Norte de Portugal. *Agron. Lusit.* 31: 5-132 (1969).
- THE BOARD OF TRUSTEES OF THE ROYAL BOTANIC GARDENS, KEW. 2010. *Word Checklist of Selected Plant Families*, (2010), copyright © The Board of Trustees of the Royal Botanic Gardens, Kew.
- THE PLANT LIST. <http://www.theplantlist.org>. [Acedido 2009–2014]
- THE PLANT LIST. 2014. Summary Statistics. <http://www.theplantlist.org>. [Acedido em 28 de Julho de 2014]
- THOMSON, L.A.J., L. ENGLBERGER, L. GUARINO, R.R. THAMAN & C.R. ELEVITCH. 2006. *Pandanus tectorius* (pandanus), ver. 1.1. In: C.R. ELEVITCH (ed.). Species Profiles for Pacific Island Agroforestry. Permanent Agriculture Resources (PAR), Holualoa, Hawai'i. 29 p. Web: <http://www.traditionaltree.org>. [Acedido em 30 de Agosto de 2014]
- THORNE, R.F. & J.L. REVEAL. 2007. An updated classification of the class Magnoliopsida ("Angiospermae"). *The Botanical Review*, 73 (2): 67-181. April–June 2007.
- TISON, J.-M., P. JAUZEIN & H. MICHAUD. 2013. *Flore de la France méditerranéenne continentale*. Naturalia Publications. Turriers. 2080 p.
- TOMOSAKA, H., H. CHAI, Y.-W. CHIN, A.A. SALIM, W.J. KELLER & A.D. KINGHORN. 2007. Antioxidants from *Berberis vulgaris* (Barberry). Abstracts of Papers, 234th ACS National Meeting, Boston, MA, United States, August 19–23, 2007, AGFD-132.
- TORMO, R. 1991. *Agrostis* L., *Sp. Pl.* 61 (1751) [*Gen. Pl.* ed. 5: 30, 1754]. In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Extremadura*: 139-150.
- TORMO, R. 1991a. *Vulpia* C.C. Gmelin. In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Extremadura*: 46-56.
- TORRES, C. & al. 1995. A arte islâmica no ocidente andaluz. In PEREIRA, P. (Dir.). *História da arte portuguesa*. Vol. 1: 153-177. Círculo de Leitores. Lisboa.
- TOSCANO RICO, J.M. 2011. *Plantas Medicinais*. Academia de Ciências de Lisboa. Instituto de Estudos Académicos para Seniores. Comunicação apresentada em 10 de Janeiro de 2011. 16 p.
- TOWNSEND, C.C. 1982. *Parietaria* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by J.R. EDMONDSON, R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 7: 636-638.
- TRIPP, E.A. & J.C. LENDEMÉR. 2014. Sleepless nights: When you can't find anything but molecules to describe new taxa. *Taxon* — 22 Aug 2014: 3 p. Published online ahead of inclusion in print and online issues: 22 Aug 2014. © International Association for Plant taxonomy (IAPT) 2014.
- TRONÍČKOVÁ, E. 1986. *Plantes potagères*. Illustrations de Z. KREJČOVÁ. Traduction de B. FAURE. Troisième tirage 1990. Gründ, Paris. 224 p.
- TROPICOS. S/data. ["the botanical information at the Missouri Botanical Garden, Tropicos contains information on over one million plant names and 3.9 herbarium specimens"; "Tropicos ® was originally created for internal research but has since made available to the world's scientific community. All of the nomenclatural, bibliographic, and specimen data accumulated in MBG's electronic databases during the past 25 years are publicly available here. This system has over 1.2 million scientific names and 4.0 million specimen records"]. www.tropicos.org. [Acedido em VII.2013].
- TUCKER, G.C., B.G. MARCKS & J.R. CARTER. 2002. *Cyperus* Linnaeus, *Sp. Pl.* 1: 44. 1753; *Gen. Pl.* ed. 5, 26. 1754. In FLORA OF NORTH AMERICA EDITORIAL COMMITTEE (eds), 1993+. *Flora of North America North of Mexico*. Vol. 23. Online Date 2/21/2003. [Acedido em VII.2013].

- TUN-GARRIDO, J. 1997a. *Dombeya* Cavanilles. In CULLEN, J., J.C.M. ALEXANDER, C.D. BRICKELL, J.R. EDMONDSON, P.S. GREEN, V.H. HEYWOOD, P.-M. JÖRGENSEN, S.L. JURY, S.G. KNEES, V.A. MATTHEWS, H.S. MAXWELL, D.M. MILLER, E.C. NELSON, N.K.B. ROBSON, S.M. WALTERS & P.F. YEO (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume V: 234.
- TUNÓN, H., C. OLAVSDOTTER & L. BOHLIN. 1995. Evaluation of anti-inflammatory of some Swedish medicinal plants. Inhibition of prostaglandin biosynthesis and PAF-induced exocytosis. *Journal of Ethnopharmacology* 48 (2): 61-76. Oct. 1995.
- TURLAND, N.J. 2013. The Code decoded: a user's guide to the *International Code of Nomenclature for algae, fungi and plants*. *Regnum Vegetabile* 155. Koeltz Scientific Books. Königstein.
- TUTIN, T.G. 1968a. *Rhamnus* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* II: 244-245.
- TUTIN, T.G. 1968b. *Althaea* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* II: 253.
- TUTIN, T.G. 1968c. *Coriandrum* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* II: 328.
- TUTIN, T.G. 1968d. *Petroselinum* Hill. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* II: 352.
- TUTIN, T.G. 1972. *Gentiana* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* III: 59-63.
- TUTIN, T.G. 1980a. *Chaetopogon* Janchen (*Chaeturus* Link, non Willd.). In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 239.
- TUTIN, T.G. 1980b. *Psilurus* Trin. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 173.
- TUTIN, T.G. 1980c. *Piptatherum* P. Beauv. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 246-247.
- TUTIN, T.G. 1980d. *Coix* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 267.
- TUTIN, T.G. 1980e. *Crypsis* Aiton (Incl. *Heleochoa* Host). In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 258.
- TUTIN, T.G. 1980f. *Cynosurus* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 171-172.
- TUTIN, T.G. 1980g. *Briza* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 173.
- TUTIN, T.G. 1980h. *Melica* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 178-179.
- TUTIN, T.G. 1980i. *Phragmites* Adanson. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 253.
- TUTIN, T.G. 1980j. *Cortaderia* Stapf. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 253.

- TUTIN, T.G. 1980k. *Parapholis* C.E. Hubbard. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 243-244.
- TUTIN, T.G. 1980l. *Polypogon* Desf. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 235-236.
- TUTIN, T.G. 1980m. *Beckmannia* Host. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 171.
- TUTIN, T.G. 1980n. *Lamarckia* Moench. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 172.
- TUTIN, T.G. 1980o. *Lagurus* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 225.
- TUTIN, T.G. 1980p. *Hainardia* W. Greuter. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 244.
- TUTIN, T.G. 1980q. *Echinaria* Desf. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 177-178.
- TUTIN, T.G. 1980r. *Ventenata* Koeler (incl. *Gaudiniopsis* Eig). In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 217.
- TUTIN, T.G. 1980s. *Agrostis* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 232-235.
- TUTIN, T.G. 1980t. *Anthoxanthum* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 229-230.
- TUTIN, T.G. 1980u. *Holcus* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 230-231.
- TUTIN, T.G. 1980v. *Milium* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 245-246.
- TUTIN, T.G. 1980w. *Molineriella* Rouy. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 228.
- TUTIN, T.G. 1980x. *Phalaris* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 244-245.
- TUTIN, T.G. 1980y. *Achnatherum* P. Beauv. (*Lasiagrostis* Link). In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 252.
- TUTIN, T.G. 1980z. *Airopsis* Desv. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 228.
- TUTIN, T.G. 1980aa. *Ampelodesmos* Link. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 252.
- TUTIN, T.G. 1980ab. *Ammophila* Host. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 236.
- TUTIN, T.G. 1980ac. *Apera* Adanson. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 172.
- TUTIN, T.G. 1980ad. *Arundo* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 252-253.

- TUTIN, T.G. 1993a. *Tetragonia* L. In TUTIN, T.G., N.A. BURGESS, A.O. CHATER, J.R. EDMONDSON, V.H. HEYWOOD, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds.), *Flora Europaea*, ed. 2, 1: 137.
- TUTIN, T.G. (Revised by J.R. AKEROYD & C.D. PRESTON). 1993. *Carpobrotus* N.E. Br. In TUTIN, T.G., N.A. BURGESS, A.O. CHATER, J.R. EDMONDSON, V.H. HEYWOOD, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds.), *Flora Europaea*, ed. 2, 1: 135.
- TUTIN, T.G., N.A. BURGESS, A.O. CHATER, J.R. EDMONDSON, V.H. HEYWOOD, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds). 1993. *Flora Europaea*. Ed. 2. Vol. 1. Psilotaceae to Platanaceae. Cambridge University Press. xlvii + 581 p., 5 maps.
- TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds). 1964. *Flora Europaea*. Vol. 1. Lycopodiaceae to Platanaceae. Cambridge University Press. xxxiv + 464 p. + 5 maps.
- TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds). 1968. *Flora Europaea*. Vol. 2. Rosaceae to Umbelliferae. Cambridge University Press. xxvii + 455 p. + 5 maps.
- TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds). 1972. *Flora Europaea*. Vol. 3. Diapensiaceae to Myoporaceae. Cambridge University Press. xxxi + 370 + 5 maps.
- TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds). 1976. *Flora Europaea*. Vol. 4. Plantaginaceae to Compositae (and Rubiaceae). Cambridge University Press. xxxi + 505 p. + 5 maps.
- TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds). 1980. *Flora Europaea*. Vol. 5. Alismataceae to Orchidaceae (Monocotyledones). Cambridge University Press. xxxviii + 452 + 5 maps.
- TUTIN, T.G. & C.J. HUMPHRIES. 1980. *Aegilops* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 200-202.
- TUTIN, T.G. & S.M. WALTERS. 1993. *Dianthus* L. In TUTIN, T.G., N.A. BURGESS, A.O. CHATER, J.R. EDMONDSON, V.H. HEYWOOD, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea*, ed. 2, 1: 227-246.
- TUTIN, T.G. (Revised by J.R. AKEROYD & C.D. PRESTON). 1993. *Carpobrotus* N.E. Br. In TUTIN, T.G., N.A. BURGESS, A.O. CHATER, J.R. EDMONDSON, V.H. HEYWOOD, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea*, ed. 2, 1: 135.
- TYTECA, D. 1998a. The Orchid Flora of Portugal. *Journal Europäischer Orchideen* 29 (2/3): 183-582.
- TYTECA, D. 1998a. The Orchid Flora of Portugal – Addendum N. 1 – Remarks on the distribution of *Spiranthes aestivalis* (Poiret) L.C.M. Richard and three other species. *Journal Europäischer Orchideen* 30 (1): 230-245.
- TYTECA, D. & A. CAPERTA. 1999. The Orchid Flora of Portugal – Addendum N. 2 – Chorological and systematic remarks on *Dactylorhiza maculata* (L.) Soó s.l. and *Epipactis helleborine* (L.) Crantz – First report of *E. phyllanthos* G. E. Sm. *Journal Europäischer Orchideen* 31 (2): 277-296.
- TYTECA, D. 2000. The Orchid Flora of Portugal – Addendum N. 3 – Remarks on *Spiranthes spiralis* (L.) Chevall. and three new taxa to the Portuguese Flora. *Journal Europäischer Orchideen* 32 (2): 291-347.
- UNGRICHT, S. 2004. How many plant species are there? And how many are threatened with extinction? Endemic species in global biodiversity and conservation assessments. *Taxon* 53 (2): 481-484.

- UNIVERSIDADE DE COIMBRA. 2012. *O Index Seminum*. Jardim Botânico da Universidade de Coimbra. http://www.uc.pt/jardimbotanico/index_seminum_et_sporarum [Conteúdo acedido em 27 de Setembro de 2012].
- UNIVERSIDADE DE COIMBRA. JARDIM BOTÂNICO. 2013. <http://www.uc.pt/jardimbotanico> [Conteúdo acedido em 27 de Setembro de 2013].
- UNIVERSIDADE DE COIMBRA. JARDIM BOTÂNICO. 2014. <http://www.uc.pt/jardimbotanico/projetos> [Conteúdo acedido em 27 de Janeiro de 2014].
- UOTILA, P. 1990. *Chenopodium* L. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍNZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* II: 484-500.
- UOTILA, P. 2009a. *Alismataceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Alismataceae&PTRefFk=7300000>
[Acedido em 2013].
- UOTILA, P. 2009b. *Basellaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Basellaceae&PTRefFk=7300000>
[Acedido em 2013].
- UOTILA, P. 2009c. *Chenopodiaceae (pro parte majore)*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Chenopodiaceae&PTRefFk=7300000>
[Acedido 2011–2013].
- UOTILA, P. 2009d. *Corylaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Corylus&PTRefFk=7300000> [Acedido 2011–2013].
- UOTILA, P. 2009e. *Haloragaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameId=25223&PTRefFk=7300000> [Acedido em 2013].
- UOTILA, P. 2009f. *Hydrocharitaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Hydrocharitaceae&PTRefFk=7300000>
[Acedido em 2013].
- UOTILA, P. 2009g. *Juncaginaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Juncaginaceae&PTRefFk=7300000>
[Acedido em 2013].
- UOTILA, P. 2009h. *Lemnaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Lemnaceae&PTRefFk=7300000>
[Acedido em 2013].
- UOTILA, P. 2009i. *Myricaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Myricaceae&PTRefFk=7300000>
[Acedido em 2013].
- UOTILA, P. 2009j. *Nymphaeaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.

- <http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Nymphaeaceae&PTRefFk=7300000>
[Acedido em 2013].
- UOTILA, P. 2009k. *Proteaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Proteaceae&PTRefFk=7300000>
[Acedido em 2013].
- UOTILA, P. 2011a. *Cannabaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Cannabaceae&PTRefFk=7300000>
[Acedido em 2013].
- UOTILA, P. 2011b. *Capparaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Capparaceae&PTRefFk=7300000>
[Acedido em 2013].
- UOTILA, P. 2011c. *Juglandaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Juglandaceae&PTRefFk=7300000>
[Acedido em 2013].
- UOTILA, P. 2011d. *Loranthaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Loranthaceae&PTRefFk=7300000>
[Acedido em 2013].
- UOTILA, P. 2011e. *Molluginaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Molluginaceae&PTRefFk=7300000>
[Acedido em 2013].
- UOTILA, P. 2011. *Moraceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Moraceae&PTRefFk=7300000>
[Acedido em 2013].
- UOTILA, P. 2011f. *Nyctaginaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Nyctaginaceae&PTRefFk=7300000>
[Acedido 2011–2013].
- UOTILA, P. 2011g. *Phytolaccaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Phytolaccaceae&PTRefFk=7300000>
[Acedido 2011–2013].
- UOTILA, P. 2011h. *Portulacaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameId=27474&PTRefFk=7300000> [Acedido 2011–2013].
- UOTILA, P. 2011i. *Salicaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Salicaceae&PTRefFk=7300000>
[Acedido 2011–2013].
- UOTILA, P. 2011j. *Santalaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.

- <http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Santalaceae&PTrRefFk=7300000>
[Acedido em 2013].
- UOTILA, P. 2011k. *Typhaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Typhaceae&PTrRefFk=7100000>
[Acedido em 2013].
- UOTILA, P. 2011l. *Ulmaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Ulmaceae&PTrRefFk=7300000>
[Acedido em 2013].
- UOTILA, P. 2011m. *Urticaceae*. – In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Urticaceae&PTrRefFk=7300000>
[Acedido 2011–2013].
- USDA/NCRS. United States Department of Agriculture. Natural Resources Conservation Service.
<http://plants.usda.gov/>.
- UTAD. 2005. *Recursos Naturais do Norte de Portugal/Moimenta da Beira/Flora*. Jardim Botânico da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro/Equipa do Herbário da UTAD.
(<http://aguiar.hvr.utad.pt/pt/redejb-norte/FlCatalog.htm>). [Acedido em 2006]
- UTECH, F.H. 2003. *Amianthium* A. Gray, Ann. Lyceum Nat. Hist. New York. 4: 121. 1837. In *FLORA OF NORTH AMERICA EDITORIAL COMMITTEE* (eds). 1993+. *Flora of North America North of Mexico*. Vol. 23, 2002. Online Date 6/1/2003.
- VALCÁRCEL, V., H.A. MCALLISTER, A. RUTHERFORD & R.R. MILL. 2003. *Hedera* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); G. NIETO FELINER, S.L. JURY & A. HERRERO (eds), *Flora iberica* X: 3-12.
- VALDÉS, B. 1980. *Asparagus* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 71-73.
- VALDÉS, B. 1987a. *Polygonatum* Miller, *Gard. Dict., Abr. ed.* 4 (1754). In VALDÉS, B, S. TALAVERA & E. FERNÁNDEZ-GALIANO (eds). *Flora Vascular de Andalucía Occidental* 3: 458-459.
- VALDÉS, B. 1987b. *Luzula* DC. in Lam. & DC., *Fl. Fr.*, ed. 3, 3: 158 (1805), nom. cons. In VALDÉS, B, S. TALAVERA & E. FERNÁNDEZ-GALIANO (eds). *Flora Vascular de Andalucía Occidental* 3: 228.
- VALDÉS, B. 2000a. *Lotus* L. In CASTROVIEJO, S. (coord.); S. TALAVERA, C. AEDO, S. CASTROVIEJO, A. HERRERO, C. ROMERO ZARCO, F.J. SALGUEIRO & M. VELAYOS (eds), *Flora iberica* VII (II): 776-812.
- VALDÉS, B. 2000b. *Tetragonolobus* Scop. In CASTROVIEJO, S. (coord.); S. TALAVERA, C. AEDO, S. CASTROVIEJO, A. HERRERO, C. ROMERO ZARCO, F.J. SALGUEIRO & M. VELAYOS (eds), *Flora iberica* VII (II): 823-828.
- VALDÉS, B. 2011a. *Boraginaceae*. In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Boraginaceae&PTrRefFk=7100000>
[Acedido 2012–2013].
- VALDÉS, B. 2011b. *Malvaceae*. In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Malvaceae&PTrRefFk=7100000>
[Acedido 2011–2013].
- VALDÉS, B. 2012a. *Aquifoliaceae*. In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.

- <http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Aquifoliaceae&PTrRefFk=7100000>
[Acedido 2012–2013].
- VALDÉS, B. 2012b. *Balsaminaceae*. In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Balsaminaceae&PTrRefFk=7100000>
[Acedido 2012–2013].
- VALDÉS, B. 2012c. *Buddlejaceae*. In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Buddlejaceae&PTrRefFk=7100000>
[Acedido 2012–2013].
- VALDÉS, B. 2012d. *Lythraceae*. In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Lythraceae&PTrRefFk=7100000>
[Acedido 2012–2013].
- VALDÉS, B. 2012e. *Solanaceae*. In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Solanaceae&PTrRefFk=7100000>
[Acedido 2012–2013].
- VALDÉS, B.; with contributions from E. VON RAAB-STRAUBE & G. PAROLLY. 2009. *Ericaceae*. In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Ericaceae&PTrRefFk=7100000>
[Acedido 2010–2013].
- VALDÉS, B., V. GIRÓN, E. SÁNCHEZ GULLÓN & I. CARMONA. 2007. Catálogo Florístico del Espacio Natural de Doñana (SO de España). Plantas Vasculares. *Lagascalia* 27: 73-362.
- VALDÉS, B., J.M. MONTERRAT & X. FONT. 2006. A phytogeographical analysis of the N Moroccan flora. *Willdenowia* 36: 397-408.
- VALDÉS, B., M. REJDALI, A. ACHHAL EL KADMIRI, S.L. JURY & J.M. MONTERRAT (eds). 2002. *Catalogue des Plantes Vasculaires du Nord du Maroc, incluant des clés d'identification / Checklist of Vascular Plants of N Morocco with identification keys*. Volume I. Universidad de Sevilla. Institut Agronomique et Vétérinaire Hassan II, Rabat. University of Reading. Institut Botànic de Barcelona (CSIC-Ajuntament de Barcelona). Madrid, 2002. 492 + XV p.
- VALDÉS, B., C. SANTA-BÁRBARA, C. VICENT & A. MUÑOZ. 2008. Catálogo Florístico del Andévalo y Sierra de Huelva (Plantas Vasculares). *Lagascalia* 28: 117-409.
- VALDÉS, B. & H. SCHOLZ. 2006. The Euro+Med treatment of *Gramineae* – a generic synopsis and some new names. Notulae ad floram euro-mediterraneam pertinentes No 18. *Willdenowia* 36: 657-669.
- VALDÉS, B. & H. SCHOLZ; with contributions from E. VON RAAB-STRAUBE & G. PAROLLY. 2009. *Poaceae (pro parte majore)*. In: *Euro+Med Plantbase – the information resource for Euro-Mediterranean plant diversity*.
<http://ww2.bgbm.org/EuroPlusMed/PTaxonDetail.asp?NameCache=Poaceae&PTrRefFk=7100000>.
[Acedido 2010–2013]
- VALDÉS, B, S. TALAVERA & E. FERNÁNDEZ-GALIANO (eds). 1987. *Flora Vascular de Andalucía Occidental*. 3 vol. Ketres Editora, S.A. Barcelona. 485 + 640 + 556 p.
- VALENTINE, D.H. 1980a. *Pontederia* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 85.
- VALENTINE, D.H. 1980b. *Bulbocodium* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 25.

- VALENTINE, D.H. 1980c. *Ixia* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 92.
- VAN DER WALT, J.J.A. 1977. *Pelargoniums of Southern Africa*, Vol. 1. Juta: Cape Town.
- VARGAS, P. 1997. *Saxifraga* L. In CASTROVIEJO, S., C. AEDO, M. LAÍNIZ, R. MORALES, F. MUÑOZ GARMENDIA, G. NIETO FELINER & J. PAIVA (eds), *Flora iberica* V: 162-242.
- VASCONCELLOS, J. DE CARVALHO E. 1940. Anotações do Herbário do Instituto Superior de Agronomia. *An. Inst. Sup. Agron.* 11: 7-17.
- VASCONCELLOS, J. DE CARVALHO E. 1969. *Noções sobre a morfologia externa das plantas superiores*. Com a colaboração dos Profs. MIGUEL CARLOS PEREIRA COUTINHO & JOÃO DO AMARAL FRANCO. 3.^a Edição. Ministério da Economia. Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas. Lisboa, 1969. 228 p.
- VASCONCELLOS, J.C. 1974. *Plantas das areias e rochedos litorais (Fanerogâmicas)*. Secretaria de Estado da Agricultura. Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas. Lisboa.
- VASCONCELLOS, J. DE CARVALHO E & J. DO AMARAL FRANCO. 1958. Anotações do Herbário do Instituto Superior de Agronomia. *Anais Inst. Sup. Agronomia* 22: 37-76 (1955-1958).
- VAVERKOVÁ, Š., I. MISTRÍKOVÁ & P. FARKAŠ. 2012. Qualitative properties of *Melissa officinalis* after the application of Rastim 30 DKV. *Botanica Serbica* 36 (2): 81-84.
- VAVILOV, N.I. 1926. Studies on the origin of cultivated plants. *Bulletin of Applied Botany, Genetics and Plant Breeding* 16: 1-248.
- VÁZQUEZ, F.M. 2008. *Lamiaceae*. In: VÁZQUEZ, F.M. (coord.), *Plantas Medicinales en la Comunidad de Extremadura*: 279-319. Diputación de Badajoz. Badajoz. España.
- VEIGA, C. & L. MOREIRA DOS SANTOS. 2012. Capítulo 8. O Caso de Coimbra. In M.L. COSTA LOBO & J.G. SIMÕES JÚNIOR (org.), 2012. *Urbanismo de colina. Uma tradição luso-brasileira*: 374-427.
- VERLOOVE, F. 2013. Non-native vascular plants from Canary Islands (Spain): nomenclatural and taxonomical adjustments. *Lagascalia* 33: 19-35.
- VERLOOVE, F. & E. SÁNCHEZ GULLÓN. 2012. New records of interesting vascular plants (mainly xenophytes) in the Iberian Peninsula. II. *Flora Mediterranea* 22: 5-24. Published online on 28 December 2012.
- VICENTE SERRÃO, J. 1985. Marquês de Pombal. In COSTA PEREIRA, J. (Coord.), *Dicionário Ilustrado da História de Portugal*. Vol. II: 116-117. Publicações Alfa.
- VIDAL, L. & C. KRUK. 2012. *Cylindrospermopsis raciborskii* (Cyanobacteria) extends its distribution to latitude 34°53'S: taxonomical and ecological features in Uruguayan eutrophic lakes. *Pan-American Journal of Aquatic Sciences* 3: 142-151.
- VIEIRA, G. & M. BRANCO. 1996. Caracterização e Potencialidades da Produção Apícola na Região [do Alentejo]. *Silva Lusitana* Número especial (Áreas Degradadas): 117-142.
- VIEIRA, R. 1992. Flora da Madeira. O interesse das plantas endémicas e macaronésicas. Colecção Natureza e Paisagem. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza. 158 p.
- VIEIRA, M.C. 1991a. *Crypsis* Aiton, *Hort. Kew.* 1. 48 (1789). In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Extremadura*: 264-268.
- VIEIRA, M.C. 1991b. *Panicum* L., *Sp. Pl.* 55 (1753) [*Gen. Pl.* ed. 5: 29, 1754]. In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Extremadura*: 264-268.

- VIERA, M.C. 1991c. *Piptatherum* Beauv., *Agrost.* 17, 173 (1812). In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Extremadura*: 238-242.
- VIERA, M.C. 1991d. *Eragrostis* N.M. Wolf, *Gen. Pl.* 23 (1776). In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Extremadura*: 252-260.
- VIERA, M.C. & F. VÁZQUEZ. 1991. *Stipa* L., *Sp. Pl.* 1: 78 (1753) [*Gen. Pl.* ed. 5: 34, 1754]. In DEVESA, J.A. (ed.). *Las Gramíneas de Extremadura*: 232-238.
- VILLAR, L. 1990a. *Vaccaria* N. M. Wolff. In CASTROVIEJO, S., M. LAÍNZ, G. LÓPEZ GONZÁLEZ, P. MONTSERRAT, F. MUÑOZ GARMENDIA, J. PAIVA & L. VILLAR (eds), *Flora iberica* II: 419-421.
- VILLARREAL, J.C. & S.S. RENNER. 2012. Hornwort pyrenoids, carbon-concentrating structures, evolved and were lost at least five times during the last 100 million years. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America* 109 (46): 18873-18878. Published online Oct. 30, 2012. doi: 10.1073/pnas.1213498109.
- VLADIMIROV, V. 2009. *Erigeron sumatrensis* (Asteraceae): a recently recognized alien species in the Bulgarian flora. *Phytologia Balcanica* 15: 361-365.
- VOGL, S., P. PICKER, J. MIHALY-BISON, N. FAKHRUDIN, A.G. ATANASOV, E.H. HEISS, C. WAWROSC, G. REZNICEK, V.M. DIRSCH, J. SAUKEL & B. KOPP. 2013. Ethnopharmacological *in vitro* studies on Austria's folk medicine — An unexplored lore *in vitro* anti-inflammatory activities of 71 Austrian traditional herbal drugs. *Journal of Ethnopharmacology* 149 (3): 750-771. Oct 7, 2013. doi: 10.1016/j.jep.2013.06.007.
- VOLBRECHT, E. & B. SIGMON. 2005. Amazing grass: Developmental genetics of maize domestication. *Biochemical Society Transactions* 33: 1502-1506.
- VOSS, E.G., H.M. BURDET, W.G. CHALONER, V. DEMOULIN, P. HIEPKO, J. MCNEILL, R.D. MEIKLE, D.H. NICOLSON, R.C. ROLLINS, P.C. SILVA & W. GREUTER (eds). 1983. *International Code of Botanical Nomenclature, adopted by the Thirteenth International Botanical Congress, Sydney, August 1981*. Regnum Vegetabile 111. Koeltz Scientific Books. Königstein.
- VRBNIČANIN, S., B. KARADŽIĆ & Z. DAIJĆ-STEFANOVIĆ. 2004. Adventive and invasive weed species in Serbia. *Acta herbologica* 13: 1-12.
- WAGNER, W.L. & P.C. HOCH, 2007. *Onagraceae* (Evening primrose family). In HEYWOOD, V.H., R.K. BRUMMIT, A. CULHAM & O. SEBERG, *Flowering Plant Families of the World*: 236-237
- WALTERS, S.M. 1984a. *Carex* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). 1984. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 116-117.
- WALTERS, S.M. 1984b. *Cyperus* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). 1984. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 115-116.
- WALTERS, S.M. 1984c. *Scirpus* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). 1984. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 114-115.
- WALTERS, S.M. 1993a. *Boussingaultia* Humb., Bonpl. & Kunth. In TUTIN, T.G., N.A. BURGESS, A.O. CHATER, J.R. EDMONDSON, V.H. HEYWOOD, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea*, ed. 2, 1: 139.

- WALTERS, S.M. & al. (eds). 1981–2000. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volumes I–VI. Cambridge University Press.
- WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). 1984. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II. Monocotyledons (Part II) [Juncaceae, Bromeliaceae, Commelinaceae, Gramineae, Palmae, Araceae, Lemnaceae, Pandanaceae, Sparganiaceae, Typhaceae, Cyperaceae, Musaceae, Strelitziaceae, Zingiberaceae, Cannaceae, Marantaceae, Orchidaceae]. Cambridge University Press.
- WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). 1986. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume I. Pteridophyta [Psilopsida, Lycopsida, Sphenopsida, Filicopsida], Gymnospermae [Cycadales, Araucariaceae, Cephalotaxaceae, Podocarpaceae, Taxodiaceae, Cupressaceae, Pinaceae, Taxaceae, Ginkgoaceae, Gnetales], Angiospermae – Monocotyledons (Part I) [Alismataceae, Butomaceae, Hydrocharitaceae, Aponogetonaceae, Potamogetonaceae, Liliaceae, Agavaceae, Haemodoraceae, Amaryllidaceae, Tecophilaeaceae, Hypoxidaceae, Velloziaceae, Taccaceae, Dioscoreaceae, Pontedriaceae, Iridaceae]. Cambridge University Press.
- WALTERS, S.M., J.C.M. ALEXANDER, A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, V.H. HEYWOOD, V.A. MATTHEWS, N.K.B. ROBSON, P.F. YEO & S.G. KNEES (eds). 1989. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume III. Casuarinaceae to Aristolochiaceae. [Angiospermae – Dicotyledons (Part I): Casuarinaceae, Myricaceae, Juglandaceae, Salicaceae, Betulaceae, Fagaceae, Ulmaceae, Eucommiaceae, Moraceae, Urticaceae, Proteaceae, Olacaceae, Santalaceae, Loranthaceae, Polygonaceae, Phytolaccaceae, Nyctaginaceae, Aizoaceae, Portulacaceae, Basellaceae, Caryophyllaceae, Chenopodiaceae, Amaranthaceae, Cactaceae, Didiereaceae, Magnoliaceae, Winteraceae, Annonaceae, Myristicaceae, Canellaceae, Schisandraceae, Illiciaceae, Monimiaceae, Calycanthaceae, Lauraceae, Tetracentraceae, Trochodendraceae, Eupteleaceae, Cercidiphyllaceae, Ranunculaceae, Berberidaceae, Lardizabalaceae, Menispermaceae, Nymphaeaceae, Ceratophyllaceae, Saururaceae, Piperaceae, Chloranthaceae, Aristolochiaceae]. Sponsored by the Royal Horticultural Society. Cambridge University Press. 476 p.
- WANG, Z. & C. STAPLETON. 2006a. *Phyllostachys* Siebold & Zuccarini, Abh. Math.-Phys. Cl. Königl. Bayer. Akad. Wiss. 3: 745. 1843, nom. cons., not Torrey (1836), nom. rej. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 22: 163–180.
- WANG, Z. & C. STAPLETON. 2006b. *Indocalamus* Nakai, J. Arnold Arbor. 6: 148. 1925. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 22: 135–143.
- WEBB, D.A. 1980a. *Paradisea* Mazucc. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 18.
- WEBB, D.A. 1980b. *Leucojum* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 76–77.
- WEBB, D.A. 1980c. *Narcissus* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 78–84.
- WEBB, D.A. 1980d. *Phormium* J.R. & G. Forster. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 19.
- WEBB, D.A. 1980e. *Neotinea* Reichenb. fil. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 337.

- WEBB, D.A. 1980f. *Eichhornia* Kunth. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 85-86.
- WEBB, D.A. 1980g. *Furcraea* Vent. (*Fourcroya* auct.). In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 75.
- WEBB, D.A. 1980h. *Aloe* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 19-21.
- WEBB, D.A. 1980i. *Gynandris* Parl. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 92.
- WEBB, D.A. 1980j. *Hemerocallis* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 19.
- WEBB, D.A. 1980k. *Agave* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 74-75.
- WEBB, D.A. 1980l. *Yucca* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 75.
- WEBB, D.A. 1980m. *Asphodeline* Reichenb. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 17-18.
- WEBB, D.A. 1980n. *Arum* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 269-271.
- WEBB, D.A. 1984a. *Arisaema* Martius. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 107-109.
- WEBB, D.A. 1984b. *Arisarum* Targioni-Tozzetti. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 107.
- WEBB, D.A. 1986a. *Leucojum* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). 1984. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume I: 319-320.
- WEBB, D.A. 1986b. *Ferraria* Burman. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 361.
- WEBB, D.A. 1986c. *Hermodactylus* Miller. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 355.
- WEBB, D.A. 1986d. *Ipheion* Rafinesque. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). 1984. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume I: 247.
- WEBB, D.A. 1986e. *Dierama* Koch. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). 1984. *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume I: 380.

- WEBB, D.A. 1993. 52. *Aizoaceae*. In TUTIN, T.G., N.A. BURGESS, A.O. CHATTER, J.R. EDMONDSON, V.H. HEYWOOD, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea*, ed. 2, 1: 134-135.
- WEBB, D.A. & A.O. CHATTER. 1980. *Iris* L. (incl. *Xiphion* Miller). In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 87-92.
- WEBB, D.A. & I.K. FERGUSON. 1968. *Daphne* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* II: 256-258.
- WEBB, D.A. & V.A. MATTHEWS. 1986. *Gynandriris* Parlatores. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds), *The European Garden Flora*. I: 354-355.
- WEBB, D.A. & P.F. YEO. 1984a. *Arum* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 104-106.
- WEBB, D.A. & P.F. YEO. 1984b. *Pinellia* Tenore. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 109.
- WEISS, T.L., J.S. JOHNSON, K. FUJISAWA, K. SUMIMOTO, S. OKADA, J. CHAPPELL & T.P. DEVARENNE. 2010. Phylogenetic placement, genome size, and GC content of the liquid-hydrocarbon-producing green microalga *Botryococcus braunii* strain Berkely (Showa) (Chlorophyta). *Journal of Phycology* 46 (3): 534-540.
- WENDELBO, P. 1984a. *Hyacinthus* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 263-264.
- WENDELBO, P. 1984b. *Bellevalia* Lapeyr., nom. conserv. prop. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by R.R. MILL & K. TAN, *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 8: 264-274.
- WEST, W. & G.S. WEST. 1905. *A monograph of the British Desmidiaceae*. II. The Ray Society. London. x + 206 p.; plates 33-64.
- WESTHOFF, V. 1983. Man's attitude towards vegetation. In W. HOLZNER & al. (eds), *Man's impact on vegetation*: 7-24. Junk Publishers. The Hague/Boston/London.
- WETSCHNIG, W. A. BRUDERMANN, W. KNIRSCH, M. PINTER & M. PFOSSER. 2012. *Massonia pustulata* Jacq. 1791 and *M. longipes* Baker 1897 (Hyacinthaceae), two frequently misunderstood species — or how *M. pustulata* became depressed. *Stapfia* 97: 210-221.
- WETSCHNIG, W., M. MARTÍNEZ-AZORÍN, M. PINTER, A. BRUDERMANN, G. DEUTSCH, M.B. CRESPO, A.P. DOLD & M. PFOSSER. 2014. *Massonia saniensis* (Asparagaceae, Scilloideae), a new species from Lesotho, southern Africa. *Phytotaxa* 173 (3): 181-195. Available at: <http://dx.doi.org/10.11646/phytotaxa.173.3.1> [Acedido em 29 de Julho de 2014]
- WETSCHNIG, W. & M. PFOSSER. 2003. The *Scilla plumbea* puzzle – present status of the genus *Scilla* sensu lato in Southern Africa and description of *Spetaea lachenaliiflora*, a new genus and species of *Massonieae* (Hyacinthaceae). *Taxon* 52: 75-91. Available online at: <http://dx.doi.org/10.2307/3647303> [Acedido em 29 de Julho de 2014]
- WHITTAKER, R.H. 1959. On the broad classification of organisms. *Quarterly Review of Biology* 34: 210-226.
- WHITTAKER, R.H. 1969. New Concepts of Kingdoms of Organisms. Evolutionary relations are better represented by new classifications than by the traditional two kingdoms. *Science* 163: 150-160.

WHITTAKER, R.H. & L. MARGULIS. 1978. Protist classification and the kingdoms of organisms. *Byosystems* 10: 3-18.

WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org>. [Acedido em 2009–2015]

WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/A.V._Fomin_Botanical_Garden. [Acedido em 2.IV.2012]

WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Ab%C3%ADlio_Fernandes. [Acedido em 23 de Dezembro de 2014]

WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Acanthaceae>. [Acedido em 21 de Maio de 2014]

WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Aethusa_cynapium. [Acedido em 28 de Maio de 2014]

WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Agaricus_campestris. [Acedido em 11 de Junho de 2014]

WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Agaricus>. [Acedido em 11 de Junho de 2014]

WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Aizoaceae>. [Acedido em 24 de Maio de 2014]

WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Alkaloid>. [Acedido em 22 de Maio de 2014].

WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Alpengarten_auf_dem_Schachen. [Acedido em 2 de Abril de 2012]

WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Amaranthaceae>. [Acedido em 24 de Maio de 2014]

WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Apocynaceae>. [Acedido em 24 de Maio de 2014]

WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Apocynum>. [Acedido em 24 de Maio de 2014]

WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Araceae>. [Acedido em 22 de Maio de 2014]

WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Arecaceae>. [Acedido em 22 de Maio de 2014]

WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Armillaria>. [Acedido em 11 de Junho de 2014]

WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Avena_abyssinica. [Acedido em 31 de Dezembro de 2014]

WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Beijing_Botanical_Garden. [Acedido em 2 de Abril de 2012]

WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Botanic_Garden. [Acedido em 24 de Julho de 2014]

WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Botanical_Garden_in_Berlin. [Acedido em 2 de Abril de 2012]

WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Botanical_Garden_of_Naples. [Acedido em 7 de Agosto de 2014]

WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Botanical_Garden_of_the_University_of_Coimbra.
[Acedido em 6 de Novembro de 2013]

WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Botanical_Garden_of_the_University_of_Vienna.
[Acedido em 2 de Abril de 2012]

WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Botanischer_Garten_der_Universit%C3%A4t_Konstanz. [Acedido em 7 de Agosto de 2014]

WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Botanischer_Garten_D%C3%BCsseldorf. [Acedido em 2 de Abril de 2012]

WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Botanischer_Garten_Heidelberg. [Acedido em 2 de Abril de 2012]

- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Botanischer_Garten_der_Christian-Albrechts-Universitat_zu_Kiel. [Acedido em 2 de Abril de 2012]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Botanischer_Garten_Krefeld. [Acedido em 2 de Abril de 2012]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Botanischer_Garten_Oldenburg. [Acedido em 2 de Abril de 2012]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Botanischer_Garten_Potsdam. [Acedido em 2 de Abril de 2012]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Botanische_G%C3%A4rten_der_Friederich-Wilhelms-Universit%C3%A4t_Bonn. [Acedido em 2 de Abril de 2012]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Botanischer_Garten_der_Technischen_Universit%C3%A4t_Dresden. [Acedido em 2 de Abril de 2012]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Botanischer_Garten_der_Universit%C3%A4t_WC3%BCrzburg. [Acedido em 2 de Abril de 2012]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Botanischer_Garten_Jena. [Acedido em 21 de Maio de 2014].
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Botanischer_Garten_M%C3%BCnchen-Nymphenburg. [Acedido em 2 de Abril de 2012]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Bromeliaceae>. [Acedido em 22 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Buddlejaceae>. [Acedido em 23 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Buenos_Aires_Botanical_Garden. [Acedido em 23 de Julho de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Cactus>. [Acedido em 21 de Novembro de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Calathea_louisae. [Acedido em 31 de Dezembro de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Calceolariaceae>. [Acedido em 23 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Cape_Floristic_Region. [Acedido em 23 de Março de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Carpobrotus>. [Acedido em 25 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Carpobrotus_edulis. [Acedido em 25 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Charophyceae>. [Acedido em 6 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Caryophyllaceae>. [Acedido em 28 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Cenchrus_ciliaris. [Acedido em 20 de Julho de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Characium>. [Acedido em 23 de Junho de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Chenopodiaceae>. [Acedido em 24.V.2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Chenopodium>. [Acedido em 24 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Chicory>. [Acedido em 3 de Outubro de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Chlorella>. [Acedido em 15 de Junho de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Chromista>. [Acedido em 21 de Setembro de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Cladophora>. [Acedido em 29 de Maio de 2014]

- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Coelogyne>. [Acedido em 19 de Agosto de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Coelogyne_tomentosa. [Acedido em 19 de Agosto de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Colobanthus_quitensis. [Acedido em 17 de Maio de 2014].
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Convallaria>. [Acedido em 28.V.2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Convolvulaceae>. [Acedido em 21 de Maio de 2014].
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Cornulaca_monacantha. [Acedido em 24 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Cosmarium>. [Acedido em 14 de Junho de 2014].
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Crassulaceae>. [Acedido em 24 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Crocus_tommasinianus. [Acedido em 30 de Dezembro de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Curry>. [Acedido em 19 de Novembro de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Cyanobacteria>. [Acedido em 18 de Setembro de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Deschampsia_antarctica. [Acedido em 17 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Diatom>. [Acedido em 6 de Outubro de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Dysphania_ambrosioides. [Acedido em 24 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Dysphania_%28plant%29. [Acedido em 24 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Eclectic_medicine. [Acedido em 28.V.2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Equisetopsida_sensu_lato. [Acedido em 10 de Abril de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Ericaceae>. [Acedido em 25 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Eschscholzia_californica. [Acedido em 28 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Euglenid>. [Acedido em 25 de Setembro de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Eukaryota>. [Acedido em 21 de Setembro de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Euphorbia>. [Acedido em 24 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Euphorbiaceae>. [Acedido em 24 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Geraniaceae>. [Acedido em 24 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Georg_Eberhard_Rumphius. [Acedido em 31 de Agosto de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Giardini_Botanici_Hanbury. [Acedido em 2 de Abril de 2012]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Giardino_botanico_delle_Alpi_Orientali.
[Acedido em 2 de Abril de 2012]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Glaucophyte>. [Acedido em 5 de Outubro de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Globulariaceae>. [Acedido em 23 de Maio de 2014]

- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Gloeocystis>. [Acedido em 21 de Junho de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Gratiola>. [Acedido em 23 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Haematococcus>. [Acedido em 16 de Junho de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Haematococcus_pluvialis. [Acedido em 16 de Junho de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Haptophyte>. [Acedido em 4 de Outubro de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Harold_St._John. [Acedido em 30 de Agosto de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Haworthia>. [Acedido em 25 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Hebeloma>. [Acedido em 13 de Junho de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Hendrik_van_Rheede. [Acedido em 31 de Agosto de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Hong_Kong_Zoological_and_Botanical_Gardens. [Acedido em 1.IV.2012]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Hornwort>. [Acedido em 1 de Abril de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Hydrastis_canadensis. [Acedido em 28 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Hyparrhenia_hirta. [Acedido em 31 de Dezembro de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Hypholoma>. [Acedido em 13 de Junho de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Innsbruck_University_Botanic_Garden. [Acedido em 23 de Julho de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Iridaceae>. [Acedido em 28.V.2014]
- WIKIPEDIA. Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Irish_National_Botanic_Gardens. [Acedido em 2 de Abril de 2012]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Jardim_Botanico_do_Rio_de_Janeiro. [Acedido em 1 de Abril de 2012]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Jardin_botanique_de_l%27Universit%C3%A9_de_Strasbourg. [Acedido em 1.IV.2012]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Jardin_des_plantes_de_Montpellier. [Acedido em 3 de Abril de 2012]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Jodrell_Laboratory. [Acedido em 20.VII.2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Lankester_Botanical_Garden. [Acedido em 23 de Julho de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Kubitzki_system. [Acedido em 7 de Maio de 2014].
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Leipzig_Botanical_Garden. [Acedido em 1 de Abril de 2012]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Lemna>. [Acedido em 10 de Abril de 2012]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Lemna_gibba. [Acedido em 10 de Junho de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Lemna_minor. [Acedido em 10 de Abril de 2012]

- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Lichenes>. [Acedido em 2 de Maio de 2010 e em 21 de Outubro de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Linderniaceae>. [Acedido em 23 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. http://es.wikipedia.org/wiki/Luzula_forsteri. [Acedido em 30 de Março de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Luzula_multiflora. [Acedido em 1 de Abril de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Lycogala>. [Acedido em 17 de Outubro de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Lycogala_epidendrum. [Acedido em 21 de Setembro de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Maxillaria>. [Acedido em 16 de Julho de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/M.M._Gryshko_National_Botanic_Garden. [Acedido em 1 de Abril de 2012]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/Madro%C3%B1o_%28journal%29. [Acedido em 1 de Junho de 2014].
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Micrasterias>. [Acedido em 07 de Setembro de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Monocotyledon>. [Acedido em 1.IV.2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Moscow_Botanical_Garden_of_Academy_of_Sciences. [Acedido em 1.IV.2012]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Muhlenbergia_mexicana. [Acedido em 3 de Abril de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Myoporaceae>. [Acedido em 23 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Myxogastria>. [Acedido em 21 de Setembro de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Nanjing_Botanical_Garden,_Men._Sun_Yat-Sen. [Acedido em 23 de Julho de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Neomarica>. [Acedido em 15 de Julho de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Neomarica_northiana. [Acedido em 15 de Julho de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Nephrocystium>. [Acedido em 15 de Junho de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Nostoc>. [Acedido em 9 de Junho de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Nostoc_commune. [Acedido em 10 de Junho de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Nymphaea_thermarum. [Acedido em 20 de Julho de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Oedogonium>. [Acedido em 30 de Maio de 2014].
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Oleaceae>. [Acedido em 21 de Maio de 2014].
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Onagraceae>. [Acedido em 21 de Maio de 2014].
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Oocystis>. [Acedido em 14 de Junho de 2014].
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Oomycetes>. [Acedido em 17 de Outubro de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Opisthokont>. [Acedido em 24 de Setembro de 2014]

- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Oplismenus_hirtellus. [Acedido em 26 de Agosto de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Orto_Botanico_di_Firenze. [Acedido em 3 de Abril de 2012]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Orto_botanico_di_Palermo. [Acedido em 3 de Abril de 2012]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Oryza_sativa. [Acedido em 26 de Agosto de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Oscularia>. [Acedido em 30 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Oscularia_deltoides. [Acedido em 30 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Oxford_Botanic_Garden. [Acedido em 9 de Outubro de 2011]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Pandanus>. [Acedido em 25 de Julho de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Pandanus_tectorius. [Acedido em 28 de Agosto de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Pandanus_utilis. [Acedido em 25 de Julho de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Papaveraceae>. [Acedido em 21 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Paphiopedilum>. [Acedido em 21 de Agosto de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Paphiopedilum_violascens. [Acedido em 21 de Agosto de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Paspalum_distichum. [Acedido em 4 de Agosto de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Paulowniaceae>. [Acedido em 23 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Pectodyctium>. [Acedido em 15 de Junho de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Pennisetum>. [Acedido em 23 de Julho de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Pennisetum_glaucum. [Acedido em 1 de Agosto de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Pennisetum_purpureum. [Acedido em 23 de Julho de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Pennisetum_setaceum. [Acedido em 23 de Julho de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Pier_Andrea_Saccardo. [Acedido em 10 de Junho de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Phaeoceros>. [Acedido em 3 de Abril de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Phaeoceros_laevis. [Acedido em 3 de Abril de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Phaius>. [Acedido em 21 de Agosto de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Phalaris_aquatica. [Acedido em 21 de Agosto de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Physarum>. [Acedido em 17 de Outubro de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Plant>. [Acedido em 29 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Plantago_lanceolata. [Acedido em 5 de Novembro de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Poaceae>. [Acedido em 16 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Protista_taxonomy#Eozoa_Cavalier-Smith.2C_2003. [Acedido em 25 de Setembro de 2014]

- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Pteromonas>. [Acedido em 31 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Pyrenoid>. [Acedido em 24 de Outubro de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Quinoa>. [Acedido em 24 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Rafinesque>. [Acedido em 28 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Ranunculaceae>. [Acedido em 28 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Rauvolfioideae>. [Acedido em 24 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Rhipsalis_baccifera. [Acedido em 21 de Novembro de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Rhizoclonium>. [Acedido em 30 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Rhizopus_nigricans. [Acedido em 17 de Outubro de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Robert_Whittaker. [Acedido em 5 de Outubro de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Rosaceae>. [Acedido em 20 de Maio de 2014].
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Royal_Botanic_Garden_Edinburgh. [Acedido em 3 de Abril de 2012]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Royal_Botanic_Gardens_Kew. [Acedido em 3 de Abril de 2012]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Royal_Botanic_Gardens_Melbourne. [Acedido em 3 de Abril de 2012]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Roystonea_regia. [Acedido em 10 de Agosto de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Rubiaceae>. [Acedido em 19 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Rutaceae>. [Acedido em 19 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Saccharum_officinarum. [Acedido em 30 de Dezembro de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Salvinia_auriculata. [Acedido em 30 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Samolus_valerandi. [Acedido em 14 de Maio de 2014].
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Saranthe>. [Acedido em 12 de Julho de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Scenedesmus>. [Acedido em 3 de Junho de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Schau-_und_Sichtungsgarten_Hermannshof. [Acedido em 3 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Selenastrum>. [Acedido em 30 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Sparaxis>. [Acedido em 31 de Dezembro de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Sphaerocarpos_texanus. [Acedido em 31 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Spirogyra>. [Acedido em 9 de Junho de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Spirogyra_nitida. [Acedido em 9 de Junho de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Stanhoepa_graveolens. [Acedido em 30 de Dezembro de 2014]

- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Staurastrum>. [Acedido em 2 de Junho de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Streptophyte>. [Acedido em 30 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Tallinn_Botanic_Garden. [Acedido em 11 de Junho de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Tbilisi_Botanical_Garden. [Acedido em 23 de Julho de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://es.wikipedia.org/wiki/Thallophyte>. [Acedido em 21 de Setembro de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Turmeric>. [Acedido em 19 de Novembro de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/UBC_Botanical_Garden_and_Centre_for_Plant_Research. [Acedido em 23 de Julho de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Umbelliferae>. [Acedido em 28 de Maio de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/University_of_Copenhagen_Botanical_Garden. [Acedido em 3 de Abril de 2012]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Volvox>. [Acedido em 2 de Junho de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Zanthoxylum>. [Acedido em 21 de Maio de 2014].
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Xanthorrhoeaceae>. [Acedido em 22 de Maio de 2014].
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Xishuangbanna_Tropical_Botanical_Garden. [Acedido em 23 de Julho de 2014]
- WIKIPEDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Zagreb_Botanical_Garden. [Acedido em 23 de Julho de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://en.wikipedia.org/wiki/Zygnema>. [Acedido em 2 de Junho de 2014]
- WIKIPEDIA. http://es.wikipedia.org/wiki/Narcissus_tazetta_subsp._canariensis. [Acedido em 13 de Setembro de 2014]
- WIKIPEDIA. http://fr.wikipedia.org/wiki/Muguet_de_mai. [Acedido em 28.V.2014]
- WIKIPEDIA. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Agrostis>. [Acedido em 29 de Dezembro de 2014]
- WIKIPEDIA. http://pt.wikipedia.org/wiki/Cottinelli_Telmo. [Acedido em 23 de Junho de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mischanthus>. [Acedido em 29 de Dezembro de 2014]
- WIKIPEDIA. http://pt.wikipedia.org/wiki/Mischanthus_sinensis. [Acedido em 29 de Dezembro de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Toranja>. [Acedido em 29 de Dezembro de 2014]
- WIKIPEDIA. <http://www.botgarten.uni-tuebingen.de>. [Acedido em 3.IV.2012]
- WIKISPECIES. *The free species directory that anyone can edit*. <http://species.wikimedia.org>. [Acedido em 2011–2014]
- WILSON, E.O. 2000. On the Future of Conservation Biology. *Conservation Biology* 14 (1): 1-3 (Feb. 2000). Blackwell Publishing for Society for Conservation Biology. <http://www.jstor.org/stable/2641896>. [Acedido em 15 de Maio de 2014].
- WILSON, E.O. 2006a. *Naturalist*. A new edition for a new generation. 2nd ed. Island Press / Shearwater Books. Washington D.C. / Covelo, California. 394 p.

- WILSON, E.O. 2006b. *Life has a future; Naturalist E.O. Wilson is optimistic* (2006, June 15). Retrieved 10 October 2014 from <http://phys.org/news69606721.html>. 3 p. [Acedido em 10 de Outubro de 2014].
- WILSON, E.O. 2013. *Letters to a young scientist*. Liveright Publishing Corporation. A Division of W. W. Norton & Company. New York. London. 244 p.
- WILSON, E.O. 2014. *E.O. Wilson advocates biodiversity preservation*. E.O. Wilson talked about preserving biodiversity in Reynolds Theater Tuesday. By SHANGNON FEL. February 12, 2014. <http://www.dukechronicle.com/articles/2014/02/12/eo-wilson-advocates-biodiversity-preservation>. [Acedido em 16 de Maio de 2014].
- WOESE, C.R., O. KANDLER & M.L. WHEELIS. 1990. Towards a natural system of organisms: Proposal for the domains Archaea, Bacteria and Eucarya. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America* 87: 4576-4579. June 1990.
- WOLFF, G., L.R. ASSIS, G.C. PEREIRA, J.G. CARVALHO & E.M. CASTRO. 2009. Efeitos da Toxicidade do Zinco em Folhas de *Salvinia auriculata* Cultivadas em Solução Nutritiva. Effects of Zinc Toxicity on Leaves of *Salvinia auriculata* Cultivated i Nutrient Solution. *Planta Daninha, Viçosa-MG* 27 (1): 133-137. <http://www.scielo.br/pdf/pd/v27n1/a17v27n1.pdf>.
- WOODCOCK, H.B.D. & J. COUTTS. 1935. *Lilies: Their culture and management*. Scribners. 242 p.
- WOODS, P.J.B. 1984a. *Aceras* R. Brown. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 165.
- WOODS, P.J.B. 1984b. *Barlia* Parlatores. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 165.
- WOODS, P.J.B. 1984c. *Anacamptis* Richard. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 165.
- WOODS, P.J.B. 1984d. *Orchis* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 165-167.
- WOODS, P.J.B. 1984e. *Cephalanthera* Richard. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 159-160.
- WOODS, P.J.B. 1984f. *Habenaria* Willdenow. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 169-170.
- WOODS, P.J.B. 1984g. *Epipactis* Zinn. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass*. Volume II: 158-159.
- WOODS, P.J.B. 1984h. *Gymnadenia* R. Brown. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The*

- European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass. Volume II: 168-169.*
- WOODS, P.J.B. & J. CULLEN. 1984a. *Dendrobium* Swartz. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass. Volume II: 207-219.*
- WORLD CHECKLIST OF SELECTED PLANT FAMILIES. 2010–2012–2014. Copyright © The Board of Trustees of the Royal Botanic Gardens, Kew. [Acedido em 2010-2015]
- WU, D. & K. LARSEN. 2000. *Zingiberaceae*. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 24: 322-377.
- WU, G. & S.E. CLEMANTS. 2000. *Juncaceae* A.L. Jussieu. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 24: 44-69.
- WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds). 1994–. *Flora of China*. Science Press, Beijing; Missouri Botanical Garden Press, St. Louis.
- WU, Z. & S.M. PHILLIPS. 2006a. *Sporobolus* R. Brown, Prodr. 169. 1810. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 22: 482-485.
- WU, Z. & S.M. PHILLIPS. 2006b. *Milium* Linnaeus, Sp. Pl. 1: 61. 1753. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 22: 311.
- WU, Z. & S.M. PHILLIPS. 2006c. *Scolochloa* Link, Hort. Berol. 1: 136. 1827, nom. cons., not Mertens & W. D. J. Koch (1823). In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 22: 244-245.
- WURZELL, B. 1988. *Conyza sumatrensis* (Retz.) E. Walker established in England. *Watsonia* 17: 145-148.
- XU, J. & R.V. KAMELIN. 2000. *Allium* Linnaeus, Sp. Pl. 1: 294, 1753. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 24: 165-202.
- YALTIRIK, F. 1978. *Jasminum* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by J.R. EDMONDSON, R.R. MILL & B.S. PARRIS. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands. Volume 6: 145-146.*
- YALTIRIK, F. 1982. *Pterocarya* Kunth. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by J.R. EDMONDSON, R.R. MILL & K. TAN. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands. Volume 7: 655.*
- YEO, P.F. 1980a. *Ruscus* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 73.
- YEO, P.F. 1984a. *Dieffenbachia* Schott. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass. Volume I: 96-97.*
- YEO, P.F. 1984b. *Zantedeschia* Sprengel. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass. Volume I: 97-98.*
- YEO, P.F. 1984c. *Biarum* Schott. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass. Volume I: 106-107.*
- YEO, P.F. 1986a. *Gladiolus* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The*

- European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass. Volume I: 388-391.*
- YEO, P.F. 1986b. *Tricyrtis* Wallich. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass. Volume I: 125-126.*
- YEO, P.F. 1986c. *Hyacinthus* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass. Volume I: 221.*
- YEO, P.F. 1986d. *Bellevalia* Lapeyrouse. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass. Volume I: 221-223.*
- YEO, P.F. 1986e. *Brimeura* Salisbury. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass. Volume I: 224.*
- YEO, P.F. 1986f. *Semele* Kunth. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass. Volume I: 263-265.*
- YEO, P.F. 1986g. *Ruscus* Linnaeus. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass. Volume I: 265-266.*
- YEO, P.F. 1986h. *Eucharis* Planchon & Linden. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass. Volume I: 322-323.*
- YEO, P.F. 1986i. *Geitonoplesium* R. Brown. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass. Volume I: 268.*
- YEO, P.F. 1986j. *Vallota* Herbert. In WALTERS, S.M., A. BRADY, C.D. BRICKELL, J. CULLEN, P.S. GREEN, J. LEWIS, V.A. MATTHEWS, D.A. WEBB, P.F. YEO & J.C.M. ALEXANDER (eds). *The European Garden Flora. A manual for the identification of plants cultivated in Europe, both out-of-doors and under glass. Volume I: 300.*
- YOON, H.S., J.D. HACKETT, G. PINTO & D. BHATTACHARYA. 2002. The single, ancient origin of chromist plastids. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 99: 15507-15512.
- YOON, H.S., J.D. HACKETT, C. CINIGLIA, G. PINTO & D. BHATTACHARYA. 2004. A molecular timeline for the origin of photosynthetic eukaryotes. *Mol. Biol. Evol.* 21: 809-818.
- YOON, S.-J., E.-J. KOH, C.-S. Kim, O.-P. Zee, J.-H. KWAK, W.-J. JEONG, J.-H. KIM & S.-M. LEE. 2012. *Agrimonia eupatoria* protects against chronic ethanol-induced liver injury in rats. *Food and Chemical Toxicology* 50: 2335-2341

- YOUNG, A.M. 2002. Brief notes on *Hebeloma aminophilum* R.N. Hilton & O.K. Miller ('Ghoul fungus') from Northern Queensland and Tasmania. *Australasian Mycologist* 21 (2) 2002: report 79. [Acedido em 13 de Junho de 2014]
- YUE, X., Y. RUAN, Y. ZHAO & S. WANG. 2007. Anti-inflammatory stypticity effects of *Capsella bursa-pastoris*. *Shizhen Guoyi Guoyao* 18: 871-872.
- ZAHARIADI, C. 1980. *Ornithogalum* L. In TUTIN, T.G., V.H. HEYWOOD, N.A. BURGESS, D.M. MOORE, D.H. VALENTINE, S.M. WALTERS & D.A. WEBB (eds), *Flora Europaea* V: 35-40.
- ZANDER, R.H. (ed.). 2004a. *Bryophyte Flora of North America*. Volume 1. Mosses: Archidiaceae, Bryoxiphiaceae, Buxbaumiaceae, Dicranaceae, Diphyssaceae, Disceliaceae, Ditrichaceae, Encalyptaceae, Ephemeraceae, Erpodiaceae, Funariaceae, Gigaspermaceae, Grimmiaceae, Leucophanaceae, Oedipodiaceae, Polytrichaceae, Pottiaceae, Ptychomitriaceae, Rhachiteciaceae, Schistostegaceae, Scouleriaceae, Seligeriaceae, Sphagnaceae, Takakiaceae, Tetraphidaceae, Timmiaceae. [Online Date 10/9/2004]. <http://www.efloras.org>.
- ZANDER, R.H. (ed.). 2004b. *Bryophyte Flora of North America*. Volume 2. Mosses: Amblystegiaceae, Bartramiaceae, Bryaceae, Campyliaceae, Catosciaceae, Cryphaeaceae, Helodiaceae, Hylocomiaceae, Hypnaceae, Leskeaceae, Myriniaceae, Orthotrichaceae, Plagiotheciaceae, Pleuroziopsaceae, Pterigynandraceae, Pterobryaceae, Rhizogoniaceae, Rhytidiaceae, Sematophyllaceae, Theliaceae, Thuidiaceae. [Online Date 10/9/2004]. <http://www.efloras.org>.
- ZANDER, R.H. (ed.). 2004c. *Bryophyte Flora of North America*. Volume 3. Hepaticae: Arnelliaceae, Aytoniaceae, Gymnomitriaceae, Haplomitriaceae, Jungermanniaceae, Mastigophoraceae, Riellaceae, Sphaerocarpaceae. [Online Date 10/9/2004]. <http://www.efloras.org>.
- ZANDER, R.H. 2007a. *Pottiaceae* Schimper. In FLORA OF NORTH AMERICA EDITORIAL COMMITTEE (eds). *Flora of North America North of Mexico*. vol. 27. [Online 15/07/2007]. <http://www.efloras.org>. [Acedido em 6 de Junho de 2014]
- ZDARILOVA, A., A. SVOBODOVA, V. SIMANEK & J. ULRICHOVA. 2009. *Prunella vulgaris* extract and rosmarinic acid suppress lipo-polysaccharide-induced alteration in human gingival fibroblasts. *Toxicology in vitro* 23: 386-392.
- ZHANG, D. & T.G. HARTLEY. 2008. *Zanthoxylum* Linnaeus, Sp. Pl. 1: 270. 1753. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 11: 53-66.
- ZHANG, D. & D.J. MABBERLEY. 2008. *Citrus* Linnaeus, Sp. Pl. 2: 782. 1753. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 11: 90-96.
- ZHANG, L., S.C.H. BARRETT, J.-Y. GAO, J. CHEN, W.W. COLE, Y. LIU, Z.L. BAI & Q.-J. LI. 2005. Predicting mating patterns from pollination syndromes: the case of "sapromyophily" in *Tacca chantrieri* (Taccaceae). *American Journal of Botany* 92(3): 517-524.
- ZHANG, L., V.L. DAWSON & T.M. DAWSON. 2006. Role of nitric oxide in Parkinson's disease. *Pharmacol. Ther.* 109: 33-41.
- ZHAO, Y., H.J. NOLTIE & B. MATHEW. 2000. *Iridaceae*. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 24: 297-313.
- ZHIZUN, D. & M.G. GILBERT. 2000. *Dioscoreaceae*. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 24: 276-296.
- ZHU, G., Z. JI, J.J. WOOD & H.P. WOOD. 2009. *Dendrobium* Swartz, Nova Acta Regiae Soc. Sci. Upsal., ser. 2, 6: 82. 1799, nom. cons. In AL-SHEHBAB, I.A., B. BARTHOLOMEW, D.E. BOUFFORD, A.R. BRACH, C. SHILONG, M.G. GILBERT, H. DEYHUAN, H. QIMING, J. JÉRÉMIE, W.J. KRESS, L. DEZHU, W.A. MCNAMARA, C.-I PENG, P.H. RAVEN, D.A. SIMPSON, N.J. TURLAND, M.F. WATSON, W. ZHENGYI, X. BING, Y. QINER, Z. LIBING & Z. XIANCHUN (eds); Y. QINER & N.J. TURLAND (Co-directors), *Flora of China*, vol. 25: 367-397.

- ZHU, Z. & C. STAPLETON. 2006. *Pleioblastus* Nakai, J. Arnold Arbor. 6: 145. 1925. In WU, Z. & RAVEN, P.H. (eds), *Flora of China*, vol. 22: 121-127.
- ZOHARY, D. 1971. Origin of south-west Asiatic cereals: wheats, barley, oats and rye. In DAVIS, P.H. & al. (eds), *Plant Life of South-West Asia*: 265-280. Edinburgh. G. Hillman, 1978.
- ZOHARY, M. 1969. *Trifolium* L. In DAVIS, P.H. (ed.); assisted by D.F. CHAMBERLAIN & V.A. MATTHEWS. *Flora of Turkey and the East Aegean Islands*. Volume 3: 384-448.
- ZONA, S. 1994: (1141) Proposal to Conserve *Oreodoxa regia* Kunth, the Basionym of *Roystonea regia* (Kunth) O. F. Cook, against *Palma elata* W. Bartram (Arecaceae). *Taxon* 43 (4): 662-664. November 1994. Article Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/1223558>.
- ZONA, S. 2000. *Arecaceae* Schultz 'Schultzenstein'. Palm family. *Palmae* A. Jussieu. In FLORA OF NORTH AMERICA EDITORIAL COMMITTEE (eds). *Flora of North America North of Mexico*. vol. 22: 95-123. [Online 6/1/2003] [Acedido em III.2014].
- ZONNEVELD, B.J.M. 2008. The systematic value of nuclear DNA content for all species of *Narcissus* L. (Amaryllidaceae). *Plant Syst. Evol.* (2008) 275: 109-132.